A GUERRA

DA

TRIPLICE ALLIANÇA

CONTRA

O GOVERNO DA REPUBLICA DO PARAGUAY

(1864-1870)

1° VOLUME

A GUERRA
DA
TRIPLICE ALLIANÇA

(Imperio do Brazil, Republica Argentina e Republica Oriental do Uruguay)

CONTRA

O GOVERNO DA REPUBLICA DO PARAGUAY

(1864-1870)

COM CARTAS E PLANOS

POR

L. SCHNEIDER

Conselheiro privado e leitor de S. M. o Imperadòr da Allemanha e Rei da Prussia.

I° VOLUME

TRADUZIDO DO ALLEMÃO POR MANOEL THOMAZ ALVES NOGUEIRA

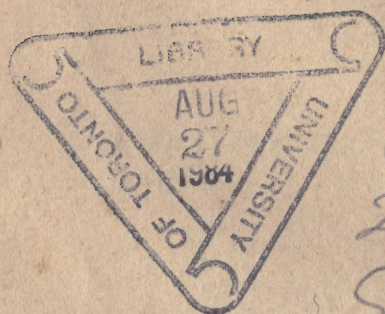
ANNOTADO

POR

J. M. DA SILVA PARANHOS

Ex-Secretario da Missão Especial do Brazil no Rio da Prata, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER — LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR

1902

PROLOGO

Não obstante a boa vontade e diligencia com que o Sr. Luiz Schneider procurou colligir as informações que serviram de base á sua *Historia da Guerra da Triplice Alliança*, escripta em allemão e agora, por ordem do governo imperial, trasladada a portuguez, tão completas e exactas não puderam ellas ser, que ao autor fosse dado ultimar uma obra perfeita.

Esta reflexão me acudio ao espirito logo que percorri, nas columnas do *Rio-Grandense*, jornal de Porto-Alegre, os dous primeiros capitulos; e, fazendo transcrever o primeiro d'elles na *Nação*, julguei indispensavel acompanhal-o de notas, que, por versarem sobre acontecimentos que ha mais de dez annos estudo, me animei a traçar ao correr da penna, como são geralmente compostos os trabalhos destinados á imprensa diaria.

Seria, talvez, essa transcripção assim corrigida que movesse o illustrado ex-ministro da guerra Sr. conselheiro Junqueira a convidar-me para rever e annotar o livro inteiro, tarefa sem duvida honrosa, mas de que só me incumbi, já por não avaliar a esse tempo quão penosas diligencias me custaria, já porque esperei não figurar o meu nome nesse trabalho, circumstancia esta que se não verificou, visto haver sido publicado, contra os meus desejos, o aviso em que me fôra dirigido aquelle convite.

Com effeito, tão facil me havia sido rectificar a materia do primeiro capitulo, como arduo me tem sido rever os seguintes, desde que o autor descreve a intervenção brazileira no Estado Oriental em 1864, os importantes successos que a prepararam e se lhe seguiram, e a guerra a que logo depois foi constrangido o Imperio pelo dictador do Paraguay.

Bem que ás pressas, tive necessidade de examinar quanto se ha publicado sobre esse periodo, recorrer aos archivos das Secretarias de Estado da Guerra e Marinha, e solicitar informações de testemunhas oculares e fidedignas.

Com as rectificações e additamentos que o leitor encontrará em notas, e com as peças officiaes do *Appendice*, affigura-se-me que a traducção da obra do Sr. Schneider poderá vir a ser consultada com proveito por quem

houver de tomar a sí a difficultosa empreza de escrever a historia da guerra do Paraguay, incontestavelmente a mais agigantada lucta ferida na America Meridional. Pelo menos, aqui se acham registrados seus principaes feitos e tirados a limpo outros muitos que escriptores estrangeiros adulteraram, tomados de despeito, ou dominados de odio ao Brazil.

As primeiras notas foram fielmente reproduzidas da *Nação*, e nem siquer pude dispôr de tempo para modifical-as. As outras começaram a ser escriptas em Setembro, ficando concluida a impressão d'este volume em pouco mais de tres mezes.

O leitor encontrará n'ellas, entre muitos defeitos, repetições escusadas. Só dei por isso quando, muito adiantada a impressão, não me era já possivel remediar tal inconveniente; pois, ao passo que revia as provas dos primeiros capitulos, occupava-me igualmente em corrigir os posteriores e em ler sem-numero de publicações e documentos ineditos sobre assumptos diversissimos. Consola-me, porém, a esperança de que com taes repetições nada padecesse a clareza e verdade do factos, tendo sido meu unico fito desfazer conscienciosamente os enganos, muito desculpaveis, do autor, e completar a sua exposição, sem preoccupar-me com a questão de fórma, a que aliás, si para tanto as minhas forças dessem, só poderia attender dispondo de mais tempo para uma leitura geral e seguida dos originaes antes de os entregar ao prélo.

Os mappas e plantas, que deveriam acompanhar este 1° volume, não estão ainda promptos, e só com o segundo poderão ser distribuidos.

Rio, 8 de Dezembro de 1875.

J. M. DA SILVA PARANHOS.

PREFACIO

Tendo estado a meu cargo a traducção e coordenação das noticias officiaes e das correspondencias enviadas á *Neue Preussische Zeitung* em quanto durou a guerra da Triplice Alliança, natural era que eu me interessasse, mais do que o publico europeu em geral, pelos successos politicos e militares da America Meridional.

O singular acontecimento de uma lucta sul-americana de largas proporções; a prova de vitalidade que ostentou o systema monarchico-constitucional no Brazil, combatendo contra uma Republica um Imperio, hombro a hombro com outras Republicas; as momentosas difficuldades das operações militares; os attritos politicos que ameaçavam a intervenção estrangeira e a discordia entre os Alliados; os caracteres e as personalidades que se achavam em contraposição; a nova phase que esta guerra gerou no continente sul-americano; tudo isso me prendeu a attenção e me incitou ao mais accurado exame do theatro da guerra, do pessoal e do material dos belligerantes e das influencias diplomaticas.

Do trabalho secundario da traducção e da coordenação, surgio inopidamente uma obra completa e independente, cujo alcance expuz nos *Militairis che Blätter* de V. Courbière, ao depois V. Glasenapp, na *Berliner Revue* e na publicação periodica *Unsere Zeit* de Brockhaus. Os artigos insertos nesta ultima folha foram traduzidos pelo capitão francez do Estado-maior Fix e reproduzidos na folha parisiense *Le Spectateur Militaire*, o que os tornou tambem conhecidos fóra dos limites da Allemanha.

A benevola acceitação que depararam, e o desejo que muitos têm patenteado de possuir uma exposição completa de toda a guerra, deram origem á publicação da presente obra e fizeram-me esquecer as difficuldades provenientes da grande distancia do theatro da guerra, dos incompletos materiaes a meu alcance, a despeito dos esforços que empreguei em colligil-os, e da apreciação de testemunhas presenciaes transviadas pela paixão partidaria.

De grande proveito me foram sem duvida as informações ministradas pelo major do estado-maior prussiano barão von Versen, pelo major brazileiro Emmerich, no Rio de Janeiro, pelos colonos allemães do Rio Grande do Sul, que tomaram parte na guerra, e por amigos de Buenos-Aires.

Os livros publicados por Mastermann, Thompson, Burton e outros nem aspiram a offerecer uma historia cabal da guerra, nem satisfazem a tal postulado ; longe disso, só depurados por conscienciosa critica, podem ser aproveitados. Suas noticias e sua exposição só miram a despertar interesse por meio de narrações de aventuras de *touristes* militares; mas em compensação fornecem-nos meios de comprehender muitos factos, que talvez sem isso ficassem obscuros. Têm, portanto, estes livros um valor particular, com quanto relativo, pois nos revelam motivos, circumstancias e personagens que successivamente entram em acção.

De superior merito por sua imparcialidade se manifestou a correspondencia estampada nas columnas do jornal londrino *Brazil and River Plate Mail*, ao passo que no decurso de toda a guerra a imprensa diaria da Inglaterra, da França, da America do Norte e da Allemanha abraçava decididamente o partido de um dos belligerantes, ou o Paraguay ou os estados da Triplice Alliança. Póde-se provar que por intermedio de habeis e dedicados agentes conseguira o dictador Lopez conciliar á sua causa os principaes orgãos da imprensa europea : tambem por sua parte as legações brazileiras tentaram attenuar a impressão produzida por essas publicações hostis. As tendencias partidarias dos jornaes influiram na apreciação das operações militares. As folhas radicaes declararam ameaçada pelo Brazil a existencia de uma Republica e das instituições republicanas na America Meridional ; ao envez, as folhas conservadoras advogaram a causa da unica Monarchia, que no decurso de mais de uma geração tem sabido manter-se circumdada de Republicas e resguardada do sestro das revoluções, chronico em as regiões platinas e andinas. Consequentemente, a narração de factos plenamente averiguados assumio feições peculiares, e até os documentos officiaes foram interpretados consoante as vistas de cada partido.

Necessario foi que decorresse algum tempo depois do acabamento das hostilidades para que se pudesse pensar em uma narração inteiramente imparcial. Tinham de se confirmar os resultados ; os factos deviam desmentir os juizos temerarios ou as combinações do momento. De outra sorte não era possivel conseguir um ponto objectivo.

Sendo totalmente desconhecidas na Europa as condições predominantes nas regiões do Prata, sem ponto de comparação com as nossas noções politicas e sociaes, indispensavel era para a historia desta guerra memoravel uma introducção que descrevesse acontecimentos anteriores : não podia a exposição ficar incluida nos limites prescriptos a uma simples monographia militar. Muitos leitores, ao percorrerem as paginas desta obra, reconhecerão que as causas, os preparativos e o proseguimento da guerra lhes seriam inintelligiveis, se a chronica militar rompesse desde logo com as operações bellicas. Cada um dos paizes, por muitos annos

ou alliados ou em violentos conflictos, tem physionomia particular, cunho nacional, desenvolvimento peculiar : as causas da guerra remontam a periodos muito anteriores e só podem explicar-se por uma larga recapitulação.

Depois das batalhas feridas na Europa em 1866 e em 1870 e 1871 com assombrosos resultados, não póde a guerra do Paraguay despertar geral interesse, mas nem por isso deixa de ser em muitos sentidos instructiva e digna de attenção. Não pense o leitor que vai nella encontrar as normas europeas. São scenas e são successos inteiramente diversos, que este livro vai descrever e explicar.

Se fôr considerado imparcial, terei preenchido o meu intuito.

Potsdam, 1 de Agosto de 1871.

L. SCHNEIDER.

MAPPAS E PLANOS

(LOGAR EM QUE DEVEM SER COLLOCADOS)

As plantas que trazem este signal † não pertencem á edição allemã : foram lithographadas no Archivo Militar para acompanhar esta traducção.

A *planta de Riachuelo* (IV) foi organisada pelo Sr. capitão de fragata barão de Teffé (A. L. von Hoonholtz), e o *plano hydrographico da confluencia do Paraguay e Paraná*, primoroso trabalho do Sr. major Mallet, foi levantado á vista do grande plano hydrographico dos Srs. Silveira da Mota, Hoonholtz e Cunha Couto, lithographado em maior escalla, por ordem do ministerio da marinha, em 1867.

Este ultimo plano tornava-se necessario para corrigir os erros da planta VII na parte relativa ao Passo da Patria e curso do Paraná, erros que apontamos em duas das notas do cap. IX.

Sobre os outros mappas e planos faremos algumas reflexões quando estiverem promptos.

INDICE CHRONOLOGICO

DOS

PRINCIPAES SUCCESSOS REFERIDOS NESTE VOLUME

A GUERRA

DA

TRIPLICE ALLIANÇA

Depois de impressas as primeiras paginas pareceu-nos conveniente dar antes de cada Capitulo um *Summario*, comprehendendo por ordem chronologica não só os successos descriptos pelo autor como os que fazem objecto das nossas notas.

Este é o *summario*, do Capitulo 1.° :

I

Summario. — Vista d'olhos sobre a historia da Banda Oriental do Uruguay desde 1810. — Revolução da independencia no Rio da Prata (1810). — Os Hespanhóes sustentam se em Montevidéo e na Banda Oriental. — Artigas põe-se á frente dos Orientaes contra os Hespanhóes, e é ajudado pelo governo de Buenos-Aires. — Os independentes sitiam Montevidéo. — O governo do Rio de Janeiro envia em soccorro dos Hespanhóes um exercito ao mando do general D. Diogo de Souza. — Campanhas de 1811 e 1812. — Retiram-se as tropas argentinas, celebrando um armisticio com o governador hespanhol de Montevidéo, e as tropas orientaes de Artigas passam-se para Entre-Rios. — Intervenção do governo inglez e armisticio celebrado entre os governos do Rio de Janeiro e de Buenos-Aires (26 de Maio de 1812.) — Voltam para o Rio Grande do Sul as tropas brazileiras. — Os independentes tornam a sitiar os Hespanhóes em Montevidéo. — Apoderam-se da praça (1813). — Começa a luta entre os Orientaes, dirigidos por Artigas, e as tropas de Buenos-Aires. — Estas são batidas e expulsas da Banda Oriental. — Artigas fica dominando em todo esse territorio, em Entre-Rios e Corrientes. — O governo do rio de Janeiro resolve occupar temporariamente a Banda Oriental. — Campanhas de 1816 a 1820. — Depois de mais de tres annos de guerra, é expulso da Banda Oriental o general Artigas, e refugia-se em Entre-Rios. — Guerra entre os dois caudilhos Ramirez e Artigas em Entre-Rios e Corrientes. — Este ultimo é derrotado e foge para o Paraguay, onde é preso pelo dictador Francia (1820). — Reune-se em Montevidéo um congresso. — Incorporação da Banda Oriental ao Reino Unido do Portugal, Brazil e Algarves, sob a denominação de « Estado Cisplatino » (31 de Julho de 1821). — Proclamação da independencia do Brazil (7 de Setembro de 1822). — Resistem em Montevidéo as tropas portuguezas. — Sitio e bloqueio de Montevidéo pelos Brazileiros (1822-23). — Convenção de 18 de Novembro de 1823 entre o visconde da Laguna, commandante em chefe do exercito brazileiro, e o general D. Alvaro de Macedo, commandante da guarnição de Montevidéo. — Partem para a Europa as tropas portuguezas. — Reclamações do governo de Buenos-Aires sobre a Cisplatina ou Banda Oriental. — D. Pedro I recusa entregar essa provincia. — Revolução da Banda Oriental, dirigida por Lavalleja (1825). — Estado de abandono em que se achava a provincia. — O visconde da Laguna pede reforços. — Defecção do general Rivera. — O barão do Serro Largo invade a Banda Oriental. — Victoria dos Brazileiros em Coquimbo (4 de Setembro). São derrotados no Rincon (24 de Setembro) e em Sarandy (12 de Outubro). — Os Brazileiros ficam reduzidos ás praças de Montevidéo e da Colonia. — Combate do Taquary (7 de Dezembro de 1825). — Intervenção dos Argentinos na luta. — Guerra entre o Brazil e a Republica Argentina (1826-28). — Bloquieo do Rio da Prata pela esquadra brazileira. — Combate naval de 9 de Fevereiro de 1826, em que o vice-almirante Rodrigo Lobo repelle a esquadra argentina de Brown. — Os Argentinos e Orientaes, dirigidos pelo almirante Brown e pelo general

Lavalleja, atacam a Colonia do Sacramento e são repellidos pelo general Rodrigues (26 de Fevereiro a 13 de Março de 1826). — Combates entre alguns navios brazileiros e os argentinos em 11 e 27 de Abril e 2 de Maio de 1826. — O almirante Pinto Guedes toma o commando da esquadra imperial. — Norton vai bloquear Buenos-Aires. — Escaramuças entre a divisão de Norton e a esquadrilha argentina em 23 e 25 de Maio e 11 de Junho de 1826. — Combate naval de 30 de Julho em que é batido por Norton o almirante Brown. — Inacção em terra. — Preparativos do governo argentino. — O do Brazil, sem dar grande importancia á guerra, conserva fóra do theatro da luta a maior parte do exercito. — Combates de Caraguatá, de Taropasso (6 de Agosto) e do Meriñay (5 de Novembro de 1826). — Os adversarios de D. Pedro I empregam todos os meios para tornar impopular no Brazil a guerra. — Invasão do Rio Grande do Sul pelo exercito argentino dirigido por Alvear (Janeiro de 1827). — O marquez de Barbacena toma o commando do exercito brazileiro do sul. — A esquadra argentina é repellida junto a Martin Garcia (15 de Janeiro de 1827) por Mariath. — Combate naval do Juncal (9 de Fevereiro de 1827) e derrota da esquadrilha brazileira do Uruguay. — Batalha de Ituzaingo (20 de Fevereiro). — Retira-se para o Jacuhy o exercito brazileiro, e o argentino volta para a Banda Oriental. — Uma expedição brazileira enviada a Patagones é batida e aprisionada. — Combate naval da Ponta de Santiago (7, 8, 9 de Abril) em que são batidos os Argentinos. — Segunda invasão de Alvear no Rio Grande (Abril de 1827). — Escaramuças no Camacuan (23 de Abril). — Tomada do Serro Largo pelos Brazileiros (10 de Maio). — Acção de Pedras Altas (23 de Maio). — O exercito argentino evacua de novo o rio Grande e retira-se para o Serro Largo. — Alvear é substituido no commando do exercito argentino por Lavalleja. — O marquez de Barbacena é substituido pelo visconde da Laguna. — Inacção em terra. — A esquadra brazileira em combates parciaes nos annos de 1827 e 1828 faz muitas presas e aniquila quasi inteiramente a argentina. — Occupação das Missões Brazileiras pelo general Rivera. — Pressão da Inglaterra para que D. Pedro I ponha termo á guerra. — Convenção preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828. — A Banda Oriental fórma um estado independente com a denominação de Republica Oriental do Uruguay. — Os Brazileiros evacuam as praças de Montevidéo e da Colonia. — Juramento da Constituição Politica da Republica Oriental (18 de Julho de 1830). — Começam as lutas entre Rivera e Oribe, ou entre os *blancos* e *colorados*. — O presidente Oribe é obrigado a fugir para Buenos-Aires. — Intervenção do dictador argentino Rosas. — Oribe invade o Estado Oriental á frente de tropas argentinas e sitia Montevidéo. — Esta cidade resiste. — Intervenção do Brazil em 1851 em alliança com os governos de Montevidéo e de Entre-Rios e Corrientes. — Capitulação de Oribe (10 de Outubro de 1851). — Marcham os alliados contra Rosas. — Combate do Tonelero (17 de Dezembro de 1851). — Batalha de Monte Caseros (2 de Fevereiro de 1852) e fuga de Rosas. — Presidencia de Giró no Estado Oriental. — E' deposto. — Flôres, presidente. — Uma divisão do exercito brazileiro occupa Montevidéo a pedido do governo oriental. — Volta pouco depois à fronteira. — Novas desordens. — Bustamante, presidente interino. — E' elevado á presidencia Gabriel Pereira (1856). — Revolta dos colorados, dirigidos pelo general Cesar Diaz. — O Dr. Carreras é nomeado ministro. — Capitulação e morticinio de Quinteros. — Restabelece-se a ordem, emigrando quasi todos os colorados. — O tratado de 2 de Janeiro de 1859 entre o Brazil, a Republica Oriental e a Confederação Argentina. — Não é ratificado. — Bernardo Berro é eleito presidente da Republica Oriental (1860).

I

Causas da guerra no Estado Oriental do Uruguay

Quando em 1864 penetrou uma divisão do exercito imperial do Brazil no territorio da Republica Oriental do Uruguay para prestar apoio militar a justas reclamações, surgiu repentinamente, e com geral surpresa, não só da America Meridional, como da Europa, a Republica do Paraguay,

ameaçando immediato rompimento com o Brazil. Não se ligou, entretanto, a devida importancia a este facto; foi elle antes considerado como uma d'essas bravatas tão frequentes nas republicas sul-americanas; ninguem quiz acreditar que deixasse sua tradicional politica esse pequeno estado eminentemente pacifico, só occupado de seus proprios negocios e, por assim dizer, hermeticamente fechado a todos os visinhos. Não só o Brazil e a Republica Argentina, mas até o proprio governo dos blancos no Uruguay, duvidaram que á palavra se seguisse a acção. Toda a imprensa politica dos estados platinos tratou a declaração do presidente do Paraguay com extremo desdem. Não faltou na verdade quem lembrasse que Francisco Solano Lopez, que succedêra a seu pai Carlos Lopez na presidencia do Paraguay, se desvelára com todo o empenho pelo augmento e disciplina do exercito, construcção de fortalezas, agglomeração de material bellico, desenvolvimento da marinha, e fabrico de armas; não faltou quem n'isto enxergasse um plano, ao menos uma tentação para sacrificar o isolamento até então seguido e preparar uma colligação dos estados platinos, sobre a qual o presidente do Paraguay se attribuisse a missão de imperar. Estes avisos, porém, echoaram em vão. Quando os actos violentos de Lopez já não permittiam solver as difficuldades senão pelas armas, elle quiz considerar declaração de guerra o que não passava de uma simples ameaça no caso de proseguir o Brazil hostilmente contra o governo da Republica Oriental e de querer destruir o equilibrio dos estados da America Meridional. Semelhante ameaça nada continha de definido, e tão inverosimil era qualquer consequencia séria, attenta a condição do Paraguay, que o ministro brazileiro em Assumpção, Vianna de Lima (1), um dos mais experimentados diplomatas do Brazil, nenhuma importancia ligou ao acontecimento e até o considerou *non avenu*, tanto mais quanto n'essa occasião já as cousas se achavam quasi resolvidas no Estado Oriental do Uruguay e em breve se esperava um desenlace satisfactorio.

Dentro em pouco não deveria restar duvida alguma de que o pequeno Paraguay não ameaçára em vão. Uma violencia inaudita contra um paquete brasileiro e funccionarios do Imperio, e a invasão da provincia de Matto Grosso desviaram exclusivamente contra o dictador a guerra a principio movida a um partido no Estado Oriental; novas violações do direito das gentes, praticadas para provocar a Republica Argentina, patentearam que o dictador do Paraguay queria e julgava poder empenhar-se em uma lucta com todos os seus visinhos. Tal foi o principio da longa e obstinada guerra que contra o Paraguay, politicamente considerado insignificante, sustentou a Triplice Alliança, então constituida.

Vamos agora ao prologo — á intervenção do Brazil nas questões internas da Banda Oriental del Uruguay.

Até 1811 fôra o Uruguay (2) assim chamado em razão do seu principal rio, uma provincia do vice-reinado hespanhol do Rio da Prata, cuja extraordinaria extensão abrangia quasi toda a America Meridional, com excepção do Brazil (3). Sua vida politica e sua autonomia foram inaugu-

---

(1) O Sr. conselheiro Cezar Sauvan Vianna de Lima, barão de Jaurú, actualmente enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil em Berlim.

(2) O *Estado Oriental do Uruguay* é conhecido por esse nome e pelos de *Banda Oriental*, *Republica Oriental* ou *Republica do Uruguay*. No texto allemão o Sr. Schneider usa invariavelmente da denominação *Uruguay*. Julgamos preferivel substituil-a sempre pelas denominações mais usadas.

(3) O vice-reinado hespanhol do Rio da Prata comprehendia mais ou menos os territorios que formam hoje as Republicas Argentina, Oriental do Uruguay, do Paraguay e parte da Bolivia.

radas sob a pressão de Buenos-Aires e do governo colonial do Brazil portuguez. Emquanto o territorio da Banda Oriental, rico de productos natúraes, mas pobre de população, pertenceo ao vice-reinado de Buenos-Aires, foi tratado como um filho espurio, naturalmente por ciume, visto ter a capital, Montevidéo, melhor porto e ancoradouro do que Buenos-Aires, estar mais proxima ao mar, e prometter tornar-se um dia o emporio e a principal praça commercial das regiões platinas. Sendo proclamada em 1811 a independencia de Buenos-Aires (1), os liberaes que iniciaram e effectuaram a revolução emancipadora cuidavam que todas as provincias do vice-reinado hespanhol de bom grado se subordinariam ao dominio de Buenos-Aires e trocariam por uma administração liberal o governo despotico. Logo, porém, ficou provado ser isto uma esperança infundada, tanto em relação ao Paraguay, como á Banda Oriental. A cidade de Montevidéo, e com ella todo o paiz até o norte, onde se estabeleceram fazendeiros portuguezes da provincia do Rio Grande do Sul, reconheceram que só poderiam prosperar ficando independentes dos outros paizes do Prata e especialmente de Buenos-Aires : ainda hoje é a tendencia predominante no Estado Oriental procurar exceder a Buenos-Aires e evitar tudo quanto possa parecer imposição ou influencia argentina. Quando em 1811 (2) rompeu a revolução em Buenos-Aires, governava Artigas em Montevideo (3) por nomeação do governo hespanhol, o qual procurava anniquilar o crescente contrabando do lado do Brazil, contrabando que engrandecia Montevidéo e causava grave detrimento a Buenos-Aires. Artigas declarou-se logo pela independencia e bateu as tropas realistas mandadas para debellar a revolução emancipadora, mas tambem não se esqueceu de declarar desligado o novo estado do governo revolucionario de Buenos-Aires. Foi este um acontecimento tão inesperado para os que então dominavam em Buenos-Aires, como a declaração identica feita pelo Paraguay. Por mais que tenham variado as circumstancias, a Republica Argentina, nem mesmo hoje, desistiu de suas pretenções sobre o Estado Oriental, embora nunca pudesse apoiar taes

---

(1) A revolução da independencia rompeu em 25 de maio de 1810 e não de 1811. Desde 1810 Buenos-Aires vio-se livre do jugo da metropole. Os hespanhoes ficáram reduzidos á praça de Montevidéo e ao territorio da Banda Oriental.

(2) Em 1810, como já ficou dito.

(3) O autor equivoca-se. Governava Montevidéo o general hespanhol Elio em luta com a junta governativa de Buenos-Aires, creada pela revolução de 25 de maio. Os orientaes, e com elles José Gervasio Artigas, reconheciam ainda a autoridade do governador hespanhol. Artigas era n'esse tempo capitão ao serviço da Hespanha. Desaveio-se com o chefe de seu corpo e fugio para Buenos-Aires, onde os revolucionarios prepararam uma expedição contra os hespanhoes da Banda Oriental, e outra contra o Paraguay, que não adherira á revolução de maio. Em sua ausencia o coronel Pedro Vieira, brazileiro estabelecido na Banda Oriental, apoderou-se de Mercedes, reconhecendo, assim como o commandante Benevides, a autoridade do governo de Buenos-Aïres. Deste modo começou a revolução dos orientaes contra a metropole. Artigas obteve auxilios em Buenos-Aires, foi elevado a coronel, e tomou a direcção das forças revolucionarias. Depois, o general Rondeau, à frente das tropas argentinas, uniu-se ao caudilho oriental e sitiou em 1811 os hespanhoes em Montevidéo. Elio pediu soccorros ao governo do Rio de Janeiro, e D. João VI, então principe regente, receiando que a insurreição dos dominios hespanhoes se estendesse á fronteira do Brazil, e influido por sua mulher, a princeza hespanhola, depois rainha, D. Carlota, ordenou ao governador e capitão-general do Rio-Grande, D. Diogo de Souza, que invadisse a Banda Oriental. Este general fel-o em Julho de 1811 e, deixando em Missões o coronel Chagas Santos, no Quarahim e em S. Diogo os coroneis Thomaz da Costa e Menna Barreto, penetrou na Banda Oriental á frente de 3,000 brazileiros (formavam duas divisões ás ordens dos generaes Marques de Souza e Curado); apoderou-se de Santa Thereza e, ao chegar a Maldonado, soube que Elio concluira um armisticio com os independentes. As tropas argentinas retiraram-se para Buenos-Aires, e Artigas á frente dos orientaes collocou-se do outro lado do Uruguay. Este caudilho, porém, sem respeitar o armisticio, rompeu as hostilidades, e D. Diogo de Souza marchou

pretenções com a necessaria força (1). O governo colonial portuguez, que então dirigia o Brazil, aproveitou-se d'essas dissensões intestinas para intervir (2). Ora chamado, ora rejeitado pelos differentes partidos, occupou o general portuguez Lecór a cidade de Montevideo em 19 de Janeiro de 1817 (3), sem comtudo poder supplantar de todo as guerrilhas no interior

---

contra elle, atravessando a campanha até Paysandú. Por toda parte foram victoriosas as nossas tropas, em Paysandú, Mandisovi, Curusú, Cuatiá, Capilla Nueva (Mercedes), Arroyo de la China, Arapehy, Daiman, Tapebi, Passo d'Alcorta, Yapejú, Calera de Vellez, Averias, (nas visinhanças de Serro Largo) S. Thomé e Laureles. Em meio destes triumphos foi D. Diogo de Souza sorprendido pelo armisticio celebrado em maio de 1812 pelo enviado Rademaker. O governo inglez conseguiu modificar a politica de intervenção do governo do Rio de Janeiro. Retiraram-se as nossas tropas para a fronteira : os independentes tornaram a passar o Uruguay, sitiaram de novo Montevidéo e em 1813 apoderaram-se da praça por meio de uma capitulação que o general Alvear, commandante do exercito sitiador, violou. Foi durante este sitio que Artigas rompeu definitivamente com o governo de Buenos-Aires e, depois de uma guerra encarniçada, expulsou da Banda Oriental as forças argentinas, ficando senhor absoluto dessa provincia e das de Entre Rios e Corrientes, e estendendo sua influencia até mesmo além do Paraná, sobre Santa Fé e Cordova.

(1) E' certo. As tropas de Buenos-Aires foram constantemente derrotadas por Artigas desde 1813 até 1815, e mesmo depois. O governo argentino tentou por vezes chegar a accordo com o caudilho oriental, mas este rompeu sempre as negociações. No Paraguay não foram mais felizes os argentinos. A expedição confiada a Belgrano foi, como se sabe, derrotada, de sorte que, logo apoz a independencia, o vice-reinado do Rio da Prata ficou dividido. O Paraguay separou-se, isolando-se completamente dos povos visinhos sob a dictadura do Dr. Gaspar Francia, e a Banda Oriental, Entre Rios e Corrientes, formaram uma confederação independente, dirigida pelo general José Artigas, que adoptou o curioso titulo de « *Chefe dos Orientaes e Protector dos Povos Livres.* »

(2) « Governo colonial portuguez no Brazil. » — A expressão não é propria. A côrte portugueza achava-se no Rio de Janeiro quando se deu a intervenção armada de 1816. O governo colonial cessou no Brazil em 1808 com a chegada da familia real. O principado do Brazil foi elevado á cathegoria de *Reino*, por Carta de Lei de 16 de dezembro de 1815, tomando a monarchia portugueza o titulo de *Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves.*

(3 Em 20 de Janeiro de 1817 occupou o general Lecór a praça de Montevidéo á frente de um exercito de 4,550 portuguezes e 921 brazileiros. O grosso das forças brazileiras (2,500 homens ás ordens do general Curado, e 600 ás ordens do general Chagas) defendiam as fronteiras de Missões e do Quarahim. A intervenção de 1816 teve por fim occupar a Banda Oriental e destruir o poder de Artigas que se tornára um visinho perigoso. Todos os bandidos do Rio Grande, das provincias argentinas e do Paraguay, corriam a alistar-se sob as bandeiras desse caudilho turbulento, cujos soldados indisciplinados penetravam em nosso territorio, e saqueavam as estancia proximas à linha divisoria, roubando gado, assassinando os habitantes inermes e protegendo a fuga de escravos, desertores e criminosos. — Lecór só entrou em Montevidéo depois das victorias alcançadas pelas tropas brazileiras de Curado e Chagas Santos em S. Borja, Ibiraocahy, Carumbé, Arapehy e Catalan, que foi a batalha mais renhida, e na qual o marquez de Alegrete e Curado á frente de 2,500 homens, derrotaram 3,400 artiguenhos dirigidos por Latorre (4 de Janeiro de 1817). Nesses e em outros combates pelejados nas fronteiras do Quarahim e de Missões, que foram atacadas por 7,000 orientaes, entre-rianos, correntinos e guaranys, ás ordens do general José Artigas e dos coroneis José Antonio Berdun e André Artigas, as tropas brazileiras desbarataram, desde setembro de 1816 até janeiro de 1817, a flôr das tropas artiguenhas, causando-lhes um prejuizo de mais de 2,500 mortos e 521 prisioneiros (sem contar os que o general Chagas fez nas Missões de além Uruguay), tomando-lhes 1 bandeira, 2 estandartes, 6 canhões, 1,600 espingardas, um numero consideravel de lanças, espadas, pistolas e cavallos. A perda soffrida pelos brazileiros foi de 207 mortos, 348 feridos e 3 prisoneiros. — Ao exercito de Lecór, que foi o que então invadiu, oppuzeram-se pelas fronteiras de Santa Thereza e do Serro Largo os coroneis Fructuoso Rivera com 2,000 homens, e Fernando Otorguez com 1,500. Rivera foi completamente derrotado em India Muerta (19 de novembro de 1816) e Otorguez nem siquer ousou fazer frente á columna que invadiu por Serro Largo. Até sua entrada em Montevidéo (20 de janeiro de 1817), o exercito de Lecór causou a esses dous chefes o prejuizo de 369 mortos e 140 prisoneiros, 1 canhão e muito armamento, tendo nós uns 270 homens fóra de combate. Em Montevidéo, evacuada pelas tropas do governador Barreiro, encontrámos 292 canhões e grande copia de munições. — A guerra prolongou-se até 1820, porque Artigas continuava a dominar a campanha e recebia pelo Uruguay recursos que lhe eram enviados

do paiz, onde Artigas, até 1820 offereceu resistencia, e, batido afinal por um outro cabecilha, Ramirez, refugiou-se no Paraguay. Ahi o dictador, Dr. Francia, o acolheu e aos seus partidistas, gaúchos e flibusteiros, mas um processo summario mandou fuzilar a maior parte e internar o proprio Artigas, que morreu na maior penuria (1). Apezar dos protestos da Republica Argentina, o governo portuguez reuniu a Banda Oriental á sua colonia do Brazil e lhe deu o nome de Cisplatina (2). Desde então estabeleceram-se ainda em maior numero fazendeiros brazileiros no norte do paiz, onde com seus famulos, tropeiros e pastores vieram a constituir verdadeiros *clans*, que a seu turno aspiravam á independencia.

Separando-se o Brazil da metropole em 1822, conservou-se a guarnição de Montevidéo fiel á causa portugueza e só com o auxilio dos fazendeiros do norte puderam os brazileiros sitiar Montevidéo visto como a massa da população rural não sympathisava com a incorporação do paiz ao Brazil, chegando até a pedir o apoio de Buenos-Aires. O novo Imperador do Brazil, D. Pedro I, comprehendendo que não podia inaugurar seu reinado e a existencia do nascente Imperio com o abandono de uma provincia annexada, persistiu com mais vigor na conquista de Montevidéo, que se realizou inteiramente no fim do anno de 1823, e, por um decreto imperial, foi declarada a Cisplatina para sempre unida ao Imperio (3). Buenos-Aires não se achava em circumstancias de oppôr-se a isso, e, pois, limitou-se a não reconhecer D. Pedro como Imperador e a tornar este reconhecimento dependente da restituição da Banda Oriental, ou ao menos de Montevidéo, á Republica Argentina. D. Pedro não attendeu a este protesto e contava com um resultado tanto mais feliz, quanto a Banda Oriental parecia reconciliar-se com o dominio brazileiro. Em 7 de dezembro de 1824 dirigiu o Cabildo de Montevidéo um protesto de adhesão ao Imperador e por isso recebeu de mimo o retrato do monarcha. No interior perduravam ainda as sympa-

---

por especuladores inglezes e norte-americanos. Em 1818 as forças em operações foram augmentadas : Curado penetrou pelo Quarahim até Paysandú com 2,600 brazileiros, Sebastião Pinto com 1,000 e tantos pela fronteira de Jaguarão, e novos combates se travaram nesse anno, e no de 1819, tanto na Banda Oriental como Entre-Rios, Corrientes e Rio Grande do Sul. Afinal em 22 de janeiro de 1820 foi Artigas completamente derrotado na batalha de Taquarembó pelas tropas brazileiras dirigidas pelos generaes conde da Figueira, José de Abreu e Corrêa da Camara, sendo lançado em Entre-Rios. A Banda Oriental ficou completamente pacificada. Em Entre-Rios o general Ramirez, creatura de Artigas, revoltou-se contra elle e, depois de tres mezes de luta, derrotou-o em Tunas, a 18 leguas de Mandisovi, obrigando-o a refugiar-se no Paraguay, onde foi preso pelo dictador Francia e, passados muitos annos, morreu.

(1) O general José Artigas falleceu em Assumpção em 23 de setembro de 1850. Nascera em 1758 na cidade de Montevidéo. E' preciso não confundil-o com o coronel Andrés Artigas, que em 1816 sitiou S. Borja, e foi derrotado pelo general José de Abreu, diante dessa villa, cahindo afinal prisioneiro deste, em 1819, apóz o combate de Itacorubi. Um outro coronel Artigas (Manoel Francisco), irmão do general, foi batido e aprisionado em Canelones pelo general Marques de Souza em 1818. — O Sr. Pereira da Silva engana-se na sua *Historia da Fundação do Imperio* quando diz que Andrés Artigas era parente do general desse nome.

(2) Em 16 de julho de 1821 reuniu-se em Montevidéo um congresso de deputados que depois de discutir a conveniencia de unirem-se os orientaes a um estado poderoso, ou se constituirem independentes, deliberaram, em 31 do mesmo mez, fazer parte da monarchia portugueza, encorporando-se ao Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves debaixo da denominação de *Estado Cisplatino*.

(3) O autor não expõe com sufficiente clareza estes factos. Em 1822, proclamada a independencia do Brazil, separaram-se na Banda Oriental as tropas brazileiras das portuguezas. Lecór á frente do exercito brazileiro sitiou Montevidéo onde se achavam os portuguezes commandados pelo general D. Alvaro de Macedo. Uma divisão naval ás ordens do vice-almirante Pedro Antonio Nunes, composta da corveta *Liberal*, 2 brigues e 2 escunas, partiu do Rio de Janeiro para bloquear o porto dessa cidade, e repelliu em

thias pelo elemento hespanhol (1), mas sem degenerarem em actos de resistencia. Já em 1824 declarava o Imperador ao governo de Buenos-Aires « que, tendo-se a Cisplatina espontaneamente declarado pela incorporação ao Brazil, não podia tomar em consideração quaesquer protestos ou pretenções das potencias estrangeiras » (2). Esta declaração suscitou grande irritação na Republica do Prata, e, perante o congresso reunido, declarou o presidente, Gregorio de Las Heras, ser esta incorporação « uma usurpação realisada por deshonestos artificios, e mal disfarçada com a capa da legalidade. » Comtudo não se passou d'este incidente parlamentar, porque o presidente da Confederação Argentina (3), Rivadavia, não ignorava que o Imperador empenharia todas as forças para conservar o dominio brazileiro na Banda Oriental. A simples inspecção de um mappa nos convence que geographica, commercial e economicatente se acha indicada pela natureza a união da Banda Oriental ao Brazil, união que o elemento nacional deveria perturbar pelo seu constante desgosto e conflictos. Todavia ás palavras asperas nenhum acto succedeu da parte dos dous governos. Com bastante fundamento receiaram ambos atear um incendio geral e provocar de algum modo a intervenção dos estados europeos. Assim parecia a questão destinada a ter uma solução pacifica, encontrando as novas demarcações territoriaes elementos de duração.

Um oriental domiciliado em Buenos-Aires, Juan Antonio Lavalleja, que fôra expulso de Montevidéo pelo general Lecór por motivos politicos, conseguindo evadir-se do Rio de Janeiro (4), onde o tinham submettido a processo, emprehendeu de Buenos-Aires uma expedíção, que veio toldar todas as esperanças e que servio mais tarde de modelo ao commettimento do general Flôres, pelo que d'ella trataremos mais minuciosamente. Sem entrar na indagação se houve cumplicidade da parte do governo argen-

---

23 de outubro de 1823 a esquadrilha portugueza, composta de 2 corvetas, 1 brgiue e 1 escuna. Por terra apenas houve pequenas escaramuças e dois choques mais renhidos em 17 de março, nas Pontas de Toledo, e no dia 18 de maio, em Las Piedras, nos quaes os sitiados foram repellidos e perseguidos até a praça pelos imperiaes. Durante esta luta militaram ao lado dos portuguezes muitos orientaes partidarios da união com Buenos-Aires. Outros, adeptos da união com o Brazil, serviram ás ordens de Lecór. Entre os primeiros figurava Manoel Oribe, e entre os segundos Fructuoso Rivera. Apertado por terra e por agua pelas forças imperiaes e sabendo que as tropas portuguezas já haviam evacuado todos os pontos que occupavam no Brazil, o general D. Alvaro de Macedo resolveu entrar em convenção no dia 18 de novembro de 1823, embarcando com suas tropas para Portugal. Lecór á frente do xercito brazileiro fez sua entrada em Montevidéo no dia 14 de fevereiro de 1824. D. Pedro I, já tinha sido acclamado Imperador pelos povos da campanha e desde então ficou a Banda Oriental formando uma das 19 provincias do novo Imperio do Brasil sob a denominação de — provincia Cisplatina.

(1) Ou antes as aspirações de independencia. Os orientaes preferiam tudo ao dominio de Hespanha.

(2) O governo de Buenos-Aires enviou ao Rio de Janeiro o ministro Valentim Gomez para reclamar a restituição da Banda Oriental (1823). Em 6 de fevereiro de 1824 o ministro dos negocios estrangeiros, Carvalho e Mello (Visconde da Cachoeira), respondeu ao *memorandum* de Valentim Gomez, declarando que o governo imperial estava decidido a manter a incorporação desse territorio.

(3) Então não se conhecia ainda o titulo de — Confederação Argentina — *Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata* era a denominação da actual Republica Argentina. Las Heras foi presidente desde 1824 até principio de 1826. Em 8 de Fevereiro tomou posse da presidencia Bernardino Rivadavia.

(4) Lavalleja era em 1822 tenente-coronel do Regimento de Dragões da União, de que era commandante o então coronel Fructuoso Rivera. Seu nome, assim como os de Fructuoso Rivera, Bernabé Saenz, Julian Laguna, Bonifacio Calderon, Manuel Lavalleja, Bernabé Rivera, Servando Gomez e outros officiaes, figura na acta de 17 de outubro de 1822 da qual consta a acclamação de D. Pedro I como Imperador do Brazil. Depois foi Lavalleja preso como conspirador, e desterrado. Asilou-se em Buenos-Aires.

tino (1), se só de alguns inimigos do Brazil, ou, finalmente, se foi um acto espontaneo, dictado apenas pela ambição e pelo ardente odio nacional, diremos que Lavalleja combinou-se com 32 companheiros para um pronunciamento na Cisplatina contra o governo do imperador D. Pedro, entabolou relações com outros orientaes no Uruguay e, partindo de Buenos-Aires, desembarcou perto da Colonia do Sacramento (2) em 19 de abril de 1825. Ahi encontrou cavallos e alguns gaúchos contractados por seus amigos, com os quaes, pelo valle do Rio Negro acima, marchou contra a povoação de Durazno (3), onde estava de guarnição um regimento de cavallaria brazileira formado de orientaes, de que era commandante o coronel Fructuoso Rivera (4). Os successos que ahi se deram nunca foram explicados de modo satisfactorio com todos os seus pormenores. O que é certo é que ferio-se um combate, cujo exito foi tão desfavoravel para o regimento de Rivera, que só lhe ficou a triste alternativa de ser trucidado ou adherir ao pronunciamento (5) : muitos indicios, porém, fazem crêr que Rivera estava em correspondencia com Lavalleja, e tinha combinado esta juncção. Para o Imperador foi a traição de Rivera tanto mais dolorosa quanto n'elle depositava plena confiança e o revestira do supremo commando em toda a provincia, exceptuada a capital (6). Por fim, em 27 de abril, Rivera e Lavalleja proclamaram a independencia da Banda Oriental, induzindo á revolta todas

---

(1) Não resta duvida sobre a intervenção do governo argentino. Foi esse governo quem promoveu a revolução, e foi de Buenos-Aires que partiram os revolucionarios, como sempre acontece. Basta ver a respeito os documentos que acompanham o « *Manifesto ou exposição fundada e justificativa do procedimento da Côrte do Brazil a respeito do governo das Provincias Unidas do Rio da Prata.* » Rio de Janeiro, 1825.

(2) No Arenal Grande, junto ao Porto das Vacas.

(3) Lavalleja não foi logo a Durazno. Apenas desembarcou no Arenal Grande reuniram-se-lhe uns 200 patriotas. Em 23 de abril occupou S. Salvador depois de um tiroteio com o destacamento de Julian Laguna, oriental ao nosso serviço. Esse official e os seus soldados, que eram filhos do paiz, adheriram á revolução. Fructuoso Rivera, que pouco antes havia sido elevado ao posto de brigadeiro, recebeu ordem do general Lecór para marchar contra os revoltosos. Rivera sahiu da Colonia em 26 de abril com uma escolta afim de reunir as forças espalhadas pela campanha, mas no dia seguinte foi cercado e aprisionado por Lavalleja. Depois de uma larga conferencia concordou em servir á revolução, compromettendo-se ao mesmo tempo a entregar as tropas que lhe estavam sujeitas, como commandante geral da campanha. Em S. José estava o coronel Borba com 136 homens de milicias de S. Paulo. Rivera fez chamar este official, ordenou-lhe que dividisse a sua gente e assim entregou-os perfidamente aos revolucionarios. Com a noticia dessa traição os destacamentos brazileiros que estavam em Canelones e em outros pontos visinhos retiraram-se para Montevidéo. Toda a população da campanha insurgiu-se, correndo a alistar-se debaixo das bandeiras dos dous caudilhos. O regimento de dragões orientaes, que estava em Durazno, prendeu o seu commandante, coronel Ferrara (30 de abril), e reuniu-se a Lavalleja e Rivera. Em 4 de Maio Lavalleja apresentou-se nas visinhanças de Montevidéo e no dia 9 seguiu para Durazno afim de organisar os voluntarios que se apresentavam de todos os pontos. A' excepção das praças de Montevidéo e da Colonia, onde se mantinham os generaes Lecór e Rodrigues, das villas de Mercêdes e Serro Largo, onde tinhamos pequenas guarnições, e do Salto, onde se achava o general Sebastião Barreto com algumas tropas, todo o resto do paiz estava dominado pela revolução. Em 13 de maio os independentes começaram a sitiar a Colonia. Em junho já dispunham de mais de 3,500 homens, e recebiam todos os dias de Buenos-Aires armamento, munições e reforços de gente.

(4) O commandante d'esse regimento era coronel Ferrara. Rivera, como ficou dito na nota anterior, era brigadeiro e commandante geral da campanha.

(5) O autor não consultou boas fontes ao fazer este resumo. O regimento de dragões orientaes sublevou-se em Durazno, prendendo o seu commandante, e reuniu-se aos dous chefes da revolução. Não houve combate.

(6) Não tinha o commando da provincia; era commandante geral da campanha e estava encarregado da policia d'esta. O tenente-general Lecór, visconde da Laguna, era o commandante em chefe do exercito na provincia Cisplatina. Usava ainda do titulo de — governador e capitão-general.

as tropas indigenas, e esmagando sem grande esforço os pequenos destacamentos brazileiros, que se achavam esparsos. Logo depois, em junho, installou-se um governo provisorio na Villa de la Florida, que declarou a provincia independente do Brazil e de Portugal e disposta a entrar na confederação das republicas platinas como estado independente (1). A diminuta guarnição de Montevidéo não podia obstar os progressos da revolução (2), que se propagava rapidamente, e o general Lecór pediu com instancia reforços ao Brazil, porque tambem em Montevidéo um partido consideravel applaudia o corajoso procedimento dos « libertadores ». Buenos-Aires negou ter cooperado para a sublevação e assegurou nada ter feito para acoroçoal-a, mas viu com prazer que os particulares concorriam para accelerar a annexação da Banda Oriental. Parece que o Imperador não comprehendeu a importancia do movimento porque limitou-se a fazer concentrar as milicias da provincia do Rio Grande do Sul, ordenando que invadissem a Cisplatina (3); enviou, porem, uma esquadra sob o commando do almirante Lobo com uma divisão de tropas regulares contra Buenos-Aires (4), que elle considerava o fóco de todo o movimento. O almirante Lobo recebeu instrucções para exigir do governo das Republicas do Prata a desapprovação official da revolução da Cisplatina, a demissão de todos os militares argentinos que serviam nas fileiras dos revoltosos e a mais estricta neutralidade (5). Lobo desempenhou essa incumbencia em termos tão asperos, que a plebe de Buenos-Aires quebrou as vidraças da casa do encarregado de negocios do Brazil (6), e o congresso, em sessão de 25 de outubro de 1825, respondeu ás reclamações brazileiras com a declaração de que admittia a antiga Banda Oriental na federação das republicas platinas, logo que ella conseguisse libertar-se. Em consequencia d'isto o ministro dos negocios estrangeiros enviou uma nota ao governo do Rio de Janeiro declarando que Buenos-Aires em nada concorrêra para a luta da independencia na Cisplatina nem auxilio algum prestára, mas, solicitando uma população irmã a sua entrada na federação do Prata, julgava-se o governo argentino obrigado a empenhar todas as suas forças para que as tropas brazileiras deixassem o territorio de uma republica já independente (7). Buenos-Aires não teria dado esta resposta, equivalente a uma

---

(1) A declaração foi feita no dia 25 de agosto. A sala dos representantes decretou a *incorporação da Provincia Oriental* à Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, declarando nullos os pactos de união como o Brazil.

(2) Segundo o officio do general Lecór de 5 de junho de 1825 as forças de que elle dispunha em fins de maio eram as seguintes : em Montevidéo, 2,521 homens promptos, 195 doentes e 74 presos; destacados na Colonia, em Mercêdes e com o general Barreto, para os lados do Salto, 1,501 homens. Estavam prisioneiros do inimigo 142 homens, quasi todos da gente que Rivera trahiu em S. José.

(3) Da provincia do Rio-Grande do Sul marchou o general Abreu, barão do Serro Largo, com uns 1,200 homens, quasi todos milicianos, e dirigiu suas marchas sobre Mercêdes. Do Rio de Janeiro partiram outros 1,200 homens ás ordens do general Magessi, barão de Villa-Bella, nomeado segundo commandante do exercito do Sul. Esta força desembarcou em Montvidéo, até onde foi conduzida pela esquadra do vice-almirante Rodrigo Lobo, nomeado commandante em chefe das forças navaes no Rio da Prata.

(4) O autor refere-se sem duvida ao 1º batalhão de granadeiros, ao batalhão de caçadores do Imperador, e a um esquadrão do 2º regimento de cavallaria, que, ás ordens do general Magessi, partiram para Montevidéo, comboyados pela esquadra de Rodrigo Lobo.

(5) A missão deste almirante foi impedir a passagem das embarcações que sahiam de Buenos-Aires e outros portos argentinos conduzindo armas e munições para os revolucionarios.

(6) Do consulado brazileiro. Não tinhamos legação em Buenos-Aires. Este facto deu-se em 20 de outubro.

(7) Nota do ministro das relações exteriores, Dr. Manoel J. Garcia, de 3 de novembro

declaração de guerra, se as tropas brazileiras não tivessem sido desbaratadas em 24 de setembro por Fructuoso Rivera no Rincon de las Gallinas (1), e no dia de 12 de outubro por Lavalleja na planicie de Sarandy (2). Tanto as milicias rio-grandenses, como os regimentos engajados (3) tinham sido batidos, isto é, logo no primeiro encontro renderam-se e fizeram causa commum com os sublevados, unico meio de escaparem os prisioneiros á degolação n'aquellas regiões. Até o fim do anno de 1825 achavam-se os insurgentes de posse de todo o paiz e de todos os pontos da costa, com excepção de Montevidéo e Colonia do Sacramento, que sendo praças de guerra dos brazileiros só poderiam ser tomadas por assedio regular com artilharia grossa. Conseguintemente, os revoltosos limitaram-se a um bloqueio pelo lado de terra.

E' assás provavel que a despeito de seus primeiros successos a sublevação teria sido suffocada, se não fosse moral e materialmente ajudada pelo governo dos estados do Prata. O Imperador não podia deixar de levantar a luva que lhe era francamente atirada e, declarando a guerra em 10 de dezembro, principiou no dia 25 do mesmo mez o bloqueio da embocadura do Prata pela esquadra brazileira sob as ordens de Lobo. A declaração de

---

de 1825. Nesta nota communicava Garcia ao governo imperial que o congresso argentino declarára a Banda Oriental, incorporada á Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, e accrescentava : «... Por esta solemne declaração o governo geral está compromettido a prover á defeza e segurança da provincia Oriental. Elle cumprirá o seu dever por todos os meios a seu alcance, e pelos mesmos *accelerará a evacuação dos dous unicos pontos militares que ainda occupam as tropas de S. M. I...* » Assim deixou a final cahir a mascara o governo de Buenos-Aires, depois de mil protestos de neutralidade. Essa declaração foi feita depois do combate de Sarandy.

(1) No Rincão das Gallinhas foram sorprendidos e desbaratados os coroneis José Luíz Menna Barreto e Jeronymo Gomes Jardim, que marchavam a reunir-se em Mercêdes ao barão do Serro Largo. Commandavam, esses dous chefes, os regimentos de cavallaria miliciana n. 24 e n. 25, compostos ambos de guaranys de Missões. Cada um dos regimentos tinha 200 homens. — O coronel Menna Barreto morreu heroicamente, recusando render-se.

(2) O barão do Serro Largo, depois de obrigar Rivera a levantar o sitio de Mercêdes fez partir desse ponto o coronel Bento Manoel com 800 homens de cavallaria, afim de perseguir aquelle general. Bento Manoel derrotou Rivera em 4 de setembro junto ao Coquimbo e marchou para Montevidéo. Lavalleja abandonou precipitadamente o sitio da Colonia e correu para Durazno, concentrando ahi todas as suas forças. Bento Manoel recebeu em Montevidéo um reforço de 260 homens de cavallaria. O general Lecór preparava alguma infantaria e artilheria para acompanhal-o, mas Bento Manoel, orgulhoso com as victorias que havia alcançado na guerra anterior, não quiz esperar por novos reforços, e, sem ordem, partiu para Minas, onde se lhe reuniu o coronel Bento Gonçalves com 354 milicianos mal armados. Esses dous chefes não dependiam de Lecór, mas do barão do Serro Largo, commandante das armas do Rio-Grande do Sul. Rivera instruido da approximação dos coroneis Menna Barreto e Jardim tinha partido ao encontro destes. Depois de derrotal-os no Rincão das Gallinhas (24 de setembro) voltou a reunir-se a Lavalleja, de sorte que quando Bento Manoel esperava encontrar apenas uma parte do exercito inimigo, avistou junto ao arroyo Sarandy os dous chefes da revolução com 2,500 homens das tres armas. Apezar da desproporção do numero, arrojou-se a atacal-os com 1,411 homens de cavallaria, quasi todos milicianos. O resultado foi soffrer uma completa derrota. Apenas 580 homens se salvaram, ganhando Sant'Anna do Livramento; 831 ficaram no campo mortos, feridos ou prisoneiros. A perda dos orientaes, segundo a communicação official de Lavalleja, foi apenas de 31 mortos e 83 feridos. — Em consequencia desse revez o barão de Serro Largo poz-se em retirada para o Quarahim. Mercêdes foi tambem evacuada pela sua guarnição, e as tropas brazileiras ficaram reduzidas ás duas praças de Montevidéo e da Colonia.

(3) Não tivemos na guerra do sul um só corpo de *engajados*. As unicas forças estrangeiras mandadas para o theatro da guerra foram o batalhão 27° de caçadores allemães e um esquadrão de lanceiros, tambem allemães, que tomaram parte na batalha de *Ituzaingo*. Tambem não é certo que as forças vencidas no Rincon e Sarandy fizessem causa commum com o inimigo. Apenas alguns guaranys dos que escapáram do combate do Rincon passaram-se para as fileiras dos orientaes.

guerra por parte do governo argentino deu-se em 3 de Janeiro de 1826, tendo então começo um systema de hostilidades só proprio da America Meridional, sem ataques vigorosos nem decisivos. Todo o anno passou-se em escaramuças e sorprezas, nas quaes o laço representava papel mais importante do que as armas. A esquadra apoderou-se da ilha de Martin Garcia (1), na confluencia do Uruguay e do Paraná com o grande estuario do Prata, e, levantando fortificações isolou a cidade de Buenos-Aires, cujo governo não teve para se defender do bloqueio outro meio senão armar navios mercantes, de calado inferior ao dos navios de guerra brazileiros, mas por isso mesmo mais proprios para a navegação fluvial. Contractaram para commandante da nova esquadra argentina o inglez William Brown, que galhardamente atacou em 9 de fevereiro a ilha de Martin Garcia, e, apoderando-se das fortificações (2), obrigou o almirante Lobo a estabelecer o bloqueio mais para o lado do mar. Sendo o almirante brazileiro destituido e levado a um conselho de guerra, em consequencia desta retirada, foi absolvido (3). Brown aproveitou-se de sua ausencia para sorprender navios soltos, aggredir as praças do littoral onde se achavam guarnições brazileiras, e finalmente para tentar, em 29 de julho, um sério ataque, que, repellido pelos

---

(1) A ilha de Martin Garcia domina a embocadura dos rios Uruguay e Paraná, que juntos formam o Rio da Prata. Foi occupada em janeiro de 1826 por um destacamento de infantaria e artilharia.

(2) O autor enganou-se deixando-se levar pela descripção, que fez o Sr. Pereira da Silva, da tomada de Martin Garcia por Brown. Esse almirante apoderou-se á viva força da ilha, mas em 1814, na guerra da independencia com a Hespanha. Na guerra de 1825 a 1828 entre o Brazil e a Republica Argentina, não houve combate na ilha. Um destacamento brazileiro occupou-a em janeiro de 1826, mas sendo a praça da Colonia atacada desde 26 de fevereiro desse anno até 13 de março pela esquadra de Brown e pelo exercito de Lavalleja, o almirante Lobo *fez evacuar* a ilha em março para reforçar aquella praça. Durante o resto do anno conservou-se Martin Garcia completamente abandonada. O almirante Pinto Guedes, successor de Lobo, pedio por vezes tropas para guarnecel-a. Foram-lhe sempre recusadas. Finalmente, em fins de dezembro de 1826, estando a ilha *deserta*, Brown fortificou-a, occupando-a os argentinos durante o resto da guerra. O que houve em 9 de fevereiro de 1826 foi um combate naval entre Rodrigo Lobo e Brown. Este ultimo vio-se abandonado por quasi todos os seus navios, que fugiram para Buenos-Aires perseguidos pelos brazileiros. Alguns dos commandantes argentinos foram demittidos pelo procedimento que tiveram nesse dia. Seguio-se a esse feito de armas o bombardeamento da Colonia por Brown, e o desembarque que ahi tentou o mesmo almirante na madrugada de 2 de março, em que, graças á energia do general Rodrigues e do commandante Mariath, perderam os argentinos mais de 300 mortos e prisoneiros, um brigue incendiado e tres canhoneiras tomadas pelos nossos marinheiros e soldados. Nós perdemos um brigue, que estava encalhado e foi queimado. Em 11 de Abril do mesmo anno appareceu Brown perto de Montevidéo com a corveta *25 de Maio* e a barca *Congresso*, mas foi batido e perseguido pela fragata *Nictheroy*, commandada por Norton. Pouco depois um navio da esquadra argentina conseguio apresar uma pequena escuna nossa. Em janeiro uma barca canhoneira pertencente á esquadra imperial havia cahido tambem em poder do inimigo. Em 27 de abril a esquadra argentina tentou apoderar-se por abordagem da fragata *Imperatriz*, mas foi ainda repellida. Perseguida depois pela nossa esquadra, encalhou a corveta de Brown no Banco Ortiz (2 de maio), mas em logar em que não podia ser atacada pelos nossos navios, quasi todos improprios para a navegação do Rio da Prata. Foram esses os combates durante o commando do almirante Lobo.

(3) O almirante Pinto Guedes succedeo em maio a Rodrigo Lobo, que foi submettido a conselho de guerra, por não ter destruido a esquadra argentina, tarefa difficil, pois Brown mettia-se sobre os bancos e sabia evitar combates decisivos. Pinto Guedes confiou a Norton o bloqueio do porto de Buenos-Aires. Em 23 e 25 de Maio houve escaramuças entre a divisão de Norton e a de Brown, mas vendo o chefe brazileiro que o almirante argentino não deixava o seu refugio dos bancos, tentou atacal-o em 11 de junho no seu proprio ancoradouro de Pozos. Encalharam logo varios navios brazileiros, e verificou-se que o ataque era impossivel. A acção reduzio-se a um pequeno tiroteio, sustentado de longe entre algumas canhoneiras nossas e a esquadra argentina. Finalmente na noite

navios brazileiros custou-lhe o navio almirante (1), e o coagio á inacção, emquanto os imperiaes apertavam o bloqueio e faziam avultadas presas. O governo de Buenos-Aires recorreu então ao expediente de distribuir cartas de corso, que, avidamente aceitas por aventureiros de todas as nações, principalmente norte-americanos, peruanos e chilenos, causavam ao commercio maritimo do Brazil extraordinarios prejuizos. Em terra as tropas brazileiras, reforçadas pelas remessas do Rio de Janeiro, occuparam toda a costa meridional do paiz e arredaram de Montevidéo as guerrilhas. Assim chegaram as cousas ao mez de novembro, quando o Imperador D. Pedro tomou a resolução de ir ao theatro da guerra para pôr fim á lucta por meio de golpes vigorosos e decisivos (2). Foi chamado de Montevidéo o indeciso general Lecór e em seu lugar nomeado governador da provincia Cisplatina o marquez de Barbacena (3). O Imperador embarcou para o Rio Grande, mas, chegando a Porto-Alegre, teve de voltar ao Rio de Janeiro, em consequencia da morte da Imperatriz. O exercito imperial reunido na provincia do Rio Grande do Sul invadio a Banda Oriental e achou-se em

---

de 29 de julho tentou Brown sorprender alguns dos nossos navios avançados. Foi presentido e cortado, travando-se no dia seguinte um combate em que ficou totalmente perdida a melhor embarcação inimiga, que era a corveta *Veinte y Cinco de Maio*. Os outros navios da esquadra argentina entraram em Buenos-Aires com muitas avarias, e deveram a sua salvação aos bancos e á falta de direcção que houve no combate. Tambem nesse dia encalharam muitos dos nossos navios. Os menores, que formavam a chamada esquadrilha do Uruguay, para nada serviram. Eram pela maior parte saveiros da alfandega do Rio de Janeiro, de difficil governo e pessima marcha, que tinham sido condecorados com o titulo de — barcas canhoneiras.

(1) O autor refere-se ao combate naval de 30 de julho de 1826 de que fallámos na nota anterior.

(2) Depois do combate de Sarandy e durante o anno de 1826 só houve por terra, como diz o autor, pequenos combates sem resultado algum decisivo. Em 7 de dezembro de 1825 os brazileiros, dirigidos por Bento Gonçalves, derrotaram Ignacio Oribe em Conventos, perto do Serro Largo, causando-lhe grande prejuizo em mortos e prisioneiros e tomando-lhe uma bandeira, muitas armas e cavallos. Em 31 de dezembro foi sorprendido junto a Santa Thereza por Leonardo Olivera um destacamento brazileiro commandado por um alferes. Em 9 de fevereiro de 1826 o coronel Manoel Oribe com 300 homens derrotou perto do Cerro de Montevidéo 80 homens do esquadrão de Minas, commandados pelo major Brandão. Em 13 de março travou-se perto da Colonia um renhido combate em que Lavalleja foi repellido com grande perda pelas tropas do general Rodrigues. Em 6 de agosto o major Medeiros Costa derrotou em Caraguatá a vanguarda de Ignacio Oribe, ao mando de Claudio Berdun. No mesmo dia o capitão Gomes Lisboa bateu em Toropasso outra força inimiga, arrojando-a á margem direita do Uruguay. Em 31 de outubro o coronel Bento Manoel penetrou no territorio de Corrientes e obteve no Meriñay junto à capella do Rosario (5 de novembro), á frente da 1ª brigada de cavallaria do exercito do Rio-Grande, uma victoria sobre as forças dos coroneis Felix Aguirre e Pedro Toribio. O inimigo teve nesse dia 300 homens mortos, feridos ou prisioneiros, entrando no numero dos mortos o coronel Toribio. Em Caraguatá (6 de agosto) a perda do inimigo foi de 170 homens, sendo 22 prisioneiros, e os demais, mortos ou feridos deixados no campo. O anno de 1826 foi de inacção. As tropas brazileiras reuniam-se na fronteira da provincia do Rio-Grande do Sul e as argentinas organisavam-se no interior da campanha da Banda Oriental. De um e outro lado fizeram-se apenas preparativos para assumir a offensiva.

(3) O marquez de Barbacena não foi nomeado governador da Cisplatina. Desde principios de 1826 era presidente da Cisplatina o general barão de Villa Bella (Magessi). As tropas que occupavam a Colonia e Montevidéo obedeciam ao barão de Villa Bella, e as da provincia do Rio-Grande do Sul ao general Rosado, que substituira o barão do Serro Largo no commando das armas. Depois foi nomeado o general Lecór, visconde da Laguna, commandante em chefe do exercito do sul, isto é, do exercito do Rio-Grande (1826). Não tomou, porém, o commando, porque o Imperador, antes de chegar a Porto-Alegre, deu-lhe successor na pessoa do marquez de Barbacena, que em 1 de janeiro de 1827 assumio o commando do exercito em Sant'Anna do Livramento. Barbacena, pois, comandava o exercito em operações no Rio Grande, e Villa Bella o exercito da Cisplatina, que se reduzia ás guarnições de Montevidéo, Colonia e ilha de Gorriti. Nunca se deu a

20 de fevereiro de 1827 deante do inimigo (1). Depois da declaração de guerra o governo argentino não se demorou em operar efficazmente fazendo marchar uma consideravel divisão, ás ordens do general Alvear, afim de unir-se a Lavalleja e Rivera (2). Estes generaes esperaram o exercito brazileiro no Passo da Rosario (Ituzaingo) e por sua superior cavallaria de gaúchos infligiram ao marquez de Barbacena e ao allemão seu ajudante, general Gustavo Brown, uma decisiva derrota. Simultaneamente com esta

---

devida importancia á guerra do sul pela falsa idéa que se formava dos recursos do governo argentino, e a opposição a D. Pedro I, tanto nas camaras como na imprensa, empregava todos os meios para tornar impopular a luta, attribuindo-a a um capricho imperial. Em 1827 as forças militares do Brazil compunham-se de 27,242 homens de 1ª *linha* (exercito propriamente dito) e de mais de 95,000 de 2ª *linha* (guarda nacional). Apezar da guerra do sul estavam em 1827 na côrte e nas differentes provincias do norte 16,170 homens de 1ª linha. No Rio-Grande do Sul tinhamos apenas 4,916 de 1ª linha e uns 2,000 de 2ª linha, e na Cisplatina, isto é, em Montevidéo, Colonia e ilha de Gorriti, 4,636 de 1ª linha e uns 300 de 2ª linha. — *Total* : no Rio-Grande do Sul pouco mais 6,916 homens, inclusive os milicianos, e na Cisplatina 4,956 homens. Só em fins de 1827, depois da batalha de Ituzaingo, começaram a chegar ao sul os batalhões de linha que o governo tinha conservado em suas respectivas provincias. Si se tivesse feito isso antes, o exito da guerra não teria sido duvidoso, apezar da pressão e das ameaças da Grã Bretanha.

(1) O exercito imperial não invadiu a Banda Oriental, como diz o Sr. Schneider, incorrendo no mesmo equivoco do illustre autor da « Chronica do Primeiro Reinado. » Foram os argentinos e orientaes, dirigidos pelo general Alvear, os que, sentindo-se em estado de invadir a provincia do Rio-Grande do Sul, penetraram em janeiro de 1827, por Bagé. Barbacena estava em Sant'Anna do Livramento com 3.000 homens, e o general Gustavo Brown marchava da villa do Rio Grande com 2,000 e tantos para se lhe reunir. Alvear com cerca de 11,000 homens e 18 bocas de fogo tentou cortar essas duas columnas para batel-as separadamente. Não o conseguio, porém, graças á rapida marcha de Barbacena desde Sant-Anna até o arroyo das Palmas, onde fez juncção com as tropas de Brown. Alvear não se animou a atacar o exercito imperial na posição que occupava no arroyo das Palmas, porque o terreno escabroso não era favoravel ás manobras da cavallaria, principal arma do seu exercito. Simulou por isso que fugia, e poz-se em retirada para S. Gabriel e para o valle do Santa Maria. Barbacena que não conhecia a verdadeira força do exercito republicano entrou a perseguil-o, tendo destacado no dia 9 de fevereiro o coronel Bento Manoel com a 1ª brigada ligeira de cavallaria para observar a direcção que levava Alvear. Depois de marchas violentas feitas no rigor do estio, avistou o nosso exercito o argentino a uma legua do Passo do Rosario, do rio Santa Maria. O exercito brazileiro apresentou em linha 5,567 homens e 12 bocas de fogo, e o argentino cerca de 10,000 e 18 boças de fogo. A cavallaria argentina, muito superior em numero, conseguiu lançar fóra do campo de batalha parte da nossa cavallaria, e tomar a principio tres peças que foram logo retomadas; mas pretendendo romper os quadrados da nossa intrepida infantaria, soffreu perdas immensas. Depois de seis horas de combate, havendo o inimigo, tomado os carros de munições que vinham com a bagagem, retirou se o exercito imperial, pelos Passos de Cacequey e S. Sepé, para o de S. Lourenço, no Jacuhy, salvando toda a sua artilharia menos uma peça que foi abandonada na retirada por terem-se quebrado as rodas. Alvear ficou senhor do campo de batalha, mas não se animou a perseguir em sua retirada o pequeno exercito imperial. Perdemos uns 600 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, mas a perda do inimigo foi muito superior. Retiramo-nos para o Passo de S. Lourenço, ficando parte da cavallaria em S. Sepé, ás ordens do general Sebastião Barreto. O exercito inimigo, depois de entrar em S. Gabriel, poz-se em retirada para Corrales, evacuando a provincia do Rio-Grande. — Em fins de abril tentou Alvear invadir novamente a provincia. Em 23 desse mez procurou sorprender nas pontas de Camacuan, com perto de 3,000 homens, o general Barreto, que apenas tinha 760 de cavallaria miliciana. Barreto fez uma brilhante retirada, e em pouco tempo, por meio de sorprezas diarias, de marchas e contramarchas, poz a pé o exercito inimigo, obrigando-o a retirar-se para o Serro Largo. Nessa segunda campanha obtivemos sempre vantagens. Em 10 de maio, Calderon sorprendeu,em Serro Largo, o coronel Ignacio Oribe e aprisionou todo o corpo desse chefe. Em 23 do mesmo mez Calderon encontrou ainda em Pedras Altas o general Lavalle e obrigou-o a por-se em desordenada fuga pelo Passo dos Carros, no Camacuan. (Os argentinos chamam a este encontro — combate do Herval.)

(2) Rivera em 1826 rompeu com Lavalleja, e viu-se compellido a abandonar a Banda Oriental. Seu nome, pois, deve ser supprimido aqui.

victoria em terra, obteve uma outra a esquadra no rio Uruguay, apoderando-se por sorpreza o almirante Brown de 16 pequenos navios de guerra do Brazil (1). Animado por tal successo, tentou o almirante argentino romper o bloqueio; perdeu, porém, seus dous maiores navios no dia 9 de abril, o que produzio de novo uma pausa nas operações (2). A lucta já tinha custado a ambos os paizes ingentes sacrificios, e reconhecendo o governo argentino que ao Brazil seria possivel prolongar a guerra, resolveu entabolar negociações. O presidente Rivadavia mandou ao Rio de Janeiro o ministro Garcia propôr que o Uruguay fosse pelo Brazil reconhecido estado livre e independente, desistindo os estados platinos de admittil-o em sua federação. Garcia fôra sempre adverso á guerra e deixou-se induzir pelos ministros brazileiros visconde de S. Leopoldo, marquez de Queluz e marquez de Maceió a sacrificar todas as pretenções de Buenos-Aires sobre a Banda Oriental, sem estipular a autonomia d'este paiz. Ainda ninguem explicou o que poderia levar o ministro Garcia a ultrapassar suas instrucções de modo tão descommunal (3). Tornando-se desistencia das antigas pretenções conhecidas em Buenos-Aires, houve manifestações populares contra o presidente Rivadavia que por isso resignou o cargo em 25 de Junho de 1827, enviando antes para o Rio de Janeiro uma nota, pela qual repellia a convenção celebrada por Garcia e annunciava o proseguimento da guerra, que effectivamente recomeçou. O general Alvear foi destituido, sendo Lavalleja revestido do supremo commando. Este fez incursões na provincia do Rio Grande do Sul, apoderou-se de grande quantidade de gado, saqueou as pequenas povoações e até impellio os guaranys das antigas Missões hespanholas dos Jesuitas a emigrarem para a Banda Oriental (4); ao mesmo tempo o general Lecór, que succedêra ao marquez de Barbacena no commando das tropas brazileiras, avançava para o nordeste da Banda Oriental, até o rio Jaguarão. Mallogrou-se um reconhecimento emprehendido por Lavalleja contra a cidade do Rio Grande e ficou indeciso o combate travado em 15 de Abril de 1828 (5).

---

(1) E' o combate naval do Juncal, entre a esquadrilha chamada do Uruguay, ao mando do capitão de fragata Jacintho Roque de Sena Pereira, e a esquadra argentina ao mando do Brown. Os argentinos tomaram 11 navios, dos 16 que tinha Sena Pereira. Tres outros foram incendiados pelos brazileiros e dous conseguiram salvar-se, chegando dias depois á Colonia. A' excepção da escuna *Oriental*, da barca *Bertioga* e do patacho *Januaria*, todos os outros tinham sido saveiros da alfandega do Rio de Janeiro, ou pequenos hiates do Rio-Grande. Alguns eram commandados por sargentos e forrieis de artilharia de marinha, e um havia que poucos mezes antes fôra commandado por um official de cavallaria. A esquadrilha brazileira estava toda espalhada quando foi atacada por Brown. Dias antes (15 de janeiro) atacará Brown no canal de Martin Garcia, com toda a sua esquadra, a divisão de Mariath, sendo repellido. Pouco depois de receber-se no Rio de Janeiro a noticia do revez do Juncal e do máo exito da batalha de Ituzaingo, soube-se que fôra tambem infeliz uma expedição que o almirante Pinto Guedes mandou á Patagonia ás ordens do commandante Sheperd.

(2) Combate da Ponta de Santiago, em abril de 1827. Brown perdeu um brigue, que incendiou, e outro foi tomado pela nossa esquadra. Em 1828 a esquadra argentina estava quasi inteiramente anniquillada. Não cabe aqui memorar todos os combates parciaes que se deram durante o decurso dessa guerra.

(3) Garcia explicou-se em um manifesto que publicou em 1827.

(4) A emigração dos guaranys das Missões deu-se em 1828, já depois de celebrada a paz. Rivera invadio as Missões em abril e maio de 1828, sem encontrar a menor resistencia. Feita a paz, evacuou esse territorio, mas um numero consideravel de guaranys acompanhou-o, emigrando para o Estado Oriental.

(5) Não houve combate indeciso. Lecór ordenou ao general Brown que atacasse os acampamentos do general Julian Laguna e do coronel Latorre no arroyo de las Cañas. Puzeram-se ambos estes chefes em fuga, deixando alguns mortos, 21 prisioneiros, as bagagens e muitos cavallos. Foram incendiados os dous acampamentos (15 de abril de 1828.) O general argentino Paz, que já marchava sobre a villa do Rio-Grande, retrogradou ao

Com isto terminou propriamente a guerra. As nações maritimas protestaram contra o bloqueio do Rio da Prata pela esquadra brasileira e chegaram a demonstrações muito sérias, como, por exemplo, o apparecimento no porto do Rio de Janeiro de uma esquadra franceza sob o commando do almirante Roussin. Sendo tambem a guerra antipathica ao povo brazileiro (1), viu-se o Imperador afinal constrangido a aceitar propostas de paz. Para esta resolução contribuiram principalmente o levantamento dos batalhões estrangeiros em 9 de junho de 1828, que roubou ao Imperador um de seus mais solidos apoios, e as perturbações originadas em Portugal onde D. Miguel usurpou o throno.

Assim se restabeleceu a paz, desistindo o Brazil definitivamente de sua provincia Cisplatina e abandonando os argentinos suas pretenções ao territorio disputado. A Banda Oriental devia formar uma republica independente com a constituição que lhe approuvesse, sem interferencia alguma dos estados limitrophes, e os dous contendores se compromettiam a proteger por cinco annos o novo estado (2). Ficou, porém, uma clausula nestes

---

receber essa noticia. Ao mesmo tempo foi atacada e destruida na barra do S. Luiz (Lagoa Mirim), pelo 2º tenente Souza Junqueira, que commandava as pequenas canhoneiras *Taquarembó*, *Valerosa* e *Vigilante*, a flotilha inimiga ao mando do major Silva, que ficou prisioneiro, composta da canhoneira *Lavalleja*, e de 5 hiates e embarcações pequenas (23 de Abril de 1828). Frustrou-se assim a tentativa do inimigo sobre o Rio-Grande.

(1) Sabe-se que o governo do imperador D. Pedro I nunca poude reunir maioria na camara dos deputados. A opposição desse tempo julgou dever explorar a mina da guerra do sul para tornar impopular esse principe. Veja-se principalmente a discussão da resposta á falla do throno em 1826. O imperador fallara na necessidade de sustentar-se a incorporação da Cisplatina. Na resposta da camara dos deputados não se disse uma palavra sobre a Cisplatina. O ministro Clemente Pereira, obtendo a palavra na sessão de 12 de maio, fez a seguinte declaração : « Devo informar á camara, que não se tendo especificado no discurso do illustre orador a acção de graças que esta camara votou ao throno pelos esforços feitos para a conservação da provincia Cisplatina, como se deliberára, eu disse a S. M. Imperial que a camara tambem lhe rendia agradecimentos por aquelle motivo. Não sei si me conformei com o voto da camara... » O deputado Odorico Mendes observou logo que o ministro *se adiantara*. Fallaram sobre a questão o mesmo Odorico Mendes, Bernardo de Vasconcellos, Lino Coutinho, Souza França, Marcos de Souza (orador da deputação da camara), Vergueiro, Duarte da Silva, Paula e Souza, e Baptista Pereira. Todos reprovaram o que fez Clemente Pereira. A camara por uma votação especial declarou : 1º que approvava a resposta á falla do throno lida por Marcos de Souza; 2º que reprovava o additamento de Clemente Pereira. — Já anteriormente, em 1823, a assembléa constituinte se mostrara infensa á incorporação. Ao tratar-se da Cisplatina, disse o deputado José de Alencar : « Mudaram as circumstancias; a justiça de um imperio livre talvez não seja a conveniencia de uma colonia escravisada. E' preciso lembrarmo-nos que a incorporação da Cisplatina foi feita á força de armas ». E requereu que ficasse adiado o exame da questão. O deputado Silva Maia, sustentando esse requerimento, disse : « Si tomamos o Rio da Prata ao sul por ser uma divisa natural e bem visivel, então pela mesma razão deveriamos tomar por divisa, ao norte, o Amazonas, o que seria em grande prejuizo das possessões que temos para lá desse rio. Mas assim como não devemos perder o que de certo nos pertence, não devemos querer o que pertence aos vizinhos, estendendo-nos até ao Prata. Não faltemos ás regras e principios de justiça. » A constituinte adheriu a essas observações e não incluiu entre as provincias do Imperio a Cisplatina, adiando a questão. Como se sabe, foi pouco depois dissolvida essa Assembléa e começou a luta politica que acabou em 7 de abril de 1831 pela abdicação de D. Pedro I. — O governo do imperador, além das difficuldades internas, viu-se a braços com a opposição da Grã-Bretanha, que protegia decididamente a causa do governo argentino. Logo no começo da guerra appareceram as ameaças do governo inglez, observando Canning ao nosso ministro em Londres, visconde de Itabayana, que « *a Inglaterra não podia ser indifferente espectadora de uma semelhante luta, nem permanecer neutral; e que estava resolvida a abraçar o partido de Buenos-Aires, si dentro de seis mezes não estivesse concluida a paz.* »

(2) Convenção preliminar de paz, de 27 de agosto de 1828, celebrada sob a mediação de S. M. B. — « De ha muito o Brazil anciava. » diz o visconde de S. Leopoldo em seus *Annaes*, « não por augmento de territorio de que não carecia, mas por limites

ajustes de paz, que deixava entrever a possibilidade de nova guerra, se no prazo de cinco annos depois d'este tratado preliminar, celebrado sob a mediação ingleza, não estivesse concluido o tratado definitivo (1). Nas terras do Prata quizeram enxergar neste ponto o pensamento occulto do Imperador de renovar as hostilidades em occasião favoravel; lembraram-se, todavia, que obtinham um repouso de cinco annos, durante os quaes a Banda Oriental poderia desenvolver melhores elementos de resistencia. Foi ratificado portanto em Montevidéo o tratado preliminar em 4 de outubro de 1828 (2). As guarnições brazileiras evacuaram todas as praças occupadas; o bloqueio levantou-se, e em 23 de abril de 1829 (3) constituiu-se a provincia Cisplatina em estado independente. Até então effectuára-se a demarcação, ao menos approximadamente, dos limites entre a provincia do Rio Grande do Sul e o novo estado. Emquanto a Banda Oriental pertenceu ao Brazil com o nome de provincia Cisplatina estabeleceram-se no norte do paiz muitos fazendeiros brazileiros (em hespanhol *Estancieros)*, que, fundando grandes estancias de criação de gado, formaram uma especie de aristocracia territorial nessas regiões até então incultas. A principio inclinavam-se todos elles ao partido do Imperador e formavam o equilibrio contra Montevidéo. A frouxa direcção que os generaes imperiaes deram á guerra, os pezados encargos que tiveram de supportar pela longa inacção das tropas, e a esperança de alcançar maior importancia em um estado republicano induziram estes estancieiros a declarar que queriam pertencer á Banda Oriental. O Brazil exigia a demarcação de uma nova linha divisoria ao sul dos estabelecimentos luso-brazileiros; o Estado Oriental, porém, exigia o mesmo limite da antiga provincia e era neste particular apoiado pelos proprios fazendeiros brazileiros. Necessitando de paz, cedeu o Brazil neste ponto e a Republica Oriental ufanou-se de obter este novo accrescimo de povoação, que mais tarde devia causar tantas complicações.

O congresso reunido em Montevidéo, grato ao auxilio prestado por Buenos-Aires contra o Brazil, conferiu ao general argentino Rondeau a presidencia provisoria da republica, e promovendo elle com grande imparcialidade a organisação do novo estado, foi a constituição approvada em 24 de março de 1830 pelas duas potencias garantidoras, o Brazil e a Inglaterra (4), começando logo a ser executada. O primeiro acto politico do novo

---

naturaes e invariaveis, que lhe dessem garantias de segurança, de paz estavel, e de permanente ordem interna; eis explicada a causa porque com franqueza, sem debates nem difficuldades, se concluiu a mencionada convenção, logo que os negociadores argentinos vieram, não a receber a joia da Cisplatina, mas a desistir della; não a sustentar a pretenção da republica sobre ella, mas a ceder do direito com que a mesma republica se supunha, de incluil-a no seu territorio; não a ganhar, mas a perder. »

(1) Não era essa precisamente a estipulação do art. 18º. O art. 18º determinava que depois da troca das ratificações as duas altas partes, contractantes tratariam de nomear plenipotenciarios para ajustar o tratado definitivo de paz, e o art. 18º dizia : « Si, o que não é de esperar, as altas partes contractantes não chegarem a ajustar-se no sobredito tratado de paz, por questões que possam suscitar-se, em que não concordem, apezar da mediação de S. M. B., *não poderão renovar-se as hostilidades entre o imperio e a republica, antes de serem passados os cinco annos estipulados no art. 10* ; e mesmo depois de passado este prazo as hostilidades não poderão romper-se sem prévia notificação feita reciprocamente seis mezes antes, com conhecimento da potencia mediadora. » Ainda hoje o Brazil e a Republica Argentina não chegaram a accordo sobre o tratado definitivo de paz.

(2) A convenção foi ratificada em 30 de agosto pelo Imperador do Brazil e em 29 de setembro pelo governo argentino.

(3) Essa é a data de evacuação de Montevidéo pelas tropas brazileiras que ahi tinham ficado em virtude da convenção preliminar de paz.

(4) A constituição da Republica Oriental, foi approvada em 10 de setembro de 1829 pela Assembléa Geral Legislativa e Constituinte do novo Estado. Depois de examinada

estado era a eleição do seu presidente e este não podia ser senão o general Fructuoso Rivera, o favorito de todos os orientaes, o mesmo que com Lavalleja hasteára o pendão da independencia patria. Modestamente retirou-se Rondeau, levando a satisfação de haver contribuido para a organisação da republica. Rivera conservou a presidencia durante o quatriennio marcado pela lei Succedeu-lhe, em 9 de março de 1835, Manoel Oribe que não tardou em manifestar suas tendencias dictatoriaes e, despertando contra si o descontentamento da povoação rural, só se manteve pela adhesão da cidade de Montevidéo. Ou por patriotismo ou por ambição, Rivera collocou-se á frente de um pronunciamento em nome da « nação illudida » e declarou a presidencia de Oribe insupportavel. D'este tempo datam as denominações dos dous partidos, que ainda hoje entre si disputam o poder. Os partidarios de Rivera chamaram-se — Colorados — e os de Oribe — Blancos — ou — Blanquillos —. Entre elles não ha distincção de principios politicos; são apenas dous partidos igualmente avidos de poder. Oribe tinha a seu favor a cidade de Montevidéo, os negociantes abastados e os grandes proprietarios, bem como o decidido apoio da França (1); Rivera era sustentado por toda a população rural, pelos gaúchos e pelos unitarios ou centralistas expulsos de Buenos-Aires pelo seu inimigo, o dictador Rosas. Rivera, para angariar os serviços d'esses emigrados, prometteu-lhes auxilio contra Rosas. Oribe, por sua vez, sollicitou o apoio de Rosas contra Rivera (2), fazendo-lhe ver que se este triumphasse, romperia contra Buenos-Aires as hostilidades. Sem declaração de guerra achavam-se o Estado Oriental e Buenos-Aires em estado de hostilidades e a lucta proseguiu de 1839 em diante em ambos os territorios nas circumstancias as mais singulares, incomprehensiveis e contradictorias. N'esta contenda manifestou-se toda a animosidade de Buenos-Aires contra Montevidéo em via de rapido florescimento; facto, que em todas as lutas até nossos dias profunda impressão causa ao observador. Obrigado a deixar a cidade de Montevidéo, Oribe a sitiava em maio de 1842 com tropas argentinas que lhe foram confiadas pelo dictador Rosas, não só do lado do rio, por meio de um forte bloqueio, como tambem do lado de terra, de fevereiro de 1843 em diante. Rivera, pelo contrario, tinha concluido uma alliança com as provincias de Entre-Rios e Santa Fé revoltadas contra Buenos-Aires, mas foi batido em 6 de Dezembro de 1842 no Arroyo Grande por Oribe e pelo general argentino Urquiza. Separado da capital pelo assédio estabelecido por Oribe, lançou-se Rivera sobre o territorio argentino e pelejou pelos centralistas (unitarios) contra os federalistas capitaneados por Oribe e Urquiza, até que batido completamente por estes, em 27 de março de 1843, perto de India Muerta, teve de refugiar-se no Brazil. Ahi não encontrou apoio algum, porque a Regencia que governava em nome do joven Imperador D. Pedro II (3), nenhum desejo tinha de envolver-se nas questões domesticas do estado visinho, cujas feridas lhe exhauriam a vida. Sendo Suarez eleito presidente

---

no Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1830, pelos commissarios do Brasil a da Republica Argentina (em virtude do art. 7º da convenção preliminar), foi jurada em 18 de Julho do mesmo anno.

(1) Quanto ao apoio da França o autor está evidentemente em erro.

(2) Depois de varios combates parciaes, as forças do presidente Oribe foram derrotadas no Palmar pelas do general Rivera, sendo Oribe obrigado a fugir para Buenos-Aires quando faltavam tres mezes para que terminasse o periodo constitucional da sua presidencia. Voltando depois á frente das tropas argentinas que o dictador Rosas entregou-lhe, Oribe sitiou Montevidéo, e, por ter-lhe sido arrancado o poder antes do prazo da lei, usava então do titulo de — Presidente legal.

(3) Em 1843 já tinha cessado o governo da Regencia.

em 1843 (1) para succeder a Oribe, teve de sustentar uma dupla luta não só contra Oribe como contra Rivera. Na verdade em 1846 voltou Rivera do Brazil para sua patria, por lhe parecer ensejo favoravel para uma revolução em Montevidéo; foi, porém, em 27 de janeiro de 1847, completamente batido no Salto, e desistiu de novas agitações, vivendo até 1853 arredado da scena politica. Em vez da guerra civil teve o presidente Suarez (2) de lutar com Buenos-Aires, e esta luta, sem assumir até o anno de 1851 grandes proporções, não deixou todavia de cançar o paiz. Não havendo esperança de conquistar a paz pelas armas, ficou fóra de toda a duvida que Buenos-Aires só tinha em mira paralysar a futura rival. As cousas só tomaram uma feição favoravel ao Estado Oriental quando o general argentino Urquiza, governador da provincia de Entre-Rios, se separou de Rosas, presidente da Confederação, e recorreu ás armas. O Estado Oriental voltou-se então para o Brazil e achou apoio, pois tratava-se de expellir o tigre do Prata, como chamava o povo ao sanguinario despota Rosas. Celebrou-se em 29 de maio de 1851 uma triplice alliança entre o Estado Oriental, o Brazil e Entre-Rios, em virtude da qual Urquiza, com os entre-rianos e correntinos, e o general conde de Caxias, á frente de um exercito brazileiro, invadiram o Estado Oriental (3). Com elles uniu-se o general oriental

---

(1) Suarez occupou a presidencia da Republica como *vice-presidente* (era presidente do senado) durante todo o tempo do sitio de Montevidéo e antes de começar este. Não foi eleito para succeder a Oribe. Na segunda presidencia de Rivera marchando este para a campanha afim de dirigir as operações contra Oribe, ficou Suarez em Montevidéo á frente do governo.

(2) No texto allemão diz-se erradamente *Juarez*.

(3) O sanguinario general Rosas governava despoticamente desde 1835 a Confederação Argentina. Era governador de Buenos-Aires e encarregado das relações exteriores pelos differentes estados que compunham a Confederação. Não precisamos recordar aqui os horrorosos attentados que praticou para exterminar o partido *unitario*, afogando em sangue sua patria, e obrigando tudo o que havia de mais illustre no paiz a emigrar para Montevidéo, para o Brazil e para o Chile, afim de escapar ao *deguello* e á *mazhorca*... São factos mui recentes, e que ainda estão na memoria de todos. As palavras que precediam todos os documentos officiaes desse tempo, até mesmo as peças diplomaticas, definem bem o celebre dictador : « *Viva a Confederação Argentina! Morram os selvagens unitarios!* » Tal era o barbaro grito de exterminio levantado por esse tyranno feroz. O projecto favorito de Rosas era o que ainda hoje afagam todos os politicos argentinos : — absorver o Estado Oriental do Uruguay e a Republica do Paraguay, reconstruindo o antigo vice-reinado hespanhol do Rio da Prata. A politica internacional do Brazil, creada pelo partido conservador e principalmente pelo illustre ministro Paulino de Souza, visconde do Uruguay, consistia então, como ainda hoje, em manter a independencia dos dous estados ameaçados pela ambição argentina. Para destruir a independencia do Estado Oriental enviou o dictador argentino um exercito encarregado de apoiar as pretenções de Oribe. Uma outra expedição se preparava contra o Paraguay, e, depois de submettidos os dous paizes, seria declarada a guerra ao Brazil. O governo imperial, mais desembaraçado depois que em 1845 terminou a guerra civil do Rio Grande do Sul, começou a preparar-se para destruir os planos do dictador. Essa sabia politica entrou a ter execução depois que em 29 de setembro de 1848 se organisou o gabinete de que faziam parte o marquez de Monte-Alegre, o visconde de Uruguay, Eusebio de Queiroz e outros notaveis estadistas conservadores. As desintelligencias com o general Rosas, e o tom insolente que este tomou em relação ao Imperio, começaram desde que promovemos o reconhecimento do Paraguay como nação soberana e independente por varios governos europeus. O representante argentino no Rio de Janeiro reclamou energicamente contra este reconhecimento, sustentando que o Paraguay era uma provincia rebellada da Confederação, mas o governo imperial, firme na politica que adoptara, continuou a prestar todos os bons officios e soccorros a Carlos Lopez, então presidente daquella republica. Officiaes brazileiros passaram-se á Assumpção e construiram as primeiras fortificações da celebre Humaitá. Um delles foi Willagran Cabrita, que em 1866 morreu de uma bala paraguaya defendendo o Banco de Itapirú, conhecido tambem por — Ilha da Redempção, ou Ilha da Victoria. O governo francez defendia, contra Oribe e o exercito de Rosas, o governo legal da Republica Oriental do Uruguay, que se achava reduzido ao recinto de Monte-

Garzon, e apparecendo nas aguas do Prata uma esquadra brazileira, foi o general Oribe forçado a levantar o assedio de Montevidéo, que já durava oito annos, e a deixar o acampamento do Cerrito, perto da cidade.

Sendo as forças de Oribe completamente desbaratadas em Las Piedras no dia 3 de outubro de 1851, fizeram as tropas alliadas sua entrada trium-

---

vidéo; mas afinal retirou o corpo de tropas que tinha nessa praça, e reduzio o auxilio pecuniario que prestava ao governo oriental. A convenção Le Predour, entre a França e o governo de Buenos-Aires, poz termo á intervenção franceza no Rio da Prata. O governo imperial, porém, que já em 25 de dezembro de 1850 celebrára um tratado de alliança defensiva com o governo do Paraguay, declarou, pela nota de 16 de março de 1851, ao ministro oriental, que o Brazil obstaria a que a praça de Montevidéo fosse presa do general Oribe, logar-tenente de Rosas. Quasi ao mesmo tempo as duas provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, governadas pelos generaes Urquiza e Virasoro, declararam que aceitavam a renuncia do poder supremo feita em 1850 pelo dictador Rosas ,e reassumiam « o exercicio das faculdades inherentes á sua soberania, delegadas no governador de Buenos-Aires para a direcção dos negocios de paz e guerra da Confederação. » Tinham-se precipitado os acontecimentos : era tempo de obrar.

A irritação de Rosas chegara ao auge, e em seus documentos officiaes fallava-se ás escancaras em guerra « *ao infame gabinete do Brazil* » e ao « *louco selvagem unitario Urquiza.* » Tambem no Brazil a opinião publica pedia a altos brados a guerra á vista do desprezo com que Rosas e Oribe haviam tratado sempre as justas reclamações do governo imperial pelos barbaros attentados praticados contra os subditos brazileiros estabelecidos na Banda Oriental. A excitação tinha chegado a tal ponto, particularmente na provincia do Rio Grande do Sul, que, em fins de 1849 e principios de 1850, o coronel da guarda nacional Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuhy, reunio um corpo de aventureiros rio-grandenses, e, violando as ordens do governo, burlou a vigilancia dos commandantes da fronteira, penetrando no Estado Oriental com o fim de exercer represalias contra as tropas de Oribe. Graças á actividade que desenvolvera o governo imperial, em 1851 tinhamos no Rio da Prata uma poderosa esquadra ás ordens do almirante Greenfell, e no Rio Grande do Sul estava reunido todo o nosso exercito, além da guarda nacional da provincia, que toda estava em armas. Era presidente dessa provincia e commandante das armas o marechal duque de Caxias. Em 29 de maio desse anno celebrou-se em Montevidéo uma alliança offensiva entre o Imperio do Brazil, a Republica Oriental do Uruguay e o Estado de Entre-Rios « para o fim de manter a independencia da mesma Republica Oriental, fazendo sahir do territorio desta o general Oribe e as tropas argentinas que commandava (art. 1º do convenio) ». Não houve como diz o Sr. Schneider um combate de las Piedras. O marechal Caxias penetrou em setembro de 1851 na Banda Oriental á frente de 20,000 brazileiros e de alguns corpos de voluntarios orientaes. O general Urquiza, com o exercito entre-riano e alguns contingentes correntinos e orientaes, atravessou o Uruguay, marchando contra Oribe. Tropas brazileiras desembarcaram em Montevidéo reforçando a guarnição do Cerro, e a esquadra do almirante Greenfell cortou as communicações entre Rosas e Oribe. Não houve combates : apenas em 12 de agosto, na ponta de Ramallo, e em 14 do mesmo mez em S. Nicoláo, as baterias rosistas fizeram algum fogo contra a esquadra de Greenfell, contendo-se logo que esta disparou os primeiros tiros, e em 11 de setembro, perto do Serro Largo, o coronel barão de Jacuhy atacou e poz em fuga uma divisão inimiga ao mando de Dionisio Coronel. Oribe não se defendeu, e, á aproximação do general Urquiza, capitulou em 10 de outubro, ficando pacificada a Banda Oriental. As tropas de Buenos-Aires que serviam ás ordens de Oribe reuniram-se a Urquiza. Em 21 de novembro concluiu-se em Montevidéo, entre o plenipotenciario brazileiro marquez de Paraná, o governo da Republica Oriental e os de Entre-Rios e Corrientes, um convenio de alliança contra o dictador de Buenos-Aires. O Paraguay que em 14 de outubro adherira á alliança de 29 de maio, não concorreu com um só soldado para a guerra. Urquiza, como general commandante da vanguarda do exercito alliado, passou-se para Entre Rios e invadiu a provincia de Buenos-Aires com 20,000 entrerianos, corentinos, e soldados de Buenos-Aires, 4,020 brazileiros commandados pelo general Marques de Souza (conde de Porto-Alegre) e 1,970 orientaes ás ordens do general Cezar Dias. O resto do exercito brazileiro (16.000 homens) ficou na Colonia do Sacramento, prompto para desembarcar perto de Buenos-Aires logo que Urquiza se avisinhasse dessa capital. Em 17 de dezembro o almirante Greenfell com a fragata a vapor *D. Affonso*, corveta *Recife* tambem a vapor, corvetas *D. Francisca* e *União*, brigue *Caliope* e vapores *Pedro II* e *D. Pedro*, forçou a barrança do Tonelero, defendida pelo general Mancilla, com 2,000 homens e 16 peças de artilharia, e foi desembarcar na ponta do Diamante a divisão brazileira do conde de Porto Alegre e proteger a passagem do exercito de Urquiza. O exercito alliado marchou sobre Buenos-Aires.

phal em Montevidéo no dia 8 do mesmo mez (1). Por sua prompta cooperação, e por sua generosidade depois da victoria, o joven Imperador mostrou seu desinteressado respeito pela autonomia do estado visinho e provou que não nutria o desejo, attribuido a seu pai, de rehaver a Banda Oriental como provincia brazileira (2). Foi tal a moderação do Brazil, que o seu embaixador e o seu general nem de leve influiram na eleição do presidente, a qual se fez em 1 de março de 1852; pelo contrario, toleraram que se escolhesse para este elevado cargo um blanco decidido, Juan Francisco Giró, partidista de Oribe e inimigo declarado do Brazil. E' verdade que desde então o Brazil retirou sua protecção e exigiu do novo governo indemnisação das despezas militares e garantias de justiça para os subditos brazileiros estabelecidos no norte do Estado Oriental, os quaes desde a independencia da republica tinham colhido dolorosa experiencia, e essencialmente concorreram para que o Brazil prestasse auxilio ao povo oriental e ao governo legitimo, e puzesse termo á anarchia e ao barbaro despotismo de Oribe. Bem que os estadistas orientaes não deixassem de reconhecer que só o apoio do Brazil os livrára da oppressão, não quizeram comtudo annuir á indemnisação de despezas de guerra, e o Brazil deu então nova prova de benevolencia, consentindo em um prazo, para que a tranquillidade recuperada produzisse seus beneficos effeitos.

Não foi, porém, prolongado este socego, pois, seguindo Giró com os blancos a politica despotica de Oribe (3), provocou uma nova revolução, em 24 de setembro de 1853, cujo resultado foi a sua quéda e a installação de um triumvirato como governo provisorio. Este triumvirato compunha-se de Rivera, que voltava á scena politica, de seu antigo companheiro Lavalleja e do coronel Flôres. Fallecendo Rivera alguns mezes depois (4), foi escolhido presidente pelo tempo de dous annos, em 11 de março de 1854, Venancio Flôres. O governo imperial receiou novas commoções e difficuldades da parte dos blancos, cujo partido fôra vencido, mas não aniquilado, e querendo dar apoio ás suas reclamações, que datavam de 1852, penetraram, 4,000 brazileiros no norte do Estado Oriental, abstendo-se, porém, de qualquer ingerencia nas questões internas de Montevidéo, e de qualquer

---

Rosas esperou-o com cerca de 25,000 homens, que se formaram desde Santos Logares até a chacara de Monte Caseros, perto de Moron. No dia 3 de fevereiro travou-se ahi a batalha chamada de Monte Caseros, que poz fim á guerra. Completamente desbaratado pelos alliados, fugiu para Buenos-Aires o dictador, e refugiou-se a bordo de um navio de guerra inglez. A' divisão brazileira coube a principal parte na victoria, porque foi a que atacou á bayoneta e apoderou-se da chacara de Caseros. Os brazileiros só por si tomaram 34 bocas de fogo, muitos prisioneiros, e 1 bandeira que foi arrebatada ao official que a conduzia por um soldado do 2º regimento de cavallaria, ao mando do então tenente coronel Ozorio. A perda dos alliados foi de uns 500 homens, mortos e feridos : os brazileiros tiveram 100 homens fóra de combate.

(1) Fica rectificado este trecho com a nota anterior.

(2) O Brazil tem dado mais de uma prova de que não abriga os planos de conquista que lhe têm sido attribuidos. O desinteresse com que procedeu em 1852, depois da victoria de Caseros, e em 1870 depois de terminar a sanguinolenta guerra do Paraguay, deve ter desillulido a todos os que em boa fé lhe imputavam taes planos. No primeiro reinado o imperio obedecia ainda ás tendencias e á velha politica da metropole, mas com o tempo modificou-se essa politica, identificando-se completamente o governo com a opinião nacional. Vivemos á larga em nossas fronteiras, e sabemos bem que o que nos cumpre fazer é conquistar para a civilisação as nossas vastas e fertilissimas florestas. O que desejamos sinceramente é que os nossos visinhos nos deixem em paz. Territorios temol-os de sobra.

(3) Ha nisto exageração. Giró revelou no governo falta de tino, mas não foi um despota sanguinario como Oribe. Seus erros politicos produziram os movimentos de 18 de Julho e 24 de Setembro de 1853, e a sua quéda do poder.

(4) Lavalleja havia fallecido um mez antes.

pressão militar sobre os partidos politicos (1). A administração do presidente Flôres parecia caminhar desassombrada. Sendo antes soldado do que estadista, genuino typo do gaúcho, não mostrava Flôres aptidão para melhorar a situação, mas ao menos patenteava boas intenções e o preciso tino para viver em harmonia com o Brazil, seu poderoso visinho. Algumas das medidas que adoptou até denotam habilidade politica, como, por exemplo, o decreto concedendo, do dia 1 de janeiro de 1855 em diante, ás nações maritimas, a livre navegação de todos os rios da republica, até onde elles pudessem ser percorridos por navios de maior calado. Certamente tal concessão nunca teria sido feita por homens do partido blanco, e sempre estes lhe guardaram tanto rancor, que Flôres, sem confiança nos habitantes de Montevidéo, retirou-se com todas as tropas quando o general Oribe, em 28 de setembro de 1855, entrou com alguns navios no porto da capital e animou o partido blanco a desacatos contra o governo (2). Flôres deixou Montevidéo e estabeleceu nos arredores seu acampamento afim de esperar o desenlace dos acontecimentos. Os blancos organisaram um governo provisorio e tudo presagiava novas scenas de sangue. Deu-se então uma intervenção dos representantes das nações estrangeiras, que conseguiram do congresso não ser escolhido presidente nenhum dos dous antagonistas, mas sim um terceiro, que foi Manoel Bustamante. Os diplomatas estrangeiros fizeram com que Flôres renunciasse á presidencia e Oribe não acceitasse o cargo, caso fosse eleito, e assim evitaram novo derramamento de sangue. Ambos os pretendentes declararam reconhecer como provisoria a eleição de Bustamante até o dia 1 de março de 1856, limitando-se desde então ao papel de meros defensores da constituição. Assim parecia consolidada a paz, e o Brazil retirou suas tropas do Estado Oriental. Apenas isto aconteceu, promoveram os blancos uma sublevação, que foi comprimida por Flôres em Montevidéo e por Oribe nas povoações do campo (3). Resta-

---

(1) Esta divisão de 4,000 homens era commandada pelo general Pereira Pinto (Francisco Felix de Fonseca). Não occupou o norte do Estado Oriental, mas sim a cidade de Montevidéo, a pedido do governo oriental. Interessado no restabelecimento da ordem publica n'esse paiz, e obrigado a prestar apoio moral e material ao governo da republica, em virtude do tratado de amizade e alliança de 12 de Outubro de 1851, o Brazil attendeu á requisição feita pelo governo de Montevidéo e ordenou que aquellas tropas occupassem provisoriamente o Estado Oriental. A entrada da divisão brazileira não teve por fim, como se vê, prestar apoio a reclamações do governo imperial.

(2) Isto não é exacto. Oribe não se apresentou em Montevidéo com uma esquadrilha, nem Flôres se retirou com suas tropas. Preparado já o movimento revolucionario, que fez explosão em 28 de Agosto de 1855, pelo partido conservador, nascido da scisão da dos colorados, unio-se aquelle novo partido com a grande maioria dos blancos contra o general Flôres. Oribe chegou então a Montevidéo a bordo de uma barca hespanhola procedente de Barcelona, onde elle se achava desde 1853. A liga dos conservadores colorados e dos blancos formou a chamada *União Liberal*. Dominada a capital pelos elementos de que se compunha essa liga, Flôres reunio no Cerrito e na villa da União os seus partidarios de Montevidéo e da campanha. Todos os departamentos do campo, sem excepção, reconheciam a autoridade de Flôres. Oribe, que se tinha passado da barca hespanhola, que o conduzira, para um navio de guerra da mesma nacionalidade, desembarcou então, e poucos dias depois firmou-se entre elle e Flôres o pacto de novembro, pelo qual se compromettiam os dous caudilhos a sustentar o governo existente, não organisado pelos *blancos*, como diz o autor, mas aceito pela revolução, isto é, pela chamada *união liberal*, e pelo proprio Flôres, como o unico meio de salvar a situação e dar-lhe caracter legal. Bustamante tomára posse do governo não por eleição do congresso, mas porque, sendo presidente do senado, e por conseguinte vice-presidente da republica, acephalo o governo, competia-lhe a primeira magistratura do paiz até á nova eleição, que se realisou no 1º de março de 1856, sendo eleito presidente Gabriel Antonio Pereira.

(3) O autor provavelmente refere-se á revolução de 27 de Novembro de 1855, continuação da de 28 de Agosto do mesmo anno, mas não foi o partido blanco quem a fez, e sim o partido conservador, que, tendo á sua frente Muñoz, fortificou-se na casa do governo,

belecida a ordem em 1 de março de 1856, o paiz procedeu em completa liberdade á eleição do novo presidente. Oribe e Flôres, fieis á sua palavra, não se apresentaram candidatos, e Bustamante de sua parte, tambem renunciou. Foi eleito Gabriel Antonio Pereira, opulento proprietario rural, que até então se não distinguira na carreira politica (1), mas que tambem não se achava nas condições de assegurar ao paiz tranquillidade duradoura. Morendo Oribe em novembro de 1857, perderam os blancos seu chefe, mas nem por isso diminuiu a influencia que exerciam sobre o presidente Gabriel Pereira, que deixou perseguir violentamente aos colorados e muito principalmente aos fazendeiros do norte.

Flôres, chefe dos colorados, desejando pôr um paradeiro a estes desatinos, não foi estranho á formação dos bandos de insurgentes, que em fins de 1859 (2) mostraram desejos de sorprender Montevidéo. E' verdade que elle não figurou como candidato á presidencia, mas apoiou a candidatura do colorado Freire, em cujo auxilio appareceu no porto de Montevidéo o general Cesar Diaz, vindo de Buenos-Aires com 100 homens, e exigindo a deposição de Gabriel Pereira. Não tendo forças sufficientes para aggredir a capital, Cesar Diaz desembarcou em um ponto affastado, e, dirigindo-se para o interior do paiz, fez juncção com os insurgentes dirigidos por Freire. Encontrando Gabriel Pereira na pessoa do Dr. Carreras um ministro energico e resolvido a pôr termo a esta anarchia chronica, indusiu o general Medina a ir ao encontro dos insurgentes. Medina encontrou o inimigo no dia 15, bateu-o, e obrigou-o a render-se no dia 28 em Quinteros, no Rio Negro. Cesar Diaz, Freire, e mais 25 officiaes, se entregaram sob a condição de se lhes poupar a vida, e esta condição foi aceita pelo governo, graças á pressão dos ministros das nações estrangeiras. O ministro Carreras julgou poder violar impunemente esta promessa e clandestinamente mandou ordem para serem fuzilados todos os insurgentes aprisionados em Quinteros. Esta carnificina tinha por fim restabelecer a tranquillidade, que de facto se restabeleceu, mas, dando causa a posteriores luctas, serviu por muito tempo de grito de guerra entre os partidos enraivecidos. Certamente, com esta victoria supplantou o partido blanco qualquer tentativa de resistencia, e o proprio general Flôres, obrigado pelas aggressões de alguns jovens, que n'elle viam o promotor dos actos de Cesar Diaz e Freire, deixou Montevidéo e retirou-se para Buenos-Aires, onde lhe confiaram o commando de uma expedição militar contra os Indios da fronteira (3). A esta violenta explosão succedeu uma apathia, pelo que o Brazil e a Republica Argentina convieram em não ingerir-se para o futuro nas questões domes-

---

em Montevidéo, e sustentou tres dias de luta nas ruas dessa capital. Os blancos que sobreviveram á união liberal abandonaram Muñoz, rompendo o accôrdo de Agosto, e a maior parte delles unio-se a Flôres e Oribe, que tinham seu quartel general no Cabildo. Outros conservaram-se indifferentes á luta.

(1) Gabriel Pereira distinguira-se na politica do seu paiz desde o primeiro congresso, em 1825.

(2) Isto aconteceu em Janeiro de 1858, porém não foi Flôres quem preparou o movimento, pois achava-se ausente em Entre-Rios. Tambem não se tratava de candidaturas presidenciaes, pois já estava eleito Gabriel Pereira, havia quasi um anno. O general Freire foi o unico chefe do movimento. Morreu fuzilado apezar de ser um dos veteranos da independencia oriental.

(3) Tudo isto é inexacto. Flôres não se moveu de Entre-Rios desde que em 1856 deixou Montevidéo, dias depois da eleição de Gabriel Pereira. Servio, é certo, no exercito argentino, porém mais tarde, por occasião da guerra entre a provincia de Buenos-Aires e o resto da Confederação Argentina. Flôres desde 1856 esteve ausente do Estado Oriental, e só voltou á sua patria em 19 de Abril de 1863 para derrubar o presidente Berro.

ticas do paiz intermedio. Tambem o Estado Oriental se convenceu que a protecção de um d'estes estados mais poderosos sempre acarretaria novas dissenções. O protectorado estrangeiro, que não deixava perecer o pequeno estado, nem por isso lhe assegurava condições de melhor existencia. Talvez por isso assignou-se no Rio, em 2 de janeiro de 1859 um tratado entre o Brazil e a Confederação Argentina. Os signatarios foram, por parte do Brazil, José Maria da Silva Paranhos (hoje, 1871, visconde do Rio-Branco e presidente do conselho de ministros) e o visconde do Uruguay; por parte da Confederação Argentina, Luis José de la Peña, e por parte da Republica Oriental, Andrés Lamas.

Este tratado, que não passa de uma revisão dos tratados anteriores, estatue que nunca será o Estado Oriental incorporado ao Brazil ou á federação dos estados argentinos, nem se collocará debaixo da exclusiva protecção de uma das potencias contractantes, nem poderá ceder parte de seu territorio a qualquer dellas. Além d'isso os dous estados se compromettem a defender em commum contra qualquer ataque a independencia e integridade da Republica Oriental. Assim se estabeleceu para este paiz a posição politica, que para outros estados se obteve por meio da declaração de neutralidade. Annuio-se tambem promptamente ao direito que para si reservou o Estado Oriental de appellar, no caso de divergencias, para a Inglaterra e a França (1). Por mais perniciosa que fosse a acção das revoluções no interior do paiz, nunca suas consequencias deixavam de aggravar-se pela ingerencia dos estados visinhos; julgava-se, pois, promover d'est'arte um mais tranquillo desenvolvimento e assegurar a duração legal para a presidencia de Gabriel Pereira. Assim aconteceu, e, chegado o termo, foi eleito, em 1 de março de 1860, Bernardo Berro, anteriormente presidente do senado, tambem decidido blanquillo, mas ao menos com mais pratica da administração. Os colorados, vencidos, persistiram em suas hostilidades contra Berro por ser do partido blanco, ainda mais excitados contra os blanquillos pela recente hecatombe de Quinteros; não perturbaram, porém, a paz. Em breve se desenvolveu o bem-estar, e até mesmo a prosperidade, como não se esperava, porque n'essas regiões a riqueza do solo remunera prodigamente qualquer esforço.

O novo presidente Berro iniciou seu governo destituindo por motivos de economia o seu representante de longos annos no Rio de Janeiro. O Brazil recordou-lhe as despezas militares e os auxilios frequentemente prestados. Esta exigencia causou em Montevidéo desagradavel impressão apezar da crescente prosperidade. O velho odio da nacionalidade hespanhola contra a portugueza, dos republicanos contra a monarchia, prorompeu em tão violenta explosão, que parecia querer consumir tudo quanto a gratidão pelos auxilios recebidos devia suggerir. Não só ao Brazil attingiram estes desabafos do odio : deram-se tambem desagradaveis conflictos com os representantes de outros paizes, principalmente com o ministro inglez, Lettsom, e o ministro francez, Maillefer. Por ostentação foram queimados muitos milhões de piastras em titulos resgatados da

---

(1) O tratado de 2 de Janeiro, negociado no Rio de Janeiro, tinha por fim completar as estipulações da convenção preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828. Não estabelecia *protectorado* no sentido rigoroso d'esta expressão. Pelo contrario, estabelecia a garantia collectiva do Brazil e da Republica Argentina a favor da soberania, independencia e integridade territorial do estado limitrophe. Essa garantia tinha tambem por fim evitar qualquer outro protectorado estrangeiro. Ahi deu o Imperio o mais solêmne documento de que não abriga intuitos ambiciosos sobre o Estado Oriental. Se esse projecto de tratado definitivo de paz não está aceito e promulgado, como suppõe o autor, a culpa não foi do Brazil, que para esse fim fez quanto estava de sua parte.

divida publica, que datavam do tempo da guerra; não se pagou, porém, ao Brazil nem uma piastra da divida contrahida por despezas militares. Tal procedimento não era dos mais idoneos para assegurar as boas relações entre um pequeno e um grande estado. Assim se passaram os annos de 1861 e 1862, na apparencia tranquillos, mas predispondo, por variados attritos, os graves acontecimentos, que se deviam dar em 1863. Nas eleições para o congresso, conseguiram os colorados eleger alguns de seus chefes e estes, de accôrdo com os ministros que Berro por ciume demittira, promoveram uma opposição, que dando nova importancia ao partido colorado, suscitou grande descontentamento contra o governo d'esse presidente, a despeito dos progressos realisados durante sua administração (1).

---

(1) **No esboço historico da Republica Oriental, da Republica Argentina e do Paraguay, esboço que o autor faz, embora confusamente, neste e em outros capitulos, só rectificaremos os factos que se prendam mais de perto á historia do Brazil.**

II

A guerra civil no Estado Oriental do Uruguay e a intervenção do Brazil

Summario. — A revolução de Flôres contra o governo de Montevidéo. — Neutralidade do Brazil. — Attentados praticados contra os brazileiros no Estado Oriental. — Missão do Sr. Saraiva ao Rio da Prata. — Exercito brazileiro de observação na fronteira, e estação naval do Rio da Prata augmentada. — Mediação dos ministros do Brazil, da Republica Argentina e da Inglaterra para a pacificação do Estado Oriental. — Não se chega a accôrdo. — As reclamações brazileiras repellidas pelo governo de Montevidéo. — *Ultimatum* do Sr. Saraiva (4 de Agosto). — E' devolvido (9 de Agosto). — O Brazil recorre a represalias. — A esquadra brazileira impede a sahida do vapor oriental *General Artigas*, e persegue o *Villa del Salto*. — Rompimento das relações entre os governos de Montevidéo e do Rio de Janeiro (30 de Agosto). — Uma brigada do exercito brazileiro penetra até Cerro Largo (14 de Outubro). — Accôrdo de Santa Lucia entre o almirante Tamandaré e o general Flôres (20 de Outubro). — Bloqueio de Paysandú e do Salto pela esquadra brazileira (25 de Outubro). — Capitulação do Salto (28 de Outubro). — Rompimento do Paraguay contra o Brazil. — Cerco de Paysandú. — Chega ao Rio da Prata o novo ministro brazileiro, Sr. Paranhos (Rio-Branco). — Bombardeamento e ataque de Paysandú (6, 7 e 8 de Dezembro) por Tamandaré e Flôres. — Chega a noticia de estar em marcha sobre Paysandú o exercito brazileiro de Menna Barreto. — A vanguarda do exercito brazileiro reforça o sitio (15 de Dezembro). — O general Sáa procura soccorrer Paysandú. — Retira-se diante de Flôres e dos brazileiros. — O exercito de Menna Barreto diante de Paysandú (29 de Dezembro). — Bombardeamento e ataque de Paysandú por Tamandaré, Menna Barreto e Flôres (31 de Dezembro de 1864 a 2 de Janeiro de 1865). — Tomada de Paysandú (2 de Janeiro). — Fuzilamento de Leandro Gomez. — Manifesto do ministro Paranhos, declarando que o Brazil está em guerra com o governo de Montevidéo, e reconhece Flôres como belligerante (19 de Janeiro). — Os alliados marcham contra Montevidéo. — Sitio desta praça e notificação do bloqueio. — Ataque de Jaguarão por Muñoz e Aparicio (27 de Janeiro). — Compromissos tomados por Flôres, como alliado do Brazil (28 de Janeiro). — O presidente Aguirre substituido por Villalba. — O ministro do Brazil não reconhece a validade da eleição d'este, e declara ao corpo diplomatico, que o alliado do Brazil, Flôres, cuja autoridade é reconhecida em todo o territorio da Republica, menos em Montevidéo, é o verdadeiro chefe da Republica. — Negociações para a entrega de Montevidéo. — Convenção de paz de 20 de Fevereiro. — Flôres governador provisorio da Republica Oriental. — Entrada dos alliados em Montevidéo. — A Republica Oriental alliada ao Brazil contra o Paraguay. — Exoneração do ministro Paranhos, que é substituido pelo Sr. F. Octaviano. — Considerações sobre a campanha dos brazileiros no Estado Oriental.

No dia 14 de abril de 1863 (1) o general Venancio Flôres desembarcou com poucos companheiros (em numero de 7 a 40, segundo differentes versões)

---

(1) Em 19 de abril de 1863 o general Flôres desembarcou no Rincon de las Gallinas com tres outros companheiros, — o coronel Caraballo (depois general) e os tenentes Farias e Caceres. Em Santa Rosa e S. Eugenio foram-se-lhe reunir varios chefes com forças organisadas em differentes pontos do Estado Oriental e das fronteiras de Quarahim

n'uma pequena aldeia do Rincon de las Gallinas, á margem esquerda do Uruguay. Depois de sua fuga de Montevidéo, vivêra em Buenos-Aires, onde o presidente da Republica Argentina, Bartholomeu Mitre, não só lhe dispensára protecção por ser emigrado politico, como até com elle travára relaçães de amizade, admittindo-o no exercito argentino com o posto de general de brigada, e encarregando-o de varias expedições contra os indios. Mostrára-se Flôres fiel e dedicado amigo; commandou um corpo de cavallaria na batalha de Pavon, onde o julgaram morto, e parecia ter abandonado de todo a idéa de voltar ao Estado Oriental. A crescente impopularidade do presidente Berro e a força que adquirira o partido colorado em sua patria arrancaram-n'o desse indifferentismo. Excitado pelos homens mais importantes de seu partido e pelos fazendeiros brazileiros do norte, gravemente molestados e offendidos pelo governo de Montevidéo, resolveu combater e derrubar o domino blanquillo no Estado Oriental. Nunca se poude explicar até que ponto foi o presidente Mitre iniciado em seus planos : á affirmação oppõe-se com igual segurança a negativa. Em face dos acontecimentos posteriores, porém, parece que elle era estranho aos successos : pelo menos não ha provas em contrario. E' certo que para Mitre e outros homens influentes de Buenos-Aires devia ser motivo de despeito a crescente importancia de Montevidéo como emporio commercial, pois, prosperando na visinha republica a navegação e o commercio, Buenos-Aires, com porto e ancoradouro inériores, corria risco de perder sua supremacia. Entretanto, nem a tripolação nem os aprestos do pequeno navio mercante em que Flôres deixou Buenos-Aires (1), denotavam protecção official. O desembarque no Rincon de las Gallinas foi immédiatemente seguido de uma proclamação em que Flôres se déclarava o « libertador » de sua querida patria e exhortava a todos os descontentes a seguirem as bandeiras da revolução para debellar os blancos e o governo. Que houve previos ajustes e combinações de caracter bem definido, provam-n'o os reforços que recebeu logo depois do desembarque e antes que sua proclamação se espalhasse pelo paiz. Flôres, gaúcho e caudilho nato, gosára sempre de muitas sympathias entre os homens do campo, incapazes de soffrer longo repouso politico e sempre dispostos a seguirem qualquer chefe audaz, que lhes acenasse com a rapina, a agitação e as aventuras; tudo isto podiam elles esperar de Flôres (2). Nesta inclinação dos gaúchos não se percebe tendencia politica, nem affero ou dedicação por principios. Esses ferozes cavalleiros teriam do mesmo modo adherido a qualquer adversario de Flôres. Tal não era, porém, o caracter das sympathias manifes-

---

e Corrientes. O governo imperial recommendou logo ás autoridades da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul « que as forças rebeldes que sè asylassem nessa provincia deviam ser collocadas em posição inteiramente inoffensiva. As autoridades que se deslisassem de seus deveres, não guardando ou não fazendo respeitar a mais perfeita neutralidade, deviam ser severamente punidas. » Veja-se o relatorio do ministro dos negocios estrangeiros, Marquez de Abrantes, apresentado em 1864 ás camaras. Alguns revoltosos, batidos pelas tropas do governo de Montevidéo, penetraram no Rio-Grande do Sul e foram logo desarmados e internados.

(1) Flôres e seus tres companheiros fizeram a viagem de Buenos-Aires ao Rincon em uma balandra tripolada por dois individuos apenas.

(2) O Sr. Schenider é injusto quando se refere a Flôres. Este general distinguio-se sempre pela sua austeridade de costumes, pelo seu respeito á propriedade e moralidade pessoal. Nunca teve siquer os vicios mais communs entre os militares, o do jogo ou o da bebida. Com elle militaram desde o começo da revolução muitos jovens dos mais distinctos de Montevidéo, e foi com elle, e n'aquella campanha de dous annos, que se formou esse pequeno exercito de veteranos que ao lado dos brazileiros e argentinos tantas glorias colheu na guerra do Paraguay.

tadas pelo fazendeiros brazileiros que logo se apresentaram com calvallos, provisões e auxilios pecuniarios. Tal pronunciamento tinha na verdade um caracter politico. Em primeiro lugar manifestava-se o arrependimento de terem outr'ora renegado o Brazil, e a firme resolução de não tolerarem mais os desatinos dos potentados republicanos de Montevidéo. Bem que houvesse sido grata em Montevidéo a renuncia, feita outr'ora, da terra natal pelos grandes senhores territoriaes de origem brazileira, no tempo do imperador D. Pedro I, não deixou comtudo de desagradar aos blancos, que se tinham conservado durante muito tempo no poder, galgando successivamente varias presidencias, a indole aristocratica desses fidalgos ruraes no norte da republica (1).

Os advogados e jornalistas de Montevidéo não cessavam de prégar um completo nivellamento democratico e recommendavam como meio mais efficaz, fazer-se sentir a esses senhores, em seu isolamento aristocratico, que n'uma republica não póde haver senão absoluta igualdade de direitos. Não se limitaram as differentes administrações a deixal-os no esquecimento, excluindo-os systematicamente de todos os cargos publicos (2); lançaram ainda mão de medidas vexatorias. Todos os crimes praticados n'aquellas regiões ficavam impunes, e quando os offendidos ou lesados se queixavam, apontava-lhes o governo seus numerosos tropeiros e pastores, a cuja frente cada fazendeiro constituia um pequeno estado no estado e podia dispensar a protecção da autoridade. Lendo-se a longa ennumeração das queixas e reclamações apresentadas pelo governo imperial ao governo blanco de Montevidéo, comprehendem-se os motivos da adhesão dos opprimidos á revolução do general Flôres. Os assassinatos, as violencias e os roubos praticados pelos gaúchos de raça hespanhola contra seus concidadãos brazileiros (3) excedem todas as proporções, ainda mesmo ás habituaes nas republicas sul-americanas. Já em 1861 se vira a governo imperial obrigado a fazer sérias reclamações, e o relatorio publicado em 1863 pelo marquez de Abrantes, ministro dos negocios estrangeiros, offerece-nos um triste quadro d'esses successos. Entre outros factos menciona-se que as armas imperiaes foram arrancadas da casa do consul brazileiro no departamento de Taquarembó (4), sendo todas as offensas feitas á nacionalidade brazileira saudadas com jubilo pelos orientaes. Não se póde, pois, dizer rigorosamente que os fazendeiros brazileiros fossem correligionarios

---

(1) Muitos brazileiros estabelecidos no Estado Oriental ajudaram, como diz o Sr. Schenider, a revolução de Flôres, mas entre elles não havia um só dos que durante a guerra de 1825 a 1828 haviam deixado de auxiliar as tropas imperiaes, fazendo causa commum com os orientaes, ou prestando obediencia ao governo revolucionario installado em La Florida. De 1828 a 1864 vão 36 annos. Os homens daquelle tempo já não existiam em grande parte.

(2) Dessa exclusão não se queixavam os subditos brazileiros. Como estrangeiros não pretendiam, nem podiam pretender, cargos publicos no Estado Oriental.

(3) Julgamos desnecessario fazer notar a impropriedade d'esta expressão. Os brazileiros que vivem no Estado Oriental, quer sejam estancieiros quer negociantes, são muito zelosos de sua nacionalidade. Poucos são os que pedem ao governo da Republica cartas de naturalisação.

(4) O escudo das armas imperiaes foi arrebatado da frente de casa do vice consul brazileiro em Taquerembó no dia 16 de Novembro de 1861. Veja-se o Relatorio do ministro dos Negocios Estrangeiros de 1862, conselheiro Taques. Este facto não foi o mais grave. Nos Relatorios de 1862 a 1864 faz-se menção de muitos outros attentados, como por exemplo, o assalto da casa da brazileira Anna da Silva em Cuñapirú por uma partida da policia oriental, o assassinato do guardião da armada Domingos de Moraes pelo official Pires, e muitos outros homicidios e roubos commettidos, ou tolerados, por autoridades de Taquarembó, Canelones, Serro-Largo, Artigas e outros pontos.

politicos de Flôres e do partido colorado, ou que lhe pretassem auxilio por motivos politicos, mas com certeza sua participação na lucta foi um acto de defeza propria contra as oppressões e desfeitas de Montevidéo. Elles viam em Flôres um homem que lhes devia ser grato, que podia supplantar seus perseguidores e restaurar o imperio da lei. Assim pensava a respeito d'elle a maioria dos fazendeiros.

Apezar do risco de comprometter a temeraria expedição, não quiz o general Flôres internar-se muito pelo paiz nem affastar-se do rio Uruguay, base de suas operações. Ao mesmo tempo voltou-se para os departementos do norte e para os amigos que tinha no Rio Grande do Sul, os quaes não regatearam seu concurso. Elle só podia, portanto, operar contra Montevidéo pelo lado do Rio Negro ou de noroeste. Logo na primeira semana subiu o numero de seus adherentes a 400 e com elles julgou-se bastante forte para aggredir qualquer povoação da campanha, pois por experiencia, sabia que para ter probabilidade de exito feliz deve n'aquellas regiões um libertador começar sempre por alguma victoria. Não podia contar com o apoio de Buenos-Aires em quanto não provasse que por suas proprias forças se tornàra o homen da situação. Com o auxilio do governo brazileiro ainda menos podia contar, porque o seu commettimento era evidentemente illegal. O Imperio do Brazil reconhecera o governo de Montevidéo ; o presidente Berro fôra eleito constitucionalmente, e as dissensões existentes entre os dous paizes poderiam cessar por simples processo diplomatico. Bem que o Imperador D. Pedro II tivesse sobejos motivos de descontentamento com a republica limitrophe, não ignorava o general Flôres que nenhum auxilio devia esperar do caracter probo desse monarcha. Na visinha provincia brazileira do Rio Grande do Sul, porém, revelou-se pela causa d'esse general grande sympathia a despeito das recommendações e desejos em contrario do governo imperial, como se deprehende da correspondencia diplomatica publicada nos annexos dos relatorios officiaes do Brazil. Nos primeiros tempos, pois, vio-se Flôres isolado : seus unicos auxiliares eram, no paiz, o partido colorado e os brazileiros descontentes d'aquem e d'além Quarahim. Seus gaúchos não o abandonariam, emquanto fossem pagos, houvesse pilhagem, e não soffressem alguma derrota. Assim como fôra prompta a sua adhesão, assim tambem seria prompta a deserção, logo que Flôres não pudesse satisfazer qualquer dessas condições.

Em Montevidéo produzira grande impressão o apparecimento de Flôres no sólo oriental. Do desenvolvimento do partido colorado em Montevidéo receiavam os blancos algum perigo para seu predominio e Flôres era mais do que um simples partidario. Tendo sido um presidente legalmente eleito e violentamente expulso da republica, sua presença ainda maior medo despertava, porque era o chefe reconhecido de um numeroso partido, o amigo do presidente da Republica Argentina e de algum modo o defensor escolhido pelos fazendeiros brazileiros ; suppunham-no escudado pelos governos de Buenos-Aires e Rio de Janeiro. O presidente Berro annunciou ao corpo législativo a nova léva de broqueis e este declarou Flôres traidor á patria. Os ministros comprehenderam toda a gravidade das circumstancias e empenharam quantos esforços podiam para resistir ao golpe imminente, porquanto a insurreição tinha inscripto em sua bandeira — « vingança do morticinio de Quinteros ! » — Berro antes de tudo cuidou da defesa militar. O general Diego Lamas, no norte, devia receber e angariar por dinheiro e por promessas os reforços que pudesse para fazer frente aos fazendeiros e aos voluntarios das visinhas provincias brazi-

leiras, principalmente do Rio Grande do Sul. Lamas, fraco de espirito e obeso de corpo, não podia luctar com as difficuldades do momento. Ao sul do Rio Negro devia o idoso general Anacleto Medina, sem duvida o mais perito militar oriental, reunir um corpo de exercito para cobrir a capital e operar conforme os movimentos do inimigo. Destinou-se o coronel Olid para os departamentos de Minas e Maldonado, ao sudoeste da republica, porque se receiava que ahi desembarcasse alguma expedição de Buenos-Aires. Finalmente Dionisio Coronel devia organisar no Cerro Largo um corpo de guerrilhas para auxiliar as tres divisões em caso de necessidade. Assim julgava-se o governo de Montevidéo preparado para as primeiras eventualidades, mas logo reconheceu que a dispersão de forças não era conveniente diante de um inimigo emprehendedor e de facil mobilidade. O peior era que o governo, por estas medidas extraordinarias, dava a perceber publicamente a grandeza do perigo e tal supposição não redundava em seu proveito. Descobria-se, na febril actividade que desenvolvia, a consciencia da propria fraqueza, que não foi dissimulada nas negociações diplomaticas então encetadas. Foram feitas reclamações por ter o governo argentino consentido, em Buenos-Aires, que Flôres embarcasse, e dahi lhe viessem auxilios e os bandos de aventureiros, que desimpedidamente se organisavam. A resposta foi naturalmente negativa. Ninguem era responsavel por estrangeiros que residiam em Buenos-Aires, nem o governo podia vedar que cidadãos argentinos expuzessem a vida em loucas emprezas. Tambem protestou-se junto ao governo do Rio de Janeiro contra o procedimento das autoridades da fronteira, que não impediam a passagem de aventureiros e desertores. A resposta do governo imperial foi cortez : em fronteira tão dilatada, do Jaguarão a Bagé, (1) era impossivel obstar inteiramente a passagem de aventureiros, e, além disso, tal facto não se daria, se o governo oriental tivesse attentido ás reclamações dos subditos brazileiros e houvesse seguido os repetidos conselhos do gabinete do Rio de Janeiro.

De Caracoles, seu ponto de desmbarque no Rincon de las Gallinas, seguiu Flôres o curso do rio Arapehy até á villa de Mercedes, onde com o auxilio do coronel Caraballo, seu companheiro, organisou as tropas, que ahi, em 2 de junho, já se compunham de 480 homens. Esquivando-se ao encontro das forças do governo por marchas e contra-marchas habil e rapidamente executadas, não se descuidou Flôres de evitar em suas operações o systema de rapina e devastação, tão commum n'essas paragens. Tambem lhe era isso possivel porque seus amigos brazileiros forneciam-lhe copiosamente o necessario e abrigavam assim os habitantes dos vexames e exigencias militares. E' certo tambem que dispunha de grandes meios pecuniarios (2), como se evidenciou pelo elevado soldo que pagava. Donde lhe provinham taes recursos, é facto ainda não bem averiguado. Pelo contrario, todas as tropas do governo reunidas nas provincias careciam de quasi tudo, e recorriam ás requisições nas povoações do campo. O general Diego Lamas vingava-se atrozmente dos subditos brazileiros pelas sympathias que testemunhava a Flôres (v. os Annexos). Assim dava-se o contrario do que antes costumava succeder. As tropas do go-

---

(1) Do Chuhy ao Quarahim deveria ter dito o autor.

(2) Não é certo. A revolução por mais de uma vez esteve a ponto de perecer por falta de recursos, apezar dos esforços do *Comité* de Buenos-Aires. Os amigos de Flôres, tanto os que o acompanhavam, como os que estavam em Montevidéo, soccorreram-n'o nesses apuros, entregando-lhe quanto possuiam.

verno tornavam-se odiosas e temidas; os insurgentes ganhavam sympathias. Uma revista passada em Mercedes inspirou a Flôres tal confiança que resolveu aceitar combate, offercendo-lhe a approximação do coronel Olid com cerca de 1000 homens de cavallaria, favoravel ensejo para isso. Em vão procurou o imprudente Olid excitar o general Medina (1) a um encontro sério; o velho cauteloso não quiz arriscar-se, pelo que resolveu o temerario moço experimentar a sorte das armas. Em meiados de junho travou-se a peleja em Coquimbo (2), sendo os 1000 soldados do governo batidos por 500 soldados de Flôres. Tal combate na America Meridional não se deve avaliar pelas idéas europeas. Não havia infantaria nem artilharia, nem mesmo houve um choque de cavallaria, como os que se travam na Europa : foi um embate feroz, executado simultaneamente de ambos os lados, no meio de horrorosos gritos e a toda a carreira dos cavallos. Em taes encontros nunca se dá verdadeiro choque ou verdadeira refrega; qualquer das linhas, não bem cerradas, volta de repente a cara, foge com toda a velocidade possivel e é perseguida. Mortes e ferimentos quasi nunca se dão no momento do choque, mas n'esta perseguição. Por isso a victoria se decide quando uma das linhas de repente volta. Tudo o mais é carnificina de caracter mui repugnante. Aqui e ali um tiro de pistola ou de clavina; no mais trabalha a espada, o laço ou o atropello dos animaes. Quem escapa á morte, passa ordinairemente para o partido do vencedor. Foi essa a razão por que, depois do combate passou Flôres em revista 800 homens, tendo sómente 500 quando avistára o adversario.

A primeira victoria dos insurgentes desconcertou completamente o general Medina. Em vez de avançar, declarou que seu primeiro dever era cobrir a capital, e retirou-se para Canelones confiando a seu collega Lamas, que então se achava ao norte do Rio Negro, a missão de oppôr-se aos progressos do inimigo. Lamas não teve que esperar muito. Flôres, dirigindo-se de Coquimbo até Las Cañas, ao norte do Rio Negro, encontrou-se com o corpo de exercito que elle commandava, composto de 1600 homens. Lamas tambem tinha infantaria, mas partilhou a sorte do coronel Olid, sendo completamente batido. Este segundo successo deu à insurreição uma base solida, contando Flôres em torno de si para cima de 5000 homens, mas por outro lado surgiram as difficuldades do soldo e do abstecimento de viveres (3). Chegando a Montevidéo a noticia do desbarato das tropas do governo em Las Cañas, exaltou-se o partido colorado na capital. Emissarios partiram para o Rio Negro para excitar o libertador a marchar contra Montevidéo, convencendo-se tambem o proprio Flôres que era chegado o momento opportuno. Assim, pois, apresen-

---

(1) Não era Medina, mas o general Servando Gomez, o chefe do exercito cuja vanguarda de 1,000 homens Olid commandava. Servando Gomez conservou-se acampado com o seu exercito de 3,000 homens a duas leguas do campo de batalha de Coquimbo, emquanto ahi se batiam Olid e Flôres.

(2) Em 2 de Junho de 1863. — Perto de Coquimbo foi o general Rivera derrotado em 4 de Setembro de 1825 pelos brazileiros, commandados por Bento Manoel (Veja-se *Biographia do Barão de Serro Largo*, que escrevemos em 1865 e foi publicada na *Revista do Instituto*, XXXI, 103.)

(3) Ao exercito de Flôres não se pagava soldo. Tambem raras vezes era fornecido de viveres, e isso só acontecia quando se tomava alguma povoação. Sempre que ha uma revolução na Republica visinha dá-se o mesmo, pois tanto as forças legaes como as revolucionarias servem-se do gado das estancias por onde passam, e os proprietarios destas dão-se por muito felizes quando recebem *vales* que com difficuldade cobram algumas vezes. Dahi a enorme divida por prejuizos e adiantamento que pesa sobre essa infeliz Republica.

tou-se em principios de agosto de 1863 diante d'essa capital, contando que seus correligionarios se levantassem e lhe abrissem as portas, porque não dispunha de elementos para um ataque contra as extensas obras de fortificação construidas no tempo de Oribe (1). Sobrava-lhe cavallaria, e comquanto seus temerarios gaúchos apanhassem a laço alguns soldados das avançadas das tropas governistas, não tinha para tentar assalto ou assedio regular. Debalde esperou alguns dias para vêr se algum movimento se dava na cidade. Uma proclamação que dirigio aos orientaes nenhum effeito produsio. Ella terminava d'este modo, no estylo pomposo, que é de costume : — « Vinde, lutai e vencei sob minhas bandeiras. Ficareis como ereis d'antes, conservareis plena liberdade de escolher o governo que melhor corresponda aos vossos interesses e á gloria da patria. Perguntai aos homens, que ora vos governam, se os manes das victimas immoladas lhes permittem uma hora de socego; perguntai a vossos concidadãos da campanha se lhes foram concedidos tempo e tranquillidade para trabalharem em segurança? Tivemos de viver pobres e exilados em terras estranhas, mas só o nosso apparecimento bastou para perturbar o repouso de nossos inimigos. Só nós temos o poder de vos restituir a verdadeira liberdade porque temos o poder de vos libertar de vossos inimigos. Ajudai-nos a batel-os ! » — Uma victoria ás portas da capital teria produzido melhor effeito, do que estas proclamações em estylo empolado. O presidente Berro e o general Medina foram assaz prudentes para concentrarem suas forças na cidade, e o general Flôres foi bastante sincero para não attribuir-se uma superioridade decisiva. E assim, causando admiração a muitos que julgavam proximo o desenlace, retirou-se Flôres das visinhanças de Montevidéo. Os colorados da capital haviam contado com elle e com os seus 5,000 homens, e Flôres havia contando com os colorados da capital e com o medo dos blancos. Ambos os calculos falharam. Mallográra-se a tentativa do libertador, ou do traidor, conforme as opiniões, e a este mallogro devia seguir-se uma derrota, porquanto Flôres, chegando no dia 10 de agosto (2) ao sitio de Las Piedras, foi atacado e batido pelo velho general Medina (3), e de tal modo batido, que aos proprios colorados pareceu sua causa perdida. Flôres entretanto, fôra derrotado mas não anniquillado, e por isso não abandonou a empreza que tinha em mãos. Rapidamente percorreu elle o paiz, e reuniu novas forças, que lhe foram ministradas da Republica Argentina e da provincia brazilera do Rio do Sul, onde sua marcha contra a capital despertàra esperanças taes, que nem com sua retirada se desvaneceram. Flôres justificou essa confiança por uma dessas acções brilhantes, tão frequentes na historia das luctas sulamericanas. Parecia ter-se completamente sumido do theatro da guerra e já os jornaes de Montevidéo, do Rio de Janeiro e de Buenos-Aires perguntavam onde demorava o audaz aventureiro. De repente apparece no norte, atira-se sobre o general Diego Lamas, que ahi estava desprevenido, e dispersa-lhe as forças (4). Soube-se depois que, para sorprender o ad-

---

(1) Montevidéo não é cidade fortificada. As trincheiras que existiam então foram levantadas provisoriamente e destruidas immediatamente depois da pacificação de 20 de Fevereiro de 1865.

(2) No dia 15 de Setembro.

(3) As forças do governo eram commandadas pelo general Lucas Moreno, e não por Medina. Não houve tambem derrota, pois Flôres permaneceu cinco dias em frente de Moreno, e sempre nas immediações de Montevidéo.

(4) Isto deu-se em Itapebi, departamento do Salto, em 17 de Outubro. O velho coronel Sant-Anna, rico estancieiro brazileiro e intimo amigo de Flôres, tomou uma

versario, tinha percorrido 45 leguas em dia e meio; é verdade que foi só com a cavallaria, mas nem por isso deixa essa marcha de ser um feito extraordinario.

Reciprocamente tinham medido suas forças os dous partidos e ganho a convicção que d'este modo um não exterminaria ao outro. Flôres era impotente contra Montevidéo fortificado, e sem a posse d'esta cidade não ha governo no Estado Oriental; Berro tambem não podia expellir os insurgentes do paiz e ficava privado de todos os recursos dos departementos da campanha, recursos que lhe eram indispensaveis. De ambos os lados surgiu o pensamento de transacções, e Flôres mostrou-se inclinado mais do que se julgava a um ajuste, porque a vida selvagem dos cavalleiros no campo accommodava-se com a sua indole. Encetou-se a negociação. Flôres francamente manifestou suas condições e declarou-se prompto a depôr as armas, se o partido blanco não só as acceitasse, como tambem garantisse a sua fiel execução. Exigiu que a proxima eleição do novo presidente, que se devia fazer em março de 1864, quando terminasse o periodo de Berro, corresse livremente, sem pressão do governo existente, e que metade do ministerio fosse escolhido no partido colorado. Para si exigia os cargos de ministros da guerra e commandante superior do exercito com a condição expressa da inamovibilidade; para seus companheiros a admissão no exercito oriental com a patente que lhe tinha dado. Para uma revolução de tanta importancia eram na verdade exigencias moderadas, como não é commun n'essas regiões.

Berro, não vendo meio de livrar-se do incommodo libertador, parecia inclinado a aceitar esta base de negociações. Apenas, porém, transpirou isso, o partido blanco protestou logo de modo violento. Os jornaes de Montevidéo atacaram energicamente o projecto de transacção com um traidor um rebelde, um bandido, e talvez Berro tivesse sido expulso do poder antes do termo legal, se não houvesse cedido ás imposições de seu partido e sobrestado ás negociações com Flôres. Os ultimos mezes do anno de 1863 passaram-se tranquillos e nos primeiros de 1864 nenhum acontecimento de importancia se deu. Flôres vagava pelo paiz e vivia á custa dos blancos : as tropas do governo sustentavam-se de extorsões ao partido colorado. Hòuve sorpresas, escaramuças e depredações sem importancia militar até 1° de março de 1864, em que Berro deixou a presidencia e foi escolhido pelo povo da capital, isto é sob a pressão do partido blanco, Aguirre, um dos chefes mais resolutos dessa facção. Todos sabiam e elle mesmo declarava, que nunca entraria em negociações e defenderia pela força o governo legal.

Assim estavam as cousas, quando, simultaneamente com a elevação de Aguirre ao poder, novas complicações surgiram. O novo presidente começou a servir-se de uma linguagem ameaçadora contra o governo argentino. Na verdade o presidente Mitre não podia negar que desde a ultima reclamação de Berro, os auxilios enviados de Buenos-Aires, Corrientes e Santa-Fé a Flôres haviam assumido proporções taes, que não era já possivel disfarçal-os nem desconhecel-os; e a declaração de não ter meios de obstar a tão manifesta participação seria um testemunho de fraqueza in-

---

parte activa n'esta jornada. — Junto ao Itapebi-Grande obtivemos em 12 de Abril de 1812 uma pequena victoria sobre as tropas do governo de Buenos-Aires commandadas pelo coronel Soder. As nossas o eram pelo coronel Thomaz da Costa (depois general). (E' o encontro de que falla o visconde de S. Leopoldo, nos seus *Annaes*, 2ª ed., pag. 297, linha 22).

compativel com a dignidade de qualquer governo. Todavia Mitre não tinha meios de proceder contra as declaradas sympathias ou antipathias dos argentinos em relação ao Estado Oriental. Tudo quanto póde prejudicar ou paralysar o pequeno estado que não quer pertencer à Republica Argentina, é grato ás provincias ribeirinhas desta, e sobre tudo, os portenhos (assim se chamam os habitantes de Buenos-Aires) saúdam com jubilo qualquer desgraça politica de Montevidéo, cujo crescente commercio lhes excita o ciúme. Mitre protestou que seu governo era estrictamente neutral mas nem Aguirre, nem o povo de Montevidéo lhe deram credito. Se o Estado Oriental possuisse marinha de guerra e não tivesse suas poucas tropas occupadas com a insurreição, não teria Aguirre duvidado um momento em declarar guerra á Republica Argentina, mas nessa epocha limitava-se a suscitar difficuldades a seu inimigo occulto. No estado ou provincia argentina de Entre-Rios dominava como governador quasi independente o velho heroe da revolução, general Urquiza. Annos antes presidente da Confederação Argentina, vira-se forçado a ceder o lugar a seu rival Bartholemeu Mitre e a contentar-se com a posição de governador de Entre-Rios. Sua riqueza incalculavel, fructo de rapinas durante as guerras civis da Confederação, sua esplendida propriedade de S. José e a dedicação dos entre-rianos á sua pessoa, asseguravam-lhe um prestigio quasi régio nesse paiz opulento e eminentemente productor. O presidente Mitre não ousava affrontar esse caudilho quasi independente. Urquiza possuia tudo quanto se póde almejar no occaso da vida; porém Mitre era o presidente da republica e homem muito habil. Esta foi a corda que Aiguirre diligentemente procurou fazer vibrar. Mostrou a Urquíza a possibilidade de chegar de novo á presidencia, apoiado pelo partido blanco do Estado Oriental e em franca hostilidade com Mitre. Tendo-se Urquiza declarado desde o começo contra a expedição do general Flôres, não foi difficil aos emissarios de Aiguirre seduzil-o, mas a idade (já contava oitenta annos) e a opulencia tinham tornado mais prudente este caudilho experimentado, e por isso se não foi parco de promessas, tambem não teve pressa de entrar na lucta. Representando este papel dubio durante toda a guerra e até sua morte (que recebeu da mão homicida de seu proprio genro), não poude Urquiza tomar uma resolução definitiva. Servia de espantalho a Flôres e a Mitre, mas a Aguirre nenhum auxilio prestou. Estas circumstancias serão mais minuciosamente relatadas, quando a Republica Argentina entrar na lucta.

Os movimentos que se deram na provincia brazileira do Rio Grande do Sul inspiraram mais serios receios do que a dubia attitude da Republica Argentina. Aguirre bem sabia que este ultimo paiz não se achava militarmente preparado para proceder a uma intervenção directa em favor da insurreição no Estado Oriental e que, se notas diplomaticas podiam transmittir ameaças e reclamações, nem por isso Flôres poderia contar com o apoio franco do presidente Mitre. O inverso se dava com o Brazil, o qual desde a conclusão do tratado de 1857 (1) não cessára de apresentar e reiterar não só suas reclamações contra a oppressão dos cidadãos orientaes de raça lusitana (2), contra as offensas e crimes praticados no territorio da

(1) O autor refere-se ao Sr. senador Pimenta Bueno, marquez de S. Vicente. Essa reclamação, porém, foi feita pelos deputados Evaristo da Veiga e F. Nery. Era então presidente do conselho de ministros o Sr. Zacarias de Góes (Gabinete de 15 de Janeiro de 1864). A interpellação do Sr. Evaristo da Veiga foi feita em 5 de Abril de 1864. Os discursos do ministro dos negocios estrangeiros e do deputado Nery foram proferidos na mesma sessão do dia 5.

(2) Este tratado de 2 de Janeiro de 1857, de que o autor fallou no capitulo anterior,

republica pelas autoridades orientaes contra subditos brazileiros, como tambem suas exigencias de indemnisação por auxilios militares. Na realidade taes reclamações limitavam-se a uma correspondencia diplomatica, e o Estado Oriental, no tempo de Berro, como no tempo de Aguirre, não cessava de lembrar que o Brazil não havia de destruir sua propria obra, a independencia do paiz, se bem que Montevidéo procedia de modo indesculpavel para com os fazendeiros nas provincias do norte (1). A perseguição do governo contra essa fracção brazileira ainda mais se desenvolveu quando n'ella encontrou Flôres apoio não dissimulado. Lamas e Olid fizeram tragar crueis amarguras aos fazendeiros e criadores por terem adherido ao general Flôres (Vide os Annexos). Simultaneamente com a eleição de Aguirre propoz um deputado brazileiro no Rio de Janeiro, Pimenta Bueno (2), que o governo imperial empregasse os meios necessarios para obstar á « carnificina de cidadãos brazileiros no Estado Oriental. O ministro não deixou de confirmar que se praticavam violencias contra antigos subditos do imperio no territorio que formára outr'ora a provincia Cisplatina. A' vista porém da constante recusa do governo oriental em attender a outras reclamações, até aquellas que tinham sido apresentadas pela França e pela Inglaterra, havia pouca esperança no exito feliz de uma intervenção diplomatica. O governo imperial, disse elle, estava resolvido a reclamar com energia contra os attentados de que eram victimas os brazileiros; protestou, porém, que não era intenção sua ingerir-se nas questões domesticas de um paiz visinho nem tomar a defesa dos brazileiros imprudentes que, contrariando as ordens do governo imperial, tomavam parte na guerra civil da Republica. »

Estas discussões e declarações no Rio de Janeiro produziram effeito inesperado em Montevidéo e nas cidades do Rio Grande do Sul. Em Montevidéo acreditou-se que o deputado Pimenta Bueno (3) excitára o governo brazileiro a proceder contra a Republica Oriental e d'ahi tirava-se a conclusão de que o Imperador muito desejava rehaver a provincia perdida por seu pai. Era esta uma opinião tão arraigada nas regiões platinas, que nem mesmo os resultados da ultima guerra puderam destruil-a. Os jornaes de Montevidéo aggrediram o Brazil com extrema violencia; verberaram seus suppostos planos de conquista, sua ambição e sua cobiça de territorios e sem rebuço trabalharam por inflammar o odio de raças. No Rio Grande do Sul tomaram-se ao serio as palavras do governo e censurou-se que elle deixasse escapar uma occasião favoravel de melhorar e garantir a sorte dos rio-grandenses estabelecidos no Estado Oriental. Dizia-se que o Brazil não apoiára a insurreição nem a provocára, e por isso observava louvavel neutralidade; mas accrescentava-se que devia aproveitar os novos successos para dar á povoação da raia brazileira condições seguras de existencia tranquilla. São rio-grandenses esses fazendeiros tão molestados nos departamentos do norte do Estado Oriental, como o são tambem muitos proprietarios em outras partes do paiz e muitos negociantes e banqueiros de

---

não foi approvado pelo congresso argentino nem pelo oriental. Não está, por tanto, em vigor.

(1) Não contra a oppressão « *dos cidadãos orientaes de raça lusitana* », mas *contra os attentados de que eram victimas os subditos brazileiros estabelecidos no Estado Oriental* .

(2) Os estancieiros brazileiros estabelecidos nos departamentos do norte, isto é junto ás fronteiras do Brazil.

(3) Como dissemos na anterior nota, o Sr. marquez de Sr. S. Vicente nesse tempo era senador, mas não foi S. Ex. quem interpellou o governo a tal respeito.

Montevidéo. D'ahi o interesse com que a provincia do Rio Grande acompanha sempre os acontecimentos do Estado Oriental. Se no Rio de Janeiro, dizia-se no Rio Grande, não ha desejo de proteger efficazmente esses brazileiros contra os vexames de seus adversarios politicos e inimigos de raça, ao menos não impeçam que os rio-grandenses prestem auxilio a concidadãos opprimidos. Os restos do antigo partido dos « farrapos » aproveitou-se destas queixas, publicamente pronunciadas, para suscitar difficuldades ao governo imperial, e o general de milicias Netto (1) for ao Rio de Janeiro avisar ao governo que não era prudente deixar o Rio Grande entregue a si mesmo. Seria impossivel, dizia elle, impedir a formação de guerrilhas que passariam a fronteira e iriam soccorrer por conta propria seus irmãos; se o governo não se resolvesse a intervir para acabar com as lugubres scenas do Estado Oriental, deveria intervir ao menos diplomaticamente com especial energia e mostrar aos dominadores de Montevidéo que erravam zombando assim da moderação do Brazil. « Não desconheça o governo imperial, accrescentava Netto, as consequensias que hão de provir da attitude independente dos rio-grandenses; bastará o appello de algum exaltado para pôr em armas muitos milhares de homens, que tratarão, se não em nome do governo, de certo em nome do Brazil, de incutir aos orientaes o respeito devido a um visinho poderoso. »

Diante desta agitação achou-se o governo brazileiro em graves embaraços. De um lado o firme proposito do Imperador de não apoiar a revolução do general Flôres, de outro o receio que a attitude aliás nobre e patriotica do Rio Grande do Sul gerasse alguma perturbação da ordem publica, quando, com excepção do Paraguay, o Brazil era o unico paiz da America Meridional que, desde a maioridade do Imperador D. Pedro II, não offerecia o espectaculo de convulsões politicas (2). Ainda que por esse tempo ganhasse o general Flôres algumas vantagens nas visinhanças do Salto e de Paysandú, e ainda que o procedimento dos blancos em Montevidéo se tornasse cada dia mais descomedido e violento, o governo imperial não julgou opportuno dar um passo decisivo, que seria de certo desfavoravelmente interpretado. O marquez de Abrantes, ministro dos negocios estrangeiros, limitou-se, pois, a dar mais vigor ás negociações diplomaticas. Para esse fim escolheu-se o conselheiro Saraiva (3), e só depois da nomeação de Dias

---

(1) O brigadeiro honorario Netto. « Farrapos » era o nome dado pelas tropas legaes ás forças insurgentes durante a guerra civil do Rio Grande do Sul.

(2) A maioridade do segundo Imperador foi declarada em 1840. Além da guerra civil do Rio-Grande do Sul, que, começada em 1835, terminou em 1845, o Brazil só assistio a duas revoluções, promptamente suffocadas, a de 1842, em S. Paulo e Minas, e a de 1848 em Pernambuco.

(3) O autor não se mostra perfeitamente inteirado destes factos. As reclamações feitas pela legação imperial em Montevidéo contra os attentados de que eram victimas os subditos brazileiros no Estado Oriental, não tinham resultado algum satisfactorio. Os assassinatos, o roubo e as tropelias de todo genero tomaram maior vulto desde que muitos desses brazileiros, cançados de esperar a repressão e castigo de tantos crimes, se alistaram nas fileiras do general Flôres, chefe da revolução e do partido colorado. As queixas dos nossos compatriotas residentes no Estado Oriental, cujo numero elevava-se a uns 40,000, encontraram echo na provincia fronteira do Rio-Grande do Sul e em todo o Imperio. O gabinete de 15 de Janeiro de 1864, de que era chefe o Sr. conselheiro Zacarias de Góes, foi interpellado no parlamento pelo deputado Evaristo da Veiga, membro do opposição conservadora, sobre os tristes acontecimentos da visinha republica, e outros oradores intervieram no debate, lembrando ao governo a obrigação que lhe corria de proteger os subditos brazileiros perseguidos na Banda Oriental. Toda a imprensa do Brazil pedia que se puzesse cobro a tantos excessos. Foi em meio da excitação produzida pelas noticias desagradaveis do Estado Oriental, que chegou ao Rio de Janeiro o brigadeiro honorario do exerçito Antonio de Souza Netto, reclamando do

Vieira (1) para ministro dos negocios estrangeiros, concordou-se em dar apoio militar ás reclamações brazileiras pela formação de um exercito de observação, na provincia do Rio Grande, o qual tinha antes por fim obstar á participação dos rio grandenses nas luctas domesticas do estado visinho, do que uma intervenção armada. Sómente o apparecimento nas aguas do Prata de um esquadrilla de 5 vasos de guerra, destinada a apoiar as negociações do conselheiro Saraiva em Montevidéo, poderia ser considerado por Aguirre como uma ameaça contra o Estado Oriental, e de facto a imprensa da republica, pensando assim, não tardou em denunciar ao mundo a proxima annexação da republica, projectada pela monarchia.

Foi nomeado commandante do corpo de exercito de observação, que devia compor-se de 4,000 homens, o general Menna Barreto (2), sendo designados para formarem esse corpo 3 batalhões de fuzileiros (ns. 3, 4, 6), 2 batalhões de caçadores (ns. 12 e 13), 4 regimentos de cavallaria (ns. 2, 3, 4, 5) e um regimento de artilharia montada, tropas que já se achavam de guarnição na provincia, não precisando mais que concentrarem-se. Para substituir essa força no serviço das guarnições foi destacada a guarda nacional. Os quadros dos corpos não foram completados pelo recrutamento ou mobilisação de novos soldados, nem a columna foi munida de trem de guerra, pelo que tornava-se evidente que a concentração só mirava a manter a paz na provincia, e não a iniciar uma campanha. O commando da esquadra foi confiado ao vice-almirante barão de Tamandaré, que, como o general Menna Barreto, recebeu instrucções para evitar tudo quanto parecesse auxilio á insurreição do general Flôres, porque convinha essencialmente não dar ao governo oriental motivo ou pretexto de queixa, que não pudesse logo ser destruido pela verdade dos factos.

Tudo isto era habilmente calculado, mas duas consequencais naturaes destas medidas não foram previstas : as esperanças despertadas no general Flôres, por este procedimento, ainda que moderado, do Brazil, e o enthusiasmo do partido colorado, que incontinente se julgou reconhecido e protegido pelo Imperio (3). Não entrára, certamente, na intenção do governo brazileiro dar origem a taes factos, mas elles se apresentaram com todas as suas consequencias. O conselheiro Saraiva principiou sua missão,

---

governo, em nome dos nossos compatriotas residentes n'essa Republica, providencias promptas e energicas.

O gabinete Zacarias resolveu então mandar ao Rio da Prata em missão especial o Sr. conselheiro Saraiva. Acompanhou-o como secretario o Sr. Tavares Bastos, tambem membro do parlamento. Partio o Sr. Saraîva em 27 de Abril de 1864, e no dia 12 de Maio foi recebido pelo governo oriental, dando começo á sua missão. Ao mesmo tempo foi elevada a nossa força naval no Rio da Prata, sendo nomeado para commandal-a o vice-almirante barão de Tamandaré, e ordenou-se que um pequeno exercito de observação se reunisse na fronteira do Estado Oriental ás ordens do marechal de campo João Propicio Menna Barreto, depois barão de S. Gabriel. Além do relatorio do ministro dos negocios estrangeiros de 1865, onde se encontram muitos documentos sobre a missão Saraiva, deve ler-se o folheto que esse estadista publicou em 1872 contendo toda a sua correspondencia diplomatica. (Correspondencia e documentos officiaes relativos á missão especial do conselheiro J. A. Saraiva no Rio da Prata em 1864. — Bahia, 1872).

(1) O conselheiro Dias Vieira, ministro dos negocios estrangeiros, fazia parte do gabinete presidido pelo Sr. Conselheiro Zacarias (15 de Janeiro 1864). Depois da retirada desse ministerio continuou com a mesma pasta no gabinete de 31 de Agosto do mesmo anno, dirigido pelo conselheiro Furtado.

(2) O marechal de campo João Propicio Menna Barreto, depois barão de S. Gabriel, filho do illustre vencedor de Ibiraocahy e Guabijú, o marechal de exercito João de Deos Menna Barreto, visconde de S. Gabriel.

(3) Houve quem o previsse. O Sr. conselheiro Paranhos, visconde do Rio-Branco, disse logo no senado : « Ainda que o governo imperial não o queira, nas circumstancias actuaes em que se acha a Republica-Oriental, a sua acção coercitiva ha de traduzir-se em auxilio á revolução. »

entendendo-se préviamente com Elizalde, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina, e com Thornton, encarregado de negocios da Inglaterra, a respeito de sua maneira de proceder; em seguida entabolou negociações com o presidente Aguirre. Em primeiro lugar fez-se menção das reclamações de prejuizos de guerra, reconhecidas e garantidas por algumas potencias; o presidente Aguirre respondeu que o governo da republica não desconhecia taes obrigações, mas achava-se, por causa da insurreição, impossibilitado de attender a ellas (1). Isto levou a discutir-se se não fôra melhor pôr termo á insurreição, visto não duvidar o Brazil para este fim prestar seus bons officios, tanto mais quanto já anteriormente o general Flôres apresentára propostas de paz bem acceitaveis, que poderiam agora servir de base para novas negociações. Com o apparecimento da esquadra brazileira no porto de Montevidéo, viram os blancos reeguer-se com inesperado vigor o partido colorado, e, aconselhando o presidente Mitre ao mesmo tempo um accôrdo, Aguirre pareceu um momento disposto a attender ás propostas do general Flôres.

Com estas bases emprehenderam os tres ministros Saraiva, Thornton e Elizalde uma mediação collectiva. Todos os outros ministros estrangeiros residentes em Montevidéo, os agentes diplomaticos e os consules mostraram-se dispostos a auxiliar taes esforços. Os emissarios mandados ao acampamento do libertador trouxeram, com sorpresa geral, exigencias ainda mais moderadas, do que as que este fizera anteriormente diante de Montevidéo. Flôres supprimio a condição de que metade do novo ministerio pertencesse ao partido colorado e não mencionou o desejo de ser ministro da guerra e generalissimo, mas em troca exigio que o indemnisassem de todas as despezas da guerra. O ponto capital de suas exigencias estava

---

(1) A missão do Sr. conselheiro Saraiva teve por fim obter satisfações de aggravos recebidos pelo Imperio em varias epochas, a partir de 1852, nas pessoas e propriedades de subditos brazileiros residentes na Republica Oriental. Foi um ultimo appello amigavel, dirigido pelo governo imperial ao da Republica. O Sr. Saraiva devia exigir reparação das graves offensas feitas aos brazileiros, cuja propriedade, honra e vida pareciam nada valer para as autoridades da Republica. Se nossas justas reclamações fossem mais uma vez desprezadas, tinha que apresentar o seu ultimatum, communicando ao governo de Montevidéo, que procederiamos immediatamente a represalias. Recebido em 12 de Maio de 1864 pelo presidente Aguirre, o Sr. Saraiva deu logo começo ás negociações, pedindo : « 1.° Que o governo da Republica fizesse effectivo o devido castigo, se não de todos, ao menos daquelles criminosos reconhecidos, que passeiavam impunes, occupando até, alguns delles, postos no exercito oriental, ou exercendo cargos civis do estado; 2° Que fossem immediatamente demittidos e responsabilisados os agentes de policia, que haviam abusado da autoridade de que se achavam revestidos; 3.° Que se indemnisasse competentemente a propriedade que, sob qualquer pretexto, tivesse sido extorquida aos subditos do Imperio; 4.° Finalmente, que fossem postos em plena liberdade todos os brazileiros que houvessem sido constrangidos ao serviço das armas da Republica. » (Veja-se a nota do Sr. Saraiva de 18 de maio de 1864, nos annexos do relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros de 1865.) Nada, porém, conseguio o diplomata brazileiro arrancar á cegueira e obstinação do presidente Aguirre. O Sr. J. J. de Herrera, ministro das relações exteriores da Republica, declarou em 26 de maio em termos desabridos, que o governo oriental não estava disposto a attender ás solicitações do nosso enviado. A essa nota respondeu o Sr. Saraiva em 4 de Junho. Era chegado o caso da apresentação do ultimatum, mas o enviado brazileiro julgou preferivel aguardar novas instrucções do governo imperial, a quem expoz todo o occorrido, comprehendendo ao mesmo tempo que para o bom exito da sua missão, e para satisfazer as vistas pacificas e imparciaes do seu governo, convinha promover a pacificação interna da Republica. Com este mesmo pensamento chegaram a Montevidéo, no dia 6 de Junho, os Srs. Elizalde e Thornton, o primeiro ministro das relações exteriores da Republica Argentina, o segundo ministro da Grã-Bretanha em Buenos-Aires, e conferenciaram logo com o Sr. Saraiva, que não hesitou em aceitar os bons officios que lhe eram offerecidos, declarando que estava tambem dispostos a auxiliar essa tentatava de paz. Os esforços dos tres ministros foram, porém, baldados, como mostra o Sr. Schenider.

formulado no seguinte periodo, que fez abortar todos os esforços : « Todos os orientaes, de qualquer partido que sejam, gosarão de iguaes direitos (1). » Conservára-se tambem a clausula que as tropas da insurreição, quando se submettessem, seriam admittidas no exercito oriental e os officiaes não perderiam as patentes concedidas por Flôres. Os diplomatas mediadores julgaram estas condições razoaveis, e aconselharam a Aguirre que as acceitasse. Deste modo assumio a negociação um caracter official, e os generaes Lamas e Castellanos (2) foram enviados a Flôres, para que este com sua assignatura sanccionasse o ajuste. Voltando a Montevidéo os dous emissarios, os diplomatas mediadores declaram-se satisfeitos, reconheceram a moderação do libertador e instaram com Aguirre para que de sua parte désse uma prova da sinceridade da reconciliação effectuada e, preenchendo metade do ministerio com homens do partido colorado, executasse o artigo relativo á igualdade de direitos de todos os orientaes. Aguirre declarou que não podia fazel-o, sem ouvir o seu ministerio. Entretanto publicára-se na capital o teor das condições, e discutia-se apaixonadamente o alcance dellas. Nem blancos, nem colorados ficaram satisfeitos. Estes julgavam perder o premio da victoria; aquelles não podiam suportar o pensamento de uma derrota. Os diplomatas insistiam em que Aguirre demittisse os ministros que mais infensos se tinham mostrado a Flôres, afim de contentar a este e inaugurar a fusão dos dous partidos. Não só o proprio Aguirre, como todos os ministros e chefes dos blanquillos, oppuzeram-se a esta publica confissão de sua incapacidade para terminar a guerra civil sem concessões, embora o presidente não desconhecesse que deste modo alienava a sympathia e o apoio daquelles que se tinham prestado á mediação. Não sendo a demissão dos ministros exigida por Flôres, mas só desejada e aconselhada como opportuna pelos mediadores, suggerio Aguirre o alvitre de tratar directamente com Flôres a este respeito e procurar outra solução. De boa vontade se accedeu a isto, porque se julgava que o essencial estava conseguido. A celeuma levantada pelos blancos para que seu chefe não se submettesse a esta supposta humilhação tornou os diplomatas cautelosos, e elles offereceram-se para levar a carta de Aguirre ao general Flôres, regulando ao depois o governo facilmente as questões secundarias, sem se expôr a inuteis desgostos. Thornton e Elizalde convidaram o ministro brazileiro a acompanhal-os ao acampamento do general colorado, porém Saraiva declarou, de modo positivo, não poder annuir, por não querer encontrar-se officialmente com um homem a quem o governo imperial não reconhecia, prohibindo até a todas as autoridades brazileiras civis e militares, que com elle se puzessem em relações (3); declarou tambem estar prompto a prestar ao governo oriental, junto do qual fôra acreditado, quaesquer serviços compativeis com os interesses de sua patria, mas não dever negociar com quem fôra declarado pelo seu proprio governo traidor e insurgente; ainda mais acrescentou que não ignorava os escrupulos de seu soberano nestas questões e por isso limitava-

---

(1) O Sr. Schneider refere-se sem duvida á 1ª das condições ajustadas entre os mediadores e o general Flôres, em 18 de Junho, para pacificação da Republica. Essa condição era a seguinte : « Todos os cidadãos orientaes ficarão desde esta data na plenitude de seus direitos politicos e civis, quaesquer que tenham sido suas opiniões anteriores. »

(2) Leia-se — Dr. Andrés Lamas e Florentino Castellanos. — O autor confunde o conhecido diplomata Andrés Lamas com o general Diogo Lamas.

(3) O autor equivoca-se. O Sr. conselheiro Saraiva foi ao acampamento de Flôres com os Srs. Elizalde e Thornton. Não acompanhou estes ministros na segunda viagem que fizeram a esse acampamento, por achar-se enfermo.

se a acompanhar com seus bons desejos seus collegas da Inglaterra e da Confederação Argentina. A' vista disso dirigiram-se sós Thornton e Elizalde ao acampamento de Flôres, onde encontraram os soldados cheios de enthusiasmo, bem dispostos para a lucta, abundantes meios de guerra e fartura de viveres. Entregaram a carta de Aguirre, mas grande foi o seu espanto, quando viram Flôres enfurecer-se e fazer-lhes acres exprobações, por serem portadores de taes exigencias, quando pelo seu acampamento deviam ter reconhecido, que elle não precisava entregar as armas a tropas de um governo, que tantas vezes derrotára. Respondendo-se-lhe que não se tratava de uma submissão, mas de um ajuste, Flôres mostrou o escripto de Aguirre, no qual se estipulava, como condição do projectado accôrdo, a entrega das armas por parte dos insurgentes. Thornton e Elizalde ficaram indignados, por terem sido portadores de tão doloso escripto, estando a carnificina de Quinteros ainda fresca na memoria de todos, quando fôra precedida da entrega das armas, como agora se exigia do general Flôres. Tornou-se pois impossivel qualquer arranjo. Voltando Elizalde e Thornton para Montevidéo, manifestaram ao presidente Aguirre o desgosto que sentiam pelo seu modo de proceder, e declararam que a Inglaterra e a Republica Argentina deixavam o governo oriental entregue á sua sorte. Logo depois partiram para Buenos-Aires afim de informarem seus respectivos governos. Exhortaram o conselheiro Saraiva a adherir a essa medida decisiva, retirando-se igualmente de Montevidéo, mas elle recusou-se, declarando que seu governo ainda mantinha relações amigaveis com o governo oriental, que não tinha de ingerir-se nas questões domesticas da republica e que devia esperar novas instrucções para poder proceder, conforme requeressem as circumstancias. Ficou-se nisto. A brusca partida dos dous diplomatas tornou-se logo conhecida na cidade e por seu caracter ameaçador e sinistro produzio extraordinaria agitação. Ninguem sabia exactamente o que se passára, porque o governo abstinha-se de declarar os motivos, mas os blancos aproveitaram o ensejo para propalarem que por culpa do Brazil, e de seu ministro Saraiva, se haviam desvanecido para os orientaes as esperanças da cessação da luta. Esta accusação provocou da parte da população uma attitude tão ameaçadora contra a legação brazileira, que Saraiva, poucos dias depois, se retirou de Montevidéo a bordo de um dos navios do vice-almirante Tamandaré, e, dirigindo-se a Buenos-Aires, como haviam feito seus collegas da Inglaterra e da Republica Argentina, d'ahi communicou ao governo o occorrido (1).

Pode-se considerar a partida do plenipotenciario brazileiro, como o passo

---

(1) No dia 6 de Junho, chegaram a Montevidéo os Srs. Elizalde e Thornton e conferenciaram com o Sr. Saraiva. No dia seguinte tiveram os tres ministros uma entrevista com o presidente Aguirre. Aceita por este a mediação offerecida, partiram para o acampamento do general Flôres os Srs. Saraiva, Elizalde e Thornton. Os Srs. Andrés Lamas e Florentino Castellanos, na qualidade de delegados do governo da republica, acompanharam os mediadores. Em 18 de Junho, o general Flôres aceitou as condições propostas pelos mediadores, assignando todos um protocollo. Os commissarios do governo de Montevidéo, porém, assignaram-no *ad referendum*. O Sr. conselheiro Saraiva não recusou, como supçõe o autor, ir ao acampamento de Flôres. S. Ex. ahi esteve com os Srs. Elizalde e Thornton e foi um dos signatarios desse protocollo. As clausulas ajustadas foram tambem aceitas por Aguirre com pequenas modificações, mas para que esse convenio pudesse produzir os devidos effeitos era indispensavel que o presidente Aguirre tomasse em consideração a clausula addicional, relativa á organisação de um novo ministerio, contida em uma carta reservada que na mesma occasião lhe dirigio o general Flôres. Esta condição não foi cumprida por Aguirre, rompendo-se por isso a negociação. No folheto do Sr. Saraiva, que já citámos, e no relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros de 1865 encontram-se todos os documentos relativos a essa mediação. Devem-se tambem lêr os officios do

decisivo que devia conduzir á guerra (1). No principio de sua missão, Saraiva cingira-se exactamente ás instrucções que recebera as quaes lhe determinavam que apresentasse com firmeza e energia as reclamações brazileiras, tendo o cuidado de tornar bem patente que o governo imperial não nutria pensamento algum hostil contra o Estado Oriental, pelo contrario, pretendia resolver todas as reclamações amigavelmente, pois havia necessidade de regularem-se afinal as questões pendentes agora que os vexames praticados contra os brazileiros estabelecidos nesse paiz se tornavam cada vez mais insupportaveis. O começo das negociações parecia prometter um arranjo conveniente n'este ponto, mas ante o procedimento de Aguirre e a explosão de odio fanatico dos montevideanos contra o Brazil, Saraiva não podia mais desconhecer a gravidade da situação. Por isso apresentou no dia 4 de agosto seu *ultimatum*, no qual, recapitulando todas as reclamações do Brazil, fixava o prazo de seis dias, para serem satisfeitas, sem o que começariam as represalias (2). Saraiva demonstrára por seos actos que o governo imperial nada queria ter de commum com o general Flôres, não tocando siquer em toda a sua correspondencia na questão da guerra civil. De facto, porém, esta sua nota comminatoria aproveitava ao partido colorado, e os blancos comprehenderam muito bem que o *ultimatum* brazileiro decidiria da permanencia d'elles no poder.

O Dr. Carreras, ministro de Aguirre e seu mais intimo conselheiro, não achou outra solução para as difficuldades senão devolver o *ultimatum*, por ser « indigno da republica receber e archivar semelhante documento ». Isto aconteceu no dia 9 de agosto; e logo no dia 10 chegou de Buenos-Aires a resposta de que as tropas imperiaes reunidas na provincia do Rio-Grande do Sul passariam a fronteira, em defesa dos brazileiros estabelecidos, no norte da republica. Ao mesmo tempo ordenou-se ao vice-almirante Tamandaré que expedisse um navio com esta noticia ao general Menna Barreto na provincia do Rio Grande, outro ao Rio de Janeiro, e tomasse as providencias necessarias para proceder a represalias, logo que tivesse conhecimento de qualquer violencia praticada por orientaes contra brazileiros ou propriedade d'estes.

Obedecendo a esta ordem do plenipotenciario, dirigiu-se Tamandaré com alguns navios pelo Uruguay acima para apoiar a marcha do exercito no norte, deixando apenas uma parte do esquadra no Prata para o bloqueio dos portos (3). Emquanto do lado do Brazil desabava sobre os blancos do

---

Sr. Elizalde publicados na « Memoria presentada por el ministro de estado en el departamento de relaciones exteriores al congreso nacional de 1865 » (Buenos-Aires). Para não alongar muito esta nota, deixamos de fazer reparos sobre muitos pontos da exposição do Sr. Schneider no tocante á mediação de 1864.

(1) O Sr. conselheiro Saraiva transferiu-se para Buenos-Aires, mas em Montevidéo ficou ainda o Sr. Loureiro (barão de Javary, ministro residente do Brazil). Mesmo depois da apresentação do *ultimatum* Saraiva (4 de Agosto) e do começo das represalias, permaneceo em Montevidéo a legação imperial. Só em 30 de Agosto, foi que o governo oriental enviou os passaportes ao ministro Loureiro e ao pessoal da legação brazileira.

(2) O governo imperial ordenou em 21 de Julho ao Sr. Saraiva que apresentasse o seo *ultimatum*, intimando ao governo oriental um prazo dentro do qual désse este as satisfações que exigiamos, sob pena de passarmos a fazer pelas nossas proprias mãos a justiça que nos era negada. — Vej. o relatorio do ministro dos negocios estrangeiros de 1865 e o folheto do Sr. Saraiva. — O ministro das relações exteriores da republica respondeo em 9 de Agosto devolvendo o *ultimatum*. Devem-se ler a resposta do enviado brasileiro, de 10 de Agosto, e a circular da mesma data ao corpo diplomatico, assim como o officio do dia 11 ao almirante Tamandaré.

(3) A esquadra brazileira no Rio da Prata não começou as represalias pelo bloqueio dos portos do Estado Oriental. Entre os annexos encontrarão os leitores as instrucções

Estado Oriental esta procella, dirigia-se o general Flôres, sob o impulso da paixão causada pela carta de Aguirre, contra a cidade de La Florida, expellia a guarnição que ahi se achava, e estabelecia-se n'esse ponto, apenas 20 legoas distante de Montevidéo.

Aqui a lembrança de Quinteros deu causa a um desses factos, que ha cincoenta annos perturbam a paz d'estas infelizes nações. Ao approximar-se a cavallaria do general Flôres, içou-se na cidade uma bandeira branca, e, suppondo-se que a guarnição queria render-se, mandou Flôres seu segundo filho, a quem muito amava e que nunca o deixára no campo. Apenas chegou o mancebo ás primeiras casas, um tiro certeiro o prostrou no chão. Este crime fez com que Flôres perdesse de tal modo o imperio sobre si, que se deixou arrastar á unica violencia, que n'esta guerra ultrapassa os direitos dos combatentes.

O commandante de La Florida e sete officiaes blancos, que na fuga cahiram em suas mãos foram fuzilados. Não podiam os colorados depois d'isto lançar nada mais em rosto aos seos adversarios, e inaugurou-se uma guerra implacavel, que assignalaram scenas não menos lugubres depois da tomada de Paysandú.

Era impossivel fallar mais em conciliação, em ajustes, e Flôres esperava mais anciosamente do que antes qualquer indicio de accôrdo ou de cooperação por parte dos diplomatas e chefes militares do Brazil. Nada d'isto acontecia. Seus amigos os generaes brazileiros Netto e Canavarro o informavam que tudo ia bem, e que o governo dos blancos estava prestes a ser derrotado. Eram, porém, partidarios, que entravam na luta por conta propria (1).

Das tropas imperiaes, que acabavam de atravessar a fronteira, e lentamente avançavam para o Cerro Largo, não lhe chegou nenhuma mensagem, nenhum signal de que se dispuzessem a apoiar a insurreição e a operar conjunctamente com elle (2).

O governo oriental tinha no rio Uruguay um vapor armado, o *Villa del Salto*, destinado a pôr em communicação as cidades ribeirinhas e impedir

---

dadas ao almirante Tamandaré e ao general Menna Barreto. O primeiro acto praticado pelo almirante brazileiro foi intimar a immobilisação dos vapores de guerra orientaes *General Artigas* e *Villa del Salto*, empregados no transporte de tropas e munições entre Montevidéo e os portos do litoral atacados pelos revolucionarios. O *General Artigas* obedeceo á intimação e não sahio de Montevidéo, mas o *Villa del Salto*, perseguido pela corveta *Jequitinhonha*, refugiou-se em agoas argentinas. No dia 7 de Setembro, sahindo esse vapor, foi perseguido de novo pela mesma corveta, e encalhou perto de Paysandú onde foi incendiado pela propria guarnição. Os documentos relativos a esses factos encontram-se no relatorio do ministro dos negocios estrangeiros de 1865. — Quando teve noticia do primeiro encontro do *Jequitinhonha* com o *Villa del Salto*, o governo oriental rompeo as relações diplomaticas com o imperio, enviando os passaportes ao nosso ministro residente, cassando o exequatur aos agentes consulares brasileiros, e prohibindo a communicação das forças maritimas e terrestres do imperio com o territorio da republica. Esta resolução foi communicada á legação imperial em nota de 30 de agosto, respondida no dia immediato pelo Sr. Loureiro. De bordo do corveta *Nictheroy* dirigio-se o Sr. Loureiro ao corpo diplomatico, expondo-lhe o alcance das disposições coercitivas que empregava o governo imperial, e mostrando que a responsabilidade do rompimento de relações recahia sobre o governo oriental que se recusára a todas as propostas conciliadoras e rasoaveis que lhe haviam sido feitas.

(1) O general Canavarro não se ligou a Flôres, como suppõe o Sr. Schenider. Commandava as forças da fronteira do Uruguay e Quarahim, na provincia do Rio Grande do Sul. Netto, sim, organisou um corpo de voluntarios e incorporou-se ao exercito imperial, fazendo com este a campanha da Banda Oriental.

(2) O exercito imperial só mais tarde penetrou no Estado Oriental. A primeira força que transpôz a fronteira foi a brigada do general José Luiz Menna Barreto, em outubro, a qual marchou sobre a villa de Mello, cabeça do departamento de Cerro Largo.

o transporte de gente ou munições de guerra para os arraaies de Flôres. A corveta brazileira *Jequituinhonha* encontrou-se com este vapor e perseguio-o; o *Villa del Salto* içou logo o pavilhão italiano, para illudir o adversario, e, navegando rio acima, metteu-se n'uma funda bahia á margem direita do rio, perto de Concordia, em territorio argentino. O *Jequitinhonha*, não pôde continuar a dar caça, por não violar territorio neutro, mas ficou de observação. Comtudo o *Villa del Salto* conseguiu sahir, mas sendo perseguido e não podendo aceitar combate com o *Jequitinhonha*, superior em tamanho e armamento, foi incendiado pela tripolação, que se evadiu.

Soffreu com isto o governo de Montevidéo um revez, se não na forma, porque não houve combate, ao menos na realidade, porque perdeu o unico navio que possuia (1).

Logo após a entrega do *ultimatum*, ordenou Aguirre a Vasco Sagastume, seu encarregado de negocios no Paraguay, que procurasse por todos os modos obter o apoio do presidente Lopez. Mais tarde saberemos qual o resultado d'esta missão.

Depois da destruição do *Villa del Salto* conseguiram os blancos uma adhesão, nas provincias argentinas de Entre-rios e Corrientes, que ao menos se manifestou por palavras, demonstrações e preparativos. Urquiza reuniu seus esquadrões de cavallaria e declarou que não consentiria na reunião das tropas brazileiras com Flôres (2).

N'estas demonstrações, porém, ficou, por isso que nem Entre-rios, nem Corrientes se moveram quando succumbiu Paysandú, tão perto d'essas duas provincias argnetinas. Aguirre ainda procedeu mais violentamente, depois do incendio do *Villa del Salto* : cassou aos consules brazileiros no Estado Oriental o *exequatur*, publicou as mais violentas proclamações contra o Imperio e tratou de fortificar Montevidéo, porque estava fóra de duvida que a capital seria atacada, ainda que o Paraguay, Corrientes e Entre-Rios prestassem opportuno auxilio.

A esperança n'estes soccorros externos em breve se devia desvanecer, porque o president Mitre, sabendo das manifestações em Entre-Rios e Corrientes, declarou que não toleraria a parcial cooperação de algumas provincias, quando o governo da republica estava resolvido a conservar-se neutro n'este conflicto, que assumia cada vez maiores proporções.

O exercito invasor brazileiro subia então a cerca de 9,000 homens e constava de duas divisões, uma commandada pelo general João Propicio Menna Barreto e a outra pelo general Osorio, tendo o commando supremo de ambas o primeiro destes dous generaes (3). Desses 9,000, eram perto de 4,000 de tropa de linha, isto é, os regimentos já mencionados, quando

---

(1) As communicações officiaes, sobre a perseguição e incendio do *Villa del Salto* encontram-se no relatorio do Ministro dos Negocios Estrangeiros de 1865.

(2) Urquiza nunca fez essa declaração. Tentou uma nova negociação de paz sob os auspicios do governo argentino, mas nada alcançou de Aguirre.

(3) O exercito brazileiro que invadio o Estado Oriental, não se compunha de 9,000 homens, como suppõe o autor. Em 20 de Fevereiro de 1865, ao terminar a campanha, e com os reforços recebidos, elevava-se elle a 8,116 praças de todas as classes.

Invadimos o Estado Oriental e atacámos Paysandú com uma força de 5,711 praças de todas as classes, não fallando na força menos regular ao mando do general Netto, que não chegava a 1,300 voluntarios de cavallaria. A força de infantaria era de 1,695 praças de pret, e a de artilharia de 198 homens, incluidos os officiaes. Não tinhamos artilharia de bater praça; nossa artilharia a Lahitte era de calibre 4, e a de Paixans de calibre 6. Esse pequeno exercito, cujo commando foi dado ao marechal de campo J. Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel, reunio-se no Pirahy Grande, e só em principios de Dezembro se poz em marcha sobre Paysandú. O Sr. Schneider engana-se ainda dizendo que formava duas divisões. O chamado *exercito do Sul* estava dividido

fallámos do corpo de observação formado no Rio Grande do Sul, com 28 peças de campanha. Por estes dados se conhece a força de uma divisão militar na America do Sul.

Nominalmente estavam comprehendidas as milicias e os voluntarios, reunidos sob o commando dos generaes Netto e Canavarro, ricos proprietarios e generaes honorarios; a esta tropa se tinha aggregado a gente dos fazendeiros brazileiros agora arruinados.

Emquanto a tropa regular marchava lentamente, os contingentes de Netto e Canavarro (1), seguindo nos flancos, percorriam o paiz e procuravam, o que era vedado aos generaes do exercito, approximar-se do general Flôres. Tendo este esperado debalde em La Florida, que o exercito brazileiro se unisse a elle, e sabendo por seus amigos que o Imperador não queria identificar a questão brazileira com a guerra civil, embora a causa da revolução fosse sympathica ao Imperio, tomou a resolução de novamente marchar contra Montevidéo e outra vez experimentar a fortuna ás portas da capital. Provavelmente deixou-se levar pela esperança de que os generaes imperiaes marchariam directamente contra Montevidéo, porque só ahi se poderia dar um desenlace definitivo, e adiantando-se a elles queria obrigal-os a operar em commum com o exercito revolucionario. Vendo o general Menna Barreto a direcção dos insurgentes sobre Montevidéo, mandou seu exercito parar no Cerro Largo e ao depois no Rio Negro e no Rio Yi, porque não achava outro meio de corresponder ás ordens imperiaes, mas nem por isso impedio que seus generaes de milicias fossem além destas linhas (2). Não se travou combate algum,

---

em duas brigadas de infantaria, ás ordens dos coroneis Antonio de Sampaio (1ª brigada, batalhões 4, 6 e 12) e Carlos Resin (2ª brigada, batalhões 3 e 13), commandadas ambas pelo brigadeiro José Luiz Menna Barreto, e uma brigada de cavallaria ao mando do brigadeiro M. L. Osorio, hoje marquez do Herval. A artilharia era commandada pelo tenente-coronel E. L. Mallet. O brigadeiro A. de Souza Netto commandava a brigada de cavallaria composta de voluntarios. Essa força só em Dezembro poude invadir o Estado Oriental. Em Outubro uma brigada ao mando do general José Luiz Menna Barreto penetrou no departamento do Serro Largo, mas retirou-se logo que a villa de Mello cahio em poder de Flôres.

(1) Já dissemos acima que o general Canavarro commandava a divisão destacada em Missões e Quarahim e não tomou parte na campanha da Banda Oriental.

(2) O autor figura o general brazileiro avançando e parando, sem saber a direcção que devia tomar, quando em Outubro ainda não tinha elle deixado o acampamento do Pirahy Grande, perto de Bagé. Em 30 de Agosto o governo de Montevidéo, apenas teve noticia da perseguição do vapor *Villa del Salto* pela corveta a vapor *Jequitinhonha*, rompeu as relações com o Imperio, enviando passaportes ao Sr. Loureiro, ministro residente do Brazil. Em 7 de Setembro o Sr. Saraiva, antes de retirar-se de Buenos-Aires, officiou ao presidente da provincia do Rio Grande do Sul e ao almirante Tamandaré, communicando-lhes as ultimas determinações do governo imperial, afim de que se procedesse mais energicamente no emprego das represalias. O exercito de observação devia immediatamente invadir o Estado Oriental, expellir do Serro Largo as forças do governo de Montevidéo, e atacar Paysandú e Salto, de combinação com a esquadra. Mas o exercito que o Sr. conselheiro Saraiva suppunha prompto para operar á primeira voz, só tres mezes depois poude pôr-se em marcha. Como em outra nota dissemos, em 12 de Outubro uma brigada ao mando do general José Luiz Menna Barreto, penetrou no departamento de Serro Largo (batalhão 3 de infantaria e 2 corpos de cavallaria), e no dia 14 entrou na villa de Mello, conseguindo pôr em fuga a guarnição desse ponto. No dia 24 retirou-se essa brigada em direcção a Bagé, e encorporou-se no Pirahy Grande ao resto do exercito.

O almirante Tamandaré, á vista da resolução tomada pelo governo imperial de occupar Paysandú e Salto, dirigio-se confidencialmente, por circular de 11 de Outubro, ao corpo diplomatico em Montevidéo, solicitando providencias para que os navios mercantes estrangeiros, no interesse do commercio licito, se não prestassem ao transporte de tropa e munições de guerra para esses dous pontos. Os agentes diplomaticos estrangeiros recusaram-se a essa requisição, allegando, e com razão, que não tinha havido declaração de guerra e nem ao menos notificação de bloqueio. De facto nossa posição não deixava

porque as poucas guarnições que havia no norte se retiraram diante das tropas regulares do Brazil.

Flôres appareceu com cerca de 4,000 homens, em 12 de Outubro, em Las Piedras, quatro leguas ao norte de Montevidéo, e desta vez, com duas peças raiadas, que um colorado, seu amigo, comprára em Buenos-Aires. Como era natural, houve extraordinaria agitação em Montevidéo, mobilisação da guarda nacional, formação de corpos de voluntarios, trabalhos de fortificação por parte de governo, enthusiasmo do partido colorado e profundo desgosto dos numerosos estrangeiros residentes em Montevidéo, que não só assistiam a estas luctas civis com verdadeira indifferença pela victoria deste ou daquelle partido, como se enchiam de indiganção a cada novo accesso desta chronica febre de revoluções, que paralysava os negocios, estorvava os lucros, e tornava impossivel a tranquillidade. Só almejando a paz e a segurança, elles viam com reluctancia a anarchia, sem fazer cabedal de opiniões politicas. Sem demora pois pediram elles aos agentes diplomaticos e consules de suas respectivas nações que, no caso de entrarem os insurgentes, desembarcassem as guarnições dos navios de guerra hespanhóes, italianos, inglezes e norte-americanos, que então estavam ancorados no porto, para guardarem os bancos, a alfandega e outros edificios, salvando do saque a propriedade estrangeira. O corpo diplomatico e consular annuio a esse pedido e communicou ao governo oriental sua resolução.

Emquanto os insurgentes chegavam a Las Piedras, entravam no porto de Montevidéo tres vasos de guerra brazileiros com um batalhão de soldados navaes. O vice-almirante Tamandaré annunciou o principio das

---

de ser original. Segundo as declarações do governo imperial, não estavamos em guerra com o governo de Montevidéo. Exerciamos *represalias* para chegar a um accôrdo que evitasse a guerra. Não havia, pois, belligerentes, e não podiamos fallar em *deveres dos neutros*, em *contrabando de guerra* e em *direito de visita*. O almirante Tamandaré, em consequencia da resposta do corpo diplomatico, declarou bloqueiados os portos de Paysandú e Salto, sobre os quaes tinha de operar em apoio do exercito imperial (25 de Outubro), e entrou em accôrdo com o general Flôres, chefe da revolução (20 de Outubro) compromettendo-se a entregar-lhe essas duas praças e a auxiliar suas operações de guerra, em troco da segurança, por elle offerecida, de que a revolução, em nome do paiz, attenderia ás reclamações do governo imperial, formuladas pelo Sr. conselheiro Saraiva. (Vejão-se as notas reversaes de 20 de Outubro de 1864, trocadas entre o almirante Tamandaré e o general Flôres na barra do Santa Lucia.) Este accôrdo, porém, ficou secreto, e isso prevenio contra nós o corpo diplomatico estrangeiro, porque as nossas declarações officiaes estavam em contradicção com os nossos actos. No estado a que tinham chegado as cousas, não havia outro procedimento a seguir senão reconhecer desde logo o general Flôres como belligerante e confessar francamente a alliança, que de facto já existia, e o estado de guerra com o governo de Montevidéo, que não se podia mais dissimular. Estas declarações só foram feitas em Janeiro pelo Sr. conselheiro Paranhos, visconde do Rio-Branco, então representante do Brazil no Rio da Prata. (Veja-se a declaração e manifesto de guerra, relativos ao Estado Oriental, circular do conselheiro Paranhos de 19 de Janeiro de 1865.) Depois do accôrdo secreto do Santa Lucia (20 de Outubro), o almirante Tamandaré fez bloqueiar os portos do Salto e Paysandú pela 3ª divisão da esquadra ao mando do chefe de divisão F. Pereira Pinto (barão de Ivinheima). Este chefe conservou-se diante de Paysandú e enviou para o Salto as canhoneiras *Itajahy* e *Mearim*, ás ordens do 1º tenente J. J. Pinto. O coronel Leandro Gomez achava-se nesse ponto, mas sabendo que o general Flôres se aproximava, entregou a praça ao coronel Palomeque, e retirou-se para Paysandú. Flôres effectivamente chegou no dia 24, e, pondo-se de accôrdo com o commandante brazileiro, cercou a villa. No dia 28, Palomeque capitulou. Um destacamento dos navios brazileiros, ficou guarnecendo por algum tempo a povoação. Dias depois o exercito brazileiro invadio o Estado Oriental, dirigindo suas marchas sobre Paysandú (1 de Dezembro). Antes de sua chegada, porém, o almirante Tamandaré e o general Flôres (6, 7 e 8 de Dezembro) atacaram esta praça, que só foi tomada no dia 2 de Janeiro, depois da chegada do general Propicio Menna Barreto.

represalias, nas aguas da Republica Oriental, a todos os ministros e consules nos estados ribeirinhos do Prata (1). Esta communicação foi recebida com muito desagrado porque o almirante brazileiro pretendia exercer o direito de busca e detenção nos navios neutros, por causa do contrabando de guerra. Lettsom, encarregado de negocios da Inglaterra, recusou explicitamente reconhecer nos navios brazileiros o direito de visitar os navios mercantes da Inglaterra, allegando que não havia belligerantes, por quanto Flôres não passava de um rebelde, e tornou o governo brazileiro responsavel por todos os prejuizos que os negociantes inglezes podessem vir a padecer pelas projectadas operações. E' muito singular que nesta sua resposta o diplomata inglez, fallando do general Flôres, declare positivamente que o Brazil esposava a causa da revolução, quando pelo contrario isto se tinha escrupulosamente evitado. Naturalmente adheriram os outros diplomatas a esta opinião do encarregado de negocios da Inglaterra e, em proveito de seus nacionaes, paralysaram os primeiros passos decisivos da esquadra brazileira. Não quizeram reconhecer o bloqueio dos portos orientaes, porque fôra decretado, não pelo Imperador, mas por seo vice-almirante (2) : pretexto, que só poderia ser formulado nas complicadas condições politicas e diplomaticas dessas regiões, mas que nem por isso deixou de surtir o desejado effeito de momento. Particular açodamento mostrou nesta questão o ministro italiano Barbolani, chegando-se a propalar nas gazetas sul-americans que Aguirre, aconselhado por seu ministro e amigo Carreras, entabolára negociações com o rei Victor Manoel, para que este, assumindo o protectorado do Estado Oriental, coadjuvasse a Republica na lucta contra o Brazil. Deve-se accrescentar que tal boato causou grande desgosto em toda a America Meridional, não sendo menos antipathico o projecto posterior de ceder ao reino da Italia a ilha Las Ratas, na bahia de Montevidéo, como premio de auxilios miltares.

O segundo apparecimento dos insurgentes diante de Montevidéo não teve melhor exito que o primeiro. Pela demora das tropas brazileiras no Cerro-Largo (3), reconheceu Flôres que não podia esperar uma acção collectiva, e que devia precaver-se contra o coronel oriental Leandro Gomez, que, organisando por ordem de Aguirre um corpo de exercito no Rio Negro e no Rio Yi, podia apresentar-se pela sua retaguarda e cortar-lhe todos os recursos. Retirou-se, portanto, depois de ter inquietado a capital e dirigio-se para noroeste, porque no campo se julgava superior a seus adversarios. Se da primeira vez o partido colorado em Montevidéo não ousára alçar o collo contra o governo dos blancos, desta vez ainda menos disposição mostrou, porque, contando com o auxilio do Brazil, não queria expôr-se a uma derrota antes da chegada das tropas imperiaes.

Desviando-se a marchas acceleradas de seu inimigo Leandro Gomez, que demorava no rio Yi, e dos brazileiros, postados no Cerro Largo (4), appareceu Flôres, subitamente, em novembro, diante da cidade do Salto, sobre o rio Uruguay, sem duvida a segunda cidade da republica em tama-

---

(1) O autor refere-se evidentemente á solicitação de que fallámos na nota anterior, feita em 11 de Outubro, pelo almirante Tamandaré, ao corpo diplomatico estrangeiro.

(2) O bloqueio foi reconhecido.

(3) *Pela demora das tropas brazileiras em invadir*, **— deveria ter dito o autor. A brigada que invadio o departamento do Serro Largo voltou a reunir-se á força principal em Bagé. (Vid. nota 2ª, pags. 43 e 44).**

(4) O exercito brazileiro não estava no Serro Largo, mas sim no Pirahy, como já dissemos. Flôres não podia tambem evitar encontro com os brazileiros. Sabia que estes não o iam combater, e já tinha entrado em accôrdo com o almirante Tamandaré na barra do S. Lucia, quando marchou para o Salto.

nho e população (1). Sob a impressão de sua chegada e da ameaça de um ataque, capitulou o commandante Palomeque (2), mas Flôres concedeu-lhe a retirada com as honras da guerra, como melhor meio de desembaraçar-se rapidamente, e sem perdas, d'esse inimigo. Com a tomada do Salto cahiram-lhe nas mãos muitos recursos, que serviram para melhorar o estado de suas tropas.

O coronel Leandro Gomez, sempre no rio Yi, esperava ou os brazileiros pelo norte ou os insurgentes pelo sul, quando foi sorprendido com a noticia da tomada do Salto, e previu desde então a perda das outras cidades no Uruguay, cuja conquista se tornaria mais facil a Flôres pelo concurso, senão directo, ao menos efficaz, dos navios brazileiros, que constantemente percorriam o rio (3). Descendo, pois, o rio Negro, dirigiu-se para Paysandú, que logo tratou de fortificar.

Foi n'esta occasião que o inesperado aprisionamento do paquete brazileiro *Marquez de Olinda* em Assumpção arrastou o Paraguay á guerra com o Imperio e despertou grande agitação, principalmente na Republica Argentina. O presidente Lopez tinha-se colligado não só com Aguirre, mas tambem com Urquiza (4) contra o Brazil.

Revelações ulteriores mostraram os complicados fios d'essa teia, que subitamente enredou o Paraguay nos azares da luta. A trama era urdida não só contra Mitre, presidente da Republica Argentina, mas tambem contra a conglomeração politica dos estados platinos, como veremos na secção d'este livro relativa ao Paraguay.

Tendo augmentado suas forças com os voluntarios do corpo brazileiro commandados pelo general Netto, quando marchou contra o Salto (5), não quiz o general Flôres perder tempo em uma cidade facilmente conquistada. reconhecendo que só por extraordinaria actividade escaparia aos golpes que o ameaçavam do lado do Paraguay, de Entre-Rios e de Corrientes. Deixou no Salto uma guarnição, e apresentou-se em 3 de dezembro, com 1,200 homens de cavallaria, 500 de infantaria e 7 bocas de fogo, diante de Paysandú, onde o coronel Leandro Gomez, com forças pouco mais ou menos iguaes, era por algumas canhoneiras brazileiras bloqueado pelo lado do rio.

As forças existentes em Paysandú bastavam para a defesa. Leandro Gomez ahi encontrára guarnição regular, composta de algumas centenas de soldados de linha, recebêra reforços de Montevidéo e trouxera do rio Yi alguma tropa; além d'isso muitos dos habitantes, dedicados ao partido blanco, tinham tomado armas e accumulado copiosos viveres. Paysandú sem ser uma praça de guerra, tinha algumas fortificações, e Leandro Gomez, apenas assumiu o commando militar, tratou de melhoral-as, res-

---

(1) Salto não é a segunda cidade da Republica em importancia e população.

(2) Como dissemos na nota 2ª ás pags. 43 e 44, Flôres cercou o Salto de combinação com as canhoneiras brasileiras que bloqueavam esse porto. Cahiram em poder dos alliados 4 peças de artilharia e 250 prisioneiros que foram incorporados ás forças de Flôres. O Salto ficou guarnecido por 300 soldados de Flôres e 150 brazileiros. Palomeque fugira antes da capitulação.

(3) Auxilio directo, porque antes da tomada do Salto já havia o accôrdo secreto do Santa Lucia entre Tamandaré e Flôres.

(4) E' fóra de duvida que o general Urquiza, governador da provincia de Entre-Rios, sympathisava com a causa de Lopez, mas nunca se animou a esposar francamente essa causa. Com o governo de Montevidéo tinha Lopez um convenio secreto, pelo qual se compromettera a tomar aos argentinos a ilha de Martim Garcia.

(5) A brigada de voluntarios do general Netto reuniu-se a Flôres muito depois, deante de Paysandú, no dia 15 de dezembro. Essa brigada fazia a vanguarda do exercito imperial.

guardando a cidade de qualquer ataque repentino. As trincheiras existentes foram unidas por fossos, as sahidas das ruas obstruidas com barricadas, e as casas transformadas em pequenas fortalezas, o que n'essas paragens é facil pela forma achatada dos tectos (azoteas), que dá aos edificios o aspecto de cidadellas. Os cidadãos que pertenciam notoriamente ao partido colorado foram obrigados a abandonar a cidade.

Communicou-se para Montevidéo que Paysandú estava rigorosamente fortificada, mas que para o bom exito da defeza eram necessarios auxilios de munições, material de guerra, e um corpo de saúde com os devidos recursos. Contava-se com um exercito enviado da capital para levantar o sitio da praça.

Quando Leandro Gomez deixou o rio Yi para encerrar-se em Paysandú, deixando aberta aos brazileiros a estrada de Montevidéo, resolveu o governo enviar para o norte as tropas ainda existentes na capital e diariamente augmentadas por um engajamento dispendioso (cada homem recebeia diariamente um thaler prussiano, 1$300), e confiou o commando ao general Sáa. Este occupou uma posição entre Montevidéo e Durazno e procurou colher informações a respeito dos movimentos e planos dos brazileiros, que ainda não tinham feito juncção com os revolucionarios.

Paysandú, capital do departamento do mesmo nome, está edificada sobre uma eminencia em fórma de amphitheatro á margem esquerda (oriental) do Uruguay, porém, quasi uma boa legua distante do rio, pelo que um bombardeamento só é possivel com grossa artilharia naval. Pelo lado de terra é rodeada de eminencias cobertas de vegetação (Cochillas de los Palmares), que dominam a cidade. Os arredores são ferteis e pittorescos e se Paysandú estivesse situada mais perto do Uruguay, que neste sitio é bastante largo e semeado de ilhas, de ha muito teria attingido á importancia de Montevidéo, o que nunca se dará, porque os navios de alto bordo só podem subir o rio até Fray-Bentos, nunca até essa cidade. Perto de 5,000 habitantes, entre os quaes muitos italianos, vivem quasi exclusivamente do commercio. Ao norte o Arroyo Grande e ao sul o Arroyo Sacra, consideraveis ribeiros, que despejam suas aguas no Uruguay, formam dous córtes no terreno muito favoraveis á defeza. As ruas são direitas e largas, a praça principal muito elevada (Plaza de la Matriz), onde está a cathedral (1), domina o interior da cidade. Foi ahi que Leandro Gomez estabeleceu uma bateria para 4 peças de calibre 8, que podiam varrer a circumvisinhança, mas foram logo desmontadas pela artilharia Whitworth dos brazileiros. Leandro Gomez quiz obrigar os estrangeiros a trabalharem nas fortificações, mas elles se recusaram.

As canhoneiras brazileiras já estavam no Uruguay diante da Puerta de los Aguaderos, e em uma d'ellas o vice-almirante Tamandaré, achando-se fundeados no porto muitos navios hespanhóes, inglezes e norte-americanos, quando Flôres, vindo do norte, appareceu no Arroy-Grande, e postou-se nas eminencias que circumdam a cidade, cortando as communicações pelo lado de terra, e assestando a sua artilharia. O primeiro parlamentario enviado para intimar a rendição, teve em resposta uma recusa formal; o segundo foi repellido a tiros de espingarda.

Aqui pela primeira vez houve combinação entre um representante do governo brazileiro e o chefe da revolução, porquanto Tamandaré e Flôres operaram de accôrdo (2). Por tres pontos differentes dirigiam as operações

(1) **Onde está a matriz.**

(2) **Já dissemos que em 20 de outubro de 1864 o almirante Tamandaré e o general**

Flôres, Caraballo e Goyo Suarez, e por outro lado Tamandaré. Principiou-se no dia 5 por um forte ataque de artilharia, que foi correspondido da cidade frouxamente (1). Tamandaré mandou desembarcar 400 soldados navaes, para no dia 6 tentarem um assalto pelo lado do sul, e ao mesmo tempo Flôres fez avançar pelo lado septentrional sua infantaria contra as bocas das ruas. De ambos os lados combateu-se com grande denodo. Os brazileiros penetraram nos primeiros orelhões e barricadas e apoderaram-se de uma peça, mas foram obrigados a retroceder por causa do fogo vivamente sustentado das casas e sotéas. O commandante das tropas brazileiras

---

Flôres entenderam-se na barra do S. Lucia sobre as operações militares, e já vimos tambem que no Salto as forças navaes brazileiras auxiliaram esse general. Paysandú, portanto, *não foi o primeiro ponto em que houve combinação entre as forças imperiaes e Flôres*, mas o primeiro ponto em que correo o sangue brazileiro confundido com o das tropas de Flôres. Combatiamos, assim, ao lado do chefe da revolução sem que o tivessemos reconhecido solemnemente como belligerante. Essas e outras faltas foram, felizmente, reparadas pelo Sr. visconde do Rio-Branco, apenas chegou ao Rio da Prata em missão especial.

(1) No dia 5 não houve bombardeamento. O vice almirante Tamandaré partio de Buenos-Aires para Paysandú apenas teve noticia da proxima chegada do novo ministro em missão especial, o Sr. conselheiro Paranhos, visconde do Rio-Branco e entendeu-se com o general Flôres sobre o ataque d'essa praça. A guarnição do Salto, como vimos, rendera-se no dia 20 de novembro á simples intimação de Flôres, sem que as nossas forças navaes, que bloqueavam a villa, e o exercito d'esse general, que a sitiava, tivessem necessidade de disparar um tiro. Julgou por isso o vice-almirante brazileiro que devia aproveitar o effeito moral da occupação do Salto para obrigar Paysandú a render-se. Flôres achava-se perto d'essa cidade com 3,000 homens, quasi todos de cavallaria. No dia 3 de dezembro o vice-almirante Tamandaré tomou posição no porto com as canhoneiras *Araguary*, *Parnahyba*, *Belmonte* e *Ivahy*, e conferenciou com Flôres, resolvendo atacar a praça antes da chegada do exercito imperial, de cuja marcha não havia ainda noticia. Paysandú era defendida por 1,274 homens, ás ordens do coronel Leandro Gomes, e tinha em suas trincheiras 15 bocas de fogo de calibres 12 e 18. Commetteo-se a imprudencia de atacar essa posição com pouco mais de 1,000 homens. Flôres concorreo com uns 600 infantes, unicos que tinha em seu exercito, e 7 peças, 3 das quaes raiadas. Dos navios brazileiros desembarcaram no dia 4, ás ordens do capitão Guimarães Peixoto, 200 praças do 1º batalhão de infantaria, 100 do batalhão naval e 100 imperiaes marinheiros com 3 peças de campanha de calibre 12 e uma estativa de foguetes á Congréve. A essa força reunio-se um esquadrão de 160 brazileiros, que, sob o commando do estancieiro Bonifacio Machado, serviam no exercito de Flôres. Repellida por Leandro Gomez a intimação que lhe foi feita, as quatro canhoneiras começáram a bombardear a praça na madrugada de 6. Flôres avançou com os seus 600 infantes e 7 peças, e o capitão Guimarães Peixoto com os seus 400 homens e 3 bocas de fogo. Apoderámo-nos dos primeiros cantões, mas as nossas peças de campanha ficaram desmontadas depois de algum fogo, pela fraqueza de seus reparos, e a estativa de foguetes ficou inutilisada. O combate em terra foi, entretanto, sustantato com o maior denodo, causando estragos immensos ao inimigo as bombas de 68 que as canhoneiras jogavam. O almirante Tamandaré desembarcou poucas horas depois com um reforço de 100 imperiaes marinheiros e 1 peça de 12. No dia 7 continuou o ataque, desembarcando da esquadra 2 peças de calibre 32 e 1 de 68 da 6ª classe, que foram collocadas em bateria na eminencia de Boa-Vista, sitio que domina a cidade pelo norte. No dia 8 proseguiu o fogo, sendo interrompido á tarde por estarem quasi esgotadas as munições de artilharia do exercito de Flôres. O almirante Tamandaré e o general Flôres resolveram então suspender o combate até a chegada do exercito imperial. E' admiravel que os sitiados não houvessem emprehendido uma sortida durante esses dias em que as nossas forças, inferiores em numero, estiveram divididas, e, conseguintemente, expostas a um golpe de mão. A perda dos brazileiros foi de 12 mortos, 40 feridos e 1 extraviado; a do exercito de Flôres de 42 mortos e 50 feridos. Dentro da praça constou ter havido 100 ou 150 homens fóra de combate. — As partes officiaes e outras descripções sobre esses combates encontram-se no tomo I da *Historia da guerra do Brazil contra as republicas do Uruguay e do Paraguay* (Rio de Janeiro, 1870, 4 vols). O unico merecimento d'essa obra, escripta com grande desalinho pelo fallecido cirurgião da armada Dr. Francisco Felix Pereira da Costa, é ter reunido muitas peças officiaes e as correspondencias que do theatro da guerra eram enviadas para os jornaes.

foi morto (1) e recconheceu-se ser necessario esperar que a prolongada acção da artilharia enfraquecesse a defesa para se tentar o assalto com segurança de resultado.

Antes de repellir a intimação, tinha Leandro Gomez mandado para uma ilha do Uruguay os velhos, as mulheres e as crianças, em numero de 2.000 pessôas, que pudessem embaraçar a defesa, no que, sem que Tamandaré o impedisse, foi ajudado pelos escaleres dos navios estrangeiros, que esperavam o resultado do ataque (2). Comquanto cada habitante apenas levasse comsigo o que podia carregar, houve logo na ilha grande carestia de viveres e a este horroroso padecimento accresceu outro bem grave, pois durante quatro semanas, emquanto se não decidiu a sorte de Paysandú, os infelizes desterrados e fugitivos ficaram ao relento, expostos a todas as intemperies. Debalde exortou o capitão da canhoneira ingleza *Dottorel* a Leandro Gomez para que se rendesse. Elle estava resolvido a defender-se até os limites do possivel.

O bombardeamento continuou nos dias 7 e 8 de dezembro, mas sem produzir effeito decisivo, e parou porque se esgotaram as munições do exercito de Flôres (3). As perdas tinham sido consideraveis de ambos os lados, pòis se combatêra com extraordinario encarnecimento. Da parte dos defensores da praça o prejuizo subio a 400 homens (4), isto é, quasi um quarto da guarnição, segundo a opinião insuspeita de um correspondente dos jornaes de Buenos-Aires, que declarou — « terem todos admirado a bravura d'aquelles 400 brazileiros, cuja nação nos ensinaram desde a infancia a desprezar como despida de valor. » — « Como se bateram tão heroicamente em condições tão desfavoraveis! » exclamou elle (5).

---

(1) Inexacto. O capitão Guimarães Peixoto foi ferido, sim, mas morreo dois annos depois, em consequencia de outros ferimentos recebidos no Paraguay.

(2) A sahida das familias não se effectuou antes de responder Leandro Gomez á intimação, mas depois do dia 9. N'esse dia o commandante das canhoneiras ingleza, franceza e hespanhola que estavam no porto solicitaram do general Flôres um armisticio para dar logar á sahida dos habitantes. Foi então que se passaram para as ilhas do Uruguay cerca de 2,000 pessoas.

(3) O almirante Tamandaré em seo officio de 2 de Fevereiro de 1865 disse o seguinte : — « O grande effeito moral que queriamos conseguir estava alcançado. Nossas tropas reconheceram sua superioridade, sobre o inimigo, e mostravam-se dispostas a maiores empresas. Podiamos, portanto, tratar do assalto, com esperança de completo triumpho... Mas era preciso contar com grandes perdas, e eu não quiz expôr os nossos marinheiros, que com tanta difficuldade se substituem, e são necessarios para a continuação da campanha, que ainda agora principia. Além d'isso não havia nos navios senão o numero sufficiente de bombas para atirar quando resolvessemos o assalto; e tambem o general Flôres carecia de projectis para sua artilharia raiada, e de polvora e cartuxame. »

(4) Ha exageração. O almirante Tamandaré avaliou em 150 homens fóra de combate as perdas dos sitiados.

(5) No Rio da Prata procura-se systhematicamente persuadir ao povo que somos uma raça despida de brio e de valor, e isso não obstante um sem numero de feitos brilhantes que registra a nossa historia militar, desde o tempo das lutas com os francezes, hollandezes e hespanhóes, até as nossas contendas no sul, a partir do seculo XVII. Em geral não conhecem os nossos visinhos a historia do Brazil, e quanto ás nossas operações militares no Rio da Prata, adulteram os factos para apresentar-nos sempre sob um aspecto desfavoravel. Julgam que nos insultam fallando sempre em Sarandy e Ituzaingo, como se houvesse vergonha em não alcançarem as nossas tropas a victoria, pelejando em numero muito inferior, como succedeu no primeiro desses combates, onde 1.414 milicianos brazileiros atacaram imprudentemente 2.500 homens das tres armas, e na tão fallada batalha de Ituzaingo, onde a 10,000 homens, pouco mais ou menos, oppuzemos apenas 5.567.

Nas victorias que alcançámos no seculo passado, e nas que obtivemos em 1801, em 1811 e 1812, e de 1816 a 1820 não fallam senão muito ligeiramente os escriptores do Rio da Prata, e quando mencionam essses combates é sempre para nos deprimir : o mesmo succede quando a imprensa desses paizes se refere aos factos da ultima guerra.

Os chefes comprehenderam que fôra um erro arriscar o assalto, sem ter dado á artilharia o tempo necessario para enfraquecer a defesa. Nos dias immediatos disparou-se um ou outro tiro contra a cidade, mas no geral houve suspenção de hostilidades, e d'ella se aproveitou Leandro Gomez para reforçar as obras de defesa exteriores e centraes com extremo sacrificio de sua gente. Se a artilharia das canhoneiras attingisse o centro da cidade, o bombardeamento teria causado maiores damnos, do que o proprio ataque. Em todo caso as columnas de assalto tinham sido por demais fracas de um e de outro lado. Flôres havia trazido 1,200 homens de cavallaria, mas de que serviam elles operando contra casas e ruas defendidas? (1)

Sem demora chegou a Montevidéo e ao acampamento de Menna Barreto a noticia d'este primeiro revez dos que agora eram alliados, senão officialmente, ao menos de facto. No campo brazileiro devia-se, pois, decidir se ao exercito imperial cumpria marchar contra Montevidéo ou primeiro tomar Paysandú (2). A experiencia mostrára que não se podia tomar Montevidéo por assedio, mesmo completado por bloqueio fluvial, pois Oribe já tinha estado 8 annos diante dessa cidade sem nada conseguir.

Os generaes brazileiros não dispunham de artilharia de sitio; podiam, é verdade, recebel-a do Rio de Janeiro ou da esquadra, mas receiavam, entretanto, algum revez sério diante de Paysandú. Se Leandro Gomez se

---

A nossa historia militar, porém, é muito anterior á de todos os outros povos da America, pois já nos seculos XVI e XVII adquiriam renome na Europa os filhos do Brazil pelo seu patriotismo, constancia e intrepidez. Os chronistas francezes e hollandezes, particularmente os historiadores que se occupáram com a heroica resistencia que durante 30 annos oppuzeram os brazileiros ao dominio bátavo, fazem-nos todos justiça, como Barlœus, Moreau, Netscher e outros. Já em 27 de Julho de 1630 escrevia o general Theodoro Weerbemburgh aos Estados Geraes de Hollanda : — « Acho este um povo « de soldados, vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que boa direcção; e que « não são de nenhum modo como cordeiros o posso eu affirmar, pois por vezes o tenho « experimentado. » O mesmo testemunho deram depois o principe Mauricio de Nassau, o general Siegmundt von Schkoppe e os demais chefes hollandezes que vieram ao Brazil. Garibaldi, que tambem militou entre nós, louvou a bravura e constancia dos soldados brazileiros, apresentando-os aos seus compatriotas como exemplos dignos de serem imitados. Só no Rio da Prata, onde aliás os nossos revezes são em muito menor numero que as nossas victorias, é que se nega a nossos soldados e marinheiros o valor de que constantemente têm dado provas. — Registremos sempre as palavras do intrepido general italiano sobre os brazileiros, tanto os que serviam nas fileiras da revolução rio-grandense como os que defendiam a causa da legalidade : — «... Affastei-me depois do theatro em que se deram os acontecimentos que refiro; estou a duas mil leguas no momento em que escrevo estas linhas; pode-se, portanto, acreditar em minha imparcialidade. Pois bem, fallando de amigos e inimigos, devo dizer que eram intrepidos filhos do continente americano aquelles que eu combatia, mas não eram menos intrepidos aquelles em cujas fileiras tomei logar... » Adiante, nas mesmas Memorias, e depois de tratar da batalha de Taquary ferida entre o general legalista Manoel Jorge Rodrigues e o dos insurgentes, Bento Gonçalves, diz Garibaldi : — « Mas a nossa gente estava affeita a todas as privações, e uma só queixa partio dos labios d'esses soldados que morriam de fome e de sede, — a de não serem levados á peleja. Oh Italianos! Italianos! No dia em que fôrdes unidos e sobrios, pacientes nas fadigas e privações, como estes homens do continente americano, o estrangeiro, ficai certos, não pisará mais a vossa terra, nem manchará vossos lares. »

(1) Flôres tinha mais de 2,400 homens de cavallaria e 600 de infantaria.

(2) Já dissemos que o exercito do general Menna Barreto recebera ordem *para desalojar as guarnições do Serro Largo, Salto e Paysandú*. Nos dous primeiros pontos já se havia conseguido esse resultado. Só depois da tomada de Paysandú e da nova phase em que entraram os acontecimentos, foi que o governo imperial resolveo atacar Montevidéo, reconhecendo que nada mais podia esperar do governo de Aguirre. O exercito imperial, pois, estava em marcha sobre Paysandú *em virtude das ordens do governo*, sem que o general Menna Barreto hesitasse, como suppõe o autor, sobre a direcção que devia seguir.

mantivesse ahi, poderiam os soccorros, então esperados de Entre-Rios, Corrientes e Paraguay, modificar as circumstancias em prejuizo do Brazil, e paralysar qualquer movimento contra a capital.

A união com Flôres, que fôra absolutamente vedada aos generaes brazileiros, de facto se tinha realisado pela cooperação do vice-almirante Tamandaré, e, tendo a esquadra principiado a operar conjunctamente com os insurgentes, não era já possivel desamparar a estes ou expôl-os a um completo desbarato. Resolveo, pois, o general Menna Barreto avançar para sudoeste, ao longo do Rio-Negro, e approximar-se de Paysandú.

Mas outra consideração parece ter actuado sobre o animo do general brazileiro. O motivo declarado da intervenção do Imperio era a deposição de Aguirre e do governo dos blancos, e a consequencia necessaria deste facto seria a elevação do general Flôres, chefe reconhecido do partido colorado. Era, pois, indispensavel que Flôres não experimentasse revez algum, devendo estar prompto para aquella eventualidade. O facto de ter-se dirigido Leandro Gomez não para Montevidéo, mas para Paysandú, provava que o governo oriental, antes de tudo, queria conservar um ponto, que facultasse a esperada juncção com as tropas do Paraguay e das duas provincias argentinas, que lhe eram favoraveis. Por isso as duas divisões brazileiras se puzeram em marcha do Serro Largo (1) para Paysandú.

Além de jubilo produzido em Montevidéo pela feliz resistencia de Paysandú, reconheceu-se tambem a necesidade de auxiliar por todos os modos aquella heroica cidade. Com o fim de satisfazer aos instantes pedidos do coronel Leandro Gomez fretou-se, com autorisação do consul italiano, o navio *Il Tevere* para levar medicos, frades, irmãs de caridade e medicamentos á praça sitiada. Os medicamentos e as bagagens das irmãs de caridade, logo ao descarregar, chamaram a attenção pelo seu peso, e verificou-se que debaixo de unguentos e de fios occultavam-se granadas e munições de toda a especie. O negocio foi denunciado ao vice-almirante Tamandaré; quando, porém, este quiz revistar o navio, por causa do contrabando de guerra, o commandante da canhoneira italiana *Veloce*, poz tropas a bordo do *Tevere* e salvou a carga. Ao mesmo tempo deu-se ordem ao general Juan Sáa, antigo companheiro de Urquiza, que se celebrisára nas anteriores guerras civis, para marchar sobre Paysandú, em auxilio do coronel Leandro Gomez. Em Montevidéo confiava-se nas boas fortificações de Paysandú, caso os brazileiros quizessem investir essa praça, e comprehendeu-se que era preciso defendel-a a todo custo, para destruir a má impressão produzida pela perda do Salto. Assim, Menna Barreto e Juan Sáa, partindo de pontos differentes, romperam a marcha sobre Paysandú.

O furor dos blancos pela alliança dos brazileiros com Flôres prorompeu nas mais insensatas demonstrações. A bandeira imperial foi insultada e calcada aos pés em Montevidéo; as mais violentas injurias foram atiradas contra o Imperador, contra o exercito e contra os macacos (conhecida alcunha dada pela raça hespanhola á portugueza); e por fim, no dia 15 de dezembro, celebrou-se um solemne auto de fé, no qual foram queimados todos os tratados com o Brazil, celebrados desde a instituição da republica, — farça politica sem igual, porque os cinco tratados, que foram publicamente reduzidos a cinzas, davam solemne testemunho da boa vontade do Imperio para com a joven republica, sempre dilacerada por discordias intestinas (2). Erigio-se no meio de uma vasta praça uma grande

---

(1) Do Pirahy Grande, perto de Bagé, e não do Serro Largo. O exercito brazileiro rompeu a marcha no 1º de Dezembro.

(2) Os tratados queimados foram os de 12 de Outubro de 1851 e suas modificações de

tribuna em fórma de arco triumphal asiatico; diante da tribuna estava um estrado, e sobre elle um fogareiro de metal, de tres pés. A tribuna estava ornada de estandartes e bandeiras e junto a ella achava-se apinhada uma grande multidão de povo. Fôra annunciada a execução de um acto de justiça politica. Aproximando-se as autoridades de Montevidéo, o chefe politico, Sienra, subio ao estrado, tomou as tenazes, que já estavam preparadas, e foi lançando ao fogo folha por folha dos tratados, conforme as ia recebendo do seu escrivão. Na tribuna foram pronunciados discursos incendiarios. Emquanto o povo applaudia freneticamente, o chefe politico revolvia o brazeiro com as tenazes e ateava a labareda. Foi uma scena cuja puerilidade a simples descripção basta para caracterisar. Não reflectiam os homens da situação, que deste modo tambem o Brazil ficava desembaraçado de todos os compromissios e obrigações para com o Estado Oriental (1).

Deixàmos Paysandú no dia 8 de dezembro no momento da pausa militar que se seguio ao primeiro ataque. A noticia do mallogro dessa primeira tentativa chegára tão rapidamente a Montevidéo e ao exercito de Menna Barreto como a Paysandú chegára a da promoção do coronel Leandro Gomez e de seu immediato Lucas Pirez a generaes, em recompensa dos serviços prestados na defeza da praça, e a da ordem dada pelo presidente Aguirre ao general Juan Sáa, para marchar em soccorro de Paysandú. Só o que se soube depois, foi que o general Menna Barreto resolvêra deixar sua attitude reservada e, desprezando por emquanto Montevidéo, prestar auxilio ás tropas que operavam contra Paysandú. Todo o ulterior procedimento foi indubitavelmente influenciado pelas noticias que chegaram a respeito das disposições do Paraguay, seus extraordinarios preparativos e invasão de Matto-Grosso, provincia brazileira, por tropas desse paiz (2).

E' verdade que o presidente Solano Lopez escolhendo para theatro de suas hostilidades contra o Brazil a longinqua provincia de Matto-Grosso, mui o ao norte, não podia cooperar de modo deciviso no Estado Oriental, mas com seus 14 navios de guerra poderia, sendo activo, effectuar uma forte diversão no Uruguay e no Prata. O rompimento do Paraguay, pois era motivo para que se apressasse o desenlace do ataque de Paysandú. Não se devia, porém, tentar um segundo assalto sem reforços, e para um bombardéamento efficáz faltavam munições, que tinham de ser transportadas pela esquadra brazileira. Nestas circumstancias resolveu Flôres lançar-se com a maior parte de seu pequeno exercito, que, sendo quasi todo de cavallaria, era inutil em Paysandú, sobre o general Juan Sàa, conhecido entre

---

15 de Maio de 1852. Foram annullados e cancellados por decreto de Aguirre de 13 de Dezembro. Por esse decreto e outro de igual data foram abertas as aguas da Lagoa Mirim aos navios de commercio de todas as nações, e fechados os portos da republica á bandeira mercante do Imperio.

(1) Veja-se a ultima nota d'este capitulo.

(2) Quando o pequeno exercito do general Menna Barreto penetrou no Estado Oriental no 1º de Dezembro de 1864, dirigindo suas marchas sobre Paysandú, ainda não se tinha noticia da invasão de Matto-Grosso pelos paraguayos, invasão que só se realisou em fins de Dezembro. Apenas se sabia então da captura do paquete *Marquez de Olinda*. A entrada do exercito imperial no Estado Oriental, deveria ter-se effectuado logo apóz a apresentação do *ultimatum* Saraiva. As represalias por terra, segundo as instrucções do governo imperial, deveriam começar, como já ficou dito, pela occupação do Serro Largo, Salto e Paysandú. Infelizmente o chamado exercito de observação, não estava prompto para operar, e só quatro mezes depois da apresentação do *ultimatum* se poz em marcha, contra a expectativa do proprio Sr. Saraiva.

os gaúchos pela alcunha de « Lansa Seca », e forçal-o a aceitar combate. Com esse fim puzeram-se em marcha dous terços dos insurgentes, deixando suas posições nas eminencias de Paysandú no dia 10. Goyo Suarez ficou com a artilharia e infantaria para continuar o cerco. Assim vemos em meiados de dezembro, quando reinava em Montevidéo a maior excitação e incerteza, tres columnas percorrerem o paiz em differentes direcções, procurando-se ou evitando-se umas ás outras. De Paysandú em direcção ao sul marchavam Flôres e Caraballo; pela margem esquerda do Rio Negro, de Durazno para Paysandú, avançava Juan Sáa, e da fronteira do Brazil sobre a mesma praça marchava o general Menna Barreto. Da parte do general Sáa parece não ter havido grande desejo de chegar ás mãos com os seus contrarios, porque apenas suas avançadas esbarraram com as de Caraballa, elle retirou-se e tão depressa que Flôres não o pôde mais alcançar. Sáa continuou a retirada até Montevidéo, e julgara dever assim proceder, porque durante a marcha soubera que Menna Barreto se movia na direcção de Paysandú. Do mesmo movimento teve noticia Flôres, e por isso resolveu esperar a aproximação dos brazileiros para com elles se dirigir sobre Paysandú (1), onde pelo natal tinham chegado munições sufficientes e os voluntarios do general de milicias Netto (2). Assim o exercito

---

(1) Como dissemos na nota n. 1 á pag. 48, no dia 8 o almirante Tamandaré e o general Flôres resolveram suspender o ataque para aguardar a chegada do exercito imperial, mandando-se ao mesmo tempo pedir á esquadra brazileira, fundeada deante de Montevidéo e Buenos-Aires, munições e reforços. No dia 14 de dezembro chegou ao acampamento dos sitiantes o major Corrêa da Camara (hoje general e visconde de Pelotas) com officios do general Menna Barreto. Havendo sido ferido o capitão Guimarães Peixoto, o visconde de Tamandaré entregou a esse official o commando das forças desembarcadas. No dia 15 chegou ao nosso acampamento a brigada do general Netto, composta de 1,200 voluntarios de cavallaria, que faziam a vanguarda do exercito imperial. Soube-se então que o presidente Aguirre fizera avançar o general Juan Sáa, á frente de 3,000 homens, e 4 bocas de fogo, para levantar o sitio de Paysandú, e immediatamente se resolveu que as tropas alliadas marchassem ao encontro desse corpo de exercito. A artilharia pesada foi reembarcada, e Flôres com 2,400 homens, marchou até o arroyo Rabon (20 de Dezembro), seguido dos 1,200 voluntarios de Netto e de 320 marinheiros e soldados do 1º batalhão de infantaria, ás ordens do major Corrêa da Camara. Apenas teve noticia desse movimento, Juan Sáa poz-se em retirada, tornando a passar o Rio Negro, e os alliados voltaram a sitiar Paysandú, onde chegaram no dia 25. Tres dias depois, na tarde de 29, reunia-se aos sitiantes o exercito do general Menna Barreto, composto apenas, como já dissemos em outra nota de 5,711 homens, dos quaes 1,695 de infantaria, sem contar os officiaes, 195 de artilharia inclusive os officiaes, e os demais de cavallaria. Este pequeno exercito não levava artilharia de bater, e nem siquer um engenheiro « que pudesse dirigir a abertura de um fosso e a construcção de um parapeito, em que se abrigassem os nossos artilheiros, inteiramente expostos ao alcance de tiro de fuzil, em frente de Paysandú. » Seu parque compunha-se tão sómente de 12 peças de campanha, com 70 tiros por peça. « Não levou esse exercito em sua bagagem uma machadinha, um só dos instrumentos necessarios para romper cercas, abrir portas e escalar muralhas. » Resolvido o ataque, o general Menna Barreto assestou a sua artilharia na coxilha da Boa Vista, onde tambem foram collocados 6 canhões da esquadra. Os contingentes do 1º batalhão de infantaria, de fuzileiros navaes e imperiaes marinheiros, em numero de 400 homens, ás ordens do major Corrêa da Camara, foram incorporados á brigada do coronel Antonio de Sampaio, composta dos batalhões 4.º, 6.º e 12º de infantaria, commandados pelos tenente-coronel Salustiano J. dos Reis, major A. da Silva Paranhos e tenente-coronel L. A. Ferraz. A outra brigada de infantaria, dirigida pelo coronel C. Resin, compunha-se dos batalhões 3º e 13º, de que eram commandantes o tenente-coronel Oliveira Bello e o major Menezes Doria. Atacámos, portanto, a praça de Paysandú com 2,100 homens de infantaria e 18 bocas de fogo, e Flôres com 600 homens de infantaria e 7 bocas de fogo. A praça tinha ainda uns 1,200 homens de guarnição e 15 peças. No dia 31 de dezembro começou o ataque, que só terminou 52 horas depois, na manhã de 2 de Janeiro.

(2) O general Netto chegou ao acampamento alliado no dia 15 de dezembro, e o resto do exercito brazileiro no dia 29 ás 7 horas da tarde.

sitiante ficava na devida superiodade numerica para com a guarnição. O general Menna Barreto chegou com uma brigada da cavallaria, duas brigadas de infantaria e a correspondente artilharia (os dados variam de 16 a 24 peças) (1).

Formou-se então um conselho de guerra e os chefes Tamandaré, Menna Barreto, Netto e Flôres (2) resolveram sustentar um bombardeio geral até que se manifestassem indicios de enfraquecimento na defesa, devendo em seguida tentar-se o assalto simultaneamente por todos os lados. Informou-se aos commandantes dos navios de guerra estrangeiros que o fogo ia principiar, para que não padecessem damno, ficando em posição inconveniente no rio, e por sua vez esses commandantes pediram a Leandro Gomez que não embaraçasse aos habitantes que antes de bombardeio annunciado quizessem deixar a cidade e reunir-se aos outros fugitivos na ilha. Este pedido foi despresado, e Leandro Gomez de sua parte anticipou o ataque emprehendendo na manhã de 31 de dezembro uma sortida contra as tropas regulares brazileiras, a qual foi vigorosamente repellida (3) e serviu de começo para o bombardeio, que durou 52 horas sem interrupção e foi vivamente correspondido. Durante o fogo as divisões de infantaria, estendendo-se o mais possivel para as barricadas nas sahidas das ruas, procuraram aproximar-se das câsas. Cada edificio foi defendido com singular bravura e preciso foi fazer jogar por mais tempo a artilharia. A luta que se travou foi muito semelhante á que se deo em Puebla, no Mexico; a resistencia e o ataque, nas ruas, e casas, mostraram o maior vigor.

Na tarde de 1 de janeiro de 1865 já as cousas estavam tão adiantadas, que se pôde fixar o assalto para o dia seguinte de manhã cedo, porque as casas exteriores achavam-se em ruinas e occupadas por alguns grupos de infantaria (4). Leandro Gomez reconheceu que a defesa não era mais possivel, e, receiando as scenas de sangue que os colorados provavelmente provocariam ao penetrar na praça, pedio durante a noite um armisticio

---

(1) A artilharia, como já dissemos, consistia em 12 peças de campanha, guarnecidas por 198 homens do 1º regimento de artilharia montada, ao mando do tenente-coronel, hoje general, E. L. Mallet. O exercito do general Propicio Menna Barreto formava 2 divisões. A 1.ª, commandada pelo general José Luiz Menna Barreto compunha-se das duas brigadas de infantaria dos coroneis Sampaio e Resin, e da brigada de cavallaria do coronel Sanches Brandão. Formavam esta os seguintes corpos de cavallaria : 2.º regimento (tenente-coronel Ferreira da Silva), 3.º dito (coronel Victorino Monteiro), 4.º (coronel A. F. Pacheco), 5.º (major Araujo Bastos). A 2ª divisão era commandada pelo general Ozorio, e compunha-se das seguintes brigadas de cavallaria : do general Andrade Neves, formada pelo 5.º e 6.º corpos provisorios da guarda nacional (tenentes coroneis Siqueira Leitão, e Abreu e Silva), brigada do general Portinho, formada por tres corpos provisorios da guarda nacional; e brigada do coronel Valença, composta do mesmo numero de corpos tambem de guarda nacional. — A brigada de cavallaria do general Netto não fazia parte destas 2 divisões. Durante o ataque toda a cavallaria conservou-se ás ordens do general Ozorio a alguma distancia da praça.

(2) No conselho de guerra tomaram parte o almirante Tamandaré, o general Menna Barreto e o general Flôres, isto é, os commandantes em chefe das forças reunidas deante de Paysandú.

(3) A's 2 horas da madrugada de 31 de dezembro. O 4º batalhão de infantaria descobrio logo o inimigo, que ás primeiras, descargas recolheu-se ás suas trincheiras. Nessa mesma madrugada rompeu o fogo das nossas baterias de terra e da esquadra. A's 9 horas da manhã as 12 peças do exercito brazileiro haviam esgotado as munições que levaram do Rio Grande, e o general Menna Barreto vio-se, por isso, obrigado a cessar o fogo, avançando a infantaria para atacar as posições inimigas. Tomados á bayoneta os primeiros cantões, sustentou-se o combate durante os dias 31 de Dezembro e 1º de Janeiro, até a manhã de 2 em que penetrámos no interior da praça.

(4) Desde o primeiro dia de ataque occupava a infantaria brazileira as casas exteriores, soffrendo por isso perdas consideraveis.

de 8 horas para sepultar os mortos e retirar os feridos da linha do fogo (1). Respondeu-se-lhe que tal armistiscio era desnecessario, porque dentro desse prazo a cidade estaria tomada, e elle, portanto, livre do cuidado de sepultar os mortos; e que a suspensão pedida podia ser aproveitada pelos sitiados para prolongar a luta. Nem com esta resposta o valente Leandro Gomez se resolveu a capitular; seu desanimo só se manifestou pelo acto de mandar raspar a barba e trocar a farda de coronel oriental pela de cavalleiro gaúcho. Escondeu-se em uma casa, e ahi esperou o assalto, que principiou ás 9 horas da manhã do dia 2 de Janeiro. A's 9 horas em ponto parou o fogo de todas as baterias, as columnas de infantaria avançaram ao mesmo tempo de todos os lados e, só encontrando forte resistencia em algumas ruas, apossaram-se da praça principal, que era o centro da defesa. As baterias levantadas neste sitio estavam destruidas, as peças desmontadas, muitas casas arruinadas e prestes a cahir; por toda a parte viam-se cadaveres e feridos. A's 11 horas tudo estava acabado e Paysandú achava-se em poder dos sitiantes (2). Ou por traição, ou por acaso, Leandro Gomez foi descoberto em seu escondrijo e condusido preso para o acampamento. Com a consciencia de ter sido em toda a sua vida violento inimigo do Brazil, parece que receiara ser fuzilado, pois passando diante de um grupo de « colorados » que o reconheceram e pediram que elle lhes fosse entregue, declarou ao official brazileiro que o escoltava, que esse era tambem seu desejo. Talvez suppunha que seus patricios, a despeito do odio politico, o tratariam com menos severidade do que os abominados brazileiros, e não podia ignorar quão facilmente na vida revolucionaria dos paizes do Prata os inimigos se tornam amigos, os adversarios, alliados. Em resumo, elle consentio em ser entregue como prisioneiro de guerra aos soldados do general Flôres. O official brazileiro exigiu dos orientaes a promessa de que nenhum mal fariam ao prisioneiro até á sua entrega aos chefes do exercito. De novo o grito de — « Quinteros! » — produzio uma scena de sangue. O prisioneiro foi levado para uma casa e logo se espalhou pelas tropas a noticia da captura de um inimigo antes tão temido : Então echoou o grito : « Foi um dos assassinos de nossos camaradas em Quinteros! » e esta recordação custou a vida ao misero. Cruel ateou-se a chamma da vingança, e aos gritos de — « Venganza, venganza por Quinteros » — foi elle arrastado para uma casa proxima, e logo fuzilado.

Tendo sido aprisionado por soldados brazileiros, attribuio-se a prin-

---

(1) Este pedido foi feito na manhã de 2 quasi na mesma occasião em que nossas tropas penetrávam na praça principal, sendo o general Leandro Gomez aprisionado pelo coronel Oliveira Bello. Emquanto os generaes alliados respondiam á nota de Leandro Gomez, cahia este prisioneiro, e a bandeira imperial, arvorada na torre da matriz pelo marinheiro Antonio José da Silva, substituia a oriental que ahi fluctuava.

(2) Pouco depois das 8 horas da manhã tomáram os alliados Paysandú, cahindo em nosso poder 15 peças de artilharia, varias bandeiras, 700 prisioneiros, entre os quaes 97 officiaes, e mais de 2,000 espingardas. Dentro da praça havia uns 400 mortos e feridos. A perda do exercito brazileiro foi de 5 officiaes e 79 soldados mortos, e 13 officiaes e 350 soldados feridos. As tropas de marinha, que desembarcaram, tiveram 1 official (o 1º tenente Henrique Martins) e 10 marinheiros e soldados mortos, e 1 official e 30 marinheiros e soldados feridos. Ao todo 95 mortos (6 officiaes) e 394 feridos (14 officiaes) ou 489 homens fóra de combate. — Si tivessemos artilharia de bater, a praça teria sido tomada sem sacrificio tão grande de vidas. — A artilharia, armamento e munições que cahiram em nosso poder foram entregues ao general Flôres. Das bandeiras tomadas, uma foi depositada no musêu militar do Rio de Janeiro, mas o ministro oriental, Dr. Andrés Lamas, reclamou-a algum tempo depois, e o governo imperial ordenou que fosse devolvida.

cipio sua morte a estes, e com as primeiras noticias da guerra espalhou-se esta falsidade pela Europa.

Quando o facto chegou aos ouvidos do vice-almirante Tamandaré, mandou este proceder a um rigoroso inquerito para completa elucidação da verdade. Justamente indignado pela calumnia de attribuir-se aos seus compatriotas o fuzilamento de um prisioneiro de guerra, declarou o vice almirante ao general Flôres que para reparação do crime praticado soltava a todos os officiaes orientaes, que estavam prisioneiros e em qualquer cooperação posterior dos colorados contra os blancos pedia que se abstivessem de repetir taes attentados (1).

O general Flôres fez com que se cumprissem os desejos do almirante, tanto mais quanto durante toda a guerra da insurreição, exceptuado o procedimento que tivera em La Florida, por causa da morte de seu filho, nunca esse caudilho mostrára sêde de sangue nem approvára actos de violencia. Mandou, portanto, que fossem postos em liberdade todos os officiaes blancos aprisionados por suas tropas. O numero destes subia a 97 e como a guarnição de Paysandú nunca excedeu de 1,900 homens, segue-se que havia um official para menos de 20 homens. Sendo-lhes annunciado que se poderiam retirar para onde quizessem, até para Montevidéo, com tanto que neste caso dessem sua palavra de que durante esta guerra não combateriam contra o Brazil nem contra os colorados, todos,

---

(1) Leandro Gomez foi aprisionado pelo coronel Oliveira Bello, mas Gregorio (Goyo) Suarez, um dos chefes do exercito Flôres, reclamou-o, e elle proprio declarou que preferia ser prisioneiro dos seus compatriotas. O resultado foi passarem-n'o pelas armas momentos depois. O almirante Tamandaré, dando conta ao governo imperial deste lamentavel acontecimento exprime-se nos seguintes termos : — «... Entretanto, o fogo conti-
« nuava por toda a parte, e nossas tropas foram avançando e chegaram ao interior da
« praça, quando o general Leandro Gomez escrevia sua resposta a esta ultima concessão,
« que não poude concluir porque foi aprisionado pelo coronel Bello, que o entregou ao co-
« ronel oriental Goyo Suarez, em virtude de reclamal-o este em nome do general em chefe,
« e preferir aquelle seguil-o. D'ahi a poucos momentos eramos informados daquelle
« facto, e de que o general Leandro Gomez, com 2 ou 3 officiaes, tinham sido fuzilados.
« Não pude conter a indignação que se apoderou de mim por ver manchar assim uma
« tão explendida victoria. Grande era a affronta que tinhamos a vingar, innumeros os
« insultos que o Brazil e os brazileiros soffreram deste homem; comtudo, eu queria que
« sua vida fosse respeitada, como havia positivamente recommendado, com uma soli-
« citude que não disfarçava. Mas a fatalidade o impellio a seu destino, fazendo-o, pelo
« seu orgulho, deixar a protecção da bandeira brazileira, sem se recordar que os odios
« politicos são sempre mais crueis que os nacionaes. » — O ministro dos negocios estrangeiros, Dias Vieira, dirigio-se nos seguintes termos, em 22 de Janeiro de 1865 ao plenipotenciario brazileiro, Sr. Visconde do Rio-Branco : — « Accuso a recepção do officio
« reservado de V. Ex. de 7 do corrente sob n. 15, em additamento ao ostensivo que me
« dirigio na mesma data sob n. 15, relatando o triumpho que, com a tomada da praça
« de Paysandú no dia 2, alcançámos contra o governo de Montevidéo e seus defensores;
« e, inteirado de tudo quanto refere V. Ex. a respeito do fuzilamento do general Leandro
« Gomez e outros chefes do mesmo lado, depois de prisioneiros, e das reflexões que lhe
« suscitou tão reprovado procedimento, tenho em resposta a communicar-lhe que o
« *governo Imperial julga conveniente que V. Ex. solicite do general Flôres a punição*
« *de Goyo Suarez e dos outros subordinados do mesmo general, que concorreram para*
« *ser levado a effeito semelhante attentado, que tanto deslustra a victoria que obti-*
« *vemos em Paysandú...* » — Não falta, entretanto, quem no Rio da Prata, ainda hoje, impute aos brazileiros esse crime. — Referindo-se ao mesmo Leandro Gomez, disse no senado o Sr. Visconde do Rio Branco : «... Leandro Gomez não devêra ser fuzilado por
« aquelle modo, se o foi; mas, pelo que fez em Paysandú, podia ser executado por sen-
« tença de um conselho de guerra. Tratou cruelmente aos prisioneiros; sobre as trinchei-
« ras de Paysandú mostrou as cabeças ainda quentes de soldados brazileiros que mandára
« degolar. De seus máos precedentes originou se o grande odio que lhe votava o coronel
« Goyo Suarez, cuja familia fora victima das crueldades daquelle chefe. »

promptamente, empenharam sua palavra de honra (1). Voltaram, com effeito, para Montevidéo, mas a maior parte não correspondeu á confiança manifestada; quasi todos entraram de novo no exercito, tomando parte nas furiosas demonstrações, que na capital se seguiram á segunda derrota. A bandeira brazileira era arrastada na lama pela populaça de Montevidéo, e os officiaes soltos não se pejavam de assistir e de acoroçoar semelhantes insultos. Alguns delles foram ao Paraguay offerecer a Solano Lopez seus serviços, porque assim julvagam ser menor a violação da palavra empenhada. O general Lucas Piris (2), o fiel companheiro do commandante Leandro Gomez, succumbiu, combatendo, na noite anterior ao assalto de Paysandú (3).

Depois de alguns dias de repouso na praça conquistada dirigam-se as tropas alli reunidas, e agora officialmente alliadas, para Montevidéo (4).

O almirante Tamandaré metteu a bordo de seus navios quanta infantaria elles podiam conter, ao passo que a cavallaria e artilharia atravessavam por terra o paiz. Em caminho reuniu-se á divisão Osorio, que tinha ficado no Rio Negro e se compunha de 1 brigada de cavallaria ligeira, outra de infantaria de linha e uma terceira da guarda nacional mobilisada (5). Assim o exercito com um effectivo de 14,000 homens (6) apresentou-se em

---

(1) Os prisioneiros não deram, como se disse, palavra de honra. O Sr. Visconde do Rio Branco, autorisado pelo general Flôres, fez essa declaração no senado.

(2) O general Lucas Piris foi morto no dia 31 de Dezembro. Pouco depois foi ferido o coronel Raña e morto o coronel Tristão Azambuja, brazileiro que combatia nas fileiras inimigas contra os seus compatriotas. — Muitos annos antes, na campanha de 1811, deu-se um facto identico em Paysandú, que então não passava de um aldêa insignificante. Artigas havia deixado ahi, segundo refere o general Rivera em sua Memoria (publicada na *Collecion de Memorias y documentos*, etc., do Sr. Lamas, tomo I, 369-336), uma companhia de infantaria commandada por um official brazileiro, que, como Azambuja em 1864, combatia contra os seus compatriotas. « En este mismo tiempo », diz Rivera, « 200 portuguezes asaltaron al pueblo de Paysandú, y derrotaron á una fuerza de los patriotas commandada por un capitan Biendo (Bicudo?), hijo de Puerto Alegre, el qual murió en el ataque, habiéndose defendido bizarramiente con su compañia de la cual no escaparon arriba de 8 hombres. » Esta pequena victoria foi alcançada, não por 200 homens, mas por 60 milicianos brazileiros destacados pelo celebre guerrilheiro Manoel dos Santos Pedroso, um dos conquistadores das Missões d'aquem Uruguay na guerra de 1801. Quem commandava o destacamento brazileiro era um joven paulista que depois se tornou tão celebre, e que então não era senão *forriel* de milicias — Bento Manoel Ribeiro. O choque deu-se em Setembro de 1811.

(3) Sobre a tomada de Paysandú veja-se o officio dirigido em 7 de Janeiro de 1865 ao ministro da guerra, general Beaurepaire Rohan, pelo marechal de campo João Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel, commandante em chefe do exercito, e o de 2 de Fevereiro do mesmo anno, dirigido ao ministro da marinha, conselheiro Pinto Lima, pelo vice-almirante visconde de Tamandaré.

(4) Em 19 de Janeiro o plenipotenciario brazileiro dirigio uma nota ao governo argentino e uma circular ao corpo diplomatico em que declarava que o governo imperial reconhecia como belligerante o general Flôres, e continuava em guerra com o governo de Montevidéo. Esses documentos encontram-se no appendice.

(5) Não precisamos rectificar este ponto, porque em outra nota já dissemos quaes os corpos que formavam a divisão do general Ozorio. Esta divisão não estava no Rio Negro, mas sim nas visinhanças de Paysandú, com o resto do exercito.

(6) Ha exageração. No dia 20 de Fevereiro, em que capitulou Montevidéo, o exercito imperial compunha-se apenas de 8,000 e tantos homens. Eis o que a este respeito disse no senado o Sr. visconde do Rio Branco : — «... A força do nosso exercito no dia 20 de « Fevereiro era de 8,116 praças de todas as classes, comprehendidas neste numero 1.208 « que chegáram no dia 16 daquelle mez, do 8º batalhão de infantaria, do batalhão de « caçadores da Bahia e do corpo policial da mesma provincia. As praças de pret de « infantaria e artilharia não excediam de 4.498. Em 28 de Fevereiro tinhamos mais « 1.015 praças de infantaria, pertencentes ao corpo de guarnição do Espirito-Santo, « corpo policial do Rio de Janeiro e segundo contingente do corpo de engenheiros. « Assim, o total das praças de pret de infantaria e artilharia era naquella data de 5.504.

principios de Fevereiro diante de Montevidéo, onde já havia desembarcado a infantaria transportada por Tamandaré, a qual fôra acampar em uma eminencia fronteira á cidade. Debalde despachou Aguirre para o Paraguay mensageiros uns após outros, para que se apressasse o auxilio promettido. Por intermedio de seu ministro Berges, respondeu o presidente Solano Lopez que já fizera bastante invadindo a provincia de Matto-Grosso e com essa diversão impedira a remessa de tropas do Rio de Janeiro para o Estado Oriental; um exercito, porém, não poderia mandar sem que as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes se declarassem francamente pelo governo de Montevidéo, separando-se do de Buenos-Aires. Começou então para Montevidéo o periodo de terror, porque, reduzidos aos seus unicos recursos, e nos paroxysmos da raiva, os blancos não desconheciam que por seus feitos injustificaveis tinham tornado impossivel qualquer accomodação com o Brazil.

A cidade de Montevidéo, que então tinha uns 50,000 habitantes, dos quaes uma boa metade eram estrangeiros, predominando entre estes a elemento italiano, tem a pomposa denominação de — « Ciudad de San Felipe y Santiago de Montevidéo » (1). — Este ultimo termo tomou sua origem do

---

« Em 4 de Março, com a chegada de um batalhão da guarda nacional da cidade do Rio « de Janeiro, contingente do batalhão do deposito, e ainda outro corpo policial do Rio « de Janeiro, ao todo 630 praças de pret de infantaria, elevou-se a totalidade das praças « desta arma e de artilharia a 6.434. Além desta força só tinhamos 2.447 praças de pret « de cavallaria, que se achavam litteralmente a pé. Havia falta de munições, e alguns « corpos de voluntarios careciam ainda de instrucção. Não tinhamos, pois, força de « infantaria sufficiente para atacar, com certeza de bom exito, uma praça bem fortifi- « cada e guarnecida por 3.500 a 4.000 homens com 40 peças de calibre 4 a 46, grande « abundancia de munições, e coberta por extensa linha de minas. »

(1) Em 1702 ordenou o governo de Lisboa que do Rio de Janeiro seguissem tropas a occupar Montevidéo, devendo-se fundar nesse sitio um forte e uma povoação. Não foram cumpridas essas ordens porque a pequena expedição, em vez de desembarcar em Montevidéo, teve de reforçar a praça da Colonia do Sacramento. Em 1723, renovando-se as ordens da côrte de Lisboa, o governador do Rio de Janeiro, Ayres de Salhanda, fez partir o mestre de campo Manoel de Freitas da Fonseca com 200 praças escolhidas de varios terços do Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia e Pernambuco. Freitas da Fonseca desembarcou em Montevidéo em fins de Novembro de 1723, e ahi estabeleceu-se com a sua gente em 18 ranchos de palha, começando a levançar um reducto com 10 esplanadas. Foram esses os fundamentos da actual cidade de Montevidéo. No 1º de Dezembro teve noticia desse desembarque o governador de Buenos-Aires, Zavala, e fez logo avançar forças de cavallaria para bloquear por terra Freitas da Fonseca, ao passo que preparava uma grande expedição par desalojal-o desse ponto.

Não sendo possivel com 200 homens resistir ás tropas que Zavala reunia em Buenos-Aires e ás que elle fazia descer de Missões, o general Vasconcellos, governador da praça da Colonia, ordenou a Freitas da Fonseca que evacuasse Montevidéo e se recolhesse áquella praça. No dia 19 de Janeiro de 1724 foi cumprida essa ordem, e tres dias depois chegou a Montevidéo o general Zavala. Achando o ponto abandonado, regressou elle para Buenos-Aires, deixando em Montevidéo 110 soldados de linha, 1.000 indios armados e 10 peças de artilharia. Foram os primeiros povoadores da bella cidade que ahi se ostenta hoje. Em 1736 o brigadeiro Paes e o coronel de artilharia André Ribeiro Coutinho, enviados do Rio de Janeiro pelo Conde de Bobadella para soccorrer a Colonia, que era sitiada pelo governador de Buenos-Aires, Salcedo, tentaram apoderar-se de Montevidéo, e com o fim de reconhecerem as fortificações inimigas, desembarcaram no dia 15 de Setembro na ilha das Ratas, que os nossos chamavam então — ilha das Gaivotas. — Das baterias de terra fizeram para a ilha muito fogo, respondido vivamente pelas 3 náos do coronel do mar Abreu Prégo, que conduziam a expedição, composta de uma companhia de artilharia e 4 de infantaria do Rio de Janeiro. O brigadeiro Paes, vendo que os hespanhoes já estavam bem fortificados, embarcou na tarde do mesmo dia e seguio viagem para a Colonia. — Em 3 de Fevereiro de 1807 foi Montevidéo tomada de assalto pelos inglezes, mas sendo a principal força destes derrotada em Buenos-Aires, capitulou o chefe da expedição, em 7 de Julho do mesmo anno, e a evacuação de Montevidéo ficou tambem estipulada nessa convenção. Em 1810, depois da revolução de 25 de Maio

monte, ou serro, de 500 pés de altura, completamente despido de vegetação, que é o primeiro ponto avistado pelos navios que se aproximam da cidade. Dahi « Monte Video » : eu vejo o monte. A cidade está situada em uma lingua de terra, que se estende de nordeste para sudoeste na margem esquerda do Prata, em logar onde o rio constitue já um larguissimo estuario. A lingua de terra inclina-se pouco a pouco para o rio e assemlha-se á metade de um melão, cujos gomos corresponderiam ás ruas longitudinaes, em quanto que as transversaes se dirigem, ao norte, para o porto, e, ao sul, para o surgidouro. Na extremidade desse promontorio está o antiago forte hespanhol de San José, que nenhuma resistencia póde offerecer á artilharia moderna, e só serve para dar salvas. Ainda em 1725 era este lugar uma povoação insignificante, mas desde então desenvolveu-se rapidamente pelo commercio. Maior seria ainda sua prosperidade se não fossem as revoluções que periodicamente a atrazam.

Como já dissemos, uma lingua de terra separa do rio, ao sul, o porto, de Montevidéo, com regular ancoradouro proximo á cidade. Do outro lado do porto, ao norte, levanta-se o Cerro, em cujo cimo está assentado um antigo castello hespanhol. Em differentes épocas fortificações capazes de deter qualquer invasão pelo lado de terra foram levantadas na grande saliencia peninsular, onde hoje se vêem extensos arrabaldes, ornados de lindas chacaras, pertencentes a ricos negociantes, na maior parte estrangeiros. Estas fortificações não foram construidas segundo um systema regular; foram lançadas aqui e ali. Em muitos pontos não se communicam entre si, mas sempre servem para resguardar a cidade de qualquer ataque repentino, comquanto não possam resistir a um ataque regular segundo a norma européa (1). O Cerro domina a região visinha e é o ponto, em todos os assedios, que os inimigos procuram tomar immediatemente. Só um ri-

---

em Buenos-Aires, concentraram-se as tropas hespanholas em Montevidéo, e ahi foram sitiadas em 1811 pelos argentinos e orientaes, mas um exercito portuguez (em sua totalidade composto de brazileiros) penetrou até Maldonado em auxilio dos hespanhoes e obrigou os patriotas a levantarem o sitio. No anno seguinte terminou essa intervenção pelo armisticio assignado em Buenos-Aires sob a mediação ingleza, e, voltando o nosso exercito ao Rio-Grande do Sul, tornaram os argentinos e orientaes a sitiar a praça, que afinal succumbio em Junho de 1813. Começou então a guerra entre os argentinos e orientaes, e sendo aquelles derrotados no Guayabo, evacuaram a praça em 24 de Fevereiro de 1814. Os orientaes, que tinham por chefe o celebre Artigas, ficaram de posse de Montevidéo até 1817. No dia 19 de Janeiro desse anno a praça capitulou á aproximação do exercito do general Lecór (portuguezes e brazileiros), e no dia seguinte entráram solemnemente nossas tropas, mantendo-se ahi até o anno de 1822, em que, com a proclamação da independencia do Brazil, separaram-se as forças portuguezas das brazileiras, ficando aquellas ás ordens do general D. Alvaro da Costa e estas ás do general Lecór (Visconde da Laguna). Os portuguezes defenderam-se na praça desde 1822, sitiando-os as tropas imperiaes. Em Novembro de 1823 concluio-se uma convenção pela qual deviam embarcar para Portugal, apenas estivessem promptos os transportes, as forças que obedeciam a D. Alvaro. Este embarque effectuou-se em Fevereiro de 1824, e no dia 14 desse mez fez sua entrada em Montevidéo o exercito brazileiro. Mantivemo-nos nessa praça desde então até 23 de Abril de 1829, dia em que partiram para o Brazil as tropas que ahi ficaram em virtude da convenção preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828. Em 1851, alliados ao governo de Montevidéo, desembarcamos alguma tropa para guarnecer o Cerro, perto da cidade. Em 1855 uma divisão brazileira occupou essa capital a pedido do governo oriental. Finalmente em 23 de Fevereiro de 1865 entraram de novo nossas tropas em Montevidéo, como veremos adiante.

(1) Não ha em Montevidéo, como suppõe o autor, fortificações permanentes. As de 1865 foram levantadas por occasião da guerra, e logo destruidas. Depois desse sitio a cidade de Montevidéo já soffreu dous ou tres outros postos pelos blancos, durante a ultima guerra civil. Quando é necessario, o governo levanta trincheiras e fossos nas bocas das ruas e assim se faz a defesa.

goroso bloqueio por agua juntamente com um assedio por terra poderia levar a cidade a capitular pela fome. As ruas formam quadrados regulares, e não falatam grandes praças, actividade e movimento commercial. A longa serie de diuturnos assedios prova que não é uma cidade facil de ser tomada, quando seus habitantes se dispõem a uma defesa a todo o transe (1).

Eis o ponto em que, depois da quéda de Paysandú, se concentrou toda a defeza do governo blanco. O general Juan Sáa voltára de sua infructifera expedição. Tinham-se apresentado todos os officiaes orientaes, que cahiram prisioneiros (2). Do interior do paiz affluiam tambem estancieiros do partido blanco com seus gaúchos, procurando refugio na capital; e só um partidario, Bazilio Muñoz, se tinha offerecido para formar ao nordeste do paiz um corpo de voluntarios, que, invadindo o territorio brazileiro pelo Jaguarão, desviasse as tropas imperiaes de Montevidéo.

Aguirre apenas dispunha de 4,000 homens, mais ou menos, para resistir a um ataque emprehendido com tanta superioridade numerica (3). Desses só 200 eram caçadores, boa tropa, e digna de confiança.

Para o serviço das peças só havia 300 artilheiros. A 1,340 praças da guarda nacional, distribuidas em 6 batalhões, de menos de 250 homens cada um, aggregaram-se 600 cavalleiros gaúchos, 550 guardas da alfandega e da policia e 400 homens da chamada milicia naval, isto é, pescadores, marinheiros e carregadores, que usavam de armas desde o tempo do antigo vice-reinado hespanhol, quando Montevidéo alimentava lucrativo contrabando. Ao todo, pois, 4,000 homens, mais ou menos. Abundavam a artilharia e as munições, mas faltava dinheiro e concordia na população. Parte dos habitantes não queria a guerra, outra parte fazia votos pela victoria dos colorados. Os commandantes militares accumularam viveres para um longo sitio, e Aguirre decretou que não fossem mais vendidos em todo o departamento cereaes e forragens, devendo tudo ser levado para a cidade. Lançou-se uma nova contribuição, que custaria aos mais pobres trabalhadores pelo menos 2 thalers (ou 2$600 por cabeça). Os trabalhadores estrangeiros queixaram-se a seus consules e encontraram protecção. No meio de um ruidoso tumulto naufragou este projecto financeiro. Em geral Aguirre encontrava má vontade e resistencia. Uma ordem sua para que fossem enviados ás trincheiras todos os fardos de algodão que estavam na alfandega e nos trapiches, suscitou grande opposição. Ao mesmo tempo os agentes diplomaticos protestaram contra a accumulação de polvora e munições em uma casa no centro da cidade, e, não importando-se Aguirre com este protesto, annunciou-se um meeting de todos os estrangeiros residentes em Montevidéo, para apresentarem uma petição collectiva. Aguirre prohibio o meeting, mas os negociantes estrangeiros reuniram-se em parti-

(1) A cidade tem sido sitiada sempre por massas de cavallaria. E' essa razão porque tem resistido a varios assedios. Não poderia, porém, resistir a um ataque regular, desde que os sitiantes fossem protegidos por uma esquadra e dispuzessem de sufficiente infantaria e artilharia.

(2) Alguns, e não todos prisioneiros.

(3) A seguinte carta, dirigida ao Sr. visconde do Rio Branco, mostra qual a força de que dispunha Aguirre em Montevidéo : — « Illm. e Exm. Sr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos. Meu presado amigo. — Respondendo ao que V. Ex. teve a bondade de perguntar-me, devo dizer a V. Ex. que a força que havia em Montevidéo, para sua defeza era de 3,500 a 4,000 homens, com 40 peças de artilharia de calibre 4 a 46, e grande abundancia de munições. Sou como sempre, etc. — VENANCIO FLÔRES. »

O Sr. Schneider falla em superioridade numerica, porque suppõe que tinhamos 14,000 homens, quando só tinhamos pouco mais de 8,000, sendo apenas uns 5,000 de infantaria e artilharia.

cular, e redigiram uma representação de caracter politico, rememorando a triste sorte de Paysandú, a superioridade do inimigo, a pouquidão dos meios de defeza e, por todos estes motivos, declaravam que, no proprio interesse da capital, devia o governo procurar reconciliar-se com Flôres.

Não precisamos reproduzir os termos asperos com que Aguirre repellio esta representação, nem descrever o desanimo e desgosto que se apoderou da maior parte dos habitantes, facilitando assim as operações dos inimigos.

Em meio desta confusão, ainda o presidente achou opportunidade para uma mudança ministerial. O ministro da guerra, general Andrés Gomez, irmão do heróe de Paysandú, foi dimittido, sendo nomeado em seu logar um advogado, Jacynto Susviela, que pertencia ao grupo mais exaltado, e que declarou logo que antes queria, como o Dr. Carreras, reduzir Montevidéo a cinzas do que capitular. As providencias que tomava, manifestavam a firme resolução de uma resistencia tenaz. Mandou destruir todas as pontes de desembarque, não só no porto, como do lado do mar; fez abrir um fosso na principal rua transversal (Calle del 25 de Agosto), como segunda secção de defeza, no caso de succumbir a parte exterior da cidade; por generosa distribuição de viveres, poz em boas disposições de espirito a guarnição, composta de tão heterogeneos elementos, e accelerou a formação do corpo de tropas ligeiras sob o commando de Bazilio Muñoz e Aparicio, que, devastando a provincia do Rio Grande do Sul, devia cortar a retirada ás tropas brazileiras. Ao mesmo tempo ideou-se um meio de arranjar dinheiro, que traria a participação dos neutros na lucta imminente. Aguirre exigio do Banco Commercial e do Banco Mauá, um emprestimo forçado, mas, negando-se ambos, houve da parte do povo disturbios e ameaças contra esses estabelecimentos, o segundo dos quaes fôra fundado, e era dirigido, por um brazileiro, o barão de Mauá.

No meio d'estas ameaças de violencias fez-se uma proposta aos agentes diplomaticos e consules para que desembarcassem dos navios de guerra de suas nações destacamentos de tropas navaes e marinheiros armados afim de guarnecerem os bancos, a alfandega e os edificios publicos (1). D'est'arte pretendia Aguirre evitar o ataque dos alliados ou ao menos suscitar complicações, que embaraçassem a acção militar dos mesmos.

Os ministros da Hespanha, Italia e França mostraram-se dispostos a annuir a esta proposta, mas o ministro francez, Mr. Maillefer, encontrou da parte do almirante Chaigneau, commandante da estação naval franceza, tão decidida opposição, que declarou que communicaria o facto ao Imperador Napoleão e pediria que o almirante fosse submettido a um conselho de guerra. A recusa de Chaigneau, porém, era tão justa e bem motivada, que os commandantes das outras estações navaes, até da hespanhola e italiana, a ella adheriram, negando-se cathegoricamente a fazer desembarcar forças.

Elles se reuniram e declararam que esse passo importaria uma intervenção injustificavel n'a guerra entre dous estados independentes, o Brazil e o Estado Oriental, intervenção que não podia effectuar-se emquanto os belligerantes respeitassem os direitos dos neutros. N'esta exposição não

---

(1) O autor refere-se provavelmente á circular do governo de Montevidéo dirigida em 11 de Janeiro ao corpo diplomatico alli residente, « solicitando uma declaração clara e terminante sobre a attitude que assumiriam as forças navaes estrangeiras no caso de repetir-se por parte do Imperio naquella cidade a aggressão feita contra a praça de Paysandú. » O corpo diplomatico respondeu « que considerava prematura qualquer declaração a este respeito. »

tocaram na cooperação do general Flôres por ser considerada questão domestica da Republica Oriental.

A invasão parcial dos guerrilheiros no Rio Grande do Sul effectuou-se emquanto os alliados marchavam de Paysandú para Montevidéo (1). Muñoz, gaúcho de genuina tempera, e Aparicio, official brazileiro expulso do exercito imperial por acções previstas no codigo militar (2), eram homens idoneos para semelhante empreza. Quando Menna Barreto marchou para Paysandú, o general Osorio, que ficára ao norte do Rio-Negro, reunira ás suas tropas todos os destacamentos destinados a cobrir contra os ataques dos blancos as cidades brazileiras da fronteira, e as povoações orientaes já occupadas (3). Este abandono da linha divisoria foi aproveitado pelos dois caudilhos, que, certos de não encontrarem resistencia, avançaram sobre o territorio do Rio Grande do Sul, e atacaram um corpo de 300 guardas nacionaes, que marchavam do Jaguarão para reunir-se á divisão Osorio. Sorprendido, retrahiu-se esse corpo, e com perda, para a cidade do Jaguarão, cujos habitantes pegaram em armas e defenderam-se tão vigorosamente, que os orientaes não puderam ahi penetrar. Em compensação, porém, devastaram os invasores de modo cruel os suburbios, e particularmente os estabelecimentos agricolas da circumvisinhança (4). Tudo que puderam alcançar destruiram, procedendo sempre de forma verdadeiramente vandalica. No dia 9 de fevereiro recebeu o governo de Montevidéo uma bandeira brazileira, que Muñoz dizia ter conquistado em Jaguarão. Este trophéo serviu para novos insultos ao Brazil. O ministro da guerra, Susviela, o antigo commandante do Salto, Palomeque, agora capitão do porto, e muitos outros officiaes, levaram a bandeira imperial atada a um páo, abaixo da oriental, por todas as ruas da cidade, mandando o povo cuspir sobre ella e calcal-a aos pés com grande satisfação e alegria dos fanaticos blancos (5). A invasão parcial do Rio Grande do

---

(1) No dia 12 de Janeiro, dez dias depois da tomada de Paysandú, marchou o exercito imperial para Fray Bentos, a 7 leguas de distancia, onde haviam desembarcado, no dia 1°, tres batalhões chegados do Rio de Janeiro, com 1,700 homens. Ahi embarcou a infantaria no dia 14. A cavallaria e artilharia seguiram por terra até a barra do S. Lucia, incorporando-se n'esse ponto aos batalhões conduzidos pela esquadra.

(2) As informações dadas ao Sr. Schneider tanto sobre a nacionalidade do general Aparicio como sobre a sua expulsão do exercito imperial são inexactas.

(3) Ha engano. O general Osorio acompanhou sempre o exercito commandado pelo marechal de campo Menna Barreto.

(4) Sobre o ataque da cidade do Jaguarão eis o que disse em data de 11 de Fevereiro o presidente da provincia á missão especial do Brazil no Rio da Prata : — « No dia 27 do passado foi a nossa fronteira do Jaguarão invadida por uma força de 1,500 homens sob as ordens dos chefes militares Bazilio Muñoz e Aparicio. Sobre esta fronteira tinhamos dous corpos de cavallaria com cerca de 500 homens. Atacados quasi que de sôrpresa por forças mui superiores, tiveram de recuar, sustentando guerrilhas até a cidade de Jaguarão, para onde recolheram-se. Protegida por ligeiras trincheiras que apressadamente haviam sido feitas, a guarnição de Jaguarão rechassou as forças invasoras, as quaes, não podendo tomar a cidade no primeiro assalto, recuaram e estabeleceram uma especie de sitio, mandando um emmissario ao commandante da guarnição para que se rendesse, ao que teve formal resposta negativa. Estavam ancorados no Jaguarão dois vapores de guerra da esquadrilha d'esta provincia, que muito auxiliaram a defeza da cidade, fazendo alguns tiros bons. O inimigo teve 6 mortos e 20 feridos. Das forças brasileiras, 1 morto no ataque, outro poucos dias depois dos ferimentos graves que havia recebido, e 4 leventemente feridos. A' noite d'esse mesmo dia retiráram-se, repassando a fronteira. No trajecto saquearam as casas, arrebataram a cavalhada que encontráram, e leváram cerca de 30 escravos, dos quaes alguns, têm fugido para as casas de seus senhores. » A guarnição do Jaguarão era commandada pelo coronel Vargas, da guarda nacional. Prestou relevantes serviços o 1° tenente reformado Avila, de marinha.

(5) Para reanimar o espirito da guarnição promoveu o ministro da guerra essas ridiculas scenas, dizendo que a bandeira em questão havia sido tomada no Jaguarão, o

Sul produziu effeito contrario ao que esperava Aguirre. Toda a provincia sentiu-se offendida em seus brios e ameaçada de identicas barbaridades em outras localidades da fronteira. E' fóra de duvida que os extraordinarios sacrificios feitos por esta provincia durante a guerra contra o dictador do Paraguay, Solano Lopez, devem ser em parte attribuidos á irritação e despeito provocados por estas correrias. Tambem não devia demorar-se a punição das novas e ridiculas offensas feitas á bandeira imperial nas ruas de Montevidéo.

Os navios brazileiros que haviam transportado parte da infantaria imperial de Paysandú para Montevidéo appareceram n'este ultimo porto em 30 de janeiro de 1865. O desembarque das tropas effectuou se, sob a protecção das peças de bordo, a curta distancia da cidade, em Santa Lucia, e os navios reuniram-se logo á esquadra do almirante Tamandaré. Esses batalhões acamparam atraz do Cerro, sem que tentasse impedil-o a guarnição da praça, e esperaram a chegada do grosso do exercito.

De bordo do navio almirante, a *Nictheroy*, corveta de 40 peças, notificou Tamandaré, em 2 de fevereiro, o começo do bloqueio (1). A todos

---

que não passava de uma falsidade como tantas outras espalhadas na praça. A *Reforma Pacifica*, jornal de Montevidéo, descreve assim o espectaculo que deram nas ruas da cidade os ministros de Aguirre :

« O trophéo que nos enviou do theatro de suas façanhas o invicto general Muñoz, passeou hontem por nossas ruas *humilhado ante o sol de nosso estandarte*, e precedido de uma banda de musica, *capitaneada pelo ministro da guerra*. A bandeira brazileira percorreu todos os pontos da linha e as casas de nossos principaes chefes, *sendo arrastada à vista da esquadra inimiga, que teve occasião de apreciar a resolução do povo, e a maneira por que está disposto a responder á sua aggressão. Na residencia do general Lamas se deteve a comitiva, e a reunião pedio que elle pisasse aquella bandeira de ignominia, ludibrio do mundo culto, e insignia de uma côrte de piratas. O general Lamas pisou a bandeira, sellando com este acto solemne sua consagração á causa da patria, e a firmeza e a tempera de sua alma*, — em casa do general Dias, deu o patriota ministro da guerra um caloroso viva á independencia, concluindo com estas expressões : — Guerra até á morte aos aggressores da independencia! guerra sem treguas até triumphar! Estas enthusiasticas exclamações encerram um programma vasto, que a actividade e patriotismo do ministro da guerra realisará. O povo victoriou no ministro o democrata ardente, o zeloso sustentaculo da bandeira da Republica. *Este acto solemne ha de ter consequencias que promptamente havemos de apreciar.* »

(1) No dia 2 de Fevereiro o almirante Tamandaré notificou ao corpo diplomatico e aos commandantes dos navios de guerra estrangeiros o bloqueio e sitio do porto de Montevidéo, marcando o prazo de 7 dias para que os navios que se achassem nelle se retirassem ou se puzessem em franquia. Desde que, pelo manifesto de 19 de Janeiro, o Sr. Visconde do Rio Branco havia reconhecido como belligerante, e alliado do Brazil, o general Flôres, definindo a posição do Imperio relativamente ao governo de Montevidéo, e collocando a questão no terreno do direito das gentes, o corpo diplomatico estrangeiro, que antes se mostrára prevenido contra nós, estranhando que estivessemos a combater ao lado de rebeldes, deixou de dar ao governo de Montevidéo o apoio moral que lhe havia prestado, e até nos auxiliou no desenlace da questão. O general Flôres comprometteu-se, em nome da nação oriental, como seu orgão fiel e competente, no caracter de autoridade suprema de que se achava revestido, a satisfazer ás reclamações do *ultimatum* Saraiva e a reconhecer as anteriores sobre prejuizo da antiga guerra civil (Vej. no Appendice as notas reversaes de 28 e 31 de Janeiro, do general Flôres e do representante do Brazil).

O ministro italiano, em 29 de Janeiro, se havia dirigido ao Sr. visconde do Rio-Branco e ao almirante Tamandaré, pedindo, em nome do corpo diplomatico, que as hostilidades fossem suspensas até o dia 15, porque nesse dia expirava o prazo da presidencia de Aguirre, e com o seu successor, que devia ser eleito pelo senado, podiam o Brazil e seu alliado chegar a um accordo. O Sr. Visconde do Rio-Branco respondeu declarando que esse prazo não seria concedido, porque os nossos inimigos poderiam delle aproveitar-se para augmentar as obras de defeza, e que, além disso, no dia 15 de Fevereiro não se poderia eleger em Montevidéo um governo legal, de conformidade com a constituição da republica, porque já havia expirado o mandato dos que deviam elegel-o, e era impossivel proceder a novas eleições de deputados e senadores em quanto durasse a guerra civil

os estrangeiros domiciliados em Montevidéo concedeo elle 7 dias para se retirarem, se não se quizessem expôr ao bombardeamento, que ia principiar. Declarou que só bombardearia os pontos fortificados, mas não podendo obstar a que as balas cahissem tambem na cidade, offereceu aos consules e ministros estrangeiros um dos seus navios, para que, sem perigo, esperassem o desenlace dos acontecimentos. Ao mesmo tempo annunciou que o pequeno porto do Bucêo, nas visinhanças da capital, ficava aberto ao trafico, principalmente como mercado de viveres. Assim tornou-se patente aos dominadores de Montevidéo toda a gravidade da situação em que se tinham collocado, e logo manifestou-se entre elles grande desanimo.

Ataque tão vigoroso por agua e por terra, e tão grande força militar nunca tinham ameaçado Montevidéo, e logo que expirasse o prazo concedido para se deixar a cidade, desappareceria qualquer possibilidade de evasão. Era uma triste perspectiva para os que mais se haviam distinguido por actos contra o Brazil e os colorados. Começou por isso uma espantosa emigração, indo na frente, em primeiro logar, todos os officiaes que tinham violado sua palavra (1). Negociantes estrangeiros com suas familias, e muita gente das classes inferiores abandonaram a capital. Os botes dos navios estrangeiros atracavam de tres em tres horas e recebiam indistinctamente todas as pessoas que queriam retirar-se. Chegados a bordo, os fugitivos eram discriminados : os estrangeiros ficavam nos navios de suas respectivas nacionalidades ; os fugitivos politicos eram mandados para Buenos-Aires, e os indigentes e trabalhadores eram postos em terra na retaguarda da linha dos sitiantes. Esta debandada geral começou a impressionar os chefes blancos, tanto mais quanto era certo que nenhum colorado deixava a cidade, o que indicava grande confiança na proxima victoria do seo partido. Fugiram para Buenos-Aires o Dr. Carreras, Susviela, Estrazulas, Candido Juanicó, todos os homens que tinham razão para temer uma desforra do morticinio Quinteros. Alguns dirigiram-se ao Paraguay. Vendo-se assim desamparado, ordenou o presidente Aguirre ao irmão do seu ministro, Manuel Herrera y Obes, que convocasse o senado para escolher outro presidente, porque elle tambem estava resolvido a subtrahir-se á vingança de seos inimigos (2).

Foi assim que no dia 11 de fevereiro (3) reuniu-se o senado, composto de 8 membros, e revestiu o seu vice-presidente, Villalba, da dignidade de presidente interino da republica. Com esta noticia o vice-almirante

---

(Nota de 31 de Janeiro). Em consequencia dessa resolução do representante do Brazil e dos generaes alliados, o almirante Tamandaré notificou o bloqueio em 2 de Fevereiro, e o visconde do Rio-Branco, a convite d'esse almirante, que esperava a cada momento proposições de paz, transferio-se para o acampamento dos alliados, na villa da União. No dia 9, em que deviam começar as hostilidades, o almirante, de *motu-proprio*, ampliou o prazo da sahida dos navios e das familias até o dia 15. No dia 9 o ministro da guerra, Susviela, dirigira nas ruas de Montevidéo a manifestação popular em que foi arrastada uma bandeira brazileira, como já vimos na pag. anterior. Reunidos os senadores no dia 15, tocou a presidencia da Republica ao Sr. Villalba, vice-presidente do senado. Era elle um homem moderado, que já anteriormente havia sido indicado por Flôres para ministro, ao tratar-se do projecto de pacificação que naufragára. Desde logo começaram as negociações, dando os primeiros passos para que os contendores se entendessem o ministro italíano, Barbolani, como veremos adiante.

(1) Já dissemos que em Paysandú houve a intenção de dar liberdade aos officiaes prisioneiros sob palavra de não servirem mais contra o Brazil n'esta guerra; mas apenas se soube do fusilamento de Leandro Gomez pelo chefe colorado Goyo Suarez, Tamandaré e Flôres puzeram em liberdade esses prisioneiros sem condição alguma.

(2) Convocou o senado, renunciando, a instancias do corpo diplomatico, o cargo que exercia.

(3) No dia 15. Vej. a nota á pag. antecedente.

Tamandaré adiou o principio do bombardeio para o dia 14 ás 4 horas da tarde (1). Em meio da excitação que reinava na cidade e das dissidencias partidarias em effervescencia, consumiu-se algum tempo antes que as negociações, iniciadas logo (2), pudessem ser ultimadas. O governo interino começou por demittir officialmente os ministros Carreras e Susviela; enviou ordem ao general Muñoz e coronel Aparicio para que sem demora evacuassem o territorio da provincia do Rio Grande do Sul, e encarregou o senador Manuel Herrera y Obes de iniciar as negociações de paz no quartel general dos alliados na Villa de la Union.

---

(1) Para o dia 19.

(2) Em 16 de Fevereiro, estando o visconde do Rio-Branco na villa da União com o almirante Tamandaré e os generaes Menna Barreto e Flôres, recebeu uma carta em que o ministro italiano, Barbolani, lhe fallava em proposições de paz, e pedia uma conferencia a bordo de um navio neutro.

O visconde do Rio-Branco respondeu que sentia não poder prestar-se aos desejos do Sr. Barbolani; que este não declarava por quem se achava encarregado de fazer proposições; que o Brazil fazia a guerra em alliança com o general Flôres, e nelle reconhecia o verdadeiro representante da soberania oriental, não podendo ver no governo de Montevidéo um governo legal; que para a suspensão das hostilidades não se podia, pois, prescindir do concurso desse alliado do Imperio; e que a entrevista com Barbolani poderia effectuar-se mas na villa da União.

O ministro italiano respondeu no dia 17 : «... Sinto profundamente que por causa da precipitação com que escrevi a carta que tive a honra de dirigir a V. Ex. em data de hontem, e de que nem mesmo guardei copia, não tivesse explicado bem as minhas intenções. Acreditava que V. Ex. sabia da cessação do governo do Sr. Aguirre e da nomeação do Sr. Villalba, o que tem uma significação muito importante nas actuaes circumstancias. As communicações que terei a honra de fazer a V. Ex. são por parte do Sr. Villalba. Não podia estar nas minhas intenções fazer abstracção do Sr. general Flôres, pois elle deve ser parte essencial nas negociações, e meu primeiro cuidado teria sido pedir a sua intervenção desde a nossa primeira entrevista. Representante de uma potencia amiga do Brazil, e guardando as melhores recordações da minha residencia no Rio de Janeiro, não era por mim que eu teria desejado encontrar-me com V. Ex. em um terreno neutro. Era sómente por consideração por este governo junto ao qual estou acreditado, e que está infelizmente em estado de guerra com o governo de S. M. o Imperador. Todavia, acceito com prazer o amavel convite de V. Ex., e á 1 hora pôr-me-hei a caminho para a villa da União. »

Deixemos que o Sr. L. de Alvarenga Peixoto, então um dos secretarios do visconde do Rio Branco, refira as occurencias que se seguiram. ALVARENGA PEIXOTO, *O visconde do Rio-Branco, Apontamentos para a Historia.* — Rio, 1871, um vol.).

« O Sr. Barbolani fez ao visconde do Rio-Branco as seguintes aberturas, participando as disposições pacificas em que se achava o Sr. Villalba : — declarou que o novo presidente de Montevidéo desejaria evitar uma nova effusão de sangue em seu paiz, e as calamidades de que a capital da Republica se achava ameaçada; que desejava abrir as portas da cidade a seus sitiadores, uma vez que honrassem este seo procedimento. Accrescentou, porém, que o Sr. Villalba, esperava ser reconhecido como governo legal da Republica pelo Brazil e pelo general Flôres, e que esta deveria ser a base da primeira solução pacifica. O visconde do Rio-Branco declarou terminantemente que sobre semelhante base não havia accôrdo possivel. No dia seguinte Villalba enviou dous commissarios que foram manifestar as suas vistas e sondar as disposições dos alliados. O representante do Brazil declarou-lhes igualmente que não era possivel reconhecer-se o Sr. Villalba como presidente legal da republica, não porque sua pessoa não fosse digna de toda a consideração, mas porque sua eleição tinha uma origem viciosa e elle era governo de facto, como o general Flôres, estando nós na posição de vencedores e não de vencidos; que o reconhecimento do Sr. Villalba pareceria a todos um triumpho do partido *blanco*. Depois dessas aberturas confidenciaes, enviou o Sr. Villalba outro commissario, o Dr. Herrera y Obes, munido de instrucções para chegar a um accordo com Flôres e com o representante do Brazil. Das conferencias que então tiveram lugar resultou o convenio de 20 de Fevereiro. Uma das questões sobre que havia sériamente meditado o visconde do Rio-Branco era sobre a fórma do accôrdo que se ia celebrar. E como alguns dos seus adversarios censuraram-n'o pelo alvitre que tomou, julgamos dever reproduzir textualmente o que o nosso diplomata disse a tal respeito no senado. Eis alguns trechos do seu primeiro discurso — « Quanto á fórma, devia eu, como entendem alguns, tratar direc-

No dia 20 de fevereiro celebrou-se um convenio, que foi assignado, em nome do Brazil, pelo conselheiro Silva Paranhos (Visconde do Rio-Branco), em nome dos colorados, por Flôres, e, em nome do governo de Montevidéo, por Herrera y Obes, representante de Villalba.

As principaes condições do convenio eram :

Nomeação do general Flôres para governador provisorio até se fazerem em novembro as eleições dos corpos legislativos, que haviam de escolher em fevereiro de 1866 o novo presidente ;

Garantia de vida e propriedade para todos os orientaes, e esquecimento

---

tamente com o Sr. Villalba, exigindo que a praça de Montevidéo fosse entregue aos generaes brazileiros para ser por estes transferida ao general Flôres? ou devia eu não tratar com o Sr. Villalba, deixar que o nosso alliado se estendesse com elle, assistindo comtudo a esse accôrdo, afim de que não ficassem prejudicados os compromissos da alliança? São duas opiniões extremas. A 1ª não resiste á analyse. Quer ella que tratassemos directamente com o Sr. Villalba, excluindo o general Flôres ou que a praça de Montevidéo nos fosse entregue para que o general Flôres a recebesse dos generaes brazileiros. Semelhante opinião não é sustentavel. Qual era a posição do general Flôres? Era elle o chefe supremo da republica, como tal reconhecido pelo governo imperial; e neste caracter contrahiu comnosco os compromissos solemnes e importantissimos das notas reversaes de 28 e 3 de Janeiro. Essa autoridade, elle a exercia no proprio lugar em que se achava acampado o nosso exercito... Elle não era sómente primeira autoridade civil e politica da republica, era tambem general alliado, e á frente do seu exercito estava comnosco sitiando a praça inimiga. Com o sangue brazileiro correu o sangue oriental em Paysandú; forças orientaes marcharam para a nossa fronteira em perseguição de Muñoz; a maior parte dos postos avançados da linha dos sitiadores em Montevidéo eram sustentados pelas forças do general Flôres. Nestas condições poderia eu dizer ao nosso alliado que se arredasse, que o Brazil era o unico vencedor, e que só depois que o general brazileiro tomasse conta da praça é que ella poderia ser entregue ao chefe da republica reconhecido por nós? Semelhante precedimento era inadmissivel..................... O que, pois, cabia ao plenipotenciario do Brazil? Deixar que o nosso alliado tratasse só com Villalba, inspeccionar, entretanto os ajustes, afim de fiscalisar que não prejudicassem os que tinhamos com aquelle general? Esta opinião tem muito de razoavel; e devo dizer francamente ao senado que si eu soubesse que o acto de 20 de Fevereiro teria de ser julgado sómente pelo governo imperial e pelos homens que tem pratica dos negocios internacionaes, não duvidaria proceder assim. Assim, procedendo, seguiria o exemplo das potencias alliadas contra Napoleão (1814)......... Procedendo daquella maneira ainda seguiria o nosso proprio exemplo de 1851 e 1852.............. Mas porque não procedi segundo aquellas normas, visto que outra me não tinha sido indicada pelo governo imperial? Por ponderosas razões. Em primeiro lugar, receiei que, si me collocasse nessa posição, dissessem os espiritos mais exigentes que o Brazil representára um papel secundario...... No estado em que se achava o sentimento publico no Brazil a respeito de nossa contenda com o Estado Oriental e o Paraguay, convinha que nossa intervenção no acto da capitulação pudesse ser comprehendida por toda a população. Por isso entendi que não podia prescindir de figurar no acto das concessões feitas aos vencidos, tratando, como tratei, com o Sr. Villalba. Todavia adoptei para esse fim um meio termo entre as duas normas de proceder de que já fallei; intervim, mas por modo que nem apparecessemos impondo a pessoa que devia governar a republica, o que seria violação dos tratados vigentes, nem sujeitassemos á approvação do Sr. Villalba os compromissos que comnosco contrahira o general Flôres, o que fôra desconhecer o alto caracter de que se achava revestido o nosso alliado......... Talvez que esta censura sobre a fórma se apoie na circumstancia de apparecer como feito entre o general Flôres e o Sr. Herrera y Obes o ajuste sobre a questão interna, sendo o ministro do Brazil ouvido só depois da celebração do mesmo ajuste. Mas a negociação sobre a questão domestica, de familia, não podia ser feita de outro modo. Qual era a primeira base desse accordo? Que o general Flôres fosse reconhencido como presidente da republica. Ora, segundo o direito publico dos tres estados — Brazil, Republica Oriental e Republica Argentina, — a imposição de pessoa que deve governar a Republica Oriental é um caso de offensa á independencia da mesma republica. Quando o general Flôres estava para publicar em Santa Lucia o manifesto em que se declarou investido da autoridade suprema, o governo argentino chamou a minha attenção para esse ponto, ponderando que o facto de partir aquella declaração de perto do acampamento brazileiro podia parecer uma investidura dada pelo governo imperial, e, portanto, offensiva da independencia da republica...... »

de todos os erros politicos do passado, sendo exceptuados da amnistia os individuos que haviam insultado a bandeira brazileira e contribuido para serem queimados os tractados ; um tribunal militar decidiria de sua sorte.

Perdeu todas as garantias da lei o guerrilheiro Muñoz e com elle se procederia summariamente, onde quer que fosse encontrado (1).

Em consequencia d'este convenio ordenou o novo governo interino de Montevidéo o immediato desarmamento da guarda nacional, e, por intermedio do encarregado de negocios da Inglaterra, Lettsom, obteve do commandante da esquadra ingleza a protecção militar dos navios de guerra das outras nações para guardarem os edificios publicos no praso que mediasse entre o desarmamento e a entrada das tropas do general Flôres. O conselheiro Paranhos deu o seu assentimento a esta medida, reclamada pela prudencia. O almirante Elliot, a bordo da *Triton*, declarou que á vista das novas circumstancias, e da acquiescencia do plenipotenciario brazileiro, estava prompto a tomar a initiativa do acto collectivo, e foi acompanhado pelos commandantes dos outros navios estrangeiros. Desembarcaram 550 soldados e marinheiros inglezes, francezes, italianos, hespanhoes e americanos, occupando em pequenos destacamentos a alfandega, os bancos, a casa do governo, as legações e consulados. Esta medida provou muito bem no meio da confusão em que se achava a cidade, e obstou ás violencias e desordens que se receiavam ao entrarem os vencedores (2).

O dia 21 de fevereiro foi de completo desengano para os blancos de Montevidéo, quando viram occupados pelos marinheiros das potencias neutraes os pontos mais importantes da cidade. Ninguem era admittido no

---

(1) Como a convenção de paz de 20 de Fevereiro está publicada no *Appendice*, não precisamos rectificar estes trechos.

(2) Este desembarque de tropas estrangeiras fez-se a pedido do Sr. Villalba para que os blancos exaltados, partidarios da guerra a todo transe, se contivessem. Como declarou o ministro inglez ao seu governo, os blancos esperavam promptos auxilios do Paraguay. Em 26 de Janeiro dizia o Sr. Lettsom ao seu governo : « Sabbado, 22 do corrente, o presidente Aguirre mandou chamar o Sr. Barbolani, e communicou-lhe que resolvêra definitivamente não aceitar a mediação do general Mitre; que julgava contar com meios sufficientes para sustentar com bom exito a defesa da cidade; e que, demais, *contava com a activa cooperação do Paraguay em frente de Montevidéo.* » No dia 28 acrescentava o mesmo agente britanico : « Tendo-me avistado com o ministro da guerra, e dizendo-lhe eu acreditar que o governo não quereria sustentar uma defesa impossivel a sua resposta foi que *si Montevidéo não puder defender-se, pelo menos poderá perecer.* » Em 15 de Fevereiro dizia o Sr. Lettsom : «... Tendo o almirante Tamandaré prorogado até 15 o prazo que expirava a 9, o Sr. Aguirre faltou á sua palavra de renunciar o cargo no dia 8, mas prometteu fazel-o no dia 14. Neste dia não se reunio numero sufficiente de senadires. Os fautores do Dr. Carreras os ameaçaram em suas vidas se comparecessem. » Eleito o Sr. Villalba começaram as negociações, havendo-se elle, diante do partido exaltado, com a maior firmeza e coragem. No dia 18, receiando Villalba que parte da guarnição se sublevasse contra a sua autoridade porque Aguirre, Carreras e os membros da facção mais exaltada pretendiam supplantar o partido da paz por uma dictadura militar, pedio a protecção das forças navaes estrangeiras. Desembarcaram, por isso, na tarde dessa dia, depois de obtida a permissão do almirante Tamandaré, os contingentes dos navios de guerra neutros. No dia 22 escrevia o almirante Elliot aos Lords do Almirantado : « Montevidéo tem motivos para agradecer ao Sr. Villalba a coragem e firmeza que elle desenvolveu durante as negociações que trouxeram a capitulação de Montevidéo, e restauraram a paz deste paiz, sem as lamentaveis consequencias que se seguiriam a um ataque á cidade... Esta medida (o desembarque das tropas estrangeiras) inspirou confiança e deu força ao governo e aos defensores da ordem. No dia 20 assignaram-se, emfim, as condições da paz, mas não eram estas geralmente conhecidas, e o governo ainda se achava em situação de extremo perigo e difficuldade; porque se sabia que o Sr. Carreras, chefe do governo passado, o ex-presidente Aguirre, chefes militares, e outras pessoas, procuravam sublevar os animos, e eram de receiar movimentos sediciosos entre a tropa.

palacio do governo sem permissão especial do presidente Villalba. Até mesmo os generaes Diego Lamas e Dias, unicos blancos dos mais compromettidos que ficaram em Montevidéo, tiveram de submetter-se a esta formalidade. Ao meio dia entrou na cidade a cavallaria de Flôres e terminou o drama, que facilmente poderia ter degenerado em sanguinolenta tragedia (1).

No dia seguinte entraram dous batalhões brazileiros (2) com a escolta do coronel Caraballo, amigo de Flôres, destinado a receber o governo, em nome d'este general, das mãos do presidente Villalba. Este entregou ao emissario todos os papeis que pôde recolher durante sua curta gestão dos negocios, e por elles se evidenciou o estado das fortificações de Montevidéo, a quantidade de viveres e munições e o numero dos defensores, a nenhuma esperança de auxilio prompto por parte do Paraguay, o numero das peças de artilharia, os meios pecuniarios e os planos ideados para arrancar mais dinheiro aos habitantes. No dia 23 fizeram sua entrada na cidade o conselheiro Paranhos e os generaes Menna Barreto e Flôres.

Depois de receber as enthusiasticas e estrepitosas ovações preparadas pelos colorados e pela fracção do povo que, alheia aos partidos, só almejava paz e socego, dirigiu-se o conselheiro Paranhos para a casa da legação brazileira. Elle declarára ao presidente Villalba e ao senado (3) que o Imperio estava satisfeito por ter restituido á Republica a paz por tanto tempo desejada; que o Brazil não queria ingerir-se nas questões internas desse estado; que reconhecia qualquer presidente eleito constitucionalmente, e esperava com confiança que os subditos brazileiros seriam d'ahi em diante equiparados em direitos a todos os outros habitantes do paiz. Accrescentára que, á vista das circumstancias embaraçosas da republica, o Brazil adiava as antigas reclamações de indemnisação, e para não offender o sentimento nacional, só ficaria em Montevidéo um batalhão das tropas imperiaes, marchando o resto do exercito immediatamente contra o Paraguay, para cujo fim o governo do Imperador contava com a alliança do Estado Oriental, pois tendo o dictador Solano Lopez invadido traiçoeiramente a provincia brazileira de Matto-Grosso, o Brazil não deporia as armas emquanto aquelle dictador não fosse expulso do Paraguay.

A extraordinaria clemencia e moderação d'estas condições não agradaram ao partido colorado, e até não mereceram, segundo parece, a appro-

---

Em consequencia disso marcharam 226 homens das forças neutraes alliadas a occupar na madrugada de 21 o Forte, ou casa do governo. Na manhã desse dia começou a retirada dos blancos exaltados que se achavam ainda em Montevidéo. » — Como se vê, a capitulação de Montevidéo no dia 20 de Fevereiro, desembaraçando-nos de um inimigo, e permittindo que, desde logo, em alliança com a Republica Oriental, cuidassemos na guerra do Paraguay, só se teria dado mais tarde, a não ser a habil direcção que o representante do Brazil imprimio aos acontecimentos. Se não aproveitassemos as boas disposições do Sr. Villalba e do partido da paz, secundadas pelo corpo diplomatico estrangeiro, a facção exaltada a que pertenciam Carreras, Aguirre e outros, teria prolongado a resistencia, e, não dispondo os generaes Mena Barreto e Flôres de forças sufficientes para tentar, com probabilidade de bom exito, o assalto, só em março teriamos podido atacar a praça. Em carta de 1 de Fevereiro, dirigida por Lopez a Aguirre, recommendava aquelle que se sustentasse a praça de Montevidéo até a chegada das tropas do Paraguay.

(1) No dia 23 o forte de S. José, em virtude do ajustado no protocollo addicional, içou a bandeira brazileira e salvou com 21 tiros, respondendo a essa saudação a corveta *Belmonte*.

(2) Entrou a brigada brazileira do general Sampaio, composta dos batalhões 4°, 6° e 12°. Caraballo entrou antes, no dia 21.

(3) O ministro do Brazil não fez essas declarações a Villalba quando entrou em Montevidéo, porque cessára na cidade a autoridade deste, com o convenio de 20 de Fevereiro.

vação do almirante Tamandaré e do general Menna Barreto (1). pois fallou-se em divergencias de opinião entre estes chefes. E' fóra de duvida que havia a vingar vís injurias, perfidias e violencias de toda a especie, mas o conselheiro Paranhos procedia de conformidade com as instrucções do Imperador, que antes de tudo queria desmentir a malevola calumnia de que a intervenção brazileira no Estado Oriental, e a Alliança com Flôres, tão cuidadosamente evitada e principio, mas imposta afinal pelas circumstancias, tivera por fim a reconquista da antiga provincia Cisplatina.

Antes de tudo entendia Paranhos que nada se devia praticar que prejudicasse ou parecesse prejudicar a completa independencia e integridade territorial da Republica; e os successos posteriores provaram o grande tino politico de que deó mostras n'esta occasião o representante do Brazil.

A Republica Argentina, e principalmente o povo de Buenos-Aires, assistiam com grande interesse ás peripecias da lucta, mas não contavam que o Brazil rematasse as questões com tão nobre desinteresse. Desde o momento em que as tropas do general Flôres se tornaram alliadas do Imperio, tinham cessado para este caudilho todos os auxilios que abundantemente recebera até então de Buenos-Aires, porque alli desejam-se sempre acontecimentos que embaracem o desenvolvimento de Montevidéo, e inspiravam desconfiança as boas relações de visinhança, que entre o Brazil e o Estado Oriental deviam resultar da victoria do partido colorado. Apezar disso, Mitre não se ingeriu nas negociações de paz, e acolheu os fugitivos do partido blanco tão hospitaleiramente, como antes havia acolhido os colorados. As hesitações de Urquiza livraram-n'o do perigo de envolver-se em complicações.

Um acontecimento singular e inesperado poz termo á campanha.

O conselheiro Paranhos, que tinha sido enviado ao Rio da Prata para estreitar as relações do Imperio com a Republica Argentina, sendo ao mesmo tempo incumbido de auxiliar com as luzes da sua experiencia os generaes brazileiros nas questões diplomaticas, tornára-se, desde a marcha de Menna Barreto para Paysandú, o arbitro de todas as deliberações, e a alma da guerra. Já em Fray-Bentos tinha tido uma conferencia com Tamandaré, Menna Barreto e Flôres, dirigindo-se depois para as visi-

---

(1) **Não é certo. O general Menna Barreto (barão de S. Gabriel), a quem o Sr. Visconde do Rio-Branco ouvio, como o almirante Tamandaré, quando negociou na Villa da União o convenio de 20 de fevereiro, nenhuma objecção oppoz, e approvou inteiramente esse ajuste. Elle havia declarado antes ao nosso ministro que não tinha força sufficiente para atacar a cidade. A ordem do dia em que communicou ao exercito a assignatura do convenio é a prova mais evidente de que o approvou. Quando se soube em Montevidéo da exoneração do plenipotenciario brazileiro, tanto o general Menna Barreto como o seo immediato, Ozorio, e a officialidade do exercito, deram uma demonstração publica do apreço que lhes merecia esse ministro, pelo grande serviço que acabava de prestar, desconhecido, entretanto, pelo governo do seo paiz. A unica desintelligencia que houve, foi entre o almirante Tamandaré e o nosso ministro, desde que este chegou ao Rio da Prata, porque o Sr. Visconde de Tamandaré queria ser a um tempo commandante da esquadra, director do exercito e diplomata. Nas conferencias da Villa da União levantou elle um conflicto de jurisdicção, entendendo que cabia a elle, e não ao Sr. Visconde do Rio-Branco, negociar as condições do convenio. Cedeo ás razões apresentadas pelo nosso plenipotenciario, que foram apoiadas pelos generaes Flôres e Menna Barreto. Nenhuma objecção oppoz ás condições do convenio, e apenas pedio que fossem punidos os que nas ruas de Montevidéo arrastaram a bandeira brazileira. Com effeito, em protocollo addicional e reservado, estipulou-se que os autores d'essa bachanal fossem obrigados a deixar o paiz, e que, como satisfação, se désse uma salva de 21 tiros á bandeira brazileira. Esse protocollo não foi publicado no relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros, nem lido pelos autores do decreto de 3 de março, senão depois de publicado este.**

nhanças de Montevidéo, onde soube, com grande habilidade, tirar partido de todas as circumstancias e remover as difficuldades que appareciam. Tendo exercido uma influencia benefica, e merecendo seus actos em Montevidéo, em Buenos-Aires, e em todas as terras do Prata, lisongeiros e imparciaes applausos, foi grande e geral a sorpreza produzida pela noticia, chegada do Rio de Janeiro, da exoneração que lhe foi dada, e de forma assaz brusca e descommunalmente severa. O governo imperial manifestou-se descontente com as generosas condições do convenio de 20 de Fevereiro e cedeu provalmente á impressão causada no Rio de Janeiro pelas correrias de Muñoz e Aparicio no Jaguarão. O conselheiro Paranhos recebeu esse golpe exactamente no meio de uma festa brilhante, organisada em sua honra pelo novo governo de Montevidéo, pelos diplomatas, almirantes, e consules de todas as nações representadas no Estado Oriental, em signal de gratidão pelo restabelecimento da paz (1). Paranhos protestou em um manifesto, datado de 14 de Março, contra a censura, que ao seu procedimento irrogára aquella demissão (2), e este protesto foi não só reproduzido, em todos os jornaes do Rio de Janeiro, mas tambem commentado em sentido favoravel (3).

Seu successor foi o conselheiro F. Octaviano de Almeida Rosa.

A iniciação dos trabalhos para a conclusão de uma alliança offensiva e defensiva entre o Brazil e o Estado Oriental, contra o dictador do Paraguay, tinha sido feita por Paranhos (4). Nos veremos depois as bases desse ajuste no tratado da triplice alliança.

---

(1) O Sr. Visconde do Rio-Branco teve conhecimento da sua exoneração, horas antes de receber as pessoas que convidará para um banquete que deu no dia 14 de Março em honra da Imperatriz. E' esse dia, como se sabe, o anniversario natalicio de S. M.

(2) Esse documento, escripto em Montevidéo no dia 14 de Março, foi aqui publicado no *Jornal do Commercio* do dia 21.

(3) Do Relatorio do ministro dos negocios estrangeiros de 1864 extrahimos o seguinte :

«... Comtudo o governo imperial julgou o convenio de 20 de fevereiro *deficiente*, por não haver devidamente attendido a graves offensas, commettidas no ultimo periodo da administração Aguirre, taes como as inqualificaveis correrias do general Muñoz e coronel Aparicio, que, mandados pelo governo de Aguirre para exercer actos de vandalismo contra a população inoffensiva rio-grandense, depois de um ataque infructifero sobre a cidade do Jagurão, commetteram em suas immediações os mais horrorosos attentados, o insulto á bandeira nacional, e o insolito procedimento dos prisioneiros de Paysandú, que, sob palavra de honra, postos em liberdade por um acto generoso do chefe brazileiro, recolhendo-se a Montevidéo empunharam de novo as armas contra o Imperio.

« *Effeitos do accôrdo de 20 de Fevereiro.* — Assumindo o Sr. general Flôres o supremo poder da Republica, organisou logo um gabinete inteiramente destinado a dar ao convenio a mais leal execução. O primeiro acto do governo provisorio foi considerar irrito e de nenhum effeito o decreto de 13 de dezembro, que havia condemnado ás chammas os tratados celebrados com o Brazil. N'essa mesma occasião prohibio a exportação de artigos bellicos ou qualquer outro auxilio directo ou indirecto por parte dos habitantes da Republica ao governo do Paraguay. Restabeleceram-se os consulados brazileiros na Republica. Foi dispensada a missão enviada á Europa pelo governo do Sr. Aguirre. Expediram-se as necessarias providencias para tornar-se effectiva a submissão dos caudilhos Muñoz e Aparicio, e a averiguação dos factos de que elles e outros scelerados eram accusados, para serem processados administrativa e judicialmente. Mandou-se igualmente syndicar, para o mesmo fim, do insulto feito por Susviela, Palomeque e outros á bandeira brazileira. Quanto aos caudilhos Muñoz e Aparicio, fizeram-se logo effectivas aquellas providencias, tendo-se elles submettido e deposto as armas; restabelendo-se assim completamente a paz na Republica. »

(4) O futuro historiador do Brazil não poderá deixar de consultar com interesse os discursos proferidos no senado, em Junho de 1865, sobre o convenio de 20 de fevereiro, assim como o folheto publicado mezes depois pelo Sr. Visconde do Rio Branco com o titulo « *A Convenção de 20 de Fevereiro demonstrada á luz dos debates do Senado e dos successos da Uruguayana, por José Maria da Silva Paranhos.* » (1865, 1 vol.) — Do opusculo publicado em 1871 pelo Sr. Alvarenga Peixoto, nosso prezado amigo, tomamos

Si lançarmos um olhar retrospectivo sobre esta guerra, que só então começava a assumir maiores proporções, acharemos que pouco differe das lutas anteriormente havidas na Banda Oriental. A guerra entre colorados e blancos não passou do habitual systema de guerrilhas, seguido pelos gaúchos. Os colorados tinham na verdade um objectivo, que era a conquista da capital, mas não tinham plano assentado : seus movimentos dependiam dos successos da occasião. Duas vezes surgira Flôres ás portas de Montevidéo, contando sem duvida com o levante dos seus partidarios dessa cidade, porque bem sabia que não possuia os elementos necessarios para superar as fortificações. Mesmo no ultimo periodo da luta, quando dispu-

---

os seguintes trechos onde o leitor verá resumidas as censuras feitas á convenção de 20 de fevereiro :

«... No dia 19 de fevereiro á noite estava concluida a negociação. O visconde do Rio-Branco havia convidado o almirante visconde de Tamandaré e o barão de S. Gabriel para assitirem ás conferencias. O visconde de Tamandaré provocou então, na presença do general Flôres e do commissario do Sr. Villalba, um conflicto de jurisdicção. Declarou que o competente para tratar de negociação era elle. Desde a chegada do nosso diplomata ao Rio da Prata começaram os enthusiastas da guerra a propalar que a missão que elle levava era obter uma solução pacifica, evitando o proseguimento das hostilidades. Tal pensamento não tinha nem podia ter o visconde do Rio-Branco, que bem sabia o estado das cousas e conhecia que era chegado o momento de fallar o canhão. O visconde de Tamandaré deixou-se impressionar por esses boatos e pelos conselhos de alguns amigos que procuraram convencel-o de que a nomeação de um diplomata era uma offensa á sua autoridade. Foi por isso que o almirante, apenas teve noticia da proxima chegada da missão especial, seguio a atacar Paysandú, em dezembro, tendo apenas 400 homens de desembarque, e essa praça 1,400 defensores. Declarando, na conferencia alludida, o nosso almirante que era elle o competente para tratar, o visconde do Rio-Branco, com a prudencia que lhe é habitual, e depois de fazer algumas reflexões, mostrou-lhe os seos plenos poderes, com o que deo-se por convencido o mesmo almirante, dizendo que já se não queixava d'elle, mas sim do governo imperial. N'esta scena, o procedimento delicado do visconde do Rio-Branco foi mais longe, porque accrescentou : — « Si V. Ex. declara « não estar pelo que eu fizer, entrego-lhe a negociação, porque n'este caso a minha res- « ponsabilidade, ficára salva. Eu tenho a responsabilidade, não posso declinal-a, salvo si « V. Ex. disser que não está pelo que eu fizer. » O almirante declarou que não, e que, á vista dos plenos poderes, estava convencido de que ao Sr. Rio-Branco competia dirigir a negociação. O pensamento do almirante, manifestado n'essa conferencia, e em todos os seos officios ao governo, era que o general Flôres fosse o presidente da republica, que cahissem Aguirre e o partido *blanco*, e que se permittisse aos mais importantes da facção entrincheirada em Montevidéo, inclusivamente os prisioneiros de Paysandú, a retirada por algum tempo do paiz, como consta de sua carta dirigida ao visconde do Rio-Branco em 8 de fevereiro, e officio de 16 do dito mez ao ministro de negocios estrangeiros. Tudo isto se fez, e o almirante achou o accôrdo o melhor possivel, lembrando até que, sendo o dia 20 de fevereiro anniversario da batalha de Ituzaingo, devia adiar-se para então a assignatura do convenio. Quando se espalhou a noticia da celebração do convenio, ondas de povo vieram de Montevidéo á villa da Union, comprimentar os alliados. O almirante e o general em chefe estavam com o visconde do Rio-Branco e o general Flôres, recebendo as manifestações publicas, que se traduziam em explosões de um grande regosijo nacional. No dia 23 entrava o exercito alliado em Montevidéo... O almirante tinha ido para bordo. Ahi, as observações de algumas pessoas que o cercavam turvaram-lhe o espirito. Tinha-se ajustado que, logo que os alliados entrassem na capital, uma salva de 21 tiros saudasse a bandeira brazileira. O almirante mandou declarar que não communicava com a terra porque não tinha havido ainda a salva estipulada. Isso fez com que o general Flôres apressasse a demonstração. O enthusiasmo dos brazileiros e estrangeiros em Montevidéo era immenso. O commandante em chefe do nosso exercito, na ordem do dia que publicou, disse : — « As nossas reclamações serão satisfeitas; a amnistia « concedida pelo illustre general Flôres não comprehende os roubos, assassinatos e « outros crimes communs, pelos quaes, antes e durante a guerra, se assignalaram alguns « dos ferozes sequazes do partido vencido. Taes crimes serão punidos, porque a moral, « a civilisação e a justiça assim o reclamam. As armas e diplomacia brazileiras não podiam « ser mais felizes, nem mais generosas em seo triumpho. O Brazil inteiro o ha de recon- « nhecer e applaudir. » — Com effeito haviamos alcançado tudo quanto se podia desejar, obtendo todas as satisfações exigidas não só pelo *ultimatum* de 4 de Agosto, como as que

nha de elementos mais poderosos, o primeiro ataque de Paysandú demonstrou a insufficiencia de seus meios de guerra diante de um adversario resoluto e de trincheiras improvisadas.

Que o Brazil não considerava esta expedição uma verdadeira guerra, nem lhe attribuio publicamente tal significação, prova-o não só o resumido numero de tropas que nella empregou, como a circumstancia de não haver lançado mão do general em chefe de mais prestigio que possuía, o marechal Caxias. O general J. Propicio Menna Barreto, foi revestido do commando, mas estava por seu turno subordinado ás resoluções do commandante da esquadra, o vice-almirante Tamandaré. Teve por missão,

---

se deviam exigir depois pelos excessos praticados pelo governo de Aguirre em Montevidéo. Fomos além : obtivemos até promessa de indemnisação pelos prejuizos da antiga guerra civil. Os nossos inimigos fugiam espavoridos; o governo que nos insultára cahira; o nosso alliado estava no poder; e a Republica Oriental declarava guerra ao Paraguay, unindo-se ao Brazil. Quando a noticia chegou á capital do Imperio excitou grande enthusiasmo. Mas o visconde do Rio-Branco tinha, como todos os homens que se elevam, rivaes e inimigos. Expondo a situação das cousas no Rio da Prata, havia elle escripto ao governo, declarando que em sua opinião deviam ser nomeados o duque de Caxias commandante em chefe do exercito (o barão de S. Gabriel, enfermo ia retirar-se, como se retirou) e o visconde de Inhaúma commandante em chefe da esquadra. Ora, esses dous distinctos generaes pertenciam ao partido conservador, e o governo suppoz que o nosso diplomata não se guiava por sentimentos de patriotismo, mas sim pelo espirito de partido. O enthusiasmo pela guerra era grande na capital do Imperio; e depois de tantos annos de paz, e da questão ingleza, que ferira tão profundamente as nossas susceptibilidades nacionaes, todos se deixaram tocar d'elle. Alguns dos mais exaltados adversarios politicos do visconde do Rio-Branco, que viram com maus olhos a sua nomeação, e a gloria que estava adquirindo, exploraram habilmente as paixões, populares, fizeram circular os mais absurdos boatos, declararam deshonrosa a solução porque se não tinha tomado de assalto a praça, e o governo deixou-se arrastar por essas influencias, e por algumas cartas que recebêra do theatro dos acontecimentos. Sem explicações do nosso diplomata, sem ter lido reflectidamente os officios que recebêra, sem pezar as consequencias de seu acto, o governo na tarde do dia 3 de março demittio o diplomata brazileiro... A sorpresa foi geral, e a população, diante de um acto d'esses, começou a acreditar que o visconde do Rio-Branco havia sacrificado a dignidade do paiz. Ao mesmo tempo um sem numero de artigos de origem official appareceo nos jornaes, adulterando os factos, tornando até responsavel o visconde do Rio-Branco por actos que não eram seus, como, por exemplo, a não effectividade do bloqueio de Montevidéo, que o almirante fôra adiando, e, o que ainda é peior, propalando que os attentados attribuidos a Muñoz e Aparicio ficavam impunes pelo convenio de 20 de fevereiro. Felizmente em poucos dias a reacção appareceo, e grande numero de artigos sahiram á luz, profligando a leviandade do governo, e defendendo o acto de 20 de fevereiro. *Epaminondas* (pseudonymo de um distinctissimo litterato, o conselheiro Castilho) foi o primeiro a tomar campo em defesa do diplomata exonerado, e, brandindo possante massa, pulverisou um a um todos os argumentos que a inveja e a má vontade haviam suggerido aos inimigos do visconde do Rio-Branco. Esse notavel escripto, que revela profundo conhecimento das nossas questões no Rio da Prata, produzio grande sensação, e iniciou a obra da justificação que mais tarde o negociador do convenio rematou brilhantemente no senado. As accusações feitas pelo governo ao convenio foram umas desmentidas pelo tempo e outras refutadas pelos documentos officiaes. Eram ellas : — 1.ª *Os attentados de Muñoz e Aparicio não estavam comprehendidos no convenio.* A resposta a essa accusação está neste documento : — « Ministerio das relações exteriores. Montevidéo, 12 de Março de 1865. Sr. ministro, Submettidas á consideração do governo provisorio as manifestações que S. Ex. servio-se fazer-me, relativas ao procedimento de D. Basilio Muñoz, S. Ex. o Sr. Governador, apezar de já ter dado ordens afim de que aquelle individuo fosse trazido a esta cidade para responder sobre os factos que se lhe imputam, attendendo aos novos desejos manifestados por V. Ex., renova nesta data as ditas ordens, mostrando assim a sinceridade com que quer satisfazer as justas reclamações de V. Ex., sem embargo de que os factos que parecem condemnar o dito Muñoz tiveram logar em territorio brazileiro, e, portanto, fóra da jurisdicção da Republica, etc — Exm. Sr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos, etc. — *Carlos de Castro.* » Quando se recebeu em Montevidéo a noticia da demissão do ministro do Brazil, o ministro das relações exteriores da Republica, dirigio ao ministro dos negocios estrangeiros do Imperio a nota de 14 de Março, em que declarava termi-

Menna Barreto, impedir que a provincia do Rio Grande do Sul, a mais bellicosa de todas as provincias brazileiras, se envolvesse por conta propria na luta, bem como proteger os subditos brazileiros estabelecidos nos departamentos septentrionaes do Estado Oriental, evitando o contacto dos revolucionarios colorados, mas tendendo ao mesmo fim destes, isto é, á tomada da capital. Certamente a posição expectante na fronteira era o que melhor se poderia fazer em taes circumstancias, e quando mais tarde se tornou imprescindivel a alliança com os colorados, a invasão do pequeno exercito de Menna Barreto era tambem o passo mais acertado. A divisão de Osorio poderia ter melhor resguardado a fronteira de sueste, impedindo a invasão

---

nantemente, que esses attentados estavam comprehendidos no art. 2° do convenio, accrescentando que já se tinham, em consequencia da reclamação do Visconde do Rio-Branco, expedido ordens para a captura de Muñoz, afim de serem esclarecidos os factos que se lhe imputavam, e tornar-se effectivo o castigo que merecesse. Competia, porém, ás autoridades brazileiras apresentar os documentos necessarios. Um officio do presidente do Rio Grande do Sul, unico documento sobre a questão, fallava apenas da apprehensão de cavallos e escravos, não fallava de violações de familias. Estes ultimos attentados eram os que mereciam punição; aquelles só poderiam ser objecto de indemnisação. Cumpria, pois, ao governo imperial demonstrar a existencia desses ultimos factos, que apenas constavam de um artigo de gazeta. — 2° *Não serem punidos os prisioneiros de Paysandú que haviam dado palavra de não retomar armas contra o Brazil, durante a guerra.* Em primeiro logar, elles nunca deram palavra : o general Flôres autorisou o visconde do Rio-Branco a fazer essa declaração. Em segundo logar não deviamos ser menos generosos depois da paz do que durante a guerra. Em Paysandú, onde a bandeira brazileira servio de tapete, onde andaram expostas as cabeças decepadas dos nossos soldados, poude-se dar liberdade aos prisionerios; porque razão não se podia fazer o mesmo em Montevidéo? Não tendo elles dado palavra em Paysandú, não podiam fazer excepção á amnistia geral. Quasi toda a guarnição da praça, depois do convenio, reconheceu a autoridade de Flôres, e acompanhou-o durante a guerra do Paraguay. — 3.ª *Ficar impune a offensa feita á bandeira brazileira nas ruas de Montevidéo.* O visconde do Rio-Branco demonstrou, com os principios geralmente aceitos, que isso não fôra uma offensa ao Brazil, mas uma acção ignobil, repugnante, ultimos arrancos de uma colera impotente. Entretanto, já em homenagem aos legitimos resentimentos nacionaes, já na previsão das côres que a malevolencia poderia emprestar ao facto em questão, não ficou elle impune. Houve uma salva de 21 tiros ao symbolo da nossa nacionalidade, dada com aquelle motivo, pelo governo provisorio, e os principaes autores da alludida bachanal, conforme se estipulára em protocollo reservado, foram obrigados a sahir do paiz, ficando inhibidos de regressar ao solo natal, emquanto outra cousa não fosse ajustada entre o governo imperial e o da republica. — Quanto *á fórma* do acto de 20 de Fevereiro, póde-se ver, além do extracto que acima deixámos, os discursos pronunciados no senado pelo visconde do Rio-Branco, e o folheto publicado em 1865. — Não era possivel deixar de fazer distincção entre a questão interna e a externa. Na interna não podiamos intervir directamente, porque, sendo o nosso empenho collocar o general Flôres no governo, não podiamos fazel-o sem violar os tratados existentes, provocando a intervenção do governo de Buenos-Aires. — O tempo veio justificar o visconde do Rio-Branco. Si o desenlace da questão oriental não fosse tão prompto, Lopez teria penetrado no Rio Grande, cahindo sobre o Estado Oriental e collocando entre dous fogos o nosso pequeno exercito, que então só tinha 8.000 praças, e Entre Rios e Corrientes declarar-se-hiam por elle. Não poderá duvidar disso quem souber que 4 mezes depois elle atreveu-se ainda a invadir o Rio Grande, e quem se lembrar das hesitações de Urquiza, e das sympathias que o Paraguay encontrou em Entre Rios e Corrientes. A quéda de Montevidéo desorientou Lopez, e desorganisou o plano que havia delineado o dictador. Que elle pretendia mandar 20.000 homens em auxilio de Montevidéo não resta a menor duvida depois das declarações feitas por prisioneiros Paraguayos que merecem credito, e de documentos posteriormente apprehendidos. O Sr. Lettsom, ministro britanico, em Montevidéo, assim assegurou ao seu governo em um despacho que corre impresso. — Julgamos ter dito quanto basta sobre o convenio de 20 de Fevereiro, que é uma questão muito recente e muito conhecida. Só accrescentaremos que o acto irreflectido do ministerio de 31 de agosto, destituindo o visconde do Rio-Branco, attrahio muitas sympathias e foi mais util ao honrado estadista do que si o governo houvesse approvado inteiramente o seu procedimento... Não ha expressões com que se possa pintar a sorpresa de que foi tomado o visconde do Rio Branco ao receber a noticia da sua demissão... Nesse dia (14 de Março) preparava-se o ministro do Brazil

de Muñoz até o Jaguarão, e a derrota d'aquelles tresentos guardas nacionaes, de que acima fallámos (1), ficará sempre como um ponto negro nesta guerra feliz. Como preparativo para a grande guerra do Paraguay, e como meio de habituar os soldados á vida do campo, ás manobras e ao fogo, a guerra do Estado Oriental foi indubitavelmente muito proveitosa. Suas consequencias materiaes não foram de alcance; as moraes, porém, tiveram grande influencia sobre o decurso dos acontecimentos posteriores (2).

---

para festejar dignamente o anniversario natalicio da nossa virtuosa Imperatriz... A tremenda noticia em nada alterou a festa preparada... Durante essa festa, os convivas, que não ignoravam o golpe recebido pelo visconde do Rio-Branco, admiravam a calma e a serenidade do ministro decahido... Houve á noite calorosas manifestações do povo de Montevidéo, em favor do ex-representante do Brazil. Grandes grupos de cidadãos orientaes, e estrangeiros foram por differentes vezes á frente da casa de sua residencia com musicas, archotes e bandeiras, soltar estrondosos vivas ao distincto diplomata... Entre as demonstrações de sympathia, que não faltaram ao ex-ministro, cumpre não esquecer o brinde que no banquete de 14 de Março, fez o bravo general Osorio, dizendo-lhe que tivesse confiança no bom senso de seus compatriotas, porque o Brazil inteiro applaudiria o acto de 20 de Fevereiro. Não foi menos significativa a manifestação do nosso brioso exercito... Aberto o senado, na discussão da resposta á falla do throno, em sessão de 5 de Junho de 1865, produzio o visconde do Rio-Branco uma brilhante defesa dos seus actos, pronunciando um discurso que durou oito horas, ouvido todo com respeitosa attenção e profundo silencio. E' escusado dizer que a sua justificação sahio á luz dos debates tão clara, evidente e completa quanto a presumira já o paiz, e a esperava o numeroso publico que mal cabia nas galerias do senado. No fim deste memoravel discurso, e ao sahir do senado, foi o illustre estadista sorprendido por uma verdadeira ovação do povo que o esperava na rua... »

(1) Não houve tal derrota de 300 guardas nacionaes (Vej. pag. 62 nota). A divisão do general Osorio não foi encarregada de cobrir a fronteira do Jaguarão, pois fazia parte do pequeno exercito de Menna Barreto (barão de S. Gabriel), e com elle marchou desde Pirahy até Paysandú, e desta cidade a Montevidéo. O que houve, foi muita imprevidencia da parte do governo em autorisar o Sr. conselheiro Saraiva a apresentar um *ultimatum* quando não estava ainda organisado e prompto o exercito de invasão, e da parte do presidente da provincia de S. Pedro do Sul, em não reunir novas forças na fronteira, que a puzessem ao abrigo de qualquer insulto.

(2) Eis as perdas que durante a campanha da Banda Oriental (1864-65) soffreram o nosso exercito e a nossa esquadra em operações (não incluimos a perda que tiveram os orientaes nossos alliados) :

COMBATES	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
	Officaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Fóra de combate
Bombardemento e ataque de *Paysandú* (6, 7 e 8 de Dezembro de 1864) (tropas do exercito e armada).	»	12	1	40	»	1	54
Ataque e tomada de *Paysandú* (31 Dezembro de 1864 a de 2 Janeiro de 1865).... Exercito.	5	79	13	350	»	»	447
Ataque e tomada de *Paysandú* (31 Dezembro de 1864 a de 2 Janeiro de 1865).... Marinha.	1	10	1	30	»	»	42
Defesa do *Jaguarão* (27 Janeiro) (exercito)..........	1	1	1	3	»	»	6
SOMMA.................	7	102	16	423	»	1	549

Em toda a campanha, até a rendição de Montevidéo, tivemos, pois, 549 homens fóra de combate, sendo 1,094 mortos (dos quaes 7 officiaes), 439 feridos (dos quaes 16 officiaes, e 1 extraviado.

Nos ataques de 6, 7 e 8 de Dezembro não discriminámos as perdas do exercito e da marinha porque não consta isso das peças officiaes que examinámos. O official ferido,

Em breve restabeleceu-se em Montevidéo, e em todo o Estado Oriental uma administração regular. O general Flôres procedeu com grande moderação e adiou até a convocação do tribunal, que devia julgar os autores do morticinio de Quinteros, para a epoca em que os representantes da nação estivessem de novo eleitos e as paixões arrefecidas. Entre os ministros que nomeou, e a cujo numero pertencia o general Battle (hoje, 1871, presidente da Republica Oriental), figuravam dous individuos do partido blanco (1). D'este modo Flôres realisava praticamente as propostas que antes fisera para o restabelecimento da paz.

Nenhum periodo da longa guerra, que surgiu d'estas complicações no Estado Oriental exige tão minuciosa consulta á correspondencia diplomatica como este começo que foi, digamol-o assim, o preambulo ou o pretexto para a grande luta que se seguio. Reproduzimos integralmente alguns desses documentos, omittindo ás vezes as formulas usadas em taes correspondencias officiaes. D'esses documentos resulta a convicção de que o Brazil não desejava a guerra com o Estado Oriental; que foi preciso subir ao poder um novo ministro, Dias Vieira (2), para que no Rio de Janeiro se puzesse fim a tanta longanimidade; que o Imperador D. Pedro II até o ultimo momento se oppoz á intervenção formal nas luctas dos partidos no Estado Oriental, e, por sua moderação depois da victoria, desfez as conjecturas e receios, que não só na America Meridional, mas até na Europa, se ligavam, por motivos historicos, á acção militar do Brazil. O que fica indeciso é se o Brazil teria procedido tão energicamente, como procedeu, no Estado Oriental, se pudesse prever as consequencias e as proporções gigantescas que assumiria a lucta, em consequencia da intervenção do Paraguay (3).

---

porém, pertencia ao exercito (Guimarães Peixoto), e o soldado extraviado era um tambor da canhoneira *Irahy*, o qual cahio em poder do inimigo e foi degolado, sendo sua cabeça exposta na trincheira.

(1) Inexacto. A secretaria geral do estado esteve por alguns dias a cargo do coronel Dr. José Candido Bustamante, secretario do general Flôres durante toda a revolução. Em principios de Março Flôres organisou o seu ministerio, composto exclusivamente de colorados, e do modo seguinte : governo, Dr. Francisco Vidal; fazenda, Juan R. Gomez (irmão do general Leandro Gomez); guerra, general Battle; relações exteriores, Dr. Carlos Castro.

(2) As palavras do texto devem ser substituidas por estas : *um novo ministerio, presidido pelo conselheiro Zacarias de Góes.* Com effeito, o conselheiro Dias Vieira não era a figura mais importante do gabinete de 15 de Janeiro de 1864. Ao Sr. conselheiro Zacarias, chefe desse gabinete, cabia a direcção geral da politica. A attitude energica que então assumimos no Rio da Prata deve-se, pois, a S. Ex.

O gabinete Furtado (31 de Agosto) já achou o *ultimatum* Saraiva e o começo das represalias. Tudo o mais foi consequecia da insensatez de Aguirre e do grupo que o cercava.

Quanto á intervenção do Paraguay na lucta estamos persuadidos que poderia ser evitada se o gabinete de 31 de Agosto não tratasse com o mais soberano desdem o vaidoso dictador Lopez, que se armava contra a Republica Argentina, e nenhum interesse tinha em romper com o Brazil. Não se tratou de contraminar as intrigas dos agentes do governo blanco no Paraguay : foi esse o grande erro.

(3) Por decretos n. 3468 de 8 de Maio e n. 3488 de 28 de Junho de 1865, foi concedida aos officiaes e praças do exercito e armada que fizeram a campanha do Estado Oriental uma medalha. A fita é azul ferrete e encarnada em partes iguaes.

N. B. — A seguinte descripção sobre a queima dos tratados, pertence á *Reforma Pacifica*, de Montevidéo, jornal que se publicava nessa epocha. Esta famosa ceremonia realisou-se no dia 18 de Dezembro na presença do presidente Aguirre e seus ministros. Eis as palavras do orgão do partido blanco :

« A praça da Independencia era estreita domingo para conter o povo que corria a

---

presenciar *a augusta ceremonia*. No centro tinha-se levantado uma platafórma quadrangular, perfeitamente decorada, ostentando no meio a columna da independencia. Em cima de uma mesa estava a caixa que continha os tratados com o Brazil, e junto della, sobre um alto pedestal, ardia o vaso que devia consumil-os á vista e na presença do povo. Sumptuosos sofás e poltronas ornavam a platafórma, em cujos angulos esvoaçavam as bandeiras de Artigas, dos Trinta e Tres e a nacional em dous cantos. Tinha-se designado a hora do meio-dia para a solemne ceremonia, porque se queria *que ella se fizesse em plena luz*. No momento marcado, *formadas as tropas, o presidente, seguido dos seus ministros, dos generaes da republica e dos membros da commissão extraordinaria administrativa, subio os degráos da platafórma, e, depois que todos tomaram assento*, o escrivão do governo fez a leitura dos decretos de 13 e 14 do corrente, que declaram nullos os tratados com o Brazil e *mandam extinguil-os pelo fogo*. Concluida esta leitura, *tomou a palavra o Sr. presidente*, e em um patriotico discurso expôz as repetidas queixas e os irritantes ultrages que nos estava inferindo sem motivo o Brazil, e que davam justissimo direito á republica para obrar como fazia. Depois do discurso do Sr. presidente, o escrivão descozeu as folhas dos tratados, que foi passando ao homem encarregado de reduzil-as a cinzas, e reservou a capa e os sellos para enviar ao museu, como estava ordenado. Consumidos pelo fogo os iniquios tratados, *S. Ex. o Sr. presidente, os seus ministros, os generaes da republica e o presidente da junta assignaram um auto de estar consumado o acto, e S. Ex. desceu da plataforma com o seu sequito.*»

III

Intervenção do Paraguay na lucta

I. — Desenvolvimento Politico do Paraguay

Summario. — Revolução da independencia dos povos do Prata em 1810. — O Paraguay separa-se, desobedecendo ao governo de Buenos-Aires. — Expedição enviada pelo governo argentino contra o Paraguay (1811). — E' derrotada em Paraguary e Tacuary. — Convenção entre o general argentino Belgrano e Cabañas. — Retiram-se os argentinos. — Organisação do primeiro governo paraguayo. — Francia. — Carlos Lopez. — Solano Lopez.

Os liberaes que, em 1810, em Buenos-Aires destruiram o governo colonial da Hespanha, enganaram-se quanto á Banda Oriental e ao Paraguay, acreditando no immediato ingresso d'estes paizes para a confederação dos novos estados do Prata. Julgavam elles que bastava arrancar a bandeira real do palacio do vice-rei hespanhol para que todas as provincias que formavam o vice-reinado, entre as quaes figurava o Paraguay desde 1776, adherissem logo á declaração da independencia, mantendo-se unidas, e obedecendo ao governo de Buenos-Aires. No Paraguay governava então Bernardo de Velasco. Elle seguira os exemplos dos jesuitas no governo das missões guaraniticas e alcançára, por um regimen verdadeiramente particular, crear tal estado de socego e prosperidade, que a noticia da quéda do dominio hespanhol e da installação de uma junta revolucionaria em Buenos-Aires encontrou, não só em Assumpção, como em todo o Paraguay, má vontade e até positiva resistencia. Os emissarios que a junta enviou á Assumpção foram mal recebidos. O povo paraguayo estava satisfeito e não queria saber de mudanças. Recebendo a junta com admiração a noticia de que em Assumpção não se podia provocar um pronunciamento, desejando não só as autoridades civis e militares como incontestavelmente toda a população conservar-se fieis á Hespanha, dirigio ella uma intimação official ao governador para que o Paraguay mandasse a Buenos-Aires um deputado que o representasse no « cabildo abierto » (reunião da camara), e tomasse parte na transformação politica do vice-reinado. Tão seguro estava o governador Velasco, que não duvidou, em meiados de Julho de 1810, de convocar uma reunião dos notaveis da provincia afim de sujeitar á sua deliberação a intimação da junta de Buenos-Aires. A assembléa resolveu não adherir á desejada união. Essa resolução foi tomada em 26 de Julho. A acta declarava que o Paraguay estava resolvido a manter com o novo governo boas

e amigaveis relações de visinhança, mas nunca reconheceria a supremacia de Buenos-Aires sobre a régia provincia do Paraguay; que, finalmente, tudo seria levado ao conhecimento do rei de Hespanha, afim de que elle decidisse como julgasse mais conveniente. Ao mesmo tempo a assembléa dos notaveis, em quanto aguardava a resposta real, resolvia tomar todas as medidas para garantir a segurança do paiz, se houvesse tentativas revolucionarias. A junta governativa de Buenos-Aires não podia comprehender que uma das antigas provincias coloniaes, que tambem devia ter sobejas razões de queixa contra os arbitrios dos satrapas hespanhóes, deixasse de annuir promptamente á revolução, nem desapprovasse a independencia politica então iniciada, e, receiando com razão que o exemplo fosse seguido por outras provincias, resolveu quebrar logo pela força este principio de resistencia. Em uma sessão tumultuosa da junta, um de seus membros, o general Manoel Belgrano, que por seu procedimento contra o vice-rei deposto, Cisneros, se tinha tornado impossivel para o partido recolonisador, propôz que se organisasse uma expedição militar, para repetir a intimação de modo peremptorio. O enthusiasmo revolucionario dos portenhos produzio logo um exercito, sufficiente, com o qual Belgrano atravessando Entre-Rios e Corrientes, passou, em Dezembro de 1810, o Paraná no Paso de la Patria. Seguindo o caminho que os alliados percorreram na ultima guerra (1), penetrou elle sem achar resistencia até Paraguary, ao sueste de Assumpção, onde encontrou o general Manoel Cabañas, e foi tão completamente batido, em 19 de Janeiro de 1811, que teve de retroceder até o rio Tacuary, no territorio de Missões, e ahi soffreu, em 9 de Março uma segunda derrota que lhe não deixou outra alternativa senão a capitulação. Deu-se a esta o nome de armisticio. O leal Cabañas, com permissão de Velazco, concedeu essa capitulação, porque Belgrano declarou não ter tido a intenção de conquistar o Paraguay e só libertal-o do monopolio do fumo (2). Se, porém, o povo não queria este beneficio, elle estava prompto a transpôr outra vez o Paraná, porque o novo governo de Buenos-Aires não tinha interesse em forçar uma provincia a acceitar novas condições politicas e só desejava regular a organisação das colonias americanas de modo que se assegurasse o dominio e a autoridade da regencia em nome de Fernando VII, regencia que por causa da invasão franceza na Hespanha se achava em tristes circumstancias na ilha de Leon, perto de Cadiz. Ao delegado militar, que tinha de assignar a capitulação ou armisticio, reunio-se o commissario civil, nomeado pela junta para acompanhar o exercito, Calcena y Echeverria, que, por precaução, levou 58 onças em ouro (mais de 1,000 thalers — 1.200$000 Rs) ao general Cabañas para soccorrer ás viuvas e orphãos dos soldados hespanhóes mortos nesta expedição. O general Cabañas julgava ter ganho para seu infeliz soberano um corpo de tropas, e, contando com a fidelidade destas, permittio franca communicação entre os officiaes de ambos os exercitos. O resultado, porém, desmentio suas esperanças. Os officiaes hespanhóes deixaram-se enthusiasmar pela causa da independencia das colonias hespanholas ao ponto de auxiliarem, em 14 e 15 de Março de 1811, o major Pedro Juan Caballero, que em

---

(1) Parece-nos que ha engnano, que a invasão se fez por Candelaria e Itapua, mas não dispomos de tempo para verificar estas e outras asserções do autor.

(2) Como dissemos antes, só rectificaremos os equivocos do autor quando se trate de factos que mais de perto se prendam á historia do Brazil. Sobre a historia do Paraguay desde 1810 até 1825 veja-se o « *Ensaio Historico sobre a Revolução do Paraguay* » pelos Drs. Rengger e Longchamp (Bibliotheca del Comercio del Plata), e a respeito dos combates de Tacuary e Paraguary, lêa-se a *Historia de Belgrano* escripta pelo illustre general Mitre.

Assumpção declarou ao governador Velazco que, se o Paraguay não queria desconhecer a autoridade do rei, tambem não queria ficar subordinado á metropole, accrescentando que o governador estava em seu direito recusando qualquer união politica com Buenos-Aires. Já estava organisada uma junta provisoria, quando fizeram ao governador essa declaração. A junta compunha-se do proprio Caballero, como presidente, de Juan Ceballos e do Dr. Francia. Para tornar aceitavel este pronunciamento, convidaram os tres ao indicado governador para fazer parte da junta, visto ser o mais competente, por seu prestigio, para imprimir ao movimento a devida direcção. Velazco consentio em que, sob sua autoridade, fosse convocada uma especie de corpo legislativo. Nas sessões de 17 á 20 de Junho de 1811 approvou este todos os actos da junta provisoria, constituindo um governo de 4 pessoas (1), sem eleger para elle o governador, que por esta fórma foi muito pacificamente posto á margem. A' essa junta quadrupla foi confiada a organisação do novo estado. Francia e Caballero continuaram a fazer parte da junta, mas em lugar do governador entrou Fulgencio Yedros, e em lugar de Ceballos o Dr. Francisco Bogarin. Creou-se o lugar de secretario para a admissão de uma quinta pessoa, que foi Fernando de la Mossa.

Uma communicação, feita á junta de Beuenos-Aires, declarou que o Paraguay estava resolvido a não submetter-se a esta, annuindo, porém, á celebração de um tratado, que garantisse a cooperação do novo estado na defeza da liberdade commum (2). Esta mudança politica, depois das duas derrotas dos portenhos em Paraguary e Tacuary causou grande jubilo em Buenos-Aires. Belgrano e Echeverria foram enviados á Assumpção com plenos poderes para celebrar um tratado favoravel á incipiente liberdade, o que de facto se fez em 12 de Outubro de 1811. Foi por este pacto que a nova republica do Paraguay fez a sua entrada na familia politica da America Meridional, sendo expressamente reconhecida a sua independencia, tanto do governo estabelecido na antiga capital do vice-reinado, como de todas as outras provincias platinas. O Paraguay obrigava-se sómente a prestar auxilio contra qualquer inimigo commum do progresso e da justa causa das antigas colonias hespanholas e declarava-se disposto a manter as mais fraternaes relações. A melhor parte na elaboração deste ajuste coube ao jurisconsulto Dr. Francia, que, entretanto, não poude conseguir uma definitiva demarcação de limites, contentando-se em ver figurar no tratado

---

(1) Segundo Du Graty, a assembléa, reunida de 17 a 20 de Junho, approvou os actos do governo provisorio e creou uma junta de governo composta de 1 presidente, 5 conselheiros e 1 secretario, cujas funcções deviam durar 5 annos.

(2) Eis o que diz Du Graty :

« A assembléa decretou em seguida : — 1°, que o Paraguay seria governado por si mesmo, sem a intervenção de Buenos-Aires, proclamando assim a independencia paraguaya; 2°, que, não obstante, conservaria boas relações com essa provincia, e enviaria deputados ao congresso geral; 3°, que os direitos de alfandega se estabeleceriam regularmente, e que o monopolio do tabaco ficaria supprimido; 4°, que em caso algum as leis e resoluções do congresso argentino obrigariam ao Paraguay senão depois de approvadas pela assembléa geral.

« Ficava, pois, bem claro que o Paraguay não só se declarava independente da Hespanha, como tambem não reconhecia autoridade nem supremacia alguma da parte de Buenos-Aires.

« A junta de Buenos-Aires deu-se pressa em enviar então o general Belgrano e Vicente de Echeverria, os quaes, de Corrientes, deram ao governo paraguayo conhecimento de sua missão. O governo respondeu-lhes que podiam dirigir-se á Assumpção caso Buenos-Aires reconhecesse a independencia do Paraguay. Os dois enviados apresentaram-se pouco depois, e em 12 de Outubro de 1811 foi firmado com elles, em seu caracter de plenipotenciarios um tratado pelo qual a independencia do Paraguay era explicitamente reconhecida por Buenos-Aires... »

uma promessa sobre o assumpto, que em 31 de Outubro foi ratificada em Buenos-Aires.

Esta questão de limites, ficando indecisa, produziu mais tarde innumeras divergencias, dando lugar á constante rivalidade entre o Paraguay e a Republica Argentina.

Francia considerava a republica herdeira legitima do territorio das antigas Missões jesuiticas, ás quaes pertencia todo o nordeste da provincia de Corrientes, assim como o Grão Chaco inteiro, esse extenso deserto situado á margem direita do rio Paraguay entre a republica da Bolivia, e a provincia argentina de Santa Fé. Tendo, porém, a provincia de Corrientes preferido conservar-se unida ás outras que formavam a confederação do Prata, a junta de Buenos-Aires não podia consentir que uma parte integrante de seu territorio fosse della separada em beneficio do Paraguay. Em Buenos-Aires sustentava-se, pois, que os limites naturaes da nova republica deviam ser o Paraguay a oeste e o Paraná ao sul e a leste, devendo ficar para tempos mais calmos a fixação definitiva dos limites, principalmente no que dizia respeito ao Gran Chaco e ás inumeraveis ilhas esparsas nestes dous grandes rios. Ao menos assim se regulou o principal; o novo estado ganhou uma base positiva para sua existencia politica.

O governo dos cinco não foi de longa duração. Sendo homens de capacidade tão differente, era natural que o mais habil preponderasse, e foi Francia quem não só alcançou predominio, como encontrou facil subserviencia da parte de seus collegas. Elles, concordaram em simplificar a suprema direcção dos negocios, não esperando para isso que decorressem os cinco annos marcados. Logo no fim de dous annos, no verão de 1813, convocou-se um congresso de nada menos de 1,000 notaveis do paiz, que no dia 1 de Outubro escolheram dous consules para exercerem as funcções do governo, e sobretudo velarem pela conservação da fórma republicana e defeza da independencia nacional contra as aggressões de qualquer potencia estranha. Foram eleitos como os mais idoneos para o desempenho desta tarefa Fulgencio Yegros e Francia; e, considerando-se esta modificação de fórma do governo como uma questão domestica, julgou-se desnecessario notifical-a aos outros estados, porque a nação paraguaya não queria saber de relações, ajustes e tratados com os outros povos. Esta resolução foi motivada pelo mallogro total do primeiro tratado concluido em Outubro de 1811 com Buenos-Aires no proposito de reciproca coadjuvação. Logo após a conclusão deste tratado os portuguezes do Brazil tinham concentrado tropas, que pareciam destinadas a aggredir o territorio oriental do Paraguay, principalmente na altura das cachoeiras do Paraná. Em face desse perigo, invocara o governo o auxilio de Buenos-Aires, que lh'o recusou.

Depois da creação dos dous consules, a junta de Buenos-Aires mandou á Assumpção um novo negociador para convidar a republica a enviar deputados para Buenos-Aires, que sanccionassem a constituição dos estados do Prata. Este enviado (1) ficou sorprendido quando, em vez da junta, achou á frente do governo dous consules, a respeito de cuja eleição nada transpirára fóra do paiz, e que lhe declarram que o Paraguay considerava nullo o tratado celebrado dous annos antes, e tencionava viver d'ahi em diante sem tratados internacionaes e sem coadjuvação de quem quer que fosse.

---

(1) Nicolas Herrera, que em 1826 foi membro da camara dos deputados do Brazil, como representante da provincia Cisplatina.

Um politico de vontade tão energica como o Dr. Francia, devia em breve sentir-se incommodado pela intervenção de um collega que tinha os mesmos direitos; e á medida que se assignalava a sua superioridade, crescia naturalmente n'elle o desejo de se ver só na direcção dos negocios publicos. Começou, pois, a deixar ao seu collega todas as honras externas e todos os actos de ostentação e representação, ao passo que elle proprio trabalhava sem descanso, e conseguia inesperados resultados do seu trabalho. Quando Yegros era de opinião contraria, elle declarava não querer disputas, e, retirando-se para sua chacara, deixava sem decisão todos os assumptos pendentes. Yegros ficou assim em apuros, e não tendo habilitações para resolver negocio algum, não tinha remedio se não supplicar a Francia que voltasse. E não havia falta de assumptos governativos, porque tinha de ser feito ou reformado tudo no novo estado, tanto mais quanto a desordem e a anarchia nos outros paizes do Prata ameaçavam de mil perigos o Paraguay. Assim, pois, quando no anno seguinte (Outubro de 1814) o congresso de novo se reunio, soube o Dr. Francia dispor de tal modo as cousas, que foi em seu proveito aventada a questão — se não seria melhor, nos dias difficeis que atravessava a republica, concentrar todo o poder nas mãos de um só homem, nomeando-se um dictador por cinco annos. Não foi preciso accrescentar qual seria a pessoa propria para preencher taes funcções. A resolução foi tomada, e as eleições se fizeram com verdadeira disciplina militar. Nos dous primeiros annos do quinquennio soube o Dr. Francia fortalecer por tal modo a sua autoridade, que quando o congresso se reunio em 1 de maio de 1816, foi-lhe conferida a dictadura vitalicia, governando elle o Paraguay por espaço de 26 annos, de 1814 a 1840, da fórma mais despotica que se póde imaginar (1).

Lembrando-se de que, assim como tinha supplantado o dominio hespanhol no Paraguay, outros poderiam tentar apeal-o do poder, é provavel que elle meditasse longamente sobre a fórma de governo mais adequada á indole de seu povo. Desde que o Paraguay se declarou desligado de Buenos-Aires e das outras provincias ribeirinhas do Prata, cortou suas communicações com o mar, embora os dous poderosos rios que banham a republica lhe offerecessem excellente caminho, si as circumstancias fossem outras. Assim ficava condemnado a completo isolamento e só poderia ganhar importancia, si deliberada e firmemente se abstivesse de qualquer ingerencia ou ligação politica com os estados visinhos, que, apenas emancipados, já viviam convulsionados, e por suas rivalidades deixavam prever a continuação de lutas sérias e graves. A colonia portugueza do Brazil, o estado do Uruguay, que se mantinha independente, e os Estados Argentinos promettiam uma turbulenta visinhança; Portugal pretendia ao norte do Paraguay e territorio entre o Rio Apa e o Rio Branco; o antigo dominio das Missões dos Jesuitas tornava-se um pomo de discordia, e até a propria Hespanha, fortalecendo-se depois da quéda de Napoleão I, poderia renovar suas pretenções. A tudo isto oppunha o Dr. Francia seu systema de completo isolamento do Paraguay. Não admittia embaixadores e consules (2), e tambem não os mandava, nem respondia a correspondencias diploma-

---

(1) Sobre estes acontecimentos e os posteriores, veja-se a obra de *Du Graty*, que temos citado, *La Republica del Paraguay* (Besançon, 1862).

(2) Só fez excepção para o Brazil. Antes da independencia, Francia entendia-se com o governo portuguez por intermedio do commandante paraguayo de Itapúa e da Candelaria, e do general Chagas Santos, commandante do districto de S. Borja. Em 1822 correspondeu-se com o Visconde da Laguna. Depois da independencia tivemos em Assumpção um consul, o conselheiro A. M. Corrêa da Camara (1825).

ticas; a nação desacostumava-se dos objectos de luxo, e, limitando-se ao exclusivo consumo dos productos do paiz, nullificava todas as relações commerciaes com os povos estrangeiros. Uma ou outra vez eram alguns estrangeiros admittidos no paiz, mas o seu regresso era por todos os modos impedido, sendo o governo coadjuvado nessa obra pelos dous rios limitrophes, pelos immensos pantanos do Gran Chaco e pelas cordilheiras da raia oriental, habitadas por tribus de indios selvagens. Comquanto este systema fosse o mais adequado e depois provasse ser o mais proficuo, não teria o Dr. Francia conseguido executal-o, apezar de sua extraordinaria habilidade e pertinacia, sem a essencial herança dos missionarios jesuitas, que fizeram dos Guaranys um povo laborioso, obediente, abstinente e completamente apathico e indifferente. Só obstava ao seu bem calculado plano a classe, na verdade pouco numerosa, dos antigos colonos Hespanhóes, que representavam a aristacracia de nascimento em relação á grande massa da população guarany, e que si conseguissem sobresahir como jurisconsultos ou como officiaes militares, poderiam derrubar o governo do Dr. Francia, como tinham supplantado a autoridade do governador Velazco. O caracter do governo despotico do dictador, que não estava subordinado a fiscalisação alguma, claramente se patenteou nos esforços para anniquilar, enervar e subjugar as antigas familias hespanholas, que neste simulacro de instituições republicanas foram equiparadas em direitos aos Guaranys.

Muito se tem escripto a respeito do governo do Dr. Francia e de seu systema politico, as mais das vezes porém com parcialidade. E' innegavel que o longo exercicio de uma autoridade illimitada o tornava desconfiado e cruel, e si as tragicas narrações de sua sanguinaria ferocidade, das torturas empregadas, e de outras violencias, não são todas inventadas, é ao menos um facto incontestavel que, no tempo do seu governo, o Paraguay não conhecia revoluções, pronunciamentos ou conspirações; não tinha dividas, pelo contrario, apresentava uma ordem exemplar em todos os ramos da administração; a actividade, o bem-estar, o respeito e o espirito religioso eram reconhecidos pelas poucas pessoas que visitavam o paiz; e este, ainda que isolado egoisticamente do resto do mundo, já podia por sua boa organisação militar representar um papel importante. Os meios empregados pelo Dr. Francia para obter taes resultados só podem comparar-se com os usados pelos antigos russos, chins e japonezes, e contrastam com todas as noções da humanidade e da civilisação. No fim de seu governo o Dr. Francia resumia as funcções de juiz supremo, de summo sacerdote, de unico general, de unico negociante em larga escala e de director geral dos correios; e, si os resultados não mentem, tudo isto elle era com igual vantagem para seu paiz e geral satisfação de seu povo, que certamente se não considerava menos feliz do que qualquer nação livre.

Ainda ninguem explicou por que processo intellectual o Dr. Francia concebeu taes principios de governo para seu paiz. Filho de um francez, (1) que de Portugal fôra para a provincia brazileira do Rio Grande do Sul, o Dr. Francia estava destinado ao estudo da theologia, mas, abraçando a carreira da jurisprudencia, tornara-se um advogado de nomeada, quando principiou a revolução da independencia das colonias hespanholas. Por seus conhecimentos, por seu caracter e por suas tendencias era homem talhado para essa quadra, que o devia elevar á suprema direcção dos ne-

(1) **Esta versão é de *Rengger* no Ensaio Historico sobre a Revolução do Paraguay.**

gocios. Não lhe faltavam boas qualidades; era extraordinariamente probo, incorruptivel, indifferente aos bens da fortuna, pois só accumulou dinheiro para o Estado, e nunca para si, laborioso e activo, imparcial em todas as questões politicas, firme cumpridor de sua palavra. Ao envez de tudo isto, era severo, cruel, incompassivel, rancoroso para qualquer opposição politica; considerava as vantagens materiaes do povo como a unica tarefa de seu governo; satisfazia-se com a tranquillidade e com uma parca, mas divulgada, instrucção. Seguia o systema de punir com extrema severidade, mas sem demora e em acto continuo ao delicto; reputava um crime qualquer opposição ao governo ou administração. O lado mau de seu caracter e suas acções mais censuraveis como despota, apparecem por occasião da conjuração tramada por seu ex-collega consular, Fulgencio Yegros, que nunca lhe pôde perdoar a habilidade com que o tinha posto de parte, e ainda assim essa conjuração não tinha por fim roubar a vida a um collega mais habil, mas annexar o Paraguay ás provincias que obedeciam ao governo de Buenos-Aires. Ella foi descoberta por causa de uma carta de Yegros escripta ao flibusteiro argentino general Ramirez, a qual foi apanhada, quando este general, á frente de gaúchos entre-rianos e correntinos, tentando invadir o Paraguay, cahiu prisioneiro (1). Na perseguição e punição dos cumplices deste attentado mostrou-se Francia inexoravel, cruel e vingativo. Mandou suppliciar a mais de 50 pessoas; e o tribunal foi de uma severidade tão summaria que Francia até á morte, 20 annos depois, não teve necessidade de empregar igual repressão. A memoria deste biennio de terror paralysou toda a resistencia no paiz.

Sendo a organisação da republica, no tempo da triplice alliança contra Solano Lopez, a mesma que o Dr. Francia creára com tão inexoraveis consequencias, para sua elucidação temos de enumerar os problemas politicos, que a Francia coube resolver. Para garantir a tranquillidade quanto aos negocios externos, teve de estabelecer o isolamento do paiz; para manter a paz domestica era preciso dispôr de uma força militar bem disciplinada. Não queria ouvir fallar da guarda nacional e de milicias, nem de systema de voluntarios e de temporaria duração de serviços militares; exigia sobre todas as cousas pratica das armas, e fidelidade. Seu pequeno exercito de 2,000 homens, pouco mais ou menos, tornou-se exemplar no decurso de al-

---

(1) O autor engana-se neste ponto. Este Ramirez foi morto em Cruz Alta, na provincia argentina de Santa-Fé, e nunca foi prisioneiro do Paraguay. Era a principio commandante militar de Entre-Rios, nomeado por Artigas. Em 1818 tinha 1.000 praças guarnecendo algumas baterias na Calera de Barquin, em Perucho Verna e Arroyo da China, quando Bento Manoel, destacado pelo general Curado com 400 homens apenas, e protegido pela esquadrilha de Sena Pereira, atravessou o Uruguay, invadiu Entre-Rios, e, por sorpreza, apoderou-se dessas posições. Ramirez fugiu precipitadamente do Arroyo da China, salvando apenas 300 homens. Em 1819, sendo já general, invadiu a provincia de Buenos-Aires por ordem de Artigas, e, unido ao governador de Santa-Fé, Estanislau Lopez, derrotou em Cepeda (Fevereiro de 1820) as tropas do governo argentino. Os portenhos viram esses dois caudilhos, á frente de um exercito de gaúchos, penetrar na cidade de Buenos-Aires, e modificar o governo da Republica. Soberbo com as condições de paz que impoz a Buenos-Aires, regressou Ramirez para Entre-Rios, e, vendo Artigas completamente desmoralisado depois da victoria do exercito brazileiro em Taquarembó, voltou-se contra o seu protector. Seguiu-se a guerra entre esses caudilhos em Entre-Rios e Corrientes. Artigas batido, procurou asylo no Paraguay, onde Francia o prendeu. Pouco depois tentou Ramirez abrir relações com o dictador paraguayo, mas enviando dous officiaes seus á Assumpção, Francia os prendeu igualmente. Enfurecido, reuniu então um exercito em Corrientes para invadir o Paraguay, e procurou promover uma revolução contra Francia (1820), mas sua attenção foi desviada pelos acontecimentos de Buenos-Aires e de Santa-Fé, e a projectada invasão não se effectuou. Pouco depois foi elle morto, como dissemos, na Cruz-Alta.

gum tempo. Cheio de admiração por Napoleão I, esforçou-se em organisar suas tropas, de modo que em nada fossem inferiores a um regimento da guarda franceza. Não sendo soldado nem dotado de inclinações bellicas, era comtudo muito atilado em questões militares e até aceitava o que chegava a ser degeneração. Seus soldados eram copias dos *grognards* napoleonicos, sempre em serviço e nunca desoccupados, encarregados de todos os deveres de policia e vigilancia, distribuidos em pequenos postos (guardias) nas fronteiras, onde se rendiam para se irem exercitar na capital, e habituados á mais severa disciplina e ao pensamento de superioridade sobre a população civil. Os successores de Francia só tinham de continuar a construir sobre os fundamentos lançados por elle e tão solidamente lançados que, ainda muito depois de sua morte, o Paraguay era o unico paiz da America do Sul que contava verdadeiros soldados (1). Quanto ás questões exteriores creou um verdadeiro isolamento e quanto á administração interna considerava o paiz como uma enorme fazenda. Não admittia ministros, mas só secretarios; não tolerava centralisação ou differentes administrações; esmerava-se pela agricultura, segundo o mesmo systema que transformava o paiz em pequenas fazendas dependentes do estado; de modo que o Dr. Francia prescrevia aos proprietarios de terras o lugar, o tempo e a quantidade dos fructos que deviam cultivar. Pelo contrario ás municipalidades outorgou por meio dos cabildos uma especie de autonomia administrativa. O commercio e o trafico com os paizes estrangeiros eram de sua exclusiva competencia; e sua politica para com o clero era bem aspera. Sendo deista, e, por seus estudos physico-chimicos, inimigo de todo o dogma, que não se baseasse na razão humana, não tolerava, na qualidade de chefe de um povo educado por jesuitas, autoridade alguma ecclesiastica, que ao lado da sua quizesse sobresahir no estado. Fechou todos os conventos, confiscou os bens da Igreja, estipendiou o clero, supprimiu os dias santos, prescreveu a duração e forma do serviço divino e considerou-se o verdadeiro Papa do Paraguay.

Assim se achava construido e edificio politico, na verdade de modo anormal, mas consequente e harmonico. Suas funcções eram tão regulares como as de um relogio, quando Francia morreu, em 20 de Setembro de 1840. Falleceu de uma apoplexia que o accommetteu em seu quarto. Tão grande era o medo que sabia inspirar, que só no fim de cinco dias alguem ousou penetrar no seu aposento. Cinco homens, dirigidos por um certo Juan Medina, aproveitando-se da confusão e indecisão que esse acontecimento causára, constituiram uma junta provisoria e procuraram empolgar as redeas do governo, conforme o processo sympathico ás republicas visinhas. Infelizmente, os officiaes da guarnição de Assumpção recusaram approvar procedimento tão illegal, e o capitão Mariano Roque Alonzo como, orador mais habil, tomou a iniciativa do protesto. Reconhecendo que nada se adiantava pela ingerencia directa dos officiaes, recorreu a um opulento lavrador, que gosava de geral estima, Carlos Antonio Lopez, e unido a elle exigio que de novo se convocasse o congresso nacional, encerrado desde que a dictadura vitalicia fôra conferida a Francia. Este congresso de 1,000 membros foi reduzido a 500, eleitos directamente pelo povo. Os deputados concordaram, em 12 de Maio de 1841, em recorrer aos decretos

---

(1) Neste ponto o autor não está bem informado. Quando no tempo de Carlos Lopez a independencia do Paraguay foi ameaçada pelo dictador argentino J. M. de Rosas, o Brazil vio-se na necessidade de enviar engenheiros e officiaes instructores ao Paraguay, além de armamento, artilharia e munições. O exercito paraguayo pouca instrucção tinha.

do congresso do anno 1813 e nomear dous consules por tres annos. Na eleição destes soffreram completa derrota Juan Medina e seus asseclas, sendo escolhidos Roque Alonzo e Carlos Lopez.

A installação dos dous novos consules offerece um espectaculo de grande interesse, sendo elles de facto dictadores, porque o congresso só exigio dos eleitos que fossem honestos, e conscienciosamente defendessem a independencia da republica e a integridade do territorio nacional. Uma vez prestado este juramento, ficavam completamente livres para procederem como lhes approuvesse. Não podiam proseguir no systema de Francia, porque no tempo deste, tudo, sem excepção, estivera concentrado nas mãos de um só. Não existiam actas nem expediente administrativo nem correspondencia official. Tiveram de crear-se os differentes ramos do serviço publico. Os dous consules procederam com muita prudencia, e em tudo Roque Alonzo se submetteu de bom grado á superioridade pratica de seu collega Carlos Lopez. O primeiro acto de novo governo foi mandar soltar todos os presos politicos, cujo numero excedia a 600, mas prohibio ao mesmo tempo qualquer censura ou accusação publica da administração anterior. Os presos que tinham tambem sido punidos com a confiscação dos bens, entraram de novo na posse desses bens. Instituio-se uma Thesouraria para a administração financeira, um Commissariado de guerra para os negocios militares, e ao mesmo tempo permittio-se o commercio estangeiro, se bem que amesquinhado por elevadas tarifas protectoras. De grande importancia foi a prohibição do trafico de escravos e a libertação do ventre escravo. Não se prescreveu uma emancipação radical, mas gradual no decurso de uma geração (1).

No fim de tres annos reunio-se outra vez o congresso, e os dous consules propuzeram a lei fundamental « Ley, que estabelece la Administracion politica de la Republica del Paraguay », na qual se determinava a escolha de um presidente como chefe do governo (porquanto os dous consules conservavam-se amigos). Essa lei não era uma constituição, mas uma collecção de normas juridicas e administrativas, nascidas da experiencia. O congresso approuvou a lei sem alterações, e, portanto, tambem a escolha de um presidente, que recahio unanimemente na pessoa de Carlos Antonio Lopez, revestido da suprema autoridade por dez annos, e do direito de designar, no caso de fallecimento, um successor para exercer interinamente o cargo, até que o congresso effectuasse a eleição de outro presidente. Fazia-se deste modo uma alteração na fórma, mas não na essencia do governo, que continuava a ser uma dictadura illimitada. Carlos Lopez possuia bastante perspicacia para comprehender as vantagens que para a estabilidade politica do Paraguay resultavam do systema iniciado por Francia. Emquanto as republicas sul-americanas se dilaceravam e exhauriam em luctas intestinas e guerras externas, gosava o Paraguay de absoluta tranquillidade e chegava a um alto grão de prosperidade. Conservou-se severa centralisação; não se tolerou opposição alguma, mas não se suppliciou nem se encarcerou aos dyscolos; lançou-se mão do banimento, pelo que se reunio em Buenos-Aires, e em Santa-Fé uma pequena colonia de Para-

---

(1) Decreto de 24 de Novembro de 1842 : — « El Supremo Gobierno de la Republica del Paraguay acuerda y decreta : — Art. 1° Desde el 1° de Enero del entrante año de 1843, serán libres los vientres de las esclavas, y sus hijos que nacieren en adelante serán llamados « Libertos de la Republica del Paraguay ». — Art. 2.° Quedan en la obligacion dos libertos de servir a sus neñores, como patronos de los libertos, hasta la edad de 25 años, los varones, y las mujeres hasta los 24 años. »

guayos descontentes, que mais tarde vieram à formar a chamada « Legião paraguaya. » Só n'um ponto deixou Carlos Lopez de imitar o seu antecessor, pois desde o principio procurou transformar as terras da nação em bens de familia, sem comtudo lesar os interesses do estado. Não estando a administração financeira sujeita a fiscalisação alguma, nem tendo prestado contas, o Dr. Francia, nem seus successores, não se póde averiguar de que modo estes dois conseguiram formar um tão amplo patrimonio em terras; mas é facto sabido que quando os alliados invadiram o paiz, as terras mais ferteis e rendosas, eram propriedade da famillia dominante. E' verdade que dos rendimentos dessa propriedade se pagavam as tropas, às obras publicas e muitos melhoramentos.

Com especial esmero, cuidou elle do exercito, desenvolvendo a obra de seu predecessor com um systema regular de reservas; elevou o exercito permanente a 6,000 e até a 8,000 homens; declarou o serviço militar uma escola, que todo o Paraguayo robusto devia cursar; licenciou os mais habeis com a condição de submetterem-se aos exercicios periodicos ou pegarem em armas em caso de guerra; instituio acampamentos para exercicios, onde ás vezes se reunião 12,000 homens; creou fortificações na propria Assumpção, em Humaitá, no Paso de la patria, multiplicou as embarcações no rio Paraguay e construio os navios de modo que pudessem tambem servir para a guerra (1). Até sugeitava a uma completa disciplina militar as tripolações dos navios de commercio e de passageiros. Esforçava-se por desenvolver entre os officiaes o espirito de classe e altivos sentimentos, mas não fazia promoções além do postos de coronel ; só em favor de seu filho, fez uma excepção, nomeando-o géneral de brigada.

Decorrido o periodo decennal de sua presidencia, convocou elle o congresso em 1854. Sua reeleição estava garantida não só pela servil obediencia, como pela verdadeira satisfação do povo com seu governo e, sem um só voto discrepante, foi reeleito por outros dez annos. Todavia não acceitou este longo prazo e, declarando que a republica já repousava sobre solidas bases, aconselhou que se restaurasse a duração primitiva do tempo de Francia, prescripta pelo congresso de 1844. Por isso só acceitava o cargo por 3 annos. Debalde instaram os membros do congresso, com as mais sinceras intenções, para que não recusasse a presidencia vitalicia, e contra a sua vontade, um deputado aconselhou que o proclamassem Imperador com a hereditariedade do titulo para sua familia. Carlos Lopez oppoz-se firmemente e só se aproveitou de novo triennio para corroborar na lei fundamental a disposição que concedia ao presidente o direito de nomear um sucessor interino, podendo este ser militar. Assim praticava em attenção a seu filho, que seguia a carreira das armas e pela lei anterior ficava inhabilitado para a dignidade presidencial. Passados os tres annos Carlos Lopez foi de novo reeleito e desta vez acceitou a presidencia por sete annos, mas falleceu em 19 de Setembro de 1862.

Logo depois de sua morte, apresentou Francisco Solano Lopez o testamento escripto por seu pai em 1856, em virtude do qual lhe cabia a presidencia interina até á reunião do congresso, e este lapso de tempo foi-lhe mais que sufficiente para assegurar sua eleição no congresso em 16 de Outubro de 1862. Ergueram-se algumas vozes, exigindo a alteração de varios paragraphos da lei fundamental em sentido liberal, antes de proceder-se á escolha do novo presidente. O proprio Solano Lopez e seus

---

(1) **Tudo isto se fez sob a direcção de officiaes brazileiros, quando Rosas ameaçou a independencia do Paraguay.**

partidarios portaram-se de modo tão hostil e ameaçador para com esta debil tentativa de opposição, aggravaram tanto estas ameaças, fazendo desapparecer posteriormente, sem deixarem vestigios, esses poucos opposicionistas, que toda a eleição poude realmente transformar-se em uma vã formalidade. De facto a familia Lopez achava-se na posse hereditaria, não só da autoridade, como da melhor parte do solo da republica.

Quem prompta e facilmente censura todos estes actos e esse systema politico, pratica uma grave injustiça, e revela total ignorancia das circumstancias. Em primeiro logar é facto incontestavel que, no decurso da guerra, os Paraguayos cabalmente mostraram estar satisfeitos com a sua condição politica, e tomaram ao sério a defeza da autoridade eleita, que de facto só era um poder hereditario tacitamente reconhecido. Além disso nenhuma das republicas sul-americanas se póde gabar de ter effectuado uma mudança de presidente com igual tranquilidade, harmonia de idéas e enthusiasmo por um homem, que era ao mesmo tempo um systema.

II. — Motivos da Guerra

Summario. — **Questão da livre navegação do rio Paraguay e questão de limites. Tratados com o Brazil de 25 de Dezembro de 1850 e 6 de Abril de 1856 (navegação fluvial). — A questão de limites adiada. — Convenção de 12 de Fevereiro de 1858 (navegação fluvial). — O Paraguay e suas questões com os outros vizinhos, a Republica Argentina e a Bolivia. — Projectos de Lopez : pretendia alargar os seus dominios e talvez fundar um grande imperio. — Pretextos para a guerra. — A defesa do equilibrio dos Estados do Prata.**

Segundo disse uma vez um engenhoso estadista allemão, « Não se deve encetar guerra alguma, quando é preciso, mas só quando se quer »; e assim, tratando-se da guerra, que Solano Lopez emprehendeu contra o Brazil, cumpre fazer differença entre as causas e os pretextos. Pretextos para a lucta não faltaram nem ao Dr. Francia nem a Solano Lopez. Desde a declaração da independencia do Paraguay estavam pendentes questões de limites entre os dous estados; suscitavam-se interminaveis luctas e conflictos com a Republica Argentina e com o Estado Oriental do Uruguay (1), e mais de uma vez se entibiaram as relações de amisade entre o Paraguay e a Bolivia. Nem o Brazil nem o Paraguay tinham grande interesse no territorio situado entre o Rio Apa e o Rio Branco, territorio deserto, quasi todo pantanoso e percorrido por poucas tribus de indios bravios e nomades. O Brazil, por demais extenso, nenhuma vantagem poderia esperar dessa insignificante nesga de terra, talvez no espaço de muitos seculos; o Paraguay, com população escassa e avessa a luctas com os indios, teria de renunciar a seu isolamento bem calculado e energi-

---

(1) Suppomos que em tempo algum houve desintelligencias entre a Republica Oriental e o Paraguay. Talvez o Sr. Schneider se refira á época anterior ao reconhecimento da independencia da Republica Oriental (1828), isto é, ás desintelligencias entre o dictador Francia e Artigas, o famoso chefe da confederação do Uruguay, de que faziam parte a Banda Oriental, Corrientes e Entre Rios (1814-1820).

camente mantido, para travar duplo conflicto com o Brazil e com os selvagens errantes entre o Rio Apa e o Rio Branco. Ambas as partes se contentaram com protestos : discutiram diplomaticamente e usaram largamente do recurso dos adiamentos e protelações. Ora o Brazil, ora o Paraguay, faziam medições e demarcações. Uma vez patrulhas brazileiras, outra vez patrulhas paraguayas percorriam o territorio disputado; não era raro que colonos de ambos os lados se fossem adiantando na occupação da terra em litigio, mas nunca se desvaneceu a convicção de que esta parcella de solo inhospito não era merecedora dos sacrificios de uma guerra. A questão de limites ficára adiada por seis annos em 1856, por accordo mutuo. Para eliminar esta dissidencia entre duas nações limitrophes, mandou o Brazil em 1864 Sauvan de Lima (1) como ministro plenipotenciario para Assumpção, tendo antes commissionado a Leverger, official de marinha residente na provincia de Matto-Grosso, para fazer as sondagens nas aguas da região disputada, serviço que esse official terminou antes do prazo prescripto (2). O presidente Lopez mostrou-se offen-

---

(1) O Sr. barão de Jaurú (Vianna de Lima), não teve por missão resolver a questão de limites. S. Ex. foi ao Paraguay na qualidade de Ministro Residente. Duas questões foram objecto de discussões diplomaticas entre o Imperio e o Paraguay : a da navegação fluvial para Matto-Grosso e a de limites. Desde 1852 o Brazil se esforçava por chegar a accordo com o Paraguay sobre a questão da navegação fluvial, que tanto interessava áquella nossa provincia. O governo paraguayo não queria separar essa questão da de limites, e como sobre este ponto não nos podiamos entender, estavamos privados do direito ao transito fluvial, implicita e virtualmente estipulado no art. 3º do tratado de 25 de Dezembro de 1850. Carlos Lopez enviou em 1856 ao Rio de Janeiro o ministro Berges. O Sr. visconde do Rio-Branco, então ministro dos negocios estrangeiros, foi o negociador brazileiro, e conseguio separar as duas questões, ficando adiada a de limites, e assignando-se o tratado de amisade, navegação e commercio de 6 de Abril. A questão de limites foi objecto de muitas conferencias, em que o direito do Brazil á linha divisoria que reclamava ficou brilhantemente demonstrado, como se póde verificar nos protocollos dessa longa e porfiada negociação (Annexos ao Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1857.) Pouco depois, porém, Carlos Lopez annulou de facto o tratado de 6 de Abril, submettendo a navegação commum a regulamentos, que eram a negação do que havia sido estipulado e que tornaram impossivel o commercio interno com a provincia de Matto-Grosso. A guerra parecia imminente : o Paraguay e o Brazil preparam-se para ella. O Sr. visconde do Rio-Branco foi á Assumpção em missão especial. O que o governo imperial lhe recommendou foi que procurasse acabar com os regulamentos fluviaes promulgados e resguardar a observancia do tratado de 6 de Abril. O plenipotenciario da Republica foi o general Solano Lopez. Com elle assignou o Visconde do Rio-Branco a convenção de 12 de Fevereiro de 1858, onde ficou estabelecida a verdadeira intelligencia e pratica daquelle tratado. Os regulamentos paraguayos foram todos revogados, obtendo o plenipotenciario brazileiro muito mais do que esperava o governo imperial : a abertura do rio Paraguay a todas as bandeiras, com as franquezas essenciaes. Da questão de limites não se tratou mais, porque o prazo fixado no accordo de 1856 expirou pouco antes de sobrevirem os acontecimentos que trouxeram a guerra. A questão relativa á liberdade de transito para Matto-Grosso, era para nós vital, e era tambem uma questão difficil, porque sempre sustentámos que em direito o ribeirinho inferior póde negar o transito ao ribeirinho superior, desde que este se não conforme ás clausulas que o primeiro julgue com razão necessarias á sua segurança. Esse principio foi sempre sustentado pelo Brazil em relação ao Amazonas, sem que, todavia, quizesse ser restrictivo na practica, como o têm provado suas convenções fluviaes e o decreto de 1867, que abrio aquelle grande rio ao commercio de todas as nações, dentro dos limites do Imperio.

(2) Si o autor se refere a sondagens no rio Paraguay desde a foz do Apa (linha divisoria que sustentavamos) até a da sanga denominada Rio-Branco (onde começava a linha pretendida pelo Paraguay) engana-se. O curso do Paraguay era conhecido, e a planta de suas margens havia sido levantada muitos annos antes. O proprio chefe de esquadra Leverger (barão de Melgaço) percorrera o rio desde Cuyabá até Assumpção, esplorando-o cuidadosamente, quando em 1845 se dirigio com uma esquadrilha brazileira a essa capital para comprimentar o presidente Carlos Lopez. E' provavel que o Sr. Schneider se refira ás explorações e reconhecimentos feitos em todo o territorio disputado desde a foz do Apa, no Paraguay, até a do Iguatemy, no Paraná.

dido com estas explorações e classificou-as de invasão por parte do Brazil. A propria declaração feita por Lopez de ficar o equilibrio dos estados platinos transtornado com a entrada das tropas imperiaes na Republica do Uruguay, só póde ser considerada como pretexto e não como causa desta tremenda lucta. Na guerra contra o tyranno Rosas, de Buenos-Aires, tinha o Paraguay feito o mesmo, que agora exprobrava ao Brazil, invadindo territorio argentino; e com quanto se abstivesse até então de qualquer ingerencia nas questões dos estados visinhos, tinha desenvolvido suas forças militares, que por uma singularidade notavel não eram apreciadas das nações visinhas na proporção em que logo depois se patentearam.

As antigas pretenções do Paraguay á completa herança das Missões dos jesuitas, que comprehendiam todo o nordeste da provincia de Corrientes, seriam motivo mais plausivel de guerra com a Republica Argentina. Por espaço de 50 annos manifestou-se grande rivalidade e antipathia entre o Paraguay e a Republica Argentina, ao passo que as relações com o Brazil sempre foram cordiaes e benevolas, ou ao menos não envolviam germens de sérios conflictos. E' a tendencia natural de qualquer nação e de qualquer estado, possuir as embocaduras maritimas de seus principaes rios, e se os dous primeiros presidentes do Paraguay julgaram assegurar a prosperidade de seu paiz por um completo isolamento, Francisco Solano Lopez, parece, recebêra em sua viagem á Europa impressões diversas. A simples inspecção do mappa geographico mostra que se o presidente almejava algum engrandecimento territorial, este só poderia realisar-se facil e cabalmente pelos lados do Rio da Prata. O mesmo motivo que impedia ao Imperador D. Pedro II de imitar o exemplo de seu pai e de cuidar na annexação da Banda Oriental ao Brazil (serem de raça hespanhola os habitantes da Republica Oriental do Uruguay) era favoravel á formação de um grupo de estados, como o Paraguay, o Estado Oriental e as duas provincias argentinas de Corrientes e Entre-Rios. Desligando-se estas duas provincias da Confederação Argentina, ficava quasi só Buenos-Aires, que, privada de recursos militares depois da quéda do dictador Rosas, não poderia, nem apoiada pelas provincias do interior, affrontar a lucta com as tropas aguerridas do Paraguay. Em breve surgiria um Imperio do Prata e o Brazil provavelmente nenhum embaraço suscitaria á formação desse grande estado.

Esta combinação, baseada em razões politicas, foi logo desmentida pelo primeiro ataque do Paraguay contra a provincia de Matto-Grosso, isto é, para o norte e para o interior da America Meridional. O barão von Versen, levado por suas proprias observações e por conversas com homens politicos dos paizes do Prata, declara que Solano Lopez nunca pretendêra dilatar seus dominios para o sul e para o lado do mar (1). Senhor do littoral, nenhuma barreira poderia oppôr ao contacto das idéas liberaes e

---

(1) Estamos persuadidos, e isso se deprehende de documentos do archivo de Lopez, que o dictador não se armava para fazer a guerra ao Brazil. O projecto que alimentava era estender seus dominios para o Sul, conquistando Corrientes; talvez nem isso, mas sómente ganhar fama militar e influencia nas questões do Rio da Prata.

A nossa intervenção de 1864 no Estado Oriental, habilmente explorada pelos *blancos*, fez com que Lopez suspeitasse que pretendiamos fazer uma guerra de conquista. A repulsa da sua mediação irritou-o, e a cordialidade que então existia entre o governo imperial e o argentino augmentou aquellas infundadas suspeitas. Consta-nos que o ministro oriental em Assumpção, Sr. Vasquez Sagastume, conseguio convencer a Lopez de que havia um tratado secreto de alliança entre o Brazil e a Republica Argentina para a partilha do Paraguay e do Estado Oriental. Foi sob essas impressões que o vaidoso dictador se lançou á guerra contra o Brazil.

das instituições livres. O isolamento, até então rigorosamente mantido, tornar-se-hia impossivel, e com elle naturalmente baquearia sua autocracia. O ensaio feito por seu pai, a instigações suas, com a colonia de Nueva Bordeos (Villa Occidental), onde se estabeleceram immigrantes do meio dia da França tinha-lhe demonstrado exuberantemente que, concedendo-se quaesquer direitos aos estrangeiros, o Paraguay não poderia continuar a ser o que fôra até então. Tambem a republica da Bolivia não poderia resistir a um ataque do Paraguay, e, (cousa singular!) as relações entre essa republica e o Paraguay, antes da declaração de guerra contra o Brazil estavam longe de ser amigaveis, circumstancia que poderia tambem servir de pretexto para uma guerra. A republica da Bolivia queria abrir um porto ao norte do forte Olympo (Borbon), no rio Paraguay, e unil-o á capital por um caminho de ferro. Contra esta pretenção bradou violentamente o « Semanario », unico jornal existente no Paraguay, e que estava debaixo da censura do proprio Solano Lopez (1).

Este segundo imperio chinez, formado da reunião de Entre Rios, Corrientes e Estado Oriental ao Paraguay, teria certamente elementos de vitalidade com o systema politico e o poder militar do presidente Solano Lopez, ao menos por algum tempo. Como, porém, faltam provas seguras de um tal plano, fica elle sendo uma combinação, á qual só o futuro dará explicação certa.

Espalhou-se então pela imprensa de todos os paizes a notica de que o despeito movêra Solano Lopez á guerra contra o Brazil, por lhe ter sido recusada a mão da segunda princeza imperial D. Leopoldina (ao depois duqueza de Saxe, fallecida em Vienna em 1871), que elle pedira quando ao voltar da Europa se demorou no Rio de Janeiro. Esta fabula foi provavelmente engendrada em Montevidéo ou em Buenos-Aires. Pessoas bem informadas negam o facto, nem se póde descobrir pontos de affinidade, que se transformassem em tão singular boato (2).

Em todo o caso, Solano Lopez errou o alvo. Que elle quizesse engrandecer seu paiz, dilatar seus dominios e para isso preparasse amplos meios de acção, na verdade grandiosos e admiraveis, tudo isso se explica pelo orgulho de autocrata, pelo estado prospero do paiz, pela servil dedicação do povo inteiro que governava, e pela superioridade de seu exercito, que, quanto ao numero, não tinha rival na America do Sul. Si tivesse querido empregar esses elementos contra a Republica Argentina, sua victoria teria sido facil e rapida (3). São provas de um tal asserto o aprisionamento dos navios de guerra argentinos no porto de Corrientes, a occupação de metade desta provincia, bem como as sympathias do general Urquiza e do partido blanco do Estado Oriental, e a frieza das provincias argentinas deante da aggressão dos paraguayos. N'esse caso o Brazil conservar-se-hia completamente neutro, e até é provavel que o governo imperial visse com prazer a creação de um tal complexo de estados e talvez de uma monarchia.

Motivos para uma guerra Solano Lopez não os tinha, e para se reconhecer que o pretexto escolhido — a manutenção do equilibrio do Prata — era futil e injustificavel, basta ler a correspondencia diplomatica publicada

---

(1) Quando Lopez começou a guerra as relações entre o Paraguay e a Bolivia eram muito cordiaes, e até se diz, não sabemos se com fundamento, que o presidente da Bolivia promettêra enviar contra Matto-Grosso um exercito.

(2) Quem inventou essa versão foi o ministro dos Estados Unidos, Washburn, em uma publicação muito conhecida, que foi appensa á obra de Mastermann traduzida em Buenos-Aires.

(3) Evidentemente com o exercito de que dispunha teria Lopez, em pouco tempo, podido entrar em Buenos-Aires.

pelo governo imperial. Por ser este pretexto tão fraco, ninguem acreditava na séria realisação das pretenções ostentadas. Tal foi a causa porque a guerra encontrou inteiramente desprevenidos o Brazil e a Republica Argentina.

III. — Forças Militares do Paraguay

Summario. — Exercito paraguayo. — Seu armamento e instrucção. — A infantaria. — A cavallaria. — A guarda de Lopez : a escolta do presidente, ou _acá-carayá;_ os dragões da guarda ou _acá-verá._ — A artilharia. — A esquadra. — Armamento. — Uniformes. — Disciplina. — Castigos. — Corpo de saúde. — Alimentação. — Acampamentos.

O exercito do dictador Solano Lopez, organisado conforme os mais sãos principios, preparado e disciplinado com o mais rigoroso cuidado, offerece, no decurso de toda a guerra, o espectaculo, nunca antes presenciado na America Meridional, de uma força militar, que durante annos inteiros sustentou a lucta com inimigos muito superiores em numero.

O facto de um paiz de 1,000,000 de habitantes apresentar no começo da guerra um exercito de 12,000 homens, que logo poude ser augmentado a 60,000 soldados, perfeitamente disciplinados e militarmente instruidos (1), é de certo um phenomeno, que merece mais detido exame. O Dr. Francia não tinha a intenção de formar um exercito para conquistas ou guerras exteriores; seu desejo era possuir um instrumento, tirado da propria povoação e cegamente subordinado, que lhe servisse para esmagar a influencia das familias dos antigos colonos hespanhoes. Seus officiaes deviam ser a unica aristocracia do paiz; seus soldados uma obediente força policial. Não havia lei de recrutamento, não havia serviço militar obrigatorio, nem regulamentos para as promoções e pensões. Quem o dictador julgava poder ser bom soldado ou os individuos designados como taes pelos cabildos das cidades, eram alistados no exercito e serviam pelo tempo que o dictador queria. Tudo dependia da vontade de Francia. Deu-se

---

(1) _Thompson_ na sua _Guerra do Paraguay_, Cap. III, assegura que, ao começar a guerra, Lopez dispunha de um exercito de perto de 80.000 homens, a terça parte dos quaes formava a cavallaria e as outras duas a infantaria e a artilharia.

Masterman (Siete años de aventuras en el Paraguay, por J. F. Masterman, ex-ajudante cirurjano, profesor de materia medica, farmaceutico militar en gefe del hospital general de la Asuncion, traducido al español por D. Lewis, aumentada con notas rectificativas. Buenos-Aires, 1870), _Masterman,_ pg. 88, diz que em principios de 1865 Lopez tinha ás suas ordens « 100.000 homens, robustos, aguerridos, e que bem commandados não seriam inferiores ás melhores tropas do mundo ». O Sr. Gould, encarregado de negocios de S. M. B., tendo visitado o Paraguay, informou ao seo governo que Lopez tivera em 1865 « um formoso exercito de quasi 100.000 homens. » O general Resquin, em seo depoimento de 20 de Março de 1870, declarou que esse exercito era de 80.000 homens, accrescentando que durante a guerra Lopez armou 150.000 homens ou mais. O coronel Francisco Martinez (o que capitulou na Peninsula fronteira a Humaitá) declarou que lhe parecia que o exercito era de 50 a 70.000 homens (Vej. o seo depoimento na obra de Masterman traduzida e annotada por Lewis pg. 340), e o tenente-coronel de artilharia Lucas Carrillo (primo de Lopez, que capitulou, assim como Thompson, em Augustura) assegurou que em 1864 Lopez já tinha em armas 56.000 homens. (Vej. a mesma obra, pg. 342). O general Caballero, em apontamentos que nos forneceo, dá o mesmo algarismo que Thompson. O coronel Wisner diz que no principio da guerra Lopez não tinha senão 55.000 homens em armas.

uma modificação no tempo de seu successor Carlos Antonio Lopez, que não sabendo o que fazer dos soldados veteranos e traquejados no serviço de policia, com elles organisou uma reserva. Vendo em torno do Paraguay o espectaculo de guardas nacionaes revolucionarios e milicias adherindo a movimentos politicos, elle e seu filho comprehenderam, como havia comprehendido seu antecessor, que em militança nada se consegue com meias medidas. Adoptou por isso o systema de levas annuaes de recrutas, severa disciplina em corpos permanentes, classes de reserva, conscripção annual para exercicios com o exercito permanente, e obrigação de voltar ás fileiras por occasião de qualquer geurra, isto é o systema prussiano com as modificações exigidas pelo clima, habitos nacionaes e condições financeiras e administrativas. O mecanismo funccionou com admiravel regularidade, e alguns officiaes allemães, attrahidos da Europa ao Paraguay pelas procellas politicas dos annos de 1848 e 1849, contribuiram, para aperfeiçoal-o (1). Francisco Solano Lopez já encontrou o systema realisado na pratica, quando tomou conta do governo, e nada teve que alterar; mas ampliou as obrigações e os exercicios com o proposito, só ao depois por outros percebido, de preparar as tropas para uma guerra offensiva.

O resto do mundo ignorava os progressos militares do pequeno Paraguay e seus mais proximos visinhos não só não acreditavam n'isso como pouca attenção davam ao que referia algum viajante do que se passava n'esse canto desconhecido da terra. Nos portos das provincias argentinas viam-se uma ou outra vez vapores paraguayos, cujas tripolações, fardadas, e bem exercitadas, guardavam tal silencio, que d'ellas nada se podia colher, porque Solano Lopez severamente prohibira communicar a qualquer estrangeiro noticias a respeito da organisação do exercito, seu numero, soldo, exercicios, etc.

O autor d'este livro verificou de um modo bem sensivel o modo por que era estrictamente cumprida esta ordem. Sollicitando ao addido da legação paraguaya em Berlim, tenente Benitez, as mais comesinhas informações a respeito da organisação militar do seu paiz, nenhuma resposta teve. Não sendo possivel admittir ignorancia d'estas cousas em tal gráo, só póde ser cabal explicação d'esse silencio a obediencia a terminantes instrucções do governo paraguayo.

Os dados mais completos a respeito do exercito do dictador nos são fornecidos por George Thompson no seu « War ín Paraguay », que nos parecem authenticos pela comparação feita com as informações do barão von Versen. Durante a guerra houve muitas alterações, mas, em geral, nossa descripção não se affastará da verdade (2).

Quando Solano Lopez, protestando contra a entrada das tropas brazileiras no Estado-Oriental, manifestou a intenção de intervir militarmente nas complicações politicas de seus visinhos, tinha já elevado o seu exercito de 12,000 homens, reunido no grande acampamento de Cerro Leon, a 20,000 homens, pela mobilisação das reservas (3). Não havia, entretanto,

---

(1) Só temos noticia de um official allemão ao serviço do Paraguay, o austriaco Wisner de Morgenstein, coronel de engenheiros. Esse official servira antes no Brazil, e, envolvendo-se na revolução de Minas (1842), foi aprisionado na batalha de Santa Lucia, ganha sobre os revoltosos pelo duque de Caxias. Segunda vez foi elle prisioneiro do mesmo general, na tomada de Lomas Valentinas, no Paraguay, em Dezembro de 1868.

(2) A descripção que faz o Sr. Schneider, provavelmente pelas informações do barão von Versen, é muito mais completa que a do Cap. V da obra de Thompson.

(3) Thompson no Cap. I da sua obra diz : « ..... O Paraguay começou a preparar-se activamente para a guerra em principios de 1864, e em Março do mesmo anno Lopez estabeleceu em Cerro Leon um acampamento militar em que adestrava para a guerra um

procedido ainda á organisação de novas forças, o que só fez quando o Brazil desprezou a sua proposta de mediação. Triplicou então logo de uma vez o seu exercito de 20,000 homens com a formação de mais 40 batalhões de infantaria, de 800 homens cada um e divididos em 6 companhias. Quando o numero dos soldados fôra elevado a 20,000, as companhias compunham-se de 120 homens e em alguns batalhões as praças excedentes haviam sido distribuidas por outras companhias. No principio da guerra uma companhia variava de 150 a 180 homens. Estas 6 companhias de cada batalhão estavam organisadas segundo o systema francez ou o systema antigo da Russia, isto é, uma companhia de granadeiros, composta dos homens mais altos e robustos, 4 companhias do centro, e uma sexta de caçadores, escolhidos entre os mais baixos e ageis. Entre os 40 batalhões achava-se um de caçadores da Guarda, armados com as espingardas raiadas de *Minié (Minié-rifles)*, compradas na Inglaterra. Outros batalhões em numero de 3, tinham os chamados *Wittons-rifles*, igualmente de origem ingleza; 4 batalhões usavam espingardas prussianas lisas de percussão com as marcas das fabricas de Postdam e Dantzig ; o 6º batalhão trazia na arma, em vez de baioneta, o refle de abordagem, tomado aos navios argentinos em Corrientes; os outros batalhões usavam das velhas espingardas lisas de fusil, compradas nos antigos depositos europeus, como a *brown bess* dos Inglezes, a *clarinette de quatre pieds* dos francezes, a *Kuhfuss* dos prussianos. Armas portateis a infantaria não tinha, e muitos batalhões só traziam á cintura a baioneta sem bainha. O batalhão armado de réfles de abordagem era destinado a guarnecer os navios, quando voltou da expedição de Matto-Grosso, mas tendo sido derrotada a esquadra paraguaya em Riachuelo, foi incorporado ao exercito sem outro distinctivo. Muito se distinguiu um batalhão de atiradores, formado por Lopez I, que serviu de guarnição por muitos annos á antiga guardia de Humaitá, elevada á cathegoria de fortaleza, e devia sustentar-se da caça apanhada nas cercanias, que elle explorava, dividido em pequenos grupos. As praças tiveram logo nomeada como excellentes atiradores e infundiram não pequeno respeito aos alliados.

A cavallaria constituia, no principio da guerra, um terço de todo o exercito, mas depois da queda de Humaitá ficou reduzida a 1.500 cavallos. O proprio presidente Solano Lopez escolhia a gente para a cavallaria e artilharia, mostrando sempre grande predilecção por aquellas armas. Compunha-se a cavallaria igualmente de 40 regimentos, cada regimento de 4 esquadrões, e cada esquadrão, antes de declarada a guerra, de 100 homens e ao depois de 120 a 150. Cada regimento era commandado por um coronel, tenente-coronel ou major, porém quasi sempre por um simples tenente, porque Solano Lopez era muito parco em conferir patentes elevadas ao exercito. Toda a cavallaria estava armada do seguinte modo : um esquadrão de cada regimento com uma espada e uma carabina de fusil, e os tres outros com lanças de sete pés de comprido, ao passo que as da cavallaria dos alliados tinham dez pés. Raras vezes tinha o soldado pistola nos coldres; todos, porém, usavam do laço e bolas, arma terrivel do cavalleiro sul-americano, com a qual prende o adversario, atordoa-o pela pancada das bolas e o derruba.

---

exercito de 30.000 homens de 15 a 50 annos de idade. Ao mesmo tempo se disciplinavam em Encarnação (Itapúa) 17.000 recrutas, 10.000 em Humaitá, 4.000 em Assumpção e 3.000 em Conceição. O total dos homens disciplinados nos seis mezes que decorreram de Março a Agosto de 1864 eleva-se a 64.000, sem contar uns 6.000 que morreram nesse periodo. Antes de dar principio a estes preparativos, o exercito constava de 28.000 veteranos. »

As espadas eram dos mais variados padrões sahidos dos arsenaes europeos. Um dos 40 regimentos formava a guarda ou escolta do presidente, composta de cavalleiros escolhidos, armados de carabinas de carregar pela culatra (1), e chamados no exercito de *Aca-carayá (cabeças de mono)*, porque sobre o capacete de couro, á imitação do helmo bavaro, levavam como ornato uma cabeça de macaco e pendente uma cauda preta de cavallo, que chegava até a cintura. Usavam de uma farda de côr escarlate, calças brancas largas, e botas quando em serviço. Além d'esta escolta, pertencia á guarda do presidente um regimento de 600 dragões, appellidados « cabeças relusentes » (*Acá-verá*), porque na pala da barretina havia uma viróla branca de metal (2).

Estes dous regimentos apresentavam um aspecto marcial e d'elle se ufanavam os que os compunham, porque só faziam serviço junto á pessoa do presidente. Como este, porém, nunca tomou parte em combate algum, não ha provas de que sua bravura correspondesse a esse exterior marcial. Só os mandou contra o inimigo nas ultimas phases da lucta desde Tebicuary até Lomas Valentinas. Os dragões não tinham carabinas de *Turner*, mas as ordinarias. A principio a cavallaria estava bem montada, servindo-se uns de cavallos, outros de bestas. Como porém o numero dos cavallos em todo o Paraguay não excedesse de 100,000, pouco a pouco foram consumidos os animaes pelas vicissitudes da guerra e por fim esquadrões inteiros combatiam a pé, com lanças, e defendiam trincheiras. As cavalgaduras só se alimentavam da herva dos pastos, e, faltando estes, pereceram á mingua. Gravemente perniciosa foi uma enfermidade da espinha, que inutilisou muitas d'ellas para o serviço militar.

A sella paraguaya é um complicado apparelho, que se chama *el recado*. Sobre encorpado baixeiro de lã ou xergão, o qual se colloca dobrado sobre o lombo do animal, applica-se a carona ou armação de couro inteiro, da qual pendem os estribos, que são propriamente botões presos aos lóros, que o cavalleiro descalço encaixa entre os dous dedos maiores do pé. O lombilho é atado com uma longa cilha ou barrigueira munida de grandes argólas de ferro sobre a qual se põe um pellego para commodidade do cavalleiro. No Paraguay não se usa de freio : amarra-se o queixo do animal com uma correia e a esta prendem-se as redeas. Os officiaes em vez do botão no estribo, usavam de grandes chilenas afiveladas ás botas ou aos pés nús. Tudo quanto pertence a arreios e equipamento é feito pelo proprio cavalleiro.

A artilharia, servida por um pessoal escolhido pelo presidente, compunha-se de 3 regimentos a cavallo, cada regimento de 6 baterias, cada bateria de 6 peças de campanha, além de 1 batalhão de artilharia de posição, dividido em companhias. Os artilheiros montados estavam preparados para o combate de cavallaria e o batalhão de artilharia a pé para o serviço de infantaria. No principio da guerra as 72 peças de campanha da artilharia montada tinham os animaes necessarios; nos combates eram puxadas pelos soldados voluntariamente e por enthusiasmo, mas depois foram estes obrigados por ordem superior a fazer esse serviço. Quando escassearam os cavallos, serviram-se de bois para a tracção. No decurso da guerra, principalmente para a defesa de trincheiras, misturou-se a

---

(1) Systema *Turner*, segundo Thompson. Este corpo, segundo o mesmo escriptor, compunha-se de 250 homens.

(2) Thompson diz : « Os dragões da escolta usavam altas barretinas quadradas, como o resto da cavallaria, porém tinham uma larga facha de bronze em torno da extremidade superior. »

artilharia de campanha com a de posição e interrompeu-se assim a ordem das baterias. Ao todo, Solano Lopez possuiria no principio da guerra mais de 400 peças, de calibre muito differente, de 3 a 150. Reuniu-se tudo quanto havia nos fortes do littoral e da fronteira, aproveitando-se até peças velhas, do tempo do dominio hespanhol, muitas de ferro e só uteis para lastro de navio. Não obstante, o exercito tambem tinha peças de construcção muito moderna, como por exemplo uma bateria inteira de canhões de aço, de calibre 12. Muitas das peças de campanha receberam as carretas no arsenal de Assumpção, pouco antes da partida das tropas.

Estas peças variavam na forma, metal e calibre, desde 3 até 32; a artilharia pesada contava 24 peças de 8 pollegadas, 2 de calibre 56 e mais de 100 de calibre entre 32 e 24. As peças para as chatas (baterias fluctuantes) eram de 8 pollegadas; 6 d'ellas estiveram constantemente em uso. Não havia falta de polvora nem de projectis, porque desde o principio de sua administração tinha o presidente accumulado enormes provisões. Verificou-se por um registro encontrado em Assumpção que só um paiol tinha contido 500 toneladas de polvora. Apezar da prolongada resistencia, nunca houve em Humaitá falta de porjectis e esta abundancia justificava a accusação dos alliados, que Lopez desde muito se preparára para a guerra. Em Assumpção mandaram-se fundir peças por inglezes empregados no arsenal que foram utilisadas e prestavam bons serviços, como o canhão denominado « El Christiano », feito com o bronze dos sinos das igrejas, de calibre 150, e 12 toneladas de peso, levado como tropheo para o Rio de Janeiro pelos brazileiros. No serviço das peças mostravam os Paraguayos grande habilidade, posto que não se servissem da alça de mira para graduar as distancias. Na artilharia pesada eram superiores a seus inimigos. Só lhes faltava rapida locomoção para a artilharia de companha.

A esquadra compunha-se ao principio de 14, e depois de 21 vapores dos quaes a metade era appropriada para a navegação maritima (1). Dous d'elles eram verdadeiros vasos de guerra, a *Anhambahy* e o *Tacuary;* comquanto fossem canhoneiras, estavam bem armados com peças lisas. O *Jejuy* tinha uma peça raiada de calibre 12 de carregar pela culatra. Nos outros navios o calibre das peças variava entre 4 a 32. Os marinheiros estavam armados com espingardas de Witton e bayonetas. Até o rompimento das hostilidades estes navios serviam para o transporte de passageiros e generos nos rios Paraná e Paraguay até o Prata. As tripolações estavam sujeitas á lei militar e severa disciplina.

O fardamento para todas as armas consistia n'uma camisa curta de lã, calças largas de igual fazenda, por cima uma « camiseta » ou blusa de côr escarlate com distinctivo preto ou vermelho. Os objectos de couro eram brancos. Ao principio só os officiaes tinham calçado; depois estes mesmos, até o posto de major, andavam geralmente descalços.

A unica peça de fardamento verdadeiramente militar era a barretina de forma franceza e russa. A infantaria usava a principio barretina de panno e depois de couro envernizado, e os officiaes as usavam com o distinctivo da patente conforme o modelo francez. A cavallaria trazia capa-

---

(1) Segundo um artigo do *Semanario*, era esta a esquadra paraguaya no começo da guerra : — vapores *Tacuary, Paraguary, Igurey, Marquez de Olinda* (paquete brazileiro aprezado), *Salto* (idem argentino idem), *Salto de Guayrá, Pirabibé, Iberá, 25 de Mayo, Gualeguay* (estes dois eram os navios argentinos aprezados em Corrientes), *Iporá, Paraná, Vesuvio, Jejuy, Olympo, Rio Blanco e Anhambahy* (canhoneira brazileira aprezada em Matto-Grosso). Baterias fluctuantes, 6. Navios de vela : patacho *General Lopez* e *Paraguary.*

celes altos de couro preto ornados com uma flôr de lyrio; a artilharia, em vez do lyrio, o emblema tricolor nacional (vermelho, branco e azul). No exercito não havia mochilas. Todas as miudezas o soldado depositava na barretina e mais ainda no capacete : dinheiro, pente, charutos, phosphoros, agulha, linha, botões e fumo para mascar. A patrona era uma caixa informe, que só servia para levar cartuxame. Os officiaes superiores usavam de uniformes á moda franceza e mesmo em Pariz teriam passado por officiaes d'essa nação. Durante a campanha foram desapparecendo pouco a pouco os uniformes, e só a camiseta preta distinguia ainda o official. Por fim os officiaes subalternos só tinham o bonet e a espada; muitos andavam tão nús como os proprios soldados.

A disciplina conservou-se exemplar até ao fim. As condições patriarchaes, que tres dictadores tinham sabido manter no Paraguay, manifestaram-se nas relações dos officiaes para com os soldados. Solano Lopez não admittia estrangeiro algum no seu exercito; só fez uma excepção, no serviço technico e administrativo, com o engenheiro Thompson, com o antigo official austriaco Wiesner e com um polaco. Ninguem podia ser official sem ter mostrado aptidão como soldado raso e official subalterno; os filhos das mais consideradas e ricas familias tinham de fazer descalços os mais pesados serviços para poderem aspirar a uma promoção. O soldado chamava ao seu superior de pai (taitá) e este áquelle de filho. O proprio Solano Lopez, o « Supremo » era denominado o grande pai *(taitá guassú)* ou *mita moroti* (filho de um sabio) (1) ou tambem *carai guassú* (o grão senhor). Cada soldado fazia diante de seu superior uma continencia tirando a barretina, e quando era castigado, suas unicas palavras eram estas : « Se meu pai não me açoutasse quem me faria este favor? »

O ultimo soldado era um superior em relação ao paisano, e o mais elevado funccionario devia ser o primeiro a saudar com o chapéo o mais moderno alferes. Os castigos em tempo de paz eram applicados segundo o antigo regulamento hespanhol, tornando-se em tempo de guerra arbitrarios. Qualquer cabo, que sempre andava munido de chibata, podia a seu bello prazer applicar 3 chibatadas (palos), um sargento 12, um official superior quantas quizesse. Negligencia no serviço, principalmente nos postos avançados, covardia, queixa, descontentamento, elogio do inimigo, tudo isso devia logo ser participado ao presidente, que julgava segundo a impressão do momento. Sobre tudo o elogio do inimigo era punido com a morte. O castigo do tronco ou cepo era muito commum (2).

Corpo de saude. — Todo o exercito tinha só um cirurgião-mór (Dr. Stuart) com o posto de tenente-coronel; 3 medicos de primeira classe com o posto de capitão, um pharmaceutico com o de primeiro tenente, todos cinco inglezes; mas eram os Paraguayos que geralmente praticavam como cirurgiões e barbeiros. Havia além disso 140 chamados — estudantes, — dirigidos pelos medicos. Em taes circumstancias o serviço dos lazaretos e hospitaes era muito imperfeito. Só na vizinhança do « El Supremo » se manifestava boa vontade e tendencia para melhoramento. Nas evacuações de pontos militares e nas retiradas davam-se scenas horrorosas com os doentes que eram transportados. Fazia-se o que era possivel e bem que Solano Lopez tivesse gente bastante para elevar o seu exercito de 12,000 a 60,000 homens, não podia de certo com a mesma facilidade tornar seis

---

(1) Segundo Thompson, *mita moroti* significa — o menino branco.

(2) « Os cepos em campanha », diz Thompson « consistiam em atar o individuo pelas mãos com um laço, prendendo-o em uma estaca, e fazendo esta mesma operação com os pés, de maneira que o paciente se achasse em igual distancia das duas estacas. »

vezes maior o pessoal do serviço medico. Quando o cholera-morbus começu a grassar, cessou tambem todo o tratamento de doentes, excepto na Majoria (quartel-general).

Alimentação. — Em campanha tocava um boi a 80 homens, ou segundo outros a 50. No tempo de carencia chegou-se a dar uma rez para 150 e até para 200 homens. Pão ou biscouto nunca foi distribuido, mas em compensação dava-se a cada soldado uma libra de mate (especie de chá amargo, mas tonico), para todo o mez, algum fumo e sal, e uma ou outra vez milho assado. Em pouco tempo o sal tornou-se escasso e por isso appareceram muitas doenças. Nunca se distribuiram batatas nem verduras. Fructas cada um ia colher ou as comprava ás vivandeiras, porquanto só a mulheres era licito negociar em viveres.

Algumas vezes, antes dos combates, dava-se ração de aguardente (caña), mas regularmente só nos hospitaes. Cosinhavam por secções, confrome o tamanho dos marmitões de ferro de tres pés, que eram dados ás companhias. Quando estes se estravagam ou se perdiam os proprios soldados faziam panellas de barro para grupos menores. O soldado recebia uma ração, o official duas, o official do estado maior quatro e o general oito.

Todo o serviço interno, organisado exemplarmente, era executado com a maior pontualidade. Quando depois do combate do Yatai e da capitulação de Estigarribia em Uruguayana os alliados apanharam livros, tabellas, listas e a escripturação em geral, reconheceram que este ramo do serviço não poderia ser mais bem feito na velha Europa, do que no joven Paraguay, ainda não affeito a guerras. Nota-se principalmente que nunca deixavam o soldado ocioso e consideravam o serviço de guarda como a base da educação militar e até da educação guerreira. Verdadeiramente sempre tinha o soldado de estar de sentinella ou de inspeccionar alguma cousa. Mesmo no acampamento só metade repousava durante a noite, emquanto a outra estava de promptidão. Cada dia os differentes corpos sem excepção mandavam os ajudantes á Majoria para receberem directamente as ordens do commando em chefe. As extensas linhas de trincheiras estavam sempre guarnecidas de postos, distribuidos de modo que podiam communicar-se uns com os outros oralmente, mas não lhes era permittido conversar, porque Solano Lopez prescrevia que nenhuma praça de pret, e até official, soubesse mais do que aquillo que era concernente a seu corpo. Por isso os desertores poucas informarções puderam ministrar aos alliados, pois só conheciam o que lhes era officialmente communicado. Por este motivo cada corpo tinha seu hospital. Os Paraguayos eram extraordinariamente habeis em armar barracas ou ranchos de estacas, palha, folhas e pelles. Os acampamentos formavam-se como por encanto. Cuidava-se muito do aceio, e nem siquer se affrouxou neste ponto quando os soldados andavam todos nús, tendo só um cinto de couro, por elles mesmos feito, do qual pendia, atraz e adiante um pedaço traingular de couro ou de panno. N'um clima ardente, que produz myriades de insectos, para a conservação da limpeza era imprescendivel o rigor exigido.

IV. — Acontecimentos em Assump

Summario. — Preparativos de Lopez para a guerra. — Sua irritação ante as aggressões que lhe dirigia a imprensa de Buenos-Aires. — Acontecimentos que precederam esses armamentos. — Relações cordiaes entre os governos do Paraguay e do Brazil desde

1816. — Estreitam-se mais essas relações quando Rosas ameaça a independencia do Paraguay. — Auxilios prestados pelo Brazil ao Paraguay. — Alliança de 25 de Dezembro de 1850. — O Paraguay não concorre com tropas quando o Brazil abre a campanha contra Rosas. — Sujeita o livre transito para Matto-Grosso á celebração do ajuste sobre limites. — Primeiras desintelligencias. — Carlos Lopez não quer separar a questão do livre transito fluvial da de limites, e sobre esta apresenta maiores pretenções que antes. — O Brazil envia uma expedição naval ao Paraguay ás ordens de Pedro Ferreira, munido de plenas poderes para resolver as questões pendentes. — As convenções celebradas por esse plenipotenciario não são ratificadas. — Missão do conselheiro J. M. do Amaral. — Carlos Lopez insiste em não separar as duas questões. — O Brazil se prepara para a guerra. — Chega ao Rio de Janeiro o ministro paraguayo Berges. — Conferencias com o ministro dos negocios estrangeiros Paranhos (visconde do Rio Branco). — São separadas as duas questões. — Tratado de 6 de Abril de 1856. — Regulamentos paraguayos sobre a navegação fluvial annullam de facto o tratado. — Prepara-se de novo o Brazil para a guerra. — Missão do visconde do Rio-Branco ao Paraguay. — São revogados os regulamentos e aberta a todas as bandeiras a navegação até Matto-Grosso, pela convenção de 12 de Fevereiro de 1858. — Solano Lopez succede a Carlos Lopez em 1862. — Começam os preparativos militares do Paraguay. — Vianna da Lima (barão de Jaurú), ministro residente do Brazil no Paraguay (1864). — A situação era difficil. — A mediação offerecida pelo Paraguay na questão entre o Brazil e o Estado Oriental já havia sido repellida. — Exacerbação de Solano Lopez. — Nota paraguaya de 30 de Agosto de 1864. — Resposta do representante do Brazil. — Enthusiasmo no Paraguay pela guerra. — Nota paraguaya de 3 de Setembro. — O governo imperial approva a posição assumida por seu representante no Paraguay. — Chega á Assumpção a noticia da entrada de uma brigada do exercito brazileiro no departamento do Serro Largo (Estado Oriental). — Solano Lopez rompe as hostilidades : captura o paquete brazileiro *Marquez de Olinda* (12 de Novembro), aprisiona o presidente da provincia de Matto-Grosso e outros passageiros desse paquete, e communica em seguida ao ministro do Brazil que estavam rôtas as relações diplomaticas entre os dous paizes. — Protesto do ministro do Brazil. — Recebe passaportes, mas difficulta-se-lhe a partida. — A legação brazileira só consegue partir depois da intervenção do ministro dos Estados Unidos. — Indigno tratamento que recebem o presidente de Matto-Grosso e os demais passageiros do *Marquez de Olinda*. — Agitação que produzio em todo o Brazil a inesperada noticia d'esta affronta.

Segundo o testemunho uniforme de muitas pessoas, principiaram os preparativos para a guerra logo que o presidente Francisco Solano Lopez tomou conta do governo. Não só no acampamento de Cerro-Leon havia constante mudança de tropas e reservas, como tambem na Encarnacion (Itapúa), em Humaitá, em Asuncion (Assumpção) e na Concepcion reunia-se e exercitava-se a gente da reserva, instruiam-se os recrutas, augmentava-se em todos os sentidos o material de guerra e armazenavam-se provisões. O presidente mandou buscar á Inglaterra 32 operarios, que por seu excellente trabalho no arsenal de Assumpção corresponderam exactamente aos planos do governo. Ao mesmo reino mandou elle mancebos estudarem assumptos militares, e para ahi tambem, e para a Allemanha e França, enviou agentes de confiança para a compra de canhões, espingardas e armas de toda a especie. A imprensa de Buenos-Aires foi a primeira que chamou a attenção para estes inesperados apercebimentos bellicos, sem razão de ser nas circumstancias politicas de então, e tratou o joven e activo presidente com injurioso desdem. Esta celeuma cessou um tanto no momento em que o *Semanario*, jornal unico e official publicado no Paraguay, paraceu provocar a republica da Bolivia; resurgiu, porém, quando Solano Lopez, depois da invasão do general Flôres no Estado Oriental, dirigiu uma nota ao governo argentino, queixando-se do auxilio prestado de Buenos-Aires a este general, e pedindo explicações ácerca do armamento da ilha de Martin Garcia, que domina os rios Paraná e Uruguay. O presidente Mitre não se importou com estas queixas, nem deu resposta alguma. Solano Lopez, dez semanas depois, dirigiu-lhe segunda nota mais energica.

Ao mesmo tempo communicou-se ao ministro oriental em Assumpção que o Paraguay estava prompto a alliar-se com governo de Montevidéo, não só para suffocar a rebellião de Flôres, como para obstar á intervenção da Republica Argentina ou do Brazil nas questões da Republica Oriental. O offerecimento foi acceito com jubilo e tentou-se angariar não só o general Urquiza, governador da provincia argentina de Entre-Rios, como os inimigos do presidente Mitre em Corrientes. Não conhecemos documento algum que comprove a liga de Lopez com Urquiza e suas relações com os opposionistas correntinos, mas ha o testemunho e a declaração de muitos. Querendo Solano Lopez uma guerra para dilatar seus dominios, certamente esta colligação com a Republica Oriental, e com as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, lhe proporcionava excellente base politica e militar. Basta olhar para o mappa, para se verificar o que dizemos. A Republica Argentina ficaria limitada pelos rios Paraná e Paraguay ; á margem esquerda d'esses rios ficaria o novo grupo de estados sob o protectorado do Paraguay, e todos com uma nacionalidade perfeitamente uniforme, porquanto nos quatro estados mencionados domina a raça hespanhola. Até o momento em que o Brazil rejeitou a proposta de mediação do presidente Solano Lopez, este parace ter sido o plano, que originou todos os preparativos bellicos, plano que foi repentinamente alterado sob a pressão do despeito.

O Brazil teve até então em Assumpção, como, encarregado de negocios, Paiva Lopes Gama, que foi retirado em Agosto de 1864, e substituido por um ministro-residente, Vianna de Lima,pouco antes transferido da Suissa para Buenos-Aires. Empregado desde 1846 no serviço diplomatico, tinha este por espaço de cinco annos representado os interesses do Brazil em Vienna, dous em Berlim, dous em Buenos-Aires, tres em Londres, seis no reino da Sardenha e dous nas côrtes da Allemanha do Sul e na Suissa, quando foi mandado ao Paraguay, a fim de decidir amigavelmente a longa questão de limites, para a qual findava n'esse anno o adiamento das anteriores e infructiferas negociações (1). Ambos os estados tinham vivido até então nas melhores relações de visinhança (2) e ainda em 1863 o ministro

---

(1) O prazo do adiamento ajustado em 20 de Março de 1856 entre o Sr. visconde do Rio-Branco e o ministro Berges terminou em 1862. Nem o governo imperial (gabinete Olinda) nem o do Paraguay trataram de nomear plenipotenciarios em 1862 e 1863. No anno seguinte surgiram as complicações que trouxeram a guerra.

(2) Nem tanto : houve desintelligencias. Durante o dominio do general Rosas na Confederação Argentina, ameaçada a independencia do Paraguay por esse dictador, estreitaram-se as relações de amizade entre os governos do Rio de Janeiro e de Assumpção, e já dissemos, em uma das notas anteriores, que o unico governo com que o Paraguay admittia relações desde 1816 era o do Brazil. Durante o dominio de Rosas estreitáram-se essas relações, reconhecendo solemnemente o Imperio a independencia do Paraguay, promovendo o mesmo reconhecimento por varias potencias da Europa e da America, e enviando a Carlos Lopez armamento, artilharia, munições, engenheiros e officiaes instructores para o seu exercito. Foram officiaes brazileiros os que delinearam e começáram a construir as primeiras fortificações da tão celebre Humaitá. Tudo isso faziamos, porque Rosas preparava-se para a conquista do Estado Oriental e do Paraguay e trazernos depois a guerra. Dirigidos por essa politica, celebrámos com o Paraguay o tratado de alliança defensiva de 25 de Dezembro de 1850. O objecto principal d'esse tratado era a defesa do Paraguay, dado o caso de uma aggressão por parte de Rosas, mas o governo imperial não se descuidou dos interesses da navegação, e estipulou que a alliança tinha por fim não só a defesa reciproca dos dous estados contra o dictador, como obter a livre navegação do Paraná até ao Rio do Prata. Celebrada em 1857 a alliança entre o Brazil, o Estado Oriental e as provincias argentinas de Entre Rios e Corrientes, contra o dictador de Buenos-Aires e seu logar-tenente Oribe, convidámos o Paraguay para tomar parte n'essa cruzada, não pela necessidade da sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pelo governo argentino. O governo para-

dos negocios estrangeiros dissera na camara dos deputados no Rio de Janeiro : « As nossas relações com essa republica offerecem o aspecto lisongeiro de um proximo accordo para a definitiva demarcação dos limites » (1). O ministro brazileiro não encontrou em Assumpção acolhimento correspondente a esta esperança. Antes que lá chegasse já o Paraguay tinha offerecido sua mediação na contenda com o governo blanco da Republica Oriental e essa mediação tinha sido repellida tanto pelo ministro Saraiva em Montevidéo, como pelo ministro Dias Vieira no Rio de Janeiro (2). Solano Lopez sentiu-se offendido por esta repulsa, quando era sua intenção tornar o Paraguay, o mais pequeno dos estados do Prata,

---

guayo não concorreo com um soldado para essa guerra, allegando que sua alliança com o Imperio era defensiva e não offensiva, e contentou-se em participar dos resultados obtidos pelos alliados com a victoria de Caseros. O direito por nossa parte ao livre transito para Matto-Grosso ficára reconhecido pelo tratado de 25 de Dezembro de 1850, mas o Paraguay desconheceu-o logo, tornando-o dependente de novas estipulações e sobretudo do ajuste de limites, ao passo que se utilisava da abertura dos affluentes do Rio da Prata pelo Brazil, Republica Argentina e Estado Oriental. Foi n'estas circumstancias que o governo imperial enviou á Assumpção um encarregado de negocios para reclamar o exercicio da navegação a que tinhamos direito, regulal-o do modo mais conveniente aos dois paizes, e resolver a questão de limites, que o governo paraguayo ligava forçosamente á outra, si fosse possivel obter a este respeito um accordo satisfactorio. Carlos Lopez não quiz separar as duas questões, e sobre os limites pretendeu o que nunca pretendera; não acceitou mais as linhas que elle proprio propuzera em 1844 e 1846, e nem a do Iguatemy, Serra do Maracajú e Apa, que desde então reclamamos, e era muito mais favoravel para o Paraguay que as primitivamente indicadas por aquelle dictador. Comprehendendo que para o Brazil a questão mais grave e urgente era a do livre transito para Matto-Grosso, recusou-se obstinadamente a resolvel-a. Contava que d'este modo seriamos forçados a fixar a linha divisoria, de accordo com as suas ultimas pretenções. O nosso representante foi obrigado a retirar-se da Assumpção, pelo modo violento por que foi tratado. Seguio-se a missão especial confiada ao chefe de esquadra Pedro Ferreira, que se apresentou nas Tres Bocas com uma imponente força naval e tropas de desembarque. Essa missão tinha por fim obter satisfação da offensa feita ao Imperio na pessoa do seu representante, e o reconhecimento do nosso direito ao livre transito pelo rio Paraguay, quando não fosse possivel chegar a um ajuste satisfactorio sobre todas as questões. Chegando ás Tres Bocas a nossa esquadra, Carlos Lopez fez annunciar que estava prompto para uma negociação pacifica, mas que se lhe evitasse a presença de uma força estrangeira, que tornaria impossivel qualquer accordo amigavel. Pedro Ferreira, infelizmente, confiou demasiado n'essas declarações, e subio só até a Assumpção, contentando-se com um tratado de navegação e commercio que seria aceito se pudesse ter logo execução, mas por uma clausula ficava dependente do ajuste de limites. O governo imperial não ratificou essas convenções (era ministro dos negocios estrangeiros o Sr. visconde do Rio-Branco, e presidente do conselho o marquez do Paraná). A missão do Sr. conselheiro J. M. do Amaral não foi mais feliz : Carlos Lopez obstinava-se a não chegar a accordo algum. Finalmente em 1856 apresentou-se no Rio de Janeiro o ministro Berges. Parece que a nota brazileira em que se communicava a não ratificação dos ajustes celebrados por Pedro Ferreira, e os preparativos de guerra que começámos a fazer produziram alguma impressão no animo de Carlos Lopez. Depois de longas conferencias o visconde do Rio-Branco e Berges assignaram o tratado de 6 de Abril de 1856, de que já fallámos em outra nota, concordando afinal o Paraguay em adiar a questão de limites. Este tratado, porém, foi de facto annulado logo depois pelo Paraguay, e tivemos novamente de concentrar forças na fronteira, indo á Assumpção o Sr. visconde do Rio-Branco. Felizmente poude este, pela convenção de 12 de Fevereiro de 1858, fixar a verdadeira intelligencia do tratado de 6 de Abril, sendo revogados os regulamentos que vexavam a navegação, e consentindo Carlos Lopez em abrir o rio Paraguay a todas as bandeiras (Vej. a nota a pag. 83). D'ahi em diante as nossas relações com o Paraguay tornáram a ser amigaveis até que surgiram em 1863 e 1864 os acontecimentos do Estado Oriental. Solano Lopez começou a governar em 1862.

(1) São estas as palavras do relatorio do marquez de Abrantes (1863) : — « As nossas relações com a republica do Paraguay apresentam um aspecto lisongeiro, e aguarda o governo imperial uma época não remota de se entenderem os dous governos sobre o final reconhecimento de sua respectiva linha divisoria. »

(2) Essa mediação foi solicitada pelo representante do governo de Montevidéo em Assumpção. O governo paraguayo offereceu-a dirigindo ao governo imperial a nota de

arbitro entre os seus maiores visinhos. Vianna de Lima logo percebeu que em Assumpção o perseguia a desconfiança e a má vontade do governo paraguayo, mas ficou verdadeiramente sorprendido quando Berges, ministro dos negocios estrangeiros do Paraguay, lhe enviou a nota de 30 de Agosto, que continha o insustentavel principio « de que a segurança, a paz e a prosperidade do Paraguay ficariam ameaçadas com a entrada das tropas brazileiras no Estado Oriental. » Solano Lopez chamou a esta nota « sua declaração official de guerra » quando o accusaram de haver começado as hostilidades, sem a prévia declaração usada entre nações civilisadas. O experimentado diplomata do Brazil respondeu a esta nota de modo energico e decisivo (1).

Parecia a questão terminada, porque o procedimento do Paraguay durante meio seculo excluia o pensamento de qualquer intervenção militar nos negocios dos paizes visinhos, ainda que, por effeito da nota de 30 de Agosto, se manifestasse em Assumpção grande agitação dos espiritos, promovida pelo proprio governo. Uma deputação de notaveis compareceu á presença do presidente Solano Lopez e pedio a guerra contra o Brazil; tal facto jámais seria praticado no Paraguay sem ser provocado e autorisado por « El Supremo ». A' deputação Solano Lopez respondeu de modo bem significativo : « O Paraguay não póde consentir que se desdenhe de sua politica ; já é tempo que se ouça a voz de nossa patria » (2) ; e realmente n'estas palavras está a explicação de enigma. No meio de acclamações enthusiasticas dirigiu-se a deputação, acompanhada de um destacamento de soldados, á praça, onde estava o palacio do governo ; ahi foi arvorada a bandeira nacional, saudada por 21 tiros de artilharia, e á noite, como affirmam testemunhas oculares, houve dansa, musica, serenata e refeição por ordem superior. Quem não dansou foi notado pela policia como inimigo da patria, o que significava prisão para os homens e banimento para as mulheres. Nem o lucto de familia obstava a estes folguedos patrioticos. Não só em Assumpção como em todo o paiz, os habitantes foram obrigados a assignar representações offerecendo dinheiro e sangue a « El Supremo », e é fóra de duvida que Solano Lopez não faltava á verdade, quando mais tarde allegou a geral alhesão do povo paraguayo á sua politica.

Sob a impressão d'estas manifestações escreveu de novo, em 3 de setembro, o ministro Berges ao representante do Brazil, reiterando o protesto e accrescentando que se o governo imperial não prescindisse de medidas repressivas contra o governo oriental, só restaria ao Paraguay tornar effec-

---

17 de Junho de 1864 e ao Sr. Saraiva outra da mesma data. O Sr. Saraiva respondeu em 24 de Junho, e o ministro dos negocios estrangeiros, Dias Vieira, em 7 de Julho, conformando-se com a resposta do Sr. Saraiva.

(1) Nota do 1º de Setembro de 1864.

(2) Taes foram as palavras de Lopez : — « ... La actitud que la Republica asume en estos momentos solemnes puede recurrir á vuestro patriotismo para oir la voz de la patria. Es tiempo ya de hacerlo. El Paraguay no debe acceptar ya por mas tiempo la prescindencia que se ha hecho de su concurso, al agitarse em los estados vecinos cuestiones internacionales que han influido mas ó menos directamente en el menoscabo de sus mas caros derechos... Vuestra union y patriotismo, y el virtuoso ejercito de la Republica, han de sostenerme en todas las emergencias para obrar cual corresponde á una nacion celosa de sus derechos y llena de su grandioso parvenir. En el desempeño de mis primeros deberes es que he llamado la atencion del Emperador del Brasil sobre su politica en el Rio de la Plata, y todavia quiero esperar que, apreciando la nueva prueba de moderacion y amistad que le profeso, mi voz no será desoida; pero si desgraciadamente no fuera asi, y mis esperanzas fuesen fallidas, apelaré á vuestro concurso, cierto de que la patriotica decision de que estaes animados no ha de faltarme para el triunfo de la causa nacional... »

tivo o seu protesto. Ainda n'este escripto se releva o desgosto do presidente pela recusa da mediação. Vianna de Lima estava por demais affeito aos paizes do Prata para se deixar intimidar por notas d'estas, e recebeu além d'isso de seu governo uma approvação de seus actos tão completa, como podia desejar (1). O governo imperial declarava que o protesto do Paraguay era uma pretenção que equivalia ao desprezo da soberania e dignidade do Brazil, e approvava a resposta de seu representante, prescrevendo que sustentasse com energia a posição assumida.

Emquanto duravam as manifestações, as dansas, canticos e felicitações, emquanto se proseguia com reduplicado zelo em exercicios militares nos acampamentos de Cerro-Leon, Humaitá, Encarnação, e se ateava pelo paiz o enthusiasmo guerreiro, parecia Solano Lopez hesitar no seu modo de proceder. Isto deu-se no correr do mez de Outubro. Elle via as tropas imperiaes no Estado Oriental, evitando contacto com o general Flôres, e custava-lhe a encontrar um ponto de partida. Todas as hesitações cessaram no dia em que o ministro oriental em Assumpção, lhe communicou a occupação da Villa de Mello, no departamento de Cerro Largo, pelas tropas brazileiras. Então resolveu cortar pela violencia o nó cada vez mais intrincado.

Em 10 de Novembro de 1864 fundeou no porto de Assumpção, para entregar a correspondencia que levava, o paquete *Marquez de Olinda* pertencente a uma companhia brazileira de vapores, que pelos rios Paraná e Paraguay faziam o serviço entre Montevidéo e Corumbá. A bordo estavam o novo presidente de Matto-Grosso, coronel Carneiro de Campos, alguns empregados brazileiros, despachos do governo imperial, e dinheiro. Não podendo o coronel Carneiro de Campos ir á terra, o ministro brazileiro foi a bordo conferenciar a respeito do estado melindroso dos negocios. Tendo tomado carvão, o *Marquez de Olinda* continuou no dia 11, ás 2 horas da tarde, a navegar rio acima. O presidente Solano Lopez achava-se então no acampamento de Cerro-Leon, e depois de muito vacillar resolveu dar começo ás hostilidades com a captura deste navio. Referindo o facto, diz Thompson de modo bem caracteristico : — « Lopez acreditava que só a guerra poderia tornar conhecida no mundo a republica do Paraguay. Sua ambição pessoal impellia-o á lucta, pois conhecia que dispunha de numeroso exercito, e que o Brazil precisaria de muito tempo para reforçar o seu. Suppunha que os Brazileiros não estariam dispostos a sustentar uma longa guerra. Estava convencido de que se elle não rompesse então, o Brazil romperia quando julgasse opportuno. » Talvez possa Thompson justificar esses calculos de Solano Lopez, mas não devemos pôr á margem suas palavras, porque o escriptor gosou da privança do dictador. Solano Lopez fez partir um de seus ajudantes em trem especial da estrada de ferro, até á Assumpção, e ordenou que o *Tacuary*, o vapor mais veloz da esquadrilha paraguaya, acendesse as fornalhas e reconduzisse para Assumpção a todo o custo o *Marquez de Olinda*. Cerca de 30 milhas rio acima, alcançou o *Tacuary* o paquete brazileiro ao sul da cidade da Conceição, e obrigou o commandante a voltar, de sorte que pela madrugada do dia 13 achava-se o *Marquez de Olinda* em Assumpção, debaixo dos fogos do *Tacuary* e vigiado por botes armados. Como era natural, este facto estupendo constou logo na legação brazileira. O ministro Vianna de Lima mandou seu secretario ao rio para se informar da verdade, e, con-

---

(1) Officio de 22 de Setembro do ministro dos negocios estrangeiros interino Sr. C. Carneiro de Campos (visconde de Caravellas).

hecida ella, pedio immediatamente explicações ao ministro Berges. Querendo ir a bordo do *Marquez de Olinda*, foi-lhe isso vedado. Até á tarde de 13 não recebeu resposta alguma official, e só mais tarde uma nota datada do dia 12, annunciando a interrupção das relações diplomaticas entre o Paraguay e o Brazil, e restringindo aos navios neutros a navegação do Paraguay. Sem perda de tempo respondeu Vianna de Lima nessa mesma noite, protestando em nome do direito internacional contra esta violencia injustificavel, e em nome da companhia brazileira, á qual pertencia o *Marquez de Olinda*, tornando o Paraguay responsavel por perdas e damnos, e exigindo passaportes para si e para todo o pessoal da legação. Julgava elle que lhe seria concedida a retirada a bordo do *Marquez de Olinda*, porque mesmo em caso de guerra não ha direito para o aprisionamento de um vapor de passageiros. No dia 15 foram-lhe entregues os passaportes e a resposta de que não se entregaria o paquete. Ao mesmo tempo prohibio-se aos navios mercantes, surtos no porto, tomar a bordo o ministro brazileiro. Não havendo em Assumpção navio de guerra de nação neutra, era evidente o proposito, ou de obrigar o ministro brazileiro a emprehender a viagem por terra (o que era extremamente perigoso), ou de retel-o como refem em Assumpção, o que não seria maior violencia do que a prisão do coronel Carneiro de Campos. No dia 19 appareceu no *Semanario* a declaração de que o *Marquez de Olinda* era considerado boa presa, ficando os empregados brazileiros prisioneiros de guerra e a carga confiscada.

Além de Sagastume, encarregado de negocios da Republica Oriental, e inimigo do Brazil, só se achava em Assumpção o ministro norte-americano M. Washburn, que logo se dirigiu a Solano Lopez, fazendo-lhe ver a gravidade do acto que praticava com a detenção de um ministro publico. Solano Lopez não quiz comprometter-se com os Estados-Unidos e consentiu, em 29 de Novembro, que um navio da republica transportasse a legação brazileira para Buenos-Aires, ficando Carneiro de Campos prisioneiro. Foram soltos apenas dous passageiros não militares, que residiam em Matto-Grosso. Quatrocentos contos em notas do thesouro, encontradas a bordo do paquete, ficaram nas mãos do governo do Paraguay, mas sendo conhecidos os numeros, a legação brazileira em Buenos-Aires fez um annuncio e retirou as notas da circulação. No dia seguinte á partida da legação imperial os Brazileiros, considerados prisioneiros de guerra, foram levados para terra e encarcerados. A todos sem excepção davam a ração de soldado raso, e o coronel era obrigado a comer no mesmo prato que o simples grumete. Em alguns jornaes circulou a noticia de haverem sido postos em liberdade, mais tarde, 42 homens da tripolação, permittindo-se-lhes partir para Buenos-Aires. Os miseros empregados do governo brazileiro foram sujeitos ao peior tratamento e nenhum delles sobreviveu á guerra. Foram internados pelo paiz, e morreram principalmente de fome, porque ninguem ousava dar-lhes cousa alguma, ainda que Solano Lopez tivesse marcado para cada um delles uma ração inteira e o meio soldo de uma praça de pret. O coronel Carneiro de Campos e seis de seus companheiros de infortunio foram levados, no verão de 1867, para o acampamento de Paso Pocú, perto de Humaitá, onde pereceram na mais completa miseria; e o coronel, no dia em que foi sorprendido o acampamento dos alliados em Tuyuti, morreu de desgosto ao receber a noticia dessa supposta victoria do Paraguay. Quando Humaitá cahiu em poder dos Alliados achou se uma carta do infeliz, escripta a lapis, e endereçada a sua esposa, na qual se despedia da familia, e fazia uma horrorosa descripção dos tormentos por que passára.

O carregamento do *Marquez de Olinda* foi vendido em hasta publica e

o producto applicado aos preparativos bellicos. Fez-se tambem uma tentativa para trocar em Buenos-Aires os 400 contos em notas do thesouro, mas o consul brazileiro avisou pelos jornaes, que esse dinheiro roubado não tinha mais valor. O paquete brazileiro foi armado com quatro peças e incorporado á esquadra da republica.

No dia 17 de Novembro, isto é, ainda durante a estada do ministro imperial em Assumpção, enviou o ministro Berges uma circular a seus agentes diplomaticos e ás legações estrangeiras nos paizes do Prata, communicando o rompimento de relações com o Brazil e declarando que, apezar da guerra, não ficava prohibida aos navios neutros a navegação para Matto-Grosso.

Uma testemunha ocular assim nos descreve as scenas que se deram em Assumpção :

« E' bem claro o proposito do ministro Berges, communicando ao ministro brazileiro a interrupção das relações diplomaticas e a prohibição de navegarem os navios brazileiros para Matto-Grosso só no dia seguinte ao aprisionamento do *Marquez de Olinda*. E' mais que provavel que a nota de 12 tenha sido escripta depois de perpetrada a violencia, e com o unico fim de attenual-a. Só assim se explica o facto de na respota ao protesto do ministro brazileiro, nada se dizer a respeito do *Marquez de Olinda*. Foi Mr. Washburn quem dissuadiu o ministro brazileiro de emprehender a viagem de retirada por terra, aconselhando-o que não aceitasse uma escolta de Paraguayos, pois a viagem seria penosa por causa dos máos caminhos, pelo calor e pelas inundações, e porque a familia e pessoal da legação correriam risco de serem assassinados, podendo a sua morte ser facilmente attribuida aos salvagens nomades. N'este ultimo caso, para se disfarçar o acto, mandar-se-hiam fusilar alguns soldados. Um tal acontecimento era bem para receiar, pois o ministro brazileiro nunca se deixára atemorisar pelo proceder de Lopez, que na qualidade de El Supremo estava affeito ás mais vis bajulações. Tambem não procurára captar as sympathias da amasia do presidente, e por isso ao odio politico associou-se o despeito pessoal. Mr. Washburn ainda era então admirador do presidente Lopez e por isso gosava de consideração. Assim, mais facil era a elle, do que a qualquer outro, proteger a legação brazileira, mas nem por isso é menor o seu merito por tel-o feito. Basta o seguinte facto para demonstrar com que rancor se procedeu em Assumpção contra os prisioneiros do *Marquez de Olinda*. Todos os dias de manhã o ministro Vianna de Lima mandava do consulado brazileiro um grande cesto com provisões para seus compatriotas. Apenas o cesto chegava a bordo, as sentinellas, em presença do portador, mettiam as mãos nos pucaros de leite, despedaçavam os pães e quebravam os ovos para verem se descobriam alguma correspondencia prohibida. Quando os viveres eram entregues n'este estado, os prisioneiros de nojo os lançavam á agua ».

A noticia d'estes acontecimentos produziu no Brazil extraordinaria impressão. A nação inteira ficou como que fulminada por vêr assim ferida a sua honra pelo Paraguay. Realisou-se litteralmente o que o ministro expulso de Assumpção dissera ao seu governo em uma nota datada de Buenos-Aires :

« Tenho a firme convicção de que o Brazil inteiro se erguerá para lavar esta affronta! »

Veremos como a nação durante annos inteiros correspondeu a esta confiança.

IV

Invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos

Summario. — Ignorancia em que estavam as autoridades da provincia brazileira de Matto-Grosso a respeito dos acontecimentos do Rio da Prata e do Paraguay. — Falta de noticias do resto do Imperio. — Nas proximidades da fronteira só havia uma guarnição de 600 homens. — Solano Lopez resolve invadir essa provincia. — Proclamação que dirige ás tropas expedicionarias (14 de dezembro de 1864). — Barrios nomeado commandante em chefe da expedição. — Partem da Assumpção e da Conceição 4,200 homens e 12 peças de artilharia ás ordens immediatas de Barrios, e seguem pelo rio transportados por 10 navios de guerra, contra Nova Coimbra, Albuquerque e Corumbá. — Avançam por terra, atravessando o Apa, 5,000 homens e 6 peças, ás ordens de Resquin, contra as povoações de Dourados, Miranda e Nioac, e contra a villa de Miranda. — Barrios diante da fortaleza de Nova Coimbra, defendida apenas por 155 Brazileiros ás ordens de Porto Carrero, e protegida pela canhoneira *Anhambahy* (26 de dezembro). — Estranha inacção da esquadrilha paraguaya, nada emprehendendo contra essa canhoneira. — Bombardeamento e ataque de Nova Coimbra pelos Paraguayos (27 e 28 de dezembro). — Brilhante resistencia dos Brazileiros. — Repellem um assalto (28 de dezembro). — Falta de munições no forte. — A posição era insustentavel. — Evacuação desse ponto durante a noite de 28 para 29. — Terror espalhado pela inesperada noticia da invasão paraguaya : evacuação de Corumbá pelos Brazileiros (2 de Janeiro). — Operações da columna de Resquin. — O major Urbieta com 220 homens cerca a colonia de Dourados (29 de dezembro) onde se achava o tenente Antonio João Ribeiro o qual recusa render-se e morre heroicamente. — Resquin chega á colonia de Miranda (29 de dezembro), e encontra-a deserta. — Barrios faz occupar Albuquerque (1° de Janeiro) tambem abandonada pelos habitantes. — Resquin persegue o corpo de cavallaria de Matto-Grosso, commandado pelo tenente coronel Dias da Silva (130 homens), que resiste desde o Rio Feio até á ponte do Desbarrancado (31 de dezembro) e consegue escapar. — Barrios occupa Corumbá (3 de Janeiro), e Resquin entra em Nioac (2 de janeiro). — Evacuação da villa de Miranda pelos Brazileiros (6 de Janeiro). — Resquin occupa a villa de Miranda (12 de Janeiro). — Tres vapores paraguayos perseguem a canhoneira *Anhambahy* e d'ella se apoderam no rio S. Lourenço (6 de Janeiro). — Os Paraguayos occupam o porto de Dourados. — Devastações e barbaridades que praticam. — Desordem e confusão entre os habitantes que fugiam. — Muitos são capturados. — Proclamação do presidente de Matto-Grosso, Albino de Carvalho. — O chefe de esquadra Leverger é nomeado commandante superior da guarda nacional. — Providencias para a defeza da capital da provincia. — Toda a guarda nacional é mobilisada. — Acampamento entrincheirado de Melgaço, perto de Cuyabá. — Inacção dos Paraguayos. — Não atacam a capital da provincia e limitam-se a guardar o territorio conquistado. — Apenas uma força paraguaya avança até á povoação do Coxim e destroe os depositos que ahi tinham os Brazileiros (24 a 30 de Abril). — Indignação que produz em todo o Brazil a noticia das barbaridades praticadas pelos invasores. — Impossibilidade de, pelas grandes distancias, remetter o governo promptos soccorros a Matto-Grosso. — Providencias adoptadas pelo governo imperial. — Marcham tropas do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas e Goyaz, em soccorro de Matto-Grosso. — O governo imperial comprehende que pelo sul e não pelo norte é que deve ser atacado o Paraguay.

Tendo Solano Lopez dado tão decisivo passo, não podia já hesitar em proceder militarmente. Ouvira dizer que no Estado Oriental os Brazileiros principiavam a se entender com o general Flôres e que era provavel o

ataque de Montevidéo. Com sua esquadra, ou com as tropas que essa esquadra transportasse, não podia coadjuvar os Orientaes blancos, pela superioridade de forças da esquadra brazileira reunida no Rio da Prata. Se não era seu plano annexar ao Paraguay a provincia de Matto-Grosso, pelo menos a invasão por esse lado seria habil, e effectiva a diversão em favor do governo de Montevidéo. Solano Lopez contava que as forças brazileiras, operando contra Paysandú, ao saberem dos apuros d'aquella provincia, não proseguissem no Estado Oriental, e que o governo imperial cuidaria antes de defender o solo patrio. Em ambos os casos, quer como conquista permanente, quer como momentenea diversão, era a campanha de Matto-Grosso um habil calculo. O dictador sabia perfeitamente que a provincia estava indefesa (1); sabia que a parte povoada do Brazil

---

(1) Era presidente da provincia de Matto-Grosso o general Albino de Carvalho, que desde Março de 1864 instava por sua demissão. Seu successor, como já vimos, partira do Rio de Janeiro em meiados de Outubro, e fôra aprisionado a bordo do *Marquez de Olinda*. Em Matto-Grosso, porém, era este facto ignorado quando se effectuou a invasão.

Para a defeza do vastissimo territorio dessa provincia, cuja linha de fronteiras comprehende mais de 400 leguas, havia apenas uma guarnição de *875* homens, disseminados por muitos e importantes pontos, como consta do ultimo mappa enviado em 14 de Agosto de 1864 pelo presidente da provincia (acompanha o officio n. 120, e guarda-se no archivo da repartição do ajudante general do exercito). Dessa força estavam doentes 150 : presos por sentenciar 88; sentenciados, 6; total 241. Deduzindo-se este algarismo, restavam *631 praças*, mas destas, 41 estavam ausentes, com licença no Rio de Janeiro, S. Paulo, Goyaz, Bahia e Pernambuco, ou em marcha, fóra da provincia. Ficavam pois, apenas *590 homens, inclusos todos os officiaes e até 147 empregados nas secretarias, arsenal, conducção de malas do correio, camaradas*, etc. Abatidos estes, restavam tão sómente *442 homens promptos.*

Com razão dizia ao presidente o commandante das armas, em officio de 13 de Agosto de 1864 : — « ... Nunca chegou esta provincia ao estado em que presentemente se acha de desfalque de força... O total da força necessaria para todo o serviço da guarnição deve ser de 3,879... » E fazia ver que em muitos lugares as guardas não podiam ser rendidas, e que nenhum corpo podia fazer com regularidade os exercicios recommendados pelo governo.

A força estava dividida pelos seguintes corpos (Mappa de 14 de Agosto) :

CORPOS	PROMPTOS e destacados	EMPREGADOS	DOENTES	PRESOS e sentenciados	AUSENTES da provincia	TOTAL	
Estado-maior	2	1	»	»	»	3	
Engenheiros	»	1	»	»	»	1	
Corpo de saúde	7	»	»	»	»	7	
Repartição ecclesiastica	4	»	»	»	»	4	
Art. 2° batalhão de artilharia a pé	76	27	42	38	22	205	418
Art. Corpo de artilharia de Matto-Grosso	74	9	82	18	2	185	
Art. Companhia de artifices	4	6	6	6	6	28	
Cav. — Corpo de cavallaria de Matto-Grosso	79	36	2	2	9	128	
Inf. — Batalhão de caçadores de Matto-Grosso	196	68	18	30	2	314	
	442	148	150	94	41	875	

A provincia dividia-se em *5 districtos militares*, e a força prompta estava assim distribuida por elles :

DISTRICTO MILITAR DA CIDADE DE CUYABA' (destacamentos em *Cuyabá*, *Sant'Anna do Parnahyba*, *Chapada*, *Piquiry* ou *Barreiros*, *S. Lourenço*, *Delamare*, *Estiva*, *Sangrador Grande*, *Rio Grande*, *Pasto Nacional*, *Poconé*, *Diamantino*, *Fabrica da Polovra*, e partidas volantes) : — Estado maior, 1; corpo de saúde 3; repartição ecclesiastica, 2; 2° batalhão de artilharia, 58; corpo de artilharia de Matto-Grosso, 0; companhia de artifices 0; corpo de cavallaria, 18; batalhão de caçadores, 61. Total, *143* .

DISTRICTO MILITAR DA CIDADE DE MATTO-GROSSO (destacamentos em *Matto-Grosso*, *forte*

só ao cabo de alguns mezes poderia prestar apoio a essa remota região; tinha enthusiasmado o exercito em seo campo de manobras, e com segurança antevia um feliz desenlace da campanha. O fardamento e equipamento das tropas eram novos e fulgurantes; abundantes as provisões; a estação propicia. Não duvidou, pois, destacar as mais antigas e melhores tropas de Cerro Leon, da Conceição, assim como de todas as guarnições ao norte de Assumpção, para a fronteira septentrional, d'onde se devia emprehender a invasão da provincia inimiga por terra e pelo rio. O embarque das tropas chamadas de Cerro Leon effectou-se em Assumpção no dia

---

do Principe da Beira, Casalvasco, Campo de S. Xavier, Arraial de S. Vicente, S. Ignez, Lavrinhas, Estivas, e partidas volantes) : — Corpo de saúde, 1; repartição ecclesiastica, 1; companhia de artifices, 1; batalhão de caçadores, 71. Total *74*.

Districto militar de Villa-Maria (destacamentos em *Villa-Maria, Escalvado, Corixa, Lages, Pederneira, Onças, Jaurú, e Fazenda Caiçara) :* — Corpo de saúde, 1; repartição ecclesiastica, 1; corpo de artifices, 1; batalhão de caçadores, 58. Total, *61*.

Districto militar do Baixo-Paraguay : — *Corumbá :* corpo de saude, 1 : 2º de artilharia, 2; corpo de cavallaria, 1; batalhão de caçadores, 1. Total, 6. — *Nova-Coimbra :* estado maior, 1; corpo de artilharia de Matto-Grosso, 43; companhia de artifices, 1; batalhão de caçadores, 1. Total, 46. — *Albuquerque :* corpo de artilharia, 14. — *Coxim*, 0. — *Taquary :* corpo de artilharia, 15. — *Bahia Formosa*, 0. — Em todo o districto, *80* (sendo : corpo de saúde, 1; 2º de artilharia, 2; corpo de artilharia 72; artifices, 1; cavallaria, 1; caçadores, 2).

Districto militar da villa de Miranda : — *Nioac :* corpo de saúde, 1; repartição ecclesiastica, 1; corpo de artilharia de Matto-Grosso, 2 (Total, 4). — *Colonia de Dourados :* 2º de artilharia, 5; corpo de cavallaria, 12; batalhão de caçadores, 1. Total, 18. — *Villa de Miranda :* corpo de saúde, 1; 2º de artilharia, 9; corpo de cavallaria, 31. Total 41. — *Fazenda de Bitione :* corpo de cavallaria, 5. — *Cavalhada :* corpo de cavallaria, 2. — *Colonia de Miranda :* companhia de artifices, 1; corpo de cavallaria, 7; batalhão de caçadores, 3. Total 11. — *Posto de S. Rosa :* corpo de cavallaria, 3. — *Piquiry*, 0. — Em todo o districto, *84* (sendo : corpo de saúde, 2; repartição ecclesiastica, 1; 2º de artilharia 14; corpo de artilharia, 2; companhias de artifices, 1; cavallaria, 60; caçadores, 4).

Total nos 5 districtos : 442. (Note-se que esta distribuição de forças é do mez de Agosto, e que não ficam comprehendidos entre estes 442 homens os doentes, empregados e presos. (Vej. o mappa á pag. anterior.)

Era commandante das armas o coronel Carlos Augusto de Oliveira.

A força naval, commandada pelo capitão de fragata F. C. de Castro Menezes, consistia em uma flotilha composta dos seguintes vapores :

1.º *Anhambahy*..	40 cavallos,	34 homens de guarnição,	2 bocas de fogo.
2.º *Cuyabá*......	40	—	31	—	sem artilharia.
3.º *Corumbá*....	24	—	28	—	—
4.º *Alpha*.......	16	—	22	—	—
5.º *Jaurú*.......	12	—	19	—	—
6.º *Paraná*.....	40	—	desarmado, em concerto,		

Total; — 5 pequenos vapores promptos, com 132 cavallos, 134 homens, e 2 bocas de fogo *(Vej. os Relatorios da Marinha de* 1864 *e* 1865).

No *Relatorio* de 1864, da repartição da marinha (antes de romper a guerra), lê-se a seguinte nota sobre esses vapores, sem exceptuar o *Anhambahy* — « Estes navios não podem ser considerados de guerra : só poderão servir para paquetes. » E no mappa da força naval do Imperio publicado em 1873 figuram elles como *lanchas a vapor*.

Referindo-se ao triste estado da provincia, e ás diminutas forças de que dispunha, disse o presidente Albino de Carvalho *(Relatorio* com que passou a administração, em 30 de Agosto de 1865, ao chefe de esquadra Leverger, contendo a *Synopsis da invasão paraguaya em Matto-Grosso) :* ... « Isto quer dizer que a provincia estava desarmada ou indefesa, sendo certo que esse estado de cousas e suas consequencias não podem attribuir-se á falta de previsão e energia do governo local, porque muitos actos officiaes, archivados na secretaria da presidencia, e de mais de uma administração, provam o contrario. Limito-me, pois, a citar em meu abono dous unicos : — o officio reservado que dirigi ao ministerio da marinha sob n. 1, em 23 de Setembro de 1863, e o que enderecei ao ministerio da guerra, ostensivamente, sob n. 162 datado em 14 de Agosto de 1864... »

Em 10 de Outubro de 1864 recebeu o presidente de Matto-Grosso um officio reservado em que o ministro do Brazil em Assumpção lhe communicava a ameaça feita pelo dictador

14 de Dezembro de 1864 e d'esta data é tambem a seguinte ordem do dia do presidente :

« Soldados! Foram baldados todos os meus esforços para conservar a paz. O Imperio do Brazil, pouco conhecedor do vosso valor e enthusiasmo, nos provoca á guerra : a honra e a dignidade nacional, e a conservação dos mais caros direitos manda que a acceitemos.

« Em recompensa de vossa lealdade e longos serviços, fixei minha attenção em vós, escolhendo-vos d'entre as numerosas legiões que formam os exercitos da Republica, para que sejaes os primeiros a dar uma prova

---

Lopez, e lembrava-lhe a conveniencia de prevenir-se a provincia para o caso de um rompimento. Em consequencia d'isso no dia 13 de Outubro, o commandante das armas, que infelizmente era um velho valetudinario, partio de Cuyabá com a pouca força de linha existente nessa capital e dirigio-se á fronteira do Baixo-Paraguay. O presidente chamou a serviço activo 231 guardas nacionaes, para supprir a ausencia da força de linha, ordenou que os pequenos vapores *Jaurú*, *Corumbá* e *Cuyabá* fossem estacionar junto ao forte de Coimbra, e fez marchar para a fronteira meridional quasi todos os militares empregados, muitos enfermos que convalesciam e todos os destacamentos de linha, exceptuando apenas os das fronteiras de Villa-Maria (hoje cidade de Cáceres) e da cidade de Matto-Grosso (fronteira com a Bolivia), aliás bem pequenos, e os de Sant'Anna do Parahyba, Rio-Grande, Sangradouro, Estiva, S. Lourenço e Taquary, tambem insignificantes.

Apezar disso só foi possivel reunir na extensa linha exposta aos ataques dos Paraguayos, isto é, na fronteira do Baixo-Paraguay (Nova Coimbra, Albuquerque e Corumbá) 364 homens dos dois corpos de artilharia, e da companhia de artifices, sem contar os guardas nacionaes; e no districto militar de Miranda (linha do Apa e serra de Maracajú, sendo povoações mais proximas as colonias de Dourados, Miranda e Nioac e a villa de Miranda) 219 homens do corpo de cavallaria e de caçadores. Total, 583 homens de linha pouco mais ou menos.

Thompson, que se admira da facilidade com que Lopez occupou a parte meridional dessa remota provincia, deveria declarar de que modo poderiam menos de 600 Brazileiros fazer frente com vantagem a 9.200 Paraguayos, apoiados por uma força naval respeitavel. (Veja-se sobre esses algarismos o mappa cit., o *Relatorio* do presidente Albino de Carvalho, e o *Relatorio* que no mesmo anno de 1865 foi apresentado á assembléa provincial pelo novo presidente Leverger, e no qual se encontra um interessante historico da invasão; vejam-se tambem os relatorios dos ministerios da guerra e marinha, de 1864-1865 e 1866).

A guarnição de Nova Coimbra compunha-se de 46 homens. O commandante das armas elevou-a logo a 115 praças e, deixando em Corumbá o 2º batalhão de artilharia a pé, partio para a villa de Miranda, para onde fez seguir o casco do batalhão de caçadores, afim de servir de apoio ao 7º batalhão da guarda nacional recentemente creado e ainda por organisar. Commandava a fronteira de Miranda o tenente-coronel Dias da Silva e a do Baixo-Paraguay o tenente -coronel Porto Carrero. O commandante das armas, depois de uma curta inspecção em Miranda, regressou a Corumbá e deu começo a algumas obras de defeza.

Ninguem acreditava, porém, que Lopez realizasse a sua ameaça, e menos que invadisse a provincia sem prévia declaração de guerra.

A guarda nacional de toda a provincia, mal fardada e sem armas, compunha-se de 6.279 homens de infantaria, dos quaes 1.144 pertenciam á reserva. (Vej. *Relatorio do ministerio da justiça*, de 1865, annexo H).

O autor da *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*, tratando da invasão paraguaya, observa á pag. 272 : — « ... Que providencias podia dar o presidente Albino de Carvalho, achando-se a provincia sem recurso algum, exhaustos, havia muito tempo, os cofres publicos, obrigado o presidente a pedir dinheiros para que a thesouraria podesse acudir a pagamentos miudos e indispensaveis, e, sobretudo, *sem a menor explicação do governo imperial, porque desde 26 de Agosto de 1864, nunca mais chegou á provincia um correio, nunca mais um officio do governo, senão a 13 de Abril de 1865! Sete mezes e 18 dias esteve a provincia sem ter uma communicação, ignorando todos os acontecimentos que se tinham dado com o Paraguay*, e conhecendo apenas a triste realidade, isto é, que sem dinheiro, sem gente, sem recursos, estava invadida pelo inimigo grande parte de seu territorio, e o resto devia sel-o mais dia, menos dia. »

Em officio n. 198 de 3 de Dezembro de 1864, dizia o presidente de Matto-Grosso ao ministerio da guerra (Archivo da Repartição do Ajudante General) : — «... Não sei que direcção têm tomado os nossos negocios no Rio da Prata e no Paraguay, e por isso rogo

da pujança de nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que nossos maiores collocaram na corôa da patria nas memoraveis jornadas de Paraguary e Tacuary (1).

« Vossa subordinação e disciplina, e vossa constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura e pelo brilho das armas que a vosso valor confio.

« Soldados e Marinheiros! Levae este testemunho de minha confiança aos companheiros que em nossas fronteiras do norte se vão reunir a vós; marchae serenos ao campo da honra e, colhendo gloria para a patria e honra para vós e nossos companheiros de armas, patenteae ao mundo inteiro quanto vale o soldado paraguayo! »

---

instantemente a V. Ex. que fixe a sua attenção para esta provincia e d'ella cuide com toda a efficacia. »

Os seguintes trechos do officio n. 201 de *17 de Dezembro de 1864*, escripto um mez depois da tomada do paquete *Marquez de Olinda*, mostram melhor ainda o abandono em que estava Matto-Grosso : — «... Foram esses officios » (refere-se a officios de 11 e 30 de Novembro que recebêra do commandante das armas e do chefe da flotilha, escriptos em Corumbá) « foram esses officios trazidos pelo vapor *Alpha*, chegado a esta capital no dia 10 d'este mez, e d'elles se collige não ter havido na dita fronteira até a ultima data novidade alguma; ter chegado ao porto de Corumbá uma escuna sahida de Buenos-Aires no dia 4 de Outubro, havendo passado pela Assumpção no dia 29, onde ainda se conservava o nosso ministro; ter esta escuna encontrado o paquete *Marquez de Olinda*, que ia em descida, abaixo da Assumpção; e finalmente que até o dia 30 do mez passado ainda não havia chegado a Corumbá o paquete que se esperava de Montevidéo. — *Não tendo o paquete sahido de Montevidéo a 20 de Setembro trazido correspondencia official da côrte, e não havendo chegado o de 3 de Novembro, aqui estou ha quasi 5 mezes sem receber ordens, instrucções e nem auxilios do governo, achando-se esta provincia nos maiores apuros por estar sem dinheiro algum o cofre da thesouria, e eu nos maiores embaraços em tão apuradas circumstancias. Rogo pois, a V. Ex., se digne providenciar com urgencia ácerca do que acabo de expôr, dar a esta presidencia suas ordens, e oriental-a acerca do que se tem passado com relação aos negocios do Rio da Prata e do Paraguay, que possam interessal-a, e do que lhe cumpre fazer...* »

Este officio, escripto em *17 de Dezembro*, era dirigido ao conselheiro Brusque, que deixára o poder, com o gabinete Zacarias, de que era membro, desde o dia 30 de Agosto. A 17 de Dezembro não se sabia ainda em Matto-Grosso que áquelle ministerio havia succedido o de 31 de Agosto, presidido pelo conselheiro Furtado!

(1) Em Matto-Grosso e em todo o Brazil e Rio da Prata eram os soldados paraguayos tidos em grande desprezo. Ninguem os suppunha capazes da selvagem intrepidez e da inexcedivel disciplina que ostentaram durante esta guerra. Os unicos feitos militares de que se orgulhavam eram as victorias de Paraguary e Taquary obtidas em 1811 sobre o general argentino Belgrano; mas taes combates não podem ser apresentados como padrão de gloria para o Paraguay, porque os argentinos foram vencidos, sim, mas por forças, mais de dez vezes superiores. Um Almanak Paraguayo, publicado em tempo de Carlos Lopez, mencionava tambem a *victoria do Pão de Assucar*, em 1850. — Taquary, Paraguary e Pan de Azucar, taes eram os tres combates e as tres victorias dos paraguayos antes d'esta guerra. —A intitulada victoria do Pão de Assucar foi alcançada por *800 paraguayos* contra uma guarda brazileira de *25 homens*, que se retirou combatendo (14 de Outubro de 1850). Perdemos 3 homens e os aggressores 1 official e 8 soldados. O governo imperial contentou-se com as explicações dadas por Carlos Lopez, que então era nosso alliado. Em sua retirada o pequeno destacamento, commandado pelo tenente F. Bueno da Silva, foi protegido pelos indios guaycurús, dirigidos pelos capitães Lixagota e Lapagate, e pouco depois os mesmos indios, incorporados á guarda que sahia do Pão de Assucar, apoderaram-se por sorpresa do forte paraguayo denominado Olympo ou Bourbon. « Emquanto estes indios », diz Ferreira Moutinho na sua *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* (S. Paulo, 1869, 1 vol.). « emquanto estes indios, ás ordens do capitão J. J. de Carvalho vingavam a affronta feita ao destacamento brazileiro (a mais brilhante acção da provincia de Matto-Grosso, pela resistencia tenaz que oppuzeram 25 homens contra mais de 400), um cacique da mesma tribu, o capitão Quidanani, invadia por Miranda o Paraguay, e no Apa tomava aos aggressores gados, cavallos, etc. Estes factos deram logar a que o governo descansasse, e os cuyabanos se julgassem garantidos, por acreditarem que os guaycurús sós poderiam repellir qualquer ataque do Paraguay. »

No protocollo da conferencia de 12 de Março de 1856 (annexos ao relatorio do minis-

De Assumpção partiram 3,000 homens com 2 baterias de campanha em 5 vapores (1), 3 escunas e alguns navios de reboque. Além d'isso estavam annexas a esta expedição algumas chatas (baterias fluctuantes), que eram propriamente grandes barcos de fundo raso destinados á nevegação fluvial. Cada chata ia munida de uma grande peça, cuja boca chegava apenas ao lume d'agua, sendo por isto perigosa para os grandes vasos. Estas chatas

---

terio dos negocios estrangeiros de 1856) entre os plenipotenciarios visconde do Rio-Branco e Berges, encontram-se os seguintes trechos relativos á occurrencia do Pão de Assucar, no Fecho dos Morros : «... O presidente de Matto-Grosso não entendeo bem as recommendações da legação imperial, e julgou que reduzindo aquella guarnição a 25 homens, satisfazia ao governo da Republica. O governo da Republica duvidou sempre, segundo se deve crer, de que o pedido da legação fosse attendido pelo presidente, e mandou a expedição que teve o conflicto com a guarda brazileira. Eis, pois, como se deu o facto. Procedeo de um acto do presidente de Matto-Grosso, fundado sim em uma ordem do governo imperial, mas ordem antiga, que não tinha sido renovada, nem era intenção do mesmo governo imperial levar a effeito em taes circumstancias. Então achava-se pendente uma negociação entre os dous governos, a qual comprehendia o reconhecimento dos respectivos limites; e ia abrir-se a lucta com o general Rosas, cuja causa ganharia com a divisão e rompimento entre seus adversarios. Se não fossem estas circumstancias, » accrescenta o Sr. visconde do Rio-Branco, « o governo imperial não toleraria, como tolerou, o acto de força do governo da Republica; e o representante do Imperio na Assumpção, dando os passos conciliatorios que deu, não deixou de resalvar o direito do Imperio áquelle ponto e ao territorio que lhe é contiguo. »

Veja-se tambem, sobre este facto, PEREIRA PINTO, *Apontamentos para o Direito Internacional*, III, 439 e seguintes.

(1) A expedição compunha-se dos seguintes vasos *(Semanario)* :

Vapor *Tacuary*	6	bocas de fogo.
— *Paraguary*	4	—
— *Igurey*	5	—
— *Rio Blanco*	5	—
— *Yporá*	4	—
Escuna *Independencia*	4	—
— *Aquidaban*	4	—
Patacho *Rosario*	2	—
Lanchão *Humaitá*	1	—
— *Cerro Leon*	1	—
	36	canhões.

A' esses navios se encorporaram dias depois, em Conceição e em Coimbra, mais tres vapores, o *Salto de Guayrá* (4 peças), o *Rio Apá* (3 peças) e o *Marquez de Olinda*, (8 peças) o que elevou a 51 o numero de canhões da esquadra.

O capitão de fragata Meza commandava a esquadrilha.

O *Semanario* de 17 de Dezembro, noticiando a partida da expedição, disse o seguinte : — « Es la segunda vez que las fuerzas nacionales dejan las playas de la Asuncion para dirigirse á vindicar al Norte los derechos de la Republica. Em 1850 la ocupacion del territorio paraguayo por fuerzas brasileiras obligó a nuestro gobierno a enviar una pequena expedicion que dió por resultado el desalojo del cerro de Pan de Azucar... » E lembrava a mesma folha que o patacho *Rozario* fôra um dos vasos empregados n'essa *campanha*, de que o leitor já tem noticia pela nota anterior.

A divisão que nos navios acima indicados partio da capital, ás ordens de Barrios, era destinada a apoderar-se de Coimbra, Albuquerque e Corumbá, para, de accordo com a que seguio por terra, atacar depois Cuyabá. Compunha-se de 4 batalhões de infantaria (batalhões 6, 7, 10 e 30) com 3.200 homens, 12 peças raiadas e foguetes á congréve de 24, e de uns 1.000 homens de cavallaria que embarcaram em Conceição. No dia 22 o *Salto de Guayrá* partio da capital conduzindo mais o batalhão 27. O general Resquin em seu depoimento de 20 de Março de 1870 declarou que essa divisão compunha-se de 4.000 e tantos homens.

A 2ª divisão, ás ordens de Resquin, constava de 5.000 homens principalmente de cavallaria, com 6 peças. Marchou da Conceição por terra, atravessando o Apa, para atacar as colonias de Dourados, Miranda e Nioac e a villa de Miranda.

Quanto ás forças paraguayas, são estes os dados que encontrámos no Relatorio do ministerio da guerra de 1865. As duas columnas que invadiram Matto-Grosso, segundo esses dados, elevavam-se, pois, a uns 10.000 homens das tres armas com 18 bocas de fogo.

Thompson diz que a columna de Barrios apenas se compunha de 3.000 homens e

prestaram relevantes serviços na defesa do Paso de la Patria e de Humaitá, e podem com mar tranquillo ser applicadas á defesa das costas. Como ficam quasi á flôr d'agua, e a cabeça do artilheiro só um pouco sobresahe á borda, não é facil attingil-as com as peças dos navios. O proprio presidente Solano Lopez commandou de Cerro Leon até Assumpção o 6º e 7º

---

2 baterias, de campanha, e a de Resquin de 2.500. Mesmo assim eram immensamente superiores ás forças que tinhamos na fronteira. Barrios só tinha diante de si, pela estrada fluvial, o pequeno vapor *Anhambahy*, o forte de Nova Coimbra com diminuta guarnição (tenente coronel Porto Carrero), a povoação de Albuquerque, inteiramente desguarnecida, e a de Corumbá, onde se achava o coronel Oliveira, com 23 bocas de fogo, das quaes muitas incapazes de servir, e 244 praças (mappa de 11 de Novembro), sem fallar em uns 50 guardas nacionaes e cerca de 100 paisanos que tomaram armas depois do ataque de Coimbra. Admittindo, pois, que a columna paraguaya que atacou por esse lado apenas se compuzesse de 3.000 e tantos homens com 12 peças, protegidos por uma esquadrilha que montava mais de 40 bocas de fogo, reconhecer-se-ha ainda assim que era impossivel aos chefes brazileiros resistir á invasão.

O districto militar de Miranda por onde penetrou Resquin com 2.500 homens e 6 peças, segundo Thompson, ou com 5.000 homens, segundo o Relatorio do ministro Ferraz, estava guarnecido *por 129 homens de cavallaria (praças do exercito e voluntarios reunidos ás pressas), pelo casco do batalhão de caçadores, com 89 praças, inclusive os musicos, e por alguns guardas nacionaes e paisanos que tomáram armas no momento do perigo.* (Vej. a carta do tenente coronel Dias, publicada no *Jornal do Commercio* de 2 ou de 27 de abril de 1865.)

A divisão Barrios atacou, protegida pela esquadra, o forte de Coimbra nos dias 27 e 28 de Dezembro, sendo repellida pela pequena guarnição brazileira. Na noite de 28 para 29 o coronel Porto Carrero evacuou o forte. Senhor d'esta posição, Barrios occupou sem resistencia Albuquerque, Corumbá e Dourados, e a esquadra inimiga apoderou-se da canhoneira *Anhambahy* (6 de Janeiro). — A divisão de Resquin sahio da Conceição em 26 de Dezembro, atravessando o Apa em Bella Vista, emquanto o capitão Urbieta, com 220 homens de cavallaria (segundo Caballero) tomava a direcção de Chiriguelo e passava por Cerro Corá, dirigindo suas marchas para a colonia militar de Dourados, que não deve ser confundida com o porto de Dourados, sobre o rio Paraguay. Urbieta foi sahir em Ponta Poran, a umas 12 leguas de Dourados, e no dia 29 de Dezembro cercou essa colonia, onde só tinhamos um destacamento de 15 homens ás ordens do tenente de cavallaria Antonio João Ribeiro, natural de Cuyabá. Esse valente official; recusando render-se, respondeu desabridamente aos Paraguayos e morreu como um heróe, sendo facilmente supplantados pelo inimigo os poucos soldados que commandava. Na noite do mesmo dia 29 Resquin cahio sobre a colonia de Miranda, que achou deserta, e no dia 31 seguio para Nioac. Na marcha avistou o corpo de cavallaria de Matto-Grosso que se adiantára ás ordens do tenente-coronel Dias da Silva. Essa força compunha-se de 11 praças de linha e de 19 paisanos armados. Dias da Silva, perseguido desde o Rio Feio, cortou a ponte do Desbarrancado, onde sustentou um vivo tiroteio com o inimigo, cobrindo-se de honra por essa occasião o capitão Pedro José Rufino e o intrepido voluntario Gabriel Barbosa (Vej. TAUNAY, *Retirada da Laguna*, cap. III). Os Paraguayos perseguiram por 2 leguas a nossa força, mas vendo que a não alcançavam, voltaram ao Rio Feio, e no dia 1º de Janeiro continuaram a marcha sobre Nioac, cujos habitantes haviam abandonado a povoação. Ahi entrou Resquin no dia 2 de Janeiro, seguindo depois para a villa de Miranda, abandonada desde o dia 6 por ordem de Dias da Silva. No dia 9, estando em marcha sobre essa villa, reunio-se-lhe o capitão Urbieta, depois de ter devastado as vizinhanças dos rios Dourados, Brilhante e Vacaria. No dia 12 entrou Resquin na villa de Miranda, e foi acampar pouco depois em Eponadigo a algumas leguas de distancia. Mais tarde, em virtude de ordens de Lopez, Resquin enviou uma expedição a Coxim. Essa força, ás ordens do capitão Aguero, composta de 1 companhia de rifleiros, 1 esquadrão de cavallaria e 2 peças ligeiras, apenas se demorou em Coxim 5 dias (24 a 30 de Abril) destruindo um pequeno deposito de viveres, que ahi encontrou, e caminhou pela estrada de Cuyabá até á fazenda de Luiz Theodoro, 6 leguas aquem do rio Piquiry. A retirada fez-se com muita difficuldade; os pantanaes tinham tomado agua e a cavalhada foi dizimada pela peste propria daquellas localidades. Um anno depois, quando a força brazileira desceu para Miranda por esse mesmo caminho, viam-se innumeros vestigios da passagem e as ossadas de muitos animaes que ahi succumbiram. (Vej. TAUNAY, *Scenas de viagem*, Cap I). — Estes apontamentos sobre a marcha dos Paraguayos são extrahidos dos que obtivemos do general Caballero, que servia ás ordens de Resquin, e combinam com as partes officiaes dos chefes paraguayos publicadas no *Semanario* e com a descripção que se encontra no Relatorio do presidente Leverger, barão de Melgaço.

batalhões, porque n'elles e no commandante do 7º, major Luiz Gonsalez depositava especial confiança. Antes do embarque houve uma revista, para que as tropas podessem ostentar suas novas blusas de côr escarlate. Os dous batalhões eram alcunhados no Paraguay « orelhas pequenas ». Pór essa designação se queria indicar a origem europea pelo lado paterno ou materno.

Segunda divisão de tropas poz-se em marcha da cidade da Conceicão, seguindo para o norte o curso do rio Paraguay, para atravessar por terra a fronteira brazileira e percorrer o territorio litigioso entre o Rio Apa e o Rio Branco (1). A viagem da esquadrilha durou 12 dias, porque os vapores tinham que rebocar grande peso; mas realisou-se, do mesmo modo que a marcha, na melhor ordem. Os navios, penetrando nas aguas brazileiras, além do forte paraguayo da fronteira, Olympo (antes Bourbon), avistaram no dia 26 o forte brazileiro de Nova-Coimbra.

Esta fortificação, cuja fórma actual foi traçada no anno de 1797 (2), só ficou concluida em 1802. Está situada 40 pés acima do mais elevado nivel das inundações do rio, á margem direita, isto é, do lado do Grand-Chaco. A historia das colonias hespanholas já faz menção de um forte nesta região em fins do seculo XVII. A fortificação deste ponto, indicado pela sua posição estrategica, só teve importancia em 1775, quando, não se sabe com que direito, o capitão-general de Matto-Grosso, Luiz de Albuquerque (3), mandou erigir um presidio neste lugar que era incontesta-

---

(1) Era a 2ª divisão, commandada pelo então coronel Resquin. Não devia ir até o chamado Rio Branco, mas em outra direcção, marchando contra as colonias militares de Dourados, Miranda e Nioac, e contra a villa de Miranda. Os paraguayos davam a denominação de *Rio Blanco* a uma sanga ao sul do Nabilek, na margem esquerda do Paraguay, quasi na altura do forte Olympo ou Bourbon, e pretendiam que d'ahi, para léste, devia partir a linha divisoria. O governo imperial considerou até 1865 justamente litigioso o territorio comprehendido entre a linha reclamada pelo Paraguay e a do Apa, tanto que as rondas brazileiras iam encontrar-se com os piquetes paraguayos e havia a prohibição de crear estabelecimentos na chamada *costa do Apa*. Em 1849 tendo ido a familia de Gabriel Lopes, mineiro, abrir uma fazenda a poucas leguas do rio Apa, foi ella aprisionada e internada na Republica do Paraguay, d'onde só sahio depois de energica intervenção diplomatica. Hoje pelos tratados da Assumpção, ficou aquella bella região pertencendo definitivamente ao Brazil, cuja linha divisoria segue o curso do Apa e já foi assentada por uma commissão de engenheiros.

(2) Foi reedificado então por ordem do capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Consistia antes n'uma estacada. Fizeram-se muralhas de pedra e cal na ponta do Monte da margem direita, dominando dous compridos estirões do rio Paraguay.

(3) Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

— O Sr. Schneider observa que este logar « era incontestavelmente possessão hespanhola. » Não se póde exigir desse escriptor um perfeito conhecimento das longas e intrincadas discussões que sustentaram as côrtes de Lisboa e Madrid a respeito dos limites de suas colonias na America. O tratado de 13 de Janeiro de 1750 descreveu a mutua fronteira *pelo meio do rio Paraguay, desde a foz do rio Corrientes*, que era o *Jejuy*, na lat. 24º 12', até *á foz do Jaurú*, lat. 16º 24'.

Eis a letra do tratado :

«... Desde esta boca » (do Iguaçú na margem esquerda do Paraná) «proseguirá pelo alveo do Paraná acima até onde se lhe ajunta o rio *Igurey* pela sua margem occidental. *Desde a boca do Igurey continuará pelo alveo acima até encontrar sua origem principal; e d'alli buscará em linha recta pelo mais alto do terreno a cabeceira principal do rio mais visinho, que desagua no Paraguay pela sua margem oriental, que talvez será o que chamam Corrientes, e baixará pelo alveo deste rio até a sua entrada no Paraguay*, desde a qual boca subirá pelo canal principal que deixa o Paraguay em tempo secco; e pelo seu alveo até encontrar os pantanos, que fórma este rio, chamados a Lagôa de Xaraes, e atravessando esta Lagôa até a boca do Jaurú... »

Reconheceo-se, porém, na demarcação, que o contravertente do *Igurey* era o *Jejuy*, que entra no Paraguay pela lat. de 24º 7', e que ficando a cidade da Assumpção em 25º. 16' 40", a linha divisoria apenas passava a 1º e 9' acima daquella cidade. A' vista d'isso

velmente possessão hespanhola. Nova-Coimbra tem seis bastiões e percebe-se que em outro tempo se teve em vista posterior augmento; possue solidas muralhas revestidas, e logo depois de sua conclusão, em 1802,

---

começaram os commissarios hespanhóes a sustentar que não havia rio *Igurey*, e que o designado por esse nome não podia ser outro senão o *Iguatemy*, que desemboca na margem direita do Paraná em 23° 47' de lat., acima do Salto das Sete Quedas, devendo, portanto, a linha divisoria seguir pelo seu contravertente *Ipané-Guazú*, cuja foz fica em 23° 30' de lat.

Reagiram os commissarios portuguezes, argumentando com o tratado, com o mappa geographico de 1749, pelo qual os negociadores haviam descripto a fronteira, e com as instrucções dadas pelas duas côrtes, que mandavam tomar por divisa o *primeiro rio caudaloso que acima do Iguassú entrasse no Paraná por sua margem occidental*, estando n'esse caso o *Igurey*, ao sul do *Iguatemy*. Essas e outras desintelligencias não deram logar a que se concluisse a demarcação, e o tratado de 12 de Fevereiro de 1761 veio annullar o de 13 de Janeiro de 1750, voltando a questão de limites ao estado anterior, e tomando-se por base as posses que tinham nessa época as duas corôas.

O tratado preliminar de 1° de Outubro de 1777 repetiu a fronteira desde o rio Paraná até o Paraguay nos mesmos termos em que tinha sido descripta no de 13 de Janeiro de 1750, mas continuando as mesmas duvidas levantadas pelo commissario hespanhol Azara, combinaram as duas côrtes em 1778, *na hypothese de não haver rio algum conhecido no paiz com o nome de Igurey, em adoptar a linha do Iguatemy e do Ipané Guazú.* Este accordo foi *condicional*, e ficou nullo desde que Portugal poude logo depois demonstrar a toda a luz que existia o rio *Igurey, abaixo do Iguatemy.*

Em 1777 já a Hespanha havia adiantado estabelecimentos na margem esquerda do rio Paraguay *desde* o *Jejuy* até o *Ipané-Guazú*, e continuou a fazel-os d'ali para o norte, em direcção ao Apa, mesmo depois do tratado preliminar de 1777, não obstante as reiteradas reclamações do governo portuguez, sempre desattendidas.

A' vista deste procedimento, o capitão general Luiz de Albuquerque suggerio ao governo a idéa de, *em represalia*, tomarem os portuguezes posse da margem direita do Paraguay *desde o Jaurú até o Fecho dos Morros*, ao norte do Apa, ponto tido como o mais proprio para fechar a navegação do Paraguay, e impedir que os hespanhóes continuassem a avançar para o norte.

Para levar a effeito essa justa represalia, aproveitou o capitão general a ousadia de subirem os indios do Paraguay em 20 canoas, no mez de Maio de 1785, até o marco do Jaurú, aprisionando e matando em uma fazenda 16 pessoas. No mesmo mez fez elle descer de Cuyabá uma expedição de canôas armadas, com 250 homens, ás ordens do capitão Mathias Ribeiro da Costa, munido este de instrucções para occupar o Fecho dos Morros. Tendo, porém, esse official chegado ao lugar denominado — Estreito de S. Francisco, — onde o rio Paraguay corre apertado por duas eminencias, tomou-o pela paragem indicada em suas instrucções, e ahi estabeleceu o presidio de Nova Coimbra (1775), aos 19° 55' de lat. austral. Em seguida mandou o mesmo capitão general, em 1778, fundar a povoação de Albuquerque, hoje Corumbá, e providenciou de maneira a sustentar-se como de Portugal o territorio da margem direita do Paraguay, desde Nova Coimbra até o Jaurú, do mesmo modo porque a Hespanha conservava como seu o territorio que se estende ao norte do Jejuy (tratado de 1750, repetido pelo de 1777), ou, pelo menos, ao norte do Ipané-Guazú (accordo condicional celebrado em virtude das duvidas levantadas pelos demarcadores hespanhóes). Do engano que impedio ir a expedição occupar o verdadeiro *Fecho dos Morros*, resultou fundarem os hespanhóes o *forte Bourbon* ou *Olympo* (1792), acima desse lugar e abaixo de Nova Coimbra, e o fortim de *S. José* na margem esquerda do Apa, invadindo tambem a nossa fronteira oriental á mão armada e em plena paz, como o fizeram em 1796 e 1797. Para obstar semelhantes procedimentos, mandou o capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1797, estabelecer o presidio de *Miranda*, á margem do rio do mesmo nome, galho do Emboteteú ou Mondego, perto do sitio em que existiu a chamada *cidade de Xerez*, fundada em 1580 pelos Hespanhóes, e destruida no seculo XVII pelo Paulistas. Deste presidio se abriram communicações por terra com o de Nova Coimbra, cujas fortificações começáram a ser levantadas no mesmo anno de 1797. Foi tambem de Miranda que partio, durante a guerra de 1801, a expedição dirigida pelo capitão Francisco Rodrigues do Prado, que apoderou-se do fortim de S. José, no Apa (1° de Janeiro de 1802), aprisionando os officiaes e soldados que o defendiam, e destruindo-o completamente.

Assim estavam as cousas quando cessou na America o dominio de Hespanha e de Portugal, constituindo-se as suas colonias em estados independentes. E' fóra de duvida, pois, que os novos estados só podem allegar direito aos territorios sobre que exercem perfeita soberania.

Si Portugal, em vista do ultimo tratado, que é o de 1777, não podia occupar o sitio

resistiu a um ataque de 600 soldados hespanhóes (1). No interior estão alojados os soldados da guarnição e os condemnados. Algumas familias de lavradores e soldados casados moram fóra, sob a protecção das muralhas. Estava armado, como todos os fortes da fronteira brazileira, e pouco antes um pequeno vapor de guerra trouxera da capital, Cuyabá, munições de guerra. Esse vapor, o *Anhambahy*, estava ainda ancorado diante do forte (2). A' excepção de algumas barracas baixas e cobertas de folhas de palmeiras e de uma casa para os poucos officiaes ahi existentes, não havia no interior do forte edificio algum. Suas peças dominavam o apertado canal de 1350 pés, que os navegantes chamam Estreito de S. Francisco. Este estreitamento do rio Paraguay, que em geral é largo, torna o forte de grande importancia.

A guarnição consistia em 155 soldados sob o commando do tenente coronel Porto Carrero (3), que ás suas ordens tinha, entre outros officiaes, o capitão Conrado e o 2° tenente Oliveira Mello (4). Além dos soldados havia 17 presos, 10 indigenas da tribu Lixagota, 4 empregados da alfandega e

---

em que levantou Nova Coimbra, tambem a Hespanha não podia reter o territorio que se estende ao norte do Jejuy ou Correntes que é o contravertente do Igurey.

O nosso direito á margem occidental do Paraguay até a Bahia Negra, assim como á septentrional do Amazonas desde a boca mais occidental do Japurá, chamada Avati-parana, até Tabatinga, vem de represalia, por haverem os hespanhóes avançado, por um lado, ao norte do Jejuy e mesmo do Ipané-Guazú, e por outro lado, aquem do canal Cassiquiare, pelo Rio Negro abaixo, affluente do Amazonas. Essas represalias foram ordenadas pelo marquez de Pombal. — Vej. PEREIRA PINTO. *A ponts. para o Dir. Int., III;* BARÃO DA PONTE RIBEIRO, *Mem.*, publicada no Rel. do Min. dos Neg. Estr. de 1870; *Protocollos das conferencias de 1856 entre o V. do Rio Branco e Berges* (annexos ao Rel. do Min. dos Neg. Estr. 1857) : LEVERGER, *Breve memoria relativa á corographia de Matto-Grosso*, Rev. do Inst. XXVIII; R. FRANCO DE ALMEIDA SERRA, *Mem.*, Rev. do Inst. II.

(1) Em 1801, e não em 1802, foi Coimbra atacada pelos hespanhóes ás ordens do governador do Paraguay, general Lazaro Rivera Espinosa, e brilhantemente defendida pelo illustre coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que apenas tinha ás suas ordens 42 homens. Intimado para render-se, respondeu elle que « a desigualdade de forças fôra sempre um estimulo que animava os Portuguezes ao combate. » Lazaro Rivera, com a sua esquadrilha e 600 homens de desembarque, atacou o forte desde 16 até 24 de Setembro, mas retirou-se para a Assumpção sem nada haver conseguido. (Vej. *Rev. do Inst.* II e XX; PEREIRA PINTO, *Direito Internacional*, III; CORRÊA DO COUTO, *Dissertação sobre o actual governo do Paraguay).*

« Consiste a fortificação, que é de figura irregular, em baterias que com dez canhoneiras, offerecem fogos cruzados sobre o rio; e dous pequenos baluartes, cujas muralhas são muitos baixas e asseteiradas, bem como as cortinas que unem os ditos baluartes entre si e com as baterias. Estas tão sómente são em terreno horizontal; tudo o mais estende-se pelo morro acima em ladeira assáz ingreme, e o interior do forte fica completamente descoberto » (LEVERGER, *Roteiro da navegação do rio Paraguay*, Rev. do Inst., XXV).

(2) Além do *Anhambahy* estava junto a Nova Coimbra o pequeno vapor *Jaurú*, que o coronel Porto Carrero expedio immediatamente para Coimbra com a noticia da invasão dos Paraguayos.

(3) O coronel Porto Carrero, sendo capitão, estivera antes no Paraguay como instructor de artilharia do exercito d'essa Republica, por occasião das desintelligencias com Rosas. O proprio Solano Lopez fôra seu discipulo e o chamava — *mi maestro.* O tenente Willagran Cabrita, morto por uma bala paraguaya em 10 de abril de 1866 na ilha da Redempção, em frente a Itapirú, foi tambem instructor do exercito paraguayo, e era ajudante de Porto Carrero. Na mesma época tinhamos no Paraguay como encarregado de negocios do Brazil um outro engenheiro distincto, o general Pedro de Alcantara Bellegarde.

(4) O commandante do forte era o capitão Benedicto de Faria, mas, apresentando-se ahi o tenente coronel Porto Carrero, commandante do corpo de artilharia de Matto-Grosso e do districto militar do Baixo Paraguay, assumio este chefe o commando e foi quem dirigio a defeza. Além do tenente coronel e d'aquelle capitão, estavam em Coimbra mais 10 officiaes, todos do corpo de artilharia da provincia : o major Rego Monteiro, os capitães Ferreira Souto e Augusto Conrado, o 1° tenente Camargo Bueno, os 2°s te-

4 lavradores da povoação de Albuquerque (1), que se aggregaram para a defesa, de modo que no total podiam dispor de 190 homens nas muralhas, dos quaes 35 eram artilheiros para o serviço de 5 peças de calibre 12. Tal é a força mencionada por Ferraz, ministro da guerra, em seu relatorio de 1866, ao passo que o tenente coronel Porto-Carrero em sua parte official enumera para cima de 300 homens (2). Em todo o caso a guarnição não era sufficiente para resistir por muito tempo a um rigoroso e bem combinado ataque.

A esquadra paraguaya ancorou na noite de 26 para 27, abaixo do forte, fóra do alcance das peças, e principiou logo a desembarcar tropa e artilharia em ambas as margens do rio. O coronel Barrios, cunhado do presidente Lopez e commandante em chefe da expedição, aproveitando-se de um espesso nevoeiro, enviou ás 8 1/2 da manhã do dia 27 uma chalupa até junto da fortaleza e o coronel Vicente Dappy (3), commandante das tropas de desembarque, intimou ao commandante do forte que se rendesse ; mas recebendo a merecida resposta militar, regressou para os navios e dirigio o desembarque que durou até ás 2 horas da tarde. Durante a noite as tropas de desembarque com seus atiradores achegaram-se o mais possivel do forte e o commandante Porto Carrero recolheu os postos avançados logo que pôde reconhecer a grande superioridade do inimigo. A canhoneira imperial *Anhambahy* começou a accender as fornalhas, mas quando a nevoa deixou perceber a esquadrilha ancorada postou-se no meio do canal e descarregou sua artilharia com visivel resultado sobre as tropas desembarcadas. Essa canhoneira só tinha 2 peças de 32 e não podia acceitar combate com 5 vapores de guerra. Estes tambem não a procuraram antes de desembarcarem toda a tropa e ficarem desimpedidos. A fortaleza e a canhoneira nada podiam conseguir contra as tropas desembarcadas, que avançavam encobertas por espesso bosque de tamarineiros. Quando alguma columna por momentos se tornava visivel, recebia logo uma descarga. Em ambas as margens do rio descreviam os Paraguayos longos circuitos para encobrirem a marcha. Os navios paraguayos, que primeiro se desembaraçaram da tropa, approximaram-se do forte e atiraram algumas bombas, mas sem proveito, porque os projectis arrebantavam diante das muralhas. Ao meio dia devia estar completo o cerco pelo lado de terra, porque os navios suspenderam o fogo. Então a infantaria, que se tinha chegado o mais possivel do caminho coberto, começou o fogo de fuzilaria,

---

nentes Monteiro de Mendonça, Paulo Corrêa, Ferreira da Silva, Oliveira Barbosa, Fernandes de Andrade e Oliveira Mello, e o 2º cirurgião Pereira do Lago. Ao todo, 12 officiaes, 1 cirurgião, 9 sargentos e 93 cabos e soldados, ou 115 praças. (Vej. o officio 108 de 22 de Setembro de 1865 do presidente de Matto-Grosso ao ministro da guerra, e a informação dessa data do tenente coronel Porto Carrero).

(1) Segundo a informação de 22 de Setembro citada, tinhamos em Coimbra 115 homens de guarnição. O coronel Porto Carrero diz, em sua parte official de 30 de Dezembro, que essa guarnição foi coadjuvada por 10 indios cadiuéos da tribu do capitão Lixagota, por 4 vigias da alfandega, por 3 ou 4 paisanos de Albuquerque e por 17 presos. Ao todo, 150 homens. Na informação de 22 de Setembro, porém, diz que foi coadjuvado por 5 guardas nacionaes de Albuquerque, 5 guardas da alfandega de Corumbá, 1 paisano, 1 operario contractado, 1 sargento e 9 cabos e soldados presos, além de 8 presos de justiça. São, pois, 30 homens. Com os 10 indios do capitão Lixagota, são 40 auxiliares, o que eleva a 155 o numero dos defensores do forte.

(2) Ha engano do autor. Porto Correro não diz semelhante cousa em sua parte official.

(3)Este nome apparece na parte official de Porto Carrero, mas não havia official algum paraguayo assim chamado. O chefe da expedição era o *coronel Vicente Barrios*. Sua assignatura, na intimação enviada ao forte, foi mal decifrada, e d'ahi veio este — Vicente Dappy, — que tambem figura no relatorio do ministerio da guerra de 1866.

respondido com vigor pelas 2 baterias. O combate durou até ás 7 horas da noite de 27 e cessou por causa da escuridão, recolhendo-se de novo para bordo a maior parte da tropa; disposição esta inexplicavel em taes circumstancias, porque Barrios não podia ignorar a fraqueza da guarnição, nem receiar uma sortida. Apezar do vigoroso fogo de artilharia e fuzilaria, não houve no forte um só ferido ou morto: todos os defensores, porém, estávam extenuados de fadiga.

Na manhã do dia 28 puzeram os Paraguayos em acção as suas baterias fluctuantes, dando-lhes melhores posições do que na vespera, e o *Anhambahy*, não ousando affrontar essas peças de 68, conservou-se tranquillo, reservando-se para a inevitavel retirada da guarnição, porque pela disposição dos Paraguayos, na manhã de 28, se percebia o plano de um ataque mais vigoroso em que aproveitassem as ventagens da localidade. De feito fizeram durante toda a manhã um vivo fogo dos navios e de duas baterias collocadas atraz de um matto de cactos e tamarineiros, e em seguida emprehenderam o assalto. Muito soffreram os assaltantes, por impericia ou por conhecerem pouco o terreno, pois em toda a esplanada floresciam cardos (Cereus, Echinocactus e Mamillarias) tão cerrados, que impediam uma rapida avançada até ao caminho coberto. Cada passo para diante era embaraçado pelo matto de espinhos, e o fogo do forte produzia grande estrago. Desde esse primeiro combate deram os Paraguayos mostras de indomavel coragem e daquella pertinacia, que se não desmentio no decurso de toda a guerra. Apezar de consideraveis perdas, pois só no espaço livre da esplanada foram achados mais de 100 cadaveres (1), avançaram até ao fosso e só pararam diante de uma muralha de pedra de 14 pés de altura (2), que não podiam galgar sem escadas e outros meios de assalto. Houve descargas de ambos os lados, naturalmente sem effeito decisivo, e por fim o coronel Barrios mandou tocar a retirada. Durante esta pausa, só interrompida pelos gemidos dos Paraguayos prostados entre os cactos, avistavam-se do forte columnas inimigas, compostas das tres armas, atravessando o rio. Das participações officiaes que timevos de ambos os lados, não é possivel averiguar se eram as tropas que tinham ficado a bordo, ou as que logo no primeiro desembarque foram para a margem esquerda do rio, ou se finalmente a divisão que por terra marchára da Conceição (3). Em todo o caso, á vista desse reforço era provavel segundo ataque, quer durante a noite, quer na manhã seguinte, tanto mais quanto com estas tropas se podia montar terceira bateria contra o forte.

Apenas o inimigo se retirou ás 7 horas da tarde, o tenente-coronel Porto Carrero mandou que dous piquetes, commandados pelo capitão Augusto Conrado e pelo 2º tenente Oliveira Mello, sahissem, auxiliando-se reciprocamente, a recolher os feridos e apanhar alguns prisioneiros, para que se

---

(1) O *Semanario* publicou a parte official de Barrios sobre o ataque e occupação de Coimbra, mas não a relação dos mortos e feridos, a que esse documento se refere. Sómente alguns dias depois declarou em um de seus artigos que Barrios havia tido em Coimbra 42 mortos, 164 feridos e 1 prisioneiro, ou 207 homens fóra de combate. Não deve merecer grande fé tal declaração, porque o *Semanario* procurou sempre, com o maior cuidado, diminuir as perdas dos seos. Mas quando mesmo fosse apenas essa a perda do inimigo, é fóra de duvida que os defensores de Coimbra, 115 praças e 40 guardas nacionaes, paisanos, indios e presos militares ou de justiça, souberam servir-se das armas de que dispunham.

(2) Inexacto. Não havia fosso, e a muralha atacada apenas tinha uns 5 pés de altura, e em alguns logares menos.

(3) Essa não era, porque seguio direcção diversa, invadindo por Bella Vista e Dourados.

pudesse ter conhecimento da força, recursos e intenções do inimigo. Trouxeram 18 feridos para o forte e 85 espingardas abandonadas, e contaram mais de 100 cadaveres no espaço que ousaram explorar, porquanto os Paraguayos estavam no matto e dahi se ouviam os gemidos dos feridos. Interrogados os prisioneiros, e não se colhendo informações seguras, o commandante, á vista da communicação recebida, vendo que as munições já eram escassas para o dia seguinte, reunio em conselho de guerra todos os seus officiaes e o commandante do vapor *Anhambahy*, capitão-tenente Balduino de Aguiar, para deliberar a respeito da possibilidade de uma ulterior defesa. Soube-se então que desde o dia 28 teria havido falta de munições se 70 mulheres, refugiadas no forte, não tivessem gasto a noite inteira em fazer cartuxos, o que não era já possivel, por causa do cansaço. Não se podia esperar, á vista do desguarnecimento da provincia, que viessem tropas de soccorro, e, possuindo os Paraguayos todos os meios de ataque, era de prever a final rendição do forte e perda da guarnição inteira. Com todos esses contratempos só se conseguiria, sustentando a posição, uma victoria brilhante para o inimigo, ao passo que pela evacuação podia-se ao menos salvar alguma gente para resistir em outros pontos. O commandante do *Anhambahy*, poz seu navio ás ordens do coronel, e ás 11 horas da noite effectuou-se o embarque na melhor ordem, sem ser presentido ou ao menos molestado pelos Paraguayos, nem ficar um só Brazileiro abandonado (1).

A evacuação desse forte é um facto curioso para a historia militar: 8 navios paraguayos, entre elles 5 vapores (2) e algumas chatas, não ouvem, em um ponto tão estreito do rio, o movimento do vapor brazileiro e deixam-n'o evadir-se com toda a guarnição. Este acontecimento singular só se explica por não haver um unico dos navios do coronel Barrios subido o rio até acima do forte, e demonstra que, apezar da superioridade numerica, havia medo das peças da fortaleza. E' verdade que sem especial conhecimento da localidade não se póde julgar imparcialmente, e, por isto, nos limitamos a notar o facto.

A respeito das circumstancias particulares do assalto de 28, sabemos pelas relações paraguayas, que a guarnição do forte arremessou granadas de mão sobre os assaltantes que avançaram até ao fosso (3), e que o coronel Luiz Gonzalez, com os 750 homens do 6º batalhão, tentando o assalto, perdeu 200 homens, entre mortos e feridos, e recebeu um ferimento. Durante a noite arranjaram páos, taboas e escadas para se renovar no dia seguinte com todo o vigor o assalto. Na tarde de 28 tinham conseguido sete Paraguayos com extraordinario esforço galgar a trincheira, mas foram todos mortos pelos Brazileiros. Com o material do corpo dos pontoneiros e com as escadas esperava Gonzalez, pela superioridade do numero, annullar os esforços da defesa. No emtanto adiaram os chefes paraguayos o assalto para o dia 29 e mandaram as columnas avançar ás

---

(1) Barrios em sua parte official diz que a guarnição abandonou a bandeira que fluctuava no forte, e a do corpo de artilharia de Matto-Grosso. Inteiramente inexacto. A bandeira do forte foi levada para Cuyabá pelo coronel Porto Carrero, e a do corpo de artilharia chegou á mesma capital no dia 30 de Abril quando ahi entrou o 2º tenente Oliveira Mello. A unica bandeira tomada pelos paraguayos em Matto-Grosso foi a do vapor *Anhambahy*. Barrios só enviou de Coimbra pedaços de uma bandeira velha, que por esquecimento não foram inutilisados. Tudo isso foi resgatado em Dezembro de 1868 pelo duque de Caxias depois da victoria de Lomas Valentinas.

(2) Eram já então 8 vapores, 2 escunas, 1 patacho e 2 lanchões.

(3) Diz isso Barrios, mas nem havia fosso, nem a guarnição servio-se de granadas.

2 horas da tarde (1), ficando, porém, assombrados, ao encontrarem o forte completamente deserto. Instrumentos e bagagens não levaram os Brazileiros, mas em compensação não deixaram um só morto ou ferido, porquanto o fogo dos Paraguayos, ainda que muito activo, não occasionára perdas nem damno sério á fortificação.

Era um successo favoravel, mas não uma victoria. E' certamente honrosa a resistencia durante tres dias de uma guarnição insignificante pelo numero e não affeita á guerra (2), contra um inimigo habilmente fanatisado, pelo menos dez vezes mais numeroso (3) e provido de todos os meios, mas tambem não deixa de ser honroso o ataque paraguayo do dia 28, bem que mallogrado, porque só merece a censura de ter sido emprehendido sem o material de assalto (4). Barrios enviou a noticia do triumpho para

---

(1) Ha engano. Logo na manhã de 29 os Paraguayos viram das alturas proximas, que o forte estava abandonado. Avançaram ás 2 horas, mas no dia 28 e não 29.

(2) Por decreto n. 3492 de Julho de 1865 foi concedida uma medalha aos officiaes, praças e voluntarios que compuzeram a guarnição do forte Nova-Coimbra nos dias 26, 27 e 28 de Dezembro de 1864. A fita, da largura de dous dedos, tem duas listras encarnadas nas extremidades e listra pretra no centro. A medalha tem no anverso a inscripção. — *Valor e Lealdade;* e no reverso, — *26, 27 e 28 de Dezembro. Forte de Coimbra, 1864.* — Uma bombardeira da esquadra imperial tomou o nome de *Forte de Coimbra.*

(3) Os Paraguayos tinham junto a Coimbra força mais de 30 vezes superiores ao numero dos defensores do forte.

(4) Precisamos rectificar a narrativa que da expugnação de Coimbra faz o Sr. Schneider. Si elle conhecesse todos os documentos officiaes, tanto de fonte brazileira como paraguaya, e, sobretudo, si pudesse ter visto uma planta de Coimbra e da região visinha, comprehenderia logo que os paraguayos e o seu general Barrios não merecem louvores, pois deante da fraca é insustentavel fortificação brazileira mostraram-se neste primeiro ensaio de suas armas escandalosamente inhabeis e pusilanimes.

Na obra de Moutinho *(Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso)* e na de Bossi *(Viage pintoresco)* encontrará o leitor, que quizer informar-se por miudo dos factos, uma vista de Coimbra, e no Archivo Militar a planta da fortificação.

Coimbra é dominada por duas eminencias a cavalleiro, uma á margem direita, pela retaguarda da fortificação, e outra á margem esquerda, pela sua frente. Esta ultima é conhecida pela denominação de Morro Grande ou da Marinha, e havia sido fortificada ligeiramente pelo chefe da esquadra Leverger quando em 1855 estivémos a ponto de romper com o Paraguay.

O forte, que era de figura irregular, estava assentado na base da ingreme montanha da direita, de sorte que apenas as baterias que davam sobre o rio tinham a conveniente altura, e esta ia diminuindo á proporção que a muralha se affastava da margem. Como o terreno se eleva consideravelmente, construira-se no fundo do forte uma simples muralha ou parapeito aberto em seteiras, com uns 5 pés de altura, o qual subia pela montanha, e fechava, entre a plataforma do forte e o cimo do cerro, um espaço não pequeno de ladeira. Para se chegar das baterias á extremidade superior desse parapeito, que ficava em nivel muito mais alto que as baterias, abriram-se em muitos logares degráos no solo. Hoje Coimbra está reedificada, e é provavel que não se ache no mesmo estado em que os paraguayos a encontraram em 1864. Como estava então era posição insustentavel, pois não havia fortificação alguma nem no cimo do morro da direita nem nas alturas da margem esquerda. Destas e do río podia o forte ser batido de frente, varrendo tambem a artilharia inimiga toda a ladeira comprehendida pelo parapeito asseteirado, isto é, tomando pela retaguarda os defensores do parapeito, que assim ficavam pelas costas expostos desde os pés até a cabeça. Ao mesmo tempo, occupando o inimigo o cimo da montanha em cuja base estava o forte, podia muito a seu salvo fulminar pela retaguarda as baterias que dão sobre o rio e todo o recinto da fortificação. Um assalto era cousa simples, porque o parapeito não tinha fosso e era da altura de um homem. Descendo o monte com o impulso da carreira, e soffrendo apenas o fogo de fuzilaria de 80 homens, unicos que o coronel Porto Carrero pudera distribuir pelas seteiras da retaguarda, porque 35 estavam occupados com 5 peças montadas em bateria sobre o rio, e os 40 restantes sustentavam o fogo de fuzilaria em seis banquetas da mesma bateria, parece incrivel que o famoso 6º batalhão paraguayo, dirigido por Luiz Gonzalez, e que, segundo Thompson, contava 750 homens, não houvesse tomado, logo no primeiro impeto, o parapeito do fundo, com o que estaria tomada toda a fortificação. Essa força, como se vê, investio o forte tendo sobre os nossos vantagem immensa, mas os paraguayos,

Assumpção, onde produzio grande jubilo, e sem perda de tempo seguio com a expedição contra Albuquerque e Corumbá.

---

e com elles Barrios, Mesa e Gonzalez, mostraram deante de Coimbra uma timidez inconcebivel. Certas circumstancias podem talvez explicar o facto. Além de serem os assaltantes soldados novos, que nunca haviam entrado em fogo, chegaram a Coimbra suppondo encontrar ahi o capitão Benedicto de Faria com 40 e tantos homens apenas, e acharam-se na presença do coronel Porto Carrero, que tinha no Paraguay grande nomeada como official bravo e excellente artilheiro, e o prestigio de haver sido instructor do exercito paraguayo, mestre de muitos dos seus officiaes e amigo particular e companheiro de casa de Solano Lopez em Humaitá e no Passo da Patria. A expedição de Barrios havia ancorado no dia 25 a curta distancia do forte, para dar lugar a que se lhe reunissem os navios mais atrazados, e do sitio que então occupavam ouviram os invasores um fogo bem sustentado de artilharia e fuzilaria. Barrios ordenou que um dos seus vapores se adiantasse para reconhecer o forte, e os exploradores voltaram com a noticia de que a guarnição fazia exercicio e atirava ao alvo. Com effeito, apezar de não acreditar no rompimento do Paraguay, o coronel Porto Carrero quiz preparar para a defesa os seus soldados, que, perfeitos no manejo das armas de infantaria, pela maior parte deixavam muito a desejar como artilheiros, e no dia 25 fez um exercicio geral, simulando-se que o forte era atacado, tomando toda a guarnição seus postos de combate, e atirando-se a bala sobre alvos collocados na margem fronteira e em varios pontos da margem direita. Estes alvos, que no dia 27 ainda se achavam em seus lugares, infundaram verdadeiro terror aos paraguayos, particularmente nos seus navios, que não ousaram de modo algum transpol-os.

Na noite de 26 de Dezembro fundeou a expedição uma legoa abaixo de Coimbra, e só ao romper do dia 27, dissipado o nevoeiro, ás 5 horas da manhã, foi avistada pelas sentinellas e vigias do forte. O coronel Porto Carrero distribuio pelo modo acima indicado os seus soldados e os auxiliares, em numero de 155 homens ao todo, e dispoz-se para o combate, fazendo partir para Corumbá o pequeno vapor *Jaurú*, com a noticia da invasão e de achar-se entre os navios inimigos o paquete *Marquez de Olinda*, armado com 8 peças de artilharia. A's 8 1/2 da manhã, recebeu a intimação de Barrios, e dentro de 10 horas, começou o desembarque dos paraguayos nas duas margens.

O *Anhambahy*, passando pelo forte, atreveu-se a avançar, e, ás 10 1/2, com os seus 2 rodisios de 32, produzio grande estrago nas forças que marchavam pela margem esquerda a occupar a fralda do Morro da Marinha, fronteiro ao forte, e que constavam de infantaria e duas baterias de artilharia montada, com 12 peças. A's 10 3/4 adiantou-se vagarosamente, e como que hesitando, a esquadrilha paraguaya. O *Anhambahy* retrocedeu então, collocando-se acima do forte. A's 11 horas a esquadrilha de Mesa rompeu de longe um inutil bombardeamento, sem que os nossos respondessem porque os projectis paraguayos apenas chegavam a meia distancia. Quando a artilharia inimiga se aproximou da margem fronteira, na borda do Morro da Marinha, até onde avançara encoberta pelo matto, o *Anhambahy* e o forte começaram o fogo, ás 2 horas da tarde. No forte estavam montadas, 11 peças, mas apenas 5 trabalhavam porque só tinhamos 35 artilheiros disponiveis, que, felizmente, eram tão dextros em sua arma como o resto do corpo de artilharia de Matto-Grosso o era no uso da espingarda e da bayoneta.

Os paraguayos que haviam desembarcado na margem direita, appareceram no cordão de matto que circumda o forte, com mostras de quererem assaltal-o, pois comquanto fizessem fogo de fuzilaria por detraz das arvores, avançaram por vezes, com passo incerto, mas retrogradaram sempre, pelo fogo das 5 peças do forte e das 2 do *Anhambahy*, que atiravam por elevação, e pela incessante fuzilaria das banquetas e das seteiras do parapeito. « O vapor *Anhambahy*, » confessa Barrios em sua parte official, « coadjuvou muito a defesa; » e, referindo-se aos nossos atiradores, diz que o fogo de fuzilaria era « increible. »

O fogo do inimigo foi pessimamente dirigido, a ponto de não termos nos 2 dias de bombardeamento, um só ferido. As balas das peças volantes estabelecidas na fralda do morro fronteiro e as dos navios causaram grandes estragos, tanto no dia 27 como no 28, entre os proprios paraguayos que se achavam em terra.

A' noite Barrios fez reembarcar a gente que tinha na margem direita, isto é, no lado em que se acha Coimbra. Não havia procedido ao mais ligeiro reconhecimento, o que lhe seria facilimo, e por iso receiou que o coronel Porto Carrero tivesse guarnição sufficiente para fazer alguma sortida.

No forte apenas havia 12.000 cartuchos embalados, e destes mais de 9.000 foram consumidos no dia 27. Foi preciso que 70 mulheres, que se achavam no forte, e alguns soldados e officiaes, que puderam deixar os parapeitos, trabalhassem a noite inteira em pre-

O *Anhambahy* navegou a todo o vapor de Nova-Coimbra até Albuquerque (1), desembarcando ahi uma parte da guarnição, porque levava mais do que a lotação, e continuou para Corumbá, onde estava o quartel-general do chefe militar da provincia, e de onde o tenente-coronel Porto Carrero mandou sua participação official para o Rio de Janeiro (2). A tomada de Nova-Coimbra produziu em Albuquerque e Corumbá tal terror que da primeira d'essas povoações fugiram todos os habitantes e da segunda os mais abastados, espalhando-se em todas as direcções. A pequena força militar, que por ahi estava retirou-se para Cuyabá, e tornou facil aos Paraguayos a occupação d'esses dous pontos.

Albuquerque (3) é uma pequena povoação á margem direita do Paraguay. Foi creada n'este seculo, formando-se de um primitivo destacamento militar da fronteira. Sob a protecção da guarda estabeleceram-se nas visinhanças algumas tribus de indios Guaycurús (4). Exactamente no tempo

---

parar cartuxame para a infantaria. Assim (diz a participação official do coronel Porto Carrero) poude a guarnição no dia 28 dispôr de 6.000 e tantos cartuxos, tendo sido necessario machucar com pedras e pequenos cylindros as balas de adarme 17 para accommodal-as ás espingardas á Minié.

Na madrugada de 28 desembarcaram de novo os paraguayos na margem direita, abaixo de Coimbra, e, por entre as arvores, foram subindo o morro em que está a fortificação, e estabeleceram na parte superior do mesmo uma estativa de foguetes á congrève. A's 7 horas da manhã rompeu o fogo de parte á parte, revelando-se os paraguayos, como no dia anterior, pessimos atiradores.

Foi ás 2 horas da tarde que os 750 homens do 6º batalhão, dirigidos pelo major, depois coronel, Luiz Gonzalez, lançaram-se ao assalto. Não o fizeram, porém, com o ardor de que Barrios falla em sua parte official, porque se assim fosse teriam tomado immediatamente o forte. Avançaram até o parapeito, de 4 a 5 pés de altura, e foram cruelmente dizimados pela fuzilaria das seteiras e pelas metralhas do *Anhambahy*. Diante das certeiras balas dos nossos 80 atiradores, dirigidos pelo 2º tenente Oliveira Mello, estacaram os paraguayos, e começaram, em columna, a soffrer o fogo dos seus proprios navios, que, enfurecendo-se contra os defensores do forte, não fizeram mais do que lançar bombas e balas que iam cahir sobre os assaltantes. Em alguns pontos o parapeito era tão baixo, que com o declive da montanha podia um homem, correndo, saltal-o facilmente. Instigados por Gonzalez e por seus officiaes, os soldados paraguayos procuraram galgar o parapeito, mas foram sempre repellidos á bala ou bayoneta. Apenas 8 saltaram dentro do forte, ficando 1 prisioneiro e os outros mortos.

Gonzalez foi ferido, e perdeu neste assalto, segundo Thompson, 200 homens entre mortos e feridos. O proprio *Semanario*, como já vimos, confessou que ficaram fóra de combate 207 homens. Do nosso lado não houve perda alguma.

A's 7 da noite cessou o fogo do inimigo, e Porto Carrero fez sahir duas partidas ás ordens do capitão Conrado e do 2º tenente Mello, que voltaram algum tempo depois conduzindo 85 espingardas abandonadas e 18 feridos, havendo contado muitos cadaveres. Soube-se então que o inimigo desembarcara novas forças, e 4 peças que se dirigiam para o cimo do monte. Tendo sido empregados nesse dia uns 5.000 cartuxos, só restavam 1.000; as balas de adarme 17, que serviam para a transformação acima referida, estavam acabadas, e extenuados de fadiga todos os soldados, auxiliares e mulheres. Porto Carrero reunio em conselho os officiaes e o commandante do *Anhambahy*, e resolveu-se por unanimidade de votos a evacuação do forte. Momentos depois fez-se esta operação. Ficaram no forte os 18 feridos paraguayos e o operario contractado de que faz menção em uma nota anterior, o qual se havia embriagado, e não foi encontrado no momento do embarque.

(1) A 13 leguas de Coimbra o *Anhambahy* encontrou o chefe da flotilha com os vapores *Jaurú* e *Corumbá*, que desciam do porto deste nome, levando para aquelle forte um reforço de 50 artilheiros e 2 officiaes. Voltaram então os dous vapores para Corumbá, acompanhando o *Anhambahy*, que desembarcou em Albuquerque, como diz o Sr. Schneider, parte da guarnição de Coimbra.

(2) Parte official, escripta em 30 de dezembro.

(3) Tambem chamada *Albuquerque Novo*. Fica 14 legoas ao norte de Coimbra, em uma eminencia, a uma legoa do rio.

(4) As aldêas dos indios Guaycurús, Kinikináos, e Guanás que lá existiam eram anteriores á creação do povoado. Foi para catechisal-os que se fundou a *Missão da Miseri-*

em que rompeu a guerra tratava-se de fortificar o lugar, mas a rapida e inesperada invasão dos Paraguayos não deu tempo para isso. Como o forte perto de Corumbá tambem se chama Albuquerque (1), as participações militares durante a occupação foram mais de uma vez confundidas, o que deu origem a muitos enganos. O forte em cuja visinhança se desenvolveu o povoado aberto de Corumbá, foi edificado em 1778, e era igualmente um presidio ou posto da fronteira, junto ao qual se foi formando uma população mixta de indios, portuguezes e mulatos. Essa povoação adquiriu alguma importancia com a liberdade da navegação no rio Paraguay. Quando se trata de uma guarnição n'esses fortes ou pequenas povoações, quer isso dizer um destacamento de 15 a 25 homens, que não passam de uma guarda policial ou de vigias da alfandega.

Ao tempo em que no Estado Oriental succumbia Paysandú diante da força dos Brazileiros e dos colorados Orientaes, occupavam os Paraguayos Albuquerque em 31 de Dezembro (2), e Corumbá em 3 de Janeiro, tendo o commandante das armas, coronel Oliveira, ordenado a evacuação d'este ultimo lugar no dia 2. A bordo do *Anhambahy*, de algumas chalupas e barcas dirigiram-se cerca de 500 pessoas para Sará, na confluencia do S. Lourenço com o Paraguay ,e d'ahi demandaram por terra a cidade de Cuyabá, capital da provincia. Os artilheiros, que em Nova-Coimbra com tanto denodo se haviam batido, reunindo-se com os que se achavam em Corumbá (corpo de artilharia de Matto-Grosso) embarcaram-se em uma escuna mercante e, sob o commando do já mencionado 2° tenente João de Oliveira Mello acompanharam o vapor; o mesmo fez um contingente do 2° batalhão de artilharia (3). Quando ao subir o rio esse official de repente avistou o fumo de dous vapores paraguayos, mandou sua gente sahir das

---

cordia. Em 1827 para lá foi o quartel do commando geral da fronteira. Em 1835, creou-se uma freguezia que comprehendia Coimbra, Albuquerque e Corumbá. A população total de Albuquerque em 1862 avaliava-se em 500 e tantas almas, afóra 1.000 indios, quasi todos de nação guaná, que residiam em duas aldêas, uma junto, a outra 3 leguas no *Matto Grande*. (A. Leverger, *Roteiro*, etc.). Ia prosperando muito, quando foi destruida pelos Paraguayos. Os indios guanás, levados então prisioneiros, foram libertados em 1869 pelos Brazileiros depois das victorias do principe Conde d'Eu em Peribebuy e Campo Grande.

(1) Albuquerque Velho, ou Corumbá. Povoação fundada em 1778 pelo governador Luiz de Albuquerque e Caceres. Fica umas 19 leguas ao norte de Albuquerque. Ao romper a guerra prosperava rapidamente e contava mais de 1,000 habitantes.

(2) No 1° de janeiro.

(3) Em Nova Coimbra estava parte do corpo de artilharia de Matto-Grosso e em Corumbá a maior parte do 2° batalhão de artilharia a pé, como já vimos.

O commandante das armas em officio de 28 de Dezembro participava ao presidente a chegada dos paraguayos a Nova Coimbra e accrescentava : — « Vai já para alli regressar o vapor *Jaurú* que nos trouxe esta noticia, indo a seu bordo o chefe da flotilha e uma força de 50 praças com 2 officiaes do 2° batalhão de artilharia a pé. Viva animação reina em todos geralmente, sem excepção de militares e paisanos, que se me tem vindo offerecer voluntariamente para a defesa do paiz. Segundo informação do commandante do *Jaurú*, quando dali largou já havia rompido o fogo. Posso affirmar a V. Ex. que não falta á nossa gente patriotismo, orgulho e valor, mas nossos recursos tanto de pessoal, como de armamento e material de guerra, e quiçá de generos alimenticios, para circumstancias taes, são escassos e de V. Ex. espero prompto soccorro. »

Mas que soccorro podia o presidente enviar para que Corumbá, sem fortificações, com 23 peças, das quaes algumas não se achavam em estado de servir, e apenas 500 e tantos defensores, inclusive os paisanos armados e a guarnição que chegava de Coimbra, resistisse com vantagem ao ataque de Barrios, que dispunha de mais de 4.000 homens, de uma respeitavel divisão naval, e de mais de 60 bocas de fogo, contadas as das esquadra?

Sem confiança no bom exito da defeza de Corumbá, mas acreditando que o commandante das armas estivesse disposto a resistir até a ultima extremidade para demorar a subida dos Paraguayos, escreveu o presidente em 11 de Janeiro ao ministro da guerra :

embarcações e fugir pela terra a dentro (1) : exemplo este que foi seguido por alguns botes com habitantes de Corumbá. Por espaço de oito dias estes infelizes vararam pantanos e bosques; não podendo porém proseguir pela fome e pelo cansaço, pararam em uma fazenda do interior, contando já mais de 100 doentes graves. Tambem os Paraguayos, encontrando as embarcações abandonadas, mandaram tropa perseguir e dispersar os fugitivos, dos quaes a maior parte pereceu, escapando comtudo os artilheiros.

Entretanto, continuara o *Anhambahy* sua marcha para Sará, onde desembarcou o commandante das armas com os soldados, que se dirigiram por terra para Cuyabá. O vapor continuou a navegar, mas foi perseguido no dia 6 por 2 vapores paraguayos (2); um delles, o *Yporá*, commandado

---

— «... *A não ser um valor sobre-humano*, é de suppôr que á esta hora esteja o Corumbá em poder do inimigo, podendo-se, porém, asseverar que muito cara lhe custaria essa victoria. »

Não aconteceu assim. Com a chegada do *Anhambahy*, conduzindo a guarnição de Nova Coimbra, e a noticia do grande poder de que dispunha o inimigo, o commandante das armas julgou inutil tentar defender esse ponto, e resolveu evacual-o immediatamente. No dia 2 de Janeiro fez embarcar precipitadamente no *Anhambahy*, no *Jaurú*, na escuna argentina *Jacobina*, propriedade de um italiano, e em varias lanchas, a tropa que havia em Corumbá, e muitos dos principaes habitantes, seguindo rio acima em demanda da capital.

Em officio n. 34 de 22 de Abril de 1865, disse o presidente da provincia ao ministro da guerra :

« Tenho a honra de passar ás mãos deV. Ex. a inclusa cópia authentica do extensissimo officio datado de 28 do mez proximo passado, que dirigiu-me o coronel Carlos Augusto de Oliveira, depois que chegou a esta capital, dando os motivos do fatal abandono que fez da povoação de Corumbá, e da peregrinação em debandada em que andou por espaço de 2 mezes com a força que devia defender o dito ponto. Dessa exposição se conhece que o coronel Oliveira, então commandante das armas da provincia, ou não esperava os Paraguayos na fronteira do Baixo Paraguay, ou não tinha intenção de repellil-os, porque nenhuma providencia efficaz deu para isso, e nem soube utilisar-se dos recursos de que podia dispôr para uma heroica defeza. E' muito de notar-se que estando á sua disposição os armazens de Cuyabá, Miranda, Dourados e Corumbá, nos quaes havia grande cópia de munições de guerra, fosse o forte de Coimbra evacuado *por falta de cartuxos de fuzilaria*, tendo o dito coronel chegado a Corumbá em Outubro, e sendo aquelle forte atacado em fins de Dezembro... E' tambem para notar que oppondo-se o commandante da flotilha a que se abandonasse o ponto de Corumbá, tomasse o coronel Oliveira sobre si a resolução de abandonal-o sem o parecer de um conselho de officiaes. Ainda mais : tendo o mencionado coronel chegado, como disse, em Outubro á povoação de Corumbá, sahindo desta capital, onde ha um arsenal de guerra, com o 2º batalhão de artilharia a pé, só conhecesse que não havia cartuxos sufficientes na occasião em que os devia empregar contra o inimigo, havendo-os aliás em muito grande abundancia nos Dourados, por onde passou, e em Miranda onde esteve. Levando desta capital operarios, não poude em 2 mezes reparar alguma artilharia de Corumbá, onde deixou para o inimigo 20 e tantas bocas de fogo. Polvora não podia faltar-lhe, porque até mandou em um hiate, para cima, a que julgou não lhe ser precisa. »

Transcrevendo em seu relatorio os trechos que acabamos de reproduzir, disse o general Albino de Carvalho : — «... Expressando-me assim acerca do coronel Oliveira, não tive em vista aggravar a sorte adversa de um camarada, nem insinuar que elle muito podia ter feito por dispôr de consideraveis recursos, porquanto sou o primeiro a declarar que a provincia não tinha os precisos elementos de defeza; da minha exposição o que rasoavelmente se deve concluir é que o coronel Oliveira podia ter feito alguma cousa em honra e gloria das armas imperiaes. »

O grande erro do commandante das armas foi ter prohibido antes a retirada dos habitantes, promettendo até o ultimo momento defender a povoação. « Quando resolveu abandonar o ponto, » diz um estrangeiro que residia na provincia invadida, « tudo foi confusão, e d'ahi tantas desventuras e o sequito immenso de desgraças que acabrunharam essa população infeliz, da qual pequena parte se salvou. »

(1) O 2º tenente Oliveira Mello desembarcou no sitio do Bananal, antes do Sará.

(2) Foi perseguida essa canhoneira por 2 vapores paraguayos, o *Yporá* e o *Rio-Apa*, segundo a parte official de Barrios, ou por 3 vapores, segundo a do chefe da flotilha de Matto-Grosso.

pelo capitão-tenente Herreros, tendo a bordo 6 peças e 1 bello canhão de bronze de 32 no convez, e sendo mais rapido, alcançou o *Anhambahy* (1) no rio S. Lourenço, antes que chegasse o outro vapor paraguayo. Logo que o *Anhambahy* ficou ao alcance de seus perseguidores, deu algumas descargas e matou um official no convez do *Yporá*. Este não respondeu, mas aproximou-se com toda a força á sua preza; encostou-se e deu a abordagem, porque dispunha de infantaria e de uma valente marinhagem. Foi de pouca duração o combate, se é que tal nome merece a confusão que então se deu. Logo que o Yporá atracou á *Anhambahy* e applicou os harpéos nos parapeitos do convez e na armação, a maior parte da tripolação brazileira saltou n'agua (2) e procurou salvar-se a nado para a margem do rio, mas foi morta pela infantaria do *Yporá*. O machinista de bordo, o inglez Baker, saltou tambem n'agua, mas teve a felicidade de chegar são e salvo á terra e de esconder-se no matto. Em poucos minutos estavam os Paraguayos senhores do navio. Todas as pessoas encontradas a bordo foram trucidadas, e as orelhas cortadas dos cadaveres enfiadas em um cordel e dependuradas no mastro grande. Quando, mais tarde, o vapor, voltando para Assumpção, se apresentou com as orelhas, enfiadas e suspensas, suppondo produzir grande effeito, Solano Lopez mandou pôr fóra taes trohéos. Assim o diz Thompson, que estava então ao serviço da republica. O *Semanario* contestou o facto, quando os jornaes de Buenos-Aires, cheios de indignação, levantaram um grande clamor (3).

---

(1) O *Anhambahy* não era propriamente navio de guerra, mas um paquete (Vej. a nota pag. 103). Tinha 2 rodizios de 32, 34 homens de guarnição, e a força de 40 cavallos. O *Yporá* montava 4 peças, e era em tudo muito superior ao *Anhambahy*. Não obstante, o apaixonado Thompson declara covarde a guarnição brazileira porque *não atacou e metteu a pique o Yporá!* E como a bordo do *Anhambahy* havia um piloto inglez de nome Jozias Baker, eleva-o Thompson ao posto de *capitão commandante do navio* e diz que foi a unica pessoa que se portou bem a bordo. Baker dirigio o fogo do rodizio de pôpa, mas lançou-se ao rio, como muitos outros, quando os paraguayos deram a abordagem. Ao *Anhambahy* deu o mesmo escriptor 7 *canhões*. Sobre a artilharia, porém (2 peças), veja-se o *Relatorio da marinha* de 1864.

(2) Barrios declarou ao seu governo que o *Yporá* havia tido 1 official morto, e que « a maior parte da guarnição do *Anhambahy* pereceo, atirando-se ao rio, de onde se salvaram alguns, fazendo-se 7 prisioneiros, entre os quaes o immediato. » O *Yporá* perdeo no combate o cano e soffreu grandes avarias nas caixas das rodas. (Vej. Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso, 297*). — O *Anhambahy* e o *Jaurú* haviam deixado no Sará o commandante das armas, coronel Oliveira, o tenente-coronel Camisão, commandante do 2º de artilharia, a maior parte d'este corpo, guardas nacionaes, empregados da alfandega de Corumbá e familias. O *Jaurú* seguio para Cuyabá, e o *Anhambahy* voltava com o chefe da esquadrilha para dar reboque á escuna *Jacobina*, que já então havia sido abandonada, pelo 2º tenente Mello, no Mangabal, quando avistou os paraguayos. « De prompto, diz Castro Menezes em sua participação official, « foi o *Anhambahy* seguido por 3 vapores inimigos e capturado ás 2 1/2 da tarde » (de 6 de Janeiro, perto do Morro de Caracará). « O *Anhambahy* limitou-se a fazer o fogo que era possivel em retirada, mas o unico rodizio que algum damno fazia ao inimigo ao decimo terceiro tiro desmontou-se, e assim, sendo abordado por um dos vapores que de mais perto o seguia, em uma volta das mais estreitas do rio, e tambem impellido pela correnteza das aguas, foi sobre a barranca e n'essa occasião saltou em terra quasi toda a guarnição; sendo a maior parte de menores do corpo de imperiaes, o que era de esperar á vista da força do inimigo que os atacava. » Entre os mortos ficaram o piloto José Israel Alves Guimarães, que commandava o navio, o commissario Fiuza e o Dr. Albuquerque. O piloto Israel Guimarães não quiz abandonar o seu posto, e morreu pelejando.

(3) As noticias publicadas pelas folhas de Buenos-Aires foram levadas por passageiros do vapor inglez *Ranger*, que subira até Corumbá. Eis alguns extractos :

«... A guarnição do *Yporá* ao chegar á Assumpção, no dia 14 de Janeiro, repartio grande quantidade de generos, roupa e muitos outros objectos, producto dos roubos em Corumbá. O commandante d'esse vapor, André Herreros, tem em seu poder uma caixa de madeira cheia de *achados* de toda a especie, que constituem uma delicada fortuna

O commandante das armas, que opportunamente desembarcara em Sará com muita gente, entre tropa e familias, teve com o maior esforço de atravessar mattos, pantanos e rios, até chegar em principios de Março a Cuyabá com os restos do 2° batalhão e alguma força de artilharia (1). Só em fins de Abril chegou o 1° tenente Oliveira Mello com os artilheiros que tinha feito desembarcar antes de Sará (2).

No Rio de Janeiro causaram desagradavel impressão as medidas adoptadas pelo commandante das armas, e o ministro da guerra as considerou desacertadas. A justa indignação pela perda de grande parte da provincia de Matto-Grosso desvairou o juizo da capital do Imperio, porquanto em 8 de Fevereiro ainda estava quasi intacta a força militar da provincia, á excepção de 2,000 homens de tropa e da guarda nacional errantes nos mattos, isto é, havia ainda 970 homens da guarda nacional em Cuyabá, 805 em Melgaço inclusive 152 soldados de linha, 100 e tantos em Poconé, 581 em Villa Maria inclusive 83 soldados de linha (3). O que podia fazer um commandante militar, á frente de milicias disseminadas em uma vastissima superficie? Como poderia repellir o vigoroso ataque dos Paraguayos, cujo apparecimento inesperado infundira extraordinario terror, pois entregavam ao saque cada povoação e cada fazenda onde chegavam, tratavam os

---

adquirida *á la pampa*. A bordo d'este mesmo vaso está á vista do publico uma corda, contendo orelhas humanas postas a seccar, as quaes pertencem á infeliz tripolação do *Anhambahy*. Com a noticia do *triumpho* das armas paraguayas em Matto-Grosso tem havido em Assumpção grandes festas populares e bailes. Quando o *Ranger* devia partir de Assumpção para Corumbá, o governo paraguayo, sob pretexto de communicações officiaes e garantias ao vapor, mandou como passageiros o alferes Julian Nicanor de Godoy e um assistentes para a expedição. Este official foi recebido a bordo com uma mala pequena e um sacco com officios. Durante a viagem, apezar da dissimulação, deixou perceber o fim de sua missão : estava a bordo como espião. Chegou o vapor a Corumbá, e quando regressámos á Assumpção tivemos de receber o mesmo passageiro, com a differença de que na volta a sua bagagem era extraordinaria, compondo-se de tres malas carregadas de sapatos, chapeos e outros generos, de louça e crystal, e além d'isto dous ou tres saccos cujo conteúdo não foi possivel descobrir-se. O roubo feito em Corumbá chegou até á igreja, cujos sinos se acham hoje em Assumpção. »

Os sinos de que falla esta noticia eram de bronze e tinham as armas imperiaes. Foram collocados nas torres da cathedral de Assumpção.

Quando visitámos essa capital, no mez de Março de 1869, tivemos conhecimento disso pelo *Semanario* de 4 de Fevereiro de 1865. A pedido nosso, foram esses sinos conduzidos então para Corumbá, onde se acham de novo.

(1) Leia-se *com as reliquias do 2° batalhão de artilharia a pé.* — O coronel Oliveira chegou a Cuyabá, no dia 6 de Março com 162 praças desse batalhão e de outros corpos da provincia (Vej. pag. 24 do *Relatorio do Presidente Albino de Carvalho)* e em fins de Abril o 2° tenente Luciano Pereira de Souza com 57 praças do mesmo batalhão, que se achavam dispersas pelos pantanos. Ao todo 219 praças. Não nos foi possivel encontrar no Arch. da Sec. da Guerra os Relatorios d'esses dois officiaes e os officios do presidente de Matto-Grosso.

(2) O 2° tenente Oliveira Mello chegou a Cuyabá em 30 de Abril com 400 pessoas entre soldados, mulheres e crianças que salvou, depois de 4 mezes da mais penosa viagem por lugares nunca percorridos antes. A entrada d'esse benemerito official em Cuyabá foi uma verdadeira festa popular. Da sua comitiva faziam parte 230 praças, de todos os corpos da provincia. Durante a viagem só perdeu 4 praças, aprisionadas pelos paraguayos. A' sua perseverança e á merecida força moral de que gozava deve-se aquelle resultado inesperado e honrosissimo.

(3) Estes dados foram pelo autor extrahidos do officio de 28 de Fevereiro de 1865 do presidente de Matto-Grosso. Além das forças que menciona havia varios destacamentos nos sertões e no districto da cidade de Matto-Grosso, e a pequena flotilha. O Sr. Schneider só se enganou quando disse que *erravam nas mattas 2.000 homens de tropa e da guarda nacional.* O leitor já sabe que não tinhamos na fronteira tanta força. O officio de 28 de Fevereiro refere-se ás praças de linha, da guarda nacional e a todos os *habitantes* que haviam fugido do inimigo em numero de *2.000 pessoas* ao todo. Eis as palavras

habitantes com requintada crueldade, já tinham tomado para cima de 100.000 cabeças de gado e systematicamente devastavam esta região de tão escassa povoação (1)?

O *Yporá*, quando perseguia o Anhambahy, passou em frente á povoação de Dourados, onde a provincia tinha um deposito de armas e munições, guardado por 30 homens sob o commando do tenente Antonio João Ribeiro (2). Emquanto era capturado o vapor *Anhambahy* no rio S. Lourenço, 2 vapores paraguayos sahidos mais tarde de Coimbra desembarcaram 500 homens em Dourados, os quaes acommetteram e debandaram o pequeno destacamento depois de alguma resistencia. Quando o *Yporá* voltou, em 10 de Janeiro, encontrou os 2 navios occupados em carregar polvora, madeira, ferro e machinas, e associou-se á faina. O deleixo da tripolação que levava a polvora de terra para bordo era tal, que a iam entornando por todo o caminho desde os depositos até ao rio. O official, que inspeccionava o transporte, chamou a attenção de seus superiores para a possibilidade de uma explosão. Não se fez caso. O capitão-tenente Herreros, o aprezador do *Anhambahy*, chegou a zombar do previdente official, mandou-o para bordo e encarregou-se de vigiar o trabalho. Apenas, porém, se approximou dos depositos, deu-se uma explosão, que o matou juntamente, com alguns outros officiaes e 23 soldados. O cadaver de Herreros foi levado para Assumpção, onde o presidente ordenou que lhe fizes-

---

do presidente : — « *A gente dispersa* pelos mattos e pantanaes dos rios Paraguay e S. Lourenço é regulada em *mais de 2,000 pessoas*, das quaes tem chegado algumas a esta capital, núas, extenuadas de miseria e fadiga. De hoje até amanhã esperam-se cento e tantas. Grande parte tem morrido de fome, de peste, afogados, etc., e outras tem sido aprisionadas. » — Cumpre tambem notar que os algarismos que o Sr. Schneider indica, representam *alguma força de linha que havia ficado nesses pontos e a guarda nacional chamada a destacamento depois da noticia da invasão.*

(1) No mesmo officio de 28 de Fevereiro diz o presidente de Matto-Grosso (Pereira da Costa, *Historia da guerra*, etc., I. 250) : — « Os Paraguayos têm quatro vapores, em tudo superiores ao nossos, crusando nos rios Cuyabá e S. Lourenço, e vão aprisionando toda a gente que busca a capital. As fazendas de gado e mais estabelecimentos dos rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay, estão abandonadas, avaliando-se em mais de 100.000 o numero de rezes das ditas fazendas. »

(2) Ha engano : o autor confunde dois lugares do mesmo nome. O tenente Antonio João Ribeiro não estava no estabelecimento de Dourados que fica á margem do Paraguay, mas na colonia militar de Dourados, situada na fronteira, a 24 leguas SE de Nioac, á margem do rio dos Dourados, affluente do Brilhante. Tinha apenas 15 homens, como já dissemos, e foi atacado, segundo o general Caballero, por 220 Paraguayos ás ordens de Urbieta, que pertencia á divisão de Resquin.

« A pequena colonia militar de Dourados » diz o presidente Leverger em seu relatorio de 1865, « cahio logo em poder dos invasores. O seu commandante, o bravo tenente de cavallaria Antonio João Ribeiro, não obstante a enormissima desigualdade de força, tentou resistir e, segundo toda a apparencia, succumbio com a pouca gente ás suas ordens, sem arredar pé do logar que lhe fôra confiado. »

Segundo a parte official do chefe paraguayo, publicada no *Semanario*, foram mortos, da nossa força, o tenente Antonio João Ribeiro e 2 praças, sendo feridos 1 cabo e 1 soldado. Estes e mais 10 praças ficaram prisioneiros, o que importa dizer que não escapou um só dos 16 homens de que se compunha o destacamento : 3 foram mortos e 12 aprisionados, entre os quaes 2 feridos; o soldado que faltava havia seguido antes para a colonia militar de Miranda com officios do tenente Antonio João, e foi aprisionado perto dessa colonia pelas forças de Resquin.

Todos os prisioneiros morreram no Paraguay, antes de terminada a guerra.

Eis a parte official de Urbieta, que transcrevemos por ser o unico documento que existe sobre este pequeno choque em que succumbiu um dos nossos mais intrepidos officiaes, que passava até por louco, em consequencia de seu genio arrebatado e das imprudencias que praticara por vezes, quando encarregado de diligencias contra malfeitores e indios bravios :

« Tenho a honra de participar a V. Ex. que hontem 29, (Dezembro,) cheguei a esta colonia de Dourados sem ser presentido, e sendo descoberto a pequena distancia, ouvi

sem solemnes exequias e prometteu erigir-lhe um monumento, para com memorar o aprisionamento do *Anhambahy*.

Emquanto Barrios operava na grande estrada fluvial do Paraguay, marchava a leste de Nova-Coimbra para a villa de Miranda a divisão, que, partindo da cidade da Conceição, invadira por terra Matto-Grosso, composta de varios regimentos de cavallaria (2500 cavallos), um batalhão de infantaria e uma bateria (1). O coronel Resquin commandava esta divisão, mas estava subordinado ao coronel Barrios. Em Miranda havia 260 homens de infantaria, em Nioac 130 de cavallaria, que deviam ir em auxilio da guarnição ameaçada n'aquelle ponto. Oito leguas distante de Miranda essa pequena força encontrou acampada a divisão do coronel Resquin e, reconhecendo que nada podia diante de tão desproporcional superioridade, retirou-se, com a guarnição sahida de Miranda, para Cuyabá, onde chegaram em fins de Abril. Assim se perdeu tambem Miranda e a sua pretença fortaleza, que não passava de uma área cingida de estacas, onde se principiára a construir um quartel para a guarnição. Igualmente succumbio a colonia de Coxim, que os Paraguayos abandonaram depois de devastada, ao passo que continuaram a occupar Miranda (2).

---

um curto toque de chamada, tomando as armas o commandante da colonia, que se adiantou com alguns homens. O tenente de infantaria cidadão Manoel Martinez, incumbido de levar o ataque, intimou-lhe que se rendesse, mas o commandante brazileiro respondeu que se lhe apresentassemos ordem do governo imperial se renderia, mas sem ella não o faria de modo algum. Com esta resposta, travou-se logo o combate, sendo mortos aos primeiros tiros o commandante de Dourados, tenente Antonio João Ribeiro e mais 2 individuos, e fugindo os restantes para o matto do arroyo, de onde foram retirados 12, inclusos 1 cabo e 1 soldado feridos, escapando os demais da guarnição com o segundo commandante. Da tropa do meu commando só o tenente cidadão Benigno Dias e 1 soldado foram feridos... »

Esta parte official não é em tudo exacta. No dia 28 Antonio João teve noticia da aproximação dos paraguayos e ordenou que os poucos habitantes da colonia, velhos, mulheres e crianças, a abandonassem, declarando-lhes que allí ficava para morrer em seu posto. Ao commandante da colonia de Miranda e ao tenente-coronel Dias da Silva, aquartelado em Nioac, enviou a noticia da invasão dos paraguayos, e a este ultimo escreveu a lapis o seguinte bilhete : — « Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão do solo da minha patria. — *Antonio João Ribeiro*. » Preparou-se para receber o inimigo. Cada um dos seus soldados tinha uma espingarda e duas clavinas carregadas. O que se passou depois, no dia 29, só se sabe pela parte official de Urbieta e pelas descripções dos paraguayos que serviam ás ordens desse chefe, e que todos foram accordes em reconhecer a bravura do commandante de Dourados.

Um pequeno vapor pertencente á companhia de navegação do Alto Paraguay, foi comprado no anno seguinte pelo governo provincial e recebeu o nome de *Antonio João* em honra a esse official. Moutinho, na sua *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*, refere á pag. 191, alguns episodios da vida de Antonio João. (Vej. tambem o *Jornal do Commercio* de 27 de abril de 1865.)

(1) Já dissemos que esta divisão constava de 5.000 homens e 6 peças, segundo declarações de prisioneiros.

(2) Na nota á pag. 107 explicámos estes factos. Resquin avançou pela colonia militar de Miranda e por Nioac sobre a villa de Miranda, emquanto Urbieta atacava Dourados. Os 130 homens a que o autor se refere são os do tenente coronel Dias da Silva (corpo de cavallaria de Matto-Grosso e paizanos armados) que sustentaram algumas guerrilhas desde o Rio Feio até a ponte do Desbarrancado. Quanto a Miranda, não attende o autor a que havia a colonia de *Miranda* e a villa de *Miranda*. No summario e na nota citada verá o leitor a ordem chronologica dos factos. Na villa de Miranda estavam o casco do batalhão de caçadores de Matto-Grosso (89 praças, incluindo officiaes e musicos), e algumas praças do 7º batalhão da guarda nacional, ainda não organisado. Commandava a força de caçadores o capitão Pereira da Motta, e a da guarda nacional o major Caetano de Albuquerque. O tenente coronel Dias da Silva, commandante do corpo de cavallaria de Matto-Grosso, era tambem commandante de todo o districto militar da villa de Miranda, e estava em Nioac. As colonias militares de Miranda e Dourados eram os pon-

Com isto terminou a offensiva n'esta expedição. Ainda que sempre sahissem vencedores, não deixavam Barrios e Resquin de comprehender que a conquista e occupação de toda a provincia estavam dependentes da capital, Cuyabá, unica cidade populosa e importante. Todavia graves con-

---

tos mais avançados da fronteira. O Sr. Schneider dá o numero exacto dos combatentes que tinha o tenente coronel Dias da Silva quando o general Resquin, com mais de *2,000 homens*, procurou atacal-o : *130 homens*, que o mesmo Resquin teve o desembaraço, na parte official que dirigio ao ministro da guerra do Paraguay, de elevar a *200 ou 300 homens de cavallaria*, do mesmo modo porque Barrios elevará a 2 ou 3.000 *homens de tropa* o numero dos defensores de Corumbá. Na nota á pag. 102 já vimos que *em toda a vasta provincia* de Matto-Grosso não havia senão 128 homens de cavallaria.

Tendo sido publicada na *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* essa parte official, reproduziremos aqui a que o tenente coronel Dias da Silva dirigio em 31 de Janeiro ao presidente da provincia (uma copia acompanha o officio n. 35 de 24 de Abril de 1865 dirigido pelo presidente ao ministro da guerra). Não nos consta que tenha sido publicada ainda a parte official do chefe brazileiro.

Eis alguns trechos :

«... Chegando ao meu conhecimento no dia 30 de Dezembro, que no antecedente haviam sido tomadas as colonias de Miranda e Dourados por duas grandes forças paraguayas, fiz immediatamente partir 1 alferes do corpo com 6 praças para verificar essas noticias e observar o movimento dos invasores, emquanto apromptava o corpo para marchar, o que fiz 4 horas depois : e apenas transpuz o rio Nioac mandei avançar o capitão Pedro José Rufino com 1 alferes e 20 praças, fazendo a guarda avançada da força que eu levava, *a qual não excedia de 130 praças, inclusive alguns paisanos*. Cheguei ao logar denominado Desbarrancado ás 8 horas da manhã de 31.

« Nesse logar recebi a noticia de que a força inimiga se achava na margem opposta do Rio Feio, distante do Desbarrancado meia legua, áquem do qual parou o capitão Rufino com a força do seu commando até que, reunindo-me a elle, recebi um recado do commandante inimigo em que me fazia conhecer o desejo de fallar-me sobre negocios de paz. Aquiescendo a esse desejo, transpuz o precitado Rio Feio e alli aguardei a sua presença, e, tornando-se demorada, lhe dirigi a lapis uma nota, scientificando-o de que iguaes desejos nutria afim de explicar-lhe as instrucções que tinha do meu governo sobre o facto que nos occupava, recebendo em solução a nota junta por copia sob n. 1 que foi por mim respondida pela fórma constante da copia sob n. 2, na qual, repellindo a proposta humilhante que se me fazia, protestei contra a invasão que traiçoeiramente se havia feito em nosso territorio.

« Poucos momentos depois da recepção de minha recusa rompeu o fogo da parte do inimigo, encetado por um tiro de artilharia, á vista do que vim retirando para aquem do rio Santo Antonio, sendo ainda forçado a abandonar esse ponto por saber que uma força de cavallaria inimiga, transpondo o dito rio pela minha esquerda, procurava passar tambem o rio Desbarrancado para cortar-me a retaguarda, e só ahi pude reconhecer a força invasora, que calculo em 2,000 homens, composta das tres armas, restando-me apenas tempo para debaixo de fogo cortar a ponte, que existia sobre este ultimo rio, e retirar-me.

« Tenho apenas a lamentar a morte de 2 cabos, 2 soldados e 1 paisano no acto do fogo, porém o máo estado da cavalhada, magra e cançada da viagem forçada que acabava de fazer, occasionou o extravio da maior parte da força, da qual poucos se tem reunido ao corpo posteriormente. »

O paisano morto foi um fazendeiro das visinhanças de Nioac, o intrepido Gabriel Barbosa, natural da Franca, na provincia de S. Paulo (Vej. *Jornal do Commercio* de 11 de abril de 1865, correspondencia de Uberaba).

Em outra participação official, dirigida em 5 de julho ao ministro da guerra, diz o tenente coronel Dias da Silva que no Rio Feio tinha 130 homens, incluindo 20 paisanos voluntarios; que foi perseguido por espaço de tres leguas, e que nas guerrilhas que sustentou foram mortos 2 cabos, 5 soldados e 1 voluntario.

Nessa retirada 1 sargento e 40 e tantas praças tomaram rumo differente, seguindo pela estrada do Coxim, e desappareceram 1 tenente, o capellão e o cirurgião do corpo (parte official de Dias da Silva). Resquin diz que ficaram mortos 1 official e 57 praças e 13 prisioneiros, sendo tomados 31 cavallos e 8 mulas, e que da sua parte só houve 1 morto e 2 feridos. Dias da Silva, seguio apressadamente para a villa de Miranda, e ordenou ao major Caetano de Albuquerque e ao capitão Pereria da Mota que se retirassem com a guarnição, que constava de 89 caçadores e alguns guardas nacionaes. A villa foi abandonada no dia 6.

Quasi todos os seus habitantes fugiram embarcados, descendo o rio Miranda. Depois

siderações, ou insuperaveis obstaculos, não permittiam que contra ella marchassem. O *Semanario* allegava serem então pouco fundas para a esquadrilha paraguaya as aguas do rio São Lourenço, que se tinha de subir para chegar a Cuyabá. Tendo, porém, durado 4 annos a occupação da provincia até

---

de se conservarem escondidos n'um lugar chamado Salôbra, entraram no rio Adquidauana e subiram-n'o até perto do porto de Souza. Ahi se refugiaram nas fragosidades da serra de Maracajú, de envolta com muitos indios Guanás, Kinikináos, Laianos e Terenos. Alguns seguiram para Sant'Anna do Parnahyba com os restos do corpo de cavallaria. Os que ficaram na serra de Maracajú formaram tres especies de povoados chamados os Morros.

Da guarnição de Miranda extraviou-se o cirurgião do batalhão de caçadores. Um sargento e 16 praças separaram-se e tomaram a estrada do Tabôco.

No relatorio que em dezembro de 1865 apresentou á assembléa provincial de Matto-Grosso, o presidente Leverger (barão de Melgaço) descreveu assim a marcha de Resquin :

«... O restante da expedição desceu a serra e passou pela colonia militar de Miranda, abandonada por seus habitantes. A immensa superioridade da sua força tornou-lhe facil o desbaratar o corpo de cavallaria, que, vindo de Nioac, onde estava aquartelado, fez inutil esforço para disputar a passagem da rio Desbarrancado junto á fazenda do mesmo nome.

« O commandante e os destroços do dito corpo retiraram para a villa de Miranda, onde existiam tão sómente poucas praças, como já disse, do batalhão de caçadores, e diminuto numero de guardas nacionaes do ainda não organisado 7° batalhão. Com tão poucos elementos julgaram todos inutil a resistencia, e constando que os paraguayos se haviam assenhoreado de Coimbra e Corumbá e da navegação do Paraguay, trataram de retirar-se, seguindo uns pelo rio de Camapuan, outros, pelo lado do estabelecimento colonial do Taquary, fronteiro á barra do Coxim, e geralmente designado por este ultimo nome... »

As colonias de Dourados, Miranda e Nioac eram pequenas povoações formadas de ranchos de sapé. Em Nioac havia um bom quartel de palha e um igrejinha.

A *villa de Miranda*, foi primitivamente um presidio fundado em 1778, como já dissemos, á margem direita do Miranda, affluente do Mondego. Estava florescente e possuia excellentes casas, uma igreja e um quartel magnifico, sobretudo n'aquella distante localidade.

A colonia militar de *Dourados* foi fundada em 10 de Maio de 1861 por ordem do ministerio Caxias (gabinete de 2 de Março de 1860) « em logar aprazivel e fertil, sobre uma chapada na margem direita do primeiro e maior dos tres braços que formam o rio dos Dourados, entrecortada por capões e vertentes que vão encontrar no principal galho do rio. Fica abaixo do dorso da serra de Maracajú em uma distancia de 4 a 5 leguas na zona comprehendida entre este rio e o Ivinheima, Paraná e Iguatemy e elevação da mesma serra para o lado do nascente, na distancia de 12 leguas de Miranda, rumo geral do S. » Foi inaugurada com 10 colonos e um destacamento.

A colonia de *Miranda* fôra creada por ordem do ministro do imperio marquez de Monte Alegre (gabinete de 29 de Setembro de 1848, aviso de 2 de Abril de 1850) mas só foi inaugurada em 23 de Novembro de 1859, com 31 colonos e um destacamento, nas cabeceiras do rio de Miranda.

A ordem para a fundação da colonia militar de *Nioac* (primitivamente Anhuac) é tambem do marquez de Monte Alegre (21 de Maio de 1850) mas só em 1859 foi essa colonia fundada sobre o rio do mesmo nome, confluente do Miranda, onde começa a navegação deste ultimo e existio um destacamento militar.

A colonia militar de *Taquary*, mais conhecida por *Coxim*, foi creada por ordem do gabinete de 2 de Março, presidido pelo duque de Caxias, e inaugurada em 25 de Novembro de 1862, no Beliago, diante da confluencia do Taquary e do Coxim, protegendo a estrada do municipio de Sant'Anna do Parnahyba á barra do Coxim. *(Relatorio do Ministerio da Guerra de 1866).*

No districto militar de Miranda havia para cima de 4.000 indios aldeados, e mais de dez aldeamentos regulares. Os *Terenos;* que eram os mais numerosos, estavam estabelecidos no *Naxedaxe*, a 6 leguas da villa, no *Ipégue*, a 7 1/2, e na *Aldea Grande*, a 3; os *Kinikináos* no Agaxi, a 7 leguas N. E.; os *Guanás* no *Eponadigô* e no *Láuiád;* os *Laianos* a meia legua. Todos estes pertenciam á nação *Chané*. Dos *Guaycurús* havia aldeamentos no *Lalima* e perto de *Nioac*. Os *Cadiuéos* moravam em *Amagalobida* e *Nabileke*, perto da sanga denominada Rio-Branco, á margem esquerda do Paraguay (Taunay, *Historias Brazileiras*, Rio, 1 vol., 1874, e *Relatorio geral da commissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a provincia de Matto-Grosso*, na Revista do Instituto, 1875).

Quando no dia 6 de Janeiro, por ordem do tenente coronel Dias da Silva, foi aban-

Sará, certamente n'esse lapso de tempo deveriam as aguas ter alguma vez crescido; além d'isso os vapores brazileiros repetidas vezes por ahi navegaram e até ganharam um combate naval (1). Portanto outra deve ter sido a causa de não se ter proseguido na occupação da provincia até o fim da guerra. Barrios encontrou uma corajosa resistencia em Nova Coimbra, unico ponto onde era possivel a defesa. Albuquerque, Corumbá, Dourados (2) e Miranda os Paraguayos encontraram abandonados e as pequenas guarnições que ahi havia retiraram-se para Cuyabá. As grandes provisões de artilharia, que foram encontradas e enviadas para Assumpção, faziam suppôr existirem na capital mais peças ainda, que, dispostas em bateria á margem do rio, seriam gravissimo perigo para os navios. Tambem não passou desapercebida aos Paraguayos a proclamação de 9 de Janeiro, pela qual o presidente da provincia, Albino de Carvalho, chamava ás armas toda a povoação para repellir a iniqua invasão e pôr termo ás barbaras crueldades do inimigo. Na verdade toda a guarda nacional da provincia correu ás armas (3), e em fins de Abril tinha o presidente no rio Aricá duas brigadas, uma da guarda nacional mobilisada, e outra de tropa regular, emquanto a guarda nacional da reserva fazia o serviço de policia nas cidades.

Quaesquer que possam ter sido as razões do procedimento dos chefes

---

donada a villa de Miranda, os indios saquearam a povoação, apoderam-se das armas que puderam, e, deixando suas aldêas, embrenharam-se pelos mattos, e hostilisaram os paraguayos, durante todo o tempo da occupação (*Relatorio do presidente Leverger, de 1865).* « Os Guanás, Kinikináos e Laianós foram os que mais serviços prestaram : os Terenos se isolaram e os Cadiuéos assumiram attitude infensa á qualquer branco, ora atacando os paraguayos na linha do Apa, ora assassinando familias inteiras, como aconteceu com a do infeliz Barboza, no Bonito » (TAUNAY, *Historias Brazileiras.)* Em 20 de janeiro e em dias de maio os Terenos bateram no Aquidauana fortes partidas paraguayas, e em agosto sorprenderam e incendiaram dois acampamentos inimigos.

Um dos encontros do Aquidauana foi no porto de Maria Domingas. Dezeseis indios, occupados em cortar canna, foram sorprendidos por duzentos paraguayos. Não desanimaram; fizeram da matta fogo vivissimo e obrigaram aquella grande força á retirada. « Esse lugar foi testemunha de uma das poucas scenas de resistencia no longo periodo da occupação paraguaya e apresenta gloriosas mostras daquelle feito de armas : varias arvores varadas por balas e cinco ossadas humanas. » TAUNAY, *Scenas de Viagem,* Cap. X).

O major Caetano de Albuquerque, pouco depois promovido a tenente-coronel, com cerca de 70 guardas nacionaes do 7° batalhão, não abandonou um só momento os fugitivos de Miranda, e com elles se manteve nas mattas de Maracajú, escapando sempre ás pesquizas das rondas paraguayas. Estavam tambem qualificados guardas nacionaes muitos indios Kinikináos e Terenos, assim como o chefe destes, o valente capitão José Pedro (*Relatorio da commissão de engenheiros,* Revista do Instituto, 1875, pag. 318).

(1) O combate naval do Alegre, em 11 de Julho de 1867.

(2) Na colonia de *Dourados* encontrou o inimigo resistencia. No porto de Dourados nenhuma. N'este ultimo logar estava o 2° tenente Durocher, de marinha, com 3 praças e o escrivão. Seguiram todos para Cuyabá com a noticia da invasão. Os pontos occupados pelos Paraguayos foram : á margem do Paraguay, *Nova Coimbra, Albuquerque, Corumbá* e *Dourados;* entre o Apa, a serra de Amanbaby e o Taquary, as colonias de *Dourados, Miranda* e *Nioac,* e a villa de *Miranda.*

(3) Eis a proclamação a que se refere o autor :

« *Matto-Grossenses!* — A injustificavel ameaça do governo da Republica do Paraguay feita ao Imperio em sua nota de 30 de Agosto do anno passado está consummada. Em 27 de Dezembro findo uma expedição paraguaya, composta de numerosos navios a vapor e á vela com cerca de 5,000 homens, acommetteo o forte de Nova Coimbra e intimou ao commandante, tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero, a sua entrega dentro do praso de uma hora, sob pena de romper o fogo para conseguil-o á viva força, ficando em tal caso a guarnição sugeita á sorte das armas.

« Contra tão desleal aggressão protestaram energicamente a guarnição do forte de Nova-Coimbra e a do vapor *Anhambahy,* seu auxiliar, compostas de menos de 200 bravos.

« Esse protesto ficará na historia, escripto pelas armas imperiaes, tintas no sangue

paraguayos, o que é certo é que não passaram além da embocadura do rio São Lourenço, facto tanto mais singular quanto eram necessarios pelo

---

de centenares dos aggressores que foram mortos ou mutilados durante dous dias de renhido combate.

« Foi um protesto solemne e glorioso!

« Matto-Grossenses! A's armas! e, com ellas em punho, rivalisai com os valentes soldados de Nova-Coimbra e com os intrepidos marinheiros do *Anhambahy!*

« Viva o Imperador!

« Viva a integridade do Imperio!

« Palacio do governo da provincia, de Matto- Grosso, na cidade de Cuyabá, 9 de Janeiro de 1865. — O presidente da provincia, *Alexandre Manoel Albino de Carvalho*, brigadeiro. »

Os briosos guardas nacionaes de Matto-Grosso e toda a população da provincia acudiram pressurosos ao appello do presidente, offerecendo seus serviços. A assembléa legislativa provincial deixou de funccionar porque quasi todos os seus membros marcharam com os corpos destacados da guarda nacional.

A noticia da occupação de Coimbra e Corumbá pelos paraguayos e da invasão do districto militar de Miranda, chegou a Cuyabá na tarde de 6 de Janeiro ou na noite de 7. O 1º batalhão da guarda nacional, pegou logo em armas; improvisou-se um corpo de 4 companhias com a denominação de *Voluntarios Cuyabanos;* depois reuniram-se a estes os batalhões 2º e 3º de guarda nacional, das freguezias proximas, e o 4º, de Diamantino e Rozario. As noticias que chegavam de todos os pontos eram aterradoras, e esperava-se a cada momento o ataque da capital. O presidente Albino de Carvalho tomou activas providencias para armar a guarda nacional e defender Cuyabá, e, com o fim de cobrir esta cidade, mandou occupar a mais extrema das collinas do Melgaço, 20 leguas abaixo, primeiro ponto sobranceiro á inundação que se encontra, subindo o rio, desde o porto de Dourados no rio Paraguay. Em 20 de Janeiro teve o presidente a feliz inspiração de nomear commandante superior interino da guarda nacional o venerando chefe de esquadra reformado Augusto Leverger (hoje barão de Melgaço), o qual no mesmo dia partio para aquelle ponto e deu começo ás fortificações. O prestigio de seu nome, não só em Matto-Grosso como no Paraguay, onde por vezes estivera, valeu-nos um exercito e conteve em respeito os invasores. Eis como um estrangeiro que então residia em Cuyabá descreve a partida do illustre general para o Melgaço (Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* :

« ... O susto e o terror da população cresceram espantosamente logo que se soube na noite de 19 de Janeiro, que a força que estava no Melgaço havia abandonado esse ponto, que a *Anhambahy* havia sido tomado, e que os vapores paraguayos cruzavam na foz do Cuyabá. Com as noticias chegadas no dia 7, a cidade ficára deserta, pois que a maior parte dos habitantes se havia retirado, receiando a approximação do inimigo. O desrespeito ás autoridades começava a manifestar-se, e o povo a insubordinar-se, quando o general Albino, conhecendo os perigos da situação, dirigio-se ao arsenal de marinha e mandou chamar o general Leverger,o qual lhe declarou estar prompto para tomar no Melgaço o commando das forças. As providencias para a sua marcha foram immediatamente dadas. A alegria e a confiança se restabeleceram de prompto entre o povo; as forças recem-chegadas, declararam que desejavam voltar sob o commando d'esse chefe, e todos á porfia queriam ser dos primeiros a acompanhal-o, compartilhando com elle os perigos da guerra. O bravo official, naquella avançada hora da noite, sem despedir-se de sua familia, sem cuidar de si, seguio para o Melgaço, assegurando ao povo, que a capital não seria invadida sem que no ponto cuja defesa ia tomar se houvesse dado um tiro ao menos em honra do paiz. Este acto de abnegação e coragem animou a população de tal modo, que no dia seguinte ferviam os empenhos para se partir para o Melgaço, que poucos dias antes era o terror de todos, e dentro em pouco tornou-se uma fortificação respeitavel. As familias que haviam abandonado suas casas, com a noticia da partida do general Leverger voltaram resolutamente, e a cidade, antes deserta e abandonada, tomou de novo a sua vida ordinaria, e a tranquilidade reappareceu, porque, tolhendo o passo ao inimigo, velando pela segurança de todos, lá estava em seu posto de honra o brioso general. Soube-se mais tarde que os paraguayos, tendo noticia de que esse chefe, a quem conheciam e muito respeitavam como experiente, prudente e bravo, se achava á frente de forças mais ou menos consideraveis, resolveram não subir até a capital... »

Em principios de Fevereiro tinhamos ahi um contingente do 2º batalhão da guarda nacional e o 3º batalhão da mesma guarda, com 653 praças, um contingente de linha e a companhia de artifices, com 162 praças. Total, 805 homens, com um parque de 6 peças de calibre seis e 2 obuzes de quatro e meia pollegadas, (8 bocas de fogo).

Estavam tambem ahi os pequenos vapores *Cuyabá, Corumbá* e *Jaurú,* com 2 rodizios

menos trez mezes para chegar effectivo auxilio do Rio de Janeiro a Cuyabá, e o mensageiro que levou á capital do Imperio a noticia da invasão gastou

---

cada um, *Alpha* e *Cuyabá*, da companhia de navegação, sem artilharia. Outro vapor da mesma companhia, *Conselheiro Paranhos*, ficou em Cuyabá.

Dias depois marcharam para o mesmo ponto 300 praças do 1º batalhão da guarda nacional, ficando a columna ás ordens do general Leverger elevado a 1,105 homens. Na capital ficaram 670 guardas nacionaes, em Poconé 100, em Villa Maria 581 e 83 praças de linha.

O general Leverger conservou-se no Melgaço até o dia 14 de Março, em que deixou o commando por desintelligencias com o presidente, e porque o rio havia baixado consideravelmente, tornando impossivel a subida dos vapores inimigos. Fôra dias antes nomeado commandante das armas interino o tenente-coronel Camisão.

Em meiados de Abril era esta a força da guarda nacional destacada (officio do presidente, de 24 de Abril ao ministro da guerra) :

1º batalhão	(de Cuyabá). — Em Cuyabá	822	praças
2º —	(das freguezias proximas). — Em Cuyabá	518	—
3º —	— Em Melgaço	520	—
4º —	(de Diamantino e Rosario). — Em Cuyabá	217	—
5º —	(de Poconé). — Em Poconé	352	—
6º —	(de Villa-Maria). — Em Villa-Maria	250	—
	Total	2.676	—

« O 7º batalhão, ainda não organisado, do municipio de Miranda, e a companhia avulsa de Albuquerque, pertencente ao mesmo municipio », diz o mappa que acompanha o citado officio, « acham-se dispersos em consequencia da invasão. O 8º, creado por decreto de 24 de Dezembro de 1864, não está ainda organisado. A secção de batalhão n. 1 da cidade de Matto-Grosso não foi chamada ás armas. »

Em 17 de Abril o presidente Albino de Carvalho espalhou a seguinte proclamação :

« *Matto-Grossenses!* — Chamei-vos ás armas em Janeiro em consequencia da invasão paraguaya pela nossa fronteira do sul. Ao meu reclamo correstes pressurosos e dentro de poucos dias armaram-se e aquartelaram-se n'esta capital os batalhões da guarda nacional ns. 1, 2 e 3, e ultimamente o n. 4, em Poconé o n. 5, e em Villa Maria o n. 6; e assim esperámos o inimigo que constava levar o seu arrojo ao ponto de pretender atacar esta capital.

« Fosse pela nossa resolução e attitude ou pelos movimentos do exercito imperial nas fronteiras do sul do Imperio, a invasão parou nas cercanias do Rio S. Lourenço, mas por isso não deixa de ser immensamente affrontosa!

« Em todo o Imperio se organisam corpos especiaes de voluntarios para comporem com o exercito e a armada forças capazes de esmagar o inimigo que nos acommetteo, e n'esse nobre empenho é mister que tomeis o logar de honra que vos compete em semelhante luta. Em observancia do Decreto de 7 e do Aviso de 10 de Janeiro ultimo, resolvi por acto de hoje crear n'esta provincia um corpo de *Voluntarios da Patria*, sob as condições e vantagens ahi estipuladas, o qual terá começo desde já pela fórma designada na dita Resolução.

« O Brazil todo espera e eu conto que o vosso concurso para a formação d'essa nova milicia será tão brilhante como é enthusiastico o vosso patriotismo.

« Eia, pois, Matto-Grossenses! Correi ao chamado do governo e bradae com decisão : — Viva o Imperador! Viva a integridade do Imperio!

« Palacio do governo da provincia de Matto-Grosso, na cidade de Cuyabá, em 17 de Abril de 1865. — *Alexandre Manoel Albino de Carvalho.* »

Em Maio (e não em Abril, como diz o Sr. Schneider) o presidente fez marchar de Cuyabá para o Aricá, a 5 leguas de distancia, duas brigadas ás ordens do tenente-coronel Camisão, para cobrir a mesma capital, á vista da noticia de estarem os paraguayos em marcha desde Coxim, e por um forte destacamento fez occupar a difficil passagem do S. Lourenço.

Em Julho estavam em armas na provincia 4,074 homens, do exercito e da guarda nacional, e quando o presidente Albino de Carvalho passou a administração ao general Leverger, em 30 de Agosto de 1865, não tinham ainda chegado a Matto-Grosso as tropas que estavam em marcha do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas e Goyaz.

Os batalhões da guarda nacional 1º, 2º, 3º, 5º, 6º, e 8º offereceram-se em massa para aquartelar, e effectivamente prestaram serviços, com todos os seus officiaes e quasi todas as praças.

O nucleo colonial do Taquary, mais conhecido por Coxim, foi atacado na madrugada de 24 pelos paraguayos dirigidos por Aguero. Só tinhamos ahi 7 praças, que se retiraram

30 dias, mudando de cavallos, e fazendo uma viagem sem exemplo (1). As communicações regulares se faziam em 52 dias, e sem duvida mais tempo havia de gastar a tropa com um pesado trem de provisões, duplamente necessario n'essas regiões desertas.

Os invasores limitaram-se a proclamar a incorporação ao Paraguay de parte da provincia que haviam occupado ,e a denominaram — departamento do Alto-Paraguay. — Tinham, porém, pouco que governar, porque com excepção de algumas mulheres velhas, todos os habitantes das villas e povoações haviam fugido e nenhum d'elles voltou durante a occupação inimiga (2). Em compensação procuraram apoderar-se das fazendas e povoações, enviando patrulhas ao interior, sem nunca transpôrem a altura do São Lourenço. Excitados pela resistencia dos habitantes e pela anti-

---

aos primeiros tiros com o director da colonia, capitão reformado Antonio Pedro dos Santos. No dia 30 os paraguayos abandonaram esse ponto, depois de terem caminhado umas 7 leguas para adiante, pelo caminho do Piquiry a Cuyabá.

(1) O barão de Villa Maria chegou ao Rio de Janeiro em 22 de Fevereiro, com 47 dias de viagem, sendo 29 de marcha e 18 de falha. Só em 17 de Março chegou o correio de Cuyabá.

(2) Era muito escassa a população da parte meridional da provincia, invadida e occupada pelos Paraguayos. As duas povoações mais importantes eram Corumbá na margem direita do Paraguay (mais de 1,000 habitantes com 80 e tantas casas de telha e 140 ranchos cobertos de palha ou de carandá, uma capella, uma igreja em construcção, um quartel, um barracão que servia de alfandega, armazens do exercito e da marinha, olarias, officinas, etc.) e a villa de Miranda, á margem direita do Mondego ou Mboteley (menos de 400 habitantes, pois segundo Resquin só possuia 41 casas de telha, 43 de palha, 1 igreja e 1 quartel). Albuquerque, no districto de Corumbá, tinha uns 100 habitantes. O porto de Dourados, tambem sobre o Paraguay, era um estabelecimento novo, com alguns ranchos de palha, e teria pouco mais de 50 almas. Nioac, no districto da villa de Miranda, possuia, segundo Resquin, 130 casas, que não eram senão ranchos de palha dos soldados e de alguns particulares, 1 quartel e 1 oratorio. As colonias de Miranda e Dourados constavam apenas de algumas palhoças. Todo esse extenso territorio formava o municipio de Miranda e dividia-se em duas freguezias, a freguezia de Miranda e a de Albuquerque, cuja séde, apezar do nome, estava em Corumbá, assim como nos documentos officiaes chamava-se ainda « alfandega de Albuquerque » á que existia em Corumbá. Toda a população d'essa vastissima provincia era computada em 1863 pelo illustrado barão de Melgaço em 65,000 almas assim divididas :

População civilisada....	Livre	35.000	41.000 almas
	Escrava	6.000	
— indigena			24.000 —
			65.000 —

Na mesma data, segundo um mappa communicado á presidencia do Bispo Diocesano, era esta aproximadamente a população das duas freguezias occupadas pelos paraguayos, sem contar os militares, os indios aldeados e os errantes :

	Num. de Fogos.	Pop. livre.	Pop. escrava.
FREGUEZIA DA VILLA DE MIRANDA (á qual pertenciam as pequenas povoações de Nioac, colonia de Miranda e colonia de Dourados)	240	720	100
FREGUEZIA DE ALBUQUERQUE (Corumbá, Albuquerque, Coimbra e Dourados)	800	1.100	500
Total........	1.040	1.820	600
		2.420 almas.	

Os indios aldeados poderiam quando muito elevar-se a uns 5 ou 6.000. Total da população 8.000 e tantas almas.

Conhecendo-se estes algarismos, e sabendo-se que em todo o territorio invalido só havia umas 600 praças de linha e menos de 200 da guarda nacional, póde-se fazer idéa da grande proeza que praticou Lopez com semelhante conquista, empregando n'ella um exercito de 9.200 homens e uma forte esquadrilha. Admittindo mesmo com Thompson que os invasores não fossem mais de 6.500 homens, ainda assim ninguem dirá que esse terri-

pathia que estes manifestavam ao dominio intruso, praticaram os Paraguayos as mais injustificaveis crueldades. Só mencionamos o que por elles proprios foi publicado. Assim se exprime Thompson (pag. 35) (1) :

« As casas foram inteiramente saqueadas e alguns artigos mais preciosos enviados de presente a Lopez, que não duvidou acceital-os. As mulheres foram muito maltratadas, sendo Barrios o primeiro a dar o exemplo. Um Brazileiro importante foi conduzido com sua filha a bordo do navio em que estava Barrios e recusando o pai entregal-a, foi violentamente arrastado á terra e ameaçado de ser fuzilado, ficando a filha em poder do general. Barrios recolheu os depoimentos de todos os prisioneiros, e os que não puderam responder ás perguntas, foram por sua ordem castigados com pauladas, e alguns mortos á lança, sob o pretexto de serem espiões......... Em muitos lugares (2) encontraram mulheres escondidas nos bosques com tudo o que haviam salvo de suas casas. Estas infelizes foram sem excepção alguma escandalosamente tratadas e roubadas......... A propriedade do barão de Villa Maria, que apenas tivera tempo para salvar-se conseguindo levar uma garrafa cheia de diamantes, foi saqueada. Era o homem mais rico da provincia e possuia uma formosa casa, magnificamente mobiliada, adornada com quadros etc. Tinha tambem 80,000 cabeças de gado. Tudo isto junto com a sua carta de nobreza......... foi tomado pelos Paraguayos. A carta de nobreza, assignada pelo Imperador, estava collocada em um quadro dourado, que algum tempo depois adornava as ante-salas de Mme. Lynch, irlandeza, educada em França, que acompanhava Lopez desde que este regressara da Europa. A noticia da invasão paraguaya foi levada ao Rio de Janeiro pelo proprio barão de Villa Maria, que fez a jornada em um mez. »

Foram tambem publicadas pelos Brazileiros differentes descripções do vandalismo paraguayo na parte meridional de Matto-Grosso, em fórma de partes officiaes, redigidas pelo chefe de policia de Cuyabá, Firmo de Mattos, segundo as informações dadas pelos fugitivos da região occupada pelos Paraguayos (3). Nós as omittimos, porque foram provavelmente feitas sob a impressão do terror e da magua pelas perdas soffridas.

Foi bem consideravel a presa de guerra, que Barrios mandou de Matto-Grosso para Assumpção. Logo a primeira remessa foi de 67 canhões de bronze de todos os calibres até 32, encontrados nos depositos de Dourados

---

torio, pobre e despovoado, tinha elementos de defeza e podia fazer frente a uma invasão inesperada, emprehendida com tão superiores recursos.

O ultimo recenseamento (1872), isto é, o unico recenseamento regularmente, feito, depois da guerra, apresenta os seguintes algarismos :

	Num. de Fogos	Pop. livre.		Pop. escrava	Total
Municipio de Miranda.......	310	Sexo masc....	1.888	90	3.852
		— fem.....	1.822	52	
			3.710	142	
— Corumbá (desmembrado do de Miranda......	116	Sexo masc....	1.679	155	3.361
		— fem.....	1.407	120	
	426		3.086	275	
		Total..........	6.796	417	7.213

A população de toda a provincia era de 60.417 almas (53.750 livres e 6.667 escravas).

(1) Pag. 41 da traducção publicada em Buenos Aires.

(2) Intercalamos no texto esta separação, que não se encontra no original allemão. Fizemol-o porque o Sr. Schneider saltou muitos periodos da obra de Thompson. As palavras que se seguem são da pag. 43 da traducção feita em Buenos-Aires.

(3) Esses documentos podem ser lidos entre os annexos ao Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1865.

e Miranda (1). Os reparos pertencentes a estas peças eram tão defeituosos. que Barrios só mandou os canhões para que em Assumpção fossem novamente montados. Nesta cidade trabalharam 50 operarios dia e noite sem interrupção para aprомptarem as carretas, os armões e os carros manchegos, de modo que no decurso da guerra estas armas brazileiras foram de grande utilidade aos Paraguayos. Segundo uma relação do *Semanario* só em uma povoação occupada pela cavallaria do coronel Resquin acharam 1 peça, 500 espingardas, 131 pistolas, 165 espadas, 1,090 lanças e nada menos do que 9,847 balas de artilharia (2). E' verdade que não se menciona que nesse lugar existia um deposito da guarda nacional de todo o municipio (3).

Assim teve o melhor exito este primeiro ataque dos Paraguayos contra o Brazil. Bem que durante as negociações, nos annos de 1861 e 1862, para fixação de limites, houvesse receios de conflicto com o Paraguay, e do Rio de Janeiro partissem ordens (4) para Cuyabá afim de se proceder a preparativos militares, comtudo ninguem em Matto-Grosso acreditára seriamente n'uma agressão militar, por parte da republica, e muito menos por esse lado. Toda a desconfiança tinha adormecido; não se tratou nunca mais de pôr as cousas em pé de guerra. Havia abundantes recursos, mas estavam esparsos; faltavam tambem o exercicio e a pratica. Completamente atordoadas pela rapidez com que os acontecimentos se succediam, as autoridades brazileiras desatinaram de todo : só mais tarde reappareceu a energia.

No Rio de Janeiro produziram essas noticias um effeito fulminante. Não se tinha contado com a invasão paraguaya n'essa direcção com elementos taes e com um exercito tão bem disciplinado, e reconheceu-se o deleixo que tinha havido para com aquella longinqua provincia (5). Desen-

---

(1) Segundo o *Semanario* (n. de 14 de Dezembro) os Paraguayos tomaram em Matto-Grosso 66 peças ao todo, a saber : em Nova Coimbra, 37; em Corumbá, 23; no porto de Dourados, 2; em Miranda, 4. Como o *Anhambahy*, tomado pelo inimigo, montava 2 bocas de fogo, a nossa perda em artilharia foi de 68 peças. — Cumpre, porém, notar que muitas d'ellas eram antiquissimas e pouco serviço poderiam prestar. Em Coimbra, segundo nos informa o coronel Porto Carrero, não havia 37 peças, mas 31. D'estas apenas 11 estavam montadas em seus reparos e assestadas em bateria (4 peças colubrinas de bronze de calib. 24, 5 ditas de ferro de calib. 30, e 2 ditas de dito calib. 18). Estavam armazenadas e encanteiradas, por não terem reparos, 8 peças colubrinas de bronze, calib. 32, e dadas em consumo por inserviveis, e quasi todas sem reparos 12 peças de diversos calibres, sendo todas de campanha.

(2) Estes dados são extrahidos de Thompson, que os tomou do *Semanario*, enganando-se, porém, na transcripção. E' o armamento que Resquin diz ter achado na villa de Miranda (*Semanario* de 28 de Janeiro), onde, segundo esse general, encontraram os paraguayos 4 canhões, 502 espingardas, 67 clavinas, 131 pistolas, 468 espadas, 1.090 lanças, além de 9.847 projectis de artilharia de differentes calibres.

(3) O armamento apprehendido em Matto-Grosso havia sido quasi todo enviado pelo ministerio de 2 de Março de 1861, presidido pelo Duque de Caxias. O mesmo ministerio nomeou presidente dessa provincia o senador Ferreira Penna, habilissimo administrador, que em um extenso officio, lido no senado em 1865, chamou a attenção do gabinete Olinda, primeiro da situação liberal, para os armamentos do Paraguay e lembrou a adopção de muitas providencias urgentes. O novo governo preoccupado com outras muitas questões, nenhuma attenção prestou a taes recommendações.

(4) Estas ordens foram com effeito enviadas pelo gabinete Caxias, mas em 1861 e 1862 não houve negociação sobre limites como suppõe o autor. Thompson menciona aquelles officios : — « Entre os documentos acharam-se despachos do governo imperial de julho e outubro de 1861 e de janeiro de 1862, ordenando ao governo provincial que vigiasse a fronteira do Paraguay e communicasse a noticia de qualquer movimento de tropas ». Alguns d'esses documentos foram publicados no *Semanario* de 11 de Fevereiro de 1865.

(5) Esse deleixo não póde ser imputado ao gabinete Caxias, mas ao que lhe succedeu,

volveu-se logo febril actividade em todos os sentidos, mas nem assim se satisfazia á indignação e á impaciencia publica. Todos sentiram as fataes consequencias das doutrinas anti-militares do parlamento, que nem sequer permittiram o aproveitamento das forças defensivas da nação. Agora queriam tudo remediar de pancada. Todos quantos podiam pegar em armas tinham que ir para Matto-Grosso ; com os maiores esforços e com todos os sacrificios possiveis devia-se repellir o inimigo d'aquella provincia. O orgulho nacional achava-se offendido; o coração do povo pulsava agitado; todas as paixões atearam-se com maxima intensidade e concentraram-se n'um ponto : — Vingança por essa atroz, inaudita, imperdoavel offensa feita ao Brazil!

Os conselheiros militares do Imperador não se deixaram desvairar por esses ruidosos desabafos. Reconheceram que a invasão paraguaya, acarretando inevitavel e longa guerra, não passava em Matto-Grosso de uma serie de golpes vibrados no ar, e, com quanto fosse momentaneamente effectiva e feliz, não faria pender para o dictador Lopez a balança dos futuros destinos. Generaes e estadistas experimentados comprehendiam que o Paraguay só poderia ser efficazmente aggredido pelo sul, onde era possivel o concurso da esquadra, e Solano Lopez, na previsão d'esta contingencia, já resolvêra a expedição de Matto-Grosso com o fim de dispersar as forças militares do Brazil e enfraquecer portanto o ataque, que o ameaçava por esse lado. Essa combinação teria sido muito acertada, se o Brazil se houvesse compromettido em operações de uma estrategia aleatoria. No Rio de Janeiro não houve semelhante illusão : mandaram-se algumas tropas regulares para S. Paulo e Goyaz, provincias limitrophes, onde deviam servir de nucleo para uma leva de 12,000 homens da guarda nacional (1) ; poze-

---

o qual deixou de tomar as medidas que aquelle ministerio, por bem entendida previdencia, ia tomando. O gabinete de 30 de Maio de 1862 (marquez de Olinda) foi o que operou a transição politica que terminou em 1863 pela dissolução da camara dos deputados. N'esse anno o governo e o partido dominante estavam muito preoccupados com as eleições para poderem pensar no Paraguay e na provincia de Matto-Grosso.

O ministerio de 31 de Agosto poderia até certo ponto reparar o mal, se, apoz a ameaça do Paraguay, de que nenhum caso se fez, adoptasse providencias promptas e energicas. Avisado em tempo, o presidente de Matto-Grosso teria desde logo mobilisado a guarda nacional, melhorado a fortificação de Coimbra, completando-a com a do Morro Grande ou da Marinha, e accumulado forças na fronteira.

Tudo o que fez o gabinete Furtado foi enviar para Matto-Grosso em fins de Outubro um presidente e 400:000$000 em notas do thesouro.

Tambem, depois da invasão da provincia, escrevia, o ministro dos negocios estrangeiros em 7 de Janeiro o seguinte. «... *Façam os paraguayos o que quizerem*, não podendo batel-os ao mesmo tempo que aos *blancos* do Estado Oriental, só havemos de tratar séria e exclusivamente daquelles depois de desembaraçados do Uruguay. »

(1) Foram, com effeito, chamados ás armas 12.000 guardas nacionaes de Minas, S. Paulo e Goyaz, mas nunca se poude reunir nas tres provincias uma força tão consideravel para marchar em soccorro de Matto-Grosso. No dia 1.º de Abril de 1865 sahiram do Rio de Janeiro para Santos o coronel Drago, nomeado presidente e commandante das armas de Matto-Grosso, a commissão de engenheiros e varios empregados da expedição. No dia 10 partiram de S. Paulo, com o referido coronel, o corpo de infantaria de S. Paulo, o corpo policial da mesma provincia, o corpo fixo da provincia do Paraná e uma companhia de cavallaria de S. Paulo, reunido-se-lhes depois, em Campinas, um contingente de artilharia do Amazonas. No dia 18 de Julho essa força reunio-se na cidade de Uberaba (Minas) á brigada mineira, que ás ordens do coronel Galvão, partira em 10 de Maio de Ouro Preto, e que se compunha do batalhão 17 de voluntarios, do corpo fixo de Minas e do corpo policial da mesma provincia. A primeira força que pisou o territorio de Matto-Grosso foi a columna de Goyaz, composta de 1 batalhão e 1 esquadrão de cavallaria, ao mando do tenente coronel Mendes Guimarães. Essa força acampou no Coxim no dia 7 de Setembro, e ahi aguardou a chegada das tropas que marchavam de Minas e S. Paulo, as quaes, depois de terem atravessado o territorio das provincias de S. Paulo, Minas e Goyaz, penetraram, em Novembro, no de Matto-Grosso, e reuniram-se aos goyanos, em

ram-se em movimento transportes de munições e petréchos bellicos de toda a especie, mas nunca o governo se esqueceu de enviar reforços de tropas e material de guerra para o Estado Oriental, onde já em fins de Fevereiro as tropas retiradas de Montevidéo estavam nas immediações de Mercedes e do Salto, preparando-se para invadir o Paraguay pelo sul. Ahi, não em Matto-Grosso, tinha de decidir-se a sorte da guerra. Para esse ponto tendiam as medidas adoptadas com extraordinaria energia pelo governo. Sem duvida era doloroso ao Imperador e a toda a nação deixar uma provincia inteira entregue aos horrores da guerra, mas o prompto socorro só era possivel, se se perdesse de vista objecto principal. Os acontecimentos que logo depois se deram comprovaram a justeza com que calcularam os conselheiros militares do Imperador, e nossa posterior narração demonstrará que fôra um erro aceitar a lucta no terreno que Solano Lopez por sua provocação designára. Sabia-se no Rio de Janeiro que se ia pelejar com um inimigo resoluto, e, pelas informações vindas de Buenos-Aires, verificará-se ser tres vezes maior o exercito effectivo da pequena Republica do Paraguay do que o do Brazil, onde o governo tinha que regatear com a opposição parlamentar 1.000 homens de mais ou de menos. Em uma nação constitucional não se podem organisar exercitos com a mesma presteza que n'um paiz regido despoticamente, e no Brazil havia ainda a crear e regularisar tudo aquillo que Solano Lopez já preparára e realisára com admiravel energia. Soffria-se a exprobação de se ter errado na apreciação do Paraguay e de seu presidente, e de se ter de encetar agora a campanha contra um inimigo, que pelo numero e natureza de seu exercito havia de imprimir ás operações caracter e dimensões não conhecidos até então nas guerras sul-americanas. Servia de consolação o exito feliz do conflicto com o governo blanco no Estado Oriental, que deixava livre um pequeno exercito para as novas operações (1).

---

20 de Dezembro, no Coxim. A força que partio de S. Paulo caminhou até o Coxim 253 leguas, e a de Ouro Preto 280. Depois avançaram mais 83 1/2 leguas até Nioac, e dahi invadiram o Paraguay, como veremos no segundo volume desta obra. Em vez de 12.000 homens, porém, só chegaram a Matto-Grosso 2.500 homens *um anno depois da invasão.*

Sirva-nos isto de licção, para que procuremos sériamente pôr essa provincia em communicação directa com a capital do imperio, sem dependencia da via fluvial por entre paizes estrangeiros.

As queixas dos matto-grossenses pelo abandono em que se acharam podem ser lidas nos jornaes do tempo.

A *Imprensa de Cuyabá* dizia em 24 de Fevereiro de 1865 :

« ... Somos filhos do Brazil, pertencemos a esta grande familia. Entretanto, lá se vão 7 longos mezes que nenhuma communicação temos do governo! A ultima data official é de 22 de Julho de 1864, e as notas de ameaça do Paraguay são de 30 de Agosto!... »

O correspondente do *Jornal do Commercio* em Cuyabá escrevia em 18 de Março : — « ... Completam-se hoje 2 mezes e 20 dias que o forte de Coimbra foi atacado pelos paraguayos, e apezar de facto tão importante e desastroso, aqui permanecemos no estado o mais desesperado possivel, sem uma palavra siquer de animação do governo geral. Oitenta dias de soffrimentos fazem a prova mais exuberante da nossa resignação! A pé firme temos resistido ás noticias mais aterradoras; a pé firme dispusemo-nos a morrer em defesa de nossos lares e da patria, já que pelo governo fomos esquecidos! Não seremos nós matto-grossenses, brazileiros tambem?... Até hoje nem uma arma, nem um soldado, nem uma ordem! Si se tratasse de eleições teria já voado um *proprio* para cá, como succedeu em certa occasião em que se expediu, um com ordens francas para comprar quantos cavallos quizesse, de sorte que em 30 dias tivemos noticias da côrte... »

(1) Pretendiamos dar uma relação exacta, como fizemos no cap. II, dos mortos, feridos e prisioneiros durante a invasão de Matto-Grosso. Infelizmente, apezar das nossas diligencias, não foi possivel descobrir no archivo da secretaria da guerra e no da repartição do ajudante general senão raros officios do presidente de Matto-Grosso Elles foram aqui recebidos e devem estar guardados, mas ninguem soube dizer-nos onde, e isso é mais

uma prova de que o governo imperial deve quanto antes mandar collecionar e publicar todas as peças officiaes relativas á ultima guerra, para que estejam ao alcance de todos, e não desappareçam inteiramente com o correr do tempo.

Dos documentos que examinámos apenas se collige que tinhamos nas fronteiras do Baixo Paraguay e de Miranda 583 praças pouco mais ou menos. Esta força dispersou-se, como já vimos. Alguns dos fugitivos do districto de Miranda foram parar em Cuyabá, reunindo-se em caminho aos fugitivos de Corumbá. Outros seguiram com o tenente-coronel Dias da Silva para Sant'Anna do Parnahyba. A' Cuyabá chegaram as seguintes praças pertencentes a todos os corpos de linha da provincia e á guarda nacional :

Com o commandante das armas	162
Com o 2º tenente Luciano Pereira	57
Com o 2º tenente Mello	230
	449

A Sant'Anna do Parnahyba chegaram 99 praças do corpo de cavallaria e do batalhão de caçadores. Ao todo 538. Extraviaram-se, pois, umas 35 praças, e, si contarmos a guarda nacional, o numero de mortos ou prisioneiros andará por cerca de 100.

D'entre os officiaes sabemos pelo *Semanario* que ficaram prisioneiros, e chagaram á Assumpção, o capitão Augusto Conrado, o 1º tenente Antonio de Camargo Bueno e o 2º tenente Oliveira Barbosa, todos do corpo de artilharia de Matto-Grosso, aprisionados nos pantanaes do S. Lourenço; o tenente de cavallaria Ferreira de Castro, e o cirurgião Dr. Benevenuto do Lago aprisionados em uma canôa na foz do Mondego; o cirurgião Dr. Theophilo Clemente Jobim e mais dous officiaes subalternos.

Estes officiaes e alguns soldados e marinheiros aprisionados desembarcaram em Assumpção, assim como muitos paisanos, empregados publicos e negociantes brazileiros, debaixo das apupadas do povo. « Una multitud de curiosos cubria el puerto, » diz o *Semanario*, « para ver el desembarque de la familia de San Balthazar, como los calificaba. Alli no faltaron las chiflas y rechiflas. »

Outros brazileiros ficaram em Corumbá, e eram obrigados a escrever para o *Semanario* correspondencias narrando os festejos que ahi se faziam. As correspondencias eram assignadas pelos principaes brazileiros ahi retidos.

Entre os prisioneiros de Miranda sobresahe o vigario Frei Marianno de Bagnaia que foi se apresentar aos paraguayos para pedir compaixão por seus freguezes. Esse virtuoso missionario verberou por tal modo os soldados de Resquin, que soffreu sempre rigorosa prisão. Veja-se a scena que o nosso amigo Sr. Taunay descreve no Livro I de sua interessante obra *Retirada da Laguna*. Frei Marianno foi salvo depois da batalha de Campo Grande em 1869.

Quanto aos mortos e feridos eis aproximadamente a perda dos dous lados :

ACÇÕES	BRAZILEIROS				PARAGUAYOS (Segundo o *Semenario*)	
	MORTOS		FERIDOS			
	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Mortos	Feridos
Defesa de NOVA COIMBRA (26, 27 e 28 de Dezembro de 1864)	»	»	»	»	42	164
Acção dos DOURADOS (29 de Dezembro de 1864)	1	2	»	3	»	2
Acção do RIO FEIO (31 de Dezembro)	»	8	»	20	1	2
Perda do vapor ANHAMBAHY	2	20	»	»	1	»
	3	30	»	23	44	168

V

Invasão de Corrientes pelos Paraguayos

Summario. — Manifesto de guerra contra o Paraguay, publicado em Buenos-Aires (26 de Janeiro de 1865) pelo plenipotenciario do Brazil, conselheiro Paranhos (Visconde do Rio-Branco), depois da invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos. — Lopez pretende atravessar o territorio argentino para invadir a provincia brazileira do Rio Grande do Sul. — Recusa do governo argentino (5 de Fevereiro). — A imprensa de Buenos-Aires prorompe em injurias e sarcasmos contra Lopez. — Este convoca para 5 de Março um congresso em Assumpção. — Os desterrados paraguayos protestam em Buenos-Aires contra a reunião desse congresso. — Artigos violentos do *Semanario* contra o governo argentino. — Resoluções tomadas pelo congresso paraguayo dentro de quatro dias. — O Paraguay declara guerra ao governo da Republica Argentina, mas, guardando em segredo esta resolução, só a communica depois de apoderar-se do vapor mercante argentino *Salto*, e dos vapores de guerra *Gualeguay* e *25 de Mayo*, que estavam fundeados no porto de Corrientes (13 de Abril). — Força naval de que dispunha o Paraguay, ao começar a guerra da Triplice Alliança. — Os Paraguayos, ás ordens do general Robles, invadem Corrientes, occupando a capital dessa provincia e pondo em fuga as autoridades argentinas (14 de Abril). — O governador Lagraña reune a guarda nacional para hostilisar os invasores. — Os generaes argentinos Paunero e Caceres reunem-se a Lagraña.

Apezar das participações pomposas e dos tropheos, que lhe enviava de Matto-Grosso o coronel Barrios, reconheceu logo o presidente Solano Lopez que por esse lado não alcançava o fim a que se propuzera. Se do norte vinham gratas noticias de victorias (1), sua impressão logo se desvanecia pelas que chevagam do sul a respeito da tomada de Paysandú, da declaração do bloqueio do Estado Oriental e da occupação de Montevidéo. A's instantes supplicas do foragido Aguirre respondera Solano Lopez com a recusa formal de auxilio, posto que lhe fosse então mais facil soccorrer aos blancos, do que mais tarde pela marcha de Estigarribia ao longo do rio Uruguay. Ao encarregado de negocios em Assumpção, Vasquez Sagustume respondeu que « o Paraguay com a expedição de Matto-Grosso já fizera bastante, e julgava d'esta maneira ter auxiliado devidamente Montevidéo » (2). N'esta resposta do dictador transluzia a esperança de que os Brazileiros, receiando vêr cortada a linha eventual de retirada, desistissem

---

(1) Não houve outros combates em Matto-Grosso a não serem os de Nova Coimbra, Dourados, Rio Feio e o pequeno combate que por alguns momentos sustentou no S. Lourenço a canhoneira *Anhambahy*. A invasão não era esperada, como já vimos, e não havia na fronteira elementos de defeza.

(2) Não é certo. Lopez, como ficou dito, em uma das notas ao cap. II, animava ainda em principios de fevereiro o governo de Montevidéo, promettendo-lhe promptos soccorros.

do ataque de Montevidéo e mandassem ao menos parte das tropas de Menna Barreto para Matto-Grosso. As communicações officiaes dos coroneis Barrios e Resquin a respeito de suas victorias nunca foram publicadas (1), mas certamente continham os motivos da parada da expedição á embocadura do rio S. Lourenço, de modo que Solano Lopez não podia contar com a tomada de Cuyabá, capital da provincia, no mesmo curto praso de tempo. Sem isso tornava-se a occupação de Matto-Grosso um facto sem influencia no proseguimento da guerra, servindo quando muito só para exhaurir e devastar o paiz. Ninguem trata de despovoar uma região que pretende conservar; por isso ao observador imparcial occorre o pensamento de que Solano Lopez já se familiarisára com a idéa de ter de abandonar Matto-Grosso. Logo que chagaram essas participações, cuja data de 14 de Janeiro é um argumento convincente, parece que o dictador resolveu dirigir suas operações para o sul, onde o perigo era imminente, e acudir, se fosse ainda possivel, aos blancos do Estado Oriental. Assim pois teve o ministro dos negocios estrangeiros do Paraguay, Berges, ordem de endereçar ao governo argentino uma nota, sollicitando permissão para que as tropas de sua nação podessem atravessar a provincia de Corrientes, em demanda do territorio brazileiro do Rio Grande do Sul. O consul em Buenos-Aires, Luis Camiños, foi encarregado de entregar esta nota, com a recommendação de pedir prompta resposta, que, como está subentendido, devia ser favoravel (Vej. o Appendice).

Com esta exigencia achou-se o presidente Bartolomeo Mitre em grave perplexidade. E' verdade que Paysandú tinha succumbido, mas a capital podia, como já acontecêra, offerecer longa resistencia, e n'esta incerteza não devia Mitre, com o risco de envolver sua patria em grandes sacrificios, tomar partido *pro* ou *contra* a potencia, que ia precipitar-se na lucta. O Brazil e o Paraguay eram perigosos visinhos: ambos tinham de facto provado por modos differentes sua superioridade militar sobre a Republica Argentina, relativamente fraca; ambos tinham esquadras, ao passo que a Republica Argentina apenas possuia tres navios, quasi improprios para a guerra. Nas grandes vias fluviaes Mitre nenhuma ou quasi nenhuma resistencia podia offerecer aos dous belligerantes, por isso franqueou-as, e sem humilhação viu que ambos se utilisaram da concessão; mas a passagem por uma provincia argentina e na parte que o Paraguay, ha 50 annos, exigia como propriedade sua, essa não podia elle conceder sem directa e franca violação da neutralidade até então observada. Por mais que Camiños instasse, Mitre não tinha pressa em responder, tanto mais quanto o plenipotenciario brazileiro em Buenos-Aires, conselheiro Paranhos (visconde do Rio-Branco), em seu manifesto de 26 de Janeiro, declarava que o Brazil aceitava com todas as suas consequencias a lucta que de modo tão descommunal lhe era imposta, e estava deliberado a proceder nessa conformidade (Appendice). Este manifesto mostrou a Mitre que o Imperio marchava firme em seus actos e resoluções e não obedecia á excitação do momento. Em taes circumstancias não era mais duvidosa uma resposta negativa. Por isso Rufino de Elizalde enviou a nota de 9 de Fevereiro, que, embora em extremo delicada nas expressões, e manifestando muitas vezes o desejo de conservar relações amigaveis com o Paraguay, nem por isso era menos terminante na recusa. N'ella se declarou expressamente que: « assim como nunca se permittiria ao Imperio do Brazil levar a guerra

---

(1) **Foram publicadas no** ***Semanario*** **várias participacões, e algumas transcriptas na** ***Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*** **por Ferreira Moutinho.**

ao territorio paraguayo atravez de uma provincia argentina, assim tambem se procederia em relação ao Paraguay ». A' vista d'isto retirou-se o consul Camiños, e Elizalde communicou toda a correspondencia ao plenipotenciario brazileiro (Vej. o Appendice), o qual só lhe pôde responder por uma nota datada de 4 de Março, e de Montevidéo (Appendice), onde fôra regular as relações do Brazil com o novo governo então estabelecido.

Emquanto as tropas imperiaes, partindo de Montevidéo, tomavam posição ao noroeste do Estado Oriental, na raia correntina e brazileira, chegava a Assumpção a recusa da Republica Argentina em dar passagem pela provincia de Corrientes. Solano Lopez ficou dominado de vehemente agitação e resolveu então contra os Argentinos o acto de violencia, que mais tarde praticou. Parecia estar tão intimamente convencido de que suas tropas desbaratariam os Brazileiros, se lhes fosse possivel encontral-os, que n'este presupposto abstrahio dos perigos, que lhe redundavam de uma nova hostilidade gratuita. Quando se dirigiu a Mitre, acabava de morrer o velho bispo do Praguay, Urbieta, e para seu successor foi escolhido o joven Palacios. E' voz geral que durante toda a guerra foi este homem o anjo máo do presidente, e é assaz provavel que tambem fosse elle quem n'essa occasião de duvida e hesitação o impellisse a resoluções, na verdade decisivas para o momento, e sobremodo audazes, mas tambem injustificaveis e escandalosamente contrarias ao direito das gentes. Aproveitou-se dos violentos e sarcasticos artigos das gazetas de Buenos-Aires para inflammar a raiva de seu amo e protector, e de feito taes artigos eram apropriados para excitar um autocrata, que em seu paiz só tolerava um semanario, de que elle proprio era o censor. Logo que em Buenos-Aires se divulgou a exigencia paraguaya, a imprensa deixou de parte toda a moderação, insultou e injuriou o presidente Solano Lopez pessoalmente, por causa de suas relações com Mme. Lynch, e a nação, por causa de sua patriotica escravidão e de seu servil patriotismo. E' fóra de duvida que o immoderado procedimento da imprensa argentina não pouco contribuio para a resolução do dictador Solano Lopez.

Chegando a Assumpção o manifesto do plenipotenciario brazileiro Paranhos, de 26 de Janeiro, viu-se Solano Lopez illudido em sua expectativa de desviar a attenção do Imperio da guerra no Rio de Prata, por meio da invasão de Matto-Grosso; e quando tambem Mitre não correspondeu a seus calculos, reconheceu que os actos que praticava precisavam ser escudados pelo voto nacional. Por isso convocou em 15 de Fevereiro uma reunião extraordinaria de congresso para o dia 5 de Março em Assumpção, proseguindo entretanto em seus preparativos bellicos, concentrando tropas entre Humaitá e o Paso de la Patria e mais para leste defronte da Candelaria, atulhando novamente os acampamentos de Cerro Leon e da Concepcion de recrutas de todas as classes, até á idade de 60 annos. Todos os cidadãos se apresentaram com a maior diligencia e zelo. Ao mesmo tempo o *Semanario* preparava as decisões do congresso por meio de artigos violentissimos. Os representantes eleitos estavam tão bem disciplinados que ao chegarem á Assumpção foram todos ao palacio do governo saber quaes eram as resoluções desejadas por « El Supremo ». Havia tambem empregados incumbidos de instruir aos deputados que fossem chegando á capital. Como, porém, esses senhores espontaneamente se apresentaram, ninguem teve o trabalho de ir procural-os.

Na primeira sessão, a 5 de Março, foi lida a mensagem do presidente, o qual se queixava das disposições hostis da Republica Argentina e especialmente de Buenos-Aires. Para prova foram apresentados, os artigos mais virulentos e sarcasticos dos jornaes de Buenos-Aires, os trechos mais apro-

priados para incitar os animos dos Paraguayos, procurando-se cuidadosamente tudo quanto ferisse o melindre da nação (1). Assim preparadas as cousas, pediu Lopez :

1) autorisação para contrahir no estrangeiro um emprestimo de 5,000,000 duros, que não foi difficil realisar, porque o paiz não tinha dividas e achava-se reconhecidamente em estado florescente ;

2) autorisação para nomear durante a guerra 6 generaes de brigada e 3 generaes de divisão ;

3) o direito de emittir papel-moeda, conforme fosse necessario ;

4) que se reconhecesse ter sido a Republica Argentina quem declarára tacitamente guerra á do Paraguay, vedando o transito das tropas desta pela provincia de Corrientes, ao passo que não embaraçava aos Brazileiros de bloquearem os portos da Republica.

Propostas que não só foram unanimemente approvadas em quatro sessões, como ainda ultrapassadas pelas seguintes resoluções, iniciadas pelos proprios membros da assembléa :

1) Que os extractos dos jornaes de Buenos-Aires e os proprios jornaes, que se podessem obter, fossem queimados em praça publica pela mão do carrasco.

2) Que Solano Lopez devia aceitar o posto de marechal do exercito com o soldo de 60,000 duros por anno. Durante tres dias recusou Solano Lopez aceitar o dinheiro, mas no quarto dia cedeu. Emquanto o dictador se obstinava a não receber a quantia, propôz um deputado que se lhe offertasse uma espada cravejada de brilhantes no valor de 60,000 duros. Este presente foi approvado, não em substituição do soldo votado, mas, conjunctamente com elle, porque a espada era uma questão de honra.

3) Que « El Supremo » não se expuzesse durante a guerra a nenhum perigo pessoal. Tambem a isto se oppoz Solano Lopez a principio, mas por fim sujeitou-se, e quando mais tarde seus soldados o não viram tomar parte em nenhum combate, allegava elle esse decreto do congresso, ao qual tinha de submetter-se.

4) Que a declaração de guerra á Republica Argentina fosse redigida n'estes termos :

« O Soberano Congresso Nacional declara :

« Art. 1°. E' approvado o procedimento do Poder Executivo da Nação para com o Imperio do Brazil, na emergencia trazida por sua politica ameaçadora dos Estados do Prata, e pela offensa directa inferida á honra e á dignidade da Nação, e, de accordo com as attribuições do art. 3°, tit. 3° da lei de 13 de Março de 1864, é autorisado o Poder Executivo para continuar a guerra.

« Art. 2°. Fica declarada a guerra ao actual Governo Argentino até que dê as garantias e satisfações devidas aos direitos, á honra e á dignidade da Nação Paraguaya e de seu Governo.

« Art. 3°. S. Ex. o Sr. Presidente da Republica fará a paz com um e outro belligerante, quando o julgue opportuno, dando conta d'isso á representação nacional, conforme a lei.

« Art. 4°. Communique-se ao Poder Executivo.

« *(Assignado)* — JOSÉ FALCON, *vice-presidente do Honrado Congresso Nacional* (2). »

---

(1) Todos estes dados são extrahidos da obra de Thompson.

(2) Traduzimos, este documento de Thompson, porque o Sr. Schneider o publicou com algumas omissões. No *Semanario,* porém, encontra-se a integra d'este decreto do Congresso, e a exposição de motivos que o precede, e que Thompson supprimio. Quem quizer

Com isto encerraram-se as memoraveis sessões d'esse congresso no dia 8 de Março, e Solano Lopez apressou-se em cumprir as suas determinações. Expediu ordem para se fabricarem alguns milhões de papel-moeda e logo que este entrou em circulação, determinou que em todos os pagamentos feitos no paiz, só metade da somma fosse paga em metal.

Ainda que pareça inverosimil, é comtudo facto inconcusso que a nota de 29 de Março, do ministro Berges ao seu collega argentino Elizalde, só foi entregue a este no dia 3 de Maio, isto é, muito depois de consummada a violencia paraguaya contra Corrientes. E' tambem singular que o governo argentino nenhuma communicação recebesse de Assumpção a respeito d'esse acontecimento, quando ainda não estava interrompida a navegação; só em 16 de Abril circularam boatos de guerra na praça do commercio de Buenos-Aires. Tinha-se observado que os agentes paraguayos procuravam cobrar, mesmo com prejuizo, as contas que os negociantes argentinos estavam devendo por mercadorias recebidas de Assumpção. Descubrio-se tambem que o general Robles, em uma carta datada do quartel-general de Humaitá, recommendava a um agente que resguardasse a propriedade dos paraguayos, porque a guerra já estava declarada e elle mesmo já recebêra ordem de marchar sobre Corrientes, e de facto ia logo partir. A mencionada nota de Berges, do dia 29 de Março, é um documento notavel pelas razões e motivos allegados com o fim de explicar o rompimento das hostilidades : « O presidente Lopez (dizia em resumo esse documento) não se deixou illudir pela declaração de governo argentino, de querer conservar-se neutro ; é facto sabido que um general argentino (alludia a Flôres) invadira o Estado Oriental, promovendo uma revolução contra o governo legitimo á frente de elementos brazileiros e portenhos ; em Buenos-Aires conspirava ás escancaras um club revolucionario de Orientaes e outro de traidores Paraguayos ; o governo argentino não impedia que a imprensa do seu paiz, até mesmo a official, publicasse contra o Paraguay os mais repugnantes e injuriosos artigos, que jámais vira o mundo ; era um escarneo prohibir ao exercito paraguayo a passagem por Corrientes, sob o pretexto de que os dous belligerantes tinham livre a linha fluvial do Paraná e poderiam hostilisar-se em uma extensa linha de fronteiras ; todos estes actos hostis, praticados sem provocação da parte do Paraguay, haviam convencido ao presidente Solano Lopez que o actual governo argentino é inimigo da honra, da dignidade e dos direitos do Paraguay, e, por isso, em virtude de um decreto do congresso, lhe é declarada a guerra, pela qual só a Republica Argentina é responsavel. » A este singular documento juntou-se por copia o decreto lavrado no fim da sessão pelo soberano Congresso da nação Paraguaya.

Nota-se que a cada passo Solano Lopez allude ás injurias, que lhe foram assacadas pela imprensa argentina, e esta irritação se manifesta durante toda a guerra. Não menos se estomagou com o proceder dos Paraguayos, que, expulsos por elle ou por seu pai, se haviam estabelecido em cidades argentinas. Logo aos primeiros rumores ácerca das disposições bellicas do tão odiado « El Supremo » e de suas ameaças contra o Brazil, reuniram-se os mais influentes dessa colonia de exilados para discutir as eventualidades que para elles poderiam surgir de uma guerra, que pela primeira vez arrancava a patria do isolamento. O primeiro acto que praticaram foi formular um protesto, na qualidade de cidadãos Para-

---

inteirar-se de todas as particularidades deve ler naquelle periodico a curiosa discussão travada no seio do Congresso. (Vej. a collecção do *Semanario*, na Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico do Brazil.)

guayos, contra o decreto de 15 de Fevereiro, pelo qual Solano Lopez convocava o congresso nacional, declarando que o tyranno se servia de tal meio para acobertar seus planos ambiciosos. Poucos actos de seus inimigos, que iam então avultando em numero, exacerbaram tanto o dictador e lhe despertaram tão viva a sêde de vingança, como esse protesto de seus antigos subditos : ordenou que os parentes d'esses exules lhes respondessem e refutassem suas declarações. Foi o que realmente succedeu. Thompson cita trechos de uma carta, que a mãe de um d'elles teve que publicar no *Semanario*. Ahi se diz :

« E demais declaro, que se meu filho Benigno persiste no caminho errado em que vai, e não desmente publicamente suas palavras, será amaldiçoado por todos os seus concidadãos ; e eu tambem, mãe afflicta, terei de amaldiçoal-o, contra minha vontade (1). »

Vê-se que de ambos os lados fermentavam os odios e só faltava uma faisca para atear o grande incendio.

Demais parece que em Assumpção tambem se revelou alguma opposição aos planos do presidente, porque, durante os folguedos publicos com dansa e musica em barracas construidas para esse fim nas praças da cidade, fallou-se em prisões e execuções summarias de pessoas notaveis. Assim foi preso um ancião, o juiz Lezcano, morrendo de máos tractos que recebeu na cadeia ; assim tambem foi o deputado Jovellanos restituido moribundo á sua familia (2). Quando Lezcano já tinha expirado, mandou-se dizer á sua esposa, que podia ir buscal-o á cadeia. Apresentando-se ella alegre, porque cuidava que o queriam soltar, foi conduzida ao deposito dos cadaveres, donde vio sahir o corpo do marido em um carro de bois para ser enterrado por soldados policiaes. Tambem o cadaver de Jovellanos foi arrastado pelos pés do interior da casa da familia até á rua, para ser levado em um carro de bois. Esta severidade desacoroçoou a todos quantos quizessem ainda tentar alguma cousa contra as ordens do « El Supremo » e nada mais transpirou. Senhoras das classes elevadas, que tinham até então recusado tomar parte nos regosijos populares, porque se vexavam do contacto com mulheres de reputação duvidosa, não mais hesitavam e compareciam para que pelo menos constasse sua presença.

Não tendo o governo argentino recebido communicações officiaes a respeito das intenções do Paraguay, deixou de dar valor á carta de Robles e considerou-a como uma ballela dos especuladores da praça do commercio. Além disso suppunha decidida a questão capital com a installação do governo colorado em Montevidéo, e julgava que a lucta se limitaria ao Brazil e ao Paraguay. Realmente não parecia crivel que Solano Lopez

---

(1) Nas columnas do *Semanario* encontram-se declarações mais curiosas ainda. Assim, annunciando um boletim do exercito paraguayo que o capitão Berdoy era um dos guias dos alliados depois da passagem de Paraná, sua esposa teve de publicar no *Semanario* de 5 de Maio de 1866 uma extensa declaração, da qual extrahimos os seguintes trechos :

«... La iglesia me ha dado por esposo y para padre de mis hijos a un hombre en quien se creia haber un alma racional, y un cristiano; pero Justo Berdoy procura la muerte de su patria, la muerte de su esposa y la muerte de sus hijos; ha dejado portanto de ser mi esposo y padre de mis hijos, porque la Santa Iglesia no consagra lo que ella repudia, lo que condena como heregia, lo que és contrario a sus leyes y a las de Dios... Declaro que Justo Berdoy ha dejado por siempre y para jamas de ser mi esposo : que a mis hijos los considero, y les diré y enseñaré que son huerfanos, que su padre ya no vive para ellos ni para la patria, mas que para las furias del infierno... »

As irmãs de Berdoy, declarando tambem que nada tinham de commum com esse *miseravel, pediam ao céo que o castigasse severamente.*

(2) A prisão de Lezcano e Jovellanos deu-se antes, por occasião da eleição de Solano Lopez. Vej. THOMPSON, *Guerra do Paraguay*, Cap. IV.

creasse, como creou, terceiro inimigo, quando o Brazil já fizera causa commum com o governo provisorio do Estado Oriental, o qual acabava de ser organisado pelas armas brazileiras.

No dia 17 de Abril propagou-se de Corrientes a Buenos-Aires a noticia de que não só no porto de Assumpção fôra aprisionado o vapor mercante argentino *Salto*, como tambem que no dia 13 os 2 vapores de guerra *Gualeguay* e *25 de Mayo*, que tranquillamente estavam fundeados no porto de Corrientes, haviam sido sorprendidos, abordados e levados para Humaitá por 5 vapores paraguayos. A esta primeira noticia seguiram-se outras, que tornaram conhecidas as circumstancias especiaes. Os dous navios tinham sido mandados de Buenos-Aires para Corrientes com o fim de observarem os successos nessas regiões, quando Solano Lopez apresentára a exigencia de passagem atravez do territorio argentino. As fornalhas não estavam accesas, nenhum preparativo havia de combate, porque ninguem pensava que os Paraguayos, sem declaração de guerra e sem previo aviso, se affoutassem a actos tão selvaticos. Não se deu signal de alarma, quando das Tres Bocas (confluencia do Paraguay, no Paraná) se avistou a fumaça dos cinco vapores paraguayos. Nem a bordo, nem em Corrientes se sabia o que significava aquella passagem de cinco embarcações estrangeiras. Nenhuma medida de defesa se adoptou, e por isso não foi menor a perturbação, quando os 5 navios, depois de terem descido um pouco o rio, repentinamente voltaram, aproaram para o lugar onde estavam ancorados os dous vasos argentinos, approximaram-se, e deram descarga de metralha, ao mesmo tempo que a tropa de bordo fazia fogo sobre todos os Argentinos que se mostravam no convez. Os Paraguayos lançaram-se á abordagem ; saltaram para os navios, mataram todos os que não se atiraram n'agua, fuzilaram os que nadavam, de modo que poucos chegaram vivos á margem. Emquanto quatro dos navios paraguayos estavam occupados com a abordagem, o quinto muito a salvo bombardeava a cidade, que, dominada de terror, nem pensava em defender-se (1). Revistando o *Gualeguay* e o *25 de Mayo*, encontraram os Paraguayos 49 homens, entre os quaes o commandante do primeiro e quatro tenentes, que foram levados prisioneiros. De armamento acharam 800 refles de abordagem, com que depois foi provido o 6º batalhão (2).

Toda esta scena durou apenas algumas horas; os dous vasos aprisionados foram rebocados rio acima para serem incorporados á esquadra pa-

---

(1) Nem tinha como defender-se desse bombardeamento, pela sorpresa da aggressão.

(2) A esquadrilha paraguaya que tomou esses 2 vapores compunha-se do *Tacuary*, *Paraguary*, *Igurey*, *Yporá*, e *Marquez de Olinda*, ás ordens do chefe Mesa, o mesmo que dirigira antes as forças navaes inimigas na expedição de Matto-Grosso e que as commandou depois na batalha do Riachuelo. O *25 de Mayo* montava 6 bocas de fogo e o *Gualeguay* 2; o primeiro foi atacado pelo *Igurey* e *Yporá* e o segundo pelo *Marquez de Olinda*. A guarnição do *Gualeguay*, vendo que este vapor ia ser abordado, abandonou-o em seus escaleres e alcançou a praia, que estava proxima. Do *25 de Mayo*, fundeado mais ao largo, só se salvaram a nado 1 guarda marinha ferido, e 5 marinheiros, um dos quaes tambem foi ferido. Ficaram prisioneiros o commandante e o immediato, 4 tenentes e 43 marinheiros. Todos os outros foram mortos no acto da abordagem. Os Paraguayos apenas tiveram 1 official e 10 marinheiros feridos pelo fogo que de terra fizeram com uma pequena peça os marinheiros desembarcados do *Gualeguay*.

Esta covarde aggressão foi elevada pelo *Semanario* á altura de brilhante façanha, causando estranheza a esse periodico o facto de não terem sido defendidos « dous bellos vapores, perfeitamente armados e tripolados. » Um anno depois, porém, quando Lopez se vio obrigado a fazer encalhar em um arroyo das visinhanças do Passo da Patria o « bello vapor *Gualeguay*, » que dahi foi retirado e entregue aos argentinos pelos brazileiros, já o *Semanario* o chamava « um miseravel bote a vapor; pequeno, fraco e imprestavel. »

raguaya, que desde então ficou composta de 21 vapores, com os quaes principiou a lucta contra o Brazil. Os vapores armados eram o *Tacuary*, o *Igurey*, o *Paraguary*, o *Rio Apa*, o *Jejuy*, o *Rio-Blanco*, o *Yporá*, o *Salto de Guayrá*, o *Argentina*, o *Paraná* e um undecimo, que ainda se estava construindo em Assumpção. As canhoneiras a vapor eram a *Anhambahy* (aprisionada perto de Sará em Matto-Grosso (1), o *Marquez de Olinda* (paquete mercante capturado perto da cidade da Conceição), e um pequeno vapor brazileiro de passageiros, empregado na navegação fluvial. Na Europa tinham sido comprados o *Pulaski*, o *Cavour*, o *Flying Fish* e o *Ranger*. A estes foram reunidos os tres vapores argentinos *Salto*, *25 de Mayo* e *Gualeguay*. Navios de vela possuia Solano Lopez o *Rosario*, o *Independencia* e o *Aquidaban*, que igualmente foram armados com peças. D'entre as chatas ou baterias fluctuantes só duas, munidas de canhões Armstrong de calibre 80, tiveram nomes especiaes durante a guerra, a *Humaitá* e *Cerro Leon;* as outras parece terem sido designadas por numeros (2).

Os cincos vapores que tinham aprisionado os navios argentinos, regressaram ao Paso de la Patria e receberam a bordo 3,000 homens de infantaria, ao mesmo tempo que 800 homens de cavallaria passavam para a margem esquerda do Paraná e marchavam sobre Corrientes. O general de brigada Robles, então nomeado general de divisão, assumio o commando desta força, e, apresentando-se no dia 14 com os morrões accessos diante da cidade, desembarcou sua infantaria. Tendo esperado por espaço de uma hora que alguem de dentro das casas sahisse a informar se a cidade se queria defender, mandou por fim patrulhas até á bocca das ruas e então appareceram algumas pessoas declarando que Lagraña, governador de Corrientes, se retirára da cidade com os poucos soldados da guarnição e se dirigira para o sul, no intuito de chamar ás armas as milicias provinciaes. Confiando nesta declaração, mandou Robles que as tropas entrassem na cidade : occupou-a militarmente, poz sentinellas nas entradas do lado

---

(1) Aprisionada perto do Morro do Caracará, no rio S. Lourenço, em Matto-Grosso.

(2) Damo-nos pressa em rectificar a nota anterior em que demos segundo o Semanario uma falsa noticia sobre a esquadra paraguaya.

Encontrámos a relação publicada a pag. 91 no folheto do Sr. Affonso Celso « *A esquadra e a opposição parlamentar* ». O autor do folheto, fiando-se em uma correspondencia de Montevidéo para o *Jornal do Commercio*, declara que essa relação é tomada do *Semanario*, mas, percorrendo depois a collecção deste periodico, não a encontrámos, e pelos dados que em rapido exame pudemos colher, verificámos que está imperfeitissima.

A seguinte relação dos navios paraguayos é mais completa :

Vapores : *Tacuary, Paraguary, Igurey, Marquez de Olinda* (vapor mercante brazileiro capturado), *Salto Oriental* (vapor mercante argentino capturado), *Yporá, 25 de Mayo, Gualeguay* (os dous ultimos são os vapores de guerra argentinos tomados em Corrientes), *Jejuy, Rio-Blanco, Rio Apá, Pirabebé* (antes *Ranger), Iberá* (antes *Cavour), Rio Mbotetey* (antes *Vesuvio)* (foram comprados estes tres em principios de 1865 na Assumpção, como se vê no *Semanario), Salto de Guayrá, Paraná, Anhambahy* (tomado em Matto-Grosso), *Olympo, Pirá Güirá, Ypanema* (pequeno vapor da companhia brazileira de navegação fluvial, aprisionado), e os tres outros mencionados pelo Sr. Schneider, o *Argentina*, o *Flying Fish* e o *Pulaski*. Por falta de tempo deixámos de verificar no *Semanario* os nomes que tomaram estes ultimos vapores.

Total, 23 vapores.

Navios de vela pertencentes á marinha de guerra só temos noticia dos que tomaram parte na expedição de Matto-Grosso, e de alguns mencionados pelo *Semanario*, a saber : as escunas *Independencia* e *Aquidaban*, os patachos *Rozario, General Lopez* e *Paraguary*, e os lanchões *Humaitá* e *Cerro Leon*. Outro lanchão promptificado em Fevereiro ou Março de 1865 tomou o nome de *Coimbra*. Todos esses navios tinham artilharia.

Havia varias *chatas* armadas cada uma com um canhão de 68 ou 80.

Só percorrendo-se cuidadosamente a collecção do *Semanario* (Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico do Brazil), para o que não dispomos agora de tempo, se poderá organisar uma relação completa dos navios de guerra paraguayos.

de terra e ordenou que os navios conservassem sempre as fornalhas accesas, não só para dominarem as margens do rio, como principalmente para darem signal da approximação da esquadra brazileira, que inspirava aos Paraguayos serios receios. A população de Corrientes mostrou-se, senão indifferente, ao menos não hostil á invasão, e uma pequena parte della até manifestou sympathias. Solano Lopez até ahi estendêra os fios de sua trama. Um certo Miguel Rojas estabelecêra-se nessa cidade como negociante de gado para fornecer rezes ao exercito paraguayo, e tinha sido encarregado de sondar o povo a respeito da eventualidade de uma annexação ao Paraguay. Procedendo com aquella grande astucia, que quasi sempre se nota nos agentes do Paraguay (ao passo que os Alliados muitas vezes tiveram de luctar com a perfidia dos seus), tinha-se ligado com os federalistas, inimigos de Mitre e adversos á preponderancia de Buenos-Aires na Confederação, de modo que muito util foi ao general Robles na installação do governo provisorio, determinada por Solano Lopez. Encontraram-se tres Correntinos, Caceres, Gauna e Silveiro, que não duvidaram aceitar o governo provisorio, o qual antes de tudo devia proclamar a independencia em relação a Buenos-Aires, adiando entretanto a declaração de annexação ao Paraguay até á completa occupação da provincia inteira. Nominalmente foram estes homens por algum tempo os triumviros de Corrientes. Alguns dias depois de sua installação, chegou de Assumpção o ministro Berges,nomeado por Solano Lopez para as funcções de governador geral, e assumio a direcção suprema dos negocios. Em sua companhia foram alguns empregados, como o resoluto Urdapilleta, o padre Bogado e Miguel Haedo, que, sem fazerem parte do governo, o exerciam de facto, e em pouco reduziram seus collegas Correntinos a simples agentes de policia.

O povo sympathisou com a disciplina e regularidade das tropas paraguayas, com as quaes podia tambem facilmente relacionar-se, porque em Corrientes ainda hoje as classes inferiores fallam o guarany. Na cidade desvelaram-se os officiaes paraguayos pela melhor ordem, mas no campo os excessos foram grandes. E' verdade que as informações são muito contradictorias, porque se de um lado mencionam revoltantes crueldades praticadas na Bella-Vista e no Empedrado, de outro nada consta a respeito das demais cidades. Parece que neste particular as cousas dependiam da indole dos officiaes.

Deixando dous batalhões e duas bocas de fogo na cidade de Corrientes sob o commando de major Martinez, dirigio-se o general Robles para o sul, primeiramente seguindo a margem de Paraná, para observar a approximação da esquadra brazileira e deter-lhe o passo, por meio de baterias levantadas na margem em convenientes posições. Em breve reconheceu não chegarem suas tropas para occupar a provincia inteira de Corrientes, e, sendo isto communicado a Berges, veio um reforço de 6,000 homens de infantaria e outros tantos de cavallaria. Estes dados variam muito, não só no principio, como no fim da invasão. Por uma diligente investigação sabe-se que em tempo nenhum houve mais de 18,000 homens reunidos em Corrientes (1). Não precisamos dizer que viviam á custa da região occupada, concorrendo não pouco esse facto para que entibiasse o ardor pela causa paraguaya e se fortalecesse o elemento nacional, que o governador La-

---

(1) O general Resquin em seu depoimento declarou que este exercito de Robles compunha-se de 20,000 homens das tres armas, com 30 peças de artilharia. Foi depois elevado a 30,000 homens.

graña ao sul do paiz soube despertar e congregar. Ainda menos do que em Matto-Grosso, puderam os Paraguayos chegar com este primeiro impulso feliz ao avassallamento completo do paiz : a parte meridional nunca vio um soldado paraguayo, e no centro ora dominava o governador Lagraña, ora o general Robles. O dictador, muito descontente com este resultado duvidoso, não procurou compensação por um procedimento mais energico em Corrientes : contentou-se com a posterior expedição de Estigarribia ao longo do rio Uruguay.

Sem esperar instrucções de Buenos-Aires, manifestou o governador Lagraña grande energia. Se lhe podem exprobrar desanimo no momento da chegada dos Paraguayos, cabe tambem essa exprobração a muitos outros. Desde o momento em que teve de deixar a cidade de Corrientes, mostrou-se habil e digno de confiança. Retirou-se primeiro para as eminencias do Empedrado e depois para Bella-Vista; foi de estancia em estancia reunindo a gente capaz de pegar em armas; fez uma proclamação chamando para a defeza da patria os Correntinos de 16 a 60 annos de idade, e declarando traidores os que cumprissem qualquer ordem do governo intruso e revolucionario. Comtudo não se julgou com forças para tomar a offensiva, e propriamente só apenou tropa para os generaes Paunero e Caceres, que foram mandados de Buenos-Aires afin de organisarem as levas de Corrientes.

Berges não tardou em perceber que os Correntinos, conhecendo de perto a indole dos Paraguayos e o seu systema de governo, não sympathisariam com uma união politica. Ao principio deram-se passaportes aos que queriam deixar a provincia; crescendo, porém, os pedidos, parou-se com taes concessões. Os archivos da provincia e os livros das repartições publicas foram expedidos para Assumpção; todo o dinheiro em moeda confiscado, sendo substituido pelo papel-moeda do Paraguay. A isto accresceu a severidade imprescindivel e a falta de trabalho consequente ao estado de guerra, ficando em breve patente que Corrientes poderia ser uma provincia annexada, mas nunca uma provincia alliada. Ainda mais doloroso foi o desengano de Solano Lopez quanto ao pronunciamento do velho Urquiza. Evidentemente fôra a expedição de Corrientes emprehendida na esperança de que este a coadjuvaria de Entre-Rios, mas tal esperança de todo se mallogrou, como veremos minuciosamente no capitulo seguinte. Urquiza nem se quer se conservou neutro; pelo contrario adherio com enthusiasmo e energia á causa da sua patria (1). Em taes circumstancias, logo após este primeiro successo, perdeu o commettimento paraguayo seu principal impulso, e a retirada do exercito invasor tornou-se simples questão de tempo.

---

(1) O procedimento de Urquiza foi sempre mysterioso durante esta guerra, mas hoje é geralmente sabido que esse caudilho sympathisava com a causa de Lopez. Si não se animou a tomar partido pelo dictador, foi provavelmente porque comprehendeu, á vista dos armamentos do Brazil, que o Paraguay nada poderia fazer a favor do partido federal da **Republica Argentina.**

VI

A Triplice Alliança

Summario. — **Tratado da Triplice Alliança (1º de Maio de 1865). — Os Paraguayos em Matto-Grosso. — Ardor patriotico que desenvolvem os Matto-Grossenses. — Uma força naval brazileira sobe o Paraná para bloquear o territorio occupado pelos Paraguayos. — O exercito alliado na Concordia. — Combate de Corrientes (25 de Maio). — Mitre assume o commando em chefe dos Alliados. — Urquiza e a dispersão de suas tropas em Basualdo. — Creação da Ordem Nacional do Merito, pelo dictador Lopez.**

Ao saber-se em Buenos-Aires do aprisionamento dos dous navios argentinos, não foi a colera popular menor que no Rio de Janeiro ao chegar a noticia de captura do *Marquez de Olinda* e da subsequente invasão de Matto-Grosso. Com effeito, a rapida successão de dous attentados taes era bem propria para despertar o sentimento nacional em alto grão de intensidade. Não havia motivo, não havia explicação para esse procedimento do dictador Lopez, e por isso tambem ninguem tentou então justifical-o ? Que poderia induzir o pequeno Paraguay, no momento de romper hostilidades com o poderoso Brazil, a aggredir a Republica Argentina, cujas boas disposições, ou, ao menos, cuja neutralidade não deixaria de ser um importante meio de defeza ? A' geral perturbação, á sorpreza de todos seguiu-se violenta explosão. Ruidosas multidões de povo exigiram do governo declarações immediatas, providencias decisivas contra essa audaz e descommunal offensa á honra nacional, e por diminutas que fossem para com o Brazil as sympathias dos republicanos de convicção e dos inimigos de raça, nem por isso deixou o povo de Buenos-Aires de enthusiasmar-se pela causa dos Brazileiros. Grupos percorreram as ruas com musicas e bandeiras; pararam diante do palacio do governo, onde Mitre ao principio pediu que esperassem informações mais seguras, e, nada conseguindo com isso, pronunciou estas palavras memoraveis, que infelizmente se não realisaram :

« Cidadãos ! em tres dias nos quarteis, em tres semanas na campanha, em tres mezes na Asuncion ! » (1).

Emquanto perduravam nas massas populares esses sentimentos de

---

(1) Eis as palavras do general Mitre : — « Señores! Despues de la provocacion lanzada, del insulto hecho a nuestra bandera por el tirano del Paraguay, vuestro gobernante no vos puede decirvos otra cosa, sinó que las proclamas y las manifestaciones van a ser traducidas en hechos, que *dentro de 24 horas estaremos en los cuarteles, dentro de quince dias en campaña, y a los tres meses en la Asuncion.* »

exaltação e se reunia uma junta dos exilados paraguayos residentes em Buenos-Aires para constituir, sob a direcção dos coroneis Iturburn e Decoud, uma legião destinada a debellar o tyranno Lopez, não faltaram excessos, como era natural. A furia popular desencadeou-se contra o agente paraguayo Felix Egusquiza, a quem Mitre mandou pôr em custodia, como unico meio de subtrahil-o á chamada lei de Lynch. Por igual motivo mandou-se para a cadeia no Rosario ao consul paraguayo Caminos, mas nem por isso se obstou que fossem praticadas offensas contra o consulado. Ondas de povo para ahi se dirigiram, arrancaram as armas da republica do Paraguay, arrastaram-n'as até ao rio Paraná juntamente com o retrato do dictador, achado na sala de recepção do consul; no meio de imprecações lançaram tudo na agua, lavrando e fazendo publicar nos jornaes uma acta solemne d'esta scena, para que não ficasse a minima duvida sobre as disposições do povo para com o Paraguay. Estes dous factos foram mencionados mais tarde por Lopez como prova do barbaro procedimento dos Alliados para com elle.

Em presença de semelhante exaltação do povo, que se mostrou disposto a todos os sacrificios e não regateou promessas pessoaes, tinha o governo que cuidar do necessario em tão serias circumstancias. A Republica Argentina de modo nenhum estava preparada para a guerra. Só a provincia de Buenos-Aires constituia excepção. O presidente Mitre não desconhecia que nas outras doze provincias da republica não existia igual dedicação, nem a mesma energia para supportar sacrificios. Santa-Fé, ainda que immediatamente ameaçada, vacillava; Entre-Rios, a julgar pela attitude de Urquiza, era hostil ao governo nacional, e parte de Corrientes se achava em poder do agressor.

Como era de razão, taes circumstancias indicaram a indeclinavel necessidade de acção conjuncta da Republica Argentina e do Brazil. Este já estava alliado á Republica Oriental contra o Paraguay, desde a installação do governo de Flôres ; e ao recem-chegado plenipotenciario do Imperio, conselheiro F. Octaviano, que fôra substituir o conselheiro Paranhos, coube aproveitar a favoravel situação, creada pelo proprio Lopez, para concluir a nova alliança. As bases já haviam sido estabelecidas pelas negociações do conselheiro Paranhos com o general Flôres, em virtude das quaes se effectuára a liga do Estado Oriental com o Brazil contra o governo do Paraguay, de modo que o presidente Mitre só tinha propriamente de adherir a uma fórma pre-estabelecida (1). A 17 de Abril chegaram a Buenos-Aires as primeiras noticias da aggressão (2) e já no 1° de Maio estava assignado

---

(1) Ha engano do escriptor. Não estavam assentadas as bases da alliança. O visconde do Rio-Branco fizera inuteis esforços para que o presidente Mitre se ligasse ao Imperio e á Republica Oriental. O general Mitre desejava sinceramente manter-se estranho á luta, embora fizesse votos pela victoria do Brazil, porque sabia que a nossa causa era a da civilisação desta parte da America. Com effeito a Republica Argentina tinha tudo a ganhar matendo-se neutral : o nosso ouro seria derramado a mãos cheias no Rio da Prata e aquella republica prosperaria mais que nunca, gozando do espectaculo de assistir a uma luta em que o Imperio, enfraquecendo-se, ia destruir o poder militar do Paraguay e facilitar a obra da reconstrucção do antigo vice-reinado hespanhol, objecto dos sonhos de todos os estadistas argentinos. Lopez, porém, desviou desse proposito o general Mitre, e tornou indeclinavel a alliança entre a Republica Argentina e o Brazil. Depois da tomada de tres vapores argentinos, entre os quaes dous de guerra, e da invasão de Corrientes pelos Paraguayos não restava ao governo de Buenos-Aires outra alternativa senão levantar a luva que lhe fôra arremessada, e vingar tão pungentes affrontas. As bases do tratado de alliança não haviam sido formuladas antes, como suppõe, o autor pelo visconde do Rio-Branco.

(2) O conselheiro F. Octaviano chegou a Buenos-Aires no dia 16 de abril e foi recebido pelo governo argentino no dia 20.

n'essa capital o tratado da Triplice Alliança. Para esse fim dirigiu-se a Buenos-Aires o ministro das relações exteriores da Republica Oriental, depois de haver o general Flôres conferenciado com o presidente Mitre e com o plenipotenciario brazileiro F. Octaviano.

Aconteceu então o que ninguem esperava. O velho general Urquiza, que todos suppunham disposto a fazer causa commum com o Paraguay, pois existiam provas de suas relações e de sua connivencia com Lopez (embora só contra o Brazil), dirigio-se de sua esplendida estancia de San José, em Entre-Rios, até Buenos-Aires, e pôz-se, com a gente de sua provincia, á disposição do governo da Republica. A principio ninguem quiz crêr n'esta sorprendente mudança de opinião, e os tres plenipotenciaros, que discutiam o tratado da Triplice Alliança, F. Octaviano, R. Elizalde e Carlos de Castro, oppuzeram-se a que elle tomasse parte nas negociações, dissimulando a recusa com a circumstancia de que era simples governador de uma provincia confederada e, portanto, subordinada ao governo geral. Urquiza, porém, manifestou com tanto ardor sua indignação contra a injusta aggressão do Paraguay, declarou tão alto que no momento em que era offendida a Republica Argentina deviam emmudecer todos os interesses provinciaes e pessoaes, que por fim Mitre e Flôres acreditaram na sinceridade de sua intenção, aceitaram cordialmente seus offerecimentos e até concordaram em confiar-lhe o commando de toda a cavallaria que reunisse em Entre-Rios, e que deveria formar uma vanguarda operando independente.

O velho general pedia isso, para demonstrar, dizia elle, até á evidencia, a sinceridade com que ia bater-se contra Lopez. A' vista de taes declarações, admittiram-n'o ás deliberações do governo, mas as negociações propriamente officiaes sobre o tratado ficaram reservadas entre os tres plenipotenciarios. Suppomos até que elle nunca foi informado de todas as clausulas da Alliança, ao menos emquanto não ratificadas pelo Imperador D. Pedro II, porque o proprio tratado marcava o prazo de 40 dias para essa ratificação. Muito se censurou, principalmente durante o tempo em que se ignorava o seu conteudo, a determinação de ficarem secretos os artigos do tratado. Julgava-se geralmente que fôra estipulado desmembrar-se o Paraguay depois da derrota de Lopez. Quando, por uma indiscripção do ministro oriental Carlos de Castro, se divulgou o teor do tratado, foram alguns paragraphos acremente censurados, mas se avaliarmos os resultados da guerra, que principiou depois de sua ratificação, e as eventualidades previamente calculadas pela diplomacia, devemos consideral-o um primor diplomatico, e confessar que foi conscienciosa a sua execução, apezar das difficuldades que sobrevieram no decurso de tantos annos.

Sendo o tratado da Triplice Alliança o fundamento das relações, em que cooperaram tres Estados tão differentes entre si, como o Brazil, a Confederação Argentina e a Republica Oriental do Uruguay, é não só interessante, como até necessario conhecer os differentes paragraphos e os motivos dos mesmos, como se revelaram no decurso da guerra; porquanto é sabido que nos proprios paizes alliados não eram as clausulas completamente conhecidas, e algumas d'ellas até nem approvação mereceram (1). Os varios e divergentes interesses dos diplomatas europeos e americanos no estados platinos, aconselhavam sem duvida que se conservasse secreto o ajuste feito. D'este modo não se forneciam ás outras potencias pretextos

(1) **Só não foi approvada pelo congresso argentino, a clausula relativa ás fortificações, e essa falta de approvação, guardada em segredo, só foi communicada ao Brazil muito depois da guerra.**

para que interviessem em uma luta, cuja longa duração ninguem podia prever. Entre os documentos que acompanham este volume reproduzimos por inteiro o tratado. Aqui só o examinaremos em alguns pontos.

Antes de tudo chama nossa attenção a ordem em que são enumerados os estados contratantes : em primeiro lugar o Uruguay, em segundo o Brazil, em terceiro a Confederação Argentina. Isto, porém, se explica pela qualificação alphabetica — Banda Oriental, Brazil, Confederação Argentina, — posto que o Brazil fosse o mais poderoso e o maior, e o Estado Oriental fosse o menor e militarmente o mais fraco (1). Em todas essas questões de formalidades procedeu sempre o Brazil durante toda a guerra com grande tino como se deprehenderá de nossa narração.

Para os tres Alliados era uma necessidade declarar que haviam sido provocados pelo governo do Paraguay, e que a guerra não era feita ao povo paraguayo, mas sómente ao presidente Lopez, estando elles resolvidos a não depôrem as armas, antes de conseguida a quéda do tyranno. Declarou-se positivamente no tratado que seria respeitada a soberania, a independencia e a integridade territorial da republica do Paraguay.

Para esse fim constituio-se uma Alliança offensiva e defensiva, em virtude da qual deveriam cooperar os Alliados com todas as suas forças por agua e por terra. Esta clausula só foi cumprida estrictamente pelo Brazil. A Republica Argentina, por levantamentos em suas proprias provincias, e a Republica Oriental, pelo estado provisorio de seu governo e pela constante inopia de recursos, não puderam fazer outro tanto. Desde o principio da guerra manifestou-se grande desproporção numerica nas forças militares. O Brazil apresentou na luta 45,000 homens (2) e a mais numerosa

---

(1) E' admiravel que um homem tão instruido como o autor faça este reparo e dê semelhante explicação. Pela copia do tratado fornecida ao ministro inglez pelo Sr. Carlos Castro, ministro das relações exteriores da Republica Oriental, regulou-se o Sr. Schneider, e foi por essa copia que fez a traducção que se lê a pag. 43 dos Annexos, na edição allemã de sua obra. Ahi, como era natural, figura a Republica Oriental em primeiro lugar, como no exemplar do tratado que se guarda em Buenos-Aires figura em primeiro logar a Republica Argentina, e no nosso exemplar o Imperio do Brazil. Para os leitores que não estiverem familiarisados com os estylos diplomaticos, e, para rectificar este trecho do autor, transcreveremos apenas as seguintes linhas de Martens em que o facto é explicado : — « Entre les grandes puissances, et même entre les Etats moyens, il est d'usage aujourd'hui d'observer *l'alternat* dans les traités ou conventions faits entre eux, soit à l'égard de *l'introduction*, soit par rapport aux *signatures;* de manière que chacune d'entre elles occupe la première place dans l'exemplaire qui lui reste, et qui est expédié dans sa chancellerie.. »

(2) Ao darem-se no Estado Oriental as complicações que trouxeram em resultado a missão Saraiva, o *ultimatum* de 4 de agosto de 1864 e o emprego das represalias, o nosso exercito, disseminado por todo Imperio, compunha-se de uns 16,000 homens. A lei de fixação de forças de terra, votada pelo parlamento para o anno financeiro de 1864-65, marcava 18,000 homens em circumstancias ordinarias e 24,000 em circumstancias extraordinarias. Bem que insufficiente para as necessidades do serviço em tempo de paz a força votada, os quadros não estavam completos. Desde 1861 a opposição liberal nas camaras pedia que se reduzissem as nossas pequenas forças militares; e não faltou quem por esse tempo sustentasse que não precisavamos nem de exercito, nem de marinha. Rompendo a guerra, em 1864, os liberaes, que então governavam, esqueceram as censuras que anteriormente faziam aos ministerios conservadores, e passaram a accusar seus adversarios por não terem seriamente cuidado do exercito e da marinha. Foi, entretanto, com a esquadra que as administrações conservadoras deixaram que ganhámos a victoria do Riachuelo, e, si tivesse havido a previsão necessaria, as reclamações do conselheiro Saraiva poderiam ter sido apoiadas por uns 15,000 homens de linha, afóra a guarda nacional do Rio Grande do Sul. Bastava para isto que o governo reunisse em tempo na fronteira nossas tropas, recolhendo todos os destacamentos que se achavam no interior das provincias. O gabinete do marquez de Monte-Alegre e o general em chefe por elle nomeado, o duque de Caxias, puderam em 1851, no curto espaço de 4 mezes, reunir

esquadra, que tem sulcado as aguas sul-americanas : a seu lado figurava a Republica Argentina, nominalmente com 14,000 homens, mas de facto com 11,000, e o Estado Oriental apenas com 1,600 homens. Esta despro-

---

na fronteira meridional do Imperio um exercito de 20,000 homens, que invadio o Estado Oriental e cooperou para a queda de Oribe e de Rosas. O *ultimatum* Saraiva foi apresentado em 4 de agosto de 1864 e só em principios de dezembro pudemos invadir o Estado Oriental, como ficou dito, com 5,711 homens das tres armas, além da brigada de voluntarios do general Netto, que contava uns 1,300 de cavallaria. Em 20 de Fevereiro de 1865 só tinhamos diante de Montevidéo 8,116 homens, dos quaes apenas 4,500 de infantaria, mas já então, felizmente, a noticia da pungente affronta que nos irrogara o dictador Lopez, assim como a narração das crueldades praticadas pelo exercito invasor, tinham repercutido dolorosamente em todos os angulos do Imperio. A indignação popular e o patriotismo dos Brazileiros armaram esses numerosos batalhões de voluntarios, que tanto se illustraram ao lado dos corpos disciplinados do exercito. Sem fallar nos voluntarios de *Matto-Grosso*, provincia que forneceu um batalhão, além da guarda nacional destacada; nos da provincia de *Goyaz*, que deu tambem um batalhão, nos de *Minas*, que formou os batalhões de voluntarios ns. 17, 18, e 27; do *Rio Grande do Sul*, que concorreu com um crescido numero dos corpos de guarda nacional, com 1 brigada de voluntarios de cavallaria e com os batalhões de ns. 33, 35, 48 e 49; e nos do *Espirito Santo;* sem fallar nos voluntarios d'essas 5 provincias, cujo numero não foi mencionado nos *Relatorios da Repartição da Guerra* de 1865 e 1866, — nas 15 restantes e no municipio neutro apresentaram-se 35,123 voluntarios, nos 2 annos de 1864 e 1865. O numero dos recrutas e engajados foi, no mesmo periodo, de 5,032 n'essas provincias. Total de voluntarios e recrutas, 40.155, em 15 provincias. Nos dous mencionados annos a cidade do Rio de Janeiro e seu municipio concorreram com 6,450 voluntarios e 340 recrutas (6,880); a provincia do Rio de Janeiro com 3.643 voluntarios e 577 recrutas (4,220) (municipio neutro e provincia do Rio de Janeiro, 11,170); a de Bahia com 8,332 voluntarios e recrutas; Pernambuco com 5,436; S. Paulo, 2,224; Pará, 2,096; Ceará, 1,993; Maranhão, 1,777; Parahyba, 1,465; Sergipe, 1,226; Alagoas, 1,137; Piauhy, 1,102; Santa Catharina, 1,035; e assim as demais provincias. Cumpre notar que de 1866 a 1869 ainda se apresentaram e seguiram para o Paraguay muitos voluntarios. Em 1865 estavam organisadas 60 batalhões de voluntarios.

No 1° de Maio de 1865 a força do exercito imperial acampado nas visinhanças de *Montevidéo* (Relatorio da guerra de 1865) era de 13,181 homens. A *artilharia* era representada pelos seguintes corpos : 1° regimento a cavallo, 1° batalhão a pé, 2° dito e batalhão de engenheiros. A *infantaria* pelos seguintes : 1°, 3°, 4°, 5°, 6°, 7°, 8°, 9°, 12° e 13° batalhões, batalhão de caçadores da Bahia, batalhão do deposito e duas companhias de caçadores do Espirito-Santo; e pelos seguintes batalhões de voluntarios : 2° (cidade do Rio de Janeiro), 10° (antes corpo policial da Bahia) e 12° (corpo policial do Rio de Janeiro). A *cavallaria* compunha-se dos 2°, 3°, 4° e 5° regimentos afóra varios corpos da guarda nacional do Rio Grande do Sul e da brigada de voluntarios do general Netto. — Além d'esse exercito, organisava-se no Rio Grande do Sul outro que em março já contava 13,925 homens. Este compunha-se dos seguintes corpos : *artilharia*, uma parte do 1° reg. a cavallo : *infantaria*, 2° batalhão, parte do 3° e do 4°, 10° e parte do 12°, 1° batalhão de voluntarios (cidade do Rio de Janeiro), e 5° de voluntarios (provincia do Rio de Janeiro); a *cavallaria*, compunha-se toda da guarda nacional do Rio Grande. — Em *Matto-Grosso* tinhamos apenas uns 800 homens, sem fallar na guarda nacional destacada (2° batalhão de artilharia a pé, corpo de artilharia de Matto-Grosso, companhia de artifices, corpo de cavallaria de Matto-Grosso, batalhão de caçadores de Matto-Grosso). — Assim em principios de março de 1865, sem mencionar as tropas que se achavam em Matto-Grosso, pela maior parte dispersas, tinhamos no theatro da guerra, no sul, a seguinte força :

		No Estado Oriental.		No Rio Grande do Sul.	
Corpos especiaes		33		63	
Artilharia		1.427		94	
Cavallaria	de linha	998	4.925	0	10.878
	da guarda nacional	3.927		10.878	
Infantaria	de linha	5.221	6.796	1.427	2.890
	de voluntarios	1.575		1.463	
		13.181		13.925	

Tinhamos, pois, nas duas provincias 27,106 homens, e já estavam promptos nas differentes provincias do Imperio mais de 8,500.

Em Julho o exercito do general Ozorio na Concordia compunha-se dos mesmos corpos de artilharia, cavallaria e infantaria que indicámos acima, e mais dos seguintes bata-

porção ainda mais se desenvolveu no fim da guerra (1). Teremos occasião de confirmar estes dados em differentes periodos.

Uma das principaes questões era saber quem exerceria o supremo commando. Pela constituição do Brazil não póde o Imperador sahir do territorio nacional sem permissão das camaras, e esse consentimento D. Pedro II difficilmente obteria para dirigir operações militares fóra do paiz. Mas elle tinha benemeritos e experimentados cabos de guerra com direito immediato ao supremo commando. Mitre era simples brigadeiro (2) e sem a menor experiencia para dirigir exercitos numerosos. Flôres não passava de habil chefe de guerrilhas, commandante nato de gaúchos, mas não seria prudente pol-o á frente de tropas regulares. Lançou-se mão do recurso de confiar o commando ao general em chefe do paiz, em cujo territorio começassem as operações. Como antes de tudo se tinha de expellir os Paraguayos de Corrientes, isto é do territorio argentino, era natural que as operações

---

lhões de infantaria de linha e de voluntarios da patria : infantaria de linha, 11º 14º, 16º, 17º, 18º e 19º; voluntarios, 3º (Bahia), 4º (cidade do Rio de Janeiro), 6º (provincia do Rio de Janeiro), 11º (Pernambuco), 13º (corpo de policia do Pará, 14º (Bahia), 15º (Bahia), 16º (estrangeiros), 20º (corpo de policia de Alagoas), 21º (Parahyba), 22º (Maranhão), 26º (Ceará), e 2 companhias de zuavos negros (Bahia). Formavam ao todo 32 batalhões de infantaria, e 2 companhias avulsas.

Em abril de 1866, quando os alliados invadiram o Paraguay, as forças brazileiras no sul compunham-se de dous corpos de exercito. O 1º, ás ordens do general Ozorio, foi o que invadio em 16 de Abril o Paraguay, e o 2º, ás ordens do general Porto-Alegre, ameaçou Itapua no mez de Abril e só chegou ao territorio inimigo em fins de Agosto. A força desses dous corpos de exercito em principio de Abril era a seguinte (Relatorio da guerra de 1866) :

1.º Corpo *(Ozorio, marquez do Herval) : — Promptos :* Corpos especiaes, 130 (9 generaes); artilharia 2,686; cavallaria 4,347; infantaria 16,880; esquadrão de transportes, 269; total, 24,312. *Em differentes destinos :* na esquadra imperial 1,575; com o general Flôres, na vanguarda, 2,082; em Montevidéo e Corrientes 729; doentes, 4380; total, 8,766. — *Sommam ao todo :* 33,078 homens.

2.º Corpo *(Conde de Porto Alegre) — Promptos :* corpos especiaes 104 (4 generaes); artilharia 580; cavallaria 5,172; infantaria 3,136; total,9,532. — *Em differentes destinos :* 5,864. *Sommam ao todo :* 15,396.

Total dos 2 corpos de exercito em Abril de 1866 : — 48,474 homens.

Na mesma occasião tinhamos em *Matto-Grosso :* 2,407 homens de linha, 1,417 voluntarios da patria e 1,843 guardas nacionaes destacados; *ao todo,* 5,667 homens. Mais 700 em marcha, 6,367. No *Rio Grande do Sul :* 897 de linha, 1,351 voluntarios da patria e 6,250 guardas nacionaes destacados; *ao todo,* 8,498.

Assim, no theatro da guerra, ou em suas visinhanças, tinhamos : — 1º corpo (Paraguay) 33,078; 2º corpo (S. Borja e Corrientes) 15,396; Matto-Grosso, 6,367; Rio Grande do Sul, 8,498. *Total* 63,339 homens. Nas differentes provincias do imperio (exceptuadas as do Ceará, Parahyba, Santa Catharina e S. Paulo, que não remetteram em tempo os mappas) estavam em serviço activo 2,200 homens de linha, 172 voluntarios da patria e 4,579 guardas nacionaes; *ao todo,* 6,951 homens.

Em Abril de 1866, portanto, tinhamos em armas mais de 70,290 homens.

(1) Os 11,000 homens com que a Republica Argentina começou a guerra foram dentro de pouco tempo reduzidos a uns 8,000 sendo chamados varios corpos para as provincias do interior da Republica nas quaes se manifestaram disturbios. Em fins de 1866, anno em que os alliados invadiram o Paraguay, o exercito argentino já estava reduzido a menos de 7.000 homens. Em 1868 teria de 4 a 5,000, e em 1869, ultimo anno da guerra, apenas contava uma força de 2,500 a 3,000 homens. Quanto á esquadra apenas o pequeno vapor *Guarda Nacional* se achou com as divisões brazileiras da vanguarda no combate da passagem de Cuevas. — Todo o peso da guerra recahio, pois, sobre o Brazil. O Sr. Elizalde, entretanto, ao receber a noticia da invasão de Corrientes, annunciou ao ministro britannico Mr. Thornton, que em pouco tempo a Republica Argentina teria em armas 50,000 homens. (Vej. o officio de Thornton, a lord. J. Russel, em 28 de Abril de 1865, na *Correspondence respecting hostilities in the River Plate, etc., presented to both houses by command of H. M.., 1865).*

(2) O presidente Mitre era brigadeiro-general, que é o mais elevado posto do exercito argentino.

militares se iniciassem em Corrientes. Por isso o Brazil renunciou ao seu legitimo direito, e Mitre foi revestido do supremo commando (1). Para se contentar ao ardor bellico e á impaciencia do general Flôres deu-se-lhe o commando de um corpo separado, que devia se compôr das tropas orientaes,

---

(1) Parecia mais natural que o commando dos tres exercitos fosse regulado pelas mesmas condições dos nossos tratados de alliança de 1851, e de accordo com os precedentes de muitas guerras européas, entre as quaes só citaremos a da Criméa, em 1854, e a da Italia em 1859. O illustre plenipotenciario brazileiro, porém, julgou dever dar esta prova de deferencia ao distincto americano que dirigia então a Republica Argentina.

O art. 6º do nosso tratado de alliança de 29 de Maio de 1851, negociado pelo conselheiro Silva Pontes, estabelecia o seguinte : — « Desde que as forças dos alliados entrarem no territorio da Republica Oriental do Uruguay, estarão debaixo do commando e direcção do general em chefe do exercito oriental, excepto o caso de que o total das forças de cada um dos estados alliados exceda o total das forças orientaes; ou dado o caso de que o exercito do Brazil, ou o de Entre-Rios passe todo para o territorio da Republica. No primeiro caso as forças brazileiras ou alliadas serão commandadas por um chefe de sua respectiva nação, e no segundo caso pelos seus respectivos generaes em chefe, mas em qualquer dessas hypotheses o chefe alliado deverá por-se de accordo com o general do exercito oriental, pelo que respeita á direcção das operações de guerra, e para tudo quanto possa contribuir ao seu bom exito. »

Eis o que dispunha sobre o commando de forças o tratado de alliança de 21 de Novembro de 1851, negociado pelo marquez de Paraná :

« Art. 3º. Como consequencia da estipulação precedente, S. Ex. o Sr. general Urquiza, governador de Entre-Rios, na qualidade de general em chefe do exercito Entre-Riano e Correntino se obriga a passar o Paraná, no praso mais breve que fôr possivel, afim de operar contra o governador Rosas, com todas as forças de que puder dispõr, e com os contingentes dos Estados Aliados que são postos á sua disposição.

« Art. 4º. Estes contingentes serão : Por parte de S. M. o Imperador do Brazil uma divisão composta de 3,000 homens de infantaria, 1 regimento de cavallaria e 2 baterias de artilharia, bem providas de guarnição, animaes e todo o material necessario. Por parte de S. Ex. o Sr. presidente da Republica Oriental do Uruguay, uma força de 2,000 homens de infantaria, cavallaria e artilharia, com uma bateria de 6 peças providas abundantemente de tudo que precisar.

« Art. 5º. A divisão do exercito imperial de que trata o artigo antecedente nunca poderá ser fraccionada ou disseminada de modo que deixe de estar sob o commando immediato de seu chefe respectivo. Este, porém, obrará sempre em conformidade das disposições e ordens superiores de S. Ex. o Sr. general Urquiza, exceptuando o caso em que seja impossivel a prévia intelligencia e accordo.

« Arts. 6º. e 7º. (Tratam do emprestimo feito pelo Brazil).

« Art. 8º. O exercito imperial, ora estacionado no Estado Oriental, ahi permanecerá, occupando os pontos da costa do Rio da Prata ou do Uruguay que mais convierem, e seu general em chefe fornecerá os auxilios que lhe fôrem requisitados por S. Ex. o Sr. governador de Entre Rios, ou seja para defesa deste Estado e o de Corrientes, ou seja para as operações da banda occidental do Paraná. Fica, porém, entendido que, independente de requisição, o general em chefe do exercito imperial poderá passar-se com todas as forças sob o seu commando para o theatro das operações, se os successos da guerra assim o exigirem. *E neste caso o dito general conservará o commando de todas as forças de S. M. o Imperador, pondo-se, sempre que fôr possivel, de prévio accordo e intelligencia com S. Ex. o Sr. general Urquiza*, assim no que diz respeito á marcha das operações da guerra, como sobre tudo quanto possa contribuir para o seu bom exito. »

O art. 9º tratava da cooperação da esquadra imperial, cujo chefe tambem não ficava sujeito ao commando do general Urquiza.

Em virtude do tratado do 1º de Maio de 1865, como acabamos de ver, as forças de terra dos alliados ficaram sob o commando em chefe do general Mitre, presidente da Republica Argentina, e as forças navaes alliadas (estas eram exclusivamente brazileiras, porque apenas o vapor argentino *Guardia Nacional*, com o almirante Murator, tomou parte em um combate) sob o commando em chefe do almirante visconde de Tamandaré. O commando da esquadra era independente do commando em chefe dos exercitos alliados. Estes foram commandados pelo general Mitre desde junho de 1865 até 9 de fevereiro de 1867. De 9 de fevereiro a 2 de agosto de 1867 o marechal do exercito duque de Caxias, commandante em chefe de todas as forças brazileiras em operações, commandou interinamente o exercito alliado por estar ausente o general Mitre, e foi durante esse tempo que fizemos a marcha do flanco sobre Tuyu-Cué. De 2 de agosto de 1867 a 10 de janeiro de 1868 commandou de novo em chefe o general Mitre, embora esse commando fosse

de uma divisão argentina e de outra brazileira. *(Vej. nota * pag. seguinte.)* Ter-lhe-hiam dado o commando da vanguarda ou de toda a cavallaria dos gaúchos, se Urquiza nisso não visse uma preterição; e a adhesão deste caudilho aos principios da Alliança era tão vantajosa, que não ousaram malbaratal-a. O Brazil só quiz reservar para si o commando independente de esquadra, porque nem a Republica Argentina, nem o Estado Oriental tinham navios. Só restava áquella Republica um velho navio, o *Guardia Nacional*, apenas aproveitavel para transporte; não havia, pois, motivo plausivel para se entregar a Mitre o commando da força naval. Comtudo não houve esquecimento de se inserir uma clausula para que, no caso de se effectuarem as operações em territorio oriental ou brazileiro, o commando fosse confiado a Flôres ou a algum general brazileiro. E' sem duvida uma rara prova de comedimento e abnegação da parte do Brazil essa concessão do commando em chefe, quando se considera que Mitre, depois da invasão de Corrientes, tinha necessidade de procurar o apoio, o auxilio, a protecção de seu visinho, mais poderoso e incontestavelmente superior em recursos militares

---

nominal pela desproporção das forças que tinham os tres alliados. De 10 de janeiro até novembro de 1868 commandou interinamente os exercitos alliados o marechal de Caxias, sendo então forçada a passagem de Humaytá, desalojados os paraguayos dessa posição, e levado de vencida o inimigo até o Pikisiry. Organisado em 16 de julho de 1868 o gabinete presidido pelo visconde de Itaborahy, tratou-se de acabar com o commando em chefe dos exercitos alliados, e para esse fim foi assignado em Buenos-Aires o protocolo de 3 de outubro do mesmo anno em virtude do qual cada exercito alliado passou a ser commandado exclusivamente pelo seu general em chefe, devendo os tres generaes combinar entre si as operações.

O exercito brazileiro em operações (1º corpo) foi commandado desde 1º de março de 1865 até 15 de julho de 1866 pelo general Ozorio (marquez do Herval). De 15 de julho em diante pelo general Polydoro Jordão (visconde de Santa Thereza), de sorte que, chegando ao Passo da Patria no mesmo mez de julho de 1866 o 2º corpo do exercito imperial, ficámos com dous commandantes em chefe, o general Polydoro Jordão e o general conde de Porto Alegre (M. Marques de Souza). Depois do desastre de Curupaity, o ministerio de 3 de agosto, presidido pelo conselheiro Zacharias de Góes, nomeou o marechal de exercito duque de Caxias commandante em chefe de todas as forças brazileiras em operações contra o governo do Paraguay, ficando tambem a esquadra subordinada a elle. Mas como pelo tratado o commando da força naval não estava sujeito ao commandante em chefe dos exercitos alliados, e o duque de Caxias fosse tambem encarregado da direcção da força naval, ficou elle como commandante das forças de terra sujeito ao commando nominal do general Mitre, e como commandante da esquadra equiparado em attribuições a esse general.

O duque de Caxias assumio em 17 de novembro de 1866 o commando supremo das forças brazileiras em operações e o exerceu até o dia 13 de janeiro de 1869, em que, depois das brilhantes victorias de Itororó, Avahy e Lomas Valentinas, entregou-o interinamente em Assumpção, por achar-se enfermo, ao general Guilherme Xavier de Souza (18 de janeiro a 16 de abril). De 16 de abril de 1869 até a terminação da guerra foi commandante em chefe de todas as forças brazileiras em operações S. A. R. o principe Gaston de Orléans, Conde D'Eu, marechal do exercito.

Quanto á esquadra, seu primeiro commandante em chefe foi o almirante visconde de Tamandaré (J. Marques Lisboa). Succedeu a este em 22 de dezembro de 1866 o almirante visconde de Inhaúma (J. J. Ignacio), que deixou o commando, por estar enfermo, em 16 de janeiro de 1869, sendo substituido por alguns dias pelo chefe de divisão barão da Passagem (Delphim de Carvalho). O chefe de esquadra barão de Angra (Eliziario dos Santos) que foi nomeado em 28 de janeiro do mesmo anno commandante em chefe da força naval em operações, conservou-se no Paraguay até a conclusão da guerra.

O exercito argentino foi commandado a partir de 1865 pelo general em chefe Bartolomeu Mitre, e nas duas vezes que este se ausentou pelo general Gelly y Obes. De 1869 em diante foi commandado pelo general Emilio Mitre. A esquadra argentina, isto é, o vapor *Guarda Nacional* e dous ou tres pequenos transportes, tinha por chefe o almirante Muratori.

O exercito oriental depois da retirada do general Flôres foi commandado até o fim da guerra pelo general Henrique Castro. O general Gregorio Suarez commandou-o em principios de 1866 durante a viagem de Flôres a Montevidéo e Buenos-Aires.

e navaes. A experiencia tem demonstrado que a questão do commando em chefe em allianças militares, e principalmente de longa duração, dá origem a muitos dissentimentos, conflictos e ciumes ; o que não seria no caso presente quando existia tão pronunciada differença de forças e de recursos, quando tenentes-generaes, e mais tarde um maréchal de exercito, tiveram de subordinar-se a generaes estrangeiros que lhes eram de patente inferior, só porque estes eram ao mesmo tempo presidentes de republicas ! Entretanto procedeu-se muito honestamente : os interesses particulares emmudeceram diante do empenho commun e da causa geral.

A promessa de auxilio reciproco, ou a obrigação de quem possuisse prover a quem precisasse, tornou-se para o Brazil uma condição onerosissima, cuja consequencia foi que o governo imperial teve de pagar um subsidio ao Estado Oriental, além de forcener fardamento, armas e soldo ao contingente oriental, e teve de emprestar á Republica Argentina sommas na importancia de muitos milhões (1) e todo o serviço de saúde ; o transporte e a alimentação por muito tempo correram quasi exclusivamente por conta do Brazil (2).

Demonstrando a historia politica e militar dos estados sul-americanos, quão facilmente se desfazem as allianças ao embate dos interesses particulares e das paixões politicas, e como cada um faz pazes por sua conta quando as circumstancias mudam, estipularam-se no 6º artigo condições fortemente obrigatorias, sem as quaes não teria sido possivel manter até ao fim a Triplice Alliança. Mais de uma vez pareceu não estar longe o desmancho da coligação. Repetidas vezes se declara no tratado que o fim unico da guerra, ao qual cedem todos os outros motivos, é a destituição e expulsão do presidente Lopez. As determinações concernentes ás operações militares não têm grande importancia. No protocollo annexo ao tratado reconhece-se uma precaução, que provavelmente só occorreu depois aos tres plenipotenciarios, porquanto no texto desse acto internacional poucas disposições militares se acham consignadas. O protocollo determina o arrasamento da fortaleza de Humaitá, o confisco de todas as armas e elementos de guerra, e a partilha dos trophéos e prezas, partilha que devia ser feita por igual sem se ter em vista a differença dos recursos e elementos com que os Alliados concorreriam para a luta.

O teor do art. 14 é este :

« O governo da Republica Oriental tem direito na mesma proporção do Brazil, e da Republica Argentina a uma indemnização pelo insulto e prejuizos, que lhe foram causados pela Republica do Paraguay, tendo sido obrigado a aceitar a luta para defender sua integridade contra as aggressões do Paraguay ». Parece singular tal pretenção do Estado Oriental (3), quando se consideram os prejuizos soffridos pela Brazil em Matto-Grosso e pela Republica Argentina em Corrientes. Dos tres Alliados fôra

---

(*) Campôz-se o chamado exercito alliado da vanguarda, ás ordens de Flôres, das tropas orientaes, de uma brigada brazileira e de um regimento argentino.

(1) Este emprestimo á Republica Argentina já foi integralmente pago.

(2) O dispendioso serviço do transporte de tropas correu quasi sempre por conta do Brazil. Os navios de guerra e os transportes comprados ou fretados por sommas avultadissimas pelo governo imperial, estiveram sempre á disposição dos governos alliados.

(3) Este reparo do Sr. Schneider não tem o menor fundamento. A segunda parte do art. 14 do Trat. do 1º de Maio não dispõe que o Estado Oriental tenha direito na mesma proporção do Brazil e da Republica Argentina a uma indemnização. — Eis as palavras do artigo : «... A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem *uma indemnização proporcionada aos damnos e prejuizos que lhe causa o governo do Paraguay pela guerra em que a obriga a entrar* para defender sua segurança ameaçada por aquelle governo. »

exactamente o Estado Oriental o que não tinha sido forçado a sustentar uma guerra com o Paraguay, nem a defender sua existencia contra as aggressões de Lopez. Flôres abraçou a causa do Brazil por gratidão pessoal, por calculo politico para conservação de sua presidencia, e talvez por amor dos combates e da vida de campanha; mas os motivos apresentados no tratado de modo algum são sufficientes (1). E' sem duvida uma ardilosa expressão aquella que no preambulo procura explicar a participação do Estado Oriental, e facilmente se reconhece o embaraço da redacção, que tinha de mencionar algum motivo. As esperanças e as pretenções de indemnização preoccupavam seriamente o governo oriental, mas nem o tratado, nem o estado das cousas de então nos revelam em que fundamento se baseavam.

Emquanto se debatia o plano de guerra no conselho militar do Imperador e entre os generaes que pouco a pouco se foram reunindo em Buenos-Aires, estendia o general Robles suas tropas, diariamente reforçadas por novas remessas, ao longo da provincia argentina de Corrientes, ao mesmo tempo que Urquiza convocava e organisava a guarda nacional na provincia de Entre-Rios. Os generaes Paunero e Caceres foram se unir ao governador Lagraña para auxilial-o nos seus esforços de defeza, e as tropas brazileiras, que estavam ao nordeste do Estado Oriental, atravessaram o rio Uruguay e pararam na Concordia afim de esperarem a chegada das forças argentinas e orientaes e os reforços que do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro eram enviados para o theatro da guerra.

O maior e mais instante empenho do Brazil era repellir da provincia de Matto-Grosso o exercito invasor, mas ulteriores noticias, que iam chegando tardiamente, punham fóra de duvida que os Paraguayos não ousavam avançar além de Corumbá até ao coração da provincia, Cuyabá; e esta capital, sobre possuir recursos sobejos, estava resolvida a defender-se até á ultima extremidade ; apenas faltavam aos Matto-Grossenses os meios necessarios para tomar a offensiva contra os intrusos. Ordenou-se a concentração de 12,000 guardas nacionaes na provincia de S. Paulo para formarem dous corpos expedicionarios, um destinado directamente a Cuyabá, de onde devia marchar com a guarda nacional e as tropas ahi reunidas contra os Paraguayos invasores, e outro com destino ao rio Apa, isto é, a operar na retaguarda das topas de Barrios e Resquin, já elevados a generaes, e cortar-lhes a retirada (2). No Rio de Janeiro tinha-se a convicção que nem uma nem outra cousa se poderia realizar com rapidez. Não se poderia lançar contra verdadeiros soldados, como eram os do marechal Solano Lopez, a guarda nacional das provincias, sem antes sujeital-a a serios exercicios, a uma disciplina regular e aos trabalhos de campanha. Felizmente não houve illusões a respeito da necessidade de disciplina, como era commum nos estados sul-americanos nestes ultimos cincoenta

---

(1) Não tem razão o Sr. Schneider. Flôres sabia que si Lopez triumphasse, conseguindo derrotar os Brazileiros, trataria logo de collocar no poder o partido blanco, si não tivesse o proposito, que muitos lhe attribuem, de conquistar o Estado Oriental, Corrientes e Entre-Rios.

(2) Já dissemos em uma nota ao capitulo IV, que em vez de 12,000 homens, só marcharam para Matto-Grosso, e em fins de 1865 ahi chegaram, 2,500 homens. Em 30 de Agosto de 1865 o chefe de esquadra Leverger (barão de Melgaço) tomou conta da administração da provincia, na qualidade de seu 1º vice-presidente, e pouco depois foi nomeado presidente e commandante das armas. Barrios e Resquin já não estavam em Matto-Grosso. As forças que ficaram occupando os districtos de Corumbá e Miranda, que os Paraguayos chamavam departamento do Mbotetey, eram commandadas pelo tenente coronel Hermogenes Cabral. Este tinha o seu quartel em Corumbá, e o major Urbieta em Nioac.

annos, e deve-se ao presidente Lopez ter dado cabo de taes phantasias nas republicas. Pensou-se muito razoavelmente : o que se podia receiar perder em Matto-Grosso, estava perdido ; o que, pois, cumpria fazer era não deixar progredir o exercito paraguayo, para o interior, além de Corumbá. Para isso bastava concentrar tropas, preparativos e trabalhos de defeza em Cuyabá. Exercitaram-se a guarda nacional e os voluntarios, construiram-se navios, fundiram-se peças de artilharia e fabricou-se polvora, porque a irritação causada pelas crueldades e roubos dos Paraguayos despertára uma inesperada energia na população da provincia. Sobre todas as cousas era unanime o desejo de não concorrer para que o inimigo lograsse o seu intento, que evidentemente era dispersar e enfraquecer as forças militares do Brazil pela invasão de Matto-Grosso. O Paraguay contava que o Brazil desguarnecesse o sul, apenas ameaçado, para acudir ao norte já meio perdido. Por isso considerou-se como secundaria a questão militar em Matto-Grosso, cuidando-se, entretanto, da expedição de S. Paulo, Minas e Goyaz para o norte do Paraguay, porque ella acarretaria ou a retirada dos Paraguayos de Matto-Grosso, ou o enfraquecimento das tropas que defendiam Humaitá.

Mais urgente era expellir os Paraguayos de Corrientes do que de Matto-Grosso, porque a sua presença n'esta provincia argentina fazia receiar a invasão da provincia brazileira do Rio Grande do Sul. Desvanecêra-se o receio de que Urquiza com os seus Entre-Rianos se bandeasse para Lopez; tambem em Corrientes a concentração da guarda nacional sob as ordens de Lagraña e Caceres ia mostrando que não havia a receiar da população em geral, bem que não faltassem descontentes, que adheriam á causa do Paraguay. Em compensação agitava-se no Estado Oriental o partido blanco, pouco antes vencido, e constava que Lopez, ao invadir qualquer provincia brazileira, empregaria o meio, na apparencia perigoso, de sublevar os escravos. Mais tarde, quando foi empregado, falhou completamente, mas, antes de sel-o, paralysou mais de uma resolução. Ficou bem patente o plano de Lopez e o ponto que tinha em mira attingir, quando exigiu a permissão de atravessar o territorio argentino, e por isso ficou assignalada a diecção que deviam ter os esforços dos Brazileiros.

Para ahi foram expedidas as duas divisões brazileiras de Menna Barreto (1) e Ozorio, que voltavam de Montevidéo, os corpos de guarda nacional reunidos com sorprendente rapidez na provincia do Rio Grande do Sul, e os reforços que se esperavam do Rio de Janeiro. Era de prevêr que não se pudesse oppôr a um inimigo perfeitamente adestrado e, como era voz geral, excellentemente disciplinado, aquella massa heterogenea, composta de tropas regulares, voluntarios da patria, guardas nacionaes mobilisados, cavallaria de gaúchos e corpos de guerrilhas. O exercito argentino constava de 3.000 homens de tropas regulares, aos quaes se deviam aggregar guardas nacionaes, ao principio reunidos com a melhor vontade, mas sem pratica alguma militar. Os 1.600 Orientaes não passavam de simples guerrilheiros e provavelmente havia de custar mais do que aos Argentinos sujeitarem-se á disciplina (2). O mesmo era de prevêr a respeito da van-

---

(1) O general João Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel, por enfermo, deixou o commando do exercito imperial em Montevidéo. O general Ozorio foi então nomeado commandante em chefe. Desde 1º de março de 1865, commandava elle interinamente.

(2) N'este ponto não está bem informado o Sr. Schneider. Os 2 ou 3,000 homens com que a Republica Oriental concorreu para a guerra pertenciam todos ao exercito regular, e estavam perfeitamente disciplinados. Elles cumpriram nobremente o seu dever durante a luta, e poucos acompanharam o exercito brazileiro no ultimo periodo da guerra. Quasi todos succumbiram nos primeiros combates, em Yatay, no Estero Bellaco, em Tuyuty

guarda, que Urquiza estava a ponto de formar, e os proprios contingentes mandados do Rio de Janeiro, não se compunham de verdadeiros soldados. Em vista da defficiencia da lei brazileira de recrutamento e das exigencias do perigo foram alistados muitos individuos, que nenhuma confiança militar podiam inspirar.

Por todos estes motivos resolveu-se não iniciar a campanha senão quando o exercito alliado, por algum tempo reunido, tivesse ganho alguma pratica da guerra. Só assim se poderia obter certa igualdade de condições. E' verdade que até então havia-se de lamentar novas perdas e assistir aos progressos das armas paraguayas, mas era uma medida de prudencia e calculo; o Brazil nada quiz entregar aos azares da fortuna, mas proceder com segurança de bom exito. Essa prudencia e esse calculo, caracteristicos da direcção da guerra em todas as suas phases ulteriores, não se desmentiram na escolha do local para a reunião e exercicios. O grande acampamento estabeleceu-se na cidade argentina da Concordia (1), que apenas contava 30 annos de existencia e já tinha então 6,000 habitantes. Era uma cidade de aspecto ameno, cercada de bellos jardins, regularmente edificada e situada na provincia de Entre-Rios pouco abaixo do Salto Grande do Uruguay. Provavelmente foi escolhida por ser o rio accessivel até ahi aos maiores navios e, portanto, facil o transporte de provisões e tropas. O porto é formado pelo pequeno rio Yuquery. Um grande « saladero » nas

---

e no Potrero Piris e Sauce. Depois da retirada do general Flôres foram commandados pelo general Henrique de Castro. Tivemos occasião de ver no Paraguay, em 1869, os restos d'essa valente divisão oriental. Eram apenas 700 e tantos homens, e uma divisão brazileira de 3 a 4,000 homens, commandada pelo coronel, depois general, Antonio da Silva Paranhos, servia ás ordens do commandante em chefe do chamado exercito oriental. Durante toda a guerra viveram na mais estreita união os officiaes e soldados brazileiros e orientaes. — *Thompson*, no livro que publicou sobre a guerra do Paraguay, apresenta uma carta, attribuida ao general Flôres, na qual os brazileiros são tratados com desprezo. Essa carta é apocrypha. Foi inventada por um jornal de Buenos-Aires infenso ao Brazil, e contra ella protestou immediatamente Flôres. Em sua obra guiou-se o mencionado escriptor inglez pelo odio que votava aos brazileiros, depois que d'elles foi prisioneiro em Angostura, e pelas descripções apaixonadas do *Semanario* de Lopez e dos jornaes argentinos que comprou em sua passagem por Buenos-Aires. Deprimindo os brazileiros, pretendeu conquistar as boas graças do governo argentino, e, effectivamente, depois de publicar a referida obra, obteve um excellente emprego no interior da republica, onde ainda hoje se acha, segundo nos consta.

(1) Talvez houvesse sido melhor reunir o nosso exercito em Uruguayana, em vez de concentral-o na Concordia, em territorio argentino. O general Ozorio foi de parecer que re reunisse na foz do Quarahim, mas o governo imperial preferio que a reunião se fizesse em Entre-Rios, de accôrdo com o parecer do almirante Tamandaré e dos nossos alliados. Dos arredores de Montevidéo, onde estava acampado, seguio o exercito brazileiro em 27 de abril de 1865 para o arroyo S. Francisco perto de Paysandú, occupando a mesma posição que em 1812 haviam occupado as nossas tropas quando commandadas por D. Diogo de Souza. Em principios de junho o general Ozorio mudou de acampamento, avançando 20 leguas para o norte até Dayman (Estado Oriental). No dia 13 de junho Mitre entregou a presidencia da republica ao Dr. Paz, chegando cinco dias depois á Concordia (Entre-Rios). Em 24 de junho começou o general Ozorio, com o exercito imperial, a atravessar o Uruguay, e foi acampar a um quarto de legua da Concordia, á margem do arroyo Juquery-Grande. Houve uma grande revista passada por Mitre no dia 25 de julho. Os brazileiros apresentaram 17.000 homens das tres armas com 32 peças de artilharia (a infantaria compunha-se de 23 batalhões com mais de 13.000 homens; a cavallaria de 3.000 e tantos homens, e a artilharia de uns 900) e os argentinos 4.500 homens das tres armas (10 batalhões de infantaria, um corpo de artilharia, e um esquadrão de cavallaria, faltando o regimento S. Martin, que estava com Flôres). O pequeno exercito oriental chegára á Concordia no dia 27 de Junho e no dia 18 de Julho marchou para o norte com uma brigada brazileira (12ª, coronel Kelly, tres batalhões) e o mencionado regimento S. Martin, para reunir-se á divisão argentina de Paunero e atacar as columnas de Estigarribia e Duarte.

proximidades da cidade, no qual se cortam annualmente para cima de 30,000 rezes, contratou o fornecimento diario de avultadas rações de carne. Assim foi a cidade da Concordia o primeiro deposito das tropas alliadas. Uma divisão brazileira postada em S. Borja, detinha a ala esquerda dos Paraguayos, ao mesmo tempo que a esquadra imperial e as tropas argentinas de Lagraña e Caceres ameaçavam a ala direita, que estava em Corrientes. Já se fallava então de planos aggressivos contra o Paraguay, mas o problema, cuja solução mais urgia, era a expulsão das tropas do general Robles, que se tinham apossado do norte de Corrientes, e a conseguinte destituição do governo provisorio ahi installado.

No dia 28 de Abril já 8 vapores de guerra brazileiros (1) tinham subido o Paraná até Goya. O commandante d'esta esquadrilha, Gomensoro, notificou o bloqueio, ordenado por Tamandaré, de todos os portos e aguas da republica do Paraguay, e poz-se em communicação com o governador Lagraña para concertar nos meios de expellir o inimigo, em quanto o general argentino Caceres reunia as milicias correntinas em numero de 6,000 homens, segundo declarou, as quaes foram reforçadas no dia 2 de Maio na Bella Vista pela chegada do general argentino Paunero com 2,000 homens de tropas regulares e de guardas nacionaes de Buenos-Aires (2). Principiou então uma serie de tiroteios e escaramuças com as avançadas paraguayas atravez da provincia toda, choques que não produziram alteração sensivel no estado de cousas existente (3). Apenas chegado a Bella Vista recebeu o general Paunero uma intimação mandada ao general Caceres pelo triumvirato ou governo provisorio de Corrientes, para evitar derramamento de sangue. Nas condições politicas e militares então existentes não tinha esta intimação razão de ser, e por isso nenhuma resposta receberam os revolucionarios traidores.

O general Robles tinha-se postado em um planalto perto da margem do Paraná, junto ao arroyo Riachuelo, entre a cidade de Corrientes e Empedrado, com o grosso do exercito invasor, que contava cerca de 20,000 homens. Parecia querer aguardar os movimentos, que contra elle executassem os Alliados, mas recebeu ordem de Lopez para operar, occupando toda a provincia de Corrientes e invadindo a de Entre-Rios, onde os

---

(1) Em 10 de abril o almirante Tamandaré notificou o bloqueio dos portos do Paraguay. Para esse fim tinha feito partir de Buenos-Aires no dia 5 de abril a 3ª divisão, sob o commando do capitão de mar e guerra Gomensoro. Formavam-n'a a corveta *Jequitinhonha* e as canhoneiras *Araguary, Iguatemy e Ypiranga.* Si Lopez houvesse mandado logo contra essa pequena força toda a sua esquadra, é muito provavel que conseguisse o que dous mezes depois não poude alcançar em Riachuelo. O chefe Gomensoro subio lentamente o rio e só chegou no dia 16 de Abril ao Rozario, tres dias depois de haverem os paraguayos tomado em Corrientes os vapores argentinos. Em 2 de maio fundeou diante de Bella Vista. O trajecto de Buenos-Aires a Bella Vista faz-se, andando muito vagarosamente, em 8 dias. — A divisão de Gomensoro foi reforçada com mais 4 canhoneiras, e no dia 20 de maio o chefe de divisão Barroso chegou a Goya, assumindo o commando d'esta força naval, que ficou repartida em duas divisões — O almirante Tamandaré só no anno seguinte deixou o Rio da Prata e subiu o Paraná.

(2) Paunero, com essa divisão do exercito argentino, chegou a Bella Vista no dia 3 de maio, um dia depois da chegada da divisão Gomensoro.

(3) O *Semanario*, entre outros encontros faz menção dos seguintes, descrevendo-os a seu modo e dizendo que por forças inferiores foram sempre batidas e dispersas as milicias argentinas : — Peguahó (13 de Maio), Romero Guazu (25 de Junho), Aoma, Garza Cuê, Costa de S. Lucia (26 de Setembro), Chacarita (31 de Outubro), e tambem Campo de Cossio (Maio), no departamento de Itati, S. Thomé (10 de Maio) e Restauracion (provavelmente em agosto). Não temos tempo para confrontar as descripções do *Semanario* com as partes officiaes de Lagraña, Caceres, Paunero, Paiva, Reguera e outros chefes argentinos, além de que pouco interesse têm para o leitor brazileiro essas escaramuças.

Paraguayos, apezar da adhesão de Urquiza ao governo de Buenos-Aires, ainda contavam muitos partidarios. No dia 11 de Maio poz-se Robles em movimento contra Bella Vista, mas teve antes a precaução de fazer constar a Paunero, por meio de pretensos desertores, que se retirava para a cidade de Corrientes. Procurava Robles induzir assim seu adversario a deixar Bella Vista, onde tinha o apoio dos navios brazileiros, e leval-o a marchar erradamente para o norte contra elle. O general paraguayo deixou de facto seu acampamento, como confirmaram a Paunero alguns Correntinos fieis, mas, sem demandar a cidade de Corrientes, dirigio-se a principio na direcção de leste pelo paiz a dentro, voltou depois rapidamente para o sul e, emquanto enviava o tenente-coronel Aguiar com um numeroso corpo de cavallaria ainda mais para leste, marchou para sudoeste contra Bella Vista. Com este duplo movimento contava atacar a povoção pelo norte, ao mesmo tempo que Aguiar a accommettesse pelo sul, e, d'este modo, cortando as communicações de seu adversario com os navios brazileiros, julgava até poder repellir a estes rio abaixo. Na cidade de Corrientes só deixou algumas tropas sob o commando do major Martinez.

Por meio de seus exploradores teve Paunero noticia do movimento de Robles, porquanto, embarcando-se com seus 2.000 homens (1) nos navios brazileiros, desceu pelo rio até Goya, retirada que deixou Bella Vista desguarnecida e entregue ao bem calculado ataque, ainda que com o desapparecimento de Paunero falhasse completamente, e até se tornasse funesto aos Paraguayos. Tendo Paunero certeza que de facto o grosso do exercito invasor apparecêra na altura de Bella Vista e que, julgando segura a occupação da cidade, enviára mais para o sul a vanguarda, combinou com o commandante da esquadra avançada dos Brazileiros, que já então era Barroso, uma expedição contra a cidade de Corrientes, necessariamente desprovida de tropa. No dia 20 entrou Robles em Bella Vista, e já no dia 25 appareciam diante de Corrientes 8 vapores brazileiros e dous transportes argentinos com forças (2).

A cidade de Corrientes está construida em quadrados regulares, de modo que umas ruas correm perpendicularmente ao rio e outras parallelamente. Emquanto desembarcavam em botes as tropas ao norte da cidade na confluencia do arroyo Poncho Verde, tambem chamado El Manancial (3), varriam os navios as ruas (4) com a artilharia e impediam a concentração das forças paraguayas. Evitou-se fazer fogo sobre as casas, porque eram propriedade correntina. O general Paunero dividio suas forças em tres columnas, que foram confiadas aos coroneis Rivas, Charlone e Rosetti. Constavam esses corpos das mais aguerridas tropas regulares da Republica Argentina, de um contingente de infantaria naval brazileira (5) e de

---

(1) 1.200 homens, a flôr do exercito argentino. Eram pela maior parte soldados alistados na Europa pelo coronel Ascazubi.

(2) Essa operação foi combinada entre Barroso e Paunero. Embarcaram no Rincon de Soto as tropas argentinas e Barroso subio o rio, escoltando os vapores *Paron* e *Pampero*, que levavam a reboque os transportes que conduziam a divisão Paunero. A força argentina que estava no Rincon de Soto constava de 1,200 homens de infantaria, 6 peças de campanha e 5.000 homens de guarda nacional mal armados. Só embarcou a infantaria.

(3) O desembarque effectuou-se no sitio denominado — La Bateria del Naranjal, — ao norte da cidade. D'ahi avançaram os alliados contra o quartel, occupado pelo inimigo, e contra a ponte. Varrida esta pelos fogos da esquadra, e tomada á bayoneta pelo general Paunero, abandonaram os Paraguayos a cidade, que ficava ao sul do lugar do combate.

(4) A esquadra não atirou sobre as ruas da cidade, mas *sobre o quartel e a ponte*, ao norte da cidade.

(5) O batalhão n. 9 de infantaria de linha (Pernambuco), ao mando do tenente

um batalhão de Italianos natos, que se tinham alistado como substitutos de guardas nacionaes (1). Logo que appareceram os navios, o major Martinez deu o signal de alarma, e, vendo que os botes continuavam no trabalho do desembarque de tropa, dirigio a guarnição para o lado septentrional da cidade; nada, porém, conseguio, porque os navios varriam com seu fogo toda a margem (2). Quando as columnas argentinas se formaram

---

coronel Silva Guimarães, e 2 bocas de fogo com a competente guarnição de artilheiros, ás ordens do então 1° tenente Tiburcio de Souza (1° de artilharia a pé, Rio de Janeiro). A força argentina era só de infantaria.

(1) Quasi toda essa força de infantaria argentina compunha-se, como já dissemos, de soldados estrangeiros.

(2) Apezar da parcialidade com que Thompson escreveu a sua Historia da Guerra do Paraguay, os annotadores da edição publicada em hespanhol procuram por vezes corrigir o texto no sentido de escurecer ainda mais a parte que ao Imperio coube n'esta guerra. Assim é que tendo-se Thompson referido aos estragos produzidos pelo fogo da esquadra, dizem os annotadores argentinos : «... La escuadra no hizo fuego sobre el puente; se hallaba situada del lado del Chaco, *como á dos millas del combate, y mal podria alcanzar su metralla...* » Contra isto protesta a propria parte official do general Paunero, onde se lê o seguinte : «... El batallon 9 de brasileros tuvo parte en la pelea, contribuyendo poderosamente á dispersar unas guerrillas enemigas que aparecieron mas tarde por nuestro costado izquierdo, con la pretencion ostencible de flanquearnos, distinguiendo-se el teniente 1° de artilleria brasilera D. Tiburcio Ferreyra de Souza, que con 2 canônes obuseros hizo un fuego activisimo sobre el enemigo. *La escuadra brasilera al mando del general Barroso, que tantos servicios tiene ya prestado al ejercito, auxilió tambien de una manera muy importante, dirigiendo certeros disparos sobre el cuartel que ocupaba el enemigo*, y el Sr. coronel Gomensoro, segundo gefe de la misma, que bajó á tierra en aquellos momentos, presto tambien servicios estimables, alentando á sus compatriotas y atendiendo a nuestros heridos... »

O *Jornal do Commercio* de 10 de Junho de 1865, dando a noticia do combate, publicou uma planta em que vêm assignaladas as posições occupados pelos navios brazileiros. A ponte foi bombardeada pelas canhoneiras *Mearim* (commandante Elisiario Barbosa), *Itajahy* (commandante Bittencourt Cotrim) e *Araguary* (commandante von Hoonholtz). O proprio Thompson diz que « Martinez não poude impedir o desembarque, porque este foi protegido pelos canhões da esquadra; » e o chefe paraguayo, na parte official que o *Semanario* publicou, assim se exprime : « Los buques enemigos dispararon desde luego metrallas y bombas sobre nuestras tropas. » Na communicação official que o triumvirato de Corrientes dirigio a Lopez lê-se tambem o seguinte : «... Fuerzas de infantaria desembarcadas en numero de 2 a 3,000 hombres, compuestas de enganchados Francezes, Italianos, Suisos, Brasileros, y Argentinos, *sostenidas por los abundantes fuegos de sus cañoneras*... »

Do *diario* do chefe Barroso extrahimos o seguinte :

« Dia 25 de maio. — Ao romper do dia, como se tinha disposto, os navios tomaram os seus reboques, e ao nascer do sol embandeirámos nos topes com a bandeira argentina no mastro grande ; os vapores argentinos *Pampero* e *Pavon* fizeram o mesmo com a bandeira brazileira no mesmo mastro. A's 7 horas e meia seguimos rio acima, dando vista de um vapor que reconhecemos ser paraguayo e que logo que nos vio parou, e conservou-se observando-nos a 4 ou 5 milhas de distancia. Conforme nos approximavamos assim fugia, até que ás 9 horas e 20 minutos deu 2 tiros como signal de despedida, e, seguindo, perdeu-se de vista. A's 10 horas chegámos em frente á Columna, deixando todos os reboques fundeados do lado do Chaco, e seguimos a collocarmo-nos em duas columnas em frente á cidade, dando fundo ás 11 horas. Havia duas bandeiras paraguayas que estavam nos quarteis, e na capitania a argentina, muitas italianas nas sotéas, por serem a maior parte dos commerciantes que alli ha d'esta nação ; muita gente nas barrancas, e em alguns lugares se viam paraguayos, os quaes eram conhecidos pelo vestuario encarnado de que usam. Collocámos os navios em duas linhas, e fui conferenciar com o general Paunero. Este resolveu mandar buscar as escunas que tinham tropa, o que se fez, indo alguns vapores buscal-as, e, chegando ás 2 horas, logo desembarcaram. Fiz collocar em lugar conveniente as canhoneiras *Itajahy*, *Mearim*, e *Araguary*, para protecção. Vieram os vapores *Pavon* e *Pampero*, que se encostaram á terra, e duas escunas ; desembarcaram a tropa que traziam, que logo se estendeu em linha de atiradores. Emquanto isto se fazia, os Paraguayos por de traz das casas se dirigiam ao lugar do desembarque, mas a columna de atiradores e os navios fizeram fogo sobre elles, o que os obrigou a retroceder, e intrincheirarem-se em uma casa que lhes servia de quartel, de onde

sob a protecção da artilharia de bordo, occupou elle a ponte de um só arco, que ha no arroyo, e o grande quartel situado atraz d'ella (1). O bombardeamento reciproco nenhum resultado produzio, porquanto o fogo dos navios teve de parar desde que os inimigos se acharam um defronte do outro e ás duas peças de campanha dos Paraguayos (2) o general Paunero só podia oppôr outras duas (3). Quando os Argentinos se apoderaram do primeiro quarteirão de casas da cidade, tentou-se um ataque geral, mas os Paraguayos, bem resguardados, e combatendo com extraordinario denodo, levaram vantagem. Pela primeira vez se reconheceu com que soldados valentes, resolutos e habeis se tinha de combater. Nenhuma intimação, nenhum constrangimento podia levar o Paraguayo a entregar-se : só se rendia quando estava completamente desarmado ou ferido. Quando intimados para render-se respondiam : « No tengo orden! » E deixavam-se fusilar sem um gemido. Quando lhes cahia ou lhes era arrancada a arma, feriam com a faca, mordiam ou procuravam esganar, até que algum golpe mortal os attingisse. « Quiero morir ! » era o grito de todos, quando se precipitavam sobre os Argentinos. Segundo referiram as gazetas de Buenos-Aires, o bispo Palacios, por ordem do presidente Lopez, pregára ás tropas que partiam de Assumpção, assegurando-lhes que qualquer Paraguayo, que succumbisse n'essa guerra não iria para o purgatorio, mas directamente para o céo (4). Como quer que seja, esta explicação não faz desmerecer a bravura e a dedicação dos Paraguayos. Um sacerdote bem poderia ter dito isso, mas suas palavras não foram certamente a causa

---

hostilisavam muito a nossa gente ; porém as balas de bordo com o avanço que faziam os atiradores, já protegidos por mais força que tinha desembarcado, os desalojaram do quartel, saltando elles pelas janellas da retaguarda, e em seguida foram os nossos entrando. D'este ponto para a cidade ha uma ponte, que os Paraguayos defendiam do outro lado. Foram tambem desalojados, e d'ahi, passando a nossa gente, travou-se a luta em que se empenhou o nosso batalhão 9°, imitando com muita valentia aos bravos batalhões argentinos que primeiro desembarcaram. O fogo feito pelos Paraguayos era como de 1,600 a 2,000 homens. Continuando forte o tiroteio, foi sempre avançando a nossa gente, que era de quando em quando reforçada com a que ia desembarcando. Entretanto á noite foi-se ouvindo mais distante os tiros, e já alguns de peça das nossas de campanha, que desembacaram. Recebi uma requisição do general Paunero, que me dizia ter a tropa muito fatigada, com bastantes feridos, e que, sendo nossa a victoria, era preciso que o auxiliasse com mais alguma força. Ordenei que desembarcassem as 2 companhias do 1° batalhão de fuzileiros com parte do 9°, que faltava, e seguiram ás 8 horas da noite para terra, indo com esta força o coronel Bruce, que tinha vindo como commandante da brigada. O general mandou-me dizer que a força podia desembarcar na Capitania. Consta-me até agora haver quasi 200 feridos, entre elles o tenente do 9° batalhão Herculano de Souza Magalhães e muitos officiaes superiores e inferiores argentinos, os quaes se acham nos vapores *Pavon*, *Pampero* e na canhoneira *Araguary*. »

(1) O quartel ao norte da ponte. Esta ficava entre o quartel, ao norte, e a cidade, ao sul.

(2) Martinez tinha 1,500 homens de infantaria dos batalhões 9 e 24, e 3 pequenas peças argentinas que Robles havia achado em Corrientes no dia 14 de Abril.

(3) Eram as que commandava o bravo 1° tenente A. Tiburcio F. de Souza, hoje coronel.

(4) Já em 1816 se dizia o mesmo a respeito dos guaranys das Missões Correntinas que formavam o exercito do celebre coronel André Tacuary, mais conhecido pelo nome de André Artigas. Quando este chefe, cumprindo as ordens do general José Artigas, invadio as Missões Brazileiras á frente de mais de 2.000 homens e sitiou em S. Borja o general Chagas Santos, mostraram os seus soldados guaranys o mesmo fanatismo que os paraguayos quasi meio seculo depois. Na *Memoria do Regimento de Infantaria de Santa Catharina*, escripta por um official que servia n'esse tempo em Missões, lê-se o seguinte : «... O exercito de André Artigas achava-se fanatisado por um frade apostata, Fr. Pedro, que nos seus discursos persuadira aos indios que, morrendo em combate, resuscitariam além do Uruguay entre suas familias. » O Dr. Martin de Moussy na sua *Memoria sobre a decadencia e ruina das Missões*, e o conego Gay, na sua *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*, dizem o mesmo dos soldados de André Artigas.

unica do heroismo e, ainda mais, da exemplar disciplina daquelles soldados.

O combate durou até ao escurecer. O major Martinez devia receiar que a cada momento chegassem mais navios com tropas, que lhe interceptassem a retirada para o interior ou a juncção com o grosso do exercito de Robles; não podia conservar a cidade nem passar por ella, retirando-se, porque a artilharia dos navios dominava todas as ruas, que terminavam no rio. Quando soube que o ministro Berges e os triumviros do governo haviam fugido ao ouvirem as primeiras descargas, resolveu retirar-se durante a noite, abandonar a posição e esperar a chegada de auxilio, que mandou a toda a pressa pedir a Robles. Assim pôde o general Paunero, á noite, occupar a praça principal da cidade (1), mandar para bordo os feridos e sepultar os cadaveres, declarando aos habitantes que seriam recebidos nos navios todos quantos quizessem retirar-se antes de novos combates. Em relação ao numero dos combatentes foram consideraveis as perdas de ambos os lados, porque os Paraguayos confessaram ter perdido 400 homens e os Argentinos 350 entre mortos e feridos (2), ainda que ao principio fossem esses algarismos menores nas partes officiaes.

No dia 26, pela manhã, o general Paunero deu ordem para que a tropa de novo embarcasse (3), e á tarde descia toda a expedição pelo rio Paraná até ao Rincon de Soto. Os navios estavam atopetados de fugitivos Correntinos. O coronel Charlone tinha sido gravemente ferido lutando com um Paraguayo.

As increpações feitas na imprensa de Londres aos soldados de Paunero, accusados de haverem durante a noite saqueado a cidade, foram injustas; o que se deu por esse tempo, e logo apóz a marcha de Robles para o sul, foi seguirem carros e navios para Assumpção carregados de riquezas e de quantos bens moveis possuiam os Correntinos. Precisaram, pois, os Paraguayos inventar uma desculpa, o que explica a falsa noticia que fizeram circular.

O major Martinez pagou com a vida a sua resolução de abandonar a cidade, porque Lopez o mandou fusilar no acampamento do Paso de la Patria.

A expedição de Paunero (4) encontrou bem oppostas apreciações. Toda a responsabilidade lhe cabe, porque procedeu por propria inspiração. Entretanto, essa investida audaz e feliz não correspondeu ao plano dos chefes militares, que antes de tudo queriam subtrahir-se ás vicissitudes

---

(1) Paunero occupou completamente a cidade e seus suburbios até o dia 27. Martinez conservou-se com os destroços dos seus dous batalhões a alguma distancia, esperando os batalhões 37 e 40, o regimento 31 e dous esquadrões do 9º que a marchas forçadas avançaram contra os vencedores, mas não chegaram a tempo.

(2) Este algarismo é o que dá Thompson, o qual exagera sempre as perdas dos Alliados. Paunero em sua parte official diz que teve mais de 150 homens mortos e feridos. A perda dos Brazileiros foi insignificante; além do ferimento de 1 tenente só tiveram uns 20 homens fóra de combate. Os Paraguayos tiveram, segundo Paunero, 400 mortos, feridos e prisioneiros (prisioneiros só 80,) e, segundo a parte official de Martinez, 120 mortos e 83 feridos (203 mortos e feridos). Os argentinos tomaram-lhes as 3 peças que tinham e 1 bandeira.

(3) No dia 26 á noite. Paunero seguio nos transportes á vela, rebocados pelos vapores argentinos *Pavon* e *Pampero*, e comboyados pela canhoneira *Itajahy*. Os outros navios brazileiros ficaram ancorados em frente á Columna, pouco abaixo da cidade de Corrientes.

(4) O governo argentino creou uma medalha especial para commemorar este feito de armas. Foi distribuida pelas tropas de Paunero e pelas guarnições dos navios brazileiros que se acharam presentes. As côres da fita são as nacionaes — branca e azul. A medalha tem a seguinte inscripção : — A los vencedores de Corrientes.

da fortuna e ás suas incertas consequencias. Sem ser pequeno o effeito moral dessa tentativa bem succedida no principio da guerra, nenhuma vantagem real produzio, pois o general Paunero devia saber, e de facto sabia, que a cidade não se podia sustentar contra o general Robles, que voltaria logo, nem contra quaesquer reforços, que facilmente poderiam ser expedidos do Paso de la Patria. Comtudo a tomada da capital de Corrientes fez ver aos Paraguayos que não deviam avançar muito para o sul da provincia em direcção a Entre-Rios, por ficar a cada momento ameaçada sua linha de retirada. Assim como alguns navios tinham lançado 2.000 homens entre o exercito invasor e sua base de operações, o Paso de la Patria, assim tambem toda a esquadra brazileira e algumas centenas de transportes poderiam levar para ahi um consideravel corpo de tropas e interceptar completamente as communicações. Incontestavelmente o feliz golpe vibrado por Paunero contra Corrientes concorreu no principio da guerra para rehabilitar a causa dos Alliados, até então desamparada da fortuna. Outra vantagem foi quebrar o prestigio dos Paraguayos, desvanecendo o terror que inspiravam (1). Pela primeira vez combateu-se corpo a corpo contra elles e conseguio-se expellil-os de suas posições ; vio-se, pois, que se podia operar com as milicias, porque desapparecêra o encanto da superioridade. No decurso da guerra o general Paunero não desmentio o nome, que lhe grangeou no exercito este primeiro successo. E' verdade que a imprensa se mostrou descontente por não ter elle conservado o que alcançára. Os trophéos deste dia constaram de 3 peças, 1 bandeira, 100 prisioneiros e consideraveis provisões de munição e material de guerra, o que tudo foi levado durante a noite para bordo dos navios, causando á chegada a Buenos-Aires grande jubilo.

A' noticia desse inesperado acontecimento deixou Lopez sua capital no dia 8 de Junho, dirigio-se para Humaitá e dahi para o Paso de la Patria (2). Naturalmente impressionou-o muito a audacia de Paunero. Nunca pensára na possibilidade de ataques e julgava seus adversarios incapazes de uma offensiva vigorosa. Em Matto-Grosso sua expedição não passára de Corumbá ; em Corrientes parecia não dever ir além de Bella Vista e do Santa Lucia. Reconheceu, portanto, que devia praticar algum elevado feito para não perder todas as vantagens da sorpreza e da offensiva e resolveu dous commettimentos, que tão infelizes deviam ser. Em sua concepção foram bem calculados e motivados, mas falharam pelo presupposto da completa inhabilidade e discordia de seus adversarios (3).

---

(1) Neste ponto o autor engana-se. Antes do combate de Corrientes o sentimento que inspiravam os paraguayos era muito diverso : os alliados julgavam-n'os com injustiça, suppondo que como soldados nada valiam. De feito a historia militar do Paraguay era nulla, como já dissemos, e nesta guerra que façanhas tinham elles praticado? A captura do paquete *Marquez de Olinda*, que não tinha a bordo nem uma espingarda; a invasão de dous districtos indefesos de Matto-Grosso; a tomada de 2 vapores argentinos que não esperavam ser atacados em plena paz; o ataque de Coimbra, defendida por poucos homens e investida por 5,000; a acção de Dourados em que uma pequena guarda foi atacada por 220 homens; e a acção do Rio Feio em que o tenente-coronel Dias, com 130 soldados e paisanos armados defendeu uma ponte contra 3,000 homens dirigidos pelo general Resquin. Por essas acções não se podia julgar do valor paraguayo. Depois do combate de Corrientes, porém, ficaram os alliados respeitando os seus adversarios.

(2) Lopez partio para Humaitá, e não para o Passo da Patria, em 8 de Junho, a bordo do *Tacuary*. Acompanharam-n'o os vapores *Paraguary*, *Igurey*, *Jejuy*, *Yporá*, *Salto Oriental*, *Rio-Blanco* e *Paraná*, conduzindo tropa. O dictador levava o plano de fazer atacar immediatamente a esquadra brazileira. Na tarde de 9 de Junho chegou elle a Humaitá, e no dia 11 ferio-se a batalha naval de Riachuelo.

(3) O autor refere-se ao ataque da esquadra brazileira e á ordem enviada por Lopez a Estigarribia para marchar, ao longo do Uruguay, em demanda do Estado Oriental.

Para despertar a emulação de suas tropas, instituio Lopez no dia 8 de Abril a Ordem do Merito, composta de cinco classes, conforme o modelo da Legião de Honra dos Francezes. Era uma estrella de cinco raios, com flechas entre estes. No meio da medalha lia-se a inscripção *Honoris causa* (1) ; no reverso estavam estas duas palavras *Prœmium meriti*. Os gran-cruzes, dignatarios, commendadores, officiaes e cavalleiros usavam de uma fita de tres listras, azul-branca-vermelha (2).

Duas circumstancias incommodavam especialmente a Lopez : a esquadra brazileira, que elle não podia deixar penetrar no Paraguay sem ficar reduzido exclusivamente á defensiva, e aquella opulenta região, de cujos portos e emporios commerciaes os Alliados desimpedidamente hauriam copiosos recursos em larga escala. Contra e esquadra brazileira queria e devia elle arriscar a sua. Para neutralisar os meios de abastecimento, que os Alliados encontravam nas dilatadas terras sitas adiante da sua linha de operações, tratára de entabolar relações com os chefes do partido blanco do Estado Oriental e com Urquiza, bem que não ignorasse a sua versatilidade. Quando este, depois de assignado o tratado da Triplice Alliança, sahio de Buenos-Aires para reunir suas milicias em Entre-Rios, o presidente Mitre o acompanhou até ao ponto de embarque e, despedindo-se delicadamente, exclamou : « Apressai-vos, general! » Nesse momento approximou-se um mensageiro do presidente Lopez e entregou a Urquiza uma carta do seu El Supremo (3). Urquiza reconheceu pelo sobre-escripto de quem era e entregou-a fechada, como estava, ao presidente Mitre. Depois

---

(1) *Honor et Gloria.*

(2) A ordem do Merito foi visivelmente creada á imitação da Legião de Honra, fundada por Napoleão Bonaparte em 1802, antes de ser proclamado Imperador, e essa não era a menor das pretenções do dictador do Paraguay. Os *Semanarios* durante toda a guerra o compararam ao grande Imperador e só depois de esgotadas todas as approximações entre aquelles dous vultos, é que fizeram um estudo comparativo entre Solano Lopez e Jesus Christo. Ha nesse sentido artigos muito curiosos : são do ultimo periodo da guerra e sahidos dos prélos de Peribebuy. A insignia da Ordem do Merito consistia em uma estrella de 5 pontas esmaltadas de branco com orlas de ouro abotoadas nas pontas por um globulo do mesmo metal. Entre as pontas corriam raios de ouro, sobre os quaes assentavam ramos de palma e de oliveira entrelaçadas na parte inferior.

Na ponta superior da estrella ficava uma corôa de louros, á qual se prendia a fita que suspendia a condecoração.

A estrella tinha para centro um circulo de ouro : concentricamente tres fachas esmaltadas com as côres nacionaes, azul, branco e vermelho. Na facha branca estava gravada no anverso a inscripção *Prœmium Meriti;* e no reverso *Honor et Gloria.* O tamanho distinguia os gráos. A de cavalleiro tinha 20 millimetros de diametro; a de official 35; de commendador 55, grande official 65. A palma e o louro eram de esmalte verde nos dous primeiros gráos; de ouro e verde nos dous ultimos.

A fita era vermelha (?) (« de color amarantino ») orlada das côres nacionaes da largura de 6 millimetros, constituindo tambem a largura do centro vermelho differença de gráos; assim a do cavalleiro era de 25 millimetros, do official de 31, a do commendador pendente ao pescoço, de 50, a do grande official de 100 millimetros, como fita de grã-cruz, da direita para a esquerda. O distinctivo do ultimo gráo (grã-cruz), era além da insignia de grande official um collar formado de pequenas estrellas unidas entre si em numero de 9 de cada lado, pendendo na frente a estrella do grande official.

Vê-se que o arremedo era flagrante.

O mais curioso é que a grã-cruz, no estrangeiro, só podia ser dada aos Imperadores e Reis e não aos Presidentes de Republica, quando, como se sabe, estes podem receber grã-cruzes das ordens existentes nos paizes monarchicos.

Eis o art. 3º dos Estatutos da *Ordem do Merito* (Vej. *Semanario* de 29 de Abril de 1865) :

« Art. 3.º A mas del Presidente de la Republica, la Gran Cruz podrá solo conferir-se en el Pais al Mariscal de sus Ejercitos y al Gefe de la Iglesia del Estado, y en el estrangero *unicamente a los gefes vitalicios de Estados Soberanos.* »

(3) Uma carta de Berges, segundo o *Semanario.*

de tal prova de sinceridade, era impossivel duvidar, e Mitre manifestou pelo menos illimitada confiança, até que as scenas de Basualdo lhe demonstraram o engano em que laborava. Não obstante, tentou Lopez ainda uma vez angariar Urquiza aos seus planos, dirigindo-se ao mesmo tempo a outras pessoas influentes em Entre-Rios, que não sabiam explicar a subita mudança de opinião da parte do governador. Apezar de anticiparmos aos acontecimentos, não julgamos inopportuno inserir aqui a narração destes successos.

No mez immediato ao de sua volta de Buenos-Aires, tinha já Urquiza reunido 10.000 homens de milicias em Entre-Rios, na maior parte cavallaria de legitimos gaúchos. Armas e munições, forneceu-as Mitre; o soldo pagou elle mesmo de seu opulentissimo bolso. Não se apresentou com o seu contingente no acampamento da Concordia, porque não queria sugeitar a selvagem bravura de seus gaúchos ao constrangimento disciplinar, que os generaes brazileiros exigiam de cada divisão do futuro exercito de operações. Concentrou suas tropas em Basualdo, e ahi aguardou o signal para conduzir contra os Paraguayos a vanguarda, que lhe fôra confiada. Entreteve relações de amizade com os generaes do acampamento da Concordia, deixando só de manifestar confiança em Flôres. Em uma de suas visitas a esse acampamento foi sorprendido pela noticia de que quasi todo o seu contingente se dispersára, sublevando-se contra elle, ou antes contra a Alliança. Depois de ter participado o acontecimento a Mitre, tornou para Basualdo e encetou medidas repressivas contra os sublevados, licenciando por um mez os que tinham ficado fieis. Escreveu então a Mitre que neste successo influira sem duvida o presidente Lopez ; pedio desculpa ao governo da Republica e aos generaes alliados e sollicitou um mez de espera, promettendo reunir nesse prazo 12.000 homens, á frente dos quaes queria occupar as posições mais perigosas. Sua carta encerra as mais positivas declarações de lealdade, e no dia 24 de Julho appareceu elle em pessoa na Concordia, para reiterar verbalmente esses protestos. Entretanto os generaes alliados, como era natural, tinham perdido toda a confiança nelle, ou ao menos no seu commando da venguarda, que foi definitivamente conferido ao general Flôres. Esta vanguarda ficou constituida de 1.600 Orientaes, além de tropas brazileiras e argentinas. Urquiza não podia queixar-se : esforçou-se em reunir o contingente, mas nunca passou de 2.000 homens, com os quaes dirigio-se em fins de Outubro para a Concordia, quando o exercito alliado já d'ahi havia partido. Chegou até Toledo, mas debandando nesse ponto a maior parte de suas milicias, não lhe restou outro recurso senão regressar com os poucos, que se conservaram firmes, para sua esplendida residencia de San José. Desde então desappareceu completamente da scena dos acontecimentos, ou despeitado pela resistencia de seus conterraneos, ou por desconfiança para com os Alliados, que não podiam ignorar suas relações com os inimigos do presidente Mitre, ou finalmente, querendo aguardar as vicissitudes da guerra. Está ainda por elucidar esta ultima phase de sua vida, que terminou aos golpes homicidas de seu proprio genro. Seus menores movimentos foram d'ahi em diante cuidadosamente espreitados, e mais de uma vez buscou elle arredar de si as suspeitas de um proceder dubio. Assim no anno de 1866 enviou para o acampamento dos Alliados 250 homens, que, mesmo a bordo do transporte que os conduzia, se amotinaram, e foram reenviados ; remontou a cavallaria, forneceu gado ás forças em operações e até mandou duas peças, que anteriormente tinha conquistado na expedição de Buenos-Aires. Com fornecimentos ganhou avultadas sommas, desembolsadas largamente pelos Alliados.

Além das relações que Lopez procurou estabelecer com Urquiza, cujo effeito muitos julgam reconhecer na dispersão duas vezes dada com o contingente entre-riano, tratou tambem, como dissemos, de promover uma sublevação dos blancos no Estado Oriental, partido que estava completamente disposto a coadjuval-o, mas nada podia tentar por si só, reduzido a seus proprios recursos. Asseguraram, entretanto, seus chefes que não seria difficil depôr o governo de Montevidéo, se Lopez quizesse mandar tropas sufficientes para apoiarem um pronunciamento. Com esse proposito planejou Lopez a expedição, cujo commando foi dado a Estigarribia.

Em principios de Junho sahio o presidente Mitre de Buenos-Aires para a Concordia, afim de assumir o commando em chefe do exercito. Antes de sua partida providenciou diligentemente a respeito da formação e mobilisação da guarda nacional, da reunião da legião paraguaya, formada de emigrados, do arranjo de meios pecuniarios e da accumulação de provisões. Em 24 de Abril embarcou o primeiro batalhão para Corrientes, e a elle seguiram-se outros, além do transporte de avultado material de guerra : obtiveram-se 12,000,000 de dollars por emprestimo, que de certo teriam chegado para as despezas, se não houvesse falhado a previsão de Mitre, a respeito dos 3 dias, 3 semanas e 3 mezes. Não se tendo publicado o theor do tratado de Alliança, este general por sua parte dirigio uma proclamação, annunciando a intenção de não depôr as armas, antes de ser derrubado o governo do Paraguay. O povo acolheu esta declaração com grande enthusiasmo, e assistio no dia 12 de Junho ao embarque do presidente, que deixando o governo confiado ao vice-presidente Dr. Marcos Paz, foi recebido na Concordia pelos generaes brazileiros não só com todas as honras, como tambem com cordialidade. Por mais de uma vez declararam elles que o Imperador Dom Pedro II (1) lhes prescrevêra auxiliar em todos os sentidos ao commandante em chefe e facilitar sua difficil tarefa. Nas primeiras deliberações Mitre opinou que se avançasse com rapidez, por que já se dispunha de forças consideraveis, mas cedeu ás suggestões de Menna Berreto (2) e Ozorio, que não julgavam prudente ir ao encontro de um inimigo tal com homens que ainda não tinham recebido uma instrucção uniforme. No proprio exercito imperial sobresahiam de tal modo os voluntarios da patria e as milicias rio-grandenses, que os generaes brazileiros julgavam necessario mais tempo de pratica e disciplina para suas tropas.

---

(1) Neste seu trabalho o Sr. Schneider attribue sempre ao Imperador, e não ao governo imperial, todas as ordens e todos os planos, sem attender a que o Brazil é um paiz constitucional.

(2) O general J. Propicio Menna Barreto, como dissemos em outra nota, já se tinha retirado, por enfermo, do theatro da guerra, entregando o commando do exercito imperial ao general Ozorio em 1 de Março, na Villa de la Union, perto de Montevidéo. Não nos consta que o general Mitre ao chegar á Concordia houvesse querido logo assumir a offensiva. Já dissemos que em 15 de junho o exercito alliado na Concordia constava apenas de 17.000 brazileiros, e 4.500 argentinos, sem fallar na divisão do general Flôres. Com essas forças teria sido temeridade marchar ao encontro de um inimigo que tinha em armas 80.000 homens, ainda que só 30.000 estivessem em Corrientes. Do Passo da Patria poderia Lopez facilmente reforçar o exercito de Robles.

VII

No Riachuelo (1)

Summario. — Batalha naval do Riachuelo (11 de junho de 1865). — Bombardeamento dos Paraguayos no dia 13 de junho sobre a corveta *Jequitinhonha.* — Combates na passagem de Mercêdes (18 de junho) e de Cuevas (12 de agosto).

Cerca de tres leguas abaixo da cidade de Corrientes desagua pelo lado de leste no rio Paraná um arroyo procedente da laguna Maloya, e que não tem designação propria. Chamam-n'o Riachuelo, que é o diminutivo de riacho. N'esse ponto o Paraná tem pouco mais ou menos legua e meia de largura, mas a parte navegavel tem apenas 1,000 pés de largo e ainda assim atravancada por muitas ilhas, das quaes duas são grandes e cobertas de matto. O Paraná abaixo e acima d'estas ilhas, dilata-se de novo consideravelmente. A embocadura do Riachuelo está encoberta por uma ilha, que do Paraná apenas deixa avistar o pequeno regato. Ao norte da foz do Riachuelo ergue-se sobre uma eminencia, chamada Rincon de Santa Catalina, a vivenda de Santiago Derqui, em cujas proximidades os Paraguayos estabeleceram seus arraiaes, quando Paunero sorprendeu a cidade de Corrientes. Para ahi mandou depois Lopez o tenente-coronel Bruguez (mais tarde general) com algumas baterias, para operar independente do commando do general Robles (de quem já estava desgostoso) e apoiar o planejado ataque da esquadra paraguaya contra a brazileira (2). Ao sul do Riachuelo descortinam-se as margens baixas e arenosas do Paraná, revestidas de vegetação acanhada ; têm o nome de Rincon de Lagraña.

Diante d'esse Rincon (3) estava uma divisão de 8 vapores brazileiros, desde que Gomensoro (4) tinha ido levar para Goya as tropas do general

---

(1) Em todo este capitulo o Sr. Schneider deixou-se levar pelas inexactidões de Thompson e do *Semanario*, sem examinar os documentos officiaes brazileiros. Vem d'ahi a confusa descripção que faz da batalha do Riachuelo. Procurámos por isso rectificar com o maior cuidado o texto allemão, valendo-nos das peças officiaes e das informações de algumas testemunhas oculares.

(2) O commandante da esquadrilha paraguaya era Meza. A artilharia da barranca era dirigida por Bruguez e a infantaria por Aquino. Ambos foram ulteriormente generaes.

(3) A esquadrilha imperial não estava em frente ao Rincon de Lagraña. Em 27 de maio, e depois da tomada de Corrientes, fôra ella fundear do lado do Chaco em frente á *Columna*, isto é, abaixo d'aquella cidade e acima do Riachuelo em iguaes distancias, mais ou menos.

(4) Só desceu até a Esquina comboiando os paquetes argentinos *Paron* e *Pampero* que transportavam as forças de Paunero, a canhoneira *Itajahy*, commandada por Bittencourt Cotrim. Nem Barroso nem Gomensoro deixaram os seus postos.

Paunero. Essa divisão, sob as ordens do vice-almirante Barroso, tinha sido encarregada pelo visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes do Brazil, de tornar effectivo o bloqueio das aguas do Paraguay (1).

Não faltou n'esse periodo quem exprobrasse ao almirante Tamandaré o não dirigir em pessoa esta força avançada da sua esquadra, mas o almirante tinha de observar o Estado Oriental, cobrir o acampamento da Concordia e proteger o transporte de viveres e munições, vigiando todas as costas do Uruguay, o que certamente não era possivel senão de um ponto central. O bloqueio das aguas do Paraguay constituia sómente uma parte de sua tarefa, ainda que pelo ataque dos navios paraguayos se tornasse a principal. Semelhante ataque, porém, não era presumivel, e, segundo parece, nem mesmo Barroso, que estava no lugar, o pôde prever. Buenos-Aires para o commandante da esquadra, como para o plenipotenciario imperial, era o ponto conveniente de observação e o verdadeiro centro das operações.

A divisão de Barroso (2) compunha-se dos seguintes vasos todos bem tripolados :

Vapor de rodas *Amazonas* de 6 peças, 105 homens, força de 300 cavallos ; commandante Theotonio Brito. Era o navio-chefe.

Vapor a helice *Jequitinhonha*, de 8 peças, 130 homens, força de 120 cavallos ; commandante Pinto.

Vapor a helice *Belmonte*, de 8 peças, 134 homens, força de 120 cavallos ; commandante Abreu.

Vapor a helice *Mearim*, de 8 peças, 94 homens, força de 160 cavallos ; commandante Barbosa.

Vapor a helice *Beberibe*, de 8 peças, 170 homens, força de 160 cavallos ; commandante Bonifacio de Sant'Anna.

Vapor a helice *Parnahyba*, de 6 peças, 111 homens, força de 120 cavallos ; commandante Garcindo de Sá.

Vapor a helice *Ypiranga*, de 7 peças, 114 homens, força de 70 cavallos ; commandante Alvaro de Carvalho.

Vapor a helice *Iguatemy*, de 5 peças, 94 homens, força de 80 cavallos ; commandante Macedo Coimbra.

Vapor a helice *Araguary*, de 3 peças, 94 homens, força de 80 cavallos ; commandante von Hoonholtz.

Ao todo, 59 peças, 1,046 homens, e força de 1,210 cavallos (3).

---

(1) Note-se o que diz aqui o autor — tornar effectivo o bloqueio — e veja-se se tem cabimento a censura que faz adiante por não ter ido a esquadra brazileira para as Tres-Bocas, deixando-se cortar pelos Paraguayos.

(2) Eram 2 divisões, uma ás ordens immediatas do chefe de divisão, hoje vice-almirante, Barroso, composta da *Amazonas*, *Parnahyba*, *Araguary*, *Iguatemy* e *Mearim* (2ª divisão), e outra ás do capitão de mar e guerra Gomensoro, composta da *Jequitinhonha*, *Beberibe*, *Belmonte* e *Ypiranga* (3ª divisão). Barroso commandava em chefe, tendo o seu pavilhão na *Amazonas*, e Gomensoro levava a sua insignia na *Jequitinhonha*. A canhoneira *Itajahy*, que tambem pertencia á esquadra bloqueadora, tinha descido o rio, como já dissemos, comboiando as tropas argentinas.

(3) Não está exacta esta relação. Eis as dimensões, força das machinas, numero das bocas de fogo e guarnição :

Fragata *Amazonas* (de rodas), de 6 bocas de fogo (4 canhões obuses de calibre 68, terceira classe, em bateria; 1 rodizio de 68, segunda classe, e 1 peça raiada de 70, Withworth, em rodizio); 300 cavallos; comprimento 188 pés; boca 31 pés; calado 14 pés. — Commandante, capitão de fragata Theotonio de Brito; immediato, capitão tenente Delfim de Carvalho. — Commandante da brigada do exercito destacada na esquadra, coronel Bruce. — Guarnição : 149 praças da armada (incluindo o chefe Barroso e 14 officiaes), e

Estes navios ancorados em linha, á margem direita do Paraná, do lado do Gran-Chaco, estavam formados de modo que com a simples vista se alcançava de bordo a cidade de Corrientes. Elles nada sabiam do que se passava atraz das eminencias marginaes do Riachuelo, que ficavam fron-

---

313 praças do exercito (do 9º batalhão de infantaria e corpo de policia do Rio de Janeiro) incluindo 10 officiaes. — Total, 462 homens (25 officiaes).

Corveta *Jequitinhonha* (a helice), de 8 bocas de fogo (6 canhões de 32 em bateria, e 2 de 68 em rodizio); 130 cavallos; comprimento 175 pés; boca 26; calado 12 1/2. — Commandante, capitão tenente J. J. Pinto; immediato, 1º tenente Lucio de Oliveira. — Commandante do destacamento do exercito, major Guimarães Peixoto. — Guarnição : 120 homens da armada (inclusive o chefe Gomensoro e 10 officiaes), e 166 praças do exercito (do 1º batalhão de infantaria) inclusive 6 officiaes. — Total, 286 homens (17 officiaes.

Corveta *Beberibe* (a helice), de 7 bocas de fogo (6 canhões de 32 em bateria; e 1 rodizio de 68, 3ª classe); 130 cavallos; comprimento 168 pés; boca 27; calado 11. — Commandante, capitão-tenente Bonifacio de Sant'Anna; immediato, 1º tenente João Gonçalves Duarte. — Commandante do destacamento do exercito, major Souza Braga. — Guarnição : 178 homens da armada (9 officiaes), 110 do corpo de infantaria da provincia do Espirito Santo e 36 do 1º batalhão de artilharia (8 officiaes do exercito). — Total, 324 homens, (17 officiaes).

Canhoneira *Parnahyba* (a helice), de 7 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, 2 rodizios de 68, e 1 peça raiada de 70 Withworth); 120 cavallos; comprimento 164 pés; boca 24; calado 9. — Commandante, capitão-tenente Garcindo de Sá; immediato, 1º tenente Felippe Chaves. — Commandante do destacamento do exercito, tenente-coronel Silva Guimarães. — Guarnição : 141 praças da armada (9 officiaes), 122 praças do 9º batalhão de infantaria (8 officiaes). — Total, 263 homens (17 officiaes).

Canhoneira *Belmonte* (a helice), de 8 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, 3 de 68 em rodizio, e 1 peça raida de 70 Withworth em rodizio); 120 cavallos; comprimento 168; boca 24 1/2; calado 9 1/2. — Commandante, 1º tenente J. F. de Abreu; immediato, 1º tenente F. Goulart Rollim. — Commandantes do destacamento do exercito, capitão Santos Rocha, e tenente de artilharia Tiburcio de Souza. Guarnição : 109 praças da armada (6 officiaes), 95 praças do corpo de policia do Rio de Janeiro e do 1º batalhão de artilharia (3 officiaes). — Total, 204 homens, (9 officiaes).

Canhoneira *Araguary* (a helice), de 4 bocas de fogo (2 canhões de 32 em bateria, 2 rodizios de 68); 80 cavallos; comprimento 146 pés; boca 22; calado 7 1/2. — Commandante, 1º tenente A. L. von Hoonlotz; immediato, 1º tenente Eduardo de Oliveira. — Commandante do destacamento do exercito, tenente Silva e Sá. — Guarnição : 89 praças da armada (8 officiaes), e 83 do 9º batalhão de infantaria (6 officiaes). — Total 172 homens, (14 officiaes).

Canhoneira *Ypiranga* (a helice), de 7 bocas de fogo (6 canhões de 30 em bateria, 1 rodizio de 30); 70 cavallos; comprimento 145 pés; boca 22; calado 9 1/2. — Commandante, 1º tenente Alvaro de Carvalho; immediato, 1º tenente J. Candido dos Reis. — Commandante do destacamento do exercito, tenente Corrêa de Andrade. — Guarnição : 106 praças da armada (8 officiaes), e 65 do corpo de policia do Rio de Janeiro (4 officiaes). — Total, 171 homens (12 officiaes).

Canhoneira *Mearim* (a helice), de 7 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, e 3 de 68 em rodizio); 100 cavallos; comprimento 150 pés; boca 23; calado 7 1/2. — Commandante, 1º tenente Eliziario Barbosa; immediato, 1º tenente Pires de Miranda. — Commandante do destacamento do exercito, capitão A. J. da Cunha. — Guarnição : 125 praças da armada (7 officiaes), e 67 do corpo policial do Rio de Janeiro (4 officiaes) — Total, 192 homens (11 officiaes).

Canhoneira *Iguatemy* (a helice), de 5 bocas de fogo (2 canhões de 32 em bateria, 3 rodizios de 68); 80 cavallos; comprimento 145 pés; boca 22; calado 7 1/2. — Commandante, 1º tenente Macedo Coimbra; immediato, 1º tenente Oliveira Pimentel. — Commandante do destacamento do exercito, tenente-coronel, J. J. de Brito. — Guarnição : 96 praças da armada (6 officiaes), e 117 do corpo policial do Rio de Janeiro (7 officiaes). — Total, 213 homens (13 officiaes).

O numero total de peças era 59, mas d'estas só 3 eram raiadas e de calib. 70. As outras peças eram : 21 de calib. 68; 28 de calib. 32, e 7 de calib. 30. A força total das machinas, 1.130 cavallos. A força destacada do exercito era a brigada do coronel Bruce (hoje general) composta do 9º batalhão de infantaria (Pernambuco), uma ala do 1º batalhão de infantaria (Rio de Janeiro), 12º batalhão de voluntarios (antes corpo policial do Rio de Janeiro), corpo de infantaria de guarnição da provincia do Espirito-Santo, e

teiras, porque toda a margem correntina de Bella-Vista para cima (1) estava em poder dos Paraguayos. As communicações com Buenos-Aires continuavam desembaraçadas para noticias, viveres e munições, porque nenhum navio, correndo pelo lado do Gran-Chaco, podia ser attingido pela artilharia (2).

Depois da sua proclamação de 2 de Junho (3) e de uma parada, em que 15,000 homens se mostraram garbosos e bem providos, sahio Lopez de Assumpção no dia 8, a bordo do *Tacuary*, e dirigio-se para Humaitá, onde chegou na tarde de 9 acompanhado de 4 vapores e tropa (4). Immédiatamente deu ordem para que alguns navios que trouxera e os que já estavam reunidos em Humaitá e nas Tres-Bocas accommettessem a divisão brazileira de bloqueio postada perto de Corrientes. Os navios eram :

O vapor de rodas *Tacuary*, de 421 tonelladas e 6 peças : commandante Cabral.

O vapor de rodas *Paraguary*, de 627 tonelladas e 4 peças.

O vapor de rodas *Igurey*, de 548 tonelladas e 5 peças : commandante Alonzo.

O vapor de rodas *Yporá*, de 205 tonelladas e 4 peças : commandante Ortiz.

O vapor de rodas *Marquez de Olinda*, de 300 tonelladas e 4 peças (5) : commandante Robles.

O vapor de rodas *Jejuy*, de 120 tonelladas e 2 peças :

O vapor a helice *Salto Oriental* (6), de 250 tonelladas e 4 peças : commandante Alcaraz.

O vapor a helice *Pirabebé*, de 120 tonelladas e 1 peça : commandante Pereyra.

Tudo sommava : 30 peças e cerca de 1,000 homens (7).

E' verdade que partio um nono vapor, o *Ybera*, de 300 tonelladas e 4 peças, commandante Gill, mas tendo-se partido a helice nas Tres-Bocas,

---

um contingente do 1º batalhão de artilharia a pé (Rio de Janeiro). — A bordo dos 9 navios, incluindo todos os chefes e officiaes, havia 1.113 praças de marinha (das quaes 79 officiaes da armada e classes annexas), e 1.174 praças do exercito (das quaes 66 officiaes). Total, 2.297 homens, incluindo até o chefe Barroso.

(1) Das Tres-Bocas, para baixo, até Bella Vista.

(2) Esta asserção não tem fundamento, pois no dia 9 de junho desceo um vapor nosso com doentes para Buenos-Aires, passando pelo estreito canal entre a ilha da Palomera e a boca do Riachuelo, e pelo mesmo lugar subiu a *Ypiranga* de volta de uma commissão, sem que fossem incommodados, porque a bateria paraguaya ficára mascarada até o ataque do dia 11 de junho com o fim expresso de sorprender-nos na occasião do combate e de servir de abrigo á sua esquadra no caso de revez.

(3) Esta proclamação póde ser lida em *Thompson*, cap. VII.

(4) Acompanhado de 8 vapores.

(5) Quando esteve em Matto-Grosso tinha 8 peças.

(6) No texto allemão está, por engano, *Salto de Guayrá*. — O *Salto Oriental* foi o que esteve em Riachuelo, sendo ahi destruido. O *Salto de Guayrá*, que é outro vapor, ainda dous annos depois, em 11 de Julho de 1867, tomou parte no combate naval do Alegre, em Matto-Grosso.

(7) O Sr. Schneider tomou estes dados da obra de Thompson, mas elles não são em tudo exactos. Só os seis maiores vapores paraguayos tinham de guarnição mais de 2,000 homens. Sommem-se ainda as tripolações do *Salto* e *Pirabebé* com as das 6 chatas e com a força do exercito embarcada de proposito para a abordagem, e ter-se-ha muito mais de 2,000 homens na esquadra inimiga. Os prisioneiros paraguayos declararam que esses vapores e chatas conduziam 2.500 marinheiros e soldados. Os 8 vapores não montavam só 30 peças, mas 41, segundo nos informam varios officiaes, e as chatas tinham 6 de calibre 68 e 80. Ao todo, portanto, tinham os paraguayos 47 bocas de fogo na esquadra, além de 22 em bateria na barranca do rio. *Total, 69 bocas de fogo.* Quando mesmo fosse exacto, como diz Thompson e repete o autor, que os 8 vapores paraguayos

foi rebocado por outro vapor e ficou inutilisado para o combate. O commandante ficou tão fóra de si por este desastre, que chorava e queria suicidar-se.

O commando em chefe foi confiado ao já idoso commandante Meza, sendo seu immediato o commandante Cabral. Todos os engenheiros destes navios eram Inglezes; só dous machinistas de segunda classe eram Paraguayos. A cada navio deu-se em Assumpção e em Humaitá um cirurgião.

Além dos 8 vapores foram destinadas 6 chatas para o combate, cada uma provida de 1 peça de 68 (1), de modo que o numero total das peças subia a 36.

Do 6º batalhão de infantaria, que voltara de Matto-Grosso, escolheram-se 500 homens, que embarcaram no dia 10.

Refere uma testemunha ocular que Lopez, assistindo a cavallo ao embarque, gritára para seus soldados que lhe trouxessem prisioneiros; elles porém responderam: « Para que prisioneiros? Nós os mataremos todos e traremos a esquadra brazileira! » Com estas palavras ficou Lopez muito satisfeito e pareceu recobrar novo alento. De tal modo apressou elle o embarque das tropas e a partida dos navios, que até houve esquecimento dos harpeos de aferrar, e a esta circumstancia attribuiram os Paraguayos por muito tempo o mallogro de sua empreza, porquanto a tomada do *Anhambahy* no rio S. Lourenço tinha-se realisado por uma rapida abordagem.

A superioridade dos Brazileiros consistia não só no numero das peças (2), como tambem na construcção e aprestos dos navios, que eram ao mesmo tempo embarcações de longo curso. Os vapores paraguayos eram todos construidos para a navegação fluvial e á excepção do *Tacuary*, verdadeiro navio de guerra, todos os outros tinham sido armados pouco antes. O vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, que servia para o transporte de passageiros, fôra armado com 4 peças depois de seu aprisionamento em Assumpção. Exceptuadas duas peças de 32, toda a artilharia naval dos Paraguayos era de calibre 14, e uma das de 32 arrebentou logo ao primeiro tiro. Pelo contrario os Brazileiros tinham canhões de Whitworth de calibre 70 e dous de 120 (3). Assim tambem no material eram os Brazileiros decididamente superiores aos Paraguayos.

Lopez ordenou ao commandante que ao despontar do dia 11 entrasse no Paraná pelas Tres Bocas, e descesse o rio a toda a força da machina por diante de Corrientes e da esquadra brazileira até que de uma emi-

---

só tivessem 30 peças, ainda assim tinham os paraguayos quasi o mesmo numero de bocas de fogo que os brazileiros. Estes dispunham de 59, e os paraguayos, incluidas as 6 das chatas e as 22 da bateria de terra, teriam, conforme o proprio Thompson, *58 canhões*.

Segundo se collige das descripções publicadas no *Semanario*, eram estes os officiaes paraguayos que commandavam os 8 vapores por occasião da batalha:

Tacuary, commandante Martinez (o chefe Meza ia a bordo desse vapor); *Paraguary*, com. José Alonzo; *Igurey*, com. Remigio Cabral; *Yporá*, com. Ortiz; *Marquez de Olinda*, com. Ezequiel Robles; *Jejuy*, com. Aniceto Lopez; *Salto Oriental*, com. Vicente Alcaraz; *Pirabebé*, com Pereyra.

(1) As peças de 4 chatas eram de calibre 80. As das 2 restantes eram de 68.

(2) Como já vimos, os Paraguayos eram superiores quanto ao numero das peças, porque deve-se levar em conta as que estavam em bateria na barranca.

(3) Não havia nenhum canhão de 120 na esquadra brazileira, não obstante asseverar Thompson que *vio balas* desse calibre, apanhadas no campo e mandadas por Berges a Lopez. O maior calibre era de 70 (3 peças).

nencia á margem do Riachuelo o tenente-coronel Bruguez desse o signal de ter montado e desmascarado sua bateria de 22 peças de calibre 4 a 18, que a toda a pressa para ahi tinham ido do Paso de la Patria por Corrientes (1). Então devia virar de bordo e, subindo o rio, cahir sobre os Brazileiros. Lopez queria deste modo impedir que os seus inimigos escapassem rio abaixo, e as medidas empregadas denotam o receio de que Barroso, evitando o combate, recebesse reforços de Buenos-Aires, o que tornaria a luta ainda mais desigual.

Os vapores, tendo de rebocar as chatas e não podendo accelerar a marcha, não passaram as Tres-Bocas ao romper do dia. As sentinellas brazileiras nos mastros da gavea avistaram as columnas de fumo ás 8 horas da manhã e o chefe Barroso fez logo o signal de correr a postos e preparar para o combate. Os 8 vapores paraguayos passaram a toda a velocidade pela linha dos navios brazileiros, que já tinham suspendido ferros e estendido as redes de abordagem nas bordas falsas (2). A principio não podia Barroso comprehender a manobra de seu adversario, que, tão singularmente sacrificando as vantagens da posição de jusante, perdia uma parte da força de impulso atacando pela de montante. A rapida corrente, que neste lugar apresenta o Paraná, apertado entre ilhas, dava verdadeira desvantagem para os que navegassem rio acima.

Simultaneamente com o apparecimento dos navios paraguayos diante de Corrientes, observou-se dos navios brazileiros que havia activo movimento nas eminencias do Riachuelo e do Rincon de Lagraña. Os canhões do tenente-coronel Bruguez, até então mascarados, achegaram-se da borda do declive e romperam o fogo contra os navios brazileiros, que estavam defronte, antes que se approximasse o primeiro navio paraguayo (3). Ao mesmo tempo tropa de infantaria desceu até o matto das margens, para tomar parte no combate, quando os navios inimigos chegassem ao alcance dos tiros. Os navios paraguayos avançavam tão cerrados, uns apoz outros, quanto era possivel; seis d'elles rebocavam cada um, uma chata. Logo que o *Tacuary*, que ia na frente, e era o navio-chefe, chegou ao alcance das peças, rompeu o fogo, que foi sustentado emquanto desceram os navios a todo o vapor e tão perto de terra que as ballas das baterias postadas nas eminencias marginaes voavam por cima delles. O chefe Meza sem se perturbar, executou pontualmente as ordens de Lopez, de maneira que ás 9 horas da manhã todos os navios paraguayos estavam fóra do alcance das peças e ao sul dos brazileiros : então voltaram, e cada vapor, levando uma chata a reboque, navegou de novo rio acima. Ao passar diante dos navios brazileiros, recebêra o vapor paraguayo *Jejuy* um tiro na cal-

---

(1) Algumas dessas peças eram de calibre 32.

(2) Os navios brazileiros estavam de fogos abafados, portanto não houve tempo de levantar vapor e suspender os ferros no curto espaço que mediou entre a apparição da esquadra paraguaya e sua passagem para baixo.

O que elles fizeram foi receber o inimigo bizarramente e com fogo tão vivo e certeiro que o chefe Meza, quando virou aguas arriba, em vez de subir a atacal-os, entendeu mais prudente abrigar-se sob a bateria da barranca do Riachuelo.

As considerações do Sr. Schneider sobre as vantagens da posição de *jusante*, não têm cabimento algum, pois nunca o chefe Barroso suppoz que os Paraguayos pretendessem atacar-nos de prôa aguas abaixo, com o duplo impulso das machinas e da correnteza. Só com as prôas para cima é que poderiam abordar-nos.

(3) A bateria de Bruguez achava-se em frente á ilha da Palomera e muito abaixo da esquadra, tanto que a *Araguary*, que era a canhoneira brazileira mais proxima d'ella, estava fóra do alcance. A bateria desmascarou-se quando a esquadra imperial desceu a bater a paraguaya a tiro de pistola.

deira e com muita difficuldade foi postar-se inactivo atraz de uma ilha, que demora á embocadura do Riachuelo (1).

O vice-almirante Barroso, ao ver os Paraguayos subirem de novo o rio, reconheceu os perigos de sua posição, porque, tendo-se desmascarado a bateria da margem podiam os Paraguayos, sobre as 36 peças, que apresentavam no rio, dispôr de 22 mais do tenente-coronel Bruguez, que, além da vantagem de uma posição fixa em terra, perfaziam o numero exacto das peças brazileiras (2). Demais os navios brazileiros, apezar de serem melhores, tinham a desvantagem do maior calado, ficando por isso limitados ao pequeno espaço mais fundo do rio, ao passo que os paraguayos, adaptados á navegação fluvial, tinham movimentos mais rapidos e geitosos. Ordenou, pois, ao commandante Pinto (3) que avançasse quanto pudesse contra a bateria da margem com o vapor *Jequitinhonha*, que era a helice, e da força de 120 cavallos (4) ; os outros navios permaneceram em ordem de batalha. O *Jequitinhonha*, que tinha o lado esquerdo voltado para o norte, avançou em consequencia desta ordem sobre a margem correntina e rompeu contras as baterias um fogo vivissimo de suas quatro peças de bombordo, mas soffreu muito do inimigo, que sobre elle concentrou o fogo de 22 canhões. A posição do *Jequitinhonha* ainda mais critica se tornou, quando o *Tacuary*, á frente dos vapores paraguayos que vinham rio acima, chegou com sua chata ao alcance das peças e sobre elle exclusivamente dirigio o fogo. Dous tiros da chata acertaram logo acima do lume d'agua e o commandante Pinto vio-se obrigado a varar na praia (5) : porque se o combate tivesse bom exito, ainda se poderia salvar o navio, mas se elle ficasse debaixo do fogo, iria necessariamente a pique. Era o unico official de toda a guarnição do vapor, que ainda estava vivo, porque já tinham morrido o 1º tenente Lucio e o 2º tenente Lacerda (6) e o tombadilho estava juncado de cadaveres. O resto da tripolação, exceptuados poucos homens, foi em escaleres procurar refugio nos outros navios brazileiros, ao passo que os que ficaram, tiveram ordem de lançar as peças ao rio e, se os Paraguayos fossem a bordo, lançar fogo ao navio. Comtudo só conseguiram lançar no rio uma peça de bronze (7) de 32. Quando a infantaria paraguaya da mar-

---

(1) O *Jejuy* atracou á barranca junto á ponta Santa Catalina é d'ahi fez fogo emquanto pôde. O *Amazonas* depois metteu-o a pique.

(2) Em nota anterior já dissemos que o inimigo tinha na esquadra e em terra 69 bocas de fogo, e os brazileiros 59.

(3) Ao chefe Gomensoro, que tinha a sua insignia n'essa corveta.

(4) 130 cavallos.

(5) A corveta *Jequitinhonha*, executando a manobra que lhe foi ordenada, encalhou debaixo dos fogos da bateria de terra. O Sr. Schneider engana-se suppondo que o chefe Gomensoro a encalhou intencionalmente. Depois de varar foi que a *Jequitinhonha* recebeo avarias enormes pelo fogo da artilharia e fuzilaria de terra. Tanto a guarnição como um contingente do 1º batalhão de infantaria de linha (Rio de Janeiro), ás ordens do tenente-coronel Guimarães Peixoto, portaram-se briosamente, sustentando o fogo a tiro de pistola com as forças inimigas que occupavam a barranca do rio. N'essa posição exposta bateu-se a guarnição durante todo o dia, repellindo duas abordagens dos Paraguayos. Não é exacto, como suppõe o Sr. Schneider, e como assegura Thompson, que houvesse sido abandonada essa corveta no dia da batalha. Só no dia 13, alta noite, se abandonou a *Jequitinhonha*.

(6) Na *Jequitinhonha* o unico official que morreo em acção foi o guarda-marinha Lima Barros. O immediato, Lucio Joaquim de Oliveira, nada soffreo, e o 2º tenente Nogueira Lacerda não foi morto, como suppõe o autor, mas ferido. Foram mais feridos o capitão de mar e guerra Gomensoro (levemente), 1º tenente F. J. de Freitas, guarda-marinha Castro e Silva e alferes Ewerton, do 1º batalhão de infantaria. O pratico, André Motta, foi morto meia hora depois de encalhada a corveta. A bordo da *Jequitinhonha* tivemos 18 mortos e 32 feridos.

(7) Não havia na *Jequitinhonha* nem em navio algum brazileiro peças *de bronze*

gem observou que ainda se trabalhava a bordo do navio, rompeu um fogo tão aturado, que a pouca maruja brazileira teve de abrigar-se na coberta até o fim do combate. Dous navios brazileiros tentaram rebocar o *Jequitinhonha*, mas todos os esforços foram baldados (1), porque tinha-se de trabalhar debaixo do fogo das baterias de terra. Deste modo, logo no principio do combate, ficou inutilisado para operar um dos mais bellos vasos da esquadra brazileira e a esta circumstancia se attribue o terem escapado quatro vapores paraguayos do theatro da luta depois de vencidos. O *Jequitinhonha* occupava a extrema ala esquerda, que era ponto mais septentrional rio acima, por isso teria podido cortar a retirada dos Paraguayos (2).

Emquanto o *Tacuary*, que era o primeiro na ala direita paraguaya, encetava e sustentava a luta com o *Jequitinhonha*, viravam os outros navios diante dos Brazileiros, e, pondo as chatas de permeio, romperam o fogo (3). O vice-almirante Barroso deu então o signal de ataque e os navios brazileiros deixaram sua posição do lado do Chaco para entrar nas aguas fundas (thalweg) do rio. O combate que então se inaugurou, foi longo e acerrimo, pois consistio em uma serie de duellos entre os navios, dous a dous, formando-se de vez em quando differentes grupos, conforme se offerecia a occasião.

O mais terrivel combate foi sustentado pela *Parnahyba*, vapor a helice de 6 peças e da força de 120 cavallos, tripolado por 111 homens (4) e commandado por Garcindo de Sá. Além dos soldados navaes tinha a bordo 2 companhias de infantaria do 9° batalhão sob as ordens do capitão Pedro Affonso Ferreira (5). O *Parnahyba* estava postado no centro da linha de batalha e descarregava com igual efficacia para ambos os lados. Esta foi provavelmente a causa porque se prolongaram com ella não só os 2 navios, que estavam defronte, o *Salto Oriental* e o *Marquez de Olinda* (o paquete brazileiro aprisionado em Assumpção em Novembro do anno anterior), como

---

de calibre 32. A artilharia da *Jequitinhonha* foi toda encravada, a machina inutilisada e o navio alagado por meio de valvulas, dous dias depois da batalha, como já dissemos.

(1) Terminado o combate com os navios paraguayos, o vice-almirante Barroso ordenou á *Ypiranga* e á *Iguatemy* que procurassem safar a *Jequitinhonha*, mas a *Ypiranga* encalhou tambem, e a *Iguatemy* por si só nada podia fazer. Ao pôr do sol cessou o fogo de terra, e á noite a *Araguary* collocou-se tambem junto á *Jequitinhonha*. No dia 12 seguio a postar-se junto a esta corveta a *Mearim*. Nada se poude fazer. O fogo das baterias paraguayas tinha arruinado completamente a nossa corveta, e todos os esforços empregados para tiral-a do banco em que jazia foram inuteis. Resolveo-se então no dia 13 abandonal-a. A guarnição passou-se para a *Mearim* e *Araguary*, e quando se começava a encravar a artilharia os Paraguayos romperam de terra um vivo fogo de artilharia e fuzilaria a que as nossas duas canhoneiras responderam com vigor, incorporando-se pouco depois ao resto da esquadra imperial.

(2) Com effeito si essa corveta não houvesse encalhado, nenhum navio paraguayo poderia ter escapado.

(3) Nada disto se deu como conta o autor. A esquadra paraguaya desceu a toda a força até o *Riachuelo*, respondendo apenas ao fogo dos navios brazileiros durante a rapida passagem. Abaixo da bateria de Bruguez foi que virou aguas arriba, collocando-se sob a protecção da artilharia d'aquelle coronel. Nessa posição esperou ella a esquadra imperial que uma hora depois a atacava com o maior vigor e enthusiasmo.

(4) Vej. na nota a pag. 170 o numero de peças, força da machina e guarnição da *Parnahyba*.

(5) 1ª e 6ª companhias do 9º batalhão de infantaria (Pernambuco). Essa força estava sob o immediato commando do tenente-coronel Silva Guimarães. O capitão Pedro Affonso commandava uma das companhias e foi morto á espada, pelejando como um heroe no tombadilho da *Parnahyba*. Do mesmo modo, e ao lado desse official, foi morto o tenente Feliciano Maia. O guarda marinha Greenhalg teve a mesma sorte defendendo a bandeira nacional cuja guarda lhe fora confiada. Foi tambem a bordo da *Parnahyba* que cahio morto, e horrivelmente mutilado, o intrepido marinheiro Marcilio Dias.

o *Tacuary* (1), que deixou o seu adversario, o *Jequitinhonha*, e a elles dous se annexou. O *Tacuary*, sendo o mais forte dos 3 navios, prolongou-se com a *Parnahyba* e tentou a abordagem. Só 20 homens mais ou menos, que estavam na caixa das rodas, conseguiram agarrar-se á rêde do navio brazileiro e, cortando-a com suas longas facas, atiraram-se no tombadilho. Os Paraguayos não tinham trazido harpeos de aferrar e por isso não lhes era possivel conservar bem atracados os 2 navios; sendo o brazileiro mais alto do que o paraguayo, não era cousa facil o saltar de um para o outro (2). Ao mesmo tempo o *Salto Oriental* encostou pelo outro bordo e o *Marquez de Olinda* pela pôpa. Do primeiro atiraram-se cerca de 30 homens e do segundo 50 sobre o convez da *Parnahyba*. Travou-se então uma luta cruenta, durante a qual grande parte da tripolação se foi retirando para o porão (3)

---

(1) Os tres vapores, isto é o *Tacuary*, o *Salto* e o *Paraguary*, tentaram antes abordar a *Araguary*, mas foram repellidos e seguiram sobre a *Parnahyba*. Esta poz fóra de combate o *Paraguary*, mas foi abordada pelo *Tacuary* e pelo *Salto*, e logo depois pelo *Marquez de Olinda*.

(2) E' inexacto. O *Tacuary* era até um pouco mais alteroso do que a *Parnahyba*.

(3) Isto não é exacto. O Sr. Schneider regulou-se pela obra de Thompson, que, não assistindo á batalha, pautou a sua descripção pelas noticias do *Semanario*. O combate que se travou na tolda da *Parnahyba* foi rapido, acudindo pouco depois a *Amazonas*. A *Parnahyba* foi atacada a um tempo pelo *Tacuary*, *Salto* e *Paraguary*. O commandante da *Parnahyba* Garcindo de Sá, pôz a prôa sobre o *Paraguary*, havendo disparado antes contra elle, e com o maior successo, um dos rodizios. O *Paraguary* recebeu um rombo no costado e caldeiras, e com o choque da *Parnahyba* foi encalhar junto á ilha fronteira ao Riachuelo. (Vej. as partes officiaes do chefe Barroso e do commandante da *Parnahyba*). O *Marquez de Olinda* tentou então abordar pela prôa a *Parnahyba*, mas foi repellido. Infelizmente na mesma occasião encalhava a nossa canhoneira e era abordada pelo *Tacuary*, por. B. B., e pelo *Salto*, por E. B. A guarnição do 4º rodizio de ré foi toda acutilada, morrendo o capitão Pedro Affonso e o tenente Feliciano Maia, ambos do 9º batalhão de infantaria, o guarda marinha Greenhalgh e o intrepido marinheiro Marcilio Dias, que já se havia tornado celebre em Paysandú, e que no convez da *Parnahyba* lutou braço a braço com 4 Paraguayos, matando 2 e ferindo os outros.

Emquanto se travava esse combate e o *Tacuary* e *Salto* estavam atracados á *Parnahyba*, o *Marquez de Olinda* abordou-a pela pôpa, e lançou mais gente no convez. Uns 200 Paraguayos tinham já saltado dos tres vapores; muitos haviam succumbido, mas elles estavam senhores da metade do navio. Parte da guarnição, por ordem do commandante Garcindo, achava-se na coberta, não só para se não expôr inutilmente, como para deixar mais liberdade á manobra da artilharia. Foi isto um erro, porque no momento da abordagem não se poude repellir de prompto o inimigo. Nunca estiveram os Paraguayos senhores de todo o convez, como diz o Sr. Schneider, repetindo Masterman : elles nunca passaram do mastro grande, e o proprio Thompson assim o declara. Os 1os tenentes Pompeo de Albuquerque Cavalcanti e M. J. Pederneiras nunca abandonaram o 2º e 3º rodizio. Quando a *Amazonas* se aproximava, seguida da *Belmonte* e da *Mearim*, já o resto da guarnição da *Parnahyba*, que se achava na coberta, subira á tolda e começava a fazer recuar os Paraguayos. Logo que o *Marquez de Olinda* reforçou a abordagem, ficando o inimigo senhor de grande parte da tolda, o commandante Garcindo de Sá e o seu immediato, Firmino Chaves, resolveram fazer voar o navio, se tivesse de cahir em poder do inimigo. O escrivão de bordo, Corrêa da Silva, offereceu-se para executar essa ordem e collocou-se em lugar conveniente, prompto para ao primeiro signal communicar fogo ao paiol. Acudindo, porém, a *Amazonas*, tomou novo alento a guarnição e, á espada e á bayoneta, repellio o inimigo. Não é exacto tambem que a *Amazonas* metralhasse o convez da *Parnahyba* : o que Barroso fez (já então elle tinha lançado a prôa sobre o *Jejuy*, mettendo-o a pique) foi acudir á *Parnahyba*, repetindo, e com igual successo, contra o *Marquez de Olinda* e depois contra o *Salto* a mesma manobra que fizera contra o *Jejuy*. O *Tacuary*, vendo o terrivel effeito do primeiro embate da *Amazonas*, poz se em fuga apenas vio que ella se aproximava.

Thompson, para fazer-nos uma nova injuria, diz que grande parte da guarnição da *Parnahyba* e dos outros navios brazileiros lançou-se ao rio. Em toda a esquadra não houve senão 20 extraviados, sendo 1 da *Mearim* e os outros da guarnição da *Parnahyba*. A bordo desta canhoneira tivemos 33 mortos (3 officiaes), 28 feridos (2 officiaes) e 19 extraviados. Deve-se admittir, pelo menos, que alguns desses 20 extraviados haviam cahido n'agua defendendo o navio, e, pois, o numero dos que se lançaram ao rio levados do

ficando os Paraguayos por algum tempo senhores da tolda. Seu primeiro cuidado foi arrear a bandeira. Debalde se oppuzeram a esta tentativa o capitão Pedro Affonso e alguns soldados navaes (1) : foram todos trucidados. Os Paraguayos, exultando de alegria por esta apparente victoria, chegaram a dansar de jubilo no convez, e um sargento, passeando ufano de uma extremidade a outra, rufava um tambor, que por acaso encontrára (2). O prazer do triumpho não foi duradouro, porque a *Amazonas*, navio chefe brazileiro, logo que isto percebeu, approximou-se com mais outro navio pequeno e varreu o convez com a metralha. Deu-se então uma pausa nas

---

medo, si os houve, foi muito diminuto. As perdas que padeceu a pequena guarnição brazileira, e o grande numero de cadaveres inimigos que ficaram sobre a tolda, attestam a energia com que os nossos se defenderam. Os 4 vapores que atacaram a *Parnahyba* tinham, além da guarnição, 575 praças para a abordagem.

Depois que a *Parnahyba* se vio livre dos 3 vapores inimigos conseguio safar, graças á boa direcção da machina, e, governando com a vela do estaes e latino, porque tinha o leme desmontado, dirigio-se ao *Salto*.

Este vapor com o choque da *Amazonas* encalhara, e a *Ypiranga* (commandante Alvaro de Carvalho), que já havia mettido a pique uma das 6 chatas paraguayas, fez fogo sobre elle, arrombando-lhe as caldeiras. A *Araguary*, commandante Hoonholtz, ajudou a *Ypiranga* a destruir o *Salto*. Em seguida dirigio-se a *Ypiranga* sobre o *Paraguary*, que estava tambem varado, e a *Araguary*, unindo-se á *Beberibe*, passou a perseguir os 4 vapores inimigos que fugiam.

O *Salto* achava-se quasi inteiramente alagado quando a *Parnahyba* delle se aproximou. O inglez Gibson, machinista d'aquelle vapor paraguayo, subio ao passadiço e gritou para a *Parnahyba* que não fizesse fogo porque a guarnição queria render-se; e immediatamente arriou a bandeira paraguaya. O commandante Garcindo de Sá enviou então uma força ao mando do 1º tenente Pestana para tomar conta da presa. O guarda marinha A. H. da Fonseca recolheo a bandeira inimiga, e o imperial marinheiro Pedro Chaves foi escolhido para içar o pavilhão nacional. Duas horas depois, e já á noite, abandonou-se o *Salto* porque ia pique, voltando os nossos para a *Parnahyba* com os prisioneiros, entre os quaes o commandante Vicente Alcaraz, que se achava mortalmente ferido, e falleceu dias depois. O machinista Gibson e 2 ou 3 Paraguayos, occultaram-se a bordo, e depois que os Brazileiros deixaram o *Salto* conseguiram escapar, ganhando á noite o Chaco agarrados a algumas taboas.

O *Jejuy* ficára totalmente perdido emquanto a *Parnahyba* se debatia com os 3 vapores inimigos.

O *Paraguary*, que, como dissemos acima, encalhára pelo choque da *Parnahyba*, recebendo ao mesmo tempo um rombo no costado e caldeiras, fazia ainda fogo, quando a *Ypiranga*, prolongando-se com elle, lhe disparou alguns tiros. A guarnição paraguaya lançou-se toda ao rio, e o commandante Alvaro de Carvalho, depois de pôr a bordo desse vapor um destacamento ás ordens do 1º tenente J. Candido dos Reis, seguio para junto da *Jequitinhonha*, que lutava com a bateria do Riachuelo.

O *Marquez de Olinda* foi o segundo vapor paraguayo inutilisado pelo *Amazonas*. Estava encalhado quando a *Araguary* o abordou mais tarde. Esta canhoneira, depois que recebeu ordem de voltar, cessando a caça que dava com a *Beberibe*, aos 4 vapores que fugiam, collocou-se, sendo já noite, junto á *Jequitinhonha*, e vendo perto da margem 4 chatas paraguayas que restavam (porque uma fôra mettida a pique pela *Ypiranga* e outra pelo *Amazonas*), apoderou-se dellas, cahindo tambem em nosso poder os 4 canhões, que montavam, 2 dos quaes eram de 68, e 2 de 80. Feito isto passou a *Araguary* a procurar os restos do *Marquez de Olinda* dirigindo-se a bordo desse vapor, em um escaler, o commandante Hoonholtz (barão de Teffé) e os 2ºs tenentes Meunier e Castro Menezes. O commandante Hoonholtz recolheu a bandeira e a flamula, aprisionou 21 Paraguayos sãos, e passou para a *Amazonas* o commandante desse vapor, Ezequiel Robles, que estava mortalmente ferido.

(1) Os imperiaes marinheiros que guarneciam o rodizio da pôpa e á frente d'elles o guarda marinha Greenhalgh.

(2) Isto é uma anecdota inventada pelo *Semanario*, e repetita por Masterman. Pelejou-se no convez da *Parnahyba* á arma branca desde que os Paraguayos deram a abordagem até que a *Amazonas* metteu a pique o *Marquez de Olinda*, ora avançando, ora recuando as duas linhas de combatentes. No meio dessa luta encarniçada não poderiam os Paraguayos ter tempo nem espaço para dansar e rufar tambor. Masterman tem até o desembaraço de dizer, como o *Semanario*, que a *Amazonas* e a *Parnahyba* eram encouraçadas.

expansões de jubilo paraguayo : das escotilhas sahio a tripolação e principiou o ataque a bayoneta. Se os Paraguayos tivessem tido a precaução de fechar todas as escotilhas, provavelmente teriam ficado senhores do navio. Em todo o caso não souberam affrontar este inesperado ataque com o mesmo denodo, com que saltaram pára dentro. Aquelles que escaparam ao ferro brazileiro, atiraram-se de bordo para se salvarem nadando. Assim libertou-se a *Parnahyba* de seus tres inimigos, contando a tripolação 28 feridos, 7 mortos e cerca de 20 extraviados (1) : entre os mortos figurava o capitão Pedro Affonso Ferreira, que commandava a infantaria do 9° batalhão. O navio tinha soffrido muito não só do fogo inimigo, como da metralha da *Amazonas* (2), mas nem por isso, com suas consideraveis avarias, deixou de tomar parte no combate até o fim.

O *Marquez de Olinda*, que dos tres navios aggressores fôra o ultimo que deixára a preza, ficou por seu turno tão damnificado pela furia da *Parnahyba*, que se teria submergido a não serem os seus compartimentos estanques (3). Mas inclinou-se tanto para o lado que o commandante Robles mandou varal-o na margem do Gran-Chaco, onde ficou desamparado (4). A tripolação fugio para o matto e ahi se demorou tres dias sem alimento, até que, retirando-se os navios brazileiros, passou em jangadas para o lado correntino e pelo Paso de la Patria, chegou a Humaitá, onde foi muito mal recebida por Lopez.

Tendo libertado a *Parnahyba*, dirigiu-se a *Amazonas* para o *Paraguary* (5), que lhe estava proximo, o qual pela arqueação era o maior navio paraguayo; tinha a bordo 4 peças.

O pratico da *Amazonas*, Bernardino Gustavino, filho de um Italiano residente em Corrientes, abalroou com seu navio, a toda a força da machina, no meio do *Paraguary*, e tal golpe lhe applicou com o esporão (6), que o impossibilitou de fluctuar e o obrigou a encalhar em lugar raso, onde foi completamente destruido pela artilharia. O *Paraguary* tinha chegado poucos mezes antes da Inglaterra, onde Lopez o mandára construir por 50,000 libras esterlinas. Em Montevidéo e em Buenos-Aires viram-no passar, mas consideraram-n'o como paquete a vapor destinado ao transporte de passageiros, e a tripolação procurou confirmar esta opinião. Depois do *Tacuary* era este o vapor em que Lopez mais confiança depositava. Apezar de ter encalhado, o *Paraguary* não cessou o fogo, e como a *Amazonas*,

---

(1) Já dissemos que a *Parnahyba* teve 81 homens fóra de combate, sendo 33 mortos. Sobre o convez desse navio ficaram tambem os cadaveres de 1 official e 29 marinheiros e soldados paraguayos. Nesse pequeno espaço, pois, ao terminar a luta, estavam amontoados 63 cadaveres e 28 feridos. Dos paraguayos, que estiveram a bordo, muitos feridos lançaram-se ao rio.

(2) Já ficou dito que a *Amazonas* não metralhou a *Parnahyba*, como pretendem Thompson e o *Semanario*.

(3) Depois de ter mettido a pique o *Jejuy*, a *Amazonas* foi soccorrer a *Parnahyba* e lançou-se contra o *Marquez de Olinda*, inutilisando-o com o choque.

(4) Não ha tal. O *Marquez de Olinda* deixou-se cahir aguas abaixo e a guarnição preparava jangadas para atravessar o rio quando foi aprisionada pela *Araguary*.

(5) E' engano do Sr. Schneider. O terceiro vapor paraguayo inutilisado pela *Amazonas*, foi o *Salto Oriental*. O *Paraguary* recebeu um rombo no costado e caldeiras, produzido por uma bala da *Parnahyba* antes da abordagem, de maneira que encalhou junto á ilha fronteira ao Riachuelo. Foi abandonado pela guarnição quando a *Ypiranga* rompeu o fogo contra elle. Um destacamento da *Ypiranga*, como já dissemos, ficou guardando o *Paraguary* até que o incendiámos no dia 14.

(6) O pratico fazendo manobras por sua conta e risco; a *Amazonas* (navio de madeira) *com esporão;* o *Paraguary*, abalroado pela *Amazonas*, quando o foi pela *Parnahyba;* o mesmo *Paraguary* completamente destruido no dia 11 quando só a 14 foi incendiado... Tudo isto é confusão do autor.

por causa da pouca agua, não o pudesse de novo investir, encarregou-se disso a *Iguatemy* (1), canhoneira a helice commandada por Macedo Coimbra. Tão vivo foi o canhoneio, que toda a tripolação fugio para terra. Um escaler mandado por Coimbra para revistar o navio, encontrou-o de tal modo arruinado, que se deu ordem de lançar-lhe fogo (2).

O *Salto Oriental*, vapor paraguayo de 4 peças, commandado por Alcaraz, desenvolveu desde o principio do combate grande actividade : atacou vigorosamente a *Belmonte*, vapor de 8 peças, commandado por Abreu, e depois de lhe ter causado grave damno, foi tomar parte no ataque contra a *Parnahyba*. Tendo a *Amazonas* investido contra o *Paraguary* (3) com tão bom effeito, dispoz se a *Belmonte* a imitar o exemplo (4). O *Salto* começou a manobrar habilmente para evitar o golpe, mas nem por isso deixou de encalhar em um váo, e tão fatal lhe foi o choque do inimigo que o costado partio-se e o navio principiou a afundar. Em horrorosa confusão apinhava-se toda a tripolação no convez, e no meio dessa multidão indecisa e perturbada causou a fuzilaria da *Belmonte* (5) extraordinaria mortandade. Já tinham succumbido quasi todos, quando a *Belmonte* (6) se dispunha a dar segunda investida, que teria de todo anniquilado o *Salto*, mas o engenheiro de bordo, o inglez Gibson, sobre o passadiço das rodas (7), fez signal e gritou para que não repetissem o golpe, visto o *Salto* não poder offerecer mais resistencia. A *Belmonte* (8) diminuio a velocidade e um de seus officiaes ordenou ao engenheiro que arriasse a bandeira, porque emquanto ella fluctuasse no mastro, seria o navio considerado em estado de resistir ou ao menos a isso disposto. Gibson desceu a bandeira e um bote da *Belmonte* (9) atracou ao *Salto*, onde foi encontrado o commandante Alcaraz mortalmente ferido e deitado sobre a mesa do camarote. Metade do convez estava inundado porquanto a prôa ficará debaixo d'agua e somente a pôpa, coberta de cadaveres, se achava encalhada.

---

(1) Foi a *Ypiranga*, commandada por Alvaro de Carvalho, que fez calar o fogo do *Paraguary*.

(2) Os escaleres da *Ypiranga* que tomaram conta do *Paraguary*, arvorando nelle a a bandeira imperial, eram commandados pelo 1º tenente J. Candido dos Reis. Veja-se a nota a pag. anterior.

(3) Contra o *Jejuy* e o *Marquez de Olinda*, e não contra o *Paraguary*.

(4) Foi a *Amazonas* quem pôz a prôa sobre o *Salto*, depois de ter inutilisado os outros dous vapores.

(5) O fogo da *Ypiranga*, e não da *Belmonte*. Esta ultima canhoneira (commandante J. F. de Abreu) depois de ter sustentado o fogo com a bateria de terra e os vapores e chatas, padecendo grandes avarias, ia com a *Amazonas* e a *Mearim* em soccorro da *Parnahyba*, quando se declarou fogo na coberta, produzido por uma bomba inimiga que penetrou nos paioes de prôa, e logo depois teve o commandante parte de que uma bala havia arrombado o costado ao lume d'agua, no lugar do incendio, extinguindo o fogo, mas alagando o navio. Teve por isso a *Belmonte* de voltar e, augmentando a agua, e não podendo funccionar a machina, o commandante encalhou o navio para tapar os rombos. Só no costado de B. B. havia 22 rombos, e no de E. B. 15, acima da linha de fluctuação, fóra os de baixo. A agua chegou até 2 pés abaixo da coberta, não obstante trabalhar-se activamente a bordo. A *Belmonte*, pois, estava fóra de combate. Foi a *Ypiranga* a que, encontrando o *Salto*, a trabalhar para safar, dirigio contra elle a sua artilharia arrombando-lhe as caldeiras, e seguio depois a atacar o *Paraguary*, que, encalhado, ainda fazia fogo.

(6) A *Parnahyba* e não a *Belmonte*, que estava fóra de combate. A *Parnahyba*, depois de libertada dos navios paraguayos, dirigio-se contra o *Salto*, que encalhára com o choque da *Amazonas*, e que recebêra os estragos de que fallámos, produzidos pelo fogo da *Ypiranga*.

(7) Cumpre notar, que, segundo Masterman, Gibson era machinista do *Salto*, como diz o Sr. Schneider, mas, segundo Thompson, esse inglez servia no *Paraguary*.

(8) A *Parnahyba* e não a *Belmonte*.

(9) Da *Parnahyba*. Esses escaleres eram dirigidos pelo 1º tenente Pestana.

Os que tinham ferimentos leves foram transportados para bordo da *Belmonte* (1) e os que estavam gravemente feridos ficaram entregues á sua sorte. Gibson e alguns Paraguayos, escondendo-se no momento em que os Brazileiros foram a bordo, ficaram sobre os restos do navio, e, quando anoiteceu, fabricaram uma jangada, na qual chegaram á margem correntina e dahi passaram pelo Paso de la Patria para o Paraguay (2). Em todo o trajecto até Humaitá ninguem lhes quiz fornecer viveres e quando ahi chegaram foram lançados em ferros como traidores, por terem entregado a bandeira de sua patria. Gibson ficou tres mezes na prisão, sendo depois solto; mas não sobreviveo muito tempo a este acontecimento.

Tambem a *Belmonte* soffreu muito : 27 balas a attingiram, e no fim do combate já fazia muita agua. Seu concerto consumio muito tempo (3).

Tendo livrado a *Parnahyba* e investido o *Paraguary* (4), voltou-se a *Amazonas* contra o *Jejuy* (de 2 peças) e tão vigorosa foi a sua pancada, que o fez logo sossobrar. Queria então repetir sua manobra de ariete contra o *Tacuary*, mas este esquivou-se e juntamente com o *Igurey* e o *Yporá* (5), principiou a retirada para as Tres-Bocas.

O *Yporá* (6), que pelo estrago da helice teria ficado nas Tres Bocas, se não fosse rebocado por outro vapor, conservou-se durante todo o combate na margem correntina por detraz dos outros navios (7), e sem operar movimento algum, deu descargas para todos os lados, sempre que podia distinguir um objectivo. Na retirada foi tambem levado a reboque e chegou a Humaitá relativamente com poucos estragos (8). Tendo os Paraguayos desistido de continuar a luta, voltou-se a *Amazonas* contra as chatas agora desamparadas. Uma dellas conseguio escapar pelo Riachuelo (9), mas as 5 restantes, abandonadas pela tripolação, correram rio abaixo e cahiram nas mãos dos Brazileiros. Voltou-se então a artilharia dos navios imperiaes contra as baterias de terra e cubrio-as com tal chuveiro de balas, que as

---

(1) Para o vapor *Amazonas* foram todos, e não somente os feridos levemente.

(2) Veja-se o que dissemos na nota a pag. 177.

(3) Veja-se a nota a pag. 177. Só acima da linha de fluctuação teve a *Belmonte* 37 rombos, e não 27, como diz o Sr. Schneider.

(4) Já rectificamos este engano do autor, mas repetiremos ainda a ordem em que foram inutilisados pelo navio chefe os vapores paraguayos. O *Jejuy* foi o primeiro navio inimigo que a *Amazonas* metteu a pique. Depois dirigio-se o chefe Barroso contra os 4 que haviam atacado a *Parnahyba*. O *Paraguary* já tinha sido forçado pela *Parnahyba* a encalhar. Os outros 3 (*Tacuary*, *Marquez de Olinda* e *Salto*) vendo que a *Amazonas* se aproximava, desferraram, fugindo o *Tacuary* aguas acima, e procurando os outros descer o rio. A *Amazonas* lançou-se então contra o *Marquez de Olinda*, e depois contra o *Salto*.

(5) E o *Pirabebé*.

(6) E' evidentemente engano. O Sr. Schneider quiz dizer *Iberá*.

(7) E' inexacto : nenhum vapor paraguayo desceu inutilisado das Tres-Bocas. O *Iberá* foi o que teve um desarranjo na machina, mas não poude ir ao lugar do combate, nem chegou á vista da esquadra imperial. Si descesse seriam 9 os vapores paraguayos.

(8) Sobre o *Yporá* e os outros vapores paraguayos que escaparam (*Tacuary*, *Yporá*, *Igurey e Pirabebé)* diz Thompson o seguinte : «... O *Igurey* apenas podia marchar mui lentamente; o *Tacuary* navegava quasi á sua retaguarda para protegel-o... O *Yporá* parecia o navio que mais soffrêra. Tinha perdido o mastro de traquete, toda a obra morta de prôa estava destruida, tendo além disso o costado e a camara crivados de balas ; não obstante era o que menos padecera. Todos os vapores tinham as chaminés despedaçadas pelas balas, e alguns rombos no costado, porém a unica avaria séria que receberam foi o rombo da caldeira do *Igurey* que, apezar disso, foi concertado dentro de 3 ou 4 dias. Uma bala de 68 tinha penetrado na caldeira, e estava depositada nos tubos... O *Tacuary* escapára difficilmente : uma bala de 68 levantou-lhe as chapas das caldeiras sem causar-lhe mais estrago... »

(9) As chatas paraguayas eram 6. A *Ypiranga* fez encalhar uma, que poude ainda ser aproveitada, e a *Amazonas*, metteu a pique outra, depois de pôr fóra de combate 3 vapores paraguayos. As 4 chatas restantes estavam atracadas com cabos á margem,

peças foram logo removidas (1), mas em lugar de acompanharem a corrente dos fugitivos para o Paraguay, dirigiram-se ellas para o sul, onde pouco depois entraram de novo em actividade nas posições da Bella Vista e de Cuevas (2).

Esta é, em largos traços, a descripção da memoravel batalha naval, como se póde colher das contradictorias e visivelmente exageradas informações, que testemunhas oculares dos dous lados nos fornecem. Quanto ás minuciosidades, ainda ha muito para addicionar.

O capitão Meza, que commandava a flotilha paraguaya possuia toda a confiança do presidente Solano Lopez, como já possuira anteriormente a de Carlos Lopez. Gosava dos creditos de experimentado e valente, e partio par o combate com grande confiança no exito feliz da empreza. A tarefa porém, parace que excedia suas forças. O engenheiro inglez Wattson conta que elle perdêra o sangue frio logo aos primeiros tiros, e nenhuma ordem dera durante toda a acção. Ao menos o infeliz supprio pela coragem pessoal as faltas que commettera como almirante, e foi gravemente ferido no convez do *Tacuary*, penetrando-o pelo hombro, até o pulmão esquerdo, uma bala de espingarda. Por esta circumstancia assumio o commando o capitão de fragata Cabral (3), segundo as ordens de Lopez. Já descrevemos o combate do *Tacuary* contra a *Jequitinhonha* e a *Parnahyba*, que se deu ainda sob o commando de Meza, porquanto a bala, que o ferio, partio de bordo da *Parnahyba*. Desde então Cabral não expoz mais o *Tacuary* a luta alguma; observou de bordo a marcha do combate e evitou o abalroamento do *Amazonas* quando percebeu o funesto effeito experimentado pelos outros navios (4). O capitão Meza foi transportado moribundo para Humaitá, e Lopez mandou-lhe dizer que apenas se restabelecesse seria fusilado por causa de sua covardia. Estas crueis palavras extinguiram a vida do ancião, que falleceu no dia 13 de Junho.

Masterman, na sua obra *Seven eventful years in Paraguay*, refere que todos os officiaes dos navios paraguayos estavam embriagados, e que os soldados combateram como lhes approuve. A direcção dos navios esteve sempre entregue aos engenheiros inglezes.

---

junto ás baterias, e foram tomadas á noite pela *Araguary*. Nenhuma chata escapou, como se vê.

(1) Bruguez em sua parte official (*Semanario* de 24 de Junho) diz que 7 dos seus canhões ficaram fóra de combate (2 peças de 16 ; 1 de 12 ; 2 de 10 ; e 2 de 8). Diz o *Semanario* que em terra só houve 12 homens fóra de combate e 46 cavallos mortos. E' estranho que morressem tantos cavallos e fossem mortos e feridos tão poucos homens. A verdade, porém, é que o fogo da esquadra obrigou Bruguez a remover da barranca as suas peças.

(2) Em vez de — *Bella Vista* — lêa-se — *Mercedes ;* mas em Mercedes (18 de Junho) não esteve Bruguez. Este chefe dirigio a artilharia de terra nos combates de Riachuelo e Cuevas, e não no de 18 de Junho. A esquadra brazileira permaneceu até o dia 18 no lugar do combate. A *Amazonas* ficou junto á *Belmonte* que estava cheia d'agua, e a *Ypiranga*, a *Iguatemy* e a *Araguary* foram postar-se junto á *Jequitinhonha* encalhada. A *Mearim* foi tomar a *Parnahyba* que tinha o leme partido. Em outra nota já mencionámos o pequeno combate que no dia 13 se travou entre a *Araguary*, a *Mearim* e a bateria de Riachuelo quando abandonavamos a *Jequitinhonha*.

(3) Cabral passou-se do *Igurey*, que commandava, para o *Tacuary*, pouco antes de ser ferido Meza.

(4) Deve-se accrescentar que fugio com outros tres navios que escaparam, sendo acossado por uma *unica* canhoneira brazileira, a *Araguary*, que os perseguio tenazmente até a ponta de Corrientes fazendo-lhes ainda grandes estragos com o rodisio da prôa e só desistindo da caça ao anoitecer. A *Beberibe*, que tambem perseguia os fugitivos, mas não de tão perto, fez signal á *Araguary* para desistir da caça e voltar. A *Amazonas* não perseguio os inimigos, como diz Thompson, porque quando estes começaram a fugir ella estava occupada, depois de ter destruido o *Marquez de Olinda*, em perseguir o *Salto*, que descia o rio.

As perdas de ambos os lados são avaliadas differentemente. A participação official brazileira accusa 102 mortos e 160 feridos (1); os documentos paraguayos dizem que a sua perda foi de 700 a 800 homens.

Igualmente exagerado é o calculo dos jornaes de Buenos-Aires quanto ás perdas paraguayas. Mais não soffre duvida que foram consideraveis de parte a parte.

No dia 4 de Julho fizeram-se exequias solemnes em Buenos-Aires em honra dos Brazileiros mortos, e um artigo official declarou que o povo de Buenos-Aires tinha razão especial de ser grato a esses bravos, pois se Lopez tivese vencido, uma esquadra paraguaya teria apparecido diante de Martin Garcia ou no proprio porto de Buenos-Aires, impondo á Republica Argentina uma paz ignominiosa.

Os Paraguayos que a nado fugiram para o Gran-Chaco ficaram expostos a gravissimas privações e trabalhos, até poderem chegar ao lado correntino ou a Humaitá; e os Brazileiros que a nado tentaram salvar-se foram mortos na margem correntina pelos soldados de Bruguez e na margem do Gran-

---

(1) A parte official de Barroso, escripta no dia seguinte ao da batalha, diz que tivemos, entre mortos e feridos, de 180 a 190 homens, sendo 80 ou 90 os mortos, mas depois que recebeu as partes officiaes dos differentes commandantes verificou elle que a nossa perda fôra superior. Tivemos 245 homens fóra de combate, sendo 87 mortos, dos quaes 7 officiaes, 138 feridos, dos quaes 13 officiaes, e 20 extraviados. Os officiaes mortos foram o 1º tenente Oliveira Pimentel (immediato da *Iguatemy*), o 2º tenente Teixeira Pinto (da *Belmonte)*, os guardas marinhas Lima Barros *(Jequitinhonha)*, Torreão *(Mearim)* e Greenhalg (*Parnahyba*), o capitão do 9º batalhão Pedro Affonso Ferreira e o tenente do mesmo batalhão Feliciano Maia (ambos na *Parnahyba)*. Os officiaes feridos foram o capitão de mar e guerra Gomensoro (*Jequitinhonha*), o capitão tenente Abreu (commandante da *Belmonte)*, os 1ºs tenentes Macedo Coimbra (commandante da *Iguatemy*), e F. J. de Freitas, o 2º tenente Nogueira Lacerda e o guarda marinha Castro e Silva (estes 3 no *Jequitinhonha*, e os officiaes do exercito major Bandeira de Gouvêa (corpo policial do Rio de Janeiro), os tenentes Galvão Uchôa (9º batalhão) e M. F. Imperial (corpo de guarnição do Espirito Santo) e alferes Ewerton (1º batalhão), D. Francisco da Silveira (addido ao corpo policial do Rio de Janeiro) e Sá Barreto (9º batalhão). — D'estes 245 homens fóra de combate pertenciam 131 á marinha e 114 ao exercito, (brigada do coronel Bruce), isto é, a marinha teve 49 mortos (5 officiaes), 62 feridos (6 officiaes) e 15 extraviados, e o exercito 38 mortos (2 officiaes), 76 feridos (6 officiaes), e 5 extraviados (entre elles o alferes de policia Pacheco de Miranda, cujo cadaver foi encontrado dias depois). — Pelos differentes navios dividio-se assim a perda ; *Amazonas*, 14 mortos, 21 feridos; *Jequitinhonha*, 18 mortos, 32 feridos; *Belmonte*, 9 mortos, 22 feridos; *Beberibe*, 7 mortos, 15 feridos ; *Iguatemy*, 1 morto, 6 feridos ; *Araguary*, 2 mortos, 2 feridos ; *Ypiranga*, 1 morto, 5 feridos ; *Mearim*, 2 mortos, 7 feridos e 1 extraviado ; e *Parnahyba*, 33 mortos, 28 feridos e 19 extraviados.

A perda dos Paraguayos foi muito maior. Raros foram os tripolantes dos 4 vapores destruidos que escaparam, e, estando os navios inimigos com as guarnições muito reforçadas, comprehende-se bem que os 4 que se salvaram deviam ter soffrido perdas consideraveis no pessoal. Em terra tivera Bruguez tambem grandes perdas, pois a sua bateria teve de calar-se á tarde. Mastermann, que então vivia no Paraguay, diz o seguinte em sua obra já citada : ... « Os Paraguayos, segundo elles mesmos, perderam 750 homens, porém tiveram *dobrado numero de baixas...* » Não se póde, com effeito, avaliar em menos de 1,500 os Paraguayos que morreram a bordo dos seus navios e na abordagem da *Parnahyba*, os que se affogaram, quando destruidos os vapores e chatas, e os que ficaram feridos e prisioneiros.

Da esquadra paraguaya destruimos 4 vapores, o *Jejuy*, o *Marquez de Olinda*, o *Salto* e o *Paraguary*, mettemos a pique 2 chatas, uma das quaes foi salva depois, e tomámos 4 outras com a competente artilharia. O *Jejuy* submergio-se logo com o choque do *Amazonas*, mas não acontecendo o mesmo com os 3 outros vapores inutilisados, ficámos por algum tempo senhores delles, com a artilharia que montavam. O destacamento que guardava o *Salto*, ao mando do guarda marinha A. H. da Fonseca (da *Parnahyba*) abandonou esse vapor na noite de 11, porque ia a pique. O *Paraguary* foi guardado até o dia 14 por uma força destacada da *Ypiranga* ás ordens do 1º tenente J. Candido dos Reis. No dia 14 foi incendiado esse vapor, e no dia 17 incendiámos tambem o *Marquez de Olinda*.

Entre os trophéos da batalha foram recolhidas as bandeiras e flamulas do *Marquez*

Chaco (1) pelos fugitivos, de modo que devemos contar os extraviados no numero dos mortos (2). Terminado o combate, mandaram os Brazileiros um escaler ao Gran-Chaco afim de recolher os seus nacionaes, (3) que para ahi tinham escapado nadando, mas já os encontraram mortos; além d'isso, atacados pelos Paraguayos, que surgiram do matto, foram mortos ficando os Paraguayos senhores do escaler. N'este encontro tal foi a raiva do desespero, que a ninguem se deu quartel e ninguem quiz entregar-se (4).

No dia seguinte ao do combate, desceu o rio a canhoneira ingleza *Dottorel* e recolheu 16 Paraguayos da guarnição do *Marquez de Olinda* que tinham fugido para terra abaixo do Riachuelo. Elles referiram que o commandante Robles tinha sido levado para bordo do *Amazonas*, e que seu navio se arruinára completamente. Robles, ferido no braço, ficou completamente desaccordado, e um cirurgião da *Amazonas* praticou a amputação. Quando voltou a si, rompeu as ataduras e exclamou : « Antes morto do que prisioneiro ! » (5)

---

de Olinda, pelo commandante da *Araguary*, von Hoonholtz (barão de Teffé), do *Salto*, pelo 1° tenente Pestana (da guarnição da *Parnahyba*), e do *Paraguary*, pelo 1° tenente J. Candido dos Reis (da *Ypiranga*).

O combate terminou ás 5 1/2 horas da tarde. Houve um momento em que esteve a acção indecisa : quando a *Parnahyba*, encalhada, se debatia contra 3 vapores paraguayos. Tinhamos nessa occasião mais 2 vapores encalhados, a corveta *Jequitinhonha* e a canhoneira *Belmonte*, e esta ameaçada de sossobrar. Com os movimentos livres tinhamos apenas 6 vapores. Quando a *Amazonas* acabou de inutilisar o quarto vapor paraguayo, obrigando a tripolação das chatas a lançar-se ao rio, já os 4 vapores inimigos que se salvaram, dirigidos por Cabral, iam em fuga, á grande distancia, perseguidos pela *Beberibe* (commandante Bonifacio de Sant'Anna) e, mais de perto, pela *Araguary* (commandante von Hoonholtz) ; mas a noite começava, e com as avarias que haviam todos soffrido, mais ou menos, desistio-se da caça. A navegação do Paraná não é tão facil que se pudesse aventurar uma perseguição á noite com o risco de encalhar e sem nenhuma probabilidade de alcançar os fugitivos. Além disso, era preciso acudir á *Jequitinhonha*, á *Belmonte*, á *Ypiranga* (esta ultima querendo soccorrer a primeira tambem encalhára) e a *Parnahyba*, que muito se damnificára com o combate desigual que sustentou.

(1) Versão de Thompson e Mastermann. Em toda a esquadra brazileira apenas houve 1 alferes e 19 marinheiros e soldados extraviados.

(2) O numero de extraviados não póde ser contado assim, pois a *Araguary* recolheu na mesma noite duas praças da *Parnahyba* que haviam cahido ao rio, defendendo a abordagem, e se achavam occultas junto á boca do Riachuelo, abaixo da bateria, e não no Chaco.

(3) Inexacto. E' outra invenção de Thompson.

(4) Tudo isto é falso. Algum escaler nosso poderia ter ido parar no Chaco, porque, durante o combate, a *Belmonte* perdeu 2 escaleres grandes e a *Beberibe* outros 2. A ida de 1 escaler guarnecido ao Chaco, e o combate que ahi houve são invenções do *Semanario* repetidas por Thompson. Entre os episodios que este escriptor refere ha um que não deixaremos passar sem menção. Diz elle : «... No momento em que um vapor paraguayo passava ao lado de outro brazileiro, um Paraguayo saltou a bordo do ultimo, e com seu machado de abordagem dividio a cabeça de um official, abrindo-a até o pescoço ; porém, vendo-se repentinamente só, saltou ao rio pela borda opposta, logrando salvar-se. » Para que tal facto se desse era preciso que esse Paraguayo tivesse azas, e que toda a guarnição brazileira estivesse a dormir. Os officiaes e praças dos navios brazileiros foram mortos ou feridos por bala, excepto os da *Parnahyba*, onde se travou o combate á arma branca durante a abordagem. Em nenhum outro navio brazileiro pisaram os Paraguayos.

(5) A este respeito temos a seguinte informação do distincto commandante da *Araguary :* — « Robles estava ferido no braço e nas costas, porém, quando o commandante Hoonholtz foi ao *Marquez de Olinda*, conversou com muita polidez, fez-lhe entrega da espada, que estava sobre a mesa, e deixou-se transportar sem a menor opposição para bordo da *Araguary*, onde o commandante o fez deitar na sua propria cama e servio-lhe um calix de vinho do Porto, tratando-o com tanto carinho que elle não queria depois passar para a *Amazonas* afim de ser medicado. Entretanto, sendo ahi tambem tratado com toda a attenção e humanidade, mostrou-se emquanto vivo, satisfeito e nunca praticou a acção que se lhe attribue. »

Desde o principio do combate não cessou o ministro Berges de mandar de Corrientes para Lopez, que estava em Humaitá, differentes participações, annunciando o feliz proseguimento do combate. Estas lisongeiras esperanças foram principalmente originadas do facto de haver encalhado a *Jequitinhonha*. A's noticias favoraveis seguiram-se logo as desfavoraveis, de modo que houve uma noite de desassocego e angustias em Assumpção e Humaitá, que se achavam ligadas pelo telegrapho.

Testemunhas oculares descrevem a volta dos navios paraguayos como uma scena triste e desoladora.

Ao romper do dia 12 annunciaram as rondas de observação que se avistavam navios subindo o rio, mas sem poderem discriminar se eram brazileiros ou paraguayos. Lopez mandou logo occupar as baterias e esperou com febril impaciencia a chegada das noticias. Quando a luz do sol deixou perceber as côres e as insignias, reconheceu-se ser um vapor paraguayo que rebocava outro navio. Este só parecia dever ser um navio brazileiro aprisionado, e por alguns instantes foi grande a alegria, tanto mais quanto um correio, vindo por terra de Corrientes, mas muito retardado, annunciára a completa derrota da esquadra brazileira na tarde de 11.

A manhã estava fria e nublada; toda a guarnição de Humaitá, reunida na margem, aguardava a chegada dos navios victoriosos. Eram, porém, o *Tacuary*, gravemente damnificado, que rebocava o *Yberá;* seguia-se o *Yporá* desarvorado, apresentando as bordas falsas inteiramente estragadas e o convez arrombado. O *Igurey* tinha recebido um rombo na caldeira e muitos da guarnição estavam horrorosamente escaldados. Todas as chaminés tinham sido despedaçadas (1). Quando foram postos em terra os mortos e feridos, a gente ahi reunida foi-se retirando em lugubre silencio, porque ninguem ousava propagar noticias desvantajosas. Mais tarde foram tambem os restos do *Paraguary* conduzidos para Humaitá.

A despeito de tudo isto, mandou Lopez annunciar como uma victoria o combate do Riachuelo.

A madeira do *Paraguary* tinha sido queimada até o lume d'agua, mas como o casco era de ferro, seus restos foram muito proveitosos para a defeza de Humaitá, quando esse metal se foi tornando raro.

Lopez ficou extraordinariamente sorprendido e magoado por este inesperado revez. O aprisionamento do *Marquez de Olinda* e a tomada do *Anhambahy* o illudiram a respeito da força da esquadra brazileira. Agora reconhecia elle a realidade com todo o seu cortejo de perigos. Desde esse dia sua esquadra nunca mais ousou travar combate, e os navios isolados sempre se sahiram mal. Devemos, pois, considerar o combate do Riachuelo como um acontecimento decisivo para as forças navaes do Paraguay.

O vice-almirante Barroso recebeu em recompensa o titulo de barão do Amazonas, e um navio de guerra que então se construio no Rio de Janeiro foi baptisado com o nome do guarda-marinha Henrique Martins (2), que succumbira a bordo da *Parnahyba*, defendendo a bandeira nacional (3).

---

(1) O autor não menciona o *Pirabebé*, que tambem se salvou.

(2) Lêa-se — Greenhalg. O 1º tenente Henrique Martins foi morto em Paysandú. Um vapor de guerra construido no Rio de Janeiro tomou o nome desse official, e pouco depois uma bombardeira e 2 vapores foram baptisados com os nomes de *Pedro Affonso*, *Greenhalg* e *Marcilio Dias*, mortos em Riachuelo. Um encouraçado tomou o nome de *Barroso*.

(3) O governo imperial ordenou que a fragata *Amazonas* trouxesse desde então junto á roda do leme a insignia de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, e no mastro da prôa a fita da mesma ordem.

Sem duvida suggere o combate de Riachuelo muitas considerações militares de interesse. Foi o primeiro combate que, desde a applicação do vapor á marinha de guerra, se dera em um rio entre navios não encouraçados. Apezar de ser o Paraná um rio largo, era o seu canal muito limitado para o movimento de 17 navios e 6 chatas e a cada instante tinha-se de attender á profundidade das aguas. Nenhum dos navios brazileiros tinha sido construido pelo systema dos monitores, mas sem duvida alguma as investidas de ariete da *Amazonas* e da *Belmonte* (1) decidiram da sorte do dia (2). As chatas, que tão bem provaram nos combates do Paso de la Patria, não representaram papel importante no Riachuelo. O seu governo era ainda muito incerto e estavam na dependencia dos vapores, pois sem as amarras de reboque fluctuariam á mercê das correntes fluviaes. E' verdade que onde attingiam com sua pezada artilharia, causavam gravissimos damnos. Sua principal vantagem consistia na difficuldade de serem alcançadas. Podia-se mettel-as a pique, abalroando-as, mas era difficil acertar n'ellas, mesmo com a melhor pontaria.

Ainda que anticipando aos acontecimentos, acompanhemos os movimentos da esquadra brazileira até á retirada dos Paraguayos de Corrientes, porque essa esquadra deixou de participar desde então das operações, que se transportaram para o Uruguay (3).

Barroso ficou mais de um mez no Riachuelo (4) para concertar seus navios estragados e mandou vir de Buenos-Aires, como reforço, duas canhoneiras que d'esta vez foram acompanhadas pelo vapor argentino *Guardia Nacional* sob as ordens de Muratori, almirante da Republica (5). Por motivos nunca revelados não se operou em seguida contra as Tres Bocas e o Paso de la Patria, se bem que isto fosse de vantagem para interceptar as communicações entre o Paraguay e Corrientes. Muitos dos navios brazileiros receberam avarias taes, que sem dudiva por essa razão o commandante em chefe resolveu que a esquadra não tomasse a offensiva antes que o exercito alliado expulsasse o inimigo da provincia de Corrientes, porquanto as operações por terra e por agua deviam ser simultaneas e auxiliar-se reciprocamente. Não obstante, é um erro inexplicavel da parte da esquadra brazileira não ter pensado no Paso de la Patria, que tão proximo lhe estava. Um ou dous navios postados entre a margem do Paraguay e a

---

(1) A *Belmonte* não investio com a prôa a navio algum.

(2) Comquanto não tivessemos então um só encouraçado, os defensores de Lopez na imprensa européa fizeram espalhar o contrario. A *Revue des Deux Mondes* de 15 de Setembro de 1866, no artigo — *La guerre du Paraguay* — (pag. 203) disse o seguinte : «... A inferioridade de suas forças navaes inspirou ao marechal Lopez a engenhosa idéa de estabelecer sobre a margem do rio 26 peças de artilharia, dispostas em baterias volantes, que varriam com seus fogos os navios brazileiros. O combate foi longo e encarniçado. Os Paraguayos, que se batiam pela primeira vez, mostraram excessiva bravura. O triumpho dos Brazileiros foi devido principalmente ao commandante Barroso, que, aproveitando-se da superioridade de evoluções do *navio encouraçado* em que se achava, e, concebendo uma manobra praticada depois com igual successo, em Lissa, pelo almirante austriaco Tegerhoff, lançou-se a toda a força sobre a esquadra paraguaya. » — O *Semanario*, como já dissemos, declarou que tinhamos 2 encouraçados, a *Amazonas* e a *Parnahyba*, dando sempre a esta o nome de *Belmonte*.

(3) No dia 13 de Junho, como já dissemos em nota anterior, estava a *Jequitinhonha* arruinada, e á noite a abandonámos. Durante a tarde os Paraguayos romperam o fogo sobre essa corveta e sobre os navios que a protegiam. Na *Mearim* tivemos 4 mortos e 2 feridos, na *Araguary* 2 feridos, e na *Jequitinhonha* outros tantos (4 mortos, 6 feridos). Bruguez foi quem dirigio o fogo das baterias de terra.

(4) No Riachuelo demorou-se Barroso apenas alguns dias, descendo o rio Paraná no dia 18 porque os Paraguayos occupavam posições á sua retaguarda.

(5) O *Guardia Nacional* só se incorporou á esquadra brazileira em fins de Julho.

de Corrientes teriam seriamente molestado as tropas paraguayas, que demoravam em Corrientes (1).

Em fins de Julho mandou Barroso suspender os ferros, para descer o rio (2). Ou por ter sabido que o tenente-coronel Bruguez marchára do Riachuelo para o sul e fôra reforçado com infantaria e artilharia, ou pelo receio que lhe inspirava a marcha de Estigarribia ao longo do Uruguay, o caso é que Barroso deixou as immediações da cidade de Corrientes e seguio para Bella-Vista, onde Bruguez com 36, ou, segundo outros, com 50 peças e 3 batalhões de infantaria sob as ordens do major Aquino (depois general) tinha estabelecido seu acampamento em um terreno elevado, 50 pés acima do nivel das aguas, revestindo de parapeitos as bateiras e plataformas (3). Ao envez do que praticára com os commandantes dos navios, tinha Lopez manifestado a esse coronel sua satisfação pela bravura do 2° regimento de artilharia no Riachuelo e até mandára cunhar para todos os artilheiros uma medalha com esta inscripção : « O marechal-presidente ao 2° regimento de artilharia pelo dia 11 de junho de 1865 no Riachuelo » (4). Querendo corresponder a esta distincção, mandou Bru-

---

(1) As duas divisões da esquadra imperial confiadas ao vice-almirante Barroso tinham por fim bloquear o Paraguay. Basta attender a isto para ver-se que não tem razão o Sr. Schenider no reparo que faz. Se seguisse para as Tres Bocas a esquadra imperial, em vez de bloquear o Paraguay, e o territorio dominado pelas tropas de Lopez, ficaria ella bloqueada, porque os Paraguayos occupavam ao sul excellentes posições á margem do Paraná. Alguns navios postados no Alto Paraná não poderiam, como suppõe o autor, interceptar as communicações entre o Paraguay e Corrientes e dominar 60 leguas navegaveis. Expor-se-hiam inutilmente ao fogo da artilharia de terra, e ver-se-hiam dentro em pouco privados de viveres, munições e combustivel desde que não tivessem livre a sua linha de communicações com o territorio occupado pelas armas alliadas.

A esquadra nada podia fazer por si só : era apenas, e não podia deixar de sel-o, auxiliar das forças de terra. Desde que os exercitos alliados não avançavam, cumpria a Barroso conservar-se no Paraná, na mesma linha de operações que os alliados mantinham em terra.

Depois da batalha de Riachuelo o general Robles estabeleceu baterias na barranca de Mercedes, um pouco acima do Empedrado. Isso obrigou Barroso a descer tambem o rio para collocar-se mais ao sul. No dia 18 de Junho forçou elle a passagem de Mercedes, apezar do fogo de 36 canhões e de mais de 3,000 atiradores. Tivemos apenas 2 mortos e 12 feridos, sendo dos primeiros o capitão-tenente Bonifacio de Santa Anna, commandante da *Beberibe*, morto por bala de fuzil. A esquadra depois d'esse combate foi fundear no Chimbolar, entre o Empedrado, ao norte, e Bella Vista, ao sul. E' este o combate que Thompson, e com elle o Sr. Schneider, chama da — Bella Vista.

As peças montadas na barranca de Mercedes eram dirigidas pelo general Robles em pessoa. Pouco antes de começar o combate chegou do Riachuelo parte do 2° regimento de artilharia (Bruguez) com o capitão Rôa. Na barranca estavam estendidos em atiradores, segundo o *Semanario*, os batalhões 20, 21 e 23 de infantaria, commandados por Cespedes, Soza e Troché.

Um transporte de guerra da nossa esquadra tomou o nome de *Bonifacio* em honra ao desventurado commandante da *Beberibe*.

(2) Não em fins de julho, mas em 18 de junho.

(3) Inexacto. Robles pretendia bloquear a esquadra de Barroso, fechando-a entre dous fogos. No Riachuelo, pouco acima da esquadra, ficaram o tenente coronel Bruguez com o 2° regimento de artilharia a cavallo, e o major Aquino, commandante do batalhão 36 de infantaria, com o seu corpo e mais 5 batalhões de infantaria. Em Mercedes, abaixo da esquadra, collocou Robles outra bateria, apoiada pelos batalhões 20, 21 e 23. Parte do 2° regimento, com o capitão Roa apresentou-se em Mercedes antes do combate, mas Bruguez e Aquino ficaram em Riachuelo, como consta do *Semanario*, embora não diga isso Thompson.

(4) « El Mariscal Presidente, al 2° regimento de artilleria montado. Riachuelo, 11 y 13 de junio de 1865. » Tal é a inscripção. A fita era preta orlada de azul. — O governo imperial por decreto de 29 de novembro de 1865 concedeu tambem uma medalha aos officiaes, marinheiros e soldados que tomaram parte n'essa batalha. A medalha tem no anverso a inscripção : « Combate naval do Riachuelo, 11 de Junho de 1865 » E no reverso

guez reconhecer todo o curso do Paraná até onde tinham chegado ao sul as tropas do general Robles, com o fim de descobrir as melhores posições para assestar as baterias e molestar os navios brazileiros. Em Bella-Vista (1) e mais para o sul, em Las Cuevas (cóvas), torna-se o Paraná mais estreito e o canal encosta-se á margem correntina. Bruguez tomou em consideração estes dous pontos e não ha duvida que Barroso não teria resolvido descer o rio se soubesse minuciosamente d'estes preparativos de seu adversario (2). O effeito das bateiras de terra em Riachuelo o tinha obrigado a pedir com instancia que lhe mandassem navios encouraçados, indispensaveis, sobretudo no rio Paraguay diante de Humaitá. Os encouraçados, que depois figuraram n'esta guerra, ainda estavam em via de construcção ou em viagem para o theatro das operações (3) : em todo o caso Barroso não tinha então um só, ainda que as participações mandadas do Paraguay attribuissem o máo exito do combate do Riachuelo ao encouraçamento dos navios brazileiros, sem duvida no proposito de não desalentar o povo e os amigos no estrangeiro.

Parece que só perto da Bella-Vista teve Barroso conhecimento das baterias que o esperavam (4). Não podendo esquivar-se ao combate, mandou que as guarnições tomassem as espingardas, postou os homens que poude no convez, nas vergas e nos topos, para que atirassem, sobre os artilheiros das bateiras, e desceu o rio a toda a força do vapor. O fogo bem sustentado das baterias de terra, as pontarias certeiras e a fuzilaria de tres batalhões de infantaria, que n'um matto se achavam collocados homem a homem ao longo da margem, causaram consideraveis prejuizos, e foi esta uma das mais desagradaveis experiencias dos Brazileiross no decurso d'esta guerra, a peior de todas talvez, com excepção da sorpreza de Tuyuty (5). Officiaes brazileiros compararam este trajecto com o passar pelas varetas, que uma vez principiado não se lhe pode mais escapar. Bem que as baterias procurassem seguir com toda a velocidade possivel a marcha accelerada dos vapores, passando de uma plataforma para outra, e a infantaria, sempre atirando, corresse ao longo da margem, comtudo os navios ganharam rapidamente a dianteira e foram ancorar algumas milhas ao sul de Bella-Vista (6). Ahi demorou-se a divisão naval até o dia 10 de Agosto e tentou

---

a effigie do Imperador e a inscripção : « Petrus II D. G. Const. Imp. et Perp. Bras Def. 1865. » A fita é branca com 2 listras verdes lateraes.

(1) Em Mercedes, muito ao norte de Bella Vista.

(2) Foi justamente por isso, como já observámos, e tambem pela vasante extraordinaria do Paraná, que elle resolveu descer. Já a *Amazonas* havia passado com difficuldade por Bella-Vista pela falta d'agua. O chefe Barroso mandou a *Araguary* no dia 17 de junho incendiar o vapor *Marquez de Olinda* que, meio submergido, encalhára em frente ás barrancas de Mercêdes, muito abaixo do Riachuelo. Ao approximar-se a canhoneira da dita barranca, percebeu o commandante a bateria paraguaya e muita tropa. Não obstante, cumprio a sua missão, desmontando primeiro as peças do vapor paraguayo e depois reduzindo-o a cinzas sem ser incommodado. Voltando á noite a reunir-se á esquadra, communicou o facto ao chefe, e este, que não podia ficar bloqueado, resolveu collocar-se abaixo d'essa bateria, forçando-a no dia seguinte debaixo de fogo, que foi respondido com toda a energia. Custou-nos este combate rapido, como já dissemos, 1 commandante morto e mais 1 imperial marinheiro, além de 12 feridos e muitas avarias.

(3) O primeiro encouraçado ahi chegou em 11 de dezembro de 1865.

(4) Vej. a nota 2ª acima, e as notas a pag. anterior, que corrigem estas e outras proposições do autor.

(5) Inexacto. Na passagem de Mercêdes perdemos, como já vimos, pouca gente.

(6) O Sr. Schneider quiz descrever o combate travado na passagem de Mercêdes (18 de junho), sete dias depois da batalha naval de Riachuelo, mas commetteu o erro de regular-se pelos improvisos de Thompson. A esquadra fundeou no Rincon de Ceballos, e depois no Chimbolar ao norte de Bella-Vista, recebendo do almirante Tamandaré ordem para ahi permanecer.

continuar de novo a descer o Paraná. D'esta vez, porém, em todos os navios mandou-se a tripolação para a coberta, ficando em cima sómente os praticos e alguns marinheiros indispensaveis para o movimento dos navios (1).

Assim se passou por Cuevas, onde Bruguez tomára as mesmas disposições que já vimos em Bella Vista (2), mas agora, no dia 12 de Agosto, só operou com a artilharia, porque não havia mais um homem no convez, nas vergas e nos topos (3). A *Amazonas* recebeu 41 balas no casco; a *Ypiranga* mais de 30, a *Ivahy*, que chegára de Buenos-Aires depois do combate de Riachuelo, recebeu 22 e o *Guardia Nacional*, argentino, 27. Na mesma proporção foram attingidos os outros navios e bem que nenhum ficasse de todo inutilisado, taes foram os estragos, que o concerto das avarias consumio muitos mezes. Durante este longo lapso de tempo nenhum navio de guerra brazileiro se mostrou no Paraná acima de Goya. As folhas argentinas encareceram especialmente o heroismo do almirante Muratori, porque, a despeito da ordem de Barroso, não mandou a gente de seu navio

---

(1) Outra inexactidão que o autor tomou da obra de Thompson. No convez dos navios brazileiros ficaram todos os officiaes, tanto da marinha como da brigada do exercito que se achavam a bordo, e as guarnições necessarias para a artilharia, assim como atiradores em numero sufficiente. O resto da tropa e marinhagem conservou-se na coberta porque não convinha amontoar gente na tolda, expondo-a sem proveito.

(2) Em Mercedes. Mas, como vimos, Bruguez não estava em Mercedes quando por ahi passou a esquadra em 18 de Junho.

(3) Bruguez fez jogar a sua artilharia, e servio-se tambem dos 3,000 infantes que tinha ás ordens de Aquino e Venancio Ortiz, os quaes fizeram um vivissimo fogo sobre a esquadra. Esta achava-se no Chimboral desde o combate de Mercedes. Em fins de Julho reunio-se-lhe o transporte *Apa*, conduzindo o 14° batalhão de voluntarios (da cidade da Cachoeira, na Bahia), e dias depois chegou tambem o vapor de guerra argentino *Guardia Nacional*. O exercito paraguayo avançou, occupando Bella Vista, ao sul do Chimboral, mas tendo ordens positivas do almirante Tamandaré para manter-se n'essa posição, o chefe Barroso não quiz descer sem communicar-lhe o occorrido. Afinal no dia 9 de Agosto recebeu ordem para collocar-se abaixo de Cuevas, que o inimigo podia fortificar por ser ahi estreito e tortuoso o canal, e altas as barrancas da margem. No dia 10 sahio a esquadra do Chimboral, e no dia 12, indo passar por Cuevas, verificou que as barrancas estavam com effeito fortificadas. Bruguez tinha em bateria mais de 30 bocas de fogo de calibre 6, 9, 18 e 32, e raiadas de 12 e 24, além de 8 ou 10 estativas de foguetes a congréve e um crescido numero de atiradores. Tanto os navios brazileiros como o *Guardia Nacional*, responderam ao fogo do inimigo, descendo o rio a toda a força. O *Ypiranga*, que cerrava a linha, teve pela sua pouca marcha de receber quasi que isolado os fogos da barranca. De 24 a 30 minutos foi o tempo que cada navio esteve debaixo do fogo dos paraguayos, e assim mesmo a *Amazonas* recebeu no casco 40 e tantas balas (mais de uma bala por minuto). — Os Brazileiros tiveram 21 mortos (entre elles 1 guarda-marinha e 1 alferes de voluntarios da Bahia) e 38 feridos (entre os feridos 1 official). A bordo do *Guardia Nacional* houve 4 mortos (2 guardas-marinhas) e 5 feridos (1 official). Sobre estes acontecimentos veja-se, além dos documentos officiaes, o opusculo do Sr. Affonso Celso. — *A Esquadra e a Opposição Parlamentar*. — Rio de Janeiro, 1866.

A esquadra foi fundear no Rincon de Soto, pouco acima de Goya. — Chama-se Rincon de Soto a lingua de terra que fica comprehendida entre a margem esquerda do Paraná e a margem direita do Santa Lucia, affluente daquelle.

O almirante Tamandaré, communicando ao governo imperial a resolução que tomára de fazer descer as 2 divisões de Barroso, justificou-a por este modo em officio de 26 de Agosto de 1866 : — «... A descida da esquadra tornou-se necessaria para não ficar com a retaguarda cortada por esta bateria (a de Cuevas) e assim incommunicavel. E' necessario que ella marche sempre parallelamente aos movimentos do exercito inimigo, emquanto este não fôr contido pelo nosso exercito. Felizmente com o brilhante triumpho da margem direita do Uruguay » (a batalha de Yatay) « e o desenlace dos successos, que se esperam na margem esquerda » (Uruguayana), « toda a situação vai mudar. »

As barrancas de Cuevas estão mal indicadas na planta n. 1 do interessante *Atlas Historico da Guerra do Paraguay* do engenheiro Jourdan. Ha nessa planta, quanto a Cuevas, um engano de cerca de um gráo. No *Mappa do Sul do Imperio do Brazil e Paizes Limitrophes*, organisado em 1865 por ordem do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, pelos engenheiros Santos Werneck e Krauss, essa posição está bem indicada. As barrancas de Cuevas ficam acima das de Toropy, e pouco ao sul de Bella Vista.

para a coberta, e expôl-a toda, como os Brazileiros haviam feito em Bella Vista (1), ao fogo dos Paraguayos.

O *Standard*, periodico deBuenos-Aires, considerou o procedimento do almirante Muratori tanto mais louvavel quanto o seu navio era realmente de pouco prestimo (2). A guarnição do *Guardia Nacional* pagou seu acto de coragem com avultadas perdas (3). Tendo succumbido o piloto, o proprio almirante Muratori tomou conta do leme, mas era impossivel, por causa do estrondo das peças, ouvir as indicações do pratico de bordo. Seu ajudante Ferre foi morto a seu lado e o tenente Enrique Py, foi trespassado por uma bala ao lado de seu pai. O navio Chegou a Buenos-Aires em tal estado de ruina, que o almirante Tamandaré recusou deixal-o tomar parte nas operações contra Humaitá, declarando-o completamente incapaz de serviço (4).

Mais tarde, confrontadas as observações feitas de bordo dos navios, verificou-se a seguinte disposição e armamento das baterias levantadas na margem : a primeira de 4 peças atirava á flôr d'agua, a segunda de 14 peças estava entrincheirada em uma eminencia, a terceira e a quarta

---

(1) Em Mercedes.

(2) Todas as canhoneiras brazileiras eram de bordas falsas, isto é, de finas taboas que nem resguardavam as guarnições da fuzilaria inimiga. Accresce ainda que os commandantes achavam-se sobre o passadiço, expostos inteiramente desde os pés até a cabeça. Nenhuma guarnição brazileira estava em melhores condições do que a do famoso *Guardia Nacional.*

(3) O Sr. Schneider deixou-se impressionar pelas pomposas narrações de uma parte da imprensa argentina, que, exagerando o risco que correu no combate o *Guardia Nacional*, aproveitou o ensejo para manifestar mais uma vez a sua má vontade contra os Brazileiros. Alguns jornaes argentinos disseram até que emquanto os navios brazileiros, fugindo, desciam a toda a força, o *Guardia Nacional* parava diante de Cuevas e fazia calar a artilharia paraguaya. Sabe-se, entretanto, que atraz do vapor argentino navegavam muitos outros brazileiros, que se retardaram mais, e entre elles o *Ypiranga* que, pelo seu pouco andar, teve de supportar, só, o fogo de toda a bateria paraguaya. Como dissemos já, é uma falsidade o que assegura Thompson a respeito dos navios brazileiros : « Não se via d'esta vez viva alma sobre a coberta; todos os Brazileiros se mantiveram no porão. » No convez dos nossos navios ficaram todos os officiaes de marinha e do exercito que estavam a bordo, e os marinheiros e soldados necessarios para o serviço das peças, para o de atiradores e para a manobra. O *Guardia Nacional* portou-se bem, mas não excedeu a nenhum dos navios brazileiros. Isto mesmo reconheceu o chefe Muratori ao ler, envergonhado, segundo referem testemunhas oculares, as ridiculas exagerações de alguns jornaes, que injuriavam a marinha brazileira e exaltavam em todos os tons o heroismo incomparavel do *Guardia Nacional.* O traductor da obra de Masterman diz a este respeito em uma nota : « Solamente el vapor argentino *Guardia Nacional*, buque mercante y viejo, pasó las baterias haciendo fuego con su tripolacion sobre cubierta; *este fué el unico buque que se comportó bizarramente*, segun la expression del Sr. Thompson. » O combate de Cuevas foi o unico n'essa guerra em que figurou um navio argentino; d'ahi todo o alarido que fizeram os nossos visinhos. Para exaltar as suas glorias, porém, não precisavam deprimir tanto esses marinheiros, seus alliados, que se haviam batido em Paysandú, em Riachuelo e Mercedes. A operação que se fez em Cuevas foi a mesma que a marinha imperial executou ás ordens de Barroso em Mercedes, e, annos antes (1851), ás de Greenfell no Tonelero. Já tinham, portanto, os nossos marinheiros a experiencia d'esse genero de combates. Quanto a avarias, a *Amazonas*, a *Ypiranga*, a *Itajahy* e a *Magé* soffreram muito maiores que o *Guardia Nacional :* este recebeu 27 tiros, a *Amazonas* teve no costado mais de 40 balas, e os outros tres vapores que indicamos receberam 30 e tantas cada um. Quanto ao prejuizo no pessoal, teve o vapor argentino, como já vimos, 3 mortos e 6 feridos : a *Beberibe* e a *Itajahy* soffreram um pouco mais, porque tiveram, a primeira, 5 mortos e 9 feridos, e a segunda 3 mortos e 8 feridos. As guarnições d'esses navios, entretanto, não atroaram os ares pretendendo pela passagem de Cuevas as palmas do heroismo. Cumpriram o seu dever e com isso ficaram contentes.

(4) O *Guarda Nacional* continuou a servir, e ainda hoje é um dos vazos da esquadra argentina.

constavam cada uma de 16 peças grandes, porém distantes umas das outras, de modo que não constituiam propriamente uma bateria, mas uma serie de plata-fórmas para cada peça. O combate durou 45 minutos. No *Guardia Nacional* foram desmontadas 2 de suas 6 peças.

Apreciando estes successos, não se póde explicar porque motivo os navios da divisão não passaram durante a noite esses lugares estreitos do rio (1). Certamente este meio tão simples deixou de ser empregado por valiosissimos motivos topographicos, que não occorrem na analyse critica dos factos. Tambem não se explicou porque a marcha da esquadra deixou de ser apoiada e protegida por alguma operação em terra, de Goya para o norte, porquando no rio Corrientes estava o general Paunero (2), que cinco dias mais tarde cooperou para a derrota de Duarte, e certamente não estaria menos disposto para uma tal diversão, do que esteve para acceder á proposta do general Flôres. Elle já havia demonstrado não hesitar em resoluções e movimentos audaciosos contra os Paraguayos. Tambem Caceres, que com poucas tropas demorava a leste de Goya, teria podido unir-se a Paunero.

A retirada da divisão naval causou desagradavel impressão nas terras do Prata (3), ao menos paralysou as vantagens obtidas no Riachuelo. A experiencia ganha diante de Bella Vista (4) e Cuevas aproveitou á posterior cooperação da armada e preservou-a de graves perdas (5) como foi a do bello encouraçado *Rio de Janeiro* diante de Curupaity. [*Vej. nota* (*) *á pag. seguinte.*]

---

(1) Justamente por serem esses canaes mui estreitos e tortuosos, seria grande imprudencia investil-os á noite com uma esquadra de navios todos de muito calado, principalmente sendo a passagem aguas abaixo.

(2) Paunero não podia avançar ao longo do Paraná porque á margem desse rio estava o exercito paraguayo commandado a principio pelo general Robles e depois pelo general Resquin, exercito que, como já vimos, se compunha de 30,000 homens. Paunero e Caceres não dispunham senão de uns 6,000 homens. Accresce que em meiados de julho marchou elle para o Uruguay, unindo-se ao general Flôres para atacar a columna paraguaya de Duarte.

(3) Já dissemos que a esquadra não podia fazer o bloqueio senão conservando-se ao sul das posições occupadas pelos Paraguayos. Si estes avançassem até o Rosario, por exemplo, era dever do chefe brazileiro retroceder até o Rosario. Cumpre ainda notar que a esquadra estava reduzida a um terço de ração e não podia esperar que os transportes forçassem as passagens fortificadas para levar-lhe viveres, combustivel e munições. Além disso a peste se desenvolvera de tal sorte no Chimbolar que forçoso era abandonar aquelle fatal ancoradouro, onde seria insensatez continuarmos, deixando aos Paraguayos a communicação livre por todo o Paraná.

(4) Mercedes e não Bella Vista.

(5) Eis as perdas das duas divisões da esquadra que, ás ordens do vice-almirante Barroso (barão do Amazonas), bloqueavam no Paraná as posições occupadas pelo inimigo (Sob a denominação — exercito — designamos as perdas da brigada do coronel, depois general, Bruce) :

COMBATES		MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL	
		Officiaes	Marinheiros e Soldados	Officiaes	Marinheiros e Soldados	Officiaes	Marinheiros e Soldados		
Tomada de CORRIENTES (25 de Maio de 1865). Exercito		»	1	1	14	»	»	16	16
Batalha naval de RIACHUELO (11 de Junho)	Marinha	5	44	7	55	»	15	126	245
	Exercito	2	36	6	70	1	4	119	
Bombardeamento de RIACHUELO (13 de Junho)	Marinha	»	»	»	3	»	»	3	10
	Exercito	»	4	»	3	»	»	7	
Passagem de MERCEDES (18 de Junho)	Marinha	1	1	»	8	»	»	10	14
	Exercito	»	»	»	4	»	»	4	
Passagem de CUEVAS (12 de Agosto)	Marinha	1	14	1	28	»	»	44	59
	Exercito	1	5	»	9	»	»	15	
Somma		10	105	15	194	1	19	344	

Assim n'esses cinco combates, nas aguas do Paraná, tivemos 115 mortos, 209 feridos e 20 extraviados. Estes ultimos podem ser todos incluidos no numero dos mortos, pois apenas 2, não comprehendidos nesses 20, foram encontrados e salvos. Os Paraguayos não fizeram um só prisioneiro. As tropas de marinha tiveram 7 officiaes e 59 marinheiros e soldados mortos, feridos 8 officiaes e 94 praças, extraviadas 15 praças, ou 183 homens fóra de combate. As tropas do exercito tiveram : mortos, 3 officiaes e 46 praças; feridos, 7 officiaes e 100 praças; extraviados, 1 official e 4 praças; total, 161 homens fóra de combate.

Tomaram parte nos combates de Corrientes e Cuevas os nossos alliados argentinos. No combate de Corrientes (25 de Maio) tiveram mais de 150 homens entre mortos e feridos, segundo a parte official de Paunero, e em Cuevas tiveram : mortos, 2 officiaes e 2 praças; feridos, 1 official e 4 praças.

Os trophéos recolhidos pelos Alliados foram : pelos Brazileiros, 3 bandeiras e 5 chatas com 4 canhões de 80 e 1 de 68 (em Riachuelo); pelos Argentinos, 1 bandeira e 3 peças de campanha (em Corrientes). Foram mettidos a pique ou incendiados pelos Brazileiros 4 vapores e 1 chata, que montavam mais de 15 canhões. Perderam os Brazileiros a corveta *Jequitinhonha*, de 8 canhões, que destruiram no dia 13 de Junho.

(*) Deve-se ler Curuzú.

VIII

Yatay e Uruguayana

Summario. — Robles demittido, e Resquin commandante do exercito paraguayo na parte occidental de Corrientes. — Campanha de Estigarribia no Uruguay (Junho a 18 de Setembro de 1865). — Invasão da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul pelos Paraguayos. — Combate de S. Borja (10 de Junho). — Marcha devastadora dos Paraguayos ao longo do Uruguay : Estigarribia pela margem brazileira e Duarte pela Correntina. — Saque de S. Borja. — Combate do Botuhy (26 de Junho), em que é derrotada a vanguarda paraguaya pelo coronel Fernandes Lima, á frente de duas brigadas brazileiras. — Saque de Itaqui. — Avança da Concordia para o norte, ás ordens de Flôres, a vanguarda dos Alliados. — Partida do Imperador D. Pedro II para o Rio Grande do Sul. — Estigarribia em Uruguayana. — O vapor brazileiro *Uruguay* corta as communicações entre Estigarribia e Duarte. — Batalha do Yatay (17 de Agosto) e derrota da divisão paraguaya de Duarte. — Estigarribia tenta sahir de Uruguayana. — Caldwell e Canavarro cortam-lhe a retirada (19 de Agosto). — Escaramuças. — Estigarribia entra de novo em Uruguayana. — O Imperador, Mitre e Flôres deante da Uruguayana. — Rendição da divisão paraguaya de Estigarribia em Uruguayana (18 de setembro).

No espaço de tempo que decorreu entre os combates do Riachuelo e o de Cuevas, quasi metade do exercito paraguayo achava-se na provincia argentina de Corrientes. O general Robles pouco a pouco avançára até Goya e parecia esperar pelo pronunciamento do general Urquiza em Entre-Rios. Tendo chegado a Goya em 3 de Junho, Robles ahi se conservou sómente até o dia 13, em que recebeu a noticia do combate naval do Riachuelo (1). Ignorava o conjuncto do plano de operações do marechal-presidente, cujo systema parece ter sido dar a cada general instrucções limitadas e a nenhum communicar o que os outros chefes tinham de fazer. Muitos revezes mostraram que deste modo não era possivel fazer guerra, principalmente estando o pensamento director tão arredado do theatro das operações. Deixando alguns batalhões nos pontos ribeirinhos, voltou Robles com o grosso de seu exercito para Empedrado, onde occupou o mesmo logar em que acampára antes, apóz a tomada de Corrientes, posição essa que servia para cobrir a cidade, situada cerca de seis leguas mais para o norte. Nesse movimento retrogrado foram suas tropas acossadas pelas avançadas do general argentino Caceres, em quanto Paunero passava a estacionar mais para o interior da provincia.

A rapida retirada que fez Robles despertou em tão alto grão a colera

(1) Thompson diz que *no dia da batalha do Riachuelo* (11 de Junho) o general Robles se retirou a marchas forçadas de Goya, talvez por ignorar a causa do fogo que ouvia. Não sabemos como em Goya poderia elle ter ouvido os canhões de Riachuelo. Achamos mais natural a versão do Sr. Schneider.

do marechal-presidente, que o general Barrios (cunhado deste), chamado de Matto-Grosso, e nomeado ministro da guerra poucos dias antes do combate do Riachuelo, recebeu ordem de marchar para o Empedrado e assumir o commando do exercito de Corrientes, em lugar de Robles, então destituido. Barrios devia ficar á frente das tropas até que chegasse de Matto-Grosso o coronel Resquim, encarregado de reparar os erros de Robles (1). Em 23 de Julho apresentou-se no acampamento o ministro Barrios. Quando Robles, sahindo de sua tenda, lhe foi ao encontro, Barrios recusou apertar-lhe a mão, exigiu que entregasse a espada, deu-lhe para ler a ordem de prisão assignada por Lopez e mandou recolhel-o a bordo do *Igurey*. Seus papeis foram todos aprehendidos, e elle, levado preso para Humaitá, ficou por muitos mezes esquecido em um carcere, sendo finalmente fuzilado, por attribuir-se-lhe o mallogro da expedição a Corrientes. Certamente o proprio Lopez não acreditava no boato, então espalhado no exercito, de querer Robles entregar aos Alliados as tropas paraguayas, bem que se chegasse a affirmar o dia em que tal acto se devia effectuar (2). Diziam os inimigos de Robles que no dia 24 de Julho, anniversario natalicio de Lopez, quando estivessem os soldados entregues aos festejos, á dansa e ás bebidas, seriam os Argentinos introduzidos no acampamento pelos agentes do general destituido.

Voltando Resquin de Matto-Grosso, e tomando conta do exercito em Corrientes (3), o ministro Barrios, deu-lhe para chefe do estado-maior o coronel Alen, que tinha exercido as mesmas funcções sob o commando de Robles (4), e regressou para Humaitá, recommendando ao novo general que desenvolvesse maior actividade e energia do que seu antecessor. Em consequencia disto ordenou Resquin que sem demora avançassem de novo suas tropas para o sul, onde, para lhe fazerem frente, como já sabemos, estavam, junto á margem do Paraná, o general Caceres, e, mais para o interior da provincia, o general Paunero. Em poucas marchas chegou Resquin a Bella Vista, sendo-lhe muito proveitosa a retirada dos navios brazileiros para o sul de Goya, porque deste modo ficou desimpedido o Paraná para os navios paraguayos, que não só traziam provisões, como levavam da provincia ricos despojos.

Resquin declarára aos triumviros do governo provisorio que d'esse praso em diante seriam postas de parte todas as considerações, e o paiz, que, á excepção de alguns adversarios de Mitre, não mostrava inclinação á alliança ou annexação paraguaya, passaria a ser tratado como inimigo, que de facto era. Exigiu tambem que os triumviros declarassem contra-

---

(1) Barrios não esperou pela chegada de Resquin. Apresentou-se no Empedrado e prendeu Robles, oito dias depois de se achar Resquin nesse ponto á frente da cavallaria paraguaya. (Vej. o depoimento do general Resquin.)

(2) Resquin, promovido a general em 24 de Junho, foi nomeado por Lopez segundo commandante do exercito dirigido pelo general Robles e chefe de toda a cavallaria. Quando partio para Corrientes, já o dictador não estava satisfeito com Robles, em consequencia dos enredos do coronel Alen, chefe do estado maior. Este coronel escrevêra a Lopez, dizendo-lhe que Robles desprezava a condecoração da ordem do Merito, que recebera, e correspondia-se com os chefes correntinos. Lopez enviou então o ministro da guerra, general Barrios, ao acampamento de Robles, no Peguajó, e, 8 dias depois da chegada de Resquin, foi Robles preso. Resquin ficou commandando o exercito em Corrientes, o qual, segundo as declarações que fez, se compunha então de 20.000 homens e 30 peças. Alen continuou como chefe do estado maior.

(3) Na *parte occidental* de Corrientes, junto ao Paraná, porque na *parte oriental* da mesma provincia, junto ao Uruguay, avançava a divisão de Duarte, que operava ás ordens de Estigarribia.

(4) Isto é, o coronel Alen continuou a exercer o cargo de chefe do estado maior.

bando de guerra toda a lã e algodão. Isso se fez e servio para que, sob pretexto de contrabando, se apprehendesse tudo quanto tinha algum valor. Todas as cidades, aldeias e estancias foram devastadas, o saque embarcado nos navios, e o gado disperso. Em resumo, procedeu-se do modo mais injustificavel. Quem resistia era fuzilado e se algum estancieiro ou habitante rico fugia, as mulheres eram prezas e levadas para o Paraguay como refens. Um piano novo, encontrado na casa de um certo Delfino, foi levado para Humaitá, e, como presente do general Resquin, servio para ornar o salão da amasia do presidente, Madame Lynch.

Avançando o general Resquin, o general Caceres se foi retirando por não ter bastante força para resistir-lhe, mas não deixou de sustentar um vivo tiroteio e ataques de guerrilhas, que impediram os Paraguayos de passarem além de Bella Vista. O terreno da provincia não se prestava aos movimentos da defensiva, e, esperando cada dia da Concordia o grosso do exercito alliado, vio-se Resquin reduzido em pouco tempo a proceder como seu infeliz antecessor. O paiz achava-se inteiramente exhausto, e os Paraguayos só podiam conservar as posições já occupadas, porque eram abastecidos de viveres por seus proprios navios. Se a esquadra brazileira tivesse ousado subir além de Goya, effectuando o bloqueio annunciado, é provavel que já n'este tempo Resquin, por deficiencia de meios, se tivesse retirado para o outro lado do Paraná, como aconteceu mais tarde, em consequencia dos revezes do Yatay e de Uruguayana. Por isso, desde a marcha de Resquin até á final evacuação da provincia de Corrientes, nenhum facto importante temos de consignar, a não querermos descrever um sem numero de actos de violencia, que assumiram caracter verdadeiramente revoltante desde o momento em que Lopez teve de ordenar a retirada. Como motivo de não passar a esquadra além de Goya, esperando ahi algum movimento decisivo das forças de terra, allegavam os Brazileiros as dolorosas experiencas feitas em Riachuelo e Cuevas, quando tentaram, sem navios encouraçados, transpor os pontos mais estreitos do Paraná (1). Segundo elles, não se podendo esperar resultado seguro, tendo em frente uma artilharia habilmente disposta e de facil mobilidade, era conveniente aguardar a chegada dos novos encouraçados.

No momento em que Robles penetrava em Corrientes, reunia Lopez ao sudoeste do Paraguay, em Itapua, defronte da Candelaria, um novo corpo de 12.000 homens com 6 peças de campanha, sob o commando do tenente-coronel Antonio de La Cruz Estigarribia. Seu destino era atravessar o Paraná, occupar o territorio das Missões (2) e invadir a provincia fronteira do Rio Grande do Sul. As tropas de Robles e de Estigarribia deviam apoiar-se reciprocamente, mas quanto mais se affastavam dos pontos em que tinham transposto o rio, menos podiam cuidar de apoio reciproco e

---

(1) Em notas anteriores já respondemos a este injusto reparo do Sr. Schneider.

(2) E' preciso distinguir entre o territorio brazileiro de Missões e o argentino que tem o mesmo nome. São ambos fracções da antiga, provincia hespanhola de *Misiones*. O territorio que forma hoje os municipios de S. Borja, Itaqui, Uruguayana e Alegrete, na provincia do Rio Grande do Sul, foi conquistado aos Hespanhóes na guerra de 1801 e definitivamente incorporado ao Brazil. São as *Missões d'aquem Uruguay*. As *Missões d'além Uruguay*, comprehendidas entre o Meriñay, a laguna Iberá, o Paraná, o Iguaçú e o Uruguay, pertenciam na parte septentrional ao Paraguay e na meridional á provincia argentina de Corrientes. Os Argentinos ficaram senhores de todo esse territorio depois da ultima guerra, valendo-se do art. 16 do tratado da Triplice Alliança, mas ainda não celebraram com o Paraguay o tratado definitivo de paz e o de limites. Estigarribia occupou a principio a parte de Missões de que sempre estiveram de posse os Paraguayos, e invadio depois as Missões Correntinas e os municipios brazileiros de S. Borja, Itaqui e Uruguayana.

de juncção, porque todo o norte de Corrientes está coberto, no centro, pela Laguna Yberá, que impossibilita as communicações entre os planaltos e collinas que bordam o Paraná e o Uruguay (1). No tempo das cheias quasi todo o centro da provincia é um grande lago e por isso os Jesuitas o denominaram « Agua Brilhante (2) ». Os correios só chegavam de um corpo a outro do exercito por grandes desvios, como por exemplo, ao longo do Paraná, de Bella Vista até o Paso de la Patria e d'ahi para a Candelaria e Concepcion e mais tarde para a Restauracion.

As divisões brazileiras de Menna Barreto (3) e Ozorio, chegadas de Montevidéo, já estavam no grande campo de manobras da Concordia e todos os dias desembarcavam reforços do Rio de Janeiro e do norte do Imperio. Achava-se por isso a provincia do Rio Grande do Sul desguarnecida, e quasi reduzida a seus proprios recursos (4). Os generaes Caldwell e Canavarro (5), que ahi commandavam, procuravam com toda a energia possivel reunir forças para defenderem os povoados da fronteira. Tropa de linha tão pouca havia, que era extraordinario o receio de qualquer encontro com os fanaticos e bem disciplinados batalhões paraguayos. De boa vontade teriam esses dous chefes imitado o exemplo dos generaes alliados na Concordia, que não queriam conduzir suas tropas contra o inimigo sem tel-as antes sujeitado á disciplina militar e aos trabalhos de campanha; mas no Rio Grande não havia tempo para disciplinal-as. As tropas que desembarcavam tinham de fazer, desde o oceano até ás margens do Uruguay, uma longa jornada por terra e as que já estavam na provincia não podiam ficar retiradas no mesmo lugar : havia muitos pontos para observar e proteger em tão dilatada linha de fronteira.

Apenas se firmou nas Missões (6), aproveitou Estigarribia as abundantes provisões de madeira de construcção para mandar preparar botes, pranchas, jangadas e tembem carros destinados a conduzir ao Uruguay esses meios de transporte; e ao mesmo tempo que fazia reconhecimentos até S. Thomé, collocava uma guarnição no antigo estabelecimento de San Carlos (7). N'essas posições permaneceu Estigarribia por algum tempo, exercitando suas tropas em marchas e grandes movimentos tacticos, que todos tinham em mira a villa de São Borja na fronteira brazileira. Para affrontar esta invasão imminente, reuniram-se no districto de São Borja, por um recrutamento severo, 5 corpos provisorios de cavallaria, que fo-

---

(1) Veja-se Martin de Moussy, *Description de la Confédération Argentine.*

(2) Segundo Thompson, *Yberá*, em guarany, significa — *agua brilhante.*

(3) Já ficou dito que Menna Barreto (João Propicio) se ausentara. O commandante em chefe do nosso exercito na Concordia era o general Ozorio. Talvez o autor se refira ao general José Luiz Menna Barreto, que, ás ordens de Ozorio, commandava uma divisão, mas nesse caso deveria mencionar todos os outros commandantes de divisão.

(4) Thompson, entretanto, assegura que Canavarro e o barão de Jacuhy tinham um exercito de 30,000 homens!

(5) O general Caldwell era o commandante das armas na provincia do Rio Grande do Sul. O general Canavarro commandava as forças que guarneciam as fronteiras do Uruguay e Quarahim.

(6) Nas Missões de Corrientes. O corpo de exercito de Estigarribia acampou a principio á margem do Pindapoy, perto da Candelaria.

(7) S. Thomé fica á margem direita do Uruguay. S. Carlos está em ruinas desde o tempo da guerra que fizemos ao celebre José Artigas (1816-20). Em S. Thomé sustentou o general Chagas Santos em 1812 um brilhante combate com as forças de Otorguez. Em 1817 foi essa povoação destruida pelas nossas tropas. As ruinas de S. Carlos ficam a curta distancia das de Apostoles, entre o Uruguay e o Paraná. Em Apostoles foi o general Chagas Santos repellido por André Artigas em 1817. S. Carlos foi no anno seguinte levada de assalto pelo mesmo general, sendo por essa occasião arrazadas e incendiadas as duas povoações. Hoje um espesso matto cobre as ruinas d'essas e de outras aldêas das antigas Missões d'além Uruguay.

ram designados pelos numeros 10, 11, 22, 23 e 28, e companhia e meia de infantaria da guarda nacional, que foi elevada á cathegoria de batalhão n. 3, sem contar um batalhão de reserva da mesma guarda nacional : ao todo 2,300 homens, dos quaes nunca estiveram reunidos mais de 2.000 (1), porque os commandantes, á vista de difficuldades no fornecimento de viveres, dispensavam temporariamente os guardas nacionaes para não subtrahirem ás differentes localidades todos os homens em estado de trabalhar, sem o que nem gente haveria para o transporte de mantimentos. Os corpos provisorios 10, 11, 22 e 23, formando a 1ª brigada da divisão Canavarro (2), estavam acampados no Passo das Pedras, entre São Borja e Itaqui, cerca de 12 leguas ao sul de São Borja; o corpo 28 estava 5 leguas ao norte de São Borja (3); o batalhão de reserva (2 companhias) em São Borja mesmo, e a companhia e meia de infantaria da guarda nacional no Passo de S. Borja. O grosso da divisão Canavarro estava acampado mais de 50 leguas ao sul de São Borja (4).

No dia 8 de Maio poz-se Estigarribia em marcha contra S. Thomé. Os habitantes dessa pequena povoação fugiram, de sorte que quando elle ahi entrou na tarde de 9, só achou cinco estrangeiros e algumas mulheres velhas. A noticia chegou logo a S. Borja, que fica a pequena distancia de S. Thomé, na margem opposta do Uruguay, e no dia 10 quasi todas as familias abandonaram suas casas e emigraram para a campanha. O coronel Fernandes Lima, commandante da brigada postada no Passo das

---

(1) O autor guiou-se pelo interessante folheto publicado pelo vigario de S. Borja, conego Gay, com o titulo — *Invasão paraguaya na fronteira brazileira do Uruguay.* — Esta narração foi a principio publicada no *Jornal do Commercio*, em 1867.

(2) Commandada pelo coronel Fernandes Lima, da guarda nacional. Falleceo este valente official em Agosto de 1875. Nascera em 1803. Fez a campanha de 1819 a 1820, de 1822 a 1823, de 1825 a 1828, e prestou relevantes serviços á causa da legalidade durante a guerra civil do Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845. Fez tambem a campanha de 1851 a 1852. Livre a provincia do Rio Grande da invasão inimiga, seguio em 1866 para o Paraguay, onde servio com distincção até 1868.

(3) Na barranca do Uruguay, em S. Matheus.

(4) O leitor que quizer informar-se d'esses acontecimentos, deve ler, além dos documentos officiaes e da discussão que houve no parlamento e na imprensa sobre a invasão do Rio Grande, a minuciosa Memoria do conego Gay. Na obra do Dr. Pereira da Costa sobre a guerra do Paraguay tambem se encontram informações e pormenores interessantes. Os documentos paraguayos aprehendidos em Uruguayana, e publicados pelo governo imperial, (os originaes guardam-se no archivo da secretaria da guerra), assim como as peças do processo mandado instaurar contra o general Canavarro, perante o conselho de guerra, derramam muita luz sobre estes acontecimentos.

Não ha quem, examinando attentamente os documentos, e lendo os discursos, proferidos no senado, de 16 a 21 de Abril de 1866, deixe de reconhecer que, realisada a invasão, o general Canavarro houve-se prudentemente não atacando os Paraguayos. A nosso vêr, a defeza que fizeram d'este general os senadores Theophilo Ottoni e visconde do Rio-Branco (sessões de 16, 17 e 19 de Abril) foi completa. Desde Fevereiro pedia Canavarro alguns batalhões de infantaria e armamento para a cavallaria da guarda nacional, assim como a subida de tres canhoneiras. Essas requisições não foram attendidas, e quando os Paraguayos invadiram a provincia, seis mezes depois do começo das hostilidades, era ainda pessimo o estado das forças que guarneciam a nossa extensa linha de fronteira. Em taes condições não quiz Canavarro atacar o inimigo : dirigio-se ao general Ozorio, pedindo-lhe soccorros, e procedeo em tudo de accôrdo com este e com os generaes alliados, limitando-se a privar de recursos a divisão paraguaya até a chegada das tropas que lhe foram promettidas. A invasão de Estigarribia realisou-se em 10 de Junho, e só em fins de Agosto, depois que o rio encheu tres vezes, subiram até Uruguayana tres pequenas canhoneiras, quando desde Março deviam estar entre esse ponto e S. Borja. A falta indesculpavel do elemento maritimo e o estado de quasi completo desarmamento da guarda nacional do Rio Grande do Sul facilitaram a invasão. Graças, porém, á prudencia de Canavarro, pudemos destruir completamente em 17 de Agosto e 18 de Setembro as duas divisões que commandava Estigarribia.

Pedras, acudio a S. Borja (1) com os 4 corpos provisorios acima mencionados (2). Ahi entrou justamente no momento em que um piquete da guarda nacional, situado no Passo de Proença, trocava alguns tiros com um destacamento paraguayo, que apparecêra na barranca opposta do rio e parecia procurar logar appropriado para passar. Ao chegarem os 4 corpos, precedidos por um esquadrão de clavineiros, retiraram-se os Paraguayos. Uma testemunha presencial, o vigario João Pedro Gay, descreveu com vivas côres o estado em que se achava a força brazileira da guarda nacional, que nessa occasião se apresentára em S. Borja. Só um corpo de cavallaria tinha recebido fardamento, e apenas a pequena força de infantaria recebêra barracas. Os soldados dos demais corpos ainda traziam a mesma roupa com que tinham sahido de suas casas. Alguns delles estavam em completa nudez, e muitos cobertos de andrajos. A pouca munição que fôra distribuida, não servia para as armas que traziam. Foi mister mandar buscar a munição a Alegrete, mas chegou em tão pequena quantidade que ainda no dia 10 de Junho a infantaria de S. Borja teve falta de cartuxos e espoletas no meio do combate.

Apezar disso a simples presença dessa força em S. Borja servia para deter os Paraguayos, que, ignorando o estado d'ella, avistavam a multidão do outro lado do rio. Demais já tinham diante de si, na margem direita do rio, o coronel argentino Paiva com cerca de 1,200 homens de milicias correntinas; e, comquanto esse chefe evitasse sempre qualquer encontro, não os perdia de vista, e poderia incommodal-os pelo flanco quando ten-

---

(1) S. Thomé fica sobre a margem correntina (direita) do Uruguay, legua e meia acima de S. Borja.

A villa de S. Borga, situada em territorio brazileiro, levanta-se sobre uma chapada a uma legua da margem esquerda do Uruguay, onde fica a pequena povoação do Passo de S. Borja. Foi essa villa uma reducção fundada em 1690 pelos jesuitas. Conquistada em 1801 por um punhado de voluntarios brazileiros ás ordens de Santos Pedroso e Borges do Canto, foram as suas visinhanças theatro de varios combates com os Hespanhóes, que procuravam expellir os invasores. O general Chagas Santos, nomeado em 1810 commandante militar do districto de Missões, fez de S. Borja o seu quartel general, e d'ahi partio nas campanhas de 1811 a 1820 para invadir as Missões Correntinas. Em Setembro de 1816 foram as *Missões Brazileiras* invadidas por 3.000 homens dirigidos pelo coronel André Artigas, mas o general Chagas Santos, com pouco mais de 200 homens e 10 peças, resistio em S. Borja a um apertado sitio, e repellio todos os assaltos do inimigo, até que em 3 de Outubro chegou a columna do general Abreu (barão de Serro Largo), enviada pelo general Curado em soccorro da praça sitiada. Travou-se então, junto de S. Borja, um combate em que foi completamente derrotada a divisão de André Artigas, sendo uma parte lançada no Uruguay, no Passo de S. Borja, e a outra, composta dos fugitivos, que procuravam salvar-se pelo sùl, batida, no dia seguinte, perto do Botuhy.

Em 1819 André Artigas invadio novamente o districto de S. Borja, occupando a povoação de S. Nicoláo, onde se intrincheirou. Ahi foi atacado pelo illustre e intrepido paulista tenente coronel Arouche, que, repellido, morreu no assalto, mas acudiram pouco depois os reforços pedidos por Chagas Santos, e o general Abreu derrotou de novo, no combate de Itacorubí o coronel André Artigas, ficando prisioneiro este chefe.

Em 1826, durante a guerra com a Republica Argentina, foi esse territorio invadido duas vezes por forças correntinas. A primeira vez foram ellas derrotadas no Toropasso (6 de Agosto de 1826) pelo capitão (depois coronel) Gabriel Gomes Lisboa; a segunda vez foram perseguidas além do Uruguay por Bento Manoel, que em 5 de Novembro obteve uma brilhante victoria sobre os coroneis Aguirre e Toribio na Capilla del Rosario, no Meriñay.

Em 1828 o general Rivera (oriental) occupou quasi sem resistencia todo o districto das Missões Brazileiras, chamando a si a população indigena. Celebrado o tratado preliminar de paz em 27 de Agosto desse anno, Rivera retirou-se para a Banda Oriental, levando quasi todos os indios.

Durante a guerra civil do Rio Grande do Sul, muitos encontros se deram por esse lado entre as tropas legalistas e as dissidentes.

(2) Apresentavam esses 4 corpos perto de 1,500 homens n'esse dia, mas nenhum dos quatro estava perfeitamente armado.

tassem passar o rio. Pareciam os Paraguayos confiar pouco em suas forças e receiar a lucta com os Brazileiros. De factos que então e deram deprehende-se isso.

Em 17 de Maio, tendo recebido grandes cavalhadas do interior de Corrientes, e pretendendo sorprender os Paraguayos em S. Thomé, pediu o coronel argentino Paiva auxilio ao coronel Fernandes, e offereceo-lhe um numero sufficiente de cavallos para que as forças riograndenses pudessem, sem perda de tempo, transpôr o Uruguay e entrar em acção. Em consequencia deste offerecimento o proprio coronel Fernandes no dia 18 conduziu para a margem, ao sul de S. Borja, 500 homens entre clavineiros, lanceiros e infantes. Deviam passar o rio quando na outra margem apparecessem os cavallos já sellados. Depois de esperarem muito tempo inutilmente, faltaram os cavallos, e os Rio-Grandenses voltaram para S. Borja. A explicação deste mallogro só mais tarde foi sabida. Referiram os habitantes de S. Thomé terem-se os Paraguayos retirado precipitadamente dos arredores dessa povoação quando, por aviso de seus postos avançados, souberam que na margem opposta, onde se achavam muitos botes, tinham apparecido os Brazileiros. Observando isso, dera então ordem o coronel Paiva para que os seus soldados fossem acompanhando e picando a retirada do inimigo, pelo que, burlado o plano da sorpresa, julgara desnecessario mandar até á margem do rio a cavalhada promettida. Esta retirada dos Paraguayos, considerada por muitos como simples ardil de guerra, tinha por fim attrahir para a outra margem toda a brigada do coronel Fernandes, porque o grosso do exercito de Estigarribia já se achava nas cercanias de S. Thomé. Todavia o rapido desapparecimento dos Paraguayos de S. Thomé trouxe em resultado voltarem para suas casas quasi todos os habitantes de S. Borja, que se haviam retirado da villa.

Por motivos desconhecidos o coronel Fernandes retirou de S. Borja a sua brigada, e levou-a de novo para o acampamento do Passo das Pedras (1). Quando os Paraguayos regressaram com forças taes que os Correntinos do coronel Paiva tiveram de retirar-se apressadamente, principiou uma serie de marchas e contra-marchas precipitadas entre Itaqui e S. Borja, ao longo da costa do Uruguay. Os Paraguayos construiram curraes perto de S. Thomé, onde reuniam todo o gado, que em suas correrias podiam apanhar, tendo em mente formar um grande deposito de rezes para as operações offensivas que iam iniciar.

Em S. Borja deixara o coronel Fernandes o já mencionado batalhão de reserva sob as ordens do tenente-coronel Ferreira Guimarães (2), e outras

---

(1) O coronel argentino Paiva communicou-lhe que o inimigo, perseguido por elle, ia em retirada precipitada para o Paraná. O coronel Fernandes á vista disso licenciou por 12 dias muitos officiaes e praças da sua brigada, e seguiu no dia 26 de Maio para o Passo das Pedras. Estava a 2 leguas de S. Borja quando teve de fazer alto pela noticia que recebeu de que os Paraguayos appareciam de novo em S. Thomè. Na mesma occasião teve aviso de que um corpo consideravel preparava-se para transpor o rio em Itaqui. Para ahi seguiu elle, fazendo marchar para S. Borja tão somente o corpo n. 22. A explicação dessas occurrencias só depois se obteve. No dia 18 de Maio os Paraguayos se puzeram em retirada, mas em vez de irem até o Paraná, como dizia Paiva, pararam em Tarairi. Desse ponto voltaram elles sobre seus passos, cahiram sobre os Correntinos de Paiva e dispersaram-n'os, obrigando esse chefe a correr até o rio Aguapehy. A força avistada em Itaqui, e que se suppoz ser paraguaya, era a do coronel Paiva. Assim illudido, achou-se o coronel Fernandes, quando foi necessario acudir a S. Borja, mui distante dessa villa, separado della pela enchente dos rios e banhados, pois o inverno corria rigoroso, e com a sua columna desfalcada pelas licenças que concedera no dia 26 de Maio.

(2) Em S. Borja deixara o coronel Fernandes o 3º batalhão de infantaria da guarda nacional, que com as licenças estava no dia 10 de Junho reduzido a pouco mais de 100 praças (commandava-o o major Rodrigues Ramos), a reserva que tinha 50 praças

forças em numero pequeno. As avançadas do major Rodrigues Ramos, commandante da infantaria da guarda nacional estacionada no Passo de S. Borja, avistaram na manhã do dia 10 de Junho uma fileira de tropas paraguayas e de carroças, de mais de uma legua de extensão, que desciam de S. Thomé. A' vista do crescido numero de botes que appareciam, era evidente que pretendiam transpor o Uruguay. O major Ramos deu aviso ao tenente coronel Ferreira Guimarães, e este enviou logo expressos ao tenente coronel Tristão da Nobrega, que se achava a 1 legua com o corpo n. 22 de cavallaria da guarda nacional, ao coronel João Manoel Menna Barreto, que com o 1° batalhão de voluntarios (da cidade do Rio de Janeiro) estava acampado a 2 leguas, e ao coronel Fernandes, que com o resto da sua brigada estava no Passo das Pedras. Este não podia acudir a tempo. Os botes paraguayos, toscamente construidos, foram rapidamente lançados n'agua e tripolados, atravessando o Uruguay em demanda de um ponto ao norte da villa. Tres tiros de peça serviram de signal para esta operação : ao primeiro todos os botes cahiram n'agua; ao segundo foram tripolados; ao terceiro começaram os remos a trabalhar. Com sua infantaria correu o major Ramos na direcção que tomavam os botes e rompeu um fogo tão bem sustentado que os primeiros mudaram de rumo, e, subindo ao longo da margem opposta, procuraram alcançar outro ponto de desembarque (1). Em quanto os guardas nacionaes de Ramos se precipitavam na nova direcção, outros botes demandavam o primeiro ponto de desembarque, fingidamente abandonado, e deste modo achava-se o rio em grande extensão coalhado de botes que procuravam atracar onde mais facil lhes parecia. Alguns foram de novo repellidos, outros porém conseguiram atracar na margem brazileira, e, sendo os Paraguayos muito superiores em numero e empregando artilharia da outra margem, o desembarque effectou-se completamente. Desde então não podia a pequena força de Ramos fazer-lhes frente com vantagem; felizmente para esse official apresentou-se então o corpo de cavallaria do tenente coronel Tristão da Nobrega, e isso salvou-o; mas logo surgiu ao norte da villa outra forte divisão paraguaya, a qual, como ao depois se evidenciou, tinha passado o rio na noite de 9 para 10 de Junho, mais acima de S. Thomé, conservando se occulta no matto até a manhã do dia 10. Esta divisão destacou uma força que ameaçou a parte oriental da villa como querendo cercal-a para impedir a sahida dos habitantes. O 1° batalhão de voluntarios, com cuja chegada não contavam os Paraguayos, fez parar e recuar a força inimiga, apezar de extenuado pela marcha accelerada que fez. O fogo reanimou-se então, travando-se na extremidade nordeste da villa, um combate que a teria salvo, se tão superiores em numero não fossem os Paraguayos. O batalhão de voluntarios, composto de soldados novos, não tinha a firmeza militar necessaria para fazer frente ao vigoroso ataque do inimigo. Ao mesmo tempo avançavam outros corpos paraguayos que tinham desembarcado posteriormente (2),

---

das quaes menos de 30 em estado de pegar em armas (commandava esse corpo o tenente coronel Ferreira Guimarães) e o corpo de cavallaria n. 22 (tenente coronel Tristão da Nobrega) reduzido pelas licenças a menos de 230 praças, o qual se achava a 1 legua. Essas forças reunidas davam apenas um contingente de menos de 370 homens. Foram esses poucos e mal armados guardas nacionaes os que combateram no dia 10 até que acudiu o 1° batalhão de voluntarios da patria, commandado pelo coronel, depois general, Menna Barreto (João Manoel), que estava acampado a 2 leguas, e poude tomar parte na peleja, detendo o inimigo.

(1) Nesta occasião só estavam no Passo de S. Borja 100 guardas nacionaes do 3° batalhão, com o major Ramos, e na villa 50 da reserva com o tenente coronel Ferreira Guimarães.

(2) Os primeiros corpos inimigos que passaram foram o batalhão n. 17, commandado

pelo que o coronel Menna Barreto fez com que a pequena columna brazileira se recolhesse á villa, guarnecendo as bocas das ruas, principalmente as do lado norte, por onde se achavam o Paraguayos, e occupando a praça matriz com o fim de proteger a retirada das familias. Os Paraguayos não acompanharam os Brazileiros : postaram-se perto da villa do lado do rio Uruguay, junto aos seus botes (1). Estavam sorprendidos de encontrar resistencia mais forte do que esperavam pelas informações de seus espiões, porquanto na vespera ainda não se achavam na villa o batalhão de voluntarios e o corpo de cavallaria. Em um conselho militar, havido durante a noite no acampamento decidiram esperar a chegada de outras tropas antes de atacarem pela segunda vez S. Borja. A esta circumstancia se deve attribuir o ter escapado pela fuga a maior parte dos habitantes e ter-se podido retirar á sombra da noite a columna brazileira para a Fazenda do Torres, 3 leguas distante. O batalhão de voluntarios contava 6 mortos e 29 feridos; a guarda nacional da villa 15 mortos e 35 feridos : ao todo 21 mortos e 64 feridos, ou 85 homens fóra de combate. Perdeu-se toda a bagagem (2). Os Paraguayos tiveram mais de 100 mortos e outros tantos feridos, como posteriormente informaram os habitantes de S. Borja; muito avultado foi o numero dos que morreram nos botes antes de se effectuar o desembarque. Com certeza nada se póde afiançar, porque os cadavares foram transportados e sepultados do outro lado do rio (3).

E' singular que os Paraguayos não entrassem na villa no dia 11, mas só no dia 12 e ahi permanecessem até o dia 15. Só então mandou Estigarribia uma columna em perseguição dos Rio-Grandenses, que se retiravam para Alegrete, e cuja retaguarda era formada pelo corpo de cavallaria n. 22. Essa columna, em numero de 500 homens, não pôde apanhar nem os soldados brazileiros nem os miseros fugitivos de S. Borja, mas, em compensa-

---

pelo capitão Diogo Alvarenga, com 800 praças e 2 peças, e o regimento n. 27 de cavallaria, ás ordens do major Lopez, com 600 homens, e outras 2 peças. Ao todo 1.400 homens. Mais acima do Passo de S. Borja, desembarcaram ao mesmo tempo o batalhão n. 32, commandante capitão Avalos (750 homens) e o regimento n. 28, commandante capitão Centurion (520). Durante o combate desembarcaram no Passo de S. Borja mais 1.500 homens de infantaria dos batalhões 14 e 15, commandados pelos capitães Saturnino Mereles e Campurno. — No principio do combate só tinhamos 130 homens. Depois, com a chegada do 22º corpo, tivemos 370 combatentes, e com a do 1º de voluntarios uns 850 homens ao todo. Com essa força não era possivel resistir. O coronel Fernandes com o resto da 1ª brigada (3 corpos provisorios de cavallaria) estava na villa de Itaqui; o general Canavarro com o grosso de nossas forças achava-se nas nascentes do Ibiraocahy, e nesse ponto se conservou até o dia 12.

(1) O major Lopez e o capitão Alvarenga com mais de 2.000 homens e 4 bocas de fogo avançaram até a villa, mas surgindo inesperadamente o 1º batalhão de voluntarios, acreditaram que tinhamos mais gente. Limitaram-se por isso a sustentar algum fogo, e, o que parece incrivel, *retiraram-se para o Passo de S. Borja* (o *Semanario* confirma isso), onde fizeram juncção com os corpos de Avalos e Centurion. Durante esse dia e o seguinte não se animaram a avançar de novo contra a villa.

(2) O conego Gay diz : — « O 1º batalhão de voluntarios da patria teve naquelle dia 6 mortos » (aliás 7) « e 29 feridos. Dos guardas nacionaes morreram 15... e foram feridos uns 35. Total dos mortos 21 » (22); « total dos feridos 64. Fóra de combate 85 homens » (86 homens). « Nossa infantaria da guarda nacional perdeu toda a bagagem. »

(3) O *Semanario* declarou que os Paraguayos só tiveram 3 mortos e 25 feridos, mas ninguem ignora a fé que merecem as declarações desse periodico. — O conego Gay diz a este respeito o seguinte : — « Os Paraguayos perderam mais de 100 mortos, e entre elles um official. Tiveram mais de 100 feridos. No rio e no desembarque perderam elles bastante gente, e o campo onde os atacou o 1º batalhão de voluntarios ficou juncado de cadaveres, que elles foram sepultar do outro lado do Uruguay. Ao valor, á intrepidez do coronel João Manoel Menna Barreto e ao 1º batalhão de voluntarios devo eu, devem as tres quartas partes dos moradores de S. Borja o não termos cahido prisioneiros dos Paraguayos. »

ção, tudo quanto encontrou pelo caminho foi destruindo, incendiando ou saqueando. As devastações praticadas pelos Paraguayos n'esta parte da provincia foram tão inuteis quanto crueis, pois até degolaram todo o gado que não poderam conduzir comsigo, remettendo para Itapúa, e d'ahi para Humaitá e Assumpção, tudo quanto era transportavel. Os habitantes da villa de Itaqui tambem a abandonaram, apenas souberam da passagem dos Paraguayos.

Sobre a occupação de S. Borja, como sobre todos os acontecimentos que se deram nas margens do Uruguay, desde Maio até fins de Setembro de 1865, forneceo-nos uma interessante e veridica exposição o autor da « Historia da Republica Jesuitica do Paraguay » (Rio de Janeiro, 1863) (1). Elle diz-nos (2) :

« ... Como temos visto, uma parte do exercito inimigo effectuou com muita velocidade sua passagem do rio Uruguay no dia 10 de Junho. A's 9 horas lançavam suas canoas ao rio e embarcavam, e ainda não eram 11 horas quando uma força sua respeitavel se achava desembarcada no territorio brazileiro a meia legua de S. Borja. Sem o opportuno apparecimento do 1° batalhão de voluntarios da patria, antes do meio dia, o inimigo teria entrado na villa... No dia 10 passaram uns 4,000 homens de infantaria, algumas peças de artilharia, e tambem alguma cavallaria. No dia 11 passaram o resto da infantaria, e no dia 12 a cavallaria, as carretas, as munições de guerra... Os chefes do exercito paraguayo determinaram fazer sua entrada em S. Borja no dia 12 de Junho... e deram ordem a seus sanguinarios soldados de matar todas as creaturas humanas que encontrassem dentro da villa, sem exceptuar creanças, mulheres, velhos e estrangeiros, pondo sem embargo uma excepção a favor das moças que os chefes reservavam para si, e do vigario a quem estavam encarregados de punir... O que valeu aos moradores que se tinham deixado ficar até este dia em S. Borja, foi a presença no exercito paraguayo de dous irmãos, officiaes orientaes, filhos de estrangeiros, que, escapando-se de Paysandú, se tinham ido refugiar no Paraguay... Ao ouvirem a ordem barbara, elles animaram-se a observar que sua execução mancharia a reputação do exercito paraguayo e attrahiria grande responsabilidade sobre o governo supremo do Paraguay, pois que em S. Borja havia estrangeiros, cujos governos pediriam contas pela morte de seus subditos; e que os Brazileiros, apesar de suas más qualidades, não procediam assim, como elles mesmos foram testemunhas, pois que antes de atacar Paysandú concederam um prazo, sem fazerem fogo, para que se retirassem da cidade as familias e todas as pessoas que o quizessem fazer ; que quando entraram na praça, depois de tomada, ainda respeitaram as poucas familias que ahi encontraram. Felizmente prevaleceo este parecer. Dizem que estes officiaes eram os Salvagnac.

« Antes de dar pormenores sobre a entrada do exercito paraguayo em S. Borja, devo fazer conhecer seus chefes...

« O commandante, ou chefe apparente do exercito invasor, era o coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, do districto de Yaguaron, homem de seus 40 e tantos annos, alto, trigueiro, nem grosso nem delgado de corpo,

---

(1) A *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay* pelo conego João Pedro Gay, vigario de S. Borja, foi impressa em 1863 na Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

(2) O trabalho a que o autor quer referir-se é o folheto — *Invasão paraguaya na fronteira brazileira do Uruguay desde* 10 *de Junho até* 18 *de Setembro* 1865 — impresso no Rio de Janeiro em 1867, Typ. de J. Villeneuve & C.

taciturno, assaz incorrecto no fallar o hespanhol, expressando-se quasi sempre em guarany, e bom militar, mui perito para fazer manobrar as tropas, sendo aliás grosseiro, torpe e devasso, porém menos cruel que o frade... que o acompanhava... Santiago Estevão Duarte Lopez, que era o verdadeiro commandante. O frade Duarte é natural do districto de Acaai, onde seu pae, posto que pobre, é juiz de paz e commissario. O frade é homem de seus 30 e tantos annos, branco, de estatura regular, grosso do corpo, conversador e mui vivaz... Dizem que tem muita intelligencia e astucia, e goza de muito prestigio entre seus patricios... E' homem opulento... e goza de toda a confiança do tyranno Lopez, de quem passa por parente e favorito, e que o enviou sob o modesto titulo de « Vicario del Ejercito » para fazer as vezes de sua pessoa. Os officiaes e soldados veneravam-n'o mais do que ao coronel, que nada podia determinar sem o beneplacito « del Vicario », verdadeiro commandante em chefe do exercito paraguayo... O official blanco Pedro Zipitria parecia ser o vaqueano do exercito paraguayo, encarregado de conduzil-o á Republica Oriental. Poucas vezes se separava do padre Duarte e do coronel Estigarribia, de quem era tambem secretario, tendo adquirido sobre elles uma certa influencia, da qual infelizmente não fez grande uso a beneficio dos infelizes. Elle fez, por desgraça, e talvez por inclinação, um papel vergonhoso...

« ... No dia 12 o padre Duarte, tendo a seu lado o coronel Estigarribia e o secretario Zipitria, acompanhados de ordenanças e de 50 e tantos soldados de cavallaria, se puzeram em marcha, entrando na villa. Era meio dia, ou pouco mais. Tinha sido determinado que o saque desse dia seria feito unicamente pelo padre e pelo coronel, devendo a villa ser franqueada aos officiaes e ao exercito sómente no dia seguinte e nos subsequentes. Já tambem estavam preparadas na entrada da villa umas 50 carretas para receber os objectos mais preciosos do saque. Posteriormente o saque foi transportado para o Passo de S. Borja. Gastaram-se cinco dias em o passar em canoas ao outro lado do Uruguay. De Hormiguero, perto de S. Thomé, o saque de S. Borja foi levado em carretas para o Paraguay... »

Depois de descrever o saque feito pelos dous chefes da expedição no dia 12, passa o chronista a tratar dos acontecimentos do dia 13 : « ... Por fim, » diz elle, « tinha chegado o dia tão desejado pela soldadesca paraguaya, o dia do saque. Quando as topas paraguayas estavam para sahir do seu paiz antes de passarem o Paraná, o general (uns dizem que foi o mesmo presidente Lopez) se lhes apresentou na frente e lhes dirigio uma arenga, dizendo-lhes que iam para um paiz rico sob todos os aspectos, e que o governo lhes concedia livremente o saque de todas as povoações brazileiras que tomassem; que elles sahiam nús, mas que lá haviam de se vestir mui bem; que tinham fome, mas que lá haviam de ter comidas em abundancia; que estavam pobres, mas que no Brazil haviam de enriquecer ! Que incentivo poderoso para estes brutos semi-nús, meio mortos de fome e que nunca receberam 5 réis de soldo ! Por isso elles anciavam pelo primeiro dia do saque tão solemnemente promettido. Este dia foi o 13 de Junho de 1875, e a victima destes selvagens foi a malfadada villa de S. Borja. O saque fez-se methodicamente. Ao nascer do sol metade do exercito paraguayo deixava o seu acampamento, e, como aves de rapina, se arremessavam dentro da villa. Ao meio dia estes se recolhiam ao acampamento, e a outra metade do exercito ia saquear a villa até ao entrar do sol, hora em que se recolhiam todos para o acampamento. Assim procedeu o inimigo ao saque de S. Borja, não só no dia 13 de Junho, porém ainda nos dias 14, 15, 16, 17 e 18, sem contar os dias 21 e 22 em que a villa ficou á disposição dos soldados da vanguarda... O primeiro cuidado

de muitos foi de se lançarem como tigres esfaimados sobre tudo o que tinha apparencia de alimento e bebida. Varios abriam a machado barricas de assucar e o comiam a punhados, outros comiam a punhados farinha de trigo e de mandioca de que despejavam saccos no chão. A mór parte tomava bebidas a largos tragos, servindo-lhes de copos todo e qualquer vaso, como baldes e até bacios... Em um tacho ou em qualquer outra vasilha despejavam certa porção de vinho que engrossavam com assucar e algumas vezes com um pouco de polvilho, que batiam com os dedos, fazendo um angú, que depois comiam. Aconteceu algumas vezes que tomando por polvilho o mercurio, o arsenico e outras substancias medicinaes de côr branca, misturavam-nas a seu angú, o que mandou bom numero destes brutos para a sepultura... Em uma só occasião um angú que os soldados paraguayos fizeram em S. Thomé com uma porção de mercurio que tomaram por polvilho, matou 50 homens... »

A descripção do conego Gay, menciona factos revoltantes (1). Tudo quanto poderia ter algum valor foi tomado; todos os objectos, por mais inuteis que fossem, passaram para o acampamento paraguayo. A igreja matriz foi arrombada e esbulhada de todas as suas riquezas, não deixando por isso os soldados, conforme as prescripções do padre Duarte, de ajoelhar-se e persignar-se diante das imagens dos santos. As scenas de devastação que se passaram nesse templo foram taes, que o proprio Duarte julgou conveniente cohonestal-as, attribuindo-as aos habitantes que se haviam retirado e dizendo que estes assim tinham procedido para fazer recahir semelhantes sacrilegios sobre os Paraguayos, cujo respeito á religião era conhecido.

« E para se purificar destes sacrilegios, » diz Gay, « das atrocidades, dos roubos, das violencias e das crueldades que o exercito paraguayo commetteu nesta infeliz villa durante o saque que principiou no dia 12 de Junho e que continou até o dia 18 á tarde, e ainda desde o dia 21 até 22, tomou o padre Duarte o expediente de mandar lavrar uma acta declaratoria, de que o exercito paraguayo entrou em S. Borja como inimigo generoso; que os soldados paraguayos em vez de saquear a igreja matri a respeitaram muito e que ella foi profanada e saqueada pelos inimigos dos devotos paraguayos; que o exercito paraguayo respeitou muito a todos os moradores que encontrou em S. Borja; que os não violentou, não saqueou a villa, nem fez mal a ninguem. Concluida esta acta, e de cujo theor completo não posso dar relação porque nenhum dos cidadãos que a assignaram a leu, nem ouvio ler por inteiro, o coronel Estigarribia mandou chamar para casa do Sr. Caylar todos os moradores que no dia 15 de Junho se achavam na villa, e ahi, estando a casa cercada por um esquadrão de cavallaria armado até os dentes, o padre Duarte, em presença de Estigarribia e do secretario Zipitria, dirigio em voz firme e pausada uma allocução aos moradores de S. Borja, dizendo-lhes em substancia : que o Brazil declarára injustamente a guerra ao Paraguay; que apezar de seu amor da paz vio-se o supremo governo do Paraguay na necessidade de aceitar esta

---

(1) Estigarribia communicou estes factos ao presidente Lopez nos seguintes termos : «... Depois de ter dado a povoação ao livre saque dos soldados em horas marcadas para cada corpo, *de conformidade com as instrucções de V. Ex...* » Em outro officio dizia o mesmo chefe : «... Levo igualmente ao conhecimento de V. Ex. uma exposição que fiz assignar a todos os estrangeiros residentes na villa de S. Borja, manifestando que não receberam prejuizo algum tanto elles como a igreja... » — Vej. esses officios no *Diario da divisão Paraguaya de Estigarribia*, que começou a ser publicado no Rio de Janeiro em 28 de Novembro de 1865, nas columnas do *Diario official*. (Os originaes no Archivo da Secretaria da Guerra).

guerra, que não podia recusar sem prejuiso de sua honra; que a Republica do Paraguay fazia uma guerra de exterminio e de morte ao Brazil; que os cidadãos que tinham abandonado ou que abandonassem suas casas á aproximação do exercito paraguayo eram por isto considerados e tratados como inimigos da Republica do Paraguay; que Lopez queria fazer todo o damno possivel ao Brazil cujo mal organisado governo lhe declarára a guerra, e que queria que o Imperador do Brazil sentisse profundamente o máo proceder de seu governo; emfim que o exercito paraguayo era inimigo generoso, que respeitava as familias e os cidadãos que não fugiam d'elle; que respeitava os templos, como tinha feito em S. Borja, etc. »

Essa acta nunca mais appareceu, e os que, forçados pelos invasores, a assignaram tiveram occasião de notar que ella continha muito mais do que lhes fora lido.

Pelas declarações que a algumas pessoas da villa fizeram os chefes paraguayos, soube-se que elles esperavam com certeza ver a seu lado Urquiza, que consideravam como presidente da Confederação Argentina, devendo elle declarar-se pelo Paraguay quando Estigarribia chegasse a um ponto convencionado entre os dous. Disseram mais que 40,000 Paraguayos deviam marchar até Uruguayana, dividindo-se ahi em dous corpos : um de 20,000 homens avançaria sobre Montevidéo e outro de igual força sobre Porto-Alegre.

O saque de S. Borja, como já vimos, durou até o dia 22. Os Paraguayos estavam acampados, uns no Passo de S. Borja, outros na villa, outros emfim na estrada de Itaqui, em cuja direcção se puzeram em movimento desde o dia 22.

Com a noticia da perda de S. Borja reuniram-se as tropas da brigada do coronel Fernandes que se achavam espalhadas. Como se tinha querido defender qualquer ponto possivel ou provavel de desembarque, o resultado foi ser fraquissima a resistencia no ponto em que elle realmente se effectuou. Ao ser informado das declarações e dos projectos dos officiaes paraguayos, reconheceu o coronel Fernandes que não se tratava de uma incursão para leste, isto é para o interior do Rio Grande do Sul ou até ao littoral do Atlantico, mas que o objectivo de Estigarribia era o Estado Oriental, onde encontraria por si o partido blanco e talvez Urquiza. Informando da situação ao general Canavarro, tratou antes de tudo de reunir a sua 1ª brigada com a 4ª commandada pelo tenente coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, e flanqueando pela direita aos Paraguayos, que marchavam sobre Itaqui, seguiu tambem para o Sul. As duas brigadas, que ainda não estavam reunidas, mas operavam de accôrdo, compunham-se dos seguintes corpos, todos da guarda nacional (1) :

1ª *brigada* (coronel Fernandes) :

10º corpo provisorio de cavallaria, commandante tenente-coronel José da Luz Cunha.

11º corpo provisorio de cavallaria, commandante major Nunes.

22º corpo provisorio de cavallaria, commandante tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega.

23º corpo provisorio de cavallaria, commandante tenente-coronel Feliciano de Oliveira Prestes.

5º corpo provisorio de cavallaria (do Passo-Fundo).

---

(1) Cumpre notar que estes corpos não estavam completos. As duas brigadas reunidas teriam quando muito 2,500 homens e mal armados.

4ª *brigada* (tenente-coronel Sezefredo de Mesquita) :

19º corpo provisorio de cavallaria.
26º corpo provisorio de cavallaria.
corpo voluntario de Missões.
3º batalhão de infantaria (de S. Borja), major Rodrigues Ramos.

Entre a cavallaria d'essas brigadas havia alguns esquadrões de lanceiros.

O corpo n. 28, commandado pelo tenente-coronel Coelho de Souza, achava-se, na occasião de passarem os Paraguayos para S. Borja, ao norte d'esta villa no Rincão da Cruz (1) ; teve porém, de retirar-se diante de uma força de 500 homens, que andava reconhecendo, á qual fez frente algumas vezes, tendo afinal de ceder á vista da sua grande superiodade, pois só contava 150 homens. Retirou-se até Itú, de onde tinham fugido todos os habitantes (2).

Marchando com o grosso do exercito na direcção da villa de Itaqui pela margem esquerda do Uruguay, enviaram os Paraguayos uma columna para dispersar as duas brigadas rio-grandenses que se reuniam no seu flanco esquerdo. No dia 26 de Junho essa columna, de 500 homens, encontrou a 1ª brigada antes de sua juncção com a 4ª, e logo pela madrugada atacou, perto do rio Botuhy, os postos avançados brazileiros, que se compunham dos clavineiros do 22º corpo ás ordens do major Doca. Ao romper do dia reconheceu-se a posição de um e de outro lado. Os Paraguayos estavam na encosta de uma cochilha; na frente tinham uma baixada, a direita um pantano e á esquerda um espesso matto. Diante d'elles estava só a 1ª brigada, por não ter chegado ainda a 4ª. Na esperança de que esta ainda chegaria opportunamente, ordenou o coronel Fernandes o ataque, que foi executado na primeira linha pelos corpos 23, 10, 11 e na segunda pelo 22 e 5. Ao grito de « viva o Imperador! » avançaram os guardas nacionaes e conseguiram no primeiro impeto tomar a cochilha. Depois de recuarem um pouco, avançaram de novo os Paraguayos e travou-se um encarniçado combate no qual succumbiram varios officiaes brazileiros, mas tambem a cavallaria paraguaya experimentou grandes perdas (3). Apoz os pri-

---

(1) O Rincão da Cruz fica ao sul de S. Borja. Tem esta denominação o terreno da confluencia do Ibicuhy, entre a margem direita deste rio e a esquerda do Uruguay.

(2) Esse encontro da vanguarda paraguaya com o corpo n. 28 deo-se no dia 25 de junho no sitio das Tres Figueiras. Vej. GAY, *Invasão Paraguaya*. Cap. IV. Não tivemos um só ferido. Os Paraguayos tiveram 3 mortos e 2 feridos, segundo Gay. A parte official de Estigarribia diz que a força que perseguio o corpo n. 28 compunha-se de 200 homens ás ordens do commandante José Lopez; que este só teve 2 soldados feridos, e que Coelho de Souza deixou 7 prisioneiros. O corpo n. 28 não tinha então 150 praças como diz o Sr. Schneider, mas 100, e « estas mesmas quasi núas e muito mal armadas. » (Officio de 27 de setembro de 1865 do ministro da guerra ao conde de Porto-Alegre).

(3) O Sr. Schneider não obteve informações exactas sobre o combate do Botuhy. A columna inimiga, segundo a parte official de Estigarribia, compunha-se de 410 homens, pela maior parte de infantaria, mas com os Orientaes e Correntinos auxiliares andaria por 500 homens. D'ella faziam parte o tenente-coronel João Pedro Salvañach e major Salvañach, orientaes, e o major José Lopez, paraguayo, o mesmo que dirigira as tropas inimigas no combate do dia 10. Os Salvañach serviam como voluntarios ás ordens do major paraguayo Lopez, não obstante ter um d'elles patente superior. — Partira de S. Borja essa columna no dia 22 procurando incorporar-se ao grosso do exercito de Estigarribia, que no dia 19 havia marchado com direcção a Itaqui. Tomara o caminho da Estancia de Assumpção no intento de sorprender a retaguarda da brigada Fernandes. No dia 25 foi essa força presentida pelo tenente-coronel Coelho de Souza, que, com 100 homens do corpo n. 28, achava-se no Rincão da Cruz. Os nossos se puzeram em retirada, vivamente perseguidos pelo inimigo. Os capitães Pedro de Moraes e Garcia da Roza, com

meiros choques foi a lucta sustentada durante uma boa hora pelos atiradores, e ao cabo desse tempo a 1ª brigada foi descendo a baixada para esperar a incorporação da 4ª brigada, que pela volta do meio-dia surgiu no theatro da lucta. Percebendo os Paraguayos a chegada dos reforços, formaram em columna cerrada, e, descendo a planicie, arrojaram-se entre as duas brigadas para obstarem á sua juncção. Se os Brazileiros cedessem diante d'esta manobra ou uma das brigadas se retrahisse, os Paraguayos facilmente lograriam o seo intento. As duas brigadas atacaram simultaneamente, e, superando em numero e cruzando o fogo de dous lados, fizeram os Paraguayos fugir : muitos pereceram procurando refugio no pantano; cerca de 100 acolheram-se a uma eminencia de forma insular. Tambem estes cahiram nas mãos dos Brazileiros e o exito do combate foi sem

---

alguns guardas nacionaes, sustentaram a retirada de Coelho de Souza. No sitio das Tres Figueiras travou-se um curto tiroteio no qual nenhuma perda soffremos, tendo os Paraguayos 3 mortos e 2 feridos. Coelho de Souza despachou um cabo de esquadra com aviso ao coronel Fernandes, que ignorava a marcha da columna parguaya. Esta acampou junto á Estancia de Assumpção, e na manhã de 26 o coronel Fernandes a atacou com a sua brigada, composta exclusivamente de cavallaria da guarda nacional.

Eis como o conego Gay descreve o combate :

«... O inimigo tomou excellente posição na costa do banhado, estendendo ahi uma comprida linha quasi recta, fazendo um pequeno codo em sua direita onde se achava a cavallaria... O coronel Fernandes mandou atacar da maneira seguinte : o corpo provisorio n. 23, ao mando do tenente-coronel Oliveira Prestes, e os clavineiros do corpo n. 22, ao mando do major Doca, tiveram ordem de atacar a direita do inimigo; o corpo n. 11, ao mando do major Nunes, teve ordem de atacar o centro; o corpo provisorio n. 10, ao mando do tenente-coronel Luz Cunha, recebeo ordem de se collocar na frente da ala esquerda do inimigo para o atacar; o corpo provisorio n. 22, ao mando do tenente-coronel Nobrega, ficou de protecção aos corpos ns. 10 e 11, e o corpo n. 5 ficou de protecção ao n. 23. Dado o signal... o corpo n. 23 e os clavineiros do de n. 22 lançaram-se sobre a linha paraguaya direita, romperam-n'a, envolveram-se com ella, e destruiram quasi inteiramente sua cavallaria, que principiou a fugir pela retaguarda. O corpo, n. 10, que se tinha pouco a pouco ido collocar na retaguarda da ala esquerda do inimigo, perseguio e alcançou quasi todos os fugitivos, que, recusando render-se, foram passados pelas armas. O corpo n. 11, sobretudo o esquadrão commandado pelo capitão Rufino dos Santos, atacou vigorosamente o centro e a ala esquerda do inimigo. Depois de uma hora mais ou menos de lucta, os nossos corpos se retiraram, sustentando em seguida uma guerrilha com a esquerda do inimigo o corpo n. 22, e com a sua direita o n. 5. N'esse combate perdemos o tenente Israel da Silva Moraes, do corpo n. 11, o tenente Leandro Rodrigues Fortes, dos clavineiros do major Doca, que ficaram mortos no campo de batalha, e o capitão Oliveira Prestes, do corpo n. 23, que recebeo um ferimento do qual morreo dous dias depois. N'esse interim chegou ao campo de batalha a 4ª brigada, ao mando do tenente-coronel Sezefredo de Mesquita, o que chamou a attenção dos dous lados combatentes, que suspenderam as hostilidades. Durante este intervallo de suspensão, a ala esquerda e o centro do inimigo abandonaram sua posição, e dobraram sobre o campo que occupava sua direita, formando quadrado, descendo como umas 16 quadras, e postando-se na grande baixada que se acha junto ao tremendo banhado. O coronel Fernandes mandou então todos os corpos da 1ª e da 4ª brigada atacarem simultaneamente o inimigo. A infantaria do major Rodrigues Ramos rompeo o fogo, fazendo algumas descargas, que, bem acertadas, desfalcaram as fileiras paraguayas. Entre os inimigos que pereceram por suas balas houve um official que antes d'esse ataque se conservou firme e sério entre suas fileiras, ao qual se ouviam estas palavras : — « Avante rapazes! Elles são poucos e mal armados » Em seguida o corpo voluntario de Missões precipitou-se sobre o inimigo, precipitação funesta, segundo asseguram, que não deixou reparar que o inimigo tinha virado o cano de suas espingardas para o chão em signal de rendição, e continuou o ataque. Os Paraguayos, não esperando salvação, bateram-se com valor para vender caro suas vidas, e quando se viram inteiramente perdidos, retiraram-se a pé (pois eram infantaria) ao centro do terrivel banhado, onde não podia chegar nossa cavallaria. Varios dos nossos fizeram proezas de valor, e entre elles o tenente-coronel Nobrega, que recebeo dous ferimentos de bala. Alguns soldados nossos, indo em procura do inimigo, atolaram-se com seos cavallos, e foram mortos. Nossos corpos, não recebendo ordem de pôr pé em terra, ficaram parados na espectativa... N'aquella circumstancia, falsamente avisaram ao coronel Fernandes que uma força paraguaya consideravel vinha

duvida favoravel ao coronel Fernandes. As perdas foram : dos Brazileiros 29 mortos e 80 feridos (1) e dos Paraguayos mais de 130 mortos no campo. Nas visinhanças foram achados muitos outros cadaveres paraguayos. Feridos foram contados mais de 200 homens. Tambem aqui os Paraguayos não deram quartel, nem quizeram aceital-o. Em resultado não foi feliz o seu ataque para impedir a juncção das duas brigadas brazileiras.

O exercito de Estigarribia continuou a marchar para o sul em direcção a Itaqui e assignalou seus passos pela mais cruel devastação, pelo saque e pelo incendio de todas as propriedades que encontrou, procedendo como se nunca mais devesse voltar pelo mesmo caminho. No flanco esquerdo das tropas inimigas seguia o coronel Fernandes, mas lentamente, porque aguardava a chegada do general Canavarro, sem cujo auxilio nada poderia realisar com 3,000 guardas nacionaes apenas (2) contra as forças paraguayas. Sobre tudo fazia-lhe falta a artilharia, que só Carnavarro lhe poderia ministrar. Estigarribia, tambem marchando vagarosamente, demorou-se um dia no Passo das Pedras, anteriormente occupado por Fernandes, e depois dirigio-se sobre a coxilha por onde passa a estrada geral que vai da Cruz Alta e dos Hervaes para Itaqui. Neste trajecto não deixou na retaguarda um só posto ou destacamento : communicava-se com o Paraguay por intermedio da columna do major Pedro Duarte, que em S. Thomé d'elle se separára, e marchava na mesma direcção, ao longo do Uruguay, pela margem direita ou correntina. A missão de Estigarribia era dar a mão ao partido blanco no Estado Oriental, ameaçar pela marcha de flanco o acampamento dos Alliados na Concordia, exhaurir os recursos do paiz, e impedir que as tropas que se reuniam e augmentavam no Rio Grande do Sul atacassem o Paraguay pelo lado sudoeste. O modo de executar este complicado plano foi deixado ao seu arbitrio, e elle escolheu a marcha dupla e simultanea por ambas as margens do Uruguay a partir de S. Thomé. Encarregou ao major Pedro Duarte (que não deve ser confundido com o padre Duarte) de marchar pela margem direita do rio, sempre na mesma altura, ao passo que elle, como já vimos, atravessava em S. Borja para a margem esquerda. Levando comsigo os botes, julgava Estigarribia ter sufficientemente attendido ás communicações das duas columnas, e, não acreditando que navios de guerra brazileiros se aventurassem pelo Uruguay acima além das quedas do Salto Grande, praticou

---

em soccorro de sua vanguarda, e em consequencia mandou elle tocar a retirar. Ao mesmo tempo o resto da vanguarda inimiga que se achava no centro do banhado moveo-se tambem, e ganhou o matto de que já fallei, internando-se n'elle... »

Da columna paraguaya só escaparam, segundo o conego Gay, uns 70 homens. O tenente-coronel Sezefredo em sua parte official diz que teriam escapado uns 100. Contaram-se 130 Paraguayos mortos no campo; muitos outros morreram no banhado e no matto proximo. Tomamos muito armamento, 2 bandeiras e toda a cavalhada do inimigo. A nossa perda foi de 40 mortos (entre os quaes 1 capitão e 2 tenentes) e 78 feridos (entre os quaes 1 tenente-coronel e 1 alferes). A parte official de Estigarribia (Vej. officio d'este de 28 de Junho ao presidente Lopez, no *Diario da divisão paraguaya)* diz que a perda dos Paraguayos foi de 116 mortos e 120 feridos (entre estes 1 tenente), sem fallar nos Orientaes e Correntinos que acompanhavam os Paraguayos, alguns dos quaes foram tambem mortos e feridos, e nos extraviados, entre os quaes se achou o major Salvañach, commandante da ala direita, que, envolvido pela nossa cavallaria, desappareceo, mettendo-se no matto proximo, e só 39 dias depois reunio-se a Estigarribia em Uruguayana. Os restos da columna inimiga, depois que ganharam pelo banhado o matto, seguiram em retirada até as 3 horas da madrugada, descançando só então um pouco, e continuando depois em sua marcha até ás 10 da noite em que acamparam junto ao grosso das tropas de Estigarribia.

(1) Veja-se no final da nota anterior a nossa perda.

(2) Com 2,000 a 2,500. Era essa então a força das duas brigadas reunidas.

senão um erro, ao menos uma falta injustificavel (1). Não podia ignorar que em Corrientes, á margem direita, estavam Flores e Paunero, dous homens emprehendedores e audazes, que poderiam atacar sua divisão, certamente bem enfraquecida. Quanto mais se aproximava Duarte da Concordia, tanto menos podia esperar não ser atacado. Para impedir a juncção das duas columnas, quer na margem esquerda, quer na direita, não eram precisos navios; bastavam as chatas, que os Brazileiros facilmente poderiam construir.

A historia não calcula com planos, mas com factos : sigamos por isso o curso dos acontecimentos.

Posto que o major Duarte estivesse subordinado ao commando em chefe de Estigarribia, parece comtudo ter recebido ordens directas do presidente Lopez, das quaes Estigarribia não teve a menor noticia. Assim, depois da batalha do Yatay achou-se entre seos papeis o rascunho de uma carta dirigida ao general Robles e datada no dia 3 de Junho em Guaisos (2), annunciando que por ordem do marechal-presidente ia fazer juncção com elle, arrebanhar todo o gado e fuzilar todos os prisioneiros (3) ; pelo que é quasi presumivel que Duarte, marchando pela margem direita do Uruguay, tinha por missão observar os movimentos de Estigarribia (4).

---

(1) O erro foi commettido por Lopez, e não por Estigarribia, que era simples executor de ordens. Se em vez de lançar este chefe com 12,000 homens apenas ao encontro dos Alliados, deixando inactivos mais de 20,000 ás ordens de Robles, na parte occidental de Corrientes, e mais de 30,000 no Passo da Patria e em Humaitá, tivesse Lopez penetrado no Rio Grande do Sul, no Estado Oriental e Entre-Rios com todo o seu exercito, poderia talvez ter destruido as forças que a Alliança começava a reunir, e o exito da guerra seria muito duvidoso. Em Maio ou Junho de 1865 dispunha esse dictador de poderosos elementos e facil lhe seria fazer invadir o Rio Grande do Sul por 20,000 homens emquanto 50,000 marchassem contra a Concordia. A estes ultimos não poderiam os Alliados oppôr mais de 25,000 homens pela maior parte soldados novos e mal exercitados. Lopez revelou a maior incapacidade quando assumio a offensiva, e não soube aproveitar as vantagens da sorpreza. Só se mostrou habil na defensiva, abusando para isso do servilismo, embrutecimento e selvagem intrepidez do seu povo, e tirando partido das difficuldades naturaes do paiz e da ignorancia completa dos Alliados e do resto do mundo no que dizia respeito aos recursos e á topographia do Paraguay.

(2) Ou Guaices?

(3) Eis o odocumento a que se refere o Sr. Schneider e que na edição allemã apparece entre os annexos sob o n. 51 : — « Guaisos, 5 de junho de 1865. — Querido do general! — Recebi ordem do marechal presidente de pôr-me em communicação comvosco para concertarmos no plano de ataque contra os partidistas de Mitre. E' muito má a minha posição aqui; não posso avançar sem correr o risco de ver cortada a minha retirada e de ficar cercado como um rebanho de cabras. O marechal ordena-me que arrebanhe todo o gado, que possa alcançar, e fuzile os, prisioneiros que caiam em minhas mãos. A todos os gringos (inimigos) e adherentes de Mitre devo eu perseguir e o mesmo vos incumbe, general. Os Correntinos são um bando de loucos, que não apreciam a liberdade, e em vez da liberdade que por nosso intermedio lhes offerece o marechal, preferem ser devotados escravos de Mitre. Nada mais vos posso escrever porque está perto o inimigo. — Vosso dedicado amigo e servo. — *Pedro Duarte.* »

(4) E' uma supposição infundada. O major Pedro Duarte servia ás ordens de Estigarribia. Estes dous chefes cumpriram á risca, quanto á direcção da marcha, as instrucções de Lopez : Estigarribia atravessou o Uruguāy em frente a S. Borja com a maior parte das suas tropas, e marchou ao longo desse rio pela margem brazileira, emquanto Duarte, com a outra divisão, o acompanhava pela margem argentina, mas sempre debaixo das ordens de Estigarribia. Quando as duas divisões partiram do Paraguay tinham mais de 12,500 homens. Ao general Resquin, depois que este succedeu a Robles no commando do exercito paraguayo de Corrientes, ordenou Lopez que avançasse e se reunisse a Estigarribia para bater os alliados na Concordia. Resquin, allegando falta de meios de mobilidade, escreveu a Lopez, dizendo-lhe que a empreza era superior ás suas forças e que só o dictador poderia realisal-a si se puzesse á frente do exercito. Lopez respondeu-lhe que em breve partiria com mais 25,000 homens para dirigir as operações, e que lhe enviaria antes carretas, cavalhadas e boiadas, mas não cumprio essa promessa. Resquin o esperou durante os mezes de julho a setembro, até que soube da rendição de Uruguayana.

No dia 7 de Julho realisou-se a entrada de Estigarribia em Itaqui, ao passo que pelo mesmo tempo apparecia a vanguarda de Duarte na margem fronteira. Durante a marcha tinham os dous chefes paraguayos, em ambas as margens, arrebanhado todo o gado, enviando-o para o Paraguay. Demonstra a riqueza animal desta região o facto de haverem os forrageadores do exercito de Estigarribia de 27 de Junho até 6 de Julho feito transportar em botes, ajuntando ás outras remessas, mais de 12,000 cabeças de gado bovino. O major brazileiro Doca, com seus clavineiros do 22° corpo provisorio da guarda nacional, seguindo de perto essas partidas, por mais de uma vez conseguiu arrebatar-lhes a presa, até de uma vez 120 bois (1), mas não podia estar ao mesmo tempo em todos os lugares.

A villa de Itaqui foi saqueada com a mesma regularidade, com que o fôra a de S. Borja, isto é, no primeiro dia em proveito dos officiaes e no segundo em proveito das praças de pret; mas não padeceu tanto como S. Borja, porque ao saber-se da passagem do Uruguay pelos Paraguayos, haviam os habitantes abandonado suas casas, procurando abrigo em lugares muito distantes. Procrastinando-se a chegada de Estigarribia, tiveram os habitantes tempo sobejo para mandar buscar os objectos mais preciosos e por isso o saque não foi tão proveitoso como o anterior. Não se deve omittir, que, pelo testemunho dos proprios Brazileiros, consta que alguns dos habitantes das duas villas e malfeitores dos arredores coadjuvaram efficazmente o saque e subtrahiram ou destruiram muita cousa, que não se deve lançar em conta aos Paraguayos (2). O que a villa não perdeu em bens moveis, perdeu em casas, que, sendo pela maior parte de páo a pique, cobertas de capim, serviram de lenha para os ranchos, porque n'esta região do Uruguay não ha madeiras.

Depois de um repouso de dez dias em Itaqui, marchou Estigarribia no dia 18 de Julho para Uruguayana, e, como sempre, movia-se na outra margem Duarte, acompanhando-os pelo rio as canôas.

Umas 7 leguas ao sul de Itaqui e 9 ao norte de Uruguayana, teve Estigarribia de atravessar a rapida corrente do Ibicuhy, affluente do Uruguay. Essa operação começou no dia 21 (3), no Passo de Santa Maria do mesmo Ibicuhy, ponto que pouco dista da sua confluencia no Uruguay (4).

Apezar do coronel Fernandes ter recebido ordens de nada emprehender contra a columna paraguaya que marchava para Uruguayana, nem por isso deixou de seguil-a pelo flanco com sua brigada e de incommodal-a com guerrilhas continuadas, apanhando até alguns botes, que tinham desembarcado soldados paraguayos á margem do Uruguay, A 4ª brigada (Sezefredo) tinha ficado em distancia (5). O general Canavarro ainda estava com o resto da sua divisão e a artilharia em S. Gregorio, nas pontas do Ibiraocahy (6) e o velho general Caldwell, com tropas bisonhas, ainda

---

(1) Nos dias 2 e 4 de julho o major Doca arrebatou umas 127 cabeças de gado. (GAY, *Invasão* etc., Cap. VI).

(2) O autor refere-se aos factos que constam do Cap. V, da Memoria de GAY, *Invasão*, etc.

(3) Ou no dia 18, segundo o relatorio do ministerio da guerra, de 1866. O leitor deve verificar essa data nos documentos impressos.

(4) Estigarribia participou a Lopez que junto ao Ibicuhy fizeram os Brazileiros um reconhecimento e deixaram 5 mortos. Sabemos que no dia 20 de Julho o coronel Fernandes sustentou um vivo tiroteio com o inimigo, mas não vimos a sua parte official.

(5) A 1ª e a 4ª brigada marchavam unidas, flanqueando o inimigo.

(6) Junto ao Ibiraocahy os Brazileiros, dirigidos pelo general João de Deus Menna Barreto, visconde de S. Gabriel, obtiveram em 19 de Outubro de 1816 uma completa victoria sobre a divisão entre-riana do coronel José Antonio Berdun, um dos chefes do exercito de Artigas.

mais para o interior da provincia (1) do Rio Grande do Sul. São muito divergentes as opiniões se estes dous corpos, reunidos e mandados para o Ibicuhy, teriam podido impedir aos Paraguayos de atravessarem o rio no Passo de Santa Maria (2). Não ha estranhar que horriveis soffrimentos levassem a infeliz população da provincia a proromper em violentos clamores contra a inacção das tropas, dispersas em afastados pontos, e contra os chefes militares : estes gritos de indignação repercutiram na imprensa e fizeram com que o general Canavarro, por causa da sua inacção que os habitantes de S. Borja fizeram do estado da guarda nacional e das reservas chamadas a serviço para se comprehender porque razão os encarregados da defesa da provincia não ousaram arriscar um encontro serio com os Paraguayos. Uma derrota no principio da guerra teria sido a maior infelicidade para o Brazil : a Alliança ficaria estremecida, levantar-se-hiam os escravos, excitados pelos agentes paraguayos com a promessa de que Lopez ia emancipal-os em todo o Brazil, e seria inevitavel uma victoria geral do Paraguay. Os proprios officiaes brazileiros confessam que os Rio-Grandenses ainda careciam de uma verdadeira organisação militar e o general Canavarro, em sua defeza, poderia apontar para o exemplo dado pelos experientes generaes no campo da Concordia, que não ousaram inaugurar a lucta sem estarem seguros de suas tropas e sem saberem o que d'ellas poderiam esperar.

No dia 24 de Julho Estigarribia parou á margem meridional do Ibicuhy para deixar os soldados festejarem o anniversario natalicio de Lopez. Por este tempo estando o general Canavarro com o grosso de sua divisão (repetimos que não se trata aqui de divisões, como se entende na Europa) sobre o flanco dos Paraguayos, que marchavam para Uruguayana, deu ordem á 1ª et 4ª brigadas que atravessasem o Ibicuby (3). Parecia que perto

---

(1) Ha engano. No dia 9 de Julho o general Caldwel reunio-se a Canavarro no Ibiraocahy, e marchou no dia 16 para o Passo de Santa Maria, no Ibicuhy. No dia 19 Caldwell estava a 1 legua do inimigo, e Canavarro em Jiquiquá, 4 ou 5 leguas na retaguarda de Caldwell. Pretendeo este disputar a passagem do Ibicuhy, mas Canavarro julgou que não tinhamos forças sufficientes para derrotar o inimigo, e que, mesmo sahindo vencedores, não poderiamos impedir que os restos do exercito de Estigarribia regressassem para o Paraguay. (Officios de Caldwell de 23 de Julho ao presidente da provincia; de 3 de Novembro ao ministro da guerra). Os inimigos começaram a transpor o Ibicuhy no dia 18, segundo o relatorio do ministerio da guerra, ou 21, segundo Gay, e concluiram a passagem no dia 23. As forças que então ahi tinhamos eram 2.500 homens, da 1ª e 4ª brigadas (Fernandes e Sezefredo) que faziam parte da divisão Canavarro, e uns 5,000 que formavam o resto d'essa divisão em Jequiquá. Entre os primeiros só havia 100 homens de infantaria do 3º batalhão da guarda nacional de S. Borja : os demais eram de cavallaria da guarda nacional. Entre os segundos havia 1,800 homens de infantaria (2 batalhões de linha, e 2 de voluntarios), 8 bocas de fogo de calibre 6, e uns 3,000 homens de cavallaria de guarda nacional. Em marcha desde Bagé estava a divisão do coronel barão de Jacuhy (tambem guarda nacional).

(2) Veja-se a este respeito o aviso do ministerio da guerra de 27 de Setembro de 1865, ordenando que o brigadeiro Canavarro e o coronel Fernandes Lima respondam a conselho de guerra, e, entre outros documentos, as informações de Caldwell, J. M. Menna Barreto, Jacuhy, os pareceres da 1ª e 2ª commissões de engenheiros, e a informação do general Ozorio, lida no senado, se não nos falha a memoria, por Theophilo Ottoni. Na *Historia da Guerra do Brazil contra as Republicas do Uruguay e do Paraguay* (de Pereira da Costa) encontram-se extractos de alguns d'esses documentos no II vol., pags. 238 e 322. — Seria possivel disputar a passagem do Ibicuhy e mesmo repellir o inimigo, mas este salvaria quasi todo o seu exercito. Canavarro preferio esperar a chegada dos reforços que lhe haviam sido promettidos da Concordia para que a perda do inimigo fosse total. — No mesmo ponto o general José de Abreu (barão de Serro Largo) repellio, em 21 de Setembro de 1816, a divisão de Pantaleon Sotel, que avançava em soccorro de André Artigas, para reforçar o sitio de S. Borja.

(3) Essas brigadas estavam ainda ao norte do Ibicuhy.

da coxilha de Japejú se tentaria deter a marcha invasora do inimigo. Assim tambem pensou Estigarribia, que por alguns dias se demorou perto da caudaloso rio Toropasso (1), sobre o qual lançou uma ponte, por ter apparecido subitamente no Uruguay o vapor brazileiro *Uruguay*, impedindo a marcha dos botes paraguayos e cortando totalmente as communicações com o major Duarte, que marchava do outro lado. De tal modo tinham crescido as aguas do Uruguay que o vapor brazileiro ousara transpôr o Salto Grande, tendo recebido para isso ordens de Buenos-Aires (2), quando ahi chegou a noticia da invasão paraguaya no territorio brazileiro. Estigarribia collocou suas peças em bateria na barranca e fez fogo sobre o

---

(1) Reproduzamos as palavras de Gay : « O coronel Fernandes teve ordem de ir ao acampamento do brigadeiro Canavarro, emquanto a 1ª e 4ª brigadas principiavam a passar o Ibicuhy ao mesmo Passo de Santa Maria. Quando regressou estas duas brigadas tinham effectuado a passagem, o que feito, ellas flanquearam sempre a retaguarda do inimigo. Parece que houve projecto de atacar o inimigo pouco além da coxilha de Japejú, mas não sei o motivo que fez desistirem os chefes de nosso exercito d'esse intento. O certo é que a divisão paraguaya continuou sua marcha pela estrada real, caminhando e parando quando bem lhe parecia e fazendo o que queria. Quando o inimigo caminhava, o brigadeiro Canavarro com o grosso de sua divisão, caminhava em sua vanguarda, porém a distancia, na esquerda da estrada real; o coronel Fernandes com a 1ª e 4ª brigadas seguia em sua retaguarda. Assim se passou o banhado de S. Marcos, e assim se effectuou a marcha até o rio Toropasso. Então o brigadeiro Canavarro adiantou-se do inimigo e passou este rio no Passo Real, ficando os Paraguayos do lado norte do passo, que dista 2 leguas da fóz deste rio ao Uruguay. O inimigo ahi fez alto varios dias, e suppoz-se que elle tinha receio de ser atacado na passagem de Toropasso, que é fundo e feio. Elle se occupou, sem ser inquietado, em formar uma especie de ponte na passagem do dito rio, e entretanto enviou parte de sua gente ao fundo do rincão sobre o rio Uruguay, de certo para ver se conseguia restabelecer novas communicações com a columna de Duarte do outro lado do rio, que acabavam de ser cortadas pela chegada do nosso vapor *Uruguay*... »

(2) E' engano do autor. Desde que os Paraguayos occuparam Corrientes deviamos ter no Alto Uruguay 2 ou 3 canhoneiras, mas parece que o almirante Tamandaré teve razões para não desfalcar a esquadra no Rio da Prata e Paraná, ou não tinha então navios que pudessem transpôr o Salto. O *Uruguay* era um pequeno vapor de reboque que o general Canavarro fez armar em guerra depois da invasão.

O coronel oriental Leon de Palleja, no seu interessante *Diario de la Campaña de las Fuerzas Aliadas contra el Paraguay*, diz, tratando das occurrencias do dia 3 de Agosto : «... El cañoneo y tiroteo que se sintió (nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto) dicen que ha sido entre un vaporcito brasilero de remolque, que ultimamente se ha armado, y las fuerzas paraguayas. Este buquecito, á pesar de su insignificancia, pues es un juguete de niños, está llamado á prestarnos grandes servicios. ¡Que no harian una ó dos cañoneras! Pronto la provincia de Rio Grande se veria libre de sus invasores... » E em outro logar do seo *Diario* diz : «... Terrible responsabilidad recae, á mi pobre entender, sobre los directores de la guerra ¿Porque no hay una escuadrilla en el Alto Uruguay? Aparte de que la Providencia nos salvó el obstaculo del Salto Grande por unos dias, es acaso imposible hacer subir con rodillos uno ó dos buques que limpiaran el Alto Uruguay? Garibaldi con solo 200 hombres, subió 3 buques, y salvó el Salto con rodillos, y no se ha podido hacer lo mismo teniendo 20,000 hombres a nuestra disposicion? Toda la atencion se ha fijado sobre la costa del Paraná, y se han mirado con indeferencia los successos que se desarrollan sobre la margem del Uruguay. Toda nuestra infanteria, y si se quiere toda nuestra caballeria, ha debido estar hace mas de 20 dias en la Uruguayana, embarcada, fresca y descansada. Debia estar el rio barrido, y destruido el equipaje de barcas que acompaña y es la base de las operaciones del cuerpo de ejercito paraguayo. Destruidas essas barcas, 10 dias despues tienen que rendir las armas, mientras que dandose la mano, como hacen ahora ambas columnas por medio de sus barcas, hacen muy peligrosa la situacion del cuerpo de ejercito oriental, tanto durante el combate, como al dia seguiente de el. »

Os profissionaes, que tiverem conhecimento da localidade, dirão se as reflexões do coronel Palleja são justas. Nós somos incompetentes para resolver esta questão. Transcrevemos, entretanto, os trechos acima para que os interessados os conheçam, e não dispômos de tempo para verificar si realmente deu-se algum dia, a operação attribuida a Garibaldi.

vapor, mas sem effeito ; pois uma d'ellas foi até desmontada (1). Por essa razão talvez apressou sua marcha para Uruguayana, onde cuidava achar uma base para suas futuras operações (2).

A villa de Uruguayana (Sant-Anna de Uruguayana), situada á margem esquerda do rio, com uma população de 6,000 habitantes, fôra fundada 20 annos antes por exilados argentinos (3) e graças á sua posição vantajosa para o commercio ia tendo rapido desenvolvimento. Como todas as cidades recentemente edificadas na America, está dividida em quadrados regulares, mas a população é muita escassa em proporção da aera. O general Canavarro a tinha feito cingir de trincheiras e fossos de fórma muito irregular, que não estavam promptos por occasião da chegada dos Paraguayos e tiveram de ser completados por tapagens de tijolo e taboas. Os habitantes trabalharam com muita diligencia nestas fortificações, confiando na solemne promessa do general Canavarro, de que nunca os Paraguayos entrariam naquella villa. Essa a razão porque não fugíram, nem trataram de pôr em segurança seus bens. Pelo contrario estavam accumuladas provisões de toda a especie para sustento de tropas e muitos navios ahi tinham deixado seus carregamentos.

Chegando Estigarribia no dia 3 de Agosto ao Passo do Imbahá, poucas leguas distante da villa, mandou Canavarro examinar por alguns officiaes se estavam bem executadas as obras em Uruguayana (4). Não tendo um só engenheiro presidido ao traçado e á execução dos trabalhos, a informação dada pelos officiaes não foi muito consoladora. Receiando que as obras já executadas, em vez de obstaculo, servissem de apoio a Estigarribia, mandou o general Canavarro no dia 4 uma commissão para arrazar as trincheiras já levantadas (5). Esta noticia causou verdadeiro panico na população, principiando a fuga com uma confusão indescriptivel, por faltarem embarcações, carros e animaes de transporte, que tudo tinha sido arrecadado pelas tropas brazileiras. Nesta occasião achava-se como Canavarro o general Caldwell (6) commandante das armas da provincia, e, portanto, general em chefe de todas as tropas nella existentes : delle esperava a população afflicta que ao menos offerecesse combate aos Paraguayos no Imbahá para proteger Uruguayana. Tomou-se posição e o tenente-coronel Bento Martins (7) tentou deter a vanguarda de Estigarribia no dia 5, mas por falta de artilharia teve de recuar. Esta inacção do grosso da divisão

---

(1) O *Uruguay* estreou mettendo a pique varias canôas e tomando outras, nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto.

(2) O general Caldwell quiz tambem disputar a passagem do Toropasso, mas Canavarro o contrariou. No Imbahá, perto de Uruguayana, estando já reunida parte da divisão Jacuhy, o que nos dava uns 7,000 homens, sendo apenas 1,900 de infantaria, procurou Caldwell persuadir a Canavarro que se devia atacar o inimigo. Ainda d'esta vez Canavarro declarou que seria uma imprudencia o ataque. Todos os chefes foram desse parecer, menos o barão de Jacuhy.

(3) Foi fundada esta povoação em 1843 por ordem do governo revolucionario do Rio Grande do Sul, que para esse ponto fez transferir os habitantes do Passo de Sant'Anna Velha. — Vej. no *Diario* do coronel Palleja a historia minuciosa da fundação dessa villa.

(4) Foi o general Caldwell quem ahi mandou o coronel J. M. Menna Barreto e o capitão Sampaio. A fortificação era pessima, segundo esses officiaes. Havia na villa 200 homens, « sem a menor apparencia de soldados, » diz Menna Barreto, commandados pelo major Valle.

(5) Na noite de 4 de Agosto foi evacuada a villa por ordem de Caldwell. Fez-se isso com tal precipitação, que ficaram abandonadas ao inimigo 2 peças de cal. 6, desmontadas.

(6) Como vimos, achava-se desde antes á frente das divisões Canavarro e Jacuhy.

(7) Foi o general Caldwell quem tentou deter o inimigo com a divisão Jacuhy. Pedindo a Canavarro a artilharia, este mandou-lhe tarde as peças, quando já era impos-

Canavarro foi objecto de muitas censuras e os jornaes de Buenos-Aires chegaram a declarar que esse chefe, a instancias do general Caldwell, enviara ao tenente-coronel Bento Martins algumas bocas de fogo, porém sem artilheiros nem munições. Esta accusação não foi refutada, na imprensa ao menos.

Bento Martins teve de recuar diante da marcha firme e regular das tropas de Estigarribia e atravessou a villa perseguido de perto, de maneira que simultaneamente com a retirada dos ultimos Brazileiros entraram os Paraguayos em Uruguayana (1). No primeiro dia só foram saqueadas as casas dos ausentes, mas cuidaram logo os invasores em reforçar e augmentar as obras de defeza já principiadas. As casas fóra do recinto foram demolidas e a grande quantidade de madeira e tijollos serviu para melhorar e fortalecer o recinto. Ao mesmo tempo principiariam os Paraguayos a construir pranchas e jangadas, porque se achavam detidos pelo vapor brazileiro os transportes trazidos de S. Thomé, e em todas essas circumstancias procederam os invasores com verdadeiro tino militar. As communicações com a columna do major Duarte eram difficeis, e com o Paraguay não era mais possivel corresponder com segurança, nem pelo rio por causa do mesmo vapor *Uruguay*, nem por terra, pela margem esquerda, porque engrossavam todos os dias as tropas de Caldwell e Canavarro.

Não devemos passar em silencio uma explicação que mais tarde foi publicada a respeito da inacção de Canavarro. Este general não se julgando com forças para atacar logo o inimigo, entendeo, segundo seus defensores, dever attrahir os Paraguayos quanto fosse possivel pelo paiz a dentro, affastando-os de sua base de operações, Candelaria e S. Thomé, para que facilmente pudessem ser esmagados com as forças que chegassem da Concordia e do interior do Rio Grande do Sul (2). Como era natural,

---

sivel fazer uso dellas. A opinião de Canavarro e dos chefes rio-grandenses, exceptuados o barão de Jacuhy e J. M Menna Barreto, era como já dissemos, que não se devia atacar o inimigo no Imbahá. Assim, entrou Estigarribia em Uruguayana depois de um curto tiroteio.

(1) Alguns guardas nacionaes atrazados chocaram-se com o inimigo nas ruas de Uruguayana. O commandante do batalhão paraguayo n. 17. Diego Alvarenga, teve o cavallo morto e recebeu dois ferimentos de lança, e um soldado foi ferido *(Semanario)*. Do nosso lado houve 5 mortos, segundo os Paraguayos. No dia seguinte (6 de Agosto) houve outro pequeno choque, em que tivemos 1 morto e alguns feridos, e os Paraguayos alguns mortos e feridos, sendo destes ultimos o tenente Cabrera. Quasi todos os dias, desde S. Borja até Uruguayana, havia tiroteios ou pequenos combates de guerrilhas.

(2) O general Canavarro sustentou sempre que com menos de 2,000 homens de infantaria, dos quaes apenas uns 900 eram de linha, e com a cavallaria da guarda nacional, mal armada como estava, não devia atacar a divisão de Estigarribia. O general Mitre foi tambem de parecer que elle apenas hostilisasse os Paraguayos, sem atacal-os, como se deprehende dos seguintes trechos do officio dirigido em 29 de Junho de 1865 pelo general Ozorio ao ministro F. Octaviano (Vej. Pereira da Costa, *Historia da Guerra etc.*, II, 342-43) :

« ... O general Canavarro », escreveo da Concordia o general Ozorio, « *insta por uma força de infantaria d'este exercito* que o ajude, porque tem falta d'esta arma; porém, consultando ao general em chefe a respeito, presenti que elle se não quer desprender de forças brazileiras e propõe que o general Flôres com alguns batalhões faça esta expedição em navios que, aproveitando a cheia do rio, cheguem até Uruguayana. N'este estado, esperamos anciosos a vinda do Sr. Tamandaré, si é que vem, ou então que nos diga que não vem, porque o commandante de Uruguayana, cumprindo as ordens do general Canavarro, trata de armar, ou já o fez, 2 lanchões e 1 pequeno e fraco vapor que alli existe, e está de observação para os lados do Itaqui. Eu ainda luto com as difficuldades que me offerece a passagem do Uruguay, e a não ser o pequeno vapor *Era*, nem esperanças teria de concluir esta operação, aliás tardia; pois entendo que as vistas do inimigo não são, entranhar-se para o Rio Grande, porém sim dispôr de todo o seu exercito contra o alliado, entre o Paraná e o Uruguay.

« *Dando eu sciencia ao general em chefe* de quanto tem occorrido com as nossas

foi esse plano mal acolhido pela população afflicta da provincia e ainda mais pela da capital do Imperio, onde se desejavam movimentos rapidos e decisivos, porque cada dia mais dolorosa se tornava a offensa feita pelo Paraguay á honra nacional. Entretanto, o brilhante resultado obtido posteriormente em Uruguayana e as occurrencias subsequentes da guerra não deixam de justificar um tal plano.

A entrada de Estigarribia na Uruguayana tornou muito singular a posição dos belligerantes. Os Paraguayos aboletados nas casas da villa, estavam abrigados da inclemencia do tempo e, dispunham de copiosas provisões, accumuladas pelos Brazileiros para uso de suas tropas, ao passo que os soldados de Caldwell e Canavarro luctavam com as maiores privações. Havia falta absoluta do necessario. Não se podía tratar de prompto da séria militarisação de uma multidão heterogenea em lucta com a miseria, a fome e o frio. Os recrutas e os guardas nacionaes chegavam sem uniformes, raras vezes com uma arma; soldo não se podia pagar. A população internou-se, e segurou tudo quanto podia aproveitar ao seu sustento. A fereza e a crueldade dos Paraguayos tinham por toda a parte diffundido grande terror, até nas milicias rio-grandenses, e o medo d'estes barbaros intrusos só era attenuado pelo patriotismo, que de dia para dia mais se inflammava.

Deixaremos por emquanto a margem esquerda, ou brazileira, para acompanhar a marcha do major Pedro Duarte do lado opposto do Uruguay, isto é no territorio de Corrientes (1).

Desde o momento em que foram difficultadas, se não interrompidas, as communicações pelo rio entre as duas columnas paraguayas, a marcha de Duarte não tinha mais razão de ser nem se percebia seu fim. Pelas interminaveis lagunas do centro da provincia de Corrientes achava-se elle separado do principal exercito paraguayo, que antes commandára Robles e agora era dirigido pelo general Resquin. De Estigarribia separava-o o Uruguay em cujas aguas o pequeno vapor brazileiro *Uruguay* hostilisava as canôas paraguayas. Se continuasse a avançar, iria na Concordia esbarrar com o principal exercito dos Alliados. Acima do Salto Grande a presença d'esse vapor tornava arriscadissima a passagem do rio. Quer as instrucções do marechal-presidente fossem tão positivas, que Duarte não

---

forças em Missões, elle me indicou *que o general Canavarro, reunindo todos os elementos de força de que pudesse dispôr, devia hostilizar o inimigo sem arriscar um combate decisivo*, e assim declarei a este general. Fica, por tanto, entendido que a provincia do Rio Grande deve correr ás armas em massa, e que é preciso alli um general capaz de desenvolver-se segundo as occurrencias, isto é, quanto aos meios em geral, porque nenhum outro disporá melhor das operações que o mesmo general Canavarro.

« Pelo que fica dito, V. Ex. ficará entendendo que os poucos soldados velhos e os recrutas que compõem este exercito são a base das operações subsequentes, e n'este sentido é o meu comportamento.

« Lastimo não poder voar á parte do territorio de minha patria invadida pelos barbaros; porém entendo que devo primeiro que tudo sustentar os compromissos nacionaes da alliança, e o centro de onde deve partir a garantia das operações.

« A falta do tempo faz-me pedir a V. Ex. que dê ao nosso governo sciencia d'estes acontecimentos : se ainda ahi estiver o Sr. Tamandaré, V. Ex. se dignará tambem communicar-lhe tudo quanto venho de tratar. »

(1) O leitor que quizer estudar a campanha de 1865 no Uruguay, começada com o combate de S. Borja, em 10 de Junho, e terminada, na margem direita, com a batalha do Yatay (17 de Agosto), e na esquerda com a rendição de Uruguayana (18 de Setembro), deve lêr a *Memoria* de Gay, já citada, e o *Diario* de Palleja. Gay refere com minuciosidade todos os episodios da campanha no territorio brazileiro, e Palleja descreve com animação a marcha dos alliados atravez das provincias argentinas de Entre Rios e Corrientes, e dá informações interessantes sobre o sitio de Uruguayana.

ousasse d'ellas desviar-se, quer o embalassem as esperanças na adhesão de Urquiza (1) e no levantamento do partido blanco do Estado Oriental, o facto é que continuou a marchar, e no dia 10 de Agosto se achava na confluencia do pequeno rio Yatay, do lado correntino, com 2,700 homens, tendo deixado no caminho muitos doentes, mas tendo recebido do Paraguay em compensação, 400 homens de reforço (2).

Ao saber-se que Resquin avançara pela parte occidental de Corrientes, ao longo do Paraná (3), e que Estigarribia e Duarte, a leste, haviam invadido o Rio Grande do Sul e Corrientes, partira do acampamento da Concordia, com a vanguarda dos Alliados, o general Flôres, governador provisorio da Republica Oriental, subindo ao longo do rio Uruguay, pela margem correntina. Recebera ao partir as mesmas instantes recommendações feitas por Mitre a todos os generaes alliados, — de nada emprehender, que pudesse acarretar um revez, porque maiores operações só seriam encetadas quando da Concordia se puzesse em movimento o exercito principal. Isto provavelmente induziu o fogoso Flôres a unir-se ao general argentino, que desde o feliz commettimento de Corrientes tomara posição no centro da provincia, a meia distancia do Paraná e do Uruguay, para auxiliar ou ao general Caceres em Bella Vista e Santa Lucia ou aos Brazileiros concentrados no Rio Grande do Sul. Informado dos movimentos da divisão Duarte pelo reconhecimento do coronel Paiva, e sabendo minuciosamente da força insignificante com que essa divisão havia marchado de S. Thomé, pela margem correntina até o ponto fronteiro á Uruguayana, convidou Flôres ao general Paunero para ajudal-o a esmagar a referida divisão.

Durante toda a guerra provou o general Paunero nunca renunciar ao ensejo de bater-se, e a resposta que deu a esse convite foi apresentar-se com a flor de suas já experimentadas tropas (4). Teve de fazer marchas

---

(1) Um mez antes (9 de Julho) as milicias entre-rianas de Urquiza, reunidas em Basualdo, tinham debandado inteiramente.

(2) A divisão de Duarte compunha-se, no Yatay, de 3,020 paraguyaos, mais de 200 emigrados orientaes, e muitos correntinos. (Vid. Gay, *Invasão, etc.* pg. 34).

(3) Resquin, investido do commando em chefe do exercito paraguayo que occupava a parte occidental de Corrientes, avançára de novo desde o Empedrado até Bella Vista e S. Roque, ao norte de Santa Lucia. Já vimos (uma das notas do cap. VII) que Robles havia recuado do Santa Lucia até Empedrado em meiados de Junho. Resquin, por ordem de Lopez, marchou a occupar as posições abandonadas por aquelle general.

(4) O Sr. Schneider enganou-se suppondo que os generaes Flôres e Paunero marcharam a atacar a divisão de Duarte sem accordo com os outros generaes alliados, Mitre, Ozorio e Tamandaré. O movimento daquelles dois chefes foi resolvido em conselho de guerra reunido na Concordia, e Paunero teve ordem de reunir-se a Flôres.

Em 15 de Julho o exercito brazileiro de Ozorio deixou o seu acampamento de Ayuy-Chico, ao sul da Concordia, atravessou em dois dias o rio Juquery por uma ponte sobre barcos, e no dia 18 avançou o general Flôres ao encontro de Duarte com a vanguarda dos Alliados. Compunha-se esta do exercito oriental, e mais 4 batalhões brazileiros de infantaria, e 1 regimento argentino de cavallaria (regimento S. Martin, 300 homens) formando um total de quasi 4.200 homens das tres armas. Tres dos batalhões brazileiros formavam uma brigada, (a 12ª do exercito de Ozorio) ás ordens do coronel Coelho Kelly. Esses batalhões eram o 5º e o 7º de linha e o 3º de voluntarios da patria, com 1.200 homens. O outro batalhão era o 16º de voluntarios, com 250 praças, commandado pelo coronel Fidelis Paes da Silva, e servia incorporado á brigada de infantaria oriental. — O exercito oriental compunha-se de 3 batalhões de infantaria (batalhões Florida, 24 de Abril e Voluntarios de la Libertad) com 1,200 homens, um esquadrão de artilharia com 8 peças (140 homens) e duas brigadas de cavallaria, além da escolta do general Flôres (1,100 homens). Os generaes Gregorio Suarez e Henrique Castro commandavam a cavallaria oriental; o coronel Nicasio Borges a artilharia, e o coronel Leon Palleja a infantaria. Ao todo 2.440 Orientaes, 1.450 Brazileiros e 300 Argentinos.

No dia 13 de Agosto, depois de uma marcha penosa, porque o inverno era rigoroso e todos os rios e arroios tinham crescido, reuniu-se Flôres ao general Paunero 7 leguas ao

forçadas na mais desfavoravel estação do anno para effectuar opportunamente sua juncção no dia 16 de Agosto (1) algumas leguas ao sul do arroio Yatay, perto de cuja confluencia com o Uruguay estava acampada, havia alguns dias, a divisão Duarte. O chefe paraguayo soube logo, pelos seus espiões, da approximação de forças inimigas pelo sul, e, sem demora, pediu auxilios a Estigarribia. Respondeu-lhe este, porém, que lhe mandaria, se quizesse, um valente commandante para pôr-se á frente da sua divisão, porque ella só precisava de um chefe corajoso para resistir á vanguarda dos Alliados. Emquanto Duarte e Estigarribia se correspondiam neste teor, ignoravam que Paunero ia fazer juncção com Flôres, e estavam perfeitamente convencidos de que este ultimo general avançava apenas com os seus Orientaes. Não é admissivel que sabendo Duarte serem seus inimigos quatro vezes mais numerosos (2), se deixasse ficar no posição que occupava, tendo além disso o arroio Yatay immediatamente em sua retaguarda.

Com a juncção dos dous corpos de Flôres e Paunero, ficou essa vanguarda dos Alliados composta de 1.600 Orientaes (3), pela maior parte os mesmos soldados que durante dous annos combateram contra os blancos no Estado Oriental, com 4 peças lisas de calibre 6, objecto da predilecção de Flôres (4); toda a brigada de infantaria brazileira n. 12, composta de 4,000 homens com 2 peças raiadas, sob as ordens, do coronel Coelho Kelly; todo o 1° corpo do exercito argentinos commandado por Paunero, constando de 4,000 homens com 2 peças, e de 1,000 homens de milicias correntinas sob as ordens do general Madariaga. Na brigada brazileira e nas forças argentinas e orientaes havia 3.000 homens de cavallaria. Pelo rio não tinham apoio, porque o vapor brazileiro *Uruguay* estava acima de Uruguayana e os outros navios, surtos defronte da Concordia, ainda não tinham vencido o Salto Grande.

Na manhã do dia 17 de Agosto deu-se o ataque. Duarte fez abrir vallos para proteger a infantaria com estes cortes do solo, mas nem assim o fa-

---

sul do Paso de los Libres, ou Restauracion, povoação argentina quasi fronteira a Uruguayana, e na qual se achava acampada a divisão paraguaya de Duarte. Paunero trouxe a Flôres um reforço de 4,500 homens, pertencentes ao 1°, 2°, 3°, 4°, e 6° batalhões de infantaria de linha, á Legião Militar, á Legião de Voluntarios, e aos batalhões da guarda nacional de S. Nicoláo e 1° de Corrientes (ao todo 9 batalhões de infantaria), e 3 esquadrões de artilharia de linha com 24 bocas de fogo, ao 1° regimento de cavallaria de linha, e aos corpos de cavallaria da guarda nacional de Corrientes, ás ordens do general Madariaga. Ficou assim o general Flôres com mais de 8,500 homens e 32 bocas de fogo (1,450 Brazileiros, 2,440 Orientaes e 8 bocas de fogo e 4,500 Argentinos e 24 bocas de fogo). Perto de 6.300 homens pertenciam á infantaria e á artilharia. Sendo pela maior parte tropas aguerridas, não se receiava que Estigarribia reforçasse a divisão Duarte. Aquelle chefe tinha em Uruguayana pouco mais de 6.000 homens, e Duarte na Restauracion apenas 3.220, separados dos primeiros pelo Uruguay.

(1) No dia 13, junto ao arroio Sta Anna, galho de Meriñay, como dissemos na anterior nota.

(2) Quasi tres vezes superiores, e não quatro. De um lado 8,500 homens, e do outro 3.220.

(3) Todos os algarismos deste paragrapho estão errados. Na nota á pag. anterior rectificámos esses erros dando o numero e a relação das forças alliadas que acompanharam Flôres. O exercito oriental, que então se compunha de quasi 2,500 homens, e não 1,600, como diz o Sr. Schneider, tinha 8 peças de artilharia e não 4. Thompson, a este respeito, diz : «... toda a artilharia oriental composta de 4 canhões lisos de calibre 6, e 4 raiados de 9. » O Sr. Schneider, pois, enganou-se, querendo reproduzir n'este ponto Thompson. Não sabemos si era este o calibre das peças orientaes.

(4) Muitos desses soldados tinham combatido contra Flôres, defendendo Berro e Aguirre. Depois da pacificação de 20 de Fevereiro o exercito que defendia Montevidéo reconheceu a autoridade de Flôres.

vorecia o terreno que livremente escolhera : na sua frente havia uma elevação ou coxilha, donde a artilharia dos Alliados varria a sua columna até a reserva e o trem; na sua retaguarda ficava o Yatay. O chefe paraguayo acceitou, entretanto, nesta posição o combate iniciado pela artilharia oriental, a qual nem por isso produziu grande effeito sobre os Paraguayos dispersos em linhas de atiradores. Depois Paunero avançou em columna cerrada com os Argentinos (1) contra o flanco direito dos Paraguayos. Recebido por uma bem dirigida fuzilada dos atiradores, teve de sustensar o fogo a pé firme, mas pelo numero superior dos tiros foi forçada a ala direita dos Paraguayos a recuar sobre o centro. Avançaram então os batalhões brazileiros e orientaes (2), e tiveram de parar diante de uma inesperada carga da cavallaria paraguaya destinada a separar os Argentinos dos Brazileiros, mas, por sua vez, a cavallaria dos Alliados a obrigou a retroceder. Estes carregaram em massa compacta, e os Paraguayos começaram a fugir, degenerando o combate em horrorosa carnificina, porque os Paraguayos recusavam aceitar quartel e achava-se acceso o furor dos Argentinos, principalmente das milicias correntinas. As partes officiaes de Flôres e Paunero procuram desculpar esta matança. De 3,000 homens (3) deixaram os Paraguayos 1,700 mortos e feridos no campo do combate ; poucos escaparam, ficando prisioneiros todos os outros e entre elles o commandante Duarte (4). De bandeiras armas, bagagens nada salvaram ; tudo cahio nas mãos dos vencedores (5). A derrota dos Paraguayos foi completa, mas tambem a perda dos Alliados não foi insignificante, porque os vencidos venderam caro suas vidas (6). Flôres insistio em que se fuzilasse Duarte (7) por ter mandado matar um parlamentario, mas os officiaes brazileiros protestaram tão energicamente contra a execução de um prisioneiro, que elle foi mandado para Buenos-Aires. Ahi encontrou tão benevelo acolhimento que os jornaes criticaram isso e trouxeram á lembrança o facto de degollarem os Paraguayos, á maneira dos gaúchos, a seus prisioneiros, como praticára Estigarribia em Uruguayana, onde alguns soldados estropeados de Bento Martins foram conduzidos a uma eminencia (8) e degollados na presença da divisão Canavarro.

---

(1) E a brigada brazileira do coronel Coelho Kelly (Vej. a parte official de Paunero).

(2) Os Orientaes o o 16º batalhão de voluntarios brazileiros foram os primeiros que entraram em combate. Paunero com os Argentinos e a 12ª brigada brazileira estavam mais atrazados e só se empenháram na acção, depois de começada pelos Orientaes.

(3) De 3,200 a 3,500 segundo outros.

(4) A destruição da columna de Duarte foi completa. No campo ficaram 1,700 Paraguayos mortos, 300 feridos e 1,200 prisioneiros. Estes ultimos foram divididos pelos Alliados.

Os prisioneiros Paraguayos transportados ao Brazil durante a guerra, quer officiaes, quer soldados, receberam sempre soldo, vestuario, alimentação e alojamento por conta do governo imperial. Não se deu o mesmo na Republica Argentina. Comquanto tratados humanamente, deixou-se que os prisioneiros procurassem por si mesmos os meios de subsistencia, e a maior parte delles teve de ir servir na fronteira da Patagonia, sendo incorporados ás tropas argentinas. Os annotadores da obra de Thompson traduzida em Buenos-Aires, referindo-se aos prisioneiros do Yatay, dizem o seguinte : « A Buenos-Aires llegaron como 300 y fueron colocados como peones y servientes, bien entendido que por su propia cuenta. » — No Brazil os prisioneiros passavam o seu tempo a dormir, nos quarteis, ou a vagar pelas ruas, despendendo como melhor lhes parecia o soldo que recebiam do governo imperial.

(5) Os Paraguayos perderam 4 bandeiras (2 foram enviadas a Buenos-Aires e 2 a Montevidéo), muito armamento, munições, 8 carros e toda a bagagem.

(6) Os Alliados tiveram 340 homens fóra de combate.

(7) Inexacto.

(8) « Foram conduzidos a uma eminencia fóra da villa, nas visinhanças do cemiterio, e ahi degolados á vista do brigadeiro Canavarro e de todo o nosso exercito, » diz Gay

A narração escripta por um official argentino logo apoz o combate e reproduzida nos jornaes de Buenos-Aires, menciona, além de certas minuciosidades, alguns, factos importantes (1) :

« O inimigo tinha por uma triplice serie de vallos tornado a sua posição inatacavel. Fossos de 3 varas de largura e 2 (!) de profundidade abrangiam toda a posição até aos flancos. No fosso anterior estavam postados os melhores atiradores. O general Flôres, reservando para si o commando das tropas orientaes e da artilharia, entregou ao general Paunero o commando de toda a força argentina, inclusive a que sob suas ordens tinha marchado do acampamento da Concordia (2). O primeiro ataque foi dado pelo major Bustamente (José Candido) com o seu batalhão de voluntarios orientaes, cujos atiradores avançaram contra o primeiro fosso, onde foram recebidos por um fogo muito vivo. Então a cavallaria inimiga deu uma carga, que foi repellida pelo 1° regimento, commandado por Segovia. Neste ataque o major Fortunato Flôres, filho do general, quebrou a lança no meio da refrega. Um ataque geral da infantaria alliada arrebatou ao inimigo a primeira linha de fossos, donde os atiradores inimigos recuaram para a segunda linha e então a artilharia alliada, na distancia de 500 passos, começou a canhonear o inimigo encurralado. Este fogo, principalmente da bateria Nelson, afugentou o inimigo de todos os fossos para o rio. Nesse momento avançou a nossa infantaria e desenvolveu-se um combate acerrimo. Desfeitas as fileiras, continuaram os Paraguayos a combater em grupos de 20 a 30 homens, que foram mortos ou aprisionados. A confusão era tão grande, que a artilharia teve de interromper o fogo. O 1° regimento de cavallaria e a escolta do general Flôres emprehenderam um ataque brilhante contra os fugitivos. Quando a massa destes chegou á margem do Yatay começou a artilhaia de novo a jogar. Logo aos primeiros tiros de metralha arrojaram-se os Paraguayos ao arroio para ganhar a nado a margem opposta. A cavallaria tambem passou o rio e continuou a perseguil-os,

---

(*Invasão* etc., pag. 32). Isto se deu em 5 de Agosto. As partes officiaes paraguayas, porém, dizem que houve choque entre a retaguarda de Bento Martins e a vanguarda paraguaya dirigida por Alvarenga, recebendo este dous ferimentos de lança, e perdendo nós 5 homens mortos.

(1) Não conhecemos a narração d'onde o Sr. Schneider extrahio, traduzindo, os trechos que se encontram acima. Um official argentino, o major Uribúru, ajudante de ordens do general Paunero, deu na Concordia ao correspondente da *Nacion* de Buenos-Aires uma descripção muito minuciosa, que foi publicada por esse jornal e transcripta no tom. II pag. 165 da *Historia da guerra do Brazil contra* o *Uruguay e Paraguay* pelo Dr. Pereira da Costa. Dessa descripção tomaremos apenas as seguintes linhas : «... No dia 17 ás 7 1/2 horas da manhã poz-se em marcha o exercito com direcção ao Paso de los Libres, que fica a 2 leguas do arroio Capiy Quisé onde nos achavamos, marchando em columnas parallelas com distancias para desenvolver em linha, levando sempre na vanguarda a brigada de cavallaria do general Madariaga, reforçada com a do general Gregorio Suarez (Oriental). Havia-se marchado uma legua quando pela vanguarda foi communicado que o inimigo não estava na povoação, mas sim no Ombusito, que fica della meia legua para o norte. Variando um pouco a direcção á esquerda, continuámos a marcha na ordem anterior, e, tendo andado umas 20 quadras, soubemos que o inimigo, sentindo que nos aproximavamos, preparava-se para resistir. Nesse momento nossa cavallaria da vanguarda veio occupar nossa esquerda. O inimigo, occulto além de um valle fundo de Ombusito, tomou posições, entrando em umas chacaras com arvoredo e cercadas de fossos com *2 varas de largura e 2 de profundidade*, pondo seus caçadores nos primeiros fossos, e estendendo sua linha no fundo do valle, tendo na frente e nos flancos os cercados dos fossos... » Segue-se a descripção do combate, que pode ser lida na obra que indicamos, na qual se encontram tambem as partes officiaes dos generaes Flôres e Paunero e do coronel Coelho Kelly. (Veja-se tambem o *Diario del coronel Palleja)*.

(2) Inclusive a brigada brazileira do coronel Coelho Kelly. Da Concordia só marchara, como já vimos, um regimento argentino, o S. Martin, com 300 praças.

de modo que poucos escaparam. O combate, até o inimigo principiar a fugir, durou hora e meia. Dos Alliados foram ferios gravamente os coroneis Fidelis Paes (brazileiro) e Maximo, e levemente os coroneis Perez (1) e Regules. O major Tavares recebeu alguns golpes de lança; o major Bustamante, redactor da *Tribuna* de Montevidéo, soffreu algumas contusões e foram mortos os medicos do estado maior Olazabal e Ferreira y Artigas. Entre 40 officiaes paraguayos mortos foram encontrados muitos orientaes da antiga guarnição de Paysandú e Montevidéo. Das 4 bandeiras tomadas foram remettidas 2 para Buenos-Aires e as outras para Montevidéo. Tambem cahiram em nossas mãos 4 peças de artilharia (2). »

Segundo as informações dos Correntinos compunham-se as tropas de Duarte de 2 batalhões de infantaria, cada um de 840 homens. O primeiro, de n. 28, era commandado pelo tenente Zorilla; o segundo, n. 16, pelo tenente Patiño. Além d'estes havia um batalhão privisorio de 300 convalescentes, sob as ordens de um alferes, o qual durante o combate ficou na villa de Encarnacion (3). A cavallaria contava 2 regimentos, n. 26 e 28, ambos sob o commando do proprio Duarte (4). Cada regimento constava de 4 esquadrões e cada esquadrão de 130 a 140 homens. Acompanhavam a expedição de Duarte alguns Orientaes (blancos) e Correntinos, como Aparicio e Orrego (5).

---

(1) Este Perez é o mesmo Maximo. Chamava-se Maximo Perez.

(2) Os Alliados tiveram na batalha do Yatay 340 homens fóra de combate, sendo 83 mortos (6 officiaes) e 257 feridos (37 officiaes). — Do exercito brazileiro tomaram parte na batalha a brigada do coronel Kelly (5º batalhão de infantaria, commandante o major Francisco Camisão; 7º dito, commandante, major Herculano Pedro; e 3º de voluntarios, da Bahia, commandante tenente-coronel Rocha Galvão) e o batalhão 16º de voluntarios commandado pelo coronel Fidelis. Este ultimo batalhão esteve sempre incorporado ás forças do general Flôres, e as nossas partes officiaes não deram noticia das perdas soffridas por elle. Apenas a ordem do dia n. 5 do ministro da guerra em campanha a menciona. No *Mappa dos officiaes e praças mortos, feridos e extraviados durante a guerra do Paraguay*, que acompanha o Relatorio do Ministerio da Guerra de 1870, tambem não apparece um só brazileiro morto ou ferido nesse combate. O citado *mappa*, organisado sem cuidado algum, não faz menção da batalha do Yatay, nem de um sem numero de outros combates em que tivemos grandes perdas, como, por exemplo, os combates feridos em Matto-Grosso, o de 25 de Maio em Corriente, o de S. Borja os da Peninsula e Lagoa em frente a Humaitá, desde 26 de julho até 4 de agosto de 1868, e quasi todos os do ultimo periodo da guerra. — Em Yatay os batalhões brazileiros da brigada Kelly e o 16º de voluntarios, do coronel Fidelis, tiveram 19 mortos e 34 feridos (entre estes o coronel Fidelis, e 1 official do 3º de voluntarios da Bahia); os Argentinos tiveram 13 mortos (3 officiaes) e 86 feridos (12 officiaes); e os Orientaes 51 mortos (3 officiaes) e 137 feridos (23 officiaes). Ao todo, fóra de combate, 188 Orientaes, 99 Argentinos e 53 Brazileiros. Estes dados são exactissimos. Os que foram publicados depois da batalha, officialmente, incluiam a perda soffrida pelo nosso 16º de voluntarios entre as perdas do exercito oriental.

(3) A villa de Encarnación é mais conhecida pelo nome de Itapúa, e fica no Paraguay, á margem direita do Paraná. O batalhão provisorio a que se refere o autor assistio á batalha do Yatay. O Sr. Schneider tomou estes dados do opusculo do conego Gay, que, entretanto, não diz isso. Eis as palavras de Gay (pag. 34) : « As forças que foram destroçadas em Yatay compunham-se de... um batalhão provisorio de 300 praças dos doentes que ficaram na villa da Encarnação, commandado por um alferes. » Isto é muito differente. Dos doentes do exercito de Estigarribia que haviam ficado em Itapúa, e que posteriormente obtiveram alta, incorporando-se á divisão de Duarte, formou-se esse batalhão provisorio. As informações de Gay sobre a força inimiga combinam com as do *Diario* de Palleja.

(4) O major Duarte, chefe do regimento 26, commandava toda a divisão. O tenente Cabrera era commandante do regimento 28. Palleja e Gay dão á divisão de Duarte 3,020 combatentes paraguayos.

(5) Gay diz : « Aggregados a esta força havia tambem para mais de 200 orientaes e muitos correntinos, commandados pelos blancos Aparicio e Orrego. » Estes 2 officiaes eram coroneis.

Flôres encarregou ao tenente José Zorilla, um dos prisioneiros paraguayos, de acompanhar os ajudantes d'ordens, que partiram a communicar o resultado do combate aos generaes Caldwell e Canavarro (1). Zorilla devia passar o Uruguay com os ajudantes de Flôres e entregar a Estigarribia uma intimação para que capitulasse. Os generaes brazileiros fizeram igual intimação. Estigarribia recebeu essas notas no dia 19, e no seguinte reenviou o portador (2) com uma recusa formal. Em vista d'isso Flôres atravessou logo o Uruguay com a maior parte de suas tropas (3) e unio-se aos Brazileiros para completar o cerco da villa de Uruguayana. Esta primeira resposta de Estigarribia, concebida em termos dignos (4), não se resentia d'aquellas expressões empoladas, que tão ridiculo tornaram um documento da mesma natureza por elle assignado em 5 de Setembro. Não se deve entretanto desconhecer a firmeza d'este chefe, pois faltavam-lhe os meios necessarios para subtrahir-se aos graves perigos que o cercavam quando os generaes alliados lhe offereceram uma honrosa capitulação.

O presidente Mitre, ao saber na Concordia da victoria do Yatay (5) e

---

(1) Flôres percorreu desde a Concordia até Yatay 202 kilometros. Foi uma marcha laboriosa, feita no rigor do inverno, atravez de uma região despida de recursos, e estando a nado muitos banhados e rios. A columna paraguaya de Duarte percorreu desde a Candelaria até o mesmo ponto, 289 kilometros ; a de Estigarribia, de Candelaria a Uruguayana, 312 kilometros. (Vej. JOURDAN, *Atlas Hist.*)

(2) No dia 19 de Agosto, depois da derrota da divisão que operava na margem opposta, tentou Estigarribia sahir de Uruguayana. O conego Gay refere assim o facto : — « O inimigo moveo-se com todo o equipamento e caminhou em retirada até meia legoa da villa. Esta marcha deo logar a que a gente do tenente-coronel Bento Martins entrasse por alguns instantes na povoação. Porém a divisão de Canavarro se pôz á frente do inimigo, que não se animou a passar por meio d'ella e voltou outra vez á Uruguayana. »

No *Diario* de Palleja lê-se o seguinte : — « Dia 19. — ... No bien acampamos (ás 10 da manhã na villa da Restauracion), vimos en la marjen opuesta las tropas paraguayas estendidas afuera de la Uruguayana, guerrillandose y cambiando alguno que otro cañonazo con las fuerzas brasileras que aparecen en colunas frente á la poblacion... El enemigo rechazado por los Brasileros ha vuelto á occupar Uruguayana, sin embargo de haber salido resuelto á romper la linea y abrirse paso, pues á la madrugada quemó sus carretas y campamento y hasta algunas casas, y salió de la poblacion, que, como digo arriba, volvió a ocupar de firme á la cahida de la tarde. Linda operacion hubiera sido haber hecho ocupar el pueblo por la mañana, y dejar al enemigo entre dos fuegos ; pero el trayecto era muy costoso á causa del viento fuerte que reinó hasta la noche. El rio está hecho un mar, y ha de ser muy trabajoso el poder trasladar nuestra infanteria toda á la margem izquierda del Uruguay. Solo contamos con el vaporcito que podrá llevar 100 hombres, 2 lanchoncitos, la buceta de la capitania del puerto que llegó de abajo y algunas canoas tomadas al enemigo. »

(3) Flôres começou a atravessar o Uruguay no dia 21 de Agosto. Na vespera á tarde chegou ao campo dos sitiantes o tenente-general Manoel Marques de Souza, então barão e depois visconde e conde de Porto Alegre, nomeado commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande do Sul. Assumio o commando no dia 21. Neste mesmo dia (21) chegaram os vapores *Taquary* e *Tramandahy* e 2 chatas ao mando do capitão de fragata Lomba. Começaram a empregar-se, com o *Uruguay*, no transporte da infantaria e artilharia dos generaes Flôres e Paunero e do coronel Kelly.

No dia 31 de Agosto chegou ao Paso de los Libres o almirante Tamandaré, a bordo do pequeno vapor *Iniciador*, e depois de conferenciar com os generaes alliados em frente de Uruguayana, regressou para a Concordia afim de trazer mais infantaria.

(4) Está publicada á pag. 239 do opusculo : *A convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do senado e dos successos da Uruguayana*, por J. M. da Silva Paranhos (visconde do Rio-Branco).

(5) No dia 21 de Agosto a columna de cavallaria argentina commandada pelo general Hornos derrotou uma força paraguya em Yaguareté-Corá, matando-lhe 83 homens, aprisionando-lhe 382 e tomando-lhe uma bandeira (JOURDAN, *Guerra do Paraguay*, pag. 19). Suppomos, porém, que ha engano de data na obra de Jourdan, porque o co-

do cerco completo de Uruguayana pelo lado de terra, correu para esta villa, fazendo-se acompanhar de alguma tropa (1). Chegando ao acampamento no dia 25 de Agosto (2), achava-se no solo brazileiro e portanto dava-se o caso previsto no tratado da triplice alliança da entrega do commando aos generaes brazileiros (3). Sendo secreto o tratado, resolveu-se adiar esta

---

ronel Palleja só dá noticia desse encontro no dia 25 de Setembro. Não conhecia ainda então os pormenores do combate, que, segundo suppomos, não teve a importancia que lhe attribuiram as primeiras noticias.

(1) O general Mitre deixou na Concordia á frente do exercito argentino o general Gelly y Obes, ficando interinamente com o commando em chefe do exercito alliado o general Ozorio, e embarcou no vapor brazileiro *Onze de Junho* que conduzia á Uruguayana o almirante Tamandaré. Mitre partio apenas com 4 ajudantes, e encontrando em Federacion o 11° batalhão brazileiro de linha e o batalhão argentino de Santa Fé, os fez seguir tambem para o cerco de Uruguayana. Chegaram ahi esses 2 batalhões com o almirante Tamandaré e o general Mitre no dia 10 de Setembro a bordo dos vapores *Onze de Junho* e *Iniciador*. No dia 12 desembarcou o 4° de voluntarios brazileiros (coronel Dr. Pinheiro Guimarães).

(2) Chegou ao acampamento alliado deante de Uruguayana do dia 10 de Setembro.

(3) Houve desintelligencias entre os generaes alliados sobre o commando deante de Uruguayana. O conde de Porto Alegre recusou entregar ao general Mitre o commando em chefe do exercito em territorio brazileiro, sustentando, e com razão, que esse commando pertencia ao general brazileiro. Com effeito o art. 3° do tratado, depois de dizer que, « devendo começar as operações da guerra no territorio argentino » competia o commando em chefe ao general Mitre, accrescentava : « Embora as altas partes contractantes estejam convencidas de que não mudará o terreno das operações da guerra, todavia, para salvar os direitos soberanos das tres nações, *firmam desde já o principio de reciprocidade para o commando em chefe, caso as ditas operações se houverem de trapassar para o territorio brazileiro ou oriental.* » Não conhecemos os pormenores da discussão que a esse respeito houve. Ella deve constar de documentos officiaes, que podem ser examinados pelos que quizerem escrever a historia d'esta guerra. Segundo os annotadores da obra de Thompson, o general Mitre fundava-se em que as forças alliadas do seu commando tinham entrado no territorio brazileiro perseguindo o inimigo. Não se dava isso, entretanto, porque a divisão de Estigarribia não fôra até então hostilisado pelos Alliados, mas unicamente pelos Brazileiros, que a encurralaram em Uruguayana. Mas, quando mesmo se tratasse de *perseguição* do inimigo por forças alliadas, nem assim podia, em vista do art. 3° do tratado, competir o commando em chefe ao general Mitre. O tratado não exceptuava « o caso de perseguição », como suppõem os annotadores argentinos. Si tal disposição houvesse dar-se-hia o absurdo de ficar o general Mitre commandando em nosso territorio ainda mesmo quando todo o exercito brazileiro de Ozorio se transferisse para o Rio Grande, seguido apenas de 2 ou 3 batalhões argentinos. O general Porto Alegre conservou o commando do exercito brazileiro, e a chegada do Imperador e do seo ministro da guerra resolveu a questão.

Os annotadores de Thompson dizem a este respeito o seguinte : — « Como el Emperador debia llegar por momentos, se determinó esperar. Su llegada ponia termino á la cuestion, *pues por un articulo de la constitucion brasilera, el no puede ponerse bajo las ordenes de ningun general en territorio brasilero.* Apenas llegó el Emperador arregló la cuestion satisfactoriamente. — « Asumo el mando del ejercito », dijo, « y lo delego en manos del general Mitre, presidente de la Republica Argentina. » — D. Pedro II salvó asi la prescripcion de la Constitucion, pero la violó poco despues, porque *ella determina* que el Emperador se mantenga siempre fuera de tiro de cañon, y el se puso varias veces dentro de tiro de fusil. »

Nada d'isto é exacto, e na constituição brazileira não ha uma só das disposições de que fallam os annotadores argentinos. O Imperador, pela lei fundamental do estado, é inviolavel e sagrado, e não está sujeito a responsabilidade alguma ; não podia, portanto, commandar exercitos e delegar commandos. As operações militares ficaram a cargo do general Porto Alegre, commandante em chefe do exercito brazileiro, e dos generaes alliados, sem que o Presidente Mitre assumisse em nosso territorio o commando em chefe das forças alliadas.

Nas negociações com Estigarribia figuraram apenas o ministro da guerra do Brazil e o general Porto Alegre como orgãos dos chefes alliados.

As palavras attribuidas ao Imperador, segundo nos informam pessoas de sua comitiva, nunca foram proferidas por S. M.

O Imperador assistio ao sitio de Uruguayana, mas não commandou as tropas, e teve

questão até a chegada do Imperador D. Pedro II, que no dia 10 de Julho deixára sua capital para dirigir-se em pessoa ao theatro das operações, visto haver Lopez declarado, ao entrarem suas tropas em Corrientes, que o seu alvo era a provincia brazileira do Rio Grande do Sul (1).

Quando romperam as hostilidades manifestára o Imperador D. Pedro II o desejo de compartir com seu exercito os perigos e as fadigas da campanha. Suppunha-se então que a verdadeira guerra só começaria no proprio Paraguay, e, não permittindo a constituição politica do Brazil que o

---

sempre ao seu lado o ministro da guerra, Ferraz, responsavel, como o general Porto Alegre e o almirante Tamandaré, por todas as deliberações.

Sem a firmeza que mostraram esses dois generaes, o Presidente da Republica Argentina teria assumido o commando em chefe em territorio brazileiro.

Não obstante o que se passou, alguns documentos argentinos insinuaram que o general Mitre tinha exercido o supremo commando (Veja-se um officio publicado á pag. XII do Appendice, na obra de Thompson traduzida em Buenos Aires). Sem ter podido examinar todos os documentos relativos á esta questão, encontrámos, entretanto, um officio reservado do almirante Tamandaré, escripto ao ministro da guerra em 24 de Novembro, e no qual se lê este trecho : — « Deve V. Ex. recordar-se da posição que pretendeu assumir em Uruguayana o general Mitre para calcular a que... exigirá agora a frente dos exercitos alliados... Uma prova mais, além de outras, se acha na ordem do dia do seu chefe de estado máior apresentando-o como general em chefe em frente á Uruguayana. »

Interpellado no parlamento pelos deputados Nebias e José Bonifacio, o ministro da guerra, Ferraz, em 26 de Março de 1866, respondeu nos seguintes termos ao discurso do segundo desses deputados :

« O nobre deputado maldisse este feito (Uruguayana) em consequencia de ter sido o commando conferido a um general estrangeiro. S. Ex. engana-se redondamente. *O general estrangeiro não commandou os sitiantes em Uruguayana.* « Mas como ? » perguntou outro nobre deputado. « Por quem foi dado o plano? Pelo general Mitre. Logo, elle « commandou » Eis aqui a sua argumentação. Eu já lhe disse, interrompendo-o, que o plano foi feito de accordo, em conselho de guerra, entre os generaes. E' sabido, senhores, que dada qualquer alliança, as operações não podem ter logar senão em consequencia de um conselho de guerra, de accordo com os generaes das differentes partes, que fazem causa commum... O plano a que se têm referido os nobres deputados, devia ser feito ou offerecido por um dos membros do conselho de guerra... Feitos os reconhecimentos discutidas e concertadas as bases do plano, o general Mitre encarregou-se de o redigir, conforme as mesmas bases e os seus detalhes. Este plano, redigido, foi apresentado depois à todos os generaes para approval-o, e depois de receber essa approvação, foi a sua execução commettida aos generaes, e o que commandava as tropas do Imperio teve a parte principal. A prova vós a tendes na intimação. Quem a fez? Foi o general brazileiro. A prova ainda a tendes na recepção dos prisioneiros, na repartição d'elles, na occupação da villa, no recebimento e distribuição do material tomado, e em todos os actos que se seguiram á rendição, cuja iniciativa coube sempre ao general brazileiro. Disse-se aqui que o almirante Tamandaré fôra buscar o general Mitre para dar-lhe o commando. O visconde de Tamandaré foi ao acampamento do general Ozorio buscar força de infantaria (assim me asseverou elle em uma carta) e por essa occasião convidou o general Mitre, sabendo que Sua Magestade se achava perto de Alegrete, para que viesse ter a entrevista que o mesmo general Mitre tinha solicitado anteriormente. O general Mitre portou-se sempre de maneira que captou a amisade de todos : logo que as forças do exercito alliado que elle commandava, pertencentes ao Brazil, chegaram ao porto, mandou entregal-as ao nosso general, e ellas fizeram parte da nossa força combatente, com excepção unicamente da brigada Kelly, que tinha pelejado no Yatay, e que pertencia á divisão do general Flôres. »

Não foi só no dia 18 de Setembro que o Imperador se collocou ao alcance de tiro de fusil dos Paraguayos, sem que, com isso violasse preceito algum constitucional, como suppõem os annotadores argentinos. No dia 12 procedeu S. M. a um reconhecimento pela parte do rio, a bordo do vapor *Taquary*, conservando-se no passadiço d'esse vapor, a tiro de pistola da villa, occupada pelos Paraguayos.

Sobre esta questão do commando em chefe em Uruguayana veja-se uma acta que foi assignada entre Ferraz, Mitre e Flôres. Não a encontrámos no Archivo da Secretaria da Guerra, mas provavelmente estará no da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

(1) Quando o Imperador resolveu partir para o Rio Grande do Sul já se tinha noticia no Rio de Janeiro da invasão daquella provincia.

chefe do estado saia do Imperio sem o consentimento das camaras, teve elle de renunciar ao seo projecto, porque difficilmente obteria do corpo legislativo a permissão de expôr seus dias nos campos de batalha. As circumstancias mudaram quando chegou ao Rio de Janeiro a noticia da attitude ameaçadora de Estigarribia contra a provincia do Rio Grande do Sul. Immediatamente declarou o Imperador a intenção de dirigir-se para a provincia ameaçada e esta resolução suscitou na capital tão intenso enthusiasmo, que quasi duplicou-se o numero dos que voluntariamente se offereciam para a guerra (1).

O Imperador levou em sua companhia seus dous genros, o marechal de exercito Gaston d'Orléans, conde d'Eu, e o almirante duque Augusto de Saxe, o ministro da guerra Ferraz e o marechal de exercito marquez (hoje duque) de Caxias, os generaes Cabral, de Beaurepaire-Rohan, de Lamare e outros, e, até o momento da partida, desvelou-se em passar revista ás tropas recentemente formadas, em despertar a actividade geral e em desenvolver os grandes preparativos que se tornavam necessarios, pois cada vez ficava mais patente que se tinha de combater contra um inimigo sem escrupulos na escolha dos meios, e disposto a triumphar do Brazil com uma somma de recursos verdadeiramente assombrosa nas condições geraes dos estados sul-americanos.

A veneração geralmente tributada ao Imperador D. Pedro II manifestou-se no dia de sua partida do Rio de Janeiro na allocução que em nome do corpo consular estrangeiro lhe dirigio o consul belga Pecher, que principalmente accentuou ser o Brazil n'esta guerra o representante dos principios da liberdade de commercio, do progresso e da civilisação. A bordo do vapor *Santa Maria*, e escoltado de muitos navios de guerra, fez S. M. a viagem do Rio de Janeiro ao Rio Grande em seis dias e, depois de uma rapida diversão a Porto-Alegre (2), partio para a fronteira do Uruguay, dirigindo antes de sua partida aos habitantes da provincia uma proclamação, na qual declarou que o povo brazileiro não devia ter outro pensamento senão expellir os invasores do seu territorio.

O Imperador fez a cavallo toda a viagem atravez da provincia, soffrendo fadigas e privações por querer viajar como o ultimo dos officiaes de seu exercito, sem commodidades, sem luxo, sem preparativos de recepção. Sua presença em 1871 na Europa, e sua demorada residencia na Allemanha, deixaram reconhecer as maneiras simples e despretenciosas que o disguem, e então se comprehendeu a verdade do que da America Meridional tinham relatado as cartas e os correspondentes dos jornaes. A viagem de Porto Alegre até Uruguayana durou quasi 4 semanas e fez-se atravez de rios de difficil trajecto e em lucta com a deficiencia de viveres. Bem que a comitiva não passasse do estrictamente necessario, mais de um avez surgiram difficuldades quanto ao pouso de noite e quanto a uma alimentação sufficiente. Viagem tão incommoda e de tão longa duração poucos monarchas terão feito.

---

(1) Consta que ás objecções apresentadas pelo conselho de estado S. M. o Imperador respondeu : « Se me podem impedir que siga como Imperador, não me impedirão que abdique, e siga como voluntario da patria. »

(2) O Imperador chegou á cidade do Rio Grande no dia 16 julho. No dia 18 partio para Porto Alegre onde chegou no dia 19. No dia 20 o general Conde da Boa-Vista (Rego Barros) tomou posse da presidencia da provincia, deixando a administração o Dr. Marcelino Gonzaga. No dia 28 partio o Imperador para o Rio Pardo e continuou a viagem, passando por Cachoeira, Passo de S. Lourenço, no Jacuhy, Caçapava, S. Gabriel, Passo do Rosario, no S. Maria, Alegrete, Ibiraocahy, Toropasso e d'ahi ao campo em frente a Uruguayana.

Entre Caçapava e S. Gabriel sahiram ao encontro do Imperador no dia 29 de Agosto, o coronel oriental Dr. Bernabé Magariños e o Dr. Herrera y Obes (1), mandados por Flôres, do acampamento em frente á Uruguayana, para saudarem o monarcha brazileiro e apresentarem a Sua Magestade a relação dos brilhantes resultados do combate do Yatay. O Imperador fez com que se adiantasse logo o ministro da guerra, Ferraz.

A chegada ao acampamento em frente a Uruguayana realisou-se no dia 11 de Setembro (2). Tão despido de apparato, como durante a viagem, mandou o Imperador levantar sua tenda no meio da linha de ataque em distancia de tiro de peça do reducto avançado de Estigarribia. Os Presidentes das Republicas alliadas, Mitre e Flôres, receberam o Imperador não só com todas as honras que lhe eram devidas, como tambem com expressões de sincero reconhecimento, ás quaes Sua Magestade correspondeu em termos de suffocar qualquer acanhamento. Attenta a differença de fórma de governo e systema politico, differença que estabelece entre os republicanos da America e os monarchistas do Brazil profundo antagonismo, augmentado ainda pelas rivilidades de raça, são sem dudiva um raro phenomeno estas relações de intimidade, ou ao menos de amsiade, observadas ainda depois da guerra pelos supremos representantes da Triplice Alliança.

Na propria localidade orientou-se o Imperador do estado das cousas para tomar as resoluções que a urgencia das circumstancias exigisse. O ministro da guerra, Ferraz, e o general barão de Porto-Alegre anticiparam-se ao Imperador de S. Gabriel em diante, e, para resalvar os direitos do Brazil, o barão de Porto-Alegre assumio no territorio brazileiro o commando das tropas alliadas (3), dirigindo logo a Estigarribia uma intimação peremptoria para capitular (4). A isto respondeu o chefe paraguayo (5 de Setembro)

---

(1) **Julio Herrera y Obes.**

(2) **O general Mitre e o almirante Tamandaré chegaram na manhã de 10 de Setembro. O ministro Ferraz chegou pouco antes d'elles. No dia seguinte foi recebido o Imperador ás 8 horas da manhã, com as honras que lhe eram devidas.**

(3) **Não das tropas alliadas, mas do exercito brazileiro, sem submetter-se á direcção dos generaes Flôres e Mitre.**

(4) **Não foi uma intimação, mas, uma extensa nota assignada pelo general Flôres, almirante Tamandaré e generaes Porto Alegre e Paunero, dirigida em 2 de Setembro a Estigarribia, propondo-lhe um *convenio*. Tanto a nota como as bases para o convenio e a resposta de Estigarribia, de 5 de setembro, encontram-se no opusculo do Visconde do Rio Branco, *A convenção de 20 de Fevereiro*, etc., pags. 240 a 260. — Na conferencia desse dia houve uma discussão um tanto desagradavel entre Flôres, de um lado, e Porto Alegre e Tamandaré do outro. Flôres mandára um recado a Porto Alegre para que avançasse o seu acampamento. Era uma ordem, ou um recado de superior para inferior. Porto Alegre não a cumprio, e na conferencia que se seguio deu-se a scena violenta a que nos referimos. Flôres declarou que Tamandaré e Porto Alegre o tomavam *por un sonso* (um tolo), mas que elle não soffreria isso e passaria de novo para a margem direita com as suas tropas ; que só com ellas era capaz de atacar e destruir a divisão de Estigarribia. Este chefe tinha perto de 6,000 homens entrincheirados e Flôres só dispunha diante de Uruguayana de 5,557 homens (2,971 argentinos, antes da chegada do batalhão de Santa Fé, 1,170 orientaes e 1,416 brazileiros). Os dous generaes brazileiros responderam energicamente, dizendo-lhe que a destruição da columna de Estigarribia pelos 4,000 argentinos e orientaes de que dispunha Flôres não passava de uma fanfarronada, e que se elle julgasse melhor voltar á margem direita podia fazel-o, porque a provincia do Rio Grande do Sul não precisava de auxilio estranho para aniquilar as forças invasoras. Flôres comprehendeu que se tinha excedido, voltou ás boas, deu explicações aos generaes brazileiros e a conferencia terminou em tom amigavel. Resolveu-se então aguardar as tropas brazileiras que estavam em marcha, e os reforços da Concordia, dirigindo-se, entretanto, aos sitiados uma nova intimação. No momento de assignar-se esta o almirante Tamandaré convidou Flôres a pôr o seu nome em primeiro logar.**

Todas estas circumstancias constam do officio confidencial que em 3 de Setembro o general Porto Alegre dirigio ao ministro da guerra.

em uma nota muitas vezes reimpressa, que « saberia combater á sombra do fumo dos numerosos canhões contra elle voltados, como Leonidas á sombra dos dardos arremessados nas Thermopylas contra seus poucos companheiros ; em caso algum capitularia. » Deante desta resposta, e no primeiro conselho de guerra, celebrado apóz a chegada do Imperador, os Presidentes e generaes propuzeram um vigoroso bombardeio sobre a villa, auxiliado pelas canhoneiras brazileiras, que acabavam de chegar, e logo depois um assalto geral, que pela superioridade numerica dos sitiantes não poderia deixar de ter bom exito. Ao menos as probabilidades eram a favor deste plano, não discordando os desertores em affirmar a grande carencia de viveres, e o avultado numero de doentes que tinha Estigarribia. Mas o Imperador não quiz desde logo assentir no emprego de meios extremos. Em primeiro lugar tratava-se de prevenir a provavel destruição de uma povoação brazileira, destruição que seria inevitavel com o bombardeamento e com o assalto levado por tantas milicias irregulares, gaúchos e voluntaios; demais repugnava ao soberano o derramamento de sangue, quando por outro modo se podia conseguir o fim desejado. Não havendo receio de que chegasse promptamente algum corpo de tropas paraguayas, destinado a levantar o bloqueio e assédio da villa, havia tempo de cogitar na maneira de operar e por isso o primeiro empenho era estender o mais longe possivel os reconhecimentos militares. Houve por isso no campo dos Alliados uma inacção de muitos dias, ao menos apparente, porque surgio de noroeste o boato (1) de ter Lopez partido de Humaitá com 25,000 homens, de se haver reunido ás tropas de Resquin e de estar em marcha com esse formidavel exercito para soccorrer os sitiados de Uruguayana. O boato nada tinha de improvavel e por isso ainda mais insistiram os generaes com o Imperador para que não demorasse o desenlace dos acontecimentos, afim de não ter de arrostar a offensiva de quasi 55,000 homens.

Ao saber da derrota de Duarte no Yatay, tentára Estigarribia deixar Uruguayana, partindo no dia 19 de Agosto pela estrada de Itaqui com as carretas e o gado, mas esbarrára no caminho com a vanguarda do tenente-coronel Bento Martins e diante della com toda a divisão de Canavarro (2). Ao envez dos outros chefes paraguayos, que não hesitavam em suas resoluções nem se deixavam soffrear por consideração alguma, não aceitou Estigarribia o combate que lhe offereciam os Brazileiros, entrando de novo

---

(1) Esse boato, segundo o conego Gay (*Invasão* etc., pag. 34, 1ª col.) propalou-se logo depois da batalha de Yatay, e a elle attribue o mesmo chronista a resposta de Estigarribia, dada no dia 20 de Agosto, á intimação dos generaes Flôres, Caldwell e Canavarro. O Imperador chegou ao acampamento alliado em 11 de Setembro, e longe de demorar o ataque procurou por todos os modos apressal-o. Até o dia 15 reinou um forte temporal. No dia 17 não marcharam os alliados contra as trincheiras inimigas, porque as tropas argentinas não estavam promptas. No dia 18 de setembro, 7 dias depois da chegada de Sua Magestade, investimos Uruguayana. Os generaes alliados não receiavam em Setembro, como suppõe o Sr. Schneider, a aproximação do exercito de Resquin. Em um boletim official do exercito em operações na fronteira do Uruguay lê-se o seguinte : « — Dia 22 de Agosto. —... Em seu regresso teve S. Ex. o Sr. general (Porto Alegre) sciencia de que o grosso do exercito inimigo ao mando do general Robles (aliás Resquin) achava-se 9 leguas além do rio Corrientes, e aquem desse rio o commandado pelo general argentino Hornos, tendo uma força de observação do outro lado, *e que nenhum dos dous exercitos podia mover-se por estarem ambos quasi inteiramente faltos de cavallos.* » O general Resquin, quando prisioneiro, confirmou essa noticia, declarando que estava sem elementos de mobilidade ; que representou a Lopez e pedio-lhe qûe avançasse para tomar o commando em chefe do exercito de Corrientes ; que o dictador prometteu levar-lhe um reforço de 25.000 homens, mas não cumprio essa promessa.

(2) Já fizemos menção d'isto na nota á pag. 215—216.

na madrugada do dia 20 (1) em Uruguayana, onde na vespera tinham penetrado alguns piquetes da vanguarda de Bento Martins, os quaes se retiraram com a volta dos Paraguayos. No dia 20 respondeu Estigarribia á intimação do general Flôres (2). Os generaes Caldwell e Canavarro apertaram o circulo de seus postos avançados em torno da villa, e, chegando da margem direita no dia 21 as tropas dos generaes Flôres e Paunero, estabeleceu-se um assedio regular. Ao desembarcarem as tropas do exercito alliado, de vanguarda, accentuou Flôres em uma ordem do dia (20 de Agosto) o facto de já se acharem em territorio brazileiro, acrescentando : « Desde já me antecipo a saudar-vos como vencedores de Uruguayana, porque perante vossas bayonetas e vosso arrojo não ha inimigo que resista. » Na tarde do mesmo dia chegou ao acampamento o general barão de Porto Alegre, que provisoriamente assumio apenas o commando das tropas brazileiras, e na manhã seguinte, 21 de Agosto, fundearam 4 canhoneiras brazileiras e alguns transportes, conduzindo do acampamento da Concordia 1,500 homens, entre os quaes estavam os Zuavos da Bahia (3). Com estes navios apresentou-se tambem deante de Uruguayana o almirante Tamandaré, que logo tomou parte nas deliberações com os generaes brazileiros, argentinos e orientaes.

No dia 29 o general Flôres fez sahir uma columna de 1,200 homens de cavallaria dos que haviam ficado do lado de Corrientes, encarregando-a de um reconhecimento no rumo do Aguapehy, para o norte, pelo territorio das Missões Argentinas, se possivel fosse até defronte de Iatapua, afim de certificar-se da approximação de algum exercito inimigo de soccorro. No dia immediato as avançadas dessa columna, aprisionaram uma partida paraguaya de 5 homens e 1 official, acompanhados por um guia. O official declarou ter sido mandado por Estigarribia para pedir auxilios ao marechal-presidente visto não lhe ser mais possivel manter-se contra os Alliados depois da derrota de Duarte. Tudo isto foi logo participado aos generaes alliados. O guia, que era correntino, foi fusilado como traidor e o official e os soldados foram a seu pedido incorporados ás tropas orientaes (4).

Em fins de Agosto e principios de Setembro chegou do interior da provincia do Rio Grande uma brigada novamente formada pertencente á divisão do coronel barão de Jacuhy, a qual ficou em S. Borja sob as ordens do coronel David Machado para observar a fronteira. Ficou postada na estancia da Timbahuba. O major Isaias foi pelo mesmo tempo estabelecer-se em S. Nicoláo, tratando de formar um novo corpo, ao passo que o coronel Joaquim Rodrigues de Lima tratava tambem de formar outro novo corpo em Santo Christo, mas em toda a parte faltavam as cousas mais necessarias. Dos mesmos males soffriam as forças da brigada do general Portinho, que avançou da Cruz Alta até as visinhanças de S. Borja, e a

---

(1) Na tarde de 19.

(2) E dos generaes Caldwell e Canavarro. Todos estes factos já foram referidos em notas anteriores.

(3) Chegaram, como já vimos, no dia 21 de Agosto, os vapores *Taquary* e *Tramandahy*, e 2 chatas, e nos dias 10 e 12 de Setembro os vapores *Onze de Junho* e *União*. Além de 2 companhias de Zuavos da Bahia, conduziram esses vapores os batalhões 11º de linha e 4º de voluntarios brazileiros, e o batalhão argentino de Santa Fé. O vapor *União* era mercante e fôra fretado pelo general Ozorio para levar á Uruguayana munições, armamento de infantaria e fardamento. O *Uruguay*, que tantos serviços havia prestado, fôra armado, como já vimos, por ordem do general Canavarro. Os navios que o almirante levou foram, portanto, os 3 primeiros apenas.

(4) Gay, *Invasão*, etc., 34, 2ª col.

brigada acima mencionada, da divisão Jacuhy. Não podiam tomar parte nas operações emquanto ao menos não estivessem armadas todas as praças (1); e bem que do Rio Grande e de Porto Alegre com toda a urgencia se empenhassem na remessa de fardamento, equipamento e munições para o theatro das operações, nem por isso deixava de haver extraordinaria demora. Se o proprio Imperador precisou quasi de um mez para atravessar a cavallo a provincia, não se póde desconhecer a difficuldade de transportar gente e objectos em larga escala.

Em Uruguayana notava-se grande actividade na construcção de botes, pranchas e jangadas e na destruição de casas para aproveitamento da madeira. Desesperando Estigarribia de romper o cerco por terra, pretendia evadir se pelo rio para o territorio de Corrientes, illudindo na escuridão da noite as canhoneiras surtas no meio do canal (2). Cada uma dessas pequenas embarcações devia transportar 50 homens armados e uma peça. O embarque deveria ser tentado na escuridão da noite. Soube-se pelos prisioneiros, depois da capitulação, que duas opiniões divergentes se debateram no conselho militar convocado por Estigarribia para decidir a questão. Uns opinavam que se vogasse pelo rio até abaixo do povoado de Restauracion, ao norte do qual os Alliados não tinham deixado forças consideraveis, mas apenas alguma cavallaria. Contavam não ser presentidos por essas forças, ou, em caso contrario, batel-as, marchando em seguida para oeste, deixando á direita a Laguna Ibera, e muito á esquerda o grande exercito alliado, acampado na Concordia, para fazerem juncção, nas proximidades do rio Corrientes, com as tropas do general Resquin. Outros chefes, pelo contrario, de accordo com os officiaes orientaes, queriam que as lanchas paraguayas descessem o Uruguay, e desembarcassem as tropas na costa oriental, não longe de Belém, para provocarem com sua presença um pronunciamento dos blancos contra o general Flôres e a Triplice Alliança e indubitavelmente apoderarem-se toda a Republica Oriental.

Esses insensatos projectos, porém, não foram levados a effeito pela miseria a que estavam reduzidos os soldados paraguayos em Uruguayana. Copiosas eram as provisões encontradas n'essa villa, mas com incrivel leviandade foram ao principio esbanjadas, por acreditarem os Paraguayos que só pouco tempo ahi ficariam. Consumido todo o gado, recorreram aos cavallos, cães, gatos, ratos e até aos insectos, como se lê em uma descripção datada de S. Borja (3). As molestias propagavam-se : os miasmas infectos dos restos dos animaes que comiam, e que deixavam amontoados nas casas e quintaes tornavam a permanencia na villa insupportavel.

Na tarde de 15 de Setembro apresentou-se ás avançadas do tenente-coronel Bento Martins um desertor de Uruguayana em taes condições de miseria que despertou geral compaixão. Pedio pelo amor de Deos algum alimento (4) e denunciou que n'essa noute haveria o embarque e a ten-

---

(1) Vej. Gay, *Invasão*, etc., 35, 2ª col.

(2) Os alliados tiveram noticia desse projecto por um desertor paraguayo que, fugindo de Uruguayana, chegou ás nossas avançadas na noite de 15 de Setembro. Só estavam nessa noite deante da praça 2 canhoneiras ; os outros 3 vapores achavam-se em diligencia de transporte de tropas com algumas chatas. Vej. Gay, *Invasão*, etc, 6, 1ª col. ; Palleja, *Diario*, 1,164 ; e Pereira da Costa, *Historia da Guerra* etc, II, 317. Na margem opposta os alliados não tinham senão parte da cavalaria argentina e oriental, porque o general Henrique Castro seguira em exploração com 1,200 ou 1,500 homens.

(3) E' o mesmo opusculo do conego Gay. Vej. pg. 36, 2ª columna, d'essa Memoria.

(4) No *Diario* de Palleja lê-se o seguinte : — « Dia 12... Vino un passado del enemigo. En las avanzadas se dió un atracon de carne, del cual murio. » (Nas avançadas tomou tal fartadella de carne, que morreu.)

tativa de fuga pelo rio. Bento Martins mandou suas tropas avançarem para a margem, ao norte da cidade, do outro lado do rio Salso, deo varias descargas para pôr o exercito alerta, e mandou aviso ao almirante Tamandaré. Em poucos momentos todos os chefes alliados estavam prevenidos e tomavam as providencias necessarias. As canhoneiras postaram-se em posição conveniente, obstando effectivamente a passagem de qualquer embarcação, ao passo que os ajudantes de ordens punham de sobre-aviso todo o cordão das tropas sitiantes. D'esta maneira gorou a tentativa de fuga.

No dia 16 o Imperador passou em revista todas as tropas acampadas diante de Uruguayana, e no dia 17 celebrou uma conferencia no intuito de determinar o ataque para o dia seguinte. Tinham chegado noticias do territorio das Missões Paranaenses, da Candelaria e da Conceição, de não se acharem em marcha tropas para descercarem a praça, e igualmente do rio Corrientes veio a participação do general Caceres a respeito da completa inacção de Resquin. Comtudo a tentativa de fuga provára que no auge do desespero poderia Estigarribia praticar algum acto que diminuisse o successo dos Alliados, e por isso o Imperador, tendo ouvido todas as opiniões, deu ordem para que ás 6 horas da manhã do dia 18 de Setembro o exercito tomasse posições de ataque. A nossa planta annexa mostra esta disposição das tropas (1).

---

(1) No dia 18 de Setembro as forças com que os Alliados investiram Uruguayana dividiam-se assim :

Infantaria : 1) *Brazileiros*, — batalhões de linha 2º, 5º, 7º, 10º e 11º batalhões da guarda nacional de S. Borja e de Uruguayana (muito reduzidos); batalhões de voluntarios da patria 1º, 4º (ambos da cidade do Rio de Janeiro), 5º (provincia do Rio de Janeiro), 3º (Bahia), duas companhias de voluntarios zuavos (Bahia), e 16º batalhão de voluntarios (estrangeiros). Ao todo, 4.150 homens (13 batalhões).

2) *Argentinos*, — batalhões de linha 1º, 2º, 3º, 4º e 6º, Legião Militar, Legião de Voluntarios, batalhões da guarda nacional de S. Nicoláo, de Santa Fé, e 1º de Corrientes. Ao todo, 3.068 homens (10 batalhões, formando 5 brigadas e 3 divisões, commandadas estas pelos coroneis Rivas, Arredondo e Rivero).

3) *Orientaes*, — batalhões Florida, 24 de Abril e Voluntarios de la Libertad. Ao todo, 1.038 homens (3 batalhões).

Total da infantaria dos alliados : 25 batalhões e 2 companhias 8.256 homens.

Cavallaria : 1) *Brazileiros*, — 1ª. divisão do brigadeiro Canavarro, com 4 brigadas e 5.000 homens da guarda nacional, e 2ª divisão do coronel barão de Jacuhy, (3.000 homens da guarda nacional. Ao todo 8.000 homens (2 divisões e 8 brigadas).

2) *Argentinos*. — Regimento S. Martin, 3 esquadrões, 300 homens.

3) *Orientaes*. — Não tinham cavallaria. Ficára toda na margem direita, menos uns 50 homens.

Total da cavallaria dos alliados : 8.350 homens (Força que protegeria apenas o assalto, mas que não deve ser incluida no numero das que deviam atacar. Da nossa cavallaria só 2.123 homens foram escolhidos para servir a pé, e incorporados á infantaria).

Artilharia : 1) *Brazileira*, — 1 esquadrão. 120 homens e 10 bocas de fogo.
2) *Argentina*, — 3 esquadrões. 365 homens e 24 bocas de fogo.
3) *Oriental*, — 1 esquadrão. 132 homens e 8 bocas de fogo.

Total da artilharia dos alliados : 5 esquadrões de artilharia montada, 617 homens e 44 bocas de fogo.

Força naval : *Navios brazileiros*, — vapores *Onze de Junho*, *Taquary*, *Tramandahy*, *União* e *Uruguay*, e 2 chatas. Ao todo, 5 vapores, 2 chatas e 12 bocas de fogo.

Sommavam, pois, as forças alliadas, 17.346 homens, mais ou menos (com o estado maior de Mitre, 69 homens, eram 17.415), alem dos que estavam na esquadrilha brazi-

O general em chefe Porto Alegre dirigio uma proclamação ao exercito, e, tendo determinado a posição conveniente para 40 peças e 4 estativas de foguetes, poz-se em marcha para a frente.

No centro da posição conservou-se o Imperador com seu genro o conde d'Eu, o ministro da guerra, seos ajudantes de campo, o marechal de exercito duque de Caxias, os generaes Cabral, Caldwell e Beaurepaire Rohan. O duque de Saxe com seo ajudante, o chefe de esquadra De Lamare, ficou a bordo de uma canhoneira, ao lado do almirante Tamandaré, reunindo-se depois á comitiva do Imperador. Successivamente aproximaram-se, com o respectivo estado maior, os Presidentes Flôres e Mitre para saudarem o Imperador; antes de principiar o ataque. Adiantando-se S. M. a cavallo cada vez mais para a frente e chegando ao alcance das peças dos reductos, o ministros da guerra e os generaes supplicaram ao monarcha que não se expuzesse tanto, mas em resposta ouviram, que elle occupava a unica posição digna de si, diante de seu exercito. Quando sua comitava pasmou, ao ver a completa tranquillidade e inacção dos Paraguayos em Uruguayana, o Imperador disse : « Si eu estivesse nas trincheiras, não deixaria agora de fazer fogo sobre o nosso grupo. »

Estando as trincheiras guarnecidas, como se podia verificar, sem que os Paraguayos fizessem fogo, as avançadas dos Alliados se foram approximando cada vez mais, e, pelas indicações do chefe da commissão de engenheiros, major Rufino Galvão (1), e do capitão Gama Lobo d'Eça (2),

---

leira. Em terra 42 canhões, e nos navios brazileiros 12; ao todo, 54 bocas de fogo. Aos Brazileiros pertenciam 22 bocas de fogo, em terra e no rio, aos Argentinos 24 em terra, e aos Orientaes 8. Do exercito alliado que investio Uruguayana 12.393 homens eram Brazileiros, 3,802 Argentinos e 1,220 Orientaes.

O seguinte mappa tornará mais claros estes algarismos :

ARMAS	BRAZILEIROS	ARGENTINOS	ORIENTAES	TOTAL
Artilharia	120 h. (10 p.)	365 h. (24 p.)	132 h. (8 p.)	617
Infantaria	4.150 h.	3.068 h.	1.038 h.	8.256
Cavallaria a pé, armada como infantaria	2.123 h.	»	»	2.123
Cavallaria	6.000 h.	300 h.	50 h.	6.350
	12.393 h.	3.733 h.	1.220 h.	17.346

S. M. o Imperador D. Pedro II, tendo ao seu lado o ministro da guerra Ferraz, S. A. R. o marechal do exercito Gaston d'Orléans (conde d'Eu), os ajudantes de campo de S. M., marechal duque de Caxias e tenente-general Cabral (barão de Itapagipe), o general H. de Beaurepaire Rohan (ajudante de campo do Sr. conde d'Eu), e mais pessoas da comitiva imperial, assistio a todos os movimentos das tropas. Ao general conde de Porto Alegre foi confiado o commando em chefe do exercito brazileiro, ao qual se incorporaram 2 esquadrões de artilharia argentina; 4 batalhões de infantaria brazileira (o 16º e a brigada Kelly, formada pelo 5º e 7º de linha e 3º de voluntarios) continuaram incorporados as tropas orientaes. A cavallaria brazileira foi repartida pelas forças alliadas. O general Flôres ficou com o commando das tropas orientaes e dos 4 batalhões brazileiros, e o general Paunero com o das tropas argentinas. O general Mitre commandava em chefe as forças de Paunero e Flôres. O almirante Tamandaré commandava a esquadrilha, e tinha o seo pavilhão a bordo do *Onze de Junho*, onde tambem se achava S. A. R. o almirante duque de Saxe, com o seo ajudante de campo, o chefe de esquadra De Lamare. Quando se soube que o inimigo estava disposto a render-se, S. A. R. o duque de Saxe, o visconde de Tamandaré e o ajudante de campo de S. A. foram reunir-se a S. M. I.

Estavam em marcha sobre Uruguayana, atravez da provincia do Rio Grande do Sul 15 batalhões brazileiros de voluntarios, com mais de 8,000 homens.

(1) Hoje coronel, e barão de Maracajú.

(2) Hoje coronel.

commandante geral das baterias do exercito imperial, adiantaram-se dous batalhões, e em meia hora estavam concluidos os trabalhos de engenharia, assentados e cheios os cestões, e collocadas as peças. Ao meio-dia estando tudo prompto, mandou o barão de Porto-Alegre a ultima intimação (1), a Estigarribia, sendo d'ella portador o seo ajudante de ordens capitão Cruz Brilhante. O general brazileiro só concedeo aos sitiados duas horas para reflectirem. Entretanto, tinham-se separado da comitiva imperial o general em chefe e o ministro da guerra, e notando que se demoravam, o Imperador sahio a encontral-os, percorrendo a cavallo toda a frente da linha de ataque, até que se reunio aos dous, que se achavam á falla dos officiaes e soldados inimigos. Estes continuaram impassiveis. Ao verem as tropas este desprezo da vida, quando a cada momento podia principiar o fogo das trincheiras inimigas, proromperam em acclamações, suppondo estar imminente o signal do ataque. Quando estava a expirar o prazo concedido, veio a resposta de Estigarribia, annuindo a que as praças desde sargentos até soldados, depuzessem as armas e ficassem prisioneiras de guerra, com a condição de sahirem livremente com as suas espadas e bagagens, podendo até, se quizessem, voltar ao Paraguay os officiaes e todas as pessoas que tivessem as mesmas honras. Tambem pedia que ficassem prisioneiros de guerra do Brazil todos os Orientaes, que se achavam entre os Paraguayos (2). E' esta sem duvida a melhor refutação da calumnia de terem os Brazileiros, quando tomaram Paysandú, mandado fuzilar o general oriental (blanco) Leandro Gomez. Ninguem conhecia melhor este episodio do que os proprios officiaes orientaes e, formulando semelhante pedido na proposta de capitulação, demonstraram depositar mais

---

(1) Em nome do Imperador e dos chefes alliados. Eil-a :

« A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o mando de V. S. deverá por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios retêm os exercitos alliados em operações nesta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa.

« Estes sentimentos, que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do Imperador e dos Chefes Alliados, annuncio a V. S. que dentro do prazo de duas horas nossas operações vão começar.

« Toda a proposição que V. S. fizer que não seja a de renderem-se as forças de seu commando sem condições, não será aceita, visto que V. S. repellio as mais honrosas que lhe foram, pelas forças alliadas, offerecidas.

« Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.

« Deus guarde a V. S. — Acampamento junto aos muros de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865. — *Barão de Porto Alegre*, tenente general. — Ao Sr. coronel Antonio Estigarribia, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, sitiada em Uruguayana. »

(2) Eis a resposta de Estigarribia :

« O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana sob as seguintes condições :

« 1.ª O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando, desde sargento, inclusive, guardando os exercitos alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

« 2.ª Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto onde queiram dirigir-se; devendo o exercito alliado mantel-os e vestil-os emquanto durar a presente guerra, se escolherem algum logar que não seja o Paraguay, e devendo ser por sua conta se preferirem o mesmo logar.

« 3.ª Os chefes e officiaes orientaes que estão nesta guarnição ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as condiçzões a que tenham direito.

« Feito em Uruguayana em 18 de Setembro de 1865. — *Antonio Estigarribia.* — A. S. Ex. o Sr. tenente general barão de Porto Alegre. »

confiança no modo de proceder dos Brazileiros, do que no de seus compatriotas colorados. A resposta de Estigarribia foi trazida pelo capitão paraguayo Baptista Ibañez.

A cavallo mesmo deliberaram os chefes alliados e resolveram aceitar tudo, menos a condição de liberdade para os officiaes : poderiam escolher para sua residencia qualquer logar, comtanto que não voltassem ao Paraguay, mas deviam sahir da praça desarmados. O ministro da guerra, Ferraz, foi encarregado pelo Imperador de levar a resposta a Estigarribia, que a esperava perto de um fosso, porque o capitão Cruz Brilhante participára ter notado divergencias de opinião entre os chefes paraguayos, que talvez fizessem abortar as negociações da capitulação. Estigarribia evidentemente propendia para a rendição, como unico meio de escapar á pena de morte, que o esperaria no Paraguay. Pelo contrario o capellão-mór Duarte e os officiaes orientaes não queriam ouvir fallar em rendição e insistiam na resistencia até a ultima extremidade. O ministro brazileiro approximou-se das trincheiras e ahi encontrou Estigarribia e os Salvañach (1). Estavam muito abatidos, mas exigiram que, antes de se entregarem, lhes fossem apresentadas as condições por escripto e fizeram trazer uma pequena mesa, sobre a qual Ferraz redigiu a ordem imperial. Com esse papel dirigiram-se os dous para dentro das trincheiras e tendo deliberado com os outros officiaes voltaram as 2 1/2 horas com a acquiescencia d'elles para uma immediata capitulação. Logo no principio das negociações muitos Paraguayos, passando as trincheiras, chegaram-se aos Brazileiros para pedirem alimento, assegurando que não era mais possivel resistir. Apresentavam-se sem armas e eram conduzidos para o acampamento, onde recebiam racções e barracas. De sua parte tambem os soldados alliados chegaram até a esplanada e alguns até subiram ás trincheiras, levando viveres aos Paraguayos e declarando que só faziam guerra ao presidente Lopez e aos que o defendessem.

A resposta dada por Estigarribia ao ministro da guerra era do theor seguinte : « Commando da divisão paraguaya na villa sitiada de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865. — O abaixo assignado aceita as proposições de S. Ex. o ministro da guerra e deseja unicamente que Sua Magestade o Imperador do Brazil seja o melhor garante d'este ajuste. A elle e a V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me ás condições prescriptas por V. Ex. O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatemente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmento e entrega da guarnição. — *Antonio Estigarribia.* »

Esta incondicional submissão e confiança do tenente-coronel Estigarribia no Imperador D. Pedro II induziram o ministro da guerra a apresentar pessoalmente a Sua Magestade os tres principaes chefes paraguayos, Estigarribia, o padre Duarte e o tenente coronel oriental Salvañach. Comtudo essa apresentação não se realisou senão com o primeiro, depois que entregára ao ministro sua espada. O Imperador ainda estava no mesmo

---

(1) O ministro da guerra penetrou na villa, acompanhado pelo chefe de estado maior do exercito, general Caldwell, e por 2 officiaes. Eis a resposta dos alliados :

« Os generaes alliados concedem e admittem a primeira e terceira condições sem restricção alguma. Quanto á segunda admittem-n'a com as seguintes restricções : Os officiaes de qualquer cathegoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer logar que não pertença ao territorio do Paraguay. — Uruguayana, 18 de Setembro de 1865, ás 2 1/2 horas da tarde. — Pelos chefes alliados, o ministro da guerra do Imperio do Brazil, *Angelo Moniz da Silva Ferraz.* »

lugar em que se havia celebrado o conselho militar, quando Ferraz lhe entregou a espada de Estigarribia, que foi por Sua Magestade offertada ao mesmo ministro em commemoração do facto. Por ordem imperial foi Estigarribia conduzido para a tenda do barão de Jacuhy. O padre Duarte não alcançou a honra de uma apresentação pessoal e foi entregue pelo tenente-general Cabral ao almirante Tamandaré para ficar a bordo de um navio, protegido contra a raiva dos soldados, que todos o abominavam (1).

Ao passo que no interior da villa eram os Paraguayos desarmados e suas espingardas e espadas depositadas em differentes pontos da trincheira, approximava-se o Imperador com sua comitava pelo lado da igreja matriz e dava ordem para que os soldados do corpo de engenheiros abrissem uma brecha na trincheira e com a terra obstruissem o fosso que estava na frente. Logo que isto em sua presença se fez entrou o Imperador a cavallo, pelas 4 horas da tarde, percorreu as ruas principaes, esmerou-se em prodigalisar soccorros medicos aos Paraguayos doentes, mandando vir para a villa todos os medicos do exercito, e foi hospedar-se no palacio do governo (na planta, canto da rua do Commercio e da rua do Principe). Depostas as armas, sahio ás 6 horas a guarnição (2) formada em batalhões e esquadrões, a dous de fundo e em columna cerrada, ao todo 5,131 praças de pret e 59 officiaes. Depois de ter marchado pelo meio do exercito alliado, que se compunha de cerca de 20,000 homens, a tropa paraguaya foi alojar-se ao pé do acampamento, distribuida em grupos. Eram os batalhões 14, 15, 17, 32 e 33, cada um primitivamente de 800 homens; 4 regimentos de cavallaria de 500 homens cada um, e cerca de 60 artilheiros sendo 10 homens para cada peça (3).

A presa de guerra consistiu em 540 espadas com talins, 850 lanças,

---

(1) Sobre a rendição dos Paraguayos em Uruguayana não deve o futuro historiador d'esta guerra deixar de ler o folheto que em 1865 publicou o visconde do Rio-Branco. — *A convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do senado e dos successos da Uruguayana.*

O parallelo que o autor faz entre o desenlace de Montevidéo, em 20 de Fevereiro, e o de Uruguayana, em 18 de Setembro do mesmo anno, tem o maior interesse.

(2) A sahida da guarnição prisioneira começou ás 4 horas e terminou ás 6 da tarde.

(3) Eis ao que estava reduzida a divisão de Estigarribia no dia 18 de Setembro (Vej. *Diario de Palleja)* :

	HOMENS.	
Batalhão 14 de infantaria, commandante capitão Saturnino Mereles	700	
— 15 — — — Ignacio Campurno	610	
— 17 — — — Diego Alvàrenga	754	
— 31 — — — Juan B. Ibañez	440	
— 32 — — — Avalos	680	
— 33 — — — José del Rosario Perez	676	
		3.860
Regimento 27 de cavallaria, commandante major José Lopez	440	
— 28 — — capitão Centurion	475	
— 33 — — — Manuel A. Coronel	485	
		1.400
Esquadrão de artilharia, commandante tenente Ignacio Pereira	115	
Corpo de bogavantes (remadores)	70	
Estado maior, com 1 cirurgião	20	
Conductores das carretas e munições	80	
		285
		5.545

O coronel Palleja assegura que era esta a força effectiva da divisão de Estigarribia no dia da rendição de Uruguayana, não obstante à ordem do dia do ministro Ferraz mencionar somente 59 officiaes e 5.131 soldados prisioneiros. A razão da differença, diz Palleja, foi a desordem que houve no momento. A cavallaria rio-grandense levou nas garupas grande numero de paraguayos que não foram arrolados entre os prisioneiros porque sahiram das trincheiras muito antes de ajustadas as condições da rendição.

31 clavinas, 110 pistolas, 3,690 espingardas de adarme dezesete, 370 cinturões com patronas, 231,000 cartuchos, 19 carretas, 1 carretilha e outros objectos (1). Os trophéos consistiram em 7 bandeiras (2) e 6 peças. Entraram na villa dous batalhões brazileiros, o 2° de linha e o 1° de voluntarios da patria. O Imperador, recommendou muito aos chefes e officiaes que se desvelassem no bom tratamento dos prisioneiros. Foi dada a estes a permissão de se alistarem no exercito dos alliados e muitos d'ella se utilisaram, sendo principalmente acolhidos pelos argentinos e orientaes (3). Esta medida exacerbou extraordinariamente ao presidente Lopez e provocou muitas reclamações suas.

No dia 19 publicou o Imperador uma proclamação (4) agradecendo ás tropas o terem conseguido por sua attitude tão importante resultado, mas exclamando : « Ainda estão occupadás pelo inimigo parte da nossa provincia de Matto-Grosso e da provincia argentina de Corrientes. Portanto, avante ! Novos triumphos, novos esforços ! »

Na mesma occasião declarou o general em chefe barão de Porto Alegre, em uma ordem do dia, que este successo incruento duplicava o dever de respeitar a desgraça do inimigo vencido (5).

---

(1) Isto foi o que se arrecadou. Muitos officiaes e soldados alliados desviaram armamento.

(2) A divisão de Estigarribia tinha 9 bandeiras. As do batalhão de infantaria n. 17 e regimento n. 27 foram tomadas pelos Brazileiros em 26 de Junho no combate de Botuhy. As 7 restantes cahiram em poder dos Alliados com a rendição de Uruguayana.

(3) No exercito brazileiro não foram admittidos os prisioneiros paraguayos.

(4) Eis a proclamação de Sua Majestade :

« Soldados! O territorio d'esta provincia acha-se livre, graças á simples attitude das forças brazileiras e alliadas. Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa. A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas : parte da provincia de Matto-Grosso e do territorio da Republica Argentina jazem ainda em poder do nosso inimigo. Avante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos coroarão nossos esforços.

« Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.

« D. PEDRO II,

« Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil

« *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* »

(5) Eis o trecho da ordem do dia a que o Sr. Schneider se refere (Vej. GAY, Invasão, etc., pag. 40, 1ª col.) : «... Soldados! Em nome do Imperador o general em chefe do exercito imperial vos saúda e vos conjura a que respeiteis a desgraça do inimigo vencido. »

Já dissemos em outra nota que os prisioneiros paraguayos foram sempre tratados com a maior humanidade, sem que fossem exceptuados desse tratamento os officiaes inimigos que se mostraram mais barbaros e sanguinarios. D'entre o avultado numero de familias brazileiras e argentinas e de officiaes e soldados alliados que cahiram em poder do inimigo poucos sobreviveram á guerra. Quasi todos foram fuzilados ou degolados no Paraguay, como ficou patente quando cahiram em poder do duque de Caxias, em Lomas Valentinas, os documentos que se guardavam no quartel general de Lopez. O presidente nomeado para Matto-Grosso, coronel Carneiro de Campos, membro de parlamento brazileiro, e todos os officiaes alliados prisioneiros foram obrigados a trabalhar nas fortificações inimigas como simples soldados, e por vezes açoitados. Dos officiaes brazileiros apenas 2 ou 3 escaparam á morte.

Não obstante, grande parte da imprensa européa poz-se ao serviço de Lopez, tomando a dianteira a *Revue des Deux Mondes*, que em 5 de Setembro de 1865 publicou o seguinte : — « Le maréchal Lopez s'est plaint, et avec raison, paraît-il, de la manière dont ses soldats prisonniers auraient été traités par les alliés. Au Brésil, *on les aurait employés aux travaux les plus pénibles;* dans les Républiques, on les incorpora de force dans des bataillons formés de prétendus réfugiés ou exilés paraguayens. *La plupart moururent de misère et de nostalgie,* quelques-uns désertèrent et purent regagner leur pays. *Cette conduite barbare et contraire à toute morale, contraste avec l'humanité que*

Mais tarde mencionava a imprensa, ora com orgulho, ora com desgosto, que este fôra na historia militar da America do Sul o primeiro exemplo de um triumpho não deturpado pelo vencedor com actos de violencia, trucidação ou ultraje (1).

---

le Président du Paraguay semble avoir témoigné á l'égard des prisonniers alliés. » Este ultimo trecho, que só por escarneo poderia ter sido escripto, se a mencionada *Revista* procurasse com sinceridade conhecer os factos que descrevia, basta para dar idéa dos esforços que os agentes de Lopez empregavam na Europa para transviar a opinião publica estrangeira.

O coronel Palleja escreveu o seguinte em seu *Diario :* « Queda probado ya por la correspondencia de Duarte que los Paraguayos no dan cuartel á los Brasileros. Al llegar á la plaza (Uruguayana) hemos visto algo mas que eso : dos Brasileros muertos en un pequeño combate, que dejamos referido en este diario, en el costado derecho, sin orejas y uno castrado. Fueron sepultados por nuestros soldados horrorisados de semejante barbarie. Veamos ahora como tratan los Brasileros á sus prisioneros... Estigarribia, el cura, Lopez, los Salvañach y Zipitria, como todos, andan en plena libertad, tanto en el campamento de los Brasileros, como en el de los nuestros, colmados de atenciones, y en nuestro campo hasta con sus espadas y pistolas, tratados tanto ellos como la tropa, no como prisioneros, sino como hermanos en desgracia, y esto á la vista del horroroso y desgorrador cuadro que ofrece el estado en que han dejado á la Uruguayana... »

(1) Só poderiam fazer esta observação os que não conhecessem a historia militar da America do Sul. E' certo que nas guerras civis dos estados hispano-americanos o odio politico inspirou muitos actos de crueldade depois de capitulações. Nas guerras do Brazil, porém, nunca se deram factos semelhantes, apezar de se terem rendido muitas vezes em nosso territorio tropas estrangeiras. Como tratamos da rendição dos Paraguayos em Uruguayana, talvez ao leitor inspire interesse a seguinte lista das principaes capitulações de forças estrangeiras que se deram em nosso territorio ou em suas visinhanças :

1615 (2 de Novembro). — Capitulação dos Francezes, dirigidos por La Ravardière em S. Luiz do Maranhão. Foi ajustada por Alexandre de Moura. Os Francezes foram transportados á Europa.

1625 (30 de Abril). — Capitulação dos Hollandezes, que ás ordens do coronel Kiff occupavam a cidade da Bahia. Renderam-se a D. Fradique de Toledo. Transportados para a Europa (2.000 homens).

1635 (19 de Julho). — Rendição de Porto Calvo (Alagôas), defendida pelo major hollandez Picard e atacada pelas tropas de Pernambuco ás ordens do general Mathias de Albuquerque (420 homens entregaram-se). — Dos prisioneiros foi executado o traidor Calabar, mas nas condições da capitulação o chefe hollandez consentio que nenhuma garantia se promettesse a esse desertor, que, ao serviço dos invasores, tantos golpes certeiros dirigio durante tres annos contra seus compatriotas.

1645 (4 de Agosto). — Rendição de Serinhaem (Pernambuco). Rendeu-se a Paulo da Cunha, das tropas de André Vidal, a guarnição hollandeza, composta de 111 praças ás ordens de Samuel Lambertzs.

1645 (17 de Agosto). — Rendição de Casa-Forte (perto do Recife, em Pernambuco), Rendem-se aos insurgentes brazileiros, dirigidos por Fernandes Vieira e André Vidal, os coroneis hollandezes Hous e Blaar, e 322 praças que sobreviveram ao combate de Tabocas e ao ataque da Casa Forte. — Os prisioneiros foram conduzidos por terra para a Bahia, e na viagem foi assassinado o coronel Blaar. E' o primeiro facto d'essa natureza que registra a nossa historia.

1645 (3 de Setembro). — Rende-se a André Vidal a fortaleza do Pontal (Pernambuco) defendida pelos chefes hollandezes Hoogstraten e Van der Ley.

1645 (17 de Setembro). — Rende-se a Christovão Lins a fortaleza de Porto Calvo (Alagôas).

1645 (19 de Setembro). — Rende-se a Nicoláo Aranha a fortaleza do Penedo (Alagôas) defendida por 266 hollandezes.

1654 (15 de Janeiro). — Rende-se a André Vidal o forte das Salinas (perto do Recife) com 8 officiaes e 70 soldados que sobreviveram ao bombardeamento e ataque.

1654 (19 de Janeiro). — Rende-se aos generaes Barreto e aos coroneis (mestres de campo) Vidal, Vieira e Henrique Dias a fortaleza de Altenar (perto do Recife). Ficaram prisioneiros o commandante Berghen, 11 officiaes e 227 inferiores e soldados. (Os algarismos que aqui damos indicam sómente o numero de prisioneiros e não da guarnição das fortalezas rendidas. Não mencionamos os mortos, nem os trophéos tomados. Em Altenar, por exemplo, cahiram em nosso poder 10 peças e 5 bandeiras. Tambem não

A creção da medalha de Uruguayana, por decreto de 27 de Setembro,

---

mencionamos todas as fortalezas *tomadas*, mas sómente as que se *renderam* ou *capitularam*.

1654 (22 de Janeiro). — Rende-se a André Vidal o reducto Milhou (Cabanga, junto ao Recife). Ficáram prisioneiros o capitão Brinck (filho do coronel do mesmo nome, morto na segunda batalha de Guararapes) e 52 soldados, unicos que sobreviviam.

1654 (26 de Janeiro). — Capitulação dos Hollandezes no Recife. N'essa capitulação estipulou-se a entrega de todas as praças occupadas pelos Hollandezes no norte do Brazil. As fortalezas que tinha o inimigo no Recife e na cidade de Mauricia ou Mauritztsad (hoje bairro de Santo Antonio na cidade do Recife) eram : Recife, Mauritzstad, forte Ernesto, Weerdemburgh (Tres Pontas), S. Jorge, forte do Mar, Bruyne (Brum), Madame Bruyne (Buraco), Salinas, Goch, Altenar, Frederico Henrique (Cinco Pontas), Reducto de Pedra, Boa Vista, Reducto Esfalfado, Principe Guilherme (Affogados), Avançada da Barreta, Barreta, e ilha ao norte da Barreta (Vid. VARNHAGEN. *Hist. das Lutas dos Hollandezes no Brazil*). — Alguns d'esses fortes tinham sido tomados já pelos nossos ou abandonados pelo inimigo.

Pela capitulação de 26 de Janeiro foram-nos entregues tambem — a ilha de Fernando de Noronha e seus fortes; na ilha de Itamaracá o forte Orange, 13 peças, e Villa-Schkoppe, 5 peças; na Parahyba, a fortaleza do Cabedello, 33 peças, e os fortes da Restinga, 10 peças, S. Antonio 6 peças, Schonemborch, 7 peças, e Guaráu, 3 peças; no Rio Grande do Norte, o forte Ceulen, ou Natal, 31 peças; e no Ceará a fortaleza Schoemborch, 11 peças. No Recife cahiram em nosso poder 294 peças (117 de bronze e 177 de ferro), 5.200 espingardas e um grande numero de espadas, lanças, pistolas e munições. Esta capitulação foi assignada, por parte dos Hollandezes pelo tenente-general Siegmundt Von Schkoppe, presidente Schonemborch, secretario do governo Hendrick Haecx, conselheiro Gisbert de With, presidente dos escabinos Huybrecht Brest, tenente-coronel Van de Wall e capitão Van Loo; e, pela nossa parte, pelo general Francisco Barreto de Menezes, mestre de campo André Vidal de Negreiros, auditor geral Alvares Moreira, capitão secretario Gonçalves Corrêa, e capitão Affonso de Albuquerque.

Entre as capitulações que registra a historia militar da America é esta a mais importante. Os Hollandezes já expulsos de Sergipe, Alagôas e Maranhão, evacuaram todos os fortes que occupavam desde Pernambuco até o Ceará.

1710 (19 de Setembro). — Rendição dos Francezes que ás ordens de Duclerc atacaram a cidade do Rio de Janeiro. O chefe d'essa expedição foi mezes depois, estando prisioneiro, assassinado n'esta cidade. E' o segundo facto vergonhoso que registra a nossa historia. O primeiro, como já vimos, foi o assassinato do coronel hollandez Blaar, em 1645.

1766 (26 de Março). — Capitula o forte hespanhól de Santa Thecla, sitiado pelo major, depois general, Raphael Pinto Bandeira. A guarnição sahe com as honras da guerra para Montevidéo. Compunha-se do commandante L. Ramirez, 6 officiaes e 212 praças.

1801 (13 de Agosto). — Capitula em S. Miguel (Missões d'aquem Uruguay) o tenente-coronel D. Francisco Rodrigo com 150 homens de tropas regulares. Essa capitulação foi ajustada entre o mencionado chefe e José Borges do Canto, desertor de um dos nossos regimentos, o qual á frente de 40 aventureiros e alguns indios sitiou S. Miguel. Quando o chefe hespanhol se retirava, conduzindo 10 bocas de fogo, sahio-lhe ao encontro o celebre guerrilheiro Manoel dos Santos Pedroso, que o aprisionou, tomando-lhe a artilharia, e declarando que não podia respeitar a capitulação ajustada por um tenente-coronel com um soldado desertor. O tenente-coronel hespanhol e os seus soldados foram depois postos em liberdade por ordem do governador do Rio Grande do Sul.

1801 (31 de Outubro). — Capitulação do Serro Largo (Banda Oriental), sitiada pelo coronel, depois general, Marques de Souza. Capitularam com as honras da guerra, retirando-se para Montevidéo, 590 Hespanhóes ás ordens do commandante Bolanos.

1817 (19 de Janeiro). — Capitulação de Montevidéo, de que já fallamos em uma das notas anteriores.

1823 (30 de Julho). — Capitulação dos Portuguezes que ás ordens do major Fidié (700 homens) defendiam-se nas trincheiras do Monte da Taboca, perto de Caxias (Maranhão), e eram sitiados pelas tropas do Ceará, Piauhy e Maranhão ás ordens do coronel Filgueiras. Fidié foi conduzido preso até o Rio de Janeiro e humanamente tratado pelas populações do interior, apezar da tenaz resistencia que n'essa êpoca de exaltação politica havia opposto á proclamação da independencia do Brazil.

1827 (9 de Maio). — Depois de um rapido combate rende-se em Serro Largo ás tropas do tenente coronel Calderon (mais tarde general) o regimento argentino commandado pelo coronel Ignacio Oribe.

O assassinato dos chefes prisioneiros Blaar (1645) e Duclerc (1710) foi devido provavelmente a vinganças particulares. Nunca fôram descobertos os autores d'esses crimes.

tinha por fim commemorar esta victoria commun da civilisação sobre o vandalismo (1).

No dia 21 foram pelo Imperador convidados para um esplendido almoço os generaes alliados com os seus estados-maiores, depois de terem assistido, em uma capella improvisada junto á tenda imperial, ao solemne *Te-Deum* em acção da graças pela victoria do dia 18, ao qual estiveram presentes os generaes Mitre e Flôres. Os dous alliados do Imperador mostraram-se encantados deante da affabilidade e maneiras despretenciosas de D. Pedro II (2).

Em uma communicação ao Dr. Marcos Paz, vice-presidente em Buenos-Aires, dizia Mitre :

« ... Tendo-se estipulado que a guarnição sahiria das trincheiras desarmada e sem as honras da guerra, com os seus chefes e officiaes desarmados na frente, um official que sahia com a bandeira desenrolada foi despojado d'ella, ao passar pelo general Cabral, ajudante de campo de Sua Magestade o Imperador do Brazil. O Imperador tomou-a e m'a entregou. Eu a aceitei em nome do povo argentino, em memoria do dia de hontem, em que perto de 7,000 homens desfilaram rendidos ante o soberano e os representantes da soberania dos povos alliados (3). Offereço esse trophéo á minha patria como duplamente precioso e memoravel. A tropa do inimigo será dividida entre os Alliados em partes iguaes, segundo as estipulações anteriores. Opportunamente se dará conta d'este successo ao ministerio da guerra, assim como a relação dos trophéos que toquem á Republica Argentina. Em tal occasião terei o prazer de declarar o cavalheirismo com que se hão portado os nossos nobres Alliados do Brazil, querendo ceder-nos maior numero de trophéos, especialmente artilharia. Honra que declinámos, acceitando, tanto o general Flôres com eu, uma só peça de artilharia » (4).

Igual tino e a mesma benevolencia para com os seus Alliados manifestaram durante toda a guerra o Imperador e os representantes do Brazil. Isto, mais do que as clausulas obrigatorias do tratado, explica a fiel observancia da Alliança pela Republica Argentina e pela Republica Oriental.

No dia 23 de Setembro obteve o Imperador um triumpho não menor, recebendo em sua tenda diante de Uruguayana o ministro inglez Thornton, que em audencia solemne lhe apresentou suas credenciaes, por ter sido transferido da Republica Argentina para o Rio de Janeiro. Este acto conciliatorio terminou o conflicto, que por pouco teria motivado um rompimento entre o Brazil e a Grã-Bretanha (5). O ministro inglez até então no Rio de

---

(1) Foi creada por decreto de 20 de Setembro de 1865. A medalha pende de uma fita dividida em tres listras de largura igual, sendo as dos lados azul celeste, e verde a do centro.

(2) O conego Gay, no opusculo que temos citado, accrescenta : «... Os officiaes do estado-maior do general Mitre, apesar de convidados, recusaram sentar-se á mesa, dizendo que entre elles ninguem podia sentar-se á mesa do chefe da nação. »

(3) O general Mitre poderia ter dito : ante os representantes da soberania *dos tres povos alliados*. O Imperador é o primeiro representante da nação brazileira. Tambem entre nós o povo é soberano, e todos os poderes são delegações da nação.

(4) Os trechos citados são da carta escripta pelo general Mitre, em 19 de Setembro, ao vice-presidente Dr. Paz. Esse documento encontra-se na obra de Thompson traduzida e annotada em Buenos-Aires, pag. XI do Appendice.

(5) « Conflicto que por pouco teria motivado um rompimento entre o Brazil e a Grã-Bretanha. O ministro inglez até então acreditado no Rio de Janeiro, Mr. Christie... » — O Sr. Schneider não obteve sobre este ponto informações exactas. As relações entre o Brazil e a Grã-Bretanha estavam interrompidas desde que em 1863 o ministro Christie

Janeiro, Mr. Christie, tinha concorrido para exacerbar os animos, e esta nomeação de Thornton foi para o Imperador uma grande satisfação, porque a attitude hostil da Inglaterra teria paralysado os extraordinarios sacrificios e esforços do Brazil contra o presidente Lopez.

No dia 24 conferenciou-se a respeito do modo de proseguir na guerra. No dia 25, depois de ouvir uma missa pelo eterno descanço dos mortos n'esta campanha, e em commemoração do fallecimento do fundador do Imperio, D. Pedro I, Sua Magestade sahiu de Uruguayana abordo da canhoneira *Onze de Junho*, e, visitando Itaqui e S. Borja, voltou ao Rio Grande, e d'ahi ao Rio de Janeiro.

No dia 19 as tropas orientaes passaram o Uruguay e no 21 as tropas argentinas (1). Com estas seguia a Legião Paraguaya, commandada por Iturburn, a qualse incorporaram muitos dos prisioneiros, que realmente pareciam desgostosos do jugo debaixo do qual até então tinham vivido.

---

ordenou que a esquadra ingleza capturasse junto á barra do Rio de Janeiro alguns navios mercantes brazileiros, em consequencia da recusa do governo imperial em attender ás reclamações d'esse ministro. Christie deixou o Rio de Janeiro, e o Brazil retirou tambem a sua legação em Londres. A questão foi submettida ao arbitramento do Rei dos Belgas, Leopoldo I, cujo laudo foi favoravel ao Brazil. Sua Majestade Fidelissima offereceo depois graciosamente a sua mediação para que se reatassem as relações entre o Brazil e a Grã-Bretanha, mas o governo imperial não quiz dar passo algum para uma aproximação sem receber a satisfação a que tinha direito. O governo inglez enviou então o Sr. Thornton á presença do Imperador afim de declarar que a Grã-Bretanha estava prompta a nomear um ministro para o Brazil, logo que este concordasse em que fossem renovadas as relações diplomaticas.

O Imperador recebeo o Sr. Thornton no dia 23 de Setembro em sua tenda de campanha, a um quarto de legua de Uruguayana, proferindo o ministro inglez o seguinte discurso :

« Senhor. — Tenho a honra de depositar nas mãos de Vossa Majestade Imperial a carta pela qual Sua Magestade a Rainha se dignou acreditar-me como seu enviado em missão especial junto de Vossa Majestade Imperial e supplico a Vossa Majestade Imperial se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amizade, e as expressões que fui encarregado de transmittir por Sua Majestade a Rainha e pelo meu governo.

Estou incumbido de exprimir a Vossa Majestade Imperial o sentimento com que Sua Majestade a Rainha vio as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amisade entre as côrtes do Brazil e Inglaterra, e de declarar que o governo de Sua Majestade nega da maneira mais solemne toda a intenção de offender a dignidade do Imperio do Brazil; e que Sua Majestade aceita completamente e sem reserva a decisão de Sua Majestade El-Rei dos Belgas; e será feliz em nomear um ministro para o Brazil, logo que Vossa Majestade Imperial estiver prompto para renovar as relações diplomaticas.

« Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de Sua Majestade e do seu governo, e estou convencido que Vossa Majestade Imperial ter á a bondade de aceital-os com o mesmo espirito de conciliação que os dictou. »

Sua Majestade Imperial respondeu pelo seguinte modo :

« Vejo com sincera satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o governo do Brazil e o da Grã-Bretanha.

« A circumstancia de tão feliz acontecimento se realisar onde o Brazil e seus leaes e valentes Alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defeza do direito, augmenta meu prazer, e prova que a politica do Brazil continuará a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.

« Assim, com esta satisfação, renovam-se as relações amigaveis do Brazil com a Inglaterra, que se mostrou verdadeiramente grande, reconhecendo o nosso direito. »

(1) No dia 19 passaram o Uruguay o regimento de cavallaria S. Martin (argentino) e o 16º batalhão de voluntarios da patria.

Do dia 20 a 22 passaram as tropas orientaes e brazileiras, e de 23 a 25 as argentinas, reunindo-se todas em Restauracion.

No dia 1º de Outubro os generaes Mitre e Flôres á frente dessas tropas marcharam em direcção a Mercedes.

Os generaes Ozorio e Gelly Obes estavam então perto de Curuzú Cuatiá, em marcha sobre o mesmo ponto.

Houve, comtudo demasiada leviandade em admittir esta gente na legião, ao menos assim o indicam alguns successos posteriores. Na provincia do Rio Grande do Sul só ficaram Brazileiros, dirigindo-se alguns batalhões do exercito imperial para Corrientes, por pertencerem ao exercito do general Ozorio, acampado perto da Concordia.

Assim foram Yatay e Uruguayana dous feitos de grande importancia, quanto ao ulterior proseguimento da guerra (1).

---

(1) Eis as perdas dos Brazileiros durante a campanha do Uruguay :

	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	
Combate de S. Borja (10 de Junho)......................	?	21	?	64	»	»	85
Tiroteio nas Tres Figueiras (25 de Junho)..............	»	»	»	»	»	7	7
Combate do Botuhy (26 de Junho)......................	3	37	2	76	»	»	118
Tiroteio no Passo de Santa Maria, no Ibicuhy (20 de Julho)......................	»	5	»	12 ?	»	»	17 ?
Guerrilhas e tiroteio perto de Uruguayana (5 e 6 de Agosto)....................	»	6	»	10 ?	»	»	16 ?
Batalha de Yatay (17 de Agosto)....................	»	19	2	32	»	»	53
Tiroteio perto de Uruguyana (19 de Agosto)..............	»	3 ?	»	15 ?	»	»	18 ?
Idem (2 de Setembro).........	»	2	»	2	»	»	4
Rendição de Uruguayana (18 de Setembro)..............	»	»	»	»	»	»	»
	3	93	4	211	»	7	318

Os Argentinos tiveram em Yatay 3 officiaes e 10 soldados mortos, e 12 officiaes e 74 soldados feridos (fóra de combate 99). Nas guerrilhas que sustentaram desde S. Thomé os coroneis Paiva e Reguera tiveram uns 30 homens fóra de combate.

Os Orientaes em Yatay tiveram 3 officiaes e 48 soldados mortos e 23 officiaes e 114 soldados feridos.

Resumo da perda dos Alliados n'esta campanha :

Brazileiros..............	96 mortos,	215 feridos e 7 extraviados........	318 homens.
Orientaes...............	51 —	137 —	188 —
Argentinos.............	13 —	86 —	99 —

(Sem fallar nos mortos e feridos do coronel Paiva, que foram poucos.)

Os Paraguayos perderam nos differentes tiroteios e combtaes, na batalha de Yatay e em Uruguayana todo o corpo expedicionario de Estigarribia, 13 bandeiras (2 em Botuhy, 4 em Yatay e 7 em Uruguayana) e 6 peças de artilharia em Uruguayana.

IX

Até á passagem do Paraná pelos Alliados

Summario. — Consequencias das victorias dos Alliados no Yatay e em Uruguayana. — Desengano de Lopez. — Falham por toda a parte seus planos. — Resolve abandonar a offensiva, evacuando Corrientes antes que os Alliados avancem contra o exercito de Resquin. — Estado do espirito publico nos tres paizes Alliados. — A Republica Oriental não podia augmentar o seu contingente de tropas. — Na Republica Argentina succede ao primeiro enthusiasmo a mais estranha indifferença. — A provincia de Buenos-Aires é a unica que se empenha sériamente na guerra. — Enthusiasmo dos Brazileiros pela guerra. — Grandes recursos militares que apresenta o Imperio. — Augmenta consideravelmente seu exercito e sua esquadra. — Os « Voluntarios da Patria ». — Ciúmes e despeito dos Alliados do Imperio. — Escaramuças em Corrientes. — Effeito produzido no Paraguay pelos desastres do Yatay e da Uruguayana. — Furôr de Lopez. — Estigarribia é declarado traidor. — O general Resquin começa a retirar-se em direcção ao Passo da Patria (principios de Outubro). — Vai devastando todo o territorio que atravessa. — O general Caceres, com a cavallaria correntina, segue-o de perto. — Mitre, Flôres e Argollo marcham de Uruguayana, e Ozorio e Gelli y Obes da Concordia. — Concentram-se em Mercedes. — Não podiam alcançar Resquin, separado dos Alliados por 40 leguas. — Porto Alegre com o 2º corpo do exercito brazileiro vai occupar S. Borja. — A esquadra brazileira dirigida por Barroso, e a cavallaria correntina de Caceres chegam á cidade de Corrientes (23 e 25 de Outubro). — As aguas do Paraná baixavam rapidamente. — Na noite de 2 para 3 de Novembro a ultima divisão do exercito de Resquin atravessa o Passo da Patria, abandonando o territorio argentino. — Poderia a esquadra brazileira ter impedido a retirada dos Paraguayos? — Só em fins de Dezembro chegam os exercitos alliados ás visinhanças do Passo da Patria. — Perdas padecidas até então por Lopez. — Frieza com que recebeu o exercito que voltava de Corrientes. — Explosão de colera que teve deante dos officiaes recem-chegados. — Terriveis ameaças que faz. — Nada póde abalar a fanatica dedicação dos Paraguayos pelo dictador. — Enfermidades no exercito paraguayo. — Estado do serviço sanitario. — Acampamento entrincheirado do Passo da Patria. — Fortificações em Itapirú, Curupaity e Humaitá. — Pormenores sobre a marcha dos Alliados até o Passo da Patria. — Um vapor paraguayo parlamentario (23 de Novembro). — Nota de Lopez de 20 de Novembro ao general Mitre, sobre os prisioneiros de guerra. — Resposta de Mitre (25 de Novembro). — Lopez deixa Humaitá e estabelece-se no Passo da Patria (29 de Novembro). — Execução do general Robles e de outros officiaes paraguayos (8 de Janeiro de 1866). — Precauções que toma Lopez, com receio de ser assassinado. — Começa a revelar o seu caracter feroz. — Fuzilamentos e castigos rigorosos. — Inacção dos Alliados. — Intenso calôr. — Falta d'agua para que a esquadra subisse. — Os cavallos e bois atacados de peste. — Os navios de guerra estrangeiros pretendiam constantemente subir até Humaitá. — Recepção que teve o Imperador D. Pedro II no Rio de Janeiro. — Commissão nomeada pelo governo ímperíal para a revisão da legislação militar. — Rumores de paz. — As potencias neutraes espreitam um momento opportuno para intervir em favor da paz. — Flôres parte para Buenos-Aires e Montevidéo. — Falta de vigilancia nas forças argentinas da vanguarda. — Correrias dos Paraguayos no Paraná. — Em Dezembro e Janeiro atravessam por vezes o rio em canôas e sustentam escaramuças com as avançadas argentinas á margem do rio. — A esquadra é censurada por não impedir esses desembarques. — Explicação que davam os officiaes de marinha brazileiros. — Combate de Corrales (31 de Janeiro de 1866) entre uma columna paraguaya, que desembarcou

na margem esquerda e as tropas argentinas do general Hornos e do coronel Conesa. — Brilhante resistencia dos Paraguayos. — Os Argentinos soffrem grandes perdas e interrompem á tarde o ataque. — Na manhã do dia seguinte voltam os Paraguayos para Itapirú. — Caloroso acolhimento que recebem de Lopez as forças expedicionarias. — Censuras dirigidas pela imprensa argentina ao general Mitre e almirante Tamandaré. — Este parte de Buenos-Aires para Corrientes (8 de Fevereiro). — Cinco vapores paraguayos descem de Humaitá e penetram no Alto Paraná. — Ameaçam Itatí onde estava o exercito de Flôres, então commandado pelo general Suarez (16 de Fevereiro). — Ordem de Mitre para que Suarez abandone Itati e se reuna em S. Cosme ao exercito argentino. — Executa-se esta ordem. — Estando Suarez 2 1/4 de leguas de Itatí, desembarcam os vapores paraguayos uma columna de tropas, que lançam nos ranchos do ultimo acampamento de Suarez, a 3 1/4 de legua de Itati, e saqueiam a aldeia (19 de Fevereiro). — Não são atacados, e voltam para Itapirú. — Chega ao porto de Corrientes o almirante Tamandaré (21 de Fevereiro). — Conferencias entre os generaes Alliados. — O plenipotenciario brazileiro, F. Octaviano, assiste a ellas. — Plano de campanha. — Conjecturas. — Difficuldades para os Alliados : falta de estradas e pontes; falta de mappas e de guias. — Forças de que dispunham os Alliados. — O almirante Tamandaré á frente da esquadra brazileira toma posição nas Tres Bocas e Passo da Patria (21 de Março). — Os Brazileiros começam a sondar o Alto Paraná debaixo dos fogos da margem paraguaya (21 de Março). — O forte de Itapirú. — Combates entre os navios brazileiros, o forte de Itapirú e as chatas paraguayas (começam no dia 22 de Março). — O exercito argentino acampa no Passo da Patria (23 de Março). — O mesmo faz o exercito brazileiro (26 de Março). — Continuam as explorações no rio. — Fogo mais animado entre os navios brazileiros e Itapirú nos dias 27 e 28 de Março. — Catastrophe do *Tamandaré*, (27 de Março) cuja officialidade fica toda fóra de combate. — A artilharia do exercito brazileiro é assestada na margem esquerda do Paraná, em Corrales, e rompe o fogo contra Itapirú (28 de Março). — Os Brazileiros, ás ordens do tenente-coronel Willagran Cabrita, occupam a ilha de la Rendencion, ou de Itapirú, e ahi se fortificam á noite (5 de Abril). — Começa o combate de artilharia entre a ilha e as posições occupadas pelos Paraguayos junto a Itapirú (6 de Abril). — Expedição feita pelo chefe Alvim até Lengua Paso. — Na volta são hostilisados os navios por uma bateria volante, collocada na ilha de Sant'Anna (6 de Abril). — Ataque da ilha de la Redencion pelos Paraguayos, dirigidos pelo coronel Dias (10 de Abril). — São repellidos. — Grande mortandade entre os Paraguayos. — Continúa depois o bombardeamento. — Morte de Willagran Cabrita e outros officiaes brazileiros (10 de Abril). — Rapida descripção do terreno comprehendido entre a confluencia do Paraguay, no Paraná, o forte de Itapirú e o campo entrincheirado do Passo da Patria. — Terrenos baixos e alagadiços; lagôas, banhados e pantanos. — O que se entende por *Carrizal*. — As trincheiras do Passo da Patria, defendidas tambem pelas lagôas Sirena, Panambí, Yuqueri e Pasopé. — Proclamação do general Ozorio ao exercito imperial (15 de Abril). — Embarcam á noite 10.000 Brazileiros ás ordens dos generaes Ozorio, Argollo e Sampaio (15 a 16 de Abril). — O almirante Tamandaré com a esquadra imperial dá fundo em linha de combate desde a ilha de Sant'Anna até as Tres Bocas, e começa o bombardeamento; Ozorio desembarca na margem esquerda do Paraguay, no sitio denominado Confluencia (16 de Abril). — Primeiro combate da Confluencia (16 de Abril); são repellidos os Paraguayos e perseguidos por Ozorio atravez de lagôas e banhados. — Trovoada e chuva. — Acampa o general Ozorio. — Tiroteios á noite. — A segunda expedição ás ordens dos generaes Flôres e Paunero não póde desembarcar n'esse dia e só se reune a Ozorio na tarde de 17. — Evacuação de Itapirú pelos Paraguayos. — Lopez ordena que uma divisão ás ordens do tenente-coronel Benitez ataque o general Ozorio (manhã de 17 de Abril). — Victoria dos Brazileiros. — As canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalg* sondam na mesma occasião o canal do acampamento e são hostilisadas pelas tropas do coronel Diaz. — Flôres e Paunero reunem-se a Ozorio na tarde de 17, e parte da esquadra brazileira toma posição no canal explorado. — Os serviços prestados pela esquadra brazileira são reconhecidos pelos proprios Paraguayos. — Começa vigoroso na manhã de 18 o bombardeamento das trincheiras do Passo da Patria pela esquadra imperial. — Os Alliados occupam as ruinas de Itapirú (18 de Abril). — Reconhecimento pelos tres generaes em chefe. — A frente e os flancos da posição occupada pelos Paraguayos estavam defendidos por lagôas. — O fogo da esquadra obriga Lopez a retirar-se para o Estero Bellaco (madrugada de 19 de Abril). — Pouco depois retira-se do Passo da Patria na mesma direcção o exercito paraguayo dirigido pelo general Resquin. — O general Bruguez fica com o commando da guarnição do Passo da Patria. — Tiroteios entre as avançadas do general Sampaio e o inimigo (18, 19, 20 Abril). — Trabalhos dos engenheiros brazileiros : construcção de pontes. — Continúa sem interrupção o bombardeamento da esquadra sobre as posições inimigas. — O general Bruguez evacua o Passo da Patria na noite de 22 e reune-se a Lopez ao norte do

Estero Bellaco. — Os Alliados occupam as trincheiras do Passo da Patria (23 de Abril). — Os Brazileiros descobrem em um riacho o vapor *Gualeguay*, salvam-n'o e entregam-n'o aos Argentinos. — Perda que tiveram os Brazileiros com a passagem do Paraná. — Os Argentinos e Orientaes não perderam um só homem.

Os dous successos que acabamos de relatar modificaram radicalmente a posição dos belligerantes. Com verdadeiro terror reconheceu o presidente Lopez a importancia das forças contra elle reunidas em consequencia do seu violento e apaixonado proceder para com a Republica Argentina.

A esquadra que possuia, e da qual tanto esperara, por muito tempo ficara incapaz de affrontar a do Brazil, pelo que nem tentou mais reforçal-a ou pol-a em estado de operar, perdida a sua confiança depois do desastre do Riachuelo.

As noticias de Matto-Grosso já não eram favoraveis como nos primeiros dias da invasão. As tropas ahi deixadas, e as que a ellas se incorpararam depois (1), não conseguiram passar além de Corumbá, e os dous heroes do Alto-Paraguay, Barrios e Resquin, haviam sido chamados, por serem seos serviços mais necessarios no sul. Ao mesmo tempo os espiões Paraguayos enviavam noticias inquietadoras a respeito da reunião, nas provincias brazileiras de S. Paulo, Minas-Geraes e Goyaz, de tropas que não podiam ter outro destino senão pôr termo á occupação da parte meridional de Matto-Grosso.

O feito audaz de Paunero contra a cidade de Corrientes, e, principalmente, a derrota da divisão de Duarte no Yatay demonstraram a Lopez que seus adversarios tambem sabiam atacar. Suas perdas nos combates de Corientes, Riachuelo, S. Borja, Yatay, e o recente aprisionamento de 7,000 homens em Uruguayana, eram fundos golpes que lhe patenteavam a impossibilidade de encher os claros, embora pelo mais desapiedado e arbitrario recrutamento.

Na provincia de Corrientes, o novo commandante em chefe do exercito do sul não era mais feliz do que seu antecessor Robles. Cada dia mostravam-se os Correntinos mais adversos á pretendida annexação, não exercendo os poucos inimigos de Mitre influencia alguma sobre a massa da população. Falhára inteiramente o grande recurso da sublevação dos escravos, do qual contava o dictador sacar resultado decisivo, ao mandar a expedição de Estigarribia contra uma das mais importantes provincias do Brazil. Em parte nenhuma do Imperio, não obstante a ausencia das tropas regulares, se deu agitação que denotasse perigo da parte do elemento servil.

Tudo quanto parecêra a principio ousada e bem calculada combinação, falhou. Urquiza achava-se tolhido pela immediata proximidade do grande acampamento alliado da Concordia; o partido blanco no Estado Oriental, disperso e abatido, implorava auxilios e não os podia prestar; mallogrou-se a tentativa dos agentes de Lopez para contrahir na praça de Londres um emprestimo, e desvaneceu-se tambem a esperança de obter peças raiadas do Rei Guilherme da Prussia. O encarregado de negocios do Paraguay em Berlim, coronel Du Graty, autor de um importante trabalho sobre o Paraguay, offereceu ao Rei Guilherme uma consideravel porção de mate para os hospitaes militares. O tenente Benitez levou a Berlim essa herva, mas quando sollicitou a cessão de algumas peças recebeu resposta negativa.

---

(1) Lopez não augmentou as tropas que occuparam os districtos de Corumbá e Miranda, em Matto-Grosso; pelo contrario, reduzio o seu exercito do norte para augmentar o do sul.

Desamparado de todos os lados, viu-se Lopez reduzido a seus proprios recursos e não tardou em convencer-se de que tinha de abandonar a offensiva. Foi consequencia necessaria d'esta convicção o facto de mandar passar o Paraná a todas as suas tropas que ainda estavam em Corrientes e de limitar-se d'ahi por diante á defensiva. Não lhe convinha sobretudo arriscar uma grande batalha, intento que aliás não tinham os Alliados, pois, se para ella se preparavam, não queriam, entretanto, accelera-la. O que desejavam era conseguir antes superioridade numerica e tropas dignas de confiança.

Vejamos agora qual o estado das cousas, nos paizes e exercitos dos Alliados.

Na Republica Oriental não se percebia o menor enthusiasmo pela guerra. Os delegados do governador provisorio, Flôres, não lhe podiam mandar tropas, dinheiro, nem material de guerra. A's commoções da guerra civil succedeu a mais completa apathia. O partido blanco contentava-se com uma resistencia passiva ao governo, e os colorados nenhuma vantagem directa esperavam, para a Republica Oriental, da luta do Brazil contra o Paraguay; pelo contrario estavam desgostosos por verem o general Flôres preferir á casa do governo em Montevidéo sua barraca de campanha, trabalhando no conseguimento de victorias certamente improficuas para o paiz, acabrunhado por innumeras calamidades domesticas. Houve muita alegria, muita effusão de jubilo pela victoria de Flôres no Yatay, muito desvanecimento pelo brilho da gloria militar; nada, porém, se fez para facilitar ou provocar ulteriores successos. Mais tarde se soube que o Brazil, desde o momento da Alliança, pagou ao governo oriental consideraveis subsidios até ao fim da guerra, encarregando-se do soldo, do equipamento e municiamento do contingente oriental. Não deixou isto de agradar. Ainda mais contentamento produzio na população de Montevidéo tornar-se este porto escala permanente para o material bellico incessantemente enviado do Brazil e estação para o transporte de tropas. Entraram evidentemente em circulação sommas prodigiosas, e os lucros consideraveis deram grande impulso a essa capital e a todo o paiz.

As tropas regulares, já em pequeno numero no tempo do governo blanco, tinham cessado de existir. Quasi todos os officiaes d'aquella parcialidade politica tinham ido para Paysandú, procurando, depois da rendição de Montevidéo, Urquiza em Entre-Rios, ou Lopez no Paraguay. Poucos se alistaram no contingente do general Flôres. O governo provisorio tratou de organisar alguns batalhões, mas considerou-os mais necessarios para abafarem qualquer levantamento dos blancos do que para augmentar as forças de Flôres em operações contra o Paraguay. Bem se via que o estado de cousas existente não passava de provisorio, e, não correndo risco o territorio da republica, suppunham poder prescrindir dos encargos inherentes á Alliança, sobretudo quando não deixava de ser humilhante para os Orientaes a preponderancia brazileira n'esta guerra (1). D'ahi provieram muito desgostos, muita inacção e indifferença, divergencias que ainda mais se accentuaram, quando antes da tomada de Humaitá, agastado pela perda quasi total do seu contingente, voltou Flôres, para succumbir em Montevidéo aos golpes de assassinos.

Na Republica Argentina, ao primeiro enthusiasmo e á indignação da

---

(1) Já declarámos que só rectificariamos as proposições do autor que tivessem relação immediata com a nossa historia. Deixâmos por isso passar sem reparo muitas de suas apreciações.

raiva seguira-se estranha indifferença, e, para bem dizer, só o cidade e a provincia de Buenos-Aires concorreram sériamente para a guerra. O presidente Mitre aproveitou-se das palavras dos gritadores e, pondo em pratica as medidas por elles propostas, mobilisou varios batalhões da guarda nacional, sem attender ás occupações civis dos individuos destacados. As outras provincias mostraram-se recalcitrantes. Não faltaram ordens nem exhortações de Buenos-Aires, para que em todo o territorio da republica se fizessem levas e se formassem contingentes, mas só Santa-Fé, provincia visinha do theatro da guerra e uma das mais expostas á invasão paraguaya, patenteou alguma actividade. Mesmo em Buenos-Aires não se apresentaram voluntarios, com excepção da chamada Legião Paraguaya, que ao principio não chegava para formar uma companhia e só depois da rendição de Uruguayana veiu a ser um verdadeiro corpo. Um batalhão de Cordova, organisado com grande esforço pelo governo provincial, amotinou-se quando já estava no Rosario e prompto para embarcar para Entre-Rios. Todo esse batalhão, se tal nome merecia, compunha-se de 400 praças das quaes 198 desertaram e 14 tiveram de ser fusiladas por terem aggredido a escolta que as acompanhara de Cordova ao Rosario. Suppoz-se que fôra causa d'este levantamento a noticia do motim e da dissolução do contingente entre-riano em Basualdo. O batalhão recrutado na povincia da Rioja, ao marchar para o Paraná, esbarrou com um bando de « montoneros » e foi quanto bastou para se dispersar totalmente. Quando o governo provincial de Santa-Fé teve noticia que as tropas de Urquiza haviam recusado marchar para a guerra, sendo até algumas licenciadas, censurou em uma proclamação o procedimento dos Entre-Rianos e exhortou os Santa-Fécinos a conservarem-se fieis ao governo central. Para este fim o governador Oroño convocou o congresso provincial, mas sua proclamação foi reprovada por ser uma disfarçada exigencia de novas tropas.

Quanto mais energico era o procedimento de Mitre e mais decidida n'esta questão a preponderancia de Buenos-Aires, tanto mais aspero se tornava o antagonismo dos unitarios e federaes, dous partidos semelhantes aos blancos e colorados do Uruguay, que entre si disputam a primazia nas questões politicas da Republica Argentina. Os « unitarios » ou « centralistas » querem dar a hegemonia da confederação á provincia ou estado de Buenos-Aires por ser o maior, o mais rico, o mais populoso e o mais vantajosamente situado para as relações commerciaes; os « federaes », a exemplo dos Estados-Unidos da America do Norte, querem transferir o governo central para uma cidade provincial ou antes successivamente para cada uma das capitaes das 14 provincias confederadas. Por isso são os federaes adversarios natos de qualquer presidencia e de qualquer governo que resida em Buenos-Aires. Os dous partidos lutam pela posse de poder, capitaneados os centralistas por Mitre e os federaes por Urquiza ou Derqui (1).

O desgosto e o tedio manifestados em Buenos-Aires e em outras pro-

---

(1) O general Justo José de Urquiza e o Dr. Santiago Derqui já não existem. Emquanto o primeiro viveu, o antigo partido federal conservou um resto de organisação, mas depois desappareceu de todo, incorporando-se aos differentes grupos em que se dividiram os unitarios, vencedores desde 1861. A força do partido unitario estava a principio em Buenos-Aires, e a do federal nas outras provincias da confederação. Os federaes não combatiam, como diz o autor, qualquer governo que residisse, em Buenos-Aires. Sua bandeira era a da autonomia das provincias; consideravam-n'as estados livres e soberanos unidos apenas pelo laço da federação. Dorrego e Rosas, que pertenciam ao partido federal, governaram a Confederação residindo em Buenos-Aires.

vincias argentinas, foram provocados pela morosidade do grosso do exercito, que se disciplinava na Concordia (1). Contára-se com uma rapida campanha e prompta terminação da guerra, esperanças augmentadas pela marcha de Paunero contra Corrientes e pela victoria do Riachuelo. No emtanto agora viam-se os generaes brazileiros e o presidente Mitre, que d'elles recebia inspirações, empenhados só a preparar afanosa e systematicamente os elementos da lucta. Se tivessem arrojado os gaúchos de Urquiza sobre os Paraguayos (pensavam os soffregos), se a esquadra brazileira tivesse de uma vez subido até Humaitá, tudo já estaria terminado com a antiga e habitual celeridade. Com esse demorado tirocinio de disciplina e exercicios, com essas delongas nada se conseguia de favoravel como o demonstrava a defecção das tropas entre-rianas.

Não era menor o escarcéo levantado pelas medidas de Mitre a respeito dos emigrados politicos do Estado Oriental, que tinham ido residir em Entre-Rios. Possuindo provas de que Aguirre, Carreras e Sáa (Lanza Secca), protegidos por Urquiza e dedicados a Solano Lopez, só esperavam a opportunidade de açular o partido blanco, não duvidou Mitre expellil-os de Entre-Rios. Nesta occasião passou Carreras para o Paraguay, onde lhe estava reservado um tragico fim. O effeito d'essas censuras e agitações foi empecer a nobre actividade do presidente Mitre e tolher-lhe mais de uma resolução.

Não se póde desconhecer que o principal motivo de taes embaraços era o ciume e antipathia nacional contra o Brazil, cujos recursos militares, manifestando-se tão inesperadamente grandes, inspiravam aos Argentinos sérios cuidados do futuro. Nunca se vira no ancoradouro de Buenos-Aires esquadra tão poderosa. Cada vez surgiam mais vasos de guerra brazileiros e ultimamente até alguns encouraçados, contra os quaes era impotente a artilharia que possuia a Republica Argentina. Deante do poder militar que ostentava o Imperio dirigia já então o povo de Buenos-Aires suas vistas para a ilha de Martin Garcia e fallava-se em fortifical-a. Em Entre-Rios tinham os Brazileiros reunido 25,844 homens no acampamento da Concordia e no rio Corrientes, dispondo além disso de mais 32,000 homens na Candelaria e na provincia do Rio Grande do Sul (2). Os Brazileiros pagavam tudo á vista, e pela primeira vez viam os povos do Prata uma officialidade instruida e o garbo de um exercito regular. Não se podia formular uma só accusação, ou queixa contra esses estrangeiros, e isso era mais um motivo de desgosto. Devemos confessar que aos esforços de Mitre, Paz, Elizalde, Gelly y Obes, Paunero, Lagraña, e outros partidarios da Alliança, deve-se não ter este antagonismo influido desastrosamente no decurso dos acontecimentos.

No Brazil não esmorecia a leal dedicação do povo. A actividade com

---

(1) Com quanto seja certo que os movimentos dos alliados podiam ter sido mais rapidos, nem por isso vemos razão para que o autor falle tanto em « morosidade nas operações ». E' preciso attender-se a que os Alliados tiveram de improvisar exercitos e crear ás pressas elementos de guerra para poderem fazer frente ao poder militar de Lopez, e é indispensavel tambem levar em linha de conta as grandes distancias a percorrer e os obstaculos que no inverno offerecia o terreno a exercitos numerosos que deviam conduzir apóz si tudo quanto precisavam, pela pobreza da região que tinham de atravessar. Em Junho começaram a reunir-se nas visinhanças da Concordia os exercitos alliados. Cumpria disciplinar os recrutas, os guardas nacionaes e voluntarios. Ainda assim em 18 de Julho marchou para o norte a expedição de Flôres e em 18 de Setembro terminou a campanha do Uruguay. Logo depois avançaram os Alliados da Concordia e Uruguayana sobre Mercedes no centro de Corrientes, e d'ahi para o Passo da Patria.

(2) Já mostrámos em uma nota ao Cap. VI, pg. 146-148, as avultadas forças que o

que no anno de 1865 se foram desenvolvendo os elementos de guerra, tem um quê de extraordinario, e até de assombroso, attenta a indole pacifica d'essa nação. A creação dos corpos de « Voluntarios da Patria » (1) deu ao exercito consideravel impulso. Organisados pelo systema da *landwehr* prussiana de 1813, levaram esses batalhões para o exercito soldados, tirados das classes, que até então tinham ficado insentas do serviço militar. E' verdade que este resultado deu-se por meio de sacrificios que, onerando pesadamente a fazenda publica, nem mesmo cessaram com a terminação da guerra. Era natural que escasseassem os recursos financeiros e se tornasse difficultosa a posição do governo, mas nem isso, nem a crescente opposição parlamentar puderam abalar o firme proposito do Imperador, que ao ver ultrajada a honra nacional e ameaçada a posição politica do Imperio pela impudente aggressão de Lopez, só queria dar por finda a lucta depois de victoria completa. Tambem os Brazileiros se impacientavam com a morosidade das operações militares e por mais de uma vez a imprensa do Rio de Janeiro e das provincias se manifestou com desabrimento contra o governo e os generaes alliados. Entre os mais ardentes opposicionistas mencionaremos o conhecido orador visconde de Jequitinhonha, cujas diatribes nos mostram, agora que terminou a guerra, até onde póde ir uma opposição desvairada (2). O governo, entretanto, não podia confessar os motivos da procrastinação, sem manifestar offensiva desconfiança contra um exercito brioso.

Depois da rendição de Uruguayana combinaram os tres Alliados um novo plano de operações. Era chegado o momento de partir da Concordia o grosso do exercito. Os repetidos revezes experimentados pelos corpos expedicionarios do Paraguay sob o commando de Robles, Resquin, Duarte e Estigarribia, haviam retemperado o moral das tropas já então aguerridas e pela mór parte disciplinadas. Se Lopez não chamasse espontaneamente seu exercito de Corrientes para o Paraguay, era de suppôr que sem

---

Brazil empregou na guerra desde que esta rompeu até á passagem do Paraná pelos Alliados.

Eis as forças do 1º corpo de exercito, ao mando do general Ozorio, desde que começou a organisar-se até o 1º de Março de 1866 :

1865.	1º de Abril	10.255	homens.
—	1º de Junho	15.586	—
—	1º de Julho	18.977	—
—	1º de Setembro	18.345	—
—	1º de Outubro	18.782	—
—	1º de Dezembro	28.849	—
1866.	1º de Janeiro	32.256	—
—	1º de Março	33.078	—

Tomamos esses algarismos dos mappas que se guardam no archivo da secretaria da guerra.

Na Candelaria e no Rio Grande do Sul não tinhamos 32.000 homens como diz o Sr. Schneider. O 2º corpo de exercito brazileiro ás ordens do general conde de Porto Alegre compunha-se em Dezembro de 1865 de 15.396 homens, postados em S. Borja e em outros pontos da margem do Uruguay. Em 15 de Janeiro de 1866 tinha 15.660 homens. Desses, 9,300 atravessaram em Março de 1866 o Uruguay e em meiados de Abril ameaçaram Itapua.

(1) Os batalhões de Voluntarios da Patria foram creados por um decreto de Janeiro de 1865, referendado pelos ministros do gabinete de 31 de Agosto (Furtado).

(2) O autor refere-se talvez ao celebre *Protesto contra a intervenção dos alliados no sitio e rendição de Uruguayana*, publicado em 1865 pelo senador visconde de Jequitinhonha. Cumpre, porém, notar que a opposição conservadora (o visconde de Jequitinhonha não pertencia a ella) coadjuvou sempre o governo imperial, e do modo mais efficaz, no patriotico empenho de pôr termo glorioso á guerra do Paraguay. O Sr. Schneider não tem razão na censura que faz ao visconde de Jequitinhonha.

novos combates este não recuasse diante das forças alliadas. Prevalecia comtudo uma divergencia a respeito do momento em que se devia assumir a offensiva. Os generaes exigiam a cooperação da esquadra, não só para o combate, como para transportar os viveres e manter uma linha franca de communicações, mas o almirante Tamandaré declarava que só com os encouraçados poderia avançar, porque não queria expôr seus navios senão quando fosse absolutamente indispensavel fazel-o. Emquanto não tivesse encouraçados em numero sufficiente não julgava poder tomar a offensiva e por isso limitar-se-ia a acompahar o exercito victorioso. Allegava tambem que se os generaes tinham tido necessidade de longos preparativos na Concordia para a segurança de suas armas, a esquadra se achava em analogas circunstancias, pois a batalha do Riachuelo, e os combates de Bella Vista (1) e Cuevas haviam evidenciado os perigos a que os navios de madeira se expunham, subindo lentamente o rio pela frente da artilharia raiada dos Paraguayos; e se as forças de terra podiam impunemente soffrer algum revez, qualquer desastre da esquadra acarretaria o completo mallogro da campanha.

O Imperador D. Pedro II não podia intervir e muito menos decidir entre estas opiniões contradictorias. Marchando o exercito para o norte em direcção ao Paraguay, isto é, atravez de Entre-Rios e Corrientes, onde eram encetadas as operações, ao presidente Mitre cabia, pelo tratado, o commando em chefe e toda a responsabilidade. O Imperador não tinha a faculdade de transpôr a fronteira do Brazil, e, passando a ser theatro da guerra o territorio argentino, regressou para sua capital.

No dia 25 de Setembro sahira D. Pedro de Uruguayana, dirigindo-se por Itaqui para S. Borja, onde chegou no dia 27. Espalhara-se então a noticia de que uma nova divisão paraguaya, atravessando mais ao norte do Uruguay, avançava pela margem esquerda do rio, no intuito de reconquistar a villa de Uruguayana. A noticia era falsa. Pelo contrario as poucas guarnições que haviam ficado no territorio das Missões d'entre Uruguay e Paraná, foram-se retirando para a Candelaria. De S. Borja continuou o Imperador sua viagem de regresso, animando e excitando a formação de novas tropas, apressando a partida das que demandavam o Uruguay e estimulando as autoridades e as corporações, que, para corresponderem aos desejos e exhortações do chefe do estado, rebobraram de zelo e esforços.

O boato, a que nos referimos, da approximação de novas forças paraguayas teve origem na expedição do general Henríque Castro, oriental, a quem o presidente Mitre (2), depois do combate do Yatay, mandára com 2.700 homens pela margem correntina do Uruguay com o fim de explorar o norte e interceptar qualquer remessa de auxilios que de Candelaria pro-

---

(1) De Mercedes, e não Bella Vista.

(2) Leia-se — *a quem Flôres* — Mitre ainda estava na Concordia.

(*) D'este pequeno encontro faz menção Thompson no cap. VIII da sua obra. Jourdan no interessante opusculo — *Guerra do Paraguay,* — que acompanha o *Atlas Historico da Guerra*, cita outro combate travado em 21 de Agosto em Jaguareté Corá, em que o general Hornos derrotou uma força paraguaya, matando-lhe 83 homens, aprisionando 382, e tomando uma bandeira. Parece-nos, porém, que ha erro de data. Não dispomos de tempo para verificar estes e outros pontos, mas o historiador d'esta guerra, querendo conhecer por miudo as escaramuças e pequenos combates que se deram em Corrientes, de Maio a Outubro de 1865, deve examinar as partes officiaes dos chefes argentinos, quasi todas publicadas no *Jornal do Commercio* d'essa época, e as noticias do *Semanario*. Ambos os lados se attribuiam a victoria n'essas guerrilhas e choques, que aliás nenhuma importancia tiveram sobre o curso dos acontecimentos.

curasse approximar-se de Uruguayana, então sitiada. O general Castro reservando para si 2,000 praças, destacou o coronel Reguera com as 700 outras, de modo que duas columnas marchavam parallelamente pela zona percorrida antes por Duarte. No dia 27 de Setembro, quando o Imperador D. Pedro II chegava a S. Borja, encontrava o coronel Reguera uma pequena guerrilha paraguaya (* Vej. pag. 247), que se defendeu n'um bosque. Tendo mais cavallaria do que infantaria, mandou Reguera que seus cavalleiros penetrassem a pé no matto, donde fugiram cerca de 100 Paraguayos e foram mortos 30, que offereceram obstinada resistencia. En sua parte official declarou o coronel Reguera que era ocioso offerecer quartel ao Paraguayo, emquanto este tivesse uma arma. Quando algum era apanhado e não podia mais fugir, não havia remedio senão fuzilal-o.

A derrota do Yatay não produzio effeito desanimador nem em Humaitá e Assumpção, nem sobre as tropas expedicionarias em Corrientes. Em compensação foi fulminante a noticia da capitulação de Estigarribia em Uruguayana, porque com ella se desvaneceram as esperanças de ser a guerra feita em territorio e á custa dos inimigos. Para Lopez foi ella desoladora, pois tinha consciencia de haver sacrificado seu fiel servidor, não lhe assegurando communicações com o resto do exercito. Com o fim de attenuar a impressão d'este innegavel revez não encontrou outro meio senão reunir os chefes e officiaes das tropas acampadas em Humaitá e annunciar-lhes que, por 3,000 dobrões, o traidor tenente-coronel Estigarribia vendêra aos inimigos as tropas expedicionarias (1). Como era natural, appareceu no *Semanario* (2) a mesma declaração, e, de envolta com os mais rasgados encomios ás combinações estrategicas do marechal-presidente, acabrunhava-se de ignominia aos officiaes, que as não souberam pôr em pratica.

Tres dias depois de chegar a Humaitá a noticia da rendição de Uruguayana mandou-se ordem ás tropas estacionadas em Corrientes e no territorio das Missões para se concentrarem em frente ao Paso de la Patria e Itapua afim de serem transportadas para o Paraguay. Ao mesmo tempo que partia esta odem para o general Resquin, escrevia o ministro Berges ao triumvirato ou governo provisorio de Corrientes que não havendo o governo paraguayo encontrado o apoio, que esperava do povo da provincia, e convencido de que o mesmo triumvirato nem sequer podia manter livre a communicação entre os differentes exercitos, resolvera chamar todas as suas forças ao Paraguay, onde ellas não estariam expostas ás vicissitudes de uma amizade duvidosa, e accrescentava que se os triumviros desejassem acompanhar o exercito encontrariam no Paraguay hospitaleiro acolhimento. Em nota dirigida nesta occasião aos agentes diplomaticos, declarou o ministro Berges que o Paraguay fizera a guerra em Corrientes com toda a possivel moderação e humanidade e se subditos dos estados neutros tivessem tido prejuizos, o presidente Lopez estava prompto a indemnisal-os depois de concluida a luta. Os membros do governo provisorio e outros

---

(1) Thompson diz «... Quando Lopez recebeu a noticia, rugia de colera contra Estigarribia. Mandou chamar todos os officiaes da guarnição de Humaitá e participou-lhes a noticia, dizendo-lhes que Estigarribia havia vendido a guarnição por £ 10.000 apresentando-o á execração de todos como traidor á patria. Lopez passou tres dias entregue a tão furiosa raiva, que nem mesmo seu filho, a quem amava loucamente, se atrevia a aproximar-se d'elle. »

(2) Veja-se no *Semanario* de 14 de Outubro de 1865 a ordem do dia de 6 de Outubro, em que Lopez deu conta ás suas tropas da derrota de Duarte e da capitulação de Estigarribia.

muitos Correntinos compromettidos aceitaram a hospitalidade offerecida e passaram o Paraná juntamente com as tropas paraguayas, mas pagaram caro a sua credulidade, porque foram todos ao depois suppliciados (1).

O general Resquin em primeiro lugar chamou a si as tropas avançadas e depois estendeu todo o corpo de exercito pelo centro da provincia, desde o Paraná a oeste até á Laguna Yberá a leste. Principiou então a retirada, talando e devastando tudo quanto encontrava, e mandando tocar para o Paso de la Patria para cima de 100,000 cabeças de gado. A artilharia embarcou em Las Cuevas e subiu o Paraná até Itapiru. Todo este movimento terminou a 31 de Outubro e então começou a passagem do Paraná em dous pequenos vapores e varias balsas por elles rebocadas, sem ser incommodada pelo Alliados, que da Concordia (2) se tinham posto em marcha. Os navios brazileiros ancorados em Goya nem obstaram ao embarque e transporte da artilharia nem trataram de atacar aos navios paraguayos occupados neste serviço (3). Quando do interior de Corrientes chegou a noticia da retirada geral dos Paraguayos, esses navios subiram o rio até ás Tres Bocas, exactamente no momento em que o corpo expedicionario atravessava o Paraná, mas não impediram a operação e limitaram-se a observar (4). Mais tarde se allegou não haver agua sufficiente para os navios de guerra de maior calado, mas a causa foi provavelmente o receio de desmascararem os Paraguayos poderosas baterias em terra. Emquanto não forem conhecidas as provas reaes desta inacção da flotilha, não podemos desculpar o grande erro então commettido. Com a approximação dos exercitos alliados, todo o corpo expedicionario de Resquin se teria rendido, como succedeu a Estigarribia em Uruguayana, se a esquadra brazileira dominasse completamente o curso do Paraná, que corre ahi de leste para oeste (5). Muito tempo e trabalho consumiram os Paraguayos com o trans-

---

(1) Um delles, Silveiro, gozou sempre da protecção de Lopez. Foi aprisionado em Cerro Corá e ainda hoje se acha no Paraguay.

(2) E da Uruguayana.

(3) Os navios brazileiros estavam no Rincon de Soto, e desse ponto não se avista Cuevas, onde estiveram vapores paraguayos recebendo a artilharia pesada. Estes vapores eram o *Pirabebé* e outro de mui pouco calado e grande velocidade.

A subida era impossivel por falta de agua, pois o rio baixara muito. O chefe Barroso mandou duas vezes praticos acima, em pequenas canoas que só navegavam á noite, para explorarem os canaes e sondarem os máos passos.

(4) Diz isto Thompson, mas não é certo que a esquadra brazileira tivesse chegado ás Tres Bocas antes da passagem dos Paraguayos.

(5) Os jornaes de Buenos-Aires censuraram muito a inacção da esquadra brazileira, querendo que ella tudo fizesse quando a força naval não podia ser senão auxiliar do exercito. De nada serviria subir ella até ás Tres Bocas e ao Alto Paraná : ficaria com as suas communicações cortadas por falta de viveres, munições e combustivel, e não poderia dominar tão grande extensão de rio.

Depois do combate de Cuevas (12 de Agosto), em que muito soffreram os navios da esquadrilha de Barroso, conservou-se este fundeado no Rincon de Soto para manter o bloqueio das posições occupadas pelo inimigo. Ahi permaneceu dous mezes, em virtude das ordens do almirante Tamandaré, reparando as avarias que recebera. Tendo-se dirigido para Uruguayana, não reforçou o almirante as duas divisões commandadas por Barroso. A maior parte da esquadra imperial mantinha-se ainda inactiva no Rio da Prata.

A rendição de Estigarribia em Uruguayana, um mez depois da derrota de Duarte no Yatay, fez desapparecer todas as forças inimigas que operavam no Uruguay, e que ao sahirem da Candelaria, compunham-se de 12.500 homens (Thompson). Então puderam os Alliados, com os reforços recebidos, ameaçar o exercito de Resquin, exercito que constava nessa epoca de 19,000 homens estendidos desde Bella Vista até S. Roque. Emquanto o general Ozorio com o grosso do exercito imperial e o general Gelly y Obes com o 2º corpo do exercito argentino avançavam da Concordia sobre Mercedes, ao sul do rio Correntes, no centro da provincia deste nome, o general Flôres com as forças

porte da prodigiosa quantidade de gado, que de todos os lados de Corrientes chegava ao Paso de la Patria e esses animaes esfalfados e esfomeados de pouco proveito foram, porque entre Itapiru e Humaitá as pastagens não eram abundantes e ahi encontrava-se uma herva venenosa, que destruia as rezes aos centos por dia.

Das tropas, que sob o commando de Robles invadiram Corrientes, apenas voltaram 14,000 praças em bom estado e 5,000 doentes. Estas ultimas

---

orientaes e as tropas brazileiras que partiram do Rio Grande do Sul ás ordens do general Argollo, e os generaes Mitre e Paunero com o 1º corpo argentino, seguiam para o mesmo ponto, marchando de Uruguayana. No dia 12 de Outubro o exercito de Resquin já tinha retrogradado 30 leguas, e achava-se um pouco ao norte do Empedrado, 13 leguas ao sul da cidade de Corrientes. Os exercitos aliados concentraram-se em Mercedes, mas não podiam alcançar os paraguayos, pois d'esse ponto ao Empedrado, onde já estava Resquin, ha 40 leguas, a Corrientes 55 e ao Passo da Patria 66. Sómente o general Caceres, com a cavallaria correntina, foi acompanhando a curta distancia a retirada do inimigo, e os navios brazileiros, de accordo com elle, foram subindo o rio com grande difficuldade, porque de 9 a 20 de Outubro as aguas baixaram 36 pollegadas, a ponto de chegar o *Amazonas* a arrastar na altura do Peguajó (Vej. Affonso Celso. *A Esquadra e a Opposição Parlamentar*, 17-23). No dia 23 a retaguarda dos Paraguayos evacuou a cidade de Corrientes, embarcando em pequenos transportes rebocados por vapores e no mesmo dia os exploradores de Caceres ahi penetraram. Todo o exercito de Resquin já se achava nesse dia além do Passo da Patria, em territorio paraguayo, ficando apenas na margem correntina, emboscados nas mattas, 3,000 homens e 6 bocas de fogo ás ordens de Diaz. A 25 de Outubro a esquadrilha brazileira ancorou em Corrientes, sendo o primeiro cuidado do vice-almirante Barroso reclamar um pratico do Alto Paraná, cuja navegação era completamente desconhecida. Não se encontrou um só, excepto um Paraguayo, que se offereceu como tal, e que não podia inspirar confiança. As avançadas de Caceres sustentaram no dia 31 um tiroteio com a columna de Diaz, perto do Passo da Patria, e no dia 3 de Novembro aquelle general pedio a Barroso que fizesse avançar alguns navios para cortarem a retirada aos poucos Paraguayos que ainda se achavam na margem esquerda. Em virtude dessa requisição, na manhã de 4 subiram até ás Tres Bocas, com o chefe Alvim (barão de Iguatemy) as canhoneiras *Belmonte*, *Araguary*, *Mearim*, *Itajahy* e *Ivahy*, o vapor argentino *Libertad* e o aviso *Victoria*. Nada mais se poude fazer, porque a columna de Diaz artavessára o rio na noite de 2 para 3.

A marcha dos Alliados de Mercedes para o norte continuou a ser penosa, tendo elles de atravessar pessimos caminhos e rios caudalosos em estação de chuvas continuadas e de medonhas tempestades (Vej. Jourdan, *Atlas Historico da Guerra do Paraguay*, Planta n. 1, em que vem traçada a marcha dos Alliados atravez da provincia de Corrientes). No dia 13 de Novembro o vice-almirante Barroso partiu de Corrientes com os mesmos vapores acima indicados, e reconheceu o rio Paraná até as visinhanças de Itapirú. No dia 20 estavam os Alliados na margem esquerda do Batel : (Veja-se Pereira da Costa, *Historia da Guerra*, II, 341-62). Só no dia 23 de Dezembro o exercito do general Ozorio acampou na Laguna Brava, a uma legua da cidade de Corrientes, e o exercito argentino em S. Cosme, reunindo-se-lhe depois a vanguarda do general Flôres, que havia marchado pelo centro da provincia. As forças alliadas reunidas nas visinhanças do Passo da Patria elevavam-se no fim do anno a mais de 35,000 homens, sendo mais de 25,000 Brazileiros. Estes ultimos caminharam, desde a Concordia, 96 leguas, despendendo muitos dias na passagem dos rios Mocoretá, Corrientes, S. Lucia, Empedrado, Riachuelo e outros.

As aguas do Paraná, como dissemos, haviam descido consideravelmente, e momento houve em que tivemos nesse rio, abaixo de Corrientes, nada menos de 14 transportes e varios navios de guerra encalhados (officio do general Ozorio, de 15 de Dezembro de 1865. (Vej. Pereira da Costa, *Historia da Guerra*, I, 360).

Podia Barroso ter impedido a volta do exercito de Resquin para o Paraguay, como pretendem os que censuram a inacção da esquadra brazileira?

Cumpre ter em vista que esse chefe apenas dispunha de 10 navios brazileiros, *Amazonas*, *Belmonte*, *Beberibe*, *Magé*, *Ypiranga*, *Mearim*, *Ivahy*, *Araguary*, *Iatajahy* e *Igurey* e de 1 pequeno vapor argentino. Este ultimo para nada prestava; o *Amazonas* não podia passar além de Corrientes; a *Belmonte* tinha o fundo arruinadissimo, e as caldeiras em tal estado, que o vapor escapava-se por grandes fendas : a *Ivahy*, por velha e estragada, não podia sustentar um combate; o *Igurey* era um pequeno vapor comprado pelo almirante para o transporte de viveres.

Barroso, portanto, só poderia empregar no Alto Paraná *6 canhoneiras*, e com tão

haviam chegado em differentes occasiões durante a campanha. Perto de 8,500 homens haviam fallecido em Corrientes. Incluindo, pois, as tropas de Estigarribia e de Duarte, já tinha Lopez perdido 21,000 homens desde o principio da guerra, que de facto só então começava propriamente (1). Apezar de esfarrapados, famintos e extenuados de cansaço, mostraram os soldados alegria e satisfação ao pizarem de novo o solo patrio, mas da parte de Lopez não lhes estava reservada recepção carinhosa e animadora. Foi por occasião de um beija-mão, que elle pela primeira vez os viu, e nem se dignou ouvir até ao fim a pomposa allocução do bispo Palacios, que o denominava o *Cincinnato Americano* (2). Dominado por um accesso de colera exclamou : — « Eu trabalho pelo bem da patria, e pela honra de todos, e ninguem, ninguem me ajuda! Acho-me só; não posso ter confiança em uma só das pessoas presentes; não posso fiar-me de ninguem! Porém, cuidado! até aqui encontrei prazer em perdoar; mas de hoje em diante a ninguem mais perdoarei! » A selvagem expressão com que foram pronunciadas estas palavras imprimiu terrivel caracter ás suas ameaças, que não tardaram em realisar-se (3). A's suas tenebrosas suspeitas nem sequer escaparam os refugiados politicos, que tinham ido coadjuval-o, como por exemplo o ministro oriental Carreras, o coronel Laguna, o coronel Telmo Lopez e os Correntinos, que haviam adherido á causa do Paraguay.

Ao regressarem de Corrientes para a patria, levaram as tropas comsigo muitas doenças, como a dysenteria, precursora do choleramorbus, que tantas victimas fez depois. Foram principalmente acommettidos os recrutas; os veteranos supportavam melhor a mudança de alimento e de habitos. Sarampos e bexigas grassaram primeiro em Corientes e depois no Paraguay. A principio, emquanto duraram o vinho e assucar levados

---

diminuto numero de vasos era-lhe impossivel dominar 60 leguas de um rio inçado de ilhas e bancos, sem uma só carta hydrographica e sem o auxilio de praticos da navegação.

Os Paraguayos atravessaram o Paraná no Passo da Patria, mas poderiam effectuar a operação em muitos, pontos, desde esssa paragem até a Tranquera de Loreto, 25 leguas acima, ou mesmo até Itapua, 20 leguas mais longe, dividindo para isso o seu exercito em partidas, e emprehendendo a passagem á noite em balsas. Accresce que si as nossas 6 canhoneiras tentassem obstar a retirada teriam de ser divididas em tres grupos de 2 navios cada um, navegando constantemente desde as Tres Bocas até Itapirú, consumindo inutilmente carvão, que tinham em pequena quantidade, e sugeitas assim aos fogos das baterias de terra e a um ataque da esquadra paraguaya, que até então só havia perdido 4 vapores no Riachuelo. Si conseguissemos embaraçar em um ponto a passagem do inimigo, iria este tental-a em outro, sem receio de ser alcançado pelos exercitos alliados, que estavam em marcha, na distancia de mais de 40 leguas ao sul.

Por essas razões parecem-nos infundadas as censuras feitas ao chefe Barroso. Elle subiu o rio logo que teve noticia da marcha dos Paraguayos, emprehendida a principio com o maior segredo, e nada poude fazer pela falta de agua e de praticos, pelo pequeno numero de navios que tinha, e pelo atraso em que estavam os exercitos alliados, que só em fins de Dezembro, isto é, dous mezes depois da passagem dos Paraguayos, chegaram ás visinhanças do Passo da Patria. Tinha além disso o mencionado chefe ordens terminantes do visconde de Tamandaré para não arriscar sem proveito o material de que precisavamos para o desembarque dos exercitos alliados no Paraguay.

(1) Estes dados são extrahidos de Thompson, cap. XI. O escriptor inglez accrescenta : « No Paraguay haviam fallecido desde o principio do recrutamento uns 30.000 homens, fazendo um total de 40.000 homens mortos e 10.000 prisioneiros, quando a guerra apenas começava... »

(2) Esta qualificação lhe foi dada pelo *Semanario* (Vej. Thompson, VIII). Do *beija mão*, do discurso de Palacios e da resposta de Lopez dá noticia Masternam, cap. IX.

(3) Masterman, que refere este incidente, accrescenta : «... Ao sahir da habitação toda a numerosa officialidade saudou-o submissamente. Observei uma tristeza geral, porque todas as pessoas presentes sabiam que o energumeno cumpriria sua palavra. »

de Corrientes, era assaz toleravel a condição dos hospitaes, mas depois sobrevieram tristes tempos. Mas, nem as privações sem conta, nem os castigos cada vez mais rigorosos e a convicção pouco a pouco generalisada de não serem os Alliados tão despreziveis inimigos como os representava o *Semanario*, não puderam abalar o fanatico apego e dedicação com que, sem murmurarem, sacrificaram os Paraguayos até ao derradeiro momento da lucta sua vida por « El Supremo ». Houve, é certo, casos de deserção, mas os Alliados logo se convenceram de que nada podiam colher dos transfugas, alguns dos quaes, de proposito, referiam até cousas falsas, e por isso nenhum credito mereciam e com extrema precaução eram incorporados ao exercito. Só o general Flôres os aceitou, porque, não recebendo recrutas do seu paiz, via cada vez mingoar mais o pequeno contingente de Orientaes.

Quando o grande exercito dos Alliados marchou da Concordia para o Alto Paraná, pareceu Lopez por algum tempo resolvido a estabelecer seu quartel general em Santa Theresa, lugar equidistante de Humaitá e de Itapua, que eram os pontos por onde receiava a invasão, e por isso queria achar-se no centro para o erar como as circumstancias exigissem. Todos os preparativos estavam concluidos, quando o plano foi abandonado, e Lopez voltou para o Paso de la Patria.

Para as tropas chegadas de Corrientes estabeleceu-se no Paso de la Patria um grande acampamento n'um planalto ao norte do forte de Itapirú (1). A artilharia dali trazida foi distribuida por varios pontos. Em Curupaity, ao sudoeste de Humaitá, levantou-se com ella uma bateria de 17 peças, sendo 14 de campanha, 1 de 8 pollegadas e 2 de calibre 32. Deviam bombardear os navios brazileiros com balas inflammadas, para o que assentaram-se fornos nas baterias, mas os navios de madeira só chegaram a Curupaity quando os encouraçados já tinham avançado até Humaitá (2) Nas Tres Bocas, á margem do rio (3), foram mascaradas 6 peças collacadas á flor d'agua para varrerem a confluencia do Paraguay e do Paraná. (4). No forte de Itapirú ficaram 6 peças e cerca de 60 outras de differentes calibres foram levadas para o Paso de la Patria e collocadas ali como reserva. Foram mergulhados torpedos, e em Curupaity estabeleceu-se uma estacada no Paraguay, estorvo aliás muito fraco. Como em Humaitá, Itapirú, Curupaity e Curuzú, tambem no Paso de la Patria trabalhavam incessantemente os soldados nas obras de defeza, que foram executadas em uma extensão tal e com uma robustez, como ha poucos exemplos na historia militar. Basta examinar a planta que acompanha este volume para se reconhecer a verdade do que dizemos.

Do mesmo modo que a retirada dos Paraguayos de Corrientes, foi a marcha dos differentes corpos dos Alliados consequencia immediata dos successos de Yatay e Uruguayana. Partindo de Goya foi o general argentino Caceres acompanhando a devastadora retirada de Resquin. A vanguarda sob as ordens de Flôres, conservando as communicações com as tropas de Paunero, teve de fazer um grande circuito, de Uruguayana até

---

(1) Este acampamento era antiquissimo ; o que se fez então foi abrir fossos, e levantar trincheiras, dando maior extensão ao antigo campo.

(2) Não é exacto ; os navios de madeira bombardearam Curuzú e Curupaity a 2 e 22 de Setembro e receberam muitas bombas e balas desta ultima bateria.

(3) Mascaradas pelo matto, na margem esquerda do Paraguay, a 1 milha pouco mais ou menos de sua foz, segundo Thompson. Formavam, porém, uma bateria volante, que quasi sempre se conservou á margem direita do Paraná, perto da foz do Paraguay.

(4) Todos estes pormenores são extrahidos do cap. IX de Thompson.

ao rio Corrientes, para poder tomar a direcção do norte. O grande exercito alliado sahio da Concordia e proseguiu muito lentamente, tendo-se já nesta marcha manifestado as difficuldades de abastecimento, que durante a guerra lhe não permittiram arredar-se da margem dos rios, por onde só era possivel o copioso fornecimento de viveres. Percorria uma região inteiramente exhausta e depauperada, pelo que tinham os mantimentos de ser transportados nas pesadas carretas usadas nessas paragens. No acampamento da Concordia viveram as tropas na abundancia, e pessoas que visitaram a cidade e as barracas mencionaram a fartura, o luxo e até os gosos requintados dos officiaes. Logo no primeiro dia de marcha para o interior operou-se subita mudança para peior. Os mantimentos não podiam já ser conduzidos em transportes por agua e tinham de acompanhar as tropas em carretões. Quando se chegou ao rio Corrientes, foi de grande auxilio a navegação do Paraná; do mesmo modo as forças brazileiras que se reuniam no territorio das Missões proviam suas necessidades pelo rio Uruguay. Além da difficuldade de abastecimento, havia outra causa para a morosidade do exercito. Os generaes Ozorio, Menna Barreto (1), Gelly y Obes, e com elles o presidente Mitre, acreditavam não ser ainda tempo de expor todas as tropas aos golpes do inimigo e por isso reconheciam ser indifferente exercital-as e disciplinal-as na Concordia ou em Corrientes; e até consideravam o norte da provincia como logar mais adequado. Além disso tinha o general Urquiza pela segunda vez reunido seu contingente entreriano e marchava do sul da provincia para a Concordia. Não era possivel aos Alliados deixarem na sua retaguarda uma força de 9,000 homens, tanto mais quanto Urquiza não queria submetter seus gaúchos á disciplina e regulamentos brazileiros, pretendendo completa liberdade de acção e o direito de iniciativa segundo os usos e costumes do paiz. Este facto, porém, não foi duradouro embaraço, porque o contingente pela segunda vez se amotinou e dissolveu-se, deixando Urquiza desde este momento, como já dissemos, de influir no proseguimento da guerra e contentando-se com realisar grandes lucros como fornecedor do exercito alliado. Mitre quiz reagir severamente contra a reluctancia que manifestava uma provincia inteira, mas para não aggravar as difficuldades do momento, adiou para mais tarde o ajuste de contas com seu formidavel rival.

A 24 de Novembro chegou o grande exercito alliado á altura de Bella-Vista no Paraná e ahi acampou por algum tempo, esperando viveres e provisões bellicas, que os transportes deviam levar-lhe de Montevidéo e Buenos-Aires. Foi n'esse logar que o general Mitre recebeu do marechal-presidente Lopez a nota de 20 de Novembro, que integralmente reproduzimos no Appendice, na qual eram adulterados de modo singular os acontecimentos, formuladas accusações tão gratuitas, e incluidas, sob o pretexto de represalias, ameaças tão injusticaveis, que esse documento se tornou dos mais caracteristicos para a historia d'esta guerra e dos mais dignos de attenção. A resposta, datada do dia 25, da Bella-Vista (Appendice) refuta cabalmente as accusações, põe as cousas no seu verdadeiro pé e declara que os Alliados tornam o presidente Lopez pessoalmente responsavel pelos resultados da realisação d'aquellas ameaças. Os dous do-

---

(1) Já temos dito por vezes que o general J. Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel, não estava mais no exercito. Si o autor se refere ao general José Luiz Menna Barreto, que commandava uma divisão no exercito do general Ozorio, devia mencionar então todos os outros commandantes de divisão. O barão de S. Gabriel falleceu pouco depois, em 9 de Fevereiro de 1867.

cumentos nos desenham vivamente o estado em que se achavam os belligerantes nas suas mutuas relações. O genearl Mitre limitou-se a contestar alguns pontos, demonstrando a improcedencia das accusações, mas considerou abaixo de sua dignidade explicar outros. Da nota do presidente Lopez se deprehende claramente dependerem seus actos de motivos puramente pessoaes e não lhe pezarem na consciencia evidentes inexactidões afim de modificar o gravame da responsabilidade. Era e foi até sua morte motivo de pungente desgosto a formação d'aquella Legião Paraguaya, composta principalmente de emigrados politicos, que se alistaram no exercito da Republica Argentina e que pela rendição de Uruguayana chegaram a avultar muito em numero. N'esta legião elle via um elemento politico mais terrivel do que a já então incontestavel superioridade numerica dos Alliados (1); n'ella descobria os homens, que deviam um dia ser seus successores, no que se não illudiu. D'ahi proveio sua grande exasperação contra este ensaio, insignificante sob o aspecto militar, e ao qual os Alliados attribuiram sem fundamento demasiada importancia.

Por occasião da entrega da nota de Lopez deu-se um incidente, que servio para novas accusações. Para levar a nota foi expresamente mandada a canhoneira *Pirabebé* (2), que se apresentou com a bandeira de parlamentario. Ao chegar ella ás Tres Bocas, no Paraná, os avisos brazileiros deram signal para a cidade de Corrientes, onde estava surta parte da esquadra imperial, de achar-se á vista um navio inimigo. Parecendo quererem os Paraguayos reproduzir uma segunda scena de Riachuelo, o almirante Barroso, mandou tres vapores, entre os quaes o *Ivahy* (3) ao encontro do *Pirabebé*, que por isso se não deteve e só parou quando encalhou n'um banco de areia. Do *Ivahy* arriou-se um escaler, indo um official a bordo do *Pirabebé* informar-se do que queria. O commandante paraguayo apontou para a bandeira de parlamentario e declarou trazer uma carta para o general Mitre, mas o official brazileiro fez-lhe vêr que não lhe dando essa bandeira o direito de avançar até á posição do inimigo, devia elle ter parado ao avistar o primeiro escaler de vigia, para que de sua parte os Brazileiros lhe fossem ao encontro; por isso não poderia prescindir de ir pessoalmente entender-se com o commandante do *Ivahy*, ao que o paraguayo assentiu sem reluctancia. Quando ambos chegaram a bordo do *Ivahy*, o commandante brazileiro recebeu o paraguayo de braços abertos, porque, á vista do occorrido parecia-lhe certo que o *Pirabebé* tinha desertado, querendo bandear-se para os Alliados. Informado, porém, de que era simplesmente portador de uma carta para o general em chefe, ficou sem saber como haver-se com este singular parlamentario e o remetteu para o almirante Barroso, que então subia o rio a bordo do *Igurey*.

Prometteu este mandar entregar pessoalmente a carta ao presidente Mitre mas declarou não poder consentir na volta de um navio inimigo, que se approximára de sua posição e tudo devassára, razão pela qual ficaria o *Pirabebé* detido no porto de Corrientes até que chegasse ordem superior em contrario. Em virtude d'isto, soldados brazileiros tomaram posse do *Pirabebé*, cuja guarnição foi transportada para Corrientes, e puzeram-n'o outra vez a nado. Segundo noticiou o *Semanario*, ao ser aprisionado o *Pirabebé*, um official desceu a bandeira, calcou-a aos pés e sobre ella

---

(1) E' engano. Os Alliados ainda não eram superiores em numero aos Paraguayos.
(2) Não o *Pirabebé*, como se lê em Thompson, mas o pequeno vapor *Pira-Guyrá*.
(3) Foram duas canhoneiras, a *Ivahy* e a *Araguary*, e o pequeno vapor argentino *Libertad*.

cuspiu (1). O presidente Mitre declarou que sendo indifferente terem os Paraguayos devassado a posição dos Alliados, permittia a partida do navio, mas avisava que não houvesse reproducção do mesmo facto. Mitre não quiz aproveitar-se do navio inimigo e mandou um escaler pelo Paso de la Patria levar sua resposta com todas as formalidades de parlamentario.

No dia 23 de Outobro o general Caceres com a vanguarda dos Alliados entrou na cidade de Corrientes e ahi esperou até principios de Dezembro a chegada do grosso do exercito. Os Paraguayos procuraram cobrir sua retirada com fortes baterias na margem meridional do Paraná, que foram logo retiradas,de modo que em fins de Outobro todo o norte da provincia de Corrientes se achava desimpedido. Só no territorio das Missões, ao norte da Candelaria, ainda elles occupavam a Tranquera de Loreto, antigo entrincheiramento levantado em guerras anteriores, onde tinham muitas canôas e barcos para atravessarem opportunamente o Paraná, se os Alliados alli executassem algum ataque vigoroso. Na Candelaria, ao sudoeste d'este ponto (2), ajuntavam-se as tropas vindas do Estado-Oriental e do Rio Grande do Sul, pela maior parte brazileiras, sob o commando do conde de Porto-Alegre; nada porém emprehenderam, porque o general Mitre queria primeiro reunir todo o exercito no Paraná. O general Ozorio com o exercito brazileiro (3) atravessou no dia 8 de Novembro o rio Corrientes no Paso Nuevo (4) e a esquadra ficou á espera dos navios encouraçados, um dos quaes já havia chegado a Buenos-Aires e outro ahi recebia as chapas, enviadas do arsenal do Rio de Janeiro.

Ao atravessarem a provincia de Corrientes, foram os Alliados testemunhas dos horriveis estragos e depredações praticadas pelos Paraguayos para exhaurirem esta região. Em flagrante contradicção com as declarações do presidente Lopez em sua nota de 20 de Novembro, tinham os Paraguayos tornado a provincia completamente incapaz de sustentar o exercito alliado. Até a forragem para os cavallos e bois havia de ser trans-

---

(1) Esta acção seria indigna de um official da marinha brazileira, mas, felizmente, não passou isso de uma falsidade inventada pelo *Semanario* e reproduzida por Thompson.

Pereira da Costa na sua *Historia da Guerra do Paraguay* refere assim o occorrido com o *Pira-Guyrá* :

« No dia 23 de Novembro estava a esquadra brazileira, de 9 navios, fundeada no porto de Corrientes ; o exercito alliado achava-se 20 leguas ao sul d'aquelle ponto. Pouco depois do meio dia appareceu, descendo de Humaitá, o vapor de guerra paraguayo *Pira-Guyrá*, o qual içou bandeira branca. O chefe Barroso mandou a canhoneira *Ivahy*, e pouco, depois a *Araguary* e o vapor argentino *Libertad*, encontrar aquelle vapor inimigo. Como este encalhasse, a *Ivahy* recebeu a seu bordo a guarnição do *Pira-Guyrá* e o commandante, que, dizendo vir como parlamentario e não dando provas d'isso, entregou a sua espada, a pedido do commandante da nossa canhoneira, e foi recibido como prisioneiro de guerra.

« Desencalhado o vapor paraguayo, seguio a canhoneira *Ivahy* até proximo da esquadra : ahi entregou o commandante paraguayo um officio que trouxe para o general Mitre. Seguio na manhã seguinte, 24, para Himaitá, levando bandeira branca no mastro de prôa.

« Este vapor paraguayo tinha 27 homens de guarnição, 1 official que era o commandante, e nenhuma artilharia.

« No mesmo dia 23 remetteu o commandante da nossa esquadra este officio ao general Mitre, e no dia 28 subio para Humaitá uma canhoneira italiana conduzindo a reboque um escaler argentino, que foi encarregado de entregar a resposta do general Mitre á primeira guarda avançada paraguaya que encontrasse na margem do rio. »

(2) Em S. Borja, e não na Candelaria, reunia-se o 2º corpo do exercito brazileiro ás ordens do conde de Porto Alegre.

(3) Com o 1º corpo do exercito brazileiro.

(4) O exercito brazileiro transpoz o rio Corrientes abaixo do Paso Nuevo nos dias 12 a 15 de Novembro.

portada em navios, pelo rio Paraná. Assim estabeleceu-se uma activissima navegação e nunca antes deste tempo fôra o Paraná tão a miudo percorrido, porque não só era necessario attender ás necessidades diarias de um exercito muito numeroso para as condições da localidade, como tambem abastecer os armazens por causa da invasão imminente do Paraguay. Pelo que acontecêra em Corrientes, podia-se com segurança prever que em seu paiz Lopez não deixaria uma pollegada de terreno em condições de aproveitar a seus inimigos. Por isso deviam-se accumular grandes provisões, que, remettidas apóz o exercito, servissem de base para as futuras operações, o que explica a grande demora dos Alliados áquem do Paraná. Lopez soube tirar partido de todas essas delongas, porque afinal reconheceu perfeitamente que as suas expedições não haviam passado de golpes vibrados no ar, e que a verdadeira guerra só então ia principiar.

No dia 23 de Novembro sahiu elle de Humaitá (1) e dirigiu-se para o acampamento do Paso de la Patria, onde estavam as tropas chegadas de Corrientes, e gemiam em grilhões os prisioneiros e desertores sob o pretexto de serem traidores ou suspeitos. Foram elles amontoados em ranchos e algum tempo depois levados para Humaitá, onde ficaram expostos ao bombardeio dos Alliados. Os que escaparam do fogo, foram suppliciados ou pereceram a braços com a miseria. O general Robles foi levado acorrentado de Humaitá para o Paso de la Patria, e submettido a um processo secreto, juntamente com a maior parte dos officiaes que haviam servido ás suas ordens no exercito do sul. O general e cinco officiaes superiores foram condemnados á morte. Apenas se formou o conselho de guerra, appareceram padres no rancho, que servia de prisão, a darem a todos a extrema uncção, tal era a certeza que havia da sentença, a qual foi executada em presença de todas as tropas ahi existentes. Robles teve licença de ir a cavallo para o lugar do supplicio, e seus companheiros foram transportados em carretas. Morreram fuzilados dentro de um grande quadrado formado pelas tropas, o general Robles (2), o coronel Martinez, que defendêra Corrientes contra o ataque de Paunero em 25 de Maio do anno anterior, e mais quatro officiaes do estado-maior. Os outros receberam o perdão depois de terem curtido o terror da morte (3). Os proprios officiaes e soldados que, escapando á capitulação de Uruguayana, haviam voltado ao Paraguay no meio de indiveis soffrimentos e perigos, viram-se tratados com extrema desconfiança. Depois de terem ficado por algum tempo acampados longe das outras tropas, foram por fim distribuidos individualmente por differentes corpos. Já nesta occasião Lopez realisava as ameaças que proferira em Humaitá sob a impressão de seus revezes. O inglez Thompson, que o serviu com dedicação, conta a este respeito os seguintes factos :

« Lopez vivia com o temor continuo de ser assassinado, e á noite sua casa era rodeada por um duplo cordão de sentinellas. Ultimamente tinha um triplice cordão. Durante o dia eram retiradas essas sentinellas, ser-

---

(1) No dia 23 de Novembro (Vej. *Semanario*, Revista del mez, 1º de Dezembro). — Lopez tinha então no Passo da Patria, segundo Thompson, 30,000 homens promptos, continuando com vigor o recrutamento. A Humaitá mandou buscar mais artilharia de campanha, reunindo no Passo da Patria cerca de 100 canhões. — Em Janeiro de 1866 estavam nas visinhanças do Passo da Patria 30,000 brazileiros, 13,000 argentinos e 2,500 orientaes.

(2) Segundo o *Semanario*, foram fuzilados no dia 8 de Janeiro de 1866 o general Robles, o capitão Valiente, o alferes Gauna e o soldado Villalva.

(3) Vej. Thompson, Cap. IX.

vindo de corpo de guarda um galpão a curta distancia da casa. A gente que desejava vel-o tinha que esperar no mesmo galpão. Uma tarde em que eu ahi esperava para fallar-lhe, assim como muitos outros officiaes, um sargento da guarda travou conversação comigo. Momentos depois notei grande movimento. Ajudantes e officiaes entravam e sahiam do aposento de Lopez; a guarda era rendida e seguiam presos todos os officiaes, que estavam comigo no galpão. Chegou-se a mim um dos ajudantes do presidente e disse-me : « Sua Ex. digna-se ordenar-vos que amanhã de manhã « cedo apresenteis por escripto o teor de toda a conversa que acabais de « ter com o sargento. » Retirei-me julgando não poder lembrar-me nem da vigesima parte da disparatada conversa do sargento; mas, tomando as cousas um aspecto sério, fiz o que pude, e provavelmente a reduzi com toda a fidelidade a escripto. Enchia uma folha de papel inteira, reduzindo-se a cousas por este estylo : — « O sargento perguntou se a rainha Victoria « costumava passeiar de corôa na cabeça. Perguntou tambem se eu usaria « de meu uniforme paraguayo quando voltasse para a Inglaterra. » Este papel foi fechado e remettido a Lopez no dia seguinte pelas 7 horas da manhã.

« Elle ainda não se tinha levantado, mas o sargento já havia sido fusilado, e tinham os soldados da guarda recebido cem chibatadas cada um. Alguns mezes depois ouvi dizer que o sargento e mais dous soldados dos escapos de Uruguayana, haviam sido fuzilados por conspirarem contra a vida do presidente e que esses dois soldados haviam sido encontrados no pateo do quartel general. A tranquillidade do pobre sargento naquella tarde não era certamente a de um conspirador. Lopez nunca me disse uma palavra sobre este assumpto, nem accusou o recebimento da exposição que fiz, talvez porque se envergonhasse do acto que praticara.

« Uma rapariga que viera de Corrientes para o Paraguay, quiz voltar um dia ao seu paiz, mas foi presa, despida, e recebeu em publico sobre suas carnes 60 chicotadas, o que foi considerado um divertimento. Dois desertores do exercito alliado, que haviam passado o Paraná acima do Paso de la Patria, foram aprisionados. Um delles declarou achar-se enfermo. O Dr. Stewart, cirurgião-mór, foi examinal-o, e, descobrindo symptomas de variola communicou ao general Barrios que não era prudente deixal-o no acampamento com os soldados nacionaes. Esta prevenção não foi attendida e poucos dias depois o doente appareceu coberto de bexigas. Lopez chamou a contas o cirurgião e este declarou que fizera a devida communicação ao general Barrios, o qual, achando-se presente, negou tel-a recebido... Então os dous desertores foram açoutados até confessarem que o presidente Mitre os enviara para introduzirem a variola no paiz. O tormento lhes arrancou a declaração que se desejava, mas, apezar disso, continuaram a ser açoutados até expirarem. »

Masterman, Burton e Kennedey narram tambem scenas analogas, mas nunca deixam de accrescentar que as mais arbitrarias crueldades não puderam abalar a cega dedicação e o medo servil dos Paraguayos; pelo contrario, seu amor fanatico a Lopez e o odio aos Alliados, principalmente aos Brazileiros, parecia ir tomando maior incremento. Os pequenos combates travados até á completa passagem do Paraná contribuiram não pouco para atiçar-lhes, o ardor bellico e a confiança nas proprias forças.

O intenso calor que reina nestas paragens nos mezes de Novembro e Dezembro causou uma pausa forçada nas operações dos Alliados, tanto mais quanto molestias de mau caracter grassaram nos differentes acampamentos, morrendo os cavallos aos centos e sendo o gado atacado de

peste e, portanto, inutilisado. Foi, pois, forçoso cuidar de tudo e tudo organisar de novo, providenciando-se em vista de maiores calamidades. Desde o momento em que a navegação do Paraná ficou desembaraçada até Corrientes, appareceram muitos ganhadores e negociantes a vender generos em grande escala nos acampamentos, mas a especulção particular occupava-se mais de objectos de luxo e de cousas dispensaveis, do que do necessario. Tambem não faltou aquella turba suspeita, verdadeira praga, que acompanha todos os exercitos, e logo ouviram-se queixas de roubos e violencias, devidas a esses bandos de aventureiros sem patria.

Outro vexame que durante toda a guerra tiveram os Alliados foi a constante presença dos navios de guerra estrangeiros, que exigiam para si a livre navegação do Paraná e do Paraguay até Assumpção e não perdiam ensejo de burlar o bloqueio. O almirante Tamandaré não podia tolerar esta violação das leis internacionaes e por isso no dia 20 de Novembro mandou uma circular aos representantes das potencias neutraes no Prata, chamando a attenção para os conflictos, que suscitaria a presença de navios de guerra de outras nacionalidades em aguas onde deviam ter começo as operações militares, conflictos que de sua parte queria a todo o transe evitar. Rogava por isso aos respectivos ministros, consules e chefes das estações navaes que retirassem os navios destacados no theatro da lucta, porque desde já declinava a responsabilidade das supervenientes complicações. Teremos occasião de vêr com que reluctancia se attendeo a tão razoavel advertencia.

Antes de tratar dos pequenos combates, que iniciaram a passagem do Paraná, lancemos um olhar retrospectivo.

Ao voltar para o Rio de Janeiro teve o Imperador D. Pedro II uma enthusiastica recepção. Toda a população da capital esmerou-se em manifestar seu reconhecimento e veneração ao monarcha com as expansões peculiares aos povos intertropicaes. Nem sempre conseguio o Imperador subtrahir-se a essas effusões de jubilo da nação inteira, mas foi muito escrupuloso em rejeitar todas as demonstrações, que lhe eram exclusivamente pessoaes. As senhoras da alta aristocracia do Rio resolveram offertar-lhe uma espada de honra, significativa pelos emblemas e preciosa pelo material. Sabendo disto, o monarcha pediu que desistissem do plano e applicassem o dinheiro em beneficio do Asylo de Invadidos da Patria. A commissão das senhoras, porém, não renunciou ao seu proposito e continuou a agenciar assignaturas, até que por fim o mordomo da casa imperial declarou-lhes por escripto, que se a espada fosse offertada a Sua Magestade seria recebida com agrado, mas immediatamente vendida em hasta publica em beneficio dos militares mutilados. Desta maneira não foi offerecido o mimo e o dinheiro reverteu em favor do Asylo. Em compensação o Imperador desvelou-se pelos melhoramentos do exercito e da armada. Em sua viagem pela provincia do Rio Grande do Sul, durante a estada em Uruguayana, observára muitas faltas e reconhecêra muitas difficuldades que empeciam as operações regulares da guerra. E' verdade que não tinha visto todo o seu exercito, mas sómente alguns batalhões de linha e de voluntarios, a guarda nacional rio-grandense e as tropas de seus Alliados. Tinha recommendado aos generaes que não encetassem a verdadeira campanha sem terem igualado os differentes elementos do exercito. Voltando para o Rio instituiu uma commissão, sob a presidencia do marechal de Caxias e do conselheiro Paranhos (visconde do Rio-Branco), que devia traduzir em melhoramentos as observações pessoaes do Imperador (1).

---

(1) O autor refere-se á commissão nomeada em 18 de Dezembro de 1865 pelo mi-

Igualmente cuidou do encouraçamento dos navios de guerra, sem o que não ear possivel effectuar a difficil passagem de Humaitá, reputada inexequivel por officiaes Inglezes, Francezes e Norte-Americanos. Tambem applicou sua attenção para a expedição que, partindo de S. Paulo, devia libertar Matto-Grosso e invadir o Paraguay pelo norte, activou o recrutamento e promoveu a admissão de libertos no exercito, lisongeando com condecorações e titulos a vaidade dos possuidores de escravos.

Emquanto o presidente Mitre estabelecia seu quartel-general em Corrientes e ahi mandava acampar o grosso do exercito alliado até passar a força do verão, adoecia o general Flôres (1), que primeiro encontramos na Tranquera de Loreto e ao depois no Paso de la Patria; ficou, porém, completamente restabelecido em Janeiro de 1866. A guarda nacional correntina foi então incorporada ao exercito, e Mitre, por uma orden do dia especial, destacou-a para a vanguarda. Sua corespondencia com Lopez não era certamente idonea para presagiar uma paz proxima, mas o facto della tornar-se conhecida consequentemente á partida do Imperador D. Pedro II, despertou em Buenos-Aires e em Montevidéo esperanças de paz. A' vista da inacção da Republica Oriental quanto á cooperação militar, era isto completamente indifferente para essa republica; mas para Buenos-Aires não deixava de ser questão grave. A opposição argumentava que tendo sido Lopez obrigado a retirar suas tropas de Corrientes, cessava para a Republica Argentina qualquer motivo de proseguir na guerra : quando muito deviam ser auxiliados os movimentos dos Brazileiros protegendo-lhes os flancos e a base de operações, para que o Imperio vingasse por si sua honra offendida, como já o fizera a Republica Argentina (2). Para grande numero de familias, que tinham de mandar para a campanha pais, irmãos ou filhos, era este um argumento muito agradavel e o vice-presidente Marcos Paz teve difficuldades em arredar os novos tropeços, porque, sendo secreto o tratado da Triplice Alliança, o publico ignorava até que ponto o governo se achava compromettido. Se em Buenos-Aires já se tornavam salientes estas esperanças de paz, nas provincias de oeste, pouco inclinadas a sacrificios, tomavam o caracter de verdadeiras exigencias, e, causando serias inquietações aos estadistas, attrahiam a attenção dos agentes diplomaticos das Republicas do Chile, Perú Bolivia, dos Estados-Unidos e das potencias europeas. Os symptomas de tendencias pacificas eram cuidadosamente observados e talvez acariciados, não se querendo perder o ensejo de uma intervenção em favor do Paraguay ou pelo menos em proveito do prompto restabelecimento da paz, que nesta occasião não deixaria de ser prematura, subsistindo Humaitá e outras fortificações para tolherem a livre

---

nistro da guerra Ferraz (ministerio de 12 de Maio, presidido pelo marquez de Olinda) para a revisão da legislação militar. O presidente da commissão era Sua Alteza Real o marechal conde d'Eu, sendo vice-presidentes o marechal duque de Caxias e o general barão de Suruhy. O visconde do Rio-Branco fazia parte de duas secções : da 1ª, encarregada de organizar os projectos do codigo penal e do processo militar, e as disposições relativas ás prisões, colonias militares e asylos : e da 6ª, incumbida de preparar a lei do recrutamento. A esta ultima secção pertenciam os marechaes duque de Caxias e Bittencourt e o general Manoel Felisardo de Souza Mello. O projecto sobre o recrutamento, foi ultimamente convertido em lei do paiz (1874) graças aos esforços do gabinete de 7 de Março, sendo presidente do conselho o mesmo visconde do Rio Branco e ministro da guerra o conselheiro Junqueira, e os projectos do codigo penal e do processo militar foram adoptados pela camara dos deputados em 2ª discussão (1875).

(1) Ha engano. Flôres não adoeceu. Fez em fins de Janeiro uma viagem a Buenos-Aires e Montevidéo, e regressou em fins de Fevereiro.

(2) Os que assim pensavam tinham em muito pouco a honra da bandeira argentina.

navegação do Paraná e habilitarem Lopez a novos commettimentos apoz breve repouso. Certamente se ganhava longa tranquillidade para os paizes do Prata, mas isso não compensava nem justificava os pesados sacrificios até então feitos.

Na campanha não correram as cousas muito á feição dos Alliados, antes da passagem do Paraná. Julgando-se abrigados pelo rio contra qualquer ataque, os generaes alliados não tomaram outras medidas de segurança, e, segundo parece, não prestaram a conveniente attenção aos postos avançados. Esse descuido lhes foi lançado em rosto, e com razão, mais de uma vez.

O marechal presidente, chegado que foi ao acampamento do Paso de la Patria, dirigiu-se a cavallo no dia 5 de Dezembro ao forte de Itapirú, de cujas muralhas avistou um grupo de soldados correntinos na margem opposta. Mandou descarregar sobre elles uma peça de calibre 12, mas a bala zuniu por cima do Paraná sem offender a um só dos Corrinentos, que, por acenos e gesticulações, escarneciam de serem individuos isolados alvo de um canhoneio. Agastado com isso, mandou Lopez que 12 homens atravessassem em quatro canoas o Paraná e repellissem os Correntinos da margem do rio. Sem darem signal da approximação desta pequena força, deixaram os Correntinos que ella desembarcasse, correram ao seu encontro, mataram logo um Paraguayo, mas na escaramuça que se travou sahiram-se mal e foram afugentados para longe da margem.

Este episodio divertio muito a Lopez. No dia seguinte, tornando a Itapirú, enviou outra expedição de 100 homens, e não sendo ella destruida, continuou a enviar quasi todos os dias outras, de 100 ou 200 homens, que saltavam em terra, emboscavam-se nas mattas da margem, sustentavam guerrilhas com as guardas correntinas, e, si levavam feridos e mortos, tambem alarmavam os postos avançados e causavam perdas sensiveis aos Alliados, Estes tiroteios reproduziram-se durante semanas inteiras sem que se procurasse pôr termo a elles (1). Como os Paraguayos têm o cos-

---

(1) O Sr. Schneider tomou estas informações á obra de Thompson.

Durante o mez de Dezembro, e quasi todos os dias, pequenas forças paraguayas desembarcaram na margem correntina, que estava desguarnecida. Junto ao rio apenas tinham os Argentinos alguns piquetes de milicianos correntinos de cavallaria. No dia 4 ou 5 desse mez mataram os Paraguayos no porto de Itati 2 homens e feriram alguns Correntinos (Palleja, *Diario*). Na noite de 15 sahiram da guarda do Cerrito 30 Paraguayos dirigidos por um prisioneiro de Uruguayana, de nome Villagran, que serviu no exercito oriental e que se evadira na vespera. Desembarcaram na estancia de Yaapé, saquearam 2 carretas de um vivandeiro francez e, diz Palleja, « assassinaram com sem numero de punhaladas a 2 soldados brazileiros doentes, que tinham ficado atraz. Assim tratam aos nossos prisioneiros esses inimigos ferozes, que não sabem respeitar os enfermos, elles que tanto trabalho nos deram, quando os pensavamos em nossas barracas, como si fossem nossos filhos ou irmãos, privando-nos ás vezes do alimento para matar-lhes a fome, e outras vezes cedendo-lhes o nosso unico abrigo para que em suas enfermidades não estivessem ao relento ! »

As deserções de prisioneiros de Uruguayana alistados no exercito de Flôres manifestaram-se em larga escala, como se vê do *Diario* de Palleja. O tal Villagran era dos que pareciam mais fieis : na vespera de sua fuga fôra tomar mate com o coronel Palleja, que o distinguia muito, e « censurara o procedimento desleal de seus compatriotas que desertavam das fileiras dos libertadores do Paraguay, nas quaes haviam voluntariamente tomado serviço e eram tratados como irmãos. »

Nas outras expedições do mez de Dezembro não nos consta que tenha havido tiroteio com os Correntinos.

No mez de Janeiro appareceram os Paraguayos com mais frequencia.

Pereira da Costa *(Historia da Guerra* etc, I. 369) só menciona quatro expedições dessa natureza, nos dias 6, 12, 15 e 17 de Janeiro, além das de 30 e 31, que foram as mais importantes. Em uma leitura rapida que fizemos do *Semanario*, verificámos que

tume de remar sentados bem a prumo, parece incrivel que á vista de uma extensa linha de postos avançados na margem correntina, conseguissem atravessar o rio, mas isto nos é confirmado pelas partes officiaes. Semelhantes factos tornam-se incomprehensiveis quando consideramos a largura do rio, a possibilidade de reforços quando qualquer canoa largasse a margem paraguaya e a facilidade de levantar baterias nos pontos mais arriscados. Não é menos inexplicavel a inacção dos navios brazileiros ancorados em Corrientes, que tão facilmente teriam podido obstar a passagem dos botes paraguayos.

Sem maior conhecimento do terreno e das localidades, é talvez descabida a nossa critica, mas se a justificação não se basea em motivos topographicos, a censura deve ser bem rigorosa (1).

Depois destas negaças por todo o mez de Dezembro de 1865 e de Ja-

---

essas datas não estão certas. Esse periodico faz menção dos seguintes desembarques e escaramuças :

No dia 13 de Janeiro, desembarcaram 107 paraguayos em 9 canoas, ás ordens dos tenentes J. B. Ocampo e Julian Godoy. Só tiveram 2 mortos e 1 ferido.

Em 16 de Janeiro sahiram de Itapirú 100 e tantos homens do batalhão 12 ás ordens de Viveros. Sustentaram algum fogo, fugindo os Correntinos, como no dia 13, segundo o *Semanario*.

Em 17 de Janeiro desembarcaram 125 homens ás ordens de Bruno Genes, os quaes, segundo a versão do mesmo periodico, bateram-se com 1,000 Correntinos, e apenas tiveram 4 mortos e 3 feridos. A versão correntina é muito diversa. Segundo ella foram os Paraguayos repellidos sempre nos dias anteriores e a 17 apresentaram-se com 600 homens em 20 canoas e um lanchão com uma estativa de foguetes a Congrève. As avançadas correntinas compunham-se apenas de 250 a 300 homens de cavallaria, que sustentáram o tiroteio por 6 horas até que o inimigo reembarcou. Os Correntinos tiveram 8 mortos e 12 a 15 feridos.

Os annotadores argentinos da obra de Thompson dizem a este respeito o seguinte :

« As expedições paraguayas só uma vez chegaram á costa do arroyo San Juan, a uma milha do Paraná (31 de Janeiro); geralmente não passavam do Pehuajó, a 500 varas do rio, e seus combates se reduziam a sustentar guerrilhas com as nossas guardas de cavallaria, mantendo-se sempre emboscados nas mattas da costa. Como se vê, estes factos não tinham a importancia que lhes attribue o autor. »

Palleja, em seu *Diario*, menciona varias escaramuças no decurso de Janeiro. « Pessoas chegadas de S. Cosme, » diz elle, « asseguram que os Paraguayos estão constantemente no Passo da Patria. A cavallaria correntina contenta-se em sustentar algum fogo com elles, mas fica de peior partido nessas escaramuças, porque o inimigo combate occulto no bosque, atraz das arvores, ao passo que os atiradores respondem do campo á fuzilaria inimiga. Não se mandou ainda infantaria argentina para a margem do rio. Vê-se claramente que não se quer hostilisar o inimigo. »

O mesmo *Diario* diz que no dia 16 foram feridos 2 ou 3 correntinos; no dia 17 foram mortos 8, entre os quaes 1 tenente, e no dia 29 tiveram os correntinos 1 morto e 4 feridos.

(1) Barroso tinha ordens do almirante Tamandaré para não mover-se antes de reunida em Corrientes toda a esquadra imperial. Não ha duvida que os navios fundeados nesse ponto poderiam, avançando, cobrir o acampamento dos Alliados e tornar impossivel a passagem de canoas, porém não é menos certo que para repellir botes tinha o exercito espingardas e canhões, e para aniquilar as pequenas partidas paraguayas que se arrojavam a pôr pé em territorio argentino, bastava que houvesse vigilancia nos postos avançados da margem e uma conveniente distribuição de forças. Os acampamentos alliados estavam a algumas leguas do rio, o argentino em S. Cosme e o brazileiro mais distante, na Laguna Brava. Na vanguarda achava-se a cavallaria correntina, tendo alguns piquetes na margem. Só depois da acção de 31 de Janeiro, em Corrales, o general Mitre tomou as medidas necessarias para que fossem repellidos novos ataques, e desde então, vendo a costa meridional convenientemente guarnecida, não se atreveram os Paraguayos a transpor o rio.

Censurou-se muito a esquadra por não se ter ella empregado em impedir a passagem das canoas durante o mez do Janeiro. Cumpre, porém, notar que a unica expedição de mais importancia enviada por Lopez foi a que desembarcou em 30 de Janeiro, e que não valia a pena arruinar os nossos navios de madeira (pois só tinhamos então em Corrientes um encouraçado, chegado ahi no dia 11 de Dezembro), expondo-os quotidia-

neiro de 1866, tentaram os Paraguayos um vigoroso ataque no dia 30 deste ultimo mez.

O general Flôres, que era o elemento vivificador da vanguarda, seguira a convalescer de uma curta enfermidade em Montevidéo, passando por Buenos-Aires (1). Em sua ausencia confiara Mitre ao general argentino Gelly y Obes o commando da vanguarda, que se estendia por toda a margem esquerda do Paraná, desde Corrientes até poucas leguas distante de S. José, e apoiava-se na ala esquerda das tropas riograndenses levadas de Uruguayana pelo conde de Porto-Alegre (2). Desta vez escolheram os Paraguayos a embocadura do ribeiro Pehuajo como ponto de partida (3) e passaram em numero de 400 homens, segundo as participações paraguayas, e sob o commando do tenente Viveros, pouco depois coronel. Esta força compunha-se de voluntarios de todos os batalhões do acampamento do Paso de la Patria. Pelo bom resultado das refregas anteriores (4) partiram os soldados cheios de enthusiasmo e dirigiram-se ao porto do embarque ao som de musica, entre acclamações festivas, saltando de alegria, e impacientes do momento de baterem-se com os Alliados. Ao embarcarem, Mme. Lynch distribuiu-lhes charutos. Ainda uma vez saltaram sem es-

---

namente ás balas inimigas por causa de algumas canoas, quando desses navios precisariam em breve os exercitos alliados para effectuar a invasão do Paraguay

O pensamento de Lopez, enviando essas expedições á margem correntina, não era somente adestrar os seus soldados e acostumal-os ao fogo, mas principalmente chamar os nossos navios de madeira para a frente do Passo da Patria, antes da chegada dos encouraçados, quando estavam muito baixas as aguas do rio, cujo curso não havia sido ainda explorado. Desde que Barroso, violando as instrucções que tinha, se fosse collocar em frente a Itapirú, seriam os seus navios, sem vantagem alguma para a Alliança-fulminados dia e noite pela artilheria inimiga, e deixariam de apparecer as canoas paraguayas, isto é, perderia o exercito alliado, que então dispunha de mais de 40.000 homens, a opportunidade de esmagar em seu territorio 4 ou 5.000 Paraguayos e até mais que Lopez quizesse enviar com a mesma imprudencia com que enviara durante algumas semanas partidas de 100 ou 200 homens. Si depois das primeiras escaramuças o general em chefe houvesse feito occupar seriamente a margem do rio, poucos dos Paraguayos que se bateram em Corrales no dia 31 de Janeiro teriam escapado. Infelizmente nenhuma precaução se tomou antes desse combate, entendendo-se que aos navios brazileiros competia destruir os poucos inimigos que affrontavam impunemente todo o exercito, ou que á esquadra cumpria collocar-se em posição de prestar a Lopez o grande serviço de impedir que elle continuasse a expôr os seus soldados a uma perda infallivel sem o descuido, a imprevidencia e a relaxação dos chefes alliados da vanguarda.

(1) Flôres partio para Buenos-Aires e Montevidéo em 24 de Janeiro, mas não por motivo de molestia. Regressou em fins de Fevereiro, na mesma occasião em que o almirante Tamandaré se apresentou no theatro das operações.

(2) Da cidade de Corrientes até S. José, em frente a Itapúa, ha umas 50 leguas. Comprehende-se, pois, que Gelly y Obes não podia, como suppõe o autor, commandar forças disseminadas por tão grande extensão de terreno. Ao longo da margem do Paraná não tinham os Alliados sinão piquetes de cavallaria correntina, e a sua vanguarda, postada pouco adeante de S. Cosme, onde estava o acampamento do exercito argentino, era commandada pelo general Hornos. Junto a Itati estava o exercito de Flôres, chamado *exercito alliado de vanguarda*, composto, como já sabem os leitores, de tropas orientaes, brazileiras e argentinas. O 2º corpo do exercito imperial, ás ordens de Porto-Alegre, estava ainda em S. Borja e só em 11 de Março começou a atravessar o Uruguay, dirigindo-se a S. Thomaz, a poucas leguas de Itapúa. Não se compunha sómente de tropas rio-grandenses, como diz o autor. A cavallaria era toda do Rio Grande, mas os batalhões de infantaria e artilharia pertenciam a muitas outras provincias.

(3) Não podia ser ponto de partida o Pehuajo, porque fica na margem correntina. Os Paraguayos partiram de Itapirú, como de costume.

(4) O autor inspirou-se em Thompson, e por isso falla « em bom resultado das refregas anteriores, » quando até então só se tinham dado tiroteios sem improtancia com os piquetes correntinos, achando-se os exercitos alliados a algumas leguas da margem do rio. O que se deu de notavel apenas foi terem podido os Paraguayos retirar-se sempre a salvo.

torvo na margem correntina e travaram lucta com a vanguarda dos Argentinos, batendo-se 400 Paraguayos contra 2.700 Alliados (1), que não ousaram atacal-os com vigor. Apoz um combate de quatro horas, no qual a guarda nacional de Buenos-Aires interrompeu o fogo, porque cada soldado só tinha 3 cartuxos (2), voltaram os Paraguayos para seus botes á margem do rio, ahi receberam durante a noite 400 homens de reforço e travaram segundo combate no dia 31 voltando em seguida para o lado do norte do Paso de la Patria. Neste combate perderam os Alliados 50 officiaes, entre os quaes 4 coroneis e 900 mortos e feridos. Assim o diz a parte official dos Paraguayos (3), que evidentemente exeagera e por outro lado esconde o essencial (4).

O facto, como inferimos de participações posteriormente publicadas, passou-se do modo que vamos narrar, não dissimulando que elle dá um brilhante testemunho da bravura, firmeza, audacia e serenidade dos Paraguayos e da habilidade de seu chefe, apezar de terem sido vencidos e repellidos, como era natural em um ataque emprehendido contra forças superiores, sem ponto de apoio nem possibilidade de auxilio.

A passagem d'essa força, em numero provavel de 400 homens, effectuou-se de dia claro, partindo ella do lado superior do Paso de la Patria e desembarcando entre os riachos de Pehuajo e San Juan, onde estavam as avançadas da divisão do general Hornos. Não era possivel acudir promptamente, porque o grosso das tropas alliadas se achava acampado muito para dentro (5).

---

(1) Contra 2,500 Argentinos; mas si os mappas da força do exercito argentino eram verdadeiros, elles tiveram em combate n'esse dia perto de 2,000 homens de infantaria e artilharia, e 3,000 de cavallaria. Esses mappas, porém, tinham por fim produzir effeito ao longe.

(2) Assim o diz Thompson, mas pela parte official do coronel Conesa vê-se que isso não póde ser exacto.

(3) Thompson é quem o affirma. Nunca se publicou a parte official dos Paraguayos. Em compensação o *Semanario* deu uma minuciosa relação do combate, declarando que os Paraguayos tiveram 200 homens entre mortos e feridos. Tambem diz o mesmo periodico que a força Paraguaya que a principio se bateu, antes do reforço levado por Diaz, compunha-se de 450 homens, tendo contra si 6,000 Argentinos. Thompson altera todos esses algarismos, mostrando-se mais parcial que o proprio *Semanario*; em vez de 200 homens fóra de combate diz que apenas 176 paraguayos foram mortos e feridos, e, reduzindo tambem o numero de combatentes do seu lado, eleva a 7.700 o numero de Argentinos empenhados na acção.

(4) Este resumo da descripção de Thompson não está fiel. O escriptor inglez não falla em dois combates, mas apenas no de 31 de Janeiro.

(5) O desembarque dos Paraguayos effectuou-se no dia 30 de Janeiro em Corrales. Segundo o *Semanario* não passavam de 250 homens, dirigidos pelo tenente Prieto. Encontraram na margem alguma cavallaria correntina, e avançaram, perseguindo-a, até o arroyo Pehuajo, a 500 varas da margem do Paraná. O general Hornos, commandante da vanguarda argentina, tinha o seu acampamento ao sul do arroyo San Juan, mais para o interior. Depois de terem assim afugentado os piquetos correntinos, voltaram os Paraguayos para a matta que se estende ao longo do rio, e ahi passaram a noite. A perda dos correntinos foi de 1 morto e 4 feridos. Informado o general Mitre do tiroteio, ordenou que o coronel Conesa se fosse reunir á cavallaria de Hornos, com uma divisão de infantaria composta dos batalhões 2º, 3º, 4º e 5º da guarda nacional de Buenos-Aires, e 2 peças de artilharia (1.800 homens). Esta força chegou ao arroyo de San Juan na manhã de 31 e atravessou-o, emboscando-se em um matto. Pouco depois os Paraguayos, commandados ainda pelo tenente Prieto, avançaram de novo, levando uma estativa de foguetes a Congreve, passaram o Pehuajo e chegaram pela primeira vez até ás visinhanças do San Juan, fracamento hostilisados pelas guerrilhas correntinas que, segundo as ordens do general Hornos, procuravam attrahil-os para o logar em que estava emboscada a infantaria de Buenos-Aires. Quando já se achavam a 300 varas desse lugar, lembrou-se Conesa de dirigir uma proclamação aos seus soldados. Estes enthusiasmaram-

Os Paraguayos occuparam o matto cerrado e as capoeiras da margem correntina, onde não foram atacados, ou porque os Argentinos julgaram melhor não fazel-o, ou porque não tinham no lugar forças sufficientes. Passando os Paraguayos desta vez a noite na margem correntina, concluio o general Hornos, que se tratava de uma tentativa em maior escala, por ser costume d'elles retirarem-se sempre ao anoitecer; e á vista disso pediu reforços ao general Gelly y Obes (1). O auxilio chegou ao ponto ameaçado na madrugada de 31 sob o commando do coronel argentino Emilio Conesa (2) : consistia na 2ª divisão (guarda nacional) de Buenos-Aires, composta de batalhões que nunca haviam entrado em fogo. A situação, porém, já se achava essencialmente mudada. Os Paraguayos tinham recebido consideraveis reforços, e durante a noite trouxeram pelo Paraná uma estativa de foguetes e collocaram artilharia em uma ilhota, de modo que occupavam boas posições e dispunham de numerosas canôas para poderem a cada momento retirar-se. O general Hornos mandou atacar primeiro a posição pelo flanco esquerdo com a cavallaria de gaúchos, que, como se sabe, operam espalhados, ao passo que o coronel Conesa avançava pela frente do inimogo. A estes ataques cederam os Paraguayos, recuando para o matto na direcção do oeste e do Paso de la Patria, mas defenderam com tanta obstinação a borda do matto que não se chegou a um resultado decisivo. Os batalhões argentinos tiveram de vadear dous arroyos e um largo pantano para chegarem ao inimigo e apenas conseguiram aprisionar alguns Paraguayos, que se retardaram e foram cercados.

Chegando ás proximadades do Paso de la Patria os Paraguayos fizeram-se fortes, incorporados ás tropas de refresco vindas pelo Paraná, e protegidos pelo fogo da bateria levantada á noite na ilhota que fica quasi a

---

se, proromperam em vivas, e, descobrindo os Paraguayos o laço que lhes estava armado, puzeram-se em retirada, correndo velozmente atravez de um terreno coberto de pantanos e bosques, sem que a infantaria argentina os pudesse alcançar. Ao passar o Pehuajo desfez-se completamente a linha inimiga, fugindo em dispersão até ás elevações cobertas de expesso bosque que ficam junto a Corrales, na margem do Paraná. Ahi o tenente Prieto começou a resistir e foi reforçado por 200 homens do batalhão 12º ás ordens do tenente Saturnino Viveros, depois tenente-coronel. Durante essa fuga, de legua e quarto, tiveram os paraguayos uns 30 mortos.

No bosque de Corrales e na praia proxima travou-se então uma sangrenta peleja, que durou 5 horas. Prieto e Viveros tinham alli, segundo o *Semanario*, 445 homens, mas com a vantagem de combaterem atraz das arvores, em terreno escabroso, defendido por dous pantanaes, ao passo que os Argentinos de Hornos e Conesa, em numero de 2,500, os atacavam a peito descoberto, e soffriam, além da fuzilaria, o fogo de uma bateria de peças de calibre 8 e 12, collocadas no banco de Itapirú, ou ilha da Redempção. Os Argentinos padeceram perdas dolorosas, e embora desalojassem de muitos pontos os Paraguayos, desistiram do ataque ás 6 1/2 da tarde, por haver chegado um reforço de 700 Paraguayos (segundo o *Semanario*) ás ordens do tenente-coronel Diaz, depois general. Mitre enviou ao lugar do combate outra divisão de infantaria ás ordens do coronel Rivas, que só chegou á noite e não poude entrar em fogo. O general Hornos e os coroneis Conesa e Rivas conservaram-se junto ás posições occupadas pelos inimigos. Na manhã do dia seguinte voltavam estes para Itapirú, fazendo os Argentinos algum fogo sobre as canoas, fogo que foi respondido pela artilharia daquelle forte e da ilha fronteira.

Lopez concedeu uma medalha aos officiaes e soldados que tomaram parte n'esta acção, e decretou que se erigisse um monumento destinado a perpetuar a memoria dos Paraguayos mortos em Corrales. A medalha é em forma de cruz, de prata para os officiaes e de cobre para os soldados, suspensa de uma fita dividida em tres partes, branca a do centro e azul as das extremidades. Na cruz ha a inscripção : — *Venció en Corrales — 31 de Enero de 1866.*

(1) Chefe do estado-maior do exercito argentino. Hornos era commandante da vanguarda.

(2) Depois general. Nasceo em Buenos-Aires em 1821 e falleceo em 1873.

meio rio. Os Argentinos penetraram no matto, e precipitaram-se sobre os Paraguayos postados nas eminencias da margem, de fórma que estes ficaram cortados em duas partes, e varias canoas fugiram com alguns homens para a margem opposta, salvando-se outros a nado (1). Parece que este desmembramento da força paraguaya não foi só devido ao ataque de Conesa mas adrede effectuado para attrahir, sob o fogo das peças assestadas na ilha, aos Argentinos, que estavam agglomerados na chapada. A's primeiras descargas das peças de calibre 8 e 12 fraquearam dous batalhões de Buenos-Aires, que durante o combate soffreram consideraveis perdas, e recuaram em desordem para se rafazerem a alguma distancia do matto occupado pelo inimigo, sendo nessa retirada acompanhados pelas demais tropas. Os Paraguayos, perseguindo-os, causaram em suas fileiras damno consideravel.

Entretanto chegára outra divisão do exercito argentino ás ordens do coronel Rivas, mas não conseguio restabelecer o combate, porque já começava a noite. As perdas de ambos os lados foram importantes A participação argentina falla de 200 mortos e 400 feridos do lado dos Paraguayos, mas accusa a morte e o ferimento de muitos officiaes argentinos, isto é de um terço de todos os officiaes, entre os quaes 3 commandantes de batalhão e 5 officiaes mortos, 21 feridos e 6 contusos, 81 infeirores e soldados mortos, 237 feridos e 43 contusos, ao todo 462 homens fóra de combate (2).

Concordam testemunhas presenciaes em affirmar que os batalhões da guarda nacional de Buenos-Aires não puderam ser detidos, bem que antes se lhes recommendasse que não deviam atacar sem ordem dos commandantes, para não perderem pela precipitação e desordem a disposição tactica e a direcção dos officiaes. Apenas, porém, se viram em frente do inimigo arremessaram-se aos gritos de « Viva la Nacion Argentina », ao passo que os Paraguayos moviam-se em completa ordem e não dispersavam seu fogo. Foi isto para o general em chefe Mitre e para os generaes argentinos uma prova do acerto com que os generaes brazileiros pretendiam não expôr as tropas ao fogo inimigo antes de estarem bem seguros de sua obediencia e firmeza. Ardor e enthusiasmo não são os unicos requisitos da victoria, e nada valem quando se não consorciam com a obediencia e disciplina.

A noticia das graves perdas experimentadas pelos batalhões da guarda nacional de Buenos-Aires causou nessa capital dolorosa impressão. As mais importantes familias contavam parentes seus entre os feridos e mortos. Ricos negociantes, advogados, funccionarios publicos, medicos, litteratos tinham pago com o sangue e com a vida, o seu enthusiasmo, e nc emtanto só agora ia começar a invasão do Paraguay pelos Alliados, e o que os esperava além do Paraná era a fadiga, a fome, o deserto, o desconhecido e um

---

(1) Vej. na obra de Thompson, traduzida e annotada em Buenos-Aires, os documentos do Appendice, pags. 16 a 26, de que nos servimos para a pequena descripção da nota anterior.

(2) A divisão do coronel Conesa teve 402 homens fóra de combate, sendo 88 mortos (7 officiaes), 260 feridos (23 officiaes) e 54 contusos (6 officiaes). A cavallaria correntina tambem soffreu perdas consideraveis, de sorte que devemos calcular em 500 homens fóra de combate a perda dos Argentinos.

« Nossas perdas », diz a parte official do coronel Conesa (Vej. a traducção de Thompson feita em Buenos-Ayres. Appendice XXIV), « nossas perdas consistem em 2 chefes mortos e 2 feridos, 5 officiaes mortos, 21 feridos e 6 contusos; 81 individuos de tropa mortos, e 237 feridos e 48 contusos, segundo se ve das relações nominaes juntas, calculando-se as do inimigo em 700, ou mais fóra de combate. »

Os chefes mortos foram os majores Serrano e Marquez, e os feridos tenentes-coroneis Martinez de Hoz e Keen.

povo cruel e fanatisado no meio de fortificações julgadas inexpugnaveis. De novo todos os despeitos se condensaram sobre a esquadra brazileira, que, podendo dominar o Paraná, tolerava taes investidas dos Paraguayos. Felizmente o almirante Tamandaré havia partido de Buenos-Aires e já se achava com a esquadra em Corrientes (1); a não ser isto, toda a raiva dos Porteños se teria voltado contra elle (2). A imprensa de Buenos-Aires e as correspondencias escriptas do acampamento usavam da maior acrimonia mencionando o facto de navegarem os Paraguayos desembaraçadamente desde as Tres Bocas até ao forte de Itapirú pela margem paraguaya do Paraná, trazendo tropas frescas e viveres e levando os doentes para Humaitá, sem serem incommodados neste transito pela esquadra encorada apenas a algumas leguas em Corrientes. Parece impossivel que depois da experiencia feita em Riachuelo ousassem os navios paraguayos apparecer fóra das Tres Bocas (3). Certamente tinham razão os commandantes brazileiros em não quererem expôr seus navios, senão quando fosse indispensavel, ao fogo das baterias occultas na margem, mas semelhante inacção diante do movimento dos vapores paraguayos ficará sendo para nós um mysterio emquanto não forem apresentadas as causas justificativas.

Depois do combate de 31, travado desde o ribeiro Pehuajo até o porto de Corrales no Paso de la Patria, parece que houve em Corrientes receio de um novo e mais sério ataque dos Paraguayos, porque a imaginação popular dava maior vulto a tudo quanto se preprarava ou se podia planejar no Paraguay. Os Alliados tornaram-se mais cautelosos (4) : Mitre ordenou que, á vista da extensa linha de postos avançados, nenhuma tropa destacada aceitasse combate, mas, ao approximarem-se os Paraguayos, fosse recuando até o grosso do exercito e attrahindo o inimigo para o interior. As perdas occasionadas por qualquer combate ou simples tiroteio estavam fóra

---

(1) Só no dia 21 de Fevereiro ahi chegou. Partira de Buenos-Aires no dia 8 com a *Parnahyba* e o *Onze de Junho*, subindo o rio, segundo declarou ao governo imperial, « a dois terços de força para economisar carvão ». Vej. no Appendice o officio de 23 de Fevereiro.

(2) O almirante Tamandaré, em officio confidencial de 23 de Fevereiro, communicou ao ministro da marinha a celeuma levantada pela imprensa argentina, e em poucas palavras mostrou a sem razão das censuras feitas á esquadra.

« As perdas consideraveis que soffreram os Argentinos no combate de 31 de Janeiro, » disse elle, « deram logar em Buenos-Aires a clamores e increpações da imprensa contra o general em chefe do exercito alliado e contra a esquadra, attribuindo-se-me a responsabilidade d'aquelle sucesso porque a esquadra, segundo alguns articulistas, podia tel-o evitado. Semelhantes accusações, apezar de serem contra-producentes, por isso que *até deveriamos, si isso fosse possivel, animar o inimigo a vir dar-nos batalha fóra do seu territorio e das posições vantajosas que n'elle occupa*, tiveram uma resposta cabal em alguns artigos que se publicaram na *Nacion Argentina*, cujas idéas estão em perfeito accordo com as minhas. »

Com effeito, a esquadra era censurada por tudo. Censuraram-n'a antes por não ter impedido que o exercito paraguayo evacuasse Corrientes, e agora censuravam-n'a por não impedir que pequenas forças inimigas viessem offerecer combate ahi mesmo.

(3) Só appareciam os vapores de menos calado e mais velocidade, porque em caso de perseguição podiam metter-se pelos riachos da margem paraguaya, sob a protecção da artilharia de terra.

(4) Sobre o combate de Corrales escreveu o general Ozorio no 1° de Fevereiro, ás 5 horas da tarde, a seguinte carta ao vice almirante Barroso :

« Hontem houve um forte tiroteio entre forças argentinas e paraguayas no Passo da Patria. Os Paraguayos estavam protegidos pelos bosques e escabrosidades do terreno, e a força argentina em terrenos alagadiços e descobertos.

« Houve bastantes mortos de uma e outra parte. Os Paraguayos deixaram seis prisioneiros.

« Escrevi a Mitre a este respeito, e elle respondeu-me que não me inquietasse com tiros, que si alguma cousa séria occorresse me avisaria. Não obstante, hoje mesmo tenho

de proporção com o resultado ainda que feliz, pois essas pelejas no fim de contas feriam-se na margem meridional do Paraná, e era preciso poupar as forças que tinham de operar a passagem do rio. Assim se procedeu no dia 19 de Fevereiro. Em Itatí, pequena aldeia acima do Paso de la Patria, achava-se a brigada oriental ás ordens do coronel Gregorio Suarez. Tres vapores paraguayos, o *Igurey*, o *Gualeguay* e o *25 de Mayo*, sahindo das Tres Bocas (1), receberam no forte de Itapirú cerca de 1,000 homens e desembarcaram-n'os em Itatí, do lado esquerdo do Paraná. O coronel Suarez retirou suas tropas logo que reconheceu a intenção dos Paraguayos, e estes, sem encontrarem resistencia, penetraram na aldeia e a saquearam e incendiaram, mas voltaram immediatamente para os seus navios, não ousando adiantar-se para o interior, por temerem alguma cilada ou movimento de flanco que lhes cortasse a retirada. Algumas cabeças de gado e todos os viveres encontrados em Itatí, foram postos a bordo dos tres vapores e levados para Itapirú, onde ficou o *Gualeguay*, voltando ao cabo de alguns dias o *Igurey* e o *25 de Mayo* a Humaitá pelas Tres Bocas. Com esta retirada dos Alliados tornaram-se os Paraguayos tão ousados, que repetiram as mesmas tentativas por diversas vezes e até com simples patrulhas. Pouco se sabe destes commettimentos que, a crermos no *Semanario*, foram sempre felizes para os Paraguayos. Assim, refere esse periodico que um sargento negro levára no dia 3 de Março nove cabeças de soldados alliados, que as de puzera em um sacco diante da morada do marechal-presidente e que este as mandára ao estado maior, em cujo quartel foram expostas. O sargento foi nomeado alferes, — unica promoção de um negro no exercito

---

ouvido que o fogo continúa, e ainda não tive aviso algum, apezar de ter alli um official com uma partida. »

Em consequencia do combate de Corrales foi a vanguarda do general Hornos, reforçada.

No dia 11 de Fevereiro o exercito imperial deixou a Laguna Brava e foi acampar mais para a frente em Tala Corá.

(1) Perto de Itati, e umas 9 leguas para a direita do exercito argentino, estava o exercito alliado de vanguarda (e não uma brigada oriental) ás ordens do general Gregorio Suarez, que exercia interinamente, desde 24 de Janeiro, o commando em chefe, na ausencia de Flôres. Esse exercito compunha-se então de 2,846 Orientaes com 6 peças de artilharia (estado-maior e quartel general 68 ; infantaria 1.488 ; cavallaria 1.041 ; artilharia 210; parque 39), 1,500 Brazileiros (12ª brigada de infantaria, coronel Kelly) e 971 Argentinos (milicias de cavallaria correntina, do coronel Reguera, e regimento San Martin, do coronel Garcia). Ao todo 5.317 homens.

No dia 28 de Janeiro passaram por Itati um pequeno vapor paraguayo e algumas canôas, que dispararam tiros sobre a guarda do porto. No dia 6 de Fevereiro avistou-se ao longe o mesmo vapor. No dia 16 appareceram tres vapores, conduzindo muita tropa ; eram o *25 de Mayo*, o *Igurey*, e o *Gualeguay*. Subiram o rio, e regressaram no dia seguinte, reconhecendo cuidadosamente a povoação de Itati sobre a qual atiraram quatro balas.

O general Gregorio Suarez, receiando que esses vapores se empregassem durante a noite em desembarcar forças consideraveis do inimigo, poz-se em marcha e foi acampar a 3/4 de legua da povoação, resolvido a não disputal-a aos Paraguayos.

No dia 18 foram avistados 5 vapores inimigos. Eram os mesmos dos dias anteriores, e mais o *Pirabebé* e outro. O general Suarez recebeu ordem do general Mitre para pôr-se em retirada para S. Cosme. Marchou por isso na madrugada de 19 e acampou ás 8 horas da manhã em Euramada-Paso, a 2 1/4 leguas de Itati. Ao meio dia os vapores paraguayos desembarcaram 2 batalhões e 2 peças, e occuparam Itati, que estava deserta. O major Sanchez á frente de um piquete de 40 correntinos trocou alguns tiros com o inimigo e teve 1 soldado contuso. Os Paraguayos saquearam a povoação e incendiaram os ranchos do acampamento abandonado por Suarez, voltando á tarde para os seus vapores com 40 cavallos e outras tantos bois, que apanharam pelos arredores.

O incendio do acampamento abandonado e o saque de Itati deram-se no dia 19 e não depois do dia 20, como diz Thompson. E' inexacto que o general Suarez se puzesse em

paraguayo, — mas dessa epoca em diante foi mandado a todos os combates, até que Lopez delle ficou livre (1).

Tendo chegado o almirante Tamandaré ao porto de Corrientes houve diariamente conferencias a respeito das futuras operações. Os desertores e os prisioneiros, assim como os officiaes de marinha estrangeiros, cujos navios, por não ser effectivo o bloqueio (2), pretendiam o direito da livre navegação até Assumpção, descreviam as medidas tomadas no Paraguay para a defensiva como tão extraordinarias, o enthusiasmo da população tão intenso e os planos do marechal-presidente tão ameaçadores, que Mitre ainda mais se convenceu da necessidade de se não atirar ao acaso contra os exercitos inimigos. Mais tarde se soube de fonte fidedigna que o almirante Tamandaré insistira em que antes da passagem do Paraná se tentasse uma operação contra Humaitá, contando que tal sorpresa seria coroada de feliz

---

fuga depois do desembarque dos Paraguayos. Elle abandonara o seu acampamento por ordem de Mitre, e o desembarque dos Paraguayos foi posterior a esse abandono. O coronel Paleja, depois de referir estes factos em seu *Diario*, diz : — « ... No fallo en el ejercito y fuera de el quien critique del general en jefe interino por haber permanecido impasible cuando el enemigo tomó y saqueó el pueblo de Itati. Como individuo particular, no puedo menos de confesar que el sangre me suba al rostro cuando pienso en que los Paraguayos han pasado al saco el probe pueblito, y han quemado nuestro campamento a nuestra vista, sin que hayamos impedido; pero hay que ser francos y ponernos en el caso del general interino. Que se hubiera seguido si nos hubieramos lanzado sobre el enemigo ? Um combate semejante ó al menos muy parecido al del 31 del pasado. Nos creemos suficientes, ápesar de la peguijera de los prisioneros paraguayos, para haber arrojado del pueblo los 3.000 infantes enemigos, pero estos contaban com refuerzos de tropas frescas que en 15 minutos podian pasar los 3 vapores del campamento que tienen frente al pueblo, mientras que el ejército argentino, unico punto de donde podia venirnos proteccion, distaba 17 leguas de pesimo camino, que no podia el refuerzo haberlas caminado e un solo dia... El general Suarez ha obrado com prudencia, cumpliendo ademas fielmente las ordenes que recebió del presidente Mitre, y ha conservado intacta la allaja que le confió el gobernador Flôres al ausentarse. Toda vida que se pierde de esto lado del Paraná es un robo que se hace al ejército aliado, que debe conservar-se para el objecto principal de esta campaña que es librar batalha á Lopez sobrena margem derecha del Paraná... »

Seria um erro o ou um *roubo*, como diz Palleja, si não houvesse meio de derrotar e destruir as pequenas columnas inimigas na margem esquerda do Paraná. Em combates bem dirigidos a perda do inimigo seria sempre maior, e não comprenhendemos qual a razão que deveria levar os Alliados a *poupar os Paraguayos no territorio de Corrientes, reservando-se para atacal-os nas fortificações que Lopez tinha do outro lado do rio.*

Os vapores paraguayos voltaram a Itapirú e ahi deixaram as tropas que conduziam, continuando a cruzar o rio até o dia 22. O *Gualeguay* ficou em Itapirú e os outros 4 subiram pouco depois para Humaitá. Si algumas canhoneiras nossas tivessem subido logo até ás Tres Bocas, teriam prendido no Alto Para a esses vapores.

(1) Depois do combate de Corrales os Paraguayos não se apresentaram mais em força nesses lugares porque sabiam que a vanguarda fôra reforçada e estava vigilante. Apenas á noite passaram por vezes algumas canoas com 6 ou 12 homens para explorar o campo dos Alliados e degollar soldados extraviados ou sentinellas isoladas.

O facto do sargento que em uma noite matou 9 soldados, façanha que não deve causar assombro, é referido por Thompson, Cap. IX. O *Semanario* durante a guerra publicou muitas anecdotas que o escriptor inglez reproduziu sem criterio, dando como verdadeiros os improvisos que appareciam nas columnas desse periodico e nás do *Cabichui* e *Lambaré*.

De uma correspondencia escripta em 17 de Março de 1866 do campo paraguayo no Passo da Patria, extrahimos o seguinte :

« El domingo ultimo decia S. E. el Sõr. Mariscal Presidente al salir de la misa : — « *Estad listos muchachos, que un dia de mal humor os mandaré á escarmentar á esos cobardes.* » La respuesta fue : — « *Haced que mañana estaes de mal humor, Señor, y echadnos al otro lado para desalojar y escarmentar á esos perversos.* »

(2) O bloqueio era effectivo, porque os navios brazileiros estacionados em Corrientes fechavam completamente o Paraguay. Os navios de guerra estrangeiros, porém, subiram por vezes até Assumpção, entendendo-se previamente com o almirante brazileiro.

exito (1). Os acontecimentos posteriores vieram provar que nada se teria conseguido com essa prematura expedição e demais Mitre queria a esquadra para effectuar a passagem das tropas a leste das Tres Bocas, fazendo para isso construir grandes pranchas, barcas e outros transportes, ou mandando buscal-os pelo Paraná para que os Alliados pudessem desembarcar de uma só vez, e em numero avultado, na margem opposta do rio. Como era natural, a imprensa nas terras do Prata discutia calorosamente o gráo de possibilidade ou probabilidade da imminente invasão do Paraguay. Geralmente se suppunha que parte do exercito entraria pela Candelaria, a sueste do Paraguay, e o grosso d'elle pelo Paso de la Patria, avançando este para o norte, de modo que Lopez fosse obrigado a dividir suas forças. O corpo que irrompesse por sueste devia marchar de Itapúa até Assumpção, isto é na direcção de noroeste, para flanquear a fortaleza de Humaitá. Um lance d'olhos sobre o mappa parece justificar esta combinição, mas não se attendia a que não existiam no Paraguay nem estradas nem pontes, e por isso era impossivel o abastecimento das tropas. Semelhante marcha pelo interior de um paiz desconhecido (2), affrontando uma população selvagem e fanatisada, teria acarretado insuperaveis contrariedades, porque quanto mais se desviassem as tropas da grande estrada fluvial do Paraná, mais difficil se tornaria o transporte de viveres, de munições e de outros objectos indispensaveis, e por fim talvez fosse inteiramente impossivel soccorrel-as e abastecel-as. Como ameaça foi de grande effeito a collocação na Candelaria das tropas do conde de Porto Alegre, ainda que ficasse o grosso do exercito privado d'esse reforço (3).

---

(1) Acreditamos poder assegurar que o almirante Tamandaré nunca pensou em tal. Entendia elle que o desembarque dos exercitos alliados devia fazer-se entre Humaitá e as Tres Bocas, no rio Paraguay. Mas isso é muito differente de suppôr esse general que se poderia tomar Humaitá por sopresa.

(2) A maior difficuldade com que lutaram os Alliados durante a guerra, foi, com effeito, a ignorancia completa do territorio inimigo. A este respeito disse com razão na tribuna do senado, algum tempo depois, o glorioso vencedor de Humaitá e Lomas Valentinas (Vej. o discurso proferido pelo senador duque de Caxias em sessão de 15 de Julho de 1870) :

«... Senhores, nada mais facil, depois dos factos consummados, e conhecidos o terreno, a força e as manobras do inimigo, do que, de longe e com toda a calma e sangue frio, á vista das partes officiaes, criticar operações e indicar planos mais vantajosos. Não acontece o mesmo, porém, a quem se acha no theatro das operações *caminhando nas trevas, em paiz inteiramente desconhecido, inçado de difficuldades naturaes (apoiados). E' preciso que os nobres senadores se convençam de que a guerra do Paraguay, desde o seu começo, foi feita ás apalpadellas (apoiados). Não havia mappas do paiz por onde nos podessemos guiar, nem praticos de confiança. Só conheciamos o terreno que pisavamos. Era precizo ir fazendo reconhecimentos e explorações para se poder dar um passo...* »

(3) O 2º corpo de exercito, commandado pelo tenente general conde de Porto Alegre, só começou a atravessar o Uruguay em S. Borja no dia 11 de Março, em virtude das resoluções tomadas pelos generaes Alliados no primeiro conselho de guerra, que se reunio em 25 de Fevereiro, em Corrientes. O general Porto Alegre atravessou as Missões Correntinas (Vej. JOURDAN, *Guerra do Paraguay*, Cap. V, e *Relatorio do ministro da guerra de 1866)*, e no dia 15 de Abril chegou á aldêa de S. Thomaz, entre as ruinas de S. Carlos, ao sul, e S. José, ao norte. Esta ultima povoação fica sobre o Paraná, em frente a Itapúa. De S. Borja a S. Thomaz marchou esse corpo 137 kilometros. Compunha-se de 9.300 homens das tres armas, havendo ficado de guarnição na fronteira do Rio Grande do Sul uma força respeitavel, porque receiava-se algum levantamento dos blancos. De S. Thomaz o conde de Porto Alegre ameaçou Itapúa, e, apresentando-se na margem septentrional do Paraná, por esse lado, forças consideraveis do inimigo, foram afugentadas pela nossa artilharia, que no dia 1º de Maio dirigio contra ellas o seu fogo. Segundo Thompson a columna que Lopez enviou para Itapúa, com o fim de observar o 2º corpo brazileiro, compunha-se de 3.000 homens e 12 peças ás ordens do coronel Nuñez.

No quartel-general dicutia-se se seria ou não preferivel subir o rio Paraguay e, aproveitando os navios de guerra e transportes, effectuar, com o maior numero possivel de tropas, um desembarque no sitio em que mais tarde saltou o conde de Porto Alegre, isto é em Curuzú, para d'est'arte separar, avançando para o interior, as fortificações de Humaitá das do Paso de la Patria. Sendo, porém, totalmente desconhecido o interior do paiz, fôra essa sem duvida uma arriscada tentativa. Quem divide as tropas inimigas vem a ficar condicionalmente entre dous fogos, e tanto Humaitá, como as fortificações proximas a Itapirú eram linhas respeitaveis de defesa que serviriam de abrigo aos Paraguayos no caso de retirada, ou de apoio para aggredir por dous lados, e forçariam os Alliados a dous assedios simultaneos para vencel-os. Parece tambem que os Alliados não acreditavam que Lopez tentasse seriamente impedir a passagem do Paraná, e esperavam antes que elle, recolhendo-se para o interior do paiz, evitasse a cooperação da esquadra (1).

---

(1) Não conhecemos as actas dos conselhos de guerra celebrados pelos generaes alliados a partir de 25 de Fevereiro de 1866. O conselheiro Affonso Celso, porém, que foi ministro da marinha desde 30 de Agosto de 1866 até 16 de Julho de 1868, e seguramente examinou com a devida attenção essas e outras peças officiaes, diz-nos o seguinte no seu opusculo — *A esquadra e a Opposição Parlamentar :*

«... A cheia do rio, muito mais demorada em 1866, do que nos annos anteriores, só em Março permittio que os navios da esquadra executassem os exames necessarios.

« *Não estavam os generaes de accordo sobre o ponto preferivel para a invasão.*

« *Sustentava o almirante Tamandaré que era o Passo da Patria porque o exercito teria n'essa posição todo o apoio da esquadra, que lhe assegurava feliz exito em tão arriscado commettimento.*

« *Flôres inclinava-se a esta opinião, mas os generaes Mitre e Ozorio desejavam passar por Itatí, afim de evitar-se o objectivo de Humaitá.*

« Itatí era o ponto intermedio entre o Passo da Patria e Itapúa, mas lá só poderiam chegar os mais pequenos vasos da esquadra.

« .... :

« *Só a 28 de Março o general em chefe desenganou-se da possibilidade de effectuar a passagem por Itati.*

« Attenda-se para os seguintes documentos que o comprovam :

« Bordo do vapor *Apa*, no Passo da Patria, 28 de Março de 1866. — Illm. e Exm.
« Sr. general D. Bartholomeu Mitre. *Se V. Ex. já tiver resolvido com os nossos collegas*
« *generaes em chefe qual o ponto ou pontos porque devemos invadir o Paraguay*, rogo-
« lhe se sirva communicar-me, e, a poder ser, uma conferencia com os ditos nossos col-
« legas, afim de que se especifique bem tudo o que ha a fazer, e todos os meios com que
« contamos. Julgo conveniente que a conferencia se celebre o mais breve possivel. —
« *(Assignado)* VISCONDE DE TAMANDARÉ. »

« Este officio cruzou-se no caminho com o que se segue, dirigido pelo general Mitre ao almirante :

« Illm. Exm. Sor. visconde de Tamandaré. — Quartel general, Marzo 28 de 1866. —
« Como lo sabrá ya V. Ex., el reconocimiento del Sor. Grãl. Flôres no ha dado resultado.
« Los obstaculos materiales que se oponen al pasage mas arriba del rio, inutilizan las
« ventajas militares, que podrian reportarse.

« En consecuencia no nos queda mas camino que el de Itapirú, al menos por ahora,
« y es necesario proceder en este concepto. Con todos los inconvenientes materiales y
« desventajas militares que ofrece ese punto de desembraque, *es tiempo ya de decidirse*
« *por el*, resuelto a vencer en perseverancia y energia los obstaculos que se presenten.
« En esto sentido hemos conferenciado con los Sors. generales Flôres y Osorio, y estamos
« de perfecto acuerdo. Por tanto, creemos llegada la oportunidad de despejar com-
« pletamente el rio, dominando la costa en la cual debe effectuarse el desembarque, no
« solo para hacer posible la operacion, sino para tomar mejores conocimientos que
« nos habiliten para tomar las medidas mas acertadas a effectuarla.

« Segun lo convenido en la junta de guerra que tuvimos en esto campo, y por la
« naturaleza misma de los elementos de que V. E. dispone, ha llegado el momento de
« que la escuadra obre activamente, en el sentido de despejar el rio de obstaculos, y
« prepar el pasajo del ejercito.

« El otro dia me decia V. E. que pensaba demorar el ataque a Itapirú para pro-

Em fins de Março de 1866 estava tudo prompto para a passagem, e os preparativos presagiavam resultados felizes (1). A esquadra possuia 4 encouraçados e 18 canhoneiras, tendo cada navio 6 a 8 peças. Dos quatro encouraçados, um, o *Bahia*, era monitor de torre giratoria com 2 peças de

---

« longar la ilusion de los Paraguayos, hasta tanto que se decidiese definitivamente el « punto de pasaje y como sobre esto ya estamos decididos, y la existencia de elementos « navales del enemigo en Itapirú favorece su moral y hace mal a la escuadra, considero « que V. E. pensará egualmente que ha llegado la oportunidad de no demorar mas esa « operacion preliminar. — *(Assignado)* B. MITRE. »

« Este importante documento basta para provar que até 28 de Março de 1866 não foi a falta de transportes, nem do concurso da esquadra, que demorou a passagem do exercito... »

A' vista d'estes extractos acreditamos que o Sr. Schneider não se mostra bem informado quando diz que no quartel general dos Alliados pensou-se em operar o desembarque por Curuzú.

Tambem se engana o autor quando diz que os Alliados não esperavam encontrar opposição ao desembarque. Sempre se esperou que Lopez revellasse mais habilidade e que a difficil operação da passagem do Paraná custasse aos Alliados muito sangue. Só conhecemos uma opinião em contrario: é a do almirante Tamandaré, manifestada no officio confidencial de 10 de Março de 1866 em que deu conta ao ministro da marinha da primeira conferencia entre os chefes alliados. Eis alguns trechos desse officio :

«... Ao abrir-se a conferencia declarou o general Mitre que sendo a esquadra o principal apoio das operações que temos de emprehender contra o inimigo, a mim competia a inciativa do plano a adoptar; em vista do que expuz o estado da força naval sob meu commando e declarei que o governo imperial tem posto á minha disposição os meios necessarios para destruir-se por agua todas as fortificações inimigas comprehendidas desde o Passo da Patria até Assumpção; mas que semelhante empreza não trazendo senão um brilho improficuo para as armas imperiaes, conviria mais, em minha opinião, estabelecer um plano pelo qual a esquadra e o exercito se coadjuvassem, ou se apoiassem reciprocamente.

« Então o general Mitre mostrou a conveniencia de fazermos com a esquadra um reconhecimento *no Paraná acima das Tres Bocas afim de escolhermos uma posição na margem direita do rio e no flanco do exercito inimigo, onde se possa effectuar com segurança o desembarque de nossas forças.* Ficando todos os generaes do accordo sobre os pontos rotearios, *declarei que eu contava fazer a passagem do exercito sem perder talvez um só homem,* empregando algumas canhoneiras, os vapores menores, as chatas e todas as embarcações pertencentes á esquadra, além das balsas e canôas de que dispõe o exercito... Asseguerei mais que com os recursos de que dispomos, podendo transportar de um só golpe 8 ou 10.000 homens, a passagem de todo o exercito imperial se poderá effectuar em um só dia.

« Concluimos a conferencia resolvendo que depois de operada a invasão, o exercito procurará bater o inimigo onde elle se achar, emquanto a esquadra se occupará em destruir as fortificações das margens direita do Paraná e da esquerda do Paraguay até a Assumpção.

« Como anteriormente communiquei a V. Ex. a ultima crescente das aguas do Paraná foi falsa e de mui pequena duração, tendo baixado mais de 1 1/2 braça da maxima altura a que havia chegado... »

(1) A imprensa de Buenos-Aires censurou muito a esquadra brazileira, ou antes o almirante Tamandaré, attribuindo-lhe a demora da invasão. Já vimos que só no dia 28 de Março os generaes em chefe Alliados escolheram o ponto da passagem. A respeito d'essa demora disse em 14 de Abril de 1866 o correspondente do *Jornal do Commercio* em Montevidéo :

«... Os Brazileiros e seus chefes eram culpados de tudo : não se moviam, nada faziam, entretanto que os Alliados se achavam promptos. Sóbe o almirante, lá está á frente da esquadra ha mez e meio; porque ainda se não invadio o Paraguay? E' porque o exercito argentino não está prompto. Faltam-lhe viveres para emprehender operação tão séria, faltam-lhe cavallos para montar a cavallaria, faltam-lhe bois para mover a artilharia. Não sou eu quem o diz, são as correspondencias vindas do proprio exercito argentino. Eis o que diz uma d'ellas :

« Julgar que a contenda se decidirá promptamente é uma illusão. A verdade antes « de tudo : o exercito argentino não tem cavallos, não tem gado para manter-se. Tanto « é assim que n'estes dous dias estivemos a meia ração. Estes dous elementos são indis-

150, systhema Withworth. Por tudo dispunha a esquadra de 125 peças (1).

« pensaveis, e em grande numero, porque a invasão que se vai effectuar não é uma « operação commum, é uma empreza gigantesca, cheia de difficuldades.

« *Não succede o mesmo ao exercito brazileiro que possue em profusão tudo quanto « póde necessitar.*

« *Todos, e eu tambem, temos proferido amargas queixas contra os Brazileiros, pois « os julgavamos causadores da nossa inacção e immobilidade. Mas é força confessar « que temos sido injustos. Nossa permanencia fatigante, nossos immensos soffrimentos « no inolvidavel campo da Ensenada, não foram devidos aos Brazileiros, mas á nossa « carencia de recursos.* Estamos a pé, e não contamos com 100 cabeças de gado para « poder dar alimento ao soldado argentino, mais paciente que o primeiro soldado do « mundo, e tão paciente, como bravo. »

« Por fim, » acrescenta o correspondente do *Jornal do Commercio*, « a verdade vai apparecendo, e se nos começa a fazer justiça. Entretanto não tem sido perdido este tempo. Nossa esquadra o tem aproveitado para levantar plantas e sondar o rio debaixo de fogo, e hoje conhece o Paraná onde tem de operar, do qual não havia um só pratico na Republica Argentina. Ao menos nunca nos foi offerecido, embora o procurassemos. »

No *Diario* de Palleja lê-se o seguinte : « — Dia 2 de Abril. — ... El almirante Tamandaré y el general Ozorio *estan prontos, aguardando la señal del embarque, que deberá dar el presidente Mitre...* — Dia 3... Mañana hubieramos marchado, y el dia 5 habria sido efectivamente el de nuestro pasage; *pero las contraridades que esperimenta el Presidente Mitre respecto al abasto, lo obligan a demorar su ida al Paso de la Patria con el resto del ejército...* — Dia 5. — *Hoy hubiera sido nuestro pasaje sin los malditos abastecedores del ejercito argentino, y no solo no pasamos, sino que ni nos movemos de S. Cosme...* »

(1) Eis a relação da esquadra imperial que tomou parte nas operações diante do Passo da Patria (não mencionamos a fragata *Amazonas*, commandante Theotonio de Brito, a canhoneira *Maracanã*, commandante Gonçalves Duarte, e o pequeno vapor *Igurey*, commandante o piloto Serpa, porque ficaram no porto de Corrientes) :

Encouraçados.

Brazil, commandante Victor Subrá, capitão de mar e guerra; 1 peça de 12, 4 de 68 e 4 raiadas de 70	9
Bahia, Rodrigues da Costa, capitão de fragata; 2 peças raiadas de 150.	2
Tamandaré, Mariz e Barros, 1º tenente; 3 peças de 68, 1 raiada de 70.	4
Barroso, Mendes Salgado, 1º tenente; 4 peças de 68, 2 de 120	6

Canhoneiras.

Parnahyba, J. F. de Abreu, capitão tenente; 4 peças de 32, 2 rodizios de 68, 1 peça raiada	7
Belmonte, L. M. Piquet, capitão tenente; 4 peças de 32, 3 rodizios de 68; 1 peça raiada de 70	8
Beberibe, Delphim de Carvalho, capitão de fragata; 6 peças de 32, 1 rodizio de 68	7
Araguary, A. L. Von Hoonholtz, 1º tenente; 2 peças de 32, 2 rodizios de 68	4
Itajahy, Carneiro da Rocha, 1º tenente; 2 peças de 32, 2 rodizios de 68.	4
Magé, Mamede Simões, capitão tenente; 6 peças de 32, 1 rodizio de 68.	7
Ivahy, Pereira dos Santos, 1º tenente; 2 rodizios de 68, 4 peças de 32.	6
Mearim, Eliziario Barboza, capitão tenente; 4 peças de 32, 3 peças de 68	7
Araguay, Fernandes Pinheiro, 1º tenente; 2 rodizios de 68, 4 peças de 32	6
Iguatemy, Alves Nogueira, 1º tenente; 2 peças de 32, 3 rodizios de 68.	5
Ypiranga, F. J. de Freitas, 1º tenente; 6 peças de 30, 1 rodizio de 30.	7
Greenhalg, Netto de Mendonça, 1º tenente; 2 peças de 32	2
Henrique Martins, Jeronymo Gonçalves, 1º tenente; 2 peças de 32.	2

Avisos.

Chuy, Marques Guimarães, 1º tenente; 1 rodizio de 32	1

O exercito contava 37,500 homens com 100 peças pouco mais ou menos (1).
Milhares de carretas estavam promptas, pois em territorio Paraguayo todo o abastecimento se faria por meio de rodagem.

---

11 de Junho, (hospital de sangue) Cortez, 1º tenente; 2º peças raiadas de 12........	2
Lindoya, Antonio Joaquim, 2º tenente; 1 peça de 6........	1
Voluntario e........	0
Gen. Ozorio commandandados por pilotos; sem artilharia........	0

Transportes de guerra.

Apa (navio almirante), Garção, capitão tenente........	2
Marcilio Dias, José Alvim, 1º tenente, 1 peça raiada de 2; 2 peças de 12	3
Izabel, Faria, capitão tenente........	
Princeza de Joinville, Collatino, 1º tenente........	

Patacho.

Iguassú, Cunha Couto, 1º tenente; 4 peças de 32........	4
Total das bocas de fogo........	106

Transportes fretados.

Wightinch, Viper, Suzan Bearn, Riachuelo, Presidente, Duque de Saxe, Galgo.

A' excepção do patacho *Iguassú*, todos os outros navios de guerra e transportes eram a vapor. Tinham 3.510 praças de guarnição.

Os encouraçados *Tamandaré* e *Barroso* tinham sido construidos no arsenal de marinha do Rio de Janeiro; o *Brazil* em França, e o *Bahia* em Inglaterra.

(1) Sentimos não poder dar uma relação exacta das forças alliadas reunidas em frente ao Passo da Patria e a Itapua em Abril de 1866. No 1º de Março o 1º corpo de exercito Brazileiro (Ozorio) compunha-se de 33,078 homens, e o 2º corpo (general Porto Alegre), que em meiados de Abril ameaçou Itapúa, apenas tinha 9.300 homens, sem fallar nos que ficaram na fronteira do Uruguay. Total do exercito 42.378. O 1º corpo, porém, no decurso dos mezes de Março e Abril, recebeu mais de 5.000 homens de reforço, de sorte que ao invadir o Paraguay, em 16 de Abril, compunha-se de mais de 38.000 homens. Ainda no 1º de Junho, depois dos combates e batalhas de Abril e Maio, tinha esse corpo 34.470 homens. E' preciso, porém, abater d'esse numero os doentes e empregados. No fim do presente capitulo daremos os mappas, que pudemos encontrar, da força dos exercitos alliados.

A força effectiva do exercito brazileiro ao invadir o Paraguay, abatendo as tropas destacadas na esquadra, os doentes e os empregados, era aproximadamente de 29.000 homens. A força effectiva do exercito argentino era de quasi 11.000 homens, e a do oriental 2.200 homens. Total da força prompta do exercito alliado no Passo da Patria, 42.200 homens.

O correspondente do *Correio Mercantil*, em Buenos-Aires, escreveu o seguinte em 12 de Abril de 1866, referindo-se á força do 1º corpo de exercito brazileiro no 1º de Março (isto é, nos ultimos dias de Fevereiro) :

« Foi longa a espera, não ha negal-o. Um anno inteiro tem-se gasto em promptificar a esquadra e o exercito de operações; mas esse tempo, que parece excessivo, encurta-se considerando de perto os meios de força accumulados nas aguas do Paraná e sobre a sua margem esquerda.

« Quando se recorda que em 20 de Fevereiro de 1827, na batalha de Ituzaingo, e depois de quasi tres annos de guerra, o Imperio não teve para oppôr ao inimigo, que em numero de mais de 10.000 homens invadira o Rio Grande, senão 5.567 homens, e vê-se agora que para uma guerra longinqua, no espaço de 13 mezes tem-se feito inteiramente de novo um exercito de 35.000 homens sobre o Paraná, além de mais de 15.000 sobre o Uruguay, chega-se forçosamente á conclusão de que immenso tem sido nos ultimos 20 annos o augmento do poder do Brazil.

«... As forças sob o commando do marechal de campo Ozorio attingem ao numero exactissimo de 33.078 homens, não incluindo os 2 ou 3.000 chegados recentemente, ou que vão ainda subindo o Paraná. Na America do Sul sómente o Imperio poderia reunir tão numeroso exercito, e onde? A 300 leguas do Oceano, nas condições de um bom exercito europeo...

Dos 33.000 homens, 3.200 pertencem á artilharia, 4.800 á cavallaria, e os 25.000 res-

Iniciando as operações, deixou a esquadra, aos 21 de Março (1), o seu ancoradouro de Corrientes e postou-se desde Corrales até á confluencia do Paraguay no Paraná. As necessarias sondagens tinham sido feitas á noute por meio de escaleres de modo que se julgava avançar com segurança; mas ou se deram mudanças no leito do rio ou as sondagens não foram feitas com o devido cuidado, pois o encouraçado *Tamandaré* encalhou em frente a Itatí e foi posto a nado pelos outros navios por meio de cabos (2). A esquadra achava-se em geral fóra do alcance do forte de Itapirú, o qual segundo Thompson só tinha uma peça raida de calibre 12 e segundo Burton duas peças de 8 pollegadas, que a descoberto attingiam a flôr d'agua em barbeta (3). Este forte fôra construido pelo pai do marechal-presidente em substituição da antiga Guardia-Carayá, sobre uma saliencia da margem, cerca de 30 pés acima do maior nivel das aguas (4); estava revestido

---

tantes á infantaria. Ninguem ignora hoje que a qualidade dos armamentos no exercito imperial pouco tem que invejar aos mais perfeitos da Europa; porém, é sobretudo na artilharia que essa circumstancia se revela.

« O maior numero de peças é de calibre 12 La Hitte, e só a especialidade de alguns corpos e a previdencia de operações muito rapidas sobre o territorio inimigo, fez com que se mantivesse certo numero de peças de menor calibre.

« A força geral de artilharia é commandada pelo brigadeiro Soares de Andréa em substituição do brigadeiro Mello, cuja recente morte foi e é ainda tão deplorada .

« As divisões do exercito são seis. D'ellas quatro de infantaria, sob a indicação de 1ª, 3ª, 4ª e 6ª, commandadas pelos brigadeiros Argollo Ferrão, Antonio de Sampaio, Guilherme de Souza e Victorino Monteiro. As duas divisões de cavallaria 2ª e 5ª, são commandadas pelos brigadeiros Sanches Brandão e Andrade Neves.

« Uma brigada ligeira de voluntarios de cavallaria tem por commandante o brigadeiro Netto. Outra brigada de infantaria, destacada na esquadra, é commandada pelo brigadeiro Bruce.

« O exercito conta 19 brigadas, que formam 1 regimento e 5 batalhões de artilharia, 18 regimentos ou corpos de cavallaria e 40 batalhões de infantaria, além de 1 contingente de voluntarios allemães, ou filhos de allemães, das nossas colonias.

« Finalmente todos estes corpos prefazem o numero de 33.078 homens, sendo 2.164 officiaes e 30.914 praças de pret. Não seria exacto dizer que todos os corpos têm na respectiva arma instrucção igual; porém nenhum carece da indispensavel para desenvolver-se no campo de batalha, e tanto que os batalhões mais modernos, os chegados como recrutas ha dous mezes, juntam a um perfeito manejo da arma bastante precisão nas manobras essenciaes.

« O exercito está uniformisado com esmero, mas não com luxo; e quer nos transportes, quer nos depositos de Corrientes, ha uma reserva de fardamento e equipamento talvez excessiva. Facto identico se dá nas munições.

« Ha, para fabricar de prompto em Corrientes todas as que faltassem, um bom estabelecimento pyrotechnico, montado e dirigido por engenheiros brazileiros. O que ha no exercito digno de censura são os carros muito pesados, e a cavalhada magra... »

(1) No dia 17 de Março e não 21, como diz o autor, fiando-se em Thompson. No dia 21 começou-se a sondar o rio.

(2) O encouraçado *Tamandaré* encalhou depois da canhoneira *Araguary*, na occasião em que fazia esforços por desencalhar esta, que, explorando o rio, montára sobre uma pedra junto á ilha Carayá. Deu-se isso em 21 de Março e justamente quando a commissão hydrographica procurava o canal para subir a Itati.

(3) Thompson diz : «... Tinha 30 pés de diametro na parte mais larga, e estava a 20 pés sobre o nivel do rio. »

(4) Thompson diz que em Itapirú só havia 1 peça raiada de 12, e que no dia 6 de Abril o dictador Lopez fez ahi montar mais 1 peça de 8 pollegadas, e em seguida outra.

A asserção não é verdadeira. Desde o dia 17 de Março em que a esquadra brazileira tomou posição perto de Corrales estavam no forte de Itapirú 5 peças da parte do rio. O proprio correspondente que o *Semanario* tinha no acampamento do Passo da Patria, descrevendo o combate de 25 de Março (doze dias antes do em que assegura Thompson terem sido collocadas as 2 peças de 8 pollegadas) diz que os navios brazileiros que bombardearam foram obrigados a retirar-se pelas avarias que soffreram « *de los 3 raiados de Itapirú.* » Uma d'essas peças estava a cargo do tenente Gill e outra do tenente Ortiz. O correspondente accrescenta que no dia 22 de Março (quinze dias antes) os navios brazileiros foram recebidos pelo fogo « *de algunos dos canhões de Itapirú.* » No campo

e tinha pouco espaço no interior, e apenas 100 pés de diametro. Quando o occuparam os Alliados acharam ahi tres massiços, e parece que mais de dous foram inutilisados, porque Lopez dispunha de muitas bocas de fogo ao longo da margem septentrional. Era certamente o ponto mais forte da posição paraguaya e Mitre exigiu especialmente da esquadra que o demolisse.

O almirante Tamandaré só tinha ás suas ordens navios brazileiros. O *Guardia Nacional* e alguns outros argentinos armados ás pressas (1) tiveram de ficar em Corrientes, porque não só o vapor *Gualeguay*, cujo commandante sobresahia pela audacia (2), como alguns vapores menores paraguayos, appareceram por vezes no pequeno canal, que acima das Tres Bocas corre em um antigo leito fluvial do lado do Gran Chaco até abaixo da cidade de Corrientes, canal que poderia servir, na ausencia da esquadra brazileira, para qualquer tentativa contra essa cidade (3). Em Buenos-Aires tomou-se como uma offensa o não serem empregados os navios argentinos. Cartas de Corrientes estampadas nos jornaes do Prata referiram que o visconde de Tamandaré havia declarado ao almirante argentino Muratori serem seus navios tão máos, que não era possivel expol-os ás bateiras da margem do rio. Deviam tambem accrescentar que Tamandaré offerecêra

---

entrincheirado do Passo da Patria e nas mattas da margem tinham os Paraguayos, segundo o proprio Thompson, 100 peças.

Eis como a correspondencia de um dos jornaes do Rio de Janeiro descreveu o forte :

« O forte, que parece ser de construcção antiga, está edificado sobre uma ponta da peninsula que alli formam o rio e uma de enseada muito entrante.

« O forte consiste em um quadrado de muralhas de pedras bastante grossas e elevadas, e que têm obra de 100 metros por face. Na frente para o rio tem a muralha 5 canhoneiras, onde se descobrem outras tantas peças de artilharia de campanha. Uma haste com a bandeira paraguaya, e que tambem serve para signaes telegraphicos, completa o *aspecto militar* d'essa fortificação.

« Aquillo, porém, que não lhe deu a arte, teve em parte da natureza.

« A barranca em que o forte está edificado tem como 30 pés de elevação, descobrindo-se só uma especie de rampa para subir a elle pelo seu lado direito. Do lado esquerdo fica a enseada, que o forte cobre em parte e protege de perto, descobrindo-se a distancia um pequeno arroio, ou riacho, que vai até ao acampamento paraguayo.

A margem do rio á direita do forte é toda baixa, alagadiça e coberta de matto. A que corre á esquerda d'elle fica coberta por uma ilha que corre parallela com ella na extensão de uma legua, e se denomina ilha de Sant'Anna.

« Entre esta ilha e o forte ha um pequeno ilhote de pedras, e em frente de ambos, a 300 braças de distancia, outra ilha pequena, parte de arêa e parte coberta de fraca vegetação. E' esta a ilha que o tenente-coronel Carvalho occupou posteriormente com forças brazileiras. »

(1) Os argentinos tinham em Corrientes os pequenos vapores *Guardia Nacional*, *Chacabuco*, *Buenos-Aires*, *Pavon* e *Libertad*, ás ordens do coronel mayor chefe de divisão, Muratori. O almirante Tamandaré não se utilisou desses navios, porque não podiam servir para combate. Só foram empregados tres vezes No dia 27 de Março o *Chacabuco*, e o *Buenos-Aires*, com a nossa canhoneira *Henrique Martins*, conduziram até Itati o general Flôres que foi reconhecer as margens do rio. No dia 5 de Abril os mesmos 2 vapores argentinos subiram de novo o Paraná, acompanhando o chefe Alvim, que levava as canhoneiras *Itajahy*, *Greenhalg* e *Henrique Martins*. Na tarde de 16 de Abril os 5 vapores argentinos acima indicados transportaram, até o ponto em que haviam desembarcado os Brazileiros, parte das tropas de Flôres e Paunero. Depois da passagem do Paraná retiraram-se esses navios. Apenas estiveram expostos ao fogo do inimigo nos dias 27 de Março e 6 de Abril, mas nenhuma bala os alcançou.

(2) O commandante do *Gualeguay* era o tenente Aniceto Lopez, que em Riachuelo commandara o *Jejuy*, mettido a pique pelo *Amazonas*.

(3) Ha engano. O vapor *Gualeguay* estava desde principios de Fevereiro no Alto Paraná, no canal entre a ilha de Sta Anna e o acampamento do Passo da Patria e forte de Itapirú. Nenhum vapor inimigo desceu de Humaitá desde fins de Fevereiro, e em 21 de Março uma divisão brazileira collocou-se nas Tres Bocas, fechando a foz do rio Paraguay.

a seu collega Muratori e aos officiaes argentinos recebel-os na esquadra imperial com iguaes postos, sempre que estivesse imminente algum combate.

Pela submersão de barcas cheias de pedra tinha Lopez obstruido o canal entre a ilha Carayá (1) e a ponta meridional da margem, deixando sómente uma estreita passagem. Ahi estava o vapor *Gualeguay* com duas chatas, cada uma munida de um canhão de 8 pollegadas, sob as ordens do tenente Lopez, commandante do mesmo vapor.

Na tarde de 21 de Março, os navios brazileiros tomaram posição em ordem de batalha e na madrugada do dia 22 o *Gualeguay* rebocou uma das chatas e collocou-a junto á margem, sob a protecção das peças do forte de Itapirú, que descarregavam por cima della (2). Então rompeu um fogo

---

(1) Entre a *ilha de Sta Anna* e o acampamento do Passo da Patria. Thompson no texto de sua obra e em uma das plantas, que a acompanham, dá erradamente o nome de Carayá á ilha de Sta Anna. — Carayá é uma pequena ilha do Paraná, pouco acima da de Sta Anna. O Sr. Schneider tambem commette um erro na sua planta do Passo da Patria, collocando a ilha Carayá junto á confluencia do Paraguay, pouco mais ou menos no lugar em que fica a ilha de Paraná-Miny, e supprimindo inteiramente a de Sta Anna, e, portanto o Canal del Campamento que começa entre a ponta occidental desta ilha e o forte de Itapirú. — Vej. o excellente *Mappa hydrographico do Passo da Patria*, levantado então pelos 1º tenentes Hoonholtz, Silveira da Mota e Cunha Couto, e mandado lithographar em 1867 pelo ministro da marinha Affonso Celso.

(2) Procurando descrever os combates que se deram em frente a Itapirú, o Sr. Schneider commeteu o erro de guiar-se pelas inexactidões de Thompson, que nem ao menos quiz ler com attenção o *Semanario*.

A esquadra imperial deixou o porto de Corrientes no dia 17 de Março, e não 21, seguindo para as Tres Bocas e Passo da Patria.

A's 8 horas da manhã partiram de Corrientes os encouraçados *Brazil* e *Barroso*, este ultimo com a insignia do commandante da 2ª divisão, capitão de mar e guerra J. M. Rodrigues, e as canhoneiras *Araguary*, *Ivahy* e *Iguatemy*. Uma hora depois seguiram o encouraçado *Tamandaré*, as canhoneiras *Beberibe*, *Mearim*, *Ypiranga* e *Parnahyba*, e o aviso *Lindoya*, indo ao lado desses navios o pequeno transporte *Cysne*, que levava a seu bordo o plenipotenciario do Brazil, conselheiro F. Octaviano. Na *Beberibe* ia o capitão de mar a guerra Alvim, commandante da 3ª divisão.

A's 3 da tarde subiram o almirante Tamandaré e o vice almirante Barroso, barão do Amazonas (então chefe de esquadra), no transporte *Apa*, acompanhados do encouraçado *Bahia*, do transporte *Princeza de Joinville*, que levava tropas de desembarque, e do aviso *Onze de Junho*, onde se estabeleceu o hospital de sangue da esquadra. A's 4 da tarde estes navios estavam reunidos ás divisões Rodrigues e Alvim, que haviam dado fundo em frente ao porto correntino de Santa Anna (segundo o *Semanario*, deram fundo desde Mbatará até a ponta occidental da ilha Cuiguê). Pouco depois avistou-se a 5 milhas de distancia, em frente a Itapirú, o vapor paraguayo *Gualeguay*, que se occupou até o escurecer em observar a esquadra. O forte, apenas esta appareceu, içou dous galhardetes, provavelmente para dar aviso ao quartel general de Lopez, nas trincheiras do Passo da Patria.

Na manhã de 18 o encouraçado *Tamandaré* adiantou-se para reconhecer o forte, e chegou até uma milha de distancia deste. Não se avistou o *Gualeguay*, que durante a noite se mettera no canal do acampamento.

No dia 19 incorparam-se á esquadra as canhoneiras *Araguay* e *Henrique Martins* e patacho *Iguassú*. Em Corrientes ficaram ainda a fragata *Amazonas*, as canhoneiras *Magé*, *Belmonte*, *Maracanã*, *Itajahy*, o pequeno vapor *Igurey* e muitos transportes.

Nesse mesmo dia 19 Lopez foi a Itapirú e ordenou que o *Gualeguay* se adiantasse. Este chegou até perto do Porto de Aranda ou Corrales, e disparou tres tiros sobre os soldados correntinos que estavam apinhados na margem. Apezar de serem de metralha os tiros a ninguem feriram.

Havendo observado attentamente a esquadra, e antes de regressar para o acampamento do Passo da Patria, dirigiu-se Lopez ao sitio junto ao forte em que haviam sido enterrados os Paraguayos mortos em Corrales. Ahi permaneceu durante alguns minutos em silencio e, segundo refere o correspondente do *Semanario*, ajoelhou-se ao pé da cruz que assignalava o lugar, imitando-o todo o estado maior.

No dia 20 a esquadra devia subir, mas conservou-se fundeada em consequencia de um forte temporal, e só no dia seguinte continuou a navegação, fundeando em linha

vigoroso contra os navios brazileiros, e os que não eram encouraçados dependuraram de ambos os lados grossas correntes para attenuarem o effeito das balas inimigas. A chata atirava á flôr da agua com tão certeira pontaria, que o navio em que o almirante brazileiro tinha o seu pavilhão

---

desde Corrales até ás Tres Bocas. Em frente a Itapirú, em Corrales, na testa da linha, ficou o vapor *Apa*, a bordo do qual estava o almirante, e na cauda da linha, nas Tres Bocas, o encouraçado *Barroso*, com a insignia do chefe Rodrigues. O chefe Alvim, com o encouraçado *Tamandaré* (Mariz e Barros) e as canhoneiras *Araguary* (Hoonholtz) e *Henrique Martins* (Jeronymo Gonçalves), começou a sondar o rio, seguindo até á ponta de Toledo, 2 1/2 leguas acima do Passo da Patria. Na *Araguary* ia a commissão encarregada de levantar o plano hydrographico, composta dos 1[os] tenentes Silveira da Mota, secretario do almirante, e Hoonholtz e Cunha Couto, commandantes dessa canhoneira e do patacho *Iguassú*.

O *Gualeguay*, conservou-se atraz da ilha de Sta Anna. Foram avistadas no mesmo lugar 2 chatas. Um dos nossos navios, segundo o *Semanario*, só disparou um tiro, ferindo um sargento paraguayo que se achava em canoa. Esses navios reconheceram todos os canaes do Paraná, excepto o comprehendido entre a ilha de Santa Anna e o campo intrincheirado do Passo da Patria, paragem aquella que na planta publicada annos antes por occasião do conflicto com a canhoneira norte americana *Watter Witch* figura com a denominação de *Canal exclusivo del Campamento*.

« Quando esta divisão voltava do seu trabalho, » diz o correspondente do *Jornal do Commercio*, « varou a *Araguary* sobre uma pedra que fica entre a ilha Carayá e a margem esquerda do rio. Este desagradavel successo obrigou-a a ficar alli toda a noite, sem ter sido, entretanto, hostilisada.

« Neste lugar embarcou-se o secretario Silveira da Mota e desceu em um escaler para dar parte do occorrido ao almirante que estava dahi a 3 leguas.

« A's 2 horas da manhã do dia 22 uma bateria volante collocada nas Tres Bocas rompeu fogo sobre o *Barroso* e arremeçou-lhe 14 tiros, que não acertaram. O *Barroso* não respondeu.

« A's 6 da manhã do mesmo dia seguiram a canhoneira *Mearim* e o aviso *Voluntario da Patria* para ajudar a safar a *Araguary*. Naquelle ia o 1° tenente Silveira da Mota e neste o 1° tenente Tamborim, officiaes do estado maior do almirante.

« Estes navios foram saudados ao subir com 19 tiros, que não acertaram nem tiveram resposta. Quando elles chegaram, já a *Araguary* estava a nado, bem como o *Tamandaré*, que tinha pegado um pouco. Fazia, porém, aquella muita agua, e teve que ir para Corrientes com as bombas na mão.

« O Alto Paraná é um rio difficil de navegar, não só pelo pequeno fundo, como por ser elle eriçado de pedras e bancos, e haver correnteza forte.

« Quando todos estes navios desciam, o forte de Itapirú esperdiçou mais 8 balas. Se proseguem os artilheiros paraguayos nesta marcha, gastam as munições sem nos offender... »

Na manhã de 22 passaram-se para bordo do *Apa* os generaes Mitre, Ozorio e Flôres, afim de combinarem sobre o ponto por onde se devia operar a passagem.

No dia 23 seguiram esses generaes com o almirante e o plenipotenciario brazileiro, a bordo do pequeno transporte *Cysne*, até o passo da Jaguary, donde regressaram ás 4 horas da tarde. O encouraçado *Tamandaré*, a corveta *Beberibe* e a canhoneira *Henrique Martins* acompanharam o Cysne.

O *Gualeguay*, rebocando uma chata, montou a ponta de Itapirú, e ao mesmo tempo rompeu o fogo da artilharia do forte, e da chata. Os encouraçados *Brazil* (commandante Subrá) e *Bahia* (commandante Rodrigues da Costa), que estavam na distancia de 800 a 900 braças, receberam ordem de responder ao inimigo, fazendo fogo lento, a modo de exercicio ao alvo. Ao cabo de poucos tiros o *Brazil* acertou uma bala na chata, que era commandada por um sargento Francisco Lopez, e poz fôra de combate a sua guarnição. O *Gualeguay* tomou immediatamente a chata e levou-a a reboque para dentro. Quando voltava a expedição, reappareceram a mesma chata, commandada então pelo alferes José Fariñã, e o vapor inimigo, cujo commandante, como já vimos, era o tenente Aniceto Lopez. Encobertos pela ponta de Itapirú, atiraram sobre a *Beberibe* (commandante Delphim de Carvalho) e o *Cysne*, e depois, até o pôr do sol, sobre o resto da esquadra, mas nenhuma bala acertou. A *Beberibe* fez alguns tiros. O *Tamandaré*, que se adiantara, passou todo a noite encalhado em frente a Itapirú, e só na manhã de 24 safrou.

No mesmo dia 23 o exercito argentino acampou sobre a margem do Paraná.

No dia 24 o vapor e a chata, na mesma posição do dia anterior, fizeram muitos tiros, a que os nossos navios não responderam, porque em virtude de determinação expressa

recebeu 4 balas. Tamandaré, assombrado da audacia dos Paraguayos, ordenou que 3 encouraçados avançassem e fizessem calar a peça da chata. Aos primeiros movimentos dos encouraçados retirou-se o *Gualeguay* para

---

do almirante não podiam fazer fogo sem ordem sua. Afinal uma bala acertou no encouraçado *Brazil*, fazendo uma depressão de mais de pollegada na chapa, acima da portinhola de vante, a bombordo, e abalando o madeiramento interno. Então o almirante ordenou que alguns navios fizessem fogo de espaço a espaço. O *Gualeguay* recebeu logo uma bala no prôa, e outra atravessou-lhe a chaminé, pelo que poz-se elle em retirada com a chata, e não se mostrou mais.

Não obtante o que dizem Thompson e o *Semanario* sobre a grande pericia dos artilheiros paraguayos, só mais tarde elles mereceram esses louvores. Em Coimbra haviam feito triste figura, e si em Riachuelo, Mercedes e Cuevas conseguiram causar grandes avarias nos nossos navios, foi porque Lopez destacou para esses pontos o melhor regimento do seu exercito, e os nossos navios estavam a tiro de pistola.

Como acabamos de ver, o inimigo não cessou nos dias 21, 22, 23 e 24 de Março de fazer fogo sobre a esquadra imperial e sobre os escaleres que crusavam o rio, sondando-o, e só neste ultimo dia uma bala bateu na couraça do *Brazil*.

No dia 25 o fogo esteve mais animado, e é evidentemente aos acontecimentos desse dia que o autor e Thompson se referem, dizendo, por engano, que esses factos se deram tres dias antes.

Sendo de festa nacional para os Brazileiros o dia 25 de Março (anniversario do juramento da constituição) embandeiraram todos os navios e deram as salvas do estylo. A bordo do *Apa* houve banquete dado pelo almirante, e ahi achavam-se reunidos o ministro Octaviano com os secretarios da missão especial, os commandantes das divisões da esquadra e varios generaes. A's 3 horas da tarde a chata paraguaya do alferes Fariña montou a ponta de Itapirú por meio de espias, e collocou-se na margem do rio, quasi na perpendicular do *Apa* começando o fogo a que os nossos navios não responderam « As balas cahiam no costado do navio almirante, jorrando agua no navio, outras passavam a duas braças por cima da tolda, e, ao 14º tiro, uma, penetrando no casco, foi fazer grandes destroços no paiol dos mantimentos. » O almirante ordenou então que o chefe Alvim, com o encouraçado *Tamandaré* (Mariz e Barros) e a canhoneira *Henrique Martins* (J. Gonçalves), se adiantasse para afugentar a chata ou destruil-a. Eram quasi 4 horas da tarde quando esses navios romperam o fogo, e, sondando o rio, se foram achegando da costa, debaixo dos fogos de Itapirú. A guarnição da chata, que se compunha apenas de 6 homens, encalhou-a, prendeu-a por cabos a duas arvores, e correu a refugiar-se no matto. O chefe Alvim pretendeu então tomar a pequena embarcação, e com este fim fez arriar tres escaleres convenientemente tripolados (levavam 70 homens), mas quando iam largar, sahiram do bosque muitos atiradores, que ahi estavam escondidos, e cobriram a praia, rompendo um vivo fogo de fuzilaria. Deu-se então ordem aos escaleres para que não seguissem, e os dous navios metralharam o inimigo, obrigando-o a refugiar-se em um vallo de ante-mão preparado. A fuzilaria do bosque continuou e do mesmo modo a artilharia de Itapirú, donde tambem eram lançados foguetes a congréve. O *Tamandaré* e a *Henrique Martins* sustentaram o fogo desde as 4 da tarde até ás 8 1/2 da noite. A's 8 horas o bombardeamento produziu um incendio no acampamento da infantaria paraguaya, que ficava perto da costa. O aviso *Lindoya* (commandante Antonio Joaquim), levando a seu bordo o ajudante Silveira da Mota, ia e vinha com frequencia, para informar o almirante das occurrencias. O commandante Mariz e Barros quiz aproveitar a escuridão da noite para lançar á agua novamente os seus escaleres e abordar a chata, o que teria sido uma imprudencia ; mas ás 8 1/2 recebeu o chefe Alvim ordem do almirante para suspender o bombardeamento e incorporar-se á esquadra.

Apezar de tão prolongado fogo só tivemos 1 marinheiro ferido (primeiro ferimento que houve na esquadra desde que começaram os tiroteios) e duas balas de artilharia penetráram na *Henrique Martins*, causando pequenas avarias. O *Semanario* declarou que os Paraguayos só tiveram 1 morto e 2 feridos.

Durante a noite conseguiram os Paraguayos pôr de novo a nado a chata encalhada.

No dia seguinte 26, ás 2 horas da tarde, voltou a chata a occupar a mesma posição dos dias anteriores, dirigindo o seu fogo contra o navio almirante. Acertaram no *Apa* 3 balas de 68, sendo 2 na caixa da roda, e 1 quasi na linha da agua. Foi ferido a bordo desse vapor 1 marinheiro. O almirante mandou avançar os encouraçados *Tamandaré*, *Bahia* e *Barroso*. Como o confessa Thompson, e reconhece o autor, é difficil acertar em uma chata. O *Bahia* recebeu 3 balas, a primeira das quaes produziu na couraça uma pollegada de depressão, a segunda atravessou-lhe o castello de prôa, e a terceira inutilisou o mastro de traquete. Aos primeiros tiros desses encouraçados, os Paraguayos aban-

seu abrigo atraz da ilha Carayá (1), mas a chata continuou a atirar, e como o seu bordo se elevava apenas um pé acima da linha d'agua, não podia ser attingida facilmente pelas balas. Quando os encouraçados chegaram á distancia de 300 pés e arriaram os escaleres, os artilheiros da chata lançaram-se ao rio e foram a nado esconder-se no matto. Ao approximarem-se os escaleres, surgiu dentre as arvores a infantaria paraguaya e fez fogo com tanto acerto sobre a tripolação, que os botes foram chamados para bordo (2). A vista disso os encouraçados em pequena distancia atiraram vivamente sobre a chata até que voou o paiol, e ella submergio-se. Os navios brazileiros regressaram então ao sitio que antes occupavam. A peça da chata, tirada da agua pelos Paraguayos durante a noite, serviu em outros combates, por não ter soffrido damno.

Cinco dias depois, em 27 de Março fizeram os Paraguayos a mesma tentativa e no mesmo logar. Trouxeram de detraz da ilha Carayá (3) a segunda chata, mas d'esta vez sem paiol a bordo; as munições, ficaram em terra e eram levadas por bons nadadores (4). Ainda uma vez mostrou-se extremamente efficaz a peça de 68 d'esta machina fluctuante e se não tivesse de empregar seu fogo contra encouraçados, teria produzido grandes prejuizos á esquadra : mas as balas iam despedaçar-se de encontro ás couraças, sem offenderem o casco. Só um tiro, por acaso, causou grande destroço na guarnição do *Tamandaré* — ou do *Brazil*, segundo dizem documentos inglezes do theatro da guerra — (5). A bala atirada da chata bateo por cima na torre de ferro e com os estilhaços matou 23 homens, entre os quaes o commandante do navio, seu immediato, 3 officiaes e

---

donaram a chata, lançando-se a nado, e logo depois um certeiro tiro do commandante do *Tamandaré*, Mariz e Barros, determinou uma explosão no paiol da chata, que voou em pedaços.

Até o dia 26, portanto, *respondendo raras vezes* ao fogo do inimigo, a nossa marinha destruiu-lhe 1 chata, e metteu 2 balas no *Gualeguay*, que não ousou mostrar-se mais. Segundo o *Semanario*, os Paraguayos só tiveram 1 morto e 3 feridos. Admittindo que sejam verdadeiros os dados que nos fornecem os proprios inimigos, vejamos em resumo qual o effeito produzido pelo *fogo incessante* da artilharia de Itapirú, do vapor *Gualeguay* e das 2 chatas, e pelo da fuzilaria da barranca :

No encouraçado *Brazil*, 1 depressão na couraça (dia 24);

No *Apa*, 4 rombos (1 no dia 25, e 3 no dia 26) ;

No *Henrique Martins*, 2 rombos (tarde de 25) ;

No encouraçado *Bahia*, 3 balas (no dia 26, produzindo uma depressão na couraça, varando o castello de prôa, e arrancando o mastro de traquete);

Nenhum morto, e apenas 2 feridos, sendo 1 na *Henrique Martins* (dia 25), e 1 no *Apa* (dia 26).

Entramos nestas particularidades para reduzir ás suas verdadeiras proporções as grandes façanhas que Thompson refere no seu Cap. X, deitando a barra adeante do proprio *Semanario*.

(1) Leia-se ilha de Sant'Anna.

(2) E' o tiroteio de 25 de Março. Vej. na nota anterior as rectificações.

(3) Leia-se — ilha de Sant'Anna.

(4) A chata ficou encoberta pelo recife da ponta de Itapirú, e as munições eram facilmente levadas a bordo, sem que os soldados empregados n'esse serviço precisassem nadar.

(5) O desastre deu-se a bordo do *Tamandaré* e não do *Brazil*. Como vimos na nota á pagina anterior, no dia 20 foi destruida a primeira chata, salvando o inimigo apenas o canhão. A segunda chata entrou activamente em combate nos dias 27 e 28, ficando inutilisada n'este ultimo dia.

No dia 26 de Março o exercito brazileiro, que estava em Tala-Corá desde 11 de Fevereiro, começou a mover-se para o Passo da Patria. N'esse dia ahi acamparam á margem do rio as divisões de infantaria dos generaes Argollo e Sampaio (10,000 homens) e alguma artilharia.

Na manhã de 27 o general Flôres subio o rio para reconhecer o passo de Itati, preferindo os vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Aires* pelo seu pequeno calado e boa marcha. A canhoneira *Henrique Martins*, a pedido de Flôres, acompanhou esses vapores

18 marinheiros; foram feridas 15 pessoas. O terrivel effeito de um só tiro servio para augmentar a prudencia, pois veio mostrar que nem mesmo os melhores encouraçados offerecem segurança completa. Parece incrivel que, durando o canhoneio até ao anoitecer, nenhum tiro acertasse na chata. Assim, ao terminar o combate, ás 9 horas da noite, retirou-se ella sem ter succumbido diante da desproporcional superiodade dos inimigos.

No mesmo logar começou a mesma chata no dia 28 a fazer fogo contra 4 encouraçados brazileiros e 4 navios de madeira que seguiam de reserva. D'esta vez 4 balas attingiram o *Barroso*, desmontando-lhe um canhão Whitworth de calibre 120; mas esse devia ser o ultimo dia para a denodada

---

para protegel-os em caso de necessidade. Voltaram no mesmo dia, sem ter soffrido a menor hostilidade.

Pouco depois do meio dia, começou contra os navios brazileiros o fogo da segunda chata paraguaya. D'esta vez ella não sahio fóra da enseada de Itapirú ; ficou da parte de dentro, encoberta por uma ponta de pedra, de modo que apenas se descobria a boca do canhão. Uma bala de 68 acertou no navio almirante. Adiantou-se então o chefe Alvim com os encouraçados *Bahia* (commandante Rodrigues da Costa) e *Tamandaré* (commandante Mariz e Barros). O fogo da chata era dirigido pelo sargento Morinigo, um dos primeiros artilheiros do regimento do coronel Bruguez. Este chefe seguio para Itapirú, por ordem de Lopez, e dirigio em pessoa contra os dous encouraçados o fogo do forte.

Vendo que era difficil attingir o canhão da chata, porque o casco ficava occulto, o chefe Alvim preferio bombardear o forte. Até ás 4 da tarde continuou o combate, causando os nossos tiros grandes destroços em Itapirú. A esse hora os dous encouraçados começaram a andar para traz, por não poderem dar volta no canal em que se achavam. Até então apenas tinham sido feridos levemente a bordo do *Brazil*, por um estilhaço de bala da chata, o chefe Alvim, e a bordo do *Tamandaré* 1 marinheiro. Quando, porém, este ultimo encouraçado recuava, duas balas do forte Itapirú penetraram com pequeno intervallo na casamata, matando ou ferindo todos os officiaes e muitas praças. O correspondente do *Semanario* no Passo da Patria declarou que as duas pontarias foram feitas pelo proprio general Bruguez, então coronel. Ficaram mortos o immediato, 1° tenente Vassimon, o commissario Accioli de Vasconcellos, o escrivão Alpoim, e mais 7 praças; feridos gravemente o commandante Mariz e Barros, filho do almirante visconde de Inhaúma, que devia ser tambem, mais tarde, uma das victimas d'esta guerra, o 1° tenente Ignacio da Silveira, os 2os tenentes Victor Delamare e Manhães Barreto, o guarda marinha Paulo Mascarenhas, o alferes do 43° de voluntarios Tourinho Pinto, 1 mestre e 17 praças mais. Ao todo 10 mortos e 23 feridos. Dos ultimos morreram 9 pouco depois, entre os quaes o intrepido Mariz e Barros e o 1° tenente Silveira, de sorte que o triste acaso da entrada d'essas balas na casamata deu em resultado a morte de 5 officiaes e 14 praças e o ferimento de 4 officiaes e 10 praças ou 33 homens fóra de combate.

O *Tamandaré* tivera antes 1 praça ferida. Assim, no bombardeamento de 27 de Março o nosso prejuizo foi de 19 mortos e 15 feridos no *Tamandaré* (34 homens), e no *Bahia* 1 ferido levemente (o chefe Alvim).

O joven 2° tenente Manhães Barreto era dos officiaes feridos no *Tamandaré* o unico que se podia ter de pé, e foi quem assumio o commando, conduzindo o navio até o ancoradouro da esquadra.

Um correspondente do *Jornal do Commercio* descreveu assim este desastre, que tão lamentado foi no Imperio e particularmente no Rio de Janeiro, cidade natal de Mariz e Barros e Vassimon, e onde era conhecida toda a brilhante officialidade do *Tamandaré* :

« Entretanto o *Tamandaré* e o *Bahia* foram enviados contra o forte e a chata, e até ás 4 da tarde ouvio-se pausado, mas nunca interrompido, o fogo do canhão, de uma e outra parte.

« Na posição em que estava a chata, era ella pouco vulneravel ; em compensação o forte era fulminado, e pela poeira e destroços que subiam ao ar calculava-se o estrago que as balas e bombas lhe causavam.

« A' hora indicada (4 da tarde) o *Tamandaré*, cuja guarnição devia estar fatigadissima até porque reinava um calor intoleravel, começou a retirar-se, andando para traz, porque o canal estreito não lhe permittia dar volta.

« Pouco depois uma bala alcançou o vapor, e, penetrando por uma portinhola ou abertura da frente da casamata, foi causar dentro d'ella um doloroso estrago.

« A bala ao entrar arrancara e convertera em projectis as correntes que defendiam

chata. Uma bala brazileira partiu em dous pedaços a peça de 68 no mo-

---

a portinhola, e a propria bala, dando e rebotando de uma parede a outra da casamata, como que se multiplicou infinitamente.

« Das 50 a 60 pessoas que havia na casamata 34 foram feridas ou mortas.

« Por desgraça alli se achavam todos os officiaes e empregados do navio, exceptuando o medico, Dr. Castro Rabello, que descera a levar um ferido á camara.

« Ainda não se tinham verificado os estragos da primeira bala, quando outra penetrou tambem na casamata e os veio augmentar.

« Em officiaes nenhum tinha ficado de pé ! Reunidos todos perto do commandante, foram como elle victimas do desastre.

« Mortos e terrivelmente desfigurados ficaram o segundo commandante do encouraçado, 1º tenente F. A. Vassimon, o commissario Accioli de Vasconcellos, o escrivão Augusto de Alpoim e 10 praças da guarnição (13 mortos immediatamente). Mortalmente feridos foram o bravo commandante Mariz e Barros, o 1º tenente José Ignacio da Silveira e 4 praças mais (6 que falleceram depois).

« Ficaram ainda feridos, porém, com menos gravidade, os 2^os^ tenentes Victor Delamare e Manhães Barreto com 11 praças da guarnição (11 feridos). » (O correspondente não menciona o guarda-marinha Mascarenhas e o alferes Tourinho Pinto. Veja-se, porém, a parte official do 2º tenente Manhães Barreto, no *Jornal do Commercio* de 21 de Abril de 1866).

« Foi este official » (Manhães Barreto), continúa o correspondente, « unico que se podia ter de pé, quem tomou o commando do *Tamandaré*, e com bastante serenidade o trouxe ao seu fundeadouro no meio da esquadra. Aos signaes que elle fez para o navio chefe de que o commandante estava ferido e varios officiaes mortos, o almirante mandou um dos seus escaleres com 4 medicos ao encontro do *Tamandaré*, e elle proprio para lá se dirigio apressadamente.

« Era horrendo o espectaculo que apresentava a casamata do encouraçado ao chegar ahi o almirante : o sangue a alagava e destroços de corpos humanos alastravam-n'a. O intrepido Mariz e Barros, a quem para logo se dirigio o almirante, jazia sustentado por imperiaes marinheiros, pois a segunda bala lhe arrancára a perna direita abaixo do joelho. Recebeo com o sorriso nos labios e apertando a mão a seu chefe, o qual escondia no intimo do peito a dôr que sentia, vendo quasi moribundo um official a quem amava a par de seus filhos. O 1º tenente Silveira, cujo corpo a bala destroçára, arrancando-lhe uma perna e um braço, ainda vivia ; mas sentido que ia morrer, apertou tambem a mão de seu chefe, e com a maior calma despedio-se d'elle e de seus camaradas. Depois, beijando um retrato que trazia, pronunciou a palavra — adeus, — e expirou. Os outros feridos não se mostravam menos serenos e corajosos.

« O almirante fez que puzessem em sua canôa com todo o cuidado o commandante Mariz e Barros, e foi com elle para o *Onze de Junho*, que serve de hospital de sangue na esquadra...

« E' ocioso ponderar o desgosto que causou na esquadra o desastre do *Tamandaré*, e muito mais quando não se podia ver n'isso mais do que uma fatal casualidade.

« Aos homens da parte naval pertence dizer se não é um grande defeito em navios encouraçados deixar a possibilidade de entrarem balas na casamata, onde cada uma d'ellas póde fazer tão terrivel damno, e até não deixar um só homem de pé.

« Está, porém, averiguado que as duas balas ao entrarem no *Tamandaré*, este achava-se a tal distancia do forte e da chata, que era muito difficil descobrirem-se as aberturas da casamata.

« Foi, portanto, um acaso, o que trouxe á esquadra tão sensiveis perdas.

« Eu mesmo, em minha carta anterior, escrevia estas palavras, que agora apparecem tristemente propheticas : — O 1º tenente Mariz e Barros se fará matar no primeiro combate. — Nunca teria imaginado que isso acontecesse por ter penetrado uma bala na casamata...

« Para não voltar sobre este afflicto episodio, direi desde já que Mariz e Barros sómente sobreviveu algumas horas á sua ferida. Acompanhado por varios medicos da esquadra, dous d'elles especialmente encarregados do seu tratamento, foi no *Onze de Junho* levado a Corrientes; mas o prognostico era máo. Com poucas esperanças de bom resultado foi que combinaram na amputação da perna acima do joelho.

« Trouxeram o chloroformio, o que visto pelo doente sorrio-se, dizendo que isso era bom para mulheres — « Dêm-me um charuto acceso, accrescentou, e cortem ! »

« De facto levou fumando, sem dar um gemido, todo o tempo que durou a amputação. Elle sempre acreditou que succumbia, e assim o exprimia, até nas referencias que fazia ao facto de sua preterição. A' meia noite, porém, sentio que a morte se lhe approximava, e manifestou-o com toda a calma e firmeza de animo. Deu ao Sr. Carlos

mento em que o artilheiro puchava o detonador. Outros tiros metteram-n'a a pique, salvanda-se a tripolação a nado (1).

Na noite de 29 traziam de Humaitá os Paraguayos (2) outra chata, na qual haviam collocado a peça que fôra ao fundo no dia 23 (3). Era ella rebocada a remos por um bote, e, ao despontar á boca do Paraguay, movia-se cautelosa cosida á margem. Foi, porém, avistada pelos Brazileiros, que logo lhe deram caça. Ao approximarem-se os navios imperiaes, os remadores fugiram para terra, e chata e bote cahiram nas mãos dos Brazileiros (4).

Frederico recados para sua familia, repetindo : — « Mande dizer a meu pai que eu sempre soube respeitar seu nome. » Depois adormeceu... para sempre.

« Esta morte, que lembra as de D. Fuas Roupunho e de Bayard, a do não menos intrepido 1º tenente Silveira, e a resignação com que os mesmos marinheiros morriam, dão a medida do que o Brazil póde esperar de seus filhos. — *Morte de Espartanos* — as chamou um nobre jornal argentino, e, de facto, menor elogio lhe não cabe.

« Que a dôr dos pais, esposas e filhos d'esses bravos seja mitigada pela certeza de que elles morreram como heróes, e que os proprios e os estranhos dão á sua intrepidez o merecido tributo de admiração !

« Mariz e Barros foi sepultado em Corrientes, Vassimon e os outros na margem esquerda do Paraná, defronte do Passo da Patria. Cada um dos officiaes foi coberto com a bandeira brazileira e uma modesta cruz assignala seu jazigo, até que a nação os faça levar ao solo da patria que tanto amaram e por quem morreram.

« Na noite de 27 foi a guarnição do *Tamandaré* reorganisada, sendo nomeado commandante d'elle o 1º tenente Eliziario Barbosa, que commandava a *Mearim.* »

Um novo encouraçado tomou o nome de *Mariz e Barros*, e um transporte de guerra ou de *Vassimon.*

(1) No dia 28, ao amanhecer, a mesma chata do sargento Morinigo começou a atirar sobre os navios de madeira. Duas balas acertaram no *Princeza de Joinville*, uma no transporte *Riachuelo* e outra na canhoneira *Parnahyba.*

O *Bahia* (commandante Rodrigues da Costa), o *Barroso* (commandante Salgado) e o *Brazil* (commandante Subrá), tomaram posição perto de Itapirú, e romperam o fogo contra a chata e o forte. Aos primeiros tiros, uma bala do *Bahia* partio o canhão da chata e ferio um dos seus tripolantes (segundo o *Semanario*). O commandante da chata e o resto da guarnição abandonaram-n'a. Outras balas dos encouraçados metteram-n'a a pique, ficando assim destruida a segunda das chatas que tinha o inimigo em Itapirú. Os tres encouraçados continuaram a bombardear o forte, retirando-se ao anoitecer.

O encouraçado *Brazil* teve fóra de combate 2 imperiaes marinheiros, que se achavam fóra da casamata, largando o ferro. Foi morto 1, e o outro ferido.

O *Barroso* teve 6 feridos gravemente, todos dentro da casamata, por um casco de bala que se quebrou contra a portinhola. Um dos feridos, o 1º tenente L. Barbalho Muniz Fiuza, que era o immediato n'esse navio, recebeu dous ferimentos grave na fronte e braço direito, que o pozeram em perigo de vida, tendo de ser amputado o braço. Esse encouraçado ficou com a chaminé das fornalhas quasi completamente cortada e com uma peça inutilisada. « A bala que bateu na face de vante da casamata a E. B. ricocheteou sobre o primeiro reforço de peça da 120 que estava n'essa porta, amaçando-a proximo á boca, e tornou a alma n'essa parte defeituosa, e por isso inutil a peça. »

Nesses 2 encouraçados e no *Bahia* houve mais 5 praças feridas levemente.

Total, no dia 28 : 1 morto e 11 feridos (Vide a *Historia Medico-Cirurgica da Esquadra Brazileira nas campanhas do Uruguay e Paraguay*, pelo Dr. Xavier de Azevedo, cirurgião-mór da armada).

O *Bahia* foi tocado nos dias 27 e 28 por 30 balas de calibre 68, que não fizeram mossa na couraça.

Na margem esquerda do Paraná, em Corrales, começou a funccionar no dia 28 uma bateria brazileira de peças raiadas de 12 e de morteiros de 10 pollegadas, sob a direcção do tenente-coronel J. C. de Carvalho.

(2) Na madrugada de 30, como dizem as partes officiaes brazileiras e o *Semanario*, e não na noite de 29 como dizem o autor e *Thompson.*

(3) Na qual pretendiam collocar a peça que salvaram da primeira chata, que fez explosão no dia 26.

(4) No dia 29 a canhoneira *Belmonte* (commandante Piquet) occupou uma posição, donde experimentou o alcance das bombas de 68 sobre o forte de Itapirú.

A's 2 horas da madrugada de 30 os escaleres de ronda da 2ª divisão (chefe Rodrigues),

Estes pequenos combates repetiram-se diariamente por espaço de tres semanas. Tambem o *Gualeguay* surgio mais de uma vez de seu escondrijo

---

postada nas Tres Bocas, descobriram uma chata que descia cautelosamente de Humaitá pela margem esquerda do Paraguay, com destino a Itapirú. Vinha rebocada por uma canôa, e trazia uns 40 homens e todos os preparativos para montar uma peça de 68. Os escaleres abordaram-n'a, e os Paraguayos lançaram-se todos a nado, ficando a chata em nosso poder.

Assim terminaram os episodios a que um defensor de Lopez na imprensa européa chamou — *guerra das chatas*, — exagerando, como o fizeram o *Semanario* e Thompson, os prejuizos causados por essas pequenas embarcações, de fórma desconhecida até então. « Estas chatas, » diz Thompson, « batiam-se sós *contra toda a esquadra*, » e accrescenta : « *era muito difficil offendel-as* a grande distancia, porque só mostravam fóra da agua a boca do canhão. »

E' certo que as duas chatas de Itapirú fizeram fogo contra toda a esquadra, mas nas notas anteriores já vimos que nem sempre os navios brazileiros responderam, e que nunca se adiantaram mais de 2 ou 3 navios para combater não sómente as chatas, mas tambem o forte de Itapirú, sob cuja protecção ellas se collocavam, occultando-se atraz de uma ponta de pedras.

A *Revue Maritime et Coloniale* de 17 de Julho de 1866 descreveu assim essa machina de guerra :

« A chata paraguaya é uma machina singular, que merece ser descripta. E' um casco execessivamente raso, com cerca de 25 metros de comprimento, sem mastros, nem remos, nem machina de vapor, e construida de madeiras de lei, de extraordinaria resistencia. A guarnição posta-se abaixo do lume da agua, agachada em torno de um rodisio de 68, cuja linha de tiro natural fica quasi rasando a superficie do rio. Uma cortina ou batente, que se abre e fecha no momento opportuno, protege a guarnição da peça em caso de necessidade, e na occasião de limpar e carregar. E' quasi desnecessario fazer pontaria : basta pôr o rodisio na direcção do navio que se quer bater, porque a bala vae ricochetando e attinge em cheio o alvo. Quanto á chata, movendo-se com o impulso da correnteza e sendo quasi imperceptivel a larga distancia, não póde ser tocada pelas balas inimigas senão com a maior difficuldade. Além disto ella conserva-se sempre sob a protecção das baterias de terra. »

Resumamos os episodios das chatas para que o leitor fique perfeitamente inteirado destes factos.

Tinham os Paraguayos no forte de Itapirú, da parte do rio, 5 canhões, 2 dos quaes de cal. 68. Tinham no canal do acampamento do Passo da Patria, cuja entrada esse forte fecha pela parte occidental, 3 chatas cada uma com 1 peça de 68, e o vapor *Gualeguay* com 2 peças de 12, segundo Thompson. Em resumo occorreo o seguinte :

No dia 21 de Março. Começaram os Paraguayos o fogo contra parte da esquadra brazileira, e os escaleres que sondavam o rio. Os Brazileiros só responderam com um tiro. Nenhuma bala paraguaya acertou.

Dia 22. Fizeram de novo fogo, o forte, o vapor e as chatas. Não foi respondido, e nenhuma bala acertou.

Dia 23. Apresentaram-se na ponta de Itapirú o vapor e a chata. Romperam o fogo. Nenhuma bala acertou. Adiantaram-se o *Brazil* e o *Bahia*, fazendo fogo sobre os dous e sobre o forte. Uma bala poz fóra de combate a guarnição da chata. O vapor logo a rebocou para o interior do canal. Voltou a chata com outro commandante para hostilizar os navios que regressavam de uma expedição. A corveta *Beberibe* e o encouraçado *Tamandaré* dirigiram-lhe alguns tiros. Este encouraçado encalhou e assim passou a noite perto de Itapirú.

Dia 24. Appareceram segunda vez o vapor *Gualeguay* e a chata na mesma ponta de Itapirú. Pela primeira vez acertou uma bala paraguaya, a qual produziu uma depressão na couraça do *Brazil*. Alguns navios fizeram fogo. O *Gualeguay* recebeu immediatemente uma bala na prôa e outra na chaminé, fugindo para dentro do canal com a chata. Não tornou a mostrar-se este vapor.

Dia 25. Surgiu de novo a chata e metteu 1 bala no *Apa*. Adiantaram-se o *Tamandaré* e a canhoneira *Henrique Martins*. Os Paraguayos encalharam a chata. Estes dous navios metralharam até ás 8 1/2 da noite o forte e a margem do rio onde estava emboscada a infantaria paraguaya. A *Henrique Martins* teve 1 marinheiro ferido e 2 rombos no costado.

Dia 26. A mesma chata metteu 3 balas no *Apa*. Adiantaram-se o *Bahia*, o *Barroso* e o *Tamandaré*. Aos primeiros tiros o *Bahia* fez voar a chata. Tivemos 1 marinheiro ferido.

Dia 27. Apresentou-se a segunda chata. Só apparecia a boca do canhão atraz das pedras. O *Bahia* e o *Tamandaré* foram postar-se perto de Itapirú e dirigiram seus fogos

atraz da ilha Carayá (1), mas desapparecia ao menor movimento dos navios brazileiros. Pela rapidez de sua marcha, este navio teve a felicidade de só uma vez ser damnificado: uma bala despedaçou-lhe a chaminé (2). Durante este tempo os navios brazileiros conjunctamente com uma bateria de peças, de calibre 12, levantada em Corrales, na margem correntina, bombardearam o forte Itapirú, mas só conseguiram destruir o revestimento da muralha de oeste. As balas não attingiam o acampamento paraguayo, de onde o marechal-presidente observava estes combates com um oculo de alcance. O terreno em roda do forte ficou coberto de balas brazileiras. Verdadeiro damno só causavam alguns morteiros de 12 pollegadas, que estavam nas baterias de Corrales (3).

Para attingirem a altura do acampamento paraguayo occuparam os Brazileiros na noite de 5 de Abril, um banco de areia coberto de alta vege-

---

principalmente contra o forte. A chata recolheu-se, e o forte sustentou o fogo. A bordo do *Bahia* foi levemente ferido o chefe Alvim, e no *Tamandaré* 1 marinheiro. Quando se retirava o *Tamandaré*, penetraram na casamata 2 balas do forte, que puzeram fóra de combate 33 homens. Tivemos nesse dia 19 mortos, dos quaes 5 officiaes da armada e das classes annexas, e 16 feridos, dos quaes 5 officiaes, sendo um destes levemente.

Dia 28. Voltou a chata, e metteu 2 balas no *Princeza de Joinville*, 1 no transporte *Riachuelo*, e 1 na canhoneira *Parnahyba*. Adiantaram-se o *Bahia*, o *Barroso* e o *Brazil*, que receberam o fogo da chata e do forte. Uma bala do *Bahia* logo aos primeiros tiros, partiu o canhão da chata; outras balas metteram-n'a a pique. Os tres navios continuaram a bombardear o forte. O *Barroso* teve 1 peça de 120 inutilisada, e 6 feridos graves, entre os quaes 1 official. O *Brazil* e o *Bahia* tiveram 1 morto e 5 feridos. Ficaram destruidas as 2 chatas.

Dia 29. A canhoneira *Belmonte* lançou algumas bombas sobre o forte.

Dia 30. Os escaleres da 2ª divisão abordaram e tomaram uma chata nas Tres Bocas.

Como se vê, só no dia 25 o almirante Tamandaré tratou de fazer destruir a primeira chata, que se apresentára nos dias 23 e 24. Não o conseguiu no dia 25, mas no dia 26 foi destruida. A segunda apresentou-se no dia 27, occultando-se logo, e no dia 28 foi destruida. Outra foi aprisionada em caminho. A terceira chata que havia em Itapirú só se mostrou no dia 2 Abril. Foi mettida a pique no dia 10.

Nos dias 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29 em que alguns dos nossos navios bonbardearam Itapirú, tivemos insignificantes avarias nos navios, 1 peça do encouraçado *Barroso* inutilisada, e 20 mortos, sendo 5 officiaes, além de 29 feridos, dos quaes 6 officiaes, ou 49 homens fóra de combate.

(1) Leia-se *ilha de Sant'Anna.*

(2) Thompson diz que esse vapor por espaço de tres semanas sahia todas as tardes a desafiar a esquadra brazileira. E' uma de suas invenções. Só duas vezes o *Gualeguay* fez fogo, recebendo de alguns navios brazileiros a conveniente resposta nos dias 23 e 24. Tocado n'este segundo dia por duas balas, recolheu-se e nunca mais appareceu.

(3) A bateria brazileira estabelecida em Corrales começou a funccionar no dia 28 de Março, como já vimos.

No dia 29 á 1 1/2 da madrugada o tenente-coronel Carvalho e outros engenheiros, com 80 praças do 6º batalhão de infantaria, desembarcaram na ilha da Redempção, em frente de Itapirú, e reconheceram-n'a. No dia 30 de Março, não houve novidade além do aprisionamento de uma chata nas Tres Bocas. Nada de importante tambem nos dias 31 e 1º de Abril.

No dia 2 de Abril appareceu pela primeira vez na ponta de Itapirú a terceira chata que ahi tinham os Paraguayos, e disparou alguns tiros, acertando um no transporte *Duque de Saxe*. Recolheu-se immediatamente ao seu escondrijo.

Os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Chuy* tomaram posição acima do forte, e no dia 3 sondaram o canal da ponta de leste da ilha, em frente ao campo entrincheirado do Passo da Patria, verificando que tinha 12 pés.

Continuou nos dias 3 e 4 o fogo de alguns navios e da bateria de Corrales sobre Itapirú.

Não tendo os generaes alliados chegado a accordo sobre o ponto do desembarque no Paraguay, subio no dia 5 o Paraná uma expedição ás ordens do chefe Alvim, composta das canhoneiras *Itajahy*, *Henrique Martins* e *Greenhalg* e dos vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Aires*. O general Argentino Hornos seguio n'esses vapores com alguma tropa de desembarque para explorar os melhores passos do rio.

tação, situado a leste da ilha do Cabrita (1) e ao sul do forte. Ahi abriram

---

(1) O banco a que se refere o autor é a *isla de la Redencion*, em frente a Itapirú, que em algumas plantas figura com o nome de *ilha do Carvalho* ou *ilha do Cabrita*. Não podia ficar *a leste da ilha do Cabrita*, como diz o autor, e como fez desenhar na planta que acompanha o 1º volume da sua obra, pois, como acabamos de dizer, não eram duas ilhas distinctas.

A ilha de la Redencion fica em frente a Itapirú, e, segundo Thompson, era um banco de areia de recente formação, que em Novembro do anno anterior não tinha ainda vegetação alguma. Em Abril de 1866 estava coberta de altos macegaes. Os Paraguayos chamavam-n'a — *Banco de Itapirú*, — e depois que a fortificámos — *Banco Purutué* (Banco *Portuguez).*

Na noite de 5 para 6 de Abril, desembarcou ahi o tenente-coronel Willagran Cabrita com pouco mais de 900 Brazileiros, sendo 400 do 7º batalhão de voluntarios (S. Paulo), commandado pelo tenente-coronel Pinto Pacca, outros tantos do 14º provisorio de infantaria de linha, « composto na sua maior parte de guardas nacionaes do municipio neutro e de alguns voluntarios do norte, sob o commando do major Martini » (officio do ministro Octaviano ao ministro da guerra, de 18 Abril de 1866) de 100 praças do batalhão de engenheiros, sob o commando do capitão Amorim Bezerra, 4 peças La Hitte de calibre 12 e outros tantos morteiros de 0m,22 dirigidos estes pelo capitão Tiburcio de Souza, e aquellas pelo capitão Moura, ambos do 1º batalhão de artilharia a pé (Rio de Janeiro) O chefe da commissão de engenheiros do 1º corpo de exercito, tenente-coronel J. Carlos de Carvalho, e os engenheiros André Rebouças e Bernardino de Sena Madureira, com uma força de sapadores, dirigiram os trabalhos, formando duas baterias nos sitios designados por Willagran Cabrita, uma de canhões e outra de morteiros, dando frente ao forte de Itapirú e á costa paraguaya que se estende á esquerda d'elle. A infantaria cobriu-se com trincheiras provisorias. Os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalg* protegeram o transporte da força e do material, tomando posição perto da ilha.

O distincto litterato fluminense Dr. Pinheiro Guimarães, que tanto illustrou então sua espada de voluntario da patria, assim descreveu a ilha da Redencion em um artigo dos *Quadros Historicos da Guerra do Paraguay :*

«... A liha, como já dissemos, é um simples banco de arêa, completamente submergido nas grandes cheias do Paraná. Tem uma fórma um tanto oval e o seu maior diametro fica parallelo ás margens do rio. Está muito mais proxima do territorio paraguayo, a que pertente do que do correntino : mas é ainda separada daquelle por um canal assás largo e, como depois se soube, bastante profundo. Quando nella desembarcou a expedição, estava em grande parte coberta de alta e espessa macega. Dominava-a o fortim de Itapirú, a alcance de um tiro de carabina. A bateria desse fortim e as que os Paraguayos collocassem na margem do rio, poderiam facilmente varrel-a. A posição seria, pois, insustentavel, se os occupantes não tratassem logo, na mesma noite de seu desembarque, de levantar seguras trincheiras, que os abrigassem na manhã seguinte das balas, que, era de esperar, choveriam sobre elles.

« Foi esse o primeiro cuidado do tenente-coronel Willagran Cabrita, commandante da força expedicionaria. Com uma actividade digna dos maiores encomios traçou logo a linha das trincheiras e distribuiu o trabalho entre os seus subordinados, que com ardor puzeram mãos á obra. Os cestões e o salsichões estavam preparados; não faltava arêa para encher os saccos; sobravam enxadas e pás para cavar um terreno pouco consistente; os braços eram robustos e diligentes. Estes preparam o fosso, aquelles enchem os saccos, outros os empilham e collocam cestões e salsichões. Durante toda a noite esses 900 homens trabalharam sem cessar; mas, quando o dia surgiu, uma forte linha de trincheiras, guarnecida por oito bocas de fogo, os protegia da artilharia inimiga : estavam desde então solidamente estabelecidos em um pedaço do solo paraguayo.

« As trincheiras eram duas, mas formavam uma unica linha defensiva, desenvolvida pouco mais ou menos no sentido longitudinal da ilha. A da direita era um pouco obliqua á direcção das margens do rio. Mais approximada na sua extrema direita da margem correntina do que da paraguaya, formava depois na esquerda um angulo obtuso, cujo vertice era dirigido para o Itapirú. A parte dessa trincheira que, vindo da direita, precedia o angulo, abrigava o 7º de voluntarios e o 14º de linha; a parte que succedia ao angulo estava guarnecida por dous canhões. No prolongamento dessa parte artilhada, em uma direcção parallela ás margens do rio, erguia-se a trincheira da esquerda, mais cuidadosamente feita do que a da direita, e guarnecida por dous canhões e quatro morteiros. A trincheira da direita não chegava ao rio; havia ahi um pequeno espaço limpo de fortificação por onde se podia passar com facilidade. Entre a trincheira da direita e a da esquerda ficava tambem uma abertura, no centro da qual foi plantado o mastro da bandeira; entre a trincheira da esquerda e o rio permanecia um extenso tracto sem

trincheiras, erigiram baterias e montaram 8 bocas de fogo (1). Todo este trabalho só foi percebido pelos Paraguayos, quando as baterias romperam o fogo no dia 8 (2). Para protegerem os trabalhos nocturnos passaram á ilha cerca de 1,000 Brazileiros, que durante o dia se escondiam no meio do capim (3). Logo aos primeiros tiros, reconheceram os Paraguayos a importancia d'estas baterias, cujo fogo interceptava as communicações entre o campo entrincheirado e o forte (4). Lopez deu ordem ao coronel (depois general) Diaz que na noite de 9 para 10 de Abril atacasse a ilha e d'ella expellisse-os Brazileiros. Para esse fim reunio 1,200 homens escolhidos de todos as tropas, entre os quaes se destacavam 200 de cavallaria, armados de sabre sem bainha, e portanto, destinados á lucta corpo a

---

nenhuma obra de arte, offerecendo portanto a maxima facilidade a quem quizesse contornar a fortificação e entrar nella por um flanco.

« Desta tão succinta descripção vê-se que, se essas trincheiras abrigavam a guarnição dos canhões inimigos, mal a resguardariam se ella fosse assaltada. Mas não se temia um assalto : de dia seria elle impossivel; á noite deveria ser considerado altamente temerario; pois quando mesmo os assaltantes conseguissem tomar a ilha, seriam despedaçados pela metralha dos grossos canhões da esquadra.

« Começava-se a guerra, não se sabia até que ponto de audacia, mesmo de loucura, chegariam as aggressões paraguayas e podia-se pensar assim. Mais tarde, Cabrita não confiaria nesse raciocinio : a esquadra guardaria a retaguarda da fortificação e esta formaria um recinto fechado... »

Assim os Brazileiros foram os primeiros n'esta guerra a pizar terra paraguaya. Na madrugada de 29 de Março ,como já vimos, saltaram nessa ilha 86 infantes, com o tenente-coronel Carvalho, para exploral-a; na noite de 5 Abril estabeleceram-se nella os Brazileiros, e alguns dias depois, em 16 de Abril, deviam ser tambem exclusivamente brazileiras as tropas que desembarcaram em terra firme, batendo-se com o inimigo duas vezes, e levando-o de vencida além de Itapirú.

No dia 6 de Abril, ao amanhecer, o tenente-coronel Willagran Cabrita firmou na ilha a bandeira imperial, rompendo contra Itapirú o fogo dos canhões e morteiros, e a fuzilaria dos dous batalhões. Este official, como ficou dito em uma das notas ao cap. IV, fôra instructor do exercito paraguayo uns 15 annos antes.

Os encouraçados já haviam destruido em parte o forte de Itapirú, inutilisando-lhe 3 peças no bombardeamento dos dias 25 a 28. Restavam 2 canhões de 68, dirigidos pelos tenentes de marinha Ortiz, que em Riachuelo commandára o vapor *Yporá*, e Gill, que fôra commandante do *Yberá*. Havia mais uma chata (terceira) cujo commando foi dado ao sargento Morinigo, o mesmo que dirigira a segunda chata que se bateu nos dias 27 e 28 e foi destruida pelo Bahia.

As 2 peças de Itapirú e a da chata, que foi procurar posição mais vantajosa, responderam ao fogo da ilha, e Bruguez correu a collocar outros canhões de 68 perto do forte.

(1) 4 canhões e 4 morteiros.

(2) Na manhã de 6.

(3) Já vimos que eram 900 e tantos. — Durante o dia, como durante a noite occupavam elles as trincheiras que haviam levantado. A' noite trabalhavam em melhorar a fortificação.

Na tarde de 6 de Abril a expedição que ás ordens do chefe Alvim subira o Paraná na vespera (Vej. nota 3ª pag. 282), ao regressar da guarda paraguaya postada em frente ao lugar denominado Lengua Paso (2 leguas acima de Itatí), de onde desalojara um destacamento paraguayo, foi hostilisada por uma bateria volante de 6 peças e foguetes á congréve que Lopez mandara collocar na ponta nordeste da ilha Santa Anna, ás ordens do seu ajudante, major Julian Godoy. Os nossos navios responderam ao fogo do inimigo. Apenas uma bala acertou no *Greenhalg*, sem causar-lhe maior damno. Depois que os navios passaram voltou Godoy para o Passo da Patria com os 200 infantes e as 6 peças que levára.

(4) No dia 6 os encouraçados *Bahia* (commandante Rodrigues da Costa) e *Tamandaré* (commandante Eliziario Barboza) e a canhoneira *Mearim* (commandante Miranda) apoiaram o fogo da ilha. Do nosso lado só houve o ferimento de 1 official.

No dia 7 continuou o bombardeamento pelas baterias da ilha e pelos mesmos navios. Tivemos na ilha 2 soldados mortos e 2 feridos.

« No dia 8 », diz uma testemunha ocular, « continuámos da ilha a bombardear o forte, cujas muralhas cahiram em ruinas, sem que nellas ousasse apparecer inimigo algum. Com peças assestadas em outros pontos da margem é que o inimigo respondia ao canho-

corpo; 400 homens ficaram de reserva na margem e com elles o coronel Diaz. Os outros 800, embarcando em muitas canôas (1), repartidas em duas

---

neio. A's 4 da tarde cahio pela terceira vez o mastro da bandeira, partido por uma bala da ilha. No dia 9 foram substituidos os navios que apoiavam a ilha pela *Itajahy* (commandante Carneiro da Rocha) e pela Belmonte (commandante Piquet), continuando em seu posto o *Tamandaré*. Havia dous dias que não tinha senão ligeiros momentos de descanso a guarnição da ilha, occupada de dia em bater as posições inimigas, e á noite em abrir fossos e reforçar as trincheiras. Prostrada de insomnia e de fadiga, a guarnição pedio que a deixassem alli ficar até alcançar uma victoria sobre o inimigo. »

A' margem do rio respondiam ao fogo da ilha duas baterias de artilharia ligeira, ás ordens do capitão Hermosa.

(1) A força paraguaya que desembarcou na ilha constava de 1.266 homens, a saber :

	hs.
4 Companhias do batalhão 9, reforçadas com gente escolhida de outros corpos.	480
4 — 3, — — .	600
Cavallaria	186
	1.266

D'esta força desembarcaram primeiro o batalhão 9, de que era commandante Leonardo Riveros (ás suas ordens serviam os tenentes Pablo Cabrera, Juan Mateo Romero e Mariano Bordon) e a cavallaria, commandada pelos alferes Mathias Vargas e José de Jesuz Martinez. Depois desembarcou o 3º batalhão, dirigido pelo tenente Mateo Morel (ás suas ordens iam os tenentes Santiago Arevalo e Ciriaco Vera).

O coronel Diaz, que ficou de reserva, junto a Itapirú, com mais de 2.000 homens, não poude effectuar a passagem porque as canhoneiras metteram-se entre a ilha e o forte, destruindo as canôas e afugentando da praia os Paraguayos que ahi estavam.

Thompson diz que só desembarcaram 800 homens dos quaes se salvaram 300 soldados feridos. Póde este ultimo lagarismo ser exacto, mas o numero dos assaltantes foi maior, segundo se vio, e declararam os prisioneiros. Só na ilha ficaram mortos 650 Paraguayos e 69 aprisionados logo, além de outros que se esconderam na macéga e se entregaram depois, entre os quaes o tenente Juan Mateo Romero, 2º commandante de uma das divisões inimigas. Assim, ficaram na ilha, entre mortos e prisioneiros, mais de 719 homens. Muitos outros morreram na fuga, atravessando a nado o canal, e quasi todos, como confessa Thompson, chegaram feridos á margem direita. Póde-se, pois, calcular em mais de 900, o numero dos mortos na ilha, afogados e prisioneiros, escapando apenas uns 300 pela maior parte feridos. Ficaram, d'est'arte, fóra de combate mais de 1.100 Paraguayos nesse dia. Segundo Thompson os assaltantes tiveram 17 officiaes mortos e 8 feridos.

A perda que soffreu a guarnição da ilha na defeza que fez foi de 48 mortos e 101 feridos, sendo destes ultimos 6 officiaes (149 homens fóra de combate). A guarnição brazileira, como já vimos, compunha-se de 900 e tantos homens. Não foi reforçada como diz Thompson, reproduzindo com pequenas variantes a curiosa descripção do boletim que Lopez fez publicar, e que o *Semanario* transcreveu. Este boletim declara que os Paraguayos tomaram a ilha e degolaram toda a guarnição, da qual não escapou um só homem; mas que, desembarcando depois muitas tropas de reforço, os Paraguayos limitaram-se a repellir as que primeiro saltaram, e evacuaram em seguida a ilha, tendo apenas 200 feridos. Reproduziremos no *Appendice* esse boletim paraguayo para que, inteirado dos factos, o leitor possa fazer idéa do estylo em que eram escriptos os documentos officiaes do quartel general de Lopez, e julgue do desembaraço com que nelles se adulterava a verdade, procurando converter os planos insensatos do dictador em sabias combinações, e desastres sanguinolentes em brilhantes triumphos.

A victoria de 10 de Abril foi obtida principalmente pela energia dos guardas nacionaes fluminenses (14º provisorio de linha) apoiados efficazmente pelos voluntarios paulistas. A ilha não foi reforçada, e si para Thompson não bastam, sobre este ponto, as peças officiaes brazileiras, póde recorrer ao testemunho de todos os officiaes dos exercitos alliados, que da margem correntina assistiram ao combate e observaram os movimentos da esquadra. O coronel oriental Leon Palleja diz o seguinte em seu *Diario* « ... Este brillante suceso que puede considerarse como um triunfo de la mayor importancia, por lo moral que encierra en si, ha venido á probar que el soldado brazilero no desmerece del oriental y argentino » (Como se a historia de nossas luctas no sul, desde o seculo XVII, não o provasse já, e precisassemos de mais uma victoria para destruir injuriosos e ridiculos conceitos!) « Con la franqueza que acostumbro, » continua Pelleja, « diré que todos, quien mas, quien menos, nos hemos cebado en denigrar y tener en

divisões quasi iguaes, fizeram o trajecto durante a escuridão da noite para poderem desembarcar ás 4 horas da madrugada pela margem septentrional da ilha. A passagem foi feita com tanto tino que os Brazileiros só deram pela presença dos Paraguayos, quando ouviram uma descarga dada ao acaso, mas ainda tiveram tempo de saltar as banquetas das trincheiras. A completa escuridão no principio do combate foi desfavoravel para ambos os combatentes. Com terrivel furia arremessaram-se os Paraguayos contra os flancos das trincheiras, mas foram repellidos. Ao romper do dia uma descarga de metralha causou horrivel desbarato entre os Paraguayos, o que comtudo não os impediu de avançarem de novo contra os entrincheiramentos e de se apoderarem por momentos de algumas peças (1), que logo tiveram de abandonar.

Quando de bordo da esquadra se ouviu a fuzilaria e em seguida descargas de artilharia, achegaram-se da ilha 3 encouraçados e 5 canhoneiras, que, collancando-se do lado de leste e de oeste, varreram o canal entre a ilha e a margem paraguaya, por onde eram mandados constantes reforços aos assaltantes (2). Tambem da margem correntina chegaram reforços (3), de maneira que se travou na ilha um sangrento combate, sendo

---

menos las tropas brazileras. Estas han probado lo contrario en el combate de hoy; y cuentese *que no se mandó refuerzo alguno á la Isla durante el combate;* que ni la escuadra ni la bateria dispararon un solo tiro hasta que no fué de dia claro. El infante brazilero peleó com sus recursos contra la flôr del ejercito paraguayo, mandada por los comandantes mas enérgicos y valientes... »

A *Nacion*, de Buenos-Aires, disse, repetindo as palavras de uma carta que recebeu do theatro da guerra : — « Os Brazileiros combateram com a coragem de leões e com a pericia dos melhores soldados » — A *Tribuna*, da mesma cidade, assim se exprimio : — « As armas brazileiras cobriram-se de gloria na jornada de 10. Todos os documentos officiaes, bem como as correspondencias, nos fazem saber que nossos alliados deram provas de grande valor e denodo. » — *O Nacional (quantum mutatus ab illo!)* consagrou a este feito d'armas um extenso artigo do qual extrahimos estes trechos : — « *Separemos o Brazil da contenda : ¿como fica a Republica Argentina? O Paraguay dominando os rios, submettendo Corrientes e Entre-Rios, e alliando-se aos elementos corrompidos dessas duas provincias... Só por esse lado já é decisiva a importancia dos elementos brazileiros...* A calumnia encarniçava-se contra os soldados brazileiros de terra. Esses eram os que não prestavam. O tempo e os successos encarregaram-se de desmentir mais esta calumnia. Hontem o povo d'esta cidade festejava cheio de enthusiasmo o triumpho alcançado por soldados brazileiros, por guardas nacionaes, por paisanos tirados dentre esse povo tão calumniado... »

(1) Inexacto.

(2) Os navios que se metteram entre a ilha e a ponta de Itapirú, cortando a retirada ao inimigo e mettendo a pique muitas canôas, foram as canhoneiras *Henrique Martins* (commandante Jeronymo Gonçalves), *Greenhalg* (commandante Marques Guimarães) e *Chuy* (commandante Cortez). Veja no Appendice o officio de 13 de Abril de 1866 do almirante Tamandaré ao ministro da marinha. — No dia 11 já estavam reparadas todas as avarias da *Henrique Martins*.

(3) Da descripção do combate publicada pelo general Pinheiro Guimarães nos *Quadro Historicos do Paraguay* extrahimos as seguintes linhas :

«...... Algumas vedetas são mortas, antes talvez de terem despertado : outras lutam a ferro frio; algumas buscam as trincheiras. O rumor; um tiro agora, outro depois, acordam a guarnição que dorme ao lado das armas ensarilhadas. Alguns dos assaltantes já estão no fosso; outros já galgam as trincheiras, e um immenso grito de triumpho « Vivam os Paraguayos! » seguido de feroz vozeria, atrôa os ares. Mas, uma fita de fogo orlou a crista das trincheiras : a valente guarnição estava a postos, e acolhia o inimigo com uma descarga cerrada. A essa descarga succedeu um fogo por filas, admiravelmente sustentado : não se diria que por detrás daquelles parapeitos estavam recrutas, que pela primeira vez entravam em combate e que haviam despertado quasi sentindo o ferro do inimigo. Tanta segurança, serenidade e precisão revelava aquelle fogo que parecia executado em parada por tropas veteranas e adestradas.

« Felizmente foi sobre a trincheira da direita, pela frente della, que convergiram os esforços dos Paraguayos; quer porque a macega não lhes tivesse deixado ver quanto era facil penetrar pelo centro, pela extrema direita e sobretudo pela extrema esquerda,

por fim derrotados os Paraguayos com grandes perdas. Dos 1.000 homens que successivamente entraram em combate, poucos sahiram illesos. Ficaram mortos nas trincheiras mais de 500 Paraguayos, entre os quaes se contavam 14 officiaes. Apenas 300 feridos voltaram em canôas e foram obrigados a remar, apesar, de seus ferimentos, para escaparem ao fogo dos navios, cujas balas varriam o canal. Viram-se homens com as pernas decepadas ou com um braço de menos, a remarem só com o que lhes restava. E ainda na fuga as canôas perderam muita gente.

Assim mallogrou-se completamente este ataque, emprehendido com tanto denodo.

Debalde se procurou atinar com o motivo que impellira Lopez a semelhante desatino. A posse de um banco de areia de pouco proveito lhe podia ser, e quando muito retardaria de alguns dias a passagem do rio que se ia emprehender. Nas condições em que se achava a lucta a perda

---

contornando a fortificação; quer porque não se pudessem guiar bem na escuridão da noite. Comprehendendo os lados fracos de sua posição. Cabrita, sempre sereno, apenas foi sentido o inimigo, mandou o valente capitão Tiburcio de Souza defender o espaço aberto da extrema esquerda, confiou o centro ao intrepido tenente Eudoro de Carvalho e dirigio-se para a direita, onde se batiam encarniçadamente o 7º de voluntarios e o 14º de infantaria, dirigidos por seus distinctos chefes.

« Repellidos das trincheiras os audazes Paraguayos, que no primeiro impeto a iam galgando, debalde insistem os outros, pretendendo romper por aquella chuva de balas que os dizima.

« Foi reforçada a primeira com a segunda columna inimiga : sobra-lhes valor e disciplina; mas os grupos que formam cambaleam sob a fuzilaria e alguns tiros de metralha, que sobre elles fez disparar o bravo capitão Moura. Não tardam a rarear-se : cahem os homens como espigas ceifadas por destros lavradores. Porém não fogem, os bravos; deitam-se na macega e mesmo deitados fazem fogo sobre as trincheiras : não mais esperando tomal-as, querem ao menos vender caro as vidas.

« Aos primeiros tiros disparados na ilha acordaram os exercitos alliados. A feroz cuquiada paraguaya echoou dolorosamente aos ouvidos dos officiaes e soldados : eram gritos de sinistra alegria, como devem soltar cannibaes prestes a devorar em horrido festim as carnes ainda quentes do inimigo vencido. Os batalhões formaram-se immediatamente, sem saberem no primeiro momento onde era o combate; mas a direcção de onde vinham os tiros e a vozeria demonstrou logo que a luta se travára na ilha.

« Pouco a pouco a margem esquerda do rio ficou coberta de espectadores. O mesmo certamente aconteceu na direita; e assim quatro exercitos, debruçados sobre o largo Paraná, assistiam, testemunhas offegantes, a esse ingente duello, que tinha por theatro um banco de arêa, erguido alguns palmos sobre o nivel das aguas. Solemne partida, jogada de um lado pela civilisação e a liberdade, servidas pela dedicação; do outro pela tyrannia e a ignorancia, apoiadas na mais completa obediencia de que o mundo tem memoria!

« Dentre os Alliados, como de razão, os mais anciosos eram Brazileiros; pois Brazileiros eram os que naquelle momento se batiam pela honra da Alliança.

« Um batalhão de infantaria dormia todas as noites na margem do Paraná para ser transportado á ilha, caso a guarnição desta carecesse de soccorro; nessa noite coubera ao 12º esse serviço. Ozorio, cuja impaciencia era extrema, quiz fazel-o partir : era impossivel; suas ordens a esse respeito não haviam sido cumpridas; o batalhão estava prompto, mas seis canôas sem remos não podiam transportal-o.

« Como batiam forte todos os corações; como o olhar se aguçava debalde, para descortinar os incidentes da luta! O que se percebia era, que se valente fôra o ataque, valente tambem era a defesa. Ardia em fogo a ilha; a fuzilaria incessante illuminava-a de mil relampagos a um tempo. Ouvia-se sempre a grita dos Paraguayos, mas respondiam-lhe as nossas cornetas tocando sem cessar a fogo. Ninguem podia prever os resultados do combate, tão bem ferido parecia elle por um e outro lado. Os espectadores quasi não respiravam; a anciedade tinha chegado ao seu auge.

« De subito um raio de sol rompendo as trevas da noite e as brumas da manhã, que cercavam a ilha, bateu em cheio sobre a parte superior da haste da bandeira; um brado unisono sahio de todos os peitos : lá estava flammejante o pavilhão auri-verde, altivamente desfraldo ás brisas da madrugada!

« A luz desceu depressa e veio illuminar a ilha. Soou o hymno nacional, e todos viram distinctamente a guarnição saltar por cima das trincheiras e carregar á bayoneta os

de 1,000 homens era para elle muito sensivel e até injustificavel, não sendo seguida de vantagens reaes. Todos os seus planos militares trazem, como este, o cunho da excitação do momento : são brilhantes, mas desaccompanhados de resultados seguros ; ao passo que sua defesa e a habilidade com que mais tarde soube detêr os progressos de seus adversarios merecem geral applauso.

Neste combate, ferido na madrugada de 10 de Abril, experimentaram os Brazileiros consideraveis perdas, que, entretanto, foram inferiores ás dos Paaguayos. Verificou-se que o fogo dos navios não causou entre os

---

Paraguayos, que fugiam espavoridos. A victoria era certa. — Gloria á guarnição da ilha! gloria aos paladinos da patria, da liberdade e da civilisação!

« Mas o dia 10 de Abril, que surgia cheio de fulgores, devia ainda marcar a data de outros nobres feitos.

« O *Henrique Martins*, pequena canhoneira de madeira, fazia parte da vanguarda da esquadra brazileira. Seu commandante, o 1° tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, vendo a ilha atacada, mandou tocar ã póstos, fez acender as caldeiras e dirigio-se ao commandante da vanguarda para participar-lhe que a ilha fôra assaltada e pedir ordem para soccorrel-a. Sem ouvir as ponderações que lhe eram feitas, relativas á necessidade de intervenção superior, tomou a responsabilidade sobre si, e, seguido do *Greenhalgh*, commandado pelo tenente Marques Guimarães, a todo vapor caminhou para a ilha, chegando a tempo de metralhar pelo flanco os Paraguayos, já completamente desbaratados.

« A terceira columna paraguaya, chegada mais tarde do que as outras, não tinha desembarcado toda, ou teve tempo de reembarcar-se em parte, apezar de Cabrita ter mandado, quando a derrota se pronunciou, cortar com machadinhas os cabos que prendiam as canôas á ilha.

« O canal entre a ilha e o Itapirú, por onde se escapavam os Paraguayos fugitivos, era completamente desconhecido e estava defendido por canhões de 68. O commandante do *Henrique Martins* não hesita; enfia por elle, e lança a sua canhoneira sobre a flotilha de canôas paraguayas. Com a prôa mette umas a pique; com as rodas levanta outras e as emborca, emquanto a marinhagem, de revolver e carabina em punho, lhes mata os tripolantes, que procuram fugir a nado.

« Os canhões paraguayos atiram com verdadeiro frenezi sobre a audaz canhoneira, que lhes passa a tiro de pistola. A canhoneira responde-lhes metralhando os que da margem lhe fazem fogo. Percorre lentamente o canal, limpa-o de inimigos e surge ovante do outro lado da ilha. Estava consummada a victoria. Então o bravo Gonçalves aproou para o navio chefe da esquadra brazileira. Chegando á falla, participou ao almirante Tamandaré que os Paraguayos haviam sido completamente esmagados, e pedio-lhe licença para encalhar, pois a sua canhoneira, tendo sido atravessada de lado a lado por balas de 68, tinha os quarteis de prôa e pôpa inundados, e estava prestes a sossobrar. Felizmente ainda em tempo encalhou : mais minutos de demora e a *Henrique Martins* se afundaria nas aguas em que se cobrira de gloria.

« Dos 1.200 homens que atacaram a ilha rarissimos de certo conseguiram voltar ao exercito de onde haviam partido cheios de confiança. 640 cadaveres de Paraguayos alastravam a ilha. Canôas cheias de mortos foram apanhadas pela esquadra, bem como alguns nadadores feridos ou não que, vendo-se cortados pelo *Henrique Martins*, dirigiram-se para os navios brazileiros.

« Na ilha cahiram prisioneros 62 Paraguayos, dos quaes só 16 não estavam feridos : entre estes figurava o major Romero, commandante da 1ª columna de ataque.

« Oitocentas espingardas, grande numero de pistolas e sabres de cavallaria pertencentes aos Paraguayos, foram apanhados no theatro da acção : 30 canôas ficaram em poder da guarnição da ilha.

« O enthusiasmo que esse combate despertou não morreu no ambito do acampamento brazileiro : Argentinos e Orientaes, esquecendo velhas e entranhadas rivalidades, correram a felicitar os officiaes e chefes brazileiros, não cessando de elogiar calorosamente o bizarro comportamento da guarnição da ilha .

« Infelizmente essa aspera lição infligida a Lopez custou aos Brazileiros alguns sacrificios; poucos, é verdade, em relação á magnitude dos resultados colhidos, mas ainda assim dolorosos.

« A briosa guarnição da ilha teve 149 homens fóra de combate, 49 mortos e 100 feridos.

....

« Terminado o combate, Cabrita recolheu-se a uma chata que estava á sombra da ilha e que servia de deposito : ia tomar uma refeição e escrever a sua parte.

« Estavam com elle o alferes Woolf, a tenente Carneiro da Cunha e o capitão Sam-

Brazileiros menores estragos do que entre os Paraguayos (1). Entre os Brazileiros mortos menciona-se o tenente coronel Cabrita, a quem uma bala de artilharia prostrou quando, depois do combate, de pé dentro de um bote, escrevia a parte official de sua victoria. Ao pé delle succumbiu o major Luiz Sampaio. Ambos eram distinctos officiaes (2).

Ainda uma vez saciou Lopez nos commandantes das tropas sua colera

---

paio, seu amigo, que de terra o fôra feilcitar. Os Paraguayos, enfurecidos pela derrota, bombardeavam a ilha com furia desusada. O rio tinha enchido, a chata se elevara com as aguas e mais exposta ficára. Uma bomba lançada de Itapirú, dirigida pela mão certeira da fatalidade, arrebenta entre Carneiro da Cunha, Sampaio, Woolf e Cabrita, que como Nelson, succumbe gloriosamente, findo o combate, na hora do triumpho, baptisando com o seu sangue o desconhecido banco por seu valor illustrado. Carneiro da Cunha e Woolf são gravemente feridos; Sampaio cahe redondamente morto...

«... O combate da ilha do Cabrita, que acabamos de narrar, omittindo muitos feitos do mais subido quilate, não foi sem duvida um desses acontecimentos grandiosos que decidem do exito de uma campanha.

« Se Lopez não tivesse imprudentemente mandado atacar a ilha, a occupação desta não teria dado em resultado senão incommodos á sua guarnição.

« Se, aceita a idéa do ataque, fosse este conduzido por outro modo — : pela retaguarda, ou mesmo pelos flancos largamente abertos da fortificação — quem sabe o que teriam de soffrer seus defensores? Na peior hypothese os canhões da esquadra brazileira os vingariam, é certo, mas nem por isso deixaria o exercito de ter sido victima de um golpe doloroso.

Como as cousas se passaram, o ataque da ilha teve importantissimas consequencias. Perdeu o inimigo mil e tantas praças escolhidas. As circumstancias que acompanharam o combate, dando-lhe o mais vivo realce, superexcitaram o exercito alliado, e incontestavelmente concorreram para apressar a passagem do Paraná, effectuada 6 dias depois com o maior denodo, com a maxima confiança e com o mais feliz exito. »

O leitor ja sabe que official prisioneiro, Mateo Romero, não era major, como suppõe o Dr. Pinheiro Guimarães, mas tenente, e segundo commandante da primeira expedição, dirigida por Leonardo Riveros.

(1) E' uma invenção de Thompson, que o autor repete. E' para notar que o fogo dos navios brazileiros, segundo o escriptor inglez, nunca produzisse effeito contra os Paraguayos, e fosse tão efficaz desta vez contra os defensores da ilha.

(2) Eis as perdas que tivemos na ilha no dia 10 de Abril :

Durante o combate :

	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS	
	Offic.	Inf. e Sold.	Offic.	Inf. e Sold.		
Batalhão de Engenheiros..........	»	5	»	1	»	»
1.° Batalhão de Artilharia.........	»	3	»	5	»	»
14° Batalhão de Infantaria	»	28	4	54	»	3
7.° Batalhão de Voluntarios........	»	12	2	36	»	»
	»	48	6	96	»	3

No bombardeamento que se seguio foram mortos o tenente-coronel Willagran Cabrita, o major Sampaio e o alferes Wolf, o primeiro de artilharia e os dous ultimos de engenheiros, e foi ferido 1 tenente. Os officiaes feridos durante o combate foram o major de 14° batalhão, Moreira Alves, e 1 capitão e 2 alferes do mesmo corpo, e 1 capitão e 1 tenente do 7°. A nosa perda pois, durante esse dia foi : — *Mortos*, 1 tenente-coronel, 1 major, 1 alferes, e 48 inferiores e soldados; *feridos*, 1 major, 2 capitães, 2 tenentes, 3 alferes e 96 inferiores e soldados (153 fóra de combate). O *Mappa* que acompanha o Relatorio do Ministerio da Guerra de 1870 diz que tivemos na ilha, só no dia do ataque, 75 mortos, sendo 4 officiaes, e 108 feridos, dos quaes 7 officiaes; mas n'esses algarimos ha engano. O mesmo mappa não menciona as perdas que tivemos com o bombardeamento inimigo.

Ignoramos qual a perda que teve a esquadra no dia 10 de Abril e nos subsequentes, até a passagem do rio .

Desde o dia 6 de Abril até a evacuação de Itapirú e do Passo da Patria pelos Paraguayos, tivemos na ilha 171 homens fóra de combate, sendo 57 mortos (3 officiaes), 111 feridos (7 officiaes) e 3 extraviados.

Thompson diz que 10 soldados brazileiros foram depois do combate fuzilados por cobardes. O facto é desmentido por todos os officiaes que serviam na ilha.

No dia 10 continuou activo o bombardeamento da ilha pelos Paraguayos, trabalhande

pelo mallogro de tentativa. O tenente Romero, que commandára a primeira columna de desembarque (1), foi declarado traidor porque não morreu, e deixou-se ficar prisioneiro dos Brazileiros. Sua mulher foi obrigada a declarar pelo *Semanario* que adheria a esta accusação. O proprio Diaz só escapou de grave castigo declarando traidores a quantos ficaram na ilha e lamentando que, detido por uma ordem á margem paraguaya, não tivesse podido commandar aos assaltantes.

As perdas consideraveis dos Alliados, fóra de proporção com o fim obtido, que fôra o estabelecimento de mais uma bateria, convenceram ao general em chefe Mitre que não devia mais adiar uma operação decisiva, porque Lopez pára procrastinar o desenlace podia e devia reiterar estes ataques, cujo exito, mesmo quando favoravel para os Alliados, seria por demais caro. O general Hornos teve o encargo de fazer com 3 vapores brazileiros um reconhecimento pela boca do rio Paraguay (2) e áhi procurar pontos favoraveis para o desembarque. Hornos encontrou um sitio ná apparencia vantajoso defronte daquelle ponto da margem que em nosso mappa tem a designação de « deposito de madeira para construcção naval (3). » Os Paraguayos assim tambem pensavam, porque ahi tinham postado uma

---

sobre as ruinas do forte de Itapirú as 2 peças de 68 dos tenentes Gill e Ortiz, e nas trincheiras levantadas perto do forte duas baterias de artilharia ligeira dirigidas pelo capitão Hermosa. A ilha e os navios que a protegiam responderam ao bombardeamento. Algumas balas destruiram a chata paraguaya do sargento Morinigo. Do nosso lado foram a pique a chata em que estava o tenente-coronel Cabrita e a lancha a vapor *Coronel Fidelis.*

Nos dias 11, 12 e 13 continuou vigoroso o fogo de parte a parte. Uma bala de 68 de Itapirú inutilisou no dia 13 uma das peças raiadas da ilha. Nesse mesmo dia morreu em Itapirú por um estilhaço de bomba do *Tamandaré* o sargento Morinigo, cuja morte, segundo o *Semanario*, foi muito lamentada por Lopez e por todo o exercito paraguayo. Ficaram inutilisadas algumas das peças do capitão Hermosa, sendo removidas as outras.

Nos dias 14 e 15 só responderam ao bombardeamento as 2 peças de 68 do forte. A's 5 horas da tarde de 15 subio o rio Paraguay o capitão tenente Mamede Simões com as canhoneiras *Magé, Irahy*, e *Aruguay* afim de reconhecer o ponto mais conveniente para o desembarque do exercito. « Regressou da boca do Atajo, tendo achado que o melhor ponto de desembarque era a barranca da margem esquerda da embocadura do Paraguay. Todo o exercito alliado estava prompto para a passagem. Ao pôr do sol fez o almirante signal chamando os commandantes, os quaes, reunidos a bordo de *Apa*, receberam as instrucções para o desembarque do nosso exercito na margem inimiga, que devia effectuar-se no dia seguinte. » A' noite os transportes aproximaram-se das pontes em que devia embarcar o exercito.

O enthusiasmo das tropas era immenso. Um correspondente do exercito brazileiro assim se exprime : — « No dia 15 a ordem do embarque soava por todo o exercito : foi saudada com todo o ardor dos soldados brazileiros. O batalhão do distincto fluminense Dr. Pinheiro Guimarães, arrebatou-me pelo enthusiasmo com que applaudio as palavras eloquentes que se precipitaram dos labios do medico e escriptor, do litterato, cingindo a espada do voluntario. »

(1) Já dissemos que a columna de desembarque era commandada pelo tenente Leonardo Riveros. Romero era segundo commandante d'essa columna. O primeiro foi morto, assim como o commandante da cavallaria, Mathias Vargas. Os commandantes da segunda expedição, Pablo Cabrera, Ciriaco Vera e Mariano Bordon foram feridos.

(2) Pelo Paraná acima. Eram 5 vapores. E' a expedição de que fallámos nas notas 3ª pag. 276, e 3ª pag. 278, dirigida pelo chefe Alvim, a qual partiu no dia 5 de Abril e regressou no dia seguinte, sendo hostilisada pela artilharia que Lopez mandára collocar na ponta nordeste da ilha de Sant'Anna.

(3) E' engano do autor. A expedição subiu o Paraná até acima de Itati, e não se dirigiu ás Tres Bocas no rio Paraguay.

O ponto que o mappa do Sr. Schneider indica com o nome de — deposito de madeira para construcção — é o arsenal posteriormente estabelecido pelos Brazileiros na ilha do Cerrito ou Atajo. No mappa do Sr. Schneider toda a parte relativa ao rio Paraná está errada, como já dissemos.

guarda de 12 homens, que incontinenti foram expulsos (1). Logo que foi annunciada a subida dos tres vapores, mandou Lopez o major Godoy com 6 bocas de fogo e 200 homens para os canhonear quando voltassem. O general Hornos (2) não ficou pouco admirado de receber descargas de artilharia de um ponto, que pela manhã (3) tinha transposto sem incommodo. Algumas balas acertaram, mas não causaram maior prejuizo. Hornos poude annunciar ter achado um ponto de desembarque e Godoy voltou com as peças para o forte de Itapirú (4).

Para bem se comprehender o que vamos narrar a respeito da passagem do exercito, não são desnecessarias algumas explicações topographicas, que mais claras se tornarão á vista da nossa planta de Itapirú até Humaitá (5).

Todo o sudoeste do Paraguay se compõe de charcos, pantanos e aguas de natureza varia, entre os quaes se prolongam alguns logares arenosos mais elevados (6). As *Lagunas* (7) são porções d'agua depositadas em bacias profundas e paludosas, de facil navegação. Essas aguas agglomeram-se e tomam a fórma de lagoas depois que baixa o nivel das enchentes do Paraná e do Paraguay, que em certos mezes do anno inundam quasi toda a região. As margens destas lagoas são de forte argilla, que adquire muita consistencia durante a estação quente. Evaporando-se com o calor a agua das lagoas, suas margens se vão gradualmente descobrindo, mas só no tempo do calor supportam homens, cavallos ou carretas. Bem que em taes casos pareçam accessiveis até á borda d'agua, deve-se examinar a solidez do terreno proximo, suavemente inclinado, antes de se chegar á linha d'agua. Pelo contrario os *Bañados* (8) são logares cobertos pela cheia periodica das aguas na altura de uma pollegada; apenas têm o mesmo aspecto das lagoas; mas offerecem grandes espaços vadeaveis, onde se topa fundo consistente. Perto dos banhados e atravez delles encontra-se immensa extensão de insondaveis *Pantanos*, quasi sem agua na superficie, e que de todo impossibilitam a passagem. Cada enchente os satura de novo e qualquer corpo pesado afunda completamente. Entre estas Lagunas, Bañados e Pantanos (9) estendem-se tractos arenosos, obra de cinco pés acima do maior nivel das aguas, os quaes são denominados *Lomas* (10) ou *Lomadas* e estão cobertos de viçoso capim, espinhaes e grupos de arvores.

---

(1) Isto deu-se em frente á Lengua-Paso, acima de Itati, como já vimos (5 de Abril).

(2) O general Hornos ia a bordo, mas dirigia a expedição o chefe Alvim.

(3) Na vespera.

(4) Em 6 de Abril. Tudo o que o autor aqui diz ficou rectificado ás atraz.

(5) Para fazer idéa exacta do terreno que se estende da confluencia do Paraguay a Itapirú e Passo da Patria, veja-se de preferencia a pequena planta de Thompson, e, sobretudo, o *Atlas Historico da Guerra do Paraguay*, organisado por Jourdan, e o excellente *Plano Hydrographico do Paraná e da foz do Paraguay*, levantado pelos 1os tenentes Hoonholtz, Silveira da Mota e Cunha Couto.

(6) São terras baixas retalhadas em esteiros.

(7) *Lagunas*, em hespanhol; em portuguez *Lagoas*. Do Passo da Patria a Humaitá ha muitas, quasi todas com communicação para o rio Paraguay, pelo que são mais propriamente *esteiros* do que *lagoas*. As maiores são as Lagunas Piriz e Chui. Todas essas lagoas são paludosas.

(8) *Bañados*. — banhados, alagadiços, pantanos ou atoleiros. Logar ou sitio alagado pelas innundações dos rios.

(9) Desde que cita essas denominações, devia o autor fallar tambem no termo *Estero* (Estero Bellaco, Estero Rojas), em portuguez *Esteiro*. São braços de rio ou de mar, estreitos, que entram pela terra, dando ás vezes voltas, e circumdando porção do terreno, de maneira a formar ilha, nas enchentes, ficando parte em secco na vasante.

(10) Em portuguez — Lombas. Dá-se este nome á planura sobre serra ou montes, ou qualquer outra altura. Nos sitios que o autor descreve não ha montes, mas somente

Nos sitios em que estas *lomas* mais se dilatam encontram-se *Palmares* ou *Palmazados* (1), mattos de palmeira tapetados de vastas capoeiras. Estas formações de terreno quando simultaneas tomam o nome de *Carrizal* (2), que vem a ser um morraçal com oasis de fórma insular. As *Lagunas* (3) proximas á margem do Paraná e do Paraguay apresentam escoadouros, na maior parte do anno navegaveis, como as que ficam nas visinhanças do acampamento do Paso de la Patria, a Laguna Piriz e outras.

O acampamento estava assentado sobre uma lomba entre as lagôas Yuqueri e Pasopé, então cobertas de pontes que asseguravam as communicações com Curupaity e Humaitá. Até para ligal-o ao forte de Itapirú foi preciso lançar pontes sobre lagôas. Separava-o da aldeia do Paso de la Patria, acompanhando a direcção da lomba, uma extensa linha de fossos de 11 pés de largura e 6 de profundidade ; diante dos fossos estendiam-se lagoas e banhados. Conforme a natureza do terreno tinha o entrincheiramento angulos entrantes e salientes, cujas cortinas podiam ser attingidas. A oeste terminava na lagoa Sirena e a leste na lagoa Panambí. A casa occupada pelo mrechal-presidente devia ficar fóra da trincheira, mas o engenheiro Thompson, que fez o traçado, declara que Lopez não quiz ser incommodado com esta disposição (4).

A segurança do acampamento era completa, achando-se os dous flancos protegidos por « carrizales » e a frente por lagoas e banhados, com uma

---

ligeiras ondulações no terreno. O logar em que estavam as trincheiras do Passo da Patria é mais elevado. *Lomada*, em hespanhol, ou *lombada*, em portuguez, é a lomba continuada.

(1) *Palmazados*. Não ha em hespanhol esta palavra.

(2) *Carrizal*, ou *carrizedo*, são palavras hespanholas que significam *carriçal*, matta de carriços, ou canna brava de alagados, planta graminea da familia das *Irideas* (genero Gladiolus) que cria-se com abundancia nos logares humidos e nas margens dos rios. — Parece, porém, que no Paraguay o vocabulo tinha outra significação, pois Thompson assim o explica : « Dá-se o nome de *Carrizal* a um terreno cortado por profundas lagoas e atoleiros, intermediados de bosques impenetraveis e expessos mattages, de tres varas de altura. Quando o rio cresce, o *Carrizal* fica inteiramente coberto pelas aguas com poucas excepções. Quando o rio está baixo podem-se fazer veredas entre as lagoas. »

(3) Quando se emprega no texto a palavra *Laguna* deve entender-se que o autor usa do vocabulo hespanhol correspondente a *lagoa*, porque em portuguez são designados pelo nome de *Lagunas* « os charcos de agua marinha, rodeando teras baixas e formados de um solo de nateiros ». Diz-se, por exemplo, em portuguez — as lagunas de Veneza.

(4) Eis como Thompson descreve essas paragens :

«...... As margens do rio formam um extenso *Carrizal* de tres milhas de largura proximamente... » (Segue-se o trecho, já reproduzido, em que esse escriptor explica o que é *Carrizal*) « ... O unico caminho permanente era o do Passo da Patria a Itapirú e Paraná-Mini, ao longo da margem, porém quando o rio crescia era tambem coberto pelas aguas. Este caminho é cortado por duas lagoas que desaguam no rio, e se atravessam em canoas. Os cavallos passam a nado nas suas extremidades. São as lagoas Yuqueri e Pasopé. Lopez fez construir pontes sobre ellas para retirar a artilharia de Itapirú. Nenhum outro caminho poude ser aberto por serem numerosas e profundas as lagoas. No caminho de Itapirú ao Passo da Patria, uma milha antes de chegar a este ultimo lugar, existe um espaçoso terreno aberto e baixo, que se estende desde o rio até á aldeia do Passo da Patria. Este terreno é cortado pelo arroyo Carayá, que tem mais de seis pés de profundidade, e se atravessa por uma ponte.

« O Passo da Patria é uma pequena aldeia, situada á borda da terra firme, 50 ou 40 pés acima do nivel do *Carrizal*, de que é separado por uma barranca quasi a prumo, cujo cimo está no mesmo nivel do interior do paiz. Ao longo da borda desta barranca, no Passo da Patria, tracei uma trincheira, que, chegando á frente da casa de Lopez, descia ao *Carrizal*, porque elle não quiz que passasse pela sua casa. A trincheira tinha 11 pés de largura e 6 de profundidade, e seguia o perfil geral da crista da barranca, com varios reductos nos angulos entrantes e salientes para flanquear as cortinas e poder bater toda á frente accessivel. Sua direita terminava na Laguna Sirena e sua esquerda entre a Laguna Panambí (lagoa da Mariposa). Estava defendida por 30 peças, de campanha apoiadas por infantaria, e era uma posição verdadeiramente forte, porque não podia ser flanqueada em consequencia do *Carrizal*, e o terreno que tinha pela frente era plano

estreita lomba apenas (1). Além das tropas do acampamento, estavam arranchados cerca de 4,000 homens no caminho do Paso de la Patria ao forte de Itapirú para defenderem a margem do rio. Só depois de seu desembarque tiveram os Alliados conhecimento desta posição militar, que poderia ter sido fulminada efficaz e facilmente pela artilharia ; mas, para que os fogos dos ranchos e das guardas não denunciassem as paragens que occupavam, os Paraguayos tinham feito fundas excavações et tapagens com ramos e folhas, de modo que só se desprendia um tenue fumo. Este artificio, se provasse sempre bem, seria recommendavel nos exercitos europeos.

A singular bravura e firmeza com que as tropas brazileiras no dia 10 de Abril haviam defendido contra os ataques do inimigo a ilha que ficou conhecida pelo nome de Cabrita inspirou ao general em chefe Mitre grande confiança na operação da passagem do Paraná, e para se concertar no plano reuniram-se em conselho os generaes das tres nações. Tinham os Alliados 150 grandes botes, barcos e jangadas, além dos vasos de guerra e de muitos transportes (2), de modo que de uma vez podiam passar 15,000 homens. Resolveu-se, porém, que primeiro desembarcassem 10,000 homens a oeste de Itapirú e iniciassem a passagem por um ataque de flanco.

O terreno na foz de Paraguay era completamente desconhecido : apenas se sabia que constava de « carrizales ». O general Hornos que fizera um reconhecimento por esse lado, tinha em todos os logares encontrado grupos de arvores, e concluio-se que, indicando isso a existencia de « lomadas », devia haver caminho para as posições principaes do inimigo (3).

---

na distancia de uma milha e atravessado pelo arroyo Carayá, que tinha sido aprofundado por meio de uma represa perto de sua foz no Paraná.

« Ao longo do caminho do Passo da Patria a Itapirú, Lopez havia collocado 4.000 homens para fuzilar os Alliados quando tentassem desembarcar. Elles permaneciam occultos no bosque, e, para esconder o fogo, abriam covas, que tapavam com folhas collocadas sobre ramos de arvore, cerca de uma jarda da superficie. Deste modo o fumo se disseminava e não era visto do inimigo... »

(1) Na frente o terreno era plano.

(2) São pormenores tomados de Thompson, que diz : — « Os Alliados haviam terminado seus preparativos para atravessar o rio. Tinham 150 canoas, 30 jangadas, além de 30 transportes a vapor, e podiam de um só golpe desembarcar 15.000 homens...... Os Alliados tinham então (18 de Abril) em Itapirú 54 vapores maiores e 11 pequenos, e 48 navios de vela. Nunca se vio, nem tão cedo se tornará a ver, no Paraná uma frota semelhante. »

(3) Não precisamos repetir que o general argentino Hornos nenhuma exploração fez na embocadura do rio Paraguay. Seguio com o chefe Alvim, commandante de uma divisão da esquadra brazileira, pelo Paraná acima além de Itati (5 Abril), isto é em direcção opposta á indicada pelo autor. O almirante Tmandaré havia obtido de desertores inimigos que, escapando-se pela margem esquerda do Paraguay, nas visinhanças das Tres Bocas, foram parar á ilha do Cerrito, informções que combinavam com as que o general Mitre possuia, ministradas por alguns praticos do logar. Não se póde, pois, dizer como assevera o autor, que os Alliados não conheciam o terreno que se estende da confluencia do Paraguay a Itapirú. O que o almirante e os generaes fizeram foi não proceder a explorações no rio Paraguay, porque as margens eram conhecidas, e não convinha chamar para esse lado a attenção do inimigo.

A occupação da ilha de Itapirú na noite de 5 de Abril, e as posições e movimentos da esquadra desde 17 de Março tiveram por fim concentrar toda a vigilancia de Lopez nas proximidades do forte de Itapirú, e facilitar o desembarque em algum ponto da confluencia dos dous rios, ou nas visinhanças de Itati.

Na conferencia de 9 de Abril, diz um correspondente do *Jornal do Commercio*, o general Mitre lembrou para desembarque o passo de Carucati (?), no rio Paraguay, uma legua abaixo de Humaitá, e mais de tres acima do ponto em que se effectou no dia 16. « O brilhante resultado do combate da ilha parecia ter fixado na conferencia do dia 10 as idéas de todos os generaes no sentido de que a passagem fosse no mesmo Passo da

Em consequencia d'isto o general Ozorio foi encarregado de subir pelo rio Paraguay e desembarcar em paragem conveniente, o que elle fez, passando pela ilha Carayá (1), com 7,000 Brazileiros (2) que na manhã de 16 de Abril e a noute anterior haviam embarcado (3) em varios pontos da margem correntina do Paraná. A esta força devia seguir-se, logo que os transportes regressassem, uma divisão de 3,000 Argentinos sob o commando do general Paunero e os Orientaes sob o commando do general Flôres, de modo que á noute se achasse um avultado numero de tropas em territorio inimigo e por meio de improvisadas trincheiras se fossem mantendo contra quaesquer ataques até passar o grosso do exercito para o

---

Patria, e foi só em consequencia de uma ligeira exploração feita pelo tenente coronel Carvalho no rio Paraguay, a bordo de uma das nossas canhoneiras, que de novo se resolveu dar preferencia áquelle rio... » A' direita das posições inimigas, entre Itapirú e a confluencia do Paraguay, havia dous pontos accessiveis a um desembarque : um ficava debaixo de tiro de metralha do forte, e outro um tanto fóra do alcance de seus canhões, mas eram dominados por bosques espessos, dentro dos quaes estavam batalhões inimigos, que podiam ser reforçados promptamente. Preferio-se, pois, fazer o desembarque acima da foz do Paraguay, simulando-se pretender fazel-o junto a Itapirú.

A passagem do Paraná, rio que no Passo da Patria tem tres kilometros de largura, realisada pelos exercitos alliados deante das tropas numerosas que Lopez ahi concentrara, é uma das operações que mais honra fazem aos generaes alliados e sobretudo á marinha imperial, sem cujo concurso o desembarque teria sido impraticavel.

(1) Só poderia ter passado pelo ilhote Carajá (que fica a leste de Itapirú, e da ilha de Sant'Anna, e não no logar indicado na planta do Sr. Schneider) se tivesse *subido o Paraná;* mas Ozorio *desceu o Paraná até a foz do Paraguay, e depois subio por este ultimo rio meia legua.*

(2) Com 10.000 Brazileiros (1ª e 3ª divisões dos generaes Argollo e Sampaio) e 8 bocas de fogo.

O general Ozorio antes da passagem do Paraná dirigio ao 1º corpo de exercito, que commandava, a seguinte proclamação :

« *Quartel general no Passo da Patria, 15 de Abril de 1866.*

« *Soldados do exercito imperial!* — A margem do rio que tendes á vista é o termo das nossas fadigas e dos sacrificios da nação brazileira. Chegou a hora da expiação para esse inimigo cruel, que devastou nossos campos indefesos e commetteu tantos actos de ferocidade contra populações inermes.

« O ingrato a quem o Brazil encheu de beneficios verá agora que não nos impunha pela importancia dos seus recursos : já, e muito tarde, vai conhecer que a politica generosa do governo imperial em relação ao Paraguay era inspirada pela magnanimidade dos seus principios e pela nobreza do caracter brazileiro.

« Soldados e compatriotas! Tenho presenciado a vossa serenidade no meio das privações, a vossa constancia nos soffrimentos. Tendes dado o mais bello exemplo de dedicação á patria, a cujo chamado acudistes enthusiasticamente, vindo dos mais longinquos pontos de todas as provincias do Imperio a reunir-vos aqui em torno do pavilhão nacional. Aproveito este momento solemne para agradecer-vos em nome do Brazil e do governo de S. M. o Imperador.

« Soldados! E' facil a missão de commandar homens livres : basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli em frente.

« Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguayo desarmado ou pacifico devem ser sagrados para um exercito composto de homens de honra e de coração. Ainda uma vez mostremos que as legiões brazileiras no Prata só combatem o despotismo e fraternisam com os povos.

« Avante, soldados!

« Viva o Brazil! Viva o Imperador! Vivam os exercitos alliados! — M. L. Ozorio, *marechal de campo, commandante em chefe.* »

(3) Embarcaram todos na noite de 15 de Abril, depois que regressou o capitão-tenente Mamede Simões, que, como dissemos, fôra reconhecer o ponto do desembarque.

Um correspondente do exercito assim se exprime :

«... Os generaes de divisão, commandantes de brigada e de corpos, a joven officialidade dos tres exercitos, davam e executavam com verdadeiro enthusiasmo as ordens que o serviço exigia. Quanto á tropa, parecia que a chamavam para grande festa, tanta era a sua alegria.

« Na manhã de 15 de Abril expediram-se as ordens quer á esquadra, quer aos exercitos. A's 3 horas da tarde achavam-se situados ao longo da costa correntina, e proximos

outro lado do Paraná. Os navios de guerra deviam sustentar um bombardeamento incessante quando apparecessem tropas paraguayas na margem (1).

ás pontes onde devia effectuar-se o embarque das tropas imperiaes, os numerosos transportes construidos pela commissão de engenheiros, e os vapores brazileiros que deviam rebocal-os collocaram-se em frente d'elles. Em algumas das maiores balsas embarcaram-se as peças de artilharia.

« N'esse momento uma especie de agitação dominava no porto do Passo da Patria; mas agitação methodica e solemne, que principiava no *Apa*, navio chefe, e se transmittia aos extremos d'essa numerosa frota. Sobre a margem do rio viam-se o tenente-coronel Carvalho e os officiaes da commissão de engenheiros, prevenindo tudo para a facilidade do embarque, segurança das tropas a bordo dos transportes, etc.

« Nos acampamentos do exercito, a mesma agitação methodica se mostrava; e era um quadro grandioso esse que apresentavam 40.000 homens arrumando-se para o desembarque em territorio inimigo, o que importava dizer — para uma batalha ao saltar em terra. O general Ozorio se reproduzia onde quer que sua presença era necessaria.

« A's 5 horas da tarde uma expedição de 3 canhoneiras foi ao rio Paraguay escolher posição acima da fóz. A's 11 da noite começou o embarque das tropas brazileiras nos transportes de modo que ao amanhecer do dia 16 estavam os vapores e transportes apinhados de tropas. Nos grandes pontões embarcou a artilharia, e em uma barca especial certo numero de cavallos arreiados. As forças brazileiras que se achavam embarcadas eram a 1ª e 3ª divisões...

« Seguiram sob o commando immediato do general Ozorio, preparadas para um dia de batalha.

« Os chefes e officiaes trajavam os melhores uniformes; a tropa deixou as moxillas... »

(1) No dia 16 de Abril, ao amanhecer, 17 navios de guerra brazileiros e 2 chatas com peças de 68 tomáram posição, formando em linha, junto á margem direita do Paraná desde a confluencia do Paraguay até acima de Itapirú, com o fim de varrer as posições inimigas e metralhar a estreita vereda por onde de Itapirú podiam seguir tropas para o ponto do desembarque.

A 2ª divisão, ás ordens do capitão de mar e guerra J. M. Rodrigues, devia investir o Canal del Campamento, entre a ilha de Sant'Anna, e o campo entrincheirado do Passo da Patria, mas, encalhando o encouraçado *Barroso*, e não sendo conhecido o canal, fundeou ella pouco acima de Itapirú, para bombardear o forte deste nome, a bateria á flôr d'agua que ahi tinham levantado os Paraguayos, e, por elevação, as trincheiras do Passo da Patria. Compunha-se dos seguintes navios, incluindo o *Tamandaré*, que pertencia á 3ª divisão, e que lhe foi incorporado nesse dia :

Encouraçados.

	canhões.
Barroso, commandante, Mendes Salgado	6
Tamandaré, commandante, Eliziario Barboza	4

Canhoneiras.

Belmonte, commandante, Piquet	8
Itajahy, commandante, Lucio de Oliveira	4
Henrique Martins, Jeronymo Gonçalves	2

A 1ª divisão, ás ordens immediatas do almirante Tamandaré, fundeou em linha abaixo d'esta, a partir da ilha de Itapirú, em direcção á foz de Paraguay, collocando-se a 50 braças da margem inimiga. Compunha se dos seguintes vasos :

Encouraçados.

	canhões.
Brazil, commandante, Victor Subrá	9
Bahia, commandante, Rodrigues da Costa	2

Canhoneiras.

Parnahyba, commandante, Abreu	7
Mearim, commandante, Miranda	7
Ypiranga, commandante, Freitas (com o pavilhão almirante)	7
Greenhalgh, commandante, Marques Guimarães	2

A's 7 horas da manhã do dia 16 de Abril effectuou-se a partida da flotilha

---

Araguay, commandante, Fernandes Pinheiro	6
Chuy, commandante, Cortez	1
Chatas	2

Outra divisão, a 3ª, commandada então pelo capitão tenente Mamede Simões, tomou posição tambem ao longo da margem, mais abaixo, desde a cauda da linha formada pela 1ª divisão até á confluencia do Paraguay. Formavam-n'a os seguintes navios :

Corvetas.

	canhões.
Magé, commandante, Mamede Simões	7
Beberibe, commandante, Coelho Netto	7

Canhoneiras.

Ivahy, commandante, Pereira dos Santos	6
Iguatemy, commandante, Alves Nogueira	5

Total 17 vapores (4 encouraçados), e 2 chatas, montando 92 bocas de fogo. Os outros navios da esquadra imperial ficaram na margem esquerda do Paraná, e alguns outros estacionavam no porto de Corrientes. Os vapores argentinos conservaram-se no porto de Corrales para receber as tropas de Flôres e Paunero, que formavam a segunda expedição.

As primeiras tropas, exclusivamente brazileiras, ás ordens do seu general em chefe, Ozorio, começaram a embarcar ás 11 horas da noite de 15 de Abril e na madrugada de 16 estavam todas a bordo dos transportes.

Nos vapores *Viper*, *White Inch* e *Suzan Bearn*, transportes fretados pelo almirante Tamandaré, e no transporte brazileiro *Galgo* embarcou a divisão de infantaria do general Sampaio. O primeiro d'esses vapores rebocava a chata *Rio Grandense*, com 71 cavallos, e 4 canoas conduzindo soldados e ferramenta; o segundo rebocava a chata *Cearense*, com munições de infantaria e artilharia de calibre 4 (1.800 tiros de artilharia), e 2 canoas com um contingente de sapadores; o terceiro levava a reboque a chata *Pernambucana* com 8 bocas de fogo e um contingente de artilharia, e 2 canoas com munições.

Nos transportes brazileiros *Marcilio Dias*, *Riachuelo*, *Presidente*, *Duque de Saxe* e *Berenice* embarcou a divisão de infantaria do general Argollo. O *Presidente* rebocava a chata *Monitor*, com 40 cavallos, e mais 4 canoas, que levavam um contingente de sapadores e a ferramenta correspondente. Os avisos *Voluntario da Patria* e *General Ozorio* acompanharam essa expedição.

Total : 9 transportes e 2 avisos a vapor, 4 chatas, 12 canoas.

O chefe Alvim dirigio o desembarque.

Eis a força brazileira que primeiro pisou no territorio paraguayo, repellindo nos dous combates da Confluencia (16 e 17 de Abril) as tropas inimigas que sahiram ao seu encontro :

	homens.
Marechal de Campo M. L. Ozorio, general em chefe	1
Brigadeiro Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, chefe do estado maior.	1
Ajudantes de campo	6
Corpo de saúde, ajudantes e serventes do mesmo	60
Repartição ecclesiastica	3
Piquete do general, commandante o tenente *Telles de Queiroz* (Joaquim Pantaleão)	12
Atiradores a cavallo do 1º corpo da brigada ligeira, commandante o capitão *Luiz Costa*	50
Sapadores (batalhão de engenheiros), sob a direcção do tenente coronel *Carlos de Carvalho* (José)	100
Artilharia (do 1º regimento de artilharia a cavallo), commandante o tenente coronel *Mallet* (Emilio Luiz)	150
Infantaria :	
1ª Divisão, commandante o brigadeiro Argollo Ferrao (Alexandre Gomes de)	4.676
3ª Divisão, commandante o brigadeiro Sampaio (Antonio de)	4.406

Total, *9.465 homens e 8 bocas de fogo.*

Cumpre notar que a força dessas divisões é tomada do mappa do 1º de Março, mas em-

de transporte, e ás 9 horas estavam os navios de guerra uma legua ao

---

16 de Abril estavam ellas reforçadas, de sorte que apresentavam uns 5.000 homens cada uma. O general Ozorio desembarcou, portanto, com 10.000 homens pouco mais ou menos.

As duas divisões de infantaria compunham-se dos seguintes batalhões e brigadas :

— Divisão Argollo (1ª), duas brigadas, (7ª e 10ª), com 8 batalhões e 2 companhias avulsas a saber :

— 7ª *Brigada*, coronel *Machado Bittencourt* (Jacintho), compunha-se dos seguintes corpos :

1º Batalhão de infantaria de linha (fuzileiros), major *Guimarães Peixoto* (Francisco Maria dos).

13º Batalhão de infantaria de linha (caçadores) major *Cezar da Silva* (Augusto).

6º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Rio de Janeiro, provincia) major *Valente* Angelo de Souza).

9º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Rio de Janeiro, cidade) tenente coronel *Oliveira Bueno* (José de).

11º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Pernambuco) major *Cavalcanti de Albuquerque* (Innocencio).

2 Companhias de zuavos voluntarios (Bahia), major *Araujo e Silva*.

— 10ª *Brigada*, coronel *Resin* (Carlos) :

2º Batalhão de infantaria de linha (fuzileiros) tenente coronel *Salustiano dos Reis*.

2º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Rio de Janeiro, cidade) major *Deodoro da Fonseca* (Manoel).

6º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Ceará) major *Figueira de Mello* (Francisco Frederico).

— Divisão Sampaio (3ª), duas brigadas (5ª e 8ª), com 8 batalhões :

— 5ª *Brigada*, coronel *Oliveira Bello* (André Alves Leite de) :

4º Batalhão de infantaria de linha (fuzileiros) tenente coronel *Pereira de Carvalho* (Luiz José).

6º Batalhão de infantaria de linha (fuzileiros) tenente coronel *Paranhos* (Antonio da Silva).

12º Batalhão de infantaria de linha (caçadores) tenente coronel *Costa Pereira* (Domingos José da).

4º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Rio de Janeiro, cidade) tenente coronel *Pinheiro Guimarães* (Dr. Francisco).

46º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Bahia) tenente coronel *Lourenço de Araujo*.

— 8ª *Brigada*, coronel *D. José da Silveira* (D. José Balthazar da Silveira) :

8º Batalhão de infantaria de linha (fuzileiros) tenente coronel *Camisão* (Francisco de Souza).

16º Batalhão de infantaria de linha (caçadores) major *Fagundes* (João de Souza).

10º Batalhão de voluntarios da patria (caçadores, Bahia) tenente coronel *Mauricio Ferreira* (Joaquim).

— Depois que os 17 navios brazileiros se formaram em linha desde a ponta occidental da ilha de Sant'Anna, acima de Itapirú, até á foz do Paraguay (7 1/2 horas da manhã), os transportes, que conduziam as tropas acima indicadas, puzeram-se em movimento, cortando perpendicularmente o rio na direcção de Itapirú (8 1/2 da manhã). O bombardeamento da esquadra começára logo, fazendo fogo tambem, como nos dias anteriores, a bateria da ilha da Redempção. Era a primeira vez que o almirante Tamandaré empregava contra as posições inimigas tão grande numero de navios, e a primeira vez tambem que se fazia um bombardeamento regular. Até então, como vimos, apenas alguns navios se aproximavam diariamente de Itapirú, fazendo fogo pausado sobre o forte ou sobre as chatas. O almirante entendia com razão que nenhuma vantagem recolhiamos em despender em larga escala projectís desde que o exercito não transpunha o rio para occupar as posições bombardeadas.

Itapirú, já reduzida a ruinas, com 2 canhões de 68 apenas, e duas baterias de 12 peças collocadas á margem do rio, respondeo ao fogo dos navios brazileiros, mas dentro em pouco, estas ultimas, que eram dirigidas pelo major Alvarenga, tiveram de ser removidas pelo terrivel effeito das bombas da esquadra, e um dos canhões do forte, o do tenente Gill, foi desmontado. Os transportes que haviam cortado perpendicularmente o Paraná, quando chegaram ao canal mais proximo á costa inimiga, no qual se achava a linha de combate da esquadra, voltaram para oeste, desceram a toda a força o rio, entraram pela primeira boca do rio Paraguay, guiados por uma canhoneira, parando meia legua acima da confluencia, onde começaram a desembarcar rapidamente as tropas. O general Ozorio foi o primeiro que saltou em terra. A 3ª divisão da esquadra (*Magé*, *Beberibe*, *Ivahy* e *Iguatemy*), deixou a posição que occupava e entrou tambem no rio Paraguay,

norte da ilha Carayá (1), defronte do ponto de desembarque indicado do passadiço de primeiro vapor pelo general Ozorio. Não se avistava em terra um só posto inimigo e o general Ozorio foi o pimeiro que saltou com 12 cavalleiros, transportados com seus cavallos em um pontão. As primeiras tropas que desembarcaram foram as da legião paraguaya, que já subia a 700 homens com os prisioneiros procedentes da capitulação de Uruguayana (2).

O general Ozorio em pessoa fez um reconhecimento e encontrou o pouco terreno solido e enxuto interceptado por lagoas e banhados. A primeira

---

para proteger o desembarque. Thompson, portanto, não tem razão, quando censura o almirante por não ter mandado canhoneiras para esse ponto.

Os serviços que então prestou a esquadra imperial estão confirmados nas seguintes palavras da correspondencia que Lopez mandou para o *Semanario*, dando noticia do desembarque dos Brazileiros :

« Encontraron en la naturaleza del terreno el medio facil de hacer esta operacion con el auxilio de sus poderosos elementos. La confluencia del Paraná y del Paraguay forma un angulo casi recto, y sus corrientes dan acceso á los buques de calado, de suerte que *la escuadra enemiga tomó posicion en los canales de ambos rios, desembarcando sus tropas sobre la linea O, que fórma el angulo, y barriendo los cañones de los buques que ocupaban la linea S., todo el terreno por donde pudiese hostilizarse el desembarque. Imposible era por lotanto una oposicion real.* »

Veja no Appendice a parte official do almirante Tamandaré.

(1) Não *ao norte da ilha Carayá*. O autor quer dizer — *meia legua ao norte da fóz do Paraguay*.

(2) E' uma inexactidão que o autor tomou a Thompson. As unicas tropas que desembarcaram em territorio inimigo ás 9 horas da manhã foram 10.000 Brazileiros ás ordens immediatas do general Ozorio. Nem a legião paraguaya, nem soldado algum de exercito alliado, desmbarcou então.

Tambem não é certo que a legião paraguaya tivesse 700 homens. Um mappa do exercito argentino, organisado em 15 de Novembro de 1865 (portanto dous mezes depois da rendição de Uruguayana) dá a essa legião 2 chefes, 20 officiaes e 145 soldados.

Os annotadores da obra de Thompson traduzida e publicada em Buenos-Aires, Srs. Lewis e Estrada, foram levados a corrigir o texto inglez, dizendo : « — El autor comete un error al especificar la composicion de las columnas de desembarque. Los 10.000 hombres que desembarcaron primeiro bajo las ordenes del general Ozorio *no eran solo brazileiros; en aquella columna iba incluido el 1er cuerpo del ejercito argentino* bajo las ordenes del general Paunero, que se componia de 5.000 hombres. La segunda columna que se desembarco fué tambien mista y no puramente de argentinos. »

Não obtiveram informações exactas os dous distinctos escriptores argentinos.

Os Brazileiros pisaram sós o territorio inimigo na manhã de 16 de Abril, e pouco depois embarcaram em Corrales dous batalhões orientaes de Flôres (900 homens) e a divisão argentina de Paunero (menos de 4.000 homens, que tinham a denominação de 1° *corpo do exercito argentino)*. Formavam um total de quasi 5.000 homens. Na mesma occasião embarcaram 2.000 Brazileiros da 12ª brigada (coronel Pecegueiro). Deviam partir ás 2 horas da tarde, mas uma forte tempestade que se prolongou desde essa hora até depois das 4, não permittio a sahida dos vapores em que estavam (o vapor *Lili*, em que ia Flôres, os pequenos vapores de guerra argentinos *Guardia Nacional. Libertad, Chacabuco, Buenos-Aires e Pavon*, dous transportes dos fornecedores, o *Alliado* e o *Provedor*, e os transportes brazileiros *Izabel* e *White Inch.)*

Quasi ás 5 horas da tarde partio de Corrales essa expedição que, assim, *só ao anoitecer poude chegar ao ponto em que haviam desembarcado 8 horas antes os Brazileiros.* Apenas alguns orientaes e argentinos foram á terra na noite de 16 com o general Flôres, ficando quasi toda a expedição a bordo com o general Paunero.

No dia 16, portanto, desembarcaram 10.000 Brazileiros com Ozorio, e só á noite, depois de repellido o inimigo, saltaram no mesmo logar alguns soldados alliados, que fizeram o possivel por incorporar-se ao general Ozorio, acampado a meio caminho do ponto de desembarque e do forte de Itapirú. A escuridão da noite e a chuva abundante que cahio, engrossando os banhados e transformando em atoleiros varios pontos do caminho percorrido pelos Brazileiros, não permittiram que esse pequeno contingente se lhes incorporasse. Acampou Flôres, por isso, na retaguarda dos Brazileiros, e adiantou-se quasi só, á noite, para pôr-se de accôrdo com o general Ozorio.

Na manhã de 17 desembarcou o resto da expedição oriental-argentina com o general

lagoa teve de ser atravessada n'um ponto mais raso. A agua é verdade que chegava á barriga dos cavallos, mas era transitavel para a infantaria e esta circumstancia teve logo de ser aproveitada, porque do outro lado da lagoa appareceram no matto soldados paraguayos, que atravez do alto caniçal descarregavam sobre os que se approximavam. Pouco a pouco subiram a tres batalhões e tambem se mostraram pequenos piquetes de cavallaria e 2 peças. Parecia que ia ahi desenvolver-se um combate decisivo. Um

---

Paunero, e quando os Paraguayos atacaram de novo os Brazileiros no dia 17 ainda as tropas d'esses generaes estavam em marcha muito na retaguarda do nosso campo.

O seguinte officio do general Flôres confirma tudo quanto acabamos de dizer :

« El Jeneral del ejercito oriental. — Itapirú, Abril, 18 de 1866. — Al Exm. Sr. Brigadier Jeneral D. Bartolomé Mitre, Jeneral en Jefe de los Ejercitos Aliados. — Cumpliendo las disposiciones adoptadas, me puse en marcha en direccion al mismo punto *en que habia desembarcado la primera expedicion invasora del territorio enemigo á las ordenes del Exm. Sr. mariscal Ozorio*, como a media legua mas arriba de las Tres Bocas en el rio Paraguay. *Llegando á dicho punto á las 5 de la tarde del mismo dia 16* » (chegou um pouco mais tarde, porque partio de Corrales muito depois das 4 1/2), « imediatamente *ordené el desembarque de las fuerzas á mis ordenes, que se componian del primer cuerpo del ejercito argentino y de una division de infenteria perteneciente al ejercito oriental.* » (este trecho deve convencer aos illustrados annotadores da obra de Thompson de que o 1º corpo do exercito argentino não marchou com o general Ozorio).

« *Tanto por lo avanzado de la hora, cuanto por otras dificultades* que ofrecia el estado del rio, y el punto mismo del desembarque, en consecuencia de la copiosa lluvia del dia, *tuve que suspender esta operacion despues de haber bajado á tierra parte de la fuerza referida*, con la que me puse en marcha, *buscando incorporarme al Sr. Mariscal Ozorio*, atravesando para el efeto todo el trayeto que de el me separaba ; y que solo era un continuado y profundo bañado, *obteniendo ponerme en comunicacion y acuerdo com dicho Sr. Mariscal en la misma noche.*

« *En la mañana de ayer* (17 de Abril) *el Jeneral Paunero, de conformidad com las instrucciones que le habia dejado, continuó el desembarque del resto de las fuerzas á mis ordenes*, sin ningun accidente, *incorporandose en seguida.*

« Reunida toda esta segunda espedicion, en combinacion con la primera del Sr. Mariscal Ozorio, hemos llegado avanzando hasta esto punto, *habiendo antes tenido lugar, en la mañana de ayer, el ataque á las fuerzas brasileras* por otras paraguayas, de que habrá instruido á V. Ex. dicho Sr. Mariscal, asi como de su brillante resultado para las armas aliadas. — Dios guarde a V. Ex. — (Assignado VENANCIO FLORES. »

Para que não reste duvida sobre este ponto, transcreveremos os seguintes trechos do *Diario* do coronel Palleja, official que fazia parte da 2ª expedição, composta de Orientaes, Argentinos e Brazileiros ás ordens dos generaes Flôres e Paunero e do coronel Pecegueiro : — « *A las 4 1/2 de la tarde* pasó el jeneral Flôres al habla del *Isabel* y dió orden de zarpar y dirigirnos á la costa paraguaya. *A las 5 de la tarde nos pusimos en marcha. Regresan los vapores con sus chatas á remolque que llevaron las primeras tropas* (as brazileiras, que seguiam Ozorio) *á la costa enemiga.* Vuelven por mas carne humana. *Una cañonera brasilera pasó imediata á nuestro buque. Se vieron sobre cubierta algunos heridos nuestros* (brasileiros) *que ya dieron el tributo de su sangre, 2 prisioneros paraguayos...* El canal del rio Paraguay es en la confluencia con el Paraná lleno di dificultades... *Todas estas dificultades hicieron que llegaramos á las 7 de la noche contra la barranca del Paraguay... Yo bajé á tierra con unos ayudantes y una linterna de bordo, á ver si encontraba lugar donde acampar...* Logré penetrar siguiendo una pequeña abra, unica que encontré, y me hallé con el coronel Arredondo, que estaba con un cuerpo argentino en la costa de un bañado lleno de agua... *Volví a la costa é hice presente al general Suarez la absoluta necessidad de pasar la noche á bordo... Emfin á las 12 regresé á bordo lleno de barro hasta la rodilla...* — Dia 17. *A las 7 de la mañana principiamos el desembarque. Los Argentinos lo efectuan tambien a nuestra derecha... A las 3 de la tarde nos movimos... El desembarque continúa...* »

Uma correspondencia do exercito imperial referindo assas occurrencias diz : — « ... Por tal forma correndo os successos, resultou : 1º que as forças brazileiras desembarcavam sós no territorio paraguayo ; 2º que sós repelliram o inimigo no dia 16 ; 3º que apenas 8 horas mais tarde desembarcaram algumas tropas do general Flôres; 4º que sós passaram os Brazileiros a noite de 16 para 17 de Abril acampados a poucas milhas do grande exercito inimigo ; 5º que só na manhã de 17 desembarcaram as tropas argentinas de Paunero e o resto dos orientaes; 6º, que antes de fazerem juncção com os Brazileiros, derrotaram estes novamente o inimigo na manhã de 17. »

ataque do 2º batalhão de voluntarios da patria (Rio de Janeiro) repellio os Paraguayos para o sul por entre duas lagoas (1).

Evidentemente fora Lopez sorprendido por este movimento de flanco, com que absolutamente não contava, e ainda tinha motivos para acreditar que tambem seria atacado pela frente. Nesta contingencia não se queria desfalcar, mandando tropas para a sua direita. Attento o provado denodo

---

(1) O general Ozorio, como vimos desembarcou ás 9 horas da manhã de 16, meia legua acima da foz do Paraguay. A margem do rio nesse ponto conserva-se ordinariamente sobranceira ás enchentes e o canal encosta-se a ella, dando livre accesso aos navios de grande calado. Ao norte e a leste ficam os bosques e banhados que emendam com a lagoa Sirena, ao sul os bosques da margem do Paraná.

Do primeiro banhado, a leste, o caminho para Itapirú, na extensão de uma legua, consistia apenas em uma estreita facha de terreno arenoso e alagadiço, que corria, de um lado, apertado pelo espesso bosque que cobre toda a margem, e do lado opposto por outros bosques impenetraveis, formados de arbustos e juncos em grande parte inundados pelas aguas pluviaes e pelo transbordamento dos rios e da lagoa sirena. Não era sempre firme : a cada passo encontravam-se banhados e atoleiros, e o mattagal do lado norte estava em grande parte meio coberto de agua.

Por essa difficil vereda se haviam escapado dias antes, como já ficou dito, desertores inimigos, mas em toda a região baixa e sujeita a inundações que se estende de Curuzú á Confluencia e ao Passo da Patria a configuração do terreno muda da noite para o dia, e os generaes alliados não tinham certeza de que uma forte columna pudesse facilmente romper até Itapirú. Sabia-se sómente que ella poderia fazer-se forte em paragens, que o inimigo descuidára, porque a occupação da ilha de Itapirú e os movimentos da esquadra imperial haviam chamado a attenção de Lopez para o Passo da Patria e para Itati. Assim resolveu-se o desembarque do general Ozorio nesse lugar, devendo horas depois desembarcar a segunda expedição, de Flôres e Paunero, á margem esquerda do Paraná, entre Itapirú e a confluencia do Paraguay. Esta expedicição, porém só se poz a caminho ás 5 horas, indo desembarcar, não no sitio convencionado, mas no ponto em que pela manhã haviam saltado os Brazileiros.

Lopez não contava que a passagem se fizesse por esse lado, e apenas para ahi mandára, afim de observar a divisão naval fundeada junto ás Tres Bocas, o commandante Hermosa com alguma força de infantaria e cavallaria e 2 peças ligeiras, e o capitão Venegas com o batalhão 18. Estas forças achavam-se a curta distancia do ponto do desembarque, tendo um piquete no primeiro banhado transposto pelo general Ozorio, sitio que os Paraguayos designavam pelo nome de *Confluencia* (guardia de la Confluencia, combates de la Confluencia, diz o *Semanario*, em julho de 1867, referindo-se a esses feitos de armas.) Quando os transportes brazileiros começaram a descer o Paraná, Lopez lançou por esse caminho o regimento 20 de cavallaria e alguma infantaria. Da esquadra via-se a nuvem de pó que essas forças levantavam em sua marcha precipitada sempre que pisavam terreno enxuto, e a artilharia dos navios varria com metralha e bala rasa o caminho que ellas seguiam. Do acampamento do Passo da Patria acudiam outras tropas para as visinhanças de Itapirú, porque Lopez suppunha ainda que o movimento dos transportes era um estratagema, e que o grosso do exercito alliado estava prompto para desembarcar perto de Itapirú ou mais acima, em frente a Itati, ponto que os Alliados haviam reconhecido duas vezes. Além disso não podia o dictador, quando mesmo o intentasse, esmagar a columna do general Ozorio, enviando contra ella forças imponentes, porque as condições do terreno não lh'o permittiam. O caminho era estreito, dominado pelos fogos da esquadra, e uma vez em terra, os Brazileiros podiam resistir vantajosamente a forças superiores, porque tinham o flanco direito protegido pelos bosques espessos do Paraná, e o esquerdo por pantanos impenetraveis, não podendo os Paraguayos, qualquer que fosse o seu numero, apresentar maior frente que os invasores. Foi por isso que o *Semanario*, dando conta do desembarque, exprimiu-se nestes termos : — « ... Encontraron en la naturaleza del terreno el medio facil de hacer esta operacion con el auxilio de sus poderosos elementos... Barriendo los cañones de los buques... todo el terreno por donde pudiese hostilizarse el desembarque, imposible era... una oposicion real... »

Porém Lopez, segundo o general Resquin, tinha então uns 30,000 homens no Passo da Patria, além de 15.000 em Humaitá, e com os recursos de que dispunha, não se póde explicar o abandono em que deixou este ponto, que o *Semanario* declarou ser tão favoravel para um desembarque. Os Alliados deram ao dictador tempo de sobra para fortificar-se, porque as primeiras hostilidades dos Paraguayos contra a provincia brazileira de Matto-Grosso tiveram lugar em 26 de Dezembro de 1864,e contra a provincia argen-

e firmeza dos Paraguayos, só se explica esta retirada de 3 batalhões pela impressão moral que causou o desembarque de tão respeitavel força no flanco de suas posições. Foram-se elles retirando, sem tentarem ataque vigoroso, até o lugar indicado no mappa como acampamento do general Ozorio no dia 17, ao passo que os Brazileiros, com 2 divisões e 8 bocas de fogo, acampavam ao norte da ilha Carayá (1) em um matto espesso, ahi levantavam ás pressas trincheiras (2), e aguardavam os Argentinos e Orientaes, chegados á noite (3). Desde o ponto de desembarque até Itapirú a

---

tina de Corrientes em 13 de Abril de 1865. Havia quasi anno e meio que a guerra começára pelo aprisionamento do paquete *Marquez de Olinda*.

Apenas os transportes que conduziam a primeira expedição brazileira chegaram ao ponto escolhido, o general Ozorio, com temeridade sem duvida impropria de um general em chefe, que, como elle, havia exposto a vida desde a infancia em tantos combates, desembarcou de lança em punho, seguido de seus ajundantes de ordens e 12 homens de cavallaria apenas, para reconhecer em pessoa o terreno proximo. Emquanto se adiantava, acompanhava-o a larga distancia o 2º batalhão de voluntarios (Rio de Janeiro). Seu commandante, o major Deodoro da Fonseca, ao saltar em terra, fizera marchar na frente, a passo accelerado, por ordem do general, duas companhias, que difficilmente podiam seguir o avanço dos cavalleiros. Chegando ao primeiro banhado, que cruzava o caminho, e só dava passagem em um ponto com agua pelo peito dos cavallos, surgiram no desfiladeiro as avançadas dos commandantes Hermosa e Venegas, que corriam ao encontro das nossas tropas e começaram a atirar sobre o pequeno piquete do general. Este foi promptamente apoiado pelas duas companhias do 2º de voluntarios e travou-se logo um animado tiroteio, acudindo aos primeiros tiros o major Deodoro da Fonseca com o resto desse batalhão, duas companhias do 2º de infantaria de linha e uma do 11º de voluntarios, primeiras forças que haviam desembarcado.

O caminho nesse ponto era tortuoso. O major Deodoro da Fronseca carregou á bayoneta o inimigo e desalojou-o da posição que occupava. Hermosa e Venegas foram recuando, quasi sem resistir, até que encontraram as primeiras tropas de reforço sahidas das visinhanças de Itapirú, e que no trajecto muito haviam soffrido com os fogos da esquadra. Mesmo assim procuraram os chefes paraguayos fazer frente á nossa vanguarda, mas a pequena columna do major Fonseca já estava augmentada com o resto do 11º de voluntarios, com parte do 12º de infantaria de linha, algumas companhias de outros batalhões e 2 peças ás ordens do tenente-coronel Mallet. O general Argollo poz-se á frente dessa vanguarda, e dirigiu-a ao combate. O inimigo tinha então tres batalhões de infantaria, alguma cavallaria e 2 peças ligeiras, mas não resistiu ao impeto do nosso ataque. Parece que aos primeiros tiros, agglomerados como estavam esses 2.000 homens no estreito desfiladeiro, ficando por isso inactivos a maior parte delles, e expostos a serem cortados por alguma força que desembarcasse perto de Itapirú, comprehenderam os commandantes inimigos que não podiam fazer frente com vantagem aos Brazileiros, e puzeram-se em retirada. Foram perseguidos de perto pelos generaes Ozorio e Argollo, que só ás 2 horas da tarde, em consequencia da copiosa chuva que cahia, fizeram alto em um bom campo, cerca de tres quartos de legua do ponto de desembarque, na encosta da matta que vai terminar na Laguna Sirena. Quando cessou a perseguição, a cavallaria paraguaya « voltou subitamente á carga contra um piquete do 12º de linha, que estava em frente da artilharia ». O piquete descarregou suas armas e lançou-se á bayoneta, afugentando o inimigo para os bosques. Nesse campo reunio-se á nossa vanguarda de 2.000 homens, que tomara parte na refrega, o resto das duas divisões, e passou-se a noite debaixo de armas, em continuos alertas, porque o inimigo estava proximo. A's 8 da noite foi atacada a nossa primeira linha de vedetas, formada de praças do 1º batalhão de infantaria, mas o inimigo foi promptamente repellido, voltando ao paúl donde tinha sahido. O general Flôres, pouco antes, havia conferenciado com o general Ozorio.

Só tivemos nesse dia 3 soldados mortos, 1 tenente e 12 soldados feridos, e 4 soldados extraviados. Os Paraguayos deixaram no espaço percorrido por nossas tropas 43 mortos e 6 feridos. O commandante Hermosa, segundo o *Semanario*, recebeo um grave ferimento de bayoneta, ao qual não sabemos se sobreviveu.

(1) Já fizemos ver que o autor não conhece a posição da ilha Carayá, e confunde-a sempre com a ilha do Paraná-Miny. Os Brazileiros passaram a noite junto a um bosque que termina na Laguna Sirena, e a curta distancia de Itapirú. Vej. JOURDAN, *Atlas Hist. da Guerra do Paraguay*.

(2) Inexacto.

(3) Já vimos que apenas o general Flôres, uma pequena parte da segunda expe-

« lombada » era consistente e facil de atravessar. A' tarde surgiu repentinamente um regimento de cavallaria paraguaya, sahindo de um bosque contiguo á Laguna Sirena, e atacou a artilharia que marchava, mas foi repellido pelo batalhão de infantaria n. 12, o qual apoz a primeira descarga deu um ataque á bayoneta, pondo em fuga com esse movimento os cavalleiros inimigos (1). A's 8 horas da noite os postos avançados foram de novo aggredidos e 3 homens feridos, mas não perderam sua posição. A noite passou-se tranquillamente. O general Flôres apresentou-se no acampamento brazileiro e combinou com o general Ozorio a respeito das operações. O general Paunero foi ter no dia seguinte com Mitre, que ainda se achava na margem correntina, para informal-o de que as remessas de tropas não precisavam mais subir o rio Paraguay, e poderiam desembarcar entre ilha Carayá (2) e Itapirú. As perdas dos Alliados nesse dia consistiram em 2 mortos e 10 feridos (3). Em compensação foram encontrados no caminho percorrido 40 Paraguayos mortos, e aprisionados 5 feridos (4). Em uma participação mandada ao general Mitre declarou o general Flôres que « os Brazileiros haviam combatido como heróes (5). »

Só na noite de 16 a 17 de Abril parece ter Lopez reconhecido toda a importancia deste desembarque, e, não tendo sido atacado pela frente, nem observando preparativos tendentes a isso na margem correntina, resolveu repellir os Brazileiros nesse dia ás 8 1/2 da manhã.

Entre a ponta occidental da Laguna Sirena e uma pequena lagoa a leste foram se estendendo 4 batalhões de infantaria e 2 regimentos de cavallaria com 4 peças (6). Lopez dirigiu-se a cavallo para uma eminencia ao norte de Itapirú, onde foram apresentados e interrogados, a respeito do numero das forças desembarcadas, dous Brazileiros aprisionados durante a noite. De proposito, ou talvez mesmo sem malicia, prestaram elles informações

---

dição, desembarcou na noite de 16. O general argentino Paunero só desembarcou na manhã de 17.

(1) E' confusão do autor. Como já vimos, logo depois do desembarque, o pequeno piquete do general Ozorio foi aggredido, junto ao primeiro banhado, ás 10 horas da manhã, pelas forças avançadas dos commandantes Hermosa e Venegas, promptamente repellidas pelo 2º batalhão de voluntarios, duas companhias do 2º de infantaria de linha e uma do 11º de voluntarios. Pouco depois das 11 horas, forças mais consideraveis do inimigo (3 batalhões de infantaria, alguma cavallaria e 2 peças) tentaram fazer frente aos nossos. Foram atacadas pelos generaes Ozorio e Argollo á frente do 2º e 11º de voluntarios, parte do 12º de linha, duas companhias do 2º tambem de linha, algumas companhias dos outros batalhões e 2 bocas de fogo. O inimigo nenhuma resistencia offereceu, e poz-se em retirada. A's 2 horas fez alto o general Ozorio. Pouco depois a cavallaria inimiga procurou atacar um piquete do 12º de linha e ás 8 da noite houve o tiroteio, de que falla o autor, com as vedetas do 1º de linha.

(2) Leia-se — *poderiam desembarcar entre Itapirú e a Confluencia.*

(3) Já dissemos que os Brazileiros tiveram 20 homens fóra de combate.

(4) 43 mortos e 6 feridos.

(5) Referia-se ao combate de 17 e não ás refregas do dia 16.

(6) No ataque da manhã de 17 empenhou Lopez uma columna de tropas escolhidas, ao mando do tenente-coronel Basilio Benitez, morto poucos dias depois na batalha do Estero Bellaco (2 de Maio.) Compunha-se ella dos batalhões de infantaria 7º, 8º, 12º e 18º, dos regimentos de cavallaria 20º e 29º e de tres peças de artilharia, formando um total de mais de 3.000 homens, que foram ainda reforçados por contingentes de outros corpos. O 7º de infantaria era commandado pelo major Luiz Gonzalez, o mesmo que fôra ferido no assalto de Nova Coimbra ; o 12º pelo capitão Viveros (morreu no posto de tenente-coronel) em quem Lopez muito confiava pelo papel distincto que representara em Corrales no dia de 31 de Janeiro; do 18º era commandante o capitão Venegas e do 29º regimento o capitão Fortunato Montiel. Dirigia a artilharia o major Alvarenga. Os regimentos 20 e 29 de cavallaria combateram a pé, como infantaria, excepto dois esquadrões.

inexactas, segundo parece (1), porque antes de resolver o ataque mandou Lopez retirar as peças do forte de Itapirú para o acampamento. Duas dellas muito pesadas, tinham de ser encravadas, mas não houve tempo para isso (2), e os Brazileiros as encontraram intactas, ao occuparem o forte. Esta retirada da artilharia desmente as participações dos Paraguayos, que diziam posteriormente não haver no forte senão uma peça (3).

O combate do dia 17 foi tão renhido, quanto cruento. O general Ozorio mandou 2 batalhões avançarem ao longo do Paraná de modo que os Paraguayos se viram ameaçados pelo flanco esquerdo, e quando, retirando-se para traz da extremidade occidental da Laguna Sirena, tomaram uma posição firme para o lado do sul, deu ordem o general Ozorio que fosse investido o flanco direito pelas tropas que pelo norte contornavam a maior das lagoas circumdantes da posição. Então travou-se uma animada peleja, fuga que durou horas e terminou pela fuga dos Paraguayos. Os tropehos dos Brazileiros consistiram em 1 bandeira e 2 canhões (4).

---

(1) Os annotadores da edição hespanhola de Thompson assim se exprimem : « ... Citaremos um facto que o Sr. Thompson refere, e que serve para provar que Lopez até o ultimo momento julgou que o ataque lhe seria levado por Itapirú. Debaixo deste forte os Alliados encontraram duas peças inglezas de 68 que, si o inimigo tivesse antes a intenção de abandonal-o, teria levado, mesmo porque eram trophéos do Brazil ; mas estas duas peças, como muita artilharia, ligeira estavam collocadas alli para disputar a passagem do rio, como o indicavam os vallos e parapeitos formados na encosta do bosque. »

As duas peças em questão não eram *trophéos do Brazil*. A unica artilharia que Lopez nos tomara até então fôra a que se achava na fronteira de Matto-Grosso, pela maior parte pequenas peças de fundição portugueza. Não havia nessa provincia uma só de 68. Si algumas das 8 bocas de fogo do *Jequitinhonha* puderam ser aproveitados pelo inimigo, segundo se lê no *Semanario*, cumpre notar que 6 canhões dessa corveta eram de calibre 32 e apenas 2 de cal. 68 (Vej. nota pag. 171). Lopez tinha muita artilharia de 68, e era com peças desse calibre ou de 80 que estavam armadas todas as suas chatas.

(2) O proprio Thompson diz : « Nesse mesmo dia 18 retirou-se de Itapirú toda a artilharia, excepto 2 canhões de 8 pollegadas, que foram enterrados, por serem muito pesados. »

A evacuação de Itapirú e da margem do rio fez-se na manhã de 17, emquanto a columna do tenente coronel Benitez sustentava o combate com o general Ozorio. O bombardeamento das posições inimigas pela esquadra não se interrompeu.

(3) Thompson diz a este respeito : — « ... Na manhã de 17, Lopez com a sua escolta marchou cerca de duas mil varas em direcção a Itapirú ; 2 prisioneiros foram levados á sua presença com os braços amarrados, e elle ordenou que lhes tirassem as cordas. Foram interrogados ; porém nada puderam dizer sobre o numero das forças alliadas. »

Os prisioneiros em questão eram 4, segundo o *Semanario*, e passaram por Lopez, emquanto se feria o combate de 17, e não antes. Esse periodico exalta a generosidade do dictador por ter ordenado que lhes fossem tiradas as cordas. Interrogados então, responderam o que sabiam e lhes foi perguntado por Lopez. « En los ataques sufridos por el enemigo, » diz o *Semanario*, depois de fallar na evacução de Itapirú, « fueron tomados 4 prisioneros : por elles se sabe que las tropas desembarcadas son todas brasileras, que eran en numero de 10.000 hombres, y que habian sufrido considerable perdida. »

(4) A columna paraguaya do tenente-coronel Benitez compunha-se de uns 4.000 homens e 3 bocas de fogo. (Vej. a nota á pagina anterior.) Na noite de 16 para 17 bivacaram as nossas tropas, sem mochilas nem barracas, em um campo alagado na maior parte, em consequencia da chuva, e cercado de mattas e banhados. A divisão Argollo ficou na vanguarda, e o general Ozorio a fez reforçar com os batalhões 8º de linha e 10º de voluntarios, da divisão Sampaio, além do 12º de linha, que já com ella havia embarcado. A brigada do coronel Jacintho Machado (7ª de infantaria) era a mais proxima do inimigo, e o 1º batalhão de linha (cidade do Rio de Janeiro) fez durante a noite o serviço dos postos avançados. A's 8 1/2 da manhã começou o ataque dos Paraguayos. O terreno não permittia que o general Ozorio empenhasse na acção toda a força de que dispunha, e por isso só se bateram os batalhões 1º e 13º de linha, 6º e 14º de voluntarios (7ª brigada, Jacintho Machado), 2º de linha e 26º de voluntarios (10ª brigada, Resin,) pertencentes á divisão Argollo, e 4º e 12º de linha (5ª brigada, Oliveira Bello), 8º de linha e 10º de voluntarios (8ª brigada, D. José da Silveira), pertencentes á divisão

Só fôram aprisionados os feridos, mas 400 mortos cobriram o campo do combate. Ficaram quasi totalmente anniquilados o 7° batalhão de infantaria e o 20° regimento de cavallaria dos Paraguayos. A parte

---

Sampaio, e os poucos atiradores a cavallo da brigada ligeira. A maior parte desses corpos só entrou em fogo depois de roto o inimigo e durante a perseguição.

Apenas começado o combate, o general Ozorio ordenou que o coronel Jacintho Machado, com o 1° e o 13° de linha, seguisse pela margem do Paraná e atacasse o flanco esquerdo dos Paraguayos. Quando Benitez se viu flanqueado, por terem esses batalhões rompido o fogo do interior da matta que borda o Paraná, voltou a sua linha, apresentando a frente a Jacintho Machado e o flanco direito, onde tinha duas bocas de fogo, ao general Ozorio. O coronel D. José da Silveira com o 10° de voluntarios, apoiado pelo 8° de linha, lançou-se á bayoneta contra esse flanco do inimigo, e travou-se então uma renhida peleja, sendo desde logo postos em derrota os contrarios, e tomadas as 2 peças e 1 bandeira. Os outros batalhões cahiram tambem sobre os Paraguayos, que se foram dispersando na fuga e procurando refugio nas mattas e atoleiros da nossa esquerda. Segundo Thompson, o 7° batalhão paraguayo e o 20° regimento ficaram quasi inteiramente destruidos. Esse regimento e o 29° combateram a pé, excepto dois esquadrões do 29° ás ordens de Fortunato Montiel, que só se apearam quando investidos á bayoneta pelos batalhões 1° e 8° de linha. O *Semanario* diz que Montiel foi ferido, batendo-se braço a braço com um *chefe* brazileiro a quem matou, e quando ia tomar-lhe a espada, cahiu morto, crivado de balas.

Não tivemos entretanto *um só chefe* morto ou ferido, e apenas 2 capitães mortos (Julio Cesar Pereira de Carvalho, do 1° de infantaria, e Luciano Liborio dos Passos, do 8°) e 15 officiaes feridos (1 capitão, 3 tenentes e 8 alferes) 60 praças de pret mortas e 260 feridas. Ao todo 62 mortos, entre os quaes 2 officiaes, e 275 feridos, entre elles 15 officiaes, ou 337 homens fóra de combate.

A nossa perda nos dois dias foi, portanto, de 65 mortos (2 officiaes), 288 feridos (16 officiaes) e 4 extraviados (357 fóra de combate).

Não se deve confundir o commandante inimigo morto (Fortunato Montiel) com o major, depois coronel, Blaz Montiel, que figurou em muitos outros combates, e, particularmente, nos que se deram ao sul da provincia de Matto-Grosso, nas visinhanças do Apa, em 1867.

O general Flôres, que estava perto, apresentou-se ao ouvir os tiros, com alguns ajudantes de ordens, e assistiu ao final do combate. A perda dos Paraguayos foi de 400 mortos e uns 100 feridos que ficaram em nosso poder, muitas espingardas e espadas, 2 bocas de fogo e 1 bandeira, que o general Ozorio offereceu ao almirante Tamandaré, em vez de mandal-a ao governo imperial.

Em todos os paizes do mundo os trophéos tomados ao inimigo pertencem á nação, e são remettidos ao governo, pelos generaes em chefe, com certo apparato até, commissionando elles para esse fim um ou mais dos seus ajudantes de ordens. Só entre nós é que se entende que o trophéos são propriedade dos generaes, podendo estes, por isso, guardal-os, pol-os fóra, ou fazer presente a quem bem lhes pareça.

Flôres escreveu ao general Mitre, depois deste combate : — « El Sr. mariscal Osorio se ha distinguido con las fuerzas brasileras combatiendo como heroes. Hoy han tomado 2 cañones y una bandera. »

O coronel Palleja (oriental) em seu interessante *diario* diz o seguinte : — « Dia 17. — ... Nuestro general en gefe vino a vernos (no logar do desembarque.) Nos ha dado la feliz noticia que el Mariscal Osorio con sus bravos soldados ha tomado 1 bandera y 2 piezas de cañon al enemigo. Llegan nuestros heridos al paso. Creo llegaran a 100 los que he visto pasar en direccion á un pequeño rancho, antigua guardia paraguaya, donde se ha instalado el hospital de sangre brasilero. A' las 11 del dia cesó la fusilada ; pero el cañon truena fuerte en Itapirú... El Mariscal Osorio ha estado en primera linea, batiendose como un cadete, mostrando á sus soldados el camino de la gloria... A las 3 de la tarde nos movimos... Hemos recorrido el campo del combate : está sembrado de cadavres enemigos : son mas de 300... El campo es pesimo; puros desfiladeros : con 100 hombres y 4 piezas de artilleria, podian habernos estorbado el pasage. El unico camino és un albardon de médano, rodeado de monte inpenetrable, que no dá pasage mas que por hileras de cuatro. Es un enemigo estupido el que tenemos al frente ; toda su atencion se dirigió al frente, donde habia hecho una zanja á lo largo de la costa, dejando su flanco al descubierto : és verdad que ni Lopez, ni nadie, podrá imaginarse jamás en presencia del terreno, que un ejercito numeroso ha desembarcado y penetrado por él. La guerra del Paraguay es cuestion de cañon y cazadores... Mañana piensa atacarse al enemigo a dos columnas, una por el camino que vá á Itapirú, y otra por la izquierda por un camino falso, que vá entre el bañado y el monte :

official dos Brazileiros accusa poucos mortos, entre os quaes alguns officiaes, e 180 feridos (1). Durante o proprio combate e em consequencia delle avançaram os Alliados até o banhado situado entre a Laguna Sirena e a Carayá (2), a ponto de chegarem á distancia de um tiro de canhão dos entrincheiramentos que cercavam o acampamento (3). Chegando as avan-

---

los 2 cuerpos orientales iran ála cabeza por este ultimo camino. *Hasta ahora el bravo Osorio ha hecho él solo el gasto, con sus Brasileros, que se han cubierto de gloria, tanto ayer como hoy ;* justicia al merito ! A cada cual lo que corresponde... »

(1) A parte official dirigida ao ministro da guerra dá numero muito maior. Vej. a nota precedente e o Appendice.

(2) Não ha lagoa alguma com esse nome. Ha apenas *ilha* Carayá, e, segundo Thompson, *arroyo* Carayá.

(3) Inexacto. O general Ozorio pouco se adiantou no dia 17, perseguindo os fugitivos. Deixou de marchar logo contra Itapirú por aguardar a juncção de Flôres e Paunero e a chegada do material de guerra que ainda não havia desembarcado. A's 7 horas da noite de 16 tinham ancorado no ponto de desembarque os transportes que conduziam essas tropas, mas somente um batalhão argentino ás ordens do coronel Arredondo desembarcou então. Na manhã de 17 começaram a saltar em terra as forças argentinas e orientaes e a 12ª brigada brazileira, que servia ás ordens de Flôres. A's 3 da tarde, depois de repellido o inimigo pelos Brazileiros, essas forças marcharam e foram fazer juncção com o general Ozorio. O general Paunero levava de 3 a 4.000 Argentinos (1º corpo do exercito argentino), o general Flôres 900 Orientaes (batalhões « Florida » e 24 de Abril ») e o coronel Pecegueiro a 12ª brigada do exercito brazileiro, composta dos batalhões 5º e 7º de linha e 3º e 16º de voluntarios, com 2.000 homens.

Na manhã desse dia a esquadra continuara a bombardear Itapirú e as suas visinhanças, onde se achava o grosso das forças inimigas, mas emquanto, o general Ozorio se batia com a columna de Benitez, os Paraguayos abandonavam Itapirú. Mais tarde, quando chegaram os dispersos do combate, Lopez ordenou que o exercito se retirasse todo para o campo entrincheirado do Passo da Patria, conduzindo para ahi a artilharia que tinha na margem. Ficaram abandonadas 2 peças de 68 que não puderam ser levadas. O coronel Diaz conservou-se perto de Itapirú para defender a retirada do exercito, com os batalhões 20º, 37º, 39º e 40º, regimento 21º e os restos do batalhão 7º e do regimento 20º.

As canhoneiras *Henrique Martins* (commandante Jeronymo Gonçalves) e *Greenhalg* (commandante Marques Guimarães) penetraram no canal entre a ilha de Sta Anna e o campo inimigo, e começaram a sondal-o, debaixo de vivo fogo de fusilaria. A *Henrique Martins* teve 1 marinheiro morto e 4 feridos, e a *Greenhalg* 4 feridos. A 2ª divisão da esquadra tomou posição á tarde no canal que se acabava de sondar e rompeu o fogo contra o acampamento do Passo da Patria. Continuou nesse dia, abaixo de Itapirú, no Paraná, o desembarque da infantaria brazileira e argentina.

Na manhã de 18 proseguiu o bombardeamento das trincheiras do Passo da Patria pela esquadra, e ás 7 da manhã avançaram os generaes Ozorio, Flôres e Paunero. Iam na vanguarda os generaes Flôres, com 2 batalhões orientaes (« Florida » e « 24 de Abril ») e os 4 batalhões brazileiros da brigada Pecegueiro, e o general Sampaio com a 3ª divisão do exercito brazileiro. O batalhão Florida (oriental), commandante o coronel Palleja, ia na frente da columna do general Flôres, e o 6º de linha (brazileiro), commandante o tenente-coronel Paranhos, fazia a vanguarda da divisão do general Sampaio. Os Alliados avançaram além de Itapirú, ficando as suas avançadas na ponte mais proxima do acampamento inimigo.

O resto do exercito alliado continuou desembarcando junto ás ruinas de Itapirú, onde desde a manhã fluctuavam as tres bandeiras da alliança. O general Mitre e o almirante Tamandaré chegaram a Itapirú ás 11 da manhã.

Fez-se um reconhecimento ás posições inimigas, dirigido pelos tres generaes em chefe, á frente da divisão Sampaio, dos 2 batalhões orientaes e de uma bateria de campanha do exercito imperial.

As bombas que atirava a esquadra produziam visiveis estragos no acampamento do Passo da Patria. A commissão de engenheiros, dirigida pelo tenente-coronel Carvalho, occupou-se em assentar pontes e estivas para a passagem do exercito.

Na manhã de 19 Lopez abandonou, seguido apenas de alguns ajudantes, o seu campo entrincheirado, e dirigiu-se para o Estero Bellaco. O general Resquin poz-se em retirada uma hora depois, na mesma direcção, com o grosso do exercito inimigo. Nas trincheiras ficaram apenas o general Bruguez e o coronel Marcó com a artilharia e infantaria indispensaveis para fazer frente aos Alliados.

No dia 20 a divisão Sampaio retirou-se da linha avançada, ficando somente nessa

çadas ao forte de Itapirú pelo lado norte, e não dando elle signal de vida, foi immediatamente occupado e a bandeira imperial içada em um mastro (1). Mandou-se participar para o outro lado do Paraná a noticia da victoria alcançada, e o general em chefe appareceu com seu estado-maior no solo paraguayo afim de saudar o general Ozorio, mandando tropas argentinas para dentro do forte (2). Ao mesmo tempo começou o grosso do exercito a transpôr directamente o Paraná, consumindo 14 dias com a passagem dos objectos do acampamento e varios ramos de serviço. A' tarde os tres generaes em chefe, Mitre, Ozorio e Flôres, fizeram um reconhecimento em volta das lagoas e banhados situados ao sul do acampamento paraguayo, mas receberam descargas das avançadas inimigas occultas nos « carrizales », e voltaram ao anoitecer para o forte de Itapirú, onde se estabeleceu o quartel general dos Alliados. O chefe do estado-maior do exercito argentino, general Gelly y Obes, fez todos os esforços para accelerar o transporte dos viveres pelo Paraná, mas emquanto se não regularisou este serviço, sentiu-se falta durante alguns dias.

A respeito do abandono do acampamento pelos Paraguayos, diz Thompson :

« Na tarde de 19 de Abril (3) a esquadra brazileira formou-se em ordem de batalha na frente do Paso de la Patria, parte no canal interior e parte no exterior, prompta para bombardear o campo intrincheirado. Se tivesse rompido o fogo essa noite (4) teria causado sérios damnos aos Paraguayos. Todo o acampamento sabia o que o esperava; porém Lopez nem deu ordens nem tomou disposição alguma, com o fim de conservar suas tropas ás cegas até o ultimo momento. Ao romper do dia 20 (5), sem permittir que ninguem o acompanhasse, com receio de que o inimigo o descobrisse e

---

posição a vanguarda de Flôres, já toda reunida, da qual faziam parte os 4 batalhões brazileiros da 12ª brigada (Pecegueiro).

Nos tiroteios de 18, 19 e 20 de Abril entre os nossos postos avançados e os do inimigo tiveram os Brazileiros 14 soldados mortos e 42 feridos, os Orientaes 1 ferido. Os Argentinos não estavam na vanguarda, o por isso não tiveram perda alguma.

O coronel oriental Palleja diz em seu *Diario* o seguinte sobre as trincheiras inimigas do Passo da Patria : — « Considero mais forte o campo entrincheirado de Lopez do que Humaitá (apezar de não conhecer este ultimo ponto), pelo logar especial que occupa. E' uma especie de peninsula, rodeada de lagoas, riachos, carrizaes, pantanos etc. Sô se póde chegar a elle por um caminho estreito e tortuoso, varrido por uma série de baterias. »

A commissão de engenheiros começou no dia 22 a levantar trincheiras para proteger com a artilharia os trabalhos das ultimas pontes que iam ser construidas. Na madrugada de 23 de Abril estavam já assestadas 7 peças raiadas quando se notou que ardia o campo inimigo. Subiram alguns soldados ás arvores proximas e observaram que com effeito as tropas paraguayas tinham evacuado a posição. Os descobridores enviados da vanguarda não puderam chegar ás trincheiras porque as lagoas Sirena e Panambí, com a enchente do Paraná e Paraguay, se haviam unido, formando um arroyo de 150 metros, que estava a nado mesmo para os cavallos. Vencido este obstaculo, algumas companhias dos corpos da vanguarda penetraram no acampamento inimigo e afugentaram os soldados de cavallaria que com archotes lançavam fogo nos ranchos e casas da povoação.

(1) « A bandeira que primeiro fluctuou em Itapirú foi a do 6º batalhão de infantaria (que fazia a vanguarda), commandado pelo tenente-coronel Antonio da Silva Paranhos. Hasteou-a o tenente-coronel de engenheiros J. C. de Carvalho. » Vej. JOURDAN, *Guerra do Paraguay*, cap. IV.

(2) Mitre desembarcou junto a Itapirú no dia 18. O forte era pequeno e estava totalmente arruinado. As forças alliadas que iam desembarcando acampavam á margem do rio, perto dessas ruinas.

(3) Na tarde de 17. Vej. a nota á pagina anterior.

(4) Na tarde de 17 rompeu fogo. O almirante o fez suspender á noite. Continuou-se a bombardear nos dias 18, 19, 20, 21 e 22.

(5) Do dia 19.

atirasse sobre elle, retirou-se Lopez a cavallo, seguido a grande distancia por seus ajudantes de campo, os quaes não se lhe reuniram senão quando elle ficou inteiramente fóra das vistas da esquadra. Partio sem dar ordem alguma sobre o que se devia fazer, sem declarar quem devia ficar e quem devia partir, abandonando até Mme. Lynch e seus filhos para que se salvassem como pudessem. A ninguem disse para onde se dirigia, de sorte que seus ajudantes e Mme. Lynch gastaram a metade do dia procurando-o.

« No acampamento do Paso de la Patria estavam para cima de 1,000 mulheres, que seguiam o exercito e que se puzeram em retirada formando uma longa fileira. O general Resquin que alli ficara, deu ás tropas ordem de retirada (1), deixando sómente a guarnição sufficiente para cobrir as trincheiras e servir a artilharia que as defendia. O general Bruguez commandava em chefe a guarnição, sendo segundo commandante o tenente-coronel Marcó, chefe da infantaria.

« Ao nascer o sol e quando quasi todo o exercito tinha marchado, a esquadra rompeu o fogo e bombardeou o ponto todo o dia (2).

---

(1) Dia 19.

(2) O grosso do exercito inimigo poz-se em retirada, seguindo Lopez, na manhã de 19. Na tarde de 17 e durante todo o dia 18 a 2ª divisão da esquadra, postada no canal entre a ilha de Sant'Anna e a margem direita, bombardeou o acampamento. O fogo não começou, como diz Thompson, no dia 19. A má vontade d'esse escriptor contra os Brazileiros manifesta-se em todas as paginas do seu livro; mas não obstante o que elle diz sobre a inacção da esquadra imperial e o nenhum effeito dos seus tiros, os boletins do exercito paraguayo, publicados no *Semanario*, ahi estão para mostrar o papel importante que na passagem do Paraná representaram os nossos marinheiros.

Si Lopez não se oppoz energicamente ao desembarque de general Ozorio deve-se isso aos canhões da esquadra. O *Semanario* o confessou em um trecho que já reproduzimos : «... *barriendo los cañones de los buques todo el terreno por donde pudiese hostilizarse el desembarque, imposible era una oposicion real...* »

Referindo-se ao bombardeamento do dia 17 diz ainda a mesma folha : — « ... *Horrible era entonces el tiroteo de las baterias flotantes, que dirigido sobre um desfiladero estrecho, donde se postaba nuestra infantaria, hizo algun daño a nuestra gente con metralla.* » Esse fogo obrigou o inimigo a desamparar no mesmo dia 17 as baterias da margem, junto a Itapirú, e a concentrar-se atraz das trincheiras do Passo da Patria. Lopez explicou essa retirada, dizendo o seguinte n'aquelle periodico : — «... Itapirú no era un punto esencial para nuestras operaciones, *siendo en todo caso conveniente para nosotros alejarlos* (os alliados) *de sus vapores que nos hacen una hostilidad impugne.* »

Que não foi na tarde de 19, como pretende Thompson, mas na de 17, que a esquadra imperial penetrou no canal interior do Passo da Patria e começou o bombardeamento, estando ainda ahi todo o exercito inimigo, prova-se com a parte official do almirante Tamandaré (officio de 26 de Abril), com todas as correspondencias do theatro da guerra e com o proprio *Semanario*. As canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalg*, como já vimos, sondaram esse canal debaixo da viva fuzilaria de 5 batalhões inimigos, dirigidos pelo coronel Diaz, e á tarde a 2ª divisão da esquadra ahi fundeou. *O bombardeamento começou vigoroso no dia 18, e foi em consequencia d'elle que Lopez se retirou na manhã de 19* com o grosso do seu exercito para o Estero Bellaco, deixando pouca gente nas trincheiras com o general Bruguez. Eis o que a este respeito diz o *Semanario :* — «... En la tarde del 17 tres vapores enemigos estaban de observacion al Paso en el canal interior. Entraron mas tres monitores, que *comenzaron el dia 18 el bombardeo sobre nuestro campamento. A vista de esta hostilidad, que no podia ser contestada, se levantó el campo, despues de haber guarnecido la trinchera con artilleria e infanteria.*

O coronel Palleja, que não era brazileiro, disse tambem em seu *Diario*, tratando das occurrencias do dia 18 : — « La fortaleza (Itapirú) estaba abandonada... El canal está espédito *y por el penetraron los encorazados y otras cañoneras brasileras...* » E mais adiante no dia 17, diz : — « *segundados por los fuegos de la escuadra que desde por la mañana ha estado dirigiendolos al campamento, incendiandolo por varias occasiones...* »

Foi tambem pelo estrago que a artilharia da esquadra produzio nas fileiras de seu exercito, que Lopez disse no boletim que refere o incendio do acampamento do Passo da Patria : — « *Separada de sus buques, la alianza está perdida.* »

O general Ozorio deu um publico testemunho de reconhecimento aos serviços da

« A guarnição occultava-se atraz dos parapeitos e não podia ser offendida, de sorte que só teve meia duzia de mortos e feridos. E' verdadeiramente singular que as balas Withworth, que cahiam como uma saraiva sobre a columna que abandonava o acampamento, não lhe causassem o menor damno. Uma bala de 68 cahio na estação do telegrapho, quando um moço, que ahi estava, recebia um despacho, arrebentou ao pé d'elle, salpicou-o de tinta e cobrio de areia o apparelho, mas não offendeu esse empregado. A estação foi então removida para o lado norte do Estero Bellaco.

« Não se tendo antes tomado providencia alguma para a evacuação do Paso de la Patria, todos os depositos do governo foram abandonados e saqueados pelos soldados, com o consentimento tacito dos officiaes. Foram esvasiados os depositos de vinho, aguardente e comestiveis e até saqueada a caixa militar, que só continha papel moeda. Mais tarde mandou Lopez alguns adujantes de campo para salvarem o que lhe pertencia. Já encontraram abertos os seus barris de vinho. Um velho, administrator da casa onde morava Lopez, recusou obstinadamente abandonal-a, dizendo que estava muito avançado em annos para habituar-se a outro logar, e que preferia morrer alli. Foi necessario que o levassem á força.

« Lopez tinha-se retirado para uma pequena collina distante tres leguas do Paso de la Patria, para contemplar o bombardeamento. Ao meio dia um seu ajudante, Mme. Lynch, o bispo Palacios e o estado maior descobriram-n'o, mas elle receiou ser reconhecido, e só consentiu que se approximassem essa senhora e o bispo, occultando-se os restantes por detraz da eminencia. Não obstante, duas balas cahiram a uma milha de distancia do ponto em que se achava, e, julgando que lhe eram dirigidas, desceu immediatamente e foi passar a noite em um armazem, onde ficou fóra do alcance das balas inimigas, e começou ahi a querer campar de valente. Sua coragem era de um caracter singular. Quando estava fóra do alcance dos tiros, ainda que cercado pelo inimigo, manifestava sempre bom humor, mas não podia supportar o sibillo das balas (1).

« Depois que anoiceteu tivemos ceia, ou para melhor dizer, almoçámos, porque desde a vespera nada tinhamos comido, ainda que Lopez não se tinha esquecido da sua pessoa.

« Durante a noite occupou-se em estudar os planos do terreno para escolher a posição em que devia esperar o ataque do inimigo

---

esquadra, com as seguintes palavras da ordem do dia n. 152 : Passo da Patria, 25 de Abril : — «... S. Ex. o Sr. general em chefe entende que faltaria a um dever sagrado se n'esta occasião e perante o exercito de seu commando deixasse de manifestar-se grato aos nossos bravos irmãos da marinha e ao seu digno chefe, pelo muito que concorreram para o feliz exito da nossa expedição, já coadjuvando o transporte das tropas para este lado, já metralhando o inimigo e desconcertando-o em sua retirada, já finalmente bombardeando o seu acampmento entrincheirado no Passo da Patria, *sendo só á ella* devido o desalojamento precipitado do grosso de suas forças, que, guardadas atraz de trincheiras, julgavam poder impedir-nos o passo para o Humaitá. »

(1) Nos *Quadros Historicos da Guerra do Paraguay* escreveu o Dr. Pinheiro Guimarães as seguintes linhas em que manifesta identico juizo :

« Era Lopez um general excepcionalissimo. Fugindo pessoalmente do perigo, cauteloso da propria individualidade até o ridiculo, só lhe apraziam, entretanto, as operações arriscadas. Não o intimidava o plano mais audaz, comtanto que outros que não elle o executassem. Cheio de estulta vaidade, desprezava os mais positivos principios da arte militar. Se uma operação tinha dez probabilidades a favor e noventa contra por isso mesmo a preferia; e dotado de um profundo desprezo da vida dos homens que derramavam seu sangue para satisfazer-lhe a ambição, empenhava-os em tentativas arriscadissimas, mandando-os á morte com implacavel serenidade... ».

« As tropas que haviam deixado o Paso de la Patria bivacaram ao norte do Paso Sidra (1). »

No dia 22, em consequencia do reconhecimento, expediu-se ordem para Bellaco emquanto proseguia por parte da esquadra brazileira o bombardeamento do campo do Paso de la Patria. A noite passou-a elle na estancia Nouré (2).

No dia 22, em consequencia do reconhecimento, expediu-se ordem para que recuasse o exercito até o Estero Rojas, levantando trincheiras pelo lado septentrional do Estero Bellaco, e para, que fosse entregue ás chammas o acampamento do Paso de la Patria.

Estas ordens começaram logo a ter execução, de modo que no mesmo dia occuparam os Alliados sem dar um tiro as trincheiras abandonadas (3).

Reconhecendo Mitre que nenhum effeito produzia o fogo dos navios (4), tratou-se desde o dia 19 de levantar baterias para 40 peças, ao norte (5) da Laguna Sirena, com o fim de bombardear o acampamento e dar o assalto em seguida. Isto porém não foi necessario, porque na tarde de 23 achavam-se os Alliados de posse de toda a linha desde o lugar onde desembarcara o general Ozorio até ás lagunas Pasopé e Panambi, e ficando o flanco direito coberto pela laguna Yuqueri.

Lopez mandára metter a pique o vapor *Gualeguay* (6), mas o almirante Tamandaré o descobriu e poz a nado, entregando-o ao governo argentino, que, como vimos, o havia perdido um anno antes por occasião de ser occupada a cidade de Corrientes.

Bem que os ranchos e casebres tivessem sido devorados em grande parte pelas chammas, os Alliados aproveitaram os que haviam escapado, melhoraram-n'os e, para facilitarem o transporte de viveres e munições de Corrientes, concertaram a estrada até á margem.

Ao perseguirem a guarnição que se retirava, acharam os Alliados proclamações impressas do marechal-presidente, recommendando aos seus soldados que poupassem a vida dos prisioneiros e transfugas.

Foram sem duvida espalhadas pelos fugitivos para attrahirem á deserção os soldados da Alliança (7).

---

(1) No Estero Bellaco.

(2) Em uma das plantas que acompanhavam a obra de Thompson vem designada a posição dessa estancia.

(3) As forças que occupavam com o general Bruguez as trincheiras do Passo da Patria puzeram-se em retirada na noite de 22 para 23.

Pela madrugada piquetes de cavallaria inimiga começaram a lançar fogo no campo.

Na manhã do mesmo dia parte das forças alliadas occuparam as posições deixadas pelas tropas do dictador.

O *Diario* de Palleja dá pormenores.

(4) Já vimos que só aos canhões da esquadra brazileira se deveu a evacuação do acampamento fortificado do Paso de la Patria.

O Sr. Schneider confiou demais nas informações de Thompson.

(5) Ha engano. Não podiam ficar ao norte da Laguna Sirena.

(6) Em Totati.

(7) Eis as perdas soffridas pelos Brazileiros com a passagem do Paraná e invasão do territorio inimigo (21 de Março a 30 de Abril de 1866) :

COMBATES	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	
Bombardeamento de ITAPIRU', reconhecimentos, sondagens do rio e destruição de chatas (combates de 23 a 29 de Março) (marinha)	5	15	6	23	»	»	49
Combate da ILHA DE ITAPIRU' (10 de Abril) e bombardeamento feito sobre esse ponto desde 6 até 17 de Abril (exercito)	3	54	8	104	»	3	172
Combates de CONFLUENCIA (16 e 17 de Abril) (exercito)	2	63	16	272	»	4	357
Reconhecimento do canal do PASSO DA PATRIA (17 de Abril) (marinha)	»	1	»	8	»	»	9
Tiroteios de 18, 19 e 20 de Abril (exercito)	»	14	»	42	»	»	56
Tiroteio de 22 de Abril (exercito)	»	»	»	1	»	»	1
Tiroteio de 25 de Abril (exercito)	»	»	»	1	»	»	1
Reconhecimento de 26 de Abril (exercito)	»	»	1	1	»	»	2
Reconhecimentos de 29 e 30 de Abril	»	»	»	»	»	»	0
	10	147	31	452	»	7	647

Em todos esses combates e tiroteios as tropas orientaes só tiveram 1 cabo e 1 soldado feridos, nos dias 20 e 26 de Abril. Os Argentinos nenhuma perda tiveram.

Os trophéos tomados ao inimigo consistiram em 2 canhões de pequeno calibre (combate de 17), 2 de 68 (abandonados em Itapirú) e 1 bandeira (dia 17). Perderam mais os Paraguayos os canhões de 68 de tres chatas destruidas e o vapor *Gualeguay*.

Os Brazileiros tiveram uma chata e uma lancha a vapor *(Coronel Fidelis)* mettidas a pique por balas de Itapirú.

Nota supplementar ao Cap. IX

O coronel Palleja escreveu em 24 de Outubro de 1865 no seu *Diario* as seguintes linhas :

«... Tendrá lugar una parada y revista general del ejército argentino, que lo és *muy superior en numero*, no diremos en calidad, porque seria descortesia, *al brazilero.* Se organizará de nuevo aquel éjército, para emprender las operaciones metodicamente. *Hasta ahora no se ha visto reunido el ejercito aliado...* »

E no fim do 1° volume do mesmo *Diario* publica tres mappas dos exercitos alliados, dando-lhes *em 15 de Novembro de 1865* a seguinte força :

	BRAZILEIROS	ARGENTINOS	ORIENTAES	TOTAL
Exercito da vanguarda (mixto) (general Flôres).	1.293	1.071	3.219	5.583
Exercito argentino (general Mitre) :				
1° corpo (general Paunero)................	»	4.931	»	4.931
2° — (— Gelly y Obes)............	»	5.365	»	5.365
3° — (— Emilio Mitre)............	»	2.146	»	2.146
Exercito de Entre-Rios (general Urquiza).....	»	5.528	»	5.528
Exercito de Corrientes: Divisão do general Caceres......	»	2.121	»	2.121
— — Hornos.......	»	1.061	»	1.061
— coronel Paiva........	»	546	»	546
1° corpo do exercita brazileiro (general Ozorio).	17.909	»	»	17.909
TOTAL.................	19.202	22.769	3.219	45.190

Não fez o coronel Palleja senão guiar-se por informações que lhe foram dadas por algum official argentino, e provavelmente disse em seu *Diario* que o exercito do general Mitre era *muy superior en numero al brazilero,* porque até então *não conhecia ainda os exercitos alliados* (hasta ahora no se ha visto reunido el ejercito aliado). Marchara da Concordia esse coronel, em 18 de Julho, para a Uruguayana, e dahi para Mercedes, e só neste ultimo ponto tornou a ver o grosso dos exercitos de Ozorio e Mitre no dia 24 de Outubro; mas as tropas brazileiras estavam acampadas a alguma distancia de Mercedes, á margem do arroyo Cuenca, e sem duvida o coronel Palleja não poude certificar-se pessoalmente de seu numero. Dizemos isso para attribuir-lhe em tudo boa fé, porque, não obstante affectar elle inteira imparcialidade, e fazer esforços por ser justo para com os brazileiros, não póde occultar nas paginas do seu *Diario* e desejo de colloca-los no segundo plano.

No dia 7 de Novembro de 1865, estando em marcha, passou o coronel Palleja pela primeira vez junto ao acampamento brazileiro, e então escreveu o seguinte :

« Cruzamos el monte (bosque), que, aunque espeso, daba lugar á marchar la infanteria en coluna, pero con trabajo. El carril del camino estaba regular, habiendo sido enanchado y compuesto por el cuerpo de ingenieros brazileros... Volvimos a marchar hasta la costa del Chañar, que acampamos, habiendo hecho una jornada de 3 leguas. *El ejercito de Osorio, que se movió ayer, se encontraba acampado en esto mismo lugar. El aspecto del campamento era de un golpe de vista magnifico. El matiz verde de los arboles se harmonizaba perfectamente con el blanco de inumerables tiendas de campaña y la variedad de uniformes de tropa que hormigueaba* (formigava) *en rededor del campo.* Los cuerpos de la brigada brazilera de Coelho Kelly desplegaron sus banderas al desfilar

del campo brazilero, *del que se separaron en la Concordia*, para venir á formar parte del ejercito de vanguardia, al que se enorgullecen de pertenecer; apezar que hemos quedados convertidos en ejército de retaguardia por lo que se vê... »

Mais tarde, em Março de 1866, quando todo o 1º corpo do exercito brazileiro se achava reunido no Passo da Patria, servia-se o mesmo coronel Palleja da seguinte linguagem, proclamando os serviços do general Ozorio, e fazendo justiça aos nossos soldados :

« Cruda y difficil ha sido la tarea del mariscal Ozorio desde su llegada á la Laguna Brava. El Brasil dormia en paz inalterable hacia años; el pié de paz de su ejército no estaba arreglado para ponerlo prontamente en pié de guerra, de modo á poder crear un ejército proporcionado á la poblacion y dignidad de tan vasto Imperio. *Es necesario que se convenzan los estadistas y periodistas que no se improvisan ejercitos* cuando no hay cuadros prevenidos con anticipacion; esto tratandose meramente de la infanteria y caballeria, que las armas especiales requieren años y una organisacion estable. El Brasil, animado del mas puro y acendrado patriotismo, le ha dado á su gobierno hombres y dinero, pero de dar hombres á dar soldados, hay gran diferencia. Los hombres han llegado dia á dia en vapores que dejaban unos y volvian inmediatamente á buscar otros; al mariscal Ozorio tocaba hacer de estos hombres soldados regimentados e instruidos para mandarlos frente al enemigo. Esta es la ruda tarea que el gobierno imperial ha impuesto al mariscal Ozorio; otro hubiera retrocedido ante semejante cumulo de obstaculos e inconvenientes; felizmente el mariscal tiene la preciosa virtud de no conocer dificultad que no pueda vencerse por la firme voluntad de accion.

« El ejército está arreglado, se trabaja dia y noche en su instruccion, y pronto Ozorio recojerá en la margem opuesta del Paraná la corona de laureles, que sus trabajos y talento han sabido elaborar, diciendo a su gobierno : — « Ahi teneis un ejército cual « jamás lo tuvo el Imperio; he correspondido á la confianza que el Emperador y la nacion « depositaron en mí, y á la que siempre les merecí á los ejércitos de las nacionaes « aliadas. »

« En vano se afana una parte de la prensa, inspirada en rivalidades y espiritu de partidos politicos, en denigrar y tornar en ridiculo las tropas brasileras; ellas se batirán á la par de las argentinas y orientales,no lo duden : los inconvenientes que ha esperimentado el ejército brasilero, han sido motivados por circunstancias que no se quieren apreciar debidamente. Repetimos lo que arriba dijimos : *no se improvisan ejércitos.* »

O exercito imperial, é certo, compunha-se em sua maior parte de gente collecticia, porque, ao começar a guerra, só tinhamos um nucleo de 16.000 homens de tropa regular e uns 4 ou 5.000 soldados de policia, que todos marcharam para o sul; mas, como se vê, o numero de soldados disciplinados era ainda assim muito superior ao dos nossos alliados.

Os mappas que resuminos acima, e que reproduziremos adiante, não dão uma idéa exacta das forças alliadas em operações. Ao exercito brazileiro, por exemplo, só dão 1 general, quando tinhamos 8 no 1º corpo.

Abatendo do exercito argentino em operações todo o chamado *exercito de Urquiza*, que figura no referido mappa com *3 generaes, 75 chefes, 450 officiaes e 5.000 soldados, ou 5.528 homens*, fica o exercito de Mitre reduzido logo a 17.241 homens, e só por esta reducção inferior ao 1º corpo do exercito brazileiro.

Quanto aos outros algarismos ha ainda alguma cousa a dizer.

Das divisões de Caceres, Hornos e Paiva não havia informações exactas, e por isso no mappa de Palleja figuram elles tendo numeros redondos :

« *Exercito de Corrientes :* — Divisões ao mando do general Caceres : 1 general, 20 chefes, 100 officiaes, 2.000 soldados. Divisões ao mando do general Hornos : 1 general, 10 chefes, 50 officiaes, 1.000 soldados. Divisão ao mando do coronel Paiva : 6 chefes, 40 officiaes e 500 soldados. Total, 2 generaes, 36 chefes, 190 officiaes e 3.500 soldados, ou 3.728 homens. »

Tambem a divisão Reguera, que com o regimento S. Martin, fazia parte do exercito de Flôres, figura do mesmo modo no mappa :

« Divisão Reguera : — 3 chefes, 27 officiaes, 600 soldados.

E' pois, evidente que alguns milhares de homens figuravam no papel, mas não existiam na realidade. Quando os paraguayos atacaram o acampamento alliado em Tuyuty, no dia 3 de Novembro de 1867, tivemos occasião de ver a fé que mereciam certos Mappas. Suppunha-se que na direita do nosso campo havia cerca de 1.000 argentinos, e depois do combate soube-se que não chegavam a 300.

Cumpre tambem notar que nos Mappas da força brazileira deduziam-se sempre os officiaes e soldados *doentes e empregados em varios serviços*, dando-se a relação da *força prompta para combate*. Essa pratica não era seguida pelos nossos alliados, que englobavam nos Mappas publicados não só os combatentes, como os *doentes e empregados* e até os que se ausentavam com licenças.

O exercito oriental apparece no resumo acima muito augmentado, por se terem alistado voluntariamente em suas fileiras muitos dos prisioneiros de Yatay e Uruguayana.

Para mostrar que em tempo algum o exercito argentino foi superior em numero ao brazileiro, daremos um resumo dos Mappas officiaes que se guardam no Archivo da Secretaria da Guerra, notando desde já que não levamos em linha de conta as forças brazileiras em Matto-Grosso e as de reserva na fronteira do Rio Grande do Sul.

Em *1° de Fevereiro de 1865* o exercito brazileiro do general João Propicio Menna Bareto (barão de S. Gabriel), que se concentrava nas visinhanças de Montevidéo tinha a seguinte força :

Corpos especiaes	28
Artilharia	823
Infantaria	2.838
Cavallaria de linha	998
Dita de guarda nacional	2.160
Companhia de transportes	21
Total	6.868

Além desta força havia mais a brigada ligeira de cavallaria do general Netto « composta de 900 a 1.000 praças da guarda nacional e voluntarios, operando na campanha » Sahira para os lados de Jaguarão, em perseguição da columna de Muñoz e Aparicio.

Quando nos desembaraçámos, pelo convenio de 20 de Fevereiro de 1865 (1), da guerra no Estado Oriental, era esta a força do exercito brazileiro em operações, acampada nos suburbios de Montevidéo :

1° de Março de 1865 (dia em que o general Ozorio assumio o commando em chefe) :

Corpos especiaes	97
Infantaria	5.245
Artilharia	970
Cavallaria de linha	1.035
Dita de guarda nacional	2.128
Total	9.465
No 1° de Abril tinha o mesmo exercito	10.255
No 1° de Maio (2) — —	13.181

Já então tinham os paraguayos invadido a Republica Argentina. A unica força argentina que estava em campanha consistia em uns 3.000 homens de milicias correntinas. Só em 3 de Maio chegou a Bella Vista (margem esquerda do Paraná, provincia de Corrientes) o general Paunero com uns 2.000 homens de tropa regular.

No dia 3 de Maio, pois, tinham os argentinos em campanha 5.000 homens, incluindo as milicias correntinas.

No *1° de Junho de 1865* o exercito brazileiro (era só o 1° corpo) acampado no arroyo S. Francisco, perto de Paysandú, compunha-se de 15.586 homens.

Com essa força avançou 20 leguas para o norte e foi acampar na foz do Dayman.

No dia 24 de Junho começaram os brazileiros a transpôr o Uruguay, indo acampar junto á Concordia, em Entre Rios.

Os Argentinos tinham ahi 4.800 homens; com Paunero, nas margens do Paraná, 4.500 homens; com o general Caceres; em frente ao exercito paraguayo de Robles, 3.000 milicianos; com o coronel Paiva, em frente á columna de Duarte, 500 homens. Total da força argentina em campanha, 12.500 homens (em differentes pontos).

---

(1) No dia 20 de Fevereiro a força do exercito imperial diante de Montevidéo era de 8.116 homens.

(2) Vej. a nota pg. 152, onde, por engano, dissemos que era essa a força do exercito imperial *em meiados de Março*.

Os brazileiros reunidos na Concordia eram :

No 1º de Julho de 1865	18.977

Não incluimos nesse algarismo as forças brazileiras que operavam na margem esquerda do Uruguay, ás ordens dos generaes Caldwell e Canavarro, hostilisando a columna de Estigarribia. Se incluissemos essas forças o exercito brazileiro em operações no sul ficaria elevado a mais de 25.000 homens, sem contar as tropas que estavam em marcha atravez da provincia do Rio Grande do Sul.

No 1º de Setembro de 1865	o exercito de Ozorio tinha	18.345
No 1º de Outubro de 1865	— —	18.782
No 1 de Dezembro de 1865	— —	28.849
No 1º de Janeiro de 1866	— —	32.256
No dia 15 de Janeiro de 1866	— de Porto Alegre	15.660

Assim, em Janeiro de 1866 o exercito brazileiro em operações compunha-se :

1º Corpo. general Ozorio, na Laguna Brava (perto do Passo da Patria)	32.256
2º Corpo, general Porto Alegre, em S. Borja	15.660
Total	47.916

Não encontrámos os Mappas do 1º corpo no 1º de Abril de 1866 e no 1º de Maio do mesmo anno, para que pudessemos saber qual a força que tinha esse corpo quando os alliados invadiram o Paraguay em 16 de Abril. Só encontrámos o *Mappa de 1º de Março*, que dá ao 1º corpo de exercito 33.078 homens : mas no dia 16 de Abril sua força andaria por 38.000 homens, porque no decurso de Março e Abril chegaram a Corrientes novos contingentes. E' isso o que explica o facto de ainda dispor o 1º corpo *no 1º de Junho de 1866*, depois dos combates da ilha de Itapirú e da Confluencia e das batalhas de Estero Bellaco e Tuyuty, de 34.470 homens, como se verá adiante.

O 2º corpo que em meiados de Março, occupou a parte nordeste de Corrientes, ameaçando Itapua, tinha no *1º de Abril* 14.577 homens.

Assim, podemos calcular do seguinte modo a força do exercito brazileiro em operações no dia 16 de Abril de 1866, ao invadirem os alliados o Paraguay :

EM OPERAÇÕES

No Sul :

1º Corpo de exercito (general Ozorio, marquez do Herval)	38.000
2º Dito idem (general conde de Porto Alegre)	14.500
Total	52.500

No Norte :

Em Matto-Grosso (general Leverger, barão de Melgaço) (1)	6.367
Total das forças em operações	58.867

RESERVA :

Na fronteira do Rio Grande do Sul	8.498
Total	67.365

Damos em seguida os mappas a que acima nos referimos, isto é :

A) O do 1º corpo de exercito em 1º de Março de 1866;

---

(1) Vej. nota pg. 153. Os algarismos que se encontram nessa nota são tirados dos mappas que acompanham o relatorio do ministerio da guerra. Depois de impressa a pagina citada, examinámos no archivo da secretaria da guerra muitos outros.

B) O do 1º — — 1º de Junho de 1866;
C) O do 2º — — 1º de Abril de 1866;
D) O do exercito argentino em 15 de Novembro de 1865, organisado á vista do mappa que acompanha o 1º volume do *Diario do coronel Palleja;*
E) O do exercito oriental, no dia 15 de Janeiro de 1866 (2º volume do *Diario* de Palleja).

Estes dous ultimos, porém, são mappas publicados naquella época *para fazer effeito*, e o leitor deve prevenir-se contra a exactidão dos seus algarismos. A verdade é que o exercito argentino que invadio o Paraguay teria quando muito 12.000 homens, entre os quaes muitos estrangeiros (1), e o oriental 2.500.

---

(1) O capitão Burton, que não póde ser suspeito de partidario do Brazil, viu por seus proprios olhos reunido em Humaitá todo o exercito argentino, e escreveu entre outras cousas o seguinte (*Letters from the battle-fields of Paraguay*, pag. 323-327) :

« Durante o dia (24 de Agosto de 1868) assisti a uma revista de seis regimentos completos da cavallaria brazileira, e pouco depois desfilou deante de mim todo o exercito, ou antes *contingente argentino*. Os primeiros impressionaram-me agradavelmente... (Depois de elogiar o aspecto marcial da cavallaria brazileira, continua o escriptor inglez.)... Elles (os Argentinos) começaram com 15.000 homens, reduzidos dentro em pouco a 9.000, dos quaes cerca de 6.000 apenas eram argentinos; e como não se póde recrutar em tempo de eleições, provavelmente não excederação agora de 5.000 homens... As perdas dos Argentinos em mortos, feridos e extraviados têm sido até hoje de 2.227 homens, — segundo os seos proprios calculos.

« Depois de ter presenciado grandes clamores em Buenos-Aires e de ahi ter lido muitas diatribes contra o marechal Caxias, que a semelhante respeito guardava o mais discreto silencio, fiquei desconcertado quando vi esse exercito. O *contingente* argentino compõe-se em geral de homens de bella apparencia, bem constituidos e fortes; os soldados, comtudo, apresentam uma perfeita misturada de nacionalidades... »

Depois de alguns trechos, que, por serem humoristicos, supprimimos, diz o capitão Burton : — « ... The alliance of the Allies is evidently that of dog and cat. The high authorities have agreed not to differ, but the bond of union is political, not sympathetic. An excessive nationality amonst the Brazilians is kept up by *their great numerical superiority; whilst the Argentines, like ourselves in Crimea, are sore about playing a part so palpably « second fiddle. »*

A

1° Corpo do Exercito Imperial em Operações

Acampamento em Tala-Corá, 1° de Março de 1866

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL (1)	
CORPOS ESPECIAES					
Generaes (1 marechal de campo e 8 brigadeiros)	9				
Corpo de Engenheiros	7				
Estado Maior de Artilharia	4				
— *1ª e 2ª classe*	16	»	130		130
Corpo de Saude	71				
Repartição Ecclesiastica	19				
Commandantes Superiores	4				
1ª DIVISÃO : GENERAL ARGOLLO					
7ª Brigada : Cl JACINTHO MACHADO				*7ª Brigada*	
1° batalhão de infantaria de linha	39	735	774	Officiaes. 198	
13° — —	33	501	534	Praças.. 2.874	
6° — volunt. da patria	48	513	561		
9° — —	27	494	521	3.072	*1ª Divisão*
11° — —	40	514	554		Officiaes. 306
Campanhias de zuavos bahianos	11	117	128		Praças.. 4.371
10ª Brigada : Coronel CARLOS RESIN				*10ª Brigada*	4.677
2° batalhão de infantaria de linha	28	513	541	Officiaes. 108	
2° — volunt. da patria	33	497	530	Praças.. 1.497	
26° — —	47	487	534		
				1.605	
2ª DIVISÃO : GENERAL ANDRÉA					
1ª Brigada : Genl SANCHES BRANDÃO				*1ª Brigada*	
2° regimento de cav. ligeira, linha	37	267	304	Officiaes. 126	
3° — — —	50	330	380	Praças.. 967	
1° corpo prov. de cav., guarda nac.	25	225	250		*2ª Divisão*
2° — — —	14	145	159	1.093	Officiaes. 187
4ª Brigada : Coronel OLIVEIRA BUENO				*4ª Brigada*	Praças.. 1.789
5° corpo prov. de cav., guarda nac.	19	303	322	Officiaes. 61	1.896
7° — — —	21	271	292	Praças.. 742	
8° — — —	21	168	189		
				803	

(1) Nesta columna onde estiver *praças* entenda-se sempre que são *praças de pret.*

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL	
3ª DIVISÃO : General Sampaio					
5ª Brigada: Coronel Oliveira Bello				*5ª Brigada*	
4° batalhão de infantaria de linha..	26	554	580	Officiaes. 169	
6° — — ..	32	627	659	Praças.. 2.605	
12° — — ..	25	521	546	2.774	*3ª Divisão*
4° — volunt. da patria....	43	490	533		Officiaes. 245
16° — — ...	43	413	456		Praças.. 4.161
8ª Brigada : Coronel D. José da Silveira				*8ª Brigada*	4.406
8° batalhão de infantaria de linha..	19	559	578	Officiaes. 76	
16° — — ..	26	460	486	Praças.. 1.556	
10° — volunt. da patria....	33	535	568	1.632	
4ª DIVISÃO : General Guilherme de Souza					
2ª Brigada : Coronel Kelly				*2ª Brigada*	
14° batalhão de infantaria de linha..	25	655	680	Officiaes. 94	
1° — volunt. da patria....	39	509	548	Praças.. 1.474	
13° — —	30	310	340	1.568	
11ª Brigada : Coronel Auto Guimarães				*11ª Brigada*	*4ª Divisão*
10° batalhão de infantaria de linha..	24	517	541	Officiaes. 101	Officiaes. 308
20° — volunt. da patria....	40	464	504	Praças.. 1.502	Praças.. 4.760
31° — —	37	521	558	1.603	5.068
13ª Brigada : Ten.-Coronel Costa Pereira				*13ª Brigada*	
3° batalhão de infantaria de linha..	27	649	676	Officiaes. 113	
19° — volunt. da patria....	29	547	586	Praças.. 1.784	
24° — —	47	588	635	1.897	
5ª DIVISÃO : General Andrade Neves					
3ª Brigada : Ten.-Coronel Sezefredo de Mesquita				*3ª Brigada*	
				Officiaes. 40	
4° corpo prov. de cav., guarda nac..	16	200	216	Praças.. 450	
6° — — —	24	250	274	490	
15ª Brigada: Coronel Tristão Pinto				*15ª Brigada*	*5ª Divisão*
3° corpo prov. de cav., guarda nac..	24	274	298	Officiaes. 45	Officiaes. 122
9° — — —	21	59	280	Praças.. 533	Praças.. 1.401
16ª Brigada : Coronel Demetrio Ribeiro				578	1.523
				16ª Brigada	
10° corpo prov. de cav., guarda nac..	13	191	204	Officiaes. 37	
11° — — —	24	227	251	Praças.. 418	
				455	

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	FORÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL	
6ª DIVISÃO : GENERAL VICTORINO MONTEIRO					
12ª Brigada : Coronel PECEGUEIRO (Destacados no exercito alliado da vanguarda)				*12ª Brigada*	
5º batalhão de infantaria de linha..	32	551	583	Officiaes. 115	
7º — — ..	30	543	573	Praças .. 1.967	
3º — volunt. da patria....	37	590	627	2.082	
16º — —	16	283	299		
14ª Brigada : Coronel PEREIRA LOBO				*14ª Brigada*	*6ª Divisão*
21º batalhão de volunt. da patria....	52	404	456	Officiaes. 129	Officiaes. 348
30º — —	44	427	471	Praças .. 1.317	Praças .. 4.463
51º — —	33	486	519	1.446	4.811
18ª Brigada : Coronel EVARISTO DA SILVA				*18ª Brigada*	
38º batalhão de volunt. da patria....	30	375	405	Officiaes. 104	
40º — —	39	411	480	Praças .. 1.179	
41º — —	35	363	398	1.283	
COMMANDO GERAL DA ARTILHARIA : GENERAL MELLO					
17ª Brigada : Coronel GURJÃO				*17ª Brigada*	
1º regimento de artilharia a cavallo.	31	446	477	Officiaes. 91	
1º batalhão — a pé.....	34	503	537	Praças .. 1.313	*Artilharia*
3º — — —	26	364	390	1.404	Officiaes. 166
19ª Brigada : Corl GOMES DE FREITAS				*19ª Brigada*	Praças .. 2.520
Batalhão de engenheiros.........	17	270	287	Officiaes. 75	2.686
7º — volunt. da patria....	31	491	522	Praças .. 1.207	
42º — —	27	446	473	1.282	
BRIGADA LIGEIRA : GENl NETTO				*Brigada Ligeira*	
1º corpo prov. de volunt. de cavallaria.	23	214	237	Officiaes..................	103
2º — — —	22	207	229	Praças......................	825
3º — — —	21	188	209		
4º — — —	24	154	178		928
5º — — —	13	62	75		
				Officiaes..................	12
Esquadrão de transportes..........	12	257	269	Praças......................	257
					269
EMBARCADOS NA ESQUADRA					
9ª Brigada : General BRUCE				*9ª Brigada*	
9º batalhão de infantaria de linha...	16	379	395	Officiaes..................	98
12º — volunt. da patria....	18	351	369	Praças......................	1.477
15º — —	20	259	279		
43º — —	37	376	413		1.575
Conting. de volunt. allemães........	7	112	119		

Resumo da força do 1° Corpo

1° de Março de 1866

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA	
CORPOS ESPECIAES	130	»	»	Officiaes	130
INFANTARIA					
Nas divisões 1ª, 3ª, 4ª e 6ª	1.092	15.788	16.880	Officiaes	1.363
Com a artilharia (Na 19ª brigada)	58	937	995	Praças	20.169
No exercito de vang. (12ª brigada)	115	1.967	2.082		21.532
Na esquadra (9ª brigada)	98	1.477	1.575		
ARTILHARIA	108	1.583	1.691	Officiaes Praças	108 1.583
					1.691
CAVALLARIA					
Nas divisões 2ª e 5ª e na Brigada ligeira	412	3.935	4.337	Officiaes Praças	424 4.192
No esquadrão de transportes	12	257	269		4.616
Total da força prompta	2.025	25.944	27.969		27.969
Empregados	40	689	729	Officiaes Praças	139 4.970
Doentes	99	4.281	4.380		5.109
SOMMA GERAL	2.164	30.914	33.078		33.078

B

1° Corpo do Exercito Imperial em Operações

Quartel General em Tuyuty, 1° de Junho de 1866

MAPPA DA FORÇA RELATIVA AO MEZ DE MAIO, DEPOIS DA BATALHA DO DIA 24

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL
CORPOS ESPECIAES				
Generaes (1 marechal de campo e 7 brigadeiros)	8			
Corpo de Engenheiros	5			
Estado Maior de Artilharia	6	»	127	127
— *1ª e 2ª classe*	14			
Corpo de Saude	72			
Repartição Ecclesiastica	19			
Commandantes superiores	3			
1ª DIVISÃO : GENERAL ARGOLLO				
8ª Brigada : Coronel D. JOSÉ DA SILVEIRA				*8ª Brigada*
8° batalhão de infantaria de linha	21	470	491	Officiaes. 135
16° — —	21	467	488	Praças .. 2.174
10° — volunt. da patria	34	499	533	*1ª Divisão*
43° — —	25	361	386	2.309 — Officiaes. 252
46° — —	34	337	411	Praças .. 3.863
10ª Brigada : Coronel C. RESIN				*10ª Brigada* — 4.115
13° batalhão de infantaria de linha	33	386	419	Officiaes. 117
2° — volunt. da patria	22	376	398	Praças .. 1.698
22° — —	26	309	335	
26° — —	21	309	330	1.806
40° — —	15	309	334	
2ª DIVISÃO : GENERAL MENNA BARRETO (J. L.)				
1ª Brigada : Ten.-coronel ARAUJO BASTOS				*1ª Brigada*
2° regimento de cav. lig. de linha	32	231	263	Officiaes. 101
3° — —	35	250	285	Praças .. 794 — *2ª Divisão*
1° corpo prov. de cav. guarda nac.	15	197	212	895 — Officiaes. 149
2° — —	19	116	135	Praças .. 1.359
4ª Brigada : Cor.[1] OLIVEIRA BUENO				*4ª Brigada* — 1.508
5° corpo prov. de cav. guarda nac.	17	274	291	Officiaes. 48
7° — —	18	221	209	Praças .. 565
8° — —	13	70	83	613

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL	
3ª DIVISÃO : CORONEL JACINTHO MACHADO					
5ª Brigada : Cor.l OLIVEIRA BELLO				*5ª Brigada*	
3º batalhão de infantaria de linha...	20	566	586	Officiaes. 80	
4º — — ...	14	447	461	Praças .. 1.598	*3ª Divisão*
4º — volunt. da patria.....	22	293	315		Officiaes. 163
11º — —	24	292	316	1.678	Praças .. 3.116
7ª Brigada : Ten. cor.l PARANHOS				*7ª Brigada*	
1º batalhão de infantaria de linha...	20	414	434	Officiaes. 83	3.279
6º — — ...	28	467	495	Praças .. 1.518	
6º — volunt. da patria.....	24	350	374		
9º — —	11	287	298	1.601	
4ª DIVISÃO : GENERAL GUILHERME DE SOUZA					
11ª Brigada : Cor.l AUTO GUIMARÃES				*11ª Brigada*	
10º batalhão de infantaria de linha...	16	384	400	Officiaes. 75	
14º — — ...	17	487	504	Praças .. 1.582	*4ª Divisão*
20º — volunt. da patria.....	23	290	313		Officiaes. 143
31º — —	19	421	440	1.657	Praças .. 3.049
13ª Brigada : Ten. c.l COSTA PEREIRA				*13ª Brigada*	
12º batalhão de infantaria de linha...	17	375	392	Officiaes. 68	3.192
1º — volunt. da patria.....	15	371	386	Praças .. 1.467	
19º — —	21	451	472		
24º — —	15	270	285	1.535	
5ª DIVISÃO : COR.l TRISTÃO PINTO					
3ª Brigada : Ten. cor.l SEZEFREDO DE MESQUITA				*3ª Brigada*	
4º corpo prov. de caval. da g. nac..	21	162	183	Officiaes. 59	
6º — — ..	16	206	222	Praças .. 542	*5ª Divisão*
11º — — ..	22	174	196	601	Officiaes. 117
15ª Brigada : Ten. coronel DUTRA				*15ª Brigada*	Praças .. 1.144
3º corpo prov. de caval. da g. nac..	21	289	310	Officiaes. 58	1.261
9º — — ..	21	185	206	Praças .. 602	
11º — — ..	16	128	144	660	
6ª DIVISÃO : GENERAL VICTORINO MONTEIRO					
12ª Brigada : Coronel KELLY				*12ª Brigada*	
5º Batalhão de infantaria de linha...	18	474	492	Officiaes. 78	
7º — — ...	20	450	470	Praças .. 1.609	
3º — volunt. da patria.....	25	480	505		
16º — —	15	205	220	1.687	
14ª Brigada : Ten. coronel SALUSTIANO DOS REIS				*14ª Brigada*	*6ª Divisão*
2º batalhão de infantaria de linha...	22	466	488	Officiaes. 112	Officiaes. 274
14º — volunt. da patria.....	19	560	579	Praças .. 1.906	Praças .. 4.856
21º — —	37	416	453		
30º — —	34	464	498	2.018	5.130
18ª Brigada : Corl. EVARISTO SILVA				*18ª Brigada*	
15º batalhão de volunt. da patria.....	19	351	370	Officiaes. 84	
38º — —	27	292	319	Praças .. 1.341	
41º — —	21	263	284		
51º — —	17	435	452	1.425	

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL	
BRIGADA LIGEIRA — GENERAL NETTO				*Brigada ligeira*	
1° corpo de voluntarios de cavallaria	18	155	173	Officiaes. 77	
2° — —	18	174	192	Praças .. 647	
3° — —	20	184	204		
4° — —	21	134	155	724	
COMMANDO GERAL DE ARTILHARIA : GENERAL ANDRÉA					
17ª Brigada : Cor.[1] GURJÃO				*17ª Brigada*	
1° regimento de artilh. a cavall.o....	22	467	489	Officiaes. 74	ARTILHARIA
1° batalhão de artilharia a pé........	32	592	624	Praças .. 1.517	Officiaes. 135
3° — —	20	458	478	1.591	Praças .. 2.468
19ª Brigada : Cor[l]. GOMES DE FREITAS				*19ª Brigada*	2.603
Batalhão de engenheiros	19	305	324	Officiaes. 61	
7° batalhão de volunt. da patria	24	318	342	Praças .. 961	
42° — —	18	328	446	1.012	
Esquadrão de transportes	15	353	368	Officiaes. 15 Praças .. 353 368	
EMBARCADOS NA ESQUADRA					
9ª Brigada : General BRUCE					
9° batalhão de infantaria de linha...	10	353	363	Officiaes. 38	
12° — volunt. da patria....	14	341	355	Praças .. 931	
Contingentes de diversos corpos	9	141	150		
Contingente de volunt. allemães	5	96	101	969	

Resumo da força do 1° Corpo

1° de Junho de 1866

FORÇA PROMPTA	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL	
CORPOS ESPECIAES	127	»	»	Officiaes	127
INFANTARIA					
Nas divisões 1ª; 3ª, 4ª e 6ª	832	14.884	15.716	Officiaes	912
Com a artilharia (na 19ª brigada)	42	646	688	Praças	16.461
Na esquadra (9ª brigada)	38	931	969		17.373
ARTILHARIA	93	1.822	1.915	Officiaes	93
				Praças	1.822
					1.915
CAVALLARIA					
				Officiaes	358
Nas divisões 2ª e 5ª e na brigada ligeira	343	3.150	3.493	Praças	3.503
No esquadrão de transportes	15	353	368		3.861
Total da força prompta	1.490	21.786	23.276		23.276
				Officiaes	630
Empregados	40	689	729	Praças	10.564
Doentes ou feridos nos hospitaes	590	9.875	10.465		11.194
SOMMA GERAL	2.120	32.350	34.470		34.470

C

2° Corpo do Exercito Imperial em Operações

Acampamento em S. Carlos, nas Missões Correntinas,
1° de Abril de 1866

CORPOS ESPECIAES.	Generaes (1 tenente-general e 2 brigadeiros)	3	
	Corpo de engenheiros	8	
	Estado-maior de 1ª classe	11	
	Corpo de saude	49	
	Repartição ecclesiastica	6	
	Estado-maior de divisões e brigadas	28	
	Somma : Corpos especiaes e estado-maior		105
	Corpo de pontoneiros	272	
	Companhia de transportes	223	
			195
ARTILHARIA	4° batalhão de artilharia a pé	553	
	Corpo provisorio de artilharia a cavallo	332	
	Somma a artilharia		885
INFANTARIA	5° batalhão de voluntarios da patria	587	
	8° — —	609	
	18° — —	567	
	29° — —	560	
	32° — —	597	
	34° — —	453	
	35° — —	271	
	36° — —	605	
	47° — —	630	
	Corpo de zuavos voluntarios bahianos	286	
	11° corpo provisorio de linha	935	
	Somma a infantaria		6.100
CAVALLARIA	5° corpo de caçadores a cavallo	191	
	1° — provisorio de cav. da guarda nacional	281	
	2° — — —	282	
	3° — — —	239	
	5° — — —	240	
	6° — — —	319	
	7° — — —	453	
	8° — — —	233	
	9° — — —	226	
	10° — — —	213	
	11° — — —	267	
	12° — — —	312	
	13° — — —	265	
	14° — — —	287	
	15° — — —	253	
	16° — — —	354	
	17° — — —	281	
	18° — — —	381	
	19 — — —	329	
	20° — — —	273	
	21° — — —	160	
	22° — — —	259	
	23° — — —	276	
	11° — effectivo — —	178	
	12° — — —	324	
	13° — — —	124	
	Esquadrão provisorio de voluntarios	191	
	Somma a cavallaria		7.294
	Total do 3° corpo de exercito		14.879

D (1)

Exercito da Republica Argentina

15 de Novembro de 1866

		GENERAES	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	
1º CORPO. : GENERAL PAUNERO						
Quartel-general		1	10	54		65
1ª DIVISÃO : Coronel RIVAS						
1ª Brigada Ten.-coronel ROSETTI	1º batalhão de linha	»	23	319	342	1.519
	6º —	»	35	460	495	
2ª Brigada Ten-cor.[1] CHARLONE	3º —	»	12	262	274	
	Legião militar	»	25	383	408	
2ª DIVISÃO : Coronel ARREDONDO						
3ª Brigada Ten.-coronel FRAGA	4º batalhão de linha 6º —	»	42	531	573	1.989
4ª Brigada Ten.-coronel ORMA	2º batalhão de linha 1ª legião de voluntarios	»	46	632	678	
5ª Brigada Coronel RIVERO	1º batalhão de Corrientes 1º — Santa-Fé	»	51	687	738	
LEGIÃO PARAGUAYA : Coronel ITURBURU		»	22	145		167
Brigada de artilharia Ten-cor.[1] NELSON	2º, 3º e 4º esquadrões de artilharia ligeira	»	30	430		460
Brigada de cavallaria Cor.[1] FERNANDEZ	Escolta 1º reg. de cavallaria de linha Voluntarios de Santa Fé	»	47	389		436
Companhia de sapadores		»	16	113	129	295
Commissariado, corpo medico e hospital		»	13	59	72	
Parque		»	4	90	94	
Total do 1º Corpo		1	376	4.554		4.931
2º CORPO : GENERAL GELY Y OBES		1	»	»		1
1ª DIVISÃO : Coronel CONESA						
2º bat. da guarda nacional, campanha de Buenos-Aires 3º — — 4º — —		»	76	1.377		1.453
		2	452	5.931		6.384

(1) Este *Mappa* é organisado á vista do que se acha publicado no *Diario de Pelleja* tomo I, pag. 434 a 438. A differença para mais que se nota no total provém de termos addicionado a força argentina destacada no *exercito de vanguarda* (pag. 433, tomo I, de Palleja).

	GENERAES	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL
Transporte..........	2	452	5.931	6.384
2ª DIVISÃO : Coronel BUSTILLOS				
1º batalhão da guarda nacional, cidade de Buenos-Aires 2º — — 3º — do regimento — 4º — —	»	121	1.400	1.521
3ª Divisão : Coronel J. VEDIA				
9º batalhão de linha.............................. 1º — do 3º regimento da guarda nacional....... 2ª legião de voluntarios .... Batalhão Libertad, de guarda nacional................	»	117	1.500	1.617
ARTILHARIA : Coronel FREDERICO MITRE				
2º regimento de artilharia ligeira....................	»	22	250	272
DIVISÃO DE CAVALLARIA : Coronel ORYAZABAL				
1º regimento de cavallaria da guarda nacional..... .. 2º — — .... 3º — —	»	51	450	501
Total do 2º Corpo...........	1	387	4.977	6.365
3º CORPO : GENERAL EMILIO MITRE	1	»	»	1
1ª Brigada : Ten.-coronel AYALA — 5º batalhão de guarda nacional; 2º — de linha..........	»	58	650	708
2ª Brigada : Coronel DOMINGUEZ — Batalhão Cordoba..........; — S. Juan............	»	54	550	604
3ª Brigada : Ten.-coronel CABOT — — Pringles ....; — Mendoza...........	»	54	500	554
CAVALLARIA : Tenente-coronel VIDAR				
3º regimento de cavallaria de linha..................	»	29	250	279
Total do 3º Corpo...........	1	195	1.950	2.146
EXERCITO DE CORRIENTES				
Divisões do GENERAL CACERES (cavallaria milicias)...	1	120	2.000	2.121
— HORNOS — ...	1	60	1.000	1.061
— do coronel Paiva — ...	»	46	500	546
Total...........	2	226	3.500	3.728
EXERCITO DE ENTRE-RIOS : GENERAL URQUIZA.	3	525	5.000	5.528
No exercito de vanguarda :				
Divisão do cor.[1] Reguera, cavall.ª mil.ª de Corrientes.	»	30	600	630
Regimento S. Martin..................................	»	38	403	441
Total...........	»	68	1.003	1.071
TOTAL DO EXERCITO ARGENTINO..........	8	1.777	20.984	22.769

E (1)

Exercito da Republica Oriental

(15 de Janeiro de 1866)

	OFFICIAES	PRAÇAS DE PRET	TOTAL	SOMMA GERAL
Generaes	3	»	3	3
Quartel-general e Estado-maior	33	33	66	66
CAVALLARIA				
Escolta do general em chefe : Tenente-coronel FORTUNATO FLÔRES	21	244	265	265
DIVISÃO DE CAVALLARIA : general ENRIQUE CASTRO.				
Estado-maior	28	5	33	
1º Regimento de cavallaria da guarda nacional	25	261	286	776
2º — —	17	154	171	
4º — —	11	279	286	
				1.041 *Cav.*
INFANTARIA				
1ª Brigada : Coronel LEON PALLEJA	1	»	1	
Batalhão Florida	27	426	453	924
— 24 de Abril	23	747	470	
2ª Brigada : Tenente-coronel MARCELINO CASTRO	1	»	1	
Batalhão Libertad	14	252	266	564
— Independencia	18	279	297	
				1.488 *Inf.*
ARTILHARIA				
1 esquadrão de artilharia ligeira : major YANZY	12	198	210	210 *Art.*
Parque oriental : capitão F. GONZALEZ	1	38	39	39
TOTAL	241	2.616	2.847	2.847

(1) Organisamos este Mappa á vista do *Estado de la fuerza que tiene el ejército de operaciones de vanguardia*, publicado no Vol 2º, pag. 34, do *Diario de Palleja*.

APPENDICE

AO

1° VOLUME

APPENDICE

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS (1)

(1) Os documentos que acompanham o 1° volume da obra do Sr. Schneider apparecem integralmente uns, e outros em resumo. Não podendo consultar todas as fontes, deixou o autor de publicar algumas peças officiaes interessantes. Supprimos esta falta, reproduzindo varios documentos cuja leitura nos pareceu indispensavel para a completa elucidação dos factos.

Os documentos que accrescentamos serão todos precedidos do seguinte signal †.

I

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO II DESTA OBRA

Sobre a guerra civil no Estado Oriental e a intervenção do Brazil. Até a tomada de Paysandú e o convenio de 20 de Fevereiro de 1865

Extractos do « Additamento ao Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros de 11 de Maio de 1863, apresentado á Assembléa Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretario de Estado, Marquez de Abrantes. Rio de Janeiro, 1864. »

1

Nota do Ministro das Relações Exteriores da Republica Oriental, J. J. de Herrera, de 31 *de Março de* 1863, *ao encarregado de negocios do Brazil, Avellar Barbosa :*

Diz que segundo communicações recebidas do general Lamas, chefe das forças nacionaes no norte do Rio-Negro, parece indubitavel que na fronteira de Alegrete, Brazil, se estão reunindo alguns grupos de Orientaes e Brazileiros armados, cujo intento ninguem sabe ainda positivamente, mas é de crêr que seja passar ao Estado Oriental para roubar gados. Lembra que a legação imperial poderia dirigir-se aos chefes brazileiros da fronteira, pedindo-lhes que previnam por sua parte o attentado que se annuncia.

2

Resposta do Encarregado de Negocios do Brazil, de 1° de Abril de 1863 :

Vai sem demora levar aquellas informações ao conhecimento das autoridades competentes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, certo de que não pouparão esforço algum tendente a frustrar a criminosa empreza noticiada pelo general Lamas.

3

Outra nota do Encarregado de Negocios do Brazil, de 14 de Abril de 1863 ao governo oriental :

Envia cópia do officio dirigido á legação imperial pelo brigadeiro David Canavarro, commandante da fronteira do Quarahim, em resposta ao que a mesma legação lhe dirigio em 1° de Abril. Das investigações a que esse brigadeiro mandou proceder resulta que é felizmente infundada a noticia de se estarem reunindo em Alegrete grupos de Brazileiros e Orientaes, como constára ao general Lamas, para invadir o Estado Oriental.

4

Circular do Ministro das Relações Exteriores da Republica Oriental, J. J. de Herrera, ao corpo diplomatico em Montevidéo, de 25 de Abril de 1863 :

Communica que realizou-se a invasão annunciada do general Flôres. O governo oriental está informado de que, para proteger essa invasão, têm-se feito reuniões na provincia agentina de Corrientes e na brazileira do Rio-Grande do Sul.

5

Nota do Ministro J. J. de Herrera á Legação Brazileira em Montevidéo, de 28 de Abril de 1863 :

Apezar da segurança com que o brigadeiro Canavarro qualifica infundadas as informações do governo oriental, os factos, desgraçadamente, vieram confirmar a previsão d'este. Nos ultimos dias o territorio da Republica foi invadido pela fronteira do Salto por grupos armados procedentes do Brazil. Espera que o encarregado de negocios do Brazil se dirija novamente ás autoridades da fronteira recommendando-lhes que tornem impossiveis novas reuniões, e desarmem e internem os grupos armados. Por ordem do presidente Aguirre protesta contra a criminosa tolerancia que aquelles malfeitores tenham podido encontrar da parte de qualquer autoridade brazileira.

6

Resposta da Legação Imperial á nota precedente (29 de Abril de 1863) :

Avellar Barbosa responde que não tem conhecimento algum dos factos a que Herrera allude. Elles se passaram, sem duvida, sem sciencia das autoridades brazileiras, porque, de outro modo, estas não consentiriam que os refugiados orientaes assim abusassem do asylo que tão generosamente lhes tinda sido concedido. Por outro lado o governo oriental não póde ignorar as difficuldades que as autoridades encontram em estovar os ma nejos de pequenos grupos dispersos sobre uma fronteira extensa e pouco povoada, e impedir incursões, que as proprias autoridades orientaes, apezar de estarem prevenidas, não conseguiram embaraçar. Vae de novo dirigir-se ao presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

7

Resposta do corpo diplomatico á circular n. 4 (30 de Abril de 1863) :

Respondem em nota collectiva, assignando C. Creus (Hespanha), Leite e Azevedo (Portugal), W. G. Lettson (Grã Bretanha), M. Maillefer (França), U. Barbolani (Italia) e Avellar Barbosa (Brazil), agradecendo a communicação de Herrera, deplorando um estado de cousas tão lamentavel para a paz e prosperidade da Republica, e fazendo votos para que o governo, com os recursos consideraveis de que dispõe, consiga conjurar promptamente os perigos que ameaçam os interesses estrangeiros, tanto como os nacionaes.

8

Providencias adoptadas pelo governo imperial. Despacho do Ministro dos Negocios Estrangeiros ao Encarregado de Negocios do Brazil em Montevidéo :

Ministerio dos negocios estrangeiros, Rio de Janeiro, em 7 de Maio de 1863.

O seu officio n. 35 de 29 do mez findo, que accuso recebido, trouxe ao conhecimento do governo imperial a noticia de um novo movimento revolucionario n'esse Estado praticado pela invasão do general Flôres, na manhã de 19 do mesmo mez, no lugar denominado « Rincon de las Galinas », sobre o Uruguay.

Deplorando mais uma vez que o espirito vertiginoso da desordem e da anarchia fosse arvovar o seu estandarte n'essa republica, ao governo imperial só restaria fazer votos pelo prompto restabelecimento da ordem e triumpho da autoridade legitima, se por ventura á par d'essa noticia, não communicasse Vm. a de que o governo da republica queixára-se do procedimento das autoridades brazileiras da fronteira de Quarahim, e com especialidade do brigadeiro Canavarro, accusando-as de protegerem occultamente a Flôres, e de consentirem em que os seus partidarios se armem, e em grupos numerosos transponham a mesma fronteira.

Esta accusação, de que aliás não tinha o governo imperial a menor idéa, reclama da parte do mesmo governo a immediata adopção de todas as necessarias medidas para que sejam punidos os abusos que porventura se tenham praticado, e religiosamente guardada e respeitada a neutralidade perfeita e absoluta que ao imperio cumpre observar nas luctas intestinas d'essa republica.

Bem que, segundo consta do seu officio a que respondo, já houvesse Vm. declarado ahi ao Sr. ministro das relações exterioes que não podia suppôr que o brigadeiro Canavarro, que até agora tem sabido merecer a inteira confiança do governo imperial, assumisse a gravissima responsabilidade do facto que se lhe attribue, convém todavia que, repetindo ao mesmo ministro essa declaração da parte do governo imperial, Vm. lhe assegure que não obsta isso a que mandasse immediatamente proceder a todas e necessarias averiguações para trazer a limpo a verdade, assegurando-lhe outrosim que fará punir os que se houverem desviado do cumprimento dos seus deveres, qualquer que seja a sua posição.

Como já disse, não tinha o governo imperial a menor idéa das occur-

rencias da fronteira do Quarahim, denunciadas pelo Sr. ministro das relações exteriores, o qual fez sem duvida justiça ao mesmo governo, acreditando que eram semelhantes occurrencias contrarias á sua politica, e seriam por conseguinte altamente reprovadas.

Convem, pois, que Vm. se dê pressa em confirmar a justa opinião que S. Ex. formou do governo imperial, affiançando que acabo de dirigir-me ao presidente da provincia do Rio Grande do Sul para recommendar-lhe que faça proceder a um inquerito rigoroso sobre os factos denunciados, mandando immediatamente responsabilisar e punir os que se reconhecerem culpados; e outrosim para empregar todos os meios necessarios, afim de evitar a reproducção de factos semelhantes, se com effeito tiveram lugar, e fazer effectiva a completa neutralidade que nos cumpre guardar.

Confiando que Vm. será solicito em communicar tudo quanto fôr occorrendo, reitero-lhe as expressões de minha estima e consideração.

Ao Sr. Ignacio de Avellar Barbosa da Silva.

MARQUEZ DE ABRANTES.

9

Nota do governo oriental á legação imperial em Montevidéo, de 8 de Maio de 1863 :

O ministro Herrera accusa a recepção da nota de 29 de Abril (n. 6), e fica sciente de que Avellar Barbosa ia dirigir-se novamente ao presidente da provincia de S. Pedro do Sul. Espera que d'esta vez a legação imperial terá a fortuna de fazer-se ouvir e de fazer respeitar as suas ordens pelas autoridades da fronteira, e, desejoso de auxiliar Avellar Barbosa, lhe fará conhecer novos factos, que provam, se não a connivencia das autoridades da fronteira com a invasão, ao menos sua criminosa tolerancia. Em 24 de Abril, isto é, 17 dias depois da segurança dada pelo brigadeiro Canavarro, foi invadido o territorio da republica pelos mesmos grupos que, a espera de Venancio Flôres e dos demais malfeitores, se estavam organisando e armando, não só na parte despovoada da fronteira a cargo de Canavarro, mas tambem na praça publica de Uruguayana. Dando-se as mãos esses grupos com os que da provincia argentina de Corrientes passaram o Uruguay, apoderam-se, á guiza de salteadores, das povoações de Sta Roza e Sto Eugenio, dando começo á devastação e pilhagem ao norte do Arapehy, territorio povoado na maior parte por Brazileiros, alguns dos quaes com antecipação pediram protecção. Sente que Avellar Barbosa na resposta de 29 de Abril procure desculpar as autoridades brazileiras dizendo que as orientaes, apezar de estarem avisadas, não puderam estorvar a invasão. Tambem as autoridades brazileiras estavam avisadas. Não foi só para os lados de Uruguayana que se reuniram grupos : em Sant'Anna do Livramento deo-se o mesmo. No departamento de Taquarembó foi perseguido um grupo de Brazileiros armados pertencente ás forças de um tenente-coronel Ferreirinha. Esse grupo passou por Sant'Anna, e no dia 27 de Abril já tinha voltado para o seo acampamento. Depois foi novamente invadido o territorio por Brazileiros, sendo capturado o capitão da guarda nacional da republica, D. José Vargas, em sua casa, saqueado o seo estabelecimento, e elle levado preso para Sant'Anna do Livramento. O governo oriental reclama contra isso, e pede a punição dos culpados, entre os quaes não hesita em incluir o brigadeiro Canavarro e o commandante Ferreirinha;

pede além d'isso uma garantia positiva de que o governo imperial neutralisará e reprimirá para o futuro, com toda a energia, a continuação e o desenvolvimento dos planos que fizeram as autoridades brazileiras da fronteira faltar tão criminosamente aos principios que guiam a politica do governo imperial.

10

Resposta da legação imperial em Montevidéo (9 *de Maio de* 1863) :

Avellar Barbosa diz que lêu com attenção essa nota, e, para poder responder cabalmente, vae leval-a ao conhecimento do presidente da provincia de S. Pedro do Sul e do governo imperial. A' vista das informações d'aquella autoridade e das ordens que o governo imperial lhe transmittir responderá á reclamação de Herrera. O governo do Imperador tem dade sobradas e inequivocas provas do seu anhelo em manter, no pé da mais perfeita cordialidade, as suas relações com a republica, e sempre animado dos sentimentos os mais generosos e amigaveis, contribuio efficazmente por vezes para o restabelecimento da paz e tranquilidade n'ella pertubadas. Fundando o governo da republica as suas reclamações em informações de autoridades orientaes, é indispensavel que sejam tambem ouvidas as brazileiras.

11

Nota do governo oriental á legação imperial em Montevidéo (9 *de Maio de* 1863) :

Herrera envia a Avellar Barbosa dous documentos e diz que do presidente Aguirre recebeu ordem para fazer saber á legação imperial, que, não permittindo nem a dignidade do paiz, nem o decoro de sua autoridade vêr impassivel o que se passa nas fronteiras com o Brazil, e a inutilidade dos esforços que tem empregado, inspirado do desejo da paz e boa harmonia, não será d'ora em diante tão escrupuloso no cumprimento do dever que até agora se tem imposto de respeitar o territorio e a jurisdicção visinha, desde que, com inaudito escandalo, e com irreparavel prejuizo para os interesses especialmente brazileiros em sua maxima parte, não se subordinam á igual dever as autoridades brazileiras da fronteira, ou são estas impotentes para se fazerem obedecer.

12

Resposta da legação imperial em Montevidéo ; 12 *de Maio de* 1863 :

Recebeu a nota em que Herrera lhe envia cópia de um officio do chefe politico de Taquarembó, em que esta autoridade transmitte informações de um tal Faria. As reclamações do governo oriental serão devidamente attendidas. O effeito das medidas que já devem ter sido tomadas pelo presidente de S. Pedro do Rio Grande do Sul não podem ainda ser conhecidas em Montevidéo. E' preciso ter em consideração o tempo indispensavel para que as communicações da legação imperial cheguem aos seos destinos. Quanto á declaração de que o governo oriental d'ora em diante não será tão escrupuloso no cumprimento do dever de fazer respeitar o terri-

torio do imperio, espera que o mesmo governo, reconsiderando esta resolução, e pezando bem as graves complicações internacionaes que necessariamente resultariam se infelizmente fosse levada a effeito, não pesistirá n'ella.

13

Informação do presidente da provincia brazileira de S. Pedro do Rio Grande do Sul; de 27 de Maio de 1863 :

O encarregado de negocios do Brazil transmittio em 13 de Junho ao governo oriental um officio que com data de 27 de Maio recebeu do presidente do Rio Grande do Sul, Espiridião Pimentel. Dizia assim o presidente :

« Antes de haver recebido o officio de V. Ex. do 1° de Abril, e só em consequencia dos boatos que corriam de uma tentativa de invasão no territorio da Republica, por parte do general Flôres, se tinham expedido as mais terminantes recommendações ás autoridades de toda a fronteira da provincia, para que exercessem a mais activa vigilancia, afim de obstar por todos os meios a seu alcance qualquer intervenção de Brazileiros ou Orientaes aqui residentes, nas luctas intestinas de que estava ameaçado o Estado limitrophe ; recommendações que se repetiram depois da recepção do citado officio de V. Ex., ordenando em seguida, em virtude das participações recebidas da fronteira do Quarahim, a marcha para alli de todas as praças disponiveis do 2° regimento de cavallaria ligeira estacionado em Alegrete, e autorisando ao commandante d'aquella fronteira a chamar a serviço de destacamento o numero de praças da guarda nacional que julgasse necessario para reforçar o esquadrão que com outras forças de primeira linha guarnece a mesma fronteira. Ainda não satisfeito com a expedição d'essas ordens, e logo que me veio ás mãos o citado officio de V. Ex. de 29 de Abril, fiz seguir d'esta capital o tenente-general commandante das armas, com destino á fronteira da provincia, munido de amplas autorisações para, por si mesmo, e nos proprios lugares em que fosse mais urgente, tomar sérias e efficazes providencias, afim de que se evitasse qualquer reunião de nacionaes ou estrangeiros no territorio do Imperio e a passagem de grupos armados pela linha divisoria, com o designio de auxiliar os movimentos que tenham lugar no Estado visinho. Na mesma occasião autorisei o commandante das armas a reforçar as guarnições das fronteiras de Bagé e Jaguarão, ordenando mais que continuasse a estacionar na Chuy o destacamento de 35 praças do 4° regimento de cavallaria, que antes tinha mandado render por outro de guarda nacional de igual numero de praças, de sorte que ficou elevada a cerca de 70 praças a guarnição d'aquella fronteira. Outras providencias foram tomadas que me tranquilisárão sobre o exacto cumprimento de minhas ordens. Depois da partida do commandante das armas chegaram-me com pequeno intervallo os officios de V. Ex. de 9 e 14 d'este mez, transmittindo novas reclamações do governo oriental, á vista das quaes, novas recommandações foram expedidas ao dito tenente-general, que d'ellas já deve ter conhecimento, como tudo V. Ex. verá pelas cópias inclusas da correspondencia havida sobre esse objecto. Segundo as ultimas communicações da fronteira do Quarahim, não consta que em toda a sua extensão, e nos termos visinhos se tenham organisado grupos armados, e muito menos que transpuzessem a linha divisoria para tomar parte na revolta promovida por Flôres. E' possivel, e creio mesmo que alguns Brazileiros se tenham passado dispersos para o territorio oriental, e lá, com os que n'elle residem, auxiliem a tentativa dos rebeldes, o que

muito se deve lamentar ; mas, com justiça, a ninguem que conheca as facilidades que ha em transporem-se os limites da provincia com o Estado visinho, é licito lançar esse facto a cargo das autoridades brazileiras que, por mais vigilantes e empenhadas que se mostrem em prevenil-o, não o poderão conseguir, ainda quando dispuzessem de mais abundantes meios, como a experiencia tem provado em identicas circumstancias. Aguardo informações mais completas sobre os factos articulados nas queixas do governo oriental, e não perderei tempo em transmittil-as a V. Ex. Entretanto estou convencido de que as medidas tomadas produzirão o effeito que é possivel obter-se, garantindo a observancia da rigorosa neutralidade que devemos guardar nas lutas intestinas que perturbam a ordem publica do Estado Oriental. »

14

Nota da legação imperial em Montevidéo ao governo oriental (2 *de Junho de* 1863) :

Diz Avellar Barbosa que já informou o governo iriental das providencias adoptadas pelo governo imperial em ordem a satisfazer as reclamações constantes das notas de Herrera. Transmitte agora cópia do seguinte despacho que recebeo do Marquez de Abrantes em data de 24 de Maio : — « Pelo meo despacho anterior teve Vm., da maneira a mais positiva e expressa, conhecimento da desagradavel impressão que no animo do governo imperial causou a noticia de haverem Brazileiros compromettidos nas tentativas do general Flôres, bem como do firme proposito em que está o mesmo governo de empregar as medidas precisas para punir os culpados, quem quer que sejam, e prevenir a continuação de procedimentos que importem quebra da neutralidade absoluta, que nos cumpre guardar em presença das lutas intestinas d'esse Estado. A communicação que Vm. fez ao governo da Republica do meo despacho a que acabo de alludir, naturalmente tranquillisou o mesmo governo, e convenceo-o de que o gabinete imperial, completamente alheio aos factos accusados, não hesita em condemnal-os, e em providenciar para que fossem punidos os seos autores, e ao mesmo tempo evitada a reproducção de factos identicos. Sem embargo, convem que Vm. ratifique perante o governo da Republica esta solemne declaração, accrescentando que, si infelizmente parace certo que alguns Brazileiros menos reflectidos da provincia do Rio Grande, prestaram-se a auxiliar os intentos do invasor da Republica, não é menos certo que o governo imperial espera que das medidas que promptamente adoptou surta o desejado effeito de ser prevenida a continuação de quaesquer demonstrações da natureza das de que se trata, e punidos os que houverem faltado ao cumprimento dos seos deveres. »

15

Nota do governo oriental á legação brazileira em Montevidéo (21 *de Junho de* 1863) :

Herrera communica a Avellar Barbosa que os chefes revoltosos Algañaras e Salvatilla foram batidos ao norte do Arapehy e refugiaram-se em territorio brazileiro. Pede que expeça ordens para que sejam desarmados.

16

Aviso do governo imperial á presidencia do Rio Grande do Sul:

Ministerio dos negocios estrangeiros. — 1ª Secção. — Nº 33. — Rio de Janeiro em 30 de Junho de 1863. — Illm. e Exm. Sr. — Recebi os officios ostensivos que V. Ex. me dirigio em 29 de Maio e 15 do corrente, sob ns. 48 e 52, e a confidencial n. 2 de 14 d'este ultimo mez. Referindo-se V. Ex. ás instrucções que lhe foram dadas por este ministerio em 7 e 24 de Maio proximo passado, communica-me as ordens terminantes que expedira ás autoridades civis e militares da fronteira afim de obstarem, por todos os meios ao seo alcance, a quaesquer actos das autoridades, dos habitantes e partidarios do general Flôres n'essa provincia, que importem quebra de neutralidade por parte do Imperio nas melindrosas circumstancias em que se acha a Republica Oriental. Estou certo de que V. Ex. fará guardar escrupulosamente esta neutralidade, tendo bem presentes as recommendações do governo imperial e o accôrdo celebrado entre o mesmo governo e o da Republica, em 3 de Setembro de 1857, no qual se prevê o caso de rebellião ou de movimento armado contra um dos dous governos em seus respectivos territorios, e se prescrevem as regras que devem ser observadas em taes emergencias por uma e outra parte. No relatorio apresentado ás camaras legislativas em 1858 pelo ministro d'esta repartição encontrará V. Ex. o accôrdo a que me refiro. Renovo a V. Ex. as expressões da minha alta estima e distincta consideração.

MARQUEZ DE ABRANTES.

A S. Ex. o Sr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel.

17

Recommendações expedidas pela legação imperial em Montevidéo para dissuadir os subditos brazileiros residentes na Republica Oriental de tomar parte na luta. (*18 de Julho de* 1863).

O novo representante do Brazil em Montevidéo, João Alves Loureiro (barão de Javary), ministro-residente, expedio a seguinte circular aos consules brazileiros :

Illm. Sr. — Já V. S. sabe que fiz entrega da carta pela qual Sua Majestade o Imperador houve por bem acreditar-me no caracter de seo ministro residente junto a esta republica. No discurso que então proferi e que foi publicado nos jornaes d'esta cidade, declarei que o governo imperial mantinha-se firme no proposito do observar e fazer observar pelos subditos brazileiros a mais perfeita e absoluta neutralidade nas lutas internas da mesma republica. Convem pois que V. S., dando d'isto conhecimento aos vice-consules do seu districto, chame particularmente a attenção d'elles para aquella solemne declaração e lhes recommende que por todos os meios ao seu alcance, procurem evitar a ingerencia de brazileiros nas dissenções domesticas do Estado Oriental. Interpondo seu conselho e diligencia n'este intuito, os vice-consules deverão dissuadir os subditos do Imperador que porventura se mostrarem dispostos a uma tal ingerancia, fazendo-lhes comprehender que nenhuma parte devem tomar nas discordias do paiz estrangeiro em que residem e que envolvendo-se n'ellas arriscar-se-hiam a qualquer consequencia desastrosa da luta e mallograriam a protecção que o governo imperial sempre tem prestado aos Brazileiros. Tem chegado ao conhecimento d'esta legação que recentemente, por occasião da tenta-

tiva do general Flôres, alguns Brazileiros hão soffrido vexame e extorsões, e é provavel que excessos analogos se reproduzam. Em casos taes, os vice-consules não devem limitar-se a remetter a esta legação as reclamações dos prejudicados : cumpre-lhes, pelo contrario, representar desde logo ás autoridades locaes contra os abusos e violencias praticadas, solicitar a reparação d'ellas, e pedir providencias para que não se reproduzam ; o que expressamente lhes é determinado pelo art. 169 do regulamento de 11 de Junho de 1847. Em todo o caso é indispensavel que as ditas reclamações venham instruidas de provas que as justifiquem, e que habilitem a legação a dar-lhes o conveniente andamento perante o governo oriental. Queira V. S. transmittir, com urgencia, cópia d'este officio aos vice-consules do seu districto, e ordenar-lhes dêm fiel execução ás recommendações n'elle contidas.

João Alnes Lourieco.

18

Nota da legação brazileira em Montevidéo ao governo oriental (20 *de Outubro de* 1863) :

Na ausencia do ministro Loureiro, o addido Mello e Alvim, encarregado de negocios interino, reclamou contra os actos de violencia e depredação que contra a propriedade de subditos brazileiros estabelecidos no Salto commetteram as forças do general Diego Lamas. Tendo as forças d'esse general acampado desde o dia 13 até 16 de Julho junto á estancia de Mataperros, de propriedade de Manoel Antonio Braga, ali praticaram toda a especie de violencia e expoliação, queimando ranchos, curral e madeiras destinadas a construcções ; matando indistinctamente, entre gado manso e bravio, cerca de 300 rezes, isto sómente durante aquelles tres dias, sem contar outras muitas que depois de haver a divisão passado o Sarandy, foram arrebatadas e as que foram lanceadas no campo ; e finalmente levantando toda a cavalhada existente na estancia, sem ao menos deixar os animaes necessarios para os serviços mais urgentes. Por todo este prejuizo, a muito custo, passou o general Lamas um recibo de limitado numero de rezes. Os estabelecimentos de João Ignacio, visinho de Braga, de Manoel Ferrão, nas pontas de Sopas, e lugar denominado *Curral de las Piedras ;* de Lucindo José Tarouco e Lauriano José Tarouco, tiveram igual sorte ; a mesma scena de devastação e de expoliação foi reproduzida em todos elles. Na estancia de Ferrão, nem a mesma casa de habitação foi respeitada; parte d'ella foi destruida e incendiada. « Taes violencias », diz Mello e Alvim « de que têm sido quasi exclusivamente victimas os subditos brazileiros residentes na campanha da Republica, não se podem de maneira alguma justificar com as necessidades extremas da guerra em que infelizmente anda envolvido o paiz ; são ellas verdadeiros attentados que só têm explicação nas prevenções e resentimentos que ainda se nutrem contra uma tão importante parte da população do Estado. » Espera que será attendida a reclamação.

19

Nota do governo oriental á legação do Brazil em resposta á nota precedente; (22 *de Outubro de* 1863) :

Herrera diz que pedio informações ao general Lamas. O governo oriental não tolerará abusos dos seos, mas os culpados dos prejuizos que sof-

frem os Brazileiros ao norte do Rio Negro são os proprios Brazileiros que servem a Flôres, e que são auxiliados por militares ao serviço do governo imperial. O meio mais efficaz de garantir os interesses brazileiros não é entabolar reclamações como essa, mas impedir que a guerra civil seja alimentada por elementos militares brazileiros. A iniciativa dos excessos que se praticam pertence aos Brazileiros, e por isso e governo oriental não pode aceitar nem a responsabilidade dos prejuizos até agora soffridos, nem a dos muito maiores que se seguirão. O governo oriental faz justiça ao do Imperador, mas lamenta a falta absoluta de rigor, a ausencia de meios praticos com que poderia ser evitada a reproducção de factos criminosos.

20

Nota do governo oriental á legação brazileira em Montevidéo (23 *de Outubro de* 1863) :

Herrera diz que continuam a ser enviadas a Flôres, da fronteira brazileira, armas, munições, cavallos, etc. Em 7 mezes não sabe quaes são as medidas que com successo tenham sido adoptadas na fronteira. Remette uma proclamação do major da guarda nacional brazileira Fidelis Paes da Silva, que serve no exercito da revolução, e diz que com elle servem algumas praças do 5º regimento de cavallaria do imperio.

21

Resposta da legação brazileira (24 *de Outubro de* 1863) :

O encarregado de negocios Mello e Alvim respondendo á nota de Herrera de 22 de Outubro (n. 19), diz que aguarda o resultado das informações pedidas ao general Lamas, mas não póde deixar sem rectificação algumas proposições d'essa nota. Continúa assim : — « A responsabilidade, disse S. Ex., da ruina que soffrem os interesses brazileiros na republica, cabe mui especialmente aos proprios Brazileiros, que co-adjuvam a invasão encabeçada por D. Venancio Flôres, e aos chefes militares que, sob o uniforme do imperio lhes prestam a sua cooperação, sem que até agora tenham sido reprimidos com a severidade que era de esperar da parte do governo de S. M. o Imperador do Brazil. Como S. Ex. perfeitamente sabe, residem no territorio oriental muitos milhares de Brazileiros, e destes apenas *alguns* consta que, allucinados, esquecendo-se dos seus deveres como estrangeiros e desouvindo os conselhos do governo imperial, têm infelizmente tomado parte na luta que afflige o paiz. Como, pois, tornar responsavel do erro desses poucos a grande maioria daquella população importante e laboriosa, cujos interesses estão essencialmente ligados á paz e á prosperidade da republica, que são tambem as unicas garantias do seu proprio bem estar e prosperidade? O mesmo interesse, portanto, daquelles Brazileiros protesta altamente contra a generalidade da asserção de S. Ex. Além disso, não podendo actuar sobre toda aquella população as mesmas causas que puderam motivar a adhesão dos poucos que se acham compromettidos na tentativa do general Flôres, seria injustiça fazer pezar sobre ella a solidariedade de factos para os quaes de fórma alguma concorreu. O abaixo assignado abstem-se de fazer mais largas considerações sobre este assumpto, porque ellas são obvias, e não podem por certo escapar á penetração do espirito recto e illustrado do Sr. Herrera. Quanto ás accu-

sações insinuadas na segunda parte do periodo transcripto contra os chefes militares que trajam uniforme do imperio, se se referem ellas ás autoridades da fronteira da provincia limitrophe, o abaixo assignado não póde prescindir de manifestar o seu profundo pezar ao ouvir S. Ex.,sem basear-se em novos factos, reproduzir semelhantes increpações, depois dos reiterados esforços do governo imperial e das explicações e esclarecimentos franca e lealmente ministrados a S. Ex. por esta legação, afim de convencer o governo da republica da improcedencia de suas anteriores arguições ás mesmas autoridades. Não havendo, porém, S. Ex. precisado os motivos sobre os quaes fundamentou as suas accusações, o abaixo assignado limita-se, por emquanto, a referir-se por tudo o que diz respeitõ a esse objecto ás declarações escriptas e verbaes feitas a S. Ex. pelos Srs. Avellar Barbosa e Loureiro, e ultimamente pelo abaixo assignado. Tambem não póde o abaixo assignado deixar sem protesto o conceito com que S. Ex. termina a sua nota, quando, fazendo justiça ás intenções do governo imperial, deplora que, por falta absoluta de rigor e ausencia de meios praticos, não tenham ellas sido patenteadas. O governo de Sua Magestade, adoptando os principios politicos que julgou mais ajustados aos seus deveres para com a Republica e mais conformes aos seus proprios interesses, não poderia, por amor destes e da sua mesma dignidade, deixar de empenhar todos os esforços conducentes á effectividade daquelles principios, sob pena de revelar uma contradicção e inepcia incompativeis com o simples bom senso. E, com effeito, da verdade dessa asserção encontrará S. Ex. numerosas provas nas declarações a que ha pouco se referiu o abaixo assignado. Por ellas se instruirá o Sr. Herrera das medidas tomadas, não só pelo governo imperial, como tambem pelas autoridades superiores da provincia visinha, para tornar real a neutralidade absoluta adoptada em presença dos actuaes successos da republica. O abaixo assignado, prescindindo de quaesquer recriminações, tem a maior satisfação em manifestar a S. Ex. o Sr. ministro de relações exteriores, os sinceros votos que faz para que proximo esteja o dia em que o governo oriental, banindo de seu animo as estereis desconfianças que incessantemente o assombram, faça plena justiça á conducta do governo imperial e de seus agentes, e possa colher os benificos fructos que lhe promette a retribuição de uma politica franca e elevada... »

22

Nota do governo oriental á legação brazileira (27 de Outubro de 1863) :

Herrera communica que, passando ás mãos do ministro brazileiro as ordens, que deve levar a canhoneira imperial *Araguay*, para que sejam entregues no Salto alguns prisioneiros de nacionalidade brazileira, deve declarar que o seu governo não renuncia o direito que tem de tratar como rebelde a todo individuo que encontre armado, resistindo á autoridade legal. Espera que esses individuos serão postos na impossibilidade de reincidir.

23

Resposta da legação imperial (27 de Outubro de 1863) :

Mello e Alvim agradece esse acto do governo oriental e assegura que serão tomadas as providencias necessarias para que esses individuos não possam voltar ao territorio da Republica emquanto durar a guerra civil.

24

Nota da legação brazileira (31 *de Outubro de* 1863) :

Mello e Alvim responde á nota de Herrera de 23 de Outubro (n. 20) ; transmitte em seguida a correspondencia trocada com o presidente do Rio grande do Sul, para mostrar que ha da parte das autoridades brazileiras da fronteira a maior vigilancia ; lembra que ainda ha pouco o brigadeiro Canavarro fez desarmar e internar os individuos pertencentes á força de Alganãras e Salvatilla ; não contesta que se possa ter dado outro facto de entrada e sahida no territorio brazileiro de emigrados, mas dahi não é licito inferir tolerancia ou connivencia das autoridades. O governo oriental tem a margem do Uruguay coberta de tropas, e tem ahi vapores de guerra ; acaso tem podido impedir os desembarques de contingentes vindos do exterior? Quanto á proclamação attribuida ao major Fidelis Paes da Silva, é um documento que nada prova, anonymo, sem indicação da typographia onde foi impressa. Entre os proprios documentos que Herrera confiou a Mello e Alvim havia um officio do general Lopo de Almeida, commandante da fronteira de Bagé, avisando ao chefe politico do Cerro Largo de haver Fidelis sahido furtivamente de Bagé, levando 2 soldados desertores do exercito imperial. As autoridades brazileiras têm exercido e continuarão a exercer a maior vigilancia. Chama a attenção de Herrera para a nota de 13 de Junho de Avellar Barbosa, na qual se deu conta ao governo oriental das medidas praticas adoptadas pelo presidente do Rio Grande do Sul em satisfação ás reclamações anteriores do governo oriental.

25

Nota dirigida pelo ministro residente do Brazil, João Alves Loureiro (*barão de Javary*), *ao ministro das relações exteriores da Republica Argentina, Rufino de Elizalde, datada de Buenos-Aires em 3 de Novembro de 1863 :*

Já no dia 15 de Junho de 1863, tinha o ministro oriental das relações exteriores, João José de Herrera, dirigido aos representantes diplomaticos das potencias amigas da Republica uma nota-circular, na qual, de ordem do presidente Aguirre, expunha a desgraçada situação do paiz e solicitava a intervenção ou mediação de todas ellas reunidas. Attribuia a invasão do « selvagem e sanguinario » general Flôres ao apoio e a soccorros prestados pelos Argentinos; em geral, fazia de tudo responsavel o governo de Buenos-Aires. Sendo notorio que grande parte dos habitantes do paiz se compunha de estrangeiros, que tinham justo direito á protecção dos seus governos, o governo oriental deixava ao arbitrio dos respectivos representantes entenderem-se em commum sobre os meios de pôr termo á triste posição da Republica.

Respondendo á mencionada nota em 22 no dito mez de Junho, declarou o encarregado de negocios do Brazil, Barboza da Silva, que, não se achando munido de instrucções nem de plenos poderes para tão importante caso, ia immediatamente communical-a ao seu governo, e estava convencido de que este faria tudo quanto fosse possivel para patentear os sentimentos amigaveis que tributava á Republica Oriental do Uruguay. Entretanto, consentia o Sr. Barboza em que, na emergencia de um ataque á cidade de Montevidéo, desembarcassem as tropas de marinha que se achavam a bordo dos navios de guerra imperiaes ancorados no porto, e ficassem ellas á disposição do governo oriental para guardarem a alfandega, o banco, e quaesquer outros edificios em cuja conservação estivessem interessadas as nações que tinham representantes diplomaticos residentes em Montevidéo.

Tendo sido chamado Barboza da Silva, e nomeado ministro residente o Sr. Loureiro,

teve este ultimo ordem de dirigir-se a Buenos-Aires em missão confidencial. Nessa capital passou elle a seguinte nota ao governo da Republica Argentina (1) :

Buenos-Aires, 3 de Novembro de 1863. — Sr. ministro. — A difficil provação por que está passando a Republica Oriental do Uruguay, a perturbação da paz e da ordem legal, occasionada alli pela revolução capitaneada pelo general D. Venancio Flôres, tem despertado a mais séria attenção do governo imperial.

O governo de Sua Magestade, inteiramente estranho ás discordias civis daquella republica, e no firme proposito de conservar-se neutro entre os contendores, ainda recentemente assim o declarou em uma solemne occasião, por intermedio da legação imperial em Montevidéo, adoptando as medidas necessarias para tornar effectivo o seu pensamento, e dando por este modo irrecusavel testemunho da lealdade da sua politica.

O governo imperial faz sinceros votos pelo prompto restabelecimento da paz e união da familia oriental ; deplora essa guerra civil que tolhe o desenvolvimento do progresso e estanca as fontes da prosperidade daquelle estado ; julga que a inteira abstenção e a estricta neutralidade da parte dos paizes visinhos é um meio conducente á cessação desta luta que, ao passo que exhaure as forças vitaes da Republica Oriental, compromette tambem os interesses pacificos dos seus limitrophes.

No correr dos acontecimentos, factos hão tido logar que preoccupam o governo oriental levando-o mesmo ao ponto de suppor ameaçada a sua autonomia, a qual seria aliás mantida pelo governo imperial como um resultado indeclinavel dos pactos vigentes, e como uma condição indefectivel dos mutuos interesses e do equilibrio politico destas regiões.

A justa susceptibilidade do governo oriental tem qualificado aquelles factos como quebra de neutralidade, e, infelizmente, analogo juizo se manifesta tambem na opinião publica daquelle paiz, a qual enxerga nelles apoio prestado pelo governo argentino á causa da revolução.

Não póde o governo imperial deixar de accudir aos reclamos do governo oriental para convenientemente entender-se a tal respeito com o da Republica Argentina.

O governo de Sua Magestade, procurando esclarecer os factos e provocando explicações que de certo prevenirão futuras difficuldades e complicações de ordem mui séria, preenche um dever de lealdade e de boa visinhança, e dá mais uma prova da sua fidelidade aos ajustes internacionaes e da sua politica recta, conciliadora e pacifica.

Acho-me, pois, encarregado de solicitar amigavelmente do governo argentino explicações que sufficientes sejam para desvanecer as apprehensões e as duvidas de que está possuido o governo oriental.

O governo de Sua Magestade deseja, e ouvirá com vivo prazer, as referidas explicações, não duvidando que estas sejam por tal modo satisfactorias, que o habilitem a reconhecer que os factos estão em harmonia com a palavra autorisada e solemne do governo argentino.

Confia o governo imperial na sinceridade das declarações do governo argentino, seu visinho e seu amigo ; acredita nas seguranças cathegoricas dadas pelo mesmo governo no sentido de observar a mais estricta neutralidade na luta que se pleiteia na outra margem do Prata, e não póde dar-lhe um testemunho mais solemne desta sua convicção, do que proporcio-

---

(1) Consultem-se os relatorios do ministerio dos negocios estrangeiros de 1864 e 1865. O ministro Loureiro foi encarregado de uma missão confidencial junto ao governo de Buenos-Aires. Os documentos estão publicados n'esses relatorios.

nando-lhe a presente opportunidade de remover do espirito do governo oriental aquelles receios e dissipar aquellas apprehensões.

Ficando assim terminada a missão que me trouxe a esta capital, prevaleço-me da occasião para ter a honra de reiterar a S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde, ministro das relações exteriores, as expressões da minha mais elevada consideração.

A S. Ex. o Sr D. Rufino de Elizalde, ministro das relações exteriores.

João Alves Loureiro.

26

Nota do governo oriental á legação brazileira (13 *de Novembro de* 1863) :

Herrera communica a Mello e Alvim que Fausto Aguilar, um dos chefes rebeldes, por informações recebidas, passou-se para territorio brazileiro, e em casa do capitão Vergara, perto de Jaguarão, se está curando de seus ferimentos para voltar ao Estado Oriental. Tambem consta que em Jaguarão se acha Firmino Rodrigues, da força de Fidelis, reunindo gente para proteger a volta de Aguilar.

27

Resposta (14 *de Novembro de* 1863) :

O encarregado de negocios do Brazil, diz que nada sabe a respeito, mas que acaba de dirigir-se ao commandante da fronteira do Jaguarão.

28

Nota da legação brazileira (4 *de Dezembro de* 1863) (*resposta á de n.* 26) :

O ministro residente do Brazil, Loureiro, já de volta de Buenos-Aires, transmitte um officio que recebeu do general Ozorio, em que este diz que os factos constantes da nota de Herrera de 13 de novembro não são verdadeiros.

29

O ministro dos negocios estrangeiros do Brazil, marquez d'Abrantes, ao presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul :

Ministerio dos negocios estrangeiros. — 1.ª Secção. — Rio de Janeiro, em 22 de Dezembro de 1863. — Illm. e Exm. Sr. — O governo imperial tem visto com profunda magoa que, a despeito de suas instantes a reiteradas ordens e recommendações, a causa da rebellião, que actualmente flagella o Estado Oriental, continúa a encontrar o apoio e o concurso de alguns Brazileiros irreflectidos, que desconhecendo os seus proprios interesses e os do paiz, expõem assim o mesmo governo a accusações de deslealdade em suas declarações solemnes, e por ventura a conflictos internacionaes de consequencias gravissimas. — Além de infringir a abstenção e neutralidade, que tanto importa ao governo imperial fazer

guardar perante a desastrosa luta de que se trata, a imprudencia daquelles Brazileiros é tanto mais criminosa e condemnavel, quanto não só inhibe o mesmo governo de prestar-lhes a protecção devida, reclamando contra quaesquer vexames ou violencias de que podem ser victimas no caminho desatinado a que se lançáram, como, e o que mais difficulta a protecção e o apoio a que têm sagrado direito os Brazileiros inoffensivos, que residem no territorio da Republica, exclusivamente dedicados ao seu trabalho e á sua industria — A bem destes pois, e no intuito de corrigir ainda áquelles, prevenindo-os com tempo dos perigos que correm, o governo imperial, disposto a manter inalteravel a politica que adoptou como unica conveniente aos interesses do Imperio; e a não permittir que paire a menor suspeita sobre a lealdade e boa fé de suas declarações, resolveu dirigir a V. Ex. este despacho. — Tem elle por objecto não só reiterar as ordens e instrucções anteriormente expedidas para evitar toda a intervenção por parte dos subditos brazileiros na luta do Estado vizinho, como de novo recommendar a V. Ex. o emprego de todos os meios ao seu alcance para fazer effectivo o pensamento do governo imperial, já procurando persuadir os nossos concidadãos do dever e da conveniencia de se manterem completamente estranhos a essa luta, para pouparem a si e ao paiz perigos e difficuldades mui graves, já fazendo punir com todo o rigor da lei áquelles que, surdos á voz da razão e do dever, persistirem em seu desatinado proposito. — Autorisando a V. Ex. para dar a este despacho a maior publicidade possivel nessa provincia, aproveito o ensejo para renovar-lhe as seguranças de minha perfeita estima e distincta consideração.

MARQUEZ DE ABRANTES.

A S. Ex. o Sr presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

30

Missão especial do conselheiro Saraiva.

Do relatorio do ministro dos negocios estrangeiros do Brazil (1865) extrahimos os seguintes trechos :

« Missão especial do conselheiro Saraiva ao Rio da Prata. — São conhecidas as violencias, roubos e perseguições commettidas no Estado Oriental pelas proprias autoridades civis e militares da Republica, contra as pessoas e propriedades de subditos brazileiros alli residentes. Estes attentados sempre mereceram a mais séria attenção do governo imperial, como provam os documentos officiaes das reclamações que têm incessantemente sido endereçadas ao governo d'aquella Republica. Força é, porém, confessar que avultando tanto o numero d'estas reclamações, só em um ou outro caso tem ellas tido solução satisfactoria.

« Uma porção consideravel de Brazileiros reside e possue importantes estabelecimentos na Republica Oriental. E' sabido que não gozam elles plenamente das garantias que lhes concedem as leis do Estado. São sem distincção comprehendidos n'essas tropelias aquelles mesmos que inoffensivos se conservam dedicados exclusivamente ao seu trabalho, e á sua industria. D'ahi o recrudescimento das queixas d'aquelles Brazileiros e de toda a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e o estado de excitação em que se acha hoje a respectiva fronteira com o Estado visinho. O

governo imperial tem feito os maiores esforços para remover as causas d'essas justas queixas, mas inutilmente. As providencias que como satisfação ás instantes e reiteradas reclamações dos agentes brazileiros expede o governo da Republica para cohibir tantas violencias o atrocidades, são quasi sempre illudidas. Os seus autores, não poucas vezes os proprios chefes e delegados de policia, ficam impunes; e quando muito, e em casos muito especiaes, são demittidos sem nenhum outro castigo. Esta impunidade, a inefficacia ou indifferença official em assumpto tão grave é intoleravel.

« O governo imperial tem procurado, tanto quanto é possivel, na extensa fronteira que separa a importante provincia do Rio Grande da Republica, prevenir que os resentimentos degenerem em actos offensivos emanados do territorio brazileiro; mas não lhe é dado exercer a mesma acção sobre os subditos do Imperio que residem na Republica; sendo quanto a estes indispensavel que o governo oriental, por actos significativos, e medidas energicas, procure convencel-os de que terão uma solução satisfactoria as suas justas reclamações, e serão para o futuro respeitados os seus interesses e direitos, aliás garantidos pela propria constituição do Estado. Foi no intuito de evitar as consequencias de tão critico estado de cousas, que deliberou o governo imperial enviar uma missão especial á Republica Oriental do Uruguay.

« Esta missão confiada ao Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, tem por objecto conseguir por meios amigaveis, do governo da Republica Oriental do Uruguay, a solução de varias reclamações importantes, que perante elle temos pendentes, e a adopção de providencias e de medidas que efficazmente protejam e garantam no futuro a vida, honra e propriedade dos Brazileiros.

« O governo imperial estava no firme proposito de não affastar-se da politica que até aqui tem seguido nas suas relações com aquella Republica; mas considerando attentamente a gravidade da situação, reconheceu ser chegada a occasião de exigir o cumprimento da referida obrigação, seguramente comprehendida na politica de neutralidade e abstenção que adoptára. Fazendo um ultimo appello ao governo da Republica, no interesse das boas relações entre os dous paizes, tem por fim o governo imperial obter:

« 1.º O devido castigo, si não de todos, ao menos dos principaes criminosos que existem impunes. occupando até alguns d'elles postos no exercito oriental, ou exercendo cargos civis do Estado.

« 2.º A immediata destituição e responsabilidade dos agentes de policia que tem abusado da autoridade de que se acham revestidos.

« 3.º A indemnisação da propriedade que, sob qualquer pretexto, tenha sido extorquida aos Brazileiros, pelas autoridades militares ou civis da Republica.

« 4.º Que sejam postos em plena liberdade todos os Brazileiros, que houverem sido constrangidos ao serviço das armas.

« 5.º As convenientes ordens e instrucções aos diversos agentes da autoridade, recommendando-lhes a maior solicitude no cumprimento de seus de veres, communicando-lhes as penas em que terão de incorrer si deixarem de tornar effectivas as garantias a que têm direito os habitantes da Republica.

« 6.º O fiel cumprimento do accordo celebrado e subsistente entre o governo imperial e o da Republica, pelas notas reversaes de 28 de Novembro e 3 de Dezembro de 1857, no sentido de serem reciprocamente respeitados os certificados de nacionalidade, passados pelos competentes agentes dos dous governos aos seus respectivos concidadãos.

« 7.° Que os agentes consulares brazileiros residentes na Republica, sejam tratados com a consideração e deferencia devidas ao cargo que occupam.

« Está o governo imperial convencido de que o da Republica, não podendo desconhecer o fundamento e procedencia d'este ultimo reclamo, que amigavelmente lhe dirigimos, se apressará a corresponder com a solução desejada.

« São sem duvida melindrosas as circumstancias do governo oriental, mas não é menos certo que nem ellas impossibilitam a satisfação de nossas justas exigencias, nem póde por isso o governo imperial prescindir do cumprimento do seu rigoroso dever.

« A missão brazileira, como se deprehende do que deixo exposto, é inteiramente pacifica; mas no intuito de fazer respeitar o territorio do Imperio, e melhor impedir a passagem de quasquer contingentes pelas fronteiras da provincia do Rio Grande para o general Flôres, resolveu o governo imperial mandar collocar nas mesmas fronteiras uma força sufficiente, a qual servirá ao mesmo tempo para proteger e defender a vida, a honra e a propriedade dos subditos do Imperio, si, contra o que é de esperar, o governo da Republica, desattendendo ao nosso ultimo appello amigavel, não quizer ou não puder fazel-o por si proprio (1). »

31

Instrucções dadas pelo governo em 21 de Julho de 1865 ao commandante em chefe das forças navaes brazileiras no Rio da Prata, vice-almirante, visconde de Tamandaré (2), e ao general J. Propicio Menna Barreto, commandante em chefe do exercito de observação.

Ao commandante em chefe do exercito deu o ministro da guerra interino as seguintes instrucções :

« 1.° A divisão situada em Bagé deverá estar sempre prompta para expedir força em todas as direcções de nossa fronteira, e deve estar preparada para marchar para o Estado Oriental si succeder que alguma força consideravel do mesmo Estado ameace algum ponto da nossa fronteira.

« 2° A fronteira de Quarahim e Sant'Anna do Livramento continuará guarnecida do melhor modo que fôr possivel, e as forças que n'ellas estacionarem se conservarão sempre em perfeito estado de mobilidade, de sorte que possam operar promptamente. O mesmo se procurará observar a respeito das forças que guarnacem as fronteiras de Jaguarão. A fronteira de Chuy convém que seja bem guarnecida e commandada por um official de inteira confiança, a quem se prescreva toda a vigilancia e cuidado de sua defeza, a qual não deverá ser confiada sómente á guarda de forças de cavallaria, attenta a sua posição topographica, em relação á cidade do Rio Grande.

« 3.° Os commandantes parciaes d'estas fronteiras, deverão ter as necessarias ordens, para obrar repentinamente, como o caso exigir, nas seguintes hypoytheses : 1.° policia da fronteira; 2.° repellir qualquer invasão do nosso territorio; 3.° exercer represalias.

---

(1) **As intrucções dadas pelo governo ao conselheiro Saraiva podem ser lidas no folheto que esse estadista publicou sobre a sua missão.**

(2) **Extr. do Rel. do Min. dos negocios estrangeiros de 1865.**

« 4.° Na policia das fronteiras empregarão todos os meios para manter a tranquillidade e ordem, apprenhendendo os criminosos e desertores, e pessoas suspeitas que pretendam entrar ou sahir pela fronteira, não consentindo na reunião de individuos que pretendam passar para o Estado Oriental, com o fim de intrometterem-se nas questões intestinas d'aquelle paiz.

« 5.° Na defeza contra qualquer invasão do nosso territorio, o governo imperial conta que os bravos soldados do Imperio empenharão todo o seu costumado valor e lealdade na defesa dos direitos de nossa soberania territorial, quer defendendo por si mesmos os pontos que forem invadidos, quer auxiliando-se reciprocamente as forças destacadas umas ás outras, conforme as circumstancias exigirem.

« 6.° As represalias deverão consistir : 1.° na apprenhensão dos individuos reconhecidos como criminosos, contra as pessoas, ou propriedade dos Brazileiros; quer sejam autoridades, ou commandantes de forças, quer permaneçam sob sua protecção; 2.° na perseguição e captura d'aquelles que commetterem attentados contra as pessoas e propriedades dos Brazileiros; 3.° consummada a represalia, as partidas, ou forças que as fizerem se recolherão immediatamente ao territorio brazileiro; 4.° os individuos que forem presos em virtude das represalias, serão remettidos para as prisões das guarnições mais proximas, e ficarão sujeitos ás ordens do commandante das armas; 5.° a esphera das evoluções necessarias para realisarem-se as represalias, deverá ser os departamentos da fronteira terrestre do Estado Oriental, não só porque é n'elles que avultam os interesses brazileiros, como porque não convém estender a muito longe a acção de pequenas forças isoladas.

« 7.° O presidente do Rio Grande do Sul de accordo com o commandante das armas, poderá, conforme as circumstancias que occorrerem, mandar realisar quaesquer outras providencias que não se acharem contidas nas presentes instrucções, mas forem necessarias para fiel execução do pensamento do governo imperial, em relação á guarda e defeza da nossa fronteira, e apoio e protecção ás pessoas e propriedades dos cidadãos brazileiros.

« *Paço, em 21 de Julho de 1864.*

FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO BRUSQUE.

Instrucções dadas pelo ministerio da marinha ao commandante em chefe das forças navaes brazileiras no Rio da Prata :

« Ao commandante em chefe das forças navaes, incumbe :

« 1.° Dar toda a protecção aos Brazileiros, até mesmo com força, contra as perseguições que lhes forem feitas, e auxiliando, com os recursos á sua disposição, as requisições que lhe dirigem os nossos agentes diplomaticos e consulares.

« 2.° Fazer estacionar no Salto, em Paysandú, em Maldonado, ou em qualquer outro ponto, as canhoneiras que forem necessarias, em ordem a prestar o mais efficaz amparo e protecção aos subditos do Imperio, e apoio á acção das forças incumbidas de represalias pela fronteira do Chuy e do Quarahim.

« Aos respectivos commandantes incumbe especialmente :

« 1.° Velar na guarda das pessoas dos Brazileiros residentes n'essas localidades, prestar todo o auxilio que lhes fôr possivel.

« 2.° Empregar a força que fôr compativel com os meios de sua acção,

para repellir as aggressões feitas a subditos Brazileiros, capturando aquelles que forem autores d'esses attentados, ou sejam autoridades, ou simples cidadãos do Estado Oriental.

« Prestar toda a coadjuvação aos consules brazileiros.

« Secretaria de estado dos negocios da marinha, em 21 de Julho de 1864.

FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO BRUSQUE.

32

O exercito brazileiro quando rompeo a guerra em 1864.

A lei n. 1.220 de 20 de Junho de 1864 fixou a força de linha para circumstancias ordinarias em 18.000 praças de pret e 24.000 em casos extraordinarios, podendo este ultimo algarismo ser preenchido com 4,000 guardas nacionaes destacados.

As tropas achavam-se distribuidas em guarnições e nos fortes da fronteira; eram, porém, de todo insufficientes quer para o serviço de policia, que lhes era incumbido, quer para a defeza das proprias fronteiras, a tal ponto que, por causa da extraordinaria distancia a percorrer, tornou-se muito difficil a concentração na provincia do Rio Grande do Sul de um corpo de observação contra o Estado Oriental do Uruguay.

O quadro do exercito era este (1) :

I. — *Corpos especiaes.*

a) Estado-maior general a saber : 1 marechal de exercito, 4 tenentes-generaes, 8 marechaes de campo, 16 brigadeiros. Total 29 generaes.

b) Engenheiros : 8 coroneis, 14 tenentes-coroneis, 20 majores, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 30 capitães, 34 primeiros tenentes, 68 segundos tenentes. Total : 177.

c) Estado-maior de 1ª classe : 6 coroneis, 8 tenentes-coroneis, 12 majores, 24 capitães, 24 tenentes, 24 alferes. Total : 98.

d) Estado-maior de 2ª classe : 6 coroneis, 8 tenentes-coroneis, 12 majores, 18 capitães, 18 tenentes, 18 alferes. Total : 80.

e) Repartição ecclesiastica : 4 capitães, 6 tenentes, 30 alferes. Total : 40.

f) Corpo de saude : 1 coronel, 4 tenentes-coroneis, 8 majores, 42 capitães, 94 primeiros tenentes, 20 segundos tenentes. Total : 169.

II. — *Artilharia.*

a) 1 batalhão de engenheiros.

b) 1 regimento de artilharia a cavallo com 6 baterias : 1 coronel, 1 tenente-coronel, 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 6 capitães, 6 primeiros tenentes, 12 segundos tenentes. Total : 31.

c) 4 batalhões a pé com 8 companhias : 1 coronel, 3 tenentes-coroneis, 4 majores, 4 ajudantes, 4 quarteis-mestres, 4 secretarios, 32 capitães, 32 primeiros tenentes, 64 segundos tenentes. Total : 148.

d) 1 corpo com 4 companhias : 1 tenente-coronel, 1 major, 1 ajudante,

---

(1) Conferimos cudadosamente com o quadro que acompanha o relatorio da guerra de 1865, corringindo os erros do texto allemão.

1 quartel-mestre, 1 secretario, 4 capitães, 4 primeiros tenentes, 8 segundos tenentes. Total : 21.

e) 1 corpo com 2 companhias : 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 2 capitães, 2 primeiros tenentes, 4 segundos tenentes. Total : 12.

f) 1 corpo de artifices de 2 companhias : 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 2 capitães, 2 primeiros tenentes, 4 segundos tenentes. Total : 12.

g) 4 companhias de artifices : 4 capitães, 4 primeiros tenentes, 8 segundos tenentes. Total : 16.

III. — *Cavallaria.*

a) 5 regimentos com 8 companhias : 5 coroneis, 5 tenentes-coroneis, 5 majores, 5 ajudantes, 5 quarteis-mestres, 5 secretarios, 40 capitães, 40 tenentes e 80 alferes. Total : 200.

b) 1 corpo com 4 companhias : 1 tenente-coronel, 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 4 capitães, 4 tenentes, 8 alferes. Total : 21.

c) 1 esquadrão com 2 companhias : 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretairo, 2 capitães, 2 tenentes, 4 alferes. Total : 12.

d) 5 companhias : 5 capitães, 5 tenentes, 10 alferes. Total : 20.

IV. — *Infantaria.*

a) 7 batalhões de fusileiros com 8 companhias : 3 coroneis, 4 tenentes-coroneis, 7 majores, 7 ajudantes, 7 quarteis-mestres, 7 secretarios, 56 capitães, 56 tenentes, 112 alferes. Total : 259.

b) 9 batalhões de caçadores com 8 companhias : 3 coroneis, 6 tenentes-coroneis, 9 majores, 9 ajudantes, 9 quarteis-mestres, 9 secretarios, 72 capitães, 72 tenentes, 144 alferes. Total : 333.

c) 1 batalhão com 6 companhias : 1 coronel, 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 6 capitães, 6 tenentes, 12 alferes. Total : 29.

d) 1 batalhão de guarnição com 6 companhias : 1 coronel, 1 major, 1 ajudante, 1 quartel-mestre, 1 secretario, 6 capitães, 6 tenentes, 12 alferes. Total : 29.

e) 5 corpos de guarnição com 4 companhias : 2 coroneis, 3 tenentes-coroneis, 5 majores, 5 ajudantes, 5 quarteis-mestres, 5 secretarios, 20 capitães, 20 tenentes, 40 alferes. Total : 105.

f) 4 corpos de guarnição com 2 companhias : 4 majores, 4 ajudantes, 4 quarteis-mestres, 4 secretarios, 8 capitães, 8 tenentes, 16 alferes. Total : 48.

g) 2 companhias de guarnição : 2 capitães, 2 tenentes, 4 alferes. Total : 8.

V. — Mais 60 alferes-alumnos, 6 veterinarios, 5 picadores.

TOTAL DOS OFFICIAES

1 marechal de exercito, 4 tenentes-generaes, 8 marechaes de campo, 16 brigadeiros, 38 coroneis, 58 tenentes-coroneis, 94 majores, 43 ajudantes, 43 quarteis-mestres, 43 secretarios, 389 capitães, 447 primeiros tenentes ou tenentes, e 762 segundos tenentes e alferes, 6 veterinarios, 5 picadores. Ao todo : 1,957 oflfciaes.

33

A armada brazileira em 1864.

Segundo o mappa demonstrativo da força naval do imperio n. 15 do relatorio apresentado em 1865 pelo ministro Francisco Xavier Pinto Lima

DIVISÕES NAVAES

1ª *divisão :*

Fragata *Constituição*, 181 praças, no porto do Rio de Janeiro, servindo de escola para os aspirantes de marinha, tem a insignia do chefe de 1ª divisão.

Corveta *Bahiana*, 262 praças, no porto do Rio de Janeiro.

— *Imperial Marinheiro*, 172 praças, no porto do Rio de Janeiro.

Corveta *Dona Januaria*, 191 praças, no porto do Rio de Janeiro.

Vapor a helice *S. Francisco*, 96 praças, destacado no norte.

— — *Tieté*, 94 praças, no porto do Rio de Janeiro.

— — *Magé*, 130 praças, no porto do Rio de Janeiro.

2ª *divisão :*

Corveta *Berenice*, 140 praças, no porto do Rio de Janeiro.

Brigue *Maranhão*, 130 praças, na Bahia, tem a insignia do chefe da 2ª divisão.

Brigue-escuna *Tonelero*, 62 praças, em Pernambuco.

3ª *divisão :*

Brigue *Itamaraçá*, 130 praças, no Rio de Janeiro.

Hiate *Rio das Contas*, 43 praças, no Maranhão.

— *Cayrú*, 43 praças, no Pará.

Vapor de rodas *Pirajá*, 37 praças, em Manáos, ás ordens do presidente da provincia do Amazonas.

Vapor a helice *Ibicuhy*, 94 praças, no Pará, com a insignia do chefe da 3ª divisão.

FLOTILHAS

No Rio Grande do Sul.

Vapor de rodas *Cachoeira*, 18 praças, no Jaguarão.

— — *Amelia*, 34 praças, no Rio Grande do Sul.

— — *Fluminense*, 34 praças, no Rio Grande do Sul.

— — *Apa*, 50 praças, no Jaguarão.

Em Matto-Grosso.

Vapor de rodas *Jaurú*, 20 praças.

— — *Corumbá*, 21 praças.

— — *Alpha*, 20 praças.

— — *Cuyabá*, 22 praças.

— — *Paraná*, em fabrico.

ESQUADRA DE OPERAÇÕES NO RIO DA PRATA

(17 vapores e 2 transportes com 2,208 homens.)

Vapor de rodas *Amazonas*, 200 praças, força de 300 cavallos.
— — *Paraense*, 160 praças, força de 220 cavallos.
— — *Recife*, 150 praças, força de 150 cavallos.
— — *Taquary*, 57 praças, força de 40 cavallos.
— a helice *Nictheroy*, 342 praças, força de 200 cavallos, (com a insignia do vice-almirante visconde de Tamandaré).
— — *Jequitinhonha*, 130 praças, força de 120 cavallos.
— — *Parnahyba*, 111 praças, força de 120 cavallos.
— — *Belmonte*, 110 praças, força de 120 cavallos.
— — *Maracanã*, 64 praças, força de 80 cavallos.
— — *Mearim*, 94 praças, força de 100 cavallos.
— — *Itajahy*, 94 praças, força de 80 cavallos.
— — *Beberibe*, 130 praças, força de 130 cavallos.
— — *Iguatemy*, 94 praças, força de 80 cavallos.
— — *Araguay*, 94 praças, força de 100 cavallos.
— — *Ivahy*, 94 praças, força de 100 cavallos.
— — *Araguary*, 94 praças, força de 80 cavallos.
— — *Ypiranga*, 114 praças, força de 70 cavallos.
Transporte *Pepiri-Assú*, 48 praças.
— *Iyuassú*, 28 praças.

NAVIOS SOLTOS

Vapor de rodas *Jaguarão*, 52 praças, força de 100 cavallos, no serviço da barra do Rio Grande do Sul.

Vapor de rodas *Tamandatahy*, 34 praças, força de 40 cavallos, no Tieté ao serviço do estabelecimento naval de Itapura.

TOTAL DA FORÇA EMBARCADA

Officiaes das diversas classes de embarque............	609
Praças de pret e de marinhagem............................	3.627
Total.........	4,236

Conforme o relatorio do anno de 1863, este total foi de 3,203; portanto de 1,033 praças de menos (1).

34

Ultimatum de 4 de Agosto do enviado extraordinario do Brazil, conselheiro Saraiva, e recurso a represalias.

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 4 de Agosto de 1864. — Sr. ministro. — O governo de S. M. o Imperador do Brazil acaba de ordenar-

(1) Esta relação foi extrahida pelo Sr. Schneider do relatorio da marinha de 1865. O mappa foi organisado no 1° de Abril de 1865. Conferimos a relação acima com o mappa. Está exacta.

me que eu communique ao governo da Republica Oriental do Uruguay a grave deliberação de que venho dar conhecimento a V. Ex.

Antes de fazel-o, permitta-me V. Ex. que recorde em termos breves a marcha da negociação que encetei, e que, a meu pezar, não foi considerada pelo governo oriental com a benevolencia aconselhada pelos momentosos interesses n'ella envolvidos.

Quando o governo de Sua Magestade resolveu enviar-me em missão especial a esta Republica, entendeu dever patentear, do modo, mais solemne, os motivos do seu proceder, e o fim a que se propunha.

As violencias e as extorsões, os roubos e os assassinatos perpetrados no territorio da Republica, desde 1852, contra cidadãos brazileiros, e em que figuravam como cumplices, mandantes, e até como executores, os proprios agentes do poder;

A impunidade, resultante ou de negligencia na perseguição dos indiciados, ou de escandalosas sentenças dos juizes;

A indifferença do governo supremo, que não escutava com interesse as queixas dos representantes do de Sua Magestade, nem procedia com decisão a respeito dos delinquentes, ou das autoridades seus patronos;

A gravidade de uma tal situação, mormente nos departamentos limitrophes povoados na maxima parte por Brazileiros;

A circumstancia de se haverem esses males aggravado com a guerra civil, que ha cerca de 15 mezes traz o interior do paiz em convulsão permanente;

A impotencia do governo da Republica para reprimir esta luta intestina, e muito menos para proteger aos estrangeiros, sendo estes ao contrario victimas dos proprios chefes militares do exercito legal;

A convicção derramada entre os meus compatriotas, cujo numero no Estado Oriental excede talvez de um quarto da totalidade dos seus habitantes, em grande parte estrangeiros, de que é systematica a perseguição das suas pessoas e a devastação das suas propriedades :

Tudo isso, exigia Sr. ministro, que o governo imperial, convencido da inefficacia das suas diligencias anteriores, formulasse o ultimo appello amigavel ao governo desta Republica, de cuja prudencia ainda esperava a reparação devida por factos de tão notoria gravidade.

Insistir nas reclamações por taes crimes, e conseguir que medidas energicas e preventivas obstassem a sua reproducção, era, Sr. ministro, direito perfeito do Imperio, tanto quanto uma pretenção moderada.

Os motivos do seu proceder, e o fim a que se propunha, exprimiu-os o meu governo de um modo explicito, e sem reserva alguma, em documentos publicos, do mesmo modo por que eu depois o fiz a V. Ex. em nota de 18 de Maio.

Entretanto, imputando-se á missão de que eu fôra encarregado, o caracter de ameaça, vi com sorpresa que a propria imprensa official não descançava no empenho de accender os prejuizos populares contra a politica do Imperio ; e tive até o desgosto de carecer dissipar as suspeitas infundadas de que V. Ex. mesmo pareceu-me possuido.

Em taes circumstancias, cumpria-me protestar, assignalando, como o fiz, ás vistas elevadas do governo imperial, sempre superior ás paixões e aos interesses dos partidos que dividem os habitantes da Republica ; a solicitude com que se empenha em garantir os direitos dos Brazileiros aqui domiciliados, como o unico meio efficaz de separal-os de quanto os possa vincular ás questões intestinas do paiz onde residem ; a nobreza com que, quaesquer que sejam os seus justos resentimentos, tem-se abstido

sempre de aggravar por meio de exigencias que aliàs lhe fôra licito fazer, a sorte precaria do governo oriental.

Preferindo sempre o emprego dos meios dignos de povos visinhos e amigos, não precipitei os acontecimentos, e em diversas conferencias com V. Ex. e com S. Ex. o Sr. presidente procurei patentear a legitimidade de minhas reclamações.

Foi-me, porém indispensavel muita prudencia para superar os embaraços creados pela imprensa official, fecunda na exploração de terrores fantasticos, incansavel em desvairar a opinião publica e em emprestar ao meu governo intenções occultas, n'uma linguagem impossivel de qualificar sem offensa para o governo oriental, que não permitte publicações contrarias á sua politica.

Reprimindo meu profundo pezar, da crença de que o governo da Republica resistiria por fim ás suggestões exaltadas do partido da situação, tive a honra de passar a V. Ex. a nota citada de 18 de Maio, acompanhada da memoria dos factos constitutivos das reclamações pendentes.

Servi-me de uma linguagem moderada, abstrahi-me de considerações que pudessem perturbar a calma em que parecia-me necessario manter a discussão, limitei-me a expôr e justificar as medidas repressivas dos crimes e abusos de autoridade, muitos dos quaes são notorios a nacionaes e estrangeiros.

Essas medidas reduzem-se ás seguintes :

1.ª Que o governo da Republica faça effectivo o castigo, si não de todos, ao menos daquelles dos criminosos reconhecidos que passeiam impunes, alguns occupando até postos no exercito oriental, ou exercendo cargos civis no Estado.

2.ª Que sejam immediatamente destituidos e responsabilisados os agentes de policia que têm abusado da autoridade de que se acham revestidos.

3.ª Que se indemnise competentemente a propriedade que sob qualquer pretexto, tenha sido extorquida aos Brazileiros pelas autoridades civis ou militares.

4.ª Que sejam postos em plena liberdade todos os Brazileiros constrangidos ao serviço das armas.

5.ª Que o governo da Republica expeça, dando-lhes toda a publicidade, ordens e instrucções aos seus diversos delegados, nas quaes, condemnando solemnemente os alludidos escandalos e attentados, recommende a maior solicitude e desvelo na execução das leis da propria Republica, comminando as penas por essas mesmas leis impostas aos transgressores, de modo a tornar effectivas as garantias nellas promettidas aos habitantes do seu territorio.

6.ª Que expeça do mesmo modo ordens e instrucções para que se cumpra fielmente o accôrdo celebrado, e subsistente pelas notas reversaes de 28 de Novembro e 3 de Dezembro de 1857 no sentido de serem reciprocamente respeitados os certificados de nacionalidade passados pelos competentes agentes dos dous governos aos seus respectivos concidadãos.

7.ª Finalmente, que empregue os meios precisos para que os agentes consulares Brazileiros sejam tratados com a consideração e deferencia devidas ao lugar que occupam, respeitando-se as attribuições e regalias que lhes são proprias, já pelos estylos consagrados entre nações civilisadas, jà pelo direito convencionado entre o Imperio e a Republica.

Quando eu dirigia-me ao bom senso e á honra do governo oriental, formulando um pedido de caracter tão moderado como o d'essas providencias que é dever de todo o governo civilisado adoptar espontaneamente, e sem provocação das potencias estrangeiras, por bem da tranquillidade

d'aquelles que, procurando o seu territorio confiam na justiça dos tribunaes e nos agentes do poder publico, estava bem longe de acreditar Sr. ministro, que V. Ex. em resposta recorreria, como o fez por sua nota de 24 de Maio, a recriminações inopportunas contra o proprio governo de Sua Magestade, no intuito certamente de perturbar e desviar a discussão.

Fiel ao proposito funesto de não encarar as questões internacionaes sinão pelo prisma das paixões de partido que commovem e arruinam o paiz, o governo oriental preferiu oppôr aos reclamos do de Sua Magestade as accusações vulgares da imprensa desvairada, imputando ao Brazil e á Republica Argentina a responsabilidade da presente guerra civil. Como si os paizes visinhos pudessem participar dos deploraveis erros da politica interna do Estado Oriental, cujo governo não comprehendeu ainda o dever da tolerancia e da moderação nas lutas dos partidos, e cuja historia reduz-se ao exilio e ao supplicio de alguns cidadãos em proveito exclusivo de outros!

Longe de manifestar a intenção de garantir por qualquer modo a sorte dos subditos de Sua Magestade, o governo da Republica limitou-se a accusa-los de auxiliarem a rebellião julgando-se porventura dispensado por isso de proteger-lhes a vida e a propriedade, e aceitando assim a cumplicidade com os chefes militares, que, ás ordens do general D. Diogo Lamas, actual ministro da guerra, devastaram e até incendiaram estancias de Brazileiros sob o futil pretexto de que sympathisavam com o revolta.

Não ficou esquecido o facto de se haverem alistado sob as bandeiras do general D. Venancio Flôres varios dos meus compatriotas, muitos d'elles aliás, convem notal-o, victimas de violencias impunes, permittidas ou praticadas pelas autoridades, entretanto que o exercito legal conta centenares de estrangeiros violentados ao serviço militar. Invocando esse facto, porém, o governo da Republica não podia crêr que elle lhe permittisse isentar-se da obrigação de não consentir que no seu territorio seja o estrangeiro, como o têm sido alguns dos subditos de Sua Magestade, impunemente esfaqueado, assassinado, e até açoutado de ordem e na presença de autoridades superiores, tal como foi praticado por D. Leandro Gomez, chefe militar do departemento de Paysandú.

Ao passo que V. Ex. procurava, na sua nota alludida, excitar contra o Brazil o espirito nacional, o governo da Republica esquecia-se de promover o restabelecimento da tranquillidade, a harmonia de todos os Orientaes, chamando-os a um centro de acção contra os perigos que V. Ex. denunciava. Isto demonstra claramente que o governo de V. Ex. nada receiava d'esses fantasticos perigos, e só de caso pensado repetia os mesmos erros vulgares d'aquelles que não comprehendem o que houve de nobre e util nas convenções que deram existencia e asseguraram a integridade e a soberania d'esta Republica, digna seguramente, por todos os titulos, de melhor sorte.

Na franqueza com que se expressava V. Ex., revelou que nada podia ver sinão pelo prisma das questões internas, e que confundia a attitude séria e grave do Imperio do Brazil com os interesses que agitam-se em derredor do partido dominante na Republica e ameaçam a existencia do governo actual.

Não careço de insistir no que já ponderei a este respeito na minha nota de 4 de Junho. Mostrei então a V. Ex., prevalecendo-me de palavras muito significativas da sua propria correspondencia com a legação imperial, que, e até uma data bem recente (31 de Dezembro), o governo da Republica se manifestára sempre muito reconhecido pelo esforço com que o de Sua Magestade procurava evitar e reprimir a intervenção de Brazileiros na luta travada n'este paiz ; que V. Ex. invocára por vezes o auxilio dos delegados

de Sua Magestade, e que este jàmais faltou-lhe para semelhante fim ; que, certamente, nenhum Brazileiro incorporar-se-hia ás forças revoltosas si encontrasse justiça nos tribunaes e protecção nas autoridades.

A politica intolerante do governo oriental forçára alguns dos meus compatriotas a recorrer ás armas para se defenderem a si e ás suas familias ; e é notavel Sr. ministro, que, partindo d'esse facto sem assignalar lhe a causa, V. Ex. pretendesse accusar o meu governo de concorrer para o triumpho da rebellião.

Isto dava-me a medida das paixões que dominavam o governo da Republica, victima da mais inexplicavel allucinação.

A nota, cujo pensamento acabo de expôr em resumo, desvaneceu toda a esperança que podia eu ter de conseguir as garantias e as reparações solicitadas por meu governo.

Si, n'essa occasião, vencido pelo modo com que V. Ex. julgou poder contestar a minha primeira nota, tão moderada quanto a de V. Ex. foi inconveniente, eu houvesse respondido com um *ultimatum* laconico e decisivo á negativa formal opposta pelo governo da Republica ás solicitações do de Sua Magestade, exerceria certamente um direito de que V. Ex. me estimulára a prevalecer-me sem demora.

Não o fiz porém ; e, pelo contrario, fiel á politica de longanimidade que tem distinguido o proceder do governo do Imperador nas suas relações especiaes com este paiz, aventurei, mesmo no momento em que vindicava a honra offendida do meu paiz e os direitos dos meus concidadãos, conselhos amigaveis que fizessem o governo oriental comprehender a fatalidade das suas preoccupações e os perigos do seu procedimento. O meu governo applaudiria sempre a moderação do seu representante n'esta Republica ; estava eu certo d'isso, e julguei não dever romper as negociações sem exhaurir a ultima esperança de conciliação ; entendi que me cumpria indicar ao governo oriental o modo pratico de habilitar-se para resolver promptamente as suas questões internacionaes, isto é, a pacificação do seu paiz.

Para que não reste sombra de duvida sobre o interesse sincero que ainda uma vez o governo de Sua Magestade revelou pela sorte do Estado Oriental, longe de regozijar-se com as lutas que o estão anniquilando transcreverei aqui textualmente as palavras de que servi-me na citada nota de 4 de Junho e que resumem o mesmo pensamento das minhas conferencias com V. Ex., e com S. Ex. o Sr. presidente :

« O respeito ao principio de autoridade, dizia eu, é certamente a mais alta conveniencia da Republica e sua necessidade mais palpitante. No dominio desse principio fundou sempre o governo imperial as mais vivas esperanças a bem dos direitos e dos interesses dos seus concidadãos. A guerra, porém, prolongando-se sem termo previsto, enfraquece cada vez mais esse principio, desenvolvendo os habitos de caudilhagem. A repressão é realmente o meio legitimo de pôr termo ás guerras civis. Para que elle aproveite, porém, é mister que tenha o governo que o emprega força para tornal-o efficaz, e superioridade de espirito bastante para extinguir, pela clemencia e generosidade, as paixões que originaram a guerra e os odios que ella creou. Sem isto a continuação da guerra civil é peior que o seu desapparecimento mediante transacções que salvem o Estado da anarchia presente, deixando aos governos futuros o cuidado de extinguir lentamente os germens de que possam reproduzir-se essas crises fataes da infancia das nações. — Impossibilitar a paz por esse modo, quando se não póde reprimir a guerra civil, me parece, Sr. ministro, uma politica funesta. — Fallando da paz, não posso deixar de manifestar os votos que por ella forma o governo imperial, e as esperanças que nutre de vê-la

resolver nossas difficuldades internacionaes. — Só a paz tornará exequivel o desejo, que V. Ex. revela, de entrar em ajustes que, extinguindo as accusações retrospectivas, guiem os dous governos no exame dos meios de remover os males do presente e impedir a sua reproducção. »

Aguardando as ordens do governo imperial a quem logo informei da resposta negativa opposta ás suas reclamações, eu fazia votos para que o governo da Republica reflectisse na gravidade da situação e na responsabilidade que assumira.

Um supremo esforço de patriotismo e abnegação poderia restituir a paz ao Estado Oriental por meio de transacções razoaveis.

Libertado das preoccupações da politica interior, que o tornam tão suspeitoso e intratavel para com o Imperio, o governo da Republica comprehenderia então a necessidade de cimentar as relações de amizade, que devem ser cultivadas por todos os Brazileiros e Orientaes, como reclamam os interesses reciprocos de ambos os paizes.

Não era eu sómente quem depositava na paz interna do Estado Oriental a esperança da solução completa de suas questões internacionaes, das difficuldades que cercam o seu governo e o isolam de seus vizinhos.

A população laboriosa da Republica e os seus homens mais notaveis tinham iguaes sentimentos.

O illustrado governo da Republica Argentina, vencendo nobremente a distancia que o separava do governo oriental, com quem havia interrompido as relações diplomaticas, enviou a esta capital um personagem de elevado caracter e superior merecimento, o poprio ministro das relações exteriores, afim de promover a realisação da paz almejada por todos.

E para assignalar o caracter generoso das diligencias feitas n'esse sentido, basta-me dizer que não duvidou prestar-lhes o seu muito valioso concurso o nobre cavalheiro que em Buenos-Aires representa com tanta dignidade o governo de S. M. Britannica.

Os honrados ministros a que tenho alludido, Srs. Rufino de Elilizalde e Eduardo Thornton, conscios das intenções e do fim da missão especial do Brazil, procederam sempre de perfeito accôrdo comigo ; e todos, durante longos dias, expondo a provas muito duras a nossa paciencia, julgamos ter feito a bem da pacificação do Estado Oriental os esforços possiveis, no meio dos preconceitos de partido, atravéz dos interesses ameaçados, e apezar das injustiças da propria imprensa official.

Essas tentativas, porém, determinadas por sentimentos mal apreciados, é verdade, mas de que seguramente nos desvanecemos, mallograram-se por motivos que estão no dominio publico. A paz dependia de uma condição fundamental consignada na carta do Sr. general D. Venancio Flôres, que hoje V. Ex. conhece. Tendo-a recusado S. Ex. o Sr. presidente, de quem isso dependia, frustrou-se a negociação.

Mas o facto de a terem promovido os represantes justamente dos dous paizes limitrophes, cujos governos V. Ex. accusára de cumplicidade com a revolta e de tramarem a ruina do Estado Oriental, prova a toda a luz, Sr. ministro, duas verdades que careço assignalar.

A primeira que, si as intenções dos governos dos dous povos vizinhos não fossem muito nobres e confessaveis, os seus agentes não teriam procurado com tanto empenho effectuar a paz, antes seriam indifferentes ao prolongamento da guerra civil e á sorte que o seu resultado haja de reservar ao governo oriental.

A segunda que, si a guerra civil perturba a tranquillidade da Republica, não offende menos aos interesses dos paizes limitrophes, cujas ques-

tões pendentes só pódem ser bem resolvidas no regimen normal, creado pelo restabelecimento da ordem.

Desvanecida a esperança de verificar-se a paz interna, achei-me no ponto em que me deixára a primeira nota de V. Ex.

Solicitei então as ultimas ordens do meu governo, dando no emtanto ao da Republica tempo para que reflectisse sobre as difficuldades da sua situação, e effectuasse por si mesmo a paz do Estado Oriental, que allegára não ter-se verificado em consequencia da pressão estrangeira.

Tenho, portanto, Sr. ministro, exhaurido os esfoços possiveis para conservar á minha missão o caracter amigavel, que lhe déra o governo de Sua Magestade, como o exigem os verdadeiros interesses do Imperio e da Republica.

Agora, porém, não me cabe outro arbitrio senão cumprir as ordens do meu governo.

Em virtude d'ellas, venho notificar a V. Ex. o ultimo appello amigavel que o governo de S. M. o Imperador dirige ao governo da Republica Oriental do Uruguay, solicitando as satisfações pedidas em minha nota de 18 de Maio, pela fórma n'ella contida e acima transcripta.

E, si dentro do prazo improrogavel de seis dias, contados d'esta data, não houver o governo oriental attendido aos reclamos do governo imperial, não podendo este tolerar por mais tempo os vexames e perseguições que soffrem seus concidadãos, e tendo indeclinavel necessidade de garantil-os por qualquer modo, estou habilitado para declarar a V. Ex. o seguinte :

— Que as forças do exercito brazileiro estacionadas na fronteira receberão ordem para procederem a represalias, sempre que fôrem violentados os subditos de Sua Magestade ou fôr ameaçada a sua vida e segurança, incumbindo ao respectivo commandante providenciar, pela fórma mais conveniente e efficaz, a bem da protecção de que elles carecerem;

— Que tambem o almirante barão de Tamandaré receberá instrucções para do mesmo modo proteger, com a força da esquadra ás suas ordens, aos agentes consulares e aos cidadãos brazileiros offendidos por quaesquer autoridades ou individuos incitados a desacatos pela violencia da imprensa ou instigação das mesmas autoridades.

As represalias e as providencias para garantia dos meus concidadãos, acima indicadas, não são, como V. Ex. sabe, actos de guerra ; e eu espero que o governo d'esta Republica evite augmentar a gravidade d'aquellas medidas, impedindo successos lamentaveis, cuja responsabilidade pesará exclusivamente sobre o mesmo governo.

Cumpre ao governo oriental ponderar os embaraços e medir os resultados da posição que assumir.

Cumpre-lhe reflectir que, quaesquer que sejam as consequencias supervenientes, unicamente de si proprio dever-se-ha queixar, e da pertinacia com que tem querido desconhecer a gravidade da situação do seu paiz.

Desempenhando por esta fórma as ordens do meu governo, reitero a V. Ex. os votos de minha muito distincta consideração.

A' S. Ex. o Sr. D. João José de Herrera, ministro das relações exteriores da Republica Oriental do Uruguay.

José Antonio Saraiva.

35

Notificação do plenipotenciaro brazileiro sobre as represalias.

O governo oriental respondeo ao *ultimatum* com uma extensa nota em que se lê este trecho :

« Attendendo a isto, recebi ordem de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica para devolver a V. Ex., por inaceitavel, a nota do *ultimatum* que dirigiu ao governo. Ella não póde permanecer nos archivos orientaes. » (Vej. os documentos sobre essa missão nos Relatorios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1864 e 1865 e no folheto *Correspondencia e Documentos officiaes relativos á missão especial do conselheiro Saraiva ao Rio da Prata em 1864* (Bahia, 1872, Typographia do *Diario).*

O plenipotenciario brazileiro respondeu a esta nota do seguinte modo :

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 10 de Agosto de 1864. — Sr. ministro. — Tendo o governo oriental deliberado desattender ao ultimo appello amigavel que por meu intermedio lhe dirigira o governo de sua Magestade o Imperador, a bem da justiça e protecção devida aos Brazileiros residentes na Republica, recusando-se a fazer punir os graves attentados e abusos de autoridade, assignalados em minha nota de 18 de Maio ; e propondo-me V. Ex., em data de hontem, expediente que illude a questão, ou adia a difficuldade ; sendo ao contrario urgente providenciar em prol da segurança da vida e propriedade dos Brazileiros domiciliados nos departamentos interiores, e em manifesto perigo no meio das perturbações d'este paiz, que desgraçadamente aggravam-se e prolongam-se, vejo-me na imperiosa necessidade de annunciar a V. Ex. que, segundo as ordens do meu governo, vão ser expedidas instrucções ao almirante barão de Tamandaré, e ao commandante dos corpos do exercito estacionados na fronteira, para procederem a represalias, e empregarem as medidas mais convenientes em ordem a tornar effectiva por si mesmos a protecção a que têm direito os subditos brazileiros, e que não póde assegurar-lhes o governo oriental.

Para que V. Ex. fique plenamente informado da deliberação do governo de Sua Magestade, cabe-me accrescentar, que elle julga do seu dever permanecer n'essa attitude emquanto o governo oriental não adoptar as providencias, e não dér as satisfações reclamadas, nem reparar as offensas praticadas contra a nação brazileira.

Outro sim, posto que o designio principal do meu governo seja garantir por si mesmo a segurança pessoal e a propriedade dos seus concidadãos, até que se torne effectivo o cumprimento das leis da Republica, não duvidará comtudo proceder a represalias especiaes a respeito de cada um dos casos occorridos, e mesmo augmentar a gravidade das medidas que vão ser autorizadas, si a attitude que assume fôr insufficiente para alcançar tudo quanto em nome d'elle sollicitei pela nota referida de 18 de Maio.

Tal é, Sr. ministro, a deliberação do meu governo em vista da resposta negativa do governo oriental, constante da nota datada de hontem a qual devolvo a V. Ex., não só pela razão que V. Ex. invocou para justificar igual procedimento, isto é, por ser formulada em termos que não desejo qualificar, mas por conter estranhas inexactidões de facto, ocioso de elucidar. Dando assim por finda a missão especial de que eu fôra encarregado

perante o governo oriental, tenho a honra de reiterar a S. Ex. o Sr. ministro das relações exteriores, os votos de minha muito alta consideração.

A S. Ex. o Sr. D. Juan José de Herrera.

JOSÉ ANTONIO SARAIVA.

36

Circular ao corpo diplomatico residente em Montevidéo (sobre as represalias).

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 10 de Agosto de 1864. — Sr. ministro. — Em 4 do corrente dirigi ao governo oriental um *ultimatum* sollicitando de novo a solução de varias reclamações pendentes e a adopção de providencias a bem da garantia da vida e propriedade dos subditos de S. M. o Imperador do Brazil, meu augusto soberano.

Acabo de receber do referido governo uma resposta que illude a questão e reduz-me á mesma negativa anteriormente opposta ás solicitações amigaveis do governo imperial.

Por isso, e porque as actuaes circumstancias da Republica não permittem segurança e tranquillidade aos Brazileiros residentes nos departamentos interiores, achei-me na imperiosa necessidade de notificar ao governo oriental, como agora o faço, que os chefes das forças de S. M. receberam n'esta data instrucções para procederem a represalias nos termos do mesmo *ultimatum*, emquanto não forem dadas as satisfações e reparações pedidas.

Tenho ordem do meu governo para fazer a V. Ex. esta communicação, passando-lhe as inclusas cópias d'aquelle documento e da minha nota de hoje, das quaes V. Ex. conhecerá a natureza dos factos que houverem de praticar as forças brazileiras e os motivos do procedimento do governo imperial.

Prevaleço-me d'esta opporunidade para exprimir a V. Ex. a segurança de minha mais distincta consideração.

A S. Ex. o Sr...

JOSÉ ANTONIO SARAIVA.

37

Convenção entre o almirante Tamandaré e o general Flôres, na Barra do Santa Lucia (20 de Outubro de 1864) para procederem a hostilidades contra o governo de Montevidéo.

Flôres ainda não tinha sido reconhecido belligerante pelo Imperio. Eis o officio dirigido por esse general ao almirante Tamandaré :

Quartel-general. — Barra do Santa Lucia, 20 de Outubro de 1864. — Sr. almirante. — Collocado á frente da revolução oriental, que não se faz solidaria da responsabilidade que assumiu o governo de facto de Montevidéo e contra o qual o paiz protestou por meio d'essa revolução, que condemna os actos offensivos commettidos contra o Imperio do Brazil e seus cidadãos, cumpre-me fazer presente ao Sr. almirante que considero necessario

tornar communs os nossos esforços para chegar á solução das difficuldades internas da Republica, e das suscitadas com o governo do Imperio, ao qual estou disposto, na intelligencia de que a revolução á que presido em nome do paiz, attenderá ás reclamações do governo imperial, formuladas nas notas da missão especial confiada a S. Ex. o Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, e lhes dará condigna reparação em tudo aquillo que seja justo e equitativo, e que esteja em harmonia com a dignidade nacional, e que não seja obtido como uma consequencia natural e forçosa do triumpho da revolução.

Ao fazer esta manifestação a V. Ex. julgo ser écho da opinião do meu paiz, em cujo nome contraio este compromisso, que será executado assim que fôr obtido o completo triumpho da causa que representamos.

Deus guarde ao Sr. almirante muitos annos.

A S. Ex. o Sr. barão de Tamandaré.

VENANCIO FLÔRES.

O vice-almirante brazileiro respondeu a esta nota do general Venancio Flôres, em officio de 20 de Outubro de 1864 :

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo da corveta *Recife* na barra do Santa Lucia, em 20 de Outubro de 1864. — Illm. e Exm. Sr. — Tenho presente a nota que V. Ex. acaba de dirigir-me em data de hoje, na qual me communica que como chefe da revolução da Republica Oriental do Uruguay, julga necessario unir os seus esforços aos meus, para chegar á solução das difficuldades internas do seu paiz, e das que têm sido suscitadas ao governo imperial pelo governo de Montevidéo, visto que a revolução á que V. Ex. preside reconhece a justiça das reclamações do governo imperial, formuladas nas notas da missão especial, confiada a S. Ex. o Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, e condemna os actos offensivos ao imperio do Brazil, praticados pelo referido governo.

Accrescenta V. Ex. que ao fazer-me esta manifestação crê ser o écho da opinião de seu paiz, em cujo nome contrahe o compromisso, que será revalidado, obtido o triumpho da causa que representa, de dar a condigna reparação áquellas reclamações cujo fundamento V. Ex. tem demonstrado reconhecer.

Fazendo a devida justiça á nobreza dos sentimentos de V. Ex. e á maneira honrosa com que se mostra disposto a reparar estes males e offensas, devo declarar a V. Ex. que *terei a maior satisfação em cooperar com V. Ex.* para o importante fim de restabelecer a paz da Republica, e de reatar as amigaveis relações d'ella com o Imperio, rôtas pela imprudencia d'aquelle governo, tão anti-patriotico, como injusto em todos os seus actos.

« Para tornar uma realidade esta cooperação, a divisão do exercito imperial que *penetra no Estado Oriental*, com o concurso da esquadra do meu commando, se apoderará do Salto e Paysandú, como represalias, e immediatamente *subordinará estas povoações á jurisdicção de V. Ex.*, visto o compromisso de reparação que V. Ex. contrahiu, entregando-as ás autoridades legaes que V. Ex. designar para tomar conta d'ellas, e só conservará ahi a força *que V. Ex. requisitar* para garantil-as, de que não tornem a cahir no poder do governo de Montevidéo.

Não duvidarei tambem operar com o apoio das forças dependentes de V. Ex. que se acham em Mercedes, e ao norte do Rio-Negro, para, não só

impedir que o general Servando Gomez passe para o sul d'esse rio com o exercito que commanda, como para obrigal-o a largar as armas.

Creio que V. Ex. avaliará o quanto efficaz é o apoio que lhe garanto debaixo de minha responsabilidade, o qual se traduzirá immediatamente em factos, e reconheçerá n'elle mais uma prova da sympathia do Brazil pela Republica Oriental, a cujos males estimaria pôr um termo, concorrendo para constituir o governo que a maioria da nação deseja, e que só encontra opposição em um reduzido numero de cidadãos.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. brigadeiro-general D. Venancio Flôres, commandante em chefe do exercito libertador.

Barão de Tamandaré.

38

Assalto e tomada de Paysandú

† **Officio do almirante Tamandaré :**

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo da corveta « *Nictheroy* », em Montevidéo, 2 de Fevereiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Aproveito a partida do paquete nacional *Oyapock*, para dar conta detalhada a V. Ex. das operações feitas contra Paysandú pelas nossas forças combinadas de mar e terra, alliadas (1) com o general D. Venancio Flôres, commandante em chefe do exercito oriental ; as quaes terminaram pela tomada daquella importante praça militar no dia 2 do mez findo.

Peço desculpa a V. Ex. por não ter logo dado parte deste glorioso feito de armas. Para escrever esta brilhante pagina da historia patria precisava o conhecimento da verdade em toda a sua extensão. Desejava-o fazer com criterio e justiça, porque si ella interessa á honra do paiz, não importa menos ao credito dos valentes officiaes, marinheiros e soldados que expuzeram suas vidas para salvar a dignidade nacional offendida, e que por isso têm direito a uma menção que os assignale pelo seu comportamento na acção, a qual deve ser baseada na certeza dos factos occorridos, e não fundada sómente nas informações do momento, que não podem ser averiguadas, e que ordinariamente trazem o cunho da affeição pessoal, ou de outras sympathias e affinidades, e produzem injusta apreciação do merecimento relativo.

Hoje com mais calma e reflexão posso referir os acontecimentos, e dizer ao meu governo os nomes daquelles que mais se distinguiram, que concorreram para o triumpho de nossas armas por serviços de toda a especie, para que os contemple na distribuição dos premios merecidos pelas virtudes militares que manifestaram, e para que os recommende á estima publica.

Julgando opportuno, por considerações politicas de que V. Ex. está ao facto, a occasião de reunir as forças de desembarque da esquadra do meu commando ás do general Flôres, que estava acampado com perto de

---

(1) **A alliança, como se vê, já estava feita pelo almirante desde o accordo de Santa Lucia, mas não havia acto algum publico do governo imperial legitimando o nosso procedimento.**

3.000 homens nas immediações daquella cidade, pelo lado do arroyo Secco, para atacal-a, aproveitando o effeito moral da rendição da Villa do Salto, que se tinha entregado facilmente áquelle general alguns dias antes; decidi esse desembarque, que se effectuou no dia 4 com toda a commodidade, a uma legua de distancia dos inimigos. Dispunha o general Flôres nas suas tropas de 800 infantes, e de 7 peças de artilharia, 3 das quaes eram raiadas. Pela minha parte apresentava um contingente de 400 praças, tirado dos vapores *Recife*, *Belmonte*, *Parnahyba*, *Aaraguay* e *Ivahy*, além de uma reserva de 100 homens que devia desembarcar.

Aquella força se compunha de 200 praças do 1° batalhão de infantaria, que tinha vindo da Côrte reforçar as guarnições da esquadra, de 100 soldados do batalhão naval, e 100 imperiaes marinheiros. Acompanhava-a uma bateria de tres peças de campanha de calibre 12, com sua competente dotação, commandada pelo 1° tenente Antonio da Silva Teixeira de Freitas, secretario ajudante de ordens deste commando. Esta bateria tinha tambem uma estativa para lançar foguetes a Congrève, a cargo do 2° tenente Miguel Antonio Pestana. Commandava toda esta força o capitão do 1° batalhão de infantaria Francisco Maria dos Guimarães Peixoto.

Para completar a sua organização, seguiam-n'o os 2os cirurgiões Dr. Luiz Alves do Banho, e Joaquim da Costa Antunes, com ambulancias, caixa de instrumentos e tudo quanto era necessario para o primeiro curativo dos feridos no campo.

A relação n. 1 contém o nome de todos os officiaes e praças, que então saltaram, e que manifestaram o maior enthusiasmo, principalmente quando, formando-os em quadrado, fiz-lhes uma energica allocução, lembrando-lhes a missão de honra que vinham desempenhar no Estado Oriental; tendo o prazer de ouvir nessa occasião minhas ultimas palavras serem cobertas dos mais vivos applausos a Sua Magestade o Imperador, á familia imperial, á nação brazileira, ao exercito e á armada.

Devo francamente declarar a V. Ex. que a maior difficuldade que encontrei na organisação desta força, foi conter o ardor com que todos queriam fazer parte della. Assim é que para satisfazer o mais possivel tão nobres desejos, que me enchiam de orgulho por me ver á frente de jovens tão briosos, tive que desembarcar alguns commandantes de navios, officiaes de fazenda e todo o meu estado-maior, ficando só no momento da acção. Tinhamos infantaria e artilharia, e apenas nos faltava a cavallaria. A' vista disto, o estancieiro brazileiro José Bonifacio Machado que commandava um esquadrão de 160 compatriotas que formavam no exercito libertador, pediome uma bandeira nacional, e veio immediatamente reunir-se á nossa gente.

Antes de tentar-se o ataque da praça, foi intimado o commandante della, que era o coronel D. Leandro Gomez, para render-se com as honras da guerra e : preveni aos commandantes dos navios de guerra estrangeiros, que se achavam no porto que este ataque teria lugar depois do prazo de 48 horas, que marcava para evacuação da praça, pelas familias que não se quizessem expor ás tristes eventualidades da guerra.

Aquelle coronel, que tinha dentro de suas bem organisadas trincheiras perto de 1,400 homens, como finalmente se soube quando se tomou a praça, numerosos officiaes, e entre elles alguns de reconhecido valor, como o coronel Lucas Pires, que constituio-se a alma da defeza, abundancia de munições de guerra e de boca, algumas fortificações bem collocadas, guarnecidas com 7 peças de artlharia de 18 e 12, e que contava com o auxilio do exercito blanco, que estava em campanha, e que se dizia em marcha, assim como a vinda dos Paraguayos, e de alguns bandos de Entre-Rios, repelliu a intimação com arrogancia, atirando sobre o parlamentario dous tiros.

que declarou ser sua unica resposta. Sabia elle, além disso, que o iriam accommetter apenas 1,300 a 1,400 infantes a peito descoberto, pois que a cavallaria não podia entrar em acção, e não pensava que o fogo das canhoneiras alcançasse suas fortificações situadas a mais de duas mil varas hespanholas da posição mais proxima que podiam occupar no rio.

No dia 6 pela madrugada moveu-se a nossa força com a do general Flôres, para investir os postos avançados do inimigo; e arrojou logo para o interior da praça todas as partidas e guerrilhas que ainda permaneciam fóra, tal foi o denodo da carga com que os accommètteram. Nas partes em detalhe que junto remetto por copia a V. Ex. estão mencionados os factos occorridos em cada um dos pontos atacados, e da linguagem sincera e franca dellas transluz os erforços de valor e bizarria que foram praticados neste combate memoravel por nossas forças de mar e terra. A artilharia de campanha desmontou-se toda depois de algum fogo, pela fraqueza de seus reparos, e a estativa de lançar foguetes a Congrève ficou inutilisada porque uma bala a entortou.

Não obstante a resistencia dos sitiados, nossos soldados e alliados ganhavam visivelmente terreno e tomaram posições vantajosas para incommodar o inimigo. Nesta carga de infantaria, o capitão Peixoto foi ferido em um dedo, tendo além disso outra bala lhe partido a espada. Não obstante, este oficial permaneceu sempre á frente de sua força. Era tempo de começar o bombardeamento da praça, para obrigar a calar-se a sua artilharia, que fazia um terrivel fogo sobre os nossos.

Por tanto ás 7 e 8 minutos da manhã começou a canhoneira *Araguay*, onde me achava com o chefe da divisão Pereira Pinto, a atirar bombas de 68 sobre as fortificações, sendo logo seguida pelo fogo da *Belmonte*, da *Parnahyba* e *Ivahy*, que tinham tomado posição favoravel no dia anterior. Neste momento determinei ao 1° tenente Euzebio José Antunes, secretario e ajudante de ordens, que assumisse interinamente o commando da canhoneira *Parnahyba* durante o bombardeamento, e que dirigisse o fogo, findo o qual, este official veio continuar a desempenhar a meu lado os deveres de seu cargo.

Não póde V. Ex. calcular o effeito prodigioso causado pela artilharia destes quatro navios, que dahi a pouco fazia calar todas as peças do inimigo. As pontarias foram dirigidas com uma precisão admiravel, que honram aos nossos artilheiros navaes, e aos afficiaes de bordo, de tal sorte que as bombas iam estourar exactamente nos fortes, ou no centro da praça, espalhando a morte e a destruição por toda a parte onde chegavam seus estilhaços. Conforme minha recommendação, só se fazia fogo sobre os edificios que o inimigo tinha convertido em fortificações e onde tinha seus mais temiveis baluartes. Os outros edificios eram poupados o mais possivel, e pouco soffreram como depois se verificou. Constou depois, que este bombardeamento pôz fóra de combate a mais de 150 homens, e que tinha atacado bastante a guarnição da praca, desmoralisando-a porque a fez comprehender que nos canhões dos navios encontrava um adversario com que não contava.

Pouco antes de começar o fogo dos navios, e logo que appareceu no porto uma força de cavallaria colorada, conforme estava combinado com o general Flôres, desembarquei á frente dos 100 imperiaes marinheiros da reserva e de uma peça de 12, os quaes seguiam para a linha de combate commandados pelo 1° tenente João Baptista de Oliveira Montaury, meu ajudante de ordens, prorompendo em vivas enthusiasticos. Esta força occupou a posição que lhe foi determinada pelo general, e ahi permaneceu até á noite, batendo-se sempre com o cantão que lhe ficava em frente. Marchou com ella o 2° cirurgião Dr. Balduino Athanasio do Nascimento, o pratico

Etchebarne, que se offereceu para tomar um fuzil, e portou-se com valor, e o voluntario Joaquim Marques Lisboa Junior.

A's 2 horas da tarde o inimigo estava reduzido ao recinto da praça; mas nossos marinheiros e soldados estavam fatigados por tantas horas seguidas de fogo debaixo de um sol ardente, e não tinhamos tropas frescas para proseguir nas vantagens que podiamos obter nem reserva para apoial-as.

Conservámos-nos por conseguinte até á noite nos pontos tomados. Então resolveu o general abandonar alguns para não enfraquecer a nossa força, espalhando-a por uma linha tão extensa a guarnecer, no que concordei. Por isso fez convergir parte della para o porto onde acampou, e outra parte ficou guarnecendo a artilharia, que permaneceu no campo em que operou.

Desde esse dia tinhamos um pé na cidade. Si o coronel Leandro Gomez tivesse o menor sentimento de humanidade, para com os desgraçados habitantes que ainda existiam alli dentro, e um pouco de amor patrio para poupar a seu paiz a ruina delle, teria comprehendido que não lhe restava sinão a alternativa, ou de tentar romper a linha do sitio para nos fazer recuar, ou pedir uma capitulação honrosa. Não obstante elle proseguiu na sua luta infructifera e homicida. Estava feito o reconhecimento que projectavamos, no qual tivemos perdas mui pequenas, relativamente ás do inimigo, e á desproporção de nossas forças ás delle. Estas perdas limitaram-se a 6 homens mortos e a 25 feridos.

No dia 7 mandei desembarcar duas peças de calibre 32 e uma de 68 da 6ª classe, para collocal-as em baterias na eminencia da Boa Vista, que domina a praça pelo lado do norte. Esta operação, executada durante a noite pelo 1º tenente commandante do *Recife*, Antonio Carlos de Mariz e Barros, e apoiada por um destacamento de 100 praças do 1º batalhão de infantaria, commandado pelo tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, foi vivamente incommodada pelo fogo de fuzilaria e de artilharia do inimigo, a que não respondemos, e que nenhum mal causou.

Na manhã do dia 8 rompia esta bateria, protegida por saccos de arêa, um magnifico fogo sobre o forte de Sebastopol, a matriz e a commandancia, e era acompanhada pelas canhoneiras *Belmonte* e *Parnahyba*, que de espaço em espaço atiravam algumas bombas. Entretanto tinha marchado toda a nossa força para emprehender um acommettimento em ponto mais vulneravel, porque o inimigo acabava de sorprender e de degollar barbaramente uma partida de 40 Orientaes nossos alliados; eu fiquei no posto com o meu estado-maior, e uma guarda de 30 imperiaes marinheiros commandada pelo 1º tenente Antonio Severiano Nunes, que servia de defeza aos infelizes feridos, que jaziam no hospital de sangue, que estabeleci na capitania do porto, e que eram assistidos, não só pelos tres medicos acima mencionados que entraram em combate, como pelo chefe de saude Dr. Claudio José Pereira da Silva, e 2º cirurgião Dr. João Adrião Chaves, e 1º pharmaceutico 2º tenente Albino Gonçalves de Carvalho, os quaes todos merecem os maiores elogios, pela humanidade, zelo e pericia com que cumpriram o seu dever sagrado.

O grande effeito moral que queriamos conseguir estava alcançado. Nossas tropas reconheceram sua superioridade sobre o inimigo, e mostravam-se dispostas a maiores emprezas. Podiamos portanto, tentar o assalto, com esperança de completo triumpho, porque nos constava que os sitiados até tinham falta de espoletas fulminantes, e que usavam de phosphoros de cêra. Mas era preciso contar com grandes perdas, e não quiz expôr os nossos marinheiros, que com tanta difficuldade se substituem, e são necessarios para a continuação da campanha, que ainda agora principia. Além disso não havia nos navios sinão o numero sufficiente de bombas para ati-

rar, quando resolvessemos o assalto; e tambem o general Flôres carecia de projectis para sua artilharia raiada, e de polvora e cartuxame.

N'essa emergencia resolvemos entreter o tempo para aguardar o exercito imperial que já estava em marcha no Estado Oriental; fiz partir o secretario a ajudante d'ordens 1° tenente Antunes na *Parnahyba* para Buenos-Aires, afim de prover-se naquelle porto, nos navios que alli tinhamos, de tudo quanto precisavamos.

No fim de 72 horas aquelle official se achava de volta ao acampamento, trazendo muitos recursos bellicos, grande parte do armamento e munições que a corveta *Bahiana* conduzio da Côrte, a qual, por uma feliz coincidencia chegou áquelle porto no mesmo dia que aquella canhoneira; 100 praças do batalhão naval e de imperiaes marinheiros tirados das guarnições do *Paraense* e da *Nictheroy*; duas peças de calibre 30 deste navio, e outras duas de seis de desembarque; o 1° tenente Henrique Francisco Martins, a quem eu destinava o commando interino da referida canhoneira, e a direcção da bateria que se ia estabelecer em terra com aquellas peças; os tres 2os cirurgiões alumnos pensionistas Luiz da Silva Flôres, Justiniano de Castro Rebello e Felippe Pereira Caldas, que vieram servir na esquadra, e foram logo empregados no hospital de sangue em Paysandú, onde prestaram bons serviços.

Ao mesmo tempo não passava um só dia em que não fizessemos partir correios para o commandante em chefe do exercito e para o general Netto, com communicações, chamando-os a toda a pressa a Paysandú, e dando-lhes informações certas da marcha do exercito do general Sáa, que vinha em soccorro da praça.

No dia 14 chegou pela manhã ao acampamento o major do 2° regimento de cavallaria José Antonio Corrêa da Camara com officios do general em chefe e informações verbaes, que me orientavam da posição em que se achava o exercito e o dia provavel em que elle estaria comnosco. A essa hora já eu sabia que o general Netto na manhã seguinte chegaria com 1.200 homens, mas todos de cavallaria; o que, se nos collocava em uma posição vantajosa para se offerecer combate ao general Sáa com certeza de triumpho, não mudou a nossa attitude de espectativa em relação á praça. Realisou-se, com effeito, a incorporação d'esta força na occasião esperada, e foi ella acampar ao norte de Paysandú, do lado do S. Francisco.

Como era necessario ter toda a força desembarcada sob o commando de um official superior, dei esta commissão ao sobretido major Camara; e para providenciar de prompto sobre qualquer acontecimento, estive sempre dia e noite no acampamento com os officiaes do meu estado-maior. Era preciso conserval-o na mais activa vigilancia, para frustrar qualquer sorpreza do inimigo, com que eu contava a todos os momentos. Elle não se animou a isso nem uma só vez, porque já tinha reconhecido que a peito descoberto, fóra das trincheiras com que se protegia, não podia resistir ao arrojo dos nossos. Portanto não nos facilitou o ensejo de entrar com elle na praça, desejando ardentemente uma tentiva deste genero, que nos daria mais um triumpho.

Entretanto o general Flôres teve parte de que o general Sáa, commandante do exercito de operações do governo de Montevidéo, havia passado o Rio-Negro com perto de 3,000 homens. Deliberámos levantar o sitio e marchar sobre elle. Reembarquei promptamente a artilharia pesada que estava em terra, os feridos e todo o material que havia no acampamento; e a nossa força com os officiaes indispensaveis, seguio o exercito alliado até o Rabon, cinco leguas distante de Paysandú, aonde elle parou, por

terem chegado noticias posteriores, que referiam que aquelle exercito havia repassado o Rio-Negro para o Sul.

Dous dias apenas respiraram os defensores de Paysandú livres de nossa presença; o general Flôres com as ultimas noticias retrogradou sobre seus passos, e veio occupar a mesmas posições, que aquelles abandonaram logo que nos avistaram.

No dia 29 chegou tambem o marechal Menna Barreto com uma divisão do nosso exercito de operações, forte de mais de 6,000 homens (1), entre os quaes 2,000 infantes, pouco mais ou menos, e um parque de artilharia de 12 peças.

A posição do mimigo tornou-se a mais critica possivel. Ainda assim não quiz capitular, quando recebeu intimação para isso. Preparou-se tudo para romper novamente as hostilidades. O exercito montou suas baterias em posição bem escolhida, a esquadra praticou o mesmo, assestando as duas peças Whitworth de 30, de que já fiz menção, e que eram commandadas pelo 1° tenente Henrique José Martins, além das duas de 32 do commando do 1° tenente Mariz e Barros.

A artilharia volante da esquadra compunha-se de duas peças de Whitworth de calibre 6, commandadas pelo 1° tenente Antonio da Silva Teixeira de Freitas, e de 12 de bronze que seguiam os pelotões confiados a varios officiaes de marinha.

No dia 31 de Dezembro pela magrugada, a dous tiros de peça do forte Sebastopol, nossas baterias começaram um fogo nutrido incessantemente, que não deixou mais os sitiados descançar, nem parar em suas baterias. Neste dia a marinha chorou a morte do bravo e activo 1° tenente Martins, que levou uma bala de artilharia na cabeça, na occasião em que verificava a pontaria de uma de suas peças. Foi uma perda bastante sensivel para nós, e eu ouso recommendar a familia deste valente official á protecção de Sua Magestade o Imperador, e do governo imperial.

Continuou o fogo quasi sem interrupção em todo o dia 31 de Dezembro e no 1° de Janeiro. Ao amanhecer do dia 2, sahio da praça um individuo chamado Moreira que nos informou ter morrido no dia anterior o general Lucas Pires, que era o sustentaculo da defeza; e nos apresentou uma nota do commandante d'ella pedindo em nome da humanidade uma suspensão de hostilidades por 8 horas, para enterrar os mortos e cuidar dos feridos. Estavamos respondendo a esta nota, declarando-lhe que mesmo em nome da humanidade, lhe deviamos recusar esta concessão, porque ella lhe daria tempo de reparar os estragos soffridos, e prolongar uma resistencia inutil, que provocaria novo derramamento de sangue, accrescendo que antes das 8 horas estariamos senhores da praça; quando appareceu Atanasildo Saldaña, que era prisioneiro ha mais de um anno, querendo saber, em nome do dito general, nossa decisão. N'essa resposta dissemos tambem que si elle se rendesse á descripção seria tratado bem pelos Alliados.

Entretanto o fogo continuava por toda a parte, e nossas tropas foram avançando e chegaram ao interior da praça quando o general Leandro Gomez escrevia sua resposta a esta ultima concessão, que não pôde concluir porque foi aprisionado pelo coronel Oliveira Bello, que o entregou ao coronel oriental Goyo Suarez, em virtude de reclamal-o este em nome do general em chefe, e preferir aquelle seguil-o. D'ahi a poucos momentos eramos informados d'aquelle facto, e de que o general Leandro Gomez, com 2 ou 3 officiaes, tinham sido fuzilados.

---

(1) **Não eram tantos.**

Não pude conter a indignação que se apoderou de mim por ver manchar assim uma tão esplendida victoria ! Grande era a affronta que tinhamos a vingar, innumeros os insultos que o Brazil e os Brazileiros soffreram d'este homem. Com tudo, eu queria que sua vida fosse respeitada como havia positivamente recommendado, com uma solicitude que não disfarçava, para mostrar a nossa religião, e os principios da civilisação moderna.

Mas a fatalidade o impellio a seu destino, fazendo-o deixar, pelo seu orgulho, a protecção da bandeira bazileira, sem se recordar que os odios politicos são sempre mais crueis que os nacionaes.

Cumpro um acto de rigorosa justiça registrando que nosso distincto alliado, o general Flôres mostrou-se igualmente mui sentido por este desagradavel facto, e tratou de proceder a um inquerito sobre elle ; porque a par desta versão, corria a de que aquelle chefe do exercito oriental havia sido morto em combate.

Assim concluio-se a batalha, na qual tomamos 700 prisioneiros, entre elles alguns officiaes, mais de 2,000 espingardas, 15 peças de artilharia, munições, bandeiras, etc., o que tudo foi entregue ao general em chefe do exercito oriental. Encontrámos tambem na praça muitos mortos e feridos.

Talvez pareça extraordinaria a generosidade dos vencedores, concedendo a liberdade a um tão crescido numero de prisioneiros. Revela porém notar que procedemos assim com reflexão. Consultados os officiaes pelo coronel Acosta, chefe do estado-maior do general Flôres, si estavam promptos a dar a sua palavra de honra, de que não serviriam mais na presente guerra contra o Brazil, nem contra aquelle general, responderam promptamente que sim, e deram repetidos vivas a elle e a mim, porque não esperavam tão humano procedimento dos seus adversarios. Queriam até assignar um compromisso por escripto, que de nada valeria para quem não soubesse respeitar a sua palavra, e que por isso rejeitámos (1).

Quanto aos soldados foram quasi que em totalidade engrossar as fileiras do general Flôres, que d'esta fórma tem procedido sempre, convertendo os seus prisioneiros, nos mais fieis e dedicados companheiros de trabalho. Com esta medida de elevado alcance, poderemos encontrar diante de nós agora em Montevidéo, uma vintena de officiaes que tenham sido perjuros, e que como taes serão tratados (2) ; mas desarmámos muitos odios, e forçamos ao respeito os nossos proprios antogonistas, que não acharão mais um pretexto para transformar em uma questão de raça um assumpto de reparação nacional, e com elle levantar-nos mais inimigos.

Não me toca descrever a V. Ex. esta brilhante operação de nossas forças de mar e terra, reunidas ás tropas briosas do exercito alliado, embora testemunha occular d'ella.

O distincto general commandante em chefe do nosso exercito, terá naturalmente, referido a V. Ex. os actos de heroismo e de bravura praticados por nossos soldados e marinheiros, e pelos valentes companheiros da cruzada que acompanham o general Flôres, nosso bravo alliado, atacando a sangue frio posições bem defendidas, ganhando terreno passo

---

(1) O almirante enganou-se. Os prisioneiros foram soltos sem que se exigisse delles palavra de honra.

(2) Alguns delles, depois de terem estado em Montevidéo, foram encontrados pelo almirante Tamandaré em Uruguayana. Mas o almirante não se lembrou então de tratal-os como perjuros, e offereceu-lhes até condições vantajosissimas para que depuzessem as armas.

a passo, de casa em casa, debaixo de um chuveiro de balas que os não estacava.

Marinha e exercito, bem como Orientaes alliados, todos porfiavam em ajudar-se mutuamente, em cooperar para o fim commum — que era a posse d'aquella praça, já regada por tanto sangue precioso. — A parte importante que nos coube n'este triumpho deixo-a a apreciação competente do mesmo general, que no fim da luta me dirigio o officio junto por copia n. 2.

« Declarando pois a V. Ex. que todos os officiaes e praças, que tomaram parte nas operações cumpriram o seu dever, mantendo illesa, e robustecendo ainda a reputação de gloria que a armada e o exercito imperial têm sabido conquistar, repito o que é publico e notorio, o que exige a mais severa justiça. Todos elles são dignos de receber a remuneração honrosa que Sua Magestade o Imperador costuma distribuir sempre com generosidade aos seus leaes soldados.

. . . .

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, ministro e secretario dos negocios da marinha.

Barão de Tamandaré,
Vice-almirante.

Officio do general João propicio Menna Barreto (barão de S. Gabriel).

Illm. e Exm. Sr. — No meu officio de 3 do corrente mez tratei muito perfunctoriamente do memoravel combate travado sobre os muros de Paysandú, e no qual conquistou o exercito imperial, mais uma vez, immurchaveis louros.

Não me foi possivel então colligir todos os dados para formular do sanguinolento drama circumstanciado relatorio; hoje, porém, que estão conhecidos os differentes successos que precedaram a victoria, o numero d'aquelles que por mortos ou feridos fizeram rarear as nossas fileiras, apresso-me em supprir a lacuna do dia 3, fazendo a V. Ex. minucioso relatorio dos preparativos para o combate, dos successos que durante elle se deram e do seu final e grandioso resultado.

Antes de commemorar esses acontecimentos, seja-me permittido, em nome do exercito, felicitar ao governo imperial por tão significativo feito d'armas: elle nos era indispensavel, porque a honra nacional, os brios do mesmo exercito o exigiam.

No officio acima mencionado, disse eu a V. Ex. que tinha deixado no dia 29 do passado a força de cavallaria sob o commando do brigadeiro Manoel Luiz Ozorio legua e meia distante de Paysandú, e que com as duas brigadas de infantaria e as baterias de artilharia tinha acampado ás 7 horas d'aquelle mesmo dia nas immediações da cidade.

Depois de acommodar a tropa, foi o meu primeiro cuidado entender-me com os Exms. Srs. barão de Tamandaré e general Flôres, para cujo fim me dirigi com este ultimo, que me tinha ido encontrar, para bordo do navio almirante. Alli, e depois de prolongada conferencia, assentou-se não só no dia do ataque, como tambem na maneira de o executar.

Resolvido o principal problema, empreguei o resto do dia e o subsequente no reconhecimento do terreno para a collocação da artilharia, operação que se effectuou durante a noite do dia 30. Ao escurecer d'este dia, deixando convenientemente acommodadas as bagagens, fiz avançar as forças para as posições preferidas.

A's 2 horas da madrugada do dia 31 emprehendeu o inimigo uma sortida sobre as nossas baterias, sortida que devia ter por fim reconhecer-nos as posições; cobertas, porém, as nossas peças por uma forte linha de atiradores, tendo além d'isso de reserva o 4° batalhão de infantaria, os fogos dos atiradores fizeram mallograr o arrojado intento.

S. Ex. o Sr. barão de Tamandaré me havia scientificado que os sitiados pretendiam entrar n'aquelle dia em aceitaveis negociações; esta circumstancia levou-me a ordenar que não se rompesse o fogo até segunda ordem.

A's 4 horas e vinte minutos da manhã partio do forte inimigo o primeiro tiro; foi elle o signal de combate, que logo se travou mortifero por um continuo e bem aproveitado canhoneio.

A's 9 horas mandei avançar as duas brigadas de infantaria, commandadas a 2ª pelo coronel Carlos Resin, e a 5ª pelo coronel Antonio de Sampaio. Levaram ordem de abrir passagem pelas casas, para cujo fim conduziam a conveniente ferramenta. As poucas forças do general D. Venancio Flôres, deviam atacar pelo flanco esquerdo, entrando as nossas pela direita e frente da povoação.

Derramado o inimigo em área tão extensa, servindo-lhe cada sotéa de bem defendido forte, era necessario conquistar-lhe palmo a palmo as posições guarnecidas, e tomar-lhe as principaes, obrigando-o a reunir-se nas suas ultima obras, para sobre ellas convergir os fogos de nossos batalhões. Tal foi o meu intento, que felizmente se realisou pela bravura dos nossos soldados.

Ao meio dia tinhamos já tomado algumas posições ao inimigo, nas quaes mandei assestar duas peças a La Hitte sob o commando do bravo 1° tenente Ernesto Augusto da Cunha Mattos.

A confusão que se manifestou logo nas fileiras contrarias, provou o acerto d'esta providencia.

Cahio a noite de 31 sobre os combatentes. Ordenar a retirada das nossas tropas seria moralisar o inimigo e dar-lhe ganho de causa: mandei pois que o adjudante-general expedisse as precisas ordens para que a todo transe fossem sustentadas as posições occupadas; o que feito, o combate continuou nas trevas com o mesmo vigor que tinha tido durante o dia.

A aurora do anno de 1865 encontrou ainda os nossos bravos nas mesmas posições conquistadas na vespera com tanto sacrificio. Durante o dia outras foram tomadas, e a peleja seguio-se sempre tenaz até ao dia 2 pelas 8 horas e 20 minutos da manhã, hora em que se entregaram á discripção os valentes defensores da praça, victimas immoladas pelo insolente capricho do governo de Montevidéo.

Cincoenta e duas horas consecutivas batalharam os nossos bravos; nenhum obstaculo pôde contel-os, nada resistio á indomita coragem dos nossos soldados. Trincheiras, ruas, barricadas, sotéas, pontes e vallas, não fizeram trepidar um só momento as phalanges do Imperio, que registraram com as pontas das baionetas no dia 2 de Janeiro, mais uma pagina de gloria no grande livro da nossa historia patria. Durante o combate 4,000 e tantos projectis de artilharia foram lançados sobre a cidade.

Mais difficil ainda me teria sido este triumpho, si não fosse efficazmente coadjuvado pelo Exm. Sr. barão de Tamandaré, pondo á minha disposição não só boccas de fogo de varios calibres, como tambem os officiaes de marinha, e todas as praças de pret de que pôde dispôr; officiaes e praças que me prestaram relevantissimos serviços, que estou certo serão devidamente aquilatados por Sua Magestade o Imperador.

A V. Ex. não escaparão por certo os effeitos d'este combate, sendo como foi elle ao começar de uma campanha. Ao passo que as nossas

tropas se moralisam, e se acostumam a encarar o perigo sem temor, apossam-se das fileiras contrarias o desanimo e a certeza da improficuidade dos seus esforços; assim é que o governo de Montevidéo hade vêr na nossa primeira victoria o prognostico da sua infallivel quéda, e o seu exercito recuará sempre que se achar em frente dos vencedores de Paysandú.

Esta brilhante victoria tirou ao inimigo quasi todos os seus principaes chefes ao norte do Rio Negro: 700 prisioneiros, inclusive 97 officiaes, cujos postos e nomes verá V. Ex. pela relação que ajunto; 400 mortos e feridos, dous mil e tantos fuzis, sete peças de artilharia, grande quantitade de munições e outros petrechos bellicos, foram os despojos d'este grande combate. Infelizmente custou-nos elle a perda de varios officiaes e praças cujos nomes, assim como dos feridos, encontrará V. Ex. em relações especiaes.

. . . .

Deus guarde a V. Ex. — Quatel general do commando em chefe do exercito do Rio Grande do Sul, junto ao Arroio Negro no Estado Oriental, 7 de Janeiro de 1865. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.

João Propicio Menna Barreto,
Marechal de Campo.

39

Declaração e manifesto de guerra

Nota ao governo argentino e circular ao corpo diplomatico, dirigidas em 19 de Janeiro de 1865 pelo enviado extraordinario do Brazil conselheiro Paranhos (Visconde do Rio-Branco) declarando que o Imperio estava em guerra com o governo de Montevidéo, e reconhecendo Flôres como belligerante.

Missão especial do Brazil. — Buenos-Aires, 19 de Janeiro de 1865. — O abaixo assignado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil em missão especial na Republica Argentina, tem a honra de solicitar a séria e benevola attenção de S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde, ministro das relações exteriores, para a communicação que passa a fazer-lhe em nome e por ordem do governo imperial.

O governo argentino conhece perfeitamente, em suas causas e origem, o conflicto que sobreveio entre o governo do Brazil e o de Montevidéo, bem como a dissenção interna que, ha quasi dous annos, flagella a sociedade oriental, prejudicando os interesses legitimos de todos os neutros, e particularmente ao Imperio pela sua immediata visinhança com aquelle Estado.

As reclamações que o governo imperial apresentou ao de Montevidéo, como sabe o Sr. D. Rufino de Elizalde, versavam sobre factos notorios, graves, tão repetidos e por tal modo filiados uns aos outros, que não só justificavam o ultimo appello dirigido á razão e á justiça do governo oriental, mas até tornaram bem patente a longanimidade de que usara o governo imperial em face de tantos aggravos recebidos, mesmo depois de sua generosa alliança de 1852.

Fôra longo e superfluo referir aqui todos os factos de violencias e clamorosa injustiça praticados nas pessoas e propriedades de subditos brazileiros, residentes no Estado Oriental, desde a época a que o abaixo assignado se circumscreve, omittindo o quadro ainda mais triste dos soffrimentos que tiveram lugar durante o dominio militar do general Oribe.

Não são delictos ordinarios, contra os quaes fosse de todo impotente a policia da Republica, os aggravos de que se queixa o governo imperial. A questão nasceu de uma successão de factos e de um concurso de circumstancias, que dão o caracter de hostilidade intencional e systematica aos vexames commettidos contra os pacificos residentes brazileiros. Trata-se de crimes em que os proprios agentes da autoridade publica apparecem compromettidos como autores, ou co-réos, de crimes que, por uma notavel coincidencia, se têm reproduzido quando no governo da Republica predominam os sentimentos de um passado que, no interesse de ambos os paizes, devera ser para todo sempre esquecido.

O governo imperial e a sua legação em Montevidéo foram solicitos em protestar e reclamar contra taes abusos, mas animados sempre de sentimentos os mais benevolos, confiaram nas seguranças que lhes eram dadas, não poucas vezes dissimulando a seus proprios olhos a flagrante antithese dos factos com as promessas solemnes do governo da Republica. Tanta moderação e benevolencia podiam ter o effeito de um acoroçoamento involuntario ao mal que se tinha em vista evitar, mas o governo imperial não desejava demover-se do seu proposito pacifico e amigavel, e esperava do tempo e da acção espontanea do governo oriental a cessação de um estado de cousas que era prejudicial a ambos os paizes, e cujas sérias consequencias não podiam escapar á mais confiada previsão.

Desgraçadamente, porém, a experiencia veio demonstrar que a prudencia e intentos benevolos do governo imperial não eram correspondidos, e nem ao menos justamente interpretados. Longe de attender aos reiterados avisos e protestos que tão amigavelmente lhe eram dirigidos, o governo oriental preparava-se para legitimar o procedimento de seus criminosos agentes com uma reconvenção ao Brazil, que ainda quando assentasse sobre factos todos reaes e provados, não poderia revestir o caracter politico que se revela nos attentados de que têm sido victimas os subditos brazileiros na campanha oriental.

Esta allegação não é vã, Sr. ministro : a ausencia de todo sentimento hostil á Republica do Uruguay por parte do Brazil, e o sincero desejo do governo de Sua Magestade em reprovar e reprimir, dentro dos limites de sua soberania e jurisdicção, qualquer offensa aos cidadãos orientaes, sem distincção de classe nem de partidos, é uma verdade que se deduz incontestavelmente de actos os mais significativos.

Para proval-o ahi estão os serviços que a Republica recebeu do governo imperial durante o periodo a que o abaixo assignado se refere ; as ordens terminantes expedidas ás autoridades locaes a respeito de cada um dos factos denunciados pelos reclamantes orientaes ; finalmente, a iniciativa ou a aceitaço amigavel de varios accôrdos diplomaticos, tendentes a prevenir os conflictos proprios de dous povos visinhos, e tão intimamente relacionados, como são Brazil e o Estado Oriental.

Tudo, porém, foi baldado ; a situação dos Brazileiros residentes na campanha do Estado Oriental, tornou-se de dia em dia mais afflictiva, e, como era natural, peiorou consideravelmente logo que a guerra civil ateou-se de novo no seio d'aquelle Estado. Com os perigos d'esta conjectura, despertou-se n'elles o resentimento de todas as offensas anteriores, alguns mostraram sympathias pela causa da revolução, e, nas fronteiras da pro-

vincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, sentiu-se a repercussão do grande abalo por que passava a Republica.

Não obstante o espirito hostil ao Brazil, que parecia dominar na politica do governo da Republica, e as sympathias que por este mesmo motivo se manifestavam entre os residentes brazileiros a favor da revolução, o governo de Sua Magestade não animou aquelle pronunciamento ; pelo contrario, procurou reprimil-o e manteve-se perfeitamente neutro na luta interna dos partidos orientaes.

A missão extraordinaria confiada ao zelo e illustração do conseilheiro José Antonio Saraiva, teve por fim principal este duplo pensamento : — assegurar a neutralidade do Imperio, e dar garantias de segurança á vida e propriedade dos subditos brazileiros, — unico meio de dissipar os seus receios a acalmar os seus naturaes resentimentos.

Facil era conseguir este proposto resultado, si o governo de Montevidéo o houvesse querido. Sabe, porém, o Sr. D. Rufino de Elizalde como aquelle governo recebeu a missão de paz enviada pelo Brazil, e S. Ex. póde tambem testemunhar que dos esforços do enviado brazileiro, tão generosamente secundados pelo governo argentino, de combinação com o representante de S. M. Britannica n'esta capital, teria sahido a paz interna da Republica Oriental e o accôrdo amigavel que procurava o Brazil, si o governo de Montevidéo não fosse o primeiro a desconhecer a gravidade de sua situação e a imprudencia de suas injuriosas denegações ao Brazil.

Esgotados os meios pacificos, já não restava ao governo imperial senão o recurso extremo da força. O governo de Sua Magestade assim o declarou francamente ao de Montevidéo em seu *ultimatum* de 4 de Agosto ultimo, e, para dar largo tempo á reflexão d'esse governo, limitou a principio as suas represalias a medidas coercitivas das menos rigorosas que autorisa a pratica das nações civilisadas.

Entretanto a este procedimento respondia o governo de Montevidéo com irrisão e novas provocações ao Brazil, procurando contra este e contra o governo argentino allianças e apoio por toda parte ; planos, Sr. ministro, que hoje estão patentes aos olhos de todo o mundo, sendo que já se manifestaram em actos da mais directa hostilidade ao Brazil por parte da Republica do Paraguay.

A historia e o direito das gentes nos ensinam que, quando as contendas internacionaes chegam á emergencia de um *ultimatum*, e a este segue-se o rompimento das relações diplomaticas e ao emprego reciproco de represalias, a consequencia immediata, prevista e inevitavel é a guerra.

A guerra, era, portanto, o estado em que se achava o Brazil com o governo de Montevidéo, posto que attenuada em seus effeitos legaes pela extrema moderação do governo imperial; o qual, só depois de constrangido pelo procedimento cada vez mais aggravante da parte offensora, recorreu a medidas de maior rigor, quaes o bloqueio dos portos do Salto e Paysandú, sobre a costa do Uruguay, e o ataque d'esta ultima praça, assignalada para ser o centro das hostilidades que se machinavam contra o Imperio.

O governo de Montevidéo allegou ignorar a natureza e alcance de seus proprios actos, mas apenas viu de facto realisada a sua alliança com o governo paraguayo, entregou-se ao mais frenetico enthusiasmo, lançando-nos pela sua imprensa official as mais affrontosas diatribes, fechando os seus portos ao commercio pacifico dos dous paizes, e offerecendo á civilisação moderna esse repugnante espectaculo da queima dos autographos dos tratados subsistentes entre o Imperio e a Republica.

Em presença de todos os factos e circumstancias que o abaixo assignado

acaba de recordar, o estado de guerra entre o Brazil e o governo de Montevidéo não é de certo um facto novo e imprevisto, cuja superveniencia exigisse novas manifestações da parte do governo imperial ao da Republica Argentina, em cuja illustração e amizade elle tanto confia. O objecto desta communicação, Sr. ministro, é definir a nova posição que os acontecimentos crearam ao governo imperial relativamente á luta interna da Republica Oriental.

O governo de Sua Magestade, como o abaixo assignado já observou, calando seu intimo juizo sobre as causas que originaram uma nova guerra civil naquelle Estado limitrophe, e dominando as apprenhensões que não podia deixar de suscitar-lhe a serie de tantos attentados impunemente perpetrados contra os residentes brazileiros, se havia prescripto a mais prudente neutralidade entre o general Flôres e o governo de Montevidéo. Não procedia assim porque lhe fosse indifferente a pacificação da Republica, mas por fidelidade ás maximas de sua politica externa, que não admitte as intervenções si não como casos raros e expecionaes.

Hoje, porém, essa neutralidade não é mais compativel com a segurança e interesses essenciaes do Brazil, e de facto cessou, como seguramente o terá notado o governo argentino, desde os successos que se produziram em frente de Paysandú, onde as armas do Brazil se acharam naturalmente alliadas ás do exercito oriental que commanda o general Flôres.

O governo imperial tem hoje o direito e o dever de não limitar-se á simples reparação de seus proprios aggravos, na luta armada a que o provocou o governo de Montevidéo.

Não só a humanidade, mas tambem a sua segurança exige que elle contribúa ao mesmo tempo para o restabelecimento da paz da Republica.

O governo imperial preencherá esta dupla missão procedendo de accôrdo com o general Flôres, a quem reconhece como belligerante legitimo e nobremente dedicado aos mais sagrados interesses da sua patria.

Tal é a deliberação que o governo imperial julgou conveniente manifestar officialmente ao governo argentino, prestando assim a homenagem do seu respeito aos pactos existentes, e aos sentimentos de reciproca confiança e estima que tem encontrado da parte do mesmo governo argentino.

O abaixo assignado aproveita-se desta opportunidade para renovar a S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde os protestos da sua perfeita estima e alta consideração.

A S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica Argentina.

José Maria da Silva Paranhos.

Missão especial do Brazil. — Buenos-Aires, 19 de Janeiro de 1865.

O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, acreditado em misão especial junto á Republica Argentina, tem a honra de dirigir-se ao Sr..... ministro de..... para manifestar-lhe em nome e ordem do governo imperial a posição actual do Brazil relativamente ao governo de Montevidéo.

Uma numerosa população brazileira habita, como sabe o Sr. ministro, a campanha do Estado Oriental do Uruguay, onde exerce a industria pastoril e mantem um commercio reciprocamente util com a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, territorio brazileiro limitrophe.

Esses pacificos e industriosos habitantes foram victimas da mais cruel perseguição no largo periodo que durou a famosa defensa de Montevidéo, sustentada contra o general Oribe e seu alliado o governador Rosas.

Libertada a Republica do Uruguay da mão de ferro que sobre ella pesara por tantos annos, e operado este feliz acontecimento mediante o generoso concurso do Brazil, era de esperar que os Brazileiros encontrassem no territorio oriental, si não o acolhimento que a boa indole de seus naturaes dispensa a todos os estrangeiros, pelo menos a protecção legal que lhes não podia ser recusada. O governo imperial assim o acreditou, e nesta confiança descançou por muito tempo, até que uma nova serie de attentados impunes veio convencel-o do contrario, revelando um proposito hostil, da parte das proprias autoridades, á nacionalidade brazileira.

O governo de Sua Magestade o Imperador não imputa, o que fôra insensato, ás autoridades da Republica, a responsabilidade de todos os delictos perpetrados nestes ultimos annos contra os subditos brazileiros na campanha oriental; mas tem os mais serios fundamentos para queixar-se e reclamar energicamente a respeito de crimes em que os proprios agentes do poder publico apparecem culpados, como autores e cumplices, ou pela mais suspeitosa negligencia. Estes factos, por sua successão e gravidade, constituem um estado de cousas inquietador para a população brazileira de um e outro lado da fronteira commum, e assumem um caracter ainda mais ameaçador, quando combinados com actos do governo supremo da Republica, que parecem ter sido dictados pelo mesmo pensamento de hostilidade aos proprios Brazileiros.

Collocados nesta situação os subditos brazileiros residentes no Estado Oriental, e reapparecendo de novo a guerra civil sobre o solo da Republica, calamidade que dura ha quasi dous annos, era de receiar que elles possuidos da idéa de uma perseguição systematica por parte das autoridades que os deviam proteger, se transviassem da linha pacifica que lhes traçava o procedimento do governo imperial e prestassem seu apoio á revolução.

O governo de Sua Magestade procurou prevenir esse desvio de sua naturalidade, que, posto devido a uma preoccupação, infelizmente, assaz fundada, seria a seus olhos uma falta grave e indesculpavel. Os esforços do governo imperial conseguiram que a grande maioria dos residentes brazileiros não tomasse parte, nem directa nem indirectamente, na questão interna da sociedade oriental, a que eram e deviam conservar-se estranhos.

Assim procedendo, era direito e dever do governo imperial exigir ao mesmo tempo do governo da Republica medidas que tranquillisassem os Brazileiros domiciliados no Estado Oriental, reparando os damnos já soffridos, e dando-lhes garantias de segurança para o futuro.

A missão diplomatica confiada ao consummado criterio do conselheiro José Antonio Saraiva tinha por objecto o duplo pensamento de manter a neutralidade do Brazil na contenda civil da Republica e obter justiça e garantias para os subditos brazileiros, com razão sobresaltados e profundamente resentidos de seus continuos e graves soffrimentos.

Desgraçadamente, essa missão de paz, mal acolhida desde o seu principio pelo governo de Montevidéo, vio afinal frustrados todos o seus esforços. As reclamações brazileiras foram repellidas com uma acintosa reconvenção e a mediação conjuncta dos representantes do Brazil, da Republica Argentina e da Inglaterra, a bem do restabelecimento da paz interna da Republica, não teve melhor exito. Era, porém, obvio que a cessação da guerra civil teria acalmado todos os animos e dado lugar ao ajuste amigavel das differenças do governo oriental com os do Brazil e da Republica

Argentina, governos visinhos e garantes da independencia e integridade daquelle Estado intermediario.

O governo de Montevidéo, tomado das mais deploraveis hallucinações de partido, desattendeu a todos os conselhos da razão, não deixando ao governo imperial outro recurso honroso sinão o da força, para resalvar a sua dignidade e assegurar protecção, no presente e no futuro, aos subditos brazileiros.

Esta resolução extrema, mas indeclinavel, foi annunciada áquelle governo que a recebeu com a mesma obstinação, e, mal interpretando a repugnancia com que o Brazil lançava mão das medidas coercitivas, provocou-o a proceder com mais energia, e porfim levou o conflicto ás suas mais graves consequencias.

Pretextando intentos que não existiam nem podem existir por parte do Brazil contra a independencia da Republica do Uruguay, excitou os mais sediços e vulgaes preconceitos contra o Imperio, alliou-se ao governo do Paraguay e procurou, no interesse de suas paixões exaltadas, accender o espirito de discordia entre a familia argentina. O seu delirio chegou ao ponto de escandalizar a civilisação do nosso seculo com as scenas inauditas de um autó de fé, a que foram condemnados os autographos dos tratados subsistentes entre o Imperio e a Republica.

Como bem comprehende o Sr......., o Brazil não podia deixar de proseguir na guerra a que o provocou o governo de Montevidéo, nem manter a sua politica de neutralidade, quanto ao conflicto interno da Republica. Esta neutralidade tornou-se incompativel, não só com o fim a que o governo de Sua Magestade se tinha proposto em suas justas reclamações, mas até com a segurança do Imperio, hoje ameaçado por dous inimigos que se alliaram para feril-o em sua dignidade e desconhecer os seus direitos.

O governo imperial, portanto, continúa em guerra com o governo de Montevidéo, e tem resolvido concorrer tambem com as suas armas e com os seus conselhos, para a pacificação interna da Republica, procedendo de accôrdo com o general Flôres, a quem considera como legitimo belligerante e crê possuido da mais nobre dedicação á sua patria. O governo de Sua Magestade espera que nesta conjunctura, como em outras analogas, poderá conseguir o seu legitimo e benevolo empenho, por maneira que mereça as sympathias de todos os governos amigos, objecto que tem sempre em vista nos mais importantes actos de sua vida interna e externa.

O abaixo assignado tem a honra de offerecer ao Sr... as expressões do seu alto apreço, e roga ao Sr....... se digne dar conhecimento da presente nota á legação de....... em Montevidéo.

Ao Sr...

José Maria da Silva Paranhos.

40

Combate do Jaguarão (27 de Janeiro de 1865)

† *Invasão do general Muñoz.*

Os seguintes documentos nunca foram publicados. Acompanham o officio n. 39 de 31 de Janeiro de 1865 do presidente da provincia de S. Pedro do Sul ao ministro da

guerra (archivo da secretaria da guerra). Transcrevemol-os para que o leitor fique conhecendo as escaramuças que se deram nos suburbios da cidade do Jaguarão.

1° Officio, de 27 de Janeiro (do commandante do Jaguarão) ao presidente da provincia :

Illm. e Exm. Sr. — São 9 horas da manhã, e apresso-me em participar a V. Ex. que hoje uma força inimiga invadio o territorio brazileiro pelo Passo da Armada, no rio Jaguarão, distante desta cidade 4 leguas. — Segundo consta é de suppôr que tenham os inimigos invadido igualmente pelos Passos do Centurião e de S. Diogo, e que sejam em numero de 2,000. — Acabo de saber neste momento que 1,000 homens já se acham no Arroyo do Meio, distante 3 leguas desta cidade, e diz-se que vem atacal-a.

Deus guarde a V. Ex. — Quartel do commando da guarnição e fronteira do Jaguarão, 27 de Janeiro de 1865.

MANOEL PEREIRA VARGAS.

Coronel.

2° Officio, de 27 de Janeiro, do mesmo commandante ao presidente :

Illm. e Exm. Sr. — A's 9 horas da manhã de hoje participei a V. Ex. a invasão de forças do governo oriental nesta fronteira, e 1 hora depois foi esta cidade atacada por uma força que se calcula ser de 1,000 a 1,500 homens, ao mando do general Basilio Muñoz. Concentrando-se na cidade os corpos ns. 15 e 28 debaixo de vivo fogo, desde os Lagões até a rua das Trincheiras, foi ahi repellido o inimigo por incessante fogo, e retirou-se, sitiando esta cidade. — A' 1 hora recebi o incluso officio, intimando-me para entregar esta cidade ás 2 horas da tarde de hoje. — Respondi ao chefe inimigo que podia continuar o seu plano de ataque porque a guarnição do meu commando em caso algum se entregaria, e que elle seria responsavel do sangue que corresse e dos males supervenientes á Republica. — São 3 horas da tarde. — Quartel do commando etc., 27 de Janeiro de 1865.

MANOEL PEREIRA VARGAS.

Coronel.

Eis a intimação dirigida pelo general Muñoz :

O general em chefe do exercito da vanguarda da Republica Oriental do Uruguay. — Jaguarão 27 de Janeiro de 1865. — Sr. Coronel. — Com o desejo de evitar o derramamento de sangue e os males consequentes que soffreria essa cidade no caso de uma inutil resistencia, desde que V. S. não tem sufficientes forças n'essa guarnição para impedir que seja tomada pelas armas da Republica, intimo a V. S. para que até ás 2 horas da tarde de hoje faça entrega dessa cidade, rendendo-a á força das armas. O abaixo assignado promette a V. S. todas as garantias necessarias para as vidas de todos os chefes, officiaes e tropa dessa guarnição, assim como o respeito aos moradores e familias pacificas, tanto brazileiras como de qualquer outra nacionalidade. Si V. S. não der cumprimento a esta intimação, o faço desde já responsavel do sangue que possa correr. — Com

tal motivo, e com a maior consideração, sauda a V. S., a quem Deus guarde muitos annos.

BASILIO MUÑOZ.

Sr. commandante da fronteira do Jaguarão, coronel Manoel Pereira Vargas.

3º Officio do commandante do Juguarão, de 29 de Janeiro, ao presidente da provincia :

Illm. e Exm. Sr. Tendo a honra de participar a V. Ex. que depois de minha resposta ao general das forças invasoras, de que podia continuar a pôr em execução o seu plano de ataque a esta cidade, conforme communiquei a V. Ex. no meu 2º officio de 27 do corrente, continuou o fogo de guerrilhas de uma e outra parte até á noite, dando alguns tiros de peça os vapores de guerra *Apa* e *Cachoeira*. Pela manhã verifiquei que se tinham retirado os sitiantes, seguindo por esta fronteira, pela costa do rio Jaguarão acima, arrombando e saqueando todas as casas, e arrebanhando a cavalhada e os escravos que encontravam e outros que se lhe foram apresentar, cujo numero ainda não é sabido ao certo. Ao meio dia de hontem acamparam no Passo de Sarandy, no rio Jaguarão, passando á tarde parte das referidas forças para o Estado Oriental, e ficando a outra deste lado, sem que eu saiba, até este momento, se passou toda para aquelle Estado, por não ter ainda recebido participação das forças que mandei de observação. Dizem, entretanto, os inimigos, que vão a Bagé. Estou informado pelo cidadão Marcos da Porciuncula, que foi aprisionado pelas ditas forças no acto da invasão da linha, no rio Jaguarão, sendo hontem solto no dito Passo de Sarandy, bem como por outras pessoas e por alguns desertores do inimigo que se me têm apresentado, que a columna de Muñoz é superior a 1,500 homens. Tiveram 4 mortos e 6 feridos, segundo as informações referidas, e nós 1 morto e 5 feridos, sendo destes ultimos o major reformado Anacleto Ferreira Porto e 1 tenente do corpo n. 15, aquelle gravemente. E' quanto tem occorrido até esta data.

Deus guarde a V. Ex. — Quartel do commando da guarnição e fronteira do Jaguarão, na cidade de Jaguarão, 29 de Janeiro de 1865.

MANOEL PEREIRA VARGAS.

Coronel.

Extractos do officio de 31 de Janeiro do presidente da provincia ao ministro da guerra.

.....Nenhum auxilio podia eu prestar de prompto. Para defesa da fronteira e cidade de Jaguarão estavam organisados e armados dous corpos de cavallaria de guarda nacional, o 15º provisorio e o 28º com um effectvo de mais de 500 praças, segundo os mappas que ultimamente havia recebido. Dentro da cidade havia 100 praças de infantaria da guarda nacional e armamento para mais outras 100. Os dous vapores de guerra *Apa* e *Cachoeira* lá se achavam, e suas respectivas guarnições, com quanto pequenas, podiam tambem auxilar a defesa da cidade...

O presidente repete as noticias constantes dos tres officios do commandante do Jaguarão e diz que forças nossas, chegadas de varios pontos, perseguiam o inimigo. Accrescenta o seguinte :

Devo de concluir communicando a V. Ex. que houve muito enthusiasmo na guarda nacional do municipio de Jaguarão, Piratinim e Pelotas; que fizeram-se promptas reuniões para marchar em auxilio da cidade sitiada, e si o inimigo não se retira tão apressadamente, levava necessariamente uma grande lição, que havia de punil-os pela sua temeridade.....

A's ordens general do Basilio Muñoz serviam o coronel Aparicio e Angelo Muniz.

Veja-se sobre estes factos o cap. II, nota, pag. 60.

O plenipotenciario brazileiro pedio logo informações á presidencia do Rio Grande do Sul sobre os attentados attribuidos ás forças de Muñoz, mas essas informações não appareceram e os nossos documentos officiaes (officios do presidente da provincia, do coronel Vargas e do general Lopo Botelho) só follam no saqueio de algumas casas, roubo de cavallos e escravos (Vej. o folheto *A convenção de 20 de Fevereiro, etc.*, pag. 75 e 171 da segunda parte). Comparem-se estes factos com os hediondos crimes praticados mezes depois no territorio da mesma provincia de S. Pedro do Sul pelas tropas paraguayas de Estigarribia !

Não obstante a falta de informações, o plenipotenciario brazileiro promovia a prisão e punição de Muñoz e Aparicio, antes de receber o decreto de sua exoneração. O governo oriental era o primeiro a reconhecer que os crimes communs ficavam exceptuados da amnistia, e em 12 de Março renovou suas ordens para a captura desses dous chefes, os quaes seriam punidos se o governo imperial provasse a existencia dos crimes que apenas *uma gazeta* de provincia lhes imputou. O governo imperial, porém, exonerando o nosso diplomata, não tratou de promover a punição dos dous suppostos criminosos.

E' digna de ler-se a nota que a este respeito dirigio em 14 de Março o ministro das relações exteriores da Republica Oriental ao ministro dos negocios estrangeiros do Brazil. (Vej. o folteto *A convenção, etc.*, pag. 81 da segunda parte, 1º discurso do Visconde do Rio-Branco.)

Os seguintes officios dão idéa do estado em que estava a fronteira de Jaguarão quando alli chegou Muñoz :

Secretaria de estado dos negocios da guerra. — 2ª directoria geral, 16 de Janeiro de 1865, na cidade de Jaguarão.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de depositar nas mãos de V. Ex. os inclusos mappas dos corpos ns. 15 e 28 de guardas nacionaes destacados nesta fronteira.

Este ultimo corpo está completamente desarmado e desfardado, cujos artigos já requisitados em 2 do corrente mez, como se vê da inclusa cópia do respectivo pedido, e quanto ao outro corpo n. 15, faltam os objectos constantes tambem da inclusa nota : portanto me parece conveniente que pelo deposito de artigos bellicos da cidade do Rio Grande se fornecesse, com urgencia, os objectos que fosse possivel satisfazer-se a taes corpos, providencando-se a remessa dos que faltarem, como V. Ex. em sua sabedoria entender mais acertado.

Por esta occasião devo mais ponderar a V. Ex. que, segundo verbalmente me communicou em Porto Alegre o coronel da guarda nacional João Ourives, na noite de 8 do corrente mez, deverá ser nessa cidade fardada e armada a força que vier sob commando do dito coronel, e a ser assim, já vê V. Ex que o referido deposito, com mais jus, não satisfará taes exigencias pela limitada quantidade de armamento e fardamento que neste existe para a guarda nacional, e isto me anima a pedir a V. Ex. a expedição de suas ordens a este respeito, afim de que esses corpos deixem de

permanecer nos pontos onde estão, no estado em que actualmente se acham.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente desta provincia.

João Frederico Caldwel.

Tenente General.

Secretaria de estado dos negocios da guerra. — 2ª directoria geral, em 23 de Janeiro de 1865, na cidade de Bagé.

Illm. e Exm. Sr. — Vou dar a V. Ex. como me cumpre, uma idéa do estado em que encontrei as fronteiras de Jaguarão e Bagé.

Da de Jaguarão compõe-se a guarnição de 94 praças de infantaria, 200 do corpo de cavallaria n. 15, e de igual numero, pouco mais ou menos, do de n. 28, tudo de guardas nacionaes.

Este corpo além de desfardado, está completamente desarmado, e áquelle faltam algumas armas (1); do que dei de tudo conhecimento ao presidente desta provincia em officio de 16 do corrente mez, sob n. 6, por cópia junto, e é de presumir que a esta hora, este tenha providenciado a desapparecer a desanimadora situação em que por semelhantes motivos estão as praças do dito corpo n. 28, mórmente agora que a mesma presidencia sabe que tanto essa fronteira, como esta, se acham ameaçadas de serem aggredidas por forças do governo oriental, as quaes, segundo consta, se approximam ás nossas fronteiras.

Se quando o nosso exercito marchou para aquelle Estado, se tivesse logo organisado uma divisão forte de bservação, como a boa razão aconselhava, sem duvida não existiria hoje o desanimo em que estão os habitantes destas duas fronteiras com estas noticias.

Esta fronteira é actualmente a mais bem guarnecida pela força constante da inclusa nota, e assim mesmo necessita de mais corpos de cavallaria para guarnecer a grande extensão de trinta e tantas leguas, que tem sua linha desde Guabijú até Itaquatiá, terreno todo aberto.

E' certo que o governo desta provincia tem chamado ao serviço de destacamento mais alguns corpos da guarda nacional do inferior da mesma provincia, mas quando chegarão elles á fronteira?

Portanto me parece muito conveniente que para esta provincia viessem pelo menos dous batalhões de infantaria, para estacionarem nas cidades de Jaguarão e Rio Grande.

São estas as ponderações que me occorrem offerecer a V. Ex. que se dignará tomal-as na consideração que merecerem, assegurando a V. Ex. que opportunamente darei conta do que encontrar nas fronteiras de Quarahym e Missões, para onde seguirei por estes dias.

João Frederico Caldwel.

Ajudante General.

---

(1) Note-se que este officio é de 23 de Janeiro : quatro dias depois foi a cidade atacada.

41

Bloqueio de Montevidéo

† **Circular do almirante aos commandantes das estações estrangeiras :**

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo da corveta « *Nictheroy* », 2 de Fevereiro de 1865. — Transmittindo a V. Ex. cópia das notas que o enviado extraordinario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, meu augusto soberano, em missão especial junto ao governo da Republica Argentina, acaba de dirigir ao governo e aos seus collegas do corpo diplomatico residentes em Buenos-Aires, julgo do meu dever occupar a attenção de V. Ex. por alguns momentos com uma exposição franca e succinta dos factos, que crearam a situação em que se acha actualmente o meu governo em relação ao de Montevidéo.

Foram tantos e tão successivos os insultos e violencias que soffreram os Brazileros estabelecidos em grande numero na campanha do Estado Oriental, que o governo imperial, para pôr termo a essa situação, já intoleravel, viu-se impellido a mandar uma missão especial fazer um ultimo appello amigavel ao governo oriental.

Esta missão esforçou-se, como é publico e notorio, para restabelecer a paz na sociedade oriental, que se dilacerava em uma luta civil, tão perniciosa a ella como aos neutros, e principalmente ao Brazil, pelas circumstancias de ser uma nação limitrophe, e possuir radicados no solo da Republica valiosos interesses, e uma grande e rica população.

Assegurada esta paz, seria facil chegar a uma solução da questão internacional que foramos obrigados a levantar, honrosa e digna para os dous paizes, cujo interesse é cultivar as mais estreitas relações, pela reciproca vantagem que d'isto resulta para ambos.

Todo o nobre empenho do illustrado enviado brazileiro, naufragou de encontro á obstinação e cegueira do presidente da Republica e de seu governo, que não queria senão o triumpho exclusivo das suas idéas, e de seus partidarios, negando toda a attenção ás justas reclamações de um governo amigo, que se de alguma cousa póde ser accusado, é de longanimidade e paciencia, por não querer logo lançar mão das medidas extremas, a que o obrigavam, para salvar sua honra e dignidade offendidas.

Desenganado por fim de chegar a um accôrdo com esse governo que vivia criando-se illusões, o enviado brazileiro apresentou o seu *ultimatum* em que declarava solemnemente que se o Brazil não recebesse as satisfações a que tinha incontestavel direito, fazer-se-hia justiça por suas proprias mãos, encarregando as suas forças de mar e terra de fazer represalias, e mesmo de augmentar a gravidade das medidas que iam ser autorisadas, se a attitude que assumia fosse insufficiente para alcançar tudo quanto em nome d'elle solicitara pela nota de 18 de Maio.

Nem a discussão nem a ameaça produziram effeito algum no animo apaixonado do governo de Montevidéo, que tomou a grave resolução de devolver aquelle *ultimatum* com uma nota ousada; razão por que o enviado brazileiro se retirou, expedindo as ordens a que acabo de alludir á esquadra e ao exercito, encarregados da ardua missão de empregar medidas coercitivas contra o dito governo; e conscio do pensamento do meu governo, que queria que só elle soffresse as consequencias penosas d'estas

medidas, exigi primeiro que o vapor de guerra *General Artigas*, que estava n'este porto, e que se empregava na conducção de tropas e artigos bellicos ficasse n'elle immobilisado.

Levada esta exigencia ao conhecimento do presidente Aguirre, pelo ministro residente do Brazil, S. Ex. annuiu promptamente a ella, e até agradeceu a benevolencia de que eu dava provas. Animado por esta acquiescencia, que me parecia indicar um movimento approximativo e um desejo de proceder rasoavelmente, exigi que se expedisse ordem a todas as autoridades para dar aos Brazileiros a protecção que lhes garantem as leis da Republica; e ao mesmo tempo reclamei que se desse baixa a todos aquelles que estivessem violentados no serviço do exercito oriental.

Obtive promessas de que se dariam logo estas providencias; mas tive o dissabor de reconhecer que eram illudidas com futeis pretextos que revelavam o intento de se ganhar tempo para desmoralisar a acção do Brazil, que se não fazia sentir com aquelle vigor necessario. E tanto era este o empenho que a propria imprensa official o revelou, declarando que não nos animavamos a pôr em execução as nossas ameaças.

Era conveniente obrar com mais vigor, e declarei então que queria tambem que o vapor *Villa del Salto*, que se achava no rio Uruguay, fretado para serviço do governo, ficasse inutilisado em um de seus portos. Tive uma recusa a esta exigencia, e vi-me na forçosa obrigação de o mandar apprehender, na conformidade do aviso que previamente mandei fazer ao proprio presidente Aguirre.

Sabe-se perfeitamente qual foi a causa d'esta recusa, de proposito planejada pelo circulo exaltado, que ia-se apoderando da direcção do governo, para vêr se por meio d'ella, e do conflicto que resultaria com a nossa esquadra, se manifestava o pronunciamento das provincias argentinas de Corrientes e Entre-Rios, que occultamente se promovia, e o da Republica do Paraguay.

Não obstante, porém, o incendio desnecessario d'este vapor e a deliberação do governo de Montevidéo, de dar os passaportes ao ministro residente do Brazil, cassar o *exequatur* aos agentes consulares, e cerrar os portos da Republica aos navios de guerra brazileiros, nem o Paraguay se moveu então, limitando-se a renovar as suas ameaças, nem as ditas provincias, que se conservaram fieis á autoridade nacional. Entretanto a situação se complicava, cada vez mais, e exigia que as medidas coercitivas se fossem aggravando conforme o governo imperial tinha annunciado.

Até então o governo de Montevidéo pouco tinha soffrido por effeito das represalias, e além das mesmas offensas que nos irrogava, nos provocava inimigos por toda a parte, perturbando a paz d'este continente de uma maneira deploravel e preparando por suas tenebrosas machinações uma conflagração geral que envolveria quatro dos principaes Estados da America do Sul. Já não se podia abrigar a esperança de chamar á razão e á justiça este governo, inteiramente allucinado e se tornava indispensavel o recurso ás armas. Por força d'estas considerações, foi resolvido o ataque das praças do Salto e Paysandú, para d'ellas desalojar as autoridades dependentes do dito governo.

Desejando evitar que n'este pontos se accumulassem recursos de guerra, que tornassem esta operação mais difficil, e causassem um inutil derramamento de sangue, tive a honra de dirigir aos Srs. agentes diplomaticos em Montevidéo, com cuja imparcialidade devia contar, uma circular confidencial, pedindo a cada um d'elles que no interesse de todos prohibisse o transporte de artigos bellicos nos navios mercantes da sua respectiva bandeira, assim como o de tropas, visto que eram os unicos que se occupavam

então n'este serviço. Por esta occasião lhes annunciei a resolução do governo imperial.

Mal comprehendido por elles o meu pensamento, talvez porque não fui assaz explicito em minha nota, tive o desgosto de receber uma resposta negativa, na qual se me emprestava a intenção de querer arrogar-me o direito de visita, e vi-me obrigado a empregar um meio mais forte para chegar ao mesmo resultado. Este meio foi o bloqueio dos portos do Salto e Paysandú, notificado por circular de 26 de Outubro ultimo.

Todos conhecem os effeitos benignos d'este bloqueio, em que não se fez uma só presa, e em que houve da parte da esquadra brazileira toda a indulgencia e contemplação para com os neutros, como testemunharam os navios de guerra das diversas estações que se achavam no centro de sua acção, por me convir mesmo que estivessem presentes.

Chegada a occasião opportuna de tomar a praça de Paysandú, todos sabem qual foi o procedimento das forças imperiaes, alliadas ás do general Flôres, que, partindo de um caminho mui differente, se achava pelo curso dos acontecimentos ligado comnosco no fim commun de hostilisar o governo de Montevidéo.

Antes de disparar um só tiro contra aquella praça, o general Leandro Gomez, que a commandava, e contra o qual tinhamos então as mais vivas queixas, não só por ter alli mesmo mandado surrar publicamente um brazileiro que forçara ao serviço das armas, como por capitanear elle mesmo os bandos que vinham ao porto quasi todas as noites insultar-nos com uma musica á frente ; recebeu uma notificação do commandante do exercito libertador, propondo-lhe a entrega d'ella com a condição de ser concedida a elle e as todos os officiaes as honras da guerra.

A resposta que aquelle general deu a esta humana e digna proposição, foi mandar disparar dous tiros sobre o inoffensivo parlamentario.

Esgotado o praso concedido ás familias para a evacuação da praça, começaram as operações da guerra, nas quaes todo o meu empenho, e o do general do exercito libertador, foi causar o menor mal possivel á povoação.

Ainda depois de reforçadas as forças alliadas com uma divisãa do exercito imperial de 7,000 homens, novas propostas com as mesmas condições honrosas foram apresentadas ao chefe orgulhoso e pertinaz que commandava em Paysandú, que não se envergonhava de confessar em suas partes officiaes que tinha recebido os parlamentarios á bala, e que havia passado pelas armas os prisioneiros que tinham tido a infelicidade de cahir em seu poder. Fôra longo enumerar os actos de barbaridade praticados durante o sitio de Paysandú, por este homem que fazia alarde em desrespeitar as leis da guerra, tão solemnemente observadas pelos seus adversarios cujo procedimento humano e compassivo formava com o delle um perfeito contraste. Basta citar um que dá a medida de todos os outros, e que revela a sorte que teriam os sitiadores, se por uma fatalidade a victoria coubesse a um adversario tão cruel.

Um tambor da canhoneira *Ivahy*, que fazia parte da guarnição da bateria de marinha estabelecida na Boa-Vista, extraviou-se e cahiu em poder dos sitiados. No dia seguinte se via na bateria a cabeça deste infeliz em cima de um poste, collocado em uma posição da qual se podia perfeitamente reconhecel-a, pela pequena distancia em que se achava aquella bateria dos postos avançados do inimigo. E' difficil descrever o horror e a indignação dos campanheiros daquelle desgraçado, que protestaram vingar-se dos assassinos que tinham em frente.

Todavia era tão intenso o desejo de poupar maior effusão de sangue, e de diminuir as desgraças da guerra, que todas as tentativas de mediação

que appareceram encontraram sempre benevolo acolhimento da parte dos chefes das forças alliadas. Estes esforços generosos, porém, não aproveitram á guarnição de Paysandú por causa da tenacidade criminosa de seus chefes, unicos responsaveis por todos os males que ella soffreu.

Foi preciso tomar a praça a fogo e sangue, com perdas bastante dolorosas para os sitiadores, que ainda neste momento supremo de exasperação mastraram a grandeza dos principios pelos quaes combatiam, e a nobreza do seu caracter.

Numerosos officiaes e muitos soldados, aprisionados com as armas na mão, foram generosamente postos em liberdade pelos vencedores, que tiveram um momento de bem vivo prazer, quando ouviram as acclamações de ardente reconhecimento e gratidão que elles publicamente manifestaram a seus magnanimos adversarios, de que muitos já se esqueceram calumniando-os nas partes officiaes, que correm impressas, para vergonha dos seus autores, ou tomando novamente as armas contra aquelles.

O governo de Montevidéo, entretanto, que abandonara aquelles seus defensores á sua sorte, entregava-se na capital aos maiores excessos contra o Brazil e os Brazileiros nella residentes, aos quaes tem pretendido obrigar a tomar até as armas contra sua patria.

Todos estes actos justificam as hostilidade que o Imperio faz actualmente ao mesmo governo, que, alliando-se á Republica do Paraguay, e impellindo-a a declarar-nos a guerra, é responsavel pela invasão barbara que as forças daquella Republica acabam de operar na indefeza provincia de Matto-Grosso, que repoussava tranquilla na fé dos tratados subsistentes entre os dous paizes.

Taes são, Sr. contra-almirante, as razões fortes e ponderosas que ogrigam o governo imperial a vir tomar um desforço, digno de uma nação civilisada, de um governo que assim o tem provocado constantemente, e que se tem constituido em uma ameaça permanente para todos os interesses plantados nestes paizes por sua alliança com todos os elementos do crime e da barbaria de que se cerca, e com que conta para sua defeza.

E' não só uma reparação nacional que exigimos hoje com as armas na mão, como um acto de humanidade e civilisação a guerra que sustentamos contra um governo que queima tratados publicos, commissiona bandos de salteadores para incendiar, pilhar e assassinar povoações brazileiras da fronteira, e que publicamente espolia os estabelecimentos bancaríos, e a população nacional e estrangeira.

A missão, pois, do exercito e marinha imperiaes, unidos ao exercito libertador, ao apresentar-se em frente a Montevidéo, unico ponto da Republica Oriental que ainda não se submetteu á autoridade do distincto chefe da revolução oriental, que representa os principios de ordem e de liberdade para sua patria, está definida.

No exercicio dos direitos da guerra que a lei das nações nos concede, temos a intenção de fazer o menor mal possivel aos interesses particulares, quer dos nacionaes, quer dos neutros, sem prejuizo, porém, das operações necessarias, que se hão de levar a effeito, para fazer o maior damno possivel ao inimigo, nos pontos que escolheu para sua defeza no centro da cidade; o que julgo conveniente levar ao conhecimento de V. Ex. com antecedencia, para tomar a resolução que lhe parecer mais util em relação aos seus compatriotas residentes na praça, que não póde resistir ás forças superiores que a vão atacar por terra e por mar.

Devo ao mesmo tempo, prevenir a V. Ex, que de hoje em diante fica bloqueado o porto de Montevidéo, e marcado o praso de sete dias, que serão contados desde já, para se retirarem os navios do ancoradouro interior

e se pôrem em franquia, em posição que não embaracem as operações, podendo neste ponto permanecer o tempo que precisarem para completar seus carregamentos, se tiverem de receber estes fóra da praça.

Preenchido o fim a que me proponho, ao dirigir a V. Ex. esta communicação, que se dignará dar della conhecimento, ao seu governo, aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de minha subida consideração e apreço.

Ao Sr. contra-almirante, commandante das forças navaes de...

BARÃO DE TAMANDARÉ.

Circular aos agentes diplomaticos estrangeiros :

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo da corveta « *Nictheroy* », em Montevidéo, 2 de Fevereiro de 1865.

Sr. Ministro. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. para que se digne fazer constar aos seus compatriotas, que este porto se acha bloqueado desde hoje, em execução das ordens do governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, e de accordo com o que acabo de declarar aos Srs. commandantes das forças navaes estrangeiras.

Os motivos que justificam este acto de guerra, assim como os que se lhe vão seguir, acham-se amplamente explanados no manifesto que aos Srs. agentes diplomaticos residentes em Buenos-Aires dirigiu o Sr. enviado extraordinario do Imperio, conselheiro Paranhos, pedindo que dessem delle conhecimento aos seus respectivos collegas residentes em Montevidéo, e na nota que passei aos referidos commandantes. Em consequencia, aos navios que se acham fundeados no ancoradouro, concedo o prazo de sete dias, que será contado desta data, para se pôrem em franquia em posição que não embaracem as operações que a esquadra do meu commando tem de fazer contra a praça, nem soffram algum damno do fogo della, podendo neste ponto permanecer o tempo que precisirem para completar seus carregamentos, se tiverem de receber estes fóra da mesma praça em pontos não occupados pelo inimigo, pois que a communicação com ella fica inteira e absolumente vedada.

E' meu intento só hostilisar aquellas posições que estiverem occupadas pelo inimigo e das quaes este faça fogo sobre nossas tropas. Todavia deve-se prever o caso de que elle se veja obrigado a refugiar-se no centro da cidade, e que haja necessidade de desalojal-o desse ultimo refugio, fazendo uso de todos os meios permittidos na guerra.

Attendendo a esta probabilidade, que rogo a V. Ex. faça observar aos seus compatriotas, julgo conveniente que V. Ex. lhes aconselhe que evacuem a praça quanto antes, não me sendo possivel marcar prazo, porque a situação presente já de ha muito é conhecida e esperada por todos os habitantes dessa capital, e as operações não podem ser demoradas.

Em todos os lugares occupados pelos alliados, encontrarão elles protecção e segurança para suas pessoas e bens. Escusado é certificar a V. Ex. que as forças alliadas tem as mais terminantes e positivas ordens, que hão de ser cumpridas, para respeitar as vidas dos nacionaes e estrangeiros que não estiverem em armas a favor do inimigo, e as propriedades não occupadas por elle ; assim como para guardar a residencia de V. Ex. a cuja disposição tenho a honra de pôr um navio da esquadra do meu commando se V. Ex. quizer retirar-se da mesma praça. Finalmente, devo declarar a V. Ex. que o general Flôres abriu o porto do Buceo ao commercio nacional

e estrangeiro, e que alli naturalmente se estabelecerá um mercado de aprovisionamento para todos que a elle concorrerem.

Saúdo a V. Ex. com os meus protestos de consideração

A' S. Ex. o Sr...

BARÃO DE TAMANDARÉ.

42

Convenio de paz de 20 Fevereiro de 1865

Protocollo da negociação de paz celebrada na villa de la Union.

Havendo S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, como presidente reconhecido por um dos belligerantes, manifestado a S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, como chefe renconhecido pela outra fracção dos Orientaes, e a S. Ex. o Sr. conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, como representante diplomatico do Brazil, seus desejos de fazer cessar quanto antes a guerra interna e externa em que se acha a Republica, evitando-se, se é possivel, nova effusão de sangue e novas desgraças entre irmãos e uma nação visinha cuja amizade deve ser um empenho honroso e grato para ambos os governos ;

E tendo S. Ex. o Sr. ministro residente de Italia, Raphael Ulysse Barbolani, ao annunciar esses pacificos illustrados e patrioticos sentimentos de S. Ex. o Sr. Thomaz Villalba, declarado que o fazia por encargo deste e em nome de todo o corpo diplomatico de Montevidéo, e solicitado para a negociação de paz uma suspensão de armas, como reciprocidade do que por parte de um belligerantes já se havia ordenado á guarnição da praça de Montevidéo;

Foi esta medida ordenada por parte de S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, e de SS. EEx. os Srs. vice-almirante barão de Tamandaré e marechal de campo João Propicio Menna Barreto, generaes em chefe da esquadra e exercito do Brazil ; e manifestou-se ao mesmo tempo, pelos orgãos competentes dos belligerantes alliados, que as aberturas feitas por parte do outro belligerante seriam acolhidas com o mais sincero desejo de evitar á capital da Republica, se fosse possivel, as tristes consequencias de um assalto.

Verificando-se no dia seguinte ao daquellas aberturas de paz, que tiveram lugar a 16 do corrente mez de Fevereiro, a enviatura de S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes, como orgão e negociador autorisado por S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba para propôr e ajustar as condições da paz, que ambos os belligerantes desejavam celebrar antes de um novo recurso ás armas ; reuniram-se nesta villa da União SS. EEx. os Srs. brigadeiro general D. Venancio Flôres, conselheiro José Maria da Silva Paranhos e D. Manoel Herrera y Obes, para entenderem-se sobre tão importante assumpto.

Entre S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres e S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, foram ajustados os seguintes artigos de reconciliação e de paz, pelo que toca á dissidencia entre os Orientaes :

Art. 1.° Fica felizmente restabelecida a reconciliação entre a familia oriental, ou a paz e boa harmonia entre todos os seus membros, sem que nenhum delles possa ser accusado, julgado ou perseguido por suas opiniões ou actos politicos e militares praticados na presente guerra.

Por conseguinte, desde esse momento fica em vigor a igualdade civil e politica entre todos os Orientaes, e todos elles no pleno gozo das garantias individuaes e direitos politicos que lhes confere a Constituição do Estado.

Art. 2.º São exceptuados das declarações do artigo precedente, assim os crimes e delictos communs, como os politicos que possam estar sujeitos á jurisdicção dos tribunaes de justiça, por seu caracter especial.

Art. 3.º Emquanto não se estabelece o governo e perfeito regimen constitucional, o paiz será regido por um governo provisorio presidido por S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, com um ou mais secretarios de estado, responsaveis, livremente escolhidos pelo mesmo Sr. general e demissiveis *ad nutum*.

Art. 4.º As eleições, assim para deputados e senadores, como para as juntas economico-administrativas, terão lugar o mais brevemente possivel, e logo que o estado interno do paiz o permitta, não devendo em caso algum deixar de verificar-se na época designada pela lei.

Em ambas as eleições proceder-se-ha pelo modo e fórma que as leis especiaes tem determinado, afim de assegurar a todos os cidadãos as mais amplas garantias para a liberdade de seus votos.

Art. 5.º Ficam reconhecidos todos os gráos e empregos militares conferidos até á data em que fôr assignado o presente convenio.

Art. 6.º Todas as propriedades das pessoas compromettidas na contenda civil, que tenham sido occupadas ou sequestradas por disposições geraes ou especiaes das autoridades contendoras, serão immediatamente entregues a seus donos e collocadas sob a garantia do art. 114 da Constituição.

Art. 7.º Immediatamente depois de concluido o presente convenio, todos os guardas nacionaes, que se acham no serviço activo de guerra, serão licenciados, e suas armas recolhidas e depositadas, na fórma do costume, nas repartições competentes.

Art. 8.º O presente convenio se considerará definitivamente concluido e terá immediata e plena execução, logo que conste por uma maneira authentica a sua aceitação por parte de S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, a qual será dada e cammunicada dentro de vinte e quatro horas depois de firmado pelos negociadores.

Ouvido o Sr. ministro de S. M. o Imperador do Brazil a respeito dos sobreditos artigos, declarou S. Ex. que o accôrdo celebrado pelo alliado do Imperio não podia ser senão applaudido pelo governo imperial, que nelle veria bases razoaveis e justas para a reconciliação oriental, e solida garantia dos legitimos propositos que obrigaram o Imperio á guerra que ia felizmente cessar.

Tendo sido antes offerecido ao Brazil por S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, como seu alliado, a justa reparação que o Imperio havia reclamado antes da guerra, confiando plenamente o governo imperial no amigavel e honroso accôrdo constante das notas de 28 e 31 de Janeiro ultimo, espontaneamente iniciado pelo illustre general que vai assumir o governo supremo de toda a Republica : o representante do Brazil declarou que nada mais exigia a esse respeito; julgando que a dignidade e os direitos do Imperio ficam resalvados, sem a menor quebra da independencia e integridade da Republica, e de harmonia com a politica pacifica e conciliadora que se ia inaugurar neste paiz.

S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes declarou que lhe era grato ouvir os sentimentos moderados, justos e benevolos que S. Ex. o Sr. ministro do Brazil tem expressado a respeito da Nação Oriental; que folgava de reconhecer que no accôrdo contido em as notas á que se referia o Sr. ministro, e cujas cópias authenticas lhe agradecia, nada ha que não seja hon-

roso para ambas as partes; e que. sendo esse accôrdo um compromisso cuja satisfação caberá ao governo provisorio, do qual será chefe S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, não podia elle offerecer a menor difficuldade á celebração da paz entre os Orientaes, e entre estes e o Brazil.

E achando-se todos concordes no presente protocollo, lavraram-se delle tres exemplares que foram assignados pelos negociadores.

Feito na villa da União, aos 20 dias do mez de Fevereiro de 1865.

José Maria da Silva Paranhos.
Venancio Flôres.
Manuel Herrera y Obes.

Protocollo addicional ao convenio de 20 de Fevereiro :

Reunidos SS. EEx. os Srs. brigadeiro general D. Venancio Flôres e conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, ministro do Brazil, por uma parte, e S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes por outra parte, para concluirem os ajustes relativos ao restabelecimento da paz interna da Republica e de suas boas relações com o Brazil ; convieram em que fosse objecto de um accordo reservado a satisfação que se exigia por parte do Brazil pelo insulto feito ao seu pavilhão, nas vesperas desta negociação de paz, e nas ruas de Montevidéo, por alguns altos funccionarios da Republica.

S. Ex. o Sr. ministro do Brazil declarou que o referido insulto, cujos pormenores não desejava e não devia recordar nesta occasião, parecia ter sido calculado para estorvar todo o temperamento generoso da parte do Brazil ; mas que o mesmo Sr. ministro, fazendo justiça aos sentimentos elevados do seu governo, se limitava a reclamar que, além da demonstração de honra e amizade, que S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, por si e em nome da nação oriental, havia promettido á bandeira brazileira, segundo os estylos dos povos cultos, como são o Brazil e a Republica Oriental, fossem obrigados a sahir do paiz por algum tempo os autores deste triste feito.

Annuindo a esta proposição S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, e lamentando S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes que as paixões da guerra houvessem dado lugar a um facto que elle foi dos primeiros a reprovar em sua consciencia e em seu coração, propunha não obstante que os sentimentos de moderação do Brazil, não exigessem mais do que é necessario para o seu desaggravo.

O insulto, disse S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, não póde ser considerado como feito pela nação oriental e é por esta inteiramente obliterado com a demonstração que offerece dar S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres ; a exigencia nestes momentos de fazer sahir do paiz dous homens importantes da defeza de Montevidéo, póde levantar resistencias que hoje não encontra o patriotismo de S. Ex. o Sr. D. Thamaz Villalba, para conseguir a paz sem mais effusão de sangue ; generoso como se mostra e se tem mostrado sempre o governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em suas relações com o Estado Oriental, espera que o digno representante do Brazil, desistirá da segunda parte da sua exigencia, que demais será satisfeita pela ordem natural dos acontecimento que se vão desenvolver ; as pessoas compromettidas nesse feito, e

com ellas outras que mais tarde devem receiar de odios que só o tempo faz esquecer, por acto proprio ausentar-se-hão do seu paiz.

S. Ex. o Sr. ministro do Brazil, attendendo ás considerações de S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, e para condescender tambem com outras proprias dos sentimentos conciliadores de S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, conveio em que ficasse convencionado, que os mais compromettidos no referido desacato á bandeira brazileira, seriam obrigados a sahir temporariamente da Republica, se o não fizessem espontaneamente ao tempo de proclamar-se a paz.

Sendo aceita esta proposta de S. Ex. o Sr. ministro do Brazil, deo-se por finda a conferencia, da qual lavrou-se o presente protocollo em tres exemplares que vão assignados pelos tres negociadores. Feito na Villa da União, aos 20 de Fevereiro de 1865.

VENANCIO FLÔRES.
MANUEL HERRERA Y OBES.
JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Notas reversaes de 28 e 31 de Janeiro:

Quartel General do Exercito Libertador. — Colorado, 28 de Janeiro de 1865.

Sr. Ministro. — A alliança entre o Brazil e a grande maioria da nação oriental, que me cabe a honra de representar, como general em chefe do exercito libertador, está feita. Ella existe de ha muito nos sentimentos e nas conveniencias reciprocas ; hoje existe tambem nos factos, porque o triumpho de Paysandú foi sellado com o generoso sangue dos bravos de uma e outra nacionalidade.

Sempre fiz justiça ás nobres intenções do governo do Brazil ; sempre confiei no seu respeito á independencia de minha patria, o na força dos principios de justiça e liberdade que professam o povo brazileiro, e o seu illustre monarcha.

Hoje, porém, tenho novos penhores de seus generosos sentimentos para com o povo oriental, que tanto amo, e sinto o dever de dar uma demonstração de meu reconhecimento, e de quanto desejo estreitar a solida amisade entre os Orientaes e os Brazileiros.

Como general em chefe dos Orientaes que compõem o exercito libertador, e representa em nossa honrosa cruzada a grande maioria de meus compatriotas, cabe-me a honra de dar ao Brazil a segurança de que as suas reclamações que motivaram o *ultimatum* de 4 de Agosto ultimo, serão attendidas com rigorosa justiça e inteira, lealdade, valendo esta minha declaração como empenho de honra e acto solemne e perfeito da soberania oriental, logo que esta seja libertada da facção que hoje a opprime.

Os autores e cumplices notorios de delictos commettidos contra as pessoas de subditos brazileiros residentes em meu paiz, serão punidos com todas a severidade das leis da Republica, sendo destituidos immediatamente, e sem prejuizo dos respectivos processos criminaes. os que ainda exerçam cargos publicos.

Serão suspensos de seus empregos civis ou militares e submettidos ao julgamento ordinario, todos os indiciados de delictos contra os mesmos residentes, uma vez que a legação imperial tenha fornecido ou forneça a

respeito de taes individuos fundamento bastante para que o governo do meu paiz possa conscienciosamente dar este exemplo de sua sevéra justiça, e do grande apreço em que tem uma perfeita intelligencia e amisade com o Imperio do Brazil.

Os subditos brazileiros que tenham sido forçados a qualquer serviço publico por autoridades da Republica, serão postos em liberdade e indemnisados dos prejuizos que tenham soffrido, tão depressa esta reparação possa ser ordenada pelo abaixo assignado, ou por quem o substitua no exercicio do poder supremo da Republica.

Observar-se-ha strictamente o accordo celebrado pelos dous governos em notas reversaes de 28 de Novembro e 3 de Dezembro de 1857, a respeito dos certificados de nacionalidade, passados pelos respectivos agentes consulares; bem como o outro accordo semelhantemente estabelecido por notas de 1 e 7 do dito mez de Dezembro, relativo ao alistamento para o serviço militar por dous paizes.

Considerar-se-ha com força de lei, e terá plena execução desde logo, o accordo de 8 de Maio de 1858, pelo qual o governo da Republica, em virtude de um compromisso de honra, garantio ás reclamações brazileiras provenientes de prejuizos da antiga guerra civil o mesmo processo e a mesma equidade que concedeu ás reclamações francezas e inglezas da mesma origem.

Os tratados, cujos autographos foram entregues ás chammas pelo furor dos dominadores de Montevidéo, continuarão a ser fielmente respeitados como leis da Republica, a que está ligada a sua palavra de honra, e que ambos os paizes têm o dever de sustentar e cumprir.

O general em chefe do exercito libertador não só cumprirá os ajustes preexistentes acima indicados, mas ainda se prestará com igual boa fé a celebrar quasquer outros accordos necessarios para reatar as relações de boa visinhança e de reciproca segurança entre os dous povos.

Contrahindo, Sr. ministro, em nome da grande maiora da nação oriental, que represento, estes sagrados compromissos, eu o faço, como observei a V. Ex., levado pelos estimulos de nossa civilisação, e em cumprimento dos deveres internacionaes, taes quaes os comprehendeo sempre o governo oriental em suas épocas de grata recordação.

Ao transmittir a V. Ex. estas declarações, não peço nenhuma segurança de reciprocidade, porque não desejo tirar a este acto o seu caracter de espontanea reparação devida ao Brazil, e porque estou certo de que o illustrado governo brazileiro ha de attender com a mesma nobreza a quaesquer reclamações fundadas, que lhe tenham sido ou sejam de futuro apresentadas em nome da Republica.

O abaixo assignado assegura por ultimo ao governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, que a Republica Oriental, desde já, e com maior razão quando fôr de todo libertada de seus actuaes oppressores, prestará ao Imperio toda a cooperação que esteja ao seu alcance, considerando como um empenho sagrado a sua alliança com o Brazil na guerra deslealmente declarada pelo governo do Paraguay, cuja ingerencia nas questões internas da Republica Oriental é uma pretenção ousada e injustificavel.

O abaixo assignado se compraz em reiterar a V. Ex. as expressões de sua distincta consideração e apreço.

A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

VENANCIO FLÔRES.

Missão especial do Brazil. -- Buenos-Aires, 31 de Janeiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, teve a honra de receber a nota que S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres lhe dirigio em data de 28 do corrente.

Pela referida nota, o Sr. general manifesta seus sentimentos amigaveis e justos para com o Brazil, e contrahe em nome da nação oriental, como seu orgão fiel e competente, no caracter de autoridade suprema e discricionaria de que se acha revestido, o compromisso solemne de satisfazer ás reclamações do *ultimatum* brazileiro de 4 de Agosto, enumeradas na supracitada nota, e de fazer respeitar todas as estipulações vigentes entre o Imperio e a Republica.

No intuito de evitar futuros motivos de desavença entre os dous Estados e assentar sobre bases solidas as suas boas relações de visinhança, o Sr. general assegura que o governo oriental se prestará de bom grado a quaesquer outros ajustes necessarios para se conseguirem aquelles objectos, tão dignos da previsão e solicitude de ambos os governos.

O Sr. general accrescenta que considera um dever de honra, além de ser uma medida de segurança vital para a Republica, a alliança d'esta com o Brazil na guerra já declarada pelo governo paraguayo, o qual pela sua parte tem procedido como alliado do governo de Montevidéo. Aquella alliança é tambem um empenho solemnemente contrahido pelo Sr. general, no seu caracter de poder supremo e discricionario, e se fará tão effectiva na pratica quanto for possivel á Republica, nos termos que ulteriormente se accordar entre os dous governos.

O abaixo assignado leo com a mais intima satisfação a referida nota de S. Ex. o Sr. general D. Venancio Flôres, e, agradecendo em nome do governo imperial os conceitos justos e amigaveis em que abunda essa espontanea manifestação, aceita igualmente as declarações de S. Ex. nos mesmos termos e com o caracter de compromisso internacional que S. Ex. lhes deu. Essas declarações são dignas do espirito de justiça e da reciproca estima e confiança que devem presidir ás relações dos dous governos.

O abaixo assignado assegura por sua parte ao Sr. general, ainda que S. Ex. o não exija, que o governo do Imperador tomará sempre a peito garantir aos cidadãos orientaes a protecção de que elles careçam sob a jurisdicção do Brazil, e que nunca desattendeo, nem jámais deixará de prestar-se de boa fé, a quasquer legitimas e fundadas reclamações do governo oriental ou de seus concidadãos. E' convicção do governo imperial, que, fóra de tão rasoaveis e honrosas condições, a paz dos dous Estados será um bem precario e seus mutuos interesses não poderão attingir o desenvolvimento que ambos os governos devem desejar.

O abaixo assignado se compraz em aproveitar esta opportunidade para renovar a S. Ex. o Sr. general D. Venancio Flôres as expressões de sua perfeita estima e alta consideração.

A S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, commandante em chefe do exercito libertador.

José Maria da Silva Paranhos.

43

Ainda a pacificação de 20 de Fevereiro.

† **Ordem do dia do marechal de campo Menna Barreto (barão de S. Gabriel).**

Quartel general do commando em chefe do exercito do Sul, em operações no Estado Oriental. — Villa da União, 21 de Fevereiro de 1865.

Ordem do dia n. 24.

Com viva satisfação communico ao exercito que hontem 20 de Fevereiro de 1865, concluio-se e firmou-se a paz entre os Orientaes, e o Brazil e a Republica do Uruguay marcharam unidos na senda do progresso e do engrandecimento.

Aceitas hontem mesmo pelo governo de Montevidéo, personificado no distincto patriota oriental Sr. D. Thomaz Villalba, as condições ajustadas no documento diplomatico sobre o grande successo da paz interna e externa d'esta Republica, entraram na ordem dos factos consummados.

A causa do Imperio e dos seus alliados obteve o desejado triumpho. Os inimigos depuzeram as armas e entregaram o primeiro cargo da Republica ao distincto general Flôres, nosso alliado e companheiro no glorioso combate de Paysandú.

Aquelles que nos insultavam grosseiramente, que nos provocavam á guerra mais cruenta, reconhecendo que a victoria dos Alliados era aqui infallivel, como foi brilhante no unico combate que se atreveram a sustentar, desappareceram da scena politica d'este paiz ante o aspecto e firme resolução dos exercitos alliados, prestes a cumprirem o seu dever e compromisso de honra.

Vencemos em Montevidéo sem derramar o sangue dos nossos soldados, e o de irmãos e visinhos, a quem homens tresloucados pelas paixões dos partidos concitavam a uma resistencia impossivel.

Congratulemo-nos com os nossos dignos alliados por este novo e incruento triumpho, que abre as portas da capital da Republica a todos os Orientaes e Brazileiros, e entrega os destinos d'este bello paiz ao magnanimo general Flôres, centro de união para toda a familia oriental, e baluarte da independencia de sua patria, como é e será tambem a melhor garantia da paz do Brazil com este Estado visinho.

Já não temos inimigos no solo oriental. Os que hontem existiam desappareceram, e em seu lugar acha-se hoje um governo amigo e alliado, que nos prestará toda a cooperação possivel contra o feroz e detestavel governo do Paraguay.

Este resultado de nossos sacrificios, de nosso sangue valentemente derramado, é immenso e deve ser grato a todos os Brazileiros, como o é aos bons Orientaes. As nossas reclamações serão satisfeitas, a amnistia concedida pelo illustre general Flôres não comprehende os roubos, assassinatos e outros crimes communs, pelos quaes antes e durante a guerra se assignalaram alguns dos ferozes sequazes do partido vencido. Taes crimes serão punidos, porque a moral, a civilisação e a justiça assim o reclamam.

As armas e a diplomacia brazileiras não podiam ser mais felizes, nem mais generosas em seu triumpho. O Brazil inteiro o ha de reconhecer e applaudir.

Nossa missão, porém, não está terminada. Preparemo-nos para outra não menos gloriosa. Santa é a crusada que vamos emprehender. O desaggravo da nossa dignidade, nossos direitos desconhecidos, e a redempção de um povo inteiro, que geme sob o mais brutal despotismo, exigem do exercito brazileiro novos sacrificios, e elle os fará por certo.

Decansai um momento em meio dos Orientaes, nossos companheiros d'armas, mas sem affrouxar em vossa dedicação ao Imperador e ao Brazil, que nos contemplam com amor e confiança. Velemos agora com mais escrupulo, se é possivel, o bom nome de que gozamos entre os nossos alliados e todos os estrangeiros de boa fé, que têm podido apreciar o brioso comportamento do exercito que me desvaneço de commandar.

João Propicio Menna Barreto,
Marechal de Campo.

† Proclamação do general Venancio Flôres.

Companheiros de armas! Chegámos ao feliz termo de nossas nobres e legitimas aspirações.

Depois de dous annos de sacrificios e abnegações, conseguimos por meio de uma paz, sem humilhação para o adversario, o restabelecimento dos santos principios, que garantem a todos os direitos civis, estabelecendo a igualdade perante a lei. Mostrai-vos tão grandes na manifestação da magnanimidade como fostes bravos e perseverantes nas privações e nos sacrificios!

Orientaes todos! Contemos este dia como o precursor de uma nova éra de felicidade e ventura para a familia oriental; que a paz que a allumia não seja, como outras vezes, uma tregoa, para voltar de novo com mais rancor á peleja, que rompe os queridos vinculos da familia, separando os pais dos filhos, o esposo da terna esposa e o amigo do companheiro da infancia; que fecha as veias da riqueza da nossa patria, e nos apresenta aos olhos do mundo civilisado como eternamente possuidos das más paixões.

Honra a todos que contribuiram com o seu esforço para a obra da paz; porém sobretudo honra ao bravo exercito e armada imperial que, confundindo seu sangue com o sangue dos Orientaes, souberam depôr justos resentimentos para ajudar-nos a cimentar o triumpho das instituições sem nova effusão de sangue.

Compatriotas! Viva a patria! Viva o povo oriental! Viva a união sincera dos Orientaes! Viva o nobre povo brazileiro! Viva o Imperador do Brazil!

Venancio Flôres.

† Approvação do convenio por D. Thomaz Villalba.

Presidencia da Republica. — Montevidéo, 20 de Fevereiro de 1865. — Tenho a honra de participar a V. Ex. que prestei minha approvação e ratifiquei as condições ajustadas entre V. Ex. e o general Flôres para a pacificação da Republica por intermedio do meu commissionado *ad hoc* o Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

Ao fazel-o, é-me grato manifestar a V. Ex. o meu reconhecimento pela parte importante que tomou na celebração d'essa convenção, que põe termo ás calamidades por que a Republica estava passando, assim como pela

valiosa garantia que o Imperio do Brazil dá ao ajustado por intermedio de V. Ex., que tão dignamente o representa.

Approveito a opportunidade para manifestar a V. Ex. as seguranças de minha mais alta consideração.

A S. Ex. o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, representante de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

THOMAZ VILLALBA.

† Officio do ministro brazileiro ao Sr. Villalba.

Missão especial do Brazil. — Villa da União, em 21 de Fevereiro de 1865. — Tenho a honra de accusar a communicação que V. Ex. dirigiu-me com data de hontem, e que hoje, ás 9 horas da manhã acabo de receber.

Por esta communicação fico inteirado de que V. Ex. aceitou o convenio de paz firmado hontem n'esta villa por seu commissionado *ad hoc*, o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

Congratulo-me com V. Ex. pela paz que desde esse momento fica restabelecida entre o Brazil e a Republica do Uruguay, assim como pela reconciliação dos Orientaes, que a V. Ex. devem o reconhecimento de um acto de acrysolado patriotismo n'esse accôrdo pacifico.

Aproveito com summo prazer esta occasião para offerecer a V. Ex. os protestos de meu mais alto apreço.

A s. Ex. o Sr. D. Thomaz de Villalba.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

† Investidura do general D. Venancio Flôres no mando supremo da Republica. — Nota do general Flôres á missão especial do Brazil.

Governo provisorio. — União, em 21 de Fevereiro de 1865. — Sr. Ministro. — Tenho a honra de dirigir-me a V. Ex. com o fim de participar-lhe que, pacificada a Republica e restabelecidas as idéas e principios que o exercito libertador sustentou, fui investido com o mando supremo da Republica, até que, constituidos os poderes publicos, possa eleger-se a pessoa que tem de reger seus destinos.

Ao fazer esta communicação a V. Ex., cumpro com prazer o grato dever de consignar aqui, que ao apoio leal e desinteressado de Sua Magestade o Imperador do Brazil e de seu digno exercito e armada, se deve, em grande parte, o feliz acontecimento que hoje enche de jubilo a todos os bons filhos da Republica.

Rogo a V. Ex. queira transmittir ao governo de Sua Magestade Imperial o conteúdo d'esta nota, e os protestos de meu mais sincero desejo de encontrar occasiões em que possa mostrar-lhe todo o interesse que me anima para com a briosa nação brazileira, e muito especialmente para com o digno monarcha que com tanta illustração o rege.

Julgo escusado, Sr. ministro, assegurar a V. Ex., para que se sirva transmittir esta segurança ao governo de Sua Magestade o Imperador, que um dos meus primeiros e mais gratos deveres será dar inteiro cumprimento aos compromissos que espontaneamente contrahi para com o Imperio do Brazil, e que se acham consignados em minha nota de 28 de Janeiro ultimo.

Rogo a V. Ex. queira aceitar pessoalmente minhas mais sinceras felicitações, pelo acerto e distincção com que V. Ex. interpretou os generosos sentimentos do governo de Sua Magestade em relação á Republica.

Saúdo a V. Ex. com a minha mais alta e distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

VENANCIO FLÔRES.
José Candido Bustamante.

Nota da missão especial do Brazil ao general D. Venancio Flôres.

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 25 de Fevereiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em missão especial, teve a honra de receber a nota de 21 do corrente, pela qual S. Ex. o Sr. governador provisorio se dignou communicar-lhe a organisação temporaria do poder executivo d'este Estado, reiterando ao mesmo tempo as nobres expressões de seus sentimentos amigaveis para com o Imperio e seu augusto monarcha.

O abaixo assignado felicita a S. Ex. o Sr. governador provisorio pelo prospero acontecimento da paz da Republica, que tão merecida gloria reflete sobre a pessoa de S. Ex., e testemunha-lhe mais uma vez quanto serão gratos ao Imperador e ao povo brazileiro as manifestações que se contem na referida nota.

O abaixo assignado, assegurando ao Exm. Sr. governador provisorio que se deu pressa em transmittir o dito documento ao governo de Sua Magestade, aproveita tão honrosa occasião para renovar a S. Ex. os protestos de seu profundo reconhecimento e mais alta consideração.

A S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Nota da missão especial do Brazil ao ministro de relações exteriores da Republica Argentina.

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, em 6 de Março de 1865.

Sr. ministro. — A celebração da paz no Estado Oriental é um acontecimento já conhecido, e de certo cordialmente applaudido pelo governo argentino.

Os sentimentos de V. Ex. e do seu governo a esse respeito não podem ser objecto de duvida para quem, como eu, pôde apreciar o concurso que a Republica Argentina prestou, e se mostrou sempre disposta a prestar, afim de minorar os males da guerra, e facilitar um accordo que puzesse termo a essa luta, cujo desfecho seria dos mais tristes, se as paixões freneticas de nossos inimigos dominassem em Montevidéo até ao ultimo momento.

E' meu dever n'esta occasião, e dever que cumpro com o mais espontaneo reconhecimento, agradecer mais uma vez ao governo argentino, e pessoalmente a S. Ex. o Sr. general Mitre, presidente da Republica, e a V. Ex., seu digno ministro de relações exteriores, os bons officios que lhes mereceu o Brazil, e as constantes provas que deram de sua confiança no governo de Sua Magestade o Imperador.

A par d'este reconhecimento o governo imperial abriga a persuasão de que os seus actos corresponderam largamente á todas as suas promessas de moderação e de respeito á independencia e integridade da Republica Oriental do Uruguay.

A boa harmonia e reciproca estima que têm até hoje presidido ás relações do governo imperial com a Republica Argentina asseguram que uma nova era de paz e de progresso se vai abrir para esta parte da America. A missão é digna dos governos que estão chamados a preenchel-a, e os seus resultados futuros não podem ser menos certos, nem menos brilhantes, do que os que hoje festeja o Estado Oriental do Uruguay.

Tenho a honra, Sr. ministro, de offerecer a V. Ex. os documentos juntos da solução do conflicto entre o Brazil e o governo de Montevidéo que deixou de existir no dia 20 de Fevereiro ultimo.

Aproveito outrosim a opportunidade para renovar a V. Ex. os protestos de minha perfeita estima e alta consideração.

A S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Nota do ministro das relações exteriores da Republica Argentina á missão especial do Brazil.

Ministerio de relações exteriores da Republica Argentina. — Buenos-Aires, 13 de Março de 1865.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de responder á nota de 6 do corrente de S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em missão especial junto ao governo argentino, communicando-lhe o convenio que pôz fim á guerra na Republica Oriental do Uruguay.

O governo argentino, que tão ardentes votos tem feito pela paz d'este paiz vizinho e irmão e que não omittio meio algum para que se conseguisse tão grande bem, não poude ver senão com grande satisfação a celebração dos ajustes que fizerâm cessar a guerra.

Esta satisfação foi maior ainda quando vio que o governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em harmonia com suas reiteradas declarações solemnes, levou sua moderação e respeito á independencia da Republica Oriental do Uruguay até onde podia e devia esperar-se.

O governo argentino agradece sinceramente as demonstrações de amizade que V. Ex. teve a bem fazer-lhe, e espera confiadamente que a estreita união de ambos os governos ha de ser benefica em resultados para o futuro dos povos do Rio da Prata.

S. Ex. o Sr. presidente da Republica compraz-se em retribuir a V. Ex. o conceito com que o favorece, desejando ter occasião de mostrar o quanto são firmes seus propositos de harmonisar sua politica com a do governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, no que diz respeito á independencia, á paz e ao bem estar do Estado Oriental do Uruguay, e estreitar os vinculos de amizade que unem e devem unir sempre ambos os paizes.

O abaixo assignado aproveita esta oportunidade para manifestar a S. Ex. o Sr. Paranhos, que o governo argentino crê firmemente, que em grande parte se deve o feliz ajuste que fez cessar os males que produzia a guerra na Republica Oriental do Uruguay, á illustração e nobre empenho de V. Ex., e, apresentando-lhe seus agradecimentos pelos termos lisongeiros

que lhe dirige, reiterá-lhe a expressão dos sentimentos de sua mais alta consideração e apreço.

A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

RUFINO DE ELIZALDE.

† Exoneração do ministro em missão especial (1).

Eis a integra do decreto :

Hei por bem dispensar o conselheiro José Maria da Silva Paranhos da missão especial de que foi encarregado no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Republica Argentina, por decreto de 9 de Novembro do anno proximo passado.

João Pedro Dias Vieira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, o tenha assim entendido, e faça executar expedindo os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Março de 1865, 44° da Independencia e do Imperio.

(Com a rubrica de SUA MAGESTADE O IMPERADOR).

JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA.

† Carta do ministro dos negocios estrangeiros ao demittido :

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1865.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro. — Cumpro o penoso dever de communicar a V. Ex. que o governo imperial resolveu dispensal-o da missão diplomatica de que o encarregára no Rio da Prata.

A deficiencia do convenio de 20 de Fevereiro, em relação aos ultrajes commettidos contra a dignidade do Imperio pelo governo de Montevidéo, no periodo da administração Aguirre, foi parte para que o mesmo convenio não merecesse do governo imperial plena approvação.

Nas circumstancias graves do nosso paiz, cumpria ao governo imperial manifestar com franqueza, e desde logo o seu pensamento sobre tão importante acontecimento, e d'ahi a necessidade para o serviço publico da exoneração de V. Ex.

No entretanto permitta que me prevaleça do ensejo para agradecer a V. Ex. o auxilio que nos prestou, e os serviços que fez á causa do Imperio, que não ficam esquecidos pela deficiencia do accordo celebrado na Villa da União.

Sou com perfeita estima de V. Ex., etc.

JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA.

---

(1) Copiamos este documento e o que se segue do folheto publicado pelo visconde do Rio Branco. — *A Convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do Senado e dos successos da Uruguayana.*

44

Carta do Governador Provisorio da Republica Oriental a S. M. o Imperador do Brazil.

Traducção.

VENANCIO FLÔRES, *Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, a* SUA MAGESTADE D. PEDRO II, *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.* Salve !

Cumprimos o grato dever de communicar a Vossa Magestade Imperial que esta Republica, graças aos esforcos dos bons Orientaes, e á generosa cooperação do Brazil, festeja hoje a cessação da guerra civil, ao mesmo tempo que applaude com enthusiasmo o restabelecimento de suas boas relações com o Imperio visinho.

Instituido no dia 22 do corrente um governo provisorio de que me cabe a honra de ser chefe, em consequencia daquelle grande e feliz acontecimento, elle deve reger os destinos deste paiz até que, de conformidade com a nossa lei fundamental, seja eleito o seu presidente constitucional.

Os Orientaes reconhecem que a paz de que hoje começa a gozar a Republica e as esperanças de prosperidade e de ordem que renascem com a nova situação politica, são em grande parte obra da alliança que Vossa Magestade Imperial se dignou mais uma vez conceder-nos. Em nome dos Orientaes, Senhor, agradecemos ao Brazil e ao seu excelso Monarcha tão grande, benefico e honroso concurso, protestando igualmente que nossa gratidão será sem limites.

Pedimos a Deus que vos tenha, muito alto, poderoso e excelso Principe, em Sua Santa Guarda.

Montevidéo, 24 de Fevereiro de 1865.

VENANCIO FLÔRES.

45

Carta de S. M. o Imperador do Brazil ao Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay.

D. PEDRO II, *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, etc.*

Envia muito saudar ao grande e bom amigo o Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, General D. Venancio Flôres, a quem muito estima e presa.

Com a maior satisfação recebi a carta de 24 de Fevereiro ultimo, pela qual me communicaes a grata noticia de ter cessado a guerra civil que dilacerava esse paiz, e a installação do governo provisorio de que sois chefe, e que deve reger a Republica, até que, de conformidade com a lei fundamental do estado, seja eleito o Presidente constitucional.

Agradecendo-vos esta mui grata communicação, e ainda mais as expres-

sões amigaves que manifestaes na dita carta sobre a parte que attribuís ao Imperio na realização de tão importantes acontecimentos, dos quaes resultou o restabelecimento das boas relações entre o Brazil e o Estado Oriental, apresso-me a congratular-me comvosco pala paz da Republica, fazendo sinceros votos para que seja perpetua a união do povo oriental e constante a sua prosperidade.

Illustre General D. Venancio Flôres, Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, Nosso Senhor vos haja em Sua Santa Guarda.

Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 7 de Março de 1865.

(Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador).

João Pedro Dias Vieira.

46

† *O exercito imperial na campanha da Banda Oriental (Dezembro de 1864 a 20 de Fevereiro de 1865).*

Já dissemos em uma nota que o exercito imperial que invadiu em 1° de Dezembro o Estado Oriental e atacou Paysandú (general João Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel) compunha-se de 5.711 homens das tres armas e 12 bocas de fogo, e que dessa força apenas pertenciam á infantaria e artilharia menos de 2.000 homens.

Vejamos agora, segundo os mappas que se guardam no archivo da secretaria da guerra, qual a força que tinhamos diante de Montevidéo em 1° de Fevereiro e 1° de Março de 1865, antes e depois da pacificação de 20 de Fevereiro.

— *Em 1° de Fevereiro. — Exercito brazileiro em operações.*

Corpos especiaes	28	homens
Artilharia	823	—
Cavallaria de linha	998	—
« da guarda nacional	2.160	—
Infantaria	2.838	—
Companhia de transportes	21	
	6.868	—

— *Em 1° de Março. — Exercito brazileiro em Montevidéo e seus arredores (dia em que o general Ozorio assumio o commando em chefe.)*

Corpos especiaes	Generaes	2	32
	Estado-maior de 1ª e 2ª classe	3	
	Repartição ecclesiastica	7	
	Corpo de saude	17	
	Commandantes superiores	3	
Artilharia	Duas baterias do 1° regimento de artilharia a cavallo	188	970
	1° batalhão de artilharia a pé	634	
	Contingente do batalhão de engenheiros	148	
			1.002

			1.002
Cavallaria	2º regimento de cavallaria	267	1.035
	3º » »	312	
	4º » »	211	
	5º » »	245	
	1º corpo provisorio de cavallaria da guarda nacional	303	2.128
	4º	252	
	5º	369	
	6º	274	
	7º	358	
	8º	266	
	9º	306	
Infantaria	1º batalhão	510	5.245
	3º	335	
	4º	526	
	6º	411	
	7º	431	
	8º	430	
	9º	501	
	12º	427	
	13º	362	
	Corpo de guarnição do Espirito-Santo	131	
	Batalhão de caçadores da Bahia	424	
	Corpo policial do Rio de Janeiro	389	
	» » da Bahia	368	
Companhia de transportes			55
	Somma		9.465

II

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO III DESTA OBRA

Intervenção do Paraguay na lucta

Desde o offerecimento da mediação paraguaya na questão da Banda Oriental até o rompimento de Lopez e a captura do paquete « Marquez de Olinda » (1864).

47

O governo paraguayo offereceo a sua mediação dirigindo ao governo imperial a seguinte nota (Cap. III).

Ministerio de relações exteriores. — Assumpção, 17 de Junho de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de dirigir-se á V. Ex. para communicar-lhe que a legação oriental nesta cidade solicitou, em nome de seu governo, a amigavel mediação do desta Republica para o ajuste das questões confiadas pelo gabinete imperial a S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, em sua missão especial naquella Republica.

O governo do abaixo assignado que vê com pezar tudo quanto póde destruir a harmonia entre dous povos visinhos e amigos, e sensivel á manifestação de confiança que o governo oriental deposita em sua rectidão, e justiça, accedeu ao pedido da legação oriental, acceitando o encargo de mediador que lhe offerece o seu governo.

O governo imperial, justo apreciador do verdadeiro valor dos interesses bem entendidos de todos os ribeirinhos do Prata e de seus affluentes, conhece tambem a imperiosa necessidade de amigaveis relações entre todos elles, e do ajuste dos interesses oppostos que possam surgir.

Esta convicção, e a politica de moderação que distingue o gabinete imperial, fazem esperar ao governo do abaixo assignado que o de Sua Magestade o Imperador ha de resolver, de accordo com esta mesma politica, as differenças que motivaram a missão extraordinaria de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva.

O governo do abaixo assignado se considerará mui feliz se, empenhando a sua cooperação, puder contribuir para um resultado tão satisfactorio.

O abaixo assignado aproveita esta occasião para offerecer á V. Ex. as seguranças de sua mui distincta consideração e estima.

Ao Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros do Imperio do Brazil, etc.

José Berges.

Ao plenipotenciario brazileiro no Rio da Prata dirigio-se o governo paraguayo nos seguintes termos (Cap. III) :

Ministerio de relações exteriores. — Assumpção, 17 de Junho de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de communicar á V. Ex. que o governo da Republica Oriental do Uruguay solicitou, por intermedio do seu ministro residente nesta capital, a mediação do governo do abaixo assignado para o ajuste amigavel das questões internacionaes confiadas á V. Ex. pelo governo imperial.

O governo do abaixo assignado no intuito de remover todo motivo de desavença entre duas nações amigas e visinhas, acceitou esta honrosa prova de confiança que lhe dá o governo do Estado Oriental, e assim o participa nesta data a S. Ex o Sr. ministro dos negocios estrangeiros de Sua Magestade o Imperador.

O abaixo assignado aproveita esta occasião para saudar a V. Ex. com a sua mui distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. conselheiro José Antonio Saraiva.

JOSÉ BERGES.

O plenipotenciario respondeo (Cap. III) :

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 24 de Junho de 1864.

Sr. ministro. — Tive a honra de receber a nota, pela qual dignou-se V. Ex. communicar-me que, por solicitação do governo oriental, resolvêra dirigir-se ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros de Sua Magestade o Imperador para offerecer a mediação do governo paraguayo a bem do ajuste amigavel das questões que determinaram a missão especial do Brazil nesta Republica.

Aguardando, como me cumpre, as ordens do meu governo, corre-me, entretanto, o dever de declarar a V. Ex. que, nutrindo as mais fundadas esperanças de obter amigavelmente do governo oriental a solução das mencionadas questões, parece-me, por emquanto, sem objecto a mediação do governo paraguayo, sempre apreciada pelo governo de Sua Magestade.

A S. Ex. o Sr. José Berges.

JOSÉ ANTONIO SARAIVA.

O ministro dos negocios estrangeiros do Brazil, *Dias Vieira*, respondeo em 7 de Julho a *Berges*, dizendo :

...Tendo-se o governo de Sua Magestade o Imperador completamente conformado com essa resposta (a resposta do conselheiro Saraiva), o abaixo assignado cumpre o dever de assim o communicar ao Sr. D. José Berges, aproveitando a occasião para pedir a S. Ex. se sirva ser perante o seu governo orgão dos sentimentos de gratidão e de apreço que ao governo de Sua Magestade o Imperador inspirou o cavalheiroso procedimento do da Republica...

48

Protesto do governo paraguayo contra a intervenção brazileira na Banda Oriental do Uruguay.

Nota do governo paraguayo a legação imperial em Assumpção (Cap. III).

Ministerio de relações exteriores. — Assumpção, 30 de Agosto de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, teve ordem do Exm. Sr. Presidente da Republica para dirigir a V. Ex. esta communicação com o fim que passa a expôr.

O abaixo assignado recebeu de S. Ex. o Sr. Vasuez Sagastune, ministro residente da Republica Oriental do Uruguay, uma nota que, com data de 25 deste mez dirigio-lhe de ordem de seu governo, acompanhando cópia da ultima correspondencia trocada entre o governo oriental, e S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brazil em missão especial junto daquella Republica, constante de tres notas que se registram sob as datas de 4, 9 e 10 do presente mez.

O importante e inesperado conteúdo destas communicações, chamou seriamente a attenção do governo do abaixo assignado, pelo interesse que lhe inspira o arranjo das difficuldades com que lucta o povo oriental, á cuja sorte não lhe é permittido ser indifferente, e pelo merecimento que póde ter para este governo a apreciação dos motivos que possam haver aconselhado tão violenta solução.

A moderação e previdencia que caracterisam a politica do governo imperial, autorisaram ao do Paraguay a esperar uma solução diversa ás suas reclamações com o governo oriental, e esta confiança era tanto mais fundada quanto S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, e até o proprio governo imperial, ao declinar a meditação efferecida por este governo a pedido do governo oriental, para o ajuste amigavel dessas mesmas reclamações, declaram-n'a sem objecto pelo curso amigavel que iam tendo as mencionadas reclamações.

O governo do abaixo assignado respeita os direitos que são inherentes a todos os governos para o ajuste de suas difficuldades ou reclamações, uma vez negada a satisfação e justiça, sem prescindir do direito de apreciar por si o modo de effeitual-o, ou o alcance que póde ter sobre os destinos de todos os que têm interesses legitimos nos seus resultados.

A exigencia feita ao governo oriental por S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, em suas notas de 4 e 10 deste mez, é de satisfazer ás suas reclamações dentro do improrogavel prazo de seis dias, sob a ameaça de, no caso contrario, usar de represalias, com as forças imperiaes de mar e terra, reunidas de antemão sobre as fronteiras da Republica Oriental, e de augmentar a gravidade das medidas da attitude assumida, o que significa uma occupação proxima de alguma parte daquelle territorio, quando o seu governo não se nega a attender e a satisfazer ás reclamações apresentadas, como consta da nota de S. Ex. o Sr. ministro de relações exteriores de 9 do presente mez.

Este é um dos casos em que o governo do abaixo assignado não póde prescindir do direito que lhe assiste, de apreciar este modo de effeituar as satisfações das reclamações do governo de V. Ex., porque o seu alcance póde vir a exercer consequencias sobre os interesses legitimos que a Republica do Paraguay possa ter em seus resultados.

Penosa foi a impressão que deixou no animo do governo do abaixo assignado a alternativa do *ultimatum* consignado nas notas de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, de 4 e 10 do corrente, ao governo oriental, exigindo delle um impossivel pelo obstaculo que oppõe á situação interna daquella Republica, e para cuja remoção não têm sido bastantes, nem o prestigio de SS. EEx. os Srs. Thornton, Elizalde e Saraiva, nem o concurso e abnegação do governo oriental.

Não menos penosa foi para o governo do abaixo assignado a negativa de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva á proposição de arbitramento que lhe foi feita por parte do governo oriental, muito mais quando este principio havia servido de base ao gabinete imperial em suas reclamações contra o governo de S. M. Britannica.

O governo da Republica do Paraguay deplora profundamente que o de V. Ex. haja julgado opportuno afastar-se nesta occasião da politica de moderação em que devia confiar agora mais do que nunca, depois da sua adhesão ás estipulações do Congresso de Paris; não póde, porém, ver com indifferença, e menos consentir que em execução da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brazileiras, quer sejão navaes quer terrestres, occupem parte do territorio da Republica Oriental do Uruguay, nem temporaria nem permanentemente, e S. Ex. o Sr. Presidente da Republica ordenou ao abaixo assignado que declare a V. Ex., como representante de S. M. o Imperador do Brazil : que o governo da Republica do Paraguay, considerará qualquer occupação do territorio oriental por forças imperiaes, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente, intimado ao governo oriental pelo ministro plenipotenciario do Imperador, em missão especial junto daquelle governo, como attentatoria do equilibrio dos Estados do Prata, que interessa á Republica do Paraguay como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal acto, desonerando-se desde já de toda responsabilidade pelas consequencias da presente declaração.

Deixando assim cumpridas as ordens do Exm. Sr. Presidente da Republica, o abaixo assignado aproveita esta occasião para saudar a V. Ex. com a sua mui distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de S. M. o Imperador do Brazil.

JOSÉ BERGES.

49

Resposta da Legação Imperial do Brazil, ao protesto paraguayo de 30 de Agosto.

Eis a resposta do Ministro Residente do Brazil, Vianna de Lima (barão de Jaurú) á nota acima publicada (Cap. III) :

Legação imperial do Brazil. — Assumpção, 1° de Setembro de 1864.

Sr. ministro. — Tive a honra de receber a nota de V. Ex. datada de ante-hontem, na qual, referindo-se á ultima correspondencia trocada entre o governo oriental e a missão especial do Brazil naquella Republica, e fazendo a este respeito algumas considerações, se servio V. Ex. communicar-me que recebera ordem do Exm. Sr. presidente da Republica,

para me declarar — que o governo do Paraguay considerará qualquer occupação do territorio oriental por parte das forças imperiaes, e pelos motivos consignados no *ultimatum* de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, de 4 do mez proximo passado, como attentatoria do equilibrio dos Estados do Prata, que interessa á Republica do Paraguay como garantia de sua segurança, paz e tranquillidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal acto,, descarregando-se desde logo de toda a responsabilidade pelas ulterioridaes da presente declaração.

Não entrarei em maior desenvolvimento sobre a justiça das reclamações do governo imperial, nem sobre os motivos que o compelliram, bem a seu pezar, a recorrer ao direito de represalia para obter reparação das violencias e perseguições commettidas por algumas das proprias autoridades civis e militares da Republica, contra as pessoas e propriedades de subditos brazileiros, alli residentes, porque V. Ex. tem cabal conhecimento da correspondencia diplomatica do Exm. Sr. conselheiro Saraiva, em que se acham circumstanciadamente exaradas as razões que tem o mesmo governo para assim proceder.

Sinto que o governo de que V. Ex. faz parte, nutra receios sobre as verdadeiras intenções do governo imperial e veja na actual conjunctura perigos, que não existem, para a independencia e integridade do Estado Oriental. Era licito suppôr que as provas reiteradas de franqueza e lealdade de que abunda a politica do governo imperial para com os Estados vizinhos bastariam para arredar do animo do governo paraguayo qualquer apprehensão sobre o fim que tem S. M. o Imperador na resolução que foi obrigado a tomar em presença da constante denegação de justiça ás reclamações que desde longo tempo tem infructuosamente dirigido ao Estado Oriental.

O governo imperial, pelo facto de mandar a Montevidéo S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, cujas elevadas qualidades o tornavam tão recommendavel para semelhante missão, deu um novo e irrefragavel testemunho de moderação e desejo de ver resolvidas de modo amigavel as suas reclamações; mas, infelizmente, esse derradeiro appello feito ao governo oriental e os esforços do distincto diplomata brazileiro, foram baldados pela resistencia systematica que lhe oppoz aquelle governo.

E o que pedia o Brazil que não podesse e devesse ser logo attendido? O immediato castigo, senão de todos, ao menos daquelles reconhecidos criminosos que ficaram impunes, alguns dos quaes occupam postos no exercito oriental ou exercem cargos civis do Estado; indemnisação pela propriedade de que os seus nacionaes foram esbulhados pelas autoridades locaes, e finalmente garantias para que no futuro se não reproduzissem iguaes attentados contra subditos brazileiros que alli residem sob a protecção das leis da Republica.

Na dita nota allude V. Ex. ao offerecimento de mediação feito pelo governo do Paraguay ao enviado brazileiro, a pedido do da Republica Oriental, na occasião em que se achavam em curso as negociações para a pacificação daquelle Estado, negociações em que convergiram os louvaveis e generosos esforços dos representantes do Brazil, da Republica Argentina e da Grã-Bretanha; mas que não tiveram o desejado exito, como V. Ex. sabe, por se ter o governo oriental recusado a aceitar a condição essencial imposta pelo Sr. general D. Venancio Flôres.

Pedirei licença a V. Ex. para observar que, attento o proposito firme em que parece estar o governo oriental de não acolher as reclamações brazileiras, qualquer mediação na actual controversia só serviria para crear novas delongas, procrastinando um estado de cousas que tornou-se

intoleravel para os Brazileiros que habitam a campanha oriental, e mallogrando assim as vistas do governo imperial que tendem precisamente a obter prompta reparação a fim de impedir que durante as actuaes perturbações politicas se reproduzam as tropelias e violencias até hoje praticadas contra subditos brazileiros, e que se tem repetido com mais frequencia desde que appareceu a guerra civil que infelizmente devasta aquelle paiz.

O governo imperial tem repetidas vezes explicado em varios documentos, que estão hoje no dominio do publico, os justos fundamentos das suas queixas contra o governo oriental; comprovado com o testemunho irrecusavel dos factos a seu respeito pela independencia e autonomia daquelle Estado, e dado exuberantes provas de longanimidade e moderação; mas, vendo frustados os esforços ultimamente empregados para chegar a um accordo amigavel, recorre aos meios coercitivos que o direito das gentes autorisa a fim de conseguir aquillo que não poude obter por meios suasorios, isto é, que justiça seja feita ás suas reclamações. De certo nenhuma consideração o fará sobrestar no desempenho da sagrada missão que lhe incumbe de proteger a vida, honra e propriedade dos subditos de Sua Magestade o Imperador.

Ultimarei a presente communicação assegurando a V. Ex. que vou dar conhecimento ao governo imperial da nota á que respondo.

Aproveito este ensejo para renovar a V. Ex. as expressões da minha subida estima e distincta consideração.

Illm. e Exm. Sr. D. José Berges, ministro e secretario de estado de relações exteriores da Republica do Paraguay.

CESAR SAUVAN VIANNA DE LIMA.

50

Resposta do presidente Lopez ao discurco que lhe dirigio uma commissão do povo em Assumpção (2 de Setembro de 1864) :

Disse Lopez respondendo ao orador da commissão de que se fallou no Cap. III :

... Em nome do paiz vos agradeço esta solemne manifestação, cuja verdadeira importancia, com razão dizeis, consiste na sinceridade e na opportunidade com que é feita. Como magistrado e como paraguayo julgo-me feliz por ter alcançado para a politica de meu governo tão eloquente adhesão, não menos importante pelo numero dos congregados, como pelo enthusiasmo que a dictou. A attitude assumida pela Republica n'estes momentos solemnes faz desejar que se ouça a voz da patria commum. Já é tempo que ella seja ouvida!

Os Paraguayos não pódem permittir que se menoscabe nossa Republica, quando Estados visinhos agitam questões, que podem directa ou indirectamente influir sobre nossos mais caros direitos.

Quando assumi a attitude que acabaes de apoiar com a vossa generosa adhesão e com os vossos offerecimentos, não desconheci a gravidade das circumstancias, em que nos iamos achar, mas vossa união, vosso patriotismo e o valente exercito da Republica hão de sustentar nossa politica nas mais rudes provações. Não somos menos ciosos de nossos direitos, do que orgulhosos de nosso glorioso porvir.

Como era meu dever, chamei a attenção do Imperador do Brazil para a sua politica nos estados do Prata e ainda espero que elle ha de apreciar esta nova prova de moderação e amizade. Se assim porém não fôr, se falharem minhas esperanças, appellarei para vós, certo de que vossa resolução patriotica promoverá a victoria da causa nacional, quaesquer que sejam os sacrificios que a patria exija de seus filhos.

Por emquanto conservai a attitude imponente que assumistes até que eu julgue necessario dirigir-me a vós (1).

51

Segunda nota do governo paraguayo á legação imperial.

Foi esta a resposta do governo paraguayo á nota que em 1º de Setembro lhe dirigio Vianna de Lima (Cap. III) :

Ministerio das relações exteriores. — Assumpção, 3 de Setembro de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, teve a honra de receber na tarde de hontem a nota que, com data de 1º de corrente, dirigio-lhe V. Ex. em resposta á deste ministerio de 30 do mez proximo passado.

O abaixo assignado sente que tenha sido mal apreciada por V. Ex. a allusão que naquella nota fez do offerecimento de mediação, não ao enviado brazileiro no Estado Oriental, a quem limitou-se a dar noticia desse offerecimento, mas ao governo de V. Ex. directamente, enviando-lhe os officios por um official do exercito da Republica.

A mediação do governo do abaixo assignado não tem correlação alguma com a que diz V. Ex. foi inutilmente exercida pelos representantes do Brazil, da Republica Argentina e da Grã-Bretanha.

Sem entrar na apreciação dos motivos que tornaram infructifera essa mediação conjuncta, o abaixo assignado dirá sómente que ella tinha por objecto o arranjo da questão interna da Republica Oriental, mediando entre o governo legal e a rebellião que o combate.

Os fins da mediação offerecida pelo governo do abaixo assignado ao de Sua Magestade o Imperador do Brazil differem essencialmente da outra, desde que era offerecida a um governo soberano para o amigavel ajuste de suas questões internacionaes com outro governo igualmente soberano.

Procedendo assim, o governo paraguayo havia desejado evitar precisamente ao do Brazil e ao da Republica Oriental do Uruguay, pelos seus bons officios, a attitude em que respectivamente se acham, e que é a mesma que o obrigou a dirigir a V. Ex. o solemne protesto de 30 de Agosto.

Porém, para que V. Ex. não tenha duvida sobre a opportunidade dessa

---

(1) Não tinhamos lido os documentos do *Appendice* quando annotámos este 1º volume, e por isso transcrevemos ao Cap. III, em uma nota, a maior parte d'este discurso de Lopez. A nossa transcripção porém, tem um merecimento, e é o de reproduzir fielmente as palavras do dictador. O discurso que o leitor acaba de ver acima está muito adulterado, porque passou por tres traducções : foi traduzido do hespanhol para o inglez por Thompson, do inglez para o allemão por Schneider, e finalmente do allemão para o portuguez pelo Sr. Thomaz Alves Nogueira.

mediação, o abaixo assignado declara que não era intenção do seu governo offerecer mediação alguma no estado a que chegaram as cousas, e, se fez uma passageira allusão em sua referida nota á que antes foi infructiferamente offerecida ao de V. Ex., foi unicamente para recordar o interesse que tinha tomado em evitar a penosa situação em que se acham hoje as relações de Sua Magestade o Imperador do Brazil com a Republica Oriental do Uruguay.

Por muito respeito que o governo do abaixo assignado tribute á franqueza e lealdade da politica do governo de V. Ex., lamenta que nesta occasião não tenha podido perder a apprehensão a que V. Ex. se refere e de que confessa não ter podido libertar-se, ante a attitude ameaçadora e hostil creada pelo *ultimatum* de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva contra a Republica Oriental do Uruguay.

Não alterando em cousa alguma a nota de V. Ex. a situação do governo do abaixo assignado, fica este notificado de que de certo a nenhuma consideração fará sobrestar o governo de V. Ex. no emprego dos meios coercitivos que havia resolvido pôr em pratica; *e, corroborando o protesto que dirigio a V. Ex. na citada data de 30 de Agosto ultimo, terá o pezar de fazel-o effectivo, sempre que os factos alli mencionados venham confirmar a segurança que V. Ex. acaba de dar em sua nota á que esta responde.*

O abaixo assignado aproveita esta occasião para saudar a V. Ex. com sua distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

José Berges.

52

Despacho do governo imperial á legação do Brazil na Assumpção approvando o procedimento que esta tivera.

E' o documento de que falla o autor no Cap. III.

Ministerio dos negocios estrangeiros. — Rio de Janeiro, em 22 de Setembro de 1864.

Com o officio de V. S. n. 3 de 3 do corrente, que tenho presente, recebi as cópias, que o acompanharam da nota que a essa legação passou o governo da Republica, protestando contra qualquer occupação do territorio oriental, que possa vir a ter lugar por parte das forças do Imperio em consequencia do *ultimatum* comminatorio do Sr. conselheiro Saraiva; e bem assim da resposta por V. S. dada á referida nota.

Inteirado o governo imperial desta communicação, completamente approva os termos da resposta de V. S., que nada deixam a desejar.

Publicos e notorios como são os verdadeiros motivos que determinaram a posição que o Imperio foi forçado a assumir ultimamente no Estado Oriental; e sendo não menos publicas e notorias, como de incontestavel verdade, as declarações explicitas e solemnes que o governo imperial tem feito do respeito que consagra á independencia daquelle Estado, e até da neutralidade e abstenção que está no proposito de observar em suas questões e luctas internas, é claro que o protesto do governo paraguayo ficaria

sem razão de ser, a menos, que não pretendesse esse governo arvorar-se em juiz do direito com que exigimos do governo oriental a satisfação de nossas reclamações, e ainda dos meios de que, para conseguil-a, entendemos dever lançar mão; pretenção que seguramente importaria desconhecer a soberania e porventura a dignidade do Brazil.

Com razão pois repellio V. S. o protesto de que se trata, cumprindo que nesse terreno se mantenha com toda a energia.

E porque convem que esteja V. S. ao corrente de todas as resoluções do governo imperial relativas á posição em que nos achamos no Estado Oriental, inclusa envio-lhe a cópia do despacho, que nesta occasião dirijo ao commandante em chefe de nossas forças navaes nas aguas daquella Republica.

Por esse despacho verá V. S. que o governo imperial, approvando as medidas indicadas pelo Sr. conselheiro Saraiva em seguida ao facto do vapor denominado *Villa del Salto*, ainda uma vez põe em evidencia todo o seu pensamento á respeito daquelle Estado.

V. S. em termos habeis usará do referido despacho para convencer o governo do Paraguay de quanto são infundadas as apprehensões que revela em seu potesto.

Reitero a V. S. as seguranças de minha perfeita estima e consideração.

Ao Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.

CARLOS CARNEIRO DE CAMPOS (1).

53

Nota do governo paraguayo á legação imperial, depois do primeiro conflicto com o vapor « Villa del Salto » (2).

Berges reitera as declarações de 30 de Agosto e 3 de Setembro (Cap. III).

Ministerio de relações exteriores. — Assumpção, 14 de Setembro de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de communicar a V. Ex. que, com data de 12 do corrente, recebeu aviso da legação oriental nesta cidade de que o vapor transporte de seu governo *Villa del Salto*, navegando o rio Uruguay em aguas argentinas, foi atacado por uma corveta brazileira que lhe disparou quatro tiros de peça com bala afim de tomal-o ou de impedir-lhe a passagem do Rio Negro, para onde se dirigia de ordem do governo oriental, no intuito de levar auxilios á villa de Mercedes, situada sobre a costa deste rio, e ameaçada pelas forças que obedecem ao general D. Venancio Flôres, resultando deste attentado não poder chegar ao seu destino o *Villa del Salto*, que levava os elementos necessarios aos defensores de Mercedes, por lh'o impedirem os canhões da marinha imperial, por esta fórma postos em boa occasião ao serviço da invasão capitaneada pelo citado general Flôres, que por esta circumstancia poude apoderar-se de Mercedes no dia 27 do mesmo mez, passando em 28 ao norte do Rio Negro, com a

(1) Visconde de Caravellas.
(2) Sobre a occurrencia do *Villa del Salto* vej. Cap. II.

intenção de atacar a povoação de Paysandú a cujo porto tinham tambem chegado as canhoneiras brazileiras.

Factos tão significativos como os que a legação oriental denuncia, consummados em apoio de uma rebellião, com olvido dos principios de legalidade, base dos direitos de dynastia dos governos monarchicos, impressionaram profundamente ao governo do abaixo assignado, *que não póde deixar de corroborar por esta communicação as suas declarações de* 30 *de Agosto e de* 3 *do corrente.*

O abaixo assignado aproveita esta occasião para reiterar á V. Ex. a expressão de sua alta e distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.

JOSÉ BERGES (1).

54

Nota do governo paraguayo á legação imperial sobre a occupação da Villa de Mello, no Estado Oriental, pela brigada do general José Luiz Menna Berreto (2).

Veja-se o que ficou dito no Cap. III.

Ministerio de estado de relações exteriores. — Assumpção, 12 de Novembro de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros recebeu ordem do Exm. Sr. presidente da Republica para declarar a V. Ex. :

Que, comquanto essa legação, em sua nota do 1° de Setembro, affirmasse, em resposta ao protesto deste ministerio de 30 de Agosto, que de certo nenhuma consideração faria sobrestar o governo imperial na politica que havia adoptado para com o governo oriental, esperou entretanto o do abaixo assignado que a moderação do governo imperial e a consideração de seus verdadeiros interesses, assim como os sentimentos de justiça, que constituem a garantia do respeito de todo o governo, influiriam em seu animo para que, apreciando o exposto na citada nota de 30 de Agosto, adoptasse uma politica mais conforme aos interesses geraes e ao equilibrio do Rio da Prata, como por si mesmo aconselhava tão grave situação.

E' porém com profundo pezar que o governo do abaixo assignado vê, que, longe de haver merecido a attenção do governo imperial, sua moderação, as declarações officiaes de 30 de Agosto e a confirmação de 3 de Setembro, responde á ellas com actos aggressivos e provocadores, occupando com forças imperiaes a villa de Mello, cabeça do departamento oriental de Cerro Largo, no dia 16 do mez proximo passado, sem prévia declaração de guerra, ou outro qualquer acto publico dos que prescreve o direito das gentes.

Este acto violento, e a patente falta de consideração que esta Republica

---

(1) O representante do Brazil respondeu em 15 de Setembro a esta nota. Vej. este e outros documentos, cuja leitura é indispensavel para perfeito conhecimento dos factos, no *relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros de 1865.*

(2) Sobre a occupação da villa de Mello, capital do departamento do Cerro Largo, vejam-se as notas 2ª, pag. 39, e primeiras linhas da nota 2ª, pg. 41 e 42 (Cap. II).

merece do governo imperial, chamaram sériamente a attenção do governo do abaixo assignado sobre suas ulteriores consequencias, sobre a lealdade da politica do governo imperial, e sobre o seu respeito á integridade territorial desta Republica, tão pouco segura já pelas continuas e clandestinas usurpações de seus territorios, e collocam o governo nacional no imprescindivel dever de lançar mão dos meios de que trata em seu protesto de 30 de Agosto da maneira que julgar mais convenientes para o conseguimento dos fins que motivaram aquella declaração, usando assim do direito que lhe assiste para impedir os funestos effeitos da politica do governo imperial, que ameaça, não só deslocar o equilibrio dos Estados do Prata, como atacar os maiores interesses e a segurança da Republica do Paraguay.

Em consequencia de provocação tão directa devo declarar a V. Ex. que ficam rôtas as relações entre este governo e o de S. M. o Imperador, impedida a navegação das aguas da Republica para a bandeira de guerra e mercante do Imperio do Brazil, sob qualquer pretexto ou denominação que seja, e permittida a navegação do Rio Paraguay, para o commercio da provincia brazileira de Matto-Grosso, á bandeira mercante de todas as nações amigas com as reservas autorisadas pelo direito das gentes.

Aproveito esta occasião para reiterar a V. Ex. as seguranças de minha consideração e estima.

A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.

José Berges (1).

55

Nota da legação imperial ao governo paraguayo sobre a detenção do paquete Marquez de Olinda.

Vianna de Lima expediu esta nota e só depois recebeo a de Berges, publicada sob o n. 52 e anti-datada.

Legação imperial do Brazil. — Assumpção, 13 de Novembro 1864.

Sr. ministro. — Neste instante, 9 horas da manhã, fui informado de que o paquete brazileiro *Marquez de Olinda*, que sahira deste porto para Matto-Grosso ante-hontem ás duas horas da tarde, levando a seu bordo o Sr. presidente nomeado para aquella provincia, se acha desde esta madrugada ancorado no porto de Assumpção e debaixo das baterias do vapor de guerra paraguayo *Tacuarí*.

Não se tendo o commandante do *Marquez de Otinda* apresentado nesta legação para explicar o motivo do seu inesperado regresso, devo suppôr fundados os boatos que aqui circulam de ter sido o dito paquete perseguido e detido pelo *Tacuarí*, que deixou este ancoradouro poucas horas depois do *Marquez de Olinda*, achando-se este actualmente incommunicavel com a terra.

---

(1) **Comquanto tenha a data de 12 de Novembro, esta nota de Berges só foi entregue depois que Vianna de Lima lhe dirigiu a de 13 de Novembro, pedindo explicações sobre a detenção do paquete « Marquez de Olinda ».**

Em taes circumstancias dirijo-me immediatamente a V. Ex. pedindo-lhe explicações sobre o grave facto que acabo de expôr.

Reitero a V. Ex. as expressões da minha distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. D. José Berges.

CESAR SAUVAN VIANNA DE LIMA.

56

Nota da legação imperial ao governo paraguayo, protestando contra o apresamento do « Marquez de Olinda, » e pedindo passaportes.

Citada no Cap. III.

Legação imperial do Brazil. — Assumpção, 14 de Novembro de 1864.

Sr. ministro. — Hontem á noite chegou ás minhas mãos a nota de V. Ex. datada do dia anterior (a nota publicada acima sob o n. 52) communicando-me que recebêra ordem do Exm. Sr. presidente da Republica para me notificar, que em consequencia de não ter sido attendido pelo meu governo o protesto contido na nota de V. Ex. de 30 de Agosto ultimo contra a entrada de forças imperiaes no Estado Oriental ficavam interrompidas as relações entre os dous governos e impedida a navegação nas aguas d'esta Republica para a bandeira de guerra e mercante do Imperio, sob qualquer pretexto ou denominação que seja.

E' sem duvida devido a esta grave resolução do governo de que V. Ex. faz parte o acto de violencia commettido sobre o paquete brazileiro *Marquez de Olinda*, que se dirigia a Corumbá, levando a seu bordo o Sr. presidente novamente nomeado para a provincia de Matto-Grosso; acto acerca do qual apressei-me hontem mesmo a pedir a V. Ex. explicações, que até este momento ainda não recebi, continuando o commandante, passageiros e tripolação do paquete a permanecerem detidos e incommunicaveis com a terra.

Em presença de semelhante estado de cousas, prescindo de discutir as considerações de que V. Ex. acompanhou a sua communicação, e limito-me a protestar do modo o mais solemne em nome do governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil contra o acto de hostilidade praticado em plena paz contra o referido paquete *Marquez de Olinda*, em violação do que foi convencionado entre os dous paizes a respeito do transito fluvial; e desde já resalvo os direitos da companhia de — Navegação do Alto Paraguay — pelas perdas e damnos que lhe possa occasionar a interrupção que o dito paquete soffre e vier a soffrer nas suas viagens em consequencia da decisão tomada pelo governo da Republica.

Tendo, portanto, de retirar-me quanto antes d'esta capital peço a V. Ex. que se sirva mandar os passaportes para mim, minha familia, o secretario da legação e comitiva, afim de podermos seguir viagem no paquete *Marquez de Olinda*.

Reitero a V. Ex. as expressões de minha distincta consideração.

A S. Ex. o Sr. D. José Berges.

CESAR SAUVAN VIANNA DE LIMA.

57

Circular do governo paraguayo aos agentes diplomaticos em Assumpção, de 17 de Novembro de 1864.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, communica por ordem de S. Ex. o presidente da Republica que tendo sido invadido e occupado pelas tropas imperiaes ao mando do general Menna Barreto o territorio da Republica Oriental do Uruguay, realisou-se o facto contra o qual tinha havido de nossa parte o solemne protesto de 30 de Agosto do corrente anno. Portanto o abaixo assignado, á vista do acontecido e das declarações contidas nas nota de 3 de Setembro, enviou a S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brazil as notas inclusas n. 1 e 2 (vide n. 51 e 52).

No principio da liberdade de navegação e commercio na provincia de Matto-Grosso para todas as bandeiras amigas, lisongea-se o abaixo assignado que V. Ex. não deixará de reconhecer o ardente desejo que nutre este governo de limitar quanto possivel os males que acompanham o estado de guerra, evitando prejudicar os interesses dos subditos das nações que têm relações com a mencionada provincia brazileira.

JOSÉ BERGES.

III

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO IV DESTA OBRA

Invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos

58

Expugnação de Nova-Coimbra

Parte official do tenente-coronel Albuquerque Portocarrero sobre o ataque do forte de Nova-Coimbra pelos Paraguayos.

Quartel do commando do districto militar em Corumbá, 30 de Dezembro de 1874.

Illm. e Exm. Sr. — Sob as mais gloriosas impressões de dous dias de vigorosa resistencia feita pelo corpo de artilharia de Matto-Grosso, coadjuvado por 10 Cadiuoés da tribu do capitão Lixagota, por 4 vigias da alfandega, e por 3 ou 4 paisanos de Albuquerque, districto militar do meu commando, aos ataques successivos e desesperados de escalada ao forte de Coimbra pela divisão paraguaya em operações no Alto Paraguay, ao mando do coronel Vicente Dappy, antecipo-me em levar ao conhecimento de V. Ex. para os fins convenientes, que todos os officiaes do dito corpo manifestaram e desenvolveram o mais pronunciado e enthusiastico valor, sendo acompanhados nos mesmos sentimentos por todas as praças e mais individuos acima referidos.

Não posso deixar de fazer especial menção do 2º tenente João de Oliveira Mello no commando da fuzilaria que defendia nas seteiras da 2ª bateria, na golla da fortificação, os ataques de escalada a que acima me refiro, com oitenta bayonetas, contra um batalhão de infantaria de 700 praças e duas bocas de fogo bem guarnecidas que atacavam a dita retaguarda, chegando muitas vezes os inimigos a pôrem a mão sobre o parapeito.

Todos os demais officiaes se tornam igualmente dignos da mesma especial menção. Elles distinguiram-se com a artilharia da 1ª bateria, que jogou constantemente, durante os dous dias, contra duas baterias fluctuantes de calibre 68, tres baterias de artilharia a cavallo raiada, assestadas na fralda do morro em frente ao forte, uma de foguetes a congréve, á direita do dito

forte, e 5 vapores, que tambem jogavam com o calibre de 68 e outros, não deixando tambem de distinguirem-se na fuzilaria das banquetas, e, quando coadjuvavam o referido 2° tenente João de Oliveira Mello, na das seteiras.

Passando agora a referir em resumo, para o fazer extensamente em occasião opportuna, o ataque e defesa do forte de Coimbra, informarei que no dia 27, pelas 5 horas da manhã, foram avistados pelas sentinellas e vigias do forte, ao levantar de uma forte cerração que houve no referido dia, diversas embarcações ao norte, reconhecendo-se serem algumas a vapor, fundeadas, proximamente, a uma legua rio abaixo. Reunida toda a guarnição do forte e dispostas as cousas em ordem de combate com a unica força de que dispunha, que apenas chegou para guarnecer 5 bocas de fogo com 35 homens, 6 banquetas com 40 homens, as seteiras da 2ª bateria com 80, aguardava que se approximassem os invasores quando ás 8 1/2 da manhã, dirigiu-se ao forte um escaler, procedente das embarcações acima referidas, conduzindo um official paraguayo, que entregou-me o officio de que V. Ex. já teve conhecimento, que me era dirigido pelo chefe da referida divisão paraguaya, declarando-me que eram 8 1/2 da manhã e que aguardava resposta até ás 9 1/2. Feita a minha resposta, de que tambem V. Ex. já teve conhecimento, uma hora passada, começaram a praticar desembarque ás margens direita e esquerda do rio. Aqui, cumpro um dever declarando que o vapor de guerra *Anhambahy*, ao mando do 1° tenente Baldoino José Ferreira de Aguiar, começou a desempenhar o mais brilhante papel, e effectivamente desempenhou durante os dous dias dias do ataque, fazendo-se até ousado muitas vezes, approximando-se a umas e a outras baterias, que batiam o forte, jogando habilmente com seus 2 canhões de 32, e mesmo embaraçando por muitas vezes o passo ao inimigo que se dirigira á retaguarda do forte pela fralda da montanha.

Este vapor ás 10 1/2 da manhã, passando pela frente do forte, dirigiu-se ao ponto do primeiro desembarque á direita do rio e rompeu o fogo, dando tres tiros sobre diversas columnas da infantaria e uma de artilharia a cavallo que já se achavam em marcha.

No mesmo momento rompeu tambem fogo o inimigo com os seus vapores e baterias fluctuantes tão de longe que seus projectis apenas alcançavam á meia distancia. O forte conservou-se á vista disto calado como lhe cumpria, até que o inimigo se approximasse.

A's 2 horas, pois, rompeu o dito forte seu fogo de artilharia e na mesma occasião o de fuzilaria das seteiras. Engajado assim o combate sem a menor interrupção, durou até ás 7 1/2 horas da noite. O inimigo cessou o seu fogo, retirou suas forças e reembarcou-as.

V. Ex. sabe que no forte de Coimbra só existiam 10,000 cartuchos embalados, os quaes reunidos a 2,000 que me foram fornecidos pelo vapor *Anhambahy* perfaziam o numero de 12,000.

Terminada a resistencia de que venho de fallar, aos ataques de escalada do dia 27, reconheci só existirem cerca de 2,500 cartuchos. Tornou-se, portanto, mister que todas as mulheres que se achavam homisiadas no interior do forte, em numero de 70, fabricassem cartuchame para a infanteria, durante toda a noite, sem dormirem um só instante, visto não poderem os soldados deixar por um momento os parapeitos.

Assim consegui, para oppôr aos novos ataques do dia seguinte, 6,000 e tantos cartuchos, tendo-se tornado preciso transformar as balas de adarme 17, machucando-as com pedras a pequenos cylindros, para se accommodarem ás espingardas a Minié.

Com effeito, no segundo dia, 28 do corrente, dando o inimigo novas disposições ás suas baterias fluctuantes, mostrando claramente que pretendia

arrombar o portão principal com a sua artilharia de 68, e abrir brecha ao lado com as raiadas, entretive este fogo desde ás 7 da manhã até ás 2 da tarde, e neste ultimo momento carregou com a infantaria sobre as seteiras da 2ª bateria e com tal furor que bem se deixava ver que vinha animado na firme esperança de effectuar o assalto.

O inimigo vinha a cada momento ao parapeito e era repellido com valor provocado pelos *vivas* e gritos desordenados de — *rendam-se*, — os quaes eram correspondidos pelos nossos soldados com — *vivas ao Imperador, ao Brazil e ao corpo de artilharia de Matto-Grosso.* — Postos em retirada ás 7 horas da noite, mandei sahir duas sortidas, uma com o bravo capitão Antonio José Augusto Conrado, e outra com o não menos bravo 2º tenente João de Oliveira Mello, afim de recolherem todos os corpos semivivos para serem tratados com a humanidade que nos cumpre. Foram recolhidos 18 nessas circumstancias, dos quaes foi um immediatamente amputado no braço esquerdo, outro morreu em seguida, e os demais foram convenientemente curados. As ditas sortidas recolheram ao forte 85 armas dos que haviam fallecido, muitos bonés, inclusive dous que pareciam de officiaes, e outros muitos objectos encontrados, de pouco valor, no lugar do combate, informando-me que os mortos subiam de 100, e que ainda existiam muitos feridos por dentro do matto, onde se ouviam gemidos, mas que pela approximação da noite se não podiam encontrar. Entre os espolios acima ditos, foi encontrada uma proclamação e algumas notas de dinheiro paraguayo, o que a esta acompanha, para que V. Ex. lhes dê o conveniente destino.

No momento em que isto se dava, em que o corpo de artilharia de Matto-Grosso acabava de colher louros tão gloriosos, ao passo que o inimigo, destroçado, reembarcara, como acima disse, reconhecem as sentinellas que desembarcavam novas forças em numero muito superior, frescas, e que já se encaminhavam para o forte em massas de infantaria, cavallaria e quatro bocas de fogo puchadas a cavallo, que se dirigiam á frente do portão á sombra dos tamarineiros que alli existem na distancia de cerca de 300 braças. Era, pois, evidente que ou na mesma noite, ou ao amanhecer do seguinte dia 29 teriamos novos e precisamente mais desesperados ataques, estando comtudo a guarnição do forte sobejamente disposta a recebel-os e a repellil-os de novo. Neste momento fatal, dirigindo-me ao commandante do forte para saber que cartuchame de infantaria nos restava, fui informado de que talvez não excedessem de 1,000, pois que 5,000 e tantos se haviam gasto naquella ultima tarde, e estes dos feitos pelas mulheres.

Estas mulheres, que já a dous dias, como todos nós, não comiam nem dormiam, não podiam fazer novo cartuchame, por ser isto um esforço sobrenatural e mesmo invencivel, tanto mais que em termo de comparação não se poderia contar gastar no dia seguinte menos do dobro do que se havia gasto naquella tarde.

A' vista disto forçoso me foi reunir em conselho a todos os officiaes, inclusive o bravo commandante do vapor *Anhambahy*, e resolveu-se que, sendo a falta de cartuchame de infanteria uma razão de força maior e uma difficuldade invencivel pelas razões acima mencionadas, accrescendo a de terem-se tambem acabado as balas de adarme 17 que serviam para a transformação acima referida, abandonassemos o forte para não serem sacrificadas tantas vidas, salvando-se assim sua guarnição, e que isso se effectuasse sem perda de um instante, visto que o inimigo, já se achando nas posições novamente tomadas com forças frescas, podia engajar novo combate, e nós teriamos de cessar o fogo ao cabo de meia hora por total

acabamento do cartuchame de infantaria, e o inimigo em todo caso apossar-se do forte, levando a effeito sua carnificina.

Embarquei, pois, com toda a guarnição debaixo de todas as precauções, prevalecendo-me da escuridão da noite, e dirigi-me a este ponto, onde, apresentando-me a V. Ex., fico aguardando suas ordens; restando-me a maior satisfação em declarar a V. Ex. que nenhuma só praça da guarnição do dito forte nem mesmo daquelles cidadãos que coadjuvavam, soffreu o mais leve ferimento.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. coronel *Carlos Augusto de Oliveira*, commandante das armas da provincia.

HERMENEGILDO DE ALBUQUERQUE PORTOCARRERO (1).

Tenente-coronel, commandante

59

Manifesto de guerra

Circular do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil em missão especial no Rio da Prata, conselheiro Paranhos (Visconde do Rio-Branco), dirigida ao corpo diplomatico e ao governo argentino, communicando o rompimento das hostilidades entre o Brazil e o Paraguay.

Missão especial do Brazil. — Buenos-Aires, em 27 de Janeiro de 1865.

O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr... ministro de... o manifesto que faz objecto da presente nota.

O governo da Republica do Paraguay, sorprendendo a boa fé e moderação do Brazil, declarou-lhe guerra, em alliança com o governo de Montevidéo, e já levou suas armas a povoações quasi indefezas da provincia de Matto-Grosso.

O governo imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar, em seu imparcial e illustrado juizo, quanto ha de injusto e inaudito nesse temerario procedimento de um governo com quem o Brazil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de vizinhança.

A Republica do Paraguay, Sr. ministro, vivia sequestrada do commercio das outras nações e ameaçada em sua existencia pelo ex-governador Rosas, quando entre ella e o Brazil estabeleceram-se as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do povo paraguayo foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e póde ser testamunhado por varios gabinetes da Europa e da America.

Em 1852, alliando-se o Brazil ao Estado Oriental do Uruguay e a uma

---

(1) Em notas ao cap. IV demos extractos de partes officiaes e outras informações sobre os pequenos combates de *Dourados* e *Desbarrancado*, ou *Rio Feio*, e sobre a abordagem e tomada do pequeno vapor *Anhambahy* pelos Paraguayos.

importante fracção da Republica Argentina, contra os seus oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o governo imperial convidou logo o do Paraguay para essa cruzada de honra e de interesse commum, não pela necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina. O governo paraguayo, porém, obrigado por pactos preexistentes entre elle e o do Brazil, a tomar parte activa naquella triplice alliança, apenas prestou-lhe uma adhesão nominal : poupou-se a todos os onus, reservando-se, todavia, o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultaram dos esforços do Imperio e dos seus alliados.

Abertos os affluentes do Rio da Prata á navegação dos ribeirinhos e de todo mundo civilisado, o governo paraguayo foi o primeiro a utilisar-se da concessão dos alliados, mas por sua parte conservou o Alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, mesmo ás do Brazil, da Republica Argentina e do Estado Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção. Esta denegação do Paraguay não era uma simples falta de reciprocidade, era a postergação de principios estipulados entre o Brazil e a Republica por um tratado solemne, o de 25 de Dezembro de 1850.

A provincia brazileira de Matto-Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior, como antes estivera a Republica do Paraguay, não já pelo poder ominoso do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1856, quatro longos annos depois de franqueada a navegação do Prata e de seus affluentes por todos os outros ribeirinhos.

Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguayo esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brazil ; este, porém, a soube evitar pela sua moderação, não obstante os custosos preparativos que já tinha feito para sustensar pelas armas o seu direito. Em 1856 assignaram-se na côrte do Rio de Janeiro duas convenções que puzeram termo áquella conjunctura.

Uma destas convenções adiava a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguayo já não admittia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica, que então lhe offerecia o governo imperial. A segunda assegurava á bandeira brazileira o livre transito pelo rio commum, com esta restricção a que o Imperio accedeu por amor da paz, — que só dous navios de guerra poderiam passar pelas aguas da Republica para o territorio brazileiro do Alto Paraguay.

Apenas promulgado o referido accôrdo amigavel, o governo paraguayo annullou-o de facto, sujeitando a navegação commum a regulamentos que eram a negação do estipulado e tornaram impossivel todo commercio exterior com a provincia de Matto-Grosso.

E' facil conjecturar o effeito que a nova provocação devia produzir no animo do povo e do governo brazileiro. A guerra tornou-se mais uma vez imminente, o Brazil foi obrigado a novos armamentos, mas ainda nesta emergencia o Brazil preferio a paz, e poude pela sua prudencia evitar decorosamente aquelle recurso extremo.

O governo imperial propôz e assignou de inteira boa fé o accôrdo que se contém na convenção fluvial de 20 de Fevereiro de 1858. Esta convenção não foi para o Brazil uma tregoa, á sombra da qual podesse preparar-se com mais vantagem para rompel-a logo que assim lhe conviesse.

Não ; o governo imperial, conscio de seus direitos, e certo do civismo do povo brazileiro, nunca quiz ver nos excessivos armamentos paraguayos mais do que o triste resultado da politica meticulosa desse governo, e

do regimen anormal em que ainda permanece a Republica. Esperou sinceramente que o tempo e suas benevolas intenções determinassem por fim a conversão daquelle governo aos dictames da razão e da justiça internacional.

Nestas disposições confiava o governo imperial, quando lhe sobreveio o conflicto com o de Montevidéo, e vio-se com espanto no Rio da Prata o governo da Assumpção apresentar-se como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguem sériamente podia julgar ameaçada pelo Brazil, pelo Brazil que a defendera contra o poder de Rosas, e sem o concurso á que o governo paraguayo se obrigára no citado pacto de 25 de Dezembro de 1850.

Depois de numerosos actos, pelos quaes o governo imperial tem dado provas inequivocas do seu respeito á independencia daquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tem com o do Brazil estipulações especiaes a esse respeito, fazia justiça ás intenções deste, a simples duvida da parte do governo paraguayo era por si só uma offensa immerecida; mas esse governo foi mais longe. Erigindo-se em arbitro supremo entre o governo imperial e o da Republica Oriental, dirigio ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coarctar ao Brazil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevidéo.

O abaixo assignado refere-se aqui á nota paraguaya que corre impressa com a data de 30 de Agosto ultimo, pela qual pretendeu o presidente daquella Republica ingerir-se na questão á que era de todo estranho, sob o pretexto de perigo para a independencia do Estado Oriental. O governo da Assumpção não definia a natureza e alcance da sua ameaça; envolveu-a em mysteriosa reserva, e tornou-a dependente de uma clausula — a occupação do territorio oriental por forças do Brazil —, que se não verificou, e que o governo imperial havia declarado estar fóra do seu intento de medidas coercitivas contra o governo de Montevidéo.

A resposta a semelhante pretenção e ameaça não podia ser outra senão a que lhe deu a legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brazil exercia um direito inherente a todas as soberanias, e nenhuma consideração poderia detel-o no justo e honroso empenho de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedades dos numerosos subditos brazileiros residentes no Estado Oriental.

A entrada de um exercito brazileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que este praticasse acto algum de occupação, servio, não obstante, de fundamento para que o presidente da Republica do Paraguay rompesse as suas relações de paz com o Brazil. A ameaça de 30 de Agosto ultimo foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel da boa fé internacional, com que esse governo encetou as suas hostilidades de guerra contra o Brazil.

O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brazileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino á provincia de Matto-Grosso, e da prisão afflictiva a que têm sido constrangidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se acha um alto funccionario brazileiro, que ia tomar conta da administração daquella provincia.

O governo da Assumpção considerou como prisioneiros de guerra, e trata com extrema severidade, a passageiros que simplesmente transitavam pelas aguas da Republica, confiados no estado de paz em que se achavam os dous paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado igual.

O conflicto do Brazil com o governo de Montevidéo foi, como se vê,

um pretexto, e uma occasião que o governo paraguayo aproveitou para levar a effeito seus projectos de guerra.

Os factos referidos põem em toda a luz o plano ha muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige ; mas ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição militar que elle enviou ao territorio de Matto-Grosso, contando com as vantagens da sorpreza naquella remota provincia brazileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando os seus invasores.

A' vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brazil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção. O governo de Sua Magestade repellirá pela força o seu aggressor, mas, resalvando com a dignidade do Imperio os seus legitimos direitos, não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta, e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilisação e os seus compromissos internacionaes.

O abaixo assignado tem a honra de renovar ao Sr... os protestos de sua mais alta consideração.

Ao Sr...

José Maria da Silva Paranhos.

IV

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO V DESTA OBRA

Sobre a invasão de Corrientes pelos Paraguayos e factos que a precederam

60

Nota do governo paraguayo ao governo argentino, pedindo o seu consentimento afim de que os exercitos paraguayos possam atravessar o territorio das Missões Correntinas.

Vej. Cap. V.

Ministerio de relações exteriores. — Assumpção, 14 de Janeiro de 1865.

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado de relações exteriores, tem a honra de dirigir-se a V. Ex. de ordem do Exm. Sr. presidente da Republica para sollicitar o consentimento do governo argentino afim de que os exercitos da Republica do Paraguay possam transitar pelo territorio da provincia argentina de Corrientes, no caso de que a isso fosse impellido pelas operações de guerra em que se acha empenhado este paiz com o Imperio do Brazil.

Sendo bem notorios os graves motivos que obrigaram o governo do abaixo assignado a aceitar a guerra á que o provocou o Imperio, pelo desprezo do seu protesto de 30 de Agosto, corroborado em 3 de Setembro do anno proximo passado, e importando os ditos motivos um stricto dever para todos os governos que têm consciencia de seus direitos e de seus mais vitaes interesses, espera o governo desta Republica que o argentino acquiescerá sem difficuldade á esta solicitação, protestando desde já que se effectuará todo o transito sem gravame para os povos e com toda a consideração devida ás autoridades argentinas.

O governo do abaixo assignado lisongêa-se de que o de V. Ex. se servirá tomar em consideração este attencioso pedido, tanto mais quanto, accendendo á elle, em nada alterará nem peiorará a sua politica a tal respeito, nem tão pouco originará complicações ou reclamações da parte do governo imperial, visto que existem precedentes do governo de V. Ex. que autorisam a concessão.

Quando no anno de 1855 o governo imperial julgou conveniente iniciar a politica de apoiar com sua esquadra e exercito as negociações pendentes com a Republica do Paraguay, fazendo subir uma esquadra numerosa

com tropas de desembarque pelas aguas do Prata e do Paraná até o rio Paraguay, fêl-o com o consentimento do governo de Buenos-Aires, segregado então da Confederação Argentina, assim como com a do governo nacional dessa Republica, pelo menos assim o deixou suppôr o silencio dos dous governos, e corrobora esta convicção o acolhimento hospitaleiro e amigavel que a esquadra brazileira encontrou no territorio argentino para prover-se de toda a sorte de recursos.

O governo do abaixo assignado prescindio então de tomar em consideração um facto hostil aos seus interesses e á sua propria soberania.

Depois deste precedente, para o qual não é licito olhar-se com indifferença, o governo imperial não póde considerar-se offendido com o acto de consideração que o abaixo assignado solicita hoje de maneira diversa, sem affastar-se dos principios de equidade e justiça, visto que os governos de Buenos-Aires e da Confederação permittiram a passagem pelo territorio argentino em beneficio da acção do Brazil.

Sem prejulgar a politica que o governo de V. Ex. julgue conveniente seguir na actual guerra existente entre o Brazil e o Paraguay : respeitando as convicções que a motivam, não duvida o governo do abaixo assignado de que essa politica não será de natureza a impedir ao de V. Ex. a concessão deste acto de justa reciprocidade, permittindo a passagem do exercito desta Republica para a provincia brazileira do Rio Grande do Sul com as seguranças officiaes.

E como as circumstancias urgentes exigem uma prompta solução deste amigavel pedido, o portador da presente nota, o Sr. D. Luis Caminos, vai encarregado de receber e trazer a resposta que o governo de V. Ex. se digne dar a esta communicação.

O abaixo assignado prevalece-se desta occasião para reiterar a V. Ex. as seguranças de suas consideração e estima.

A S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde, ministro de relações exteriores da Republica Argentina.

José Berges.

61

Recusa do governo argentino (transito dos exercitos paraguayos pelo territorio argentino).

E' o documento citado no Cap. V.

Ministerio de relações exteriores. — Buenos-Aires, em 9 de Fevereiro de 1865 (1).

O abaixo assignado, ministro e secretario de estado de relações exteriores da Republica Argentina, tem a honra de responder á nota de S. Ex. o Sr. P. José Berges, ministro e secretario de estado de relações exteriores da Republica do Paraguay, de 14 de Janeiro proximo passado, recebida em 6 do corrente, pela qual solicita o consentimento do governo argentino para que os exercitos da Republica do Paraguay possam transitar pelo territorio da provincia de Corrientes, no caso de serem a isso impellidos

(1) Na edição allemã este documento traz, por engano do autor, a data de 5 de Fevereiro. O mesmo engano se encontra nesta traducção em uma das ultimas linhas da pg. 134, e não foi por nós rectificado.

pelas operações da guerra em que se acha empenhado esse paiz com o Imperio do Brazil.

S. Ex. o Sr. presidente da Republica, que vio com dôr romper a guerra entre governos visinhos e amigos como os do Paraguay e do Brazil, propôz-se observar a mais estricta neutralidade nessa guerra, que nada poude fazer para evitar, pelo modo por que produziu-se.

Coherente com este proposito, respeitará por sua parte os legitimos direitos de ambos os belligerantes, cumprindo para com elles os deveres de amizade e boa visinhança como lhe cumpre fazer, e solicitará por seu turno que se respeitem os direitos da soberania e da neutralidade do povo argentino.

Portanto, o governo argentino, fiel a seus deveres de neutro, e consultando os interesses da nação, não considera conveniente acceder ao pedido do governo do Paraguay.

Se bem que o direito do governo argentino para não declarar os motivos desta negativa seja incontestavel, e que baste só enuncial-a para que seja acatada, comtudo, a consideração em que tem o governo do Paraguay e o desejo de remover ainda a mais remota causa que possa alterar suas boas relações, obrigam ao abaixo assignado a manifestal-os a V. Ex. amigavelmente.

Não existe nenhuma das causas que, segundo os principios do direito das gentes, podiam influir na opinião do governo argentino para conceder aos belligerantes o transito pelo territorio da provincia de Corrientes.

Este transito não é absolutamente necessario, não ha motivo imperioso que o torne unico e indispensavel. Pelo contrario, os belligerantes têm uma extensa e larga fronteira por onde podem exercer hostilidades sem passar por territorio argentino, e o governo do Paraguay já o fez, invadindo e tomando parte do territorio brazileiro da provincia de Matto-Grosso. Têm além disso livre e desembaraçado, pelos tratados vigentes e pelos principios de navegação dos rios, especialmente para os ribeirinhos, o transito por agua para os navios mercantes e de guerra de ambas as nações.

A concessão que se solicita, tem pelo contrario, todos os inconvenientes que justificam uma negativa segundo as doutrinas e praticas constantes admittidas pelas nações cultas.

Concedido o transito ao governo do Paraguay, ficaria elle livre igualmente ao Brazil, e então o territorio neutro argentino viria a ser o theatro da guerra, e deste facto surgiriam males e complicações mui graves, que é do dever do governo evitar e precaver.

V. Ex. reconhece que o transito que solicita não póde deixar de causar estes males e perigos, quando protesta que effectuará sem gravame dos povos e com toda a consideração devida ás autoridades argentinas, protesto que não póde satisfazer ao governo argentino, que não póde admittir, e que não evitaria esses males e perigos, porque importaria deixar a juizo do governo do Paraguay o modo de executar o transito, o que seria autorisal-o por certa fórma, pondo á sua disposição para uma operação bellica toda a provincia de Corrientes, pelos termos genericos da solicitação, a exercer jurisdicção em territorio argentino, e porque, apezar de seus desejos, não poderia evitar as consequencias forçosas de converter esse territorio em theatro de guerra.

V. Ex. crê que accedendo á solicitação do governo do Paraguay, em nada se alterará nem peiorará a politica do argentino, nem creará complicações ou reclamações com o governo imperial, desde que existem precedentes que a autorisam.

O que se julgou conveniente fazer o anno de 1855, não obrigá ao governo argentino a proceder do mesmo modo. O neutro póde conceder ou negar o transito aos belligerantes porque usa de um direito que em nenhum caso póde alienar. Por conseguinte, póde concedel-o em uma guerra e negal-o em outra posterior, quando a experiencia lhe tenha mostrado talvez o erro que antes commetteu, ou os males soffridos lhe tenham feito comprehender melhor seus interesses.

Mas a recordação que V. Ex. faz não tem applicação ao caso para que é invocado. Tratava-se então do transito por agua para uma negociação que acabou por ajuste diplomatico, e foi esta a explicação dada pelo governo imperial quando se lhe perguntou qual o fim do transito, que negou ter um fim hostil, o que ficou corroborado pelo acto de ser admittido benevola e amigavelmente pelo mesmo governo do Paraguay, no que longe de inferir menos cabo á sua soberania, manifestou-se respeito por ella, pois que, como nação soberana, cabe sómente ao Paraguay determinar dentro de seus limites o modo e fórma por que devem as demais nações approximarem-se-lhe para tratarem de suas questões ou para dirimil-as.

Ainda mesmo assim, tratando-se do transito pelos rios de que o Imperio do Brazil é ribeirinho, e para um fim pacifico, V. Ex. o classifica em a nota a que respondo, de facto hostil aos interesses e á soberania do Paraguay, classificação infundada, teria muita força se o governo do Brazil a empregasse no caso de conceder-se a uma expedição militar o transito pelo territorio da provincia de Corrientes com o fim declarado de levar a guerra a uma de suas provincias.

Posteriormente celebraram-se tractados tanto com a Republica do Paraguay como com o Imperio do Brazil e outras nações, que respeitando os principios do direito publico sobre navegação dos rios pelos ribeirinhos, estabelecem o livre transito e a navegação commum tanto para os navios mercantes como para os de guerra, e estes principios foram solemnemente reconhecidos pela Republica do Paraguay em seus tractados com a Republica Argentina.

E' uma doutrina universalmente admittida que o transito por agua, não tendo nenhum dos inconvenientes do transito por terra, deve conceder-se sem difficuldade alguma, e que, tratando-se de ribeirinhos, não só não ha inconveniente, como é um dever concedel-o reciprocamente em toda a sua extensão e consequencias; pois do contrario resultaria que o dono da embocadura de um rio, e exclusivo da maior parte do curso navegavel, seria o juiz e arbitro das questões e conveniencia dos Estados situados na parte superior, que determinaria por si, quando e em que caso, uns deveriam approximar-se dos outros, quer para entenderem-se diplomaticamente quer para dirimirem suas respectivas questões como o julgassem mais conveniente, menoscabando assim as respectivas soberanias dos riberinhos superiores em prejuizo dos direitos reciprocos que como taes lhes competem para fazer uso do livre transito, ou da navegação commum a fim de promover sua prosperidade na paz e para prover á sua segurança e defeza na guerra.

Não existe, pois, a justa reciprocidade que V. Ex. invoca recordando o facto de 1855 para que se conceda ao governo do Paraguay o transito terrestre do seu exercito á provincia brazileira do Rio Grande, porquanto não só é um caso diverso, como porque nem mesmo como precedente póde invocar-se no presente, mesmo dado que fosse analogo, para determinar a reciprocidade que só é applicavel á continuidade de uma guerra e não a uma situação passada á que o mesmo governo do Paraguay pôz termo sellando amigavelmente com compromissos solemnes que estabeleceram o

direito da navegação dos rios, para os ribeirinhos, á que foram aggregadas outras estipulações sobre a materia, que definindo claramente os direitos e deveres destes na paz e na guerra, que então não estavam determinados, completando assim aquelle direito que tem por bases a mutua conveniencia e o mutuo consentimento.

A reciprocidade consiste em conceder em uma guerra a mesma cousa aos belligerantes, não em dar a estas o que se concedeu em outra guerra anterior. Não ha reciprocidade entre o transito innocente por aguas navegaveis para chegar a uma negociação pacifica e o transito com um fim que se declara hostil. Póde comtudo conceder-se por agua aos belligerantes sejam ou não ribeirinhos dos rios que vão passar, ainda mesmo não havendo tractados que os concedam, sem que por isso se tenha que dar forçosamente transito terrestre, e se o fluvial está reconhecido para a paz e para a guerra a um ou mais belligerantes, deve ser mantido para todos igualmente. Isto é, o que constitue a reciprocidade. Mas em nome desta não póde solicitar-se transito terrestre porque se concede o fluvial, nem do direito á este se deduz o outro.

Não duvida o governo argentino que as considerações expostas hão de pezar no juizo illustrado do governo do Paraguay, e que fazendo a devida justiça aos sentimentos amigaveis que lhe exprime, comprehenderá que não lhe é possivel acceder á sua solicitação, e confia que por sua parte ha de propender para evitar todo o motivo que possa alterar as relações amigaveis que tem o mais decidido empenho em culivar e estreitar.

O abaixo assignado aproveita esta opportunidade para reiterar a V. Ex. as seguranças de sua alta consideração e estima.

A S. Ex. o Sr. D. Berges.

RUFINO DE ELIZALDE (1).

62

Nota do plenipotenciario brazileiro, Visconde do Rio-Branco, ao ministro das relações exteriores da Republica Argentina sobre a requisição do governo paraguayo para que suas tropas pudessem transitar por Corrientes.

Este documento é o citado no Cap. V.

Missão especial do Brazil. — Montevidéo, 4 de Março de 1865.

O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em missão especial, teve a honra de receber a nota de 10 do mez ultimo, pela qual S. Ex. o Sr. D. Rufino Elizalde, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica Argentina se dignou communicar-lhe assim a sollicitação que fez o governo paraguayo para que suas forças possam transitar livremente pela provincia de Corrientes, como a recusa opposta pelo governo argentino a tão infundada pretenção da parte do inimigo do Brazil.

O procedimento do governo paraguayo na guerra que declarou ao Bra-

---

(1) Esta nota é reproduzida segundo a traducção que acompanha o Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1865. — Si tivessemos tido tempo para procurar a copia do original hespanhol, teriamos feito uma traducção nova.

zil e que tem ameaçado por mais de uma vez trazer ao territorio do sul do Imperio e ao da Republica Oriental, poderia autorisar, pelo menos no juizo do governo imperial, a desconfiança que esse governo não respeitaria aquella negativa, se realmente estivesse no seu intento desenvolver o plano hostil de que faz alarde (1); por outro lado o governo imperial estimaria que o seu aggressor se animasse a vir encontrar as forças brazileiras no territorio que assignalou na sollicitação dirigida ao governo argentino.

Não obstante, porém, o abaixo assignado considera o acto do governo argentino como S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde o qualifica, como uma demonstração de seus propositos de neutralidade e uma prova de seus sentimentos amigaveis para com o Brazil, que n'esse conflicto foi o provocado e até hoje se tem limitado á simples defensiva, na provincia de Matto-Grosso, onde as forças paraguayas vão se distinguindo por injutificaveis excessos e atrocidades.

A pretenção paraguaya de querer transito livre por toda a provincia de Corrientes, e sua contestação ao perfeito direito que tem o Brazil, pelos pactos vigentes, á livre navegação do rio Paraná, sem excepção da sua marinha de guerra, é uma nova prova dos principios que regulam a politica do governo paraguayo em suas relações com os outros Estados. O governo de Assumpção, a exemplo do transito fluvial assegurado ao Brazil por tratados que elle conhece perfeitamente, pretendia faculdade, não sómente para descer até ao Uruguay pelo territorio que occupa na extrema da provincia de Corrientes, mas ainda para converter em theatro de suas operações de guerra todo o territorio argentino d'aquella provincia.

Este estranho pedido autorisa illações que não pódem ter escapado á perspicacia do governo argentino, em cuja sollicitude e leal amizade o governo de Sua Magestade o Imperador deve confiar e confia plenamente.

O abaixo assignado retribue como deve as expressões de apreço com que o honra S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde.

A S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde.

José Maria da Silva Paranhos.

63

Bloqueio dos portos do Paraguay pela esquadra brazileira.

Bordo da canhoneira « *Parnahyba* », em Montevidéo, 10 de Abril de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. que, em virtude das ordens do governo imperial, as forças sob meu commando passam a operar contra o Paraguay, em resposta á guerra, que iniquamente nos declarou e faz esta Republica.

Em consequencia vão as mesmas forças bloqueiar e hostilisar os portos e littoral do Paraguay, até que, cedendo á pressão d'ellas, dê completa satisfação de todas as offensas e damnos, que haja causado ao Imperio.

O bloqueio se tornará effectivo desde o dia em que fôr estabelecido pelas

---

(1) O facto veio logo provar a previsão aqui manifestada.

divisões da esquadra do meu commando, que presentemente sobem o Paraná.

Permitte-se que as embarcações estrangeiras, que estão a carregar nos portos do Paraguay possam d'elles sahir até 20 dias depois de estabelecido o bloqueio.

Os portos da provincia de Matto-Grosso, abertos ao commercio, achando-se occupados pelo inimigo, o governo imperial não permitte, que para elles transitem embarcações de qualquer nacionalidade, que sejam, até nova declaração.

Fazendo esta communicação a V. Ex. tenho a pedir se sirva leval-a ao conhecimento do governo junto ao qual está V. Ex. acreditado, assim como aos agentes diplomaticos e consulares estrangeiros, para que previnam ao commercio de suas nações, afim de evitar que se expeçam navios para o Paraguay, livrando-se d'este modo das despezas de viagem, que façam até os lugares bloqueados.

Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. as seguranças da minha alta consideração e estima.

Illm. e Exm. Sr. Henrique Cavalcanti de Albuquerque, etc., etc.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

V

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO VI DESTA OBRA

A Triplice Alliança

64

Proclamação do presidente da Republica Argentina, em 18 de Abril de 1865, ao ter noticia da invasão de Corrientes pelos Paraguayos.

Compatriotas! Em meio de plena paz e com violação da fé das nações, o governo do Paraguay declara-nos a guerra de facto, apresando traiçoeiramente á mão armada, em nosso territorio, dous vapores da esquadra argentina, e fazendo fogo sobre as nossas povoações indefesas.

Provocados á luta, depois de haver feito tudo quanto decorosamente podiamos e deviamos fazer para evital-a, guardando a neutralidade, que era a regra de nossa politica, responderemos á guerra com a guerra, e fal-a-hemos com toda a energia e poder que reclamam os gloriosos antecedentes da nação argentina, deslealmente vulnerada em sua honra e atacada em sua segurança.

Concidadãos! Confiando, como confio, na virilidade do povo argentino e na vossa inquebrantavel decisão, o paiz até hoje manteve-se em estricto pé de paz, cumprindo lealmente seus deveres de neutralidade, porque estava seguro de que, chegado o momento do perigo, todos sem distincção, acudiriam a occupar seus postos em torno da bandeira nacional, determinados a cumprir com os seus deveres sagrados.

Argentinos! Chegou o momento. Em nome da patria, e com a autoridade da lei, eu vos convido a occupar vossos postos de cidadãos e de soldados de um povo livre, cujas bandeiras foram sempre acompanhadas pela justiça e pela victoria.

Compatriotas! Posso offerecer-vos tranquillamente o triumpho, porque elle está na consciencia de todos os Argentinos, e é de antemão garantido pelos poderosos elementos de que a nação póde dispôr com o auxilio da Providencia e do vosso valor e patriotismo.

Depois d'este nobre esforço, a paz será mais solida, mais gloriosa e mais fecunda; e podereis continuar, com maior energia, na tarefa do progresso, em que fostes interrompidos por uma aggressão tão vandalica como traidora.

Pela minha parte não necessito dizer-vos que cumprirei os altos deveres que a patria e a constituição me impõem n'estas circumstancias; e que, confiando no céo, que protege a justiça de nossa causa, e no vosso gene-

roso patriotismo, não descansarei emquanto não vos tiver restituido a paz, que vos foi traiçoeiramente arrebatada, e emquanto não tiver vingado como cumpre a honra da nação argentina.

Vosso compatriota e amigo.

BARTOLOMEO MITRE.

Buenos-Aires, 18 de Abril de 1866.

65

Tratado da Triplice Alliança

Celebrado no 1 de Maio de 1865 entre o Imperio do Brazil, a Republica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay.

O governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, o governo da Republica Argentina e o governo da Republica Oriental do Uruguay;

Os dous primeiros em guerra com o governo da Republica do Paraguay por lh'a ter este declarado de facto, e o terceiro em estado de hostilidade e vendo ameaçada a sua segurança interna pelo dito governo, o qual violou a fé publica, tratados solemnes e os usos internacionaes das nações civilisadas e commetteu actos injustificaveis depois de haver perturbado as relações com os seus visinhos pelos maiores abusos e attentados;

Persuadidos que a paz, segurança e prosperidade de suas respectivas nações tornam-se impossiveis emquanto existir o actual governo do Paraguay e que é uma necessidade imperiosa, reclamada pelos mais elevados interesses, fazer desapparecer aquelle governo, respeitando-se a soberania independencia e integridade territorial da Republica do Paraguay;

Resolveram, com esta intenção, celebrar um tratado de alliança offensiva e defensiva e para esse fim nomearam seus plenipotenciarios, a saber :

Sua Magestade o Imperador do Brazil ao Exm. Sr. Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa, do seu conselho, deputado á Assembléa Geral Legislativa e official da Imperial Ordem da Rosa;

S. Ex. o Presidente da Republica Argentina ao Exm. Sr. Dr. Dom Rufino de Elizalde, seu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros;

S. Ex. o Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay ao Exm. Sr. Dr. Dom Carlos de Castro, seu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros;

Os quaes, depois de terem trocado seus respectivos poderes, que foram achados em boa e devida fórma, concordaram no seguinte :

Art. 1.° Sua Magestade o Imperador do Brazil, a Republica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay se unem em alliança offensiva e defensiva na guerra promovida pelo governo do Paraguay.

Art. 2.° Os Alliados concorrerão com todos os meios de guerra de que possam dispôr, em terra ou nos rios, como julgarem necessario.

Art. 3.° Devendo começar as operações da guerra no territorio da Republica Argentina ou na parte do territorio paraguayo que é limitrophe com aquelle, o commando em chefe e direcção dos exercitos alliados ficam confiados ao Presidente da mesma Republica, general em chefe do exercito argentino, brigadeiro-general D. Bartolomé Mitre.

Embora as altas partes contratantes estejam convencidas de que não

mudará o terreno das operações da guerra, todavia para salvár os direitos soberanos das tres nações firmam desde já o principio de reciprocidade para o commando em chefe, caso as ditas operações se houverem de traspassar para o territorio brazileiro ou oriental.

As forças maritimas dos Alliados ficarão sob o immediato commando do vice-almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe da esquadra de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

As forças terrestres de Sua Magestade o Imperador do Brazil formarão um exercito debaixo das immediatas ordens do seu general em chefe, brigadeiro Manoel Luiz Ozorio.

As forças terrestres da Republica Oriental do Uruguay, uma divisão das forças brazileiras e outra das forças argentinas, que designarem seus respectivos chefes superiores, formarão um exercito ás ordens immediatas do Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, brigadeiro-general D. Venancio Flôres.

Art. 4.° A ordem e economia militar dos exercitos alliados dependerão unicamente de seus proprios chefes.

As depezas de soldo, subsistencia, munições de guerra, armamento, vestuario e meios de mobilisação das tropas alliadas serão feitas á custa dos respectivos Estados.

Art. 5.° As altas partes contratantes prestar-se-hão mutuamente, em caso de necessidade, todos os auxilios ou elementos de guerra de que disponham, na fórma que ajustarem.

Art. 6.° Os Alliados se compromettem solemnemente a não deporem as armas senão de commum accordo, e somente depois de derribada a autoridade do actual governo do Paraguay; bem como a não negociarem separadamente com o inimigo commum, nem celebrarem tratados de paz, tregoa ou armisticio, nem convenção alguma para suspender ou findar a guerra, senão de perfeito accordo entre todos.

Art. 7.° Não sendo a guerra contra o povo do Paraguay e sim contra o seu governo, os Alliados poderão admittir em uma legião paraguaya os cidadãos dessa nacionalidade que queiram concorrer para derribar o dito governo e lhes darão os elementos necessarios, na fórma e com as condições que se ajustarem.

Art. 8.° Os Alliados se obrigam a respeitar a independencia, soberania e integridade territorial da Republica do Paraguay. Em consequencia o povo paraguayo poderá escolher o governo e instituições que lhe aprouverem, não podendo incorporar-se a nenhum dos Alliados e nem pedir o seu protectorado como consequencia desta guerra.

Art. 9.° A independencia, soberania e integridade da Republica do Paraguay serão garantidas collectivamente de accordo com o artigo antecedente pelas altas partes contratantes durante o periodo de cinco annos.

Art. 10.° Concordam entre si as partes contratantes que as franquezas, privilegios ou concessões que obtenham do governo do Paraguay hão de ser communs a todos elles, gratuitamente se forem gratuitos ou com a mesma compensação ou equivalencia se forem condicionaes.

Art. 11.° Derribado o actual governo da Republica do Paraguay, os Alliados farão os ajustes necessarios com a autoridade que ali se constituir para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e do Paraguay, de sorte que os regulamentos ou leis daquella Republica não possam estorvar, entorpecer ou onerar o transito e a navegação directa dos navios mercantes e de guerra dos Estados alliados, dirigindo-se para seus territorios respectivos ou para territorio que não pertença ao Paraguay; e tomarão as garantias convenientes para effectividade daquelles ajustes sob a base de que os

regulamentos de policia fluvial, quer para aquelles dous rios, quer para o rio Uruguay, serão feitos de commum accordo entre os Alliados e os demais ribeirinhos, que dentro do prazo que ajustarem os ditos Alliados adherirem ao convinte que lhes será dirigido.

Art. 12.° Os Alliados reservam-se combinar entre si os meios mais proprios para garantir a paz com a Republica do Paraguay, depois de derribado o governo actual.

Art. 13.° Os Alliados nomearão opportunamente os plenipotenciarios para a celebração dos ajustes, convenções ou tratados que se tenham de fazer com o governo que se estabelecer no Paraguay.

Art. 14.° Os Alliados exigirão desse governo o pagamento das despezas da guerra que se viram obrigados a aceitar, bem como reparação e indemnização dos damnos e prejuizos ás suas propriedades publicas e particulares e ás pessoas de seus concidadãos, sem expressa declaração de guerra; e dos damnos e prejuizos verificados posteriormente com violação dos principios que regem o direito da guerra.

A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem uma indemnização proporcionada aos damnos e prejuizos que lhe causa o governo do Paraguay pela guerra em que a obriga a entrar para defender sua segurança ameaçada por aquelle governo.

Art. 15.° Em uma convenção especial se marcará o modo e fórma de liquidar e pagar a divida procedente das causas mencionadas.

Art. 16.° Para evitar as dissenções e guerras que trazem comsigo as questões de limites, fica estabelecido que os Alliados exigirão do governo do Paraguay que celébre com os respectivos governos tratados definitivos de limites sob as seguintes bases :

O Imperio do Brazil se dividirá da Republica do Paraguay :

Do lado do Paraná pelo primeiro rio abaixo do Salto das Sete Quedas, que segundo a recente carta de Mouchez é o Igurey, e da foz do Igurey e por elle acima a procurar as suas nascentes;

Do lado da margem esquerda do Paraguay pelo rio Apa desde a foz até as suas nascentes;

No interior, pelos cumes da serra de Maracajú, sendo as vertentes de leste do Brazil e as de oeste do Paraguay e tirando-se da mesma serra linhas as mais rectas em direcção ás nascentes do Apa e do Igurey.

A Republica Argentina será divida da Republica do Paraguay pelos rios Paraná e Paraguay a encontrar os limites com o Imperio do Brazil, sendo estes do lado da margem direita do rio Paraguay a Bahia Negra.

Art. 17.° Os Alliados se garantem reciprocamente o fiel cumprimento dos convenios, ajustes e tratados que se devem celebrar com o governo que se tem de estabelecer na Republica do Paraguay, em virtude do que foi concordado no presente tratado de alliança, o qual ficará sempre em toda a sua força e vigor para o fim de que estas estipulações sejam respeitadas e executadas pela Republica do Paraguay.

Para conseguir este resultado concordam que no caso em que uma das altas partes contratantes não possa obter do governo do Paraguay o cumprimento do ajustado, ou no caso em que este governo tente annullar as estipulações ajustadas com os Alliados, os outros empregarão activamente seus esforços para fazel-as respeitar.

Si estes esforços forem inuteis, os Alliados concorrerão com todos os seus meios para fazer effectiva a execução daquellas estipulações.

Art. 18° Este tratado se conservará secreto até que se consiga o fim principal da alliança.

Art. 19.° As estipulações deste tratado, que não dependam do poder

legislativo para serem ratificadas, começarão a vigorar desde que seja approvado pelos governos respectivos, e as outras desde a troca das ractificações que terá lugar dentro do prazo de querenta dias, contados da data do mesmo tratado, ou antes se fôr possivel, que se fará na cidade de Buenos-Aires.

Em testemunho do que, nós abaixo assignados, plenipotenciarios de Sua Magestade o Imperador do Brazil, de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Argentina e de S. Ex. o Sr. Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, em virtude de nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado e lhe fizemos pôr os nossos sellos.

Cidade de Buenos-Aires, 1° de Maio do anno nascimento de Nosso Senhor, de 1865.

(L. S.) FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA.
(L. S.) RUFINO DE ELIZALDE.
(L. S.) CARLOS DE CASTRO.

PROTOCOLLO

Reunidos na secretaria de estado das relações exteriores da Republica Argentina os Exms. Srs. plenipotenciarios de Sua Magestade o Imperador do Brazil, do governo da Republica Argentina e do governo da Republica Oriental do Uruguay, abaixo assignados, concordaram no seguinte :

1.° Que em cumprimento do tratado de alliança desta data se farão demolir as fortificações de Humaitá e não se permittirá levantar para o futuro outras de igual natureza, que possam impedir a fiel execução das estipulações daquelle tratado.

2.° Que sendo uma das medidas necessarias para garantir-se a paz com o governo que se estabeleça no Paraguay não deixar armas, nem elementos de guerra, as que se encontrarem sejam divididas em partes iguaes pelos Alliados.

3.° Que os trophéos e presas, que forem tomados ao inimigo, se dividam entre aquelles dos Alliados que tenham feito a captura.

4.° Que os chefes superiores dos exercitos alliados combinem nos meios de executar estez ajustes.

E assignaram em Buenos-Aires, em 1 de Maio de 1865.

FRANCISCO OCTAVIANO DE ROSA.
RUFINO DE ELIZALDE.
CARLOS DE CASTRO.

66

Sobre a independencia do Paraguay.

Da obra de Benjamin Poucel, *Le Paraguay Moderne*, extrahimos o seguinte :

...Para corroborar as nossas apreciações, tomaremos o ultimo paragrapho da nota dirigida a lord John Russel pelo ministro da Grã-Bretanha, em Buenos-Aires, Sr. E. Thornton, em data de 24 de Abril de 1865, escripta no memento em que se ia formar a triplice alliança.

Eis o trecho dessa nota :

« Eu tinha acreditado que desde a chegada do Sr. Octaviano, ministro brazileiro, que aqui veio mais cedo do que pretendia, a convite do governo argentino, seriam entaboladas negociações para uma alliança formal com o Brazil, quanto á guerra contra o Paraguay; mas tem-se notado uma frieza evidente entre o Sr. Octaviano e o governo argentino. *Não sei attribuir o facto senão á estipulação exigida pelo primeiro de declararem as duas partes* (o Brazil e a Republica Argentina) *que respeitariam a independencia da Republica do Paraguay.*

« Tanto o presidente Mitre como o Sr. Elizalde declararam-me em differentes occasiões, que, *por emquanto*, desejavam que o Paraguay fosse independente; que não lhes podia convir annexar o Paraguay a Buenos-Aires, mesmo quando os Paraguayos o desejassem; mas que *não queriam tomar a esse respeito compromissos com o Brazil, porque não podiam occultar-me que quaesquer que fossem suas vistas, presentemente, sobre este ponto, as circumstancias poderiam mudal-as mais tarde.* E o Sr. Elizalde, que tem cerca de 40 annos de idade, disse-me um dia, ainda que em conversa, que « *esperava viver bastante para ver a Bolivia, o Paraguay, o Uruguay e a Republica Argentina unidos em uma confederação e formando uma poderosa Republica na America do Sul.* » Parece, comtudo, que a proximidade do perigo modificou as vistas do governo argentino sobre este assumpto, e posso acreditar que houve esta manhã intelligencia quanto á celebração de uma alliança entre Mitre e o Sr. Octaviano. Um enviado partio esta noite para convidar o general Flôres, governador provisorio de Montevidéo, a vir concertar sobre uma triplice alliança... (1).

Si não conhecessemos pessoalmente as qualidades deste respeitavel agente inglez (continúa Poucel), as revelações de sua carta poderiam parecer-nos menos importantes. Mas referidas pelo Sr. Thornton, cuja sinceridade honramos, vemos nellas a confirmação expressa e logica de todos os dados historicos e officiaes por nós relatados, para desvendar as origens do conflicto actual e sua connexão com as aspirações, patentes ou latentes, de Buenos-Aires, sobre o Paraguay.

67

Extracto de um discurso de R. Elizalde, contendo revelações sobre a politica seguida pelo governo argentino em relação ao Paraguay, antes do rompimento da guerra.

Em sessão de 3 de Junho de 1868 disse na camara dos deputados da Republica Argentina o ex-ministro Dr. Rufino Elizalde :

El orden de cosas del Paraguay tiene medio siglo y este orden de cosas habia sido siempre el mismo ante todos los gobiernos de la Republica Argentina, cualquiera que hubiese sido el partido que dominase. Era una politica agresiva, irritante, audaz y perseverante en sus medios, hasta el estremo de confesar un dia que podia disponer de la suerte del Rio de la Plata, como el entendiese.

---

(1) Part. III, *Correspondence respecting hostilities in the River Plate, etc.*, pags. 16 e 17, presented to both houses by command of Her Majesty. *London*, printed by Harrisson and sons, 1865.

Han sido inutiles los esfuerzos de todos los gobiernos, hechos para traer á la Republica Paraguaya á condiciones razonables, procediendo de la manera mas justa y equitativa. El presidente Mitre no creia que se preveia, y agotó todos los esfuerzos imaginables cerca del presidente del Paraguay para ver se podia traerlo á una politica amistoza y justa; pero todo fué inutil.

Cuando nosotros nombrábamos el ministro, habiendole solicitado previamente sú consentimiento hasta para elegir la persona, á fin de tratar de arreglar las cuestiones que teniamos con el Paraguay; cuando poniamos á su disposicion los archivos publicos para que sacase todos los documientos que necesitase para dirimir la cuestion de limites; cuando, en una palabra, agótabamos todos los temperamientos para que el gobierno del Paraguay viniese a nosotros con espiritu fraternal y justo á derimir esas cuestiones, para que se separase y no tomase parte en los conflictos que veiamos venir; cuando estábamos para hacer ya el nombramiento del Snr. D. Lorenzo Torres, con el bonneplacito del presidente del Paraguay, en lo que declinabamos hasta cierto punto de nuestro derecho y de nuestro decoro, ya el presidente del Paraguay estaba de acuerdo con el gobierno de Montevidéo, por medio de un convnio secreto, para usurparnos la isla de Martin Garcia.

Entonces comprendimos que todo era inutil, que por parte del Paraguay no teniamos que espirar sino males y desgracias para la Republica Argentina, que era un poder agresor, usurpador y despotico.

68

Combate de Corrientes (25 de Maio de 1865)

A parte official do general Paunero está publicada na obra de Thompson traduzida em Buenos-Aires.

As transcripções que fizemos nas notas ao capitulo IV dispensam a reproducção desse documento.

VI

DOCUMENTOS SOBRE OS CAPITULOS VII E VIII DESTA OBRA

Riachuelo, S. Borja, Mercedes, Botuhy, Cuevas, Yatay e Uruguayana

69

Proclamação do presidente Lopez.

O marechal presidente da Republica do Paraguay e general en chefe de seus exercitos, á Nação.

Assumpção, 2 de Junho de 1865.

Cidadãos ! O desenvolvimento que vai tomar a guerra em que a patria se acha empenhada contra a triplice alliança brazileira-argentina-oriental, não me permitte continuar o sacrificio que fazia, conservando-me ausente do theatro da guerra e dos meus companheiros de armas que se acham em campanha, visto como a ordem publica, solidamente firmada, e o enthusiasmo unanime da nação me habilitam a partir para onde os deveres de soldado me chamam.

Sinto a necessidade de partilhar pessoalmente as fadigas dos bravos e leaes defensores da patria e deixo a administração publica organisada de maneira que todos os negocios hão de ser devidamente attendidos.

Ao separar-me momentaneamente do seio da patria, eu levo a doce satisfação de que a administração geral do Estado ha de continuar a ser dirigida com a lealdade, dedicação e patriotismo, que os empregados publicos sempre manifestaram no desempenho de seus deveres.

Acho-me igualmente animado pela convicção de que todos os cidadãos hão de infatigavelmente contribuir, cada um na sua esphera, para a conclusão da lucta em que nos achamos empenhados ; e para este fim, não é necessario que todos nós empunhemos as armas, nem tão pouco que nos reunamos ás fileiras do exercito, mas sim que cooperemos todos para o bom exito da causa commum.

Sou levado a nutrir esta confiança pelo uniforme pronunciamento, que a nação se ergue para exigir a vindicação de sua honra ultrajada, a garantia de sua existencia ameaçada e a estabilidade de seus direitos vulnerados.

A santidade da causa que nos ha obrigado a deixar a vida tranquilla a laboriosa está na consciencia e no coração de todos os Paraguayos, e o Deus dos exercitos velará sobre nossas armas.

FRANCISCO SOLANO LOPEZ.

70

Allocução dirigida ao imperador D. Pedro II pelos consules estrangeiros no Rio de Janeiro, por occasião da partida do mesmo para a guerra em 10 de Julho de 1865.

Senhor! Nós consules das nações estrangeiras na capital deste Imperio, sentimos o ardente desejo de exprimir a Vossa Magestade nossos votos pelo feliz resultado da viagem, que em desaggravo da honra e dos direitos do Brazil vai agora Vossa Magestade emprehender. O commercio só póde desejar a paz e o Paraguay perturbou esta paz; nós, porém, cumprimos nosso dever, declarando aqui solemnemente perante Vossa Magestade que nesta lucta o Brazil representa os principios da liberdade de commercio, do progresso e da civilisação. Senhor, as guerras demoram e atrazam os destinos das nações, mas ao mesmo tempo erguem seu caracter. Esperamos com confiança que os avultados sacrificios de vidas e dinheiro, supportados pelo Brazil com admiravel resignação, serão, para gloria do reinado de Vossa Magestade, recompensados como triumpho completo de suas armas. O Brazil vai prestar a toda a America do sul assignalados serviços, quer no interesse do commercio estrangeiro, quer no da humanidade e da civilisação.

71

Combate de S. Borja (10 de Junho)

Officio do general commandante das armas da provincia, datado de Alegrete de 22 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Em additamento ao meu officio de 18 do corrente e n. 199, vou depositar nas mãos de V. Ex. a cópia da parte que deu-me o coronel João Manoel Menna Barreto, sobre o combate que vio-se forçado a travar com os Paraguayos no dia 10 do corrente, não obstante a immensa differença de força, para assim poder dar tempo ás familias, que habitavam a villa de S. Borja, a retirarem-se sem serem deshonradas e injuriadas por essa horda de salteadores; como de tudo melhor V. Ex. se certificará com a leitura desse documento.

Os mappas juntos mostram que a força da 1ª brigada e fronteira de Missões é de 2,423 praças; abatendo-se 373 que se acham em differentes destinos, restam 2,050, que deveriam tomar parte na acção; entretanto que só compareceram no lugar do combate 200, sendo 130 de infantaria e 60 a 70 de cavallaria.

Isto tem-me causado tal sorpresa e admiração que ainda não pude ajuizar o que tal originaria, maxime tendo o dito commandante me communicado que o inimigo se achava do outro lado do Uruguay, ao passo que não dava a menor providencia no sentido de obstar a passagem, e se não fosse o 1° corpo de voluntarios da patria, por certo teriam pisado nesse territorio sem soffrer fogo; pelo que, vou mandar marchar o bravo coronel João Manoel Menna Barreto com uma brigada de cavallaria, para observar e impedir que o inimigo se interne pela provincia, até que se reuna toda

a força aqui existente, para então batel-o. Do que occorrer irei dando conhecimento a V. Ex. como me cumpre.

Illm. e Exm. Sr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente da provincia.

João Frederico Caldwell.

Officio do coronel João Manoel Barreto, commandante do 1º batalhão de voluntarios da patria, ao tenente-general commandante interino das armas.

Campo do Famoso, em 13 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. a narração dos graves acontecimentos que assignalaram o dia 10 do corrente, e em que coube larga parte ao 1º corpo de voluntarios da patria, que se acha a meu mando.

Tendo fallecido no dia 9 do que rege o soldado da 1ª companhia José Zacarias da Silva, achava-se o batalhão procedendo á sepultura no dia 10 pelas 7 horas da manhã, no Lageado, distante duas e meia leguas de S. Borja, quando constou por um viajante que os Paraguayos se haviam approximado muito da margem direita do Uruguay, quiçá na intenção de tentarem a passagem para o nosso territorio. Mas como por diversas vezes tal noticia se havia espalhado, não lhe liguei muita importancia, até que recebi um chamado formal do tenente-coronel José Ferreira Guimarães, e do major Rodrigo, ambos commandantes de forças estacionadas em S. Borja.

Ordenei immediatamente que se municiassem as paças do meu commando e determinei ao capitão Raymundo José de Souza que fizesse marchar o batalhão com toda a brevidade ao ponto ameaçado, indo eu pessoalmente tomar conhecimento das posições do inimigo.

Faltam expressões para narrar devidamente a V. Ex. as scenas pungentes que em meu caminho encontrei : vi mulheres desoladas, crianças, velhos, doentes, em grupos percorrerem a estrada de S. Borja, desvairados, pedindo-me soccorro contra as crueldades, que todos receiavam, do barbaro inimigo que acabava de invadir o nosso territorio.

Tratei de consolar e animar esses infelizes que, expulsos pelo terror de suas casas, tudo abandonavam, procurando apenas salvar as vidas e a honra de suas familias.

Em breve achei-me em frente do inimigo, onde encontrei um grande desapontamento, pois que em lugar de dous corpos de infantaria, e um corpo de cavallaria, apenas topei com 125 a 180 homens mal armados e pessimamente equipados, sem munições, pertencentes ao corpo de infantaria montada, acompanhados de 60 a 70 praças de cavallaria.

Sem demora mandei ordem ao capitão Raymundo que viesse a marche-marche : o que com effeito effectuou, apresentando a 1 hora da tarde o batalhão, que acudia cheio de enthusiasmo em soccorro de seus irmãos de S. Borja.

Mandei formar grandes divisões, e, com a bandeira fluctuante na frente, avancei ao toque da musica sobre o inimigo, com vivas enthusiasmados a Sua Magestade o Imperador e á nação brazileira.

Das 60 ou 70 praças de cavallaria, unicas que alli encontrei tirei, 32 praças, ás quaes ordenei que atacassem a ala direita da linha de atiradores do inimigo, que occupava em filas dobradas uma extensão de 800 a 850 braças, tendo no centro duas peças que me pareciam ser de calibre 6.

Na ala esquerda um quarto de legua distante desta linha o inimigo tinha um batalhão, que começava a estender-se para flanquear pela esquerda a villa de S. Borja, e na retaguarda de sua artilharia marchavam em columnas contiguas cinco batalhões, em uma distancia de meia legua, emquanto que pela costa do Uruguay se movia uma força maior de 6,000 homens.

Um só golpe de vista bastou para convencer-me que, com as forças diminutas de que eu dispunha, apenas poderia por um golpe audaz salvar as vidas e a honra das familias que ainda se achavam na indefeza villa de S. Borja. Persisti pois no ataque.

Tendo o major José Cardoso de Souza Doca, á testa dos 32 lanceiros, carregado sobre a ala direita do inimigo, conforme as minhas ordens, e deixando o capitão Cardoso Tico com 36 ou 40 praças de cavallaria para observar o meu flanco direito, avancei com o corpo de meu commando sobre o centro inimigo, recebendo a uma distancia de 140 a 150 braças uma descarga de metralha, e o fogo de toda a linha inimiga, de que resultou a morte de 5 praças do meu batalhão, sem contar numerosos ferimentos.

Os meus soldados paravam para dirigir sobre o inimigo um fogo bem nutrido e certeiro, achando-me eu na frente das minhas linhas.

Esta luta desigual prolongou-se desde uma hora e meia da tarde ás duas e meia, tempo em que, julgando preenchido o meu fim, mandei retirar o batalhão para o interior da villa, o que effectuou em perfeita ordem, depois de haver, cansado de uma longa viagem, e exhausto de 2 horas de marcha forçada, sustentado durante tres quartos de hora o fogo vivissimo de uma força dez vezes maior.

Encontrando ainda na villa de S. Borja algumas familias, ordenei ao capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende que, com sua companhia, occupasse a rua de S. João, mandando a 8ª companhia, commandada pelo capitão Carlos Augusto da Cunha, tomar posição na rua Direita.

Durante o fogo achavam-se sempre ao meu lado os alferes Nuno de Mello Vianna e Agostinho Ribeiro da Fonseca, assim como o particular sargento de brigada Manoel José de Castro, o 2º sargento da 3ª campanhia Assumpção.

E' digno tambem de todo o louvor o alferes porta estandarte Paulino Gomes Jardim, que provou ser official distincto e de coragem não vulgar.

O capitão Raymundo José de Souza, militar acostumado á disciplina, durante todo o tempo animou os nossos soldados com a sua voz. Igualmente não posso deixar de mencionar os nomes dos Srs. tenente-coronel José Ferreira Guimarães, major José Cardoso de Souza Doca, e capitão Cardoso Tico, pelos serviços prestados, não só antes, como durante e depois do combate, assim como o tenente José Joaquim Menna Barreto, que muito me coadjuvou na minha retirada.

Louvo a todos os officiaes e em geral a todo o 1º corpo de voluntarios a quem coube a gloria de salvar com a sua presença a população de S. Borja, como poderá V. Ex. especialmente certificar-se pela copia junta da carta que me dirigio o Sr. conego Gay, vigario daquella infeliz povoação.

Posso asseverar a V. Ex. que não ficou uma só familia em S. Borja, pois que á frente de meu batalhão se retiraram as que ainda alli existiam.

Lamento a morte de 7 praças, cujos nomes opportunamente communicarei a V. Ex.; além disto tenho 29 feridos que se acham a cargo do Sr. Dr. João Ignacio Botelho de Magalhães, cumprindo declarar que este medico assistio bravamente a todo o combate, e logo que se tornaram

necessarios os seus serviços, arvorou um hospital de sangue no centro da villa.

Depois de haver acommodado os precitados feridos, e recolhido as armas dos mortos, retirei-me em boa ordem para Santa Maria, 5 leguas distante da villa.

Pelo que levo dito a V. Ex. sem custo comprehenderá a difficil posição em que me achei, e se não pude por mais tempo fazer parar o inimigo, resta-me a satisfação de ter-lhe infundido tal respeito, que só ao cabo de tres dias animou-se a penetrar na villa, e a sequeal-a, dando assim tempo a que se retirassem para longe todas as familias, todas as bagagens, e toda a cavalhada mansa existente naquellas immediações.

Apezar de haver visto manobrar o inimigo com disciplina, não posso deixar de ponderar a V. Ex. que é timido á vista de qualquer rasgo audaz.

Além do louvor que em geral tive de expender com o meu batalhão tomo a liberdade de fazer a V. Ex. menção honrosa do capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende, dos alferes ajudantes João Clemente Vieira Souto, Antonio da Costa Guimarães, e do alferes secretario Antonio Paulo Pinto da Fontoura, que me pedio como especial favor poder estar perto de seus companheiros durante o fogo.

Não nos foi dada a felicidade de repellir o inimigo audaz, que acabava de vilipendiar o solo sagrado de nossa patria, e nem se quer coube-nos a gloria de derrotar completamente as suas linhas avançadas e tomar-lhes a sua artilharia; o que todavia teria sido tão facil, se podesse dispôr de toda a cavallaria que julgava encontrar no ponto tão importante e tão ameaçado de S. Borja.

Ainda hoje apenas disponho de 800 homens, contando com o meu batalhão, desgarrado no meio de uma campanha exposta a qualquer golpe de mão do inimigo, no meio de habitações desertas, e baldo de todos os recursos, em que nem sequer um cavallo se encontra, com quasi toda a minha officialidade á pé, que na occasião do encontro com o inimigo perdeu a sua cavalhada; espero porém, reunir-me amanhã ou depois ao Sr. coronel Fernandes, que me consta achar-se reunido á sua brigada, em grande parte licenciada.

Do que vai exposto espero que V. Ex. formará uma idéa exacta das occurencias do dia 10, e da situação espinhosa em que actualmente me acho.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. João Frederico Caldwell, tenente-general commandante das armas.

João Manoel Menna Barreto (1).
Coronel commandante.

O conego Gay, vigario de S. Borja, assim descreve o combate de 10 de Junho :

Pelas 8 horas da manhã do dia 10 de Junho de 1865 vio-se do passo de S. Borja e da villa, descerem de S. Thomé para o rio Uruguay grande numero de carretas e uma fileira de tropas paraguayas, não interrompida, sobre a superficie de legua e meia de comprimento, de S. Thomé ao Uruguay.

Immediatamente o major Rodrigues Ramos, commandante da infan-

---

(1) Depois Brigadeiro. Foi morto em 1869 no assalto e tomada de Peribebuy.

taria da guarda nacional estacionada no passo de S. Borja, deu parte do que se passava ao tenente-coronel José Ferreira Guimarães, commandante da reserva, que estava acampada na villa, e este avisou ao coronel João Manoel Menna Barreto, commandante do 1º batalhão de voluntarios, que estava acampado a duas leguas de S. Borja.

O Sr. major Rodrigues tambem despachou officios para o coronel Fernandes, commandante da brigada no Passo das Pedras, e deu participação do que occarria ao tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, commandante do provisorio de cavallaria n. 22, que, achando-se n'uma coxilha a distancia de uma legua, já tinha feito ensilhar os cavallos á sua força para marchar para o acampamento do Passo das Pedras, segundo ordem que tinha do commandante da brigada.

Apenas as carretas paraguayas chegaram á barranca do Uruguay, os soldados lançaram canoas na agua, e immediatamente em cada uma dessas canoas (sui generis), especie de jangada, embarcou um pelotão de soldados paraguayos. Logo que tiveram assim embarcados 400 homens, as canoas se dirigiram para o lado da fronteira do Brazil, um pouco acima do porto do passo de S. Borja.

A infantaria do major Rodrigues Ramos os esperava e lhes fez varias descargas seguidas, que, dizem, mataram varios Paraguayos. Estes retrocederam então com as canoas para a orelha do rio do lado de Corrientes, e principiaram a remontal-o junto á costa, e quando chegaram a certa altura largaram as canoas para atravessar o rio, dirigindo-as a varios pontos da nossa costa para desembarcar.

Esta manobra do inimigo obrigou o major Rodrigues a dividir seu pequeno batalhão em quatro companhias, que repartio pela costa do rio, para acudir a varios pontos de desembarque ; mas apezar dos esforços que fizeram, sobre tudo as companhias commandadas pelo capitão Godinho, apezar da intrepidez de alguns officiaes, não puderam impedir o desembarque dos inimigos, que dispunham de forças mui superiores ás nossas em numero.

Na mesma occasião desembarcaram pouco mais acima, outras forças paraguayas, que se crê tinham embarcado no passo de S. Thomé, quasi ao mesmo tempo que as primeiras no porto do Formigueiro, em frente do porto do passo de S. Borja.

Um Paraguayo desertor disse depois que esta força era de 400 homens, que sahira de S. Thomé na noite de 9 para 10, que durante a mesma noite passou o Uruguay sem ser percebida pelas forças brazileiras, e que se escondêra de noite no matto. Declarou que os Paraguayos passaram em 20 canoas, em cada uma 20 homens, e em cada viagem passaram 400 homens.

Desde que as forças paraguayas desembarcaram sobre o territorio brazileiro, foi impossivel ao pequeno batalhão de infantaria do major Rodrigues, disperso por companhias em varios pontos, de as conter. Bem a proposito chegou naquella occasião o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega com o corpo n. 22. Este mandou seus lanceiros, ao mando do alferes Joaquim Vieira, de protecção á companhia da nossa infantaria, que se achava isolada e que batalhava com desespero contra um inimigo excessivamente superior em numero, e que a teria esmagado toda sem este soccorro. Em quanto parte da nossa infantaria se batia e escapava ao perigo imminente que a ameaçou de perto, as canoas paraguayas traziam reforços aos que já tinham desembarcado.

Ha meia legua do passo de S. Borja á entrada da villa. O inimigo formou uma fileira ou linha de atiradores de quatro filas de fundo, e poz-se

em marcha para o lado da villa. Em vão o tenente-coronel Tristão, com a cavallaria, e o major Doca, com os lanceiros do corpo 22, lhe disparavam seus tiros sobre sua direita; os Paraguayos que se encontravam no lugar atacado por nossos bravos, paravam, morriam, mas o grosso de suas forças caminhava sem cessar.

Sómente de vez em quando sua fileira se abria para dar pasagem aos tiros de algumas pequenas bocas de fogo que puchavam á mão; aproveitando a escuridão da fumaça dos tiros para as empurrar mais adiante. Elles não faziam maior caso e mesmo despresavam os tiros que nossa infantaria, já em parte montada, dirigia sobre sua ala esquerda.

Houve então rasgos de heroismo da parte de alguns de nossos soldados; citarei só um.

O guarda nacional Leocadio Francisco das Chagas, do corpo provisorio n. 28, achava-se nesse dia em S. Borja, onde residia sua familia. Estava com licença : tomou suas armas e se dirigio para o lugar onde brigava a nossa infantaria. Por tres vezes, sem ser mandado, foi só, a disparada, unicamente com lança, investir a força paraguaya, e de cada vez matou um inimigo. Mas, embriagado por seu bom successo, voltou quarta vez á carga, contra o conselho de seus camaradas, e foi recebido por uma descarga geral do inimigo que estendeu morto este infeliz, que teria sido um bravo em exercito disciplinado. O inimigo, tendo caminhado algumas quadras, e reconhecendo que as forças que lhe faziam frente eram insufficientes para lhe impedir a entrada da villa de S. Borja, quiz assegurar sua preza.

Por isso destacou da força que se dirigia para a rua mais occidental da villa uma forte columna, que tomou a direcção dos terrenos sitos a leste della, como querendo cercar S. Borja, para impedir a sahida das familias. Foi esta columna que mais apertou nossa infantaria, que teria completamente destroçado sem os soccorros que lhe deu o alferes Vieira com seus lanceiros. Esta columna parou e retrocedeu quando ouvio tocar a musica do 1° batalhão de voluntarios.

Mui perto estava a columna inimiga da entrada da rua, menos de oito quadras, quando se lhe apresentou na frente o 1° batalhão de voluntarios, que fez uma terrivel descarga sobre os Paraguayos. Estes surprendidos por este apparecimento que não esperavam, pararam e recuaram, formando quadrado, em quanto a columna que se dirigia para leste da villa retrogradava e ia-se collocar na retaguarda do quadrado. O fogo então tornou-se animado, os soldados da nossa guarda nacional crearam novos brios á vista do auxilio que lhes chegava.

A infantaria descarregava sobre o inimigo pela esquerda, os lanceiros e a cavallaria pela direita, e não ha duvida que se o 1° batalhão de voluntarios fosse um corpo de veteranos aguerridos, com uma carga sobre o centro do inimigo tinha-o lançado no rio Uruguay. Infelizmente os soldados do 1° batalhão de voluntarios achavam-se cançados, pois sem comer tinham andado duas leguas a marche marche, com as moxillas, e eram quasi todos recrutas que pela primeira vez viam fogo : não se podia nem se devia esperar que este batalhão fizesse naquella occasião o que teria feito um batalhão descançado, veterano e aguerrido.

Emquanto o 1° batalhão de voluntarios fazia seu baptismo de sangue e merecia a gratidão eterna das familias de S. Borja, das quaes foi o salvador, vio-se dentro da villa um espectaculo que é impossivel descrever. A população estremecia de susto : só se ouviam gritos e lamentações pelas ruas, que estavam cheias de povo: homens, mulheres, senhoras com os cabellos soltos, com os filhos nos braços, procuravam fugir, e tomavam a direcção que julgavam opposta ao inimigo.

Nesse labyrintho os membros da mesma familia chegaram a perder-se. Houve mães que perderam seus filhos. Este espectaculo commoveu o coronel João Manoel Menna Barreto, e o determinou a atacar os Paraguayos. Durante algumas horas em que fez frente ao inimigo com o 1° batalhão, a villa de S. Borja ficou despovoada.

Seus habitantes, alguns em carretas ou a cavallo, quasi todos a pé, se retiravam com a roupa que tinham no corpo, abandonando suas casas e tudo quanto ahi possuiam, julgando-se felizes de não cahir prisioneiros e de salvarem suas vidas.

Se bem que os Paraguayos tivessem suspendido sua marcha, sua posição ficava de momento em momento mais favoravel, pois que as canoas lhes traziam maior numero de combatentes, naquelle dia desembarcaram 4.000 Paraguayos e alguma cavallaria. Não podendo nossas forças atacar e fazer frente a um inimigo tão superior em numero, o coronel João Manoel Menna Barreto aproveitou de um movimento retrogado que insensivelmente tinha operado o 1° batalhão de voluntarios sobre a entrada das ruas da villa, para fazer uma habil retirada.

Elle guarneceu as bocas de todas as ruas do lado do norte, por onde se achava o inimigo, com piquetes de cavallaria e de infantaria montada, e fez entrar o 1° batalhão de voluntarios e o resto das forças em boa ordem.

De sua parte os Paraguayos ignoravam que o 1° batalhão se achava em S. Borja. O capitão paraguayo Lopez, que tinha dirigido as operações neste dia, tocou a retirada quando soube que nossas forças se tinham recolhido dentro da villa, e foi formar o seu acampamento junto ao passo de S. Borja. Ahi formou uma junta de officiaes para deliberarem sobre o que lhe competia fazer.

O resultado deste conselho foi que era provavel que houvesse forças brazileiras consideraveis dentro de S. Borja; que era imprudente atacar com as forças que nessa occasião tinha á sua disposição a villa, pois poderia morrer muita gente sua, que se devia esperar que todo o exercito estivesse deste lado do Uruguay para atacar S. Borja.

Felizmente para as familias foi util este conselho que prevaleceu, porque nessa noite o coronel João Manoel Menna Barreto, bem informado das forças inimigas que tinham desembarcado, julgou que não podia sustentar-se em S. Borja, evacuou a villa sem ser percebido pelo inimigo e durante a noite ficou a tres leguas de distancia de S. Borja.

O 1° batalhão teve naquelle dia 6 mortos e 29 feridos. Dos corpos de guardas nacionaes houve 15 mortos e 35 feridos; total : 85 homens fóra de combate.

Os Paraguayos tiveram mais de 100 mortos, e entre elles um official, e mais de 100 feridos. Ao valor e intrepidez do digno coronel Menna Barreto e ao seu batalhão, devo eu, devem as tres quartas partes dos habitantes de S. Borja, não cahirmos, prisioneiros dos Paraguayos e não sermos massacrados por elles no dia 10. Possa Deus conceder a este benemerito coronel e ao 1° batalhão de voluntarios, tantas felicidades como agradecidos lhes desejam os habitantes e o parocho da desgraçada villa de S. Borja!

No dia 11 de Junho o coronel Menna Barretro e as familias que emigravam, ignorando a resolução do inimigo de esperar pelo desembarque de todo o seu exercito para entrar na villa de S. Borja, estavam na persuasão de que elles tinham entrado nella durante a ultima noite, e, temendo serem perseguidos pelos Paraguayos, trataram de se retirar o mais longe que podiam.

O humano coronel Menna Barreto teve o cuidado de não deixar nenhuma familia á retaguarda, parando ás vezes para que ellas fossem

adiante, afim de as proteger no caso de precisão. Naquelle dia o Sr. coronel veio ficar no capão de Santa Maria, sobre a estrada de Porto-Alegre, a 7 leguas de S. Borja deixando de observação, algumas leguas atraz, o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega com o corpo 22 de cavallaria.

Rodavam sobre a estrada mais de 300 carretas, além do grande numero de pessoas que iam a cavallo, e a multidão que ia apé...

72

Batalha naval do Riachuelo (11 de Junho de 1865), Combate dos dias 13 e 18 de Junho (este ultimo em Mercedes)

Participações officiaes sobre a batalha naval do Riachuelo, extrahidas do vol. IV da compilação das Ordens Geraes da Armada, publicadas pelo Quartel General da Marinha.

Parte official do commandante da esquadra brazileira de bloqueio :

Commando da 2ª e 3ª divisões da esquadra do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor « *Amazonas* », abaixo do Riachuelo, em Corrientes, 12 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. almirante. — Não fizemos tudo quanto desejavamos mas fizemos tudo quanto podiamos. No dia 11 do corrente, domingo da Santissima Trindade, foram tomados pelas duas divisões sob meu commando quatro vapores de guerra paraguayos e seis chatas ou baterias fluctuantes com rodizios de calibre 80.

Passo a expôr a V. Ex. rapidamente o occorrido, pois, fatigado como fiquei, não me é possivel desde já dar uma parte circumstanciada.

Pelas 9 horas de manhã, á hora do almoço, fui avisado de que se avistavam vapores paraguayos. Dei logo ordem de safa geral em toda a divisão e fogos despertos.

Desciam esses vapores aguas abaixo, e, com a correnteza do rio, faziam provavelmente 12 milhas.

Dentro de um quarto de hora passavam em frente a nós. Eram 8 com 6 chatas ou baterias fluctuantes a reboque.

Logo lhes fizemos as continencias que mereciam e elles nos responderam por igual modo. Choviam de parte a parte balas e metralhas. Era uma chuva de respeito.

Seguiram aguas abaixo e foram collocar-se proximo ao Riachuelo, pouco ao sul de Corrientes, protegidos pelos barrancos occupados tambem pelo inimigo.

Como chefe destas divisões, preparei-me para fazer respeitar o nosso pavilhão. Tive de attender a mil circumstancias, e de vencer as difficuldades do nosso confuso regimento de signaes. Ou devia ficar estacionario ou descer com a esquadra sobre os vapores paraguayos; mas esta descida podia malograr-se, porque elles podiam subir, dando volta por detraz de duas ou tres ilhas entre as quaes ha um canal de agua escassa.

Resolvi todavia ir-lhes ao encontro aguas abaixo, indo na frente galhardamente a *Belmonte* com o seu commandante interino Joaquim Francisco

de Abreu, não seguindo logo os outros nossos vasos, porque não podiam acompanhar a boa marcha do *Amazonas*, onde eu me achava.

O inimigo nos esperava e não fugia; mas esperava-nos debaixo dos barrancos, tendo collocado as baterias fluctuantes[a] convenientemente, e havendo na parte de cima dos ditos barrancos baterias com 20 a 22 bocas de fogo que os protegiam.

Além disto, estas bocas de fogo eram apoiadas pela mosquetaria de mais de mil espingardas que faziam incessante e mortifero fogo sobre os nossos navios, ao qual correspondiamos com a melhor vontade e energia.

Nesta descida contra o inimigo encalhou infelizmente o *Jequitinhonha*, onde o chefe Segundino Gomensoro tinha a sua insignia.

A pouca largura do canal naquelle ponto não me permittia fazer as evoluções com a presteza desejavel, porém, tendo eu a bordo o pratico Bernardino Gustavino, que ha 10 annos está ao serviço nosso, e que se póde chamar o chefe dos praticos, subi com a resolução firme de acabar de uma vez com a esquadra paraguaya, o que eu teria conseguido se quatro dos seus vapores que estavam mais acima não tivessem fugido.

Assim puz a prôa sobre o primeiro que mais proximo me ficava e com tal impeto, que o inutilisei completamente, ficando de agua aberta e indo pouco depois ao fundo.

Segui a mesma manobra contra o segundo que era o *Marquez de Olinda*, e contra o terceiro que era o *Salto*, e a todos elles inutilisei. O quarto vapor, contra o qual me arremessei, o *Paraguary*. recebeu tal rombo no costado e caldeiras que foi encalhar em uma ilha em frente, para a qual fugio a sua gente, abandonando-o.

Em seguimento aproei a uma das baterias fluctuantes que foi logo a pique com o choque e um tiro.

Todas estas manobras foram feitas pelo *Amazonas*, debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e chatas quer das baterias e mosquetarias de terra. A minha intenção era destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, antes que encalhassemos em movimentos de subida e descida. Mas os quatro restantes, vendo a minha manobra e resolução de aproal-os a todos, trataram de fugir rio acima.

Concluida esta faina pelas 4 horas da tarde, tratei de tomar as chatas, as quaes eram logo abandonadas assim que eu dellas me approximava saltando suas guarnições ao rio, e fugindo a nado para a terra, que estava proxima.

A *Belmonte* recebeu taes rombos abaixo do lume d'agua, que teve de encalhar para não ir á pique. Já estou tratando dos primeiros concertos necessarios.

Infelizmente o *Jequitinhonha* ficou encalhado em lugar onde da bateria de terra se lhe fazia vivo fogo, que foi correspondido. Só ao pôr do sol diminuio o fogo, talvez por terem acabado as munições do inimigo.

Ordenei que a *Iguatemy* fosse coadjuval-o a desencalhar, que o *Ypiranga* permanecesse junto de um vapor paraguayo, que o *Amazonas* ficasse ao lado da *Belmonte*, que a *Mearim* fosse rebocar a *Parnahyba* que tem o leme perdido, para vir para a linha onde está a esquadra.

Depois destas disposições, veio um escaler da *Jequitinhonha* com o 1º tenente Monte Bastos, o qual me informou que o chefe Gomensoro precisava de mais uma canhoneira porque o *Ypiranga*, que o fôra ajudar, tambem encalhára e a *Iguatemy* por si só nada podia fazer.

Ordenei que para alli seguisse a *Mearim*, depois que de bordo sahisse o Dr. Antunes, medico do *Amazonas*, que lá fôra prestar os soccorros da sua arte.

O *Parnahyba* está com o leme partido.

Quando este vapor descia, quatro dos vapores paraguayos procuraram a um só tempo abordal-o.

Seu commandante, o capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, como vinha de aguas abaixo, aproou sobre o *Paraguary* e disparou-lhe um dos rodizios, com o que o inutilisou; dos outros tres vapores inimigos um não o pôde abordar pela grande resistencia que encontrou; mas dous, pela pôpa, puderam operar de modo que uma grande porção de paraguayos occuparam a tolda da *Parnahyba*, mataram a nossa gente que alli se achava, e que lhe oppunha resistencia, entre a qual o capitão do 9º batalhão Pedro Affonso Ferreira e o guarda marinha Greenhalg, que com grande bravura e coragem defendiam a bandeira nacional, e morreram no seu posto de honra. Avançaram então os reforços, que tinham repellido a abordagem de prôa, e puniram os paraguayos da ousadia de terem pisado um navio brazileiro, pois todos os que alli se acharam foram batidos e mortos. Antes deste conflicto uma bala tinha vindo partir o leme.

Na *Parnahyba* tivemos 33 mortos, 28 feridos e 20 extraviados, que se suppõe terem cahido ao rio na defesa que fizeram.

Tivemos em toda a esquadra, entre mortos e feridos, de 180 a 190 homens.

Os mortos, officiaes, marinheiros e soldados, hão de regular de 80 a 90.

Que direi a V. Ex. dos commandantes?

Que todos se portaram bem e me ajudaram mais ou menos, como eu o esperava.

Não faço distincções, pois que, entretido com o desejo de aniquilar a esquadra paraguaya, não pude fiscalisar attentamente cada navio de per si, e ás vezes até os perdi de vista nas voltas do rio.

Com mais vagar transmittirei a V. Ex. as informações que fôr colhendo.

Sei com evidencia, porque sempre se achou commigo, a meu lado, em seu posto de honra, sobre o passadiço do vapor *Amazonas*, que o seu commandante, o capitão de fragata Theotonio Raymundo de Brito, portou-se com bravura e sangue frio, dando sempre as disposições que no caso eram precisas.

Seus officiaes se portaram como deviam e, entre elles, o 1º tenente José Antonio Lopez, encarregado da bateria de prôa.

O coronel João Guilherme Bruce, commandante da brigada, já conhecido por sua bravura, me coadjuvou, fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para offender o inimigo.

Logo que receba, remetterei as participações dos diversos commandantes.

Deus guarde a V. Ex.. — Illm. e Exm. Sr. vice-almirante visconde de Tamandaré, commandante em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata.

FRANCISCO MANOEL BARROZO.

Parte official do commandante da corveta a helice PARNAHYBA :

Bordo da corveta « *Parnahyba* », abaixo das baterias do Riachuelo, em 13 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Cabe-me a honrosa tarefa de levar ao conhecimento de V. Ex. o glorioso desfecho do combate travado entre alguns dos vapores da marinha paraguaya com a corveta sob meu commando no ataque de 11

do corrente, entre as baterias do Riachuelo e a esquadrilha paraguaya de um lado, e a esquadra brazileira ao mando de V. Ex. do outro.

Peço desde já permissão a V. Ex. para descrever o melhor que me fôr possivel os brilhantes episodios de que foi theatro o convez deste vaso de guerra, e procurarei fazel-o com laconismo, não deixando comtudo de attender ao merito d'aquelles que mais contribuiram para a sua final e brilhante solução.

No dia 11 do corrente mez, pelas 8 horas da manhã, estando a esquadra brazileira formada em linha de combate abaixo de Corrientes, avistou-se a esquadra paraguaya composta de 7 vapores de rodas e 1 a helice, e 5 chalandas, artilhadas cada uma com 1 canhão de grosso calibre. Fiz immediatamente tocar a postos e preparei-me para o combate.

A esquadra inimiga, formada em linha de combate, desceu o Paraná encostada á margem de Corrientes, fazendo alto no Passo do Riachuelo, collocando-se sob a protecção das baterias de terra, guarnecidas por soldados do Paraguay. Ao signal n. — (bater o inimigo, etc.), feito pelo *Amazonas* (navio chefe), rompeu o fogo desta corveta sobre a esquadrilha inimiga, jogando com quatro rodizios e as duas caronadas de E B. Pouco depois atracou V. Ex. a bordo e fez içar o seu pavilhão, e d'aqui partio o signal n. — (para que cada navio principiasse o combate com qualquer dos inimigos), o que executámos arreando a amarra sobre boia e seguindo nas aguas do *Amazonas*.

Durante todo o trajecto sustentámos vivo fogo de artilharia com as baterias do Riachuelo e a esquadrilha inimiga. Em consequencia de se terem adiantado os outros vasos da esquadra, ficámos na cauda da linha, e pela prôa da *Jequitinhonha*, que a fechava. O inimigo, percebendo que este ultimo havia encalhado, atacou a nossa linha, cortando-a na altura da *Parnahyba*.

Avançaram sobre nós tres vapores paraguayos, que mais tarde reconheci serem o *Taquary*, o *Paraguary* e o *Salto*.

Sendo inevitavel a abordagem, ordenei que funccionasse a machina com toda a pressão do vapor, e dirigi-me sobre o *Paraguary*, tendo a felicidade de metel-o a pique.

O *Taquary* abordou-nos pelo lado de BB., e o *Salto* por EB.

Apenas guarnecido o segundo rodizio de BB, que disparou dous tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a abordagem, inclusive as 1ª e 6ª companhias do 9º batalhão de infantaria destacadas a bordo desta corveta sob as ordens do seu distincto commandante o tenente-coronel José da Silva Guimarães.

Nesta luta heroica em que cada official, marinheiro e soldado cumprio com o dever de verdadeiro brazileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da patria.

O capitão do 9º batalhão de infantaria Pedro Affonso Ferreira e o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh succumbiram defendendo o pavilhão nacional, que chegou a ser arriado por um official do *Taquary*, conseguindo depois apoderar-se do leme, tendo sido acutilada nessa occasião quasi toda a guarnição do 4º rodizio (de ré) que heroicamente lutou contra as hordas dos nossos inimigos, que, superiores em numero, appossaram-se da tolda.

Sendo a luta desesperada, e cada vez mais critica a nossa situação, por haver-nos abordado pela pôpa o *Marquez de Olinda*, e durando talvez já 1 hora o combate de mosquetaria e ferro frio, fizemos todos um esforço supremo de patriotismo, applaudindo com enthusiasmo a ordem transmittida pelo official immediato o 1º tenente Felippe Firmino Rodrigues Chaves, de combinação commigo, para que se lançasse fogo ao paiol da polvora,

ordem esta que ia ser immediatamente executada pelo corajoso escrivão de 2ª classe, José Corrêa da Silva, quando felizmente ouviram-se gritos de — viva a nação brazileira, o Imperador, o almirante Tamandaré, o chefe Barroso e a guarnição da *Parnahyba*.

Eram vozes de nossos marinheiros e soldados, acommettendo resolutamente os paraguayos, que se escapavam por haverem percebido que o *Amazonas* e *Belmonte* vinham em nosso auxilio, e tambem a *Mearim*.

Grande foi nessa occasião a desordem do inimigo. Os trinta cadaveres deixados em nossa coberta, inclusive o do atrevido official que profanou nossa bandeira, attestam bastantemente o revez soffrido por elles, devendo aqui addicionar que todos os outros paraguayos, que então se achavam a bordo, precipitaram-se ao rio, e ganharam a margem do Chaco.

Içado agora o nosso pavilhão, serenados os animos, vimos então que nessa luta heroica em que muitos jogavam as armas pulso a pulso, bastantes tinham sido as victimas que com seu denodo concorreram para tornar memoravel nos annaes da marinha brazileira o dia 11 de Junho de 1865.

Entre ellas não posso deixar de mencionar o bravo tenente do 9º batalhão de infantaria Feliciano J. de Andrade Maia, que sustentou-se no seu posto até cahir desfallecido pelos golpes do inimigo, tendo-se até então conservado como verdadeiro baluarte brazileiro. A sua memoria deve ser conservada com um brazão de honra e alto credito para o exercito imperial.

O imperial marinheiro de 1ª classe Marcilio Dias, que tanto se distinguira nos ataques de Paysandú, immortalisou-se ainda nesse dia. Chefe do rodizio raiado, abandonou-o sómente, quando fomos abordados, para sustentar braço a braço a luta de sabre com quatro paraguayos.

Conseguio matar dous, mas teve de succumbir aos golpes dos outros dous. Seu corpo, crivado de horriveis cutiladas, foi por nós piedosamente recolhido, e só exhalou o ultimo suspiro hontem, pelas 2 horas da tarde havendo-se-lhe prestado os soccorros de que se tornara digna a praça mais distincta da *Parnahyba*. Hoje pelas 10 horas da manhã, foi sepultado com rigorosa formalidade no rio Paraná, por não termos embarcação propria para conduzir seu cadaver á terra.

Longa seria a enumeração dos factos distinctos praticados a bordo deste navio pelas praças do meu commando, mas não posso eximir-me de citar os nomes d'aquelles que bem mereceram da patria.

O 1º tenente Filippe Firmino Rodrigues Chaves, immediato desta corveta, houve-se com dignidade e bravura, animando a guarnição e dirigindo o fogo, tendo depois, de combinação commigo, ordenado que se lançasse fogo ao paiol da polvora no instante em que o perigo de succumbir se tornou imminente. Seus serviços são recommendaveis.

O 1º tenente Miguel Antonio Pestana portou-se com denodo e coragem pouco commum, commandando a guarnição que se havia entrincheirado no convez : a seus esforços e patriotismo se deve em parte a brilhante victoria alcançada pela *Parnahyba*.

Os 1ºˢ tenentes Antonio Pompeu de Albuquerque Cavalcanti e Miguel Joaquim Pederneira, officiaes que commandavam os 2º e 3º rodizios, nunca os abandonaram, e a seus esforços se deve o vivo fogo de artilharia que tanto estrago produzio nos vapores *Taquary*, *Paraguary* e *Salto*.

O guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca mostrou bastante valor, lutando a par do 1º tenente Pestana, e animando com suas palavras cheias de patriotismo aos nossos marinheiros e soldados.

Ao muito distincto escrivão de 2ª classe José Corrêa da Silva se deve hoje a conservação desta corveta : recebendo ordem de lançar fogo ao paiol da polvora, munio-se de um charuto acceso, e pôde conter o seu enthu-

siasmo até o momento de se ouvirem os brados de triumpho de que fiz menção.

O commissario de 2ª classe Pedro Simões da Fonseca, vendo que seus serviços eram de pouca importancia na coberta, onde se achava, subio ao convez, e descarregou sobre o *Taquary* a coronada de bombordo-avante, empregando-se a metralha na caixa das rodas, que produzio estragos mortiferos em officiaes que sobre o passadiço dirigiam a abordagem.

(A parte menciona com louvor os nomes de varias praças da tripolação da corveta que por brevidade omittimos. Depois continúa).

O contingente do 9º batalhão de infantaria, composto das 1ª e 6ª companhias, sob o immediato commando do muito distincto tenente-coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era de esperar de soldados brazileiros : enthusiasmo no acto da abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem ao melhor elogio.

Foram incansaveis em bem dirigir os seus subordinados o capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, o tenente Leopoldo Borges Galvão Uchôa e alferes Francisco de Paula Barros. São ainda dignos de elogios os alferes Pedro Velho de Sá Albuquerque e Francisco Antonio de Sá Barreto Junior. No mesmo caso se acham o 1º sargento cadete quartel-mestre Luiz José de Souza, o 1º cadete 2º sargento Luiz Francisco de P. Albuquerque Maranhão, etc., etc.

(Supprimios ainda os nomes de varias praças do exercito elogiadas. A parte continúa).

Desferrando o *Taquary* do costado de BB, onde se achava, seguio rio acima perseguido pelo *Amazonas* ; o *Marquez de Olinda* e o *Salto* desceram o rio, vindo dar fundo abaixo do lugar da luta.

Inteiramente livres de nossos inimigos, procurámos perseguil-os, mas não o fizemos como queriamos por haver-se desmontado o leme, safando esta corveta graças á boa direcção da machina.

Governando, porém, com a vela de estaes e latina conseguimos abordar o *Salto*.

Atracados á elle, fiz saltar o 2º tenente Miguel Antonio Pestana e o denodado imperial marinheiro de 2ª classe Pedro Chaves (condecorado com duas medalhas humanitarias de 1ª classe), sendo aquelle nomeado commandante da presa, e este designado para içar o pavilhão brazileiro no tope grande, o que fez, recolhendo a bandeira paraguaya, que se achava abatida, o guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca. Cadaveres mutilados, canhões desmontados e moribundos que exhalavam o ultimo suspiro, eis o que haviam deixado nossos encarniçados contendores.

. . . .

Duas horas depois, atracou nosso escaler a bordo com as praças destacadas, por haver o guarda-marinha Affonso reconhecido que o *Salto* ia á pique como effectivamente foi, e por isso fez embarcar as praças que puderam saltar, havendo recolhido o tenente João Vicente Alcaraz, commandante do *Salto*, gravemente ferido, e dous marinheiros levemente.

Soube do commandante do *Salto* que a esquadra paraguaya era commandada pelo capitão de fregata Meza, que tinha sahido na vespera á meia noite de Humaitá, onde ficava o presidente Lopez, e que os 4 vapores que nos atacaram continham 575 praças de abordagem.

. . . .

Junto faço annexo o mappa dos mortos, feridos ou extraviados na abordagem de que acabo de fallar, e, terminando este officio, cumpro com o voto unanime desta guarnição depositando nas mãos de V. Ex. a bandeira paraguaya arriada do vapor *Salto*, para que V. Ex. lhe dê o destino que

mais conveniente julgar para o brilho de nossas armas e recordação deste dia tão notavel para nossa historia naval.

Illm. e Exm. Sr. chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo, commandante da 2ª divisão da esquadra.

AURELIO GARCINDO FERNANDES DE SÁ.
Capitão-tenente commandante.

Parte official do commandante da fragata AMAZONAS :

Bordo do vapor *Amazonas*, no Riachuelo, 11 de junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex. que hoje ás 9 horas, mais ou menos, avistavam-se, descendo de Corrientes, 8 vapores rebocando 6 chatas, os quaes se conheceram ser inimigos. Logo que estiveram ao alcance da nossa artilharia rompemos o fogo, respondendo elles. Este navio respondeu immediatamente, e seguio rio abaixo, segundo o que V. Ex. me havia ordenado, afim de bater o inimigo. Fomos recebidos, quando passavamos o Riachuelo, por um fogo vivo de baterias collocadas em terra, das chatas, dos vapores e de mais de 1,000 homens collocados sobre o barranco, armados de fuzil.

Obedecendo ás ordens de V. Ex. subi rio acima e fomos abalroando os vapores inimigos, conseguindo inutilisar tres e metter a pique uma das chatas.

Esta manobra, penso, fez com que todos os vapores inimigos abandonassem o combate e bem assim a gente que guarnecia as chatas.

V. Ex. foi testemunha ocular do comportamento dos officiaes e mais praças sob meu commando, e de tudo quanto se passou a bordo, durante o combate.

Cumpro tambem o agradavel dever de informar á V. Ex. que os officiaes e mais praças do exercito destacadas á meu bordo, me auxiliaram grandemente, com fuzilaria e trabalhando no rodizio de ré.

E' de meu dever informar a V. Ex. que o 1º tenente José Hypolito de Menezes, que se achava com parte de doente, se apresentou na occasião do combate, e que igual procedimento teve o imperial marinheiro Leocadio dos Santos.

Junto achará V. Ex. a relação das praças mortas e feridas, assim como das avarias que soffreu o navio.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo, commandante da 2ª divisão naval do Rio da Prata.

THEOTONIO RAYMUNDO DE BRITO.
Capitão de fragata e commandante.

As avarias que soffreu o vapor *Amazonas* no combate de 11 de junho de 1865, foram as seguintes :

No casco.

Todo o beque arrancado, e parte da roda de prôa: um grande rombo na enfermaria varando de lado a lado o navio; outro na machina, levando os dormentes, offendendo os váos reaes e furando a carvoeira de BB; outro

arrancando parte do trincanil junto á escotilha da machina, e outro produzindo a mesma avaria junto ao portaló de BB; mais outro avante da caixa das rodas de EB, no lugar do ferro da roça, produzido por uma bala que, partindo uma cabeça, lançou ao mar o dito ferro.

São estas as avarias de maior circumstancia occasionadas quasi todas por balas de calibre 80 e 68, e deixo de mencionar as existentes nos altos, de pôpa á prôa, produzidas pelas de menores calibres, metralha e fuzilaria, por serem muitas, como se deve prever; e, finalmente, de 5 escaleres apenas ficaram 2, o 4° e a canôa, ambos em pessimo estado e incapazes de servir sem grande fabrico. A mastreação quasi nada soffreu, porém todos os estaes, cabrestos, patarrazes, se partiram, bem como alguns cabos fixos e de laborar.

Parte official do commandante da corveta Jequitinhonha :

Bordo do vapor « *Jequitinhonha* », no rio Paraná, em 13 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Como commandante do vapor *Jequitinhonha*, onde tremulava a insignia do Illm. Sr. capitão de mar e guerra José Segundino Gomensoro, chefe da 3ª divisão, que faz parte da força naval do Imperio sob as ordens de V. Ex., vou referir, como me fôr possivel a parte que tomou o vapor ao meu mando contra a esquadra paraguaya, composta de 8 vapores, 6 chatas bem armadas, protegidas por uma forte bateria collocada na barranca do lugar denominado — Riachuelo, — e mais successos, que se deram até o abandono do *Jequitinhonha*.

No dia 11 do corrente mez, pouco depois das 8 horas da manhã, avistou-se acima de Corrientes a esquadra inimiga : alguns navios da nossa fizeram signal de inimigo á vista, o qual como descesse o rio, promptamente se tornou visivel : então o vapor *Amazonas*, navio chefe, fez signal para suspender, o que immediatamente o Sr. chefe Gomensoro mandou fazer, e foi executado, ficando nós sustentando no canal, em que estavamos, o vapor, até que chegou o pratico de bordo, que estava fóra na lancha em serviço da esquadra.

Quando passaram para baixo os navios do inimigo trocaram-se alguns tiros entre elles e os nossos navios, indo os do inimigo para baixo da sua bateria de terra, e ahi deixaram fundear as chatas, ficando parados.

Chegou então alancha com o pratico a bordo, e virámos a encontrar os inimigos para batel-os pelo signal feito pelo navio chefe; ficando aguas-abaixo por algum tempo, em que por ordem do Sr. chefe Gomensoro, tornámos aguas-acima, estando o vapor *Amazonas* e alguns navios nessa posição.

O navio chefe fez para o *Jequitinhonha* signal de bater o inimigo o mais proximo possivel; indo-se executar esta ordem, teve-se de virar aguas-abaixo; nessa manobra encalhou o *Jequitinhonha* no banco de arêa, que divide os dous canaes estreitos em frente á bateria de terra do inimigo e por mais esforços que se fizeram não foi possivel safal-o.

Fez-se signal de estarmos encalhados.

Começou então sobre nós um fogo vivissimo de terra e dos navios inimigos, dos quaes tres separando-se da linha subiram e nos cercaram, tentando por vezes abordar-nos; porém foram repellidos e fugiram rio acima, perseguidos pelo vapor *Beberide* e outros da nossa esquadra que appareceram.

Na terrivel posição em que nos achavamos sustentamos a força toda da bateria de terra, que cessou de hostilisar-nos ao escurecer, perdendo-se, meia hora depois de encalhar-se, o pratico do rio, e durante o combate os officiaes e mais praças da relação junta.

Os Srs. officiaes da armada e mais classes, e bem assim os do contingente do 1° batalhão de infantaria do exercito, marinheiros e soldados portaram-se em seus postos com muito valor e sangue frio. Sendo todos dignos de admiração, pois, o fogo que soffremos foi vivissimo.

Ao escurecer tencionei espiar o navio por EB, com um ferro, porém, faltava-me uma embarcação para isso, pois que havia perdido a lancha e os maiores escaleres.

Appareceu então a canhoneira *Iguatemy*, que approximando-se, atravessou-se com a correnteza sobre a prôa do *Jequitinhonha*, e só safou-se dessa posição quando o vapor *Ypiranga* veio tomal-a a reboque.

Approximou-se então o *Ypiranga* para nos auxiliar e ficou encalhado, atravessando na nossa pôpa. Principiamos a safar o *Ypiranga*, gastando todo o dia seguinte e resto da noite, mas nada conseguimos.

Na tarde do da 12, veio o Sr. capitão da fragata Theotonio Raymundo de Brito, commandante do vapor *Amazonas* com algumas canhoneiras prestar-nos auxilio, no que foi incansavel e conseguio, durante a noite, safar o *Ypiranga* por duas vezes, mas quando tinha de procurar o canal, vinha de novo contra a pôpa do *Jequitinhonha*.

Na manhã do dia 13 de junho desencalhou o *Ypiranga* e principiamos a fazer o mesmo ao *Jequitinhonha*, reconheceu-se que se faria com muito esforço, senão estivessemos a todo momento expostos ao fogo da bateria de terra : então o Sr. commandante Brito mandou que fosse a mór parte dos soldados para os outros navios, ficando o resto para embarcar, quando nos atacassem de terra.

Foi então espiar-se um ferro pela pôpa para aguentar o navio : estava-se nesse serviço quando rompeu de terra um fogo de artilharia que só parou ao escurecer, e disso nos aproveitámos para retirar-nos para os outros navios da esquadra, pois o *Jequitinhonha* estava arruinado.

O Sr. chefe Gomensoro foi contuso depois que encalhámos e retirou-se na tarde do dia 12 para bordo do vapor *Amazonas*, bem assim os doentes e feridos para o *Beberibe*.

O fogo do segundo dia foi mais forte que o do primeiro, por estarmos com a pôpa para o lado da bateria da barranca, que, nos dominando, não consentia que estivessemos sobre a tolda.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barrozo, chefe de divisão e commandante da 2ª divisão da esquadra imperial no Rio da Prata.

JOAQUIM JOSÉ PINTO.
Capitão-tenente, commandante interino.

Parte official do commandante da canhoneira BELMONTE :

Bordo da canhoneira « *Belmonte* », no Riachuelo (Paraná), em 11 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Pessoa alguma melhor do que V. Ex., que esteve constantemente no passadiço do navio chefe, póde ser juiz do meu comportamento durante o combate que hoje se deu entre a esquadra paraguaya e a brazileira.

Só sinto que não podesse fazer o que desejava, porque depois de ter passado toda a linha inimiga, e quando voltava, procurando approximar-me do navio chefe, que me parecia abordado por um navio inimigo, declarou-se fogo na coberta, produzido por uma bomba inimiga, e pouco depois deram-me parte que havia muita agua no porão; assim vi-me obrigado a tocar atraz, e como a agua augmentasse extraordinariamente a ponto de estar já dous pès acima de soalho da coberta, encalhei o navio como unico meio de salval-o, e immediatamente tratei de tapar os rombos, o que ainda não consegui.

O navio teve as seguintes avarias : 22 rombos no costado de BB, e 15 no de EB, tudo acima da linha de fluctuação, abaixo não sei ainda, porém devem ser bastantes pois que todas as bombas de bordo, e baldes não dão vazão á agua do porão que já está apenas dous pés abaixo da tolda; perderam-se dous escaleres grandes; o terceiro foi arrombado, e o unico estanque ficou estragado; perderam-se tambem dous turcos dos escaleres.

Devo declarar a V. Ex. que os officiaes, os Srs. 1ºs tenentes Francisco Goulart Rolim e José Antonio de Alvarim Costa muito me coadjuvaram animando, e activando as guarnições das peças na occasião em que só este navio soffria todo o fogo da esquadra inimiga e das baterias de terra; e o mesmo devo dizer dos Srs. capitães Antonio dos Santos Rocha e Antonio Muniz Telles de Sampaio, do corpo policial no que diz respeito a sua gente, e do Sr. tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que com a pratica que tem de artilharia e com o destacamento de que é digno commandante, auxiliado pelos Srs. cadetes Leovigildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Girard, prestou serviços reaes, e portou-se com o valor que em Corrientes já uma vez mostrou.

O Sr. 1º tenente Francisco Antonio Salomé Pereira, que se acha prezo a bordo desta canhoneira, offereceu-se por differentes vezes durante o combate para coadjuvar-me.

Devo fazer particular menção do Sr. 2º cirurgião Dr. José Pereira Guimarães, que na coberta, operando e curando os doentes com o maior desembaraço e sangue frio, teve de, mudando de profissão, ajudar a apagar o incendio produzido por uma bomba que, arrebentando junto delle, e contundindo-o levemente na coxa direita, matou dous homens á sua esquerda, ferio a um e produzio um incendio, e igualmente em companhia do 2º marinheiro Eloy Cavalcanti de Albuquerque e cabo do corpo de policia Luiz Fernandes da Silva muito trabalhou em tapar os rombos do costado.

O Sr. escrivão Manoel Vicente da Silva Guimarães portou-se muito bem, municiando a bateria.

O pratico João Baptista Pozzo conservou-se constantemente no passadiço de prumo na mão com o maior valor e sangue frio, e foi levemente ferido no rosto.

Os machinistas, 1º José da Silva Neves da 2ª classe, e 3º Antonio Loureiro de Almeida da 3ª classe, e o adjudante da 2ª classe Gabriel Fereira da Cruz Sobrinho, cumpriram o seu dever.

A guarnição em geral portou-se regularmente, devendo porém especialisar pelo seu brilhante comportamento os imperiaes de 1ª classe Manoel José de Oliveira, João Pereira da Silva, João José Corrêa, e os da 3ª classe João José da Paixão e Julio Benito, chefe de peça, e da 2ª classe Raymundo Francisco da Silva, carregador, bem como o escrevente João Maria Bernes de Parrabere.

Não posso deixar da lamentar a perda do 2º tenente Julio Carlos Teixeira

Pinto, morto logo no principio do combate por uma bala de artilharia no ventre.

Durante o combate tivemos 9 mortos, 7 feridos gravemente e 15 levemente e alguns contusos : de todos remetto a V. Ex. a relação inclusa.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão, commandante da 2ª divisão naval.

JOAQUIM FRANCISCO DE ABREU.
1° *tenente, commandante interino.*

Parte official do commandante da corveta BEBERIBE :

Bordo da corveta « *Beberibe* », no Paraná, em frente á ilha de Cabral, em 14 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex. os successos que tiveram lugar a bordo do vapor de meu commando por occasião do combate do dia 11 do corrente, entre a força naval ao mando de V. Ex. e a dos Paraguayos composta de oito vapores, protegidos por baterias fluctuantes e terrestres, collocadas abaixo de Corrientes, proximo ao lugar denominado Riachuelo. Procurarei cumprir esse dever o mais succintamente que fôr possivel.

Logo que V. Ex. ordenou que atacassemos o inimigo, achando-se o vapor do meu commando na vanguarda da força e nas aguas da *Belmonte* que estava adiante, ao alcance da fuzilaria dos vapores inimigos, virei aguas ácima, e, sobre as pás, supportei um fogo vivissimo, fazendo-lhes o maior mal que me foi possivel. Approximando-se então V. Ex. no vapor *Amazonas* e ordenando-me que seguisse para baixo os Paraguayos, assim o fiz até que de novo subimos o rio e foram derrotados os contrarios.

Vendo eu então que quatro dos vapores inimigos seguiam rio ácima, procurando evitar a sorte dos outros, que já estavam destruidos, ou tomados, dei-lhes caça, e, approximando-me ao maior d'elles com a firme tenção de abordal-o, cheguei a partir o páo da giba em sua pôpa, fazendo-lhe grossa avaria não só com o rodizio como com a fuzilaria.

Tinha, porém, o inimigo com ardil procurado o banco, e, dando-me o prumo duas braças, evitei que o meu navio encalhasse como me assegurava o pratico, guinando para o canal, porque, estando só n'essa occasião, teria de supportar, se encalhasse, a abordagem talvez dos quatro vapores que seguiam em pequena distancia um dos outros.

O inimigo conheceu que não me deixava levar por sua manobra, e que lhe fazia muito mal com a artilharia. Pôz-se, por isso, em fuga por cima do banco, seguindo a toda força, e prevalecendo-se da superioridade de sua marcha.

Ainda continuei por algum tempo a dar caça aos fugitivos, acompanhado então da canhoneira *Araguary*, que se approximava a mim, mas desistí d'esse intento por não poder alcançal-o.

Achando-se encalhado o vapor *Jequitinhonha*, soffrendo um fogo vivissimo da bateria collocada em terra, segui a protegel-o, reunindo-me aos navios que se achavam proximos a elle, e empreguei, com os mesmos em fazer calar a bateria inimiga, cujo fogo cessou depois das 5 horas da tarde.

A noite passei fundeado um pouco acima do *Jequitinhonha* com o *Ypiranga* e o *Iguatemy* para defender aquella corveta se fosse atacada.

As avarias que soffri de mais circumstancia, foram as seguintes :

Um rombo por bala de 68 no costado á prôa do lado de EB, é na altura da linha do cobre, que, penetrando na coberta, matou uma praça do corpo de guarnição do Espirito-Santo; o mastro grande cortado abaixo da romã, junto a chapa das arregadas da enxarcia por outra bala na metade de sua grossura por ante avante; a borda, e alguns cabeços dos portalós para ré, bem como a mesa da enxarcia da gata, arrombados em differentes partes, além de quasi todo o arvoredo cortado inclusive 6 ovens das enxarcias reaes.

Tive outras avarias por balas de artilharia no costado e nas obras mortas bem como por metralha na mastreação.

Foram arrancados os olhaes das amuradas que seguram os vergueiros dos rodizios e bem assim uma das chapas e o pião sobre o qual gira o mesmo rodizio.

A chaminé das caldeiras teve 14 furos de diversas dimensões, e o canudo do vapor 1.

A perda que soffri no pessoal eleva-se a 5 mortos e 17 feridos, tendo já fallecido 2 d'estes ultimos, como mais detalhadamente verá V. Ex. na parte do 2º cirurgião d'este navio, e no mappa que junto envio.

Terminarei assegurando a V. Ex., que a guarnição portou-se com valor, e que os officiaes combatentes e das classes annexas sempre se conservaram nos seus postos desempenhando com bizarria os deveres a seu cargo, cumprindo-me especialmente assignalar o 1º tenente João Gonçalves Duarte, que exerce as funcções de immediato, pela sua actividade e sangue frio. O capellão do vapor *Amazonas*, padre Francisco do Carmo Gomes Diniz, que esteve durante o combate a bordo d'este navio, por ter vindo socorrer um moribundo, pouco antes de apparecer o inimigo, desempenhou sua sagrada missão com todo o zelo, caridade e sangue frio.

As praças do corpo de guarnição do Espirito-Santo, que estão destacadas n'este vapor, tambem merecem ser louvadas por terem seguido o exemplo de seu bravo commandante o veterano major João Baptista de Souza Braga, que esteve em seu posto de honra todo o tempo que durou o combate.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão commandante da 2ª divisão.

BONIFACIO JOAQUIM DE SANT'ANNA.

Capitão-tenente, commandante.

Parte official do commandante da canhoneira IGUATEMY :

Bordo da canhoneira « *Iguatemy* », surta no Riachuelo de Santa Catharina, em 12 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Cumpro com a maior satisfação o dever de expôr a V. Ex. as occurrencias havidas a bordo do navio do meu commando, no combate que hontem se ferio entre a nossa esquadra e a do Paraguay, composta de 8 vapores e 6 chatas, montando cada uma d'estas um canhão de 68 ou de 80, e protegidas por baterias de terra, assestadas em toda a extensão da barranca do Riachuelo de Santa Catharina.

Julgo escusado entrar em todos os detalhes d'este combate, certo de que V. Ex. melhor do que ninguem os apreciaria, e por este motivo limito-me sómente ás occurrencias de meu navio em particular.

Todos os officiaes, quer da marinha, quer da tropa, bem como a guarnição e soldados, portaram-se com muita dignidade e coragem, e, graças a isso, sustentei sempre com o inimigo um fogo vivissimo.

Quando a esquadra voltou de aguas-acima, seguindo o arrojo da fragata *Amazonas*, que investio de prôa sobre alguns vapores e chatas da esquadra inimiga, mettendo-os a pique, esta canhoneira, não tendo mais navio inimigo a combater, foi collocar se junto ao vapor *Jequitinhonha*, que estava encalhado e soffria um fogo terrivel de uma bateria collocada na barranca.

Pouco depois de chegar a este ponto, sendo 3 horas da tarde, fui ferido gravemente por tiro de metralha na junta do pé direito, estando a meu lado no passadiço o major do corpo policial Antonio Luiz Bandeira de Gouvêa, ao qual felizmente passou de leve uma bala sobre o hombro, rasgando a farda, sem a menor contusão.

Chamei incontinente o immediato e entreguei-lhe a direcção do navio, recommendando-lhe que não desamparasse o *Jequitinhonha*, e continuasse a sustentar o ofgo com o mesmo vigor.

Fui logo conduzido para baixo afim de receber os soccorros medicos, e conheci então que estava inutilisado.

O meu immediato o 1º tenente Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, que, cheio do seu costumado enthusiasmo foi occupar o meu lugar, foi morto 5 minutos depois, por uma bala de artilharia que levou-lhe a cabeça.

Continuou a sustentar o fogo com não menos ardor o 1º tenente José Gomes dos Santos, cumprindo á risca todas as ordens que eu debaixo lhe mandava, até que ás 6 horas da tarde calaram-se as baterias de terra e terminou todo o fogo.

O meu navio soffreu mais no casco e apparelho do que no pessoal, pois além do meu ferimento e da morte do immediato, apenas ficaram feridos os soldados do corpo policial Francisco Bernardino de Paula, levemente, Bernardino Francisco Teixeira e Manoel Pinto Lopes Rangel, gravemente, e o imperial marinheiro da 3ª classe Pedro Alexandre, levemente.

As avarias que soffreu o navio foram as seguintes :

Tres balas de artilharia penetraram seis pollegadas no costado de EB, um pouco abaixo do lume d'agua; duas quasi a meio navio e outra na amura, do mesmo lado; algumas balas deitaram abaixo uma pequena casinha de bandeiras, arrombaram a borda do trincaniz acima, quasi na alheta do navio, inutilisando os cabeços da portinhola do rodizio de ré.

Uma bala de artilharia penetrou tres pollegadas ao lume d'agua no costado de BB abaixo da mesa do traquete; as trincheiras de EB estão inutilisadas, assim como quasi toda aborda da enxarcia do traquete para ré; os cabeços do mesmo lado estão quasi todos faxeados, tendo sahido tres olhares onde engatavam os vergeiros artilharia.

O mastro grande acha-se inutilisado por duas balas de artilharia, uma quasi a meio da parte de vante, que fez 8 pollegadas de profundidade, e outra um pouco abaixo da romã, tendo tirado lascas.

O mastro do traquete levou tambem uma bala por ante avante acima da chapa do toldo, ficando parte della fóra.

O gurupés está totalmente inutil e fóra do seu lugar.

Dous escaleres, um de 12 remos e outro de 10 com suas competentes pertenças foram arrombados e lançados n'agua, tendo-se ambos submergido, e um turco de ferro, de escaler, foi cortado ao meio.

A chaminé da machina tem diversos rombos.

A' excepção do apparelho real, todos os cabos acham-se mais ou menos cortados e ficaram partidos grande numero de cadernaes e moitões.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão e do estado maior e commandante da 2ª divisão naval.

JUSTINO JOSÉ DE MACEDO COIMBRA,

1º *tenente, commandante.*

Parte official do commandante da canhoneira ARAGUARY :

Bordo da canhoneira a vapor « *Araguary* », abaixo do Riachuelo, 15 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento á ordem de V. Ex. para dar uma parte minuciosa das occurencias havidas na canhoneira do meu commando durante as 9 horas de combate do dia 11 de junho corrente, contra a esquadra paraguaya, protegida pela bateria do Richuelo, debaixo da qual ella tomára uma forte posição, cabe-me informar o seguinte :

Logo que V. Ex. desceu com o signal de bater o inimigo, içado na fragata *Amazonas*, tratei immediatamente de occupar o meu lugar na linha e seguir a toda força na pôpa da *Mearim*, debaixo de um fogo vivissimo de artilharia e fuzilaria e respondendo com a mesma vivacidade, graças á exercitada guarnição de tres rodizios e das peças de 32 e de campanha, que de antemão mandara collocar a BB, e cada uma das quaes estava sob a direcção de um official do navio.

Tendo porém suspendido a esquadra inimiga e subindo juntamente na occasião em que chegámos ao lugar mais estreito entre o banco e a bateria vimo-nos de repente cercados por tres dos seus vapores, que pretendiam abordar-nos, approximando se o da frente, que disse o pratico ser o *Taquary*, a 8 ou dez braças do costado de BB desta canhoneira; mas felizmente os tres rodizios carregados com bala e metralha sendo disparados sobre elle a queima-roupa, fizeram n'o arribar incontinente para o seu EB., e assim transpuzemos, sob um chuveiro de balas, o lugar mais apertado, dando volta apenas houve laseira, e seguindo outra vez na pôpa do navio chefe afim de batermos novamente o inimigo e soccorrer a *Parnahyba*, que não pudera escapar á abordagem dos tres vapores que mencionei.

Navegando na pôpa da fragata *Amazonas*, que galhardamente metteu a pique dous dos vapores inimigos, lançando-se de prôa sobre elles, e vendo que ahi pouco me restava a fazer, investi sobre o *Paraguary* contra o qual fizemos fogo de metralha, e depois, deixando ao *Ypiranga*, subí em perseguição dos quatro restantes que a toda a força se escaparam rio acima.

Neste intento approximei-me do *Beberibe*, que tambem o perseguia e, por elle passando, declarei ao commandante a minha intenção; dando então esse vapor mais força para se chegar á canhoneira do meu commando.

Subimos assim juntos por algum tempo, até que, parando o *Beberibe*, continuei á perseguir só os quatro vapores, fazendo com o rodizio de prôa um fogo incessante, do qual resultou arrombar-se toda a pôpa do *Taquary*, a ponto de obrigar esse navio a collocar-se no lugar de outro vapor tambem de dous canos, que passou a cobrir-lhe a retaguarda.

A's 5 1/2 horas, vendo-me só a grande distancia do *Beberibe* e a mais de tres milhas da nossa força naval, tive de parar por conhecer a inconvenien-

cia e loucura de ir batel-os de noite com tanta desproporção e sem esperança de soccorro na distancia a que me achava dos mais navios.

Esperei, comtudo, no mesmo lugar até que, approximando-se de novo o *Beberibe*, me repetio a ordem de voltar, a qual executei descendo com elle para junto do *Jequitinhonha*, onde colloquei-me de modo a protegel-o com a artilharia contra as baterias de terra, que de quando em quando ainda me faziam um fogo certeiro.

Logo que cessou o fogo approximei a canhonheira da margem e ahi tomei quatro grandes chalanas ou chatas cheias de munições bellicas e montando cada uma um rodizio de 68.

Duas dessas embarcações tinham as peças encravadas por ordem de V. Ex., a terceira, porém, achava-se perfeita e abandonada, o que não aconteceu com a ultima que, estando occulta dentro do riacho, ainda tinha guarnição, parte da qual fugio para terra.

A 12 do corrente, depois de haver fundeado as quatro chatas no lugar ordenado por V. Ex., segui até junto da canhoneira *Parnahyba* na qual deixei o medico deste vapor, Dr. Soares Pinto, por isso que o respectivo cirurgião baixara doente para Buenos-Aires, no vapor nacional *Ygurey*.

Recebendo os trinta mortos da *Parnahyba* fomos enterral-os, na margem direita, depois do que dirigimo-nos ao vapor *Marquez de Olinda* onde tomei 21 prisioneiros, inclusive o commandante Ezequiel Robles, irmão mais velho do general em chefe do exercito inimigo, feito o que, fiz içar outra vez no tope grande a bandeira brazileira que desgraçadamente portanto tempo deixara de tremular na pôpa desse infeliz vapor.

Depois dos successos dos dias 11 e 12 que acabo de relatar, ainda se deram nesta canhoneira diversos factos importantes que não podem ficar desappercebidos, e, pois, cumpre leval-os ao conhecimento de V Ex.

Tendo recebido ordem para no dia 13 coadjuvar o commandante da fragata *Amazonas* na faina de safar o vapor *Jequitinhonha* que infelizmente encalhára no dia do combate debaixo das baterias inimigas, para ahi me dirigi, e, fundeando no lugar conveniente, com 45 braças de amarra, tomei um bom virador da pôpa do mesmo *Jequitinhonha* e comecei a trabalhar á toda força, mettendo ao mesmo tempo a amarrá dentro : pouco depois do meio dia deram-me ordem de parar a machina e começamos a receber a gente do dito vapor, não só com o fim de allivial-o como tambem para que no caso de novo ataque pudessemos sahir do lugar perigosissimo onde nos achavamos.

A's 2 horas em ponto percebeu o mestre que havia movimento de gente debaixo do arvoredo onde estivera a bateria paraguaya, e, dando-me parte, fui immediatamente á prôa verificar e vi com effeito a menos de uma amarra de distancia uma peça de bronze longa e guarnecida por sete homens, quatro de cócaras e dous de pé juntos ao chefe da peça, que parecia escorval-a.

Não havia tempo a perder, e, portanto, emquanto não a disparavam, chamei a gente de um rodizio e fazendo a pontaria, disparei-a eu mesmo, mas antes que se dissipasse o fumo e nos deixasse apreciar o effeito da bala e metralha com que estava carregada a nossa peça, um chuveiro do balas de artilharia cahio sobre nós, arrebentando dous cabeços da amurada, a rêde de abordagem, atirando ao convez um servente de peça, ferido no braço esquerdo, e fazendo outras avarias no costado e apparelho.

A peça que vimos foi realmente desmontada, porém, além, della, já haviam 10 ou 12 occultas atrás do matto e com as pontarias feitas sobre o grupo de navios occupados em soccorrer o *Jequitinhonha*.

Esperei alguns minutos a ver se nos seria posivel mandar o unico esca-

ler restante á bordo do vapor encalhado para trazer o resto de sua guarnição, mas o fogo de terra era tão vivo que debaixo do zunido infernal das balas tivemos de cortar o virador da pôpa, e, largando a amarra sobre boia, afastar-nos para a margem opposta, onde pairando continuamos a amixelar sobre elles com bombas e balas razas.

Assim nos conservámos até o escurecer, que foi quando pude approximar-me de novo do dito vapor, recebendo delle o commandante Brito, da fragata *Amazonas*, e cerca de 100 praças entre soldados e marinhagem.

Feito isto pretendia descer até junto dos mais navios, como o fizeram as canhoneiras *Iguatemy*, *Ypiranga* e *Mearim*, por ser esta a ordem que tinhamos, mas, pedindo o commandante do *Beberibe* que ficasse esta canhoneira junto delle, assim o fiz, com permissão do commandante Brito, conservando-me fundeado pela sua proa e descendo com elle ás 2 horas da madrugada para este lugar.

A's 6 horas dessa mesma manhã de 14 do corrente, fui outra vez para cima por ordem de V. Ex. afim de inutilisar a chata, que ficara fundeada junto do *Jequitinhonha*, bem como incendiar este vapor e o *Paraguary*.

Assim que fundeei acima da barranca do Riachuelo e comecei para tal fim a apromptar a canoa com o guardião Antonio de Souza e os imperiaes marinheiros de 3ª classe Antonio de Souza Ferreira, Theotonio José Joaquim, Agostinho Pio, Jesuino João Marques, Epiphanio Manoel da Encarnação, e da 2ª Januario da Cruz, notaram os vigias grande movimento de gente em terra, e meia hora depois marcharam duas columnas ou batalhões para a barranca, que nos ficava a 20 braças abaixo.

Não me era pois possivel ficar ahi com o navio por mais tempo, salvo se quizesse ficar entre dous fogos : por isso resolvi suspender e mandei largar á canoa depois de dar instrucções bem claras ao guardião e a cada homem um collete salva-vidas para o caso de ir a embarcação a pique.

Em quanto suspendiamos para cahir á ré antes de sermos aggredidos, romperam de terra o fogo por verem que lhes frustavamos os planos de cortarnos a retirada, mas como as balas não nos acertavam, dirigiram-as suas pontarias sobre a pobre canoa com um encarniçamento proprio de inimigos cobardes, que aproveitam a sua posição segura e superioridade numerica para nelles se vingarem da derrota soffrida; felizmente a Divina Providencia que vela sobre a nação brazileira protegeu a intrepida guarnição da canoa, que, debaixo da metralha inimiga, largou por mão a amarra da chata afim de fazel-a cahir agua abaixo, e depois ainda dirigio-se rio acima até o vapor *Paraguary* ao qual incendiou com agua-raz, estopa e velas mixtas que eu dera ao guardião.

Feito isto vieram a toda força de remos ainda acoçados por um fogo de artilharia desesperador que fazia espirrar a agua em torno delles a ponto de molhar toda a guarnição.

Ao chegarem a bordo dei vivas ao guardião e á guarnição da canoa, os quaes recommendo a V. Ex. pelo procedimento heroico que tiveram n'esta arriscada commissão.

Passando a ennumerar as avarias causadas pelo fogo inimigo, começarei pela triste nova de haverem aqui sido mortos dous homens e feridos quatro, sendo tres gravemente como V. Ex. verá pela parte junta.

Quanto ao mais recebeu esta canhoneira 23 balas de artilharia no costado, algumas no apparelho, 5 no canudo da machina, e 3 nos escaleres, afóra os innumeros, porém insignificantes rombos das balas de fuzil.

Antes de concluir, peço permissão a V. Ex. para felicital-o pela intrepidez e sangue frio com que se portaram os officiaes, tanto da armada como

do exercito pertencentes a esta canhoneira, bem como toda a sua guarnição.

Acompanha a esta parte a bandeira e flamula da republica do Paraguay, que indevidamente se ostentavam no vapor *Marquez de Olinda*, que tomamos ao inimigo na occasião de fazermos os prisioneiros, as quaes deponho nas mãos de V. Ex. por lhe pertencerem de direito.

Tambem peço permissão para offerecer á V. Ex. o plano junto do lugar em que se deu a acção nos dias 11 e 13 do corrente.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão e chefe do estado-maior.

ANTONIO LUIZ VON HOONHOLTZ (1).
1º *tenente, commandante.*

Parte official do commandante da canhoneira YPIRANGA :

Bordo do vapor « *Ypiranga* », em 15 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — A nossa força naval nas aguas do Paraná, tão dignamente commandada por V. Ex., bateu no dia 11 do corrente, perto do Riachuelo, as forças navaes do Paraguay, compostas de oito vapores e seis chatas armadas com grossa artilharia de 68 e de 80, protegidas por baterias que de cima das barrancas nos faziam um fogo vivo.

V. Ex. melhor do que ninguem sabe de todos os episodios deste encarniçado combate, que, começando ás 9 horas da manhã, só finalisou ao pôr do sol; comtudo meu rigoroso dever obriga-me a dizer o que vi, e qual o comportamento dos meus officiaes, marinheiros e soldados.

As 8 1/2 horas pouco mais ou menos, avistou-se a esquadra paraguaya que vinha rio abaixo, encostada á margem opposta rebocando seis chatas.

Immediatamente fez signal o navio chefe para que os vapores acendessem os fogos, e pouco depois signal para suspender.

Estando o navio sob meu commando com o fogo abafado, em dez minutos teve o vapor sufficiente para seguir, e, urgindo que estivesse em circumstancia de manobrar, não tive tempo de suspender, toquei a manilha das 15 braças, e larguei a ancora sobre boia.

Com a minha guarnição a postos esperei o signal para atacar.

A's 9 horas a esquadra inimiga pelo nosso travez já nos fazia fogo a que respondiamos com energia.

Largou então V. Ex. em um escaler para a *Parnahyba*, onde içou o pavilhão, porém, arriando-o pouco depois, regressou ao *Amazonas* onde o tornou a içar, fazendo signal para bater o inimigo, seguindo os navios o mais junto possivel.

A esquadra moveu-se.

A *Belmonte*, que era testa de columna, foi a primeira a inverter a linha de frente, e a ir rio abaixo a encontrar o inimigo.

O navio chefe, independente da linha, fez o signal para « principiar o combate com qualquer dos inimigos com que mais facilmente se pudesse », e depois para « sustentar o fogo que a gloria é nossa ».

O navio do meu commando só pôde fazer a evolução depois dos que

---

(1) Hoje barão de Teffé e capitão de mar e guerra.

estavam pela frente. Segui então a toda força. O navio chefe já seguia a procurar o inimigo.

Em frente a boca Chica da Palomêra, parando o *Jequitinhonha*, passei adiante, dando ordem ao primeiro engenheiro de dar toda a força á machina porque vi que o navio testa já ia longe.

Passou depois por mim o navio chefe que voltava aguas acima, e deu-me ordem para seguir para baixo e mandar descer a *Mearim*, que lhe seguia as aguas, a fim de metter o inimigo entre dous fogos, e nenhum navio poder escapar.

Ao passar pela *Mearim* transmitti a ordem.

A esquadra paraguaya havia formado linha de combate no Riachuelo em uma só columna, estando os vapores sobre as rodas e as chatas fundeadas junto ás barrancas 30 ou 40 peças em terra auxiliavam a esquadra inimiga, dirigindo sobre nós um fogo bem nutrido.

Ao chegar junto á ponta em frente ao Riachuelo a *Iguatemy*, que ia pela minha prôa guinou para BB o que me obrigou a fazer o mesmo; nesse momento o *Beberibe* veio aguas acima entre meu navio e a terra. Tive que seguir um pouco á vante, e depois parar, mas, vendo que o *Beberibe* pouco tinha seguido, e que me ficava junto a prôa com a pôpa na amura de BB, cahi á ré até o baranco com receio que o fogo de sua artilharia me offendesse. Nessa posição critica, soffrendo fogo das baterias, das chatas, e a grande fuzilaria dos vapores, estive algum tempo sem poder seguir aguas abaixo por não haver espaço para manobrar sem risco de encalhar. Pouco depois, seguindo a *Iguatemy*, pude arribar e ir passar por junto do monte de Santa Catharina onde metti a pique uma chata armada de canhão de 68 e guarnecida com 30 ou 40 pessoas, das quaes poucas julgo terem escapado.

O navio chefe já havia feito signal de reunião para os navios distantes. Chamou-me a falla o navio chefe e ordenou-me que fosse tomar conta do *Paraguary*, vapor paraguayo, que se achava encalhado : segui na pôpa do navio chefe que foi sobre um navio paraguayo e abordou-o, parando quasi de seguimento; e, não podendo eu parar immediatamente, abalroámos, não havendo, porém, maior avaria e apenas perdendo este vapor o páo da giba.

Cahi á ré, e, arribando pela pôpa do navio chefe, passei ao lado do vapor paraguayo *Salto*, que tinha ido com a pôpa de encontro ao barranco, fiz-lhe fogo de bala e metralha, porque vi que estava de bandeira içada, trabalhando para safar e com muita gente debaixo das toldas; as balas vararam-lhe o costado e arrombaram-lhe as caldeiras deitando logo vapor pelo costado, e a metralha obrkigou a saltar a guarnição pela pôpa atirando fóra as camisas encarnadas.

Julgando o *Salto* inutilisado, o que se fez em 10 mnutos, deixei-o e fui sobre o *Paraguary*, que estava encalhado e fiz-lhe dous tiros de metralha antes que me fizesse fogo de fuzilaria; a guarnição, já em pequeno numero, saltou ao mar e fugio : então mandei o 1° tenente Joaquim Candido dos Reis, immediato deste vapor, tomar conta do navio em um escaler guarnecido com 30 praças e o guarda-marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão, e continuei o fogo ás baterias de terra que dirigiam um fogo terrivel sobre o *Jequitinhonha* que encalhara pouco depois de começar o combate.

Regressou o escaler com o immediato e participou-me que o navio estava varado de balas e cheio d'agua, e que, ao subir para tolda, um soldado paraguayo atirára-se armado sobre o 1° sargento do corpo policial da provincia do Rio de Janeiro Delphino Tavares da Silva Dias, o qual immediatamente o matou á bayoneta.

Durante este encarniçado combate, que durou das 9 horas da manhã até ao pôr do sol, apenas tive a lamentar a perda de um grumete da marinhagem, servente do rodizio, morto por uma bala de fuzil, que lhe varou o craneo, e alguns feridos como V. Ex. verá no mappa junto.

Durante o combate obriguei a minha guarnição a trabalhar sempre coberta pela borda que, sendo baixa, expõe agente da cabeça até parte do peito.

O casco deste vapor recebeu grande numero de balas e tive o prazer de notar que algumas apenas o chocavam, devido isto á sua boa construcção e excellentes madeiras.

Apezar, porém, da rigidez do seu costado tem o *Ypiranga* tres balas cravadas do lado BB, sendo uma ao lume d'agua, que alluio todo o ferro, dous rombos, as mezas do traquete despedaçadas, e a trincheira arrombada em diversas partes : no lado de EB, duas balas cravadas no costado, o cobre cortado ao lume d'agua á prôa, dez rombos, o contra-dormente na altura das mezas da gata muito damnificado, e o ferro correspondente muito alluido, cavilhas e chapas alluidas em varios lugares.

O apparelho nada soffreu, o panno alguma cousa, particularmente a bujarrona.

O 1° e 3° escaleres soffreram muito, particularmente este, que estando içado a EB, foi arombado por bala de grosso calibre.

A chaminé do vapor foi furada pela metralha,e o pequeno canudo do gaz degollado por uma bala de canhão.

Todas estas avarias em nada impedem que este vapor continue a trabalhar aqui no rio, restando-nos só o pezar de não dispôr de grossa artilharia e não ser de melhor marcha.

A conducta dos meus officiaes, e praças do corpo policial destacadas a bordo, está acima de todo o elogio.

O 1° tenente Joaquim Candido dos Reis, immediato, correu sempre o navio, vendo que nada faltasse, dando ordens acertadas com o maior sangue frio : é um bravo official digno de toda a consideração.

O 2° tenente José Candido Guillobel, commandante da bateria, dirigio-a magnificamente, com calma, dando toda a attenção ao serviço das peças e sem attender as balas que lhe cruzavam por cima, e assim é que não tivemos um só desastre a lamentar, apezar da artilharia fazer um fogo seguido, dando n'aquelle dia para cima de 240 tiros.

O 2° tenente Antonio Maria do Couto e o guarda-marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão portaram-se superiormente com muita bravura e sangue frio.

O escrivão de 2ª classe João Carlos de Gouvêa Faria e o commissario D. José de Tavora Noronha Almada e Vasconcellos Freire de Andrade dirigiram superiormente o serviço dos paiões, onde talvez se careça mais de sangue frio do que em parte alguma para não haver atrapalhação e risco de incendio, trabalhando com polvora e balas ôcas.

O 2° cirurgião Dr. Manoel Joaquim de Saraiva, incansavel no cumprimento de seus deveres, se pouco teve de fazer a bordo, em compensação trabalhou na noite seguinte ao combate e nos outros dias em diversos navios.

O alferes do deposito D. Faustino José da Silveira, o tenente do corpo policial João Corrêa de Andrade e os alferes do mesmo corpo Antonio Firmino da Cosa e José Joaquim de Araujo, portaram-se muito bem e dirigiram o fogo de mosquetaria com muita ordem.

O alferes Costa é um official de muito sangue frio e julgo-o capaz de se

encarregar de qualquer commissão em que se necessite um official calmo e energico.

O 1° engenheiro James Renfrew muito trabalhou e durante todo o dia não arredou o pè da machina, que funccionou admiravelmente, graças á pericia e sangue frio do dito engenheiro.

O 2° engenheiro Pedro Xavier Ferreira, que, estando bastante doente, apresentou-se na tolda, não se retirou não obstante o Dr. representar que elle não se achava em estado de deixar o alojamento.

O mestre do navio, Lauriano do Nascimento mostrou bravura e sangue frio, e assim tambem o guardião Manoel Joaquim, que distinguio-se igualmente pelo valor com que trabalhou a ré com uma carabina, exposto ao fogo.

O escrevente Manoel Cezar de Sá portou-se muito bem, trabalhando á ré com uma carabina.

Tambem são dignos de elogio os chefes de peça e carregadores, e entre elles os imperiaes marinheiros Manoel Joaquim dos Martyres, que, estando doente, apresentou-se e trabalhou todo o dia como carregador, e o imperial Antonio Garcindo que igualmente se achava doente. Seria injusto se não recommendasse a V. Ex. o pratico deste navio, José Picardo, que nunca deixou o passadiço junto de mim dirigindo com admiravel presença de espirito á navegação do vapor.

Finalmente, toda a minha guarnição tanto imperiaes como marinhagem, portou-se sem nada deixar a desejar.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão commandante da 2ª divisão das forças navaes do Rio da Prata, em operações no Rio Paraná.

Alvaro Augusto de Carvalho.

1° *tenente, commandante.*

Partes officiaes do commandante da canhoneira Mearim :

Bordo da canhoneira « *Mearim* », no rio Paraná, em 16 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Corre-me o dever de dar conta á V. Ex. da parte que tomou a canhoneira do meu commando no combate que teve lugar no dia 11 do corrente, entre a força ao mando de V. Ex. e a esquadra paraguaya, forte de 8 vapores e 6 chatas armadas de grossa artilharia, protegida por uma formidavel bateria assestada na costa do Riachuelo.

Pouco depois das 8 horas da manhã de 11, tendo a vigia do mastro da prôa desta canhoneira avistado navios do lado da ilha Mera mandei içar o signal de — inimigo á vista — o qual foi reconhecido immediatamente pelo navio chefe.

Despertados os fogos, e disposto o navio para combate, em virtude da ordem de V. Ex. esperei o signal de ataque, que foi feito, logo que o inimigo chegou ao alcance da artilharia e rompeu o fogo, principiando pela canhoneira *Belmonte*, testa da columna.

O inimigo respondeu a esse primeiro ataque, seguindo aguas abaixo, e tomou posição fóra do alcance da artilharia.

Fazendo V. Ex. signal para descer a esquadra em perseguição do inimigo, seguio esta canonheira aguas abaixo, tomando o lugar que lhe competia na linha.

Quando a esquadra chegou em frente á bateria de terra, abroio-se dalli um fogo bem nutrido de artilharia.

A *Belmonte* rompeu aguas abaixo, e pouco depois o *Amazonas*, seguido do *Beberibe*, em cujas aguas navegou esta canhoneira.

Nesta occasiao o fogo tornou-se vivissimo de parte a parte. Chegando o *Amazonas* a um lugar em que havia espaço para virar, parou para fazer volta, trazendo sempre içado o signal de atacar o inimigo; e logo que o navio chefe principiou a fazer a volta, passei-lhe á falla, e, recebendo ordem de V. Ex. de atacar de perto o inimigo, virei promptamente, e, tomando o canal da costa, prolonguei-me com um grupo de navios; ahi parei a 50 braças de distancia, e, apresentando-lhes o costado de EB, fiz romper um bem nutrido fogo de artilharia e mosquetaria.

Minutos depois destacavam do grupo estes vapores e tentavam abordar esta canhoneira, mas eram repellidos pelas repetidas cargas de artilharia e mosquetaria que vomitavam sobre elles os flancos da canhoneira.

Nessa occasião approximaram-se o *Beberibe* e o *Amazonas*, aquelle em perseguição dos navios que cercavam esta canhoneira, e este dos que se conservavam ainda na costa.

Recolhi, na volta que foi preciso fazer para evitar a abordagem, duas praças da canhoneira *Parnahyba*, que estavam quasi a afogar-se.

Virando depois em direcção ás chatas, passei proximo da *Belmonte* que ia aguas abaixo com a prôa toda mergulhada e trazendo ella o signal « as bombas não vencem a agua que o navio recebe, » acompanhei-a para lhe dar soccorro, no caso de ser tanta a agua que não pudesse chegar sem reboque ao banco mais proximo, e, logo que tomou ella o banco em frente ás ilhas do Cabral, dirigi-me á canhoneira *Parnahyba* que descia desgovernada por ter avaria no leme.

Deixando-a fundeada fóra do alcance do inimigo, segui aguas acima com destino ao vapor *Marquez de Olinda*, que, apezar de vencido, trazia içada a bandeira paraguaya : atraquei a elle, fiz dar fundo e ariar a bandeira.

Cumpre-me dizer a V. Ex. que recolhi dous soldados inimigos feridos, e que prestei-lhes os soccorros de que necessitavam.

Durante o combate recebeu a canhoneira nove balas no costado de BB, sendo tres ao lume d'agua; as avarias de EB, foram todas feitas por metralha, á excepção de um rombo ao lume d'agua.

Muito soffreu o apparelho e a chaminé das fornalhas. Perdeu-se o escaler menor, e o maior está inutilisado completamente, bem assim o páo da bujarrona.

Já tive occasião de enviar a V. Ex. a relação dos mortos e feridos em acção; entre os primeiros conta-se o intelligente guarda marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão.

Os officiaes e mais praças da guarnição desta canhoneira e o contingente do corpo policial, cumpriram bem o seu dever.

O 1° tenente Augusto Cezar Pires de Miranda, meu immediato, não tinha lugar a bordo : em toda parte eu o via, prevenindo e dispondo as cousas para a boa marcha da acção, e nos momentos em que a peleja se tornou mais renhida, mais calma e sangue frio apresentou.

O 1° tenente Arnaldo Leopoldo de Murinelli, commandante da bateria foi incansavel no cumprimento do seu dever.

O 2° tenente Felinto Perry, commandante da 2ª bateria é um official distincto por sua coragem e ardor do combate.

O aspirante Joaquim Candido do Nascimento, esteve durante a acção

ás minhas ordens, sempre a meu lado e muitas vezes seguio a mosquetaria com uma clavina em punho.

O commissario José Antonio de Souza Guimarães e o escrivão João Evangelista de Menezes, no difficil e importante posto de distribuir munições, prestaram valiotissimos serviços, de sorte que nunca deu-se falta d'aquelles artigos.

O capitão do corpo policial Antonio José da Cunha e os alferes Firmino José de Almeida e João Carlos de Mello e Souza, tornaram-se dignos de menção pela actividade e boa direcção que deram ao contingente d'aquelle corpo.

O pratico Santiago Podemonte, nunca abandonou a roda do leme e governou o navio até o fim do combate.

Seria injusto se deixasse de recommendar a V. Ex. o sargento do batalhão naval Augusto Pires Ferreira ; esta praca esteve acima de todo o elogio Não deve esquecer o carpinteiro José Malaquias de Souza, que mais de uma vez teve de sahir ao costado para tapar os rombos. A machina funccionou sempre bem.

Deus guarde á V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão commandante da força naval em operações no rio Paraná.

ELIZIARIO JOSÉ BARBOSA.

1° *tenente, commandante.*

Bordo da canhoneira « *Mearim* », na boca da Palomera, 16 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Em virtude da ordem de V. Ex. segui no dia 12 do corrente de manhã para o Riachuelo, afim de prestar soccorros aos vapores *Jequitinhonha* e *Ypiranga*, que se achavam encalhados no banco, que alli divide o rio em dous estreitos canaes.

Todo esse dia e noite que se lhe seguio trabalhou esta canhoneira para desencalhar o *Ypiranga*, e sófo conseguio no dia seguinte de manhã com auxilio da canhoneira *Iguatemy*.

A's 2 horas da tarde do dia 13 quando bem adiantados iam os trabalhos para o desencalhe do *Jequitinhonha*, rompeu do matto da barranca mais proximo um horrivel fogo de artilharia contra os navios.

Logo que esta canhoneira conseguio largar o *Ypiranga* que lhe estava amarrado á pôpa, suspendeu a ancora e tomou a margem direita do rio ao alcance do inimigo, e ajudado do *Beberibe*, *Ypiranga* e *Araguary*, entretive o fogo com o inimigo para poupar o infeliz *Jequitinhonha*, cujo convez pela optima posição da bateria, era varrido pelo fogo de pôpa a prôa.

Ao pôr do sol cessou o fogo e logo que escureceu approximei-me do *Jequitinhonha* e recebi aquella guarnição que foi dividida pelos outros navios.

Não posso calcular as avarias que soffreu o *Jequitinhonha*, mas creio que foram grandes.

Esta canhoneira soffreu muito no apparelho e obras mortas a EB. No conflicto morreram quatro soldados do corpo policial, um gravemente ferido, e o cosinheiro do navio tambem grave.

Resta-me o grato dever de communicar a V. Ex. que os officiaes e mais praças desta guarnição não desmentiram o conceito que mais de uma vez tenho feito a respeito da coragem e bons desejos que os animam.

E' o que me cumpre communicar a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Francisco Manoel Barroso, chefe de divisão, commandante da 2ª divisão da esquadra imperial.

ELIZIARIO JOSÉ BARBOSA.

1º *tenente commandante.*

Não encontrámos a parte official do combate sustentado pela esquadra na passagem de Mercedes (18 de Junho), mas sómente a relação dos mortos e feridos. Por essa relação vê-se que a nossa perda foi esta :

Amazonas	2 feridos.
Ypiranga	Não teve novidade.
Parnahyba	—
Belmonte	—
Mearim	—
Araguary	—
Beberibe	1 commandante morto, 5 feridos.
Iguatemy	2 feridos,
Itajahy	1 morto, 3 feridos.

Total, 2 mortos e 12 feridos.

No dia 11 de Junho em Riachuelo tivemos 87 mortos e 138 feridos, e no dia 13, no mesmo sitio, 4 mortos e 6 feridos. Ao todo, nos tres combates, 93 mortos e 156 feridos.

73

Combate do Botuhy (27 de Junho)

Officio do commandante da 1ª brigada da 1ª divisão :

Commando da 1ª brigada, campo volante junto á fazenda de Braz Pinto, 27 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Estando com a brigada do meu commando em observação do exercito inimigo que se achava pelo rio Botuhy, nas fazendas dos tenentes Belizario Lopes da Silva e Francisco da Cunha Silveira, conforme já participei a V. Ex., fui avisado de que uma força paraguaya em numero de 460 a 500 homens de infantaria montada e alguns de cavallaria, tendo passado o rio Botuhy no passo de D. Anna Hyppolito, nos fundos dos campos de S. Donato, se dirigia pela estrada de Itaqui, tomando depois a direcção da estancia de Fortunato Assumpção, onde pousaram na noite de 25 a 26 do corrente.

Na madrugada de hontem marchei com a brigada para atacar essa força inimiga, e dei aviso ao Sr. tenente-coronel Sezefredo, commandante da 4ª brigada, para tambem vir com sua fora : com effeito, das 8 para ás 9 horas da manhã avistei o inimigo, que já estava soffrendo fogo de um esquadrão de clavineiros que eu havia mandado adiante.

Achava-se o inimigo collocado sobre a fralda de uma coxilha, junto de um banhado grande que ha perto da estancia de Fortunato Assumpção, de cujos banhados nascem grandes capões de mattos. Alli estendeu linha e esperou.

Mandando carregar pelos corpos de cavallaria de minha brigada, fiz-

lhe grande estrago, sendo já nessa carga derrotada completamente a cavallaria inimiga; em seguida marchou o inimigo, sempre em boa ordem, pela costa do banhado, e, mandando eu atacal-os pelos corpos de cavallaria, tomaram uma melhor posição, já dentro do banhado sobre a costa do matto; neste momento chegou o tenente-coronel Sezefredo com a sua brigada, e, de accordo com elle, atacámos o inimigo, mesmo dentro do banhado, de cuja carga resultou grande perda ao inimigo, pondo-o em completa retirada pelo grosso do banhado, agarrando em seguida o matto que estava proximo.

Neste combate perdeu o inimigo de 150 a 200 homens mortos no campo, sendo de calcular que a maior parte dos fugidos fossem feridos.

A cavalhada que traziam foi toda tomada.

Perdemos 29 mortos no combate, sendo neste numero os tenentes Israel da Silva Moraes e Leandro Rodrigues Fortes; e feridos 86, como tudo melhor verá V. Ex. pela relação inclusa dos nomes, e corpos a que pertencem os mortos e feridos.

. . . .

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. general João Frederico Caldwell, commandante das armas.

ANTONIO FERNANDES DE LIMA.

Parte do tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita ao brigadeiro David Canavarro :

Campo volante do Rincão de Bittencourt, em 27 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Participo a V. Ex. que hontem fiz juncção com a brigada do Sr. coronel Fernandes, estando elle envolvido em um combate com a vanguarda do exercito paraguayo.

A 1ª brigada já havia recebido algum choque e prejuizo.

Com a minha chegada reforçámos o combate, achando-se o inimigo acoberto por um forte banhado e restinga que tinha á sua direita. Fiz carregar pela frente com dous esquadrões de lanceiros dos corpos 19 e 26, com o 3º batalhão de infantaria da guarda nacional de S. Borja, que estava sob meu commando. O batalhão carregou sobre o centro do quadrado inimigo, emquanto uma parte da 1ª brigada os acossava pela retaguarda.

O fogo do inimigo era intenso e vivissimo, mas a sua cavallaria, que ainda restava do primeiro encontro, foi toda dispersa e cortada, e os nossos lanceiros arrojaram-se sobre a infantaria delles e lhes fizeram grande matança.

Neste ponto ficaram 74 homens mortos do inimigo, conseguindo retirar-se sempre em boa ordem cerca de 100 homens, que a poucos passos ganharam o matto. A perda total do inimigo calcula-se em 150 mortos, ficando em nosso poder toda a cavalhada ensilhada, tanto da cavallaria como da infantaria, grande porção de cavalhada solta, e muito armamento, fardas, bonets e 2 bandeiras.

As nossas perdas são de 151 homens entre mortos e feridos. Fiz seguir os meus feridos para o Alegrete, porque não temos nem medicos, nem ambulancias.

O coronel Fernandes continúa em perseguição do inimigo, e eu parei só para fazer esta.

O exercito inimigo fica hoje pela estancia de S. João, e presumimos que sua marcha é sobre Itaqui. O seu numero é de uns 8,000 homens, e

trazem 32 carretas. Isto confirma um prisioneiro que fizemos, moço muito esperto. Do outro lado do Uruguay, em frente a Itaqui, acham-se uns 5,000 Paraguayos.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. general David Canavarro, commandante da 1ª divisão ligeira.

SEZEFREDO ALVES COELHO DE MESQUITA.

74

Proclamação do Imperador D. Pedro II aos Rio-Grandenses em 16 de Julho de 1865.

RIO-GRANDENSES ! — Sem a menor provocação, é por ordem do governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio de nossa patria. Seja vosso unico pensamento o vingardes tamanha affronta, e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos Brazileiros.

A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa provincia permitte a mim e a meus genros, meus novos filhos, presenciar vossos nobres feitos.

Rio-Grandenses ! Fallo-vos como um pai que zela a honra da familia brazileira, estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer delles soffre.

Palacio do Rio-Grande, 16 de Julho de 1865.

D. PEDRO II,

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

75

Combate de Cuevas (12 de Agosto)

† Parte official do chefe da esquadra brazileira sobre a passagem de Cuevas.

Commando da 1ª divisão da esquadra do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor *Amazonas*, no Rincon de Soto, 13 de Agosto de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento das ordens de V. Ex. recebidas pelo vapor que chegou á esquadra na noite de 8 do corrente, tratei no outro dia de dispôr tudo para descer no seguinte, 10, inda que não tivesse certeza de achar agua no passo da Bella Vista. Felizmente achei agua sufficiente, embora encontrasse menos em outros pontos.

Depois de ter transposto estes passos, encontrámos familias emigradas da Bella Vista, e obreiros do lado do Chaco, os quaes com instancia me pediram para que demorasse um dia afim de poderem embarcar as familias, e retirar bois e cavallos com que trabalhavam na conducção de madeiras do interior á margem do rio, evitando deste modo soffrerem tropelias dos Paraguayos, que necessariamente os iriam perseguir. Achando rasoavel esta supplica, fundeei para me demorar tão sómente o dia 11, e seguirmos no dia 12.

As informações que tive desta gente foram de que os Paraguayos

estavam em Bella Vista, carregando em carretas o que saqueavam das lojas, e levando tudo para o Empedrado, ou Corrientes; e que só tinham 4 ou 5 peças de campanha; mas outro individuo que nesse dia veio de Bella Vista contou-me que uma mulher lhe dissera que havia alguns dias tinham ido muitas peças para Cuevas, e que vinha prevenir.

Isto me resolveu a mandar um escaler por dentro de um arroio que vai sahir abaixo das baterias, por onde fiz seguir o vapor *Igurey* a observar o que havia. Regressando, disseram-me os tripolantes terem visto as peças collocadas á margem das barrancas e muita tropa. Fiquei por esta fórma sciente de que era verdade o que a mulher me fizera saber.

Tudo disposto como convinha, no dia 12 ás 9 e tres quartos suspendemos com algumas escunas mercantes a reboque, por ser o vento do lado do sul, e seguimos aguas abaixo. Com a demora de se dar volta pela estreiteza do canal me retardei, avançando por isso os da vanguarda levados pela corrente.

As 10 horas rompeu fogo a canhoneira *Ivahy*, que ia na vanguarda, por se achar o inimigo ao alcance da sua grossa artilharia. Approximando-nos todos, fiz o signal de — navegar a toda força. — Começou o fogo de parte a parte emquanto a posição do navio permittia, occultando a gente para evitar desgraças que necessariamente soffreriam com a metralha e mosquetaria feita a cavalleiro, por espaço de 15 a 20 minutos, que levaria cada navio em passar toda a linha das baterias, collocadas de distancia em distencia. Julgo que seria de 25 a 30 bocas de fogo, e fuzilaria para mais de 2,000 homens.

Pelas balas apanhadas a bordo deste vapor, onde me achava, que só no casco recebeu mais de 40, vimos que o inimigo tinha peças de calibre 6, 9, 12 e 32, e tambem raiadas, de que não se póde conhecer o calibre por apparecerem as balas em fragmentos. Parece incrivel que os Paraguayos tenham transportado até estas alturas peças maiores que as de 9 e 12, não só pelo peso dellas como das munições que são precisas.

Sustentaram um fogo nutrido e tenaz, o qual era bem observado antes de se chegar a altura de o soffrer, pelo que praticavam com os que iam na frente.

Felizmente não houve desgraça alguma a lamentar a bordo deste vapor; apenas um soldado soffreu uma pequena contusão.

O mastro grande foi varado de lado a lado com bala creio que de 9; o de traquete tambem soffreu quasi o mesmo. As partes dadas pelos commandantes dos outros navios explicarão a V. Ex. as avarias por elles recebidas.

Ha em toda a esquadra fóra de combate 41 praças (1), inclusive 13 mortos, entrando nestes o alferes Marcellino Barboza Leal, do 14º batalhão de voluntarios da patria (Cachoeiranos), e o aspirante de marinha Joaquim Candido do Nascimento.

Consta-me que no vapor de guerra argentino *Guardia Nacional*, onde se achava o chefe Muratori, houve um official e 2 guardas marinhas feridos, morrendo estes depois; da marinhagem, 2 mortos et 4 feridos. Soffreu tambem avaria no casco e apparelho. Passou este vapor com toda a bizarria, sem cessar de fazer fogo com a sua artilharia, correspondendo por esta fórma ao que lhe faziam, com o que me deixou muitou satisfeito.

Os nossos navios passaram todos contestando ao fogo que das baterias lhes faziam, cumprindo por esta fórma com o seu dever.

---

(1) Depois verificou-se que a perda era de 21 mortos e 38 feridos. (Vej. o final do Cap. VII, pag. 186).

Com as partes dadas pelos commandantes, incluo a que se dignou enviar-me o Sr. chefe Muratori a respeito do navio em que tem o seu pavilhão.

E' quanto tenho a dizer a V. Ex. recommendando a supplica que faz o commandante da canhoneira *Araguary*, a respeito do sentenciado José Maria Ferreira, do corpo de imperiaes marinheiros, que está cumprindo um anno de prisão.

Deus guarde a V. Ex.

FRANCISCO MANOEL BARROZO.
commandante da 1ª divisão.

76

Batalha do Yatay (17 de Agosto)

Documentos officiaes.

Ordem do dia n. 5 do ministro da guerra na cidade de S. Gabriel a 3 de Setembro de 1865.

S. Ex. o Sr. ministro da guerra com viva satisfação communica ao exercito que junto á povoação de Restauracion, na margem direita do Uruguay, ás 10 horas e meia da manhã do dia 17 do corrente (1), um brilhante feito de armas das forças alliadas ao mando do distincto general Flôres, presidente da Republica Oriental, e do general argentino Paunero, deu em resultado a completa derrota dos paraguayos, que d'aquella povoação se haviam apossado em numero de 4,000 pouco mais ou menos; e que, segundo participações recebidas, ao corpo de voluntarios n. 16, pertencente ao exercito imperial, e á brigada commandada pelo tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, composta dos 5º e 7º batalhões de linha, sob o commando, o primeiro, do major de infantarta Francisco Antonio de Souza Camisão, e, o segundo, do major tambem de infantaria Herculano Sanches da Silva Pedra, e do 3º corpo de Voluntarios da Patria, commandado pelo tenente-coronel José da Rocha Galvão, coube gloriosa parte n'aquelle feito, sustentando com denodo, brio e verdadeiro valor a arriscada posição que na linha de batalha lhes fôra confiada.

Congratula-se S. Ex. em nome de Sua Magestade o Imperador, com o exercito por tão assignalado triumpho, que pôz fóra de combate perto de 3,000 dos nossos inimigos, perecendo d'estes mais de 1,000, ficando prisioneiros 1,200, entre os quaes se achava o major Duarte, commandante geral da força, e cahindo em poder das forças alliadas 4 bandeiras inimigas, cavalhadas, e 8 carretas, sendo o prejuizo das forças alliadas limitado ao numero de 250 entre mortos e feridos (2), e entre os ultimos infelizmente se acha o coronel do 16º de Voluntarios da Patria Fidelis Paes da Silva.

Não póde agora o governo imperial, por falta de circumstanciadas informações, formar juizo seguro pelo qual se possa galardoar o merito dos

---

(1) E' engano. A ordem do dia é de 3 de Setembro. Deve ler-se — *de 17 do passado* ou — *17 de Agosto*.

(2) Vej. em uma das notas do cap. VIII qual o prejuizo dos Alliados. Foi maior.

officiaes e praças que mais se distinguiram, e pôr a coberto da miseria as viuvas e orphãos dos que pereceram na defesa de tão santa causa; por isso de novo recommenda S. Ex. a execução das ordens anteriores, a fim de que dada qualquer acção, immediatamente os respectivos chefes das forças brazileiras remettam a este ministerio informações minuciosas não só a respeito dos que praticaram acções de bravura, como relativamente ás viuvas e orphãos dos que fallecerem em combate.

No impedimento do adjudante-general.

ANTONIO PEDRO DE ALENCASTRO.

Coronel.

Parte official do general Flôres :

Ao Exm. Sr. presidente Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.

Quartel general no Paso de los Libres, 18 de Agosto de 1865.

Hontem ás 10 e meia horas da manhã, depois de marchas penosissimas para nossos benemeritos soldados de infantaria, pelas copiosas chuvas, de modo que os campos estavam alagados, chegámos á frente do exercito inimigo, que não baixava de 3,000 homens, antes mais de que menos.

Ficaram em poder do exercito de vanguarda 1,200 prisioneiros, e seu chefe Duarte, com 1,700 cadaveres de inimigos, 4 bandeiras, armamento, munições, 8 carros com seus cavallos magros, e mais de 300 feridos.

O exercito de vanguarda terá tido 250 homens fóra de combate entre mortos e feridos.

Não tem sido possivel, Exm. Sr., evitar o derramamento de sangue : os inimigos têm combatido como barbaros. Tal é o fanatismo e brutalidade que lhes tem incutido o despota Lopez, e os tyrannos seus antecessores. Não ha forças humanas que os façam render, e preferem a morte certa á rendição.

O 1° corpo do exercito argentino, ás ordens do general Paunero, a brigada 12 do exercito brazileiro, ás ordens do seu commandante o Sr. Joaquim R. Coelho Kelly, os orientaes, e a divisão correntina commandada pelo general D. João Madariaga, todos os chefes, officiaes e soldados preencheram o seu dever, combatendo como bravos e indo muito além do que se lhes podia exigir como soldados.

Portanto, cumprindo um dever de justiça, e de distincção para os que combatem pela patria, eu os recommendo á consideração de V. Ex.

Estes são, Exm. Sr., os pequenos tropheos que vos offerece o exercito da vanguarda que haveis confiado ás minhas ordens immediatas, e que me coube a honra de commandar em um dia de gloria para a patria e para os governos alliados.

Preencho o ultimo dever como general do exercito da vanguarda, felicitando a V. Ex. e a todos os que compõem esse grande exercito, pela victoria de 17 do corrente nos campos de Yatay, a qual é de esperar, será logo seguida de outras maiores.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

VENANCIO FLÔRES.

Officio do tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly ao general Manoel Luiz Ozorio.

Acampamento do commando da 12ª brigada junto á villa de Restauracion, 18 de Agosto de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Hontem ás 10 horas e um quarto da manhã a vanguarda do exercito ao mando do Exm. Sr. general D. Venancio Flôres, do qual faz parte a brigada sob meu commando, entrou em acção contra a força paraguaya que occupava a Villa de Restauracion, a qual se puzera fóra d'ella para receber o ataque, em numero de 3,000 e tantos homens, 300 de cavallaria, segundo informações, e uma boca de fogo.

Durante o combate renhido desde aquella hora até 1 da tarde, tiveram os alliados a gloria de pôrem o inimigo em completa debandada, ficando nós outros senhores do campo, da villa, grande numero de prisioneiros, entre elles o commandante da força, major Duarte; não sendo possivel até hoje avaliar-se o numero dos mortos, pois que ainda sahem partidas de clavineiros em perseguição dos que passaram a nado para o outro lado do arroio, deixando comtudo o inimigo no campo do combate um numero maior de 1,000 homens mortos.

Felicitando a V. Ex. por um tal feito d'armas, cumpre-me declarar que a brigada sob meu commando occupou dignamente e sustentou as posições que lhe foram ordenadas, e os commandantes dos corpos se conservaram com calma, valor e sangue frio durante a acção.

. . . .

Temos a lamentar a perda de um soldado do 7° batalhão de infantaria e de haverem sido feridos e contusos 1 tenente do 3° corpo de Voluntarios e 13 praças de pret dos corpos da brigada, como V. Ex. verá da relação junta; e da mais força alliada, 60 mortos e 150 feridos e contusos, entre elles o coronel Fidelis, ferido na coxa direita, e o coronel commandante do *Vinte e quatro de Abril*, em uma mão, bem como a morte do ajudante do mesmo batalhão e varios mortos e feridos no 16° de Voluntarios da Patria.

Os officiaes do estado-maior d'esta brigada permaneceram em seus lugares; e o major de commissão, assistente do deputado do ajudante general, João Nepomuceno da Silva, muito me coadjuvou, fazendo com promptidão reunir aos corpos as praças que de momento ficaram na retaguarda pela difficuldade das passagens em vallas e banhados. No centro da linha de fogo conheci seu sangue frio e valor no combate, e por isso o julgo digno das attenções de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. general Manoel Luiz Ozorio, commandante em chefe do exercito.

JOAQUIM RODRIGUES COELHO KELLY,

Tenente-coronel, commandante.

Parte official do general Paunero.

Commando em chefe do 1° corpo do exercito nacional. — Campo de batalha na costa do Yatay, 17 de Agosto de 1865.

Ao Exm. Sr. governador provisorio do Estado Oriental do Uruguay, brigadeiro-general, D. Venancio Flôres.

O infrascripto vai ter a honra de dar a V. Ex. conta da parte que no

combate d'este dia tiveram a infantaria e a artilharia do exercito alliado, que ao approximar-se o inimigo V. Ex. mandou pôr ás ordens do infrascripto.

Tendo todas as forças commandadas pelo infrascripto se formado em columna de ataque, para verificar o ataque sobre o grosso do inimigo, marchei para elle n'essa ordem, quando, sciente V. Ex. de que eram exactas as noticias que se lhe tinham dado de não excederem de 3,000 homens as forças paraguayas, foi servido dispôr que avançasse mais rapidamente a brigada de infantaria oriental, protegida por uma bateria, a qual ao subir ao cume da coxilha que occultava o inimigo, foi recebida por todos os seus fogos contestando-os com o maior vigor até o fazer retroceder.

Em taes momentos chegaram a marche-marche a divisão argentina e a brigada brazileira, cahindo em massa sobre a força contraria, que retrocedeu em desordem, porém fazendo fogo vivo, e dando cargas de cavallaria, sem se querer render, nem mesmo quando foi comprimida sobre o arroio Yatay, em consequencia da qual tiveram lugar as lamentaveis perdas de que o infrascripto dará conhecimento a V. Ex. na parte circumstanciada.

De seu lado o inimigo, com quanto n'este momento não possa o infrascripto dar os detalhes necessarios, tem sido completamente aniquilado, ficando no campo mais de 1,000 mortos, todas as suas armas e mais petrechos, e uns 1,500 prisioneiros, incluive o chefe de toda a força, o de um batalhão, e quatro bandeiras, que se acham em poder das forças alliadas.

Não póde o infrascripto fazer menção especial de nenhum dos corpos, que tomaram parte n'esta curta, porém energica peleja, porque todos os chefes, officiaes e soldados rivalisaram em ardor e enthusiasmo, como V. Ex. teve occasião de observar, acompanhando todos os incidentes do combate.

Felicitando a V. Ex. por este novo triumpho das armas alliadas, é muito grato ao infrascripto offerecer a V. Ex. as seguranças de sua maior consideração.

WENCESLAO PAUNERO.

77

Sitio e rendição Uruguayana

Primeira resposta dos sitiados á primeira intimação dos generaes alliados :

Quartel-general em marcha. Uruguayana, 20 de Agosto de 1865.

Viva a Republica do Paraguay!

Sr. general em chefe, brigadeiro D. Venancio Flôres.

Hontem á noite, bastante tarde, recebi a carta datada desse dia, e que me foi entregue pelo tenente prisioneiro de guerra José Zorrilla, que entregará a V. Ex. esta minha resposta. Li com a maior attenção a precitada nota, afim de responder como cumpre a um militar de honra, a quem o supremo governo de sua patria tem confiado um posto delicado. Em consequencia devo declarar a V. Ex. que como militar, como paraguayo, e como soldado que defende a causa das instituições, da independencia de sua patria, regeito a proposta de V. Ex., porquanto meu governo está firmemente

resolvido a pugnar por seus direitos e a manter a integridade e o equilibrio dos estados do Prata. Admittindo mesmo, como V. Ex. declara na nota a que respondo, estar eu perdido e não dever esperar protecção dos exercitos do Paraguay, a minha honra e a obediencia que devo ao supremo governo de minha patria me prescrevem o dever de preferir a morte a entregar as armas que nos confiou S. Ex. o marechal presidente da Republica para que eu defenda os sagrados direitos de tão nobre causa contra um inimigo estrangeiro. Os chefes, officiaes e praças desta divisão, que commando, são do mesmo pensar, e estão todos dispostos a succumbir no campo de batalha antes que a aceitar uma proposição que deshonraria e encheria de eterna infamia o nome do soldado paraguayo. Contente com a posição modesta que occupo em minha patria, não quero honras nem glorias que devam ser adquiridas com desar para minha patria e em proveito de alguns discolos paraguayos consagrados ao serviço da conquista estrangeira. Como eu, toda a divisão sob meu commando deseja com ancia o momento de provar a V. Ex. que o soldado paraguayo não conta o numero de seus inimigos nem com elles transige quando defende tão caros e nobres interesses.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

ANTONIO ESTIGARRIBIA.

78

† Projecto de convenio offerecido aos sitiados

A 2 de Setembro os generaes do exercito alliado dirigiram ao commandante da força paraguaya sitiada em Uruguayana uma extensa nota, que póde ser lida no folheto. — *A Convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do senado e dos successos de Uruguayana,* — pags. 240 a 244.

Concluia assim a nota :

E' tempo ainda, Sr. coronel, que V. Ex., reflectindo maduramente, se convença da verdade dos factos referidos e que, longe de defender a causa de sua patria, como parece crel-o, serve tão somente a um homem que a tem opprimido, e que não póde nunca proporcionar-lhe outros bens que o predominio absoluto de sua vontade despotica e o atrazo sem termo do povo.

Esta é uma das razões porque nossos respectivos governos não olham ó povo paraguayo como seu verdadeiro inimigo nesta guerra, mas sim o governante absoluto que o tyrannisa e que o extraviou e arrastou á guerra inqualificavel que provocou, e esta é tambem uma razão poderosa que augmenta a responsabilidade de V. Ex., se insistir em defender-se nessa praça contra o ataque que daremos, apoiados em 20.000 homens e 50 peças de artilharia, sem contar os numerosos reforços que successivamente vêm chegando.

Em virtude das considerações expostas, e de haver chegado ao conhecimento dos que as assignam que individuos da guarnição dessa praça têm mostrado a outros deste exercito o seu desejo de conhecer por escripto as bases da convenção que proporiamos aos sitiados, redigimos as que constam da carta junta, tambem por nós assignada, e que juntamos para seu conhecimento.

V. Ex. advertirá que lhe offerecemos as condições mais honrosas que se costumam conceder entre nações civilisadas; porém deve persuadir-se que este procedimento da nossa parte é uma prova mais dos sentimentos que nos animam a respeito dos cidadãos paraguayos, a quem não podemos confundir jamais com o seu governo.

Estava assignada esta nota pelos generaes Flôres, Tamandaré, Porto-Alegre e Paunero, e era acompanhada das seguintes.

Bases do Convencio.

Os representantes do exercito alliado da vanguarda, brigadeiro general Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay e commandante em chefe do exercito alliado da vanguarda, vice-almirante visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes do Brazil no Rio da Prata, tenente-general barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito em operações nesta provincia, e o general Wenceslau Paunero, commandante em chefe do 1º corpo do exercito argentino, interessados em evitar inutil derramamento de sangue, attenta a situação precaria em que estão as forças paraguayas, que occupam a villa brazileira de Uruguayana, contando que o commandante em chefe das ditas forças estará na altura dos serios deveres que sobre elle pesam, pelo que toca á salvação das numerosas vidas de seus soldados, as quaes como militar só tem o direito do expôr no caso de ter alguma probabilidade de exito (que não pode esperar), concordaram, em nome dos direitos da humanidade, offerecer ao Sr. coronel A. Estigarribia, commandante em chefe do supradito exercito paraguayo, as seguintes condições para a entrega da praça :

1.ª O chefe principal, officiaes e mais empregados de distincção do referido exercito paraguayo, sahirão com todas as honras da guerra levando suas espadas, e poderão seguir para onde fôr de seu agrado, sendo obrigação dos abaixo assignados ministrar-lhes para isso os necessarios auxilios.

2.ª Se escolherem para sua residencia alguns pontos do territorio de qualquer das nações alliadas, serão obrigados os respectivos governos a prover á subsistencia dos mencionados chefes e officiaes paraguayos durante a guerra, até sua conclusão.

3.ª Todos os individuos de tropa, desde sargento para baixo, inclusive, ficarão prisioneiros de guerra, debaixo da condição de que serão respeitadas suas vidas, alimentados e vestidos devidamente durante o periodo da guerra, por conta dos mesmos governos.

4.ª As armas e mais petrechos bellicos pertencentes ao exercito paraguayo serão postos igualmente á disposição do exercito alliado.

VENANCIO FLÔRES, VISCONDE DE TAMANDARÉ, BARÃO DE PORTO-ALEGRE, W. PAUNERO.

79

Resposta dos sitiados.

Viva a Republica do Paraguay!

Acampamento em Uruguayana, 5 de Setembro de 1865.

O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, cumpre o dever de responder á nota de 2 deste mez, na qual VV. EEx. lhe propõem bases para um accordo.

Antes de responder aos topicos principaes da nota de VV. EEx., seja-me permittido repellir com a decencia e elevação proprias de um militar de honra certas proposições injuriosas exaradas contra o meu governo na dita nota. Com a devida venia de VV. EEx., observarei que taes proposições collocam a mencionada nota ao nivel das gazetas de Buenos-Aires, as quaes de alguns annos a esta parte não fazem outra cousa, não têm outra occupação senão denegrir grosseira e severamente o governo da Republica do Paraguay, lançando ao mesmo tempo revoltantes calumnias contra um povo que lhe tem respondido promovendo sua felicidade domestica por meio do trabalho honrado, e fazendo consistir sua maior felicidade na sustentação da paz interna, base fundamental do progresso de qualquer nação.

Se VV. EEx. mostram-se tão zelosos por dar a liberdade ao povo paraguayo, porque não principiaram por dar a liberdade aos infelizes negros do Brazil, que compõem a maior parte da sua população e gemem no mais duro e espantoso captiveiro, afim de enriquecer e deixar passar na ociosidade algumas centenas de grandes do Imperio? Desde quando aqui se chama de escravo a um povo, que elege por sua livre e expontanea vontade o governo que preside aos seus destinos?

Certamente desde que o Brazil se intrometteu nas questões domesticas dos estados do Prata foi com o proposito deliberado de submetter e escravisar as Republicas irmãs do Paraguay, e talvez ao proprio Paraguay, se este não contasse com um governo patriotico e previdente.

VV. EEx. hão de permittir-me estas digressões, visto que as provocaram, insultando em sua nota o governo de minha patria.

Não concordo com VV. EEx. em que um militar de honra, e verdadeiro patriota, deva limitar-se a combater quando tiver probabilidade de victoria.

Abram VV. EEx. a historia, e nesse grande livro da humanidade aprenderão que os maiores capitães, de quem o mundo ainda se recorda com orgulho, não contaram nem o numero de seus inimigos nem os elementos de que dispunham, mas venciam ou morriam em nome da patria. Lembrem-se VV. EEx. que Leonidas, com 300 Spartanos, defendendo o passo das Thermopylas, não quiz ouvir as proposições do rei da Persia, e, quando um de seus soldados annunciou-lhe que os inimigos eram tão numerosos que escureciam o sol sempre que disparavam as flechas, elle retorquio : « Tanto melhor, combateremos á sombra! » Como o capitão spartano, não posso dar ouvidos ás propostas do inimigo, porquanto fui mandado com os meus companheiros para pelejar em defeza dos direitos do Paraguay, e como soldado devo responder a VV. EEx. quando enumeram as forças que commandam e as peças de artilharia de que dispoem : « Tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra! »

Se a sorte me prepara um tumulo nesta villa de Uruguayana, meus con-

cidadãos conservação a lembraça dos Paraguayos que morreram pelejando pela causa da patria e que emquanto viveram não entregaram ao inimigo a insignia sagrada da independencia nacional.

Deus guarde a VV. EEx.

ANTONIO ESTIGARRIBIA.

80

A ultima intimação dirigida aos sitiados no dia 18 de Setembro, a resposta de Estigarribia, as condições da capitulação e outros documentos, já foram publicados em notas ao cap. VIII.

O leitor que quizer examinar outros documentos consulte a memoria do conego Gay, a obra de Pereira da Costa e o folheto do Visconde do Rio-Branco.

81

O Convencio de 20 de Fevereiro e a rendição de Uruguayana.

Do folheto publicado em 1865 pelo visconde de Rio-Branco com o titulo. — *A convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do senado e dos successos da Uruguayana* — reproduziremos as seguintes paginas, cujo conhecimento não póde deixar de interessar ao leitor :

. . . .
. . . .

XII

Sou, emfim, chegado á Uruguayana, invalida pelos Paraguayos, e sitiada pelos alliados. Acho-me aqui em face do almirante visconde de Tamandaré, e do general Flôres, dos quaes o primeiro desapprovou, segundo se disse, a convenção de 20 de Fevereiro, e este foi um dos seus negociadores e assignatarios.

A semelhança da nova situação, comparada em suas diversas phases com a de Montevidéo, é notavel e singularissima. Dir-se-hia que a Providencia quiz em sua alta justiça proporcionar-me a ultima e mais evidente prova dos erros e paixões de meus adversarios.

Não havia argumento que fosse capaz de convencer os bellicosos censores do desenlace da guerra do Uruguay; e as opiniões do almirante brazileiro, opiniões sem duvida mal comprehendidas ou desfiguradas, eram apresentadas como uma sancção competente e irrevogavel contra o meu procedimento que, segundo o famoso libello, reduzido este á sua fórma mais synthetica, peccou — por excessiva generosidade para com os vencidos, e por uma interposição indebita da diplomacia entre as espadas dos generaes alliados.

Obstruidos assim todos os caminhos da razão, a verdade dos factos e a innocencia do accusado não acharam por onde pudessem manifestar-se aos olhos de seus implacaveis antagonistas. O raciocinio tornára-se impotente; era precisa uma experiencia pratica, como essa que o illustre sena-

dor por Goyaz quizera que houvessemos ensaiado em frente de Montevidéo, tentando uma capitulação puramente militar, em que apparecessem a bandeira branca e o tambor dos sitiados, os parlamentarios de um e de outro lado, todas as scenas destes curiosos espectaculos.

Além das provas moraes, era precisa uma dessas provas materiaes, palpaveis, visiveis a olhos nús. A Providencia nol-a deparou, emfim, no mallogrado convenio de 2 de Setembro; convenio escripto na presença de 42 canhões e de 20,000 bayonetas, para ser offerecido com as mais vivas instancias a 5,000 paraguayos, que assolaram tres de nossas povoações fronteiras e afinal fizeram alto na ultima, apenas cobertos por despresiveis trincheiras.

A nossa superioridade em numero e armas; o ultrage irrogado á sociedade brazileira em correrias barbaras e devastadoras, durante tres mezes; o echo pungente dos gemidos que ainda resoam pelas solidões da infeliz Matto-Grosso; a sorte de nossos compatriotas captivos nas terras do inimigo; o sangue brazileiro derramado nas aguas do Paraná; os sacrificios de que ainda nos ameaça o contumaz aggressor, e finalmente, depois de tantos insultos e horrores, a arrogancia dos invasores de S. Borja, Itaqui e Uruguayana, nada obstou a que o almirante visconde de Tamandaré se mostrasse alli generoso, e generoso até o extremo.

Ahi estão sob os olhos do leitor a nota e o convenio que S. Ex. firmou e mandou offerecer ao coronel Antonio Estigarribia, chefe das hordas invasoras, com o intuito de vingar a violação do territorio patrio sem effusão de sangue, e de salvar as reliquias da villa de Uruguayana posto que em grande parte já destruida pelo fogo e pelo ferro do inimigo. — A generosidade do general, no seu duplo caracter de militar e politico, não podia mostrar-se mais completamente; e excede em muito tudo quanto se disse e imaginou a respeito da rendição de Montevidéo.

A invasão paraguaya assignalou-se em nosso territorio por feitos do mais brutal vandalismo. Não sou eu que o digo, dizem-no documentos officiaes e quasi officiaes, como se verá dos que passo a extractar.

« Uruguayana, ainda que incendiada e saqueada, está em nosso poder », escreveu o ministro da guerra actual em sua carta de 18 de setembro ao diplomata do Brazil no Rio da Prata.

O barão de Porto-Alegre, primeiro chefe do nosso exercito em operações na fronteira do Rio Grande do Sul, proclamava a 16 de Setembro : — « Camaradas! Approxima-se o momento em que os *vandalos* que têm levado o *incendio e a desolação* aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay, deverão expiar *seus nefandos crimes.* »

A correspondencia do *Jornal do Commercio* desta côrte, escripta de Buenos-Aires a 14 do corrente mez de Outubro, e impressa em o n. 295 daquelle diario, relatou-nos o seguinte :

« Sua Magestade visitou a villa de Itaqui em todas as direcções, e os campos circumvisinhos, a pé. Por toda a parte os *mesmos vestigios de sangue e devastação* que os invasores deixaram em Uruguayana.

« Ahi está na desolação mais triste a familia cujo chefe, o velho portuguez... foi *barbaramente assassinado* por ordem de Estigarribia, o qual não satisfeito com esta sceleratez, ainda deshonrou brutalmente uma das filhas daquelle infeliz, mais infeliz que seu pai.

« O general Cabral (um dos ajudantes de campo de S. M. o Imperador) obteve desta desditosa moça o bilhete de Estigarribia, que a mandava ao seu acampamento. »

Do mesmo *Jornal* e da mesma data é a correspondencia escripta de Montevidéo, onde se lê :

« Na excursão á Itaqui e S. Borja a comitiva de Sua Magestade horrorisou-se com os vestigios que encontrou da barbaria dos selvagens, que invadiram estas povoações, que, como Uruguayana, muito soffreram.

« Em Itaqui foi objecto da mais viva compaixão uma menina, que servio de pasto á *lascivia do chefe destes cannibaes*, que, não contento em mandar-lhe assassinar o pai, honrado portuguez que por muitos annos alli vivia, roubou-lhe a honra de um modo irreparavel, porque nem sequer se póde unir semelhante monstro á victima de sua brutal concupiscencia. »

De accordo com estas funebres tradições estão as que antes dos ultimos successos nos transmittiram os diarios rio-grandenses e aquelles mesmos correspondantes do Rio da Prata. Confirma-as ainda uma carta escripta pelo Dr. José Candido Bustamente, digno redactor da *Tribuna* de Montevidéo, ex-secretario do general Flôres, e hoje um dos bravos commandantes do exercito oriental em operações. Vamos transcrever esta carta, já traduzida, do *Correio Mercantil* n. 232 :

« Ante-hontem á noite (11 de Setembro), apezar do máo tempo, foram expellidos da Uruguayana as familias alli existentes, em numero de cento e tantas pessoas. Emquanto permaneceram dentro das trincheiras não foram maltratadas, mas, desde que chegaram ás guardas paraguayas, *muitas dellas foram violadas e saqueadas*, ao ponto de chegarem ao nosso acampamento completamente nuas (1). Não se lhes permittio trazer nada.

« *Fallei com uma senhora de uma das principaes familias de Uruguayana*, cujo nome não devo revelar, a qual foi victima da violencia, e o que mais horrorisa é que essa violencia atroz *foi perpetrada pelo padre Duarte*, blasphemo que se intitula ministro do Altissimo!

« A pobre senhora vem aterrada : vio *açoutar mulheres*, saquear as casas mais respeitaveis da povoação; e não se commetteram maiores abusos, graças á influencia, pouca ou muita, que alli têm os orientaes que seguem as suas bandeiras, aos quaes em geral, já os paraguayos vão abominando, depois de Yatay, porque dizem-se trahidos por elles, visto que lhes fizeram crer que os *uruguayos* eram alliados do Paraguay. »

Não é preciso que eu sombrêe ainda mais o quadro em que se pintam as feições dos invasores que affrontaram a nossa soberania e se descrevem os factos atrozes com que elles escandalisaram a nossa civilisação. Por este lado, Estigarribia e o seu bando não podem senão inspirar-nos despreso e horror. Accrescentarei simplesmente que os vandalos vieram ao nosso territorio, não só como instrumentos de destruição e de ludibrio, mas tambem como executores de um tenebroso plano politico, tendo por fim sublevar a parte mais rude de nossa população, e conflagrar a Republica Oriental: plano que, graças, a Deus, foi inteiramente frustrado. Accrescentarei ainda que dous destes invasores, os orientaes Zipitria e Salvañac, foram dos que insultaram a bandeira brazileira nas ruas de Montevidéo, nos ultimos dias do sitio desta praça; e que, portanto, tinham aggravado aquelle desacato, em que tanto se fallára nesta côrte, com as novas e horrorosas hostilidades que elles e os seus alliados praticaram no solo rio-grandense.

XIII

Taes eram os inimigos que os generaes viscondes de Tamandaré e barão de Porto Alegre tinham diante de si quando cercavam as debeis trinchei-

---

(1) O *Diario* do Coronel Palleja refere este facto com outros pormenores.

ras da Uruguayana; e, não obstante, sem hesitar, ao que parece, um só momento, julgaram consentaneo com o decóro e as conveniencias politicas do Imperio e dos seus alliados, propôr aos sitiados que se dessem a partido destas memoraveis condições :

« 1.° O chefe principal, officiaes, e mais empregados de distincção, *sahiriam com todas as honras da guerra*, levando suas espadas; e poderiam seguir para onde lhes aprouvesse, obrigando-se os alliados a ministrar-lhes para este fim os auxilios necessarios;

« 2.° Se escolhessem para sua residencia territorio de qualquer das nações alliadas, os governos destas (todos ou só o do lugar escolhido?) seriam obrigados a prover á subsistencia dos mencionados chefes e officiaes paraguayos até á conclusão da guerra.

« 3.° Só as praças de pret, desde sargento, ficariam prisioneiras de guerra, sob a condição, expressa de respeito ás suas vidas e de serem alimentadas e vestidas *devidamente*, emquanto durasse a guerra, por conta dos mesmos governos alliados;

« 4.° As armas e mais petrechos bellicos pertencentes ao exercito paraguayo *seriam postos á disposição* dos exercitos alliados. »

Declinemos do general Flôres, nosso digno alliado e governador da Republica Oriental, a responsabilidade desta proposta perante a opinião publica brazileira. Ainda quando não seja certo que o vencedor de Yatay opinara por uma rendição sem condições, e, no caso contrario, por um ataque immediato, allegando o caracter do inimigo e a necessidade de se não perder tempo, ainda assim em territorio brazileiro não podia ser elle o mais exigente.

Aquella proposta é e deve ser considerada como monumento e expressão da generosidade espontanea dos nossos generaes em chefe.

Elles a qualificaram como — « as condições mais honrosas que se costumam conceder entre nações cultas. — » Eu, porém, estribado na autoridade de bons mestres, só as qualifico como *muito vantajosas ou favoraveis para os sitiados.*

Com effeito, a historia e a legislação militar das nações cultas não admittem como proceder honroso (desculpem-me os illustres generaes, cujo caracter e intenção respeito) que o chefe de um exercito em campanha, ou o commandante de uma praça sitiada, separe a sua da sorte de seus commandados. Este procedimento degrada e condemna á morte. Tal seria a sentença de Estigarribia em França ou em qualquer outra nação, onde, segundo as palavras de Napoleão em suas cartas patentes de 1809, — o militar sabe avaliar em nada a sua vida, quando esta tem de ser posta em balança com a sua honra. —

A proposta era seguramente *muito seductora*, mas não *honrosa*. E é muito para lamentar que nossos generaes procurassem dar-lhe outra côr, acompanhando-a de considerações contra as quaes elles mesmos protestam em seus nobres sentimentos, como dignos representantes que são do caracter e illustração do povo e exercito brazileiros.

— Só é permittido, disseram elles, combater quando existe alguma probabilidade de triumpho, ou se póde alcançar qualquer vantagem para a causa que se defende. — Proposição falsa, proposição injuriosa, que contrasta absolutamente com as maximas de honra civil e militar consagradas nos codigos das nações cultas. Chamilly, Dufay, Martim de Freitas, e outros, que a historia venera como typos da lealdade e de valor, não seriam heróes, mas insensatos e barbaros, se taes principios prevalecessem.

— E' licito ao militar, accrescentaram ainda os mesmos generaes, desertar a causa do seu governo, quando o inimigo lhe assegura que este

é um tyranno, e que os seus compatriotas vivem na condição de escravos! — Não o crêra se o não visse escripto em letras impressas e authenticas! Meu Deus! que força superior e irresistivel foi essa que levou aquelles distinctos militares a soccorrerem-se de semelhantes argumentos para aplacar o ardor bellicoso do coronel paraguayo Estigarribia!... O ex-plenipotenciario brazileiro esperava do tempo, com viva fé, uma justificação, mas não a quizera tão dolorosa para o seu paiz.

Honra-se o inimigo que se ennobrece na defesa de sua causa: — a seducção ou é um ou ultraje ou revela mêdo. Estigarribia o vandalo, elle mesmo o comprehendeu assim, e repellio altivamente. Com tão admiravel sobranceria se houve elle nesse momento, que por aqui todos o consideraram como um heróe, e sua posição pareceu a todos mais invejavel do que a dos generaes brazileiros!

Nimiamente vantajosas, as condições, tão instantemente offerecidas foram por isso mesmo repellidas. Mas, se o arrogante caudilho paraguayo houvesse querido, elle e seus complices de infames attentados passeiariam hoje ufanos pelas ruas desta capital, ou pelas de Pariz ou de Madrid; onde melhor lhes aprouvesse iriam destrahir-se a expensas do povo brazileiro, a quem por outro modo já haviam espoliado, e cujo territorio fôra por elles atrevidamente escolhido para theatro do seu cannibalismo!

Tenho eu, portanto, razão de sobra, para querer comparar as nossas miserias de hontem com estas glorias de hoje; Montevidéo com a Uruguayana. E não me ha de ser preciso por muito tempo fatigar a attenção do leitor, para fazer resaltar a seus olhos a immensa differença que vai de uma a outra situação, deste áquelle procedimento.

Comparemos sem outro fim mais que o reconhecimento da verdade, e uma lição, talvez proficua para o futuro.

Em Montevidéo não houve insulto do inimigo que ficasse sem plena reparação. Os attentados de Muñoz, que aliás até hoje nem sequer foram mencionados em algum documento official, acham-se exceptuados da amnistia concedida aos crimes politicos. Toda a celeuma que a este respeito por aqui levantaram, e com a qual votaram-me á colera celeste, não teve outro fundamento se não a circumstancia de não serem nomeadamente designados, na convenção de paz, aquelles crimes, reaes ou suppostos.

O miseravel desacato feito ás côres de nossa nacionalidade, por meio de uma bandeira comprada aos mercadores de Montevidéo, — desacato commettido por alguns energumenos dentro da praça sitiada, no maior auge do seu furor, ou nos ultimos arrancos de sua colera impotente, — foi punido com a expatriação temporaria dos autores, e reparado com uma salva de 21 tiros, dada em honra do pavilhão brazileiro, por ordem solemne do governo da Republica, que já então era representado pelo general Flôres.

A queima dos tratados foi condemnada por um novo decreto que stigmatisou o primeiro, e riscou-o da collecção das leis da Republica.

A par destas satisfações vimos realisado o que importava tudo para o Brazil naquelle gravissimo conflicto: — a quéda do governo que nos provocára á guerra, e que durante ella autorisou ou tolerou taes injurias; — a elevação á presidencia do Estado Oriental do bravo general nosso fiel alliado; — todas as reclamações originarias do conflicto, e outras de não pequena monta, satisfeitas; — a Republica inteira pacificada e prestando-nos logo o seu territorio, suas armas e seus valentes guerreiros contra o Paraguay, na mais intima e perfeita alliança com o Imperio.

Pelo que toca á guarnição da praça rendida, não só submetteu-se ella,

mas até ficou logo á disposição do nosso alliado ; e, de feito, em parte lá anda pelejando contra o inimigo do Imperio.

Não ficou como prisioneira, porque era oriental, e oriental era tambem o nosso alliado ; mas d'ahi resultou maior triumpho moral e material para o Brazil, cuja causa é hoje defendida por aquelles mesmos com quem nos ameaçava o decahido governo de Montevidéo.

O proprio commandante da praça, o general Antonio Diaz, poucas horas depois da capitulação recebia ordens do alliado do Imperio. Se alguns dos outros chefes militares não prestaram igual obediencia, foi porque fugiram, corridos de vergonha, e receiosos, de vinganças pessoaes ; mas os profugos não sahiram de Montevidéo armados, tiveram de passar pelo grande vexame de entregar suas armas nas mãos de estrangeiros que guarneciam os pontos de embarque.

Não levámos, é certo, em Montevidéo o nosso orgulho até ao ponto de baldar os esforços prudentes e patrioticos do novo Presidente, que começára por um rompimento formal com a facção exaltada, e os das notabilidades estrangeiras que o segundaram em tão honroso empenho ; mas tambem não fomos nós os brazileiros que propuzemos e solicitámos a paz ; e só a concedemos naquelles termos, indubitavelmente dignos e vantajosos para o Imperio e para o seu illustre alliado.

A rendição da Uruguayana, qual a iniciaram os nossos generaes visconde de Tamandaré e barão de Porto Alegre, foi proposta, e pedida instantemente por nós aos invasores do nosso territorio, logo depois da resposta arrogante que elles deram a uma intimação feita pelo general Flôres em nome dos alliados.

Nesta proposta, que igualmente foi por elles desprezada, esqueciamos todas as offensas ao pundonor nacional, todos os horrores, todos os nefandos crimes da vandalica invasão, segundo as phrases officiaes do barão de Porto-Alegre.

Concediamos aos chefes e officiaes que sahissem com as honras da guerra, e tomassem o destino que bem lhes aprouvesse, transportando-os á custa dos alliados, ainda que pretendessem voltar para o Paraguay.

Não nos lembrámos então da triste sorte dos brazileiros, retidos no captiveiro de Assumpção. Não julgámos conveniente conservar os Estigarribias para um cartel de resgate daquelles infelizes nossos compatriotas.

E, tão generosos para com os autores de nefandos crimes, mostrámonos rigorosos para com os seus passivos intrumentos, os miseros soldados, descendo a tomar a iniciativa de uma condição que as leis militares qualificam como traição ou cobardia, qual a de salvarem-se os chefes á custa de sua guarnição.

Que razões agora explicam e justificam tão favoraveis concessões da parte do Brazil aos violadores dos lares patrios ? Acaso as circumstancias eram mais difficeis, ou por outro modo mais attendiveis na Uruguayana do que em Montevidéo ?

Neste segundo ponto tinhamos em frente de nós uma cidade estrangeira, a capital de um Estado limitrophe que devia ser alliado na guerra actual, que deve ser sempre amigo do Brazil : de cujo territorio careciamos com urgencia para porto militar, arsenal, deposito, quartel e hospital de nosso exercito em operações : cidade, além disso, importante por sua riqueza e população, que representa grandes interesses estrangeiros, orientaes, brazileiros, argentinos, e de varias outras nações.

Havia alli, contra nós, uma guarnição fanatisada pelos odios e interesses da guerra civil ; havia ao lado desta guarnição, um governo que tinhamos

reconhecido como legitimo, e que ainda o era por todas as outras nações, sem exceptuar a Republica Argentina.

A cidade de Paysandú, a primeira depois de Montevidéo, e de não pequena importancia commercial, já tinha sido bombardeada, e em grande parte reduzida a ruinas pelos canhões do Brazil.

A prolongação do cerco de Montevidéo, ou fosse devida ao esforço da resistencia ou aos embaraços diplomaticos, ou mesmo á temporisações da nossa parte, para o que não faltariam motivos ponderosos, daria tempo aos esperados soccorros do Paraguay.

E, como já notou-se, alli não era o Brazil nem o seu alliado que propunha ao insolente e odioso inimigo que se désse a partido: era a autoridade civil e politica do campo contrario que vinha ter comnosco para pedir-nos paz, não a paz de uma villa ou de uma fronteira, mas a paz entre o Imperio e a Republica Oriental.

Em Montevidéo, finalmente, punha-se termo a uma campanha para começar logo outra que era urgente, e que tinha de custar-nos muito sangue e dinheiro, como os factos o têm mostrado; que tinha de custar-nos sacrificios, seja dito de passagem, muito além das mais razoaveis previsões, graças aos descuidos e incapacidade de uns, e ao cynismo e voracidade de outros.

O sitio da Uruguayana, contado da acção do Yatay (17 de Agosto), durou um mez e horas do dia 18 de Setembro. Quanto houvera durado o de Montevidéo, se a 20 de Fevereiro não estavamos ainda promptos para encetar o ataque?

A generosidade, portanto, era alli assaz justificavel; porque era uma condição forçada de nossas futuras relações com um povo visinho e limitrophe, bem como de nossa proxima campanha contra o Paraguay; porque era tambem um dever moral contrahido para com as outras nações, e em especial para com a Republica Argentina.

O perigo da promettida e annunciada expedição paraguaya era em Montevidéo uma contingencia provavel e muito de receiar; na Uruguayana, pelo contrario, todos dizem concordemente que os sitiados já não podiam receber soccorro algum, que estavam irremediavelmente perdidos.

Com effeito, que perderiam os alliados naquella conjunctura, se o presidente Lopez movesse forças para o lado de Uruguayana? Ganhariam tempo e bateriam maior troço do exercito inimigo em posição já conhecida e dominada por elles.

Na Uruguayana eramos mais fortes, muito mais fortes do que ante a praça de Montevidéo, moral e materialmente fallando: tinhamos alli a força moral de uma triplice alliança e de varios triumphos: — estavamos em nosso territorio e o inimigo a grande distancia e inteiramente sequestrado do seu; — eramos 20,000, com chefes valentes e habeis contra 5 ou 6,000, mal armados, mal entrincheirados e ainda peior commandados.

Logo, só os sentimentos de humanidade por nós e pelo inimigo, a par de um effeito moral incerto, é que influiram aqui em nosso animo e moveram-nos a tantos excessos de moderação. Mas, se assim é, porque muito menos moderação seria um esquecimento do pundonor nacional quando praticada em Montevidéo?!

XIV

Acabo de apreciar de per si e comparativamente a capitulação que os generaes brazileiros offereceram aos inimigos cercados dentro das mais

que debeis trincheiras da Uruguayana. Resta considerar os termos e a solemnidade da solução definitiva que teve esse episodio militar na sua terceira e derradeira phase.

Para isso, apresso-me a pedir venia mui respeitosamente ás altas personagens que assistiram, por nossa parte, e da parte dos alliados, a tão importante acontecimento.

A presença de Sua Magestade o Imperador e dos Principes, seus augustos genros, naquelle lugar, não tolheria o direito de exame, ainda quando eu tivesse em vista não comparar simplesmente, mas deprimir, o que está muito longe do meu pensamento. O illustre chefe da nação brazileira é dos monarchas que sabem preferir a verdade cortez e benevola ás lisonjas da baixeza e do interesse, ou ao silencio da traição. Rei constitucional, elle sabe igualmente que toda a responsabilidade dos factos da Uruguayana pesa sobre os generaes brazileiros e sobre o ministro da guerra no que este por ventura praticasse ou approvasse.

O Imperador não carece para a sua gloria, nesta grande campanha, de que lhe encareçam a rendição de 5,000 paraguayos assediados completamente por forças muito superiores de terra e mar. Para que perdure a memoria da sua viagem á segunda provincia brazileira, invadida pelas hostes do presumido dictador, e seja enthusiastico o reconhecimento de seus fieis subditos, tem Sua Magestade os mais recommendaveis titulos, sem fazer o minimo caso do supposto heroismo de Estigarribia. Fallam pelo Imperador á nação os penosos sacrificios e os possiveis perigos a que elle se expôz para imprimir, como imprimio, energico impulso á defeza da provincia, outr'ora tão heroica, e hontem tão vilmente ultrajada.

As circumstancias do Brazil são supremas, e em conjuncturas tão sérias a indifferença ou o medo é um crime; quasi sahio-me da penna — é o assassinio de patria. O verdadeiro veneno, o que mata, não é o exame e o debate, é o erro e a illusão.

A Cesar, o que é de Cesar. Aos generaes e mais agentes responsaveis, o louvor e a censura que merecem seus actos, despidos estes de todas as hyperboles, que, ou sejam officiosas, ou sejam encommendadas, mais prejudicam do que servem á causa que os panegyristas têm a peito exaltar.

A intervenção dos chefes alliados, naquelles successos tambem não póde coarctar ao escriptor brazileiro a sua liberdade de discussão; porque agora como antes devemos declinar delles, perante a opinião publica do Brazil, a responsabilidade dos actos praticados em nosso territorio.

A provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e com ella todo o Brazil, deve incontestavelmente a Sua Magestade o Imperador um relevantissimo serviço, que talvez só elle em pessoa pudesse prestar. Com o exemplo admiravel do monarcha, despertou-se o heroismo daquella familia brazileira; todos os seus homens d'armas depuzeram os rasteiros odios das rivalidades domesticas, e acudiram esforçados ao mais sagrado de seus deveres. O barbaro invasor pôde então medir o alcance de sua ouzadia, e teve de render-se logo, abatido ante tanta força e tanta magestade.

A provincia repellio a affronta, e agora, tranquilla e segura dentro de suas fronteiras, já póde mandar novas legiões de valentes ao theatro principal da guerra.

Ha nisto razão, e razão muito legitima, para que commemoremos o successo militar da Uruguayana; o qual, além disso, está associado á circumstancia rarissima e unica no Brazil, de se terem alli encontrado, e dado mostras de reciproco apreço, o Imperador, e os Principes consortes das Princezas Imperiaes, com os generaes Mitre e Flôres, presidentes das duas Republicas visinhas e alliadas do Imperio.

A entrevista destes personagens, devemos crel-o, não servio só para tornar mais explendido o quadro d'aquelle facil triumpho, e communicar mais vigoroso impulso á prosecução da guerra : esse encontro, que parece um facto providencial, promette-nos tambem que os interesses da alliança actual não são um véo lançado sobre fermentos de uma nova guerra, mas sim um penhor seguro de sincera e perpetua amizade entre os tres estados.

Celebre-se, pois, e celebre-se com ruido, a rendição da Uruguayana; mas, por honra do Brazil e dos seus alliados, não se queira elevar até a cathegoria de uma epopéa aquelle feito militar, considerado de per si.

Eramos alli quatro contra um; e tinhamos á nossa frente generaes e generalissimos, os primeiros vultos politicos e os primeiros capitães da America do Sul. O odioso inimigo só tinha por si a espada e o nome obscuro de um Estigarribia.

Estavamos dentro de nossos muros, inteiramente desassombrados; e elle o invasor cercado por terra e por agua, já quasi vencido pelas molestia e pela fome.

Alegremo-nos com a rendição e redempção da Uruguayana, que é sem duvida um acontecimento feliz, um embaraço de menos, e embaraco grande em relação ao triste estado de cousas que determinou a subita viagem do Imperador; mas, repito, por honra propria e dos alliados, não cantemos enfaticamente esse triumpho, não imitemos o epico da *nobile bellum* de que nos falla Horacio, quando na sua arte poetica ensina a curta distancia que separa o sublime do ridiculo.

Não se publicou ainda, pelo menos o publico do Rio de Janeiro não conhece até este momento, a ordem do dia em que o nobre ministro da guerra, ou o general que commandou as nossas forças na Uruguayana terá referido, com o escrupulo e a gravidade propria da linguagem official, as circumstancias essenciaes daquelle facto. Os documentos de que me servi, e que junto com outros á presente exposição, são os que nos subministraram a carta particular do mesmo Sr. ministro da guerra ao enviado extraordinario do Brazil no Rio da Prata, e as correspondencias do *Jornal do Commercio*. Estas tradições, porém, são fidedignas e dão noticia minuciosa dos successos alli occorridos. Recordemol-os.

O general Flôres fôra encarregado da importante empresa de procurar e bater a columna paraguaya que acampava pela margem direita do Uruguay, e que d'alli cobria a entrada de Itapúa, servia de centro e dava protecção aos invasores da nossa fronteira. A idéa daquelle plano dos alliados não podia ser mais feliz nem a sua execução confiada a espada mais valente nem mais destra. A's suas reconhecidas qualidades de capitão intrépido, habil e activissimo, o general Flôres reunia um perfeito conhecimento do difficil terreno que ia atravessar, e daquelle em que se propunha forçar o recontro do inimigo. Não havia general brazileiro, podemos dizel-o sem desar para elles, que possuisse a topographia militar de Entre-Rios e Corrientes como o nosso alliado.

Isto por um lado; por outro lado a má direcção, ou para melhor dizer a falta quasi absoluta de direcção no começo da campanha, tinha desviado quasi todo o exercito brazileiro do territorio patrio para sujeital-o ao rigoroso inverno do Rio da Prata muito antes de poder elle entrar em operações, quando, composto em grande parte de gente collecticia, carecia de tempo para depurar-se e instruir-se. D'aqui resultára o que devia ter-se prevenido, que a provincia brazileira visinha ao theatro da guerra achou-se sem força sufficiente para repellir a invasão do seu territorio; pelo menos, o distincto commandante da nossa fronteira do Uruguay, o general David

Canavarro, assim o julgava e assim o havia declarado desde Fevereiro. (Vide o primeiro discurso.)

Era, portanto, forçoso, além de ser um serviço desejado pela sua gratidão ao Brazil, que o vencedor de Yatay, como se esperava que o seria, e de feito aconteceu, concluida esta empresa, fosse logo unir suas armas ás dos nossos que cercavam do outro lado o grosso da expedição paraguaya. Prevista a emergencia, desde que o general Flôres emprehendêra a sua gloriosa jornada, foi ella objecto de prévio accordo e concerto entre os generaes dos e exercitos alliados.

O illustre chefe oriental, que sabe dignamente identificar a sua causa com a dos seus alliados, e conhece por longa experiencia o valor do tempo em operações de guerra, economica e militarmente fallando, apenas sahio com o seu intento na margem direita do Uruguay, tratou de passar-se para a margem opposta com todas as suas forças, nas quaes entrava uma das mais valentes brigadas brazileiras. Entretanto adiantou uma intimação ou conselho ao inimigo commum, que a esse tempo já se achava circumscripto á villa de Uruguayana, sem duvida no intuito de aproveitar o grande effeito moral da victoria que restrugia aos ouvidos dos invasores, e que talvez só por si pudesse trazel-os á uma submissão que dispensasse a juncção dos dous corpos de exercito alliados.

Esta intimação feita pelo general Flôres é o ponto de partida para as reflexões comparativas que está reclamando o acontecimento da Uruguayana. Não se conhece o seu teor, mas a resposta do coronel Estigarribia, manifesta bem o sentido em que fôra ella concebida.

O general nosso alliado apontava para o tremendo desbarato do major Duarte, o commandante da columna paraguaya auxiliar, e dizia ao invasor da fronteira brazileira que cumpria-lhe render-se á mercê dos alliados, senão quizesse ter a mesma sorte daquelles seus compatriotas e cumplices. — A resposta de Estigarribia ahi está impressa : foi uma recusa respeitosa, mas de estudada altivez.

Seguiram-se a este facto varios incidentes, cuja historia não é bem conhecida, e que em todo o caso não viria ao meu proposito. O que sobreveio logo depois, e interessa aqui saber, foi a celebre nota-intimação de 2 de Setembro, em que os generaes brazileiros, com os generaes Flôres e Paunero, offereceram aos sitiados as mais vantajosas condições a que estes podiam aspirar. O effeito que sortio esta tentativa, outro ponto igualmente importante para a presente analyse, tambem já é conhecido; o inimigo renovou a sua primeira repulsa, requintando em sua linguagem arrogante.

Resolveu então o almirante visconde de Tamandaré fazer uma rapida viagem por terra até a Concordia, donde voltou com o general Mitre, trazendo este mais um contingente de infantaria dos exercitos alliados.

A' chegada do general e presidente argentino, Estigarribia escreve-lhe uma carta, convidando-o a que lhe abra proposições honrosas, se na verdade os alliados desejavam um desfecho incruento da invasão com que os paraguayos mancharam o nosso solo. O illustre e circumspecto chefe argentino deu a tanta audacia a unica resposta possivel, — desprezou-a pura e simplesmente.

Coube pouco depois ao tenente general barão de Porto-Alegre, na manhã de 18 de Setembro, fazer a terceira intimação dos alliados ; elle a fez em termos e por modo convenientes, conforme os estylos militares.

Já se achavam então no centro do acampamento brazileiro, e entre os chefes alliados, o Imperador e os Principes, os Srs. conde d'Eu e duque de Saxe. — Achavam-se tambem ahi presentes o ministro da guerra, o

marechal do exercito marquez de Caxias, o tenente general Cabral, o chefe de esquadra De Lamare, o brigadeiro Beaurepaire Rohan e o cirurgião-mór Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles; os dous primeiros generaes como ajudantes de campo de Sua Magestade, os outros dous no mesmo caracter junto aos Principes, e o Dr. Meirelles como medico da Casa Imperial.

Naquella sua formal intimação declarava o general brazileiro, em termos peremptorios, que os sitiados deviam render-se á discrição, e que se o não fizessem dentro de 2 horas, ver-se-hiam immediatamente compellidos pelas forças alliadas.

Pouco antes, e conforme o espirito daquella resolução, o general barão de Porto-Alegre poclamára ás suas tropas com expressões proprias para accender-lhes o seu natural ardor contra o inimigo, se este se mostrasse mais uma vez obstinado.

A intimação de S. Ex. foi levada, como devia ser, por um de seus officiaes de menor patente, o capitão de cavallaria, Manoel Antonio da Cruz Brilhante.

A situação parecia, com effeito, solemne. O exercito sitiador com seus numerosos estandartes desfraldados já tinha avançado, investido a praça, assestado suas baterias e tomado posição de ataque á tiro de fuzil do inimigo. O Imperador e o chefes seus alliados com todo o luzido estado maior estavam á frente, nos lugares de honra que lhes competiam. A submissão immediata e completa do audaz aggressor, ou o signal de avançar, era o que todos alli esperavam.

O paraguayo, porém, não tomou ao serio esta attitude dos alliados; ou teve bastante arojo para desprezal-a. — Por um dos seus officiaes subalternos mandou, não a simples e prompta submissão que se lhe exigira, mas uma tréplica com tres condições, das quaes a segunda nada menos importava que sahirem elle e os seus tenentes com armas e bagagens, em uma palavra, com as honras da guerra e para onde bem quizessem!

Em qualquer parte do mundo onde os conflictos militares sejam uma cousa séria, aquella resposta ou faria logo cumprir a ameaça do sitiador, ou pelo menos, seria devolvida incontinente, para que os contumazes, sem mais delongas, se entregassem á discrição.

Assim, porém, não aconteceu na Uruguayana. Não aconteceu assim na Uruguayana, quando já os miseros soldados da guarnição sahiam de tropel e sem armas pelas improvisadas trincheiras, e corriam a apresentar-se ao nosso exercito!

A nova proposta de Estigarribia foi levada á presença do Imperador e dos seus alliados; mereceu as honras de um conselho de generaes; e, o que é mais, e demasiadamente lisongeiro para os invasores do territorio rio-grandense, foi o nobre ministro da guerra quem se encarregou de ir levar a resposta e tratar (são expressões da carta de S. Ex.) em nome dos chefes alliados.

O intuito do Sr. ministro está manifesto, quiz com a sua palavra illustrada, e com o prestigio do seu alto cargo, influir decisivamente no animo dos sitiados; mas nem por isso a gentileza deixa de ser uma aberração daquelle ardente espirito militar que irritou-se com a rendição pacifica de Montevidéo, um contraste muito sensivel com os antecedentes execraveis do inimigo, uma grande honraria, emfim, dispensada ao coronel invasor Estigarribia.

Aceitaram, finalmente, os sitiados as ultimas generosas condições que lhes concedêmos. Differiam ellas das propostas por elles unicamente em

que tambem os officiaes entregariam as suas armas, e não poderiam regressar para o Paraguay.

Não conseguiram Estigarribia e toda a plana do seu garboso exercito sahir da praça *tambour battant* e com morrões acesos; mas obtiveram plena liberdade individual, com a unica restricção de não poderem voltar ao seu paiz durante a guerra : — restricção tão escusada, que até parece um gracejo mordaz, improprio de tão grave situação.

E a estarmos pelo que referiram os correspondentes das gazetas desta cidade, e que o *Diario Official* não contestou, o chefe invasor mereceu uma outra notavel distincção, que consistio em ser desarmado fóra das linhas pelo ministro da guerra do Brazil, e, acto continuo, apresentado por S. Ex. ao Imperador.

Haviam o caudilho e mais instrumentos do *fossado* ou *razzia* paraguaya commettido horrores durante as suas atrevidas excursões; e todos estes crimes, ao contrario do que se bradava em Março ultimo contra os do chefe oriental Muñoz, foram totalmente esquecidos; estão para todo o sempre perdoados.

Alli ninguem mais se lembrou de que os orientaes Zipitria e Salvañac entraram no numero daquelles heróes que calcaram a bandeira brazileira nas ruas de Montevidéo : e fizeram-lhes a vontade, sem ver que com isso irrogavam elles um desar ao seu proprio governo, aceitando-os como hospedes especiaes e mimosos do Brazil.

E Estigarribia, como se fôra Abd-el-Kader, e mais galante do que este, veio trocar a barbara cimitarra pela bengala do *dandy*, e hoje ahi ostenta-se lampeiro pelas ruas da capital do Imperio.

Os sargentos e soldados da guarnição, estes ficaram prisioneiros; é certo, e como taes desfilaram, em misero estado, perante o monarcha brazileiro, os generaes e exercitos alliados; mas seguramente não é esta homenagem forçada de ignorante soldadesca, indignamente entregue pelo seu commandante e officiaes, o que póde satisfazer o pundonor cavalleiroso da nação brazileira. Ainda bem que esta ultima condição não foi afinal proposta, mas sómente aceita pelos alliados.

A rendição e redempção da Uruguayana, torno a repetil-o, é um successo feliz; e não serei eu quem pretenda entibiar os applausos a que tenham direito todos os seus fautores. Mas é innegavel que nesse memoravel facto o que mais sobresahe é a magnanimidade dos vencedores, os quaes não duvidaram de olhar com desprezo para as provocações, crimes e torpezas dos vencidos, violentando não pouco o nosso amor proprio nacional, com o fim manifesto de conseguir uma victoria incruenta, e de levar a desmoralisação ás outras fileiras do aggressor, se a noticia puder romper o cordão sanitario que a previne.

Eu só noto as differenças e analogias entre este facto e aquelle que o precedeu em Montevidéo. Comparo, não censuro; ou apenas censuro condicionalmente.

Mas os implacaveis adversarios da primeira capitulação, que a reprovaram severamente, porque interviera um ministro onde, segundo elles, só deviam intervir os generaes, porque, emfim, o diplomata se mostrára muito moderado para com os vencidos, estes inexoraveis e bellicosos censores o que dirão agora?

Dirão acaso que em Montevidéo faltou aquelle desfilar dos soldados pela frente dos vencedores? Mas, como poderiam orientaes desfilar perante orientaes, que taes eram tambem os nossos alliados? Caberia fazer esta ostentação da victoria, quando elles tinham de marchar no dia seguinte comnosco contra o Paraguay?

Ou, querendo ser tidos em fôro de coherentes *quand même*, os cavalheiros a quem me refiro dirão hoje tão mal da segunda rendição quanto disseram hontem da primeira? Quererão tambem sustentar que houve alli um grande *pastel?* Que na Uruguayana erraram gravemente os Mitre, Flôres, Tamandaré, Porto-Alegre, e, até, o governo imperial representado pelo seu ministro da guerra? Oh! fôra levar muito alto a coherencia do erro e da injustiça.

Não; os apaixonados censores da convenção de paz de 20 de Fevereiro devem hoje cantar a palinodia, á vista de tudo quanto a lealdade do tempo revelou desde Montevidéo até aos recentes successos da Uruguayana. Se o não fizerem, se persistirem nas suas anteriores apreciações, sem que ao mesmo tempo condemnem, senão o convenio final, pelo menos o de 2 de Setembro, que felizmente mallogrou-se, então a sua falta tornar-se-ha muito mais grave; cahirão nas pennas dos peccadores que, segundo S. Matheus — « coam um mosquito, e engolem um camello : » — *excolantes culicem, camelum autem glutientes.*

E esta sentença biblica, creiam os desabusados, ha de passar, porque ante a justiça de Deus curvam-se todos, reis e subditos, grandes e pequenos soberbos e humildes.

O folheto donde extrahimos estas paginas foi publicado pelo visconde do Rio Branco em Outubro de 1865.

VII

DOCUMENTOS SOBRE O CAPITULO IX D'ESTA OBRA

Até á passagem do Paraná pelos Alliados

82

Nota do presidente Lopez ao general Mitre :

Quartel general em Humaitá, Novembro, 20 de 1865.

Pela imperiosa necessidade em que algumas vezes se vêm os povos e seus governos de decidir pelas armas as questões que affectam seus interesses vitaes, rompeu a guerra entre esta Republica a os Estados, cujos exercitos V. Ex. commanda.

Em taes casos é de uso entre as nações civilisadas attenuar os males da guerra nos limites do possivel, despojando-a dos actos de crueldade e selvageria que deshonram a humanidade e lançam indelevel nodoa sobre os chefes que ordenam, approvam, protegem ou toleram taes desmandos, e eu tinha esperado da parte de V. Ex. e de seus alliados a observancia de tal praxe.

Compenetrado d'isso, e obedecendo a esses deveres, foi um de meus primeiros cuidados ordenar que os prisioneiros de guerra, qualquer que fosse a sua classe, fossem tratados com toda a consideração e mantidos segundo as suas graduações; e, com effeito, elles têm gozado das commodides possiveis e até liberdade compativel com a sua posição e conducta.

O governo da Republica não só tem dispensado a mais lata e ampla protecção aos cidadãos argentinos, brazileiros e orientaes, que se achavam em seu territorio ou que as vicissitudes da guerra collocaram debaixo do poder de suas armas, como tambem tem estendido essa protecção aos proprios prisioneiros de guerra.

A estricta disciplina dos exercitos paraguayos no territorio argentino e nas povoações brazileiras assim o comprova, e até mesmo as familias e os interesses dos individuos que se achavam em armas contra a Republica foram respeitados e protegidos em suas pessoas e propriedades.

V. Ex., entretanto, iniciava a guerra com excessos e atrocidades, como a prisão do agente paraguayo em Buenos-Aires, cidadão Felix Egusquiza; a ordem de prisão e conseguinte perseguição do cidadão José Rufo Caminos, consul geral da Republica junto ao governo de V. Ex., e seu filho José Felix, que tiveram de asylar-se sob a protecção da bandeira amiga de S. M. B. ; o sequestro e confisco dos fundos publicos e particulares daquelles cidadãos, tanto os que estavam em poder delles como os que se

achavam em deposito nos bancos; a prisão do cidadão Cypriano Ayala, simples portador de despachos; o violento arrancamento das armas nacionaes do consulado da Republica para serem arrastadas pelas ruas; o publico fuzilamento da effigie do presidente da Republica que, como o escudo nacional, foi lançada depois no rio Paraná, no porto da cidade do Rozario, perante grande concurso de povo; o assassinato atroz commettido pelo general Caceres na povoação de Saladas na pessoa do alferes cidadão Marcelino Ayala, o qual, cahindo ferido em seu poder, não se prestou a tomar armas contra sua patria; o barbaro tratamento com que esse mesmo general acabou os dias do alferes tambem ferido, cidadão Faustino Ferreira, em Bella Vista; a barbara crueldade com que foram degolados á faca os feridos do combate de Yatay; e a chegada a esta Republica do desertor paraguayo Juan Gonzalez com a especial e positiva commissão de assassinar-me; todos estes factos não bastaram para que eu mudasse a firme resolução de não acompanhar a V. Ex. em actos tão barbaros e atrozes. Nem eu pensei que se pudesse agora inventar meios para enriquecer as atrocidades e infamias que por tanto tempo flagelaram e deshonraram perante o mundo as perpetuas guerras intestinas do Rio da Prata.

Sempre pensei que V. Ex., n'esta primeira guerra verdadeiramente internacional, saberia fazer comprehender aos seus subordinados que um prisioneiro de guerra não deixa de ser um cidadão de sua patria e um christão, que, como rendido, deixa de ser inimigo, e que deve ser tratado no acampamento dos allidos como o são os alliados prisioneiros no territorio da Republica. Mas, com profunda magoa, tenho de renunciar a estas esperanças quando chegam ao meu conhecimento noticias de actos mais illegaes, mais atrozes e infames exercidos contra os Paraguayos que tiveram a fatal sorte de cahir nas mãos dos Alliados.

V. Ex. obrigou os prisioneiros de Yatay e de Uruguayana a tomarem armas contra sua patria, augmentando com alguns milhares de homens o effectivo do seu exercito, transformando-os em traidores para prival-os de seus direitos politicos no Paraguay, e tirar-lhes a mais remota esperança de volver ao seio da patria e de suas familias, quer por meio de troca de prisioneiros, quer por outra transacção; e os que recusaram obedecer a taes ordens foram immediata e cruelmente immolados.

Os que escaparam a tão iniqua sorte serviram para fins não menos deshumanos e repugnantes, pois em sua maior parte foram levados ao Brazil, e ahi reduzidos á escravidão; e os que, pela côr de sua cutis, não podiam ser vendidos, foram enviados ao Estado Oriental e ás provincias Argentinas de presente, como entes curiosos e sujeitos á servidão.

Este despreso, não já das leis da guerra, mas da humanidade, esta coacção tão barbara como infame, que colloca os prisioneiros paraguayos entre a morte e a traição, entre a morte e a escravidão, é o primeiro exemplo que conheço na historia das guerras, e o estigma da invenção e execução de tantos horrores recahirá sobre V. Ex., sobre o Imperador do Brazil e sobre o actual mandatario da Republica Oriental.

Nem antes, nem durante esta guerra, o governo paraguayo provocou por seus actos tanta atrocidade. Argentinos, Brazileiros e Orientaes tiveram completa liberdade para deixar, com seus bens, o solo d'esta Republica ou o territorio argentino occupado pelos exercitos paraguayos. Meu governo, procedendo assim, respeitava as estipulações contidas em pactos internacionaes para o caso de uma guerra, sem levar em conta que esses pactos haviam caducado, considerando sómente esses principios como de interesse permanente, de humanidade e de honra nacional. Nunca esqueceu o meu governo o que deve á sua propria dignidade, não tem insultado

os emblemas das nacionalidades inimigas, não mandou queimar nem o retrato de V. Ex. nem os dos outros chefes alliados e muito menos poderia, imitando a alliança, empregar como meio de guerra algum transfuga argentino, oriental ou brazileiro, para assassinal-os em seus acampamentos. A opinião publica e a historia julgarão severamente estes actos.

As potencias alliadas, pois, não fazem a guerra como o determinam os usos e as leis das nações civilisadas, fazem uma guerra de exterminio e de horrores, autorisando e valendo-se dos meios atrozes que vão denunciados e que a consciencia publica marcará em todos os tempos como infames.

Tal sendo o systema de guerra de V. S. e de seus alliados, incumbe-me, em cumprimento dos meus deveres como commandante supremo dos exercitos da Republica, fazer de hoje em diante tudo quanto estiver ao meu alcance para forçar V. Ex. a desistir d'este modo de proceder, que não me é licito tolerar por mais tempo. Convido a V. Ex., em nome da humanidade e do decoro dos proprios alliados, a renunciar a estes actos barbaros, a pôr os prisioneiros paraguayos no goso de seus direitos de prisioneiros de guerra, tanto os que se acham alistados nas fileiras, do exercito, como os que foram reduzidos á escravidão no Brazil ou á servidão na Republica Argentina ou na Oriental ; convido-o a abster-se de novos actos de atrocidade, prevenindo a V. Ex. que a falta de resposta, ou o facto de continuarem os prisioneiros no serviço das armas contra a sua patria, disseminadas pelo exercito alliado ou servindo em corpos especiaes, a apparição da bandeira paraguaya nas fileiras do exercito que V. Ex. commanda ou alguma nova atrocidade contra os prisioneiros, me dispensarão de todas as considerações e attenções que até aqui tenho sabido guardar, e ainda que com repugnancia, os cidadãos argentinos, brazileiros e orientaes, sejam ou não prisioneiros de guerra, no territorio desta Republica ou em qualquer outro que suas armas cheguem a occupar, ficarão sujeitos com suas pessoas, vidas e propriedades á mais rigorosa represalia.

Espero a resposta de V. Ex. no prazo peremptorio de 30 dias, em que será entregue no Passo da Patria.

Deus guarde a V. Ex.

FRANCISCO SOLANO LOPEZ.

83

Resposta do presidente Mitre ao presidente Lopez :

O presidente da Republica Argentina e general em chefe dos exercitos alliados.

Quartel-general em frente a Bella-Vista, Novembro 25 de 1865.

Ao Exm. Sr. presidente da Republica da Paraguay, marechal Francisco Solano Lopez.

Recebi, como general em chefe dos exercitos alliados, a nota que V. Ex. dirigio-me do seu quartel-general de Humaitá, em 20 do corrente, na qual, depois de referir-se a factos que suppõe em desaccordo cam as leis da guerra perpetrados pelos exercitos alliados sobre os prisioneiros paraguayos do combate do Yatay e rendição da Uruguayana, assim como outros

que assignala, convida-me á observar aquellas leis, significando-me a resolução em que está de usar de represalias em caso contrario.

Inteirado da citada nota de V. Ex., é do meu dever manifestar-lhe em resposta que todos os factos que V. Ex. aponta como graves capitulos de accusação contra os sentimentos de humanidade e de dignidade da parte dos exercitos alliados contra os paraguayos armados que cahiram rendidos ao esforço das armas alliadas, são totalmente falsos uns, e desfigurados outros, em consequencia, talvez, de apaixonadas e suppostas informações transmittidas a V. Ex., e é para lamentar que um momento de reflexão não haja patenteado a V. Ex. a falsidade dessas informações.

Collocado o governo de minha patria, assim como os do Imperio do Brazil e Republica Oriental, no imperioso dever de accudir em defesa de sua honra, de sua dignidade e da integridade de seu territorio aleivosamente atacados por V. Ex. por modo desusado entre paizes civilisados; assaltados em plena paz suas fortificações de terra e os navios de suas armadas, sem prévia declaração de guerra, o que dá o caracter de piraticas a taes aggressões; e tendo de tomar as armas para salvar da morte e da depredação mais barbara as vidas e as propriedades de seus nacionaes respectivos, tanto nas provincias imperiaes de Matto-Grosso e do Rio Grande do Sul, como nesta argentina de Corrientes, procuraram os alliados fazer essa defesa com estricta sujeição ás prescripções do direito nos casos de guerra internacional. E assim o fizeram os alliados não só por dever e por honra, como tambem porque, tendo visto com indignação e repugnancia as violencias e crimes de todo genero commettidos pelas forças de V. Ex. nas povoações e mais pontos dos territorios brazileiro e argentino. que tiveram a desgraça de ser occupados, embora momentaneamente, por essas forças, não podiam incorrer no mesmo delicto que condemnavam, nem podiam, nem deviam apresentar ao mundo civilisado e christão outro exemplo que o que estão acostumados a dar com seus exercitos, que tinham, e têm, a nobre missão de vingar a honra nacional e não a de saquear as povoações indefesas e as propriedades particulares como fizeram as forças de V. Ex. desde que nas margens do Uruguay pisaram terra argentina e brazileira, até as povoações de Uruguayana e ao Paso de los Libres, onde chegaram, deixando todas essas povoações e seus arredores completamente arrasados, fazendo transportar grande parte do roubo á disposição de V. Ex. no Paraguay, e por ordem expressa de V. Ex., como consta do livro copiador das communicações que dirigia a V. Ex. o coronel Estigarribia, livro que em original se acha em poder do Exm. governo do Brazil; ao passo que as tropas que V. Ex. lançou sobre esta provincia de Corrientes e que chegaram até ao Passo de Santa Lucia, praticavam actos mais atrozes ainda, arrebatando violentamente o gado de milhares de estabelecimentos de campo, incendiando as habitações e deixando sem abrigo milhares de familias da extensa campanha que assolaram, indo a deshumanidade dessas tropas, ou, para melhor dizer, a de V. Ex., cujas ordens foram invocadas para esse fim, até á selvageria de arrancar de suas casas e conduzir prisioneiros ao Paraguay as innocentes esposas e ternos filhos de chefes patriotas e valentes pertencentes ao exercito argentino, e as familias que não tinham fugido, julgando que V. Ex. seria capaz de observar as mesmas prescripções, que hoje invoca em favor dos Paraguayos prisioneiros, e que V. Ex. não soube observar, nem mesmo em relação ás mulheres e as crianças. Todos estes actos, que são de publica e evidente notoriedade, serão um padrão de eterna ignominia para os que os ordenaram, autorisaram ou consentiram, e, conseguintemente, V. Ex. terá de responder sempre, não só perante os povos alliados que fazem hoje a

guerra, senão perante o mundo inteiro, que foi unanime em alçar um grito de execração contra elles.

Terminados os combates pelo triumpho das armas alliadas, os feridos e prisioneiros salvos do conflicto foram os primeiros recebidos e tratados nos hospitaes ao lado dos feridos do exercito alliado; e poderia dizer que foram attendidos com mais cuidado ainda pela compaixão e sympathia que naturalmente inspiravam tanto pelo estado de nudez e desamparo em que se achavam, como porque os alliados não podiam ver n'elles senão victimas desgraçadas de um mal aconselhado governante que os lançava á morte em uma guerra tão sem motivos como injusta, provocada pelo capricho e pelo arbitrio. Assim é que longe de obrigar os prisioneiros a tomarem serviço nas fileiras dos exercitos alliados ou de tratal-os com rigor, foram todos elles tratados não só com humanidade mas com benevolencia, havendo sido postos em completa liberdade muitos d'elles, trasladados outros ás povoações em numero consideravel, e destinados outros a serviços passivos nos exercitos alliados, especialmente nos hospitaes de sangue em que foram curados seus proprios companheiros. E' certo que muitos delles alistaram-se nas fileiras dos exercitos alliados, mas fizeram-n'o por sua livre vontade e porque solicitaram essa graça, que não se lhes podia negar quando seus compatriotas, os paraguayos emigrados no territorio das nações alliadas, tinham pedido expontaneamente para armar-se, e se lhes tinha reconhecido esse direito.

Estas são as principaes increpações contidas na nota de V. Ex. Basta o que fica exposto para destruil-as, ou para fazer recahir sobre quem compete a immensa responsabilidade dos feitos barbaros que por desgraça têm sido praticados n'esta guerra. Poderia occupar-me com os factos isolados de que V. Ex. trata, porém é tão notoria a falsidade de uns, e a inexactidão de outros que seria escusado refutal-os; e, sobretudo, achando-nos em guerra aberta e devendo a questão ser resolvida pelas amas, V. Ex. comprehende bem que não é este o momento opportuno para recriminações, e que eu não poderia deixar de entrar n'esse terreno se tivesse de occupar-me com a analyse de todos os pontos da nota de V. Ex. Accrescentarei, para terminar, que não posso comprehender como V. Ex. mencionou esse caso do desertor Juan Gonsalez, se é que tal desertor existio: sendo para lamentar, mesmo em honra do posto em que V. Ex. se collocou n'essa Republica, que tenha deixado consignado em uma nota séria, e debaixo de sua assignatura, o temor do punhal dirigido aleivosamente por um general argentino. Declaro a V. Ex. que não o julgo capaz de attentar de semelhante maneira contra a minha vida nem contra a de nenhum dos outros generaes dos exercitos alliados, porque acostumado sempre a fazer essa honra aos chefes inimigos que tenho combatido, me é forçoso fazel-a tambem a V. Ex.

A' vista do exposto, e para prevenir os excessos a que V. Ex. se póde lançar, como deprehendo da nota a que respondo, declaro formalmente a V. Ex., como general em chefe dos exercitos alliados, que como salvaguarda da vida dos argentinos, brazileiros e orientaes de que V. Ex. se tenha podido apoderar casualmente ou por traição — e não em luta aberta e leal, em que V. Ex. não teve ainda a fortuna de apoderar-se de um só soldado, — que por qualquer acto que V. Ex. ou as autoridades paraguayas por sua ordem possam commetter com violação dos principios reconhecidos, que são leis para os povos cultos, além das satisfações e reparações que deverão ser dadas em occasião opportuna, V. Ex. será responsavel pessoalmente e submettido ás mesmas regras que invoca e estabelece. Si apesar disso V. Ex. empregar meios que não sejam dos regulares

conhecidos na guerra, V. Ex. se terá collocado deliberadamente fóra da pratica e do amparo da lei das nações, e autorisará as potencias alliadas a obrarem segundo V. Ex. insinua, pois ficará manifesto o proposito de fazer mais crueis os males da guerra que as nações alliadas têm procurado minorar quanto lhes é possivel; e n'esta resolução perseveram os alliados, sendo seu animo firme e tranquillo não depôr as armas emquanto não obtiverem plena e completa reparação de seus aggravos, esperando sua vindicta, depois da bondade de Deus, do poder de suas armas, e não a fazendo consistir em vinganças ignobeis e covardes, exercidas contra homens inermes e indefesos ou contra crianças innocentes.

Tal é a unica resposta que me é dado offerecer a V. Ex., sem prejuizo das resoluções que á vista da nota de V. Ex. julguem dever tomar os governos da triplice alliança, aos quaes dou conhecimento, n'esta data, da referida nota e d'esta contestação.

Deus guarde a V. Ex.

BARTOLOMÊO MITRE (1).

84

Circular do visconde de Tamandaré aos commandantes das forças navaes estrangeiras em Montevidéo :

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo da corveta « *Recife* », em Montevidéo, 20 de Novembro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — Tendo de começar dentro de poucos dias operações activas com a força naval de meu commando, contra a Republica do Paraguay, julgo conveniente rogar a V. Ex. que expeça suas ordens para que o navio da força naval de seu commando que subio até Assumpção para receber os seus compatriotas que queriam retirar-se daquella Republica, desça para baixo das Tres Bocas. Comprehende V. Ex. perfeitamente que a presença de navios de guerra neutraes no theatro dos acontecimentos, permittida provisoriamente por mim, por considerações humanitarias, póde animar o inimigo, e prolongar a resistencia; porque elle simulará que em taes navios encontrará garantia e asylo em caso desesperado.

Para evitar, pois, inutil derramamento de sangue dos belligerantes, convém que V. Ex. faça retirar a canhoneira que expediu. Além disso como as forças navaes de meu commando têm de emprehender uma serie successiva de operações de guerra para chegar á capital do inimigo, os navios de guerra neutraes vão achar-se collocados naquelle porto em uma posição na qual hão de embaraçar forçosamente estas operações, ou soffrer em consequencia dellas, e nem eu quero perder nenhuma das vantagens de belligerante, nem me responsabiliso pelas avarias que elles soffrerem. Solicitando de V. Ex. a expedição desta ordem, não me arrogo nenhum direito novo, mas sim apenas faço applicação daquelle que as potencias maritimas da Europa têm seguido em seus bloqueios no Rio da Prata, religiosamente respeitado pelos navios de guerra brazileiros, que, ao simples

(1) Na obra de Thompson traduzida em Buenos-Aires estão publicadas em hespanhol esta nota e a de Lopez, de 20 de Novembro.

aviso dos commandantes das forças bloqueadoras, se retiraram dos portos e costas bloqueadas.

Prevaleço-me desta opportunidade para renovar a V. Ex. os meus protestos de subida consideração e estima.

A S. Ex. o Sr. commandante da estação de...

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

85

A marinha brazileira em 1866 (1).

DIVISÕES NAVAES

1.ª divisão :

Fragata	*Constituição*	296 homens.	Servindo de escola pratica de artilharia e deposito de marinhagem. No Rio de Janeiro.
Corveta	*Bahiana*	161 homens.	Em meio armamento.
—	*Berenice*, ...	73 —	
Brigue	*Maranhão*	79 —	
Vapor	*Paraense*	135 —	
encouraçado	*Rio de Janeiro*	36 —	
—	*Lima Barros*, ...	106 —	
Bombardeira	*Pedro Affonso*	36 —	
—	*Forte de Coimbra*	35 —	

(Todos estes navios estavam no porto do Rio de Janeiro, alguns d'elles preparando-se para partir).

2.ª divisão :

Corveta	*D. Januaria*	153 homens.	Na Bahia.
Brigue	*Itamaracá*	128 —	Em Pernambuco,
Brigue-escuna	*Tonelero*	37 —	Em meio armamento.

3ª divisão :

Hiate	*Cairú*	46 homens.	No Pará.
—	*Rio de Contas*	44 —	No Maranhão.
Vapor	*Ibcuhy*	101 —	No Amazonas. Empregado na demarcação de limites com o Perú.

(1) Na edição allemã (pag. 62 do Appendice) lê-se — 1865 — em vez de — 1866. — Estes dados, porém, são tirados do Relatorio da Marinha de 1866 (*Mappa da força naval activa do Imperio, organisado no quartel da marinha em 18 de Abril de 1866*). Conferimos este extracto com as informações constantes desse Relatorio.

FLOTILHAS

FLOTILHA DO RIO-GRANDE DO SUL

Vapor	*Cachoeira*	18 homens.	No Rio-Grande do Sul.
—	*Amelia*	50 —	—
—	*Fluminense*	40 —	—
—	*Apa*	35 —	Em Porto Alegre.

FLOTILHA DE MATTO-GROSSO

Vapor	*Jaurú*	45 homens.	Em Cuyabá.
—	*Corumbá*	41 —	—
—	*Alpha*	28 —	—
—	*Cuyabá*	42 —	—

ESQUADRA EM OPERAÇÕES NO RIO DA PRATA

Vapor	*Nictheroy*	393 homens.
—	*Belmonte*	113 —
—	*Parnahyba*	109 —
—	*Maracanã*	86 —
—	*Mearim*	134 —
—	*Magé*	121 —
—	*Ilajahy*	121 —
—	*Beberibe*	170 —
—	*Iguatemy*	87 —
—	*Araguay*	131 —
—	*Araguary*	92 —
—	*Ivahy*	107 —
—	*Ypiranga*	105 —
—	*Amazonas*	172 —
—	*Recife*	90 —
—	*Taquary*	56 —
—	*Chuy*	57 —
—	*Igurey*	O mappa não dá o numeao de praças.
—	*Onze de Junho*	
—	*Uruguay*	
—	*Lindoya*	
—	*Tramandahy*	40 homens.
—	*Henrique Martins*	83 —
—	*Greenhalgh*	78 —
— encouraçado	*Brazil*	187 —
— —	*Tamandaré*	99 —
— —	*Barroso*	140 —
— —	*Bahia*	115 —
Patacho	*Iguassú*	34 —
Transporte	*Peperí Assú*	9 —

NAVIOS DESTACADOS

Vapor.	*S. Francisco*	84 homens.	No Rio de Janeiro.
—	*Oyapok*	109 —	—
—	*Princeza de Joinville*	91 —	No Rio da Prata.
—	*Apa,*	67 —	—
—	*Marcilio Dias*	90 —	—
—	*Leopoldina*	101 —	—
—	*Izabel*	88 —	—
—	*Jaguarão*	38 —	Na barra do Rio-Grande do Sul.
—	*Tamandatahy*	25 —	No estabelecimento naval de Itapura.

TOTAL

Officiaes embarcados de todas as graduações	900	
Soldados e marinheiros	4.478	
Total	5.387	
Mais do que no anterior	1.151	
Força dos vapores	4.782	cavallos

A esquadra no Rio da Prata tinha 2.929 homens (sem fallar nas tropas do exercito embarcadas) e 2.350 cavallos.

Supprimos as informações que o Sr. Schneider dá sobre o 1º e 2º corpos do exercito brazileiro em operações porque estão erradas e são desnecessarias depois da nota que fizemos acompanhar o Cap. IX.

86

Synopse dos reforços enviados ao exercito brazileiro até 30 de Avril de 1866 (1).

Força que seguio do Rio de Janeiro e das provincias de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul para Montevidéo e Santa Catharina com destino aos dous corpos de exercito :

I. — *De* 26 *de Dezembro de* 1864 *a* 12 *de Maio* 1865 :

Para Montevidéo directamente :

Officiaes	441	
Praças de pret		8.449

Para o Rio Grande do Sul e Santa Catharina :

Officiaes	65	
Praças de pret		1.398
Total	506	9.847
	10.353	

(1) Corrigimos e completamos á vista do Relatorio do Ministerio da Guerra de 1866 as informações que se encontram no Appendice da edição allemã, pag. 83.

II. — *De 13 de Maio de 1865 a 30 de Abril de 1866* :

Para Montevidéo directamente :

Officiaes	878	
Praças de pret.		15.331

Para o Rio Grande do Sul e Santa Catharina :

Officiaes.	791	
Praças de pret.		14.224
Total.	1.669	29.555
	31.224	
Sommam todos os reforços		41.577 homens

Nesta força não é comprehendida a de cavallaria que seguio do Rio Grande do Sul, nem tambem uma divisão da mesma arma que seguio para o 1° corpo de exercito em operações, composta de 1,681 praças.

Informações extrahidas do « Mappa demonstrativo dos voluntarios, recrutados, engajados e voluntarios da patria alistados para o serviço do exercito de 1865 a 1866 » (organisado em 30 de Abril de 1866) :

Provincias e municipio neutro :

Alagôas : — 9 voluntarios, 241 recrutas, 430 voluntarios da patria. — Foi organisado nesta provincia o 20° batalhão voluntarios da patria.

Amazonas : — 10 voluntarios, 114 recrutas, 243 voluntarios da patria.

Bahia : — 56 voluntarios, 461 recrutas, 12 engajados, 6,053 voluntarios da patria. — Foram organisados nesta provincia os batalhões de voluntarios da patria ns. 3, 10, 14, 15, 23, 24, 29, 40, 41, 43, 46, 53 e 54.

Ceará : — 34 voluntarios, 304 recrutas, 7 engajados, 927 voluntarios da patria. — Foi organisado n'esta provincia o batalhão 26° de voluntarios da patria.

Rio de Janeiro (cidade) : — 252 voluntarios, 276 recrutas, 2 engajados, 4,060 voluntarios da patria. — Foram organisados os corpos de voluntarios da patria ns. 1, 2, 4, 9, 31, 32 e 38.

Espirito Santo : — 4 voluntarios, 40 recrutas. — Não consta do mappa o numero de voluntarios da patria alistados.

Goyaz : — 19 voluntarios, 5 engajados. — Não consta do mappa o numero de voluntarios da patria alistados.

Maranhão : — 25 voluntarios, 207 recrutas, 1,095 voluntarios da patria. — Foram organisados n'esta provincia os batalhões de voluntarios da patria ns. 22, 36 e 37.

Matto-Grosso : — Não consta o numero de voluntarios alistados, porém na provincia organisou-se um corpo que tomou a numeração de 50.

Minas Geraes : — 15 voluntarios, 122 recrutas, 3 engajados. — Não consta o numero de voluntarios da patria, porém foram organisados os batalhões ns. 17, 18 e 27.

Pará : — 70 voluntarios, 238 recrutas, 930 voluntarios da patria. — Batalhões 13 e 34.

Parahyba : — 2 voluntarios, 332 recrutas, 2 engajados, 982 voluntarios da patria. — Formou-se o batalhão 21° de voluntarios da patria (1).

Paraná : — 7 voluntarios, 97 recrutas, 2 engajados, 396 voluntarios da patria.

Pernambuco : — 52 voluntarios, 99 recrutas, 10 engajados, 3,052 voluntarios da patria. — Organisaram-se os batalhões de voluntarios da patria ns. 11, 21, 30, 44, 51, 52 e 56.

Piauhy : — 9 voluntarios, 86 recrutas, 802 voluntarios da patria. — Formaram-se os batalhões de voluntarios ns. 39 e 55.

Rio de Janeiro (provincia) : — 62 voluntarios, 533 recrutas, 2,033 voluntarios da patria. — Batalhões de voluntarios ns. 5, 6, 8 e 12.

Rio Grande do Norte : — 45 voluntarios, 149 recrutas, 454 voluntarios da patria. — Batalhão de voluntarios n. 28.

Rio Grande do Sul : — 27 voluntarios, 23 recrutas, 1 engajado. — Não consta o numero de voluntarios alistados, porém, na provincia organisaram-se os corpos ns. 33, 35, 48 e 49 de voluntarios.

Santa Catharina : — 2 voluntarios, 46 recrutas, 6 engajados, 699 voluntarios da patria.

S. Paulo : — 1,399 voluntarios da patria. — Organisaram-se os corpos de voluntarios ns. 7, 42 e 45.

Sergipe : — 6 voluntarios, 85 recrutas, 591 voluntarios da patria.

No 1° corpo de exercito : — 7 voluntarios, 4 engajados. — Organisou-se mais em Montevidéo o 16° corpo de voluntarios da patria composto em sua maior parte de italianos.

Total	713 voluntarios
	3,543 recrutas
	54 engajados
	24,136 voluntarios da patria,

faltando informações sobre o numero de voluntarios alistados nas provincias de Goyaz, Matto-Grosso, Espirito-Santo, Minas Geraes, Rio Grande do Sul e em Montevidéo.

---

(1) **Assim está no Relatorio do Ministerio da guerra, mas o batalhão 21° era de Pernambuco — Ha, pois, engano nesse numero.**

Classificados pelas provincias, eis os batalhões de Voluntarios da Patria :

1.º	Batalhão de	Voluntarios da Patria	Rio de Janeiro	(cidade)
2.º	—	—	—	—
3.º	—	—	Bahia	
4.º	—	—	Rio de Janeiro	(cidade)
5.º	—	—	—	(provincia)
6.º	—	—	—	(provincia)
7.º	—	—	S. Paulo	(provincia)
8.º	—	—	Rio de Janeiro	(provincia)
9.º	—	—	Rio de Janeiro	(cidade)
10.º	—	—	Bahia	
11.º	—	—	Pernambuco	
12.º	—	—	Rio de Janeiro	(provincia)
13.º	—	—	Pará	
14.º	—	—	Bahia	
15.º	—	—	—	
16.º	—	—	Estrangeiros	
17.º	—	—	Minas Geraes	
18.º	—	—	— —	
19.º	—	—	Sergipe, Ceará, e Piauhy	
20.º	—	—	Alaõgas	
21.º	—	—	Pernambuco	
22.º	—	—	Maranhão	
23.º	—	—	Bahia	
24.º	—	—	—	
25.º	—	—	Pernambuco	
26.º	—	—	Ceará	
27.º	—	—	Minas Geraes	
28.º	—	—	Rio Grande do Norte	
29.º	—	—	Bahia	
30.º	—	—	Pernambuco	
31.º	—	—	Rio de Janeiro	(cidade)
32.º	—	—	—	—
33.º	—	—	Rio Grande do Sul	
34.º	—	—	Pará	
35.º	—	—	Rio Grande do Sul	
36.º	—	—	Maranhão	
37.º	—	—	—	
38.º	—	—	Rio de Janeiro	(cidade)
39.º	—	—	Piauhy	
40.º	—	—	Bahia	
41.º	—	—	—	
42.º	—	—	S. Paulo	
43.º	—	—	Bahia	
44.º	—	—	Pernambuco	
45.º	—	—	S. Paulo	
46.º	—	—	Bahia	
47.º	—	—	?	
48.º	—	—	Rio Grande do Sul	
49.º	—	—	— —	
50.º	—	—	Matto-Grosso	
51.º	—	—	Pernambuco	

52.°	Batalhão de Voluntarios	da Patria	Pernambuco
53.°	—	—	Bahia
54.°	—	—	—
55.°	—	—	Piauhy
56.°	—	—	Pernambuco
57.°	—	—	?
58.°	—	—	?
59.°	—	—	?
60.°	—	—	?

87

Combate de Corrales (31 de Janeiro de 1866)

O Sr. Schneider publicou neste lugar extractos da parte official do coronel argentino Conesa.

Esse documento, póde ser lido no Appendice á traducção de Thompson, feita em Buenos-Aires. Não o reproduzimos aqui porque em uma das notas ao cap. IX, já dissemos em resumo o que occorreu nesse dia.

88

† *Chegada do almirante Tamandaré a Corrientes*

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata.

Bordo do vapor « *Onze de Junho* » em Corrientes, 23 de Fevereiro de 1866.

Confidencial (ao ministro da marinha).

Illm. e Exm. Sr. — Com verdadeira satisfação tenho a honra de communicar a V. Ex. que cheguei a este porto, em que me acho á testa da esquadra, no dia 21 do corrente, tendo sahido a 8 de Buenos-Aires, onde demorei-me até então, esperando os poderosos recursos que o governo imperial me havia promettido para encetar as operações activas contra o inimigo, e que effectivamente foram chegando com a presteza que se podia desejar, augmentado-se o numero e a força dos navios de sorte que para poder mover efficazmente uma esquadra tão consideravel meu dever era provêl-a de todos os meios indispensaveis á segurança e celeridade das importantes operações que tenho de emprehender, o que difficilmente consegui em consequencia das grandes distancias a vencer neste rio, cuja navegação, como V. Ex. sabe, é cheia de obstaculos e accidentes. Agora mesmo vim convencer-me de que a crescente real do Paraná ainda se não manifestou positivamente, pois tem estado estes ultimos dias em uma alternativa de baixante.

Meu principal cuidado tem sido de conservar os depositos de carvão de pedra sufficientemente abastecidos, o que só a muito custo tenho alcançado em consequencia do grande numero de transportes e outros vapores que têm vindo com tropas e artigos bellicos para o exercito, e que ultimamente chegam aqui diariamente. E foi ainda com o intuito de economi-

sar este combustivel que vim a dous terços de força desde Buenos-Aires até aqui com o canhoneira *Parnahyba* e o vapor *Onze de Junho*.

Hoje devem chegar a este porto o encouraçado *Borroso*, a canhoneira *Maracanã* e o transporte *Princeza de Joinville*, e até o dia 27 o encouraçado *Bahia*. Ficará assim reunida e prompta a esquadra até o fim do corrente mez, mas não comiecarei hostilidades contra as fortificações inimigas antes de conferenciar com os generaes em chefe do exercito alliado, para o que pretendo amanhã dirigir-me ao acampamento.

Logo que tivermos combinado o plano de invasão no territorio do Paraguay é minha intenção reforçar quanto me fôr possivel as guarnições dos navios que se acham em melhor estado afim de estreitar o bloqueio nas Tres Bocas, para impedir que a esquadra inimiga tenha communicações entre Humaitá e o Passo da Patria.

No caso do barão de Porto-Alegre chegar ao Passo de Itapúa antes de effectuar-se com o grosso do exercito a invasão pelo Passo da Patria, pretendo com uma divisão forçar este ponto para ir coadjuvar a passagem das forças daquelle general, operação que deve produzir grandes resultados, pois, ou obrigará o exercito inimigo a fraccionar-se, ou ficará o interor do Paraguay accessivel a qualquer força, se não realisar-se a primeira destas hypotheses.

Aqui se estão construindo as embarcações destinadas á passagem do exercito. Destas as primeiras que se acabaram sendo de dimensões mui pequenas, e não podendo a esquadra concorrer com grande numero de remadores pela falta de marinheiros de que se resente, mostrei ao chefe da commissão de engenheiros do mesmo exercito a conveniencia de se fazerem de preferencia grandes embarcações que possam ser rebocadas pelas canhoneiras.

No sentido d'esta minha observação estão se fazendo presentemente grandes *chatas* que apresentam muitas vantagens sobre as canôas.

Os transportes e depositos pertencentes á esquadra ficarão n'este ponto quando ella avançar para as Tres Bocas.

Os generaes em chefe receiam que o inimigo, animado pelos resultados do combate que teve no Passo da Patria no dia 31 do mez passado (1), façam novas tentativas de sorpresa sobre as avançadas ou sobre os corpos destacados do exercito alliado; do que estou prevenido para interceptar a retaguarda do inimigo se a tanto levar sua audacia.

As perdas consideraveis que soffreram os Argentinos no combate de 31 de Janeiro deram logar em Buenos-Aires a clamores e increpações da imprensa contra o general em chefe do exercito alliado e contra a esquadra, attribuindo-se-me a responsabilidade daquelle successo porque a esquadra, segundo alguns articulistas, podia tel-o evitado.

Semelhantes accusações, apesar de serem de todo contraproducentes, por isso que até deveriamos, se fosse possivel, animar o inimigo a vir darnos batalha fóra do seu territorio e das posições vantajosas que n'elle occupa, apesar de serem de todo contraproducentes, digo, tiveram uma resposta cabal em alguns artigos que se publicaram na *Nacion Argentina*, cujas ideias estão de perfeito accordo com as minhas.

Aproveito esta opportunidade, etc.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

---

(1) O combate de Corrales.

Sobre a enchente do Paraná disse o almirante em officio confidencial de 10 de Março :

Como anteriormente comuniquei a V. Ex. a ultima crescente das aguas do Paraná foi falsa e de mui pequena duração, tendo baixado mais de 1 1/2 braça da maxima altura a que havia chegado.

Assim o encouraçado *Brazil* e as corvetas *Beberibe* e *Magé* não podem ainda subir por não haver agua sufficiente para estes navios no canal denominado do Atajo, um pouco acima d'este porto. Emquanto se construem as embarcações para o exercito e o rio se conserva baixo, trato da construcção de um hospital de madeira para 600 feridos, sem o qual declarei na conferencia que não empenharia a esquadra em acção. Estou aproveitando tambem a demora para revestir de chapas de fero de meia pollegada de espessura as canhoneiras que não têm borda fixa para resguardar assim as guarnições do fogo mortifero de metralha.

Do *Diario de Palleja* poderiamos tambem transcrever varios trechos para mostrar que só em fins de Março começou a manifestar-se a enchente do Paraná.

Benjamin Poucel, que escreveu e publicou em 1867 a obra *Le Paraguay Moderne*, á vista de informações que obteve do governo paraguayo, diz o seguinte (pags. 253-254) :

Ces forces imposantes étaient cependant paralysées par *l'inaction forcée* de l'escadre, à laquelle est nécessairement dévolu le plus grand rôle dans cette guerre. Les chaleurs de l'été sévissaient et avec elles les pluies trcpicales de la saison et du climat. Mais ces pluies, suffisantes pour détremper le sol plat et marécageux qui borde le delta paraguayen et argentin ne devaient pas encore amener la crue annuelle du Paraná. Elle fut même retardée en 1866 jusqu'au mois de Mars... *Ce ne fut que le 17 Mars que la crue* des eaux permit à l'escadre brésilienne de se mouvoir. Jusque-là elle avait été confinée dans la vaste nappe d'eau peu profonde qui avoisine la ville de Corrientes...

Em officio de 15 de Março dizia o almirante Tamandaré ao ministro da marinha :

Tenho a satisfação de communicar a V. Ex. que do dia 11 do corrente até hoje tem-se manifestado de um modo patente a crescente real d'este rio.

No dia 17 partirei d'aqui com a esquadra para as Tres Bocas.

Em vista da falta de praticos do rio Paraná, acima das Tres Bocas, resolvi nomear uma commissão de officiaes da esquadra para levantar com a possivel prestesa a planta hydrographica do Passo da Patria, afim de poder operar ali com toda a segurança e celeridde a passagem do exercito sem ficar navio algum encalhado.

O mesmo Poucel não poude deixar de fazer justiça á esquadra brazileira quando se occupou dos reconhecimentos e sondagens feitos no Passo da Patria. Transcreveremos as suas palavras :

La lenteur inévitable dans les reconnaissances à pratiquer dans ces parages inconnus des marins, la difficulté de rencontrer des indigènes pratiques dans cette navigation fluviale, et le peu de garantie qu'on aurait trouvé en eux, car ils n'emploient que la pirogue qui passe partout; tout contribuait à ralentir l'action des navires chargés de ces reconnaissances.

De leur côté, les Paraguayens ne négligeaient rien pour aggraver les obstacles. Le fortin d'Itapiru, garni de quelques pièces de fort calibre, faisait feu nuit et jour sur les vapeurs ennemis dès qu'ils passaient à sa portée, tandis que les *chatas*, cachées dans les mille angles des îles et îlots, les surprenaient, au passage, par une puissante décharge improvisée... *Toutefois l'escadre brésilienne, il faut le dire à son honneur, surmonta bravement tous ces obstacles*, non sans des grands sacrifices et des avaries considérables, qui mirent 2 ou 3 vapeurs hors de combat (1). Elle fit plus, car sa lutte vigoureuse et constante permit aux Alliés d'établir, aux premiers jours d'avril, une puissante batterie sur le Banc ou *l'Isla Grande* en face même d'Itapirù et du camp paraguayen.

89

† Reconhecimentos no Alto Paraná e Passo da Patria Bombardeamento de Itapirú (21 a 30 de Março)

As seguintes communicações dirigidas pelo almirante Tamandaré ao ministro da marinha, conselheiro Silveira Lobo, dão pormenores sobre os tiroteios e combates sustentados por alguns navios da esquadra imperial com o forte de Itapirú, as baterias volantes que o inimigo tinha junto a esse forte e á Confluencia, e o vapor *Gualeguay* e as chatas.

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor *Apa* em frente ao forte paraguayo de Itapirú, 22 de Março de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. que me acho desde o dia 20 do corrente com a esquadra do meu commando em chefe nas embocaduras dos rios Paraguay e Alto Parana, na formatura seguinte : a 1ª e a 3ª divisões formadas em linha desde as Tres-Bocas até á altura do forte de Itapirú, ficando este vapor na testa da linha, e a 2ª divisão na embocadura do Paraguay, tambem em linha, cuja testa é o encouraçado *Barroso*.

Deste modo estão interceptadas todas as communicações do inimigo entre estes dous rios, o que diminue consideravelmente os recursos de que elle dispunha anteriormente para hostilisar-nos.

No dia 21 partiram daqui os vapores *Tamandaré*, *Araguay* e *Henrique Martins*, commandados pelo capitão de mar e guerra Alvim, com instrucções para reconhecer os passos do Alto Paraná comprehendidos desde este ponto até o Itati, afim de escolher-se o lugar mais favoravel de effectuar-se a passagem do exercito.

A bordo da canhoneira *Araguary* foi a commissão encarregada de apresentar-me o plano hydrographico do reconhecimento, composta do 1º tenente Arthur Silveira da Motta, meu secretario e ajudante de ordens : do 1º tenente Hoonholtz, commandante dessa canhoneira, e do 1º tenente Manoel Ricardo da Cunha Couto, commandante do patacho *Iguassú*.

---

(1) Só a canhoneira *Araguary*, por ter encalhado, precisou ir para o porto de Corrientes afim de concertar o fundo. A lancha a vapor *Coronel Fidelis* e 1 chata foram mettidas a pique. As avarias dos outros navios foram promptamente reparadas.

Seguiram os referidos navios até á ponta de Toledo, duas e meia leguas acima do Passo da Patria, sondando todos os canaes e determinando as posições do grande numero de bancos e pedras, que o tornam tanto mais difficil a navegação do rio pela falta quasi absoluta de praticos destas paragens.

Estes navios encontraram grande numero de chalanas paraguayas cheias de soldados, que se refugiavam nos arroios apenas os avistavam. Um vapor paraguayo conserva-se no canal entre a ilha grande do Passo da Patria, o acampamento do exercito inimigo e o forte de Itapirú, junto ao qual tambem estão collocadas duas chatas com peças de grande calibre.

No dia 21 mesmo, ás 5 horas da tarde, quando regressava aquella divisão, encalhou a canhoneira *Araguary* sobre uma pedra que se acha entre a ilha de Carajá e a margem esquerda. A consequencia deste sinistro foi ficarem os tres navios durante todo o dia naquelle ponto, onde era de esperar que fossem atacados durante a noite, o que, porém, não realizou-se.

A's 2 horas da madrugada do dia 22 uma bateria volante collocada nas Tres-Bocas fez 14 tiros de bala contra o *Barroso*, no qual, porém, nenhum tocou.

A's 6 horas da manhã fiz subir a canhoneira *Mearim* e o pequeno vapor *Voluntario da Patria*, do exercito, afim de empregarem todos os esforços para desencalharem a *Araguary*. O forte de Itapirú, que já no dia 21 havia atirado algumas balas contra os tres primeiros navios que subiram, sem conseguir tocal-os, fez 18 tiros juntamente com as chatas contra a *Mearim* sem tambem tirar resultado algum.

Quando esta canhoneira chegou á ilha de Toledo, já encontrou a *Araguary* desencalhada, fazendo, porém duas e meia pollegadas d'agua por hora. O *Tamandaré*, que tambem na manhã do dia 22 tocou em outra pedra, nenhuma avaria soffreu.

Tendo parado a crescente do Paraná, resolvi não expôr esta divisão a ficar inactiva e exposta acima de passos de agua escassa, e mandei-a tomar a formatura em que se achava anteriormente na esquadra, ficando prompta para apoiar qulquer ponto da linha que fôr porventura atacado durante a noite.

Creio que na formatura em que está a esquadra, os navios se apoiam mutuamente de modo que nenhum poderá cahir nas mãos do inimigo, se tentar algum golpe de abordagem singular durante a noite. Mas se isto acontecer, apezar de todas as providencias que tenho dado para evitar sorpresas do inimigo, o navio que fôr tomado de abordagem será retomado immediatamente, custe o que custar, para que a esquadra não soffra o ultrage de vêr um dos seus navios levado pelo inimigo.

Hoje se reuniram aqui a bordo os generaes Mitre, Flôres e Ozorio, por ser o dia marcado para fazermos o reconhecimento, do qual deve resultar a escolha do passo em que se effectuará a passagem do exercito.

O encalhamento do *Tamandaré* e da *Araguary*, porém, obstou a que isto se realizasse hoje, ficando adiado para amanhã.

Muitas condições deve satisfazer o ponto que se escolher para a passagem do exercito, das quaes porém a principal é a de poder-se deste ponto marchar de modo que se possa contornar o grosso das forças inimigas acampadas a duas leguas do Passo da Patria.

No dia 24 conto que estará feito por mim e pelo general Mitre o reconhecimento de todos os passos até o Itati. Da possibilidade ou não de fazer-se a passagem do exercito neste ultimo ponto, depende o momento em que devo começar a arrazar as fortificações da margem direita do Paraná, e da

esquerda do Paraguay, e a hostilisar o inimigo por todos os meios de que disponho.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

Commando em chefe da força naval do Brazil. — Bordo do vapor *Apa*, em frente ao forte de Itapirú, no rio Paraná, 30 de Março de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Vou ter a honra de relatar a V. Ex. os factos que se têm dado nesta esquadra desde o dia 22 do corrente, cujas graves consequencias foram previstas por mim em minhas anteriores communicações a V. Ex., quando apresentei as razões porque não tomava a posição em que me acho presentemente, sem contar com todos os meios de effectuar-se a immediata passagem do exercito para a margem inimiga.

A demora que tem havido em decidir-se o ponto por onde se deve realizar esta operação, tem permittido ao inimigo aproveitar-se dos recursos de que dispõe em seu territorio para hostilisar a esquadra constantemente. Os obstaculos que se encontram na navegação do Alto Paraná, que se augmentam ainda pela falta de praticos deste rio, não são menos prejudiciaes aos navios, do que as hostilidades do inimigo. Já a canhoneira *Araguary* foi retirada desta esquadra, inutilisada pelas avarias que soffrêra quando encalhada no dia 21 do corrente, como communiquei a V. Ex.

Em confidencial de 22 do corrente participei a V. Ex. que havia subido uma divisão para explorar o rio Paraná até a Itati. Como, porém, as aguas continuassem a baixar, mandei ordem áquella divisão para vir encorporar-se á esquadra. Quando vinha a 3ª divisão rio abaixo, foi hostilisada pelo forte de Itapirú, não soffrendo porém damno algum.

No dia 23 fui com o general Mitre fazer o reconhecimento dos differentes passos do rio. A 3ª divisão acompanhava o vapor *Cysne*, em que iamos em companhia do Sr. conselheiro Francisco Octaviano. O forte de Itapirù atirou-nos algumas balas, que felizmente não offenderam navio algum. Chegámos neste reconhecimento até o passo de Jaguáry, donde regressámos ás 4 horas da tarde, sendo tambem hostilisados na volta pela dita fortaleza.

No mesmo dia um vapor paraguayo, com uma chata armada de um rodisio de 68 a reboque, montou a ponta do Itapirú e veio collocar-se na margem do rio e na perpendicular da *Beberibe*, para a qual fez muitos tiros, que felizmente não acertaram; a *Beberibe* respondeu ao fogo da chata, obrigando-a a retirar-se.

Duas horas depois disto, voltou o vapor a tomar a mesma posição com outra chata, e continuaram a atirar sobre a esquadra até o pôr do sol. O *Tamandaré* ficou durante a noite encalhado em frente ao forte de Itapirú, conseguindo-se com muita difficuldade desencalhal-o no dia seguinte.

Dia 24 de Março. — O vapor paraguayo com a mesma chata tomou a posição do dia antecedente e fez muitos tiros sobre a esquadra, conseguindo acertar uma bala no *Brazil* acima da portinhola de vante a bombordo. Esta bala fazer-se em pedaços, mas produziu uma depressão de mais de pollegada na chapa em que bateu, e abalou o madeiramento interior. Dei ordem a alguns dos nossos navios para atirarem sobre o vapor, e assim a chata foi obrigada a retirar-se.

Dia 25 — A's 3 horas da tarde uma chata montou a ponta de Itapirú por meio de espias, e collocou-se na margem do rio, quasi na perpendicular deste navio, para o qual atirou 14 balas, acertando apenas uma. Seguiram immediatamente o *Tamandaré* com o chefe Alvim e o vapor *Henrique Martins* sobre a chata, que foi logo abandonada.

Largaram tres escaleres para passar reboque á chata, os quaes foram repellidos por forte fuzilaria occulta no bosque vizinho da margem. Esta fuzilaria foi respondida por fogo de metralha dos dous navios, continuando-se a atirar com bala rasa e bomba sobre a chata, afim de destruil-a completamente.

Depois de anoitecer, o bravo 1° tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros fez uma segunda tentativa de abordar a chata, mas então juntou-se á fuzilaria do matto vivo fogo de artilharia e de foguetes a congreve do forte; e tão arrojada empreza foi frustrada como era de esperar.

O capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim dirigiu este fogo, que durou 4 horas e 30 minutos, e no qual só tivemos um homem ferido, sendo de suppor que o inimigo soffreu muitas perdas, em consequencia do vivo fogo de metralha do *Henrique Martins* a pequena distancia da praia.

Este vapor recebeu duas balas de artilharia que produziram apenas avarias superficiaes. Os nossos officiaes e marinheiros bateram-se com bravura durante as 4 horas e 30 minutos de fogo que sustentaram.

Dia 26. — A's 2 horas da tarde uma outra chata paraguaya veio tomar a posição do dia antecedente, e ás 2 horas, e 30 minutos começou a atirar sobre este vapor, no qual acertaram 3 balas de 68, sendo 2 na caixa da roda e uma quasi na linha d'agua.

Mandei avançar sobre a chata os encouraçados *Tamandaré*, *Bahia* e *Barroso*. O segundo destes recebeu uma bala que lhe produziu na couraça depressão de uma pollegada, outra que atravessou o castello de proa, e terceira no mastro de traquete, que o inutilisou, levando metade de sua grossura. Aos primeiros tiros dos encouraçados, a chata foi abandonada. Continuando a atirar sobre ella o *Tamandare*, determinou uma explosão na polvora que ella continha fazendo-a em pedaços.

Dia 27. — O general Flôres, desejando reconhecer o passo de Itati, pediu-me a protecção de um dos vasos da esquadra para acompanhar os dous vapores argentinos, que pelo seu pequeno calado e boa marcha, o mesmo general escolheu para aquella exploração. Mandei o vapor *Henrique Martins* com a commissão hydrographica, que fez o reconhecimento do rio até o ponto do Itati.

De volta o general Flôres declarou que achava o passo o Itati muito desvantajoso para a passagem das forças, pelo que me parece que ella tem de effectuar-se aqui mesmo no Passo da Patria, apezar de todos os obstaculos que temos diante de nós.

Pouco depois do meio dia veio a chata paraguaya collocar-se sobre a ponta de Itapirú com o casco encoberto pelas pedras, e começou a atirar sobre este vapor, acertando-lhe uma bala de 68. Approximaram-se da chata para fazel-a calar os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*. Continuou a chata a fazer fogo sobre os encouraçados, resultando entrarem duas balas na casamata do *Tamandaré*, que puzeram 34 homens fóra de combate, sendo 10 mortos e 24 feridos na maior parte gravemente.

O paiz tem a deplorar a perda do bravo e denodado 1° tenente Antonio Carlos Mariz e Barros, do qual se esperavam os melhores serviços nesta guerra, e dos seus distinctos officiaes os 1° tenentes Francisco Antonio de

Vassimon e José Ignacio da Silveira, o commissario Carlos Accioli de Vasconcellos e o escrivão Augusto de Andrade Alpoim.

Os 2[os] tenentes Dionysio Manhães Barreto e José Victor de Lamare, o guarda-marinha Francisco de Paula Mascarenhas, e o alferes Tourinho Pinto foram tambem feridos. Destes o primeiro tomou o commando do navio e transmittiu-me a parte que a este incluo por cópia, acompanhada da relação nominal dos mortos e feridos.

O commandante Mariz e Barros teve o joelho esmagado por um estilhaço de bala, pelo que soffreu a amputação da coxa, succumbindo como um herόe depois desta dolorosa operação. Os officiaes mortos succumbiram quasi que instantaneamente. O chefe Alvim, que se achava no encouraçado *Bahia*, foi contuso levemente.

Em consequencia destes sinistros o *Tamandaré* retirou-se do fogo, e os feridos foram recebidos a bordo do *Onze de Junho*, que serve de hospital de sangue, e neste mesmo vapor transportados para Corrientes.

Dia 28. — Ao romper do dia, uma outra chata começou a atirar sobre os encouraçados e sobre os navios da 1ª divisão, acertando duas balas no *Princeza de Joinville*, uma no transporte *Riachuelo* e outra na *Parnahyba*.

O *Bahia* seguiu a tomar posição perto do forte e dahi logo nos primeiros tiros quebrou o canhão paraguayo.

O encouraçado *Barroso*, que tambem fôra destruir a chata, teve seis feridos graves, dos quaes um foi o distincto 1º tenente Luiz Barbalho Muniz Fiuza, todos feridos dentro da casamata.

O *Brazil* teve um imperial marinheiro morto e outro ferido, que se achavam fóra da casamata por terem ido largar a ancora.

O *Barroso* ficou com a chaminé das fornalhas quasi completamente cortada, e com uma peça raiada de 120 inutilisada por uma bala que bateu-lhe na boca.

Por falta de tempo não remetto a V. Ex. cópias das partes que tenho recebido dos commandantes das divisões e dos navios que têm sido empregados nas commissões acima referidas.

Dia 29. — A *Belmonte* foi occupar uma posição donde experimentou o alcance das bombas de 68 sobre o forte de Itapirú.

Dia 30. — A's 2 horas da madrugada os navios da 2ª divisão, que se acha fundeada na boca do Paraguay, tomaram uma chata que descia deste rio pela margem esquerda com o fim de passar para o Itapirú. O inimigo tem perdido, portanto, tres chatas e um canhão de 68 que ficou partido em duas partes por bala do *Bahia*.

Peço desculpa a V. Ex. por officiar-lhe em fórma de diario o que fiz no intuito de ser minucioso, aproveitando o pouco tempo de que disponho. Juntamente encontrará V. Ex. as descripções das avarias feitas no *Bahia* e no *Barroso* pelas balas inimigas, tendo este recebido mais de 20 balas e aquelle 39, todas de calibre 68.

Aproveito a opportunidade para reiterar a V. Ex. os protestos de minha mais elevada consideração e respeito.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

90

† Ainda os combates no Passo da Patria. Defesa da Ilha de Itapirú (desde 30 de Março até 13 de Abril de 1866)

Tomamos do original, que se guarda no Archivo da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, a seguinte cópia do officio de 13 de Abril, dirigido pelo Almirante Tamandaré ao ministro da marinha, conselheiro Silveira Lobo :

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor « *Apa* », no Passo da Patria, 13 de Abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Em confidencial de 30 de Março proximo preterito narrei a V. Ex. os factos que se deram n'esta esquadra até então, pelos quaes V. Ex. estará informado dos recursos de que o inimigo tem lançado mão para hostilizar-nos, aproveitando-se dos accidentes topographicos do theatro das operações.

Felizmente agora já posso annunciar a V. Ex., que a commissão hydrographica por mim nomeada apresentou-me um esboço d'este rio desde as Tres Bocas até o Itati, representando uma extensão de 7 a 8 leguas sondadas minuciosamente.

Já os nossos navios operam desassombradamente, e o unico canal que ainda não conhecemos é o que está comprehendido entre o acampamento inimigo, o Itapirú e uma grande ilha que lhe fica parallela a pequena distancia (1). Este não poderá ser explorado senão por meio de uma operação decisiva pela qual possamos dominal-o.

No dia 6 do corrente foi occupada a ilha que fica em frente ao forte de Itapirú, quasi a meio da largura do rio, por uma brigada do exercito imperial, e alli estabeleceram-se duas baterias sendo uma de peças raiadas de 12 e outra de morteiros.

Esta bateria e a esquadra arrasaram em poucos dias o forte de Itapirú, mas os Paraguayos respondem tenazmente ao bombardeamento da ilha com um canhão de grosso callibre que montaram detraz das ruinas do forte.

No dia 10 pelas 4 horas da madrugada o inimigo fez um assalto á ilha com uma brigada de infantaria, mas caro pagou a sua audacia, pois da força expedicionaria aquelles que não cahiram mortos ou prisioneiros no theatro da luta o foram pelos vapores da esquadra *Henrique Martins*, *Greenhalg* e *Chuy*, que lhes foram cortar a retirada. Além das canôas que o inimigo abandonou na ilha, 14 foram apresadas por differentes navios.

O capitão Juan Romero, que commandava a expedição paraguaya (2), e mais 16 prisioneiros que estão aqui a bordo, feitos por nossos navios, affirmam que foi muito pequeno o numero de Paraguayos que a nado puderam alcançar a margem direita do rio.

Os Paraguayos, contando com esta operação da esquadra, estabeleceram duas baterias occultas no matto, que hostilisaram os referidos vapores, assim como uma chata collocada na ponta de Itapirú.

---

(1) A ilha de Sant'Anna.

(2) Em uma das notas ao Cap. IX já fizemos ver que Romero não era senão 2º commandante de uma das columnas inimigas.

O *Henrique Martins* soffreu alguns rombos dos quaes dous abaixo da linha d'agua, obrigando-o a encalhar para não ir a pique; mas tenho a satisfação de communicar a V. Ex. que no dia seguinte já este vapor estava com todas as avarias reparadas.

Não entro nos detalhes do completo triumpho de nossas armas no dia 10 porque a S. Ex. o Sr. general em chefe do exercito, a quem pertence a gloria da jornada, compete a honra de participal-o ao governo imperial.

Estão se concluindo os ultimos preparativos para a passagem do exercito que depois dos reconhecimentos feitos até o Passo Lenguas, 12 leguas acima d'este ponto, reconheceu-se que não se poderá effectuar senão n'este mesmo Passo, apesar da resistencia que o inimigo poderá offerecer-nos n'este ponto.

Feita a passagem do exercito, a esquadra operará contra as fortificações da margem esquerda do Paraguay.

Nesta opportunidade manifesto a V. Ex. a minha perfeita estima e subida consideração.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro F. de P. da Silveira Lobo, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

91

† Combate da Ilha de Itapirú ou isla de la Redencion (10 de Abril de 1875)

Além do officio anterior, do almirante Tamandaré, transcreveremos os seguintes documentos, alguns dos quaes se acham no appendice da edição allemã :

Officio do general Ozorio, commandante em chefe do 1° corpo do exercito imperial em operações, ao presidente Mitre general em chefe do exercito alliado :

Commando em chefe do exercito imperial em operações contra o Paraguay. — Quartel general no Passo da Patria, 11 de Abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de remetter a V. Ex. para os fins convenientes, cópia dos apontamentos deixados pelo finado tenente-coronel João Carlos de Willagran Cabrita, que commandou a guarnição da ilha de Itapirú desde a sua occupação pelas forças d'este exercito, que repelliram o ataque dos paraguayos na madrugada de hontem.

Devo accrescentar que aquella guarnição compunha-se do 7° batalhão de voluntarios, o 14° de linha, um contingente do batalhão de engenheiros e um dito do 1° batalhão de artilharia de linha; ao todo cerca de 900 homens, inclusive officiaes.

O comportamento da referida guarnição satisfez-me.

Uma desgraça tira-nos grande parte da satisfação que tivemos com este triumpho; refiro-me á morte do mencionado tenente-coronel Cabrita e do major de estado-maior de artilharia Luiz Fernandes de Sampaio; e aos graves ferimentos do alferes Carlos Luiz Woolf e tenente Francisco Antonio Carneiro da Cunha, ambos officiaes do batalhão de engenheiros; estas

mortes foram causadas por uma bomba inimiga que cahio e fez explosão na chata em que o tenente-coronel redigia a parte do combate, 6 horas depois d'este.

O tenente-coronel Cabrita avaliava em 1,200 homens o numero dos que atacaram a ilha; d'estes deixou o inimigo 640 mortos visiveis, 46 prisioneiros feridos e 16 em o ser, tendo sido apanhados pela esquadra outros mortos e feridos em canôas que, abandonadas, desciam o rio.

Conta-se entre os prisioneiros o capitão João Matêo Romêro, que com os outros foi entregue a bordo da esquadra. Segundo declarou o capitão Romêro, a infantaria inimiga, que desembarcou na ilha, era escolhida de diversos batalhões paraguayos; e outro prisioneiro de cavallaria declarou que tambem desembarcaram 186 praças d'esta arma armados de espada.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.

MANOEL LUIZ OZORIO.

Marechal de campo.

Parte do combate que teve lugar no dia 10 de Abril de 1866 segundo as notas do tenente-coronel Willagran Cabrita, commandante da guarnição da ilha :

Illm. e Exm. Sr. — Não tenho ainda tempo de dar uma minuciosa parte dos differentes episodios que precederam o combate, que muito honra e abrilhanta os fóros da dignidade nacional.

Direi simplesmente que eram 4 horas da madrugada de hoje quando foi a ilha atacada pelo inimigo com força superior a 1,200 homens, como se verificou, a qual favorecida pela noite, fez alli um desembarque e procurou envolver nossa linha fortificada, fazendo avançar forças consideraveis pelos flancos.

A luta durou até ao raiar do dia, que foi só quando o inimigo deixou-se convencer de que era infructifero qualquer esforço, não obstante as numerosas canôas que, cheias de tropa, para reforçar os combatentes atravessavam o canal que separa a ilha do forte inimigo.

Ao passo que desembarcava, o inimigo escondia-se, lançando-se por entre o mattagal, que matiza a ilha e d'alli fazia-nos vivo fogo.

Vendo eu que d'este modo nossa fuzilaria não tirava grande vantagem, não podendo acertar as pontarias, fui forçado a mandar a carga á bayoneta, que o repellio d'alli com grande estrago para elle. Por outro lado vendo a possibilidade de fazer uso da metralha, visto que o inimigo se conservava em distancia, como que esperando reforço, para avançar com mais segurança, mandei abrir logo uma canhoneira no angulo direito da bateria da direita, e com a primeira peça respectiva disparou-se dous tiros, cujo effeito manifestou-se immediatamente pela quasi cessação da fuzilaria inimiga.

Ao amanhecer tentaram fugir alguns dos invasores, que foram depois aprisionados pelos navios da esquadra; estava o campo de batalha coberto de cadaveres, e na praia canôas abandonadas e outras desciam levadas pela corrente do rio, com os cadaveres dos que haviam sido mortos dentro d'ellas. Contamos d'estes no campo 640, além dos que morrendo na agua foram levados pela corrente, sem contar os feridos e prisioneiros, cujo numero ainda não posso precisar.

Tomámos até ao presente mais de 700 espingardas com as correspondentes munições e grande numero de espadas, esperando que o numero

suba a muito mais, pois a cada momento se estão encontrando mortos e armamento na macéga da ilha. Entre os prisioneiros que se entregaram, acha-se o capitão Remêro, que commandava os 400 homens que tentaram invadir o flanco direito, tendo sido morto no comeo da acção o chefe da força que atacava o flanco esquerdo.

A nossa força, como V. Ex. sabe, compunha-se do 14° batalhão de infantaria, guarnição das bocas do fogo do 1° batalhão de artilharia a pé, contingente do batalhão de engenheiros, e 7° corpo de voluntarios da patria, montando tudo a 900 praças, inclusive os officiaes.

Tivemos fóra de combate 149 homens, distribuidos pelo modo seguinte :

Batalhão de engenheiros, 5 soldados mortos e 1 sargento ferido.

Bateria de morteiros, 2 soldados mortos, 2 feridos gravemente e 2 ditos levemente.

1ª bateria do 1° batalhão de artilharia a pé, morreu o 2° cadete da 3ª companhia Antonio Joaquim Rodrigues Torres, que muito se distinguio, e foi ferido o soldado Francisco José Ferreira.

14° Batalhão de infantaria. — Mortos : 1 sargento, 1 segundo sargento segundo cadete, 1 cabo, 1 anspeçada, 1 particular, 1 corneta e 22 soldados ; feridos : o major do batalhão José da Cunha Moreira Alves, capitão Simeão Corrêa Lima, alferes Eduardo Paulo dos Santos e José Torres Bandeira, 3 primeiros sargentos, 2 forrieis, 1 primeiro cadete Manoel Ferreira Rufino, 1 particular Benjamim Pinagé, 5 cabos, 1 anspeçada e 40 soldados.

7.° Corpo de voluntarios da patria. — Mortos : 12 praças de pret ; feridos : 1 capitão, 1 tenente e 30 soldados.

Aguardo occasião opportuna pára dar a V. Ex. noticia detalhada sobre a maneira brilhante porque se portou a nossa tropa ; entretanto apresso-me desde já a felicitar a V. Ex. por mais este assignalado triumpho que honra sobremodo as armas alliadas.

Parte official do tenente-coronel Pinto Pacca ao general Ozorio :

Acampamento da guarnição da ilha da Redempção, defronte do forte de Itapirú, aos 10 de Abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Tendo assumido o commando da guarnição da ilha da Redempção, em frente ao forte de Itapirú, por acabar de morrer de uma bala de canhão o tenente-coronel de estado-maior de artilharia João Carlos de Willagran Cabrita, que a commandava, cabe-me a honra de narrar a V. Ex. o brioso feito d'armas da mesma guarnição por occasião do combate, que teve lugar hoje pelas 4 horas da madrugada.

A essa hora, sendo pelos postos avanaçados do 7° corpo de voluntarios da patria, que guarnece o flanco direito da referida ilha, presentido o inimigo, que em 2 chalanas e numero superior a 30 canôas, com uma velocidade espantosa se approximava ás barrancas, rompemos o fogo de fuzilaria sobre elle, e, não obstante a mais pertinaz opposição, effectuou-se em differentes pontos o desembarque, carregando os contrarios sobre os ditos postos, que, reconhecendo a impossibilidade de suster o impeto dos aggressores em tão subido numero, retrocederam, disputando-lhes todavia o terreno passo a passo.

Ao avisinhar-se o inimigo ás trincheiras, foi recebido em toda a linha do entrincheiramento, já disposta, por uma fuzilaria unisona, e logo tão bem sustentada, que conservou-o a respeitosa distancia até ao romper d'alva, tempo em que, sentindo eu que escasseavam as munições do men-

cionado 7° corpo de voluntarios, tomei a resolução de fazer uma carga á bayoneta, não obstante desconhecer ainda a força atacante, confiado todavia no imponente dessa especie de ataque, e na bravura reconhecida dos nossos soldados. Mandando fazer o signal do 7° e em seguida o de carga, ao som do hymno nacional, e de vivas a Sua Magestade e á nação brazileira, vi com summo orgulho os pelotões não só desse corpo, como dos outros, precipitarem-se por sobre as trincheiras, por todos os pontos, como que movidos por um só impulso, e cahirem sobre o inimigo á bayoneta cruzada, levando-o de tropel até a margem do rio, deixando após de si um lastro de cadaveres. Os poucos que chegavam a mesma margem, procurando escapar-se a nado ou dentro das canôas, encontraram a morte a ferro ou fogo, ou foram feitos prisioneiros por navios da nossa esquadra, de maneira que, de toda essa expedição, computada em numero superior a 1.200 homens, um só não foi visto voltar á margem opposta.

Ficaram no campo de batalha 642 mortos, além dos que, morrendo n'agua e dentro das canôas, foram levados pela correnteza do rio ; feridos e prisioneiros em numero que ainda não póde ser precisado, entre os quaes acha-se um capitão de nome Romero, que commandava os 400 homens que tentaram invadir o flanco direito, sendo morto logo no principio da acção o chefe da força que atacava o flanco esquerdo.

Quatorze canôas, para cima de 700 espingardas com avultada munição nas patronas, grande numero de espadas, se tem recolhido e continua-se no recolhimento por entre o grande macegal da ilha.

A nossa força, como sabe V. Ex., compunha-se do 7° batalhão de voluntarios, do 14° de infantaria, guarnição das bocas de fogo do 1° batalhão de artilharia a pé, contingente do batalhão de engenheiros, montando tudo a 900 praças, inclusive os officiaes.

Tivemos fóra do combate 153 homens entre mortos e feridos, como consta do incluso mappa demonstrativo por corpos.

Em todo esse combate avaliei bem de perto o denodo e sangue frio do distincto commandante do 14° batalhão, major José Martini, e apreciei o dos briosos officiaes Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, capitão do corpo do estado-maior de artilharia, commandante da bateria de morteiros ; Francisco Antonio de Moura, capitão do 1° batalhão de artilharia a pé, commandante da bateria de canhões de 12, e Brazilio de Amorim Bezerra, capitão mandante do batalhão de engenheiros, durante o ataque impetuoso dos inimigos ás suas trincheiras, das quaes, a fuzil e metralha, eram repellidos com grande damno.

O renhido desse sanguinolento combate, a quantidade dos inimigos mortos, feridos e prisioneiros, e finalmente a completa victoria alcançada pelas armas brazileiras, provam exuberantemente a V. Ex. que os corpos desta guarnição são dignos dos maiores elogios ; assegurando a V. Ex. que a conducta do 7° batalhão de voluntarios, que pela vez primeira entrou em fogo, me deixou summamente orgulhoso do seu commando.

Em occasião opportuna passarei ás mãos de V. Ex. as relações por corpos dos officiaes e praças de pret que mais se distinguiram.

Cumpro tambem um dever mencionando a V. Ex. o bizarro procedimento dos vapores da esquadra *Henrique Martins* e *Greenhalg*, que pouco depois de começar o ataque, contornando a ilha, bem na proximidade da terra, a fuzil e canhão pela frente, flancos e retaguarda, molestaram horrivelmente os atacantes. A esses vapores se deve indubitavelmente a inacção de uma grossa columna do inimigo, que do lado opposto aguardava o regresso das canôas para ser transporada á mesma ilha.

Terminando esta minha circumstanciada participação, felicito a V. Ex. por este assignalado triumpho das armas brazileiras no territorio inimigo, como um presagio dos grandes triumphos que estão reservados ás armas alliadas.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. marechal de campo Manoel L. Ozorio, commandante em chefe do exercito em operações.

FRANCISCO JOAQUIM PINTO PACCA,

tenente-coronel.

Ordem do dia do general Ozorio :

Quartel general do commando em chefe do exercito imperial em operações.

Acampamento junto ao Passo da Patria, 12 de Abril de 1866.

Ordem do dia n. 150.

S. Ex. o Sr. general em chefe, cheio de satisfação, manda dar publicidade ás communicações abaixo transcriptas relativamente ao feito d'armas da madrugada do memoravel dia 10 do corrente, inclusive a ordem do dia de S. Ex. o Sr. general em chefe dos exercitos alliados dirigida aos mesmos exercitos.

« Passo da Patria, 11 de Abril. — O general em chefe do exercito alliado. Ao Illm. e Exm. Sr. marechal de campo Manoel Luiz Ozorio, general em chefe do exercito brazileiro. — Tive a honra de receber a nota de V. Ex. desta data, acompanhando cópia dos apontamentos deixados pelo mallogrado tenente-coronel de estado maior de artilharia João Carlos de Willagran Cabrita, chefe da guarnição da ilha em frente a Itapirú, relativa ao ataque, feito á ilha pelos Paraguayos na madrugada de hontem.

« Agradecendo a V. Ex. esta communicação, cumpro o agradavel dever de felicital-o cordialmente, tanto a V. Ex. como ao exercito brazileiro, e mui especialmente aos valorosos soldados da guarnição da ilha, pela brilhante façanha com que illustraram as armas dos exercitos alliados na vigorosa resistencia e repulsa das forças assaltantes.

« Envio a V. Ex cópia authentica da ordem do dia que expedi para os exercitos alliados, em honra dos valentes da ilha da bateria em frente a Itapirú, esperando que V. Ex. se sirva dar della conhecimento ao exercito do seu digno commando.

« Ao terminar esta nota devo consignar tambem o profundo sentimento que me causou a mui sensivel perda do mallogrado tenente-coronel Cabrita, e do major Sampaio, mortos ambos em seu posto de honra, e ao pé da bandeira que tão brilhantemente haviam sustentado no renhido combate da ilha. — Deus guarde a V. Ex. —

(Assignado)

BARTOLOMÉ MITRE. »

« *Ordem do dia*

« O general em chefe dos exercitos alliados. — Recommenda-se á consideração dos exercitos alliados, do Imperio do Brazil, do Estado Oriental e da Republica Argentina, o comportamento brilhante e valoroso da guarnição da ilha de bateria em frente ao Itapirú, na madrugada do dia de hontem.

« Esta guarnição, composta em sua totalidade de forças do exercito brazileiro, do 7º corpo de voluntarios da patria, do 14º batalhão de linha, soldados novos em sua maior parte, e de 100 engenheiros com os artilheiros que guarneciam as peças, rechaçou triumphantemente e com o maior vigor e denodo, fazendo uma sortida, o ataque que lhe levou o inimigo na madrugada de 10, em numero superior, obrigando-o a deixar no campo cerca de dous terços dos seus soldados, mortos, e precipitando o resto nas aguas do Paraguay, onde em sua maior parte encontrou a morte, debaixo do fogo dos canhões da esquadra brazileira, que tão digna e efficazmente contribuiu para complemento deste triumpho.

« Mais de 800 espingardas do inimigo, deixadas no campo, ao lado de 650 cadaveres, e pouco mais ou menos 200 afogados, 30 canôas, grande numero de munições e 30 prisioneiros, entre elles o chefe da expedição, são os tropheus desta victoria, tão gloriosa para o exercito brazileiro e cuja gloria reflecte em honra das armas alliadas.

« — Honra e gloria aos valentes da ilha em frente ao Itapirú !

« Honra e gloria ao mallogrado tenente-coronel Cabrita, que dirigiu com tanto acerto como energia este brilhante feito d'armas, e sucumbiu em seu posto, escrevendo a parte de sua victoria, assim como ao major Sampaio que o acompanhou em seus perigos, e em sua gloriosa morte !

(Assignado).

MITRE. »

« Quartel general, Passo da Patria, Abril, 11 de 1866. — Está conforme. — *J. M. de la Fuente*, secretario de S. Ex. o Sr. general em chefe. »

I. V. PEDERNEIRAS.

Coronel deputado do ajudante general.

92

† Passagem do Paraná (16 de Abril). — Combates da Confluencia (16 e 17 de Abril) Occupação de Itapirú (18 de Abril).— Bombardeamento das trincheiras do Passo da Patria.— Retirada dos Paraguayos

Parte do general Ozorio ao presidente Mitre sobre a pasagem do Paraná, desembarque dos brazileiros e combates de 16 de Abril :

Commando em chefe do 1º corpo do exercito imperial em operações na Republica do Paraguay.

Quartel-general perto de Itapirú, 17 de Abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre.

Tendo hontem ás 9 horas da manhã desembarcado, segundo estava dis-

posto, no territorio inimigo, cerca de meia legua acima da embocadura do rio Paraguay effectuei o conveniente reconhecimento, que dirigi em pessoa, acompanhado de 12 homens de cavallaria; encontrei um profundo e atoladiço banhado vadeavel por um desfiladeiro que dava passagem com agua pelo peito dos cavallos.

Ahi travou o meu piquete uma guerrilha com o inimigo, que se oppôz, sendo o piquete immediatamente sustentado por uma pequena força de infantaria, que mandei seguir-me ao desembarcar. Foi necessario grande esforço para que essas guerrilhas, mui diminutas em numero, pudessem conter o inimigo, que nos aggredia com força das tres armas e em numero avultado, figurando tres batalhões de infantaria, duas peças de artilharia ligeira e cavallaria, que apparecia e desapparecia no bosque ; mas reforçadas as guerrilhas com uma ala do 2° batalhão de voluntarios muito bem commandada, batalhão esse a que pertencia a guerrilha de infantaria, facil foi pôr aos Paraguayos em completa derrota, até á posição que actualmente occupo, em espesso bosque abaixo de Itapirú.

Por ser tarde estabeleci o acampamento das duas divisões e oito peças de artilharia, que compunham a expedição sob o meu commando, em bom campo, com vantajosas posições, e onde póde estabelecer-se todo o exercito, no caso de continuar a chuva que cahe com abundancia desde hontem ás 2 horas da tarde.

Desde o desembarque até este ponto ha uma boa estrada de rodagem, que provavelmente segue para Itapirú. Quando cessou a perseguição que fizemos ao inimigo, o qual embrenhava-se nos bosques que tenho em frente, voltou subitamente á carga um corpo de cavallaria paraguaya contra um piquete do 12 de linha que estava em frente da artilharia; com uma descarga e uma carga de bayoneta do piquete, voltou a cavallaria paraguaya para os seus bosques, deixando alguns mortos.

Tomámos ao inimigo 5 prisioneiros feridos e 41 mortos, tendo a minha força até hontem á noite 3 mortos e 10 feridos, incluso 1 official subalterno. No decurso da noite precedente foram mortos 2 Paraguayos e ferido gravemente um dos que ficaram escondidos nos grandes paues que ha neste campo, e que protegidos pela noite faziam fogo sobre as sentinellas. A's 8 horas da noite atacaram-me a 1ª linha de vedetas, e foram rechaçados, voltando ao paúl donde tinham sahido, e causando apenas leves ferimentos em 3 praças do 1° batalhão de linha, que formava a dita linha.

Ao anoitecer veio ver-me o Sr. general Flôres, com quem desde logo me puz de accordo sobre os ulteriores movimentos.

OZORIO.

P. S. O inimigo apresentou-se hoje forte e combate vivamente.

Carta do general Flôres ao general Mitre sobre a victoria dos Brazileiros no dia 17 e desembarque da segunda expedição :

Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre.

Campo, Abril 17 de 1866.

Meu estimado amigo e general.

O Sr. marechal Ozorio distinguio-se com as forças brazileiras combatendo como heróes.

Hoje tomaram ao inimigo duas peças e uma bandeira.

Já estamos com todas as forças reunidas.

O general Paunero vai fallar-lhe em nome do general Ozorio e meu, para combinar o ataque de Itiparú.

Receba as minhas felicitações pelo triumpho das armas alliadas.

Mande-nos munições e alguns viveres para o primeiro corpo argentino.

Hoje poderão vir as forças que fôr possivel enviar durante o dia apezar de que considero sufficiente a que ha.

VENANCIO FLÔRES.

P. S. — O melhor desembarque é em frente deste campo, não obstante ser a praia um pouco larga.

Parte do general Ozorio ao presidente Mitre sobre o segundo combate da Confluencia, em 17 de Abril e tomada de Itapirú (18 de Abril) :

Quartel general do commando em chefe do exercito imperial ao norte de Itapirú, Abril 18 de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Depois da minha primeira parte datada de hontem ás 8 e meia horas da manhã, quando começava o terceiro ataque do inimigo, occorreu o seguinte.

O inimigo foi outra vez vencido, deixando no campo uma bandeira e mais de 400 mortos, muitos gravemente feridos, alguns prisioneiros, duas peças de artilharia porção de armamento de toda a sorte, e muitos cavallos ensilhados.

O inimigo trouxe a este combate, em um terreno muito es treito, quatro batalhões, tres peças de artilharia e dous esquadrões de cavallaria. Dispuz dous batalhões pela margem do Paraná, flanqueando o inimigo pela esquerda ; tendo este que attender ao fogo dos meus dous batalhões, nos deu o flanco direito, que haviam coberto com sua artilharia, o que reconhecendo mandei atacal-os pelo referido flanco direito por outro batalhão, e, tornando-se geral o choque, a fuga do inimigo, como fica exposto, foi o resultado.

Nossas tropas portaram-se com bizarria, e temos a lamentar a perda de alguns bravos e uns 180 feridos. A pressa com que faço esta communicação a V. Ex. não me dá lugar para mais pormenores, e para fazêl-a com a conveniente regularidade. Accrescentarei que os Srs. generaes Flôres e Paunero, havendo desembarcado na noite de 16 do corrente com as forças orientaes e argentinas que commandam, chegaram hontem á posição que eu occupava, de onde observaram a operação que fica relatada. Felicito a V. Ex. por este successo.

Esta manhã chegaram as nossas forças ao norte de Itapirú, avançando até á ponte do ultimo riacho que nos separa do acampamento inimigo, havendo este abandonado nas ruinas do forte de Itapirú duas peças de artilharia de calibre 68 de primeira classe ; e effectuado a retirada com tanta precipitação que deixou intactas as pontes de communicação deste lado do riacho, duas carretas e porção de munições.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre, digno commandante do exercito alliado em operações contra o Paraguay.

MANOEL LUIZ OZORIO.
Marechal de campo.

Parte do general Flôres ao general Mitre sobre o desembarque da segunda expedição :

O general em chefe do exercito oriental.

Itapirú, 18 de Abril de 1866.

Ao Exm. Sr. brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.

Cumprindo as disposições adoptadas, puz-me em marcha em direcção ao mesmo ponto onde havia desembarcado a primeira expedição invasora do territorio inimigo ás ordens do Exm. Sr. marechal Ozorio, cerca de meia legua acima das Tres-Bocas, no rio Paraguay ; chegando ao referido ponto ás 5 horas da tarde do mesmo dia, immediatamente ordenei o desembarque das forças ás minhas ordens, que se compunham do 1º corpo do exercito argentino e de uma divisão de infantaria pertencente ao exercito oriental.

Tanto pela hora adiantada como por outras difficuldades que offerecia o estado do rio e o mesmo ponto do desembarque, em consequencia da copiosa chuva que cahio, tive de suspender esta operação depois de ter saltado em terra uma parte de referida força, com a qual me puz em marcha, procurando incorporar-me ao Exm. Sr. marechal Ozorio, atravessando para este fim todo o espaço que d'elle me separava, e que é todo um continuo e profundo banhado, conseguindo pôr-me em communicação e accordo com o mesmo Exm. Sr. general n'essa noite.

Na manhã de hontem o Sr. general Paunero, de conformidade com as instrucções que lhe havia dado, continuou o desembarque do resto da força ás minhas ordens, sem desastre algum, incorporando-se logo a mim.

Reunida assim toda essa expedição de combinação com a 1ª do Sr. marechal Ozorio, temos seguido avançando até este ponto, tendo antes tido lugar, na manhã de hontem, o ataque ás forças brazileiras por parte de outras paraguayas, de que terá informado a V. Ex. o dito Sr. marechal, assim como do seu brilhante resultado para as armas alliadas.

Felicito a V. Ex. pelo exito feliz que teve o plano combinado para a invasão do territorio inimigo, realisado com tanta perda e desmoralisação para este, como gloria e honra para os exercitos alliados.

Deus guarde a V. Ex.

Venancio Flôres.

Parte do general Mitre ao vice-presidente da Republica Argentina sobre a passagem do Paraná, combates da Confluencia e occupação de Itapirú :

O general em chefe do exercito alliado.

Quartel-general nas ruinas do Itapirú, 19 de Abril de 1866.

Ao Exm. Sr. vice-presidente da Republica Argentina D. Marcos Paz.

Tenho a honra de remetter a V. Ex. o boletim n. 2 do exercito alliado, contendo as partes que noticiam a invasão do territorio inimigo pelo Passo da Patria, pelas forças do exercito alliado, feliz e glorioso acontecimento que succedeu no dia 16 do corrente, assim como dos combates sustenta-

dos por essas mesmas forças contra outras do inimigo, que se oppuzeram á passagem no acto de effectuar-se o desembarque, e outras que se apresentaram a meio caminho de Itapirú; tendo-se em ambos os encontros conduzido as ditas forças, na sua totalidade brazileiras e ás ordens do Sr. marechal Ozorio, com toda a honra e bizarria, derrotando o inimigo e causando-lhe sensiveis perdas em mortos, feridos e prisioneiros, e arrancando-lhe como trophéo uma bandeira paraguaya e duas peças de artilharia. Felicito a V. Ex. por estes importantes feitos de tanta transcendencia para os ulteriores da campanha, e que tanto honram os governos e povos alliados.

Deus guarde a V. Ex.

BARTHOLOMÈO MITRE.

Ordem do dia do general Ozorio sobre a passagem do Paraná e combates da Confluencia :

Quartel general do commando em chefe do 1° corpo do exercito em operações.

Acampamento na Republica do Paraguay, junto ao Passo da Patria, 25 de Abril de 1866.

Ordem do dia n. 152.

S. Ex. o Sr. general em chefe, congratulando-se com o exercito de seu commando pelo feliz successo da operação que nos deu a posse das posições que occupava o inimigo n'esta margem do Paraná e conseguintemente a passagem franca dos exercitos alliados para o territorio paraguayo, manda fazer publicas ao mesmo exercito as partes especiaes dos corpos das duas divisões que compuzeram a expedição, os quaes tiveram occasião de se encontrar em combate com o inimigo, afim de que chegue ao conhecimento de todos o modo porque foi apreciado o comportamento d'aquelles que se distinguiram.

S. Ex. não acredita que os dignos commandantes, a quem coube a gloria de levar seus commandados a combate, deixem de ser rigorosamente justos na relação dos factos e nas informações sobre os seus autores ; comtudo se por qualquer omissão ou engano alguma das mesmas informações fôr incompleta ou menos justa, permitte que os prejudicados reclamem pessoalmente a S. Ex.

Outrosim, dirigindo S. Ex. em pessoa as operações e não permittindo a estreiteza e condições especiaes do terreno por onde foi atacada a força inimiga, que as duas divisões ou suas brigadas se desenvolvessem com todos os seus elementos, o mesmo Exm. Sr. julga do seu dever dar directamente conhecimento ao exercito do procedimento dos officiaes e praças que, ou por pertencerem a corpos especiaes, ou por exercerem funcções do estado-maior, não podem ser contemplados nas partes dos commandantes dos corpos, que abaixo vão publicadas.

Os Srs. brigadeiros Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, chefe do estado-maior, Antonio de Sampaio, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, commandantes da 3ª et 1ª divisões; os Srs. coroneis Jacintho Machado Bittencourt, commandante da 7ª brigada e que commandou a força da vanguarda no ataque da manhã do dia 17 : Carlos Resin, commandante da 10ª brigada ; André Alves Leite de Oliveira Bello, da 5ª : e D. José Balthazar da Silveira, da 8ª : não desmentiram o conceito de que gozam, guardando seus res-

pectivos postos com serenidade, activando e dirigindo cada um em sua parte o movimento das fracções de forças do seu respectivo commando, á medida que as circumstancias do terreno o permittiam, ou que a necessidade se apresentava de reforços n'este ou n'aquelle ponto.

Os officiaes que compunham o estado-maior de cada um d'estes generaes e commandantes de brigada não deixaram de desenvolver a actividade precisa e exigivel, quando a qualquer d'elles cabia a vez de transmittir ordens ou guiar forças.

Os Srs. commandantes dos corpos que tomaram parte nos combates parciaes e geraes dos dias 16 e 17 do corrente até chegarmos a tomar posse do forte de Itapirú e suas vizinhanças, são especialmente felicitados por S. Ex. pelo sangue frio, valor e actividade que patentearam. O Sr. major Manoel Deodoro da Fonseca, commandante do 2° de voluntarios, dirigindo com denodo a vanguarda, composta das fracções de differentes corpos que já haviam desembarcado no momento em que o piquete de S. Ex. se achava em luta com o inimigo no desfiladeiro do banhado, avançando intrepidamente em apoio do mesmo piquete e obrigando o inimigo a bater-se em retirada, prestou relevantissimo serviço na protecção do desembarque da nossa força. Os Srs. tenentes-coroneis Domingos José da Costa Pereira, commandante do 12° batalhão de infantaria; Joaquim Mauricio Ferreira, do 10° corpo de voluntarios; Francisco Antonio de Souza Camisão, do 8° batalhão de infantaria; Salustiano Jeronymo dos Reis, do 2° da mesma arma; majores Francisco Frederico Figueira de Mello, commandante do 26° corpo de voluntarios; Francisco Maria dos Guimãraes Peixoto, commandante do 1° batalhão de infantaria; Augusto Cesar da Silva, commandante do 13° da mesma arma; João de Souza Fagundes, commandante do 16° da mesma arma; e Innocencio Cavalcanti de Albuquerque, commandante do 11° corpo de voluntarios, cujos corpos tiveram occasião de entrar em fogo no dia 16 e principalmente no dia 17, mostraram-se dignos da confiança que até ao presente tem merecido de S. Ex.

O Sr. tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, commandante do 1° regimento de artilharia a cavallo, que dirigia as 8 bocas de fogo que acompanhavam a expedição, confirmou os seus precedentes, desenvolvendo a actividade, bravura e energia que ha muito lhe são conhecidas.

O Sr. tenente-coronel José Carlos de Carvalho, chefe da commissão de engenheiros, que acompanhou o Sr. general em chefe no dia 16, mostrou-se activo e zeloso em coadjuval-o n'aquillo para que podia concorrer.

Não tendo sido possivel embarcar todos os animaes dos ajudantes d'ordens e mais officiaes em serviço junto a S. Ex., bem a seu pezar ficaram do outro lado alguns d'estes; esta desagradavel occurencia, porém, fez com que os que o acompanhavam mais desenvolvessem a sua actividade, para preencherem a falta de seus camaradas que não puderam passar.

O Sr. tenente-coronel João Simplicio Ferreira, empregado junto a S. Ex., cuja bravura já ha muito é conhecida, fez excessos de energia; o Sr. tenente Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante do piquete de S. Ex., o mesmo que no ataque da ilha fez-se admirar dos seus camaradas pelo valor e energia que desenvolveu, não foi menos admiravel combatendo com a pequena forças de cavallaria que primeiro teve de fazer frente ao inimigo, continuando depois a exercer com a mesma energia as funcções de ajudante de ordens; os Srs. tenente-coronel Candido Antonio Figueiró, capitães do 3° regimento de cavallaria ligeira Izidoro Fernandes de Oliveira, e do 1° corpo da brigada ligeira Luiz Alves Pereira, que n'esta occasião fizeram parte do estado maior de S. Ex., ajudantes de campo,

tenente Manoel Jacintho Ozorio e alferes Manoel Luiz Ozorio, portaram-se muito dignamente, nada deixando a desejar no cumprimento de seus deveres.

S. Ex. elogiando a intrepidez e serenidade do Sr. capitão Luiz Costa, commandante dos poucos atiradores a cavallo da brigada ligeira que n'aquella occasião formavam o seu piquete, lamenta profundamente que tivesse a infelicidade de ser baleado gravemente no combate da manhã de 17.

Os mais officiaes, inferiores e soldados que compunham o piquete de S. Ex. cumpriram o seu dever.

Plenamente satisfeito do comportamento dos poucos batalhões que têm tido occasião de medir-se com o inimigo, S. Ex. reconhece com prazer que, além do brio natural que anima e enche de valor o soldado brazileiro no combate, não têm sido perdidos os esforços empregados em sua disciplina e instrucção, e que os differentes chefes têm correspondido bem á confiança que lhe hão merecido.

S. Ex. o Sr. general em chefe entende que faltaria a um dever sagrado se n'esta occasião e perante o exercito de seu commando deixasse de manifestar-se grato aos nossos bravos irmãos da marinha e ao seu digno chefe pelo muito que concorreram para o feliz exito da nossa expedição, já coadjuvando o transporte das tropas para este lado, já metralhando o inimigo e desconcertando-o em sua retirada, já finalmente bombardeando o seu decantado acampamento entrincheirado no Passo da Patria, sendo só á ella devido o desalojamento precipitado do grosso de suas forças, que, guardadas em suas trincheiras, julgavam poder-nos impedir o passo para o Humaitá.

INNOCENCIO VELLOSO PEDERNEIRAS.

Coronel, deputado do adjudante general.

Na ordem do dia n. 153 (de 10 de Maio) lê-se o seguinte :

S. Ex. o Sr. general em chefe, tendo em attenção a reclamação do Sr. major F. Agnello de Souza Valente, sobre a falta de indicação do seu nome e corpo na ordem do dia relativa aos combates de 16 e 17 de Abril, ao passo que alli se acha mencionado o 11° corpo de voluntarios, que n'aquellas jornadas fez o mesmo serviço que o seu corpo, protegendo a artilharia, manda declarar que houve a seu respeito omissão, devida a se ter desencaminhado a sua parte.

. . . .

Das 2 companhias do 16° batalhão de infantaria (7ª e 8ª) que avançaram por ordem superior em protecção da bandeira do 8° da mesma arma, no combate de 17 do proximo passado, a 8ª foi commandada pelo Sr. alferes do respectivo batalhão Pedro Joaquim Alves, levando por subalterno o alferes Constancio Quirino de Aguiar e Silva, conforme declarou o commandante do batalhão, e não por este ultimo, como está dito na parte do commandante do 8° batalhão ultimamente publicada.

INNOCENCIO VELLOSO PEDERNEIRAS.

Coronel, deputado do adjudante general.

Parte official do general Ozorio, dirigida ao ministro da guerra, sobre a passagem do Paraná e os combates da Confluencia em 16 e 17 de Abril :

Commando em chefe do 1° corpo do exercito imperial em operações na Republica do Paraguay.

Quartel general acima do forte de Itapirú, 20 de abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Apenas agora me é dado cumprir o dever de communicar a V. Ex. o occorrido de 15 do corrente até hoje.

De conformidade com o plano combinado, tendo feito na noute de 15 do corrente embarcar duas de nossas divisões (1ª e 3ª) ao mando dos brigadeiros Alexandre Gomes de Argolo Ferrão e Antonio de Sampaio, e 8 bocas de fogo do 1° regimento de artilharia a cavallo, precedidos os necessarios reconhecimentos, comecei ás 10 horas da manhã de 16 a fazer effectuar o desembarque dessas forças sobre a margem esquerda do rio Paraguay, pouco acima da confluencia deste com o Paraná.

Para avançarem as tropas apenas, pude encontrar menos intransitavel um desfiladeiro : por elle, em grande parte coberto d'agua, tinha feito para os reconhecimentos avançar o meu piquete, unica força de cavallaria de que alli dispunha, e que, fiz logo em seguida apoiar pelo 2° corpo de voluntarios, duas campanhias do 2° batalhão de infantaria, e uma do 11° tambem de voluntarios, primeiras forças da 1ª divisão que haviam desembarcado, e que, commandadas pelo bravo major em commissão Manoel Deodoro da Fonseca, marcharam ao encontro do inimigo, que logo ao sahir do desfiladeiro desalojaram das primeiras posições que occupava, tal foi o vigor com que sobre elle carregaram.

Tendo avançado essas primeiras forças, entretanto que o desembarque continuava a effectuar-se, pude fazel-as logo apoiar por outras do 12° batalhão de infantaria de linha e 11° de voluntarios d'a patria, e varios corpos da indicada 1ª divisão, que, sob o commando de seu respectivo chefe, o brigadeiro Argolo, e com duas bocas de fogo, commandadas estas pelo bravo tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, ordenei seguirem para coadjuvar áquellas, desalojarem o inimigo e occuparem as posições mais vantajosas que lhes fossemos tomando, para que tivessemos espaço onde podesse estabelecer o nosso exercito.

Apezar da tenaz resistencia do inimigo, que dispunha de força superior a 2.000 homens de infantaria e cavallaria, achavamo-nos ás 2 horas da tarde de posse de um campo facil de guardar, e com capacidade precisa para receber as nossas tropas e as dos nossos alliados.

Assim, pois, não se tendo ainda então terminado o desembarque de toda a força das nossas duas divisões, o que só a uma hora da tarde teve lugar, não se havendo effectuado o das divisões do exercito alliado, que só se verificou ao anoutecer do indicado dia 16, e tendo sobrevindo uma forte tempestade acompanhada de copiosissima chuva, ordenei que fosse devidamente coberto o campo de que estavamos de posse, e que nelle bivacassem nossas tropas, cujas avançadas não cessaram de ser durante a noute aggredidas, nem tão pouco de repellir devidamente os aggressores.

Tendo ellas durante a noute dado parte da approximação de mais numerosas forças inimigas, com artilharia e cavallaria, tomei as providencias que me pareceram acertadas, e puz á disposição da 1ª divisão, além do 12° batalhão de infantaria, que já com ella tinha embarcado, o 8° tambem de infantaria, e o 10° de voluntarios, pertencentes á 8ª brigada da 3ª divisão.

Passou-se a noute sem mais occurrencias notaveis : ao amanhecer, porém, do dia 17, apresentou-se o inimigo energicamente carregando sobre nossa linha, com forças mais consideraveis das tres armas : não obstante, porém, não permittir o terreno o desenvolvimento conveniente das forças, providenciei como cumpria, e não levou mais de duas horas sem pagar elle o seu arrojo, sendo completamente derrotado, com perda de uns 500 homens, entre mortos e feridos, que deixou no campo, e duas bocas de fogo, uma bandeira e 300 espingardas e porção de munições. A perda nossa foi 64 mortos, inclusive 2 officiaes e 288 feridos, como verá V. Ex. do mappa junto.

Rechaçado o inimigo, conservei-me nas posições em que estava até ás 7 horas da manhã do dia 18, em que, terminado o desembarque das tropas e da parte mais indispensavel do material de guerra, segui juntamente com as divisões alliadas, que se nos haviam reunido durante o dia 17, em direcção ao campo entrincheirado do Passo da Patria, onde se acha concentrado o exercito inimigo, que temos em frente a alcance de fuzil.

E' para mim summamente grato poder communicar a V. Ex. que o comportamento das nossas tropas nos diversos encontros que temos tido com o inimigo tem sido o que era de esperar e desejar : summamente distinctas e bravas no combate, tanto quanto compassivas e humanas para com o inimigo vencido.

Congratulo-me com V. Ex., a quem com a possivel brevidade remetterei a relação dos officiaes e praças que mais se distinguiram, e algum esclarecimento mais de que porventura possa ainda carecer esta succinta exposição, que não terminarei sem declarar, como tanto folgo de poder fazel-o, que muito valiosa nos tem sido a coadjuvação de nossa distincta esquadra.

E bem assim declarar que o brigadeiro Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, chefe do estado-maior, apezar do mau estado de sua saude, me acompanhou nesta primeira jornada, e com a costumada serenidade transmittiu as ordens que lhe dei.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.

MANOEL LUIZ OSORIO.
Marechal de Campo.

Parte official do almirante Tamandaré ao ministro da marinha, Silveira Lobo, sobre a passagem do Paraná (16 de abril), *bombardeamento do Passo da Patria e retirada dos Paraguayos :*

Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor « *Apa* » no Passo da Patria, 27 de Abril de 1866.

Illm. e Exm. Sr. — Cumpre-me relatar a V. Ex. a parte que tem tomado a esquadra do meu commando nos ultimos successos do theatro da guerra.

O plano combinado para o desembarque do exercito no territorio inimigo produzio o melhor resultado que se podia esperar.

O ponto escolhido para esta operação na embocadura do Rio Paraguay e as posições tomadas pela esquadra não permittiram ao inimigo tirar partido das vantagens que lhe pertenciam pelo conhecimento do terreno, e pela presença do grosso do seu exercito, impossibilitado de mover-se do seu acampamento permanente do Passo da Patria.

A ordem da esquadra no dia 16 emquanto desembarcava a 1ª expedição do nosso exercito foi o seguinte :

A 2ª divisão, com o encouraçado *Barroso*, a *Belmonte*, a *Itajahy* e o *Henrique Martins*, que devia ter occupado uma posição conveniente para bombardear o acampamento inimigo, conservou-se no dia 16 pouco acima da ilha da Bateria (1), em consequencia de haver encalhado o primeiro destes navios ;

A 3ª divisão com os vapores *Magé*, *Beberibe*, *Ivahy* e *Iguatemy* ficou formada em linha no Rio Paraguay no lugar do desembarque (2) ;

A 1ª divisão com o *Brazil*, *Bahia*, *Parnahyba*, *Mearim*, *Ypiranga*, *Greenhalg* e *Araguay* formou uma linha desde o forte de Itapirú até as Tres-Bocas.

Os vapores empregados no transporte da 1ª expedição das tropas brazileiras foram as segintes : — *Izabel*, *Presidente*, *Marcilio Dias*, *Duque de Saxe*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Whiteinch*, *Wiper*, *Suzan Bearne*, *Beberibe* (3). *Voluntario da Patria* e *General Ozorio*, muitas chatas, pontões e canoas á reboque.

As tropas orientaes tambem foram transportadas nos vapores *Izabel* e *Whiteinch* (4).

As forças do general Mitre embarcaram nos vapores argentinos *Guardia Nacional*, *Pavon*, *Provedor*, *Buenos-Aires* e *Libertad*.

Em consequencia de um forte temporal, que sobreveio á 1 hora da tarde, só desembarcou no dia 16 a 1ª expedição brazileira, composta de duas divisões de infantaria, cujos primeiros passos no territorio inimigo foram dirigidos por seu proprio general em chefe, o Exm. Sr. marechal de campo Manoel Luiz Ozorio.

Duas vezes forças inimigas tentaram atacar esta expedição, nos dias 16 e 17, mas foram repellidas, deixando mais de 400 mortos no campo, 2 peças de artilharia, 1 bandeira, muito armamento de mão e 14 prisioneiros em nosso poder.

No dia 17, logo que começou o bombardeamento pela esquadra, foi abandonado o forte de Itapirú.

Os vapores *Henrique Martins* e *Greenhalg*, que tiveram ordem para sondar o canal entre a ponta de Itapirù e a ilha de Sant'Anna, tiveram de sustentar durante 2 horas vivo fogo de fuzilaria e artilharia com uma força paraguaya oculta em ranchos, e fossos na enseada do forte, conseguindo fazerem cessar o fogo do inimigo. O primeiro destes navios teve 1 soldado morto e 4 feridos, e o segundo 4 imperiaes marinheiros feridos e algumas avarias de pouca importancia.

Durante o dia 17 continuaram a passar as infantarias brazileiras e argentinas, e a 2ª divisão da esquadra começou a bombardear o acampamento inimigo.

---

(1) Ilha da Redempção ou de Itapirú.

(2) Não obstante ser esta a verdade, escreveu Thompson em sua obra o seguinte : — « When they (os brazileiros) crossed the river, however, *they placed no gunboats in the River Paraguay, as they should have done*, to protect the landing or their troops, but only ranged their steamers in line of battle along the Paraná, from Itapirú to the mouth of the Paraguay. »

(3) Assim está no original que se guarda no archivo da secretaria de estado dos negocios da marinha; mas ha engano. O secretario do almirante escreveu *Beberibe* em vez de *Berenice*, que era o nome desse transporte.

(4) Depois que estes transportes voltaram, tendo deixado no territorio a 1ª expedição, composta exclusivamente de tropas brazileiras.

No dia 18 avançou o exercito até o arroyo que flanqueava a direita do acampamento inimigo.

A esquadra tambem avançou até a mesma altura.

No dia 23 o inimigo, convencido de que não podia sustentar-se no Passo da Patria sem soffrer as consequencias do bombardeamento da esquadra, abandonou seu acampamento, entregando-o ás chammas.

No dia 25 foi o campo abandonado pelo inimigo occupado pelo nosso exercito.

O inimigo conserva-se no lugar denominado Bañado Cambao (?), meia legua para o interior (1).

Para transpôr a lagoa que cercava o acampamento inimigo encarreguei o Sr. capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues de coadjuvar a commissão de engenheiros na construcção da ponte fluctuante por onde passaram as tropas, artilharia e material dos exercitos alliados.

O Sr. capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim foi o encarregado do embarque e desembarque das tropas.

Por tão faustosos acontecimentos tenho a honra de felicitar a V. Ex e ao governo imperial.

Deus guarde a V. Ex.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

93

† *Um documento paraguayo* (ataque da Ilha da Redempção em 10 de Abril de 1866).

Em uma das notas do cap. IX promettemos transcrever integralmente o boletim em que Lopez descreveu o ataque da Ilha da Redempção em 10 de Abril de 1866.

Benjamin Poucel achou admiravel esse documento, e sobre elle escreveu o seguinte *(Le Paraguay Moderne, pag. 256) :*

« La lecture de ce bulletin présente, dans son ensemble, un intérêt singulier. D'abord, c'est le premier document émané du quartier général paraguayen qui soit parvenu en Europe, et la preuve de son authenticité, si elle ne ressortait pas de sa facture même, se trouverait dans la transmission qu'en ont faite les journaux des alliés eux-mêmes. En le lisant avec soin, on y remarquera trois conditions saillantes : la simplicité du récit, quant aux faits ; la fermeté et la persistance dans la résolution, et enfin le lyrismo de l'expression. Les deux premières conditions dénoncent la sérénite du caractère paraguayen, une grande hardiesse de conception et une vigueur non moins grande dans l'exécution; et la troisième, qui semblerait trop colorée pour le style sévère de l'histoire des batailles, n'est que l'effet naturel de l'imagination vive et puissante de l'esprit américain. Nés au milieu des magnificences d'une nature à proportions immenses, et qu'on pourrait appeller *hyperboléenes*, si on les compare à celles du sol européen, il est facile de comprendre qui l'hyperbole soit, pour ainsi dire, l'atmosphère normale de l'imagination des Américains. Cette remarque, qui doit s'appliquer, littéralement parlant, à toute production américaine.

(1) Conservava-se o inimigo ao norte do Estero Bellaco.

explique le lyrisme du style de ce document, lyrisme si justement surexcité, du reste, par la plus grande passion qui puisse vibrer au cœur de tout un peuple qui défend ses pénates menacés. »

Vae o leitor apreciar por si mesmo o curioso documento, e, informado dos factos, pasmará do desembaraço com que o dictador Lopez convertia em victorias as suas derrotas, fornecendo thema para as noticias e apreciações falsas que a *Revue des Deux-Mondes*, a agencia *Havas* e os mais acreditados jornaes europeos espalhavam pelo mundo inteiro.

Boletin del Ejército. N. 4.

Paso de la Patria, Abril 10 de 1866

En la guerra de conquista, de desolacion y de muerte que traen al Paraguay el pretencioso Imperio del Brasil y sus aliados, sin mas ley que la esclavitud, sin mas razon que la codicia, sin mas justicia que el ejercicio de sus pretenciones tradicionales de absorver territorios y coartar la libertad y el derecho de pueblos tranquilos y laboriosos, han creido deprimir y anonadar al Paraguay, borrar su nombre de la carta geografica, cortar de raiz la flor de su progreso que veian brotar con todos sus encantos, y ahogar en el fondo del corazon de todos sus hijos ese espíritu viril, noble, resuelto, emprendedor y entusiasta que inspiraba sérios temores, muy especialmente á los intentos del Imperio, para de este modo edificar sobre su ruina el Imperio de su poder y la respetabilidad de su nombre; *nombre escarnecido y despreciado por la antipatia natural que inspira esa nacion cobarde, presuntuosa inmoral, esclavisadora e hypocrita, que es la salteadora de los pueblos débiles, la que se complace en hacer derramar lágrimas y sangre, y destruirlos con el derecho de la fuerza, ó la astucia y malignidad de su diplomacia.*

Pero Dios que vela sobre la justicia y la razon de los pueblos ha hecho ya en el curso de la guerra que las pretensiones de la alianza no sirvieran sino para arrojar el ridiculo sobre ella, permitiendo que la nacion á quien creyó pulverizar, se elevase por la revelacion de su poder, mostrandose al mundo como la mas ardorosa sostenedora de su honor, como un pueblo valiente y decidido que, solo en la arena contra tres Estados, defiende con su proprio y mas positivo derecho, el bienestar, la paz y el porvenir de los americanos, que tienen el interés de ver sostenido en su libertad, progreso y engrandecimiento.

Toda vez que esos ambiciosos, dejando de correr á nuestra vista, resolvieron cruzar sus armas con las nuestras, les hemos mostrado su impotencia ante el temple, la fuerza y el poder que tiene un pueblo brioso y decidido.

Nuestra hoja anterior habia consignado uno de esos brillantes hechos de armas con que hemos deprimido al enemigo en medio de todo su Ejército por algunos centenares de nuestros infantes (1); la aparicion de la presente no es de menos significacion, pues viene a anunciar una gloriosa jornada, que acaba de colocar una nueva estrella sobre la frente laureada de los valientes soldados del Ejército, que dejan confirmados uma vez mas

---

(1) **O boletim refere-se ao combate de Corrales.**

su bizarria y heroismo con la invencible pujanza de sus armas, y el crudo escarmiento que el enemigo ha recibido en el centro mismo de sus recursos y de su mayor poder.

Tiempo hace que despues de haber dado un paseo por su territorio, de pié y con el arma al hombro, esperamos que el enemigo, cumpliendo su promesa á los suyos, y su amenaza para nuestra destruccion, venga á probar lo que vale un pueblo libre, valeroso y patriota; pero hasta aqui, á pesar de todo su alarde y presuncion, no se ha atrevido á pisar nuestro suelo, y hemos tenido, necesidad de trasportarnos á su territorio y a sus posiciones toda vez que hemos querido darle el castigo que merece su torpe atentado.

Veinte y quatro dias hace que su fuerza naval ha hecho su aparicion, y amenaza nuestras costas; créidos estabamos entonces de que no demoraria el pasage de los Ejércitos que cinco meses ha se mantienen inactivos en la provincia de Corrientes; pero en todo este largo intervalo el gran poder naval de la alianza no ha hecho sino arrojar sobre si el ridiculo, haciendose el juguete de miserables lanchones que burlan su bloqueo y hostilizan sus buques, y pasando largos dias en bombardear sin resultado alguno la abandonada fortaleza de Itapirú, que con un solo cañon y algunos infantes inpone respeto á la alianza, aterroriza á sus vapores, y le pone en la tremenda irresolucion de pisar nuestras playas.

Llevando su prurito por que las costas de Itapirú sean abandonadas por nuestros soldados, y visto el efecto absolutamente negativo de su largo y continuado bombardeo efectuado con las piezas de los buques, y los morteros, que han colocado en el puerto Aranda, resolvió ultimamente trasladar sus baterias en el banco fronterizo á Itapirú, de donde á menor distancia, creyó hacer mas efectivo su propósito.

Los esforzados soldados del ejército, suceptibles del honor nacional, y pretestando talvez un motivo, con tal de probar sus fuerzas con el enemigo, que es ahora todo su deseo, y toda su esperanza, han pedido de consuno y con instancias para que fuesen enviados á escarmentar á los que se habian atrevido á posesionarse del Banco de Itapirú, puesto que no habian de permitir que pisasen impunes el territorio de la Republica, y que como tal debia considerarse ya el lugar de la ocupacion.

La simple dominacion del lugar del combate, de la pozicion ocupada por el enemigo, del numero de bravos que fueron á lanzar el reto de muerte á sus provocadores y de la naturaleza del combate, recopila todo el elogio que puede hacerse á la resolucion, arrojo y valor de nuestros invictos hermanos.

El Banco, separado de nuestra costa por un canal de 1,500 varas, y por casi igual espacio de la playa enemiga, punto centrico del movimiento de 40 vapores de guerra, conteniendo muchos cañones y morteros de grueso calibre perfectamente parapetados, y guarnecidos por numerosos artilleros e infantes, atrincherados con la mayor precaucion; hé aqui el punto, y la posicion del enemigo, que ha sido asaltada en la mañana de este dia por 4 compañias del batallon n. 9 y un escuadron de caballeria al mando de los tenientes Pablo Cabrera y Leonardo Riveros los primeros, y el escuadron al mando de los subtenientes Matias Bargas y José de Jesus Martinez.

Al venir el alba, 29 canoas condujeron á nuestros soldados, que llenos de resolucion y alegria, se lanzaban á la lid, ofreciendo todas las ventajas á sus adversarios. Fueron sentidos y hostilizados por la infanteria, y tocaron playa en medio de las balas enemigas; esto no desconcertó á nuestros valientes, pues avanzaron en perfecta órden y grande arrojo hasta obligar

á la infanteria á resguardarse tras de sus trincheras, dejando sus muertos e heridos.

Aqui nuestros soldados, sin mas parapeto que su proprio pecho, sufrieron um fuego mortifero de los resguardados batallones enemigos; pero, sin arredrar-se por la lluvia de balas, y la desproporcion del ataque, arremetieron con furia, saltaron el parapeto, se apoderaron de las piezas de cañon, y de todas las posiciones occupadas por la infanteria, y á bayoneta y sable hicieron una carniceria horrible en las filas enemigas (1), obligando á los esclavos á dar gritos de misericordia, y pedir de rodillas y con las manos juntas para que les perdonasen la vida. Tan baja y miserable era aquella canalla que arrollados y vencidos, lloraban desesperadamente, diciendo que se rendian, y que ellos eran Paraguayos.

Todo estaba perdido para el enemigo; y así lo comprendieron los buques de su escuadra, que desesperados ya del exito, comenzaron á tirar bombas y metrallas donde quiera que veian hacerse fuego, ajudandonos así á matar á sus compañeros. El campo del combate quedó cubierto de cadáveres, toda la guarnicion del Banco, artilleros y batallones de infanteria, habia caído bajo el empuje de nuestras armas, y nuestros soldados hacian resonar los gritos de victoria, dueños ya del lugar de la accion. En tanto que tenia lugar el encarnizado combate, la escuadra, llena de sobresalto, continuaba en movimiento, y mientras algunos buques se dirigian á cortar la retirada á nuestras canoas, otros transportaban infanteria, y numerosas lanchas cargadas de soldados partian de la costa enemiga á atacar á los nuestros (2). Observado esto por el comandante Diaz, que dirigia la operacion, y previendo que aquellos valientes, canzados como es natural por el reñidísimo combate que habian sostenido por mas de una hora, encontrandose debilitados por muchos heridos y muertos ya en aquel ataque de ejemplar resolucion, tuvieran necessidad de refuerzo para hacer su retirada, lanzó 4 otras compañias del batallon n. 3 al mando de los tenientes Mateo Morel y Ciriaco Vera, y aunque la comunicacion estaba impedida por la escuadra que se hallaba en movimiento, el n. 3 pudo llegar á protejer sus hermanos y tomar parte en la dura refriega que dieron á los refuerzos que llegaban continuamente, puesto que la guarnicion de la isla se habia exterminado á sable y bayoneta (3).

La interrupcion se habia previsto y 2 baterias de artilleria lijera al mando del mayor Alvarenga y á las inmediatas ordenes del capitan Hermosa, se habian parapetado en la playa para hostilizar á los buques que se aproximaram. Estas baterias rindieron importantes servícios, rechazando por dos veces á los vapores, é inutilizando a 3 de ellos, con lo que tuvieron que recurrir á sus encorazados para sufrir su fuego, y embarazar la communicacion. A pezar de esto sobró animo y resolucion á nuestra tropa del Banco, y la fuerza fresca que llegó primero, de 3 batallones, fué recibida con un fuego vivissimo, y con la bayoneta, no habiendo podido esta rechazarla de su posicion conquistada sino cuando se ha retirado con sus heridos ante mas y mas refuerzos á que era humanam-nte imposible resistir.

Conseguido ya el objeto de la espedicion con el tremendo escarmiento de los esclavos que quedaron en el campo cubierto de polvo y de Sangre, y

---

(1) Vej. Cap. IX, nota 1ª, pag. 283. No combate só tivemos 48 mortos, 102 feridos e 3 extraviados. No bombardeamento que se seguio tivemos mais 3 mortos e 1 ferido.

(2) Os tres unicos navios que cortaram a retirada aos que estavam na ilha e impediram o embarque de reforços inimigos foram as canhoneiras *Henrique Martins* (2 peças de 32), *Greenhalg* (2 peças de 32) e o aviso *Chuy* (1 rodizio de 32).

(3) O leitor já sabe que a guarnição da ilha não recebeu reforço algum.

brillantemente cubierto el honor de nuestras armas, se replegaron nuestros bravos, recogiendo sus heridos; y teniendo tiempo hasta de traer espadas, gorras de oficiales y otros trofeos, por medio de los vapores enemigos, que no tuvieron el poder de impedirles el páso con sus progectiles, hicieran su retirada, y tocaron nuestra playa.

Nunca hemos sostenido um combate tan desigual en número y elementos. Nuestros soldados hícieron frente por 1 1/2 hora a 3,000 Brasileros (1), resístíeron á la hostílídad de toda la esquadra, y la oposicion inmensa que la naturaleza misma les hacia en aquella posicion.

Hemos perdido 7 canoas, tenemos muchos heridos, y deploramos la muerte de oficiales y soldados. Indispensable és este sacrífício en una lucha de la naturaleza de la que se ha sostenído con todo el honor de nuestras armas, pero esos mártires de su patria, que han sellado con su sangre la santidad de su causa tienen el premio de la gratitud pública, y de la proteccion de sus familias por el Supremo Gefe del Estado, que sabe premiar la suprema virtud del patriotismo.

No hay punto de comparacion entre el daño que hemos recebido, y las proporciones de la perdida del enemigo. Incalculabre es la baja que ha sufrido ; algunos gefes y muchisimos oficiales han muerto, y soldados por centenares cubren el campo del combate ; 2 chatas cargadas de gente fueron sumergidas por el cañon de Itapirú, debida una de ellas a la punteria del coronel Bruguez que por alli se hallaba de paseo ; tiene 3 buques completamente inutilisados, 1 echado a pique por la misma bala recogida del enemigo por el subteniente 1° de marina Domingo Antonio Ortiz (2), y el desaliento de sus soldados despues de escarmiento tan ejemplar, no viendose seguros en medio mismo de su mayor poder, debe necesariamente producir el abatimiento moral en aquellos corazones envilecidos.

Aquellos indignos que pedian la vida a nuestros soldados, ya cuando estes desocuparon el campo, en su desesperacion y rabia, y como triste espansion de una verguenza cruel, quedaron alli complaciendose en fuzilar el cadaver de los que quedaron en su poder.

Los cañones de las baterias enemigas han estado en nuestro poder (3), y si no forman ahora el trofeo del valor de nuestros bravos, deben á su escesivo peso que hicieron imposible arrastrar hasta nuestras canoas. El castigo que hemos dado á la allianza fué terrible ; el honor nacional está cubierto, y el soldado paraguayo ha creado un precedente mas para la respetabilidad de su nombre.

No hay como acabar de ponderar la serenidad y el arrojo de nuestros soldados. La infanteria fué el terror de sus adversarios, y la caballeria en su *debut*, no habiendo querido llevar mas arma que el sable, tomó la vanguardia y tronzó con su arma las filas enemigas como lo hicieron en un bosque de arbustos, respondiendo con bravura tan ejamplar muy cumplidamente á las esperanzas que teniamos en esa falanje robusta y decidida, mereciendo el aplauso general de sus mismos compañeros los infantes.

La caballeria ha llegado con su sable en mano al borde de los fosos para acuchillar á los infantes enemigos que asi parapetados hacian un vivo fuego, y si nuestros infantes en vez de detenerse á hacer uso de sus balas contra esos mismos fosos como ha sucedido con alguns pelotones

---

(1) Os 900 homens de guarnição são elevados a 3.000.

(2) Tudo isto é inexacto. Só foram mettidas a pique pelas balas de Itapirú uma lancha a vapor e uma chata.

(3) Falsidades desta ordem eram repetidas na Europa por jornaes sérios e até pela *Revue des Deux Mondes* e pelos correspondentes da acreditada agencia *Havas!*

hubieran tambien llegado con sus bayonetas al borde de los fosos á ejemplo de los sableadores, menos perdidas hubieramos tenido que lamentar, y mas immediatamente hubiera venido el triunfo.

El bravo teniente Riveros es uno de los que cayeron á causa de no haber llevado sus bayonetas con bastante presteza sobre los atrincheramientos enemigos, cuyos fuegos mandó contestar en vez de llegarle con arma calada en el menor tiempo posible, y es sensible que tan valiente oficial haya expiado con la vida un momento de descuido, como sucede en la guerra.

En la imposibilidad de dar el nombre de todos los héroes de esta memorable jornada se nos permitirá consignar el de los oficiales que tomaron parte y supieron cumplir con su deber al frente del enemigo.

Estos honorables ciudadanos son :

Grado	Nombre	Estado
Teniente	Mateo Morel	Sanos.
—	Santiago Arevalo	
Alferes	Juan Aveiro	
—	Carlos Ricardo	
—	José de Jesus Martinez	
—	José Molinas	
—	Buenaventura Yeruta	
—	Ignacio Ortiz	
Teniente	Pablo Cabrera	Heridos.
—	Mariano Bordon	
—	Ciriaco Vera	
Alferes	Gregorio Villalva	
—	Juan Lopez	
—	José Yegros	
—	Severo Aspillaga	
—	Feliciano Ramires	
—	Martin Zelada	
—	Miguel Jara	
—	Bautista Camacho	
—	Manoel Bernal	
—	Meliton Taboada	
—	Gregorio Duarte	
—	Pedro Duré	
Teniente	Leonardo Rivero	Muertos.
—	Mateo Romero	
Alferes	Matias Bargas	
—	Firmin Rios	
—	Juan Portillo	
—	Benigno Alderete	
—	Pascual Ortiz	
—	Juan Pablo Benitez	

No es posible recoger los hechos especiales y los episodios heroicos que han realizado el merito incuestionable de nuestras apuestos soldados, porque es dificil poner en balanza tanta resolucion y heroismo no saben sino ponderar á todos.

Sin embargo, y bien asentado de que todos los oficiales y soldados se han disputado en valor, nombraremos á algunos de la primera clase como son el teniente Bordon de infanteria y alferez Martinez de cabal-

leria, que llevando la vanguardia, fueron los primeros en difundir la muerte y el espanto entre sus enemigos.

Los tenientes P. Cabrera e Ceriaco Vera se distinguieron por su serenidad y arrojo, lo mismo que el teniente Romero, y los subtenientes Bargas, Asprillaga y Rios, que se distinguieron particularmente por la animacion que supieron inspirar á sus soldados en los momentos supremos.

El subteniente Taboada al mando de 20 sableadores exterminó completamente una guardia de 50 infantes. El de igual clase Pedro Duré, despues de haber peleado con notable decision y brabura, cubierto de heridas y con un muslo roto, salvó una canoa de heridos, bogando, acostado en la popa.

El alferes Yeruta concluyó tambien con otra guardia mas numerosa que sus soldados.

Estos son los que han tenido la ocasion de particularisarse. Quisieramos tambien recojer los episodios glorisos de la tropa, pero son tantos, que no es posible hacerlo ahora.

Los detalles y el conjunto de esta brillante accion arrojan imperecedera gloria sobre el ejército de la Republica.

Los rasgos de heroismo é intrepidez desplegados por nuestros valientes en el combate de Corrales, ceden su puesto á los que el dia 10 de Abril han inmortalizado su nombre en estas playas. En Corrales han peleado contra un Ejército ; en el banco de Itapirú contra ese mismo Ejército, toda la escuadra aliada y las aguas del Paraná ; entonces no hubo ventajas en la posicion de los belligerantes : ahora han ido á asaltar sus baterias y sus trincheras.

El valor de nuestros soldados, su intrepidez, se augmenta y progresa.

Si ha de medirse la importancia de una accion por la bizarria del soldado, por su arrojo que raya en temeridad, por su serenidad é indomita pujanza al frente del enemigo, por el peligro y desventaja de la posicion atacada, la que acaba de cubrir de honor nuestras armas debe colocarse en primeira linea.

Los sacrificios son indispensables para conseguir los grandes resultados ; mucho hemos ganado material y moralmente aun cuando tenemos mas de 300 heridos (1) y estos fueron los que hicieron la retirada agotadas sus fuerzas por medio de la escuadra que los hostilisaba con fusileria y arrojaba balas, metrallas, y bombas de mano con profusion sin conseguir así mismo nada contra aquellos indefensos y enfermos.

Cuanta distancia separa el imperialista cobarde del apuesto soldado de la independencia !

La alienza con medio centenar de buques de guerra no tiene el coraje de pisar nuestras costas, y disputa su desocupacion con un bombardeo inutil por largas semanas ; nosotros en débiles canoas nos hacemos camino por medio de esa escuadra, y no solamente logramos pisar las posiciones que ocupan sus fuerzas sino que conseguimos hacerles implorar de rodillas el perdon de las vidas, asaltar sus trincheras, y apoderarnos de sus cañones.

La accion del 10 es un brillante prelucio de los grandes sucesos que nos

---

(1) Chamamos a attenção do leitor para o accôrdo que ha entre a narração de Thompson e as noticias do *Semanario*. Ha quem dê algum valor ao trabalho desse escriptor, suppondo-o testemunha ocular dos feitos que narra, quando elle não fez mais do que guiar-se pelo que ouvio a Paraguayos e pelo que lêo no *Semanario*, combinando todas essas falsidades com as noticias das folhas de Buenos-Aires, de que levou collecções para a Inglaterra. Thompson só figurou, como militar, em Angostura, onde rendeu-se, sem resistir, ao duque de Caxias. Não assistio a combateu algum.

esperan, y en que quedaran asegurados la independencia de la patria y el bienestar comun.

Conocemos al adversario que tenemos que batir, y las disposiciones de esa poderosa falange de la patria aseguran triunfos imperecederos.

Esperemos con fé, pues nuestra causa, la causa de la justicia y de la verdad no puede perecer; con esperanza porque está confiada la direccion de la guerra á un general patriota, valiente e ilustrado.

Crudo escarmiento ha recebido nuestro adversario en esto dia, mientras que sus primeros rayos hicieron brillar sobre la frente de nuestros invictos el sello del heroismo y de la gloria.

Asi el Paraguay a quien ha jurado perder se eleva en alas del valor de sus hijos y sus adversarios reciben el condigno castigo de su temerario empeño.

¡Honor eterno á ese puñado de bravos!

¡Viva el Ejército Nacional!

¡Loor á su ilustrado Gefe!

94

Perdas dos belligerantes desde o começo do guerra, até 30 de Abril de 1866

Transcreveremos aqui os mappas parciaes sobre o prejuizo que tiveram os belligerantes até 30 de Abril de 1866.

Perdas que soffreram os Brazileiros na campanha do Estado Oriental (1° de Dezembro de 1864 a 20 de Fevereiro de 1865).

ACÇÕES		MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
		Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	
PAYSANDU'. — *Bombardeamento e ataque em 6, 7 e 8 de Dezembro de 1864* (tropas do exercito e armada) almirante Tamandaré e general Flôres)................		»	12	1	40	»	1	54
PAYSANDU'. — *Ataque e tomada, 31 de Dezembro de 1864 a 2 de Janeiro de 1865* (generaes J.-P. Menna Barreto e Flôres e almirante Tamandaré).........	Exercito	5	79	13	350	»	»	447 } 489
	Armada	1	10	1	30	»	»	42
		6	*89*	*14*	*380*	»	»	»
JAGUARÃO. — *Defesa em 27 de Janeiro de 1865* (coronel M.-P. Vargas) (exercito).		1	1	1	3	»	»	6
Somma..............		7	102	16	423	»	1	549

Perdas que soffreram os Brazileiros na guerra do Paraguay
(*até 30 de Abril de 1866*)

	ACÇÕES		MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS E PRISIONEIROS		TOTAL	
			Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros		
Invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos	1864									
	NOVA COIMBRA.— *Defesa em 27 e 28 de Dezembro de 1864* (tenente-coronel Portocarrero) (exercito e marinha)...		»	»	»	»	»	1	1	
	DOURADOS (*Acção de*).—29 de Dezembro de 1864 (tenente Antonio João Ribeiro).		1	2	»	3	»	10	16	
	RIO FEIO (*Acção de*).— 31 de Dezembro de 1864 (tenente-coronel Dias da Silva).		»	8	»	20	»	»	28	
	1865									
	S. LOURENÇO. — 6 de Janeiro de 1865, tomada do vapor *Anhambahy* pelos Paraguayos.....................		2	20	»	»	»	7	29	
	Retirada de Corumbá e Miranda (coronel C. A. de Oliveira e tenente-coronel Dias da Silva)....................		»	»	»	»	8?	80?	88?	
Operações da esquadra no Paraná	CORRIENTES (*Combate de*). — 25 de Maio de 1865 (chefe de divisão Barroso e general Paunero...................		»	1	1	14	»	»	16	
	RIACHUELO (*Batalha naval de*). — 11 de Junho de 1865 (chefe de divisão Barroso).	Marinha	5	51	9	48	»	15	129	247
		Exercito	2	46	6	60	1	4	118	
	Resumo em Riachuelo (11 de Junho).		*7*	*97*	*15*	*108*	*1*	*19*	*247*	
	RIACHUELO. — *Tiroteio* em 13 de Junho...............	Marinha	»	»	»	3	»	»	3	10
		Exercito	»	5	»	2	»	»	7	
	Resumo em Riachuelo (13 de Junho).		»	*5*	»	*5*	»	»	*10*	
	MERCEDES. — *Passagem* em 18 de Junho (chefe de divisão Barroso..............	Marinha	1	1	»	8	»	»	10	14
		Exercito	»	»	»	4	»	»	4	
	Resumo em Mercedes (18 de Junho).		*1*	*1*	»	*12*	»	»	*14*	
	CUEVAS. — *Passagem* em 12 de Agosto (chefe de divisão Barroso..................	Marinha	1	10	2	25	»	»	37	52
		Exercito	»	6	»	8	»	»	15	
	Resumo em Cuevas (12 de Agosto).		*1*	*16*	*2*	*33*	»	»	*52*	
			12	150	18	195	9	117		501

ACÇÕES	MORTOS		FERIDOS		ESTRAVIADOS E PRISIONEIROS		TOTAL
	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	Officiaes	Soldados e Marinheiros	
Transporte.......	12	150	18	195	9	117	501
Campanha do Uruguay							
S. Borja (*Combate de*) 10 de Junho (coronel J. M. Menna Barreto).......	?	21	?	64	»	»	85
Tiroteio nas Tres Figueiras (25 de Junho) (tenente-coronel Coelho de Souza)....	»	»	»	»	»	7	7
Botuhy (*Combate de*). — 26 de Junho (coronel Fernandes Lima)............	3	37	2	76	»	»	118
Tiroteio no passo de Santa Maria, no Ibicuhy (20 de Julho).................	»	5	»	12?	»	»	17?
Yatay (*Batalha do*). — 17 de Agosto (generaes Flôres e Paunero e coronel Kelly)..............................	»	19	2	32	»	»	53
Guerrilhas e tiroteios no sitio de Uruguayana (5, 6 e 19 de Agosto e 2 de Setembro...........................	»	11?	»	27?	»	»	38
Uruguayana (*Rendição de*). — 18 de Setembro (general conde de Porto Alegre, almirante Tamandaré e generaes Mitre e Flôres)...............	»	»	»	»	»	»	»
Saque da Estancia Yaapé, em Corrientes (15 de Dezembro), pelos Paraguayos (Vej. nota 1ª pag. 254)...................	»	2	»	»	»	»	2
Operações no Passo da Patria e invasão do Paraguay							
1866							
Itapiru' (*Bombardeamento de*).—Reconhecimentos, sondagens do Alto Paraná e destruição de chatas (combates e tiroteios começados em 23 de Março) (Almirante Tamandaré) (marinha)....	5	15	6	23	»	»	49
Ilha de Itapiru' ou da Redempção (*Combate da*). — 10 de Abril (tenente-coronel Willagran Cabrita) (exercito).	3	48	8	96	»	3	158
Ilha de Itapiru'. — *Bombardeamento* nos outros dias.....................	»	6	»	7	»	»	13
Confluencia (*Combates da*). — 16 e 17 de Abril (general Ozorio) (exercito)..	2	63	16	272	»	4	357
Passo da Patria (*Reconhecimento do canal do*). — 17 de Abril (1ºˢ tenentes J. Gonçalves e Marques Guimarães) (marinha)...........................	»	1	»	8	»	»	9
Tiroteios de 18, 19 e 20 de Abril (exercito).	»	14	»	42	»	»	56
Tiroteios de 22 e 25 de Abril (idem)....	»	»	»	2	»	»	2
Reconhecimento de 26 de Abril (idem)..	»	»	1	1	»	»	2
Reconhecimentos de 21 e 30 de Abril (id.).	»	»	»	»	»	»	»
	25	392	53	858	9	131	1.468
	417		911		140		

Perdas que soffreram os Argentinos na guerra do Paraguay (até 30 de Abril de 1866).

ACÇÕES	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS E PRISIONEIROS		TOTAL
	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	
1865							
CORRIENTES (13 de Abril) (tomada dos vapores *Veinte y Cinco de Mayo e Gueleguay* pelos Paraguayos	»	15?	1	1	6	43	66?
CORRIENTES (25 de Maio)	?	70?	?	90?	»	»	160?
CUEVAS (12 Agosto)	2	2	1	4	»	»	9
Tiroteios e guerrilhas em Corrientes durante o anno ne 1865	?	30?	?	60?	?	?	90?
YATAY (17 de Agosto)	3	10	12	74	»	»	99
URUGUAYANA	»	»	»	»	»	»	»
Tiroteios no Passo da Patria em Dezembro de 1865 e Janeiro de 1866	1?	20?	»	30?	»	»	51?
CORRALES (Combates de).— 31 de Janeiro	7	93?	29	321?	?	?	450
Passagem do Paraná	»	»	»	»	»	»	»
	11?	240	43?	580	6?	43?	923?

Perdas que soffreram os Orientaes na guerra do Paraguay (até 30 de Abril de 1866).

ACÇÕES	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	
YATAY (17 de Agosto)	3	48	23	114	»	»	188
URUGUAYANA	»	»	»	»	»	»	»
Passagem do Paraná	»	»	»	»	»	»	»
Tiroteios em 20 e 26 de Abril	»	»	»	2	»	»	2
	3	48	23	116	»	»	190

Quanto ás perdas que tiveram os Argentinos não offerecemos dados exactos, mas calculos que suppomos não muito longe da verdade. O numero dos officiaes mortos e feridos foi muito maior do que o indicado

acima. No combate de Corrientes, em 25 de Maio, por exemplo, tiveram os Argentinos varios chefes e officiaes feridos. A parte official do general Paunero, porém, publicada no *Appendice* da obra de Thompson, nada diz a esse respeito.

Até 16 de Julho de 1868 o exercito argentino tinha tido 2,967 baixas (Vej. traducção da obra de Thompson, feita em Buenos-Aires, pag. XXI do App.) Dahi por diante a sua perda foi insignificante, porque só tomaram parte no combate de Acayuasa, em 18 de Julho de 1868, nos combates da Peninsula e lagoa do Chaco, em frente a Humaitá (25 de Julho a 5 de Agosto de 1868), na tomada de Lomas Valentinas (27 de Dezembro de 1868), e no anno de 1869 em um tiroteio em Altos e na tomada de Peribebuy.

Até 30 de Abril de 1866, portanto, a guerra do Paraguay custou aos Alliados a seguinte perda :

	MORTOS		FERIDOS		EXTRAVIADOS		TOTAL
	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	Officiaes	Soldados	
Brazileiros....................	25	392	53	858	9	131	1.468
Argentinos....................	11?	260?	43?	580?	6?	43?	923?
Orientaes....................	3	48	23	116	»	»	190
	39?	680?	119?	1.554?	15?	174?	2.581?

Incluindo as perdas soffridas na campanha do Estado Oriental, foi este o prejuizo dos Brazileiros até 30 de Abril de 1866 :

Mortos : 32 officiaes e 494 soldados e marinheiros. Feridos : 69 officiaes e 1,281 soldados e marinheiros. Extraviados : 9 officiaes e 132 soldados e marinheiros. Total, *fóra de combate :* 110 officiaes e 1,907 soldados e marinheiros, ou 2,017 homens.

A perda dos Paraguayos em Matto-Grosso, Corrientes e Rio Grande do Sul, nos combates com a esquadra imperial no Paraná, e nas visinhanças do Passo da Patria, até 30 de Abril de 1866, andou por 3,700 a 4,000 mortos e 7,200 prisioneiros.

Os Paraguayos tomaram no principio da guerra, aos Brazileiros o vapor de guerra *Anhambahy*, de 2 peças, e aos Argentinos os vapores *25 de Mayo* e *Gualeguay*, o primeiro de 6 peças e o segundo de 2 ; arruinaram em Riachuelo a corveta brazileira *Jequitinhonha*, de 8 peças, e metteram a pique em Abril de 1866 uma lancha a vapor e uma chata, ambas desarmadas, pertencentes á esquadra brazileira.

Os Brazileiros tomaram aos Paraguayos em Riachuelo 4 vapores, que destruiram, montando 16 peças, metteram a pique na mesma batalha uma chata com 1 peça, e tomaram cinco outras com 5 peças. Em Março e Abril de 1866 destruiram em Itapirú 3 chatas com 3 peças, e tomaram 1 chata desarmada e o vapor *Gualeguay*, de 2 peças, abandonado por ordem de Lopez.

Em terra tomaram ou acharam os Paraguayos os seguintes trophéos :

Artilharia : — Em Matto-Grosso 11 peças montadas, em Coimbra, e 55 peças velhas ou desmontadas, que encontraram em varios pontos ;
Em Corrientes, 3 peças que ahi encontraram em 14 de Abril de 1865 ;
No Rio Grande do Sul, 2 peças que encontraram em Uruguayana.

Total, 71 peças.

Bandeiras : — brazileiras, a do vapor *Anhambahy ;* argentinas, as dos vapores *25 de Mayo* e *Gualeguay.*

Os Alliados tomaram ao inimigo os seguintes trophéos :

No combate de Corrientes (25 de Maio de 1865), 3 peças e 1 bandeira. — Tomadas pelos Argentinos.
Na batalha de Riachuelo (11 de Junho), 22 peças, 3 bandeiras. — Tomadas pelos Brazileiros.
No combate de Botuhy (26 de Junho), 2 bandeiras. — Tomadas pelos Brazileiros.
Na batalha do Yatay (17 de Agosto), 4 bandeiras. — Tomadas pelos Orientaes e Argentinos.
Na rendição de Uruguayana (18 de Setembro), 6 peças (além de 2 que foram retomadas) e 7 bandeiras. — Tomadas pelos Brazileiros, Argentinos e Orientaes.
No segundo combate da Confluencia (17 de Abril de 1866), 2 peças e 1 bandeira. — Tomadas pelos Brazileiros.
Na occupação de Itapirú (18 de Setembro), 2 peças. — Encontradas pelos Brazileiros.

Resumindo, perdeu Lopez até o dia 30 de Abril de 1866 :

5 Vapores. . 10 Chatas. . . 27 Peças . . . 3 Bandeiras .	Tomados ou destruidos pela esquedra brazileira.
8 Peças (sendo 2 retomadas). . 7 Bandeiras .	Tomadas pelas tropas reunidas das tres potencias alliadas, em Uruguayana.
4 Peças. . . . 3 Bandeiras. .	Tomadas pelas tropas brazileiras em Botuhy, Confluencia e Itapirú.
3 Peças (retomadas). 3 Bandeiras. .	Tomadas pelas tropas argentinas em Corrientes e Yatay.
2 Bandeiras. .	Tomadas pelas tropas orientas em Yatay.
Total.	5 Vapores, 10 chatas, 42 peças, e 18 bandeiras.

INDICE

ERRATA E ACCRESCIMOS

Pag. 22. — Ultimo paragrapho. — O autor trata da revolução dirigida pelo general Cezar Diaz (1858) e do morticinio de Quinteros, mas, por inadvertencia, deixa de mencionar os mezes e o anno em que se deram esses factos.

Pela rapidez com que fizemos o presente trabalho não completámos no lugar competente a narração do Sr. Schneider. Deve, pois, o leitor fazer desde já os seguintes accrescimos :

— Na linha 7ª, ultimo § da pag. 22, onde se lê — *não tendo forças sufficientes para aggredir a capital, Cezar Diaz desembarcou em um ponto affastado...* — Accrescente-se — *(6 de janeiro de 1858).* — Cumpre, porém, notar que Cezar Diaz, atravessou o Rio da Prata em uma escuna de guerra do governo de Buenos-Aires *(Maypo)*, e saltou no costa do Cerro, perto de Montevidéo.

A expedição foi preparada com o auxilio das autoridades de Buenos-Aires e uma das accusações feitas por Cezar Diaz ao governo blanco foi a de ter sacrificado os interesses da republica, entregando-a ao Brazil, por meio do tratado de commercio de 4 de setembro de 1857.

— Na linha 19ª, onde se lê — *Esta carnificina* — accrescente-se *(2 de fevereiro de janeiro, em Cagancha.*

— Na linha 19ª, onde se lê — *Esta carnificina* — accrescente-se *(2 de fevereiro de 1858).*

Sobre o morticinio de Quinteros é difficil conhecer toda a verdade. Os colorados dizem que Cesar Diaz entregou-se por capitulação, compromettendo-se o governo a respeitar a vida dos vencidos. Os blancos asseguram que elle rendeu-se á discrição, e allegam, para desculpar o fuzilamento dos 27 officiaes prisioneiros, terem elles tentado fazer assassinar na capital os membros do governo. O que é certo é que em 20 de janeiro Cesar Diaz escrevia a T. Gomensoro estas palavras, que servirão para dar idéa do caracter feroz que tomou a luta :

« *E' preciso extirpar essa raça maldita*, que mais de uma vez tem entregado o paiz ao estrangeiro, e que se tem tido e tem patria a nós o deve. E' preciso usar de rigor com os *indifferentes*, porque estes têm aberto sempre em nossas fileiras tantas brechas como aquelles. *Corra, pois, sangue*, que é elle necessario para sellar a revolução e até a moral : não se demore o castigo dos criminosos. *Fuzile V. todos quantos não quizerem dobrar-se ás nossas idéas.* »

O presidente da Republica, Dr. Gabriel Pereira, procurou evitar o derramamento de sangue, offerecendo aos revoltosos uma amnistia completa, com a condição de depôrem as armas, e declarando ao mesmo tempo, por um decreto, que seriam considerados fóra da lei, e ficariam sujeitos á pena ultima se persistissem com as armas nas mãos.

Aprisionados em Quinteros, no dia 28 de janeiro, depois de repellidos da capital no dia 9 e de batidos em Cagancha no dia 15, foi cumprido o terrivel decreto do governo, sendo passados pelas armas no dia 2 de fevereiro o general Cesar Diaz e 27 chefes e officiaes.

Infelizmente, por fatalidade, ou de proposito, a ordem do presidente para suspender a execução, ordem alcançada pelo representante do Brazil, chegou tarde para salvar os chefes, e só aproveitou a 300 e tantos revoltosos que iam ter igual sorte.

. 55. — Nota 2ª.
total, á direita (mappa, pag. 71), deve se, pois, ler — 447 — em vez d...
fficiaes do exercito mortos na tomada de Paysandú foram 5 : — capitães A. Fer- Borges e M. Bento de Andrade, alferes C. P. Vieira Maciel, F. de Oliveira Dias e ...io Teixeira de Azevedo. Foram feridos o tenente-coronel Carlos Resin, o capitão Joaquim Corrêa de Faria (no momento em que tomava uma bandeira, e plantava em seu logar a do 6º batalhão), os tenentes José Antonio de Lima Junior, M. J. de Magalhães Leal, José Manoel Pereira, J. de Arruda Moreira, A. de Campos Mello, M. Verissimo da Silva, Serafim F. de Paiva, J. Lopes de Barros, e os alferes A. Braz Soares da Camara, A. Rodrigues Portugal e Alexandre J. da Silva Araujo.

Pag. 82. — 44ª linha. — Diz o autor : — « Filho de um francez que de Portugal fôra para a provincia brazileira do Rio Grande do Sul... »

Em nota observamos que essa versão é de Rengger no Ensaio Historico sobre a revolução do Paraguay. Accrescentaremos agora que outros asseguram ser o Dr. Francia filho de um brazileiro.

O nosso compatriota general H. de Beaurepaire-Rohan, na sua *Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa-Catharina, em 1846* (Rev. do Inst. IX, 301), diz o seguinte : «... Alguns individuos encontrei (no interior do Paraguay) que provinham de avós brazileiros, origem de que pareciam honrar-se. Tratavam-me de *patricio*, e convidavam-me a ler velhos documentos que comprovavam a justiça de tão innocente pretenção. *Na freguezia de Accay tive occasião de ver um destes papeis assignado por Gaspar Rodrigues da França, natural de S. Paulo, e pae desse Francia, que veio ao depois a ser o algoz de seus concidadãos.* »

Pag. 183. — Na batalha de Riachuelo, como consta das relações nominaes enviadas pelo vice-almirante Barroso, e outras informações que pudemos obter, foi esta a nossa perda :

Mortos :

Da marinha : — 5 officiaes e 41 officiaes de prôa, officiaes marinheiros, imperiaes marinheiros, grumetes e soldados navaes.

Do exercito : — 2 officiaes, 36 cadetes, inferiores e soldados.

Ao todo, 84 mortos.

Feridos : — 51 gravemente, 92 levemente (ao todo 143). Morreram logo depois 10 praças do exercito e 10 da marinha (Vide *Historia Medico-Cirurgica da Esquadra Brazileira nas campanhas do Uruguay e Paraguay*, pelo Dr. C. F. dos Santos Xavier de Azevedo, cirurgião-mór da armada nacional. Rio de Janeiro, Typographia Nacional,

...*aviados :* 1 official do exercito e 19 praças da marinha e do exercito.
...fficiaes mortos são os indicados na nota á pag. 183. Os officiaes feridos foram 15 ...3, como dissemos nas notas a pags. 178 e 192), sendo 9 officiaes da armada e 6 do ... Aos 7 nomes de officiaes da armada feridos, que mencionamos a pag. 183, é addicionar os dos 1ºs tenentes Luiz da Costa Fernandes e Ignacio da Silva Mello ...sario), ambos da *Amazonas*, os quaes foram feridos levemente (*Historia Medico-...a*, etc. pag. 275).
...ajor Bandeira Gouvêa não foi ferido, como dissemos á pag. 183, e como const... *...lação* impressa contendo os nomes de todos os officiaes que assistiram á bat... ... *Appendice*, pag. 456, a parte official do commandante da *Iguatemy*). ... o nome do 6º official ferido do exercito.
...a, foi esta a perda que tivemos em Riachuelo, no dia 11 de Junho :
...os :
...nha — 5 officiaes e 51 officiaes inferiores, marinheiros e soldados;
Exercito : — 2 officiaes e 46 cadetes, inferiores e soldados.
...al dos mortos : — 7 officiaes e 97 marinheiros e soldados (104 homens.)
...os : — 9 officiaes da armada e classes annexas e 6 do exercito (15 officiae... ...as do exercito e armada (123 homens).
...viados : — 1 official do exercito e 19 praças do exercito e armada (20 home... ...ta pag. 183).
...fóra de combate : — 247.

... *184.* — Sobre o procedimento do commandante paraguayo Ezequiel Ro... ... pag. 184) depois de conduzido da *Araguary* para a *Amazonas*, encontrám... seguinte na *Historia Medico-Cirurgica da Esquadra Brazileira durante as campa... do Uruguay e do Paraguay*, pag. 268 :

« ... O doente, desesperado pela derrota que soffrêra, começou no dia segu... (13 de Junho) a arrancar os apparelhos, que foram mudados seis vezes, e a bater o côt...

de modo algum gangrenar, por ser de um vermelho vivo, ficou completamente negra. A' noite sobreveio o delirio, e uma forte pleuro-pneumonia, que, apezar dos meus cuidados, e dos do Dr. Antunes, fizeram o doente succumbir no dia 14 ás 8 horas da noite... »

Pag. 186. — Nota 4.ª — No dia 13 de Junho, em Riachuelo, tivemos 5 praças de exercito mortas (pois uma das praças feridas morreo logo), e 3 praças da armada e 2 do exército feridas.

Pag. 189. — Cumpre rectificar o que dissemos na nota 3ª pag. 189 e nota 4ª pag. 191 sobre as perdas que soffreu a esquadra imperial na passagem de Cuevas (12 de Agosto de 1865).

Não tivemos 1 guarda-marinha morto, como dissemos, e como se lê em Pereira da Costa. II, 153, mas 1 aspirante de marinha morto (J. Candido do Nascimento).

Foi esta a perda que tíveram os navios brazileiros :

Mortos :

Da marinha : — 10 praças, incluso 1 aspirante.

Do exercito : — 1 official (o alferes do 14º de voluntarios, da Bahia, Marcellino Barbosa Leal) e 6 praças (7 homens.)

Total, 17 mortos.

Feridos :

Da marinha : — 2 officiaes (o 1º tenente F. Goulart Rollin, e o official de fazenda Manoel de Sá) (*Hist. Medico-Cirurgica* etc.) e 25 praças (27 homens).

Do exercito : — 8 praças.

Total, 35 feridos.

Ou 52 homens fóra de combate.

Pag. 192. — E' preciso modificar (Mappa pag. 192) os algarismos relativos ás nossas perdas em Riachuelo, no dia 11 de Junho de 1865, e em Cuevas, a 12 de Agosto, de accordo com as correcções acima feitas.

A *somma* será esta (combates de Corrientes, Riachuelo, Mercedes e Cuevas) :

Mortos : — 9 officiaes e 120 marinheiros e soldados; *feridos* 18 officiaes e 172 marinheiros e soldados; extraviados, 1 official e 19 marinheiros e soldados, total fóra de combate 339 homens.

Nota. — O primeiro periodo deve ficar emendado deste modo :

« Assim nesses cinco combates, nas aguas do Paraná, tivemos 129 mortos, 190 feridos e 20 extraviados. Estes ultimos etc... As tropas de marinha tiveram 6 officiaes e 62 marinheiros e soldados mortos; feridos 11 officiaes e 84 praças; extraviadas 15 praças, ou 178 homens fóra de combate. As tropas do exercito tiveram : mortos, 3 officiaes e 58 praças, feridos 7 officiaes e 88 praças, e extraviados 1 official e 4 praças, ou 161 homens fóra de combate. »

Pag. 222. — Nota... — Quando escrevemos essa nota, tratando das duvidas levantadas sobre o commando em chefe dos alliados, em frente a Uruguayana, não conheciamos o aviso confidencial de 30 de junho de 1865, dirigido pelo ministro da guerra, Ferraz, ao presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Esse aviso está publicado nos *Apontamentos para o direito internacional* pelo conselheiro A. Pereira Pinto, tomo IV, pag. 484. O ministro Ferraz, contrariando o disposto no art. 3º do Tratado do 1º de Maio sôbre a reciprocidade no commando dos exercitos alliados conforme o territorio das operações, declarou que — *si em consequencia da invasão da provincia de S. Pedro do Sul os exercitos alliados entrassem no seu territorio, o commando tambem pertenceria ao general Mitre.*

O general Conde de Porto-Alegre não cumprio esse aviso, declarando que preferia responder a um conselho de guerra a dar-lhe execução, e a chegada do Imperador fez desapparecer as duvidas suscitadas. Comtudo, pertencendo, á vista da disposição clara do art. 3º, o commando em chefe dos exercitos alliados em nosso territorio ao general brazileiro, não assumio o conde de Porto-Alegre esse commando em chefe.

A posição em que ficaram os generaes alliados foi esta : — na Concordia (territorio argentino) ficou o general brazileiro Ozorio, commandando em chefe, na ausencia do general Mitre, o exercito brazileiro e o argentino, tendo ás suas ordens o commandante deste, general Gely y Obes, delicadeza que o illustre Presidente da Republica Argentina teve, provavelmente, para que em territorio brazileiro não lhe fosse contestada a preeminencia de general em chefe; — deante de Uruguayana não houve commando em chefe dos exercitos alliados, pois o general Porto-Alegre ficou commandando em chefe o exercito brazileiro, sem subordinar-se ao general Mitre, e este conservou-se á frente das tropas argentinas e orientaes e do contingente brazileiro que as acompanhava.

Foi, entretanto, do quartel-general do conde de Porto-Alegre que partiram todos os avisos para movimentos de forças, a intimação ao inimigo, feita em nome dos chefes

alliados, mas assignada sómente pelo general brazileiro, e, desde que appareceu a resposta de Estigarribia, unicamente o ministro da guerra do Brazil e o general em chefe brazileiro, figuraram tambem na negociação mediante intelligencia prévia com os generaes Mitre e Flôres.

Pag. 235. — Nota. — Accrescente-se no logar competente :

1809 (12 de Janeiro.) — Capitulação dos Francezes em Cayena. Foi ajustada entre o general Victor Hugues e o commandante das tropas brazileiras, tenente-coronel, depois general, Manoel Marques. Em virtude dessa capitulação embarcaram para a França 593 homens de tropa regular.

Pag. 314. — Ultima e penultima linhas. — Onde se lê — *cerca de 1000 argentinos, e depois do combate soube-se que não chegavam a 300.* — Leia-se, em vez de — *cerca de 1000 — cerca de 1500,* — e em vez de — *300* — leia-se — *700.*

Segundo o mappa apresentado pelo commando em chefe do exército argentino ao duque de Caxias, quando marcharem os alliados para Tuyu-Cuê, ficaram em Tuyuty com o conde de Porto-Alegre 1.499 argentinos (Vej. *Annexos ao Diario do exercito de 1867,* Instrucções do marechal Caxias ao tenente-general Porto-Alegre, de 27 de junho). Depois que se deu o ataque de 3 de novembro verificou-se que os argentinos não tinham deixado ahi senão pouco mais da metade dessa força (Vej. Appendice da obra de Thompson, edição de Buenos-Aires, pags. XC e XCI).

Em Tuyuty haviam ficado apenas uns 900 argentinos, entrando nesse numero a legião paraguaya, e, transferido posteriormente para Tuyu-Cuê um regimento correntino de 250 praças (Santos Corrêa), o coronel Baez só ficou com 600 e tantos homens quando se acreditava que teria mais de 1.200.

Na mesma occasião o exercito argentino que seguira para Tuyu-Cuê, segundo seus mappas, compunha-se de 6.016 homens. Com os 600 ou 700 que ficaram em Tuyuty, temos cerca de 7.000 homens, força na verdade bem pequena para dar cabo do poder militar de Lopez.

Par — Tip. Garnier Irmãos, 6, rua des Saints-Pères. — 418.5.1902 (Cl.)